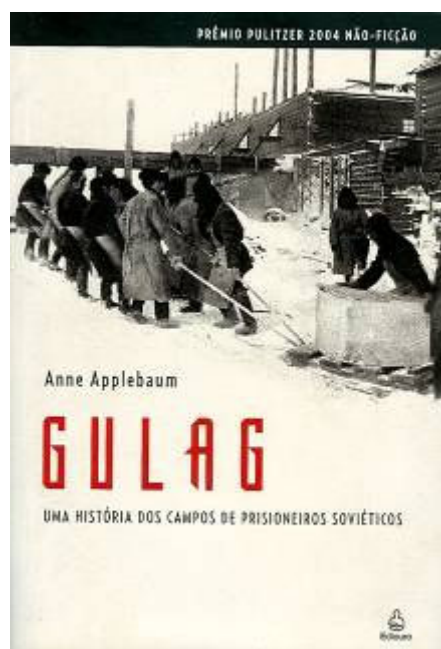
# GULAG

## Uma História dos Campos de Prisioneiros Soviéticos

## Anne Applebaum

Suas localizações eram um segredo, mas o medo que despertavam era bem conhecido por russos, lituanos, poloneses, armênios e outros tantos que viveram sob a influência da antiga União Soviética. Os campos de concentração do Gulag - literalmente acrônimo para Glavnoe Upravlenie Lagerei, ou "Administração Central dos Campos", palavra que por fim passou a descrever todo o sistema soviético de punição e trabalhos forçados voltado a prisioneiros criminais e políticos, crianças e mulheres - espalhavam-se por todo o país, da gélida Sibéria às inóspitas regiões da Ásia Central, passando pelas florestas dos Urais e os subúrbios de Moscou. Eles surgiram antes mesmo de seus infames contrapartes nazistas como Auschwitz, Sobibor e Treblinka, e continuaram a crescer muito tempo depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Mas só agora, após o colapso do comunismo, a história desse sistema de repressão e punição que aterrorizou milhões vem à luz com toda a sua força.

Embora a existência desses campos já fosse conhecida no Ocidente graças a clássicos como Um dia na vida de Ivan Denisovitch e Arquipélago Gulag, do dissidente Alexander Soljenitsin, é com esse premiado trabalho de Anne Applebaum que temos o primeiro retrato completo e acurado de um dos maiores crimes cometidos contra a humanidade. Longe de se limitar à frieza dos documentos oficiais, finalmente acessíveis, Applebaum enriquece a história com entrevistas e relatos de sobreviventes, que se sobressaem não só pela força da prosa, mas também pela capacidade de sondar abaixo da superfície do horror cotidiano.

Anne Applebaum

Este livro é dedicado àqueles que descreveram o que aconteceu.

Nos anos pavorosos do terror de Yezhov, passei dezessete meses esperando na fila do lado de fora da prisão de Leningrado. Um dia, alguém na multidão me identificou. Em pé atrás de mim, estava uma mulher, de lábios azulados de frio, que, é claro, nunca antes me ouvira ser chamada pelo nome. Agora, ela de repente saía de nosso torpor habitual e me perguntava num sussurro (ali, todo o mundo sussurrava): "A senhora consegue descrever isto?"

Respondi que conseguia.

Nisto, algo semelhante a um sorriso passou rapidamente pelo que um dia fora seu rosto...

Atina Akhmatova, "À guisa de prefácio: réquiem, 1935-40"

**Agradecimentos**

Nenhum livro chega a ser de fato obra de um só indivíduo, mas este realmente não poderia ter sido escrito sem a contribuição prática, intelectual e filosófica de muitas pessoas; algumas delas estão entre meus melhores amigos, e algumas jamais conheci. Embora seja incomum que autores agradeçam a escritores há muito falecidos; eu gostaria de manifestar gratidão especial a um grupo pequeno, mas excepcional, de sobreviventes dos campos cujas memórias li e reli repetidamente enquanto escrevia este livro. Ainda que muitos sobreviventes tenham escrito de maneira profunda e eloqüente sobre suas experiências, simplesmente não é por acaso que neste livro predominam citações de Variam Shalamov, Isaak Filshtinskii, Gustav Herling, Evgeniya Ginzburg, Lev Razgon, Janusz Bardach, Olga Adamova-Sliozberg, Anatolii Zhigulin, Alexander Dolgun e, claro, Alexander Soljenitsin. Algumas dessas pessoas se incluem entre os sobreviventes mais famosos do Gulag. Outras não. Todas, porém, têm uma coisa em comum. Das muitas centenas de memórias que li, essas sobressaem não só pela força da prosa, mas também pela capacidade de sondar abaixo da superfície do horror cotidiano e descobrir verdades mais profundas sobre a condição humana.

Também sou mais do que grata pela ajuda de vários moscovitas que me guiaram através de arquivos, apresentaram-me a sobreviventes e, ao mesmo tempo, forneceram suas próprias interpretações desse passado. Dentre eles, os primeiros são o arquivista e historiador Aleksandr Kokurin (o qual espero um dia seja lembrado como um pioneiro da nova historiografia russa) e Galya Vinogradova e Alla Boryna (que se dedicaram a este projeto com um fervor excepcional). Em momentos diferentes, fui auxiliada por conversas com Anna Grishina, Boris Belikin, Nikita Petrov, Susanna Pechora, Aleksandr Gurjanow, Arseny Roginsky e Natasha Malykhina, do Memorial de Moscou; Simeon Vilensky, da Vozvrashchenie; e Oleg Khlevnyuk, Zoya Eroshok, a professora Natalya Lebedeva, Lyuba Vinogradova e Stanislaw Gregorowicz, que trabalhou na embaixada polonesa em Moscou. Também sou extremamente grata a muitas pessoas que me concederam longas entrevistas formais e cujos nomes são listados em separado na Bibliografia.

Fora de Moscou, meu débito é grande para com muitas pessoas que se dispuseram a largar tudo o que estavam fazendo e de repente dedicar grandes períodos a uma estrangeira que surgira (às vezes sem nenhum aviso) para fazer perguntas ingênuas sobre temas que vinham pesquisando fazia anos. Entre elas, estavam Nikolai Morozov e Mikhail Rogachev, em Syktyvkar; Zhenya Khaidarova e Lyuba Petrovna, em Vorkuta; Irina Shabulina e Tatyana Fokina, em Solovki; Galina Dudina, em Arcangel; Vasily Makurov, Anatolii Tsigankov e Yuri Dmitriev, em Petrozavodsk; Viktor Shmirov, em Perm; Leonid Trus, em Novossibirsk; Svetlana Doinisena, diretora do museu histórico de Iskitim; Venjamin Ioffe e Irina Reznikova, do Memorial de São Petersburgo. Sou especialmente grata aos bibliotecários da Arkhangelsk Kravedcheskaya Biblioteka, vários dos quais, simplesmente porque julgaram importante fazê-lo,

dedicaram um dia inteiro a mim e a meus esforços para entender a história de sua região.

Em Varsóvia, fui muitíssimo ajudada pela livraria e pelo arquivo da Fundacja Karta, assim como pelas conversas com Anna Dzienkiewicz e Dorota Pazio. Em Washington, David Nordlander e Harry Leich me ajudaram na Biblioteca do Congresso. Sou particularmente grata a Elena Danielson, Thomas Henrikson, Lora Soroka e, em especial, Robert Conquest, da Hoover Institution. A historiadora italiana Marta Craveri contribuiu muito para meu entendimento das rebeliões nos campos. Conversas com Vladimir Bukovsky e Aleksander Yakovlev também me ajudaram a compreender a era pós-stalinista.

Pelo apoio financeiro e moral, tenho um débito especial para com a Lynde and Harry Bradley Foundation; a Hoover Institution; a Märit and Hans Rausing Foundation; e John Blundell, no Institute of Economic Affairs.

Gostaria de agradecer também aos amigos e colegas que ofereceram recomendações de conteúdo prático ou histórico. Entre eles, estão Anthony Beevor, Collin Thubron, Stefan e Danuta Waydenfeld, Yuri Morakov, Paul Hofheinz, Amity Shlaes, David Nordlander, Simon Heffer, Chris Joyce, Alessandro Missir, Terry Martin, Alexander Gribanov, Piotr Paszkowski e Orlando Figes, assim como Radek Sikorski, cujo posto ministerial se revelou realmente muito útil. Devo agradecimentos especiais a Georges Borchardt, Kristine Puopolo, Gerry Howard e Stuart Proffitt, que supervisionaram este livro até ele ser concluído.

Finalmente, eu gostaria de agradecer a Christian e Natasha Caryl, Edward Lucas, Yuri Senokossov e Lena Nemirovskaya, meus maravilhosos anfitriões em Moscou, a amizade, as sábias sugestões, a hospitalidade e a comida.

## Introdução

E o destino fez todos iguais
Fora dos limites da lei,
Filho de kulak ou comandante vermelho,
Filho de sacerdote ou comissário...
Aqui as classes eram todas igualadas,
Todos os homens eram irmãos, todos companheiros de campo,
Todos tachados de traidor...
Alexander Tvardovsky, "Por direito de memória"[1]

Esta é uma história do Gulag - uma história da vasta rede de campos de trabalhos forçados que outrora se espalhavam por todo o comprimento e toda a largura da URSS, das ilhas do mar Branco às costas do mar Negro, do Círculo Ártico às planícies da Ásia central, de Murmansk a Vorkuta e ao Cazaquistão, do centro de Moscou à periferia de Leningrado. A palavra Gulag é um acrônimo de Glavnoe Upravlenie Lagerei,[2] ou Administração Central dos Campos. Com o tempo, passou também a indicar não só a administração dos campos de

---

[1] Citado em Cohen, p. 39.
[2] Exceção feita a algumas grafias mais consagradas em português (Gorbatchev e Tolstoi, por exemplo), a transliteração do russo segue o original norte-americano. (N. E.)

concentração, mas também o próprio sistema soviético de trabalho escravo, em todas as suas formas e variedades: campos de trabalhos forçados, campos punitivos, campos criminais e políticos, campos femininos, campos infantis, campos de trânsito. De modo ainda mais amplo, Gulag veio a significar todo o sistema repressivo soviético, o conjunto de procedimentos que os presos outrora denominaram "o moedor de carne": as prisões, os interrogatórios, o traslado em vagões de gado sem aquecimento, o trabalho forçado, a destruição de famílias, os anos de degredo, as mortes prematuras e desnecessárias.

O Gulag tinha precedentes na Rússia czarista, nas turmas de trabalho forçado que operaram na Sibéria desde o século XVII até o início do século XX. Quase imediatamente após a Revolução Russa, ele assumiu sua forma moderna e mais familiar, tornando-se parte integral do sistema soviético. O terror em massa contra oponentes reais ou pretensos foi parte da Revolução desde o começo - no verão de 1918, Lênin, o líder revolucionário, já exigira que "elementos indignos de confiança" fossem encarcerados em campos de concentração fora das cidades principais.[3] Uma enfiada de aristocratas, negociantes e outras pessoas definidas como "inimigos" em potencial foi devidamente aprisionada. Em 1921, já havia 84 campos de concentração em 43 províncias, a maioria destinada a "reabilitar" esses primeiros inimigos do povo.

A partir de 1929, os campos adquiriram nova importância. Naquele ano, Stalin resolveu usar o trabalho forçado tanto para acelerar a industrialização da URSS quanto para explorar os recursos naturais no extremo norte, quase inabitável, do país. Também naquele ano, a polícia secreta soviética começou a assumir o controle do sistema penal soviético, lentamente arrebatando ao Judiciário todos os campos e prisões. Com o impulso das prisões em massa de 1937 e 1938, os campos entraram num período de rápida expansão. No final da década de 1930, podiam ser encontrados em cada um dos doze fusos horários da URSS.

Ao contrário da idéia corrente, o Gulag não parou de crescer quando chegou o final dos anos 1930; ao invés disso, continuou a expandir-se durante toda a Segunda Guerra Mundial e a década de 1940, atingindo seu apogeu no começo dos anos 50. Nessa época, os campos já desempenhavam papel crucial na economia soviética. Produziam um terço do ouro do país, boa parte de seu carvão e madeira e muito de quase tudo o mais. No decorrer da existência da URSS, surgiram pelo menos 476 complexos distintos de campos, consistindo em milhares de campos individuais, cada um dos quais tendo de algumas centenas a muitos milhares de pessoas.[4] Os presos trabalhavam em quase todas as atividades imagináveis - derrubada e corte de árvores, transporte dessa madeira, mineração, construção civil, manufatura, agropecuária, projeto de aviões e peças de artilharia - e, na realidade, viviam num Estado dentro do Estado, quase numa civilização em separado. O Gulag tinha suas próprias leis, seus próprios costumes, sua própria moralidade, até sua própria gíria. Gerou sua própria literatura, seus próprios vilões, seus próprios heróis, e deixou sua marca em todos os que passaram por ele, fosse como presos, fosse como guardas. Anos depois de libertados, os habitantes do Gulag muitas vezes eram capazes de reconhecer ex-condenados na rua, simplesmente pelo "olhar".

---

[3] Leggett, pp. 102-20.
[4] Okhotin e Roginskii.

Tais encontros se mostravam freqüentes, pois a rotatividade nos campos era grande. Embora as prisões fossem constantes, as solturas também o eram. Presos eram libertados porque cumpriam as sentenças, porque se deixava que fossem para o Exército Vermelho, porque eram inválidos ou mães com filhos pequenos, porque haviam sido promovidos de cativos a guardas. Em conseqüência, o número total de prisioneiros nos campos costumava girar em torno de 2 milhões, mas o número total de cidadãos soviéticos que tiveram alguma vivência dos campos, na condição de presos políticos ou comuns, é muito maior. De 1929, quando o Gulag iniciou sua maior expansão, a 1953, quando Stalin morreu, as melhores estimativas indicam que cerca de 18 milhões de pessoas passaram por esse enorme sistema. Aproximadamente mais 6 milhões sofreram o degredo, desterrados para os desertos cazaques ou as florestas siberianas. Legalmente obrigados a permanecer em suas aldeias de degredo, também eles eram galés, mesmo que não tivessem de viver atrás do arame farpado.[5]

Como sistema de trabalho forçado em massa que envolveu milhões de pessoas, os campos desapareceram com a morte de Stalin. Embora ele houvesse acreditado a vida toda que o Gulag era essencial ao crescimento econômico soviético, seus herdeiros políticos bem sabiam que os campos, na realidade, eram um dos motivos para o atraso nacional e a política de investimento deturpada. Dias após a morte de Stalin, seus sucessores começaram a desmantelá-los. Três grandes rebeliões, mais um sem-número de incidentes menores porém não menos perigosos, ajudaram a acelerar o processo.

No entanto, os campos não desapareceram por completo. Em vez disso, eles evoluíram. Durante toda a década de 1970 e o começo da década de 80, alguns foram reformulados e usados como cárcere para uma nova geração de ativistas democráticos, de nacionalistas anti-soviéticos - e de criminosos. Graças à rede de dissidentes soviéticos e ao movimento internacional de direitos humanos, notícias sobre esses campos pós-stalinistas chegavam regularmente ao Ocidente. Aos poucos, elas começaram a desempenhar um papel na diplomacia da Guerra Fria. Mesmo nos anos 1980, o presidente americano, Ronald Reagan, e seu equivalente soviético, Mikhail Gorbatchev, ainda discutiam os campos da URSS. Gorbatchev - ele próprio neto de prisioneiros do Gulag - só começaria a dissolver os campos políticos em 1987.

Contudo, embora tenham durado tanto quanto a URSS e milhões de pessoas tenham passado por eles, a verdadeira história dos campos de concentração da União Soviética não era de modo algum bem conhecida até recentemente. Mesmo os fatos concisos até aqui relacionados, ainda que já sejam familiares à maioria dos estudiosos ocidentais da história soviética, não penetraram na consciência popular ocidental. "O conhecimento humano", escreveu Pierre Rigoulot, historiador francês do comunismo, "não se acumula como os tijolos de uma parede, que se eleva gradualmente, acompanhando o trabalho do pedreiro. Seu desenvolvimento, mas também sua estagnação ou recuo, depende da estrutura social, cultural e política."[6]

Poder-se-ia dizer que, até agora, não existia a estrutura social, cultural e política para o conhecimento do Gulag.

---

[5] Veja Apêndice, para mais detalhes sobre essas estatísticas.
[6] Rigoulot, Les Paupieres Lourdes, pp. 1-10.

A primeira vez que percebi esse problema foi vários anos atrás, quando caminhava pela Karluv Most, a ponte Carlos, grande atração turística em Praga, cidade que acabava de redemocratizar-se. Ao longo da ponte, havia músicos de rua e garotas de programa, e mais ou menos a cada cinco metros alguém vendia exatamente o que se esperaria encontrar à venda num cartão-postal tão perfeito. Expunham-se pinturas de ruas adequadamente bonitinhas, junto com pechinchas de bijuteria e com chaveiros com a palavra "Praga". Em meio ao bricabraque, podia-se comprar parafernália militar soviética (quepes, insígnias, fivelas) e pequenos buttons, as imagens de Lênin e Brejnev que os escolares soviéticos outrora prendiam nos uniformes.

A cena me pareceu estranha. A maioria dos que compravam esses objetos era de americanos ou europeus-ocidentais. Todos eles ficariam enojados com a idéia de usar uma suástica. No entanto, ninguém ali fazia objeções a ostentar a foice e o martelo numa camiseta ou num boné. Foi um episódio menor, mas às vezes é justamente por coisas assim que se observa melhor o clima cultural. Pois ali a lição não poderia ter sido mais clara: se o símbolo de uma matança nos enche de horror, o de outra nos faz rir.

Se entre os turistas em Praga havia falta de sensibilidade sobre o stalinismo, isso em parte se explicava pela escassez de imagens sobre o tema na cultura popular ocidental. A Guerra Fria produziu James Bond e thrillers, mais os russos de gibi do tipo que aparecem nos filmes de Rambo; nada, porém, tão ambicioso quanto A lista de Schindler ou A escolha de Sofia. Steven Spielberg, provavelmente o principal diretor de Hollywood (gostem disso ou não), preferiu fazer filmes sobre campos de concentração japoneses (Império do sol) e sobre campos de concentração nazistas, mas não sobre campos de concentração stalinistas. Esses últimos não conquistaram da mesma maneira a imaginação de Hollywood.

A cultura dita elevada não se tem mostrado muito mais aberta ao sistema. A reputação do filósofo alemão Martin Heidegger foi profundamente prejudicada pelo breve apoio explícito ao nazismo, um entusiasmo que se desenvolveu antes de Hitler ter cometido suas maiores atrocidades. Por outro lado, a reputação do filósofo francês Jean-Paul Sartre não sofreu nada com o vigoroso apoio ao stalinismo durante todos os anos do pós-guerra, quando provas abundantes das atrocidades de Stalin estavam disponíveis para qualquer interessado. "Já que não éramos membros do Partido", registrou Sartre, "não era obrigação nossa escrever sobre os campos soviéticos de trabalhos forçados; desde que nenhum fato de importância sociológica tivesse ocorrido, estávamos livres para permanecer distantes das desavenças sobre a natureza do sistema."[7] Em outra ocasião, ele disse a Albert Camus: "Assim como você, acho esses campos execráveis, mas acho igualmente execrável o uso que todos os dias se faz deles na imprensa burguesa".[8]

Algumas coisas mudaram desde o colapso soviético. Em 2002, por exemplo, o romancista britânico Martin Amis sentiu-se afetado o suficiente pela questão de Stalin e do stalinismo para dedicar a ela um livro inteiro. Seu trabalho levou outros autores a indagar por que tão poucos membros da direita política e

---

[7] Citado em Johnson, p. 243.
[8] Citado em Revel, p. 77.

literária mencionam o tema.[9] De outra parte, algumas coisas não mudaram. Para um acadêmico americano, (ainda) é possível publicar um livro que dê a entender que os expurgos dos anos 1930 foram úteis porque promoveram a mobilidade social e, assim, estabeleceram as bases para a perestroika.[10] Para um editor de página literária britânica, (ainda) é possível rejeitar um artigo porque este é "demasiado anti-soviético".[11] Muito mais comum, entretanto, é a reação de fastio ou indiferença em face do terror stalinista. A resenha (de resto franca) de um livro que escrevi nos anos 1990 sobre as repúblicas ocidentais da antiga URSS continha o seguinte trecho: "Ali ocorreu a fome da década de 1930, na qual Stalin matou mais ucranianos do que Hitler assassinou judeus. No entanto, quanta gente no Ocidente se lembra disso? Afinal, a matança foi tão... tão... maçante, aparentemente nada dramática".[12]

São todas coisas pequenas: a compra de bugigangas, a reputação de um filósofo, a presença ou ausência de filmes de Hollywood. Mas junte-as todas e terá uma história. Intelectualmente, americanos e europeus-ocidentais sabem o que aconteceu na URSS. Em 1962-3, Um dia na vida de Ivan Denisovich, o aclamado romance de Alexander Soljenitsin sobre a vida nos campos, foi publicado no Ocidente em diversas línguas. Em 1973, Arquipélago Gulag, a história oral dos campos que Soljenitsin escreveu, tornou-se motivo de muito comentário quando lançado, de novo em vários idiomas. De fato, Arquipélago Gulag causou uma pequena revolução intelectual em alguns países, sobretudo na França, convertendo a uma posição anti-soviética segmentos inteiros da esquerda daquele país. Durante a década de 1980 - os anos da glasnost -, fizeram-se muito mais revelações sobre o Gulag, e também elas receberam a devida publicidade no exterior.

Para muitas pessoas, porém, os crimes de Stalin não inspiram a mesma reação visceral que os de Hitler. Certa vez, o ex-parlamentar britânico Ken Livingstone, hoje prefeito de Londres, forcejou para explicar-me a diferença. E, os nazistas eram "perversos". Mas a URSS fora "desvirtuada". Essa visão reflete o sentimento de muitas pessoas, mesmo daquelas que não são esquerdistas à moda antiga: de alguma forma, a URSS simplesmente deu errado, mas ela não era fundamentalmente errada da maneira que a Alemanha de Hitler o era.

Até recentemente, era possível explicar essa ausência de sentimento popular a respeito da tragédia do comunismo europeu como o resultado lógico de uma série específica de circunstâncias. O passar do tempo é parte disso: com o decorrer dos anos, os regimes comunistas se tornaram mesmo menos repreensíveis. Ninguém ficava muito apavorado com o general Jaruzelski, ou mesmo com Brejnev, embora ambos fossem responsáveis por um bocado de destruição. A falta de informações sólidas, embasadas em pesquisa arquivai, também era claramente uma daquelas circunstâncias. Durante muito tempo, a escassez de trabalhos acadêmicos sobre o tema se deveu à escassez de fontes. Arquivos estavam fechados aos interessados. O acesso aos locais dos

[9] Amis; John Lloyd, "Show Trial: The Left in the Dock," New Statesman, 2 de setembro, 2002, vol. 15, artigo 722, pp. 12-15; "Hit and Miss", Guardian, 3 de setembro, 2002.
[10] Thurston, Life and Terror in Stalins Rússia; Robert Conquest, "Small Terror, Few Dead", The Times Literary Supplement, 31 de maio, 1996.
[11] Fato ocorrido com o autor em 1994. A expressão "demasiado anti-soviético" é uma citação de uma carta. No The Times Literary Supplement há uma versão mais concisa da resenha.
[12] "Neither Here nor There" (resenha de Between Fast and West, Nova York, 1994). The New York Times Book Review, 18 de dezembro, 1994.

campos era proibido. Nenhuma câmera de cinema ou TV jamais filmou os campos soviéticos nem as vítimas deles, ao contrário do que os cinegrafistas tinham feito na Alemanha no fim da Segunda Guerra Mundial. Não dispor de nenhuma imagem correspondia a ter menos entendimento da questão.

Mas a ideologia também distorceu o modo pelo qual compreendemos a história da URSS e da Europa oriental.[13] A partir dos anos 1930, uma parte pequena da esquerda ocidental deu duro para explicar e às vezes exculpar os campos e o terror que os criou. Em 1936, quando milhões de lavradores soviéticos já trabalhavam nos campos ou viviam em degredo, os socialistas britânicos Sidney e Beatrice Webb publicaram um vasto levantamento sobre a URSS, o qual explicava, entre outras coisas, que "o oprimido camponês soviético vai aos poucos adquirindo a sensação de liberdade política".[14] Na época dos grandes julgamentos de Moscou, enquanto Stalin arbitrariamente condenava aos campos milhares de membros inocentes do Partido, o dramaturgo Bertold Brecht disse ao filósofo Sidney Hook que, "quanto mais inocentes eles são, mais merecem morrer".[15]

Mesmo na década de 1980, ainda havia acadêmicos que continuavam a descrever as vantagens do sistema de saúde alemão-oriental ou das iniciativas de paz polonesas; ainda havia ativistas que se aborreciam com o fuzuê criado por causa dos dissidentes que estavam nos campos de prisioneiros da Europa oriental. Isso talvez se devesse ao fato de que os filósofos fundadores da esquerda ocidental (Marx e Lênin) eram os mesmos da URSS. Parte da linguagem também era compartilhada: as massas, a luta, o proletariado, os exploradores e os explorados, a propriedade dos meios de produção. Condenar a URSS com demasiada veemência seria condenar parte do que alguns na esquerda ocidental também haviam prezado.

Não foi apenas a extrema esquerda, nem apenas os comunistas ocidentais, os que ficaram tentados a arranjar para os crimes de Stalin desculpas que nunca teriam apresentado para os de Hitler. Os ideais comunistas - justiça social, igualdade para todos - são simplesmente muito mais atraentes para a maioria das pessoas no Ocidente do que a defesa nazista do racismo e do triunfo do mais forte. Mesmo que na prática a ideologia comunista significasse algo muito diferente, era mais difícil aos descendentes intelectuais da Guerra de Independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa condenarem um sistema que, pelo menos, parecia semelhante ao deles próprios. Talvez isso ajude a explicar por que, desde o começo, relatos em primeira mão sobre o Gulag eram freqüentemente repudiados ou depreciados pelas mesmíssimas pessoas que jamais teriam colocado em dúvida o testemunho do Holocausto escrito por Primo Levi ou Eli Wiesel. Desde a Revolução Russa, informações oficiais sobre os campos soviéticos também estavam acessíveis de imediato para qualquer interessado - o mais famoso relato soviético sobre um dos primeiros campos, o do Canal do Mar Branco, foi até publicado em inglês. A ignorância, por si só, não basta para explicar por que os intelectuais ocidentais preferiram evitar o assunto.

A direita ocidental, por outro lado, realmente forcejou para condenar os crimes soviéticos, mas às vezes usou métodos que prejudicavam sua causa. O

---

[13] Para uma reflexão sobre este tema, ver Malia.
[14] Webb, p. 31
[15] Citado em Conquest, The Great Terror, p. 465.

homem que mais danos causou ao anticomunismo foi certamente o senador americano Joe McCarthy. Documentos recentes que mostram que algumas de suas acusações eram verdadeiras não modificam o impacto que teve seu excesso de entusiasmo na perseguição aos comunistas na vida pública americana: os "julgamentos" públicos que ele realizou de simpatizantes do comunismo acabariam por macular com patriotada e intolerância a causa do anticomunismo.[16] No fim das contas, as ações de McCarthy não fizeram mais pela causa da pesquisa histórica neutra do que as dos oponentes daquele senador.

Entretanto, nem todas as nossas atitudes para com o passado soviético se relacionam à ideologia política. Na realidade, muitas delas estão mais para um subproduto desvanecente de nossas lembranças da Segunda Guerra Mundial. No momento, temos a firme convicção de que aquela foi uma guerra absolutamente justa, e poucos desejam abalar tal convicção. Rememoramos o Dia D, a libertação dos campos de concentração nazistas, as crianças que, eufóricas, davam as boas-vindas aos pracinhas americanos nas ruas. Ninguém quer saber que a vitória Aliada teve outro lado, mais sombrio, ou que os campos de Stalin, nosso aliado, se expandiam justamente quando os de Hitler, nosso inimigo, eram libertados. A certeza moral de nossas recordações daqueles tempos ficaria solapada se reconhecêssemos que os Aliados Ocidentais, ao mandarem milhares de russos para a morte certa quando os repatriaram à força após a guerra, ou ao condenarem milhões de pessoas ao domínio soviético em Yalta, podem ter ajudado outros a cometerem crimes contra a humanidade. Ninguém quer concluir que derrotamos um chacinador com a ajuda de outro. Ninguém quer lembrar quanto esse outro chacinador se dava bem com estadistas ocidentais. "Eu gosto realmente de Stalin", disse a um amigo o então ministro do Exterior britânico, Anthony Eden. "Ele nunca faltou com a palavra."[17] Há muitas fotos, muitas mesmo, de Stalin com Churchill e Roosevelt, todos juntos, todos sorridentes.

Por fim, a propaganda soviética não deixou de fazer efeito. Tiveram certo impacto, por exemplo, as tentativas soviéticas de semear a dúvida sobre os escritos de Soljenitsin, pintando-o como demente, anti-semita ou bêbado.[18] A pressão soviética sobre acadêmicos e jornalistas ocidentais também ajudou a enviesar o trabalho deles. Na década de 1980, quando eu estudava história russa nos Estados Unidos, conhecidos me diziam para não continuar com essa matéria no curso de graduação, pois haveria dificuldades demais: naquele tempo, quem escrevia "favoravelmente" sobre a URSS ganhava mais acesso a arquivos, mais acesso a informações oficiais, vistos para permanências mais longas naquele país. Quem não o fazia arriscava-se a ser expulso e encontrar dificuldades profissionais em conseqüência. Desnecessário dizer, é claro, que a ninguém de fora se permitia o acesso a qualquer material sobre os campos de Stalin ou sobre o sistema prisional pós-stalinista. O assunto simplesmente não existia, e os que metiam demais o bedelho perdiam o direito de ficar naquele país.

---

[16] Ver Klehr, Haynes, e Firsov; e Klehr, Haynes, e Anderson, para o arquivo histórico do Partido Comunista Americano.
[17] Citado em N. Tolstoy, Stalin 's Secret War, p. 289.
[18] Ver Thomas, pp. 489-95; e Scammell; Sozhenitsyn: A Biography, para detalhes. A tentativa de retratar Soljenitsin como um alcoólatra (Scammell, pp. 664-65) foi deveras desastrosa, pois ele era conhecido por não gostar de bebidas alcoólicas.

Outrora, todas essas explicações em conjunto tinham certo sentido. Quando comecei a ponderar seriamente o tema (em 1989, época em que o comunismo entrava em colapso), até vi a lógica por trás delas: parecia natural e óbvio que eu devesse saber muito pouco sobre a União Soviética de Stalin, cuja história secreta a tornava ainda mais fascinante. Mais de uma década depois, meus sentimentos são muito diferentes. Agora, a Segunda Guerra Mundial pertence a uma geração anterior. A Guerra Fria também já acabou, e as alianças e dissensões internacionais que ela produziu mudaram de vez. Hoje, a esquerda e a direita ocidentais competem entre si a respeito de outras questões. Ao mesmo tempo, o surgimento de novas ameaças terroristas à civilização ocidental torna ainda mais necessário o estudo da velha ameaça comunista a essa mesma civilização.

Em outras palavras, a "estrutura social, cultural e política" mudou - e o mesmo vale para nosso acesso a informações sobre os campos. No final da década de 1980, na URSS de Mikhail Gorbatchev, começou a aparecer uma enxurrada de documentos a respeito do Gulag. Pela primeira vez, jornais publicavam histórias da vida nos campos de concentração soviéticos. Novas revelações faziam as revistas esgotarem-se. Ressurgiam velhas discussões estatísticas - quantos mortos, quantos presos. Após o trabalho pioneiro da Sociedade Memorial de Moscou, historiadores e associações historiográficas da Rússia passaram a publicar monografias, histórias de campos e indivíduos específicos, estimativas e listas de nomes de mortos. Esse esforço repercutiu e se ampliou entre historiadores nas ex-repúblicas soviéticas e nos países do antigo Pacto de Varsóvia e, posteriormente, entre historiadores ocidentais.

Apesar de muitos percalços, essa investigação do passado soviético continua. Ê bem verdade que a primeira década do século XXI se mostra muito diferente das décadas finais do século XX e que a busca pela história já não é mais parte destacada do discurso público soviético, nem é mais tão dramática quanto pareceu em certo período. A maior parte do trabalho que vem sendo realizado por estudiosos, russos ou não, é verdadeiramente monótona, implicando esquadrinhar milhares de documentos e passar horas em arquivos gelados e cheios de correntes de ar, ou dias à procura de fatos e números. Mas isso está começando a dar frutos. Devagar, pacientemente, a Memorial não só alinhavou o primeiro guia dos nomes e localizações de todos os campos de que se tem registro, mas também publicou uma série inovadora de livros de história e compilou enorme arquivo de narrativas orais e escritas de sobreviventes. Junto com o Instituto Sakharov e a editora Vozvrashchenie (nome que significa "Regresso"), ela colocou parte dessas memórias em circulação pública. Jornais acadêmicos russos e publicações internacionais também começaram a imprimir monografias baseadas em novos documentos, assim como coletâneas desses próprios documentos. Trabalho semelhante está sendo executado em outros lugares, sobretudo pela Fundacja Karta, na Polônia; por museus históricos na Lituânia, Letônia, Estônia, Romênia e Hungria; e por um punhado de estudiosos americanos e europeu-ocidentais que dispuseram de tempo e energia para trabalhar nos arquivos soviéticos.

Enquanto fazia pesquisas para este livro, tive acesso ao trabalho deles, assim como a dois outros tipos de fonte que não estariam disponíveis dez anos atrás. O primeiro foi a enxurrada de novas memórias que começaram a ser publicadas nos anos 1980 na Rússia, Estados Unidos, Israel, Europa oriental e outros lugares. Ao escrever este livro, fiz amplo uso delas. No passado, alguns

estudiosos da URSS relutavam em confiar nesse material sobre o Gulag, argumentando que os memorialistas soviéticos tinham motivos políticos para distorcer suas histórias; que a maioria escrevera muitos anos após a soltura; e que muitos tomavam histórias emprestadas uns dos outros quando a lembrança lhes falhava. Não obstante, após ter lido centenas de reminiscências dos campos e entrevistado umas duas dúzias de sobreviventes, julguei ser possível filtrar o que parecia implausível, plagiado ou politizado. Também concluí que, embora as memórias não fossem confiáveis no referente a nomes, datas e números, elas ainda assim constituíam fonte inestimável de outros tipos de informação, em especial aspectos cruciais da vida nos campos: os relacionamentos entre presos, os conflitos entre grupos, o comportamento de guardas e administradores, o papel da corrupção, até a presença de amor e entusiasmo. De modo consciente, fiz muito uso de apenas um autor (Variam Shalamov) que escreveu versões ficcionalizadas de sua vida nos campos, e isso porque suas histórias se baseiam em acontecimentos reais.

Tanto quanto possível, também respaldei as memórias com ampla utilização de arquivos - outra fonte que, paradoxalmente, nem todo mundo gosta de empregar. Conforme ficará claro no decorrer do livro, o poder da propaganda na URSS era tal que ele freqüentemente modificava as percepções da realidade. Por isso, os historiadores outrora tinham razão em não confiar nos documentos oficiais que o governo soviético trazia a público, pois estes muitas vezes tinham o propósito de obscurecer a verdade. Mas documentos secretos - os documentos hoje conservados em arquivos - têm função diferente. A fim de gerir os campos, a administração do Gulag precisava manter certos tipos de registro. Moscou necessitava saber o que estava acontecendo nas províncias, as províncias tinham de receber instruções da administração central, era preciso preservar estatísticas. Isso não significa que tais arquivos sejam de todo confiáveis - burocratas tinham suas razões para distorcer até os fatos mais comezinhos -, mas, se usados com critério, podem explicar algumas coisas sobre a vida nos campos que as memórias não elucidam. Sobretudo, ajudam a explicar por que se construíram os campos - ou, pelo menos, o que o regime stalinista acreditava que eles viriam a alcançar.

Também é verdade que os arquivos são muito mais variados do que muitos previam; e que eles contam a história dos campos de muitas perspectivas diferentes. Tive acesso, por exemplo, ao arquivo da administração do Gulag, com relatórios de fiscais, registros contábeis, cartas de diretores de campos a seus supervisores em Moscou, relatos de tentativas de fuga e listas de montagens musicais nos teatros dos campos, tudo isso mantido no Arquivo Estatal Soviético em Moscou. Também consultei atas de reuniões do Partido e documentos reunidos numa parte do osobaya papka de Stalin, seu "arquivo especial". Com a ajuda de outros historiadores russos, pude utilizar não só alguns documentos dos arquivos militares soviéticos, mas também os arquivos dos guardas dos comboios, os quais contêm coisas como listas do que os presos podiam ou não levar consigo. Fora de Moscou, tive ainda acesso a alguns arquivos locais (em Petrozavodsk, Arcangel, Syktyvkar e Vorkuta e nas ilhas Solovetsky) onde se registraram acontecimentos cotidianos dos campos, assim como ao arquivo do Dmitlag (o campo que construiu o canal Moscou - Volga), que fica em Moscou. Todos contêm registros do dia-a-dia nos campos, formulários de requisição, históricos de presos. Em certa altura, trouxeram-me parte considerável do arquivo de Kedrovyi Shor (uma pequena subdivisão de Inta, campo de mineração ao norte do Círculo Ártico) e educadamente me

perguntaram se eu gostaria de comprá-la.

Juntas, essas fontes possibilitam que se escreva sobre os campos de maneira nova. Neste livro, não mais precisei comparar as "alegações" de um punhado de dissidentes com as "alegações" do governo soviético. Não tive de pesquisar um meio-termo entre os relatos dos refugiados soviéticos e os relatos das autoridades soviéticas. Em vez disso, para descrever o que aconteceu, pude utilizar a linguagem de muitos tipos diferentes de pessoa - guardas, policiais, diferentes tipos de presos cumprindo diferentes tipos de pena em diferentes épocas. Nem as emoções nem a política que por muito tempo cercaram a historiografia dos campos de concentração soviéticos estão no cerne deste livro. Tal espaço é reservado, isto sim, às vivências das vítimas.

Esta é uma história do Gulag. Com isso, quero dizer que é uma história dos campos de concentração soviéticos: suas origens na Revolução Bolchevique, seu desenvolvimento até se tornarem parte importante da economia, seu desmantelamento após a morte de Stalin. Também é um livro sobre a herança do Gulag: sem nenhuma dúvida, os regimes e rituais que podiam ser encontrados nos campos de prisioneiros dos anos 1970 e 80 evoluíram diretamente daqueles criados numa era anterior, e, por esse motivo, achei que cabiam no mesmo livro.

Ao mesmo tempo, este é um livro sobre a vida no Gulag e, por tal razão, conta a história dos campos de duas maneiras. A primeira e a terceira parte do livro são cronológicas. Descrevem de modo narrativo a evolução dos campos e de sua administração. A segunda parte disserta sobre a vida nos campos e o faz tematicamente. Embora a maioria das citações nessa parte central se refira aos anos 1940, a década do apogeu dos campos, eu também remeto - a-historicamente - a períodos anteriores e posteriores. Certos aspectos da vida nos campos se desenvolveram com o passar do tempo, e julguei importante explicar como isso aconteceu.

Tendo dito o que este livro é, eu também gostaria de dizer o que ele não é: não é uma história da URSS, nem dos expurgos, nem da repressão em geral. Não é uma história do reinado de Stalin, nem de seu Politburo, nem de sua polícia secreta, cuja complexa história política procurei, de caso pensado, simplificar o máximo possível. Embora eu realmente utilize os escritos de dissidentes soviéticos, muitas vezes produzidos sob grande tensão e com muita coragem, este livro não contém uma história completa do movimento soviético pelos direitos humanos. Da mesma forma, ele tampouco faz justiça às histórias de nações e grupos de prisioneiros específicos - entre eles, poloneses, baltas, ucranianos, tchetchenos e prisioneiros de guerra alemães e japoneses -, que sofreram com o regime soviético, tanto dentro quanto fora dos campos da URSS. Não explora por completo as matanças de 1937-8, que ocorreram principalmente fora dos campos, nem o massacre de milhares de oficiais poloneses em Katyn e outros lugares. Por ser um livro destinado ao público geral, e não pressupor nenhum conhecimento especializado da história soviética, todos esses acontecimentos e fenômenos serão mencionados. Entretanto, teria sido impossível fazer justiça a todos num único volume.

Talvez o mais importante: este livro não faz justiça à história dos "degredados especiais", os milhões de indivíduos que freqüentemente eram arrebanhados ao mesmo tempo e pelas mesmas razões que os presos do Gulag, mas que

então eram enviados não para campos, e sim para longínquas aldeias de degredo, onde muitos milhares morreram de inanição, frio e excesso de trabalho. Uns foram degredados por motivos políticos, como os kulaks (camponeses ricos), nos anos 1930. Outros o foram por causa de sua etnia, como poloneses, baltas, ucranianos, alemães do Volga e tchetchenos, só para citar alguns, nos anos 1940. Tiveram destinos os mais diversos no Cazaquistão, na Ásia central e na Sibéria - diversos demais para que se possa abrangê-los num relato sobre o sistema de campos. Optei por mencioná-los, de modo talvez idiossincrático, quando as vivências deles me pareceram especialmente próximas ou relevantes na comparação com as dos presos do Gulag. Mas, embora a história desses degredados esteja estreitamente ligada à do Gulag, contá-la por inteiro exigiria outro livro com a extensão deste. Espero que alguém o escreva em breve.

Ainda que esta seja uma obra sobre os campos de concentração soviéticos, é impossível tratá-los como fenômeno isolado. O Gulag cresceu e se desenvolveu numa época e num lugar específicos, em conjunto com outros acontecimentos - e especialmente em três contextos. Para sermos exatos, o Gulag pertence à história da URSS; à história tanto russa quanto internacional das prisões e degredos; e ao ambiente intelectual próprio da Europa continental em meados do século XX, que também produziu na Alemanha os campos de concentração nazistas.

Com "pertence à história da URSS", refiro-me a algo muito específico: o Gulag não surgiu prontinho do nada; em vez disso, refletiu os padrões gerais da sociedade ao redor. Se os campos eram imundos, se os guardas eram brutais, se as turmas de trabalho eram desleixadas, isso em parte se devia ao fato de que a imundície, a brutalidade e o desleixo eram bem abundantes em outras esferas da vida soviética. Se a vida nos campos era horrível, insuportável, desumana, se a mortalidade era alta, isso tampouco chegava a ser surpresa: em certos períodos, a vida na URSS também era horrível, insuportável e desumana, e a mortalidade se mostrava tão elevada fora quanto dentro dos campos.

Por certo, tampouco é coincidência que os primeiros campos soviéticos tenham sido estabelecidos imediatamente após a sangrenta, violenta e caótica Revolução Russa. No decorrer da Revolução, do terror imposto depois dela e da subseqüente Guerra Civil, pareceu a muitos na Rússia que a própria civilização fora destruída de modo permanente. "Sentenças de morte eram impostas arbitrariamente", escreveu o historiador Richard Pipes, "pessoas eram fuziladas sem motivo ou soltas de modo igualmente imprevisível."[19] A partir de 1917, todo o conjunto de valores de uma sociedade ficou de pernas para o ar: a riqueza e a experiência acumuladas durante uma vida inteira se tornavam uma desvantagem, o roubo era glamorizado como "nacionalização", o assassínio virava parte aceite da luta em prol da ditadura do proletariado. O aprisionamento inicial de milhares de pessoas por Lênin, simplesmente porque antes tinham riqueza ou títulos aristocráticos, nem chegava a parecer estranho ou despropositado.

Da mesma forma, as altas taxas de mortalidade nos campos de prisioneiros em certos anos eram, em parte, reflexo de acontecimentos que se desenrolavam

---

[19] Pipes,pp. 824-25.

por todo o país. Dentro dos campos, elas se elevaram no começo da década de 1930, quando a fome assolou a URSS inteira. Tornaram a subir durante a Segunda Guerra Mundial: a invasão alemã provocou não apenas milhões de mortes em combate, mas também epidemias de disenteria e tifo, assim como fome, o que afetou as pessoas tanto fora quanto dentro dos campos. No inverno de 1941-2, quando um quarto da população do Gulag pereceu de inanição, talvez 1 milhão de habitantes de Leningrado tenham também morrido de inanição, isolados pelo bloqueio alemão.[20] Lidiya Ginzburg, uma cronista desse bloqueio, descreveu a fome de então como "um estado permanente [...] ela sempre estava presente e sempre se fazia sentir [...] durante o processo de consumir alimento, o mais desesperador e excruciante era que a comida acabava com terrível rapidez sem produzir nenhuma saciedade".[21] Conforme o leitor verá, as palavras de Lidiya lembram, de modo estranho e inquietante, as utilizadas por ex-condenados.

Claro, é bem verdade que os moradores de Leningrado morriam em casa, ao passo que o Gulag destroçava vidas, destruía famílias, arrancava os filhos dos pais e condenava milhões a viverem em ermos a milhares de quilômetros de seus familiares. Ainda assim, as vivências medonhas dos presos podem com justiça ser comparadas às terríveis lembranças de cidadãos soviéticos "livres" como Elena Kozhina, que foi evacuada de Leningrado em fevereiro de 1942. Durante a jornada, ela viu o irmão, a irmã e a avó morrerem de inanição. Enquanto os alemães se aproximavam, Elena e a mãe atravessaram a estepe a pé, deparando com "cenas de derrocada e caos desenfreados [...]. O mundo se despedaçava. Tudo estava permeado de fumaça e um cheiro horrível de queimado; a estepe era claustrofóbica e sufocante, como se espremida num punho quente e fuliginoso". Embora nunca tenha vivido nos campos de prisioneiros, Elena conheceu o frio, a fome e o pavor atrozes antes mesmo de ter completado dez anos de idade, e as lembranças disso a assombrariam pelo resto da vida. Nada, ela escreveu, "conseguiria apagar minha lembrança de quando levaram o corpo de Vadik, com um cobertor por cima; de quando Tanya sufocou, agonizante; de quando mamãe e eu, as que sobraram, caminhamos com dificuldade pela estepe em chamas, através da fumaça e dos estrondos".[22]

A população do Gulag e a população do resto da URSS compartilhavam muitas outras coisas além do sofrimento. Dentro e fora dos campos, era possível encontrar as mesmas técnicas de trabalho desleixadas, a mesma burocracia criminosamente estúpida, o mesmo descaso sombrio pela vida humana. Quando redigia este livro, descrevi a um amigo polonês o sistema de tufta (a burla com relação às normas de trabalho) que os prisioneiros soviéticos desenvolveram, o qual será descrito mais adiante. Meu amigo caiu na gargalhada: "Você acha que foram prisioneiros que inventaram isso?! O bloco soviético inteiro praticava a tufta". Na URSS de Stalin, a diferença entre a vida nos campos e a vida fora deles era apenas de grau. Talvez por isso, o Gulag foi muitas vezes descrito como a quintessência do sistema soviético. Mesmo na gíria dos presos, o mundo fora do arame farpado era não a "liberdade", e sim a bolshaya zona, a "zona prisional grande", maior e menos letal que a "zona pequena" do Gulag, mas não mais humana - e certamente não mais humanitária.

---

[20] Overy, pp. 112 e 226-27; Moskoff.
[21] L. Ginzburg, p. 36. 21. Kozhina, p. 5.
[22] Kaczynska, p. 15.

Todavia, se o Gulag não pode ser de todo apartado da experiência de vida no resto da URSS, tampouco pode a história dos campos ser de todo separada da história longa, multinacional e transcultural das prisões, degredos, encarceramentos e campos de concentração. O degredo em lugares distantes, onde os prisioneiros podem "pagar a dívida para com a sociedade", tornar-se úteis e não contaminar outros com suas idéias ou sua criminalidade, é prática tão antiga quanto a própria civilização. Os governantes da Roma e da Grécia antigas mandavam os dissidentes para colônias longínquas. Sócrates preferiu a morte em Atenas ao tormento do exílio. O poeta Ovídio foi desterrado para um porto infecto no mar Negro. A Grã-Bretanha georgiana despachava seus punguistas e ladrões para a Austrália. A França oitocentista enviava condenados para a Guiana. Portugal mandava seus indesejáveis para Moçambique. [23]

Em 1917, a nova liderança da Rússia não precisou inspirar-se em precedentes de outros países. Desde o século XVII, o país tinha um sistema próprio: na legislação russa, a primeira menção de degredo é de 1649. Na época, ele era considerado uma forma nova e mais humana de punição judiciária - muitíssimo preferível à pena de morte, ou à mutilação e às marcas a fogo -, e era aplicada numa gama enorme de delitos de menor e maior gravidade, desde o consumo de rapé e a prática da adivinhação até o homicídio.23 Grande número de intelectuais e escritores russos, entre eles Pushkin, sofreu alguma forma de degredo, ao passo que a simples possibilidade já atormentava outros: em 1890, no auge da fama literária, Anton Tchekhov surpreendeu todos os seus conhecidos quando foi visitar as colônias penais na ilha de Sacalina, ao largo da costa russa do Pacífico. Antes de ter partido, escreveu a seu perplexo editor, explicando-lhe os motivos:

> Permitimos que milhões de pessoas apodreçam nas prisões, sem nenhum propósito, sem nenhuma consideração, barbaramente; conduzimos gente por dezenas de milhares de verstas no frio, acorrentadas; nós as infectamos com a sífilis, as pervertemos, multiplicamos o número de criminosos [...], mas nada disso tem nada que ver conosco; simplesmente não é algo interessante [...].[24]

Em retrospecto, é fácil achar na história do sistema prisional czarista muitos antecedentes de práticas adotadas no Gulag. Assim como esse último, o degredo siberiano, por exemplo, nunca se destinou exclusivamente a criminosos. Uma lei de 1736 declarava que, se uma aldeia decidisse que algum de seus habitantes fosse uma má influência, os líderes locais podiam repartir as posses do infeliz e mandar que se mudasse para outro lugar. Caso ele não conseguisse achar outra morada, o Estado podia degredá-lo.[25] (Aliás, essa lei seria citada por Khrutchev em 1948, como parte de sua - bem-sucedida - argumentação para que se degredassem os membros das fazendas coletivas que fossem considerados insuficientemente entusiásticos e trabalhadores.)[26]

A prática de degredar pessoas que simplesmente não se ajustavam continuou por todo o século XIX. Em seu livro A Sibéria e o sistema de degredo, George Kennan (tio do estadista americano homônimo) descreveu o sistema de

---

[23] Kennan, pp. 74-83. Como no caso de vários dos Inconfidentes. (N. T.)
[24] Tchekhov, p. 371.
[25] Kaczynska, pp. 16-27.
[26] Popov, pp. 31-38.

"processo administrativo" que ele observou na Rússia em 1891:

> A pessoa inconveniente pode não ser culpada de crime nenhum [...], mas, se na opinião das autoridades locais sua presença em determinado lugar é "nociva à ordem pública" ou "incompatível com a tranqüilidade pública", ela pode ser detida sem mandado, mantida de duas semanas a dois anos na prisão, removida à força para qualquer outro lugar dentro dos limites do Império e ali ser colocada sob vigilância policial por um a dez anos.[27]

O degredo administrativo - que não exigia julgamento nem sentença - era punição ideal não apenas para os encrenqueiros propriamente ditos, mas também para os opositores políticos do regime. Nos primórdios, muitos desses opositores eram aristocratas poloneses contrários à ocupação de seu território e suas propriedades pelos russos. Posteriormente, incluíram-se entre os degredados os dissidentes religiosos e os membros de grupos "revolucionários" e sociedades secretas, como os bolcheviques. Embora não fossem degredados administrativos (pois foram julgados e sentenciados), os mais tristemente célebres "colonos forçados" da Sibéria oitocentista também eram prisioneiros políticos: os dezembristas, um grupo de aristocratas de alto escalão que encetaram uma débil rebelião contra o czar Nicolau I em 1825. Numa desforra que chocou toda a Europa da época, o Czar sentenciou cinco dezembristas à morte. Os outros ele privou de seus títulos e mandou, acorrentados, para a Sibéria; as esposas de alguns, excepcionalmente corajosas, também foram para lá, a fim de reunir-se aos maridos. Só uns poucos viveram o suficiente para ser perdoados por Alexandre II (o sucessor de Nicolau), trinta anos depois, e reinstalar-se em São Petersburgo, quando já eram idosos.[28] Fiodor Dostoievski, condenado em 1849 a quatro anos de servidão penal, foi outro prisioneiro político famoso. Após ter retornado do degredo siberiano, escreveu Recordações da casa dos mortos, ainda hoje o relato mais lido sobre a vida no sistema prisional czarista.

Assim como o Gulag, o sistema czarista de degredo não foi criado apenas como forma de punição. Os governantes da Rússia também queriam que os degredados, tanto criminais quanto políticos, resolvessem um problema econômico que incomodara durante muitos séculos: a baixa densidade demográfica do extremo leste e extremo norte da Rússia e a conseqüente incapacidade do Império para explorar seus recursos naturais. Tendo isso em mente, o Estado russo começou, já no século XVIII, a sentenciar alguns presos aos trabalhos forçados - modalidade de punição que se tornou conhecida como katorga, do verbo grego kateirgon (forçar). A katorga tinha velhos antecedentes na Rússia. No começo do século XVIII, Pedro, o Grande, utilizara condenados e servos para construir estradas, fortalezas, fábricas, navios e a própria cidade de São Petersburgo. Em 1722, o mesmo czar promulgou uma diretiva mais específica, mandando criminosos para o degredo, com as mulheres e filhos, perto das minas de prata de Daurya, na Sibéria oriental.[29]

Na época, o uso do trabalho forçado por Pedro foi considerado um grande êxito econômico e político. Aliás, a história das centenas de milhares de servos cujas vidas se consumiram na construção de São Petersburgo teria enorme impacto

---

[27] Kennan, p. 242.
[28] Kaczynska, pp. 65-85.
[29] Anisimov, p. 177.

sobre as gerações seguintes. Muitos morreram durante as obras - e, no entanto, a cidade se tornou símbolo de progresso e europeização. Os métodos eram cruéis - e mesmo assim a nação saía ganhando. O exemplo de Pedro provavelmente ajuda a explicar a pronta adoção da katorga pelos sucessores daquele czar. E não há nenhuma dúvida de que Stalin era grande admirador dos métodos de construção de Pedro.

No século XIX, todavia, a katorga foi uma forma de punição relativamente rara. Em 1906, só uns 6 mil condenados por esse sistema cumpriam pena; em 1916, às vésperas da Revolução, eram apenas 28.600.[30] Importância econômica muitíssimo maior tinha outro tipo de prisioneiro: os colonos forçados, sentenciados ao degredo, mas não à prisão, em regiões subpovoadas do país, escolhidas por causa do potencial econômico. Somente entre 1824 e 1889, cerca de 720 mil colonos forçados foram mandados para a Sibéria. Muitos estavam acompanhados das famílias. Eles, e não os condenados agrilhoados, povoaram aos poucos os ermos da Rússia ricos em minerais.[31]

As sentenças desses colonos não eram necessariamente leves, e alguns deles achavam sua sina pior que a dos prisioneiros em regime de katorga. Designados para áreas remotas, de solos pobres e vizinhos escassos, muitos morreram de inanição durante os longos invernos, ou se mataram de tanto beber por causa do tédio. Havia poucas mulheres (cujo número nunca passou dos 15%), ainda menos livros e nenhum entretenimento.[32]

Em sua viagem pela Sibéria até Sacalina, Tchekhov conheceu e descreveu alguns desses colonos degredados:

> A maioria é financeiramente pobre, tem pouca força física e pouco preparo prático e não possui nada senão a capacidade de escrever, que freqüentemente não é de nenhuma utilidade para ninguém. Alguns começam vendendo, peça por peça, suas camisas de linho holandês, seus lençóis, suas echarpes e lenços de bolso, e, depois de dois ou três anos, acabam morrendo numa penúria medonha [...].[33]

Mas nem todos os degredados eram infelizes e degenerados. A Sibéria ficava muito longe da Europa, e no leste as autoridades eram mais lenientes, e a aristocracia, muito menos presente. Dentre os degredados e ex-presos, os mais abonados às vezes construíam grandes propriedades. Os mais instruídos se tornavam médicos e advogados ou administravam escolas.[34] A princesa Maria Volkonskaya, esposa do dezembrista Sergei Volkonsky, patrocinou a construção de um teatro e sala de concertos em Irkutsk; embora ela, assim como o marido, houvesse sido privada do título nobiliárquico, os convites para seus saraus e jantares eram muito cobiçados, sendo comentados até em Moscou e São Petersburgo.[35]

No começo do século XX, o sistema já abandonara parte de seu rigor. A moda da reforma carcerária que se disseminara pela Europa no século anterior finalmente chegara também à Rússia. Os regimes prisionais se tornaram mais

[30] GARF, 9414/1/76.
[31] Kaczynska, pp. 44-64.
[32] Ibid., p. 161.
[33] Tchekhov, p. 52.
[34] Kaczynska, pp. 161-74.
[35] Sutherland, pp. 271-302.

brandos, e o policiamento, mais indulgente.[36] De tato, em contraste com o que viria depois, a rota para a Sibéria agora parecia, se não exatamente aprazível, pelo menos não uma punição pesada para o pequeno grupo de homens que lideraria a Revolução

Russa. Na prisão, os bolcheviques, por serem condenados presos políticos e não criminosos, usufruíam tratamento relativamente benévolo e podiam ter livros e material de escrita. Grigory Ordzhonikidze, um dos chefes bolcheviques, mencionaria que leu Adam Smith, David Ricardo, Plekhanov, William James, Frederick W. Taylor, Dostoievski e Ibsen (entre outros autores) quando preso na fortaleza Schlüsselberg, em São Petersburgo.[37] Pelos padrões posteriores, os bolcheviques também estavam bem alimentados, bem trajados e até muito bem penteados. Uma foto de Trotski quando prisioneiro na fortaleza de Pedro e Paulo, em 1906, mostra-o de óculos, terno, gravata e camisa de colarinho admiravelmente alvo. A vigia na porta atrás dele é a única pista do lugar onde se encontrava.[38] Outra foto, tirada no degredo na Sibéria oriental, em 1900, mostra Trotski de capote e gorro de pele, rodeado por outros homens e mulheres, também de botas e peles.[39] Meio século depois, todos esses itens seriam luxos raros no Gulag.

E, quando a vida no degredo czarista se tornava insuportavelmente desagradável, havia sempre a opção de fugir. O próprio Stalin foi preso e degredado quatro vezes. Escapou três vezes, uma da província de Irkutsk e duas da de Vologda - região que depois ficaria salpicada de campos do Gulag.[40] Em conseqüência, adquiriu um desdém ilimitado pela "moleza" do regime czarista. Dimitri Volkogonov, seu biógrafo russo, caracterizou assim a opinião de Stalin: "A gente não precisa trabalhar, pode ler quanto quiser e pode até fugir, bastando ter vontade".[41]

Desse modo, a vivência siberiana proporcionou aos bolcheviques um modelo anterior que eles poderiam aperfeiçoar - e uma lição sobre a necessidade de regimes punitivos excepcionalmente severos.

Se o Gulag é parte integral da história russa e soviética, também é indissociável da história européia: no século XX, a URSS não foi o único país do continente a ter desenvolvido uma ordem social totalitária, nem a ter erigido um sistema de campos de concentração. Embora não seja a intenção deste livro comparar e contrastar os campos soviéticos com os nazistas, o assunto tampouco pode ser comodamente deixado de lado. Os dois sistemas foram construídos mais ou menos na mesma época. Hitler sabia do Gulag, e Stalin sabia do Holocausto. Houve prisioneiros que vivenciaram e descreveram os campos de ambos os sistemas. Num nível muito profundo, os dois eram aparentados.

Antes de tudo, eram aparentados porque tanto o nazismo quanto o comunismo surgiram da experiência brutal da Primeira Guerra Mundial e, logo na seqüência, da Guerra Civil Russa. Na época, os métodos de "guerra

---

[36] Adams, pp. 4-11.
[37] Volkogonov, Stalin, p. 9.
[38] Esta fotografia está, entre outros, em Figes.
[39] Esta fotografia está em Volkogonov, Trotsky.
[40] Bullock, pp. 28-45.
[41] Volkogonov, Stalin, p. 9.

industrializada" amplamente utilizados durante tais conflitos geraram enorme reação intelectual e artística. Menos notado - exceto, é claro, pelos milhões de vítimas - foi o uso generalizado de métodos igualmente "industrializados" de encarceramento. A partir de 1914, os dois lados construíram pela Europa afora campos de internamente e campos de prisioneiros de guerra. Em 1918, havia 2,2 milhões de prisioneiros de guerra em território russo. A nova tecnologia - a produção em massa de armas de fogo, tanques e até arame farpado - possibilitou esses e os campos posteriores. De fato, alguns dos primeiros campos soviéticos foram construídos sobre campos de prisioneiros da Primeira Guerra Mundial.[42]

Os campos soviéticos e nazistas também são aparentados porque, juntos, se inserem na história mais ampla dos campos de concentração, a qual começou em fins do século XIX. Com o termo "campos de concentração", refiro-me a campos construídos para encarcerar pessoas não pelo que elas fizeram, mas pelo que elas eram. Diferentemente dos campos de criminosos condenados e dos campos de prisioneiros de guerra, os de concentração foram criados para um tipo específico de prisioneiro civil não-criminoso, membro de um grupo "inimigo" ou, pelo menos, de uma categoria de pessoa que, pela raça ou suposta tendência política, era considerada perigosa ou estranha à sociedade.[43]

Segundo tal definição, os primeiros campos de concentração modernos foram estabelecidos não na Alemanha, nem na Rússia, mas na Cuba colonial, em 1895. Naquele ano, num esforço para pôr fim a uma série de insurreições locais, o poder imperial espanhol começou a preparar uma política destinada a tirar os camponeses cubanos da terra e "reconcentrá-los" em campos, assim privando os insurgentes de alimento, abrigo e apoio. Em 1900, a palavra espanhola reconcentración já fora traduzida para o inglês e estava sendo usada para descrever um projeto britânico parecido, iniciado por motivos semelhantes, durante a Guerra dos Bôeres, na África do Sul: os civis daquele povo eram concentrados" em campos, de modo a negar guarida e amparo aos combatentes bôeres.

A partir de então, a idéia se disseminou ainda mais. Um exemplo: parece que o termo konstlager surgiu em russo como tradução do inglês concentration camp, provavelmente graças à familiaridade de Trotski com a história da Guerra dos Bôeres.[44] Em 1904, colonizadores alemães no Sudoeste Africano também adotaram o modelo britânico - com uma variação. Em vez de simplesmente aprisionarem os habitantes nativos da região (uma tribo chamada herero), eles os fizeram realizar trabalhos forçados para a colônia alemã.

Há vários vínculos estranhos e inquietantes entre esses primeiros campos de trabalhos forçados germano-africanos e os construídos na Alemanha nazista três décadas depois. Por exemplo, foi graças a tais campos de trabalho no sul da África que a palavra Konzentrationslager (campo de concentração) apareceu pela primeira vez na língua alemã, em 1905. O primeiro comissário imperial do Sudoeste Africano Alemão foi um certo dr. Heinrich Göring, pai do Hermann que, em 1933, estabeleceria os primeiros campos nazistas. Também foi naqueles campos africanos que se realizaram as primeiras experiências

[42] Kotek e Rigoulot, pp. 97-107; Okhatin e Roginskii, pp. 11-12.
[43] Desenvolvi esta definição em "A History of Horror".
[44] Geller, p. 43.

médicas alemãs com cobaias humanas: Theodor Mollison e Eugen Fischer, dois dos professores de Joseph Mengele, fizeram pesquisas com os hereros; Fischer o fez na tentativa de corroborar suas teorias sobre a superioridade da raça branca. As crenças desses acadêmicos não eram nada incomuns. Em 1912, um best-seller teutônico, o livro O pensamento alemão no mundo, afirmava que nada poderá convencer pessoas racionais de que a preservação de uma tribo de pretos da África meridional é mais importante para o futuro da humanidade do que a expansão das grandes nações européias e da raça branca em geral [...] só quando os povos nativos aprendem a produzir algo de valor a serviço da raça superior [...] é que se pode dizer que eles têm um direito moral de existir.[45]

Embora essa teoria raramente fosse enunciada com tanta clareza, sentimentos parecidos muitas vezes jaziam logo abaixo da superfície da prática colonial. Com certeza, algumas formas de colonialismo tanto reforçavam o mito da superioridade racial branca quanto legitimavam o uso da violência contra outra raça. Por conseguinte, pode-se argumentar que a vivência corruptora de alguns colonizadores ajudou a abrir caminho para o totalitarismo europeu no século XX.[46] E não apenas europeu: a Indonésia é um exemplo de Estado pós-colonial cujos governantes começaram aprisionando seus críticos em campos de concentração, tal qual os colonizadores haviam feito.

O Império Russo, que com muito sucesso conquistara seus próprios povos nativos na marcha para o leste, não era exceção.[47] Durante um dos jantares festivos que acontecem no romance Ana Karenina, de Tolstoi, o marido da protagonista (o qual tinha algumas responsabilidades oficiais sobre "tribos nativas") pontifica acerca da necessidade de que as culturas superiores absorvam as inferiores.[48] Em algum grau, os bolcheviques, assim como todos os russos instruídos, deviam estar cientes de que o Império dizimara os quirguizes, buriatas, tungúsios e outros. O fato de que isso não interessasse particularmente a esses revolucionários - logo eles, de resto tão preocupados com o destino dos oprimidos - já indica algo de seus pressupostos tácitos.

Por outro lado, para desenvolver os campos de concentração europeus, dificilmente se faria necessário ter total ciência da história da África meridional ou da Sibéria oriental: no início do século XX, a idéia de que alguns tipos de pessoa são superiores a outros já era bastante comum na Europa. E isso, enfim, é o que liga no sentido mais profundo os campos soviéticos e nazistas: em parte, ambos os regimes se legitimavam pelo estabelecimento de categorias de "inimigos" e "subumanos" aos quais perseguiam e destruíam em escala maciça.

Na Alemanha nazista, os primeiros alvos foram os aleijados e os retardados. Posteriormente, os nazistas se concentraram nos ciganos, nos homossexuais e, sobretudo, nos judeus. Na URSS, as vítimas foram primeiro a "gente de antes" (supostos partidários do antigo regime) e depois os "inimigos do povo", termo vago que viria a abranger não apenas os pretensos opositores políticos do regime, mas também certos grupos nacionais e étnicos, caso eles parecessem (por motivos igualmente vagos) ameaçar o Estado soviético ou o

---

[45] Citado em Kotek e Rigoulot, p. 92.
[46] Este relato da pré-história dos campos de concentração vem de Kotek e Rigoulot, pp. 1-94.
[47] Kaczynska, pp. 270-85.
[48] L. Tolstoy, pp. 408-12.

poder stalinista. Em épocas diferentes, Stalin procedeu a prisões em massa de poloneses, baltas, tchetchenos, tártaros e (às vésperas da morte) judeus.[49]

Embora tais categorias nunca fossem inteiramente arbitrárias, elas também nunca foram inteiramente estáveis. Meio século atrás, Hannah Arendt escreveu que tanto o regime nazista quanto o bolchevique criaram "opositores objetivos" ou "inimigos objetivos", cuja "identidade muda conforme as circunstâncias predominantes - de modo que, tão logo uma categoria é liquidada, se pode declarar guerra a outra". Da mesma forma, ela acrescentava, "a função da polícia totalitária não é descobrir crimes, e sim estar à mão quando o governo resolve prender determinada categoria da população".[50] Mais uma vez, as pessoas eram aprisionadas não pelo que tinham feito, mas pelo que eram.

Em ambas as sociedades, a criação dos campos de concentração foi, na realidade, o estágio final num longo processo de desumanização desses inimigos objetivos - processo que teve início com a retórica.

Na autobiografia Minha luta, Hitler explicou como ele de súbito percebera que os judeus eram responsáveis pelos problemas da Alemanha e que, na vida em sociedade, "todo empreendimento escuso, toda forma de infâmia", estava ligado aos judeus: "ao examinar-se aquele tipo de abscesso com o bisturi, descobria-se de imediato, qual larva num corpo putrescente, um judeuzinho que muitas vezes ficava ofuscado pela brusquidão da luz".[51]

Lênin e Stalin também começaram culpando "inimigos" pelos inumeráveis fracassos econômicos da URSS: tratava-se de "destruidores", "sabotadores", agentes de potências estrangeiras. A partir do final dos anos 1930, à medida que a onda de prisões começava a expandir-se, Stalin levava essa retórica a novos extremos, acusando publicamente seus opositores de serem uma "imundície" que precisava "submeter-se a limpeza contínua" - tal qual a propaganda nazista identificaria os judeus a imagens de bichos nocivos, parasitas, doenças infecciosas.[52]

Uma vez demonizado o inimigo, o isolamento legal dele começava para valer. Antes que tivessem sido arrebanhados e deportados para os campos de concentração nazistas, os judeus foram privados da condição de cidadãos alemães. Viram-se proibidos de trabalhar no funcionalismo público, na advocacia, na magistratura; proibidos de desposar arianos; proibidos de freqüentar escolas arianas; proibidos de ostentar a bandeira alemã; forçados a usar estrelas de Davi amarelo-ouro; e sujeitos a espancamentos e humilhações na rua.[53] Antes que se tivesse chegado a prendê-los na URSS de Stalin, os "inimigos" também eram rotineiramente humilhados em assembléias públicas, demitidos de seus empregos, expulsos do Partido Comunista, abandonados pelos cônjuges indignados e publicamente acusados pelos filhos furiosos.

Dentro dos campos, o processo de desumanização se aprofundava e radicalizava, ajudando tanto a intimidar as vítimas quanto a reforçar a crença dos vitimadores na legitimidade do que estavam fazendo. Em seu livro-

---

[49] Ver Martin, The Affirmative Action Empire, para uma reflexão mais aprofundada sobre a atitude de Stalin em relação a grupos étnicos "inimigos".
[50] Arendt, pp. 122-23.
[51] Bullock, p. 24.
[52] Weiner, "Nature, Nurture and Memory in a Socialist Utopia".
[53] Bullock, p. 488.

entrevista com Franz Stangl (o comandante de Treblinka), a escritora Gitta Sereny lhe perguntou por que os prisioneiros do campo, antes de serem mortos, eram também espancados, humilhados e privados das roupas. Stangl respondeu: "Para condicionar quem tinha de levar as ações a cabo. Para possibilitar que eles fizessem o que faziam".[54] Em A ordem do terror: o campo de concentração, o sociólogo alemão Wolfgang Sofsky também demonstrou de que maneira a desumanização dos prisioneiros nos campos nazistas era metodicamente inserida em todos os aspectos da vida ali, desde os uniformes rotos e idênticos até a expectativa constante da morte, passando pela abolição da privacidade e pelo regulamento severíssimo.

Veremos que, no sistema soviético, o processo de desumanização também começava no momento da prisão, quando os presos eram privados das roupas e da própria identidade, viam-lhes negado o contato com gente de fora e eram torturados, interrogados e submetidos a julgamentos farsescos, isso quando chegavam de fato a ser julgados. Numa peculiaridade tipicamente soviética do processo, os prisioneiros eram, de maneira proposital, "excomungados" da vida social, proibidos de chamarem uns aos outros de "camarada" e, a partir de 1937, proibidos de receber o cobiçado título de "trabalhador de choque", não importando quão bem se comportassem ou quão duro trabalhassem. Segundo muitos relatos de prisioneiros, os retratos de Stalin, que eram expostos nos lares e repartições por toda a URSS, quase nunca apareciam no interior dos campos e prisões.

Nada disso significa que os campos soviéticos e nazistas fossem idênticos. Conforme qualquer leitor com algum conhecimento geral do Holocausto descobrirá no decorrer deste livro, a vida no sistema de campos soviético diferia de muitas maneiras (quer sutis, quer óbvias) da vida no sistema de campos nazista. Havia diferenças na organização do cotidiano e do trabalho, diferentes tipos de guardas e punições, diferentes tipos de propaganda. O Gulag durou muitíssimo mais e passou por ciclos de relativa crueldade e relativa humanidade. A história dos campos nazistas é mais curta e apresenta menos variações: eles simplesmente se tornaram cada vez mais cruéis, até serem destruídos pelos alemães em retirada ou libertados pelos Aliados. O Gulag também continha variedade maior de campos, desde as letais minas auríferas da região de Kolyma até os "luxuosos" institutos secretos nas cercanias de Moscou, onde cientistas aprisionados projetavam armas para o Exército Vermelho. Embora existissem diferentes espécies de campo no sistema nazista, a gama era muitíssimo menor.

Sobretudo, duas diferenças entre os sistemas me parecem fundamentais. Em primeiro lugar, a definição de "inimigo" na URSS sempre foi muito mais vaga que a de "judeu" na Alemanha nazista. Nesta, com número muito pequeno de exceções incomuns, nenhum judeu podia alterar sua condição, nenhum judeu preso num campo podia ter esperança racional de escapar à morte, e todos os judeus estavam cientes disso o tempo todo. Embora milhões de prisioneiros soviéticos temessem pela própria vida - e milhões deles tenham realmente morrido -, não havia nenhuma categoria de prisioneiro cuja morte estivesse absolutamente garantida. Por vezes, certos presos podiam melhorar sua situação em postos de trabalho relativamente confortáveis, como os de engenheiro ou geólogo. Em cada campo, havia uma hierarquia de prisioneiros,

---

[54] Sereny, p. 101.

na qual alguns eram capazes de subir à custa (ou com a ajuda) de outros. Outras vezes - quando o Gulag se via sobrecarregado de mulheres, crianças e idosos, ou quando se necessitava de soldados para a frente de batalha -, os presos era soltos graças a anistias maciças. Em certos momentos, acontecia que categorias inteiras de "inimigo" se beneficiavam subitamente de uma mudança de condição. Em 1939, por exemplo, no começo da Segunda Guerra Mundial, Stalin prendeu centenas de milhares de poloneses - e depois, em 1941, ele os libertou de chofre, quando a Polônia e a URSS se tornaram temporariamente aliadas. O oposto também se aplicava: na URSS, os próprios opressores podiam virar vítimas. Guardas e administradores do Gulag e até altos funcionários da polícia secreta também podiam ser aprisionados e condenados aos campos. Em outras palavras, nem todas as "víboras" conseguiam manter as presas - e não havia nenhum grupo específico de prisioneiros soviéticos que vivesse na expectativa constante da morte.[55]

Em segundo lugar (conforme, mais uma vez, ficará claro no decorrer do livro), o propósito primordial do Gulag, segundo tanto a linguagem privada quanto a propaganda pública daqueles que o fundaram, era econômico. Isso não significa que o sistema fosse humanitário. Nele, os prisioneiros eram tratados como gado, ou melhor, como pedaços de minério de ferro. Os guardas os faziam ir para lá e para cá a seu bel-prazer, embarcando-os e desembarcando-os de vagões de gado, pesando-os e medindo-os, alimentando-os se parecia que poderiam vir a ser úteis, deixando-os à míngua quando não o eram. Para usarmos a linguagem marxista, os prisioneiros eram explorados, reificados e mercantilizados. A menos que fossem produtivos, suas vidas não valiam nada para seus senhores.

Sua vivência, porém, era muito diferente daquela dos judeus e dos outros prisioneiros que os nazistas enviavam para um grupo especial de campos que se chamavam não Konzentrationslager, mas Vernichtungslager - campos que não era realmente "campos de trabalhos forçados", e sim usinas da morte. Havia quatro deles: Belzec, Chelmno, Sobibor e Treblinka. Já Majdanek e Auschwitz continham tanto campos de trabalhos forçados quanto campos de extermínio. Ao entrarem nesses campos, os prisioneiros passavam por uma "seleção". Um número ínfimo era designado para algumas semanas de trabalhos forçados. O restante era mandado direto para as câmaras de gás, onde os assassinavam e então cremavam de imediato.

Até onde pude comprovar, essa forma específica de homicídio, praticada no auge do Holocausto, não teve equivalente na URSS. É bem verdade que esse último país encontrou outras maneiras de chacinar centenas de milhares de cidadãos. Geralmente, eles eram conduzidos à noite para uma floresta, alinhados, baleados na nuca e enterrados em sepulturas coletivas antes mesmo de chegarem perto de um campo de concentração - modalidade de homicídio não menos "industrializada" e anônima que a usada pelos nazistas. Há mesmo histórias de que a polícia secreta soviética usou gás de escapamento (uma forma primitiva de gás venenoso) para matar prisioneiros, da mesma forma que os nazistas fizeram no começo.[56] No Gulag, os prisioneiros também morriam, em geral graças não à eficiência dos captores, e sim à incompetência e à negligência crassas.[57] Em certos campos soviéticos

---

[55] Fico agradecida a Terry Martin por me ajudar a esclarecer este ponto.
[56] Shreider, p. 5.
[57] Lynne Viola é quem faz esta colocação sobre exilados kulaks.

em determinadas épocas, a morte era praticamente certa no caso dos escolhidos para cortar árvores nas florestas hibernais ou trabalhar nas piores minas auríferas de Kolyma. Prisioneiros também eram trancados em celas punitivas até morrerem de frio ou inanição, largados sem tratamento em hospitais subaquecidos ou simplesmente baleados por "tentativa de fuga" quando dava na telha dos guardas. Entretanto, o sistema soviético de campos como um todo não era propositalmente organizado para produzir cadáveres em escala industrial - mesmo que às vezes o resultado fosse esse.

São distinções sutis, mas importantes. Embora o Gulag e Auschwitz realmente pertençam à mesma tradição intelectual e histórica, eles ainda assim são fenômenos separados e diferentes, tanto um do outro quanto dos sistemas de campos estabelecidos por outros regimes. A idéia de campo de concentração talvez seja genérica o bastante para que a usem em culturas e situações muito diversas, mas até um estudo superficial da história transcultural desse tipo de campo revela que os detalhes específicos - como se organizava a vida, como o estabelecimento se desenvolvia no decorrer do tempo, quão rígido ou desorganizado se tornava, quão cruel ou liberal permanecia - dependiam do país, do regime político e da cultura.[58] Para quem estava encurralado atrás do arame farpado, esses detalhes eram cruciais para a vida, a saúde e a sobrevivência.

Na realidade, lendo os relatos daqueles que sobreviveram a ambos os sistemas de campos, impressionam mais as diferenças entre as vivências das vítimas do que as diferenças entre os dois sistemas de campos. Cada história tem suas características próprias, cada campo apresentava tipos diferenciados de horror para pessoas de caráter diferente. Na Alemanha, podia-se morrer pela crueldade; na Rússia, pela desesperança. Em Auschwitz, podia-se morrer na câmara de gás; em Kolyma, congelar na neve até a morte. Podia-se morrer numa floresta alemã ou num ermo siberiano, num acidente de mineração ou num vagão de gado. Mas, ao fim e ao cabo, cada um tinha sua história de vida.

# Parte I - AS ORIGENS DO GULAG (1917-39)

## 1. PRIMÓRDIOS BOLCHEVIQUES

Teu espinhaço foi esmagado,

*Minha época bela e lastimável,*
*E, com sorriso inane,*
*Olhas para trás, cruel e fraca,*
*Tal qual bicho que já passou do apogeu,*
*Para as marcas de suas patas.*
Osip Mandelstam, "Vek"[59]

*Um de meus objetivos é destruir o mito de que a fase mais cruel da repressão*

[58] Ver Applebaum, "A History of Horror", para mais detalhes.
[59] De Stekla vechnosti, pp. 172-73.

*começou em 1936-7. Penso que, no futuro, as estatísticas mostrarão que a onda de prisões, condenações e degredos já se iniciara no começo de 1918, antes mesmo da declaração oficial, naquele outono, do "Terror Vermelho". A partir daquele momento, a onda simplesmente ficou cada vez maior, até a morte de Stalin.*

Dmitrii Likhachev, Vospominaniya[60]

No ano de 1917, duas ondas revolucionárias cobriram a Rússia, varrendo a sociedade imperial como se esta fosse um castelo de cartas. Depois que o czar Nicolau abdicou (em fevereiro), tornou-se extremamente difícil que alguém conseguisse deter ou controlar os acontecimentos. Alexander Kerensky, o líder do primeiro governo provisório pós-revolucionário, escreveria que, no vácuo subseqüente ao colapso do antigo regime, "todos os programas políticos e táticos existentes, não importando quão ousados e bem concebidos, pareciam flutuar no espaço, sem rumo e sem utilidade".[61]

Mas, embora o governo provisório fosse fraco, embora o descontentamento popular fosse generalizado, embora a raiva com a carnificina causada pela Primeira Guerra Mundial fosse grande, poucos contavam que o poder caísse nas mãos dos bolcheviques, um dos vários partidos socialistas radicais que agitavam a favor de mudanças ainda mais rápidas. Fora do país, eles eram muito pouco conhecidos. Uma narrativa apócrifa ilustra muito bem a atitude estrangeira: consta que, em 1917, um burocrata entrou às pressas no gabinete do ministro do Exterior austríaco, gritando: "Excelência, houve uma revolução na Rússia!" O ministro riu com desdém: "Quem conseguiria fazer uma revolução lá? Com certeza não esse inofensivo herr Trotski, lá no Café Central?"

Se o caráter dos bolcheviques era um mistério, seu líder, Vladimir Iliich Ulianov (o homem que o mundo viria a conhecer pelo pseudônimo revolucionário "Lênin"), o era ainda mais. Durante seus muitos anos de revolucionário refugiado no exterior, Lênin fora reconhecido por conta de seu brilhantismo, mas também antipatizado por causa de sua imoderação e seu sectarismo. Vivia arrumando briga com outros líderes socialistas e tinha o pendor de transformar em grandes polêmicas as discordâncias menores sobre questões dogmáticas aparentemente irrelevantes.[62]

Nos primeiros meses após a Revolução de Fevereiro, Lênin esteve muito longe de ocupar uma posição de autoridade inconteste, mesmo dentro de seu próprio partido. Ainda em meados de outubro de 1917, um punhado de lideranças bolcheviques se opunha a seu plano de desfechar um golpe de Estado contra o governo provisório; argumentavam que o Partido não estava pronto para tomar o poder e nem sequer tinha apoio popular. Lênin, porém, ganhou a discussão, e, em 25 de outubro, ocorreu o golpe. Sob a influência da agitação promovida por Lênin, uma turba saqueou o Palácio de Inverno. Os bolcheviques prenderam os ministros do governo provisório. Num período de horas, Lênin se tornara o líder do país, que ele rebatizou de Rússia Soviética.

No entanto, embora Lênin houvesse logrado tomar o poder, seus críticos

---

[60] Likhachev, Vospominania, p. 118.
[61] Pipes, pp. 336-37.
[62] Ver, por exemplo, Service, Lenin.

bolcheviques não estavam de todo errados. Os bolcheviques estavam mesmo muitíssimo despreparados. Em conseqüência, a maioria das decisões iniciais deles, aí incluída a criação do Estado unipartidário, foi tomada para atender às necessidades do momento. O apoio popular aos bolcheviques era realmente fraco, e quase de imediato eles começaram a travar uma sangrenta Guerra Civil, apenas para que pudessem permanecer no poder. A partir de 1918, quando o Exército Branco (dos partidários do antigo regime) se reagrupou para combater o recém-criado Exército Vermelho (liderado pelo "herr Trotski" do "Café Central"), ocorreram nas regiões rurais da Rússia alguns dos combates mais brutais e encarniçados já vistos na Europa. E nem toda a violência se limitava aos campos de batalha. Os bolcheviques se desdobravam para suprimir todo tipo de oposição intelectual e política, atacando não apenas os representantes do antigo regime, mas também outros socialistas - mencheviques, anarquistas, social-revolucionários. Só em 1921 o novo Estado soviético conheceria relativa paz.[63]

Nesse contexto de improvisação e violência, nasceram os primeiros campos soviéticos de trabalhos forçados. Assim como muitas outras instituições da URSS, foram criados de modo contingencial, às pressas, como medida de emergência no calor da Guerra Civil. Isso não significa que a idéia já não se mostrara atraente. Três semanas antes da Revolução de Outubro, o próprio Lênin esboçava um plano (vago, é verdade) para organizar um "serviço laborai obrigatório", destinado a capitalistas ricos. Em janeiro de 1918, irado com a intensidade da resistência antibolchevique, ele foi ainda mais veemente, escrevendo que veria com bons olhos "a prisão desses sabotadores bilionários que viajam em vagões de primeira classe. Sugiro sentenciá-los a seis meses de trabalhos forçados nas minas".[64]

A visão de Lênin dos campos de trabalhos forçados como forma especial de punição para certo tipo de "inimigo" burguês se coadunava com outras crenças suas sobre o crime e os criminosos. Por um lado, o primeiro líder soviético era ambivalente no que se referia ao encarceramento e punição dos criminosos tradicionais (ladrões, punguistas, homicidas), os quais considerava aliados em potencial. Na perspectiva de Lênin, a causa básica dos "excessos sociais", ou seja, da criminalidade, era "a exploração das massas". A eliminação dessa causa, acreditava ele, "levará ao esvanecimento dos excessos". Assim, não era necessário impor nenhuma punição especial para deter os criminosos: com o tempo, a própria Revolução os faria desaparecer. Por isso, parte da linguagem no primeiro Código Penal bolchevique teria reconfortado os reformadores penais mais radicais e progressistas do Ocidente. Entre outras coisas, o Código estabelecia que "não existe culpa individual" e que a punição "não deve ser encarada como vingança".[65]

Por outro lado, Lênin - assim como os teóricos jurídicos bolcheviques que o seguiram - também supunha que a criação do Estado soviético daria origem a um novo tipo de inimigo: o "inimigo de classe". Este se opunha à Revolução e trabalhava às claras (ou, mais freqüentemente, às escondidas) para destruí-la. O inimigo de classe era mais difícil de identificar que o inimigo comum, e muito mais difícil de regenerar. Diferentemente do que acontecia com o criminoso comum, nunca se podia confiar no inimigo de classe para cooperar com o

---

[63] Pipes, pp. 439-505; Figes, pp. 474-551.
[64] Geller, pp. 23 e 24.
[65] Jakobson, pp. 18-26.

regime soviético, e ele exigia punição mais severa que a dada ao homicida ou ladrão comum. Em maio de 1918, por conseguinte, o primeiro "decreto da propina" promulgado pelos bolcheviques determinava:

> Se o culpado de receber ou oferecer propina pertencer às classes ricas e usá-la para conservar ou adquirir privilégios relacionados aos direitos de propriedade, ele deverá ser condenado aos trabalhos forçados mais severos e rudes, e todas as suas posses deverão ser confiscadas.[66]

Em outras palavras, desde os primeiros dias do Estado soviético, as pessoas seriam condenadas a cumprir pena não pelo que fizessem, mas pelo que fossem.

Infelizmente, ninguém jamais forneceu uma explicação clara do que exatamente era um "inimigo de classe". Como conseqüência, o número de detenções de todo tipo aumentou em grau enorme após o golpe bolchevique. A partir de novembro de 1917, tribunais revolucionários, compostos de "partidários" da Revolução escolhidos de modo aleatório, começaram a condenar de maneira também aleatória "inimigos" da Revolução. Penas de prisão, de trabalhos forçados e até de morte se aplicavam arbitrariamente a banqueiros, esposas de comerciantes, "especuladores" (com o que se referiam a qualquer pessoa dedicada à atividade econômica independente), ex-carcereiros czaristas e todo o mundo que parecesse suspeito.[67]

A definição do que e de quem não era "inimigo" também variava de um lugar para outro, às vezes coincidindo com a de "prisioneiro de guerra". Ao ocupar uma cidade, o Exército Vermelho, de Trotski, freqüentemente fazia reféns burgueses, que poderiam ser fuzilados caso o Exército Branco voltasse, como muitas vezes acontecia ao longo das linhas cambiantes da frente de batalha. Nesse ínterim, tais reféns podiam ser postos para fazer trabalhos forçados, com freqüência abrindo trincheiras e construindo barricadas.[68] A distinção entre presos políticos e criminosos comuns era igualmente arbitrária. Membros sem instrução das comissões e tribunais revolucionários temporários poderiam, por exemplo, resolver de súbito que um homem que fora apanhado ao viajar de trem sem ter pago passagem cometera delito contra a sociedade e condená-lo por crimes políticos.[69] No fim das contas, muitas de tais decisões eram deixadas aos policiais ou soldados que faziam as prisões. Feliks Dzerzhinsky, fundador da Cheka (a polícia secreta de Lênin, antecessora da KGB), mantinha um caderninho preto no qual anotava os nomes e endereços de "inimigos" com os quais deparava aleatoriamente ao fazer seu trabalho.[70]

Essas distinções continuariam vagas até o próprio colapso da URSS, oitenta anos depois. No entanto, a existência de duas categorias de presos - "político" e "comum" - teve profundo efeito sobre a formação do sistema penal soviético. Durante a primeira década de domínio bolchevique, as penitenciárias soviéticas até se cindiram em dois tipos, um para cada categoria. A divisão surgiu espontaneamente, como resposta ao caos do sistema prisional existente. Logo nos primeiros dias da Revolução, todos os prisioneiros eram encarcerados sob

---

[66] Dekrety, vol. II, pp. 241-42, e vol. III, p. 80. Também Geller, p. 10; Pipes, pp. 793-800.

[67] Jakobson, pp. 18-26; Decreto "On Revolutionary Tribunais" [Sobre os Tribunais revolucionários] in Sbornik, 19 de dezembro, 1917, pp. 9-10.

[68] Hoover, Coleção Melgunov, Caixa 1, Pasta 63.

[69] Okhotin e Roginskii, p. 13.

[70] RGASPI, 76/3/1 e 13.

a jurisdição de alguma autoridade "tradicional" (primeiro o Comissariado da Justiça, depois o Comissariado do Interior) e colocados no sistema prisional "comum". Ou seja, eram jogados nos remanescentes do sistema czarista, em geral nas prisões de pedra, sujas e sombrias, que ocupavam localização central em todos os grandes centros. Nos anos revolucionários de 1917 a 1920, essas instituições ficaram em total confusão. Turbas tinham invadido as cadeias, comissários autodesignados haviam demitido os guardas, prisioneiros tinham recebido amplas anistias ou simplesmente ido embora.[71]

Quando os bolcheviques assumiram o controle, as poucas prisões que continuavam funcionando eram superlotadas e inadequadas. Já algumas semanas após a Revolução, o próprio Lênin exigia "medidas extremas para melhoria imediata do abastecimento de alimentos às prisões de Petrogrado".[72] Alguns meses depois, um integrante da Cheka de Moscou visitou a prisão Taganskaya e relatou "um frio e uma sujeira terríveis", assim como tifo e fome. A maioria dos detentos não podia cumprir suas penas de trabalhos forçados porque não tinha roupas. Uma matéria de jornal alegava que a prisão Batyrka, também em Moscou, projetada para abrigar mil presos, já tinha 2.500. Outro jornal se queixava de que os Guardas Vermelhos "prendem assistematicamente centenas de pessoas todos os dias e não sabem o que fazer com elas".[73]

A superlotação suscitava soluções "criativas". Na falta de coisa melhor, as novas autoridades encarceravam presos em porões, sótãos, palácios vazios e velhas igrejas. Um sobrevivente recordaria que foi colocado no porão de uma casa abandonada, num único cômodo com cinqüenta pessoas, nenhuma mobília e pouca comida: quem não recebia alimento das próprias famílias simplesmente morria de inanição.[74] Em dezembro de 1917, uma comissão da Cheka discutiu o destino de 56 presos diversos ("ladrões, bêbados e 'políticos' variados") que estavam sendo mantidos no porão do Instituto Smolny, o quartel-general de Lênin em Petrogrado.[75]

Nem todos sofriam com as condições caóticas. Em 1918, Robert Bruce Lockhart, diplomata britânico acusado de espionagem (com justiça, aliás), foi aprisionado num porão do Kremlin. Ele se ocupava jogando paciência e lendo Tucídides e Carlyle. De tempos em tempos, um ex-serviçal imperial lhe trazia chá quente e jornais.[76]

Mas, mesmo nas cadeias tradicionais remanescentes, o regime prisional era imprevisível, e os carcereiros, inexperientes. Na cidade de Vyborg, no norte da Rússia, um preso descobriu que, no bagunçado mundo pós-revolucionário, seu antigo motorista se tornara guarda de prisão. O homem ficou encantado em ajudar o ex-patrão a ir para uma cela melhor (mais seca) e, por fim, a escapar.[77] Um coronel do Exército Branco também lembraria que, em dezembro de 1917, na prisão de Petrogrado, os detentos entravam e saíam à vontade e os sem-teto dormiam nas celas durante a noite. Recordando aquele

---

[71] Jakobson, pp. 10-17; Okhotin e Roginskii, pp. 10-24.
[72] Dekrety, vol I, p. 401.
[73] Hoover, Coleção Melgunov, Caixa 1, Pasta 4.
[74] Anônimo, Vo vlasti Gubcheka, pp. 3-11.
[75] Hoover, Coleção Melgunov, Caixa 1, Pasta 4.
[76] Lockhart, pp. 326-45.
[77] S. G. Eliseev, "Tyuremnyi dnevnik", in Uroki, pp. 17-19.

tempo, um alto funcionário soviético diria que "só os muito preguiçosos não fugiam".[78]

A confusão obrigou a Cheka a apresentar soluções novas - os bolcheviques não podiam permitir que seus "verdadeiros" inimigos ficassem no sistema prisional comum. Cadeias caóticas e guardas indolentes podiam servir para punguistas e delinqüentes juvenis; mas, para os sabotadores, parasitas, especuladores, oficiais do Exército Branco, padres, capitalistas burgueses e outros que tanto assomavam na imaginação bolchevique, eram necessárias soluções mais criativas.

Uma delas foi encontrada já em 4 de junho de 1918, quando Trotski requereu que um grupo de prisioneiros tchecos refratários fosse pacificado, desarmado e colocado num konstlager - campo de concentração. Doze dias depois, num memorando endereçado ao governo soviético, Trotski tornou a falar em campos de concentração, prisões ao ar livre nas quais

> a burguesia das cidades e vilarejos [...] deverá ser mobilizada e organizada em batalhões de retaguarda para fazer serviço braçal - limpar casernas, acampamentos e ruas, cavar trincheiras etc. Quem se recusar deverá ser multado e mantido na cadeia até pagar a multa.[79]

Em agosto, Lênin também se utilizou do termo konstlager. Num telegrama aos comissários de Penza (local de um levante antibolchevique), ele demandou que se empregasse "terror em massa contra os kulaks, padres e Guardas Brancos" e que os "elementos indignos de confiança" fossem "aprisionados num campo de concentração fora da cidade".[80] As instalações já existiam: durante o verão de 1918 – na seqüência do Tratado de Brest-Litovsk, que pôs fim à participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial -, o regime libertou 2 milhões de prisioneiros de guerra, e os campos vazios foram de imediato transferidos para a Cheka.[81]

Na época, a Cheka certamente pareceu a entidade ideal para assumir a tarefa de encarcerar "inimigos" em "campos" especiais. Organização totalmente nova, foi concebida para ser "a espada e o escudo" do Partido Comunista, não se subordinando ao governo soviético oficial nem a nenhum departamento deste. Não tinha nenhuma tradição de legalidade, nenhuma obrigação de respeitar o Estado de direito, nenhuma necessidade de consultar a polícia, os tribunais ou o comissário da Justiça. O próprio nome indicava sua condição especial: a Comissão Extraordinária de Combate à Contra-revolução e à Sabotagem, ou (usando as iniciais russas de "Comissão Extraordinária") Ch-K, Cheka. Era "extraordinária" justamente porque existia fora da legalidade "ordinária".

Quase tão logo foi criada, a Cheka recebeu uma dessas tarefas extraordinárias. Em 5 de setembro de 1918, Dzerzhinsky foi instruído a implementar a política do Terror Vermelho, de Lênin. Lançada após um atentado contra a vida desse último, era uma onda de terror (detenções, encarceramentos, assassínios) mais organizada que o terror aleatório dos

---

[78] Okhotin e Roginskii, p. 11.
[79] Geller, p. 43.
[80] Ibid., p. 44; Leggett, p. 103.
[81] Inicialmente, a Cheka era responsável pelos campos juntamente com a Congregação Central de Prisioneiros de Guerra e Refugiados (Tsentroplenbezh). Okhotin e Roginskii, p. 11.

meses anteriores. Na realidade, tratava-se de um componente importante da Guerra Civil, sendo dirigido contra os suspeitos de atuarem para destruir a Revolução na "frente interna". O Terror Vermelho foi sangrento, impiedoso e cruel - tal qual pretendiam seus perpetradores. A Krasnaya Gazeta, órgão do Exército Vermelho, o descreveu:

> Sem piedade, sem moderação, mataremos nossos inimigos às centenas e mais centenas. Ou melhor, aos milhares - deixemos que se afoguem no próprio sangue. Pelo sangue de Lênin [...], deixemos que corram rios de sangue da burguesia - o máximo possível [...].[82]

A política do Terror Vermelho foi crucial na luta de Lênin pelo poder. Os campos de concentração, os chamados "campos especiais", foram cruciais para o Exército Vermelho. Eram mencionados já no primeiro decreto do Terror Vermelho, que determinava não apenas a captura e encarceramento de "representantes importantes da burguesia, proprietários de terras, industriais, comerciantes, padres contra-revolucionários, oficiais anti-soviéticos", mas também o "isolamento deles em campos de concentração".[83] Embora não existam dados confiáveis sobre o número de prisioneiros, havia 21 campos registrados na Rússia no final de 1919. No fim do ano seguinte, eram 107 - cinco vezes mais.[84]

Naquele estágio, contudo, o objetivo dos campos permanecia ambíguo. Os prisioneiros deveriam trabalhar - mas com que propósito? O trabalho se destinava a reabilitá-los? A humilhá-los? Ou a ajudar a construir o Estado soviético? Diferentes líderes e instituições tinham diferentes respostas. Em fevereiro de 1919, o próprio Dzerzhinsky fez um discurso eloqüente para defender o papel dos campos na reabilitação ideológica da burguesia. Os novos campos

> utilizarão a mão-de-obra dos detidos; dos senhores que vivem sem ter ocupação; e dos que só trabalham quando forçados. Tal punição deveria ser aplicada àqueles que atuam em instituições soviéticas e demonstram atitudes inconscienciosas no que se refere ao trabalho, à pontualidade etc. [...] Dessa maneira, criaremos escolas de trabalho.[85]

Mas na primavera de 1919, quando se publicaram os primeiros decretos sobre os campos especiais, prioridades ligeiramente diferentes pareceram assumir a precedência.[86] Os decretos (uma lista surpreendentemente longa de normas e recomendações) sugeriam que cada capital regional estabelecesse um campo, para não menos que trezentas pessoas, "no limite da cidade, ou em construções próximas como mosteiros, grandes propriedades, fazendas etc.". Estipulavam uma jornada de trabalho de oito horas; horas extras e atividade noturna só seriam autorizadas quando "seguissem a lei trabalhista". Os presos ficavam proibidos de receber comida de fora. Permitiam-se visitas de familiares imediatos, mas só nos domingos e feriados. Os presos que tentassem fugir uma vez teriam as penas multiplicadas por dez; os que tentassem de novo

---

[82] Leggett, p. 108.

[83] Decreto "On Red Terror" in Sbornik, 5 de setembro, 1918, p. 11.

[84] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 13.

[85] Istoricheskii Arkhiv, nº 1, 1958, pp. 6-11; Geller, p. 52.

[86] De acordo com o historiador Richard Pipes, Lenin não queria seu nome ligado aos primeiros campos, por isso os decretos eram publicados pelo Comitê Executivo Central dos Sovietes e não pelo Sovnarkom, instituição que ele presidia. (Pipes, p. 834).

seriam punidos com a morte - procedimentos extremamente severos se comparados com a leniente legislação czarista, que os bolcheviques conheciam tão bem. O mais importante: os decretos também deixavam claro que o trabalho dos presos se destinava não apenas a reabilitá-los, mas também a pagar pela manutenção dos campos. Presos com alguma incapacidade física deveriam ser mandados para outro lugar. Os campos deveriam ser auto-sustentáveis. De maneira otimista, os fundadores do sistema acreditavam que ele se pagaria.[87]

Graças ao fluxo irregular de fundos estatais, quem administrava os campos logo se interessou pela idéia de autofinancia-se ou, pelo menos, fazer algum uso prático dos prisioneiros. Em setembro de 1919, um relatório secreto apresentado a Dzerzhinsky se queixava de que as condições sanitárias num campo de trânsito estavam "abaixo da crítica", em grande parte porque deixavam tanta gente doente e incapaz para o trabalho: "Na umidade do outono, não serão lugares para reunir pessoas e empregar sua mão-de-obra, mas viveiros de epidemias e outras enfermidades". Entre outras coisas, o autor propunha que os incapacitados de trabalhar deveriam ser enviados para outro local, assim tornando o campo mais eficiente - tática que depois seria muitas vezes utilizada pela liderança do Gulag. Já naquela época, os responsáveis pelos campos se preocupavam com a doença e a fome só na medida em que presos doentes e famintos não eram presos úteis. A dignidade e a humanidade deles, para nem falar de sua sobrevivência, praticamente não interessavam aos encarregados.[88]

Na prática, aliás, nem todos os comandantes se preocupavam com a reabilitação ou o autofinanciamento. Preferiam, isto sim, punir os ex-abonados, humilhando-os, dando-lhes um gostinho do sofrimento dos trabalhadores. Um relatório da cidade ucraniana de Poltava, redigido por uma comissão de inquérito do Exército Branco após a recaptura temporária do lugar, observava que os burgueses aprisionados durante a ocupação bolchevique haviam recebido tarefas que

> se destinavam a escarnecer deles, tentando aviltá-los. Um detento, por exemplo [...], foi obrigado a limpar com as mãos uma grossa crosta de terra num chão imundo. Mandaram outro limpar um sanitário e [...] lhe deram uma toalha de mesa para fazer o serviço.[89]

É bem verdade que essas sutis diferenças de intenção provavelmente faziam pouca diferença para as muitas dezenas de milhares de presos, muitos dos quais consideravam humilhação suficiente o simples fato de terem sido aprisionados por nenhum motivo. Elas provavelmente também não afetavam as condições de vida dos detentos, as quais eram horrorosas em toda a parte. Um padre enviado para um campo na Sibéria se recordaria da sopa de tripa, dos alojamentos sem eletricidade e do aquecimento praticamente inexistente no inverno.[90] Aleksandr Izgoev, político de destaque no período czarista, foi mandado para um campo ao norte de Petrogrado. No caminho, seu grupo de prisioneiros parou na cidade de Vologda. Em vez de encontrarem a comida quente e as acomodações aquecidas que lhes haviam sido prometidas, os

---

[87] Dekrety, vol.V, pp. 69-70 e 174-81.
[88] RGASPI, 76/3/65.
[89] Hoover, Coleção Melgunov, Caixa 11, Pasta 63.
[90] Anônimo, Vo vlasti Gubcheka, pp. 47-53.

presos foram conduzidos a pé de um lugar para outro, em busca de abrigo. Não se preparara nenhum campo de trânsito para eles. Por fim, foram alojados no que fora uma escola, "com bancos compridos e paredes nuas". Quem tinha dinheiro acabou comprando a própria comida na cidade.[91]

Todavia, esses tipos de maus-tratos caóticos não eram reservados apenas aos prisioneiros. Em momentos decisivos da Guerra Civil, as necessidades emergenciais do Exército Vermelho e do Estado soviético se sobrepunham a tudo o mais, da reabilitação à vingança, passando pelas considerações referentes ao que fosse justo ou injusto. Em outubro de 1918, o comandante da frente setentrional solicitou à comissão militar de Petrogrado oitocentos trabalhadores, urgentemente necessários para abrir estradas e trincheiras. Gomo conseqüência, "vários cidadãos das antigas classes mercantis foram convidados a comparecer ao quartel-general soviético, supostamente para serem registrados para possíveis funções de trabalho em alguma data futura. Quando esses cidadãos apareceram para fazer tal registro, foram presos e mandados ao quartel Semenovsky, onde esperariam até ser despachados para a frente de batalha". Quando nem isso resultou em número suficiente de trabalhadores, o soviete (conselho governante local) de Petrogrado simplesmente cercou parte da Nevsky Prospekt (a principal rua comercial da cidade), prendeu todos os que não tinham carteirinha do Partido nem atestado de que trabalhavam para uma instituição do governo e os fez marchar para um quartel ali perto. Mais tarde, liberaram-se as mulheres, mas os homens foram despachados para o norte; "nenhum dos que foram mobilizados dessa maneira estranha pôde antes resolver seus assuntos de família, despedir-se dos parentes ou obter trajes e calçados adequados".[92]

Embora certamente horrível para os pedestres assim detidos, esse episódio pareceria menos esquisito aos trabalhadores de Petrogrado - porque, mesmo naquele estágio inicial da história soviética, a distinção entre "trabalhos forçados" e trabalho comum era pouco clara. Trotski falava abertamente em transformar o país inteiro num "exército de trabalhadores" ao estilo do Exército Vermelho. Desde cedo, os trabalhadores foram obrigados a registrar-se em repartições centrais do trabalho, de onde podiam ser enviados para qualquer parte do país. Aprovaram-se decretos especiais que proibiam certos tipos de trabalhador (os mineiros, por exemplo) de largar seus empregos. Nesse período de caos revolucionário, os trabalhadores livres tampouco desfrutavam condições de vida muito melhores que as dos presos. Olhando de fora, nem sempre teria sido fácil dizer qual era o local de trabalho e qual era o campo de concentração.[93]

Mas também isso era um prenúncio: durante a maior parte da década seguinte, as definições de "prisão", "campo" e "trabalhos forçados" estariam permeadas de confusão. O controle das instituições penais continuaria mudando constantemente de mãos. Os departamentos responsáveis seriam rebatizados e reorganizados sem cessar, à medida que diferentes comissários e outros burocratas tentavam assumir o controle do sistema.[94]

---

[91] Izgoev, p. 36.
[92] Bunyan, pp. 54-65.
[93] Geller, pp. 55-64; Bunyan, pp. 54-114.
[94] Okhotin e Roginskii, pp. 11-12; ver também Jakobson, para um relato completo das mudanças nos anos 1920, bem como Lin.

No entanto, evidencia-se que, no final da Guerra Civil, já se estabelecera um padrão. A URSS desenvolvera dois sistemas prisionais, com regras, tradições e ideologias distintas. O Comissariado da Justiça (e depois o Comissariado do Interior) administrava o sistema "regular", que lidava principalmente com o que o regime soviético denominava "criminosos". Ainda que esse sistema também fosse caótico na prática, seus presos eram mantidos em prisões tradicionais, e os objetivos declarados de seus administradores, conforme apresentados num memorando interno, seriam perfeitamente compreensíveis em países "burgueses": regenerar os criminosos pelo trabalho correcional - "os presos devem trabalhar para aprender habilidades que possam utilizar a fim de levar vida honesta" - e impedir que cometessem mais crimes.[95]

Ao mesmo tempo, a Cheka (depois rebatizada GPU, OGPU, NKVD, MGB e, por fim, KGB) controlava outro sistema prisional, que de início era conhecido como sistema de "campos especiais", ou "campos extraordinários". Embora a Cheka usasse neles parte da mesma retórica de "reabilitação" e "regeneração", esses campos não se destinavam mesmo a parecer instituições penais comuns. Estavam fora da jurisdição das outras instituições soviéticas e não eram visíveis ao público. Tinham normas especiais, penalidades mais duras para quem tentava fugir, regimes mais severos. Seus presos não haviam necessariamente sido condenados por tribunais comuns - se é que algum tribunal os condenara. Tais campos, estabelecidos como medida emergencial, acabaram por tornar-se maiores e mais poderosos, à medida que se ampliava a definição de "inimigo" e aumentava o poder da Cheka. E, quando os dois sistemas penais, o ordinário e o extraordinário, enfim se juntaram, eles o fizeram sob as regras do segundo. A Cheka devorou seus rivais.

Desde o início, o sistema prisional "especial" se destinava a lidar com prisioneiros especiais: padres, antigos altos funcionários czaristas, especuladores burgueses, inimigos da nova ordem. Mas uma categoria de presos políticos em particular interessava às autoridades mais que as outras. Tratava-se de membros dos partidos socialistas revolucionários não-bolcheviques, sobretudo os anarquistas, a esquerda e a direita social-revolucionárias, os mencheviques e todos os outros que haviam lutado pela Revolução, mas que não tiveram o tino de unir-se à facção bolchevique, de Lênin, e não tomaram parte por completo no golpe de outubro de 1917. Como ex-aliados no combate revolucionário contra o regime czarista, mereciam tratamento especial. O Comitê Central do Partido Comunista debateria repetidas vezes o destino deles, até o final dos anos 1930, quando a maioria dos que continuavam vivos foi presa ou fuzilada.[96]

Em parte, essa categoria específica de prisioneiro incomodava Lênin porque, assim como todos os líderes de seitas exclusivistas, ele reservava aos apóstatas o maior ódio de que era capaz. Durante um colóquio típico, chamou um de seus críticos socialistas de "escroque", "cãozinho cego", "adulador da burguesia" e "lacaio de sanguessugas e canalhas", que só servia para o "esgoto dos renegados".[97] Aliás, muito antes da Revolução, Lênin já sabia o que faria com aqueles correligionários socialistas que se opunham a ele. Um de seus companheiros revolucionários recordou uma conversa sobre o assunto:

---

[95] RGASPI, 17/84/585.
[96] Como exemplos dessas discussões ver Hoover, Conjunto 89, 73/25, 26, e 27.
[97] Volkogonov, Lenin, p. 179.

> Eu lhe disse: "Vladimir Iliich, se você chegar ao poder, vai começar a enforcar os mencheviques no mesmo dia". Ele me deu uma olhadela e respondeu: "Só depois que tivermos enforcado o último social-revolucionário". Aí, franziu as sobrancelhas e deu uma risada.[98]

Contudo, os presos que pertenciam a essa categoria especial também eram bem mais difíceis de controlar. Muitos haviam passado anos em prisões czaristas e sabiam como montar greves de fome, como pressionar seus carcereiros, como estabelecer comunicação entre as celas para trocar informações, como organizar protestos em conjunto. O mais importante: sabiam como contatar o exterior - e quem contatar por lá. A maior parte dos partidos socialistas russos não-bolcheviques ainda tinha diretórios de exilados (geralmente em Berlim ou Paris) cujos membros podiam causar grandes prejuízos à imagem mundial dos bolcheviques. Em 1921, no III Congresso da Internacional Comunista, representantes do diretório externo dos social-revolucionários, o partido ideologicamente mais próximo dos bolcheviques (durante breve período, alguns de seus membros até chegaram a trabalhar em coalizão com esses últimos), leram em voz alta uma carta de seus camaradas encarcerados na Rússia. A carta provocou sensação no congresso, em grande parte porque afirmava que as condições prisionais na Rússia revolucionária eram piores que nos tempos do czar. "Nossos camaradas estão semimortos de fome", proclamava. "Muitos deles se encontram presos há meses, sem visita de parentes, sem correspondência, sem exercício físico."[99]

Os socialistas exilados tinham condições de agitar em favor dos prisioneiros, e o faziam, tal qual antes da Revolução. Imediatamente após o golpe bolchevique, vários revolucionários célebres, aí incluídas Vera Figner (autora de memórias sobre a vida em prisões czaristas) e Ekaterina Peshkova (mulher do escritor Máximo Gorki), ajudaram a restabelecer a Cruz Vermelha Política, uma organização de auxílio a presos que atuara clandestinamente antes da Revolução. Ekaterina conhecia bem Dzerzhinsky e se correspondia com ele de modo regular e cordial. Graças aos contatos e ao prestígio dela, a Cruz Vermelha Política recebeu o direito de visitar locais de encarceramento, falar com presos políticos, enviar-lhes remessas e até requerer a soltura daqueles que estavam enfermos - privilégios que a organização manteve durante boa parte da década de 1920.[100] Posteriormente, essas atividades pareceriam tão inverossímeis ao escritor Lev Razgon, aprisionado em 1937, que ele ouvia as histórias da Cruz Vermelha Política contadas pela esposa (o pai dela fora um dos presos socialistas) como se fossem "contos de fadas".[101]

A má publicidade gerada pelos socialistas ocidentais e pela Cruz Vermelha Política incomodava um bocado os bolcheviques. Muitos tinham vivido anos no exílio e, por conseguinte, eram sensíveis às opiniões de seus antigos camaradas internacionais. Muitos também ainda acreditavam que a Revolução poderia propagar-se para o Ocidente a qualquer momento e não queriam que o progresso do comunismo fosse retardado pelas notícias negativas. Em 1922, as matérias da imprensa ocidental já os preocupavam o bastante para lançarem a primeira do que seriam muitas tentativas de disfarçar o terror comunista atacando o "terror capitalista". Com esse propósito, criaram uma

---

[98] Service, Lenin, p. 186.
[99] Hoover, Coleção Nicolaevsky, Caixa 9, Pasta 1.
[100] Ibid., Caixa 99; RGASPI, Conjunto 76/3/87; Genrikh Yagoda, p. 265.
[101] Razgon, p. 266.

associação "alternativa" de auxílio a prisioneiros: a Sociedade Internacional de Ajuda às Vítimas da Revolução (MOPR, conforme seu acrônimo russo), que supostamente trabalharia para assistir aos "100 mil presos do capitalismo".[102]

Embora a seção berlinense da Cruz Vermelha Política tenha de

imediato atacado a MOPR por tentar "silenciar os gemidos daqueles que estão morrendo nas prisões, campos de concentração e locais de degredo da Rússia", outros engoliram a história. Em 1924, a MOPR afirmava ter 4 milhões de membros e até organizou sua primeira conferência internacional, com representantes do mundo inteiro.[103] A propaganda deixou sua marca. Quando pediram ao escritor francês Romain Rolland que comentasse a publicação de uma coletânea de cartas de socialistas encarcerados na Rússia, ele respondeu afirmando o seguinte:

> Há coisas quase idênticas acontecendo nas prisões da Polônia; nós as temos nas prisões da Califórnia, onde estão martirizando os trabalhadores da IWW;[104] nós as temos nos calabouços ingleses das ilhas Andaman [...].[105]

A Cheka também procurou amenizar as notícias negativas, mandando os socialistas encrenqueiros para mais longe de seus contatos. Alguns foram enviados por decreto administrativo para o degredo em regiões longínquas, tal qual o regime czarista fizera. Outros foram mandados para campos remotos perto da cidade boreal de Arcangel e, em especial, para um campo estabelecido no antigo mosteiro de Kholmogory, centenas de quilômetros ao norte de Petrogrado, próximo ao mar Branco. Todavia, mesmo os desterrados para os locais mais distantes acabavam achando meios de comunicar-se. De Narim, longínqua região da Sibéria, um pequeno grupo de presos políticos num minúsculo campo de concentração conseguiu mandar carta para um jornal socialista no exílio, queixando-se de que estavam "tão categoricamente isolados do resto do mundo que apenas cartas referentes à saúde de parentes ou à nossa própria podem ter a esperança de chegar aos destinatários. Nenhum outro tipo de mensagem [...] nos chega". Esses presos assinalavam que, entre eles, encontrava-se Olga Romanova, anarquista de dezoito anos que fora despachada para um lugar particularmente remoto da região, "onde a fizeram passar três meses a pão e água".[106]

Tampouco o degredo distante garantia sossego para os carcereiros. Em quase toda a parte, os presos socialistas, acostumados ao tratamento privilegiado outrora dado aos prisioneiros políticos nas cadeias czaristas, exigiam jornais, livros, caminhadas, o direito ilimitado a correspondência e, sobretudo, o direito de escolherem os próprios porta-vozes ao lidarem com as autoridades. Quando os agentes locais da Cheka não entendiam e se negavam a conceder essas coisas (eles decerto não sabiam a diferença entre anarquista e baderneiro), os socialistas protestavam, às vezes com violência. Segundo uma descrição do campo de Kholmogory, um grupo de prisioneiros descobriu que

---

[102] Hoover, Coleção Nicolaevsky, Caixa 99.
[103] Ibid.
[104] Industrial Workers of the World [Trabalhadores Industriais do Mundo], o mais organizado movimento operário revolucionário dos Estados Unidos, fundado em 1905 e influente até o final dos anos 10. (N. T.)
[105] Letters fromRussian Prisons, pp. 1-15.
[106] Ibid., pp. 20-28.

> era necessário travar uma lula pelas coisas mais elementares, como a concessão aos socialistas e anarquistas dos direitos comuns dos presos políticos. Nessa luta, eram submetidos a todos os castigos conhecidos, como confinamento solitário, espancamento, fome, disparos concertados do destacamento militar contra o edifício etc. Basta dizer que, no final do ano, a maioria dos detentos de Kholmogory podia acrescentar a seu histórico greves de fome que duravam de trinta a 35 dias [...].[107]

Esse mesmo grupo de presos acabou sendo transferido de Kholmogory para outro campo, em Petrominsk, também um mosteiro. De acordo com a petição que enviariam às autoridades, foram recebidos ali com "gritos e ameaças grosseiras", trancafiados seis de uma vez em minúsculas celas de monge e proibidos de praticar exercício ou ter acesso a livros ou material de escrita.[108] O camarada Bachulis, comandante de Petrominsk, tentou quebrar o ânimo dos presos privando-os de luz e calor .- e, de tempos em tempos, atirando contra as janelas deles.[109] Os presos reagiram lançando outra rodada interminável de greves de fome e cartas de protesto. No fim das contas, exigiram ser tirados do próprio campo, o qual afirmavam ser malárico.[110]

Outros chefes de campo também reclamavam de tais prisioneiros. Em carta a Dzerzhinsky, um deles escreveu que em seu campo "os Guardas Brancos que se julgam presos políticos" se organizaram numa "turma enérgica", impossibilitando que os guardas trabalhassem: "eles difamam a administração, caluniam-lhe o nome [...] desprezam o nome bom e honesto do trabalhador soviético".[111] Alguns guardas resolviam as coisas eles mesmos. Em abril de 1921, um grupo de prisioneiros de Petrominsk se recusou a trabalhar e exigiu mais rações de comida. Fartas dessa insubordinação, as autoridades de Arcangel ordenaram que todos os 540 fossem condenados à morte. Foram devidamente fuzilados.[112]

Em outros lugares, as autoridades tentavam manter a paz pelo caminho oposto, atendendo a todas as reivindicações dos socialistas. Berta Babina, membro dos social-revolucionários, recordaria sua chegada à "ala socialista" da prisão de Butyrka (em Moscou) como um reencontro jubiloso com amigos, gente "da clandestinidade em São Petersburgo, dos meus anos de estudante e das muitas cidades e lugares menores onde morei durante minhas erranças". Os presos podiam fazer o que quisessem na prisão. Organizavam sessões matinais de ginástica, fundaram uma orquestra e um coro, criaram um "grêmio" que dispunha de periódicos estrangeiros e boa biblioteca. Conforme a tradição (remontando aos tempos pré-revolucionários), todo preso deixava seus livros quando era solto. Um conselho dos prisioneiros designava celas para todos, algumas das quais eram muitíssimo bem supridas de tapetes no chão e tapeçarias nas paredes. Outro preso lembraria que "flanávamos pelos corredores como se fossem bulevares".[113] Para Berta, a vida na prisão parecia inverossímil: "Será que eles não conseguem nos prender a sério?"[114]

---

[107] Ibid., pp. 162-65.
[108] Ibid.; Melnik e Soshina.
[109] Lettersfrom Russian Prisons, pp. 162-65.
[110] Melnik e Soshina.
[111] RGASPI, 17/84/395.
[112] Doloi.
[113] Guberman, pp. 72-74.
[114] Bertha Babina-Nevskaya, "My First Prison, February 1922", in Vilensky, Till MyTale Is Told, pp. 97-109.

A liderança da Cheka se fazia a mesma pergunta. Num relatório a Dzerzhinsky datado de janeiro de 1921, um irado fiscal das prisões se queixou de que, na Butyrka, "homens e mulheres caminham juntos, e slogans anarquistas e contra-revolucionários ficam expostos nas paredes das celas".[115] Dzerzhinsky recomendou regime mais severo - mas, quando este foi instituído, os presos tornaram a protestar.

O idílio da Butyrka terminou logo depois. Em abril de 1921, segundo carta que um grupo de social-revolucionários escreveu às autoridades, "entre três e quatro horas da manhã, um grupo de homens armados entrou nas celas e começou o ataque [...] mulheres foram arrastadas pelos braços, pernas e cabelos para fora das celas; outras foram espancadas". A Cheka, em seus relatórios posteriores, descreveu esse "incidente" como uma rebelião que ficara fora de controle - e ela resolveu que nunca mais deixaria tantos presos políticos se acumularem em Moscou.[116] Em fevereiro de 1922, a "ala socialista" da prisão de Butyrka já fora dissolvida.

A repressão não funcionara. As concessões não haviam funcionado. Mesmo em seus campos especiais, a Cheka não conseguia controlar os presos especiais. Tampouco conseguia impedir que notícias deles chegassem ao exterior. Era evidente que outra solução se fazia necessária, tanto para eles quanto para todos os outros contra-revolucionários insubordinados que haviam sido reunidos no sistema prisional especial. Na primavera de 1923, já se encontrara a solução: Solovetsky.

## 2. "O PRIMEIRO CAMPO DO GULAG"

Há monges e padres,

*Prostitutas e ladrões.*
*Aqui há príncipes e barões -*
*Mas suas coroas lhes foram tomadas...*
*Nesta ilha, os ricos não têm casa,*
*Nem castelo, nem palácio...*
Poema anônimo escrito por um prisioneiro
nas ilhas Solovetsky, 1926[117]

Olhando do alto do campanário na ponta do antigo mosteiro de Solovetsky, mesmo hoje se vêem os contornos do campo de concentração. Um espesso muro de pedras ainda circunda o kremlin, o conjunto central de igrejas e construções do mosteiro, que remontam ao século XV e depois abrigaram a administração principal e a prisão central do campo. Imediatamente a oeste, ficam as docas, agora lar de alguns barcos pesqueiros, outrora apinhadas com os presos que chegavam toda semana, e às vezes todo dia, durante a curta temporada de navegação no extremo norte. Para além delas, estende-se a vastidão plana do mar Branco. Dali, o barco leva várias horas para chegar a Kem, o campo de trânsito no continente, de onde os presos embarcavam com destino a Solovetsky. Chegar a Arcangel, capital regional e maior porto do mar Branco, leva a noite toda.

---

[115] RGASPI, 76/3/149.
[116] RGASPI, 76/3/227; Hoover, Conjunto 89, 73/25, 26, e 27.
[117] Ékran, nº 12, 27 de março, 1926.

Olhando para o norte, talvez se vislumbre de modo muito vago a Sekirka, a igreja que, no alto de um morro, continha as infames celas punitivas de Solovetsky. A leste, ergue-se a usina de força construída pelos prisioneiros, ainda hoje em plena operação. Logo atrás, o terreno onde costumava ficar o jardim botânico. Ali, nos primeiros tempos do campo, alguns dos prisioneiros cultivavam plantas experimentais, procurando determinar se poderiam semear alguma coisa com proveito no extremo norte.

Por fim, para além do jardim botânico, as outras ilhas do arquipélago de Solovetsky. Espalhadas pelo mar Branco, estão Bolshaya Muksalma, onde os presos criavam raposas-prateadas para tirar-lhes a pele; Anzer, lugar de campos especiais para inválidos, para mulheres com filhos pequenos e para ex-monges; e Zayatsky Ostrov, local do campo punitivo feminino.[118] Não foi por acaso que Soljenitsin escolheu a metáfora do "arquipélago" para descrever o sistema soviético de campos de concentração. Solovetsky, o primeiro a ter sido planejado e construído para durar, desenvolveu um verdadeiro arquipélago, expandindo-se de ilha a ilha, ocupando à medida que crescia as velhas igrejas e construções monásticas da antiga comunidade de monges.

O complexo monástico já servira de prisão. Desde o século XVI, os monges de Solovetsky, fiéis servidores do czar, tinham ajudado a encarcerar os opositores políticos dele (entre os quais padres refratários e um ou outro aristocrata rebelde).[119] O isolamento, os altos muros, os ventos gelados e as gaivotas que antes atraíam certo tipo de monge solitário também empolgavam a imaginação bolchevique. Já em maio de 1920, um artigo na edição de Arcangel do jornal governamental Izvestiya descrevia as ilhas como lugar perfeito para um campo de trabalho: "o ambiente inóspito, o regime laborai, a luta contra as forças da natureza serão boa escola para todos os elementos criminosos". O primeiro punhado de presos começou a chegar naquele verão.[120]

Outros, mais acima na cadeia de comando, também estavam interessados nas ilhas. O próprio Dzerzhinsky parece ter convencido o governo soviético a transferir o mosteiro confiscado, mais aqueles mosteiros de Petrominsk e Kholmogory, para a Cheka (então rebatizada GPU, depois OGPU, ou Administração Política Estatal Unificada) em 13 de outubro de 1923. Juntos, esses locais foram designados "Campos de Importância Especial".[121] Posteriormente, seriam conhecidos como "Campos Setentrionais de Importância Especial", ou Severnye Lagery Osobogo Naznacheniya, a rede Slon. Em russo, slon é "elefante". O nome se tornaria humorístico, irônico e ameaçador.

No folclore dos sobreviventes, Solovetsky seria sempre lembrado como "o primeiro campo do Gulag".[122] Embora estudiosos tenham mais recentemente assinalado que já existia uma ampla gama de campos e prisões, fica evidente que Solovetsky desempenhou papel especial não apenas nas lembranças dos

---

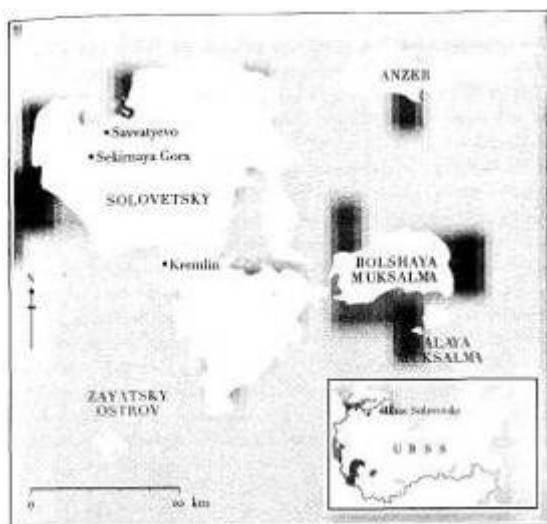
[118] Para um descrição da geografia do Solovetsky, das diversas ilhas e de seu desenvolvimento, ver Melnik, Soshina, Reznikova e Reznikov.

[119] "Solovetskaya monastyrskaya tyurma", Solovetskoe Obshchestvo Kraevederuya, Vypusk, VII, 1927 (SKM).

[120] Ivan Bogov, Izvestiya Arkhgubrevkoma i arkhbubkoma RKP (b), 4 de maio, 1920 (SKM); também citado em Juri Brodsky, p. 13.

[121] GARF, 5446/1/2. Ver também a referência de Nasedkin a Dzerzhinsky in GARF, 9414/1/77.

[122] Por exemplo, ver Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 25-70.

sobreviventes, mas também na memória da polícia secreta soviética.[123] Solovetsky pode não ter sido a única prisão da URSS nos anos 1920, mas era a prisão deles, a prisão da OGPU, onde essa polícia aprendeu a usar trabalho escravo com fins lucrativos. Em 1945, numa palestra sobre a história dos campos, o camarada Nasedkin, então principal administrador do sistema, afirmou não só que este teve origem em Solovetsky na década de 1920, mas também que todo o aparelho soviético de "trabalhos forçados como método de reabilitação" se iniciou ali em 1926.[124]

O arquipélago de Solovetsky, no mar Branco

A primeira vista, essa declaração parece estranha, considerando que na URSS os trabalhos forçados já eram reconhecidos como forma de punição desde 1918. No entanto, ela se assemelhará menos estranha se virmos de que maneira o conceito de trabalhos forçados evoluiu na própria Solovetsky. Isso porque, nos primórdios, embora nas ilhas todos trabalhassem, os presos não estavam organizados em nada remotamente similar a um "sistema". Tampouco há provas de que o trabalho deles fosse rentável de algum modo.

Antes de tudo, uma das duas categorias de presos em Solovetsky nem sequer trabalhava no começo. Eram os Cerca de trezentos presos políticos socialistas, que na realidade tinham começado a chegar à ilha principal em junho de 1923. Mandados do campo de Petrominsk, assim como da Butyrka e de outras prisões de Moscou e Petrogrado, foram de imediato levados para o Savvatvevo, um mosteiro menor, vários quilômetros ao norte do principal complexo monástico. Ali, os guardas de Solovetsky tinham como garantir que ficassem isolados dos outros presos e não os contaminassem com aquele seu entusiasmo pelos protestos e greves de fome.

De início, concederam-se aos socialistas os "privilégios" de presos políticos que eles exigiam havia tanto tempo: jornais, livros e, dentro daquele cercado de arame farpado, liberdade de movimento e de trabalho. Cada um dos principais partidos políticos - a esquerda e a direita social-revolucionárias, os anarquistas, os social-democratas e depois os social-sionistas - escolhia seu próprio líder e ocupava recintos em sua própria ala do velho mosteiro.[125]

[123] Ver Jakobson para uma descrição do sistema prisional dos anos 1920.
[124] GARF, 9414/1/77.
[125] Juri Brodsky, pp. 30-31; Olitskaya, vol. I, pp. 237-40; Malsagov, pp. 117-31.

Para Elinor Olitskaya, jovem social-revolucionária de esquerda presa em 1924, o Sawatyevo no começo "não se parecia em nada com uma prisão" e foi um susto após os meses passados na sombria prisão de Lubyanka, em Moscou. O quarto de Elinor, uma antiga cela de monge no que se tornara a seção feminina da ala dos social-revolucionários, era

> claro, limpo e recém-lavado, com duas janelas abertas, grandes e largas. A cela era cheia de luz e ar. Nas janelas, não havia barras, é claro. No meio da cela, tinha-se uma pequena mesa, coberta com uma toalha branca. Junto à parede, quatro camas, com lençóis arrumados com capricho. Ao lado de cada uma, um pequeno criado-mudo. Neste, viam-se livros, cadernos e canetas.

Enquanto Elinor se admirava com o local, com o chá servido em bules e com o açúcar num açucareiro, suas companheiras de cela lhe explicavam que as presas haviam criado aquele ambiente agradável de caso pensado: "queremos viver como seres humanos".[126] Elinor logo descobriu que, embora sofressem de tuberculose e outras doenças e raramente tivessem comida bastante, os presos políticos de Solovetsky se mostravam extraordinariamente bem organizados, estando o "decano" de cada célula partidária responsável pelos serviços de almoxarifado, cozinha e distribuição de alimentos. Dado que ainda tinham status político especial, também podiam receber remessas tanto de parentes quanto da Cruz Vermelha Política. Embora essa última começasse a encontrar dificuldades (em 1922, seus escritórios sofreram batidas, e suas posses foram confiscadas), Ekaterina Peshkova, a bem relacionada líder da organização, ainda tinha autorização pessoal para mandar auxílio a presos políticos. Em 1923, ela despachou um vagão inteiro de víveres para aqueles presos do Sawatyevo. Um carregamento de roupas seguiu para o norte em novembro do mesmo ano.[127]

Era esta, portanto, a solução para o problema de relações públicas criado pelos presos políticos: dar-lhes mais ou menos o que pediam, mas colocá-los tão longe do resto das pessoas quanto fosse possível. Tal solução não duraria: o sistema soviético não toleraria exceções por muito tempo. Entrementes, era fácil desmascarar a ilusão - pois em Solovetsky havia outro grupo de prisioneiros, muitíssimo maior. "Ao desembarcarmos no chão de Solovetsky, todos sentíamos que estávamos entrando numa fase nova e estranha da vida", escreveu um preso político. "Pelas conversas com os criminosos, ficamos sabendo do regime terrível que a direção lhes aplicava."[128]

Com muito menos pompa e circunstância, a prisão principal do kremlin de Solovetsky também ia sendo rapidamente lotada com presos cuja situação não era tão garantida. De umas poucas centenas de detentos em 1923, os números subiram para 6 mil em 1925.[129] Entre eles, havia oficiais e simpatizantes do Exército Branco, "especuladores", ex-aristocratas, marinheiros que haviam lutado no levante de Kronstadt e verdadeiros criminosos comuns. Para esses presos, era muito mais difícil ter chá em bules e açúcar em açucareiros. Ou melhor, difícil para alguns, mais fácil para outros - pois o que caracterizava a vida na prisão criminal do campo especial de Solovetsky naqueles primeiros

---

[126] Olitskaya, pp. 237-40.
[127] Hoover, Coleção Nicolaevsky, Caixa 99; e Hoover, Conjunto 89,73/34.
[128] Letters from Russian Prisons, pp. 165-171.
[129] Juri Brodsky, p. 194.

tempos era sobretudo uma irracionalidade e uma imprevisibilidade que se iniciavam já no momento do desembarque. O memorialista e ex-condenado Boris Shiryaev escreve que, na primeira noite no campo, ele e os outros recém-chegados foram recebidos pelo camarada A. P. Nogtev, o primeiro comandante de Solovetsky. "Eu lhes dou as boas-vindas", disse-lhes Nogtev, com o que Shiryaev descreveu como "ironia". "Como vocês sabem, aqui não há autoridade soviética, apenas a autoridade de Solovetsky. Podem ir esquecendo qualquer direito que tenham tido antes. Aqui, temos leis próprias." A frase "não há autoridade soviética, apenas a autoridade de Solovetsky", seria usada inúmeras outras vezes, conforme atestam muitos memorialistas.[130] Nos dias e semanas seguintes, a maioria dos presos vivenciaria a autoridade de Solovetsky" como combinação de negligência criminosa com crueldade fortuita. As condições de vida nas igrejas e celas

monásticas adaptadas eram precárias, e pouca atenção se deu a melhorá-las. Na primeira noite na prisão de Solovetsky, o escritor OlegVolkov recebeu um lugar nos sploshnye nary, leitos que na realidade era pranchas largas (das quais voltaremos a falar) onde vários homens dormiam enfileirados. No que Volkov se deitou, os percevejos começaram a atacá-lo, "um depois do outro, como formigas; não consegui dormir". Ele saiu e foi de imediato envolvido por "nuvens de mosquitos [...] olhei com inveja para aqueles que dormiam profundamente, cobertos de parasitas".[131]

Fora do complexo principal do kremlin, as coisas não eram melhores. Oficialmente, a Slon compreendia nove campos distintos no arquipélago, cada um deles dividido em batalhões. Mas também se mantinham alguns presos em condições ainda mais primitivas, nas matas, perto dos locais de atividade madeireira.[132] Dmitrii Likhachev, que depois se tornaria um dos mais famosos críticos literários da URSS, considerava-se privilegiado por não ter sido designado para um dos muitos campos anônimos na floresta. Ao visitar um, "fiquei doente com a visão daquele horror: pessoas dormiam em valas que tinham cavado, às vezes com as mãos nuas, durante o dia".[133]

Nas ilhas periféricas, a administração central dos campos exercia ainda menos controle sobre a conduta dos guardas e encarregados. Um preso, certo Kiselev, descreveu em suas memórias certo campo em Anzer, uma das ilhas menores. Comandado por Vanka Potapov (outro integrante da Cheka), o campo consistia de três alojamentos e um quartel de guardas, instalado numa antiga igreja. Os presos trabalhavam no corte de árvores, sem pausa, sem descanso e com pouca alimentação. Desesperados por conseguir alguns dias de folga, decepavam as próprias mãos e pés. Segundo Kiselev, Potanov conservava essas "pérolas" numa grande pilha e as mostrava aos visitantes, para os quais também se vangloriava de ter matado mais de quatrocentas pessoas com as próprias mãos. "Ninguém voltava de lá", escreveu Kiselev a respeito de Anzer. Mesmo que seu relato seja exagerado, ele indica o verdadeiro terror que os campos periféricos representavam para os presos.[134]

Em todas as ilhas, as catastróficas condições de higiene, o excesso de trabalho

---

[130] Shiryaev, pp. 30-37.
[131] Volkov, p. 53.
[132] Juri Brodsky, p. 65.
[133] Likhachev, Kniga bespokoisty, pp. 98-100.
[134] Juri Brodsky, p. 190.

e a alimentação ruim levavam naturalmente à doença, sobretudo ao tifo. Dos 6 mil prisioneiros a cargo da Slon em 1925, cerca de um quarto morreria no inverno de 1925-6, em conseqüência de uma epidemia particularmente grave. De acordo com algumas estimativas, os números permaneceram altos: a cada ano, de um quarto a metade dos presos pode ter perecido de tifo, inanição e outras epidemias. No inverno de 1929-30, um documento registra 25.552 casos de tifo na Slon (rede que então já era muito maior).[135]

Para alguns presos, porém, Solovetsky representava algo pior que o desconforto e a doença. Nas ilhas, eram submetidos ao tipo de sadismo e tortura despropositada que se encontrava mais raramente no Gulag em anos posteriores, quando, segundo Soljenitsin, "a capatazia de escravos já se tornara um sistema planejado".[136] Embora muitas memórias descrevam esses atos, a relação mais completa se acha no relatório de uma comissão de inquérito que seria enviada de Moscou mais para o final da década de 1920. No decorrer da investigação, essas horrorizadas autoridades moscovitas descobriram que, no inverno, os guardas de Solovetsky regularmente deixavam prisioneiros nus nos velhos campanários da igreja maior, sem nenhum aquecimento, tendo mãos e pés alados às costas com um único pedaço de corda. Também colocavam presos "no assento", significando que os obrigavam a sentar em mastros por até dezoito horas sem se mexer, às vezes com pesos amarrados às pernas e pés, sem tocar o chão, numa posição que com toda a certeza os deixaria aleijados. De quando em quando, faziam os presos irem nus para o banho, até a dois quilômetros de distância, numa temperatura de congelar. Ou lhes davam de propósito carne podre. Ou lhes negavam socorro médico. Outras vezes, os prisioneiros recebiam tarefas despropositadas e inúteis - deslocar enormes quantidades de neve de um lugar para outro, por exemplo, ou pular de pontes tão logo os guardas mandassem.[137]

Outra forma de tortura própria das ilhas, sendo mencionada tanto em arquivos quanto em memórias, era ser mandado "aos pernilongos". A. Klinger, oficial do Exército Branco que depois realizaria uma das poucas fugas bem-sucedidas de Solovetsky, escreveu que uma vez vira essa tortura ser aplicada a um preso que se queixara porque uma remessa de gêneros destinada a ele fora confiscada. Guardas irados reagiram tirando-lhe todas as roupas, inclusive as de baixo, e amarrando-o a um mastro nas matas, as quais, no verão boreal, estavam infestadas de mosquitos. "Passada meia hora, todo o seu corpo infeliz estava coberto de inchaços provocados pelas picadas", escreveu Klinger. O homem acabou desfalecendo com a dor e a perda de sangue.[138]

Execuções em massa pareciam ocorrer de modo quase aleatório, e muitos prisioneiros lembram-se de ter vivido aterrorizados com a perspectiva da morte arbitrária. Likhachev afirma ter escapado por pouco a uma chacina no final de outubro de 1929. Documentos de arquivo realmente indicam que cerca de cinqüenta pessoas (e não trezentas, número registrado por Likhachev) foram

---

[135] Ibid., pp. 195-97.

[136] Soljenitsin, The Gu/agArchipelago, vol.II, p. 54.

[137] Chukhin, Kanaloarmeetsi, pp. 40-44; também Chukhin, "Dva dokumenta". Chukhin esclarece que esses documentos, reeditados por completo, fazem parte da "investigação criminal número 885". Sabe-se que são originários do arquivo Petrozavodsk FSB onde Chukhin trabalhou.

[138] Klinger, p. 210; também reeditado in Sever, vol. 9, setembro, 1990, pp. 108-12. A tortura dos pernilongos é também mencionada em documentos arquivados - ver Zvenya, vol. I, p. 383 - e em memórias. Ver Letters from Russian Prisons, pp. 165-71; Volkov, p. 55.

executadas na época, tendo sido acusadas de tentar organizar uma rebelião.[139]

Quase tão ruim quanto uma execução direta era a sentença de envio para a Sekirka, a igreja cujos porões haviam se tornado as celas punitivas de Solovetsky. De fato, embora se contassem muitas histórias sobre o que acontecia nos porões da igreja, tão poucos homens voltavam da Sekirka que fica difícil ter certeza de quais eram realmente as condições ali. Mas uma testemunha chegou mesmo a ver as turmas sendo conduzidas ao trabalho: "uma fila de pessoas aterrorizadas, com olhar inumano, algumas trajadas com sacas, todas descalças, rodeadas por uma guarda cerrada".[140]

Segundo rezava a legenda de Solovetsky, a longa escadaria de 365 degraus de madeira que desciam a íngreme colina dessa igreja também desempenhava um papel nas matanças. Em certo momento, quando as autoridades do campo proibiram que se atirasse contra os presos da Sekirka, os guardas começaram a providenciar "acidentes" - jogando os detentos escadaria abaixo.[141] Há poucos anos, descendentes de presos de Solovetsky ergueram uma cruz de madeira no pé da escadaria, para marcar o lugar onde esses antepassados teriam morrido. Hoje, é um lugar sossegado e bem bonito - tanto que, no final da década de 1990, o museu de história local de Solovetsky imprimiu um cartão de Natal que mostrava a Sekirka, a escadaria e a cruz.

Embora o clima reinante de irracionalidade e imprevisibilidade significasse que milhares morreriam na Slon na primeira metade da década de 1920, a mesma irracionalidade e a mesma imprevisibilidade também ajudavam outros não apenas a sobreviver, mas também a cantar e dançar - literalmente. Em 1923, um punhado de presos já começara a organizar o primeiro teatro do campo. De início, os "atores", muitos dos quais passavam dez horas cortando madeira nas florestas antes de ir ensaiar, não tinham texto, de modo que encenavam os clássicos de memória. O teatro melhorou muitíssimo em 1924, quando chegou um grupo inteiro de ex-atores profissionais - todos condenados como membros do mesmo movimento contra-revolucionário. Naquele ano, montaram Tio Vanya, de Tchekhov, e Os filhos do sol, de Gorki.[142]

Posteriormente, encenaram-se óperas e operetas no teatro de Solovetsky, o qual também apresentava filmes e exibições acrobáticas. Certo sarau musical abrangia uma peça orquestral, um quinteto, um coro e árias de uma ópera russa.[143] A programação de março de 1924 incluía uma peça de Leonid Andreev (cujo filho, Danil, também escritor, seria preso do Gulag), uma peça de Gogol e uma noite dedicada à memória de Sarah Bernhardt.[144]

Tampouco era o teatro a única forma de cultura disponível. Solovetsky tinha uma biblioteca (que chegaria a possuir 30 mil livros) e o jardim botânico (onde os presos faziam experiência com plantas do Ártico). Os cativos, muitos deles ex-cientistas de São Petersburgo, também organizaram um museu da flora, fauna, arte e história locais.[145] Alguns dos prisioneiros mais privilegiados faziam

---

[139] Chukhin, "Dva dokumenta", p. 359; Likhachev, Kniga bespokoisty, pp. 196-98.
[140] Juri Brodsky, p. 129.
[141] Guias turísticos das ilhas Solovetsky contam esta história. Também encontrada em Soljenitsin, The GulagArchipelago, vol. II, pp. 37-38.
[142] Tsigankov, pp. 196-97.
[143] Likhachev, Kniga bespokoisty, p. 212.
[144] Arquivos de jornais e revistas do GARF: SLON, vol. III, maio, 1924.
[145] Shiryaev, pp. 115-12; Likhachev,Kniga bespokoisty, pp. 201-5. Também livros e revistas do SKM.

uso de um "clube" que, pelo menos nas fotos, parece verdadeiramente burguês. As imagens mostram piano, parquete e retratos de Marx, Lênin e Lunacharsky (o primeiro ministro soviético da Cultura), tudo muito aconchegante.[146]

Usando o velho equipamento litográfico dos monges, os presos de Solovetsky também produziam jornais e mensários que traziam cartuns, poesia extremamente saudosa e ficção surpreendentemente franca. Na edição de dezembro de 1925 da Solovetskie Ostrova (nome que significa "ilhas Solovetsky"), um conto falava de uma ex-atriz que chegara à ilha principal, fora obrigada a trabalhar como lavadeira e não se acostumara à nova vida. A história termina com esta frase: "Solovetsky é amaldiçoada".

Em outro conto, um ex-aristocrata que freqüentara "noitadas íntimas no Palácio de Inverno" consola-se com a nova situação só quando visita outro aristocrata e fala dos velhos tempos.[147] Pelo visto, os clichês do realismo socialista ainda não eram obrigatórios. Nem todas essas narrativas têm o final feliz que depois seria obrigatório, e nem todos os prisioneiros ficcionais se adaptavam alegremente à realidade soviética.

Os periódicos de Solovetsky também continham artigos mais eruditos, indo desde a análise de Likhachev sobre as regras de etiqueta dos criminosos na jogatina até trabalhos sobre a arte e a arquitetura das ruínas de igrejas de Solovetsky. Entre 1926 e 1929, a gráfica da Slon conseguiu lançar 29 edições do trabalho da Associação de Estudos Locais de Solovetsky. Esta conduzia pesquisas sobre a flora e a fauna do arquipélago, concentrando-se em determinadas espécies (os cervos-boreais, as plantas locais) e publicava artigos sobre olaria, correntes eólicas, minerais úteis e criação de animais de pele. Alguns presos ficaram tão interessados neste último tema que, em 1927, quando a atividade econômica do arquipélago estava no auge, um grupo deles importou algumas raposas-prateadas "reprodutoras" para melhorar a qualidade dos rebanhos locais. Entre outras coisas, a associação executou um levantamento geológico, o qual o diretor do museu de história das ilhas ainda usa.[148]

Esses mesmos presos privilegiados também participavam dos novos ritos e comemorações soviéticos, eventos dos quais uma geração posterior de detentos dos campos seria propositalmente excluída. Na edição de setembro de 1925 da Solovetskie Ostrova, um artigo descreve a comemoração do 1º de maio nas ilhas. Infelizmente, o tempo estava ruim:

> No 1° de maio, flores se abrem por toda a União Soviética, mas, em Solovetsky, o mar ainda está cheio de gelo, e há muita neve. Apesar disso, estamos nos preparando para comemorar o feriado proletário. Desde manhã cedo, há agitação nos alojamentos. Alguns se lavam. Outros fazem a barba. Um remenda as roupas. Outro engraxa as botas [...].[149]

---

[146] SLON, vol. 111, maio, 1924 (GARF).
[147] Solovetskie Ostrova, vol. 12, dezembro, 1925 (SKM).
[148] Conversas com a diretora do SKM Tatyana Fokina, setembro 12, 1998. Ver também, por exemplo, Solovetskie Ostrova, 1925, nos 1-7; Solovetskie Ostrova, 1930, n° 1; ou boletins do Solovetskoe Obshchestvo Kraevedeniya, na coleção do museu ou na coleção do AKB. Ver também Dryakhlitsin.
[149] Solovetskie Ostrova, vol. 9, setembro, 1925, pp. 7-8 (SKM).

Ainda mais surpreendente (da perspectiva dos anos posteriores) era a grande persistência das cerimônias religiosas nas ilhas. Alexander V. A. Kazachkov, um ex-condenado, lembrou a "grandiosa" Páscoa de 1926.

> Não muito antes do feriado, o novo chefe da divisão exigiu que todos os que quisessem ir à igreja lhe apresentassem uma declaração. De início, quase ninguém o fez - as pessoas tinham medo das conseqüências. Mas, pouco antes da Páscoa, um número enorme apresentou suas declarações [...]. Ao longo da estrada para a igreja Onufrievskaya, a capela do cemitério, seguia uma grande procissão, com as pessoas caminhando em várias fileiras. Claro que nem todos coubemos na capela. Houve gente que ficou em pé no lado de fora, e os que chegaram atrasados nem conseguiam ouvir o ofício.[150]

Até a edição de maio de 1924 do Solovetskoi Lageram (outro periódico prisional) trazia um editorial cauteloso, mas positivo, a respeito da Páscoa, "um antigo feriado que comemora a chegada da primavera", o qual, "sob o estandarte vermelho, ainda se pode celebrar".[151]

Junto com os feriados religiosos, uns poucos dentre os monges que outrora habitavam o lugar também sobreviviam (para espanto de muitos presos) até bem depois de 1925. Serviam na condição de "monges-instrutores", supostamente transmitindo aos presos as habilidades necessárias para tocar os empreendimentos rurais e pesqueiros de lá, antes bem-sucedidos (o arenque de Solovetsky costuma ir à mesa do czar), assim como os segredos do complexo sistema de canais que os religiosos haviam utilizado durante séculos para ligar as igrejas da ilha principal. Com o passar dos anos, juntaram-se aos monges dezenas de outros padres soviéticos e membros da hierarquia eclesiástica, tanto ortodoxa quanto católica, que tinham se oposto ao confisco das propriedades da Igreja ou violado o "decreto sobre a separação entre Igreja e Estado". O clero, de certa maneira como os presos políticos socialistas, estava autorizado a viver à parte, num alojamento específico do kremlin, e também tinha permissão para realizar ofícios religiosos na capelinha do antigo cemitério, e isso até 1930-31. Aos outros presos, tal luxo só era concedido em ocasiões especiais.

Esses privilégios parecem ter causado algum ressentimento, e havia tensões ocasionais entre os clérigos e os presos comuns. Uma detenta, removida para uma colônia materna especial na ilha de Anzer após ter dado à luz, recordou que as freiras dali "mantinham-se afastadas de nós, as descrentes [...], eram bravas, não gostavam das crianças e nos detestavam". Outros clérigos, conforme repetem várias memórias, tinham justamente a atitude oposta, dedicando-se à evangelização e às obras sociais ativas, tanto entre os criminosos como entre os presos políticos.[152]

Para quem o tinha, o dinheiro também podia comprar a dispensa do trabalho nas florestas e servir de seguro contra a tortura e a morte. Solovetsky contava com um restaurante que podia atender (ilegalmente) os presos. Quem tinha condições de pagar o suborno necessário também trazia de fora a própria

---

[150] Reznikova, pp. 46-47.
[151] Solovetskoe Lageram, vol. 3, maio, 1924 (SKM)
[152] Reznikova, pp. 7-36; Hoover, Coleção Melgunov, Caixa 7, Pasta 44.

comida.[153] Em certa altura, a administração do campo até estabeleceu "lojas" nas quais os presos podiam adquirir itens de vestuário a preços duas vezes mais altos que nos estabelecimentos soviéticos normais.[154] Uma pessoa que teria conseguido livrar-se do sofrimento pagando era o "conde Violaro", uma figura de aventureiro cujo nome aparece (com ampla variedade de grafias) em várias memórias. O conde, em geral descrito como o "embaixador mexicano no Egito", cometera o erro de, logo após a Revolução, ter ido visitar a família da mulher na Geórgia soviética. Tanto ele quanto a esposa foram presos e deportados para o extremo norte. Embora de início ficassem encarcerados (com a condessa tendo de trabalhar como lavadeira), a lenda do campo conta que, pela quantia de 5 mil rublos, o conde comprou o direito de morarem numa casa em separado, com cavalo e serviçal.[155] Outros se recordam da presença de um rico comerciante indiano de Bombaim, o qual depois foi embora com a ajuda do consulado britânico em Moscou. Posteriormente, as memórias desse indiano seriam publicadas pela imprensa dos exilados.[156]

Esses e outros exemplos de presos ricos que viviam bem (e se iam embora logo) eram tão notáveis que, em 1926, um grupo de detentos menos privilegiados escreveu carta ao Presidium do Comitê Central do Partido Comunista, denunciando "o caos e a violência que dominam o campo de concentração de Solovetsky". Usando frases que pretendiam influenciar a liderança comunista, queixavam-se de que "quem tem dinheiro consegue arranjar-se, dessa maneira jogando todas as dificuldades nos ombros dos operários e camponeses sem tostão". Alegavam que, enquanto os ricos compravam tarefas mais fáceis, "os pobres trabalham de catorze a dezesseis horas por dia".[157] No fim das contas, não seriam eles os únicos descontentes com as práticas irregulares dos comandantes de campo de Solovetsky.

Se a violência fortuita e o tratamento injusto incomodavam os presos, quem estava em escalões mais altos da hierarquia soviética se inquietava com questões um tanto diferentes. Na metade da década de 1920, já ficara claro que a Slon, assim como o sistema prisional "comum", não conseguira atingir a mais importante das metas estabelecidas para os campos: que eles se tornassem auto-sustentáveis.[158] Na realidade, não apenas os campos de concentração soviéticos - tanto os "especiais" quanto os comuns - não vinham dando lucro, como também seus comandantes ficavam requerendo mais fundos o tempo todo.

Nisso, Solovetsky se assemelhava às outras prisões soviéticas da época. No arquipélago, os extremos de crueldade e conforto eram provavelmente mais flagrantes que em outros lugares, devido à natureza especial dos presos e dos guardas; contudo as mesmas irregularidades caracterizavam outros campos e prisões pela URSS daquele tempo. Em teoria, o sistema prisional comum também consistia em "colônias" de trabalho ligadas a fazendas, oficinas e fábricas, e sua atividade econômica era igualmente mal organizada e não-

---

[153] Nikolai Antsiferov, "Tri glavy iz vospominanii", in Pamyat, vol. 4, pp. 75-76.
[154] Klinger, pp. 170-77.
[155] Ibid., pp. 200-1; Malsagov, pp. 139-45; Rozanov, p. 55; Hoover, Coleção Melgunov, Caixa 7.
[156] Tsigankov, pp. 96-127; Hoover, Coleção Melgunov, Caixa 7.
[157] Istoriya otechestvo v dokumentakh, volume 2: 1921-1939, pp. 51-52.
[158] Jakobson, pp. 70-102.

lucrativa.[159] Em 1928, o relatório de um inspetor sobre um desses campos, na região rural da Carélia (59 presos, sete cavalos, dois porcos e 21 cabeças de gado), se queixava de que apenas metade dos presos tinha cobertor; de que os cavalos estavam em mau estado (um deles tendo sido vendido, sem autorização, a um cigano); de que outros cavalos eram regularmente usados para fazer servicinhos para os guardas; de que, quando libertaram o ferreiro do campo, ele foi embora levando todas as suas ferramentas; de que nenhuma das construções do campo dispunha de aquecimento ou mesmo isolamento térmico, exceção feita à residência do administrador. Pior: esse mesmo administrador-chefe passava três ou quatro dias por semana fora do campo; freqüentemente soltava presos antes de cumpridas as sentenças, sem autorização para tanto; "recusava-se teimosamente" a ensinar agronomia aos presos; e afirmava abertamente sua crença na "inutilidade" do processo de reabilitação. Algumas das mulheres dos presos moravam no campo; outras vinham para visitas demoradas e sumiam no mato com os maridos. Os guardas se permitiam "bebedeiras e rixas mesquinhas".[160] Não admira que, em 1929, autoridades mais altas tenham repreendido o governo da Carélia por "não se dar conta da importância nem dos trabalhos forçados como medida de defesa social, nem do caráter vantajoso deles para o Estado e a sociedade".[161]

Fica claro que tais campos não eram rentáveis, tendo sido assim desde o início, conforme mostram os registros. Já em julho de 1919, os líderes da Cheka em Gomei, na Bielo-Rússia, enviaram carta a Dzerzhinsky requerendo um subsídio urgente de 500 mil rublos: a construção do campo local se interrompera por falta de recursos.[162] Na década subseqüente, os diferentes ministérios e instituições que disputavam o direito de controlar os campos prisionais continuaram a discutir por causa tanto de financiamento quanto de poder. Para aliviar o sistema prisional, decretavam-se anistias periódicas, culminando numa bem grande no outono de 1927, no décimo aniversário da Revolução de Outubro. No sistema prisional comum, soltaram-se mais de 50 mil pessoas, em grande parte pela urgência de aliviar a superlotação e economizar dinheiro.[163]

Em 10 de novembro de 1925, a necessidade de "fazer melhor uso dos presos" já era reconhecida no mais alto escalão. Naquela data, G. L. Pyatakov, bolchevique que tinha uma série de cargos econômicos importantes, escreveu a Dzerzhinsky:

> Cheguei à conclusão de que, para criar as condições mais elementares de uma cultura laborai, terão de estabelecer-se colônias de trabalhos forçados em certas regiões. Tais colônias poderiam aliviar a superlotação nos locais de encarceramento. Dever-se-ia ordenar à GPU que estudasse a questão.

Pyatakov então relacionava quatro regiões que precisavam ser desenvolvidas urgentemente, todas as quais - a ilha de Sacalina, no Extremo Oriente; as terras em torno da foz do rio Ienissei, no extremo norte; a estepe cazaque; e as

---

[159] Krasilnikov, "Rozhdene Gulags", pp. 142-43. Esta é uma coletânea de documentos reeditados sobre a fundação do Gulag, originária dos arquivos da presidência da Federação Russa, em geral, interditados a pesquisadores.
[160] NARK, 689/1/(44/465).
[161] NARK, 690/6/(2/9).
[162] RGASPI, 17/3/65.
[163] Okhotin e Roginskii, p. 18.

imediações da cidade siberiana de Nerchinsk - depois se tornariam campos de concentração. Dzerzhinsky aprovou o memorando e o enviou a dois outros colegas para que o elaborassem mais.[164]

De início, nada aconteceu, talvez porque o próprio Dzerzhinsky tenha morrido logo em seguida. Apesar disso, o memorando pressagiou mudanças. Até meados da década de 1920, a liderança soviética ainda não deixara claro se suas prisões e campos de concentração se destinavam primordialmente a reabilitar os presos, puni-los ou obter lucros para o regime. Agora, as muitas instituições com interesse no destino dos campos estavam chegando lentamente a um consenso: as prisões tinham de ser auto-sustentáveis. No final da década, o mundo desordenado das prisões pós-revolucionárias estaria transformado, e um novo sistema surgiria do caos. Solovetsky se tornaria não apenas um empreendimento econômico organizado, mas também um campo-modelo, exemplo a ser clonado muitos milhares de vezes ao longo da URSS.

Mesmo que na época ninguém estivesse consciente disso, a importância de Solovetsky ficaria bem clara em retrospecto. Posteriormente, reportando-se a um encontro do Partido em Solovetsky, um comandante local chamado camarada Uspensky declararia que "a experiência de trabalho do campo de Solovetsky convenceu o Partido e o governo de que o sistema prisional da União Soviética precisa ser substituído por um sistema de campos de trabalhos forçados correcionais."[165]

No mais alto escalão, algumas dessas mudanças eram previstas desde o início, como mostra o memorando a Dzerzhinsky. Entretanto, as técnicas do novo sistema - os novos métodos de administrar os campos, de organizar os presos e seu regime de trabalho - foram criadas no próprio arquipélago. Em meados da década de 1920, o caos pode até ter reinado em Solovetsky, mas desse caos surgiu o futuro sistema do Gulag.

Pelo menos parte da explicação de como e por que a Slon mudara gira em torno da personalidade de Naftaly Aronovich Frenkel, um preso que foi sendo promovido até se tornar um dos mais influentes comandantes de Solovetsky. Por um lado, Soljenitsin afirma em Arquipélago Gulag que o próprio Frenkel concebeu o sistema de alimentar os presos segundo o trabalho produzido. Esse sistema fatal, que em questão de semanas destruía presos mais fracos, depois causaria incontáveis mortes, conforme veremos. Por outro lado, uma ampla gama de historiadores russos e ocidentais contesta a importância de Frenkel e descarta como mera lenda as muitas histórias sobre a onipotência dele.[166]

De fato, Soljenitsin provavelmente atribui peso demasiado a Frenkel: prisioneiros de campos bolcheviques anteriores, pré-Solovetsky, também mencionam ter recebido comida a mais pelo trabalho extra; e, de qualquer modo, a idéia, em certo sentido, é mesmo óbvia e não precisa necessariamente ter sido concebida por um único homem.[167] Não obstante, arquivos recém-abertos, em especial os arquivos regionais da Carélia (a

---

[164] Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 70-71.
[165] GAOPDFRK, 1051/1/1.
[166] Jakobson, p. 121, conversas em 1998 e 1999 com Nikita Petrov, Oleg Khlevnyuk, e Juri Rrodsky. Solovki, a edição italiana do livro de Bradsky, não menciona Frenkel.
[167] Por exemplo, Klementev; S. G. Eliseev, "Turemny dnevnk", in Uroki, pp. 30-32.

república soviética à qual Solovetsky pertencia então), realmente deixam clara a importância de Frenkel. Mesmo que não tenha inventado cada aspecto do sistema, ele encontrou um jeito de transformar um campo prisional numa entidade econômica aparentemente rentável, e o fez numa época, num lugar e de uma maneira que podem muito bem ter chamado a atenção de Stalin para a idéia.

Mas a confusão tampouco é surpreendente. O nome de Frenkel aparece em muitas das memórias escritas sobre os primeiros tempos do sistema de campos, e por elas fica claro que, mesmo em vida, a identidade daquele homem já estava envolta em mito. Fotos oficiais mostram um indivíduo de aparência calculadamente sinistra, usando boné de couro e bigode muito bem aparado; um memorialista recorda que Frenkel "se trajava como um dândi".[168] Um de seus colegas da OGPU, o qual o admirava muitíssimo, surpreendia-se com sua memória infalível e sua aptidão para fazer contas de cabeça: "Ele nunca punha nada no papel".[169] Depois, a propaganda soviética também se desfaria em eloqüentes elogios à "incrível memória" dele e falaria de seus "excelentes conhecimentos do trabalho madeireiro e florestal em geral", sua perícia em matéria de agricultura e engenharia e sua excelente cultura geral:

> Certo dia, por exemplo, ele entabulou conversa com dois trabalhadores do truste que fabrica sabonetes, perfumes e cosméticos. Logo os reduziu ao silêncio, pois exibiu enorme conhecimento sobre perfumaria e até se revelou perito no mercado mundial e nas preferências e aversões olfativas dos habitantes do arquipélago Malaio![170]

Outros o odiavam e temiam. Em 1928, numa série de reuniões especiais da célula do Partido em Solovetsky, os colegas de Frenkel o acusaram de organizar uma rede própria de espiões, "de modo que ele, antes dos outros, sabe tudo sobre todos".[171] Em 1927, histórias a seu respeito chegavam até Paris. Num dos primeiros livros sobre Solovetsky, um anticomunista francês escreveu que, "graças às iniciativas pavorosamente insensíveis [de Frenkel], milhões de infelizes se vêem oprimidos por terríveis trabalhos forçados, por sofrimentos atrozes".[172]

Os contemporâneos de Frenkel não se mostram claros a respeito das origens dele. Soljenitsin o chama de "judeu turco nascido em Constantinopla".[173] Outro o descreveu como "industrial húngaro".[174] Shiryaev alegava que Frenkel era oriundo de Odessa, ao passo que outros diziam que viera da Áustria, ou da Palestina, ou que trabalhara na fábrica da Ford nos Estados Unidos.[175] A história fica um tanto mais clara quando se lê seu registro de preso, que informa que ele nasceu em Haifa em 1883, época em que a Palestina era parte do Império Otomano. De lá, ele provavelmente seguiu (talvez por Odessa, talvez pela Áustria-Hungria) para a URSS, onde se descreveu como "comerciante".[176] Em 1923, as autoridades o prenderam por "ter atravessado

---

[168] Shiryaev, p. 138.
[169] Chukhin, Kanaloarmeetsi, pp. 30-31.
[170] Gorky, Belomor, pp. 226-28.
[171] GAOPDFRK, 1033/1/35.
[172] Duguet, p. 75.
[173] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 76.
[174] Malsagov, pp. 61-73.
[175] Shiryaev, pp. 137-38; Rozanov, pp. 174-91; Narinskii, Vremya tyazhkikh potryasenii, pp. 128-49.
[176] Rozanov, pp. 174-91; Shiryaev, pp. 137-48.

fronteiras ilegalmente", o que podia significar que era um comerciante que se permitia fazer algum contrabando, ou que era apenas um comerciante que se tornara demasiado bem-sucedido para o gosto soviético. Foi condenado a dez anos de trabalhos forçados em Solovetsky.[177]

Também permanece um mistério o modo exato pelo qual Frenkel se metamorfoseou de preso em comandante de campo. A lenda diz que, ao chegar lá, ele ficou tão horrorizado com a má organização, com o desperdício puro e simples de dinheiro e mão-de-obra, que sentou e escreveu uma carta muito ao ponto, descrevendo de maneira precisa o que estava errado com cada uma das atividades econômicas locais, entre elas a silvicultura, a agropecuária e a olaria. Pôs a carta na "caixa de reclamações" dos presos, onde ela chamou a atenção de um administrador, que, por sua vez, a enviou como curiosidade para Genrikh Yagoda, o chekista que então subia rapidamente na burocracia da polícia secreta e acabaria por tornar-se o líder dela. Consta que Yagoda teria exigido conhecer de imediato o autor da carta. De acordo com um contemporâneo (e com Soljenitsin, que não explicita nenhuma fonte), o próprio Frenkel afirmou que, em certa altura, foi levado às pressas para Moscou, onde teria discutido suas idéias também com Stalin e um dos sequazes deste, Kaganovich.[178] É aí que a lenda fica mais nebulosa: embora os registros realmente mostrem que Frenkel se encontrou com Stalin nos anos 1930, e embora tenha sido protegido por esse último durante os expurgos no Partido, ainda não se achou nenhuma comprovação de uma visita na década anterior. Isso não quer dizer que ela não tenha acontecido - pode muito ser que os registros não tenham perdurado.[179]

Algumas provas circunstanciais corroboram tais histórias. Naftaly Frenkel foi, por exemplo, promovido de preso a guarda em surpreendentemente pouco tempo, até pelos padrões caóticos da Slon. Em novembro de 1924, quando estava no campo havia menos de um ano, a administração da Slon já solicitara sua soltura antecipada. O requerimento foi aprovado em 1927. Entrementes, a administração do campo apresentara regularmente declarações à OGPU que descreviam Frenkel nos termos mais elogiosos: "no campo, ele se portou como trabalhador tão excepcionalmente talentoso que ganhou a confiança da administração da Slon e é tratado como autoridade [...] é um dos raros trabalhadores responsáveis".[180]

Sabemos ainda que Frenkel organizou e administrou o Departamento Econômico-comercial (Ekonomicheskaya Kommercheskaya Chast) da Slon e, nessa condição, procurou tornar os campos de Solovetsky não apenas auto-sustentáveis, conforme requerido pelos decretos sobre os campos de concentração, mas também realmente lucrativos - a ponto de terem começado a tirar trabalho de outros empreendimentos. Embora estes fossem estatais, e não privados, ainda havia elementos de concorrência econômica na URSS dos anos 1920, e Frenkel se aproveitou disso. Em setembro de 1925, com o Departamento Econômico-comercial sob sua direção, a Slon já conquistara o direito de cortar 130 mil metros cúbicos de madeira na Carélia, tendo oferecido condições comerciais melhores que as de determinada empresa civil. A Slon também se tornara cotista no Banco Comunal da Carélia e disputava o direito

---

[177] Registro de prisioneiro de Frenkel. Hoover, St. Petersburg Memorial Collection.
[178] Chukhin, Kanaloarmeetsi, pp. 30-31; Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 78.
[179] Ver "Posetiteli kabinetu I. V Staling", Istoricheskii Arkhiv, nº 4, 1998, p. 180.
[180] Hoover, St. Petersburg Memorial CoUection.

de construir uma estrada que iria de Kem à cidade de Ukhta, no extremo norte.[181]

Desde o começo, as autoridades da Carélia ficaram enervadas com toda essa atividade, em especial porque inicialmente haviam se oposto a própria construção do campo.[182] Depois, suas queixas foram aumentando de intensidade. Numa assembléia convocada para discutir a expansão da Slon, autoridades locais reclamaram de que o campo tinha acesso injusto à mão-de-obra barata e, portanto, deixava sem trabalho os madeireiros comuns. Posteriormente, o clima nessas reuniões mudou, e os presentes levantaram objeções mais sérias. Em fevereiro de 1926, numa assembléia do Conselho Careliano de Comissários do Povo (o governo da República Careliana), vários líderes locais atacaram a Slon por exagerar nos preços cobrados a eles e exigir dinheiro demais para construir a estrada de Kem a Ukhta. "Fica claro", resumiu um irado camarada Yuzhnev, que "a Slon é um kommersant, um comerciante com mãos grandes e ávidas, e que seu objetivo básico é o lucro."[183]

A estatal mercantil da Carélia também ficou em pé de guerra contra a decisão da Slon de abrir uma loja própria em Kem. A estatal não tinha recursos para estabelecer negócio semelhante, mas a Slon, que podia exigir dos presos jornadas de trabalho mais longas e pagar-lhes bem menos (na realidade, nada), conseguiu fazê-lo.[184] Pior: as autoridades protestavam que os vínculos especiais da Slon com a OGPU lhes permitiam desconsiderar as leis locais e não contribuir para o orçamento da região.[185]

A discussão sobre a lucratividade, eficiência e justiça da mão-de-obra prisional continuaria pelo quarto de século seguinte (e voltará a ser abordada mais adiante, de modo mais completo). Contudo, em meados da década de 1920, as autoridades locais da Carélia não estavam levando a melhor no debate. Em seus relatórios de 1925 sobre as condições econômicas no campo de Solovetsky, o camarada Fyodor Eichmanns (na época o segundo de Nogtev, embora depois viesse a comandar o campo) se gabava das realizações econômicas da Slon, afirmando que a olaria, antes em "estado deplorável", agora prosperava; que o corte de madeira já superava a meta anual; que a usina elétrica fora concluída; e que a produção de pescado dobrara.[186] Versões desses relatórios seriam publicadas para consumo popular tanto nos periódicos de Solovetsky quanto em órgãos de outras regiões da URSS.[187] Traziam cálculos cuidadosos: um relatório estimava em 29 copeques (centavos de rublo) o custo médio diário das rações e em 34,57 rublos o custo anual da indumentária. Constava que o gasto total com cada preso, aí incluídos o traslado e a assistência médica, era de 211,67 rublos por ano.[188] Embora em 1929 o campo apresentasse um déficit de 1,6 milhão de rublos[189] (bem possivelmente porque a OGPU estava afanando dinheiro do caixa), o suposto êxito econômico de Solovetsky ainda era muito alardeado.

---

[181] NARK, 690/6/(1/3).
[182] Baron, pp. 615-21.
[183] NARK, 690/3/(17/148).
[184] Ibid.
[185] Kulikov, p. 99.
[186] GAOPDFRK, 1033/1/15.
[187] Nogtev, "USLON", pp. 55-60; Nogtev, "Solovki", 1926, pp. 4-5.
[188] Juri Brodsky, p. 75.
[189] O déficit de Solovetsky é mencionado em Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud"; também GAOPDFRK, 1051/1/1.

Tal êxito logo se tornou o principal argumento para que se reestruturasse todo o sistema prisional soviético. Se isso se fizesse ao custo de piores rações e condições de vida para os presos, ninguém se importaria muito.[190] Se o preço fosse o azedamento das relações com as autoridades locais, tampouco alguém se incomodaria.

No próprio campo, poucos tinham dúvidas sobre quem seria o responsável por esse pretenso sucesso. Todos identificavam peremptoriamente Frenkel com a mercantilização do campo, e muitos o odiavam de modo igualmente peremptório por isso. Em 1928, numa rancorosa reunião do Partido Comunista de Solovetsky (tão rancorosa que parte das atas foi declarada secreta demais para ser arquivada e, por isso, não está disponível), o camarada Yashenko, um comandante de campo, reclamou de que o Departamento Econômico-comercial da Slon se tornara influente demais: "tudo é competência deles". Também atacou Frenkel, "um ex-condenado que foi solto após três anos de trabalhos porque na época não havia gente suficiente [guardas] para operar o campo". Yashenko (cuja linguagem tem forte odor anti-semita) se queixou de que Frenkel ficara tão importante que, "quando correu o boato de que iria embora, as pessoas disseram que não poderiam trabalhar sem ele".

Yashenko confessou que odiava tanto Frenkel que até pensara em matá-lo. Outros perguntavam por que Frenkel, um ex-condenado, tinha prioridade no atendimento e pagava preços baixos nos estabelecimentos comerciais da Slon - como se fosse o dono. Outros ainda diziam que a Slon se tornara tão comercial que esquecera suas outras funções: interrompera-se todo o trabalho de reabilitação nos campos, e os presos estavam sendo submetidos a exigências de trabalho injustas. Quando eles se mutilavam para fugir às condições laborais, seus casos não eram apurados.[191]

Mas, assim como a Slon ganharia a discussão contra as autoridades da Carélia, assim também Frenkel (talvez graças a seus contatos em Moscou) venceria o debate na Slon acerca do tipo de campo que Solovetsky deveria tornar-se, de como os prisioneiros trabalhariam ali e de como eles seriam tratados.

Como já mencionei, o provável é que Frenkel não tenha inventado o tristemente célebre critério do "coma pelo que trabalha", conforme o qual os presos recebiam rações segundo o trabalho produzido. Frenkel, porém, de fato presidiu ao desenvolvimento e florescimento desse sistema, que evoluiu de um arranjo atamancado, em que às vezes se "pagava" o trabalho com comida, para um método muito preciso e regulado, pelo qual eram distribuídos os alimentos, e organizados os presos.

Na realidade, o sistema de Frenkel era bem simples. Ele dividia os presos da Slon em três grupos, consoante a aptidão física: os considerados capazes de trabalho pesado; os capazes de serviços leves; e os inválidos. Cada grupo recebia uma série diferente de tarefas e metas. Eram então alimentados de acordo - e as diferenças entre as rações se mostravam bem drásticas. Uma tabela, elaborada entre 1928 e 1932, destinava oitocentos gramas de pão e oitenta gramas de carne aos integrantes do primeiro grupo; quinhentos de pão e quarenta de carne aos do segundo; e quatrocentos de pão e quarenta de

[190] Baron, p. 624.
[191] GAOPDFRK, 1033/1/35.

carne aos do terceiro. Em outras palavras, a categoria de trabalhador mais baixa recebia o equivalente a apenas metade do que comia a mais alta.[192]

Na prática, o sistema dividia bem depressa os presos entre os que iriam e os que não iriam sobreviver. Os fortes, sendo relativamente bem alimentados, ficavam mais fortes. Os mais fracos, estando privados de comida, se enfraqueciam e acabavam adoecendo ou morrendo. O processo se tornava mais rápido e mais radical porque as metas de trabalho eram com freqüência muito elevadas - absurdamente elevadas para alguns presos, em especial a gente da cidade que nunca trabalhara escavando turfa ou cortando árvores. Em 1928, as autoridades centrais puniram um grupo de guardas de campo porque eles, a fim de cumprir a meta, haviam forçado 128 pessoas a trabalhar a noite inteira na floresta em pleno inverno. Um mês depois, 75% desses presos ainda estavam com graves queimaduras de frio.[193]

No regime de Frenkel, mudou também a natureza do trabalho da Slon: ele não estava interessado em bobagens como a criação de animais de pele ou o cultivo de plantas árticas exóticas. Em vez disso, mandava os presos para abrir estradas e cortar árvores, aproveitando-se da mão-de-obra gratuita e não-qualificada que a Slon possuía em abundância.[194] A natureza do trabalho logo mudou o caráter do campo, ou antes dos campos, pois agora a Slon começava a expandir-se para muito além do arquipélago de Solovetsky. Sobretudo, Frenkel já não ligava se os presos eram mantidos num ambiente prisional, em cadeias ou atrás de arame farpado. Ele despachou turmas de seus trabalhadores braçais para toda a República Careliana, para a região de Arcangel na República Russa e para onde mais fossem necessários, a milhares de quilômetros de Solovetsky.[195]

Tal qual um consultor administrativo que assume uma companhia em dificuldades, Frenkel "racionalizou" outros aspectos da vida no campo, descartando aos poucos tudo o que não contribuísse para a produtividade econômica. Bem depressa, renunciou-se a toda pretensão de reabilitar. Como se queixavam os detratores de Frenkel, ele fechara os jornais e outros periódicos do campo e suspendera as reuniões da Associação de Estudos Locais de Solovetsky. O museu e o teatro continuaram a existir, mas só para impressionar os maiorais que chegavam de visita.

Ao mesmo tempo, a violência aleatória se tornava menos comum. Em 1930, a Comissão Shanin (uma delegação especial da OGPU) chegou à ilha para averiguar rumores de maus-tratos aos presos. Seus relatórios confirmaram as alegações de tortura e espancamentos excessivos. Numa sensacional reversão da política anterior, a Shanin condenou e executou dezenove dos responsáveis entre os membros da OGPU.[196] Agora, tais condutas não eram tidas como condizentes com uma instituição que valorizava acima de tudo a idéia de trudosposobnost - "capacidade de trabalho".

Por fim, sob a liderança de Frenkel, o conceito de "preso político" mudou em definitivo. No outono de 1925, abandonaram-se as distinções artificiais que se

---

[192] Juri Brodsky, p. 75.
[193] Ibid., p. 114.
[194] Ibid., p. 195.
[195] NARK, 690/6/(1/3).
[196] Chukhin, "Dva dokumenta".

haviam traçado entre quem fora condenado por atividades criminais e quem fora condenado por atividades anti-revolucionárias, uma vez que ambos os grupos eram mandados juntos ao continente para trabalhar nos enormes projetos de abate de árvores e processamento de madeira na Carélia. A Slon já não reconhecia o status de preso privilegiado; em vez disso, via todos os prisioneiros como trabalhadores braçais em potencial.[197]

Os residentes socialistas do alojamento do Sawatyevo representavam um problema maior. Ficava claro que esses presos políticos não se encaixavam em nenhuma idéia de eficiência econômica, pois se negavam, por princípio, a realizar qualquer tipo de trabalho forçado. Recusavam-se até a cortar a própria lenha. "Estamos em degredo administrativo", reclamou um deles, "e a administração está obrigada a suprir todas as nossas necessidades."[198] Não chega a surpreender que tal atitude começasse a causar ressentimento na administração do campo. O comandante Nogtev, em especial, embora houvesse negociado pessoalmente com os presos políticos de Petrominsk na primavera de 1923, e lhes tivesse prometido um regime mais livre em Solovetsky se concordassem em ir para lá pacificamente, parece ter-se melindrado com as intermináveis exigências deles. Tinha de discutir com eles por causa da liberdade de movimentos, do acesso aos médicos, do direito de corresponderem-se com o mundo lá fora. Finalmente, em 19 de dezembro de 1923, no auge de uma altercação particularmente azeda a respeito do toque de recolher, os soldados que guardavam o alojamento do Sawatyevo abriram fogo contra um grupo de presos políticos, matando seis.

O episódio causou furor no estrangeiro. A Cruz Vermelha Política contrabandeou para fora do país informes sobre a fuzilaria. Surgiram relatos na imprensa ocidental antes mesmo que na Rússia, e houve apressada troca de telegramas entre a ilha e a liderança do Partido Comunista. De início, as autoridades do campo defenderam os disparos, afirmando que os presos haviam desobedecido ao toque de recolher e que os soldados tinham dado três advertências antes de atirar.

Depois, em abril de 1924, embora não chegasse a reconhecer que os soldados não tinham dado nenhuma advertência (e o consenso entre os presos é de que não deram mesmo), a administração do campo forneceu uma análise mais detalhada do que ocorrera. Os presos políticos, explicava o relatório, eram uma "classe diferente" daquela à qual pertenciam os soldados designados para guardá-los. Os presos passavam o tempo lendo livros e jornais; os soldados não tinham livros nem jornais. Os presos consumiam pão branco, manteiga e leite; os soldados não recebiam nada disso. Era uma "situação anormal". Acumulara-se um ressentimento natural, dos trabalhadores para com os não-trabalhadores; e, quando os presos desafiaram o toque de recolher, foi inevitável que houvesse derramamento de sangue.83 Numa reunião do Comitê Central do Partido Comunista, em Moscou, os administradores do campo, para corroborar essas conclusões, leram em voz alta cartas dos presos: "Estou bem disposto e bem alimentado [...] por ora, não precisam mandar roupas nem alimentos". Outras missivas descreviam as lindas vistas.[199] Depois, quando algumas dessas cartas foram publicadas na imprensa soviética, presos insistiram em que haviam escrito tais descrições idílicas da vida na ilha só para

[197] Juri Brodsky, p. 115.
[198] Letters from Russian Prisons, pp. 183-88. 83. Hoover, Conjunto 89, 73/32.
[199] Ibid., 73/34.

tranqüilizar os parentes.[200]

Indignado, o Comitê Central resolveu agir. Uma comissão chefiada por Gleb Boky (o maioral da OGPU que estava encarregado dos campos) fez uma visita aos campos de Solovetsky e ao estabelecimento prisional de trânsito de Kem. Em outubro de 1924, seguiu-se uma série de artigos no Izvestiya. "Quem acredita que Solovetsky seja uma prisão deprimente e sombria, onde as pessoas ficam inativas, perdendo o tempo em celas superlotadas, está muito enganado", escreveu N. Krasikov. "O campo inteiro consiste numa enorme organização econômica de 3 mil trabalhadores braçais, atuando nos mais diversos tipos de produção." Tendo entoado loas à indústria e à agricultura do lugar, Krasikov passava a descrever a vida no alojamento dos socialistas no Sawatyevo:

> A vida que levam pode ser caracterizada como anarcointelectual, com todos os aspectos negativos dessa forma de existência. A contínua ociosidade, a insistência nas mesmas dissensões políticas, as brigas de família, as disputas sectárias e, sobretudo, uma atitude agressiva e hostil para com o governo, em geral, e a administração local e os guardas do Exército Vermelho, em particular [...], tudo isso combinado faz que aquelas trezentas pessoas (mais ou menos) se mostrem refratárias a toda medida e toda tentativa das autoridades locais para introduzir regularidade e organização em suas vidas.[201]

Em outro periódico, as autoridades soviéticas afirmavam que os presos socialistas usufruíam rações melhores que as do Exército Vermelho. Ainda mais: tais presos tinham liberdade para encontrar-se com parentes (de que outra maneira poderiam contrabandear informações para fora?) e dispunham de médicos à vontade, muito mais do que o normal nas aldeias de trabalhadores. Desdenhosamente, o artigo também alegava que eles exigiam "medicamentos raros e caros", assim como coroas e pontes de ouro nos dentes.[202]

Era o começo do fim. Após uma série de discussões, durante as quais o Comitê Central ponderou e rejeitou a idéia de mandar esses presos para o exílio no exterior (preocupava-se com o impacto disso sobre os socialistas ocidentais - especialmente, por alguma razão, sobre o Partido Trabalhista britânico), tomou-se uma decisão.[203] Ao amanhecer de 17 de junho de 1925, soldados cercaram o mosteiro de Sawatyevo. Deram duas horas para que os presos fizessem as malas. Em seguida, conduziram-nos marchando para o porto, obrigaram-nos a embarcar e os despacharam para longínquas prisões na Rússia central, de regime realmente fechado - Tobolsk, na Sibéria ocidental, e Verkhneuralsk, nos Urais -, onde os presos encontraram condições muito piores que as do Sawatyevo.[204] Um deles escreveu:

> celas trancadas, o ar contaminado pelo velho e fétido balde sanitário, os presos políticos isolados uns dos outros [...] nossas rações são piores que em Solovetsky. A administração se nega a reconhecer nosso

[200] Letters from Russian Prisons, pp. 218-20.
[201] Krasikov, p. 2.
[202] Letters from Russian Prisons, p. 215.
[203] Hoover, Conjunto 89, 73/34, 35, e 36.
[204] Hoover, Coleção Nicolaevsky, Caixa 782; Coleção Melgunov, Caixa 8.

> starosta [líder de grupo]. Não há nem hospital nem assistência médica. A prisão compreende dois pisos. As celas do térreo são úmidas e escuras. Nelas ficam os camaradas doentes, alguns dos quais tísicos [...].[205]

Embora continuassem lutando por seus direitos, enviando cartas para o exterior, telegrafando mensagens uns para os outros pelas paredes das prisões e organizando greves de fome, a propaganda bolchevique seguia sufocando os protestos dos socialistas. Em Berlim, Paris e Nova York, as antigas associações de auxílio aos presos começaram a encontrar maior dificuldade para coletar fundos.[206] "Quando se deram os acontecimentos de 9 de setembro", escreveu um prisioneiro a um amigo que estava fora da Rússia, referindo-se aos seis presos que haviam morrido baleados em 1923, "achamos subjetivamente que haveria uma convulsão no mundo - nosso mundo socialista. Mas parece que ele não notou os acontecimentos de Solovetsky, e aí um som de risada adentrou na tragédia."[207]

No final dos anos 1920, os presos socialistas já não tinham status diferenciado. Compartilhavam suas celas com bolcheviques, trotskistas e criminosos comuns. Na década seguinte, os presos políticos (ou melhor, "contra-revolucionários") seriam considerados não uns privilegiados, mas elementos inferiores, ficando abaixo dos criminosos na hierarquia dos campos. Não mais sendo cidadãos com direitos do tipo que os antigos presos políticos haviam defendido, eles interessavam a seus carcereiros apenas na medida em que se mostravam aptos para o trabalho. E só quando trabalhavam recebiam comida suficiente para permanecer vivos.

## 3. 1929: A GRANDE GUINADA

> Quando os bolcheviques chegaram ao poder, eram moles e bonzinhos com os inimigos deles [...] começamos cometendo um erro. A indulgência para com tal força foi um crime contra as classes laboriosas. Isso logo ficou evidente [...].
>
> Josef Stalin[208]

Em 20 de junho de 1929, o navio Gleb Boky atracou no pequeno porto atrás do kremlin de Solovetsky. Bem acima, presos acompanhavam a cena com grande expectativa. Em vez dos condenados emaciados e calados que costumavam desembarcar do Gleb Boky, um saudável e enérgico grupo de homens, e uma mulher, conversava e gesticulava enquanto caminhava. Nas fotos tiradas naquele dia, a maioria parece estar de uniforme: entre eles, havia vários chekistas de destaque, inclusive o próprio Gleb Boky. Um deles, mais alto que os restantes, dono de um basto bigode, estava trajado com mais simplicidade, usando sobretudo comum e boné de trabalhador. Era o romancista Máximo Gorki.

Dmitrii Likhachev era um dos presos que assistiam da janela, e ele também se

---

[205] Hoover, Coleção Nicolaevsky, Caixa 782, Pasta 6.
[206] Ibid., Pasta 1.
[207] Letters from Russian Prisons, p. 160.
[208] Stalin entrevistado por Emil Ludwig, 1934, in Silvester, pp. 311-22.

recordaria de alguns dos outros passageiros:

> Dava para ver o morrote onde Gorki ficou muito tempo, em pé, junto com uma pessoa de aparência esquisita que usava jaqueta de couro, culotes também de couro, botas de cano alto e quepe de couro. Era a nora de Gorki, a mulher de seu filho Maxim. Ficava evidente que, na opinião dela, estava vestida como uma autêntica chekista.

O grupo então subiu a uma carruagem do mosteiro, puxada por “um cavalo que só Deus sabe de onde veio", e partiu numa excursão pela ilha.[209]

Como Likhachev bem sabia, Gorki estava longe de ser um visitante comum. Naquela altura da vida, ele era o mui enaltecido e mui homenageado filho pródigo dos bolcheviques. O escritor, um socialista militante que fora íntimo de Lênin, nem por isso deixara de opor-se ao golpe bolchevique de 1917. Em artigos e discursos posteriores, continuara a denunciar com veemência sincera o golpe e o terror subseqüente, falando das "políticas doidas" de Lênin e da "cloaca" em que Petrogrado se transformara. Em 1921, ele finalmente emigrou, trocando a Rússia por Sorrento, onde, de início, continuou a lançar missivas condenatórias e iradas para seus amigos na pátria.

Com o tempo, seu tom mudou, tanto que, em 1928, ele resolveu voltar, por motivos que não estão de todo claros. Soljenitsin, de maneira um tanto mesquinha, afirma que Gorki retornou porque não se tornara tão famoso quanto esperava no Ocidente e então sentia-se muito infeliz no desterro e não suportava a companhia de outros exilados russos, a maioria dos quais era muito mais fanaticamente anticomunista do que ele.[210] Qualquer que tenha sido a motivação, Gorki, uma vez tomada a decisão de voltar, parecia determinado a ajudar o regime soviético o máximo possível. Quase de imediato, partiu numa série de viagens triunfais pela URSS e, de caso pensado, incluiu Solovetsky no itinerário. Seu duradouro interesse por prisões remontava ao próprio passado de delinqüente juvenil.

Numerosos memorialistas recordam a ocasião da visita de Gorki a Solovetsky, e todos concordam que se fizeram extensos preparativos de antemão. Alguns lembram que as normas do campo foram alteradas para aquela data e que os maridos se viram autorizados a ver as esposas, sendo de supor que isso se destinava a deixar todo o mundo com ar mais alegre.[211] Likhachev escreveu que se transplantaram árvores adultas em torno da colônia de trabalho, para dar-lhe aspecto menos desolador, e que se removeram presos dos alojamentos, a fim de que parecessem menos apinhados. Mas os memorialistas se mostram divididos a respeito do que Gorki realmente fez quando chegou. De acordo com Likhachev, o escritor percebeu todas as tentativas de lográ-lo. Enquanto lhe mostravam a enfermaria do hospital, onde toda a equipe médica usava aventais novos, Gorki soltou um desdenhoso "Não gosto de desfiles" e foi-se embora. Passou meros dez minutos na colônia de trabalho e aí se fechou com um preso de catorze anos, a fim de ouvir a "verdade". Quarenta minutos depois, saiu chorando. Tudo isso segundo Likhachev.[212]

---

[209] Likhachev, Kniga bespokoisty, pp. 183-89.
[210] Solzjenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 63; Figes, pp. 400-5 e 820-21.
[211] Juri Brodsky, pp. 188-89.
[212] Likhachev, Kniga bespokoisty, pp. 183-89.

Por outro lado, Oleg Volkov, que também estava em Solovetsky quando da visita de Gorki, afirma que o escritor "só olhou para o que o mandaram olhar".[213] E, embora a história do menino de catorze anos apareça em outros relatos (conforme uma versão, ele foi fuzilado tão logo Gorki partiu), outros alegam que todos os presos que tentaram aproximar-se do escritor acabaram repelidos.[214] Parece certo que cartas de presos a Gorki foram depois interceptadas, e, de acordo com uma fonte, pelo menos um dos missivistas foi subseqüentemente executado.[215] V. E. Kanen, um agente da OGPU que tinha caído em desgraça e sido aprisionado, diz até que Gorki visitou as celas punitivas da Sekirka e ali assinou o livro-diário da prisão. Um dos chefes da OGPU de Moscou que estava com Gorki teria escrito: "tendo visitado a Sekirka, encontrei tudo em ordem, exatamente como seria de esperar". Abaixo disso, segundo Kanen, Gorki acrescentou: "Eu diria que [a prisão] é excelente".[216]

Mas, embora não possamos ter certeza do que de fato ele fez ou viu na ilha, podemos ler o ensaio que escreveu depois, o qual assumiu a forma de impressões de viagem. Ali, Gorki enalteceu a beleza natural das ilhas e descreveu as construções pitorescas e seus igualmente pitorescos habitantes. Na viagem de barco para a ilha, ele até conheceu alguns dos antigos monges de Solovetsky. "E como a administração os trata?", pergunta-lhes. "A administração quer que todos trabalhem", respondem. "E nós trabalhamos."[217]

Gorki também escreve com admiração sobre as condições de trabalho, claramente pretendendo que seus leitores entendam que um campo soviético de galés não era de modo algum a mesma coisa que um campo capitalista (ou czarista) de galés, e sim um tipo completamente novo de instituição. Em alguns dos cômodos, afirma, viu

> quatro ou seis leitos, cada um deles adornado com objetos pessoais [...] há flores nos peitoris. Não se tem nenhuma impressão de que a vida seja regulada em excesso. Não, não existe nenhuma semelhança com uma prisão. Em vez disso, é como se esses cômodos fossem habitados por passageiros resgatados de um navio que naufragou.

Indo aos locais de trabalho, ele depara com "rapazes saudáveis" que usam botas resistentes e camisas de linho. Encontra poucos presos políticos e, quando o faz, descreve-os com desdém como "contra-revolucionários, tipos exaltados, monarquistas". Quando lhe contam que foram presos injustamente, ele presume que estejam mentindo. Em certa altura, parece aludir ao legendário encontro com o menino de catorze anos. Escreve que, durante sua visita a um grupo de delinqüentes juvenis, um deles lhe traz uma nota de protesto. Em resposta, ouvem-se "gritos agudos" dos outros menores, que chamam o rapaz de "dedo-duro".

Mas não eram apenas as condições de vida que, na descrição de Gorki, faziam de Solovetsky um novo tipo de campo. Os detentos, esses "passageiros resgatados", não apenas eram felizes e sadios, como também desempenhavam papel vital num experimento grandioso: a transformação de

---

[213] Volkov, p. 168.
[214] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II; Khesto, p. 245.
[215] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, pp. 62-63; Khesto, pp. 243-54 Juri Brodsky pp. 185-88.
[216] Chukhin, Kanaloarmeetsi, p. 36.
[217] Gorky, Sobranie sochinenii, vol. XI, pp. 291-316. Todas as citações de Gorki sobre Solovetsky vêm desta fonte.

personalidades criminosas e associais em cidadãos soviéticos úteis. Gorki estava reavivando a idéia de Dzerzhinsky de que os campos deveriam ser não meras penitenciárias, mas "escolas do labor", especialmente concebidas para moldar o tipo de trabalhador requerido pelo novo sistema soviético. A seu ver, a meta definitiva do experimento era assegurar a "abolição das prisões" - e ele estava conseguindo. "Se alguma das supostas sociedades cultas da Europa se arrojasse a realizar uma experiência como a dessa colônia", concluía Gorki, "e se semelhante experiência rendesse frutos como os que a nossa rendeu, tal país faria soar todas as trombetas e se vangloriaria de seu feito." Gorki imaginava que só a "modéstia" dos líderes soviéticos os impedira de ter a mesma atitude.

Consta que, posteriormente, Gorki disse que nem uma única frase de seu ensaio sobre Solovetsky ficara "intocada pela pena do censor". Na realidade, não sabemos se ele escreveu o que escreveu por ingenuidade, por um desejo calculado de enganar os leitores ou por imposição dos censores.[218] Quaisquer que tenham sido suas motivações, esse ensaio de 1929 sobre Solovetsky se tornaria uma pedra fundamental para firmar as atitudes tanto públicas quanto oficiais em face do novo e muitíssimo mais extenso sistema de campos que estava sendo gestado naquele mesmo ano. A propaganda bolchevique anterior defendera a violência revolucionária como um mal necessário, ainda que temporário, uma força depuradora transitória. Gorki, ao contrário, fez a violência institucionalizada dos campos de Solovetsky parecer um componente lógico e natural da nova ordem e ajudou a levar o público a resignar-se ao poder crescente e totalitário do Estado.[219]

Ao fim e ao cabo, 1929 seria lembrado por causa de muitas outras coisas além do ensaio de Gorki. Naquele ano, a Revolução já amadurecera. Quase uma década se passara desde o fim da Guerra Civil. Lênin morrera havia muito. Experimentos econômicos de vários tipos - a Nova Política Econômica, o comunismo de guerra - tinham sido testados e abandonados. Da mesma forma que o desconjuntado campo de concentração do arquipélago de Solovetsky se tornara a rede de campos conhecida como Slon, o terror aleatório dos primeiros anos da URSS amainara, sendo substituído por uma perseguição mais sistemática àqueles que o regime considerava seus opositores.

Em 1929, a Revolução também já adquirira um tipo muito diferente de líder. No decorrer dos anos 1920, Josef Stalin suplantara ou eliminara primeiro os inimigos dos bolcheviques e depois os inimigos dele próprio, em parte encarregando-se das decisões do Partido sobre pessoal, em parte fazendo pródigo uso de informações secretas reunidas para seu benefício pela polícia secreta, na qual ele tinha particular interesse. Stalin lançou uma série de expurgos, que de início significavam a expulsão do Partido, e providenciou para que eles fossem anunciados em assembléias de massa exaltadas e recriminatórias. Em 1937 e 1938, esses expurgos se tornariam letais: à expulsão do partido freqüentemente se seguia uma pena de prisão - ou a morte.

Com extraordinária astúcia, Stalin também acabou com Leon Trotski, seu mais importante rival na luta pelo poder. Primeiro, desacreditou Trotski; depois, o

---

[218] Khesto, pp. 244-45.
[219] Tolczyk, pp. 94-97. Minha interpretação do ensaio de Gorki é baseada nas perspicazes observações de Tolczyk.

desterrou em uma ilha ao largo da Turquia; em seguida, usou-o para estabelecer um precedente. Depois que Yakov Blyumkin, agente da OGPU e ardoroso partidário de Trotski, visitou seu herói no exílio turco (e voltou de lá com uma mensagem de Trotski a seus seguidores), Stalin fez que Blyumin fosse condenado e executado. Dessa maneira, demonstrou que o Estado se dispunha a usar todo o poder de seus órgãos repressivos não apenas contra membros de outros partidos socialistas e o antigo regime, mas também contra dissidentes dentro do próprio Partido Bolchevique.[220]

Em 1929, porém, Stalin ainda não era o ditador que se tornaria no final da década seguinte. É mais exato dizer que, naquele ano, Stalin estabeleceu as políticas que acabariam por consagrar o poder dele e, simultaneamente, transformar a economia e a sociedade soviéticas de tal maneira que elas ficariam irreconhecíveis. Historiadores ocidentais deram a essas políticas o nome "Revolução de Cima Para Baixo" ou "Revolução Stalinista". Stalin as denominou a "Grande Guinada".

No cerne dessa revolução de Stalin estava um novo programa de industrialização extremamente - quase histericamente - rápida. Ao mesmo tempo, a Revolução Soviética ainda não acarretara melhoria material real na vida da maior parte das pessoas. Pelo contrário: os anos da Revolução, da Guerra Civil e da experimentação econômica haviam provocado maior empobrecimento. Então, talvez percebendo o crescente descontentamento popular com a Revolução, Stalin partiu para mudar as condições de vida do povo comum - radicalmente.

Com esse objetivo, o governo soviético aprovou em 1929 um novo "Plano Qüinqüenal", um programa econômico que almejava um aumento anual de 20% na produção da indústria. Reinstaurou-se o racionamento de comestíveis. Durante algum tempo, abandonou-se a semana de cinco dias úteis. Em vez disso, o trabalho se baseou em turnos, para que as fábricas não parassem em momento algum. Em projetos de alta prioridade, não se desconheciam turnos de 36 horas, e alguns operários ficavam no trabalho uma média de trezentas horas por mês.[221] O espírito da época, imposto de cima mas entusiasticamente adotado embaixo, era uma forma de competição permanente, na qual burocratas e diretores de fábrica, operários e escriturários disputavam uns com os outros para cumprir as metas do Plano Qüinqüenal, superá-las ou, pelo menos, propor maneiras mais novas e mais rápidas de superá-las. Simultaneamente, a ninguém se permitia duvidar da sensatez do Plano. Isso valia para os mais altos escalões: líderes do Partido que punham em dúvida o valor da industrialização apressada não ficavam muito tempo no cargo. Valia também para os escalões mais baixos. Um sobrevivente daqueles tempos lembrou que, no jardim-de-infância, marchava pela sala de aula carregando um pequeno estandarte e cantando:

> Cinco em quatro,
> Cinco em quatro,
> Cinco em quatro,
> E não em cinco!

Infelizmente, o significado dessa frase - que o Plano Qüinqüenal seria

---

220 Tucker, Stalin in Power, pp. 125-27.
221 Payne, pp. 270-71.

completado em quatro anos - escapava inteiramente ao menino.[222]

Como seria o caso com todas as grandes iniciativas soviéticas, o início da industrialização maciça criou categorias inteiramente novas de criminosos. Em 1926, o Código Penal fora reescrito para incluir, entre outras coisas, uma definição ampliada do artigo 58, que definia crimes "contra-revolucionários". Tendo tido antes apenas um ou dois parágrafos, o artigo 58 agora continha dezoito incisos - e a OGPU se utilizava de todos, sobretudo para prender especialistas técnicos.[223] Como seria de prever, não se conseguia acompanhar o ritmo acelerado da mudança. Tecnologia primitiva, aplicada com demasiada pressa, causava erros. Alguém precisava levar a culpa. Donde as prisões dos "destruidores" e "sabotadores", cujos propósitos malévolos impediam a economia soviética de corresponder ao que a propaganda alardeava. Alguns dos primeiros grandes julgamentos públicos - o de Shakhty, em 1928; o do Partido Industrial, em 1920 - eram na realidade processos contra engenheiros e integrantes da intelligentsia técnica. O mesmo ocorria com o processo Metro-Vickers, de 1933, que atraiu muita atenção externa porque entre os réus estavam tanto russos como britânicos, todos acusados de "espionagem e sabotagem" em favor da Grã-Bretanha.[224]

Mas haveria outras fontes de presos. Isso porque, em 1929, o regi-|me soviético também acelerou o processo de coletivização forçada da agricultura, uma vasta convulsão que, em certos sentidos, foi mais profunda que a própria Revolução Russa. Num período incrivelmente pequeno, os comissários rurais obrigaram milhões de camponeses a abrir mão de suas pequenas propriedades e ingressar em fazendas coletivas, muitas vezes expulsando-os de terras que as famílias desses lavradores cultivavam fazia séculos. A transformação enfraqueceu a agricultura soviética de maneira permanente e criou as condições para as terríveis e devastadoras fomes que ocorreriam na Ucrânia e na Rússia meridional em 1932 e 1934 - e que matariam entre 6 milhões e 7 milhões de pessoas.[225] A coletivização também destruiu - para sempre - a percepção russa de continuidade com o passado.

Milhões resistiram à coletivização, escondendo cereais nos porões ou se negando a cooperar com as autoridades. Esses refratários eram tachados de kulaks (camponeses ricos), um termo que (de modo muito semelhante à definição de "sabotador") era tão vago que quase todo o mundo se encaixava nele. Ter uma vaca ou um quarto extras já bastava para qualificar como kulaks até camponeses que era visivelmente pobres; a acusação de algum vizinho invejoso tinha o mesmo efeito. Para quebrar a resistência dos kulaks, o regime, na prática, ressuscitou a velha tradição czarista do degredo administrativo. De um dia para o outro, caminhões e vagões simplesmente chegavam a uma aldeia e levavam embora famílias inteiras. Alguns kulaks foram fuzilados; outros, presos e condenados aos campos de concentração. Ao fim e ao cabo, porém, o regime degredou a maioria deles. Entre 1930 e 1933, mais de 2 milhões de kulaks foram desterrados para a Sibéria, o Cazaquistão e outras regiões subpovoadas da URSS, onde passaram o resto da vida como "degredados especiais", proibidos de sair das aldeias que lhes couberam.

---

222 Tucker, Stalin in Power, p. 96.

223 Sbornik, pp. 22-26.

224 Ver relatos em Tucker, Stalin in Power, e Conquest, Stalin, bem como em Getty e Naumov.

225 Ver Harvest ofSorrow de Conquest, ainda o mais abrangente relato sobre a coletivização e a fome. O relato de Ivnitskii faz uso fiel dos arquivos. Como os exilados, os kulaks aguardam um verdadeiro cronista.

Outros 100 mil foram presos e mandados para o Gulag.[226]

À medida que se instalava a fome (ajudada pela falta de chuva), seguiam-se mais prisões. Todo cereal disponível foi tirado das aldeias e propositalmente negado aos kulaks. Os que eram pegos furtando quantidades ínfimas, mesmo que para alimentar os filhos, também acabavam na prisão. Uma lei de 7 de agosto de 1932 impunha a pena de morte, ou uma longa pena nos campos de concentração, para todos esses "crimes contra a propriedade estatal". Logo depois, apareceram nos campos de concentração as "respigadoras": camponesas que, para sobreviver, pegavam restos de cereal deixados na terra após a colheita. A elas se juntaram outros, como os famintos que recebiam penas de dez anos por terem furtado meio quilo de batata ou algumas maçãs.[227] Tais leis explicam por que os camponeses constituíam a imensa maioria dos presos nos campos de concentração soviéticos durante toda a década de 1930; e por que eles continuariam a ser parte substancial da população carcerária até a morte de Stalin.

Nos campos de concentração, o impacto dessas prisões maciças foi enorme. Quase tão logo as novas leis entraram em vigor, os administradores dos campos começaram a exigir uma reforma rápida e radical de todo o sistema. O sistema prisional "comum", que ainda estava a cargo do Comissariado do Interior - e continuava muito maior que Solovetsky, o qual era administrado pela OGPU -, permanecera superlotado, desorganizado e deficitário durante toda a década anterior. No país inteiro, a situação era tão ruim que, em certa altura, o Comissariado do Interior procurou reduzir o número de detentos condenando mais gente aos "trabalhos forçados sem privação da liberdade", ou seja, designando-lhes tarefas sem encarcerá-los, o que aliviava a pressão sobre os campos.[228]

A medida que aumentavam o ritmo da coletivização e a força da repressão, porém, milhões de kulaks sofriam despejo, e aquelas soluções começaram a parecer politicamente inoportunas. Mais uma vez, as autoridades determinaram que criminosos tão perigosos - inimigos do grande impulso de Stalin à coletivização -, exigiam forma mais segura de encarceramento, e a OGPU se preparou para estabelecer uma.

Em 1928, sabendo que o sistema prisional se deteriorava tão depressa quanto aumentava o número de presos, o Politburo do Partido Comunista criou uma comissão para lidar com o problema. Na aparência, a comissão era neutra e incluía representantes tanto do Comissariado do Interior e do Comissariado da Justiça quanto da OGPU. O camarada

Yanson, comissário da Justiça, seria o presidente da comissão. A tarefa desta era criar "um sistema de campos de concentração, organizados à maneira dos campos da OGPU", e as deliberações se davam dentro de limites bem claros. Não obstante as frases líricas de Máximo Gorki sobre o valor dos trabalhos forçados na regeneração de criminosos, todos os participantes da comissão empregavam a dura linguagem da economia. Todos expressavam as mesmas preocupações com a "rentabilidade" e falavam freqüentemente do "uso racional

---

[226] Ivnitskii, p. 115; Zemskov, "Spetsposelentsy", p. 4.
[227] Getty e Naumov, pp. 110-12; Solomon, pp. 111-29.
[228] Jakobson, p. 120.

da mão-de-obra".[229]

É bem verdade que a ata redigida após a reunião de 15 de maio de 1929 registra algumas objeções práticas à criação de um sistema maciço de campos: estes seriam demasiado difíceis de estabelecer, não havia estradas que levassem ao extremo norte, e assim por diante. O Comissariado do Trabalho achava errado submeter quem cometera crimes de menor gravidade ao mesmo castigo destinado a reincidentes. Tolmachev, comissário do Interior, lembrou que o sistema seria visto de maneira negativa no exterior: os "Guardas Brancos exilados" e a imprensa burguesa estrangeira afirmariam que, "em vez de construirmos um sistema penitenciário para regenerar os presos pelo trabalho correcional, estabelecemos fortalezas chekistas".[230]

No entanto, Tolmachev estava argumentando que o sistema pareceria mau, e não que seria ruim. Nenhum dos presentes objetou alegando que campos "ao estilo de Solovetsky" fossem cruéis ou mortíferos. Tampouco alguém mencionou as teorias alternativas de justiça criminal das quais Lênin tanto gostara, aquela idéia de que o crime desapareceria junto com o capitalismo. Por certo ninguém falou em reabilitação dos presos, na "transformação da natureza humana" que Gorki enaltecera em seu ensaio sobre Solovetsky e que seria tão importante quando se apresentasse ao público a primeira série de campos. Em vez disso, Genrikh Yagoda, o representante da OGPU na comissão, expressou com muita clareza os verdadeiros interesses do regime:

> Já é tanto possível quanto absolutamente necessário remover de locais de confinamento na Rússia 10 mil presos cuja mão-de-obra poderia ser mais bem organizada e mais bem utilizada. Ademais, fomos informados de que os campos e cadeias da República Ucraniana estão igualmente superlotados. E óbvio que a política soviética não permitirá a construção de novas prisões. Ninguém dará dinheiro para isso. Por outro lado, construir grandes campos - que farão uso racional da mão-de-obra - é coisa diferente. Temos muita dificuldade para atrair trabalhadores para o norte. Se mandarmos milhares de presos para lá, poderemos explorar os recursos setentrionais [...] a experiência de Solovetsky demonstra o que é possível realizar nessa área.

Yagoda então explicou que a recolocação seria permanente. Após a soltura, os presos permaneceriam: "com diversas medidas administrativas e econômicas, poderemos obrigar os presos a ficar no norte assim povoando nossas regiões mais distantes".[231]

A idéia de que presos devessem tornar-se colonos - tão similar ao modelo czarista - não era nada que só houvesse ocorrido depois. Enquanto a Comissão Yanson deliberava, uma comissão governamental distinta também começara a averiguar a crise de mão-de-obra no extremo norte, propondo saídas variadas, como enviar os desempregados, ou imigrantes chineses.[232] Ambas as comissões procuravam soluções para o mesmo problema ao mesmo tempo, e esse interesse não era de admirar. A fim de cumprir o Plano Qüinqüenal de Stalin, a URSS precisaria de imensas quantidades de carvão,

---

[229] Krasilnikov, "Rozhdenie Gulags", pp. 143-44.
[230] Ibid., pp. 145-46.
[231] Ibid., p. 145.
[232] Nordlander, "Capital of the Gulag".

gás, petróleo e madeira, tudo isso disponível na Sibéria, no Cazaquistão e no extremo norte. O país também necessitava de ouro para comprar maquinaria nova no exterior, e os geólogos haviam recentemente descoberto esse metal na região de Kolyma, no extremo nordeste. Apesar das temperaturas baixíssimas, das condições de vida precárias e da inacessibilidade, tais recursos tinham de ser explorados com vertiginosa rapidez.

No espírito de competição interministerial (então acirrada), Yanson de início propôs que seu próprio comissariado assumisse o sistema e estabelecesse uma série de campos florestais, com o objetivo de aumentar as exportações soviéticas de madeira, importante fonte de divisas externas. O projeto foi posto de lado, provavelmente porque nem todo o mundo queria que o camarada Yanson e sua burocracia judiciária o controlassem. Em vez disso, quando o projeto foi subitamente ressuscitado, na primavera de 1929, as conclusões da Comissão Yanson foram um tanto diferentes. Em 13 de abril, a comissão propôs instalar um novo sistema de campos, agora unificado, que eliminaria a distinção entre os campos "comuns" e os "especiais". Algo mais importante: a comissão entregou esse sistema diretamente à OGPU.[233]

A OGPU assumiu com assustadora celeridade o controle sobre a população prisional da URSS. Em dezembro de 1927, o Departamento Especial da OGPU tinha a seu cargo 30 mil detentos (cerca de 10% do número de presos do país), a maioria deles nos campos de Solovetsky.

O departamento empregava não mais que mil pessoas, e seu orçamento mal excedia 0,05% dos gastos estatais. Para comparação, o sistema prisional do Comissariado do Interior mantinha 150 mil detentos e consumia 0,25% do orçamento estatal. Contudo, entre 1928 e 1930, a situação se inverteu. À medida que outras instituições estatais iam gradualmente abrindo mão de seus presos, de seus cárceres, de seus campos e dos empreendimentos industriais ligados a eles, o número de presos sob a jurisdição da OGPU inflou de 30 mil para 300 mil.[234] Em 1931, a polícia secreta também assumiu o controle sobre milhões de "degredados especiais" (a maioria kulaks desterrados), que na prática eram galés, pois estavam proibidos de sair das colônias e locais de trabalho que lhes tinham sido designados, sob pena de morte ou detenção.[235] Em meados da década de 1930, a OGPU teria sob seu domínio toda a vasta força de trabalho representada pelos presos da URSS.

A fim de dar conta das novas responsabilidades, a OGPU reorganizou aquele seu Departamento Especial e o rebatizou Administração Central dos Campos de Trabalho Correcional e das Colônias de Trabalho. Esse título canhestro acabaria sendo encurtado para Administração Central dos Campos, ou, em russo, Glavnoe Upravlenie Lagerei. Donde o acrônimo pelo qual o departamento, e por fim o próprio sistema, seria conhecido: Gulag.[236]

Desde que os campos de concentração soviéticos surgiram em larga escala, seus detentos e seus cronistas discutem os motivos por trás da criação desses estabelecimentos. Será que apareceram por acaso, como efeito colateral da

---

[233] Krasilnikov, "Rozhdenie Gulags"; Jakobson, pp. 1-9.
[234] Jakobson, p. 120.
[235] Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud"; Krasilnikov, Spetspereselentsy v zapadnoi Sibiri, vesna 1931 g. - nachalo 1933 g., p. 6.
[236] GARF, 5446/1/54 e 9401/1a/1; Jakobson, pp. 124-25.

coletivização, da industrialização e de outros processos que ocorriam no país? Ou será que Stalin tramou o crescimento do Gulag com cuidado, planejando de antemão prender milhões de pessoas?

No passado, alguns historiadores afirmaram que não havia nenhum grande projeto subjacente à fundação dos campos. Um desses historiadores, James Harris, argumentou que líderes locais, e não burocratas moscovitas, deram o impulso para que se construíssem novos campos na região dos Urais. Estando obrigadas a cumprir as exigências impossíveis do Plano Qüinqüenal, por um lado, e enfrentando grave escassez de mão-de-obra, por outro, as autoridades dali aceleraram o ritmo e a crueldade da coletivização para achar a quadratura do círculo: toda vez que tiravam um kulak das terras dele, criavam mais um trabalhador escravo.[237] Outro historiador, Michael Jakobson, concluiu, seguindo vim pensamento semelhante, que as origens do sistema prisional soviético tinham sido "banais":

> Os burocratas perseguiam metas inalcançáveis de auto-sustentabilidade das prisões e de reabilitação dos presos. As autoridades queriam mão-de-obra e fundos, expandiam suas burocracias e tentavam cumprir metas irreais. Os administradores e carcereiros aplicavam regras e regulamentos. Os teóricos racionalizavam e justificavam. Depois tudo acabava revertido, modificado ou abandonado.[238]

De fato, se as origens do Gulag houvessem sido acidentais, isso não teria sido surpreendente. Durante toda a primeira metade da década de 1930, a liderança soviética em geral, e Stalin em particular, mudava constantemente de rumo, implementava políticas e então as revertia, fazendo pronunciamentos públicos para ocultar propositalmente a verdade. Quando se lê a história daquela era, não é fácil detectar um grandioso plano maligno que tenha sido concebido por Stalin ou por quem quer que fosse.[239] Um exemplo: o próprio Stalin lançou a coletivização e então, assim parece, mudou de idéia, em março de 1930, quando atacou autoridades rurais excessivamente zelosas que estavam "embriagadas pelo sucesso". (Qualquer que tenha sido a intenção desse pronunciamento, ele teve pouco efeito prático, e a destruição dos kulaks continuou na mesma marcha durante anos.)

No começo, os burocratas e os secretas da OGPU que planejaram a expansão do Gulag também não parecem ter sido mais claros no que se refere a seus objetivos finais. A própria Comissão Yanson tomou decisões e depois as reverteu. A OGPU também executava políticas que pareciam contraditórias. Durante todos os anos 1930, por exemplo, ela com freqüência decretou anistias, destinadas a acabar com a superlotação nas prisões e campos. Invariavelmente, as anistias eram seguidas de novas ondas de repressão, e novas ondas de construção de campos, como se Stalin e seus sequazes nunca soubessem ao certo se queriam ou não que o sistema crescesse - ou como se diferentes pessoas estivessem dando diferentes ordens em diferentes momentos.

De modo semelhante, o sistema de campos passaria por muitos ciclos: ora

---

[237] Harris.
[238] Jakobson, p. 143.
[239] Por exemplo, ver Kotkin para a descrição de como os planos de outro dos projetos de Stalin - a fundição de aço Magnitogorsk -, que nada tinham a ver com o Gulag, também não deram certo.

mais repressivo, ora menos, ora mais repressivo de novo. Mesmo depois de 1929, quando os campos já haviam sido colocados firmemente no rumo da eficiência econômica, subsistiam algumas anomalias no sistema. Em 1937, por exemplo, muitos presos políticos ainda eram mantidos em celas, explicitamente proibidos de trabalhar - uma prática que pareceria contradizer o impulso geral de eficiência.[240] Diversas mudanças burocráticas tampouco eram lá muito significativas. Embora a divisão formal entre campos da polícia secreta e campos da polícia comum tenha mesmo chegado ao fim na década de 1930 continuou a haver uma divisão residual entre os campos, que supostamente se destinavam aos criminosos e elementos políticos mais perigosos, e as "colônias", que seriam para os contraventores com penas mais curtas. Na prática, porém, a organização do trabalho, da alimentação e do cotidiano era muito parecida tanto nos campos quanto nas colônias.

E no entanto... Hoje, há também um consenso crescente de que o próprio Stalin tinha, se não um plano cuidadosamente preparado, pelo menos uma crença muito grande nas enormes vantagens da mão-de-obra prisional, crença em que ele se manteve até o fim da vida. Por quê?

Alguns, como Ivan Chukhin - historiador do sistema inicial de campos e ex-membro da polícia secreta - especulam que Stalin fomentou as primeiras e superambiciosas obras de construção dos campos para reforçar seu prestígio pessoal. Na época, ele ainda estava apenas surgindo como líder do país, após uma longa e renhida luta pelo poder. Talvez tenha imaginado que novas façanhas na frente industrial, realizadas com uso da mão-de-obra escrava do sistema prisional, o ajudassem a consolidar sua autoridade.[241]

Stalin pode também ter-se inspirado em precedentes históricos mais antigos. Robert Tucker, entre outros, já demonstrou fartamente o interesse obsessivo de Stalin por Pedro, o Grande - mais um governante russo que empregou de maneira maciça a mão-de-obra de servos e condenados para realizar enormes feitos de engenharia e construção. Em 1928, num discurso ao plenário do Comitê Central, feito justamente quando se preparava para lançar seu programa industrial, Stalin observou com admiração:

Quando Pedro, o Grande, fazendo negócios com os países do Ocidente, mais avançados, freneticamente construía fábricas para suprir o Exército e fortalecer as defesas do país, tratava-se de um esforço especial para dar um salto à frente e livrar-se das restrições do atraso.[242]

O grifo é meu, para enfatizar o vínculo entre a "Grande Guinada" de Stalin e as políticas de seu antecessor setecentista. Na tradição histórica russa, Pedro é lembrado como líder tão grande quanto cruel, e não se acha que isso constitua contradição. Afinal, ninguém recorda quantos servos morreram durante a construção de São Petersburgo mas todo o mundo admira a beleza da cidade. Stalin pode muito bem ter levado a peito o exemplo de Pedro.

Entretanto, o interesse de Stalin em campos de concentração nem precisa ter tido uma causa racional: o fato de ser obcecado por gigantescos programas de

---

[240] Evgeniya Ginzburg, por exemplo, recebeu uma sentença de prisão que não era de trabalhos forçados, ainda em 1936. Ver E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind.
[241] Chukhin, Kanaloarmeetsi, p. 25.
[242] Tucker, Stalin in Power, p. 64.

obras e por turmas de galés mourejadores se relacionava, de algum modo, a seu tipo especial de loucura megalomaníaca. Certa vez, Mussolini disse de Lênin que este era "um artista que trabalhou os homens como outros trabalharam o mármore ou o metal".[243] Talvez a descrição se aplicasse melhor a Stalin, que gostava mesmo de ver grande número de corpos humanos marcharem ou dançarem em perfeita sincronia.[244] Ficava encantado com o balé, com as exibições orquestradas de ginástica e com os desfiles em que apareciam gigantescas pirâmides construídas de figuras humanas anônimas e contorcidas.[245] Ele, assim como Hitler, também era obcecado pelo cinema, em especial pelos musicais de Hollywood, com seus enormes elencos de cantores e dançarinos em uníssono. É possível que ele tenha fruído um prazer diferente, mas correlato, ante o espetáculo das vastas turmas de presos que escavavam canais e construíam ferrovias a uma ordem sua.

Qualquer que tenha sido a inspiração dele, política, histórica ou psicológica, fica claro que, desde os primeiros tempos do Gulag, Stalin demonstrou profundo interesse pessoal pelos campos e exerceu enorme influência no desenvolvimento destes. Um exemplo: a decisão crucial de transferir todos os campos e prisões para a OGPU, tirando-os do âmbito do sistema judiciário comum, quase certamente se deu a mando de Stalin. Em 1929, ele já se interessava muitíssimo pela polícia secreta. Acompanhava as carreiras dos chefes da OGPU e supervisionava a construção de residências confortáveis para eles e suas famílias.[246] Em contraste, a administração prisional do Comissariado do Interior não lhe despertava interesse algum: seus líderes haviam apoiado os oponentes de Stalin nas implacáveis lutas internas do Partido à época.[247]

Todos os que participaram da Comissão Yanson deviam conhecer muito bem esses detalhes, o que já deve ter sido suficiente para convencê-los a colocar as prisões nas mãos da OGPU. Mas Stalin também interveio diretamente nas decisões da comissão. Em certa altura daquelas confusas deliberações, o Politburo chegou a reverter a própria determinação original, declarando o propósito de tirar da polícia secreta o sistema prisional e tornar a entregá-lo ao Comissariado do Interior. Essa perspectiva deixou Stalin indignado. Numa carta de 1930 a Vyacheslav Molotov (um colaborador muito próximo), atacou a idéia qualificando-a de "intriga" orquestrada pelo comissário do Interior, que "é totalmente podre". Stalin mandou o Politburo implementar a resolução original e pôs fim ao Comissariado do Interior.[248] A decisão de Stalin de dar os campos à OGPU determinou o futuro caráter deles. Tirou-os da supervisão judiciária comum e os colocou firmemente nas mãos da burocracia de urna polícia secreta cujas origens remontavam ao mundo obscuro e extralegal da Cheka.

Embora haja menos indícios sólidos para corroborar essa teoria, pode ser que também tenha vindo de Stalin a ênfase constante na necessidade de construir "campos ao estilo de Solovetsky". Como já mencionamos, os campos de Solovetsky nunca foram rentáveis, nem em 1929, nem nunca. No ano

---

[243] Citado em Bullock, p. 374.
[244] Volkogonov, Stalin, pp. 127 e 148.
[245] Moynahan, fotografias em pp. 156 e 157, por exemplo.
[246] Tucker, Stalin in Power, p. 273.
[247] Jakobson, p. 121.
[248] Lih, Naumov, e Khlevnyuk, p. 211; também Krasilnikov, "Rozhdenie Gulags", pp. 152-54; Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud".

administrativo que foi de junho de 1928 a junho de 1929, a Slon ainda recebia do orçamento estatal um subsídio de 1,6 milhão de rublos.[249] Não obstante a Slon talvez ter parecido mais bem-sucedida que outras empresas locais, qualquer um que entendesse de economia sabia que ela estava longe de oferecer concorrência justa. Um exemplo: os campos madeireiros que se utilizavam de presos pareciam sempre mais produtivos que os empreendimentos comuns do setor só porque os camponeses empregados por esses últimos trabalhavam apenas no inverno, quando ficavam impossibilitados de praticar a agricultura.[250]

Apesar disso, achava-se que os campos de Solovetsky fossem rentáveis - ou pelo menos Stalin achava que fossem. Ele também acreditava que fossem rentáveis justamente por causa dos métodos "racionais" de Frenkel - a distribuição de rações conforme o trabalho produzido pelo preso, a eliminação de "supérfluos". A prova de que o sistema de Frenkel ganhara o beneplácito dos mais altos escalões está nos resultados: não apenas esse sistema se viu rapidamente copiado no resto do país, mas o próprio Frenkel foi encarregado de chefiar a construção do Canal do Mar Branco, o primeiro grande projeto do Gulag na era stalinista, um cargo extremamente alto para um ex-condenado.[251] Depois, como veremos, Frenkel foi protegido da prisão e possível execução graças à intervenção do primeiríssimo escalão.

Indícios de que Stalin preferia a mão-de-obra prisional à comum também se acham no contínuo interesse dele pelas minúcias da administração dos campos. Durante toda a vida no poder, ele exigiu informes regulares sobre a "produtividade por detento" nos campos, freqüentemente requerendo estatísticas específicas: quanto carvão e petróleo os campos tinham produzido, quantos prisioneiros empregavam, quantas medalhas seus administradores haviam recebido.[252] Estava particularmente interessado na minas auríferas da Dalstroi, o complexo de campos na região de Kolyma, no extremo nordeste, e exigia informações regulares e precisas sobre a geologia de Kolyma, a tecnologia mineira da Dalstroi e a exata qualidade e quantidade do ouro produzido. Para garantir que suas determinações pessoais fossem cumpridas mesmo nos campos mais longínquos, enviava equipes de inspeção e, muitas vezes, mandava que os administradores viessem a Moscou.[253]

Quando algum projeto lhe interessava em especial, ele às vezes se envolvia ainda mais. Os canais, por exemplo, cativavam sua imaginação, e de quando em quando parecia que queria construí-los a torto e a direito. Certa feita, Yagoda foi obrigado a escrever a Stalin, objetando polidamente ao desejo irrealista de abrir um canal, usando trabalho escravo, no centro de Moscou.[254] A medida que Stalin assumia maior controle sobre os órgãos do poder, ele também forçava os colegas a focalizarem a atenção nos campos. Em 1940, o Politburo discutia este ou aquele projeto do Gulag quase toda semana.[255]

---

[249] Khlevnyuk, ibid., p. 74.
[250] Jakobson, p. 121.
[251] Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud", pp. 74-76; Jakobson, p. 121; Hoover, São Petersburgo Memorial Collection.
[252] Há muitos exemplos nos "osobaya papka" (arquivos pessoais) de Stalin in GARF, 9401/2. Delo 64 contém um relato abrangente sobre a Dalstroi, por exemplo.
[253] Nordlander, "Origins of a Gulag Capital", pp. 798-800.
[254] Genrikh Yagoda, p. 434.
[255] Protocolos do Politburo, RGASPI, 17/3.

Contudo o interesse de Stalin não era apenas teórico. Também tinha interesse direto pelos seres humanos envolvidos no trabalho dos campos: quem fora detido, onde fora condenado, o que seria feito de tal e tal pessoa. Lia, e comentava, ele mesmo as petições de soltura que lhe eram enviadas pelos presos ou pelas esposas destes, freqüentemente respondendo com uma ou duas palavras ("Mantenha-o trabalhando" ou "Solte-o").[256] Numa fase posterior, exigiria com regularidade informações sobre presos ou grupos de presos que lhe interessavam, como os nacionalistas da Ucrânia ocidental.[257]

Também há indícios de que a curiosidade de Stalin por determinados presos nem sempre era puramente política e de que ela não se voltava apenas para seus inimigos pessoais. Já em 1931, antes de consolidado seu poder, Stalin fez o Politburo aprovar uma resolução que lhe dava enorme influência pessoal sobre a prisão de certas categorias de especialistas técnicos.[258] E o padrão das detenções de engenheiros e especialistas naqueles primeiros tempos faz mesmo pensar em algum nível superior de planejamento. Talvez também não tenha sido apenas coincidência que o primeiríssimo grupo de presos mandados para os novos campos nas jazidas auríferas de Kolyma abrangesse sete conhecidos peritos em mineração, dois peritos em organização do trabalho e um experiente engenheiro hidráulico.[259] E pode não ter sido mero acaso que a OGPU haja prendido um dos principais geólogos da URSS às vésperas de uma expedição para, como veremos, construir um campo perto das reservas petrolíferas da República Komi.[260] Tais coincidências não podem ter sido planejadas por chefes regionais do Partido que apenas reagiam às pressões do momento.

Por fim, uma prova totalmente circunstancial, mas ainda assim interessante, sugere que as detenções em massa no final dos anos 1930 e nos anos 40 talvez também tenham sido ordenadas, em certa medida, para saciar o desejo de Stalin por mão-de-obra escrava, e não - ao contrário do que a maioria sempre supôs - para punir seus pretensos ou potenciais inimigos. Os autores da mais fidedigna história dos campos que até hoje se escreveu em russo assinalam a "relação positiva entre o sucesso da atividade econômica nos campos e o número de presos enviados para lá". Eles argumentam que não deve ter sido por acaso que as penas para crimes de pouca gravidade se tornaram muito mais severas justamente quando os campos se expandiam e, por isso, precisavam com urgência de mais trabalhadores.[261]

Alguns documentos catados em arquivos aqui e ali fazem pensar o mesmo. Em 1934, por exemplo, Yagoda escreveu uma carta a seus subordinados na Ucrânia, requerendo de 15 mil a 20 mil presos, todos "aptos para o trabalho": eram necessários com urgência para concluir as obras do canal Volga-Moscou. A carta estava datada de 17 de março, e nela Yagoda também exigia que os chefes locais da OGPU tomassem "medidas adicionais" para garantir que os detentos chegassem até 1º de abril. Todavia, não ficava claro de onde deveriam aparecer esses 15 mil a 20 mil presos. Teriam sido detidos para

---

[256] Volkogonov, Stalin, pp. 25213o8-9, e 519.
[257] GARF, 9401/2/199 (arquivos pessoais de Stalin).
[258] RGASPI, 17/3/746; Nordlander, "Capital of the Gulag".
[259] Nordlander, ibid.
[260] Kaneva, p. 331.
[261] Okhotin e Roginskii, p. 34.

atender à requisição de Yagoda?[262] Ou - como acredita o historiador Terry Martin - Yagoda estava simplesmente batalhando a fim de garantir um afluxo cômodo e regular de mão-de-obra para seu sistema de campos, uma meta que, na realidade, ele nunca atingiu?

Se as detenções se destinavam a povoar os campos, então elas o fizeram com uma ineficiência quase ridícula. Martin e outros também assinalaram que toda onda de prisões em massa parece ter pegado totalmente de surpresa os comandantes de campo, dificultando-lhes obter até mesmo um simulacro de eficiência econômica. Os policiais que faziam as prisões tampouco escolhiam suas vítimas de maneira racional: em vez de restringirem-se aos varões jovens e saudáveis que teriam dado os melhores trabalhadores braçais no extremo norte, também aprisionavam grande número de mulheres, crianças e idosos.[263] A flagrante falta de lógica das detenções em massa parece contradizer a idéia de que se planejou cuidadosamente a formação de uma força de trabalho escrava - o que leva muitos a concluir que as capturas se destinavam antes de tudo a eliminar os que eram considerados inimigos de Stalin, e só depois a encher os campos.

Mas, ao fim e ao cabo, essas explicações para a expansão dos campos tampouco chegam a ser de todo mutuamente exclusivas. Stalin pode muito bem ter pretendido que as capturas tanto eliminassem inimigos quanto criassem trabalhadores escravos. Pode ter sido motivado tanto pela própria paranóia quanto pelas necessidades de mão-de-obra dos líderes regionais. Talvez o melhor seja formular tudo isso em termos simples: Stalin propunha o "modelo de Solovetsky" a sua polícia secreta, Stalin selecionava as vítimas - e seus subordinados não deixavam passar a chance de obedecer a ele.

## 4. O CANAL DO MAR BRANCO

Onde antes água e penhascos limosos dormiam,
Ali, graças à força do trabalho,
Fábricas serão construídas,
E cidades crescerão.
Chaminés se erguerão
Sob os céus do norte,
E edifícios brilharão com as luzes
De bibliotecas, teatros e clubes.
Medvedkov, preso do Canal do Mar Branco, 1934.[264]

No fim das contas, apenas uma das objeções levantadas durante as reuniões da Comissão Yanson viria a causar preocupação. Embora estivessem certos de que a grande nação soviética superaria a falta de estradas, e embora sentissem poucos remorsos de usar presos como trabalhadores escravos, Stalin e seus sequazes continuaram extremamente sensíveis à linguagem que os estrangeiros utilizavam no exterior para descrever os campos prisionais da URSS.

---

[262] Genrikh Yagoda,pp. 375-76.
[263] Terry Martin sugeriu-me isto em um e-mail em junho de 2002.
[264] Citado em Baron, p. 638.

De fato, os estrangeiros daquele tempo, ao contrário do que reza a crença popular, descreviam com bastante freqüência esses campos de concentração. No Ocidente do final dos anos 1920, sabia-se geralmente um bocado a respeito deles, talvez mais do que no final dos anos 40. Extensos artigos sobre as prisões da URSS haviam sido publicados na imprensa alemã, francesa, britânica e norte-americana, sobretudo nos periódicos de esquerda, que tinham amplos contatos com socialistas russos aprisionados.[265] Em 1927, um escritor francês chamado Raymond Duguet publicou Uma colônia penal na Rússia Vermelha (Un bagne en Russie Rouge), livro surpreendentemente preciso sobre Solovetsky, descrevendo tudo, desde a personalidade de Naftaly Frenkel até os horrores da tortura dos mosquitos. Em 1926, o georgiano S. A. Malsagov, oficial do Exército Branco que conseguira fugir de Solovetsky e cruzar a fronteira, publicou Inferno na ilha, outro relato acerca das ilhas, em Londres. Como resultado de rumores generalizados sobre os abusos da mão-de-obra prisional pelos soviéticos, a seção britânica da Sociedade Anti-escravagista até lançou uma investigação e escreveu um relatório que deplorava os indícios de escorbuto e maus-tratos.[266] Baseando-se no testemunho de refugiados russos, um senador francês escreveu um artigo, muito citado, comparando a situação na URSS às descobertas do inquérito da Sociedade das Nações sobre a escravidão na Libéria.[267]

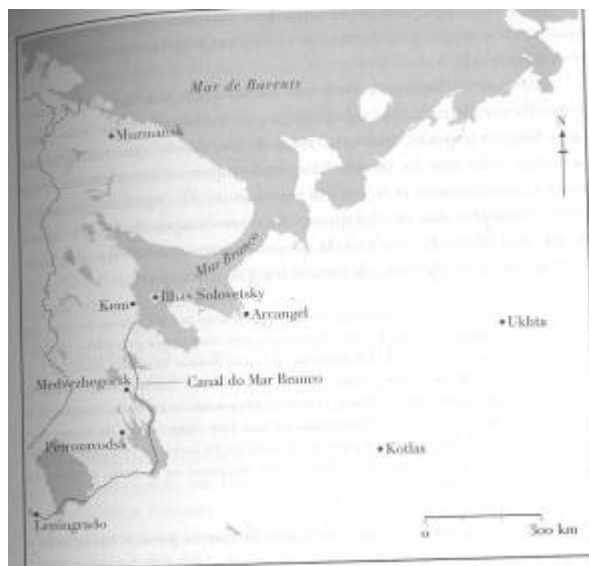
Entretanto, após a expansão dos campos em 1929 e 1930, o interesse estrangeiro por eles se modificou, afastando-se do destino dos presos socialistas e enfocando então a ameaça econômica que os campos pareciam representar para os interesses econômicos ocidentais. Empresas ameaçadas, e sindicatos idem, começaram a organizar-se Sobretudo na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, aumentou a pres. são a favor de um boicote aos artigos soviéticos supostamente produzidos por galés. Paradoxalmente, o movimento pelo boicote obscureceu toda a questão aos olhos da esquerda ocidental, que ainda apoiava a Revolução Russa, em especial na Europa, mesmo se muitos líderes se sentiam pouco à vontade com o destino de seus irmãos socialistas. O Partido Trabalhista britânico, por exemplo, opôs-se a uma proibição de importar artigos soviéticos porque suspeitava da motivação das companhias que a promoviam.[268]

Nos Estados Unidos, porém, os sindicatos (especialmente a American Federation of Labor, AFL) saíram em apoio a um boicote. Por um curto período, tiveram sucesso. Lá, o Tariff Act, de 1930, determinava que "todos os artigos [...] minerados, produzidos ou manufaturados [...] pelo trabalho de condenados e/ou pelo trabalho forçado [...] não poderão ser admitidos em nenhum dos portos dos Estados Unidos".[269] Com base nisso, o Departamento do Tesouro proibiu a importação de fósforos e madeira para papel soviéticos.

Embora o Departamento de Estado não tenha apoiado a proibição (que durou apenas uma semana), o debate continuou.[270] Em janeiro de 1931, a comissão orçamentária do Congresso dos Estados Unidos se reuniu para considerar projetos de lei "relativos à proibição de artigos produzidos pelo trabalho de

---

[265] Dallin e Nicolaevsky, pp. 218-19.
[266] Bateson e Pim.
[267] Dallin e Nicolaevsky, p. 219.
[268] Ibid., p. 221.
[269] Ibid., p. 220.
[270] Ibid., p. 220; Jakobson, p. 126.

condenados na Rússia".[271] Em 18, 19 e 20 de maio de 1931, o Times de Londres publicou uma série de artigos surpreendentemente detalhados a respeito dos trabalhos forçados na URSS, concluindo com um editorial que condenava a recente decisão britânica de dar reconhecimento diplomático à URSS. Emprestar dinheiro à Rússia, escreviam os editorialistas, colocaria "mais poder nas mãos daqueles que estão abertamente trabalhando [...] para destruir o Império Britânico".

*O canal do mar Branco, Rússia setentrional, 1932-3*

O regime soviético levou mesmo muito a sério a ameaça de boicote, e tomaram-se diversas medidas a fim de impedir que algo assim interrompesse o fluxo de moeda forte para o país. Algumas foram cosméticas: por exemplo, a Comissão Yanson finalmente eliminou de todas as suas declarações públicas a palavra kontslager (campo de concentração). A partir de 7 de abril de 1930, todos os documentos oficiais passaram a descrever os campos de concentração soviéticos como ispravitelno-trudovye lagerya (ITL), ou "campos de trabalho correcional". Só esse termo viria a ser usado.[272]

As autoridades dos campos fizeram outras mudanças cosméticas em nível local, sobretudo na indústria madeireira. Em certa altura, a OGPU alterou seu contrato com a Karellis, o conglomerado madeireiro da Carélia, de modo a parecer que não mais se utilizavam presos. Naquela época, 12.090 detentos foram oficialmente "removidos" dos campos da OGPU. Na realidade, continuaram trabalhando, mas sua presença era disfarçada pelos ardis burocráticos.[273] Mais uma vez, a maior preocupação da liderança soviética era com as aparências, não com a realidade.

Em outros lugares, presos que trabalhavam nos campos madeireiros foram efetivamente substituídos por trabalhadores livres - ou, mais freqüentemente, "colonos" degredados, kulaks que não tinham mais voz ativa que os presos.[274] Segundo alguns memorialistas, essa troca às vezes acontecia de um dia para o outro. George Kitchin, negociante finlandês que passou quatro anos em

---

[271] Dallin e Nicolaevsky, p. 220.
[272] GARF, 5446/1/54 e 9401/1a/1.
[273] GARF, 9414/1/2920.
[274] Jakobson, p. 127.

campos da OGPU antes de ter sido libertado com a ajuda de seu governo, escreveria que, imediatamente antes da visita de uma delegação estrangeira,

> recebeu-se do escritório central em Moscou um telegrama secreto, em código, instruindo-nos a liquidar nosso campo por completo, em três dias, e fazê-lo de tal maneira que não ficasse nenhum vestígio. [...] Enviaram-se telegramas a todos os postos, os quais deviam cessar as operações em 24 horas, reunir os presos em centros de evacuação e apagar as marcas dos campos penais, tais como cercas de arame farpado, torres de vigia e placas de sinalização; todos os principais encarregados deviam vestir trajes civis, desarmar os guardas e aguardar novas instruções.

Kitchin, junto com vários milhares de outros presos, foi levado a pé pela floresta afora. Ele acreditava que mais de 1.300 detentos tivessem morrido nessa e em outras evacuações-relâmpago.[275]

Em março de 1931, Molotov, então presidente do Conselho dos Comissários do Povo, sentiu-se confiante de que não houvesse mais presos na indústria madeireira soviética (pelo menos não visíveis) e convidou todos os estrangeiros interessados a visitarem e verificarem por si mesmos.[276] Alguns já tinham vindo: em 1929, os arquivos do Partido Comunista na Carélia registram a presença de dois jornalistas americanos, "o camarada Durant e o camarada Wolf", que escreviam para a Tass, a agência de notícias soviética, e para "jornais radicais". Os dois foram recebidos com uma execução da Internacional, o hino operário, e o camarada Wolf prometeu "contar aos trabalhadores da América como os trabalhadores da União Soviética vivem e criam uma vida nova". Não seria a última dessas encenações.[277]

No entanto, embora a pressão por um boicote houvesse soçobrado em 1931, a campanha ocidental contra o trabalho escravo soviético não deixara de ter algum resultado: a URSS era, e continuaria sendo, muito zelosa de sua imagem no exterior, mesmo sob o comando de Stalin. Alguns, dentre eles o historiador Michael Jakonson, agora especulam que a ameaça de um boicote pode até ter sido importante fator por trás de outra mudança de diretrizes, esta maior. O negócio madeireiro, que demandava grande quantidade de trabalho não-especializado, fora a maneira ideal de utilizar os presos. Mas as exportações de madeira, uma das principais fontes de moeda forte da URSS, não podiam correr o risco de novo boicote. Os presos precisavam ser mandados para outro lugar - de preferência, algum onde sua presença pudesse ser comemorada, e não escondida. Possibilidades não faltavam, mas uma em especial seduziu Stalin: construir um grande Canal do Mar Branco ao mar Báltico, atravessando terreno que, em grande parte, era puro granito.

No contexto da época, o Canal do Mar Branco em russo, Belomorkanal, abreviado para Belomor - não era único. No momento em que se iniciou sua construção, a URSS já começara a executar vários projetos que, de forma semelhante, eram grandiosos e faziam uso intensivo de trabalho braçal; entre eles, incluíam-se a maior siderúrgica do mundo, em Magnitogorsk, gigantescas fábricas de tratores e automóveis e imensas "cidades socialistas" plantadas no

---

[275] Kitchm,pp. -267-70.
[276] Jakobson, pp. 127-28.
[277] GAOPDFRK, 26/1/41.

meio de pântanos. Apesar disso, mesmo dentre as outras crias da mania de gigantismo dos anos 1930, o Canal do Mar Branco se destacava.

Para começo de conversa, o canal representava, como sabiam muitos russos, a realização de um sonho bem antigo. Os primeiros projetos haviam sido elaborados no século XVIII, quando os mercadores czaristas procuravam uma maneira de mandar das águas frias do mar Branco aos portos comerciais do Báltico navios carregados de madeira e minerais, sem fazer a viagem de uns setecentos quilômetros pelo oceano Ártico e, depois, ainda descer a extensa costa da Noruega.[278]

Também era um projeto de ambição extrema, até temerária, e talvez por isso ninguém houvesse tentado realizá-lo antes. O canal requeria 227 quilômetros de escavação, mais cinco diques e dezenove eclusas. Os planejadores soviéticos pretendiam construí-lo utilizando a tecnologia menos sofisticada possível, numa região pré-industrial do extremo norte, que nunca fora adequadamente desbravada e que, nas palavras de Máximo Gorki, era "hidrologicamente terra incógnita".[279] Tudo isso, porém, pode até ter sido parte do atrativo do projeto para Stalin. Ele queria um triunfo tecnológico - um que o antigo regime nunca conseguira -, e o queria o mais depressa possível. Exigiu não apenas que construíssem o canal, mas também que o fizessem em vinte meses. Quando pronto, levaria o nome de Stalin.

Stalin foi o maior fomentador do Canal do Mar Branco - e desejava especificamente que o abrissem com o trabalho de presos. Antes de iniciadas as obras, condenou com a maior violência quem indagava se um projeto tão caro era mesmo necessário, dado o volume relativamente pequeno de tráfego no mar Branco. "Disseram-me", escreveu a Molotov, "que Rykov e Kviring querem pôr fim à idéia do canal do Norte, contrariando as decisões do Politburo. Eles deveriam ser colocados no devido lugar e receber uns cascudos." Durante uma sessão do Politburo em que se discutiu o canal, Stalin também escreveu uma nota irritada, rabiscada às pressas, que falava de sua crença no trabalho de presos:

> Quanto ao trecho norte do canal, tenho em mente confiar na GPU [com mão-de-obra prisional]. Ao mesmo tempo, devemos designar alguém para calcular outra vez as despesas da construção desse trecho. [...] O que me apresentam é caro demais.[280]

As preferências de Stalin tampouco eram segredo. Depois que o canal ficou pronto, o principal administrador louvou Stalin tanto pela "bravura" em ter-se disposto a construir aquele "gigante hidrotécnico" quanto pelo "fato maravilhoso de que esse trabalho não foi completado com mão-de-obra comum".[281] Também se pode ver a influência de Stalin na rapidez com que se partiu para as obras. A decisão de iniciá-las foi tomada em fevereiro de 1931, e elas começaram em setembro do mesmo ano, após meros sete meses de projeto e levantamento topográfico.

Administrativa, física e até psicologicamente, os primeiros campos de

---

[278] Gorky, Belomor, (tradução de Kanal imeni Stalina), pp. 17-19.
[279] Ibid., p. 40.
[280] Lih, Naumov, e Khlevnyuk pp. 225 e 212.
[281] Makurov, p. 76. Esta é uma coletânea de documentos selecionados dos arquivos carelianos.

prisioneiros associados ao Canal do Mar Branco brotaram da Slon. Os campos do canal se organizavam com base no modelo da Slon, usavam equipamento dela e eram operados por quadros também seus. Tão logo as obras se iniciaram, os encarregados transferiram muitos presos dos campos da Slon nas ilhas Solovetsky e no continente para trabalharem no novo projeto. Por algum tempo, a velha burocracia da Slon e a nova burocracia do Canal do Mar Branco podem até ter competido pelo controle do projeto - mas o canal ganhou. Ao fim e ao cabo, a Slon deixaria de ser entidade independente. O kremlin de Solovetsky foi designado prisão de segurança máxima, e o arquipélago se tornou simplesmente mais uma divisão do Campo de Trabalhos Correcionais Belomor - Baltiiskii (mar Branco-Báltico), conhecido como Belbaltlag. Certo número de guardas e de destacados administradores da OGPU também foi transferido da Slon para o canal. Dentre eles, como se observou, estava Naftaly Frenkel, que gerenciou desde novembro de 1931 até o término das obras o dia-a-dia do projeto.[282]

Nas memórias dos sobreviventes, o caos que acompanhou a construção adquire natureza quase mitológica. A necessidade de economizar acarretava que os presos usassem madeira, areia e pedra em vez de metal e cimento. Cortavam-se custos sempre que possível. Após muita discussão o canal foi escavado com profundidade de apenas quatro metros, que mal era suficiente para embarcações da Marinha de Guerra. Já que a tecnologia moderna ou era cara demais, ou não estava disponível, os planejadores empregaram enormes quantidades de mão-de-obra não-qualificada. Os cerca de 170 mil presos e "degredados especiais" que trabalharam no projeto ao longo dos 21 meses de construção usaram pás de madeira, mais serras, picaretas e carrinhos de mão muito rústicos, para escavar o canal e construir seus grandes diques e eclusas.[283]

Nas fotos da época, essas ferramentas decerto parecem muito primitivas, mas só um olhar mais atento revela quanto. Algumas ainda estão expostas em Medvezhegorsk, outrora o portão de entrada do canal e a "capital" do Belbaltlag. Hoje uma aldeia esquecida da Carélia, Medvezhegorsk sobressai apenas pelo enorme hotel, vazio e infestado de baratas, e pelo pequeno museu de história local. As picaretas em exibição ali são, na verdade, pedaços de metal mal afiados que foram amarrados com couro ou barbante a hastes de madeira. As serras consistem em folhas planas de metal grosseiramente dentadas. Em vez de usarem dinamite, os presos quebravam grandes pedras usando "martelos" - pedaços de metal parafusados a cabos de madeira - para inserir nelas barras de ferro.

Tudo, desde os carrinhos de mão até os andaimes, era feito à mão. Um preso recordou que

> não havia absolutamente nenhuma tecnologia. Até automóveis comuns eram raridade. Tudo se fazia à mão, por vezes com ajuda de cavalos. Escavávamos a terra com as mãos e a retirávamos em carrinhos de mão; também escavávamos através dos morros com as mãos e levávamos embora as pedras com a força dos braços.[284]

---

[282] Okhotin e Roginskii, p. 163.
[283] Baron, pp. 640-41; também Chukhin, Kanaloarmeesi.
[284] Makurov, p. 86.

Até a propaganda soviética se gabava de que as pedras eram removidas em "Fords Belomor": "carretas pesadas com quatro rodas de madeira sólida, feitas de tocos de árvores".[285]

As condições de vida não eram menos capengas, apesar dos esforços de Genrikh Yagoda, o chefe da OGPU, que tinha a responsabilidade política pelo projeto. Ele parecia realmente acreditar que deviam dar condições decentes de vida aos presos caso se quisesse terminar o canal a tempo; e com freqüência doutrinava os comandantes dos campos para tratarem melhor os detentos e "tomarem o máximo cuidado a fim de garantir que eles estejam alimentados, vestidos e abrigados de maneira adequada". Em seguida, os comandantes fizeram o mesmo, assim corno o chefe da divisão Solovetsky do projeto do canal em 1933. Dentre outras coisas, esse último dirigente instruiu seus subordinados a eliminar as filas para comida à noite, acabar com o furto nas cozinhas e restringir a contagem noturna dos presos a uma hora. Em geral, as normas oficiais sobre alimentação eram mais responsáveis do que viriam a ser alguns anos depois, com salsicha e chá entre os produtos recomendados. Em teoria, os presos recebiam um novo conjunto de roupas de trabalho a cada ano.[286]

No entanto, a pressa extrema e a falta de planejamento criaram inevitavelmente muito sofrimento. A medida que as obras progrediam, era preciso construir novos acampamentos ao longo do trajeto. Em cada um deles, os presos e degredados chegavam para as obras - e não encontravam nada. Antes de começarem a trabalhar, tinham de construir os próprios barracões de madeira e organizar o suprimento de comida. Entrementes, às vezes acontecia de serem mortos pelo frio congelante do inverno careliano antes de concluírem a tarefa. Conforme alguns cálculos, morreram mais de 25 mil presos, e esse número não inclui os que, soltos devido a doenças ou acidentes, pereceriam logo depois.[287] Escrevendo à esposa, o preso A. F. Losev afirmou que preferiria voltar para os porões da prisão moscovita de Butyrka, pois no canal tinha de dormir em estrados tão apinhados que, "se durante a noite você rolar de um lado para o outro, pelo menos outras quatro ou cinco pessoas vão rolar também". Ainda mais desesperado é o testemunho de um menino, filho de kulaks degredados, que foi deportado junto com toda a família para uma das povoações que acabavam de ser construídas ao longo do canal:

> Fomos morar num barracão com duas séries de estrados. Já que havia crianças pequenas, deram um dos estrados inferiores a nossa família. Os barracões eram compridos e frios. Como a lenha era abundante na Carélia, os fogões ficavam acesos 24 horas por dia. [...] Nosso pai, e principal fonte de comida, recebia em nome de todos nós um terço de balde de uma sopa esverdeada, em cuja água escura boiavam dois ou três tomates verdes ou um pepino e alguns pedaços de batata congelada, misturados com cem ou duzentos gramas de cevada ou grão-de-bico.

O menino recordou que o pai, o qual trabalhava construindo casas para os colonos, recebia seiscentos gramas de pão. A irmã, quatrocentos gramas. Isso

[285] Gorky, Belomor, p. 173.
[286] Makurov, pp. 96 e 19-20.
[287] Baron, p. 643.

tinha de bastar para todos os nove membros da família.[288]

Na época, assim como mais tarde, alguns dos problemas se refletiam nos relatórios oficiais. Em agosto de 1932, numa reunião da célula partidária do Belbaltlag, houve reclamações sobre a mal organizada distribuição de comida, as cozinhas sujas e o número cada vez maior de casos de escorbuto. Pessimista, o secretário da célula escreveu: "não tenho dúvida de que o canal não será construído a tempo".[289]

Para a maioria, não havia a opção de duvidar. Mas as cartas e os relatórios escritos pelos administradores do canal no período das obras tinham um tom de pânico total. Stalin decretara que o canal seria construído em vinte meses, e os construtores compreendiam muito bem que seu padrão de vida, e possivelmente até sua própria vida, dependia de completá-lo em vinte meses. Para acelerarem o serviço, os comandantes dos campos começaram a adotar práticas já em uso no mundo do trabalho "livre", como as "competições socialistas" -disputas entre turmas de trabalho para ver quem cumpria metas, movia pedras ou cavava um buraco primeiro -, e as "investidas", que atravessavam a noite inteira e nas quais os prisioneiros faziam "voluntariamente" jornadas de 24 ou 48 horas. Um preso se lembrou de quando instalaram luzes elétricas ao redor do canteiro de obras, para que a atividade pudesse continuar 24 horas por dia.[290] Outro preso ganhou dez quilos de farinha branca e cinco quilos de açúcar como prêmio por bom desempenho. Levou a farinha aos padeiros do campo, e estes fizeram para ele vários pães brancos grandes, que o preso comeu todos de uma vez, sozinho.[291]

Além das competições, as autoridades aderiram ao culto do udarnik (trabalhador-padrão). Depois, os trabalhadores-padrão seriam renomeados "stakhanovistas", em homenagem a Aleksei Stakhanov, um mineiro absurdamente superprodutivo. Os udarniki e stakhanovistas eram presos que haviam superado as metas e, por isso, recebiam comida adicional e privilégios especiais, aí incluído o direito, impensável em anos posteriores, a um novo terno a cada ano e um novo conjunto de roupas de trabalho a cada seis meses.[292] Os trabalhadores de melhor desempenho também ganhavam alimentação consideravelmente melhor. Nos refeitórios, ficavam a mesas separadas, abaixo de cartazes que proclamavam: "Para os melhores trabalhadores, a melhor comida", lá seus inferiores sentavam abaixo de cartazes com estes dizeres: "Aqui, os refratários, malandros e preguiçosos têm comida pior".[293] Os trabalhadores de melhor desempenho também eram soltos mais cedo: para cada três dias de trabalho em que se cumprisse 100% da meta, subtraía-se um dia da pena. Em agosto de 1933, quando enfim o canal foi completado (no prazo), libertaram-se 12.484 presos. Inúmeros outros ganharam medalhas e prêmios.[294] Um comemorou a soltura antecipada numa cerimônia em que houve até as tradicionais boas-vindas russas com pão e sal, enquanto os circunstantes gritavam: "Vivam os construtores do canal!" No calor do momento, o preso começou a beijar uma desconhecida. Os dois acabaram

[288] Makurov, pp. 37 e 197.
[289] Ibid., pp. 43-44.
[290] Ibid., p. 197.
[291] Chukhin, Kanaloarmeetsi, p. 121.
[292] Makurov, pp. 19-20.
[293] Chukhin, Kanaloarmeetsi, p. 12.
[294] Makurov, pp. 72-73

passando a noite às margens dó canal, juntos.[295]

A construção do Canal do Mar Branco foi notável por muitos aspectos: o caos acabrunhante, a pressa extrema e a importância da obra para Stalin. Mas a retórica usada para descrever o projeto era realmente única: o Canal do Mar Branco foi o primeiro, o último e o único projeto do Gulag que se expôs plenamente às luzes da propaganda soviética, tanto no país quanto no exterior. E o homem escolhido para explicar, promover è justificar o canal na URSS e no resto do mundo foi ninguém menos que Máximo Gorki.

Não se tratava de uma escolha surpreendente. Na época, Gorki era total e verdadeiramente parte da hierarquia stalinista. Depois que, em agosto de 1933, Stalin fez uma triunfante viagem de vapor pelo canal pronto, Gorki levou numa expedição semelhante 120 redatores e escritores soviéticos. Estes estavam, ou pelo menos diziam estar, tão empolgados com a viagem que mal conseguiam segurar as cadernetas de anotações: seus dedos "tremiam de assombro".[296] Aqueles que decidiram escrever um livro sobre a construção do canal também receberam farto encorajamento material, como o "esplêndido almoço à americana no Astoria" (grandioso hotel da era czarista em Leningrado) para comemorar a participação deles no projeto.[297]

Até para os baixos padrões do realismo socialista, o livro que emergiu desses esforços, O canal chamado Stalin (Kanal imeni Stalina), constitui extraordinário testemunho da corrupção dos escritores e intelectuais nas sociedades totalitárias. Da mesma forma que o ensaio de Gorki sobre Solovetsky, o livro justifica o injustificável, pretendendo não apenas documentar a transformação de presos em magníficos exemplos do *Homo sovieticus*, mas também criar um novo tipo de literatura. Embora O canal tenha sido prefaciado e concluído por Gorki, a responsabilidade pela maior parte da obra foi atribuída não a um indivíduo, mas a um coletivo de 36 escritores. Usando linguagem exuberante, hipérbole e suave maquiagem dos fatos, eles se esforçaram para captar o espírito da nova era. Uma das fotos do livro resume o tema: uma mulher, em uniforme de presa, empunha uma broca com grande determinação. Abaixo, a legenda: "Ao mudar a natureza, o homem muda a si mesmo". O contraste com a linguagem desapiedada da Comissão Yanson e com as prioridades econômicas da OGPU não poderia ser mais flagrante.

Para quem não está familiarizado com o gênero, alguns aspectos do realismo socialista de O canal chamado Stalin podem parecer um tanto surpreendentes. Para começo de conversa, o livro não tenta disfarçar de todo a verdade, já que descreve os problemas criados pela falta de tecnologia e de especialistas. Em certa altura, cita-se Matvei Berman, então comandante do Gulag. Berman diz a um subordinado seu da OGPU:

> "Vocês receberão mil homens saudáveis. Eles foram condenados pelo governo soviético a vários períodos de prisão. E com essas pessoas que vocês devem cumprir a tarefa."
>
> "Mas, permita-me perguntar, onde estão os guardas?", replica o homem da OGPU.

---

[295] Chukhin, Kanaloarmeetsi, pp. 127-31.
[296] Tolczyk, p. 152.
[297] Baranov, pp. 165-69.

> "Vocês deverão organizar os guardas no próprio local. Vocês mesmos os selecionarão."
>
> "Muito bem, mas eu não entendo nada de petróleo e derivados." "Pegue o preso-engenheiro Dukhanovich para que seja seu assistente." "De que adianta isso? A especialidade dele é a forja a frio."
>
> "Você quer o quê? Será que devemos condenar aos campos de concentração os mestres universitários que você exige? Esse artigo não existe no Código Penal. E não somos a empresa petrolífera."

Com essas palavras, Berman manda o agente da OGPU fazer o trabalho. "Uma coisa doida", observam os autores. Entretanto, em "um ou dois meses", o homem da OGPU e seus colegas já se gabam uns para os outros das façanhas que realizaram com seu grupo mambembe de presos. "Tenho um coronel que é o melhor lenhador de todo o campo", alardeia um deles. "Pois eu tenho um engenheiro militar cavando buracos - antes, havia sido condenado por desfalque", diz outro.[298]

A mensagem é clara: as condições materiais eram difíceis, e o material humano era bruto - mas, embora isto pareça inacreditável, a onisciente e infalível polícia política conseguiu transformá-los em bons cidadãos soviéticos. Desse modo, os fatos - a tecnologia primitiva, a falta de especialistas competentes - foram empregados para dar verossimilhança a um retrato da vida nos campos que, de resto, era fantasioso.

Boa parte do livro é gasta com histórias comoventes e quase religiosas de presos que se regeneraram pelo trabalho no canal. Muitos dos assim renascidos eram criminosos, mas nem todos. Ao contrário do ensaio de Gorki sobre Solovetsky, que negava ou minimizava a presença de presos políticos, Um canal chamado Stalin apresentava alguns astros da conversão política. Ainda apegado ao "preconceito de casta, o engenheiro Maslov, ex-sabotador", tenta "cobrir com ferro os sombrios e profundos processos de deturpação da consciência que se reiniciam continuamente em seu íntimo". O engenheiro Zubrik, outro ex-sabotador, mas oriundo da classe trabalhadora, "ganhou honestamente o direito de retornar ao seio da classe em que nasceu".[299]

O canal não foi de modo algum a única obra literária da época a louvar os poderes reabilitativos dos campos. Uma peça de Nikolai Pogodin, Aristocratas (Aristokraty, comédia sobre o Canal do Mar Branco), é outro exemplo notável, até porque retoma um tema bolchevique anterior: quanto os ladrões podem ser "adoráveis". Encenada pela primeira vez em dezembro de 1934, a peça - que viria a tornar-se um filme chamado Prisioneiros - ignora os kulaks e os presos políticos que constituíam o grosso dos condenados do canal; em vez disso, mostra as alegres travessuras dos bandidos do campo de concentração (os "aristocratas" do título), usando uma forma muito branda de gíria de meliantes. E verdade que há um ou dois momentos sinistros na peça. Num deles, um criminoso "ganha" uma garota num jogo de cartas, significando que o perdedor deve capturá-la e obrigá-la a submeter-se ao outro. Na peça, a garota escapa; na vida real, provavelmente não teria tanta sorte.

---

[298] Gorky,Belomor, pp. 46 e 47.
[299] Ibid., pp. 158 e 165.

No final, porém, todos confessam seus crimes anteriores, regeneram-se e começam a trabalhar com entusiasmo. Entoa-se uma canção:

> Eu era um bandido cruel, sim,
> Eu furtava as pessoas, detestava trabalhar,
> Minha vida era negra como a noite.
> Mas aí eles me trouxeram para o canal,
> E tudo o que passou parece não ter sido mais que um sonho ruim.
> É como se eu tivesse renascido.
> Quero trabalhar, e viver, e cantar...[300]

Na época, coisas desse gênero eram saudadas como uma forma nova e radical de teatro. Jerzy Gliksman, socialista polonês que assistiu a uma apresentação de Aristocratas em Moscou em 1935, descreveu a experiência:

> Em vez de ficar no lugar de costume, o palco foi construído no centro do edifício, com a platéia sentada em círculo ao redor. O objetivo do diretor foi trazê-la para mais perto da ação, a fim de vencer a distância entre ator e espectador. Não havia cortinas, e os cenários eram extremamente simples, quase como no teatro elisabetano. [...] O tema - a vida num campo de trabalho - já empolgava de per si.[301]

Fora dos campos, esse tipo de literatura tinha dupla função. Por um lado, desempenhava um papel na incessante campanha para justificar a uma opinião pública estrangeira cética o rápido crescimento dos campos prisionais. Por outro, servia provavelmente para acalmar os cidadãos soviéticos, inquietos com a violência da coletivização e da industrialização, ao prometer-lhes um final feliz: até as vítimas da revolução stalinista teriam a chance de refazer a vida nos campos de trabalho.

A propaganda funcionou. Depois de ter visto Aristocratas, Gliksman pediu para visitar um campo de verdade. Um tanto surpreso, foi logo levado ao "campo-vitrine" de Bolshevo, não longe de Moscou. Posteriormente, recordaria "boas camas e lençóis brancos, ótimos banheiros, tudo imaculado". Também se encontrou com um grupo de presos mais jovens que lhe contaram as mesmas histórias edificantes que Pogodin e Gorki. Conheceu um ladrão que no momento estudava para tornar-se engenheiro; e um desordeiro que se deu conta de que agira mal e agora administrava o almoxarifado. "Como o mundo poderia ser belo!", sussurrou ao ouvido de Gliksman um cineasta francês. Infelizmente para Gliksman, cinco anos depois ele se viu no chão de um vagão de gado superlotado, em companhia de presos muito diferentes daqueles da peça de Pogodin, indo para um campo que não tinha nenhuma semelhança com Bolshevo.[302]

Nos campos, uma propaganda semelhante também desempenhava seu papel. Publicações do campo e "jornais murais" - folhas afixadas a quadros de avisos para que os presos as lessem - continham apenas com ligeiras diferenças de ênfase, o mesmo tipo de história e poema que era apresentado a quem vinha de fora do país. Típico disso era o jornal Perekovka ("Regeneração"), escrito e produzido pelos presos do Canal Moscou-Volga, projeto iniciado na esteira do

---

[300] Pogodin, pp. 109-83; Geller, pp. 151-57.
[301] Gliksman, p. 165.
[302] Ibid., pp. 173-78.

"sucesso" do Canal do Mar Branco. Cheio de elogios aos trabalhadores-padrão e de descrições de seus privilégios ("Eles não precisam ficar em filas, pois garçonetes lhes levam a comida diretamente à mesa!"), o Perekovka gastava menos tempo que os autores de O canal chamado Stalin cantando loas às vantagens da transformação espiritual, e mais expondo os privilégios tangíveis que os presos poderiam ganhar se dessem mais duro.

Também não havia tanta empulhação a respeito da superioridade moral da Justiça soviética. A edição de 18 de janeiro de 1933 reproduziu um discurso feito por Lazar Kogan, um dos chefes do campo:

> Não podemos julgar se alguém foi preso justa ou injustamente. Isso é o trabalho do promotor. [...] Vocês têm a obrigação de criar algo de valor para o Estado com seu trabalho, e nós temos a obrigação de fazer de vocês pessoas de valor para o Estado.[303]

No Perekovka, também era notável a seção de "reclamações", aberta e bastante franca. Os presos escreviam para reclamar das "brigas e palavrões" nos alojamentos femininos, por um lado, e da "ladainha de hinos religiosos", por outro; das metas impossíveis; da escassez de calçados ou roupas de baixo limpas; do açoitamento desnecessário dos cavalos; da feira do mercado negro no centro de Dmitrov, a sede do campo; e do mau uso da maquinaria ("não há máquinas ruins, apenas administradores ruins"). Posteriormente, desapareceria esse tipo de franqueza sobre os problemas dos campos, banido para a correspondência privada entre os inspetores dos campos e seus superiores em Moscou. No início da década de 1930, porém, tal glasnost era bastante comum, tanto fora quanto dentro dos campos. Fazia parte natural do esforço urgente e frenético para melhorar as condições de vida, melhorar os padrões de trabalho e - acima de tudo - acompanhar as exigências febris da liderança stalinista.[304]

Caminhando hoje pelas margens do Canal do Mar Branco, é difícil imaginar aquela atmosfera quase histérica. Visitei-o num dia pachorrento de agosto de 1999, na companhia de vários historiadores locais. Em Povenets, paramos rapidamente para olhar o pequeno monumento às vítimas, que traz uma inscrição curta: "Aos inocentes que morreram na construção do Canal do Mar Branco, 1931-1933". Enquanto estávamos ali, um de meus companheiros insistiu em fumar ritualmente um cigarro Belomor. Explicou que a marca, antes das mais populares na URSS, fora durante décadas o único outro monumento aos construtores do canal.

Ali perto, ficava uma velha trudposelok (colônia de degredados), agora praticamente vazia. As casas, grandes e outrora sólidas, feitas de madeira ao estilo da Carélia, tinham as portas e as janelas cobertas por tábuas. Várias dessas residências já começavam a desabar. Um morador, que viera originariamente da Bielo-Rússia (até falava um pouco de polonês), nos contou que tentara comprar uma delas alguns anos antes, mas que o governo local se recusara a vender. "Agora, está caindo aos pedaços", disse ele. Numa pequena horta atrás da casa, plantava abóbora, pepino e amora. Ofereceu-nos licor caseiro. Com a horta e a aposentadoria de 550 rublos (na época, cerca de 22 dólares por mês), disse ter o suficiente para ir vivendo. Naturalmente, não

---

[303] GARF, 9414/4/1; Perekovka, 18 de janeiro, 1933.
[304] GARF, 9414/4/1; Perekovka, 20 de dezembro, 1932-30 de junho, 1934.

havia trabalho no Canal do Mar Branco.

Não era de espantar: ao longo do canal, meninos nadavam e atiravam pedras. Vacas vadeavam a água escura e rasa, e o mato crescia nas trincas do concreto. Junto a uma das eclusas, numa cabine de cortinas cor-de-rosa (ainda com as colunas stalinistas originais do lado de fora), a mulher solitária que controlava a subida e a descida das águas nos contou que, por dia, talvez passassem sete embarcações, quando muito; freqüentemente, eram apenas três ou quatro. Isso era mais do que Soljenitsin tinha visto em 1966, quando permaneceu um dia inteiro ao lado do canal e contou só duas barcaças, ambas transportando lenha. Então como hoje, a maioria das mercadorias seguia de trem - e, como um trabalhador do canal contou a Soljenitsin, a hidrovia é tão rasa que “nem submarinos conseguem passar com propulsão própria; têm de ser carregados em barcaças".[305]

No fim das contas, a rota de navegação do Báltico ao mar Branco parecia não ter sido tão urgentemente necessária.

## 5. OS CAMPOS SE EXPANDEM

*Avançamos, e atrás de nós*
*Toda a brigada de trabalho caminha alegremente conosco.*
*A nossa frente, a vitória dos stakhanovistas*
*Abre um novo caminho...*

*Pois não conhecemos mais o velho caminho.*
*De nossas masmorras atendemos ao chamado*
*Pelo caminho do triunfo stakhanovista.*
*Ao acreditarmos, caminhamos para uma vida de liberdade...*
Do periódico Kuznitsa, impresso no Sazlag, 1936.[306]

Politicamente, o Canal do Mar Branco foi o projeto mais importante do Gulag na época. Graças ao envolvimento pessoal de Stalin, não se pouparam em sua construção os recursos existentes. Uma propaganda exuberante também garantiu que o término bem-sucedido da obra fosse amplamente alardeado. No entanto, o canal não era representativo dos novos projetos do Gulag, dos quais não seria nem o primeiro, nem o maior.

De fato, mesmo antes de iniciada a construção do canal, a OGPU já começara em silêncio a implementar o trabalho prisional por todo o país, com muito menos estardalhaço e propaganda. Em meados de 1930, o sistema Gulag já tinha à disposição 300 mil presos, espalhados por cerca de uma dúzia de complexos de campos e algumas instalações menores. Puseram-se 15 mil pessoas para trabalhar no Dallag, um novo campo no Extremo Oriente. Mais de 20 mil estavam construindo e operando indústrias químicas no Vishlag, um campo organizado na sede da divisão Vishersky da Slon, no lado oeste dos montes Urais. No Siblag, no oeste da Sibéria, os detentos construíam as ferrovias para o norte, faziam tijolos e derrubavam árvores. Os 40 mil presos da Slon, por sua vez, trabalhavam abrindo estradas, cortando madeira para

---

[305] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. I, p. 102.
[306] Kuznitsa, março-setembro, 1936 (coleção de revistas do GARF).

exportação e processando 40% do pescado do mar Branco.[307]

Diferentemente do que ocorrera com o Canal do Mar Branco, esses novos campos não eram para propaganda. Embora decerto tivessem maior importância econômica para a URSS, nenhuma equipe de redatores foi despachada para descrevê-los. A existência deles não era (ainda) completamente secreta, mas tampouco se fazia publicidade: as "reais" conquistas do Gulag não eram para consumo externo, nem mesmo para consumo interno.

À medida que os campos se expandiam, a natureza da OGPU também mudava. Assim como antes, a polícia secreta soviética continuava a espionar os inimigos do regime, interrogar suspeitos de dissidências e desmascarar "complôs" e "conspirações". A partir de 1929, ela também assumiu parte da responsabilidade pelo desenvolvimento econômico da URSS. Ao longo da década seguinte, seria até uma espécie de colonizadora, não raro organizando a busca e a exploração dos recursos naturais da URSS. Planejou e equipou expedições geológicas que prospectaram carvão, petróleo, ouro, níquel e outros minerais que jaziam embaixo da tundra congelada nas regiões árticas e subárticas do extremo norte soviético. Decidia quais das enormes florestas seriam as próximas a ser abatidas e transformadas em valiosas exportações de madeira bruta. A fim de transportar esses recursos para as principais cidades e centros industriais da URSS, estabeleceu uma vasta rede de conexões rodoviárias e ferroviárias, criando um sistema rudimentar de transportes através de milhares de quilômetros de áreas selvagens e desabitadas. De quando em quando, seus membros até participavam desses empreendimentos, marchando pela tundra, trajados com pesados casacos de peles e espessas botas, informando suas descobertas por telegrama a Moscou.

Os presos, assim como seus captores, ganharam novos papéis. Durante toda a primeira metade da década de 1930, embora alguns continuassem a penar atrás do arame farpado, minerando carvão ou cavando fossas, os condenados também remavam em canoas por rios ao norte do Círculo Ártico, carregavam o equipamento para as pesquisas geológicas e abriam o chão para novas minas de carvão e poços de petróleo. Em novos campos, erguiam os alojamentos, desenrolavam o arame farpado e levantavam as torres de vigia. Construíam as refinarias necessárias para o processamento dos recursos naturais, assentavam as estacas para as ferrovias e despejavam o cimento para as estradas. Acabavam também se estabelecendo nos territórios recém-explorados, povoando os ermos virgens.

Depois, historiadores soviéticos designariam liricamente esse episódio da história de seu país como "o desbravamento do extremo norte, e é verdade que ele de fato representou uma verdadeira ruptura com o passado. Mesmo nas últimas décadas do governo czarista, quando uma revolução industrial tardia enfim pipocava pela Rússia, ninguém tentara explorar e povoar com aquela intensidade as regiões do extremo norte. O clima era rigoroso demais; o sofrimento humano potencial, grande demais; a tecnologia russa, primitiva demais. O regime soviético ligava muito menos para essas preocupações. Embora sua tecnologia não fosse muito melhor, ele tinha pouca consideração pela vida das pessoas que enviava para fazer o "desbravamento". Se algumas

[307] Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud", pp. 75-76.

morressem... bem, podiam-se achar outras.

As tragédias eram muitas, sobretudo no início dessa nova época. Há pouco tempo, a veracidade de um episódio particularmente horripilante, que durante muito tempo fora parte do folclore dos sobreviventes dos campos, viu-se confirmada por um documento encontrado nos arquivos de Novossibirsk. Assinado por um funcionário do Comitê do Partido em Narym, na Sibéria ocidental, e enviado à atenção pessoal de Stalin em maio de 1933, descreve com precisão a chegada à ilha de Nazino, no rio Ob, de um grupo de camponeses desterrados, descritos como "elementos retrógrados". Os camponeses eram degredados, e, como tais, esperava-se que se estabelecessem na terra e, presumivelmente, a lavrassem:

> O primeiro comboio trazia 5.070 pessoas, e o segundo, 1.044. Ao todo, 6.114. As condições de transporte eram chocantes: a pouca comida disponível não estava em condições de consumo, e os deportados ficavam apinhados em espaços nos quais o ar quase não circulava. [...] O resultado foi uma mortalidade diária de 35 a quarenta pessoas. Contudo, essas condições de vida eram luxuosas se comparadas ao que aguardava os deportados em Nazino. [....] A ilha é um lugar totalmente desabitado, desprovido de povoações de qualquer tipo. [...] Não havia ferramentas, sementes nem comida. Foi assim que começou a nova vida deles. Em 19 de maio, no dia seguinte à chegada do primeiro comboio, recomeçou a nevar, e o vento ficou mais forte. Famintos, emaciados após meses de alimentação insuficiente, sem abrigo e sem ferramentas [...], estavam presos numa armadilha. Nem sequer conseguiam acender fogueiras para espantar o frio. Começaram a morrer em número cada vez maior. [...]
>
> No primeiro dia, enterraram-se 295 pessoas. Foi somente no quarto ou quinto dia depois da chegada do comboio à ilha que as autoridades enviaram de barco um pouco de farinha, não mais que algumas libras por cabeça. Depois de recebida a mísera ração, as pessoas corriam para a margem e tentavam misturar um pouco da farinha com água, usando seus chapéus, suas calças ou seus casacos. A maioria simplesmente tentou comê-la assim mesmo, e alguns engasgaram até a morte. Essa minúscula quantidade de farinha foi a única comida que os deportados receberam durante toda a estada na ilha. [...]

O funcionário do Partido contava que, três meses depois, em 20 de agosto já haviam perecido quase 4 mil dos 6.114 "colonos" originais. Os sobreviventes só não tiveram o mesmo destino porque comeram a carne dos mortos. Segundo um preso que encontrou alguns desses sobreviventes na prisão de Tomsk, eles pareciam "cadáveres ambulantes", e todos estavam detidos - acusados de canibalismo.[308]

Mesmo quando a mortandade não era tão horripilante, as condições de vida em muitos daqueles projetos iniciais do Gulag mais conhecidos podiam ser quase tão atrozes. O Bamlag, um campo organizado para a construção de uma

---

[308] Nicolas Werth, "A State against Its People: Violence, Repression and Terror in the Soviet Union", in Courtois, p. 154. Um relato do incidente, como foi feito por um prisioneiro anônimo que encontrou alguns sobreviventes na prisão de Tomsk, também aparece em Pamyat, vol. I, pp. 342-43 também Krasilnikov, Spetspereselentsy v zapad-noi Sibiri, 1933-1938, pp. 76-119.

ferrovia do lago Baikal ao rio Amur, no Extremo Oriente russo (parte do sistema da Transiberiana), era exemplo notável de quanto as coisas podiam dar errado por simples falta de planejamento. Assim como no Canal do Mar Branco, a ferrovia se construiu muito às pressas, sem nenhum preparativo. Os planejadores do campo fizeram o desbravamento, o projeto e a construção ao mesmo tempo; as obras começaram antes de concluído o levantamento topográfico. Os desbravadores foram obrigados a elaborar em menos de quatro meses seu relatório sobre aquela rota de 2 mil quilômetros, sem calçados, sem trajes e sem instrumentos adequados. Os mapas existentes eram precários, e, como resultado, cometeram-se erros dispendiosos. De acordo com um sobrevivente, "dois grupos de trabalhadores [cada um fazendo o levantamento de um trecho diferente da linha] descobriram que não poderiam encontrar-se e terminar o trabalho, porque os dois rios ao longo dos quais estavam caminhando só se encontravam nos mapas: na realidade, ficavam longe um do outro".[309]

Tão logo se iniciou o trabalho, comboios começaram a chegar sem intervalo à sede do campo, na cidade de Svobodny, nome que significa "Liberdade". Entre janeiro de 1933 e janeiro de 1936, o número de presos subiu de uns poucos milhares para mais de 180 mil. Muitos já estavam fracos na chegada, descalços e inadequadamente vestidos, sofrendo de escorbuto, sífilis, disenteria; entre eles, havia sobreviventes das epidemias de fome que tinham varrido a zona rural da URSS no início da década de 1930. O campo estava totalmente despreparado. Os ocupantes de qualquer comboio que chegasse eram postos em alojamentos frios e escuros e recebiam pão coberto de poeira. Os comandantes do Bamlag não conseguiam enfrentar o caos, conforme reconheciam em relatórios que mandavam a Moscou, e estavam particularmente mal equipados para lidar com presos debilitados. Como resultado, os demasiado enfermos para trabalhar eram simplesmente alimentados com rações "disciplinares" e deixados para morrer de inanição. Todos os integrantes de um comboio de 29 pessoas morreram num período de 37 dias após a chegada.[310] Até a conclusão da ferrovia, é bem possível que tenham morrido dezenas de milhares de presos.

Histórias semelhantes se repetiam por todo o país. Em 1929, no canteiro de obras ferroviárias do Gulag no Sevlag (a nordeste de Arcangel), os engenheiros determinaram que o número de presos designados para o projeto precisaria ser multiplicado por seis. Entre abril e outubro daquele ano, comboios de cativos começaram a chegar conforme o combinado - e não encontraram nada. Um preso recordou:

> Não existia alojamento nem vila. Havia tendas, ao lado, para os guardas e o equipamento. Não eram muitas pessoas, talvez umas 1.500. Na maioria, camponeses de meia-idade, antigos kulaks. E criminosos. Não havia ninguém que parecesse ser da intelligentsia.[311]

Mas, embora todos os complexos de campos criados no início da década de 1930 fossem, só para começo de conversa, desorganizados - e todos estivessem despreparados para receber os presos debilitados que chegavam

---

[309] Elantseva. Este artigo se baseia em arquivos encontrados no Arquivo Central da Federação Russa de Tomsk, Extremo Oriente.
[310] Ibid.; Okhotin e Roginskii, p. 153.
[311] N. A. Morozov, GULAG v Komi krae, p. 104.

das áreas assoladas pela fome -, nem todos decaíram no caos assassino. Para alguns, havendo o conjunto certo de circunstâncias (condições relativamente favoráveis no local, combinadas com apoio forte de Moscou), foi possível crescer. Com rapidez surpreendente, desenvolveram estruturas burocráticas mais estáveis, construíram edificações mais permanentes e até deram origem a uma elite local da NKVD. Uns poucos acabariam ocupando enormes faixas de território, transformando regiões inteiras do país em vastas prisões. Dos campos fundados naquela época, dois - a Expedição Ukhtinskaya e o Truste Dalstroi - alcançariam o tamanho e o status de impérios industriais. Suas origens merecem exame mais detalhado.

A um passageiro desatento, a viagem de automóvel pela estrada de concreto caindo aos pedaços que vai desde Syktyvkar, capital administrativa da República Komi, até Ukhta, um dos principais centros industriais daquela república, pareceria não oferecer muita coisa de interessante. Essa estrada de duzentos quilômetros, cujo estado de conservação piora em alguns trechos, atravessa infindáveis pinheirais e banhados. Embora se cruzem alguns rios, a paisagem não é, em geral, digna de nota: trata-se da taiga, a impressionantemente monótona paisagem subártica pela qual Komi (e de fato todo o norte da Rússia) é mais conhecida.

Ainda que a paisagem não seja espetacular, uma visão mais aproximada revela algumas coisas estranhas. Em certos lugares, caso se saiba para onde olhar, há indentações no terreno logo à beira da estrada. São os únicos vestígios do campo que outrora acompanhava toda a estrada e dos grupos de presos que a construíram. Já que os canteiros de obras eram temporários, os presos ficavam abrigados não em alojamentos, mas em zemlyanki, buracos feitos na terra - donde aquelas marcas no chão.

Em outro trecho da estrada, estão os restos de um tipo mais substancial de campo, antes ligado a uma pequena jazida petrolífera. Mato e ervas daninhas cobrem hoje o local, mas é fácil afastá-los para deixar à mostra tábuas apodrecidas (possivelmente preservadas pelo petróleo que saía das botas dos presos) e pedaços de arame farpado. Aqui não há nenhum monumento, embora exista um mais adiante na estrada, em Bograzdino, campo de trânsito que chegou a acomodar 25 mil pessoas. Dele não ficou nenhum vestígio. Em outro ponto ainda à margem da estrada, atrás de um moderno posto de gasolina da Lukoil, uma empresa russa da atualidade, ergue-se uma velha torre de vigia de madeira, cercada de sucata e pedaços de arame enferrujado.

Prossiga para Ukhta na companhia de alguém que conheça bem a cidade, e assim a história oculta da cidade logo se revelará. Todas as estradas que levam a Ukhta foram construídas por presos, tal qual todos os prédios de escritórios e de apartamentos da região central. No próprio coração da cidade, há um parque planejado e construído por arquitetos aprisionados; um teatro onde atores presos se apresentavam; e sólidas casas de madeira onde viveram os comandantes do campo. Hoje, os executivos da Gazprom (outra nova companhia russa) moram em edifícios modernos na mesma rua arborizada.

Mas Ukhta não é um caso único na República Komi. Embora a principio seja difícil vê-los, indícios do Gulag podem ser achados por toda Komi, essa vasta região de taiga e tundra que fica a nordeste de São Petersburgo e a oeste dos

Urais. Presos planejaram e erigiram todas as principais cidades da república - não apenas Ukhta, mas também Syktyvkar, Pechora, Vorkuta e Inta. Presos construíram as fer-rovias e estradas de Komi, bem como sua primeira infra-estrutura industrial. Para os condenados que lá eram enviados nas décadas de 1940 e 50, Komi parecia ser tão-somente um vasto campo de concentração - e era mesmo. Muitas de suas aldeias ainda são chamadas localmente pelos nomes da era stalinista: "Chinatown", por exemplo, onde se manteve um grupo de presos chineses; ou "Berlim", antes habitada por prisioneiros de guerra alemães.

As origens dessa vasta república de prisões remontam a uma das primeiras expedições da OGPU, a Ukhtinskaya, que partiu em 1929 para explorar o que era um ermo. Pelos padrões soviéticos, a Expedição Ukhtinskaya foi relativamente bem preparada. Tinha uma pletora de especialistas, a maioria dos quais já era prisioneira do sistema Solovetsky: só em 1928, 68 peritos em mineração haviam sido enviados a Slon, vítimas das campanhas daquele ano contra os "destruidores" e "sabotadores" que supostamente entravavam o esforço de industrialização da URSS.[312]

Em novembro de 1928, numa coincidência misteriosamente feliz, a OGPU também prendeu o destacado geólogo N. Tikhonovich. Depois que o jogaram na prisão moscovita de Butyrka, não conduziram um interrogatório comum. Em vez disso, o levaram a uma reunião de planejamento. Tikhonovich recordaria que,, sem perder tempo com preâmbulos, um grupo de oito pessoas (ninguém lhe disse quem eram) lhe perguntou à queima-roupa como preparar uma expedição a Komi. Que indumentária ele levaria se fosse lá? Quantas provisões? Que ferramentas? Que transporte? Tikhonovich, que estivera pela primeira vez na região em 1900, propôs duas rotas. Os geólogos poderiam ir por terra, a pé e a cavalo, sobre a lama e as florestas da taiga desabitada, até a aldeia de Syktyvkar, na época a maior da região. Ou poderiam ir de barco, saindo do porto de Arcangel, no mar Branco, navegando ao longo da costa norte até a foz do Pechora e continuando para o interior pelos afluentes desse rio. Tikhonovich recomendou a segunda rota, salientando que os barcos poderiam transportar mais equipamento pesado. Seguindo suas recomendações, a expedição seguiu por mar. Tikhonovich, ainda preso, tornou-se seu geólogo-chefe.

Não se perdeu tempo nem se poupou despesa, pois a liderança soviética considerava a expedição uma prioridade urgente. Em maio, a administração do Gulag em Moscou nomeou dois chefes de alto escalão da polícia secreta para liderarem o grupo: E. P. Skaya, ex-responsável pela segurança no Instituto Smolny - primeiro quartel-general de Lênin durante a Revolução - e depois responsável pela segurança no próprio Kremlin; e S. F. Sidorov, o mais importante planejador econômico da OGPU. Quase ao mesmo tempo, esses líderes selecionaram sua "mão-de-obra": 139 dos detentos mais fortes e saudáveis do campo de trânsito da Slon em Kem, entre eles presos políticos, kulaks e criminosos. Após mais dois meses de preparativos, estavam prontos. Em 5 de julho de 1929, às sete da manhã, os presos começaram a embarcar equipamento no Gleb Boky, o vapor da Slon. Zarparam menos de 24 horas depois.

---

[312] Kaneva. Meu relato se baseia no de Kaneva, que por sua vez se baseia em documentos dos arquivos da República de Komi, bem como em memórias da coleção da Sociedade Memorial.

Não é de surpreender que a expedição náutica tenha encontrado muitos obstáculos. Vários dos guardas parecem ter fraquejado, e um até fugiu durante uma escala em Arcangel. Pequenos grupos de presos também conseguiram escafeder-se em vários pontos ao longo do trajeto. Quando a expedição enfim chegou à foz do Pechora, foi difícil achar guias locais. Mesmo se fossem pagos, os nativos de Komi não queriam ter nada que ver com os presos nem com a polícia secreta e se negaram a ajudar o vapor a navegar rio acima. Apesar disso, passadas sete semanas, o navio alcançou seu destino. Em 21 de agosto, a expedição estabeleceu seu acampamento-base na aldeia de Chibyu - depois rebatizada Ukhta.

Após a extenuante viagem, o estado de espírito geral deve ter sido excepcionalmente sombrio. Eles haviam viajado uma grande distancia - e aonde chegaram? Chibyu oferecia pouco em matéria de conforto. Um dos presos especialistas, um geógrafo chamado Kulevsky, lembrou sua primeira visão do lugar:

> O coração se apertava ao ver a paisagem selvagem e vazia; a torre de vigia absurdamente grande, negra, solitária; as duas miseráveis cabanas; a taiga; a lama.[313]

Kulevsky teria pouca folga para poder refletir mais. No final de agosto, sopros do outono já estavam no ar. Havia pouco tempo disponível. Tão logo chegaram, os presos começaram a labutar doze horas por dia, construindo o acampamento e os locais de trabalho. Os geólogos partiram a fim encontrar os melhores lugares para procurar petróleo. No outono, chegaram mais especialistas. Também chegaram novos comboios de presos, primeiro uma vez por mês e depois uma vez por semana, durante toda a "temporada" de 1930. Ao final do primeiro ano da expedição, o número de presos aumentara para quase mil.

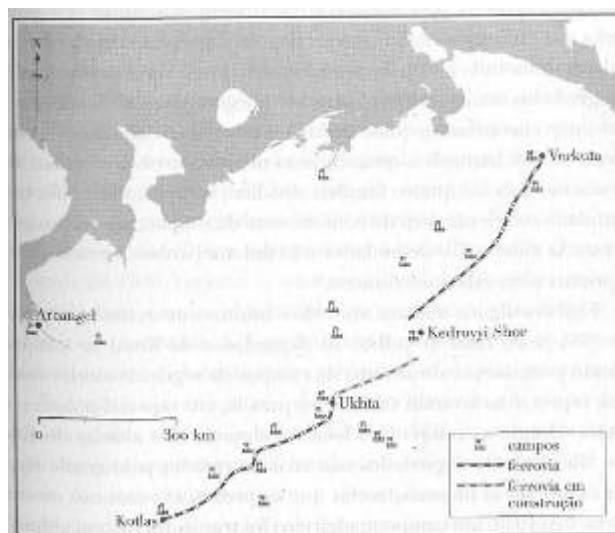
Apesar do planejamento prévio, as condições naqueles primeiros tempos, tanto para os presos quanto para os degredados, eram horrendas, como o eram em toda a parte. A maioria tinha de viver em tendas pois não havia barracões. Tampouco havia roupas e botas de inverno suficientes, e a comida estava longe de ser bastante. Chegavam farinha e carne em quantidades menores do que haviam sido pedidas, e o mesmo acontecia com os remédios. O número de presos doentes e enfraquecidos aumentou, como reconheceram os líderes da expedição num relatório que enviaram depois. O isolamento não era menos difícil de suportar. Esses novos campos ficavam tão longe da civilização - tão longe de estradas, para nem falarmos de ferrovias -, que não se usou arame farpado em Komi até 1937. Fugir era considerado inútil.

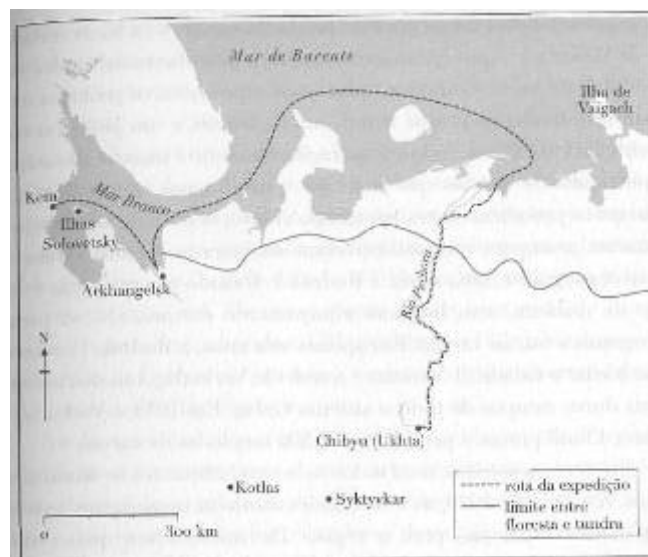
No entanto, continuavam chegando presos, e expedições suplementares continuavam partindo do acampamento-base em Ukhta. Se tivesse sucesso, cada uma delas fundava, por sua vez, outro acampamento-base (lagpunkt), às vezes em lugares que eram bastante remotos, a vários dias ou semanas de caminhada de Ukhta. A partir dali, estabeleciam-se novos subcampos, para construir estradas ou fazendas coletivas que atendessem às necessidades dos presos. Dessa forma, os campos se espalharam com rapidez, como erva daninha, pelas florestas vazias de Komi.

---

[313] Ibid., pp. 331 e 334-35.

Algumas das expedições se mostraram apenas temporárias. Foi esse o destino de uma das primeiras, que, no verão de 1930, partiu de Ukhta para a ilha de Vaigach, no oceano Ártico. Expedições geológicas anteriores já haviam encontrado depósitos de chumbo e zinco na ilha, embora a Expedição Vaigach, como viria a ser conhecida, também estivesse bem suprida de presos-geólogos. Alguns destes tiveram desempenho tão exemplar que a OGPU os recompensou: receberam permissão para trazer as esposas e filhos para ficar com eles em Vaigach. O lugar era tão remoto que os comandantes do campo pareciam não se preocupar com fugas e permitiam que os presos andassem por onde quisessem, na companhia de outros condenados ou de trabalhadores livres, sem necessidade de permissões ou passes especiais. A fim de encorajar o "trabalho-padrão no Ártico", Matvei Berman, então o chefe do Gulag, concedeu aos presos de Vaigach dois dias comutados das penas para cada dia de trabalho.[314] Em 1934, porém, a mina se encheu de água, e no ano seguinte a OGPU retirou da ilha os presos e o equipamento.[315]

Outras expedições se revelariam mais permanentes. Em 1931, um grupo de 23 partiu de Ukhta para o norte, pelos rios do interior, a fim de iniciar as escavações numa enorme jazida de carvão - a bacia carbonífera de Vorkuta -, que, no ano anterior, fora descoberta na tundra ártica do norte de Komi. Como em todas essas expedições, os geólogos mostraram o caminho, os presos tripularam os barcos, e um pequeno contingente da OGPU comandou a operação, remando e marchando através dos enxames de insetos que habitam a tundra nos meses de verão Passaram as primeiras noites em campo aberto; depois, de algum modo montaram acampamento, sobreviveram ao inverno e construíram, na primavera seguinte, uma minara Rudnik 1.

Ukhtpechlag, República Komi, 1937

[314] GARF, 9414/1/8.
[315] Mitin, pp. 22-26.

A rota da Expedição Ukhtinskaya, República Komi, 1929

Usando picaretas, pás e carroças de madeira, sem nenhum equipamento mecanizado, os presos começaram a extrair carvão. Em apenas seis anos, a Rudnik 1 cresceria até se tornar a cidade de Vorkuta e a sede do Vorkutlag, um dos maiores e mais duros campos de todo o sistema Gulag. Em 1938, o Vorkutlag já contava 15 mil presos e produzira 188.206 toneladas de carvão.[316]

Em termos estritos, nem todos os novos habitantes de Komi eram presos. A partir de 1929, as autoridades também começaram a enviar "degredados especiais" para a região. De início, eram quase todos kulaks, que chegavam com as mulheres e filhos, e esperava-se que começassem a viver da terra. O próprio Yagoda declarara que se deveria conceder aos degredados "tempo livre" para que cultivassem hortas, criassem porcos, pescassem e construíssem suas casas: "De início, viverão das rações de nosso campo; depois, à própria custa".[317] Na realidade, embora tudo isso pareça bem róseo, quase 5 mil dessas famílias de degredados (mais de 16 mil pessoas) chegaram em 1930 e, como de hábito, não encontraram quase nada. Até novembro daquele ano, construíram-se 268 barracões, quando pelo menos setecentos teriam sido necessários. Três ou quatro famílias dividiam cada cômodo. Não havia quantidade suficiente nem de comida, nem de roupas, nem de botas de inverno. As aldeias dos degredados não tinham banhos, estradas, serviços postais nem cabos telefônicos.[318]

Embora alguns tenham morrido e muitos outros tenham tentado fugir (344 já no final de julho), os degredados de Komi se tornaram extensão permanente do sistema de campos da região. Posteriormente, ondas repressivas levaram mais deles para lá, em especial poloneses e alemães. Donde as referências locais a algumas das aldeias de Komi como "Berlim". Os degredados não viviam cercados pelo arame farpado, mas tinham as mesmas tarefas que os presos, às vezes nos mesmos lugares. Em 1940, um campo madeireiro foi transformado em aldeia de degredo - prova de que, de certa maneira, os dois grupos eram intercambiáveis. Muitos degredados também acabariam

---

[316] Exposição do Vorkuta Kraevedcneskii Muzeii; também "Vorkutinstroi NKVD" (MVD, documento de janeiro de 1941), da coleção do Syktyvkar Memorial, República de Komi; Okhotin e Roginskii, p. 192.
[317] Kaneva, p. 339.
[318] Nadezhda Ignatova, "Spetspereselentsy v respublike Komi v 1930-1940 gg", in Korni travy, pp. 23-25.

trabalhando como guardas ou administradores dos campos.[319]

Com o tempo, esse crescimento geográfico se refletiria na nomenclatura dos campos. Em 1931, a Expedição Ukhtinskaya foi rebatizada Campo de Trabalho Correcional Ukhto-Pechorsky, ou Ukhtpechlag. Ao longo das duas décadas subseqüentes, o próprio Ukhtpechlag seria rebatizado (e reorganizado e dividido) muitas vezes mais, para refletir sua geografia mutável e seu império e burocracia crescentes. Aliás, no final da década, o Ukhtpechlag não seria mais um mero campo prisional. Ele dera origem a toda uma rede de campos, duas dúzias ao todo, incluindo o Ukhtpechlag e o Ukhtizhemlag (petróleo e carvão), o Ustvymlag (madeira), Vorkuta e Inta (mineração de carvão) e o Sevzheldorlag (ferrovia).[320]

No decorrer dos anos seguintes, o Ukhtpechlag e seus descendentes também se tornaram mais densos, adquirindo novas instituições e novos edifícios de acordo com suas necessidades sempre maiores. Precisando de hospitais, os administradores dos campos os construíam e ainda implantavam sistemas para treinar presos como farmacêuticos e enfermeiros. Precisando de comida, estabeleciam suas fazendas coletivas, seus armazéns e seus sistemas de distribuição. Precisando de eletricidade, instalavam usinas de força. Precisando de material de construção, criavam olarias.

Precisando de trabalhadores qualificados, treinaram os que tinham. Boa parte da mão-de-obra que fora kulak era analfabeta ou semi-alfabetizada, o que acarretava enormes problemas quando se lidava com projetos de relativa complexidade técnica. Assim, a administração montou escolas técnicas, que por sua vez exigiam novos edifícios e novos quadros: professores de matemática e física, bem como "instrutores políticos" para supervisionar o trabalho desses docentes.[321] Na década de 1940, Vorkuta - uma cidade construída sobre o permafrost, onde todo ano as estradas tinham que ser repavimentadas e as tubulações, consertadas - já ganhara um instituto geológico, uma universidade, teatros e cinemas, teatros de marionetes, piscinas e creches.

No entanto, se a expansão do Ukhtpechlag não era muito divulgada, tampouco se fazia a esmo. Sem dúvida, os comandantes do campo desejavam que o projeto crescesse, e seu prestígio pessoal junto com ele. A necessidade premente, e não o planejamento central levava à criação de muitos novos departamentos no campo. Mas havia clara simbiose entre as necessidades do governo soviético (um lugar onde despejar seus inimigos) e as necessidades da região (mais gente para cortar árvores). Em 1930, por exemplo, quando Moscou escreveu oferecendo-se para enviar colonos degredados, os líderes locais adoraram.[322] O destino do campo também foi discutido nos escalões mais altos. Vale a pena observar que, em novembro de 1932, o Politburo (com Stalin presente) dedicou a maior parte de uma sessão a discutir o estado corrente e os planos futuros para o Ukhtpechlag, debatendo com surpreendente minúcia as perspectivas e o abastecimento do campo. A julgar pela ata da sessão, parece que o Politburo tomava todas as decisões, ou pelo menos aprovava tudo o que fosse de alguma importância: quais minas o

---

[319] Ibid., pp. 25 e 29.
[320] N. A. Morozov, GULAG v Komi krae, pp. 13-14.
[321] Kaneva, pp. 337-38.
[322] Nadezhda Ignatova, "Spetspereselentsy v respublike Komi v 1930-1940 gg", in Korni travy, pp. 23-25.

campo devia explorar, quais ferrovias devia construir, de quantos tratores, carros e barcos precisava, quantas famílias de degredados conseguia absorver. O Politburo também alocou recursos para construir o campo: mais de 26 milhões de rublos.[323]

Não pode ter sido por acaso que, nos três anos após essa decisão, o número de presos tenha quase quadruplicado, dos 4.797 de meados de 1930 para os 17.852 de meados de 1933.[324] No primeiríssimo escalão da hierarquia soviética, alguém queria muito que o Ukhtpechlag crescesse. Considerando o poder e o prestígio desse alguém, só podia tratar-se do próprio Stalin.

Da mesma maneira que, na memória popular, Auschwitz se tornou o campo que simboliza todos os outros campos nazistas, a palavra "Kolyma" veio a significar as mais severas agruras do Gulag. Um historiador escreveu: "Kolyma é um rio, uma cadeia de montanhas, uma região e uma metáfora".[325] Rica em minerais (e sobretudo rica em ouro), a vasta região de Kolyma, no extremo nordeste da Sibéria, junto ao Pacífico, é provavelmente a mais inóspita da Rússia. Kolyma é mais fria que Komi (no inverno, as temperaturas regularmente caem abaixo de 49 graus Celsius negativos, o que a torna ainda mais remota).[326] Para chegarem aos campos de Kolyma, os presos percorriam de trem toda a extensão da URSS (às vezes, a viagem durava três meses), até Vladivostok. O resto do trajeto se fazia de barco, seguindo para o norte ao largo do Japão, atravessando o mar de Okhotsk e aportando em Magadan, porta de entrada para o vale do rio Kolyma.

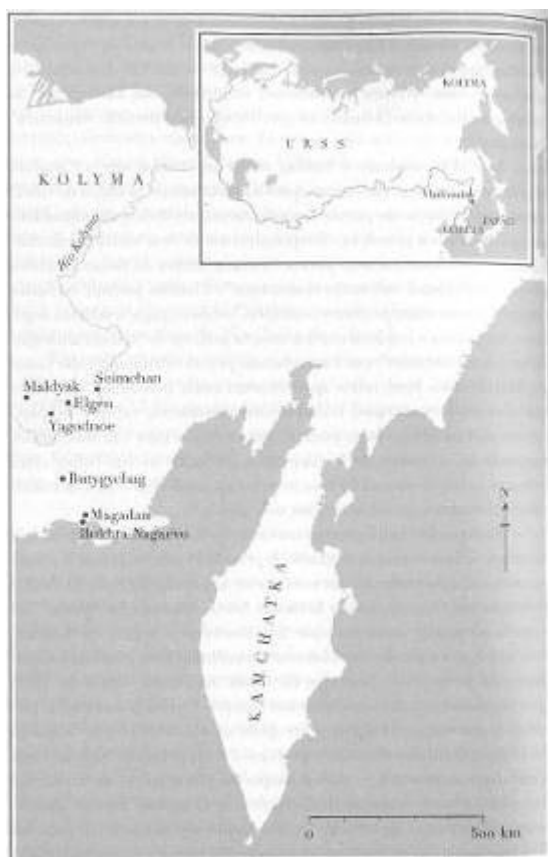
O primeiro comandante de Kolyma foi uma das figuras mais exuberantes da história do Gulag. Eduard Berzin, um velho bolchevique, comandara a Primeira Divisão de Fuzileiros Letões, que guardava o Kremlin em 1918. Depois, ajudara a esmagar os social-revolucionários (opositores socialistas de Lênin) e a desmascarar o "complô britânico" de Bruce Lockhart.[327] Em 1926, Stalin incumbiu Berzin de organizar o Vishlag, um dos primeiros campos em larga escala. Ele desempenhou sua tarefa com enorme entusiasmo, inspirando um historiador do Vishlag a falar de seu reinado ali como o auge do "período romântico" do Gulag.[328]

A OGPU construiu o Vishlag ao mesmo tempo que o Canal do Mar Branco, e Berzin parece ter aprovado totalmente as idéias de Gorki sobre a reabilitação de presos (ou pelo menos ter-lhes dado entusiástico apoio da boca para fora). Resplandecente de boa vontade paternalista, Berzin oferecia a seus presos cinemas, clubes de debates, bibliotecas e refeitórios "ao estilo restaurante". Plantou jardins, inclusive com chafarizes e um pequeno zoológico. Também pagava salários regulares aos presos e implementava a mesma política de "soltura antecipada por bom trabalho" que fora adotada pelos comandantes do Canal do Mar Branco. Nem todos aproveitavam esses benefícios: os presos que fossem considerados trabalhadores medíocres, ou que simplesmente não tivessem sorte, podiam ser enviados para um dos muitos lagpunkts madeireiros

---

[323] Kaneva, p. 342.
[324] Ibid.
[325] Stephan, The Russian Far East, p. 225.
[326] Nordlander, "Capital of the Gulag"; sou grata ao trabalho de David Nordlander sobre Kolyma - até aqui o único estudo ocidental abrangente, baseado em arquivos -para o relato da história de Kolyma neste capítulo e nos demais.
[327] Ibid.
[328] Viktor Shmirov da Sociedade Memorial de Perm, entrevista com a autora, 31 de março, 1998.

do Vishlag na taiga, onde as condições eram ruins, as taxas de mortalidade se mostravam mais altas e presos acabavam torturados e até assassinados sem alarde.[329]

Ainda assim, pelo menos a intenção de Berzin era que seu campo parecesse uma instituição honrada. À primeira vista, tudo isso o tornava uma escolha estranha para tornar-se o primeiro chefe da Administração de Construção do Extremo Norte (Dalstroi), o "traste", ou pseudo-sociedade anônima, que desenvolveria a região de Kolyma, pois não havia nada de especialmente romântico nem idealista na fundação da Dalstroi. O interesse de Stalin na região datava de 1926, quando mandou um engenheiro aos Estados Unidos para estudar técnicas de mineração.[330] Depois, entre 20 de agosto de 1931 e 16 de março de 1932, o Politburo discutiu a geologia e a geografia de Kolyma nada menos que onze vezes - com a freqüente participação de Stalin nas discussões. Assim como as deliberações da Comissão Yanson quando se organizara o Gulag, o Politburo conduziu esses debates, nas palavras do historiador David Nordlander, "não com a retórica idealista da construção do socialismo, e sim com a linguagem prática da prioridade e do retorno financeiros". Stalin dedicou sua correspondência posterior com Berzin a discutir a produtividade prisional, as cotas e a produção, nunca mencionando os ideais de reabilitação dos detentos.[331]

Kolyma, 1937

[329] Shmirov, "Lager kak model Realnosti".
[330] Stephan, The Russian Far East, p. 225.
[331] Nordlander, "Capital of the Gulag".

Por outro lado, o talento de Berzin para criar uma imagem pública auspiciosa pode ter sido exatamente o que a liderança soviética queria pois, embora a Dalstroi viesse a ser diretamente absorvida pela administração do Gulag, no início o truste sempre era mencionado, em público, como entidade distinta, uma espécie de conglomerado comercial, que nada tinha que ver com o Gulag. Sem alarde, as autoridades fundaram o Sewostlag, um campo do Gulag que "alugava" condenados para o Truste Dalstroi. Na prática, as duas instituições nunca concorreram entre si. O chefe da Dalstroi era também o chefe do Sewostlag, e ninguém tinha dúvidas quanto a isso. No papel, porém, mantinham-se separados; e, em público, pareciam ser entidades diferentes.[332]

Havia certa lógica nesse arranjo. Para começo de conversa, a Dalstroi precisava atrair voluntários, em especial engenheiros e mulheres casadouras - sempre havia escassez de uma e outra coisa em Kolyma -, e Berzin promoveu muitas campanhas de recrutamento, tentando convencer "trabalhadores livres" a emigrarem para a região e até montando escritórios em Moscou, Leningrado, Odessa, Rostov e Novossibirsk.[333] Essa talvez já fosse razão suficiente para Stalin e Berzin terem desejado evitar uma identificação muito próxima de Kolyma com o Gulag, temendo que a ligação pudesse afugentar potenciais recrutas. Embora disto não haja nenhuma prova direta, tais maquinações podem também se ter destinado a consumo externo. Assim como a madeira soviética, o ouro de Kolyma seria vendido direto ao Ocidente, em troca de tecnologia e máquinas de que se necessitava desesperadamente. Trata-se de uma circunstância que pode ajudar a explicar por que a liderança soviética queria fazer que as minas de ouro de Kolyma parecessem, tanto quanto possível, um empreendimento econômico "normal". Um boicote ao ouro teria sido muito mais danoso do que um boicote à madeira.

Em todo o caso, o envolvimento pessoal de Stalin com Kolyma foi bastante intenso desde o início. Em 1932, ele chegou a exigir relatórios diários sobre a produção de ouro; e, como já observamos, interessava-se pessoalmente pelos detalhes dos projetos de exploração (e do cumprimento de cotas) da Dalstroi. Mandava inspetores para fiscalizar os campos e exigia que os líderes da Dalstroi viajassem com fre-qúencia para Moscou. Quando o Politburo alocava fundos ao truste, Stalin também dava instruções precisas de como gastá-los, tal como fazia com o Ukhtpechlag.[334]

No entanto, a "independência" da Dalstroi não era de todo fictícia. Embora se reportasse a Stalin, Berzin também conseguiu deixar sua marca em Kolyma, tanto que a "era Berzin" seria depois lembrada com alguma nostalgia. Ele parece ter compreendido sua missão de maneira muito simples: tinha por tarefa fazer os presos extraírem tanto ouro quanto possível. Não estava interessádo em matá-los de inanição assassiná-los nem puni-los - só os números da produção importavam Portanto, sob a administração do primeiro chefe da Dalstroi, as condições não eram nem de longe tão duras quanto viriam a tornar-se, e os presos não passavam tanta fome. Em parte como resultado disso, a produção aurífera de Kolyma aumentou oito vezes nos primeiros dois anos de operação da Dalstroi.[335]

---

[332] Ibid.
[333] Stephan, The Russian Far East, p. 226.
[334] Nordlander, "Capital of the Gulag".
[335] Stephan, The Russian Far East, p. 227.

E verdade que os primeiros anos foram repletos do mesmo caos e da mesma desorganização que predominavam em outros lugares. Em 1932, estavam trabalhando na região quase 10 mil presos - dentre eles, o grupo de engenheiros e especialistas cujas qualificações combinavam tão maravilhosamente com a tarefa -, junto com mais de 3 mil voluntários, ou "trabalhadores livres" (trabalhadores do campo que não eram presos).[336] Esses números elevados se faziam acompanhar de elevada taxa de mortalidade. Dos 16 mil presos que viajaram para Kolyma no primeiro ano de Berzin, apenas 9.928 chegaram vivos a Magadan.[337] O resto foi atirado, com roupas e proteção insuficientes, às tempestades de inverno: os sobreviventes do primeiro ano afirmariam que só metade do contingente original não perecera.[338]

Entretanto, assim que passou o caos inicial, a situação de fato melhorou aos poucos. Berzin trabalhou duro para amenizar as condições, ao que parece acreditando, não sem razão, que os presos precisavam estar aquecidos e bem alimentados para extrair grandes quantidades de ouro. Como resultado, Thomas Sgovio, um sobrevivente americano de Kolyma, escreveu que os "veteranos" do campo falavam com entusiasmo do reinado de Berzin:

> quando a temperatura caía abaixo de quinze graus negativos, não eram mandados ao trabalho. Tinham três dias de descanso por mês. A comida era adequada e nutritiva. Os zeks [presos] recebiam roupas quentes: gorros de pele e botas de feltro.[339]

Variam Shalamov, outro sobrevivente - cujos Contos de Kolyma são dos mais amargos de toda a literatura dos campos -, também escreveu sobre o período Berzin como época

> de excelente comida; uma jornada de trabalho de quatro a seis horas no inverno e dez no verão; e salários colossais para os condenados, o que lhes possibilitava retornar para casa como homens de posses quando as penas terminavam. [...] Os cemitérios que datam daquela época são tão poucos que os primeiros moradores de Kolyma pareciam imortais àqueles que vieram posteriormente.[340]

Se as condições de vida eram melhores do que seriam depois, o comando do campo também tratava com mais humanidade os presos. Na época, não era nítida a linha que separava dos prisioneiros os trabalhadores livres voluntários. Os dois grupos se associavam normalmente; às vezes se permitia que os presos mudassem dos barracões para morar nas vilas dos trabalhadores livres; e os detentos podiam ser promovidos a guardas armados, assim como a geólogos e engenheiros.[341] Mariya Ioffe, degredada em Kolyma em meados da década de 1930, obteve permissão para ter livros e papel; e lembrou que as famílias de degredados, na maioria, estavam autorizadas a ficar juntas.[342]

Os presos também podiam participar, até certo ponto, dos acontecimentos políticos de seu tempo. Assim como no Canal do Mar Branco, Kolyma promovia

---

[336] Kozlov, "Sewostlag NKVD SSSR".
[337] Stephan, The Russian Far East, p. 226.
[338] Conquest, Kolyma, p. 42.
[339] Sgovio, p. 153.
[340] Shalamov, Kolyma Tales, p. 369.
[341] Kozlov, "Sewostlag NKVD SSSR", p. 81; Nordlander, "Capital of the Gulag".
[342] Ioffe, pp. 66-71.

seus próprios trabalhadores-padrão e stakhanovistas. Um preso chegou a tornar-se o "instrutor de métodos stakhanovistas de trabalho" da Dalstroi, e os condenados que tivessem bom desempenho recebiam um pequeno distintivo, de "trabalhadores-padrão de Kolyma".[343]

Da mesma maneira que no Ukhtpechlag, a infra-estrutura de Kolyma logo ficou mais sofisticada. Nos anos 1930, os presos construíram não apenas as minas, mas também as docas e os quebra-mares do porto de Magadan, bem como a única estrada importante da região, a rodovia de Kolyma, que vai de Magadan para o norte. A maioria dos lagpunkts do Sewostlag se localizava ao longo dessa estrada e, aliás, era comumente batizada de acordo com a distância de Magadan ("Campo do Quilômetro 47", por exemplo). Os presos também construíram a própria Magadan, que tinha 15 mil habitantes em 1936 e continuaria a crescer. Ao voltar à cidade em 1947, depois de sete anos servidos nos campos mais remotos, Evgeniya Ginzburg conta ter "quase desmaiado de surpresa e admiração" com a rapidez do crescimento de Magadan. "Só algumas semanas depois percebi que se contavam nos dedos os edifícios grandes. Naquele primeiro momento, foi mesmo uma grande metrópole para mim."[344]

Aliás, Evgeniya foi uma das poucas prisioneiras que perceberam um paradoxo curioso. Era estranho, mas verdadeiro: em Kolyma, assim como em Komi, o Gulag estava lentamente trazendo para os ermos remotos a "civilização" (se assim podemos chamá-la). Abriam-se estradas onde houvera apenas florestas; construíam-se casas nos pântanos As populações nativas iam sendo afastadas a fim de abrir caminho para cidades, fábricas e ferrovias. Anos depois, uma mulher cujo pai fora o cozinheiro de um distante posto do Lokchimlag, um dos campos madeireiros de Komi, recordou para mim como era a vida ali quando o campo ainda funcionava: "Ah, tínhamos um depósito inteiro cheio de hortaliças, mais campos repletos de abóboras - não era tudo estéril como hoje". Ela agitava o braço, desgostosa, na direção do minúsculo vilarejo que agora ocupava o lugar e das antigas celas punitivas, ainda habitadas. "Também havia luz elétrica de verdade, e os chefes entravam e saíam em seus carrões quase todos os dias."

Evgeniya Ginzburg fez, de modo mais eloqüente, a mesma observação:

> Como é estranho o coração dos homens! Minha alma inteira amaldiçoava aqueles que haviam pensado na idéia de construir uma cidade nesse permafrost, descongelando o chão com o sangue e as lágrimas de inocentes. Mas, ao mesmo tempo, eu tinha consciência de uma espécie de orgulho ridículo... Como a nossa Magadan crescera e ficara bonita durante minha ausência de sete anos! Estava irreconhecível. Eu admirava cada poste de luz, cada trecho de asfalto, até o cartaz que anunciava que a Casa da Cultura estava apresentando a opereta A princesa dos dólares. Damos valor a todos os fragmentos de nossa vida, até aos mais amargos.[345]

Em 1934, a expansão do Gulag em Kolyma, em Komi, na Sibéria, no Cazaquistão e em todas as outras partes da URSS seguira o mesmo padrão

---

[343] Kozlov, "Sewostlag NKVD SSSR", p. 82.
[344] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 201.
[345] Ibid.

que em Solovetsky. Nos primeiros dias, a negligência, o caos e a desordem causavam muitas mortes desnecessárias. Mesmo sem sadismo ostensivo, a crueldade irrefletida dos guardas, que tratavam seus presos como animais domésticos, causou muito sofrimento.

Apesar disso, com o passar do tempo, o sistema parecia entrar precariamente nos eixos. As taxas de mortalidade, tendo atingido o ápice em 1933, caíam à medida que a fome recuava pelo país e o Gulag se tornava mais organizado. Em 1934, segundo as estatísticas oficiais, elas giravam em torno de 4%.[346] O Ukhtpechlag estava produzindo petróleo; Kolyma, ouro; os campos da região de Arcangel, madeira. Abriam-se estradas através da Sibéria. Erros e acidentes não faltavam, mas isso valia para qualquer lugar da URSS. A rapidez da industrialização, a falta de planejamento e a escassez de especialistas bem treinados tornavam inevitáveis os acidentes e os gastos excessivos, como bem deviam saber os encarregados dos grandes projetos.

Apesar dos reveses, a OGPU depressa se tornava um dos agentes econômicos mais importantes do país. Em 1934, o Dmitlag, o campo que construiu o canal Moscou-Volga, utilizava quase 200 mil presos, mais do que se empregara no Canal do Mar Branco.[347] O Siblag também crescera, contando com 63 mil presos em 1934; e o Dallag mais do que triplicara seus efetivos nos quatro anos desde a fundação, tendo 50 mil presos em 1934. Outros campos haviam sido fundados por toda a URSS: no Sazlag, no Uzbequistão, onde os presos trabalhavam em fazendas coletivas; no Svirlag, perto de Leningrado, onde eles derrubavam árvores e preparavam produtos de madeira para a cidade; e no Karlag, no Cazaquistão, que empregava presos como agricultores, operários e até pescadores.[348]

Foi também em 1934 que se reorganizou e se rebatizou a OGPU, em parte para refletir o novo status e as responsabilidades ampliadas da organização. Naquele ano, a polícia secreta se tornou oficialmente o Comissariado do Povo Para Assuntos Internos, passando a ser conhecida por outra sigla: NKVD. Sob a nova denominação, controlava agora o destino de mais de 1 milhão de presos.[349] Mas a calma relativa não duraria. O sistema estava prestes a virar a si mesmo pelo avesso, abruptamente, numa revolução que destruiria tanto senhores quanto escravos.

## 6. O GRANDE TERROR E O PERÍODO SUBSEQÜENTE

*Foi um tempo em que só os mortos*
*Conseguiam sorrir, livres de suas agruras,*
*E o lamento, a alma de Leningrado,*
*Pendia do lado de fora de sua prisão;*
*E os regimentos dos condenados,*
*Tocados como gado nos pátios das estações,*
*Encolhiam-se com o apito da locomotiva,*
*Que cantava: "Fora, párias!"*

---

[346] GARF, 9414/1/OURZ, da coleção de A. Kokurin.
[347] Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud", p. 78.
[348] Ibid.; Okhotin e Roginskii, pp. 376, 399, e 285.
[349] Okhotin e Roginskii, p. 38.

*A estrela da morte pairava sobre nós.*
*E a Rússia, inocente, adorada, retorcida*
*Sob botas manchadas de sangue,*
*Sob as rodas de camburões.*

Anna Akhmatova, Réquiem 1935-1940.[350]

Em termos objetivos, os anos de 1937 e 1938 - que seriam lembrados como o Grande Terror - não foram os de maior mortalidade na história dos campos de concentração, nem marcaram a maior expansão deles: os números de presos seriam muito maiores na década seguinte e atingiriam o máximo em 1952, muito depois do período que geralmente se recorda. Embora as estatísticas disponíveis sejam incompletas, ainda fica claro que as taxas de mortalidade nos campos foram maiores tanto no auge da fome na zona rural (1932 e 1933) como no pior momento da Segunda Guerra Mundial (1942 e 1943), quando o número total de pessoas mandadas para campos de trabalhos forçados, prisões e campos de prisioneiros de guerra girou em torno de 4 milhões.[351]

Gomo foco de interesse histórico, pode-se também argumentar que a importância de 1937 e 1938 foi exagerada. Até Soljenitsin reclamou que aqueles que condenaram os abusos do stalinismo "insistem em apegar-se a 37 e 38, aqueles anos que estão entalados em nossas gargantas"; e, de certa forma, o escritor tem razão.[352] Afinal, o Grande Terror seguiu-se a duas décadas de repressão. Desde 1918, ocorriam regularmente prisões e deportações em massa, primeiro de políticos oposicionistas, no início dos anos 20, e depois de kulaks, no início dos anos 30 Todos esses episódios de prisões em massa se fizeram acompanhar da captura regular dos responsáveis pela "desordem social".

Ao Grande Terror também se seguiram ainda mais prisões e deportações: de poloneses, ucranianos e baltas dos territórios invadidos em 1939; de "traidores" do Exército Vermelho capturados pelo inimigo; de pessoas comuns que ficaram do lado errado da frente de combate após a invasão nazista, em 1941. Depois, em 1948, haveria novas prisões de antigos presos; e ainda depois, imediatamente antes da morte de Stalin, prisões em massa de judeus. Por isso, embora as vítimas de 1937 e 1938 talvez fossem mais conhecidas, e embora jamais se repetisse nada tão espetacular quanto os julgamentos públicos daqueles anos, as prisões do Grande Terror seriam mais bem descritas não como o auge da repressão, e sim como uma das ondas de repressão mais incomuns que varreram p país durante o reinado de Stalin: ela afetou mais a elite - velhos bolcheviques, membros destacados do Exército e do Partido -; e, no geral, abrangeu maior variedade de pessoas e resultou em um número de execuções mais alto que o costumeiro.

Mas, na história do Gulag, 1937 foi mesmo um divisor de águas. Naquele ano, os campos soviéticos se transformaram temporariamente de prisões administradas com negligência, onde as pessoas morriam por acidente, em autênticos campos de extermínio - onde, de caso pensado, presos eram

---

[350] Akhmatova, p. 103.
[351] Bacon, pp. 30 e 122. As estimativas de Bacon vêm de diversas fontes, e ele acrescentou a elas as diferentes categorias de pessoas em trabalhos forçados. Ver Apêndice para mais reflexões sobre as estatísticas;
[352] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. I, p. 24.

obrigados a trabalhar até a morte ou acabavam de fato assassinados, em números muito maiores que antes. Embora essa mudança estivesse longe de ser sistemática, e embora em 1939 a natureza propositalmente mortífera dos campos tenha amainado de novo - até a morte de Stalin, em 1953, as taxas de mortalidade cairiam e subiriam conforme o vaivém bélico e ideológico -, o Grande Terror deixou sua marca na mentalidade tanto dos guardas quanto dos presos.[353]

Assim como o resto do país, os habitantes do Gulag devem ter visto os primeiros sinais que os alertavam do terror vindouro. Após o ainda misterioso assassínio de Sergei Kirov, o popular líder do Partido em Leningrado, em dezembro de 1934, Stalin forçou uma série de decretos que davam à NKVD poderes ainda maiores para prender, julgar e executar "inimigos do povo". Em poucas semanas, dois importantes bolcheviques, Kamenev e Zinoviev, ambos antigos opositores de Stalin, já haviam se tornado vítimas dos decretos: foram presos, junto com milhares de seus seguidores e supostos seguidores, muitos deles de Leningrado. Seguiram-se expulsões em massa do Partido Comunista, embora de início elas não tenham sido muito mais amplas que as já ocorridas naquela década.

Aos poucos, o expurgo ficou mais sangrento. Durante toda a primavera e o verão de 1936, os interrogadores de Stalin trabalharam em Kamenev, em Zinoviev e num grupo de ex-admiradores de Leon Trotski, preparando-os para "confessar" seus crimes num grande julgamento público, que ocorreu logo na seqüência, em agosto. Todos foram depois executados, junto com muitos parentes. Em seguida, ocorreram outros julgamentos de bolcheviques proeminentes, dentre eles o carismático Nikolai Bukharin. Suas famílias também sofreram.

A mania de prisões e execuções se espalhou pela hierarquia do Partido abaixo e por toda a sociedade. Era promovida de cima, por Stalin, que a utilizava para eliminar seus inimigos, criar uma nova classe de líderes leais, aterrorizar a população soviética - e encher os campos de concentração. A partir de 1937, assinou ordens que foram enviadas aos chefes regionais da NKVD, listando cotas de indivíduos que deveriam ser presos em determinadas áreas - não se deu nenhum motivo para as detenções. Alguns deveriam ser condenados à "primeira categoria" punitiva (a morte) e outros à "segunda categoria" - o confinamento em campos de concentração por períodos que variavam de oito a dez anos. Nessa última, os elementos mais "nocivos" deveriam ser colocados em prisões políticas especiais, sendo de supor que para impedi-los de contaminar outros presos nos campos. Alguns estudiosos especulam que a NKVD, ao determinar cotas para diferentes partes do país, o fazia de acordo com sua percepção de quais regiões tinham maior concentração de "inimigos". Mas, por outro lado, pode não ter havido nenhuma relação entre uma coisa e outra.[354]

Ler essas ordens se assemelha muito a ler as ordens de um burocrata que elaborasse a última versão do Plano Qüinqüenal. Aqui está, por exemplo, uma datada de 30 de julho de 1937:

---

[353] A não ser que haja nota de rodapé, este relato do Grande Terror vem de Conquest, The Great Terror; Khleynyuk,1937; Getry e Naumov; e Martin, "The Great Terror".
[354] Getty e Naumov, p. 472.

| REPÚBLICA | PRIMEIRA CATEGORIA | SEGUNDA CATEGORIA | TOTAL |
|---|---|---|---|
| Armênia | 500 | 1.000 | 1.500 |
| Azerbaijão | 1.500 | 3.750 | 5.250 |
| Basquíria | 500 | 1.500 | 2.000 |
| Bielo-Rússia | 2.000 | 10.000 | 12.000 |
| Buriato-Mongólia | 350 | 1.500 | 1.850 |
| Calmúquia | 100 | 300 | 400 |
| Carélia | 300 | 700 | 1.000 |
| Criméia | 300 | 1.200 | 1.500 |
| Daguestão | 500 | 2.500 | 3.000 |
| Geórgia | 2.000 | 3.000 | 5.000 |
| Kabardino-Balkar | 300 | 700 | 1.000 |
| Komi | 100 | 300 | 400 |
| Mari | 300 | 1.500 | 1.800 |
| Quirguízia | 250 | 500 | 750 |
| Tadjiquistão | 500 | 1.300 | 1.800 |
| Turcomenistão | 500 | 1.500 | 2.000 |
| Uzbequistão | 750 | 4.000 | 4.750 |
| Etc.[355] | | | |

Fica claro que o expurgo não foi de forma alguma espontâneo: já se haviam até preparado novos campos para mais presos. O expurgo tampouco enfrentou muita resistência: a administração da NKVD em Moscou esperava que seus subordinados nas províncias demonstrassem entusiasmo, e eles o fizeram. Em setembro de 1937, por exemplo, a NKVD da Armênia pediu a Moscou: "Solicitamos permissão para fuzilar mais setecentos membros dos bandos do Dashnak[356] e outros elementos anti-soviéticos". Stalin deferiu pessoalmente um pedido semelhante: "Elevo para 6.600 o número de presos da primeira categoria na região de Krasnoyarsk". Muitas outras solicitações do mesmo tipo foram assinadas por Stalin ou por Molotov. Em fevereiro de 1938, numa sessão do Politburo, concedeu-se permissão à NKVD da Ucrânia para prender mais 30

[355] Sabbo, pp. 297-304.
[356] Um partido nacionalista armênio. (N. T.)

mil "kulaks e outros elementos anti-soviéticos".[357]

Parte da opinião pública soviética aprovou as novas detenções: a súbita revelação da existência de uma quantidade enorme de "inimigos , muitos deles nos escalões mais altos do Partido, certamente explicava por que a URSS - apesar da Grande Guinada, apesar da coletivização, apesar do Plano Qüinqüenal - ainda era tão pobre e atrasada. A maioria das pessoas, porém, ficou demasiado aterrorizada e confusa com o espetáculo de revolucionários famosos que confessavam, e de vizinhos que desapareciam de noite, para expressar alguma opinião sobre o que acontecia.

No Gulag, o expurgo deixou suas marcas primeiro nos comandantes dos campos - ao eliminar muitos deles. Se em todo o resto do país o ano de 1937 seria lembrado como aquele em que a Revolução devorou seus filhos, nos campos de concentração ele seria lembrado como aquele em que o Gulag consumiu seus fundadores, começando bem pelo alto: Genrikh Yagoda, o chefe da polícia secreta que tinha a maior responsabilidade pela expansão do sistema, foi julgado e fuzilado em 1938, após ter implorado pela vida numa carta ao Soviete Supremo. "É difícil morrer", escreveu o homem que mandara tantos outros para a morte. "Ajoelho-me perante o Povo e o Partido e peço-lhes que me perdoem, que salvem minha vida."[358]

Seu substituto, o diminuto Nikolai Yezhov (tinha só 1,52 metro), começou de imediato a livrar-se dos amigos e subordinados de Yagoda na NKVD. Também golpeou a família de Yagoda - assim como golpearia as de outros -, prendendo-lhe a mulher e os pais, mais irmãs, sobrinhos e sobrinhas. Uma dessas últimas lembrou a reação da avó, mãe de Yagoda, no dia em que ela e toda a família foram mandadas para o exílio:

> "Se pelo menos Gena [Yagoda] pudesse ver o que estão fazendo conosco", alguém disse baixinho.
>
> De repente, vovó, que nunca levantava a voz, virou-se para o apartamento vazio e gritou bem alto: "Malditos sejam!" Atravessou a porta de entrada e a bateu com força. O som reverberou na escadaria, como o eco daquela maldição de mãe.[359]

Muitos dos chefes e administradores, preparados e promovidos por Yagoda, tiveram o mesmo destino. Junto com centenas de milhares de outros cidadãos soviéticos, foram acusados de grandes conspirações, aprisionados e interrogados em processos complexos, que podiam envolver centenas de pessoas. Um dos mais importantes foi o de Matvei Berman, chefe do Gulag de 1932 a 1937. Seus anos de serviço ao Partido (ele se filiara em 1917) não lhe adiantaram de nada. Em dezembro de 1938, a NKVD acusou Berman de ter liderado uma "organização direitista e trotskista de terrorismo e sabotagem", a qual criara "condições privilegiadas" para presos nos campos, enfraquecera de propósito a "prontidão militar e política" dos guardas (donde o grande número de fugas) e sabotara os projetos de construção do Gulag (donde o lento progresso deste).

---

[357] Sabbo, pp. 297-304.
[358] Kokurin e Petrov, Lubyanka, p. 15.
[359] Veronica Znamenskaya, "To This Day", in Vilensky, Ti/l, My Tale Is Told, pp. 141-49.

Berman não caiu sozinho. Por toda a URSS, descobriu-se que comandantes e altos administradores dos campos do Gulag pertenciam à mesma "organização direitista e trotskista", e eles foram condenados de um só golpe. Os autos de seus processos são um tanto surreais: era como se todas as frustrações dos anos anteriores - as metas não-alcançadas, as estradas mal construídas, as fábricas que, tendo sido erguidas por presos, praticamente não conseguiam funcionar - houvessem atingido algum tipo de clímax insano.

Aleksandr Izrailev, por exemplo, vice-chefe do Ukhtpechlag, recebeu condenação por "ter obstruído o crescimento da mineração de carvão". Aleksandr Polisonov, coronel que trabalhara na divisão de guardas armados do Gulag, viu-se acusado de ter criado "condições absurdas" para esses seus homens. Mikhail Goskin, chefe do departamento de construção ferroviária do Gulag, teria "elaborado planos irrealistas" para a linha Volochaevka-Komsomolets. Isaak Ginzburg, chefe da divisão médica do Gulag, foi considerado responsável pelas altas taxas de mortalidade prisional e acusado de ter fomentado condições especiais para outros presos contra-revolucionários, permitindo que, por motivo de doença, fossem libertados antes do tempo. A maioria desses homens da NKVD acabou condenada à morte - embora as sentenças de vários tenham sido comutadas para o confinamento nas prisões ou nos campos, e uns poucos até tenham sobrevivido, vindo a ser reabilitados em 1955.[360]

Um número impressionante dos primeiros administradores do Gulag teve o mesmo destino. Fyodor Eichmanns, ex-chefe da Slon e depois do Departamento Especial da OGPU, foi fuzilado em 1939. Izrail Pliner, o sucessor de Berman na chefia do Gulag, durou só um ano no cargo e foi fuzilado em 1939.[361] Era como se o sistema precisasse de uma explicação do porquê de vir funcionando tão mal - como se precisasse de pessoas para culpar. Ou talvez "sistema" seja uma expressão enganosa: talvez fosse o próprio Stalin quem precisava explicar por que seus projetos de trabalho escravo, tão maravilhosamente planejados, avançavam tão devagar e apresentavam resultados tão ambíguos.

Houve algumas curiosas exceções à destruição generalizada, pois Stalin não apenas tinha controle sobre quem era preso como às vezes também decidia quem não devia sê-lo. E curioso que Naftaly Frenkel, apesar das mortes de quase todos os seus antigos colegas, tenha conseguido escapar à bala do carrasco. Em 1937, era o chefe do Bamlag, na ferrovia Baikal-Amur, um dos mais caóticos e mortíferos campos do Extremo Oriente. No entanto, quando 48 "trotskistas" foram presos no Bamlag, em 1938, Frenkel, de algum modo, não estava entre eles.

Sua ausência na lista de presos se mostra ainda mais estranha quando se sabe que o jornal do campo o atacara, acusando-o abertamente de sabotagem. Apesar disso, o processo de Frenkel ficou misteriosamente retido em Moscou. O promotor local do Bamlag, que vinha conduzindo as investigações a respeito de Frenkel, achou a demora incompreensível. "Não entendo por que essa investigação foi colocada sob 'decreto especial', nem quem expediu esse 'decreto especial'", escreveu a Andrei Vyshinsky, o promotor-chefe da URSS. "Se não vamos prender espiões trotskistas diversionários, então quem

---

[360] Yurasova.
[361] GARF, arquivos pessoais. Também Kokurin e Petrov, Gulag, pp. 797-857.

devemos prender?" Stalin, ao que parece, ainda era perfeitamente capaz de proteger seus amigos.[362]

Talvez a saga mais dramática de um chefe de campo em 1937 tenha sido uma que ocorreu mais para o fim daquele ano, em Magadan, e que começou com a prisão de Eduard Berzin, o chefe da Dalstroi. Na condição de subordinado direto de Yagoda, Berzin devia ter pressentido que sua carreira seria logo encurtada. Também devia ter ficado desconfiado quando, em dezembro, recebeu todo um novo grupo de "lugares-tenentes" da NKVD, dentre eles o major Pavlov, oficial de posto mais alto que o próprio Berzin. Ainda que Stalin com freqüência apresentasse dessa maneira os funcionários que logo cairiam em desgraça aos sucessores deles, Berzin não deu mostras de suspeitar de nada. Quando entrou na baía de Nagaevo o navio com o agourento nome Nikolai Yezhov, trazendo a nova equipe de Berzin, este providenciou uma banda de música para dar as boas-vindas. Em seguida, passou vários dias mostrando as operações e ensinando os macetes a sua nova "equipe" - embora ela praticamente não lhe desse atenção -, antes de ter ele próprio embarcado no Nikolai Yezhov.

Em Vladivostok, tomou bem calmamente o Expresso Transiberiano para Moscou. Mas, embora Berzin tenha saído de Vladivostok como passageiro da primeira classe, chegaria a seu destino como detento. No meio da noite de 19 de dezembro de 1937, o trem parou na cidade de Aleksandrov. Berzin foi preso na plataforma (ainda a setenta quilômetros de Moscou, para não causar nenhum fuzuê no centro da capital) e levado para interrogatório na Lubyanka, a prisão central de Moscou. Rapidamente o indiciaram por "atividades contra-revolucionárias de sabotagem e destruição". A NKVD o acusou de montar uma "organização de espionagem e diversionismo trotskista em Kolyma", a qual supostamente enviava ouro para o governo do Japão e tramava a ocupação do Extremo Oriente soviético por aquele país. Também o acusaram de espionar para a Inglaterra e a Alemanha. Obviamente, o chefe da Dalstroi andara mesmo muito ocupado. Acabaria fuzilado em agosto de 1938, no porão da Lubyanka.

O absurdo das acusações não afetou os prazos do processo. No final de dezembro, Pavlov, agindo com celeridade, já prendera a maioria dos subordinados de Berzin. Sob tortura, I. G. Filippov, chefe do Sewostlag, fez uma confissão detalhada que implicava praticamente todos eles. Declarando ter "recrutado" Berzin em 1934, ele reconheceu que sua "organização anti-soviética" planejara depor o governo do país mediante a "preparação de um levante armado contra o poder soviético em Kolyma, [...] a preparação e execução de atos terroristas contra os líderes do Partido Comunista e do governo soviético, [...] o incitamento da população nativa [...] e o encorajamento a atos generalizados de destruição", dentre outras coisas. Lev Epshtein, principal lugar-tenente de Berzin, depois confessou ter "reunido informações secretas para a França e o Japão enquanto realizava sabotagem, diversionismo e atos de destruição". O médico-chefe da policlínica de Magadan foi acusado de "ligações com traidores e elementos estrangeiros". Quando tudo terminou, centenas de pessoas ligadas a Berzin, desde geólogos até burocratas e engenheiros, estavam ou mortas, ou presas.[363]

---

[362] GARF, 8131/37/99.

[363] Este relato da prisão de Berzin está em Nordlander, "Capital of the Gulag" "Magadan and the Revolution of the Dalstroi Bosses".

Se olharmos em perspectiva, veremos que a elite de Kolyma não foi a única rede poderosa a ter sido eliminada em 1937-8. No final daquele período, Stalin já expurgara do Exército Vermelho grande número de notáveis, aí incluídos o marechal Tukhachevsky, vice-comissário da Defesa, Ion Yakir, comandante de exército, seu colega Uborevich e outros, junto com as mulheres e filhos; a maioria foi fuzilada, mas alguns terminaram em campos.[364] O Partido Comunista conheceu destino semelhante. O expurgo atingiu não apenas os inimigos potenciais de Stalin na liderança, mas também a elite partidária nas províncias, os primeiros-secretários, os chefes dos conselhos locais e regionais e os diretores de importantes fábricas e instituições.

Em certos lugares e em certa classe social, conforme escreveria Yelena Sidorkina, ela mesma presa em novembro de 1937, a onda de prisões foi tão completa que

> ninguém sabia o que aconteceria no dia seguinte. As pessoas tinham medo de conversar ou se encontrar umas com as outras, em especial com famílias nas quais o pai ou a mãe já tivesse sido "isolado". Os raros indivíduos tolos o suficiente para manter-se leais àqueles presos acabavam automaticamente indicados para o "isolamento".[365]

Mas nem todo mundo morreu, e nem todo campo foi aniquilado. Em geral, os chefes de campo mais obscuros até se saíram ligeiramente melhor que a média dos oficiais da NKVD, como ilustra o caso de V. A. Barabanov, um protegido de Yagoda. Em 1935, quando era vice-comandante do Dmitlag, Barabanov foi preso, junto com um colega, por ter chegado ao campo "em estado de embriaguez". Como resultado, perdeu o emprego, recebeu uma pena leve de prisão e, em 1938, estava trabalhando num longínquo campo do extremo norte quando ocorreram as prisões em massa dos sequazes de Yagoda. Por volta de 1954, seu amor ao álcool já tendo sido perdoado, ele tornara a subir na hierarquia e era o vice-comandante de todo o sistema Gulag.[366]

Mas, na memória popular dos campos, 1937 não seria lembrado apenas como o ano do Grande Terror; também foi o ano em que finalmente se deixou de cantar loas à reabilitação de criminosos, junto com qualquer apoio hipócrita àquele ideal. Em parte, isso talvez tenha se devido à morte e ao encarceramento das figuras mais intimamente relacionadas com a campanha. Yagoda, ainda ligado na mente do público ao Canal do Mar Branco, já se fora. Máximo Gorki morrera repentinamente em junho de 1936. I. L. Averbakh, colaborador de Gorki em O canal chamado Stalin e autor de do crime ao trabalho (volume subseqüente dedicado ao canal Moscou-Volga), foi denunciado como trotskista e preso em abril de 1937. O mesmo ocorreu com muitos outros integrantes do coletivo que, sob a coordenação de Gorki, redigira O canal chamado Stalin.[367] Mas a mudança também tinha origens mais profundas. À medida que a retórica política ficava mais radical e a caçada aos criminosos políticos se intensificava, o status dos campos onde esses perigosos criminosos políticos estavam também se modificava. Num país tomado pela paranóia e pela mania de procurar e delatar espiões, a própria

---

[364] Conquest, The Great Terror, pp. 182-213.
[365] Yelena Sidorkina, "Years Under Guard", in Vilensky, Till, My Taleis To/d, p. 194.
[366] GARF, 9401/12/94.
[367] Conquest, The GreatTerror, p. 298.

existência de campos para "inimigos" e "sabotadores" se tornou, se não exatamente segredo - na década de 1940, presos trabalhando na construção de estradas e prédios de apartamentos eram espetáculo comum em muitas grandes cidades -, pelo menos assunto que nunca se discutia em público. Aristocratas, a peça de Nikolai Pogodin, foi banida em 1937 (sendo revivida, ainda que só por breve período, em 1956, bem depois da morte de Stalin).[368] O canal chamado Stalin, organizado por Gorki, também acabou na lista de livros proibidos, por motivos ainda incertos. Talvez os novos chefes da NKVD não tivessem mais estômago para agüentar os fátuos elogios a Yagoda, caído em desgraça. Ou talvez aquele radiante retrato da exitosa reabilitação de "inimigos" não tivesse mais sentido numa época em que novos inimigos apareciam o tempo todo, e em que centenas de milhares deles não eram recuperados mas executados. Por certo, as histórias sobre chekistas afáveis e oniscientes se tornavam difíceis de conciliar com os expurgos maciços na NKVD.

Não desejando parecer frouxos na tarefa de isolar os inimigos do regime, os comandantes do Gulag em Moscou também impuseram novas normas internas de sigilo, que acarretaram imensos custos adicionais. Agora, toda correspondência devia ser enviada por mensageiro especial. Só em 1940, os mensageiros da NKVD tiveram de entregar 25 milhões de itens de correspondência secreta. Doravante, quem escrevia cartas para os campos o fazia exclusivamente para caixas postais, já que os endereços se tornaram secretos. Os campos também desapareceram dos mapas. Até a correspondência interna da NKVD se referia a eles eufemisticamente como "objetos especiais" (spetsobekty) ou "subseções" (podrazdeleniya), de modo a ocultar as reais atividades de tais lugares.[369]

Para referências mais específicas tanto aos campos quanto às atividades de seus habitantes, a NKVD criou um código complicado que podia ser usado em telegramas abertos. Um documento de 1940 listava esses codinomes, alguns dos quais eram de uma criatividade grotesca. As grávidas deveriam ser chamadas "livros", e as mulheres com filhos, "recibos". Já os homens eram "contas" (no sentido contábil). Degredados eram "lixo", e detidos para investigação, "envelopes". Campos de concentração eram "trustes", e divisões de campo, "fábrica". Um campo recebeu o codinome "Livre".[370]

A linguagem usada nos campos também mudou. Até o outono de 1937, documentos e cartas oficiais freqüentemente se referiam aos presos pela profissão - por exemplo, simplesmente "lenhadores". Mas, em 1940, um preso já não era lenhador; era apenas preso, um zaklyuchennyi, ou, na maioria dos documentos, z/k (pronuncia-se "zek").[371] Um grupo de presos se tornava kontingent ("contingente" ou "cota"), termo burocrático e despersonalizado. Os presos tampouco podiam ganhar o cobiçado título de stakhanovista: o administrador de um campo mandou carta indignada a seus subordinados, ordenando que se referissem a detentos que trabalhavam duro por circunlóquios como "presos que atuam à maneira dos trabalhadores de choque" ou "presos que trabalham segundo os métodos stakhanovistas".

---

[368] Geller, pp. 151-57.
[369] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 96.
[370] Kokurin e Petrov, Gulag, pp. 863-69.
[371] Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 95-96; Makurov, pp. 183-84.

Naturalmente, todo uso positivo do termo "preso político" já desaparecera havia muito. Os privilégios concedidos aos presos políticos socialistas tinham terminado em 1925, quando esses detentos foram transferidos de Solovetsky para prisões na Rússia central. Agora, o termo "preso político" sofria completa transformação, abrangendo qualquer um condenado segundo o infame artigo 58 do Código Penal - que englobava todos os crimes "contra-revolucionários" - e tendo conotações totalmente negativas. Cada vez mais, referiam-se aos criminosos políticos (às vezes chamados KRs, de "contra-revolucionários"; kontras; ou kontriks) como vragi naroda (inimigos do povo).[372]

Esse termo, um epíteto jacobino que Lênin utilizara pela primeira vez em 1917, foi revivido por Stalin em 1927 para descrever Trotski e seus seguidores. Começou a ter sentido mais amplo em 1936, depois que uma carta secreta - "da autoria de Stalin", na opinião de Dmitri Volkogonov, seu biógrafo russo - foi enviada do Comitê Central às organizações do Partido nas regiões e repúblicas. Conforme a carta explicava, um inimigo do povo, ainda que pudesse "parecer manso e inofensivo", faria todo o possível para "esgueirar-se sorrateiramente para dentro do socialismo", embora "secretamente não o aceitasse". Em outras palavras, os inimigos não podiam mais ser identificados por opiniões expressas abertamente. Lavrenty Beria, chefe posterior da NKVD, também citaria Stalin com freqüência, observando que "um inimigo do povo é não apenas quem comete sabotagem, mas também quem duvida da justeza das determinações do Partido". Portanto "inimigo" podia significar qualquer um que se opusesse ao poder de Stalin, por qualquer motivo, ainda que aparentasse não fazê-lo.[373]

Agora, nos campos de concentração, "inimigo do povo" se tornara termo oficial, usado em documentos. Aprisionavam-se mulheres como "esposas de inimigos do povo", depois que um decreto da NKVD de 1937 autorizou tais capturas; e o mesmo se aplicava aos filhos. Uns e outros recebiam sentenças como ChSVR, "familiares de um inimigo da Revolução".[374] Muitas das esposas foram encarceradas juntas no campo de Temnikovsky, também conhecido como Temlag, na Mordóvia (uma república da Rússia central). Anna Larina, mulher de Bukharin, o líder soviético caído em desgraça, lembraria que lá "nos tornamos iguais em nosso infortúnio - os Tukachevsky e os Yakir, os Bukharin e os Radek, os Uborevich e os Gamarnik. Como diz o ditado, a desgraça compartilhada já é só meia desgraça".[375]

Galina Levinson, outra sobrevivente do Temlag, recordou que o regime do campo era relativamente liberal, talvez porque "não tínhamos sentenças, éramos apenas esposas". A maioria delas, observou Galina, eram pessoas que até então haviam sido "totalmente soviéticas" e ainda estavam convencidas de que seu encarceramento se devia às maquinações de alguma organização fascista secreta dentro do Partido. Várias ocupavam o tempo escrevendo cartas diárias a Stalin e ao Comitê Central, nas quais reclamavam, iradas, do complô que se armava contra elas.[376]

Em 1937, "inimigo do povo", além dos usos oficiais, já virara ofensa. Desde o

---

[372] Rossi, The Gulag Handbook, p. 180.
[373] Ibid., p. 60; Volkogonov, Stalin, p. 279.
[374] Rossi, The Gulag Handbook, pp. 36 e 497; Sbornik, pp. 86-93.
[375] Larina, p. 182.
[376] Levinson, pp. 39-42.

tempo de Solovetsky, os fundadores e planejadores dos campos haviam organizado o sistema em torno da idéia de que os presos não eram humanos, mas "unidades de trabalho": mesmo na época da construção do Canal do Mar Branco, Máximo Gorki descrevera os kulaks como "meio animais".[377] Agora, porém, a propaganda descrevia os "inimigos" como algo inferior até a essa espécie de gado bípede. A partir do final dos anos 1930, Stalin começou a referir-se publicamente aos "inimigos do povo" como "praga", "poluição", "imundície" ou, às vezes, simplesmente "erva daninha", que precisava ser arrancada.[378]

A mensagem era clara: os zeks não eram mais considerados cidadãos plenos da URSS, se é que de alguma maneira podiam ser considerados pessoas. Um preso observou que estavam sujeitos a "uma espécie de excomunhão da vida política e não tinham permissão para participar das liturgias e rituais sagrados de tal vida".[379] Depois de 1937, nenhum guarda usava a palavra tovarishch (camarada) para dirigir-se aos presos, e estes podiam ser espancados por utilizá-la quando se dirigiam aos guardas, os quais tinham de tratar por grazhdanin (cidadão). Fotos de Stalin e outros líderes nunca apareciam nas paredes dos campos e prisões. Uma visão relativamente comum em meados da década de 1930 - um trem carregando presos, tendo os vagões cobertos com retratos de Stalin e com faixas que declaravam serem seus ocupantes stakhanovistas - já se tornara impensável depois de 1937. O mesmo ocorreu com as celebrações do 1º de maio, como aquelas outrora realizadas no kremlin de Solovetsky.[380]

Muitos estrangeiros ficavam surpresos com o forte efeito que essa "excomunhão" da sociedade soviética tinha sobre os presos. Um prisioneiro francês, Jacques Rossi - autor do Manual do Gulag, um guia enciclopédico da vida nos campos -, escreveu que a palavra "camarada" conseguia eletrizar presos que havia muito tempo não a ouviam:

> Uma turma que acabara de completar um turno de onze horas e meia concordou em ficar e trabalhar o turno seguinte apenas porque o engenheiro-chefe [...] disse aos presos: "Peço-lhes que façam isso, camaradas" [381]

À desumanização dos "criminosos políticos" seguiu-se uma mudança bem nítida (e em alguns lugares drástica) nas condições de vida deles. O Gulag dos anos 1930 fora geralmente desorganizado, freqüentemente cruel e ocasionalmente mortal. Mas, em alguns lugares e em alguns momentos durante aquela década, oferecera-se até aos presos políticos a oportunidade da redenção. Os trabalhadores do canal Moscou-Volga podiam ler o jornal Perekovka, cujo nome já significava "Regeneração". O final da peça Aristocratas, de Pogodin, mostrava a "conversão" de um ex-sabotador. Em 1934, Flora Leipman (filha de uma escocesa que casara com um russo, mudara para São Petersburgo e logo fora presa como espiã) visitou a mãe num campo madeireiro do norte e descobriu que "ainda havia um elemento de humanidade entre os guardas e os presos, pois a [NKVD] ainda não era tão

---

[377] Gorky, Belomor, p. 341.
[378] Weiner, "Nature, Nurture and Memory in a Socialist Utopia".
[379] Herling, p. 10.
[380] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 95.
[381] Rossi, The Gulag Handbook, p. 449.

sofisticada e tão psicologicamente orientada como viria a ser alguns anos depois".[382] Flora sabia do que estava falando, já que ela mesma se tornou prisioneira "alguns anos depois". Depois de 1937, as atitudes realmente mudaram, sobretudo em relação àqueles presos condenados pelo artigo 58.

Nos campos, os presos políticos eram retirados dos postos de trabalho que haviam ocupado em planejamento ou engenharia e forçados a retornar ao "trabalho geral", ou seja, ao trabalho braçal não-especializado em minas ou florestas: não se podia mais permitir que os "inimigos" tivessem qualquer posição de importância, por medo de que se dedicassem à sabotagem. Pavlov, o novo chefe da Dalstroi, assinou pessoalmente a ordem que obrigava um preso-geólogo, I. S. Davidenko, a "ser utilizado como trabalhador comum e em hipótese nenhuma ter autorização para conduzir trabalhos independentes. As tarefas de Davidenko devem ser controladas com cuidado e sujeitas a observação diária".[383] Num relatório arquivado em fevereiro de 1939, o comandante do Belbaltlag também alegava ter "escorraçado todos os trabalhadores indignos de confiança política" e, sobretudo, "todos os ex-presos condenados por crimes contra-revolucionários". Ele asseverava que, dali em diante, as funções administrativas e técnicas deveriam ser reservadas para "comunistas, membros do Komsomol [a Juventude Comunista] e especialistas de confiança".[384] Fica claro que a produtividade econômica já não era a maior prioridade dos campos.

Em todo o sistema Gulag, os regimes prisionais ficaram mais duros, tanto para os criminosos comuns como para os presos políticos. No começo dos anos 1930, as rações de pão para o "trabalho geral" podiam chegar a um quilo por dia - mesmo para aqueles que não cumprissem 100% da meta -, e atingir até dois quilos para os stakhanovistas. Nos principais lagpunkts do Canal do Mar Branco, servia-se carne doze dias por mês.[385] No final da década, a ração garantida caíra a menos da metade, para entre quatrocentos e 450 gramas de pão, e os que conseguiam cumprir 100% da meta de trabalho ganhavam duzentos gramas mais. A ração punitiva se reduziu para trezentos gramas.[386] Falando daqueles tempos em Kolyma, Variam Shalamov escreveu que:

> Para tornar-se "baixa", um homem jovem e saudável, começando a carreira na mina de ouro no ar límpido e frio, só precisava de um período de vinte a trinta dias de dezesseis horas de trabalho, sem folgas, combinados com a inanição sistemática, as roupas em farrapos, as noites a quinze graus negativos numa tenda de lona cheia de furos [...] nas brigadas de trabalho que iniciavam a temporada de mineração, só sobreviviam o próprio encarregado, seu assistente e uns poucos dos amigos pessoais do encarregado.[387]

As condições também pioraram porque o número de presos aumentou, em alguns lugares com rapidez espantosa. E verdade que o Politburo tentara preparar-se com antecedência para o influxo, instruindo o Gulag em 1937 a iniciar a construção de cinco novos campos madeireiros na região de Komi,

---

[382] Leipman, p. 38.
[383] Nordlander, "Capital of the Gulag".
[384] Makurov, p. 160.
[385] Chukhin, Kanaloarmeetsi, p. 120.
[386] Shmirov.
[387] Citado em Shmirov, ibid.

bem como mais alguns "em áreas remotas do Cazaquistão". A fim de apressar as obras, o Gulag até recebera um "adiantamento de 10 milhões de rublos" para organizar esses novos campos. Ademais, o Comissariado da Defesa, o da Saúde e o dos Recursos Florestais receberam ordem de achar - imediatamente -240 comandantes e trabalhadores políticos, 150 médicos, quatrocentos auxiliares médicos, dez eminentes especialistas em silvicultura e "cinqüenta formados pela Academia de Tecnologia Florestal de Leningrado", todos para trabalhar no Gulag.[388]

Entretanto, os campos já existentes estavam outra vez transbordando de novos presos, e repetia-se a superlotação do início da década de 1930. Num lagpunkt construído para 250 a trezentas pessoas no Siblag (o campo madeireiro da Sibéria), um sobrevivente deduziu que o número de presos em 1937 passava de 17 mil. Ainda que o número real tenha sido apenas um quarto disso, a estimativa exagerada indica quão amontoadas as pessoas deviam sentir-se ali. Na falta de alojamento, os presos construíam zemlyanki, buracos na terra; mesmo estes eram tão apinhados que ficava "impossível mover-se sem pisar na mão de alguém". Os presos se recusavam a sair, por medo de perder o lugar no chão. Não se dispunha de pratos nem de colheres, e havia longas filas para a comida. Teve início uma epidemia de disenteria, e os presos morreram rapidamente.

Numa reunião posterior do Partido, até a administração do Siblag lembrou solenemente as "terríveis lições de 1938"; quanto mais não fosse, pelo "número de dias de trabalho perdidos" durante a crise.[389] No sistema de campos como um todo, o número oficial de mortes dobrou do ano de 1937 para o de 1938. Não se dispõe de estatísticas para todos os locais, mas presume-se que as taxas de mortalidade tenham sido muito mais altas nos campos do extremo norte - Kolyma,Vorkuta, Norilsk -, para onde os presos políticos eram enviados em grande número.[390]

Mas os presos não morriam apenas de inanição e excesso de trabalho. No novo ambiente soviético, o encarceramento de inimigos logo começou a parecer insuficiente: era melhor que deixassem de existir por completo. Em 30 de julho de 1937, a NKVD emitiu ordem para que se reprimissem "ex-kulaks, ladrões e outros elementos anti-soviéticos" - ordem que continha cotas de execução também para presos do Gulag.[391] Em 25 de agosto, Yezhov assinou mais uma ordem para a execução de detentos nas prisões políticas de segurança máxima. A NKVD, disse ele, deve "concluir em dois meses a operação para reprimir os elementos contra-revolucionários mais ativos [...] aqueles condenados por espionagem, diversionismo, terrorismo, atividades revolucionárias e banditismo, bem como os condenados por pertencerem a partidos anti-soviéticos".[392]

Aos presos políticos ele acrescentou os "bandidos e elementos criminosos"

---

[388] Trud, nº 88, 4 de junho, 1992, reeditado em Getty e Naumov, pp. 479-80; N. A. Morozov, entrevista com a autora, julho de 2001.
[389] Papkov.
[390] GARF, 9414/1/OÜRZ, na coleção de A. Kokurin.
[391] Trata-se de Prikaz 00447, analisado por N. Petrov e A. Roginskii, "Polskaya operatsiya NKVD, 1937-1938 gg", in Gurjanow,Repressiiprotivpolyakov, pp. 22-43.
[392] Memorialise kladbishche Sandormokh, pp. 3 e 160-67 (uma coletânea de documentos sobre as execuções do Sandomiokh). Outra fonte cita a data da ordem da NKVD para a re-pressão dos prisioneiros como sendo 16 de agosto de 1937 (Binner, Junge, e Martin).

atuantes em Solovetsky, que naquela altura também fora convertido em prisão política de segurança máxima. Determinou-se a cota para Solovetsky: deveriam ser fuzilados 1.200 presos. Uma testemunha recordou o dia em que alguns foram levados:

> Inesperadamente, forçaram todos a sair das celas abertas do kremlin para uma chamada geral. Nela, leram uma lista enorme de nomes - várias centenas - que seriam levados para transporte. Foram-lhes dadas duas horas para preparar-se, e eles deveriam então reunir-se na mesma praça central. Seguiu-se uma confusão terrível. Algumas pessoas correram para pegar suas coisas; outras, para dizer adeus aos amigos. Em duas horas, a maior parte daqueles que deveriam ser transportados estava em seus lugares [...] colunas de presos marcharam para fora com malas e mochilas. [...][393]

Ao que parece, alguns também carregavam facas, que depois usaram para atacar aqueles que os fuzilariam, perto da aldeia de Sandormokh (norte da Carélia), ferindo-os gravemente. (Após esse episódio, a NKVD passou a deixar todos os presos em roupas de baixo antes de atirar neles.) Posteriormente, o homem da NKVD a cargo da operação foi recompensado com o que os arquivos descrevem apenas como um "valioso presente" pela bravura demonstrada no cumprimento da tarefa. Dali a alguns meses, ele também foi fuzilado.[394]

Em Solovetsky, a seleção de presos a assassinar parece ter sido feita ao acaso. Em alguns campos, porém, a administração aproveitava a oportunidade para livrar-se de detentos especialmente difíceis. Esse pode ter sido o caso em Vorkuta, onde muitos dentre os selecionados eram antigos trotskistas - ou seja, autênticos seguidores de Trotski, alguns dos quais envolvidos em greves nos campos e outras rebeliões. Uma testemunha ocular lembrou que, no início do inverno de 1937-8, a administração de Vorkuta colocara cerca de 1.200 prisioneiros - sobretudo trotskistas, mais outros presos políticos e um punhado de criminosos - numa olaria abandonada e numa série de tendas grandes e apinhadas, "transbordantes". Não se dava nenhuma comida quente aos presos: "a ração diária consistia apenas de quatrocentos gramas de pão meio ressequido".[395] Ficaram ali até o final de março, quando chegou de Moscou um novo grupo de oficiais da NKVD. Os oficiais formaram uma "comissão especial" e chamaram os presos em lotes de quarenta. Disseram-lhes que partiriam num transporte. Cada um recebeu um pedaço de pão. Os presos na tenda os ouviram ir embora marchando - "e, depois, escutaram o som de tiros".

O ambiente nas tendas ficou tétrico. Um camponês, preso pelo crime de "especulação" (vendera o próprio leitão numa feira), ficou deitado em seu estrado, de olhos abertos, sem reagir a nada. "O que eu tenho que ver com vocês, presos políticos?", resmungava periodicamente. "Vocês lutavam por poder, por posição, e eu só quero saber de tocar a vida." Segundo a testemunha, outro homem se suicidou. Dois enlouqueceram. Por fim, quando só haviam sobrado umas cem pessoas, os fuzilamentos pararam, tão abrupta e inexplicavelmente como haviam começado. Os oficiais da NKVD tinham retornado para Moscou. Os presos restantes voltaram às minas. Em todo o

---

[393] Florenskii, pp. 777-80, de Chirkov.
[394] Memorialise kladbishche Sandormokh, pp. 167-69.
[395] Hoover, Coleção Nicolaevsky, Caixa z33, Pasta 23; também N. A. Morozov, GULA Komikrae, p. 28.

campo, haviam sido mortos cerca de 2 mil detentos.

Stalin e Yezhov nem sempre mandavam forasteiros de Moscou para executar essas tarefas. A fim de acelerar o processo em todo o país, a NKVD também organizava tróicas, operando tanto dentro quanto fora dos campos. Uma tróica era exatamente o que o nome sugere: três homens, no mais das vezes o chefe regional da NKVD, o secretário-chefe do Partido na província e um representante da promotoria ou do governo local. Juntos, tinham o direito de passar sentenças in absentia, sem direito a juiz, júri, advogado ou mesmo julgamento.[396]

Uma vez constituídas, as tróicas agiram rápido. Em 20 de setembro de 1937, um dia razoavelmente típico, a tróica da República Careliana condenou 231 presos do Belbaltlag. Presumindo-se um dia de trabalho de dez horas, sem intervalos, teriam gasto menos de três minutos para considerar o destino de cada preso. A maioria dos condenados recebera suas sentenças originais muito antes, no início da década. Agora, eram acusados de novos crimes, em geral, ligados ao mau comportamento ou à atitude insatisfatória ante a vida nos campos. Dentre eles, havia antigos presos políticos (mencheviques, anarquistas, social-democratas); uma ex-freira que "se recusava a trabalhar para as autoridades soviéticas"; e um kulak que fora cozinheiro no campo. Esse último se viu acusado de estimular a insatisfação entre os trabalhadores stakhanovistas. Segundo alegaram as autoridades, o cozinheiro propositalmente provocara "longas filas para aqueles trabalhadores, tendo antes dado comida aos presos comuns".[397]

A histeria não durou. Em novembro de 1938, os fuzilamentos em massa terminaram de modo repentino, tanto nos campos como no resto do país. Talvez o expurgo tivesse ido longe demais, até para o gosto de Stalin. Talvez o expurgo já tivesse simplesmente cumprido a finalidade que deveria cumprir. Ou talvez estivesse causando danos demais a uma economia ainda frágil. Fosse qual fosse a razão, Stalin disse ao Congresso do Partido Comunista em março de 1939 que o expurgo se fizera acompanhar de "mais erros do que se podia ter esperado".[398]

Ninguém pediu desculpas ou se penitenciou, e quase ninguém jamais foi punido. Apenas alguns meses depois, Stalin enviou circular a todos os chefes da NKVD, cumprimentando-os por "terem infligido uma derrota esmagadora aos agentes subversivos e espiões de serviços estrangeiros de informações" e "terem expurgado o país de quadros voltados para a subversão, a insurreição e a espionagem". Só então apontou algumas das "deficiências" da operação, corno os "procedimentos simplificados de investigação", a falta de testemunhas e de provas que corroborassem as acusações.[399]

Tampouco se interrompeu por completo o expurgo da própria NKVD. Em novembro de 1938, Stalin removeu de seu posto o suposto autor de todos esses "erros", Nikolai Yezhov - e o sentenciou à morte. A execução ocorreu em 1940, depois de Yezhov ter implorado pela vida, da mesma forma que Yagoda

---

[396] Conquest, The Creat Terror, pp. 286-87.
[397] Arquivo FSB, Petrozavodsk, cj. 42, pp. 55-140: Akt Zasedaniya Troiki NKVD KSSR 13, 20 de setembro, 1937, da coleção de Yuri Dmitriev, Petrozavodsk Memorial.
[398] Conquest, The GreatTerror, p. 438.
[399] Getty e Naumov, pp. 532-37.

antes dele. "Digam a Stalin que morrerei com o nome dele nos lábios."[400]

Os protegidos de Yezhov caíram junto, tal qual os asseclas de Yagoda alguns anos antes. Em sua cela na prisão, Evgeniya Ginzburg notou um dia que os regulamentos colados na parede haviam sido removidos. Quando os recolocaram, o espaço no canto superior esquerdo, onde antes estava escrito "aprovado, Yezhov, comissário-geral de Segurança do Estado", fora coberto com papel branco. Mas as mudanças não pararam aí:

> Primeiro o nome de Weinstock [o comandante da prisão] foi coberto com tinta e substituído pelo de Antonov. Depois Antonov saiu, e em seu lugar se lia: "Administração Central da Prisão". Rimos: "Isso lhes poupará o trabalho de trocar de novo".[401]

A produtividade do sistema Gulag continuava a despencar. No Ukhtpechlag, entre 1936 e 1937, os fuzilamentos em massa, o número aumentado de presos enfermos e debilitados e a perda de especialistas aprisionados haviam causado uma queda vertiginosa da produção. Em julho de 1938, convocou-se uma comissão especial do Gulag para discutir o vasto déficit do Ukhtpechlag.[402] A produtividade das minas auríferas de Kolyma também caiu. Nem o enorme influxo de novos presos conseguiu elevar a níveis comparáveis aos do passado o total de ouro extraído. O próprio Yezhov, antes de ter sido deposto, pedira mais dinheiro para atualizar a antiquada tecnologia mineira da Dalstroi - como se fosse esse o verdadeiro problema.[403]

Enquanto isso, o comandante do Belbaltlag - aquele que tanto se gabara de seu sucesso em livrar de presos políticos o pessoal administrativo do campo - reclamava da "urgente necessidade de pessoal administrativo e técnico". O expurgo decerto tornara o pessoal técnico politicamente "mais sadio" (escrevia de maneira cautelosa), mas também aumentara "as deficiências dele". Na 14ª divisão do campo, por exemplo, havia 12.500 prisioneiros, dos quais só 657 não eram presos políticos. Desses 657, a maioria recebera sentenças criminais muito severas, o que também os desqualificava como especialistas e administradores, e 184 eram analfabetos - sobrando apenas setenta que poderiam ser aproveitados como escriturários ou engenheiros.[404]

Segundo as estatísticas oficiais, a receita da NKVD como um todo caiu de 3,5 bilhões de rublos em 1936 para 2 bilhões em 1937. O valor da produção industrial bruta dos campos também caiu, de 1,1 bilhão de rublos para 945 milhões.[405]

A ausência de lucratividade e a enorme desorganização da maioria dos campos, mais o crescente número de presos doentes e moribundos, não passaram despercebidas em Moscou, onde, durante reuniões da célula central do Partido Comunista na administração do Gulag, ocorreram discussões extremamente francas sobre a economia do campos. Numa reunião em abril de 1938, um burocrata reclamou do "caos e desordem" nos campos de Komi. Ele também acusou os comandantes do campo de Norilsk de terem criado uma

---

[400] Ibid., p. 562.
[401] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, p. 256.
[402] N. A. Morozov, GULAG v Komi krae, pp. 28-29.
[403] Nordlander, "Capital of the Gulag", pp. 253-57.
[404] Makurov, p. 163.
[405] Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud", p. 79.

usina de níquel "mal projetada" e desperdiçado assim uma quantia enorme. Outro administrador se queixou de que, considerando-se o dinheiro gasto para estabelecer novos campos madeireiros, "poderíamos esperar mais. Nossos campos estão organizados de forma nada sistemática. Grandes edifícios foram construídos na lama, e agora é preciso sair deles e arranjar outros".

Em abril de 1939, as reclamações já haviam aumentado. Nos campos do norte, ocorria uma "situação particularmente difícil com relação ao suprimento de comida", o que provocava "enorme porcentagem de trabalhadores enfraquecidos, enorme porcentagem de presos inaptos para trabalhar e alta taxa de mortalidade e doença".[406] Naquele mesmo ano, o Conselho dos Comissários do Povo reconheceu que até 60% dos presos dos campos sofriam de pelagra ou outras doenças relacionadas à desnutrição.[407]

E claro que o Grande Terror não foi responsável por todos esses problemas. Como se observou, nem mesmo os campos madeireiros de Frenkel, tão admirados por Stalin, jamais deram lucro.[408] O trabalho de presos sempre fora (e sempre seria) muito menos produtivo do que o trabalho de indivíduos livres. Mas essa lição ainda não fora aprendida. Em novembro de 1938, quando Yezhov foi removido do poder, seu substituto como chefe da NKVD, Lavrenty Beria, quase de imediato começou a alterar os regimes dos campos, mudando as regras, racionalizando os procedimentos, tudo para recolocar o Gulag onde Stalin o queria: no coração da economia soviética.

Beria não concluíra - ainda - que o próprio sistema de campos era por natureza improdutivo e propenso ao desperdício. Em vez disso, ele parecia acreditar que os encarregados do sistema de campos haviam sido incompetentes. Beria estava determinado a transformar os campos numa parte verdadeiramente rentável da economia soviética, dessa vez para valer.

Nem então nem depois Beria libertou dos campos um número grande de presos injustamente acusados - embora a NKVD tenha soltado alguns das prisões. Os campos também não se tornaram, e não se tornariam, nem um pouco mais humanos. A desumanização dos "inimigos" continuou a permear a linguagem dos guardas e administradores até a morte de Stalin. Prosseguiram os maus-tratos aos presos políticos (aliás, a todos os presos): em 1939, sob o olhar vigilante de Beria, os primeiros detentos começaram a trabalhar nas minas de urânio de Kolyma, praticamente sem nenhuma proteção contra a radiação.[409] Beria mudou apenas um aspecto do sistema: ordenou aos comandantes dos campos que mantivessem vivos mais presos e os utilizassem melhor.

Na prática, embora tal política nunca tenha sido clara, ele também suspendeu a proibição de "contratar" presos políticos com qualificações em engenharia, ciências ou tecnologia para trabalharem em funções técnicas nos campos. Em nível local, os comandantes dos campos ainda estavam receosos de usar presos políticos como "especialistas", e isso continuaria até o desmantelamento do Gulag, em meados da década de 1950. Mesmo em 1948, diferentes setores dos serviços de segurança ainda discutiam se presos

---

[406] Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 105-7.
[407] Nordleer, "Capital of the Gulag".
[408] Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud", p. 73.
[409] Nordleer, "Capital of the Gulag".

políticos deveriam ser proibidos de trabalhar como especialistas, com alguns argumentando que seria politicamente muito perigoso e outros alegando que seria muito difícil fazer os campos funcionar sem eles.[410] Apesar de Beria nunca ter resolvido esse dilema, ele estava por demais determinado a tornar a NKVD uma parte produtiva da economia soviética para permitir que todos os cientistas e engenheiros mais importantes do Gulag perdessem os membros do corpo por congelamento no extremo norte. Em setembro de 1938, começou a organizar oficinas e laboratórios especiais, conhecidos pelos presos como sharashki, para cientistas aprisionados. Soljenitsin, que trabalhara numa sharashka, descreveu uma delas - "um estabelecimento de pesquisas secretíssimo, oficialmente designado apenas por um número de código" - no romance O primeiro círculo:

> Uma dúzia de presos foi trazida dos campos para essa velha mansão campestre nos arredores de Moscou, que fora devidamente cercada de arame farpado [...] naquela ocasião, os presos não sabiam exatamente que tipo de pesquisa haviam sido trazidos a Mavrino para fazer. Estavam ocupados abrindo pilhas de caixotes que dois trens de carga especiais haviam entregado, garantindo cadeiras e mesas confortáveis para si e separando equipamento.[411]

De início, as sharashki foram batizadas "Departamentos Especiais de Construção". Depois, ficaram conhecidas coletivamente como "Quarto Departamento Especial" da NKVD, e cerca de mil cientistas acabariam trabalhando nelas. Em alguns casos, o próprio Beria localizava cientistas talentosos e ordenava que fossem trazidos de volta a Moscou. Os agentes da NKVD lhes proporcionavam um banho, um corte de cabelo, um barbear e um longo descanso - e os mandavam para trabalhar em laboratórios-prisões. Entre os "achados" mais importantes de Beria, estava o projetista aeronáutico Tupolev, que chegou a sua sharashka carregando um saco com um pedaço de pão e alguns torrões de açúcar (o projetista se recusou a abrir mão deles, mesmo depois de informado de que a comida melhoraria).

Tupolev, por sua vez, deu a Beria uma lista de outros que deveriam ser chamados de volta, entre os quais Valentin Glushko, o mais importante projetista de motores de foguetes da URSS; e Sergei Korolev, que depois seria o pai do Sputnik, o primeiro satélite artificial - aliás, o pai de todo o programa espacial soviético. Korolev retornou para a prisão de Lubyanka após ter passado dezessete meses em Kolyma e perdido muitos dentes por causas do escorbuto, parecendo "faminto e exausto", nas palavras de seus companheiros de prisão.[412] Contudo, num relatório preparado em agosto de 1944, Beria listaria vinte importantes itens de tecnologia militar inventados em seus sharashki e discorreria sobre as muitas maneiras pelas quais esses estabelecimentos haviam sido úteis à indústria bélica durante a Segunda Guerra Mundial.[413]

Em certos aspectos, o reinado de Beria pareceria melhor também para os zeks comuns. No geral, a alimentação de fato melhorou temporariamente. Conforme Beria assinalou em abril de 1938, a norma de 2 mil calorias diárias para a dieta

---

[410] GARF, 9401/1/4240.
[411] Soljenitsin, The First Circle, pp. 25 e 29.
[412] Golovanov; Raizman, pp. 21-23.
[413] Kokurin, "Osoboe tekhnicheskoe byuro NKVD SSSR".

nos campos fora estabelecida para pessoas sedentárias em cadeias, e não para quem fazia trabalho braçal. Dado que o furto, a fraude e as punições por mau desempenho no trabalho reduziam em até 70% aquela quantidade já escassa de comida, grande número de presos estava morrendo de inanição. Beria lamentava isso, não porque se apiedasse, mas porque as taxas mais altas de mortalidade e doença impediam que a NKVD cumprisse suas metas de produção para 1939. Ele requisitou a elaboração de novas normas nutricionais, a fim de que "a capacidade física da mão-de-obra dos campos possa ser utilizada ao máximo em qualquer atividade".[414]

Embora essas normas tenham sido melhoradas, o regime de Beria dificilmente indicava que se redescobriria a humanidade dos presos. Ao contrário, avançara várias etapas a transformação deles de seres humanos em unidades de trabalho. Os presos ainda podiam ser condenados à morte nos campos - mas não por meras tendências contra-revolucionárias. Agora, aqueles que se recusassem a trabalhar ou fomentassem a desorganização no trabalho deveriam ser submetidos a "um regime de campo mais severo, celas punitivas, rações e condições de vida pioradas e outras medidas disciplinares". Os "preguiçosos" também receberiam novas sentenças, inclusive a de morte.[415]

De imediato, os promotores locais iniciaram investigações sobre essa "malandragem". Em agosto de 1939, por exemplo, um preso foi fuzilado não apenas por ter-se recusado a trabalhar, mas também por ter encorajado outros a não trabalharem. Em outubro, três presas, aparentemente freiras ortodoxas, foram acusadas tanto de se recusar a trabalhar quanto de cantar hinos contra-revolucionários no campo de concentração; duas foram fuziladas, e a terceira recebeu uma pena adicional.[416]

Os anos do Grande Terror também deixaram sua marca de outra forma. Nunca mais o Gulag trataria presos como seres plenamente dignos de redenção. Dissolveu-se o sistema de "solturas antecipadas" por bom comportamento. O próprio Stalin, em sua única intervenção pública conhecida no operação cotidiana do Gulag, acabara com essas solturas, argumentando que elas afetavam as atividades econômicas dos campos. Em 1938, falando numa sessão do Presidium do Soviete Supremo, ele perguntou:

> Não poderíamos pensar em alguma outra forma de recompensar o trabalho deles - com medalhas ou algo assim? Estamos agindo incorretamente, perturbando o trabalho do campo. Soltar essas pessoas pode ser necessário, mas, do ponto de vista da economia nacional, é um erro [...] soltaremos os melhores e deixaremos os piores.[417]

Em junho de 1939, publicou um decreto que acabava com aquele procedimento. Alguns meses depois, outro decreto eliminou a liberdade condicional também para os inválidos. O número de presos doentes aumentou na mesma proporção. Então, para os presos que davam duro, o maior incentivo seria a melhoria "das provisões e da comida" - e as medalhas que Stalin pensava serem tão atraentes. Em 1940, mesmo a Dalstroi já começara a

---

[414] Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud", p. 79.
[415] GARF, 7523/67/1.
[416] GARF, 9414/1/24 e 25.
[417] GARF, 7523/67/1.

distribuí-las.[418]

Várias dessas iniciativas contrariavam as leis da época e até encontraram resistência. Tanto o promotor-chefe, Vyshinsky, quanto o comissário da Justiça, Richkov, opuseram-se ao fim da soltura antecipada, assim como à pena de morte para os acusados de "desorganizar a vida nos campos". Mas Beria, como Yagoda antes dele, tinha claramente o apoio de Stalin e venceu todas as batalhas. A partir de 1º de janeiro de 1940, a NKVD ganhou até o direito de reaver uns 130 mil presos que tinham sido "emprestados" a outros ministérios. Beria estava decidido a fazer que o Gulag se tornasse verdadeiramente rentável.[419]

Com surpreendente rapidez, as mudanças de Beria tiveram mesmo impacto. Nos últimos meses antes da Segunda Guerra Mundial, a atividade econômica da NKVD voltou a crescer. Em 1939, sua receita foi de 4,2 bilhões de rublos. Em 1940, de 4,5 bilhões. Durante os anos de guerra, à medida que mais presos começassem a fluir para os campos, essas cifras aumentariam ainda mais depressa.[420] Segundo as estatísticas oficiais, o número de mortes nos campos também caiu à metade entre 1938 e 1939, indo de 5% para 3% do total de presos, muito embora o número destes continuasse a aumentar.[421]

Agora, também havia muito mais campos, e eles eram muito maiores do que no início da década de 1930. A população de presos quase duplicara entre 1º de janeiro de 1935 e 1º de janeiro de 1938, tendo passado de 950 mil para 1,8 milhão, com aproximadamente mais 1 milhão de degredados.[422] Os campos de concentração, que antes continham nada mais que algumas tendas e um pouco de arame farpado, haviam se tornado verdadeiros gigantes industriais. O Sewostlag, o principal campo da Dalstroi, contava quase 200 mil presos em 1940.[423] O Vorkutlag, o campo de mineração que se desenvolvera do Rudnik 1, no Ukhtpechlag, tinha 15 mil presos em 1938; em 1951, já seriam mais de 70 mil.

Dentre os campos da nova geração, talvez o mais sombrio fosse o Norillag, em geral conhecido como Norilsk. Localizado ao norte do Círculo Ártico (como Vorkuta e Kolyma), ficava bem em cima de uma enorme jazida de níquel, provavelmente a maior do mundo. Os presos de Norilsk não apenas escavavam o níquel, mas também construíram as próprias minas, a usina de processamento do metal e as usinas de força. Em seguida, ergueram uma cidade (Norilsk) para abrigar os homens da NKVD que administravam as minas e as fábricas. Da mesma maneira que seus predecessores, o campo de Norilsk cresceu rapidamente. Em 1935, tinha 1.200 presos; em 1940, já eram 19.500. No auge, em 1952, havia 68.849 pessoas aprisionadas ali.[424]

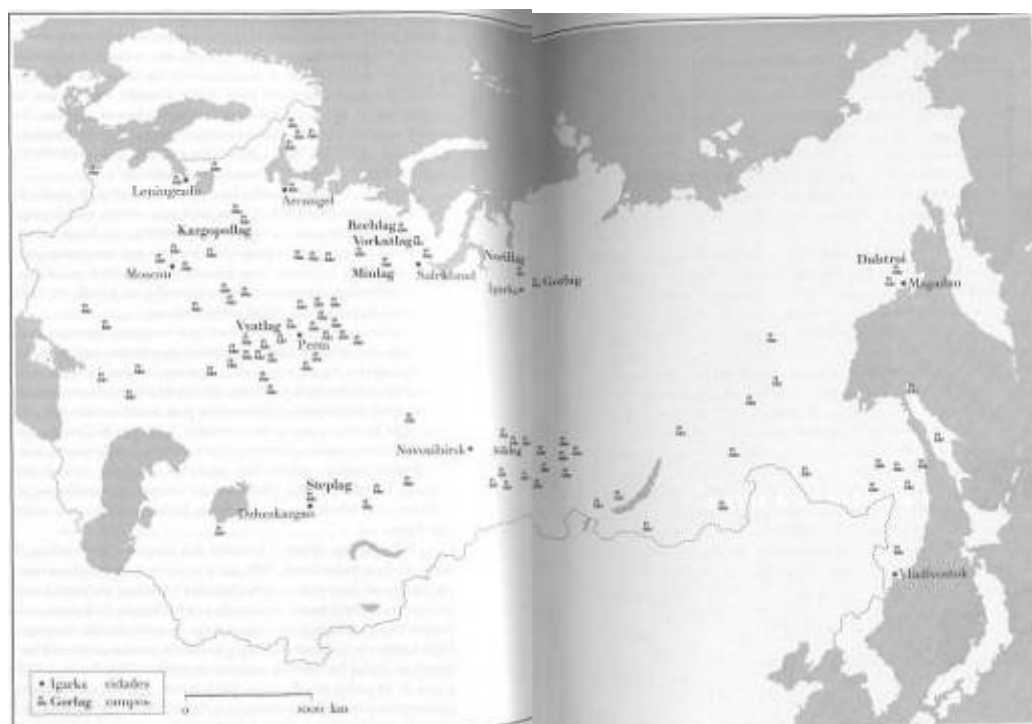
Em 1937, a NKVD também fundou o Kargopollag, na região de Arcangel, seguido em 1938 do Vyatlag, na Rússia central, e do Kraslag, na Sibéria setentrional (na região administrativa de Krasnoyarsk). Todos eram essencialmente campos madeireiros que assumiram atividades adicionais -

---

[418] GARF, 8131/37/356; 7523/67/2; e 9401/1a/71.
[419] Knight,.Beria,pp. 105-6.
[420] Khlevnyuk, "Prinuditelniy trud", p. 80
[421] Zemskov, "Zaklyuchennie", p. 63; Bacon, p. 30.
[422] Zemskov, "Arkhipelag Gulag", pp. 6-7; Bacon, p. 30.
[423] Okhotin e Roginsii, p. 308.
[424] Ibid., pp. 338-39.

olaria, processamento de madeira, movelaria. Todos duplicariam ou triplicariam de tamanho na década de 1940, quando já continham uns 30 mil presos cada um.[425]

Outros campos abriam, fechavam ou se reorganizavam com tanta freqüência que se torna difícil obter números precisos para qualquer ano em especial. Alguns eram bem pequenos, construídos para atender às necessidades de determinada fábrica ou projeto de construção. Outros eram temporários, estabelecidos para servir as obras de uma rodovia ou ferrovia e depois abandonados. A direção do Gulag, a fim de gerenciar os enormes números e os complexos problemas do sistema, acabou criando subdivisões: uma Administração Central dos Campos Industriais, uma Administração Central da Construção de Estradas, uma Administração Central dos Trabalhos Florestais e assim por diante.

Mas não fora apenas o tamanho dos campos o que mudara. A partir do final da década de 1930, todos os novos campos tinham caráter puramente industrial, sem os chafarizes e "jardins" do Vishlag, sem a propaganda idealista que acompanhara a construção de Kolyma, sem os presos-especialistas presentes em todos os níveis da vida do campo. OlgaVasileevna, administradora que trabalhou como engenheira e inspetora no Gulag e em outros canteiros de obras no final dos anos 1930 e nos 40, recordou que de início "havia menos guardas, menos administradores, menos funcionários. [...] Na década de 1930, os presos eram designados para todo tipo de trabalho, como escriturários, barbeiros, guardas". Na década de 40, porém, isso já acabara: "Tudo começou a adquirir caráter mais massificado [...] as coisas ficaram mais duras [...] à medida que os campos se expandiam, o regime se tornava mais cruel".[426]

O Gulag no apogeu, 1939-53

[425] Ibid., pp. 200-1,191-92, e 303.
[426] Vasileevna, entrevista com a autora.

Na realidade, poder-se-ia dizer que, no final dos anos 1940, os campos de concentração soviéticos haviam adquirido sua forma definitiva. Nessa época, já tinham penetrado em quase todas as regiões da URSS, em todos os seus doze fusos horários e na maioria das repúblicas. De Aktyubinsk a Yakutsk, não havia um único centro populacional importante que agora não tivesse seu próprio campo ou colônia penal. Utilizava-se o trabalho de presos para construir de tudo, desde brinquedos infantis até aviões militares. Em muitos lugares da URSS, já era difícil encontrar quem se dedicasse a seus afazeres cotidianos sem esbarrar em presos.

E o mais importante: os campos tinham evoluído. Eram não mais um grupo de locais de trabalho administrados de forma idiossincrática, e sim um verdadeiro "complexo prisional-industrial", com práticas habituais, regras internas, sistemas especiais de distribuição, hierarquias.[427] Uma vasta burocracia, também com sua cultura específica, gerenciava de Moscou o imenso império do Gulag. Esse centro despachava regularmente ordens para os campos locais, fixando tudo, desde a política geral até detalhes secundários. Embora os campos locais nem sempre seguissem (ou conseguissem seguir) a letra da lei, nunca mais se restabeleceu a natureza *ad hoc* dos primeiros tempos do Gulag.

O destino dos presos ainda flutuava, conforme a política soviética, a economia e, acima de tudo, o rumo da Segunda Guerra Mundial. Mas a era da experimentação acabara. O sistema estava estabelecido. No início dos anos 1940, já se consagrara o conjunto de procedimentos que os presos denominavam "moedor de carne" - os métodos de captura, interrogatório, traslado, alimentação e trabalho. Na essência, ele mudaria muito pouco até a morte de Stalin.

# PARTE II

# A VIDA E O TRABALHO NOS CAMPOS

## 7. A DETENÇÃO

*Quando ouvíamos falar da mais recente prisão, nunca perguntávamos: "Por que ele foi preso?" Mas éramos exceção. A maioria das pessoas, alucinada de medo, fazia aquela pergunta apenas para dar a si mesmas um pouco de esperança; se outros foram presos por este ou aquele motivo, elas não o seriam, porque não tinham feito nada de errado. Competiam umas com as outras afim de conceber razões inventivas para justificar cada detenção: "Bem, você sabe, ela é mesmo contrabandista", "De fato, ele foi longe demais", "Já era de esperar, é um sujeito terrível", "Sempre achei que alguma coisa ali não cheirava bem", "Ele não é mesmo como a gente"...*
*Foi por isso que banimos a pergunta "Por que ele foi preso?".*
*"Por quê?!", Akhmatova gritava, indignada, sempre que alguma pessoa de nosso círculo, tomada pelo clima predominante, fazia a pergunta.*
*"O que é que você quer dizer com 'Por quê?'? Você já deveria ter entendido que prendem as pessoas por nada!"*

Nadezhda Mandelstam, Contra toda esperança.[428]

[427] A frase "complexo prisional-industrial" é usada por M. B. Smirnov, S. P. Sigachev e D. V. Shkapov, co-autores da Introdução histórica de Okhotin e Roginsii.
[428] N. Meelstam, pp. 10-11.

A poeta Anna Akhmatova (citada acima pela viúva de outro poeta) estava certa e errada ao mesmo tempo. Por um lado, desde meados da década de 1920 - época em que a máquina de repressão soviética já se estabelecera -, o governo não mais pegava gente na rua e a punha na cadeia sem motivo e sem explicação: havia detenções, inquéritos, julgamentos e sentenças. Por outro lado, os "crimes" pelos quais se detinham, julgavam e sentenciavam as pessoas eram absurdos, e os procedimentos de inquérito e condenação se mostravam disparatados e até surreais.

Em retrospecto, eis um dos aspectos excepcionais do sistema soviético de campos de concentração: no mais das vezes, os detentos chegavam por obra de um sistema legal, ainda que nem sempre se tratasse do sistema judicial comum. Ninguém julgava e sentenciava os judeus na Europa ocupada pelos nazistas, mas a imensa maioria dos presos nos campos soviéticos fora interrogada (mesmo que às pressas), julgada (mesmo que de maneira farsesca) e considerada culpada (mesmo que em menos de um minuto). Não há dúvida de que a convicção de estar agindo conforme a lei era parte do que motivava quem trabalhava nos serviços de segurança, assim como os guardas e administradores que depois controlavam a vida dos presos nos campos.

Mas repito: o fato de que o sistema repressivo era legalizado não significa que fosse também lógico. Pelo contrário: em 1947, não era mais fácil que em 1917 prever com alguma certeza quem seria preso. É bem verdade que se tornara possível adivinhar quem provavelmente o seria. Em especial durante ondas de terror, o regime parece ter escolhido esta ou aquela vítima porque elas, de alguma maneira, haviam chamado a atenção da polícia secreta - um vizinho as escutara contar uma piada infeliz, um chefe as vira adotar comportamento dúbio -; e, o mais importante, porque pertenciam a categorias populacionais que no momento estavam sob suspeita.

Algumas dessas categorias eram relativamente específicas - engenheiros e especialistas no final da década de 1920, kulaks em 1931, poloneses ou baltas nos territórios ocupados durante a Primeira Guerra Mundial -, e algumas eram mesmo muito vagas. Durante todos os anos 1930 e 40, por exemplo, os "estrangeiros" se mostravam sempre suspeitos. Por "estrangeiros", refiro-me a pessoas que de fato eram cidadãs de outros países; pessoas que podiam ter contatos no exterior; ou pessoas que podiam ter algum vínculo, real ou imaginário, com outro país. Não importando o que houvessem feito, eram sempre candidatas à prisão - e estrangeiros que sobressaíssem de qualquer maneira, por qualquer razão, encaravam probabilidade particularmente alta de ser encarcerados. Robert Robinson, um dos vários negros que se mudaram dos Estados Unidos para Moscou nos anos 1930, depois escreveria: "Todo negro americano que conheci no começo da década de 30 e que se tornou cidadão soviético sumiu de Moscou num período de sete anos".[429]

Diplomatas não estavam isentos. Por exemplo, Alexander Dolgun, cidadão americano e funcionário de baixo escalão da embaixada dos Estados Unidos em Moscou, descreve em suas memórias o modo pelo qual o apanharam na rua em 1948 e o acusaram, injustamente, de espionagem; em parte, a suspeita recaiu sobre ele porque Dolgun tinha uma satisfação juvenil em evadir-se à vigilância da polícia secreta e porque era perito em convencer os motoristas da

[429] Robinson, p. 13.

embaixada a emprestar-lhe carros, levando a polícia secreta soviética a desconfiar de que ele fosse mais importante do que o cargo indicava.

Dolgun passaria oito anos nos campos; depois, só voltaria para os Estados Unidos em 1971.

Comunistas estrangeiros eram alvos freqüentes. Em fevereiro de 1937, Stalin, de modo alarmante, disse a Giorgi Dmitrov, secretário-geral da Internacional Comunista (o Comintern, a organização dedicada a fomentar a revolução mundial), que "todos vocês do Comintern fazem o jogo do inimigo". Dos 394 membros da Comissão Executiva do Comintern em janeiro de 1936, apenas 171 permaneciam em abril de 1938. Os restantes haviam sido fuzilados ou mandados para o Gulag, dentre eles pessoas de muitas nacionalidades - alemães, austríacos, iugoslavos, italianos, búlgaros, finlandeses, até ingleses e franceses. Os judeus parecem ter sofrido de modo desproporcional. Ao fim e ao cabo, Stalin matou mais integrantes do Politburo do PC alemão pré-1933 do que Hitler: dos 68 líderes que fugiram para a URSS após a tomada do poder pelos nazistas, 41 morreram, por execução ou nos campos. O PC polonês talvez tenha sido ainda mais dizimado. Segundo uma estimativa, executaram-se 5 mil comunistas poloneses na primavera e no verão de 1937.[430]

Mas não era necessário pertencer a um partido comunista de outras terras: Stalin também visava meros simpatizantes estrangeiros, dos quais os 25 mil "fino-americanos" eram provavelmente os mais numerosos. Tratava-se de pessoas de língua finlandesa (algumas imigrantes nos Estados Unidos, as outras já nascidas naquele país) que foram para a URSS na década de 1930, os anos da Grande Depressão. Na maioria, eram operários fabris, a maior parte desempregada na América. Estimulados pela propaganda soviética - recrutadores percorriam as colônias finlandesas nos Estados Unidos falando das maravilhosas condições de vida e oportunidades de trabalho na URSS -, eles acorreram para a República Careliana, onde se falava o finlandês. Quase de imediato, criaram problemas para as autoridades soviéticas. A Carélia não se revelou muito parecida com os Estados Unidos. Muitos assinalaram ruidosamente isso a quem quisesse ouvir e então tentaram voltar. Em vez disso, acabaram no Gulag no final dos anos 1930.[431]

Cidadãos soviéticos com vínculos externos não eram menos suspeitos. Os mais visados pertenciam às "diásporas": os poloneses, alemães e fino-carelianos que tinham parentes e contatos além-fronteiras, assim como os baltas, gregos, iranianos, coreanos, afegãos, chineses e romenos espalhados pela URSS. Entre julho de 1937 e novembro de 1938, conforme os próprios arquivos da NKVD, ela condenou 335.513 pessoas nessas operações "nacionais" (ou seja, referentes a nacionalidades).[432] Veremos que ações semelhantes se repetiriam durante e após a guerra.

Entretanto, para levantar suspeitas, nem era preciso falar uma língua estrangeira. Qualquer um com ligações além-fronteiras era suspeito de espionagem: filatelistas, entusiastas do esperanto, toda pessoa que escrevesse para o exterior ou tivesse parentela fora da URSS. A NKVD também prendeu todas as pessoas que haviam trabalhado na Ferrovia Oriental Chinesa - que

---

[430] Agnew e McDermott, pp. 145 e 143-49.
[431] Gelb.
[432] Martin, The Affirmative Action Empire, pp. 328-43.

atravessava a Manchúria e cujas origens remontavam aos tempos czaristas - e as acusou de espionagem para o Japão. Nos campos, eram conhecidas como Kharbintsy, por causa da cidade manchu de Harbin (para os russos, Kharbin), onde muitas tinham morado.[433] Robert Conquest descreve a detenção de uma cantora de ópera que dançara com o embaixador japonês num baile oficial e a de um veterinário que cuidava de cães pertencentes a estrangeiros.[434]

No final da década de 1930, a maioria dos soviéticos comuns já percebera o padrão e não queria absolutamente nenhum contato com estrangeiros. Karlo Stajner, comunista croata casado com russa, lembrou que "só raramente os russos se atreviam a ter qualquer relacionamento com estrangeiros [...]. Os parentes de minha mulher continuaram a ser praticamente estranhos para mim. Nenhum deles ousava visitar-nos. Quando souberam de nossa idéia de casar, todos eles advertiram Sonia disso".[435] Mesmo em meados dos anos 1980, quando visitei a URSS pela primeira vez, muitos russos se mantinham distantes dos estrangeiros, não lhes dando atenção ou se negando a encará-los nas ruas.

E ainda assim... Nem todo estrangeiro era detido pela polícia, e nem todo acusado de ter vínculos externos os tinha. Também acontecia de pessoas serem presas por motivos muito mais idiossincráticos.[436] Em conseqüência, indagar "Por quê?" - a pergunta que Anna Akhmatova tanto detestava - produz uma gama verdadeiramente espantosa de explicações alegadas.

Por exemplo, Osip Mandelstam (o marido de Nadezhda), foi preso em razão deste ataque poético a Stalin:

> Vivemos sem sentir a terra debaixo dos pés.
> Falamos, e ninguém nos ouve a dez passos.
> Mas, onde houver uma conversa, mesmo que sussurrada,
> O embusteiro, assassino e mata-campônios do Kremlin será mencionado.
> Seus dedos, gordos como larvas, são untuosos.
>
> Suas palavras, como pesos de chumbo, são finais.
> Seu bigode de barata desdenha. As bordas de suas botas brilham.
>
> E, em volta dele, uma panelinha de líderes frouxos,
> Apenas meio humanos, serve-lhe de brinquedo.
> Um choraminga, outro arrulha, outro geme.
> Só ele berra e aponta,
> Lançando decretos como se fossem ferraduras,
> Acertando uma virilha, uma cabeça, um olho...
> Toda sentença de morte é doce
> Para o osseto de peito largo.[437]

Embora se apresentassem diferentes razões oficiais, Tatyana Okunevskaya, uma das mais populares atrizes soviéticas do cinema, acreditava ter sido presa

---

[433] Lipper, p. 35; Stephan, The Russian Far East, p. 229.
[434] Conquest, The GreatTerror, pp. 271-72.
[435] Stajner, p. 33.
[436] Martin, "Stalinist Forced Relocation Policies".
[437] Existem várias versões deste poema em russo. A aqui apresentada baseou-se livremente em uma encontrada em E. Yevtuslienko, ed., Strofi Veka.

porque se recusara a dormir com Viktor Abakumov, o chefe da contra-espionagem da URSS durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Tatyana, para assegurarem-na de que esse era o verdadeiro motivo, foi-lhe mostrado um mandado de prisão com a assinatura de Abakumov.[438] Os quatro irmãos Starostin, todos excepcionais jogadores de futebol, viram-se presos em 1942. Sempre acreditaram que isso se devia ao fato de seu time, o Spartak, ter tido o azar de derrotar o Dynamo - pelo qual Lavrenty Beria torcia - por um placar demasiado elástico.[439]

Tampouco se fazia necessário nada fora do comum. Lyudmila Khachatryan foi presa por ter-se casado com um estrangeiro, soldado iugoslavo. Lev Razgon narrou a história de um camponês, Seryogin, que, ao saber que alguém matara Kirov, retrucou: "Como se eu desse a mínima!" Seryogin nunca ouvira falar de Kirov e presumiu que se tratasse de alguém que morrera na aldeia vizinha. Pelo equívoco, recebeu pena de dez anos.[440] Em 1939, contar (ou ouvir) uma piada sobre Stalin; atrasar-se para o trabalho; ter a infelicidade de que um amigo aterrorizado ou um vizinho invejoso o denunciasse como "conjurado" num complô inexistente; possuir quatro vacas numa aldeia onde a maioria tmha uma só; furtar um par de sapatos; ser primo da mulher de Stalin; afanar caneta e papel do escritório para dá-los a um escolar carente -tudo isso, nas circunstâncias certas, acarretava pena de prisão num campo soviético. Por uma lei de 1940, parentes de quem houvesse tentado atravessar ilegalmente a fronteira soviética estavam sujeitos a prisão, não importando se sabiam ou não da tentativa de fuga.[441] Veremos que as leis dos tempos de guerra - sobre o atraso no trabalho e a proibição de mudar de emprego - adicionariam ainda mais "criminosos" aos campos.

Se os motivos para detenção se revelavam muitos e variados, os métodos também o eram. Alguns presos tinham sido mais do que avisados. Durante semanas antes de sua captura, em meados da década de 1930, AlexanderWeissberg fora seguidamente chamado para interrogatório por um agente da polícia secreta, perguntando-lhe repetidas vezes como ele virara "espião": quem o recrutara? Quem ele recrutara? Para que organização estrangeira trabalhava? "Fez as mesmíssimas perguntas de novo e de novo, e sempre lhe dei as mesmas respostas."[442]

Mais ou menos na mesma época, Galina Serebryakova, autora de A juventude de Marx e mulher de um alto funcionário público, também foi "convidada" à Lubyanka todas as noites, obrigada a esperar até as duas ou três da manhã, interrogada e liberada às cinco, quando voltava para seu apartamento. Agentes cercavam o prédio, e um carro preto seguia Galina quando ela saía de casa. Ficou tão certa de que seria presa que tentou matar-se. No entanto, suportou vários meses dessa perseguição até ser de fato presa.[443]

Durante grandes ondas de prisões - de kulaks em 1929 e 1930, de ativistas do partido em 1937 e 1938, de ex-presos em 1948 -, muitos sabiam que sua vez se aproximava porque simplesmente todos em volta estavam sendo

---

[438] Okunevskaya, p. 227.
[439] Starostin; GARF, 7523/60/4105.
[440] Razgon, p. 93.
[441] GARF, 9401/12/253.
[442] Weissberg, pp. 16-87.
[443] Serebryakova, pp. 34-50.

capturados. Em 1937, Elinor Lipper (comunista holandesa que viera para Moscou naquela década) estava morando no Lux, um hotel especial para revolucionários estrangeiros: "toda noite, mais algumas pessoas sumiam do hotel [...] de manhã, apareciam grandes lacres vermelhos nas portas de mais alguns quartos".[444]

Em épocas de verdadeiro terror, alguns até encaravam a detenção com uma espécie de alívio. Nikolai Starostin, um daqueles azarados astros do futebol, foi seguido por agentes durante várias semanas; ficou tão incomodado com isso que finalmente foi até um deles e exigiu uma explicação: "Se vocês querem alguma coisa de mim, chamem-me à sua repartição". Em conseqüência, no momento da prisão, ele sentiu não "espanto e medo", mas "curiosidade".[445]

Outros, porém, eram pegos totalmente de surpresa. O escritor polonês Aleksander Wat, que então morava em Lvov (ocupada pelos soviéticos), foi convidado a uma festa num restaurante, com um grupo de literatos. Perguntou ao anfitrião o que se comemorava. "Você verá", foi a resposta. Encenou-se uma briga, e ele foi preso ali mesmo.[446] Alexander Dolgun, o já citado funcionário da embaixada norte-americana, foi saudado na rua por um homem que acabou revelando-se um secreta. Dolgun recordaria que, quando o homem o chamou pelo nome, "fiquei completamente aturdido; imaginei se não seria algum doido".[447] Tatyana Okunevskaya, a atriz, estava de cama, muito resfriada, quando vieram prendê-la; requereu que a polícia voltasse outro dia; mostraram-lhe o mandado de prisão (aquele com a assinatura de Abakumov) e a arrastaram escada abaixo.[448] Soljenitsin repete a história (provavelmente apócrifa) da mulher que foi ao Bolshoi com o namorado, interrogador profissional, que, por sua vez, a levou direto do teatro para a Lubyanka.[449] A sobrevivente e memorialista Nina Gagen-Torn conta o episódio de uma mulher que fora detida quando apanhava roupa no varal num pátio de Leningrado; estava de roupão de banho e deixara o bebê sozinho no apartamento, achando que voltaria em poucos minutos; implorou para que a deixassem ir pegá-lo, mas não permitiram.[450]

Na realidade, tem-se a impressão de que as autoridades variavam propositalmente de tática, capturando algumas pessoas em casa, outras no trabalho; algumas na rua, outras no trem. Um memorando de Stalin a Viktor Abakumov, datado de 17 de julho de 1947, confirma essa suspeita, observando que os visados eram rotineiramente "surpreendidos pela polícia" para evitai que escapassem, resistissem ou alertassem outros em suas "conspirações" contra-revolucionárias. Em certos casos, continuava o documento, "realiza-se uma detenção às escondidas na rua".[451]

Entretanto, a captura mais comum era a que ocorria na casa da pessoa, no meio da noite. Em períodos de prisões em massa, difundiu-se muito o medo da "batida na porta" à meia-noite. Há uma velhíssima piada soviética sobre o susto terrível que marido e mulher tiveram quando ouviram a batida na porta - e

[444] Lipper, p. 3.
[445] Starostin, pp. 62-69.
[446] Wat, pp. 308-12.
[447] Dolgun, pp. 8-9.
[448] Okunevskaya, pp. 227-28.
[449] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. I, p. 8.
[450] Gagen-Tom, p. 58.
[451] Hoover, Conjunto 89,18/12, Rolo 1.994. V Petrov, p.17.

sobre o alívio que sentiram quando souberam que era apenas o vizinho, avisando que o prédio estava pegando fogo. Um provérbio soviético também diz que "os ladrões, as prostitutas e a NKVD trabalham mais à noite".[452] Em geral, essas detenções noturnas se faziam acompanhar de uma busca, ainda que as táticas para essa última variassem com o passar do tempo. Osip Mandelstam foi preso duas vezes, em 1934 e em 1938, e sua mulher descreveria as diferenças entre os dois procedimentos:

> Em 1938, não perderam tempo procurando nem examinando papéis - de fato, os agentes da polícia não pareciam nem saber a ocupação do homem que tinham vindo prender [...] simplesmente viraram todos os colchões, enfiaram os papéis dele num saco, fuçaram um pouquinho e sumiram, levando M. [Mandelstam] consigo. A operação toda não durou mais que vinte minutos. Mas, em 1934, eles haviam ficado a noite toda, até a madrugada.

Durante a batida anterior, a polícia secreta, que obviamente sabia o que estava fazendo, passara um pente-fino na papelada de Mandelstam, deixando de lado manuscritos antigos e procurando versos novos. Também se assegurara de que testemunhas "civis" estivessem presentes, assim como um "amigo" dos Mandelstam que estava a soldo da polícia; tratava-se de um crítico literário, que recebera ordens de aparecer lá antes da chegada dos agentes, para garantir que a família não começasse a queimar papéis tão logo ouvisse a batida na porta.[453] Na batida de 1938, a polícia não se preocupou com tais detalhes.

Prisões em massa de grupos nacionais específicos, como as que ocorreram no que fora a Polônia oriental e os Estados bálticos - territórios tomados pelo Exército Vermelho entre 1939 e 1941 -, costumavam ter caráter ainda mais aleatório. Janusz Bardach, adolescente judeu na localidade polonesa de Wlodzimierz-Wolynski, viu-se obrigado a servir de "testemunha" civil durante uma dessas capturas. Na noite de 5 de dezembro de 1939, acompanhou um grupo de facínoras bêbados da NKVD que foram de casa em casa, arrebanhando pessoas que seriam presas ou deportadas. Às vezes, atacavam os cidadãos mais ricos e mais bem relacionados, cujos nomes eram registrados numa lista; outras vezes, simplesmente carreavam "refugiados" - em geral judeus que tinham fugido da Polônia ocidental, ocupada pelos nazistas, para a oriental, ocupada pelos soviéticos -, sem se preocupar em anotar seus nomes. Numa casa, alguns refugiados tentaram resguardar-se lembrando a NKVD de que haviam sido membros do Bund, o movimento socialista judaico. Apesar disso, ao saber que essas pessoas vinham de Lublin (cidade que, na época, ficava do outro lado da fronteira), Gennady, o líder da patrulha da NKVD, começou a gritar:

> "Seus refugiados sujos! Espiões nazistas!" As crianças caíram no choro, o que irritou Gennady ainda mais. "Façam-nas calar a boca! Ou vocês querem que eu mesmo cuide disso?"
>
> A mãe as puxou para junto de si, mas elas não conseguiam parar de chorar. Gennady agarrou as mãos [de um] menininho, arrancou-o dos braços da mãe e o jogou no chão. "Cale a boca, eu já disse!" A mãe

---

[452] Hoover, Conjunto 89,18/12, Rolo 1.994. 25.V Petrov, p.17.
[453] N. Meelstam, pp. 9 e 8.

> berrou. O pai tentou dizer alguma coisa, mas só conseguiu arfar. Gennady pegou o menino e o segurou por um instante, encarando-o de perto; depois, atirou-o com força contra a parede.

Mais tarde, os homens destruíram a casa de amigos de infância de Bardach:

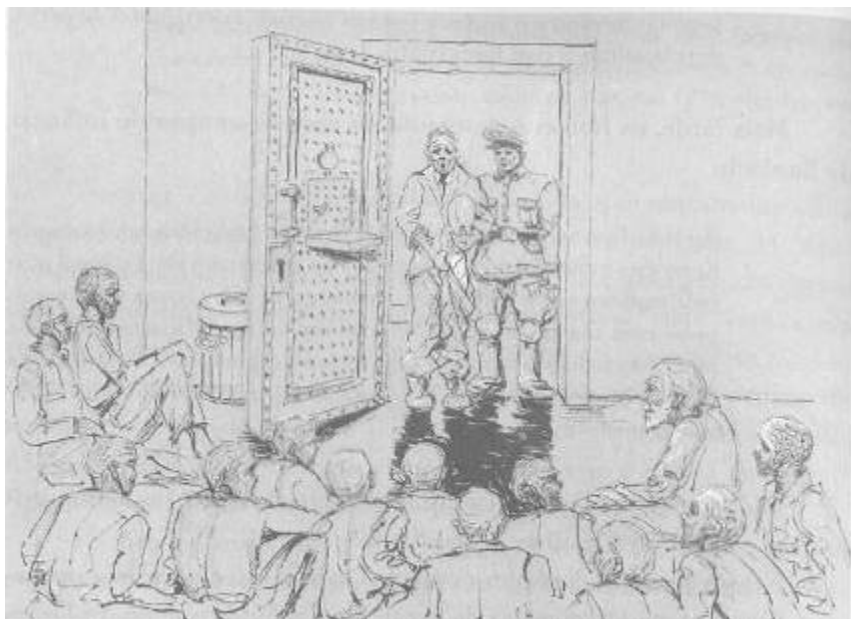
> Ao lado, ficava o escritório do dr. Schechter. Sua escrivaninha escura de mogno estava no meio, e Gennady foi direto para ela. Passou a mão pela madeira lisa e então, num momento de raiva inesperada, a golpeou com um pé-de-cabra. "Porcos capitalistas! Parasitas filhos da puta! Precisamos achar esses exploradores capitalistas!" Cada vez com mais força, seguiu golpeando a mesa, sem parar, fazendo vários buracos na madeira.

Não tendo conseguido localizar os Schechter, os homens estupraram e mataram a mulher do jardineiro.

Nesses territórios recém-ocupados, quem executava tais operações, freqüentemente guardas de comboio (soldados que controlavam os trens de deportados) e não a NKVD, recebera muito menos treinamento que os secretas que realizavam as detenções "normais" de criminosos também "normais". E provável que a violência não fosse cometida a mando do Estado, mas, já que se tratava de soldados soviéticos prendendo "capitalistas" no Ocidente rico, a bebedeira, a baderna e até o estupro parecem ter sido tolerados, como o seriam depois, na fase final da Segunda Guerra, durante o avanço do Exército Vermelho através da Polônia e da Alemanha.[454]

No entanto, certos aspectos da conduta desses homens eram severamente impostos de cima. Em novembro de 1940, em Moscou, a Administração dos Guardas de Comboio determinou que os seus homens, ao realizar as prisões, deveriam mandar os detidos trazerem roupas quentes e objetos pessoais em quantidade suficiente para três anos, pois naquele momento a URSS sofria escassez desses produtos. Esperava-se que os detentos vendessem seus pertences.[455] Antes, os soldados costumavam receber ordem de não dizer nada aos presos sobre o lugar para onde iam, ou quanto tempo ficariam lá. A fórmula aceite era: "Por que se preocuparem? Por que carregarem o que quer que seja? Só vamos levar vocês para uma conversinha". Às vezes, diziam aos deportados que estes estavam apenas sendo transferidos para outra área, mais longe das fronteiras, "para a própria proteção de vocês".[456] A idéia era impedir que os detidos se apavorassem, reagissem ou fugissem. O resultado era que se privavam as pessoas dos instrumentos básicos de que precisariam para sobreviver num clima rude, com o qual não estavam familiarizadas.

---

[454] Naimark, The Russians in Germany, pp. 69-140.
[455] RGVA, 40/71/323.
[456] Glowacki, p. 329.

*Homem entra em sua primeira cela. Desenho de Thomas Sgovio, completado após a soltura do artista*

Embora se possa relevar a ingenuidade de camponeses poloneses que deparavam com o regime soviético pela primeira vez e acreditavam nessas mentiras, a mesmíssima fórmula também funcionava bem no caso dos intelectuais de Moscou e Leningrado e dos apparatchiki do Partido, freqüentemente tomados pela convicção da própria inocência. Quando prenderam Evgeniya Ginzburg (na época funcionária do Partido em Kazan), disseram-lhe que ficaria fora "quarenta minutos, talvez uma hora". Em conseqüência, ela não teve chance de despedir-se dos filhos.[457] Yelena Sidorkina, filiada ao Partido, desceu a rua para a prisão "conversando tranqüilamente" com o policial, certa de que logo estaria em casa.[458]

Sofia Aleksandrovna, ex-mulher do chekista Gleb Boky, viu-se desestimulada a levar consigo um casaco leve quando a NKVD veio buscá-la ("a noite está quente, e voltaremos no máximo em uma hora"). Isso fez seu genro, o escritor Lev Razgon, ponderar a estranha crueldade do sistema: "Para que mandar para a prisão uma mulher de meia-idade, com saúde não muito boa, sem nem mesmo o saquinho de roupas de baixo e itens de higiene que, desde os tempos dos faraós, os detidos sempre foram autorizados a trazer consigo?"[459]

A mulher do ator Georgii Zhenov pelo menos teve o bom senso de começar a acondicionar as roupas do marido. Quando lhe disseram que Zhenov retornaria rapidamente, ela rebateu: "Quem cai nas mãos de vocês não volta logo".[460] Era verdade: na maioria das vezes, quando um detido adentrava os pesados portões de ferro de uma prisão soviética, passavam-se muitos anos antes que tornasse à casa.

Se às vezes o método soviético de captura parece ter sido quase aleatório, os rituais que se seguiam já eram praticamente imutáveis nos anos 1940. Não importando por que se detivera uma pessoa, os acontecimentos seguiam curso

---

[457] E. Ginzburg, Journey into the Whiriwind, p. 45.
[458] Yelena Sidorkina,"Years Under Guard", em Vilensky, Till My Tale Is Told, pp. 194-95.
[459] Razgon, p. 56.
[460] Zhenov, p. 44.

muito previsível tão logo ela chegava à prisão local. Como regra geral, os detidos eram registrados e fotografados e tinham suas impressões digitais recolhidas bem antes de serem informados de por que haviam sido presos e de qual seria seu destino. Durante as primeiras horas, e às vezes durante os primeiros dias, não topavam com ninguém de mais autoridade que os carcereiros, os quais não ligavam a mínima para o que seria feito deles, não tinham a menor idéia dos crimes que podiam ter cometido e respondiam a todas as perguntas com um dar de ombros indiferente.

Muitos ex-condenados acreditam que as primeiras horas de cativeiro se destinavam a atordoá-los de propósito, para que ficassem incapazes de racionar com coerência. Inna Shikheeva-Gaister, presa por ser filha de um inimigo do povo, sentiu isso acontecer com ela depois de poucas horas na Lubyanka, a cadeia central de Moscou:

> Aqui na Lubyanka, você já não é uma pessoa. E não há gente a seu redor. Conduzem você por um corredor, fotografam-na, despem-na, revistam-na mecanicamente. Tudo se faz de maneira totalmente impessoal. Você procura um olhar humano - não falo nem de uma voz humana, só mesmo de um olhar -, mas não o acha. Você fica em pé, desgrenhada, diante do fotógrafo. Tenta de algum modo ajeitar-se nas roupas, e lhe mostram com o dedo onde sentar. Uma voz vazia diz "De frente" e "De perfil". Não a vêem como ser humano! Você se tornou um objeto.[461]

Caso fossem levados para interrogatório numa das prisões centrais urbanas - e não colocados imediatamente em trens, como o eram os degredados -, os detidos se submetiam a uma revista minuciosa, em várias etapas. Um documento de 1937 instruía os carcereiros especificamente a não esquecer que "o inimigo não interrompe a luta depois da detenção" e que ele podia suicidar-se para ocultar suas atividades criminosas. Em conseqüência, os detentos eram privados de botões, cintos, suspensórios, cadarços, ligas, elásticos de roupas de baixo e tudo o mais que pudessem pensar em usar para matar-se.[462] Muitos se sentiam humilhados com esse procedimento. Nadezhda Joffe, filha de um destacado bolchevique, viu-se despojada do cinto, da liga, dos cadarços e dos grampos de cabelo:

> Lembro-me de como fiquei impressionada com a degradação e o absurdo que tudo aquilo representava. O que uma pessoa poderia lazer com grampos de cabelo? Mesmo se alguém tivesse a idéia despropositada de enforcar-se com os cadarços, como é que se faria isso? Eles simplesmente tinham de colocar a pessoa numa posição asquerosa e humilhante, em que as saias caíam, as meias arriavam e os pés se arrastavam.[463]

A revista corporal que vinha a seguir era pior. No romance O primeiro círculo, Alexander Soljenitsin descreve a detenção de Innokenty, um diplomata soviético. Poucas horas depois da chegada à Lubyanka, um carcereiro examina cada orifício do corpo de Innokenty:

---

[461] Shikheeva-Gaister, pp. 99-104.
[462] GARF, 9410/12/3.
[463] Joffe, pp. 90-91.

> Da mesma maneira que um negociante de cavalos, com seus dedos sujos cutucando dentro da boca de Innokenty, esticando uma bochecha e depois a outra, puxando para baixo as pálpebras inferiores, o carcereiro se convenceu de que não havia nada escondido nos olhos nem na boca; empurrou a cabeça para trás, de modo que as narinas ficaram iluminadas; em seguida, examinou ambas as orelhas, puxando-as para trás, e mandou Innokenty esticar as mãos, para mostrar que não havia nada entre os dedos, e balançar os braços, para mostrar que não havia nada sob as axilas. No mesmo tom monótono e peremptório, ordenou:
>
> "Pegue o pênis na mão. Puxe o prepúcio. Mais. Certo, já basta. Mova o pênis do alto para a direita, do alto para a esquerda. Certo, pode largar. Fique de costas para mim. Abra bem as pernas. Mais. Incline-se e toque o chão. Com as pernas mais abertas. Abra as nádegas com as mãos. Certo. Agora, de cócoras. Depressa! De novo!"
>
> Tendo cogitado sobre a detenção antes de ocorrida, Innokenty se imaginara num duelo de obstinação até a morte. Para tanto estava preparado, pronto para uma defesa íntegra de sua vida e de suas convicções. Nunca presumira algo tão simples, tão deprimente e tão imperioso como aquela realidade. As pessoas que o haviam recepcionado eram mesquinhas - pequenas autoridades, tão desinteressadas em sua personalidade quanto no que ele fizera.[464]

Para as mulheres, o choque de tais revistas podia ser pior. Uma se recordaria de que o carcereiro que fazia a revista

> tirou nossos sutiãs, nossas cintas-ligas e algumas outras partes de nossa lingerie que eram essenciais a uma mulher. Seguiu-se um exame ginecológico rápido e repulsivo. Fiquei quieta, mas senti que me privavam de toda a dignidade humana.[465]

Em 1941, durante uma estada de doze meses na prisão Aleksandrovsky Tsentral, a memorialista T. P. Milyutina foi revistada repetidas vezes. As mulheres das celas eram levadas, cinco de cada vez, a uma escada sem aquecimento. Ali, recebiam ordem de despir-se por inteiro, colocar as roupas no chão e levantar os braços. Mãos se metiam "em nossos cabelos, nossas orelhas, debaixo de nossas línguas, também entre nossas pernas", com as prisioneiras tanto em pé quanto sentadas. A memorialista escreve que, após a primeira dessas revistas, "muitas caíram em lágrimas, e muitas ficaram histéricas".[466]

Em seguida à revista, alguns presos iam para a solitária. "As primeiras horas de prisão", continua Soljenitsin, "destinam-se a subjugar o preso isolando-o do contato com outros detentos, para que ninguém possa animá-lo, para que sinta que toda a força daquele aparato vasto e ramificado se exerce sobre ele, e apenas sobre ele."[467] A cela do diplomata soviético Evgenii Gnedin, filho de revolucionários, continha apenas uma pequena mesa, afixada ao piso, e duas

---

[464] Soljenitsin, The First Circle, pp. 533-34.
[465] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[466] Milyutina, pp. 150-51.
[467] Soljenitsin, The First Circle, p. 547.

banquetas, também afixadas ao piso. A cama dobradiça na qual os presos dormiam à noite era presa à parede. Tudo, inclusive as paredes, banquetas, cama e teto, era pintado de azul-claro. "Tinha-se a impressão de estar dentro de um camarote esquisito de navio", escreveria Gnedin em suas memórias.[468]

Durante as primeiras horas de detenção, ou mesmo por alguns dias, também era bastante comum ser posto (a exemplo do que aconteceu a Alexander Dolgun) num bok, uma cela "de mais ou menos 1,20 por 0,90 metro; uma caixa vazia com um banco comprido".[469] O cirurgião polonês Isaac Vogelfanger viu-se numa cela com janelas abertas no meio do inverno.[470] Outros, corno Lyubov Bershadskaya - uma sobrevivente que depois ajudaria a liderar uma greve de presos em Vorkuta -, ficavam isolados durante todo o período de interrogatório. Lyubov passou nove meses na solitária e escreveu que até ansiava por ser interrogada, só para ter alguém com quem falar.[471]

Contudo, para o recém-chegado, uma cela superlotada podia ser ainda mais horripilante. Na descrição de Olga Adamova-Sliozberg, sua primeira cela parece um quadro de Hieronymus Bosch:

> A cela era enorme. As paredes abobadadas pingavam. De ambos os lados, deixando apenas uma passagem estreita, havia pranchas baixas que serviam de camas e estavam apinhadas de corpos. Por cima, em varais, secavam andrajos diversos. O ar se espessava com a fumaça nojenta de fumo forte e barato e se enchia com o alarido de bate-bocas, gritos e soluços.[472]

Outro memorialista também procurou exprimir a sensação de susto:

> Era uma visão tão terrível, homens de cabelo comprido, barbados, o cheiro de suor, nenhum lugar para sentar ou descansar. É preciso usar a imaginação para tentar compreender o tipo de lugar em que eu estava.[473]

A finlandesa Aino Kuusinen, mulher de Oleg Kuusinen (o líder do Comintern), acreditava que, na primeira noite, fora proposital-mente colocada onde pudesse ouvir os presos que iam sendo interrogados:

> Mesmo hoje, passados trinta anos, mal consigo descrever o horror daquela primeira noite na Lefortovo [prisão moscovita que leva o nome do bairro onde fica]. De minha cela, dava para ouvir todo e qualquer ruído que se fazia do lado de fora. Depois descobri que, perto dela, ficava o "departamento de interrogatórios", uma estrutura separada que, na realidade, era uma sala de torturas. Durante toda a noite, escutei urros atrozes e o repetido som de chibata. Um animal desesperado e torturado dificilmente produziria berros tão medonhos quanto os das vítimas que, durante horas, eram atingidas por ameaças, golpes e xingamentos.[474]

---

[468] Gnedin.pp. 68-69.
[469] Dolgun, p. 11.
[470] Vogelfanger, pp. 4-5.
[471] Rershadskaya, pp. 37-39.
[472] Adamova-Sliozberg, p.16.
[473] WalterWarwick, memórias inéditas. Agradecimentos a Reuben Rajala por este texto.
[474] Kuusirien, p.135.

Mas, não importando onde se encontrassem na primeira noite de detenção - fosse numa antiga cadeia czarista, fosse num xadrez de estação ferroviária, fosse numa igreja ou num mosteiro adaptados -, todos os presos encaravam uma tarefa urgente e imediata: recuperar-se do susto, ajustar-se às regras específicas da vida prisional - e lidar com o interrogatório. A velocidade com que conseguissem fazer essas coisas ajudaria a determinar quão bem, ou quão mal, eles se sairiam ali na detenção e, por fim, nos campos.

De todas as etapas pelas quais os presos passavam no caminho para o gulag, o interrogatório talvez seja aquela com a qual os ocidentais estão mais familiarizados. Descreveram-se interrogatórios não apenas nos livros de história, mas também na literatura do Ocidente (por exemplo. no clássico Do zero ao infinito, de Arthur Koestler), em filmes de guerra e em outras formas de cultura popular ou elevada. A Gestapo, assim como a Inquisição espanhola, contava com interrogadores tristemente célebres. Suas táticas entraram para o imaginário popular. "Temos meios de fazê-lo falar" é uma frase que as crianças ainda usam quando brincam de guerra.

É claro que interrogatórios de presos também ocorrem em sociedades democráticas e respeitadoras do Estado de direito, às vezes seguindo a lei, às vezes não. A pressão psicológica e até a tortura estão longe de ser exclusivas da URSS. A dobradinha "polícia bonzinho e polícia malvado" (na qual o primeiro, simpático e cortês, faz perguntas e se alterna com o segundo, irado) se incorporou não apenas a vários idiomas, mas também a manuais de polícia americanos (hoje ultrapassados). Durante interrogatório, em uma ou outra época, presos se viram pressionados em muitos países, quando não na maioria deles; aliás, tal pressão levou a Suprema Corte dos Estados Unidos, no caso Miranda versus Arizona (1966), a determinar que os suspeitos de atos criminosos devem ser informados, entre outras coisas, de seu direito a permanecer calados e contatar advogado.[475]

Ainda assim, as "investigações" realizadas pela polícia secreta soviética eram únicas, se não nos métodos, pelo menos no caráter "maciço". Em alguns períodos, os "casos" envolviam rotineiramente centenas de pessoas, que eram capturadas em toda a URSS. Típico de sua época era um relatório elaborado pelo departamento regional da NKVD em Orenburg sobre "Providências operacionais para a liquidação de grupos clandestinos de trotskistas e bukharinistas, assim como de outros grupos contra-revolucionários, tomadas de 1º de abril a 18 de setembro de 1937". Segundo o relatório, a NKVD local prendera 420 membros de uma conspiração "trotskista"; 120 "direitistas"; mais de 2 mil integrantes de uma "organização militar nipo-cossaca de direita"; mais de 1.500 oficiais e funcionários públicos czaristas degredados de São Petersburgo em 1935; uns 250 poloneses indiciados como parte de um processo contra "espiões polacos"; 95 pessoas que haviam trabalhado na Ferrovia Oriental Chinesa e eram consideradas espiões japoneses; 3.290 ex-kulaks; e 1.300 "elementos criminosos".

No todo, a NKVD de Orenburg detivera mais de 7.500 pessoas num período de cinco meses, o que não deixava muito tempo para um exame cuidadoso das provas. Isso nem importava, pois, na realidade, os inquéritos sobre cada uma dessas conspirações haviam sido iniciados em Moscou. A NKVD estava

---

[475] Mirea v. Arizona, 384 US 436 (1966).

apenas cumprindo obrigação, preenchendo as cotas de presos que lhe tinham sido impostas de cima.[476]

Por causa do grande volume de detenções, foi preciso estabelecer procedimentos especiais. Estes nem sempre acarretavam mais crueldade. Pelo contrário: às vezes, o grande número de presos levava a NKVD a reduzir ao mínimo o trabalho de real investigação. O acusado era interrogado às pressas e condenado igualmente às pressas, por vezes com uma audiência judicial extremamente rápida. O general Aleksander Gorbatov recordaria que sua audiência demorou "quatro ou cinco minutos" e consistiu na confirmação de detalhes pessoais e numa única pergunta: "Por que você não confessou seus crimes durante o inquérito?" Em seguida, recebeu sentença de quinze anos de prisão.[477]

Outros nem sequer tinham julgamento: eram condenados in absentia, procedimento realizado ou por uma osoboe soveshchanie (comissão especial), ou por uma tróica de altos funcionários. Foi o caso de Thomas Sgovio, cujo inquérito se mostrou inteiramente superficial. Nascido em Buffalo (estado de Nova York), Sgovio chegara à URSS em 1935 como refugiado político, sendo filho de um comunista ítalo-americano que, por causa de suas atividades políticas, fora deportado dos Estados Unidos para lá. Durante os três anos em que morou em Moscou, Sgovio foi aos poucos se desiludindo, até procurar reaver seu passaporte norte-americano (abrira mão dele quando entrara na URSS), a fim de poder voltar para casa. Em 12 de março de 1938, foi preso ao sair a pé da embaixada americana.

O registro do inquérito subseqüente - que Sgovio, décadas depois, fotocopiou num arquivo de Moscou e doou à Hoover Institution - é sumário, no que, aliás, corresponde à lembrança que o próprio acusado tem dos acontecimentos. Entre as provas contra ele, inclui-se uma lista do que se achou durante a revista corporal; entre outras coisas, sua caderneta sindical, sua agenda de endereços e telefones, seu cartão de biblioteca, uma folha de papel ("com texto escrito em língua estrangeira"), sete fotos, um canivete e um envelope com selos estrangeiros. Há uma declaração do camarada Sorokin, capitão da Segurança do Estado, atestando que o acusado entrara a pé na embaixada dos Estados Unidos em 12 de março de 1938. Há também uma declaração de testemunha, atestando que ele deixara a embaixada às 13h15. O prontuário ainda compreende as minutas do inquérito inicial e os dois breves interrogatórios, tendo sido cada página assinada por Sgovio e pelo interrogador. A declaração inicial de Sgovio está transcrita assim: "Eu queria recuperar minha cidadania americana. Três meses atrás, fui à embaixada americana pela primeira vez e solicitei minha cidadania de volta. Hoje voltei lá [...] a recepção me disse que o funcionário americano encarregado de meu caso tinha ido almoçar, e mandaram que eu retornasse em uma ou duas horas".[478]

Durante a maior parte do interrogatório subseqüente, pediram repetidamente a Sgovio os detalhes da visita à embaixada. Só uma vez lhe disseram: "Fale-nos de suas atividades de espionagem". Depois que replicou que "Vocês sabem

---

[476] N. Werth, "A State against Its People: Violence, Repression and Terror in the Union", em Courtois, pp. 193-94.
[477] Gorbatov, p.118.
[478] Hoover, Coleção Sgovio, Caixa 3.

que não sou espião", eles parecem não tê-lo pressionado mais, embora o interrogador brincasse com uma mangueira de borracha (do tipo em geral usado para espancar presos) de modo vagamente ameaçador.[479]

A NKVD, ainda que não estivesse muito interessada no caso, não parece jamais ter duvidado do desfecho. Alguns anos depois, Sgovio requereu revisão do processo; a promotoria cumpriu as formalidades e resumiu os fatos da seguinte maneira: "Sgovio não nega que fez uma solicitação na embaixada americana. Portanto creio não haver motivo para revermos o processo". Fatalmente complicado pelo fato de que confessara ter entrado na embaixada americana (e ter desejado sair da URSS), Sgovio recebeu de uma das "comissões especiais" a pena de cinco anos de trabalhos forçados, condenado como "elemento socialmente perigoso". Seu processo fora considerado de rotina. Na onda de prisões da época, os investigadores só haviam feito o mínimo exigido.[480]

Outros eram condenados com ainda menos provas, após inquéritos ainda mais superficiais. Dado que despertar suspeita já era considerado sinal de culpa, os presos raramente eram soltos sem haver cumprido pelo menos uma pena parcial. Lev Finkelstein, judeu russo aprisionado no final da década de 1940, teve a impressão de que, embora ninguém houvesse conseguido imputar-lhe culpa plausível, ele recebera uma pena curta de prisão nos campos simplesmente para mostrar que os órgãos de captura nunca erravam.[481] S. G. Durasova, outro ex-preso, até afirma que um de seus interrogadores lhe dissera especificamente que "nunca prendemos ninguém que não seja culpado. E, mesmo se você não for culpado, não poderemos soltá-lo, porque aí as pessoas diriam que estamos pegando inocentes".[482]

Por outro lado, quando a NKVD tinha algum interesse mais - e, ao que parece, quando o próprio Stalin demonstrava esse interesse -, a atitude dos investigadores para com aqueles apanhados durante períodos de prisões em massa podia rapidamente passar de apática a sinistra. Em certas circunstâncias, a NKVD chegava a exigir que os investigadores forjassem provas em larga escala - como aconteceu durante o inquérito de 1937 sobre o que Nikolai Yezhov denominou "a mais poderosa e provavelmente mais importante rede diversionária da espionagem polaca na URSS".[483] Se o interrogatório de Sgovio representa um extremo (o do desinteresse), a operação maciça contra essa suposta rede de espiões representa o outro: os suspeitos eram interrogados com a determinação de fazê-los confessar.

A operação se iniciou com a ordem 00485 da NKVD, que estabeleceu o padrão para prisões em massa posteriores. Ela listava claramente o tipo de pessoa que se deveria capturar: todos os prisioneiros de guerra poloneses remanescentes da Guerra Polaco-bolchevique de 1920; todos os refugiados e imigrantes poloneses na URSS; todo mundo que houvesse sido membro de algum partido político polonês; e todos os "ativistas anti-soviéticos" das regiões de língua polonesa na URSS.[484] Na prática, qualquer indivíduo de origem

---

[479] Sgovio, p. 69.
[480] Hoover, Coleção Sgovio, Caixa 3.
[481] Finkelstein, entrevista com a autora.
[482] Durasova, p. 77.
[483] N. Petrov e A. Roginskii, "Polskaya operatsiya NKVD,1937-1938 gg", em Gurjanow, Repressiiprotivpolyakov, pp. 37-38; N. Petrov, "Polska Operacja NKWD".
[484] Petrov e Roginskii, ibid., p. 24-25.

polonesa que morasse em território soviético - e havia muitos, em especial nas regiões de fronteira da Ucrânia e da Bielo-Rússia - tornava-se suspeito. A operação foi tão completa e minuciosa que o cônsul da Polônia em Kiev produziu um relatório secreto do que estava acontecendo, observando que, em algumas aldeias, "todos cuja origem fosse polonesa, e até todos cujo nome parecesse polonês", tinham sido presos, não importando se eram diretores de fábrica ou simples camponeses.[485]

Mas as capturas eram só o começo. Já que não havia nada para incriminar alguém culpado de ter sobrenome polaco, a ordem 00485 instava os chefes regionais da NKVD a "iniciar investigações simultaneamente às detenções. O objetivo básico da investigação deve ser o total desmascaramento dos organizadores e líderes do grupo diversionário, a fim de revelar essa rede".[486]

Na prática, isso significava (como em tantos outros casos) que os próprios detidos seriam obrigados a fornecer as provas com as quais se constituiria o processo contra eles. O sistema era simples. Os poloneses detidos eram primeiro interrogados sobre sua participação na rede de espionagem. Aí, quando alegavam não saber nada a respeito disso, eram espancados ou torturados de outras maneiras até "se lembrarem". Visto que o próprio Yezhov estava interessado no sucesso dessa iniciativa, ele até comparecia a algumas das sessões de tortura. Quando os presos prestavam oficialmente queixa do tratamento, Yezhov ordenava a seus subordinados que não dessem atenção àquilo e "continuassem na mesma linha". Após os presos terem confessado, exigia-se deles que denunciassem seus "conjurados". O ciclo então se reiniciava, com o que a "rede de espionagem" crescia cada vez mais.

Dois anos após ter sido lançada, a chamada "linha polonesa de investigação" já resultara na captura de mais de 140 mil pessoas, o que, segundo algumas estimativas, corresponderia a quase 10% de todos os presos durante o Grande Terror. Mas a operação também ficou tão tristemente célebre pelo uso indiscriminado de tortura e confissões falsas que, em 1939, durante a curta reação violenta contra as prisões em massa, a própria NKVD iniciou um inquérito sobre os "equívocos" cometidos. Um policial envolvido lembraria que "não era preciso ser delicado - não se necessitava de autorização especial para bater na cara das pessoas, para espancá-las sem restrições". Aos que demonstravam certos pruridos (e parece ter havido alguns elementos assim), dizia-se explicitamente que era decisão de Stalin e do Politburo "bater nos polacos até não mais poder".[487]

De fato, embora Stalin depois denunciasse os "procedimentos simplificados de investigação" da NKVD, há indícios de que ele aprovava tais métodos. Naquele memorando que Abakumov lhe enviou em 1947, por exemplo, observa-se especificamente que a função primordial do interrogador é tentar obter do detido uma "confissão verdadeira e franca, para não apenas estabelecer a culpa dele, mas também desmascarar aqueles aos quais esteja ligado e aqueles que dirigem a atividade criminosa do detido e os planos do inimigo".61 Abakumov evita a questão dos espancamentos e da tortura física, mas escreve que os investigadores recebem ordem de "estudar o caráter do detido" e, com base nisso, determinar o regime prisional que lhe será imposto (se severo ou

---

[485] Iwanow, p. 370.
[486] N. Petrov, "Polska Operacja NKWD", pp. 27-29.
[487] Ibid., pp. 24-43 e 32. 61. Hoover, Conjunto 89,18/12, Rolo 1.994; Getty e Naumov, pp. 530-37.

brando) e a melhor maneira de aproveitar-se de suas

> convicções religiosas, vínculos familiares e pessoais, amor-próprio, vaidade etc. [...] Por vezes, a fim de sobrepujar em astúcia o detido e criar a impressão de que os órgãos da MGB [sucessora da NKVD] sabem tudo a respeito dele, o investigador pode lembrá-lo de detalhes íntimos e variados de sua vida pessoal, segredos que ele esconde daqueles a sua volta etc.

Os motivos pelos quais a polícia secreta soviética se mostrava tão obcecada por confissões continuam a dar pano para manga. Já se apresentou ampla gama de explicações. Alguns acreditam que tal política emanava do alto. Roman Brackman, autor de uma biografia heterodoxa, O dossiê secreto de Joseph Stalin (The secret file of Joseph Stalin), acredita que o líder soviético tinha a obsessão neurótica de fazer outros confessarem tipos de crime que ele próprio cometera: segundo o autor, Stalin fora agente da polícia secreta czarista antes da Revolução e, por isso, sentia uma necessidade particular de ver pessoas confessarem ter sido traidoras. Robert Conquest também acredita que Stalin estava interessado em obrigar pelo menos aqueles que conhecera pessoalmente a confessar: "ele queria não apenas matar seus antigos oponentes, mas também destruí-los moral e politicamente", embora isso, é claro, se aplicasse apenas a alguns indivíduos dentre os milhões de detidos.

Mas as confissões também eram importantes para os agentes da NKVD que realizavam os interrogatórios. Talvez extraí-las os ajudasse a sentir confiança na legitimidade de seus atos: isso fazia a loucura das prisões arbitrárias em massa parecer mais humana, ou pelo menos submetida à lei. Como no caso dos "espiões polacos", a confissão ainda fornecia as provas necessárias para que se prendessem outros. O sistema político e econômico soviético também estava obcecado por resultados (cumprir planos e metas), e as confissões eram a "prova" concreta de um interrogatório bem-sucedido. Nas palavras de Conquest, "estabelecera-se o princípio de que uma confissão seria o melhor resultado alcançável. Quem conseguia obtê-la era considerado um agente de sucesso, e na NKVD os agentes de mau desempenho tinham expectativa de vida reduzida".[488]

Quaisquer que tenham sido os motivos da fixação da NKVD nas confissões, os interrogadores da polícia não costumavam buscá-las nem com a obstinação demonstrada no caso dos "espiões polacos", nem tampouco com o desinteresse exibido com relação a Thomas Sgovio. Em geral, os presos vivenciavam uma mistura das duas atitudes extremas. De um lado, a NKVD exigia que confessassem e incriminassem a si e a outros. De outro lado, ela parecia ter uma desleixada falta de interesse pelo desfecho do processo.

Esse sistema um tanto surreal já estava estabelecido na década de 1920, nos anos anteriores ao Grande Terror, e continuou presente muito tempo depois que esse último amainara. Já em 1931, o policial que investigou Vladimir Tchernavin (cientista acusado de "destruição" e sabotagem) o ameaçou de morte caso não confessasse. Em outro momento, disse-lhe que pegaria uma pena mais "leve" nos campos se confessasse. No fim das contas, até implorou a Tchernavin que apresentasse uma confissão falsa. Rogando-lhe, disse: "Muitas vezes, nós, os investigadores, também somos obrigados a mentir;

---

[488] Conquest, The GreatTerror, pp. 130 e 131.

também dizemos coisas que não podem ser registradas e que nunca autenticaríamos".[489] Quando o desfecho tinha mais importância para a NKVD, recorria-se à tortura. No período anterior a 1937, os espancamentos parecem ter sido proibidos. Um ex-funcionário do Gulag confirma que eles com certeza eram ilegais na primeira metade da década de 1930.[490] Mas, conforme aumentou a pressão para fazer membros destacados do Partido confessarem, passou-se a utilizar a tortura física, provavelmente em 1937 (embora ela tenha voltado a ser banida em 1939). O líder soviético Nikita Khrutchev reconheceria publicamente isso em 1956:

> Como é possível que uma pessoa confesse crimes que não cometeu? Só há um jeito: aplicando métodos físicos de pressão - torturas -levando a pessoa a um estado de inconsciência, privando-a de raciocínio, tirando-lhe a dignidade humana. Era dessa maneira que se obtinham "confissões".[491]

No período do Grande Terror, o uso da tortura se tornou tão disseminado (e despertou dúvidas tão freqüentes) que, no começo de 1939, o próprio Stalin mandou memorando aos chefes regionais da NKVD, confirmando que, "a partir de 1937, o uso da pressão física [sobre os presos] foi autorizado pelo Comitê Central no âmbito da NKVD". Stalin explicava que tal uso era permitido

> apenas com referência a inimigos manifestos do povo que se aproveitam dos métodos humanos de interrogatório para negar-se desavergonhadamente a denunciar conspiradores; que não depõem durante meses e tentam impedir o desmascaramento dos conspiradores ainda à solta.

Prosseguia dizendo que considerava a pressão física "um método absolutamente correto e humano", embora reconhecesse que de quando em quando a tivessem aplicado para "encarcerar acidentalmente pessoas honestas". O que esse memorando tristemente célebre deixa claro é que Stalin sabia quais métodos haviam sido usados durante os interrogatórios e os autorizara pessoalmente.[492]

Por certo é verdade que, nesse período, inúmeros presos relatam ter sido chutados e espancados, ficando com o rosto arrebentado e órgãos rompidos. Evgenii Gnedin descreve como foi golpeado na cabeça por dois homens ao mesmo tempo, um à esquerda e o outro à direita, e depois espancado com um cassetete de borracha. Isso ocorreu no gabinete particular de Beria, em sua presença, na prisão Sukhanovka.[493] A NKVD também empregava métodos de tortura conhecidos de outras polícias secretas em outras eras, como acertar o estômago com sacos de areia, quebrar mãos ou pés ou amarrar os braços e as pernas às costas e suspender a vítima no ar.[494] Um dos relatos de tortura mais nauseantes foi escrito pelo diretor teatral Vsevelod Meyerhold, cuja queixa formal, uma carta, ainda consta de seu prontuário.

> Os investigadores começaram a usar da força comigo, um enfermo de

[489] V Tchernavin, pp. 156-63.
[490] Narinskii, Vospominaniya glavnogo bukhgaltera GULAG, p. 60.
[491] Discurso secreto de Khrushev, reeditado em Khrushev, p. 585.
[492] Jansen e Petrov.
[493] Gnedin, pp. 24-31.
[494] Conquest, The GreatTerror, p. 121.

65 anos. Fizeram-me deitar de rosto e golpearam-me nas solas dos pés e na espinha com uma correia de borracha. Sentaram-me numa cadeira e me bateram mais nos pés, com força considerável [...]. Nos dias seguintes, quando aquelas partes de minhas pernas estavam cobertas por grandes hematomas, eles tornaram a bater com a correia de borracha nas feridas, que estavam rubras, azuladas e amareladas; a dor era tão intensa que senti como se água fervente estivesse sendo derramada nessas áreas sensíveis. Urrei e chorei de dor. Bateram em minhas costas com a mesma correia de borracha e me esmurraram na cara, deixando que seus punhos se abatessem de bem alto [...].

> Em certa altura, eu tremia de modo tão incontrolável que o guarda que me escoltava à saída do interrogatório perguntou: "Você sofre de maleita?" Quando me deitei e adormeci no catre, após dezoito horas de interrogatório, só para voltar a ele dali a uma hora, fui acordado por meus próprios gemidos e espasmos, como um paciente em estágio terminal de febre tifóide.[495]

Embora esse tipo de espancamento viesse a ser oficialmente proibido em 1939, a mudança de política não fez necessariamente que o processo de investigação se tornasse mais humano. Durante todos os anos 1920, 30 e 40, muitas centenas de milhares de presos foram torturadas não com espancamentos, nem com agressões, mas com o tipo de suplício psicológico a que Abakumov alude no memorando de 1947 a Stalin. Quem teimava em não confessar podia, por exemplo, ser aos poucos privado de confortos - primeiro as caminhadas, em seguida as remessas ou os livros, depois a comida. Podia ser colocado numa cela punitiva particularmente escabrosa, muito quente ou muito gelada. Foi o caso do memorialista Hava Volovich, o qual seu interrogador também privava de sono:

> Nunca esquecerei aquele primeiro gosto do frio na prisão. Não sou capaz de descrevê-lo; não consigo fazê-lo. O sono me empurrava numa direção; o frio, em outra. Eu me levantava de um pulo e corria pela cela, adormecendo em pé e caindo de novo na cama, onde o frio logo me obrigava a levantar de novo.[496]

Outros eram acareados com "testemunhas", como aconteceu a Evgeniya Ginzburg, que assistiu enquanto sua amiga de infância Nalya "dizia falas decoradas, feito um papagaio", acusando-a de pertencer ao movimento secreto trotskista.[497] Outros ainda viam as famílias serem ameaçadas; ou, após longos períodos de solitária, eram colocados em celas com informantes, aos quais ficavam mais do que satisfeitos em desabafar. Mulheres eram violadas ou ameaçadas de estupro. Uma memorialista polonesa contaria a seguinte história:

> De súbito, sem motivo aparente, meu interrogador ficou muitíssimo insinuante. Levantou-se da escrivaninha e veio sentar-se a meu lado no sofá. Fiquei em pé e fui tomar água. Ele me seguiu e se pôs atrás de mim. Habilmente, escapei e voltei para o sofá. Ele veio sentar-se comigo outra vez. E outra vez me levantei e fui beber água. Esse tipo de

---

[495] Shentalinsky, p. 26.
[496] Iiava Volovich, "My Past", in Vilensky, Till My Tale Is Told, p. 251.
[497] E. Ginzburg, Journey into the Whiriwind, p. 94.

manobra se prolongou por algumas horas. Senti-me humilhada e indefesa.[498]

Também havia formas de tortura física menos diretas que os espancamentos; a partir dos anos 1920, foram usadas regularmente. Desde logo, Tchernavin foi submetido, ainda que por pouco tempo, ao “teste vertical" (mandava-se que o preso permanecesse de pé, voltado para a parede, sem se mexer). Alguns de seus companheiros de cela sofreram mais:

> Um, o gravurista E, corpulento, com mais de cinqüenta anos de idade, ficara em pé por seis dias e meio. Não lhe deram nada para comer nem beber, e não permitiram que dormisse; fora levado ao sanitário só uma vez por dia. Mas ele não "confessou". Depois dessa provação, não conseguiu caminhar para a cela, e o guarda teve de arrastá-lo escada acima [...]. Outro, o artesão B., de uns 35 anos, que tivera a perna amputada acima do joelho e substituída por um membro artificial, ficou em pé quatro dias e não "confessou".[499]

Entretanto, o mais comum era simplesmente privar a pessoa de sono. Essa modalidade de tortura enganadoramente simples cujo emprego parece não ter necessitado de nenhum tipo de autorização prévia era conhecida dos presos como "a esteira rolante" e podia estender-se por muitos dias ou até semanas. O método era prosaico: interrogavam o preso a noite inteira e depois o proibiam de dormir durante o dia. Era acordado pelos guardas o tempo todo e ameaçado com a cela punitiva ou coisa pior se não conseguisse ficar desperto. Uma das melhores descrições da esteira rolante, e de seus efeitos físicos, foi fornecida por Alexander Dolgun, o preso americano do Gulag. Durante seu primeiro mês na Lefortovo, viu-se praticamente privado de sono, podendo dormir só uma hora, ou menos, por dia. "Em retrospecto, parece que uma hora era muito; talvez tenham sido não mais que alguns minutos por noite." O resultado foi que sua cabeça começou a pregar-lhe peças:

> Havia períodos em que, de repente, eu me dava conta de que não lembrava nada do que ocorrera nos minutos anteriores [...]. Brancos totais [...].
>
> Depois, é claro, comecei a tentar dormir em pé, para ver se meu corpo conseguia aprender a manter-se ereto. Achei que, se isso desse certo, eu talvez pudesse escapar à vigilância nas celas alguns minutos de cada vez, porque, pela viseira da porta, o guarda não acharia que eu estava dormindo se eu permanecesse em pé.
>
> E assim eu ia levando, afanando dez minutos aqui, meia hora ali, às vezes um pouco mais se Sidorov desse a coisa por encerrada antes das seis da manhã e os guardas me deixassem em paz até o toque de alvorada. Mas era muito pouco e tarde demais. Sentia que estava decaindo, ficando menos alerta e menos disciplinado a cada dia. Tinha quase mais medo de ficar doido - não, tinha mesmo mais medo disso - do que de morrer.

Por muitos meses, Dolgun não confessou, um fato que lhe deu algo de que

---

[498] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[499] Y. Tchernavin, p. 162.

orgulhar-se pelo resto de seu encarceramento. Mas, muitos meses depois, quando o trouxeram de volta a Moscou de um campo na cidade cazaque de Dzhezkazgan e tornaram a espancá-lo, ele assinou uma confissão, pensando: "Que diabo! Eles já me pegaram mesmo. Por que foi que não fiz isso muito tempo atrás e evitei todo aquele sofrimento?"[500]

E, por quê? Era uma pergunta que muitos se faziam, com respostas variadas. Alguns - ao que parece, uma porcentagem particularmente alta dos memorialistas - não confessavam ou por princípio, ou pela crença equivocada de que, assim, evitariam a condenação. "Prefiro morrer a difamar meu nome", dizia o general Gorbatov a seu interrogador, mesmo quando estava sendo torturado (o general não específica que tipo de tortura).

E, corno assinalam Soljenitsin, Gorbatov e outros, muitos acreditavam que uma confissão ridiculamente longa criaria um clima de absurdo tal que nem mesmo a NKVD poderia deixar de notar. Gorbatov escreveu de seus companheiros de prisão:

> Eles me davam a impressão de ser pessoas cultas e sérias. Por isso, fiquei ainda mais horrorizado ao saber que, durante seus respectivos interrogatórios, cada um deles escrevera puro lixo, confessando crimes imaginários e incriminando outras pessoas [...]. Alguns tinham até a estranha teoria de que, quanto mais pessoas fossem presas, mais cedo se perceberia que tudo aquilo era absurdo e prejudicial ao Partido.[501]

Mas nem todo mundo achava que se deveria censurar tais pessoas. Lev Razgon, em suas memórias, responde a Gorbatov, a quem chama de "arrogante e imoral":

> É errado transferir a culpa dos torturadores para as vítimas. Gorbatov teve sorte, e só. O interrogador dele ou era preguiçoso, ou não recebera ordens explícitas para "pressionar" o interrogado. Os médicos, psicólogos e psiquiatras ainda não pesquisaram o suficiente para poder afirmar se a tortura consegue fazer um indivíduo prestar falso testemunho contra si mesmo. No entanto, o século XX forneceu enorme quantidade de demonstrações disso. É claro que ela consegue.[502]

Em retrospecto, também há opiniões muito variadas sobre se se negar a confessar realmente tinha importância. Susanna Pechora, interrogada durante mais de um ano no começo dos anos 1950 - era membro de um minúsculo grupo de jovens que, quixotescamente, fora fundado para resistir a Stalin -, diria depois que "agüentar" não valeu a pena. Para ela, recusar-se a confessar simplesmente prolongava o interrogatório. Ao fim e ao cabo, a maioria era condenada do mesmo jeito.[503]

Todavia, o conteúdo do prontuário de Thomas Sgovio mostra claramente que decisões posteriores (sobre soltura antecipada, anistia etc.) eram de fato tomadas com base no que constava do dossiê do preso, aí incluída a confissão. Em outras palavras, se a pessoa conseguira resistir, tinha uma

---

[500] Dolgun, pp. 37-38, 193, e 202.
[501] Gorbatov, pp. 109-10.
[502] Razgon, p. 73.
[503] Pechora, entrevista com a autora.

chance muito pequena, ínfima mesmo, de conseguir uma revisão positiva da sentença. Até os anos 1950, todos esses procedimentos judiciais, não importando quão surreais, eram levados bem a sério.

No final das contas, a maior importância do interrogatório estava na marca psicológica que ele deixava nos presos. Mesmo antes de se submeterem às longas viagens para o leste, mesmo antes de chegarem a seus primeiros campos, eles já haviam, em alguma medida, sido "preparados" para a nova vida de trabalhador escravo. Já sabiam que não tinham nenhum direito humano, nenhuma prerrogativa de receber um julgamento ou mesmo uma audiência justos. Já sabiam que o poder da NKVD era absoluto e que o Estado podia fazer com eles o que bem entendesse. Se haviam confessado um crime que não cometeram, já se tinham em mais baixa conta. Mas, mesmo que não houvessem confessado, já lhes fora roubado todo resquício de esperança, de convicção de que a injustiça de seu encarceramento seria logo desfeita.

## 8. A CADEIA

*Uma cigana leu nas cartas... Uma estrada distante,*
*Uma estrada distante... E uma cadeia.*
*Talvez a velha cadeia central*
*Aguarde-me, moço outra vez...*

Tradicional canção de cadeia na Rússia

A detenção e o interrogatório desgastavam os presos; os aturdiam para que se submetessem; os confundiam e desorientavam. Mas o próprio sistema das cadeias soviéticas, onde se mantinham os presos antes, durante e com freqüência muito tempo após o interrogatório, também exercia enorme influência sobre o estado de espírito deles.

Num contexto internacional, não havia nada de excepcionalmente cruel nas prisões ou no regime prisional da URSS. Os cárceres soviéticos eram com certeza mais duros que a maioria das prisões ocidentais e mais duros que as prisões czaristas. Por outro lado, na China ou em outras partes do Terceiro Mundo em meados do século XX, as cadeias também eram extremamente desagradáveis. Todavia, componentes da vida prisional soviética continuaram sendo específicos da URSS. Alguns aspectos do cotidiano dos cárceres, como o próprio processo de interrogatório, até parecem ter sido concebidos já pensando em preparar os presos para sua nova vida no Gulag.

Por certo, as atitudes oficiais para com as prisões refletiam mudanças nas prioridades de quem dirigia os campos de concentração. Em agosto de 1935, por exemplo, justamente quando começavam a multiplicar-se as detenções de presos políticos, Genrikh Yagoda emitiu uma ordem que deixava claro que o "sentido" mais importante de uma captura - se é que se pode dizer que aquelas detenções tinham algum "sentido" na acepção normal da palavra - era o de alimentar a demanda cada vez mais frenética de confissões. A ordem de Yagoda colocava diretamente nas mãos dos homens da NKVD que investigavam os casos não apenas os "privilégios" dos presos, mas também as mais elementares condições de vida desses últimos. Desde que o preso colaborasse (o que em geral significava confessar), ele ficaria autorizado a

receber cartas, remessas de comida, jornais, livros e visitas mensais de familiares e ter uma hora de exercícios por dia. Se não colaborasse, podia ser privado de todas essas coisas e ainda perder a ração de comida.[504]

Em contraste, em 1942 - três anos depois que Lavrenty Beria assumiu, prometendo transformar o Gulag numa máquina econômica eficiente -, as prioridades de Moscou já haviam mudado. Os campos se tornavam importante fator na produção bélica, e os comandantes haviam começado a reclamar do grande número de presos que chegavam sem nenhuma condição de trabalhar. Famintos, imundos e privados de exercício, eles simplesmente não conseguiam extrair carvão nem cortar árvores no ritmo necessário. Por conseguinte, Beria estabeleceu novos procedimentos de interrogatório em maio daquele ano, exigindo que os diretores das carceragens respeitassem "as mínimas condições de saúde" e restringissem o controle dos interrogadores sobre o dia-a-dia dos presos.

Conforme a nova ordem de Beria, os detentos fariam uma caminhada diária de "não menos que uma hora" - com a notável exceção daqueles que aguardavam o cumprimento da pena de morte, cuja qualidade de vida não importava muito para as cifras de produção da NKVD. Os administradores prisionais também deviam assegurar-se de que seus estabelecimentos possuíssem um pátio concebido especialmente para aquele propósito: "Nem um único preso permanecerá nas celas durante tais caminhadas [...] os presos fracos e idosos devem ser auxiliados por seus companheiros de cela". Aos carcereiros se ordenava que garantissem que os detentos (menos aqueles diretamente em interrogatório) tivessem oito horas de sono; que aqueles com diarréia recebem vitaminas extras e comida melhor; e que os parashi (os baldes que serviam de sanitário nas celas) fossem consertados caso vazassem. Esse último tópico era considerado tão crucial que até se especificava o tamanho de um parasha: nas celas masculinas, deviam ter de 55 a sessenta centímetros de altura; nas femininas, de trinta a 35 - e, para cada pessoa na cela, o balde deveria oferecer um volume de 750 mililitros.[505]

Apesar desses regulamentos absurdamente específicos, os cárceres continuaram a diferir muitíssimo uns dos outros. Em parte, isso se devia às localizações. Gomo regra geral, as prisões de província eram mais sujas e mais lenientes; as de Moscou, mais limpas e mais mortíferas. Entretanto, mesmo as três principais carceragens moscovitas tinham caráter ligeiramente distinto. A infame Lubyanka, que ainda domina uma praça no centro da capital - e ainda serve de sede da FSB, a sucessora da NKVD, da MGB e da KGB -, era usada para receber e interrogar os presos políticos cujos crimes eram considerados mais sérios. Havia relativamente poucas celas - um documento de 1936 fala em 118 -, e 94 delas eram muito pequenas, podendo abrigar de um a quatro detentos.[506] Na Lubyanka, antes o prédio de escritórios de uma seguradora, algumas das celas tinham parquete, que os presos eram obrigados a lavar todos os dias. Anna Mikhailovna Garaseva, anarquista que depois seria secretária de Soljenitsin, ficou presa na Lubyanka em 1926; ela recordaria que a comida ainda era servida por garçonetes uniformizadas.[507]

---

[504] GARF, 9401/12/14.
[505] GARF, 9401/12/128.
[506] Sobolev, p. 66.
[507] Garaseva, pp. 96-101; sobre a história do prédio da Lubyanka, ver Sobolev, pp. 11-79.

Em contraste, a Lefortovo, também usada para interrogatório, fora uma prisão militar no século XIX. Suas celas, que nunca se destinaram a receber grande número de presos, eram mais escuras, mais sujas e mais apinhadas. A Lefortovo tem o formato de um K, e no centro do conjunto, segundo o memorialista Dmitri Panin, "um auxiliar se mantém em pé, de bandeira de sinalização na mão, orientando o fluxo de presos que entram e saem de interrogatório".[508] No final dos anos 1930, a Lefortovo ficou tão superlotada que a NKVD abriu um "anexo" no mosteiro Sukhanovsky, fora de Moscou. Oficialmente denominado "Objeto 110", e conhecido dos presos como "Sukhanovka", o anexo ganhou fama apavorante por causa da tortura: "Não havia regulamento interno, nem tampouco normas de conduta para os investigadores".[509] O próprio Beria tinha um gabinete ali e supervisionava pessoalmente sessões de tortura.[510]

A Butyrka, a mais antiga das três prisões, fora construída no século XVIII para ser um palácio, embora logo a tivessem transformado em cárcere. Entre seus detentos oitocentistas célebres, estava Feliks Dzerzhinsky, junto com outros revolucionários poloneses e russos.[511] Em geral utilizada para acomodar presos cujo interrogatório terminava e que aguardavam traslado para os campos, a Butyrka também era apinhada e suja, mas mais leniente. Anna Garaseva lembra que, se na Lubyanka os guardas obrigavam os presos a "exercitar-se" caminhando num círculo fechado, "na Butyrka a gente podia fazer o que quisesse". Anna, assim como outros, também menciona a excelente biblioteca, cujo acervo se constituíra graças a gerações de presos, os quais deixavam os livros quando eram transferidos.[512]

As prisões também diferiam de um período a outro. No começo da década de 1930, grande número de presos era condenado a meses ou até anos de isolamento celular. Para manter a sanidade durante dezesseis meses de solitária, o russo Boris Chetverikov lavava as roupas, o piso e as paredes - e entoava todas as canções e árias de ópera que conhecia.[513] O americano Alexander Dolgun também foi mantido em solitária durante seu interrogatório; a fim de não enlouquecer, ele andava: contou os passos na cela, calculou quantos dariam um quilômetro e começou a "caminhar", atravessando primeiro Moscou, até a embaixada dos Estados Unidos - "eu respirava aquele ar límpido, frio e imaginário e me encolhia no casaco" -, depois a Europa e por fim o Atlântico, de volta para casa.[514]

Evgeniya Ginzburg passou quase dois anos na prisão de isolamento celular de Yaroslavl, na Rússia central, a maior parte do tempo totalmente sozinha: "Até hoje, se fecho os olhos, consigo ver cada calombo e risco naquelas paredes, pintadas até meia altura na cor favorita da prisão, um castanho-avermelhado, e dali para cima num branco encardido". Entretanto, mesmo essa prisão "especial" começou a lotar, e Evgeniya ganhou uma companheira de cela. No final, a maioria dos tyurzeks (prisioneiros de cela) foi transferida para os campos. Escreve Evgeniya: "Simplesmente não era factível manter tais

---

[508] Panin, p. 24.
[509] Sergeev, pp. 232-38.
[510] Gnedin, pp. 24-31.
[511] Buryrskii e Karyshev, pp. 20-21.
[512] Garaseva, pp. 96-101.
[513] Chetverikov, p. 35.
[514] Dolgun, p. 62. O líder nazista Albert Speer fez uma "caminhada" semelhante, por muitos anos, em sua cela na prisão aliada de Spandau.

multidões em celas por dez ou vinte anos; isso não se coadunava com o ritmo e a economia da época".[515]

Nos anos 1940, à medida que aumentava o número e a freqüência das capturas, tornava-se muito mais difícil isolar alguém, até presos novos, mesmo que por algumas horas. Em 1947, Lev Finkelstein foi primeiro jogado numa vokzal (literalmente, "estação ferroviária"), uma "enorme cela comum onde os detentos ficam de início, sem nenhuma comodidade. Eles aos poucos eram separados por grupos e mandados aos banhos e, depois, às celas".[516] Na realidade, a superlotação atroz era experiência muito mais comum que a solitária. Dois exemplos escolhidos ao acaso: a cadeia central de Arcangel, com capacidade para 740 presos, tinha entre 1.661 e 2.380 em 1941; a de Kotlas, na Rússia setentrional, com capacidade para trezentos, abrigava até 460.[517]

Em províncias mais distantes, os cárceres podiam ser piores. Em 1940, o de Stanislawwow, na recém-ocupada Polônia oriental, continha 1.700 pessoas, bem acima de sua capacidade (472), e dispunha de apenas 150 jogos de roupa de cama.[518] Em fevereiro de 1941, as cadeias da República Tártara (Tartarstão), com capacidade para 2.710 presos, continham 6.353. Em maio de 1942, as da República de Tashkent, na Ásia Central, com capacidade para 960, abrigavam 2.754."[519] Esse apinhamento tinha efeito particularmente severo sobre quem estava em interrogatório, cujas vidas inteiras eram submetidas a uma inquirição intensa e hostil todas as noites, e cujos dias precisavam ainda se passar na companhia de outras pessoas. Um preso descreveu as conseqüências:

> O processo inteiro de desintegração da personalidade ocorria à vista de todos na cela. Ali, um homem não conseguia esconder-se nem por um instante; até para evacuar, tinha de usar o balde aberto, bem dentro do recinto. Quem queria chorar o fazia na frente de todo inundo, e a sensação de vergonha aumentava o tormento. Quem queria matar-se - à noite, debaixo da coberta, tentando rasgar as veias do braço com os dentes - logo era descoberto por um dos insones da cela e impedido de terminar o serviço.[520]

Margarete Buber-Neumann também escreveu que a superlotação fazia as detentas voltarem-se umas contra as outras. Quando eram acordadas, às quatro e meia da manhã,

> o efeito sobre nós era como se houvessem derrubado um formigueiro. Todo o mundo pegava suas coisas de higiene para, se possível, ser o primeiro, porque, é claro, o sanitário nem de longe era suficiente para todas. No recinto onde nos lavávamos, havia cinco vasos e dez torneiras. Digo "vasos", mas, na realidade, eram cinco buracos no chão, nada mais que isso. De imediato, formavam-se filas diante dos cinco buracos e das dez torneiras. Imagine ir ao sanitário de manhã com pelo

[515] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, pp. 193 e 267.
[516] Finkelstein, entrevista com a autora.
[517] GARF, 9413/1/17; 9412/1/25, e 9413/1/6.
[518] GARF, 8131/37/360.
[519] GARF, 8131/37/796,1250, e 1251.
[520] Zabolotskii, pp. 310-31.

menos uma dúzia de pessoas observando e com outras esperando impacientes na fila, gritando e apressando você...[521]

Talvez porque estivessem cientes do apinhamento, as autoridades prisionais se empenhavam muito em acabar com qualquer simulacro de solidariedade entre os presos. Aquela ordem de Yagoda de 1935 já os proibia de conversar, gritar, cantar, escrever nas paredes, deixar marcas ou sinais em qualquer lugar da prisão, ficar em pé às janelas ou tentar comunicar-se de toda e qualquer maneira com os ocupantes de outras celas. Quem violasse as regras podia ser castigado com a privação de exercício ou correspondência ou com a ida para uma cela punitiva especialmente construída.[522] O silêncio obrigatório é mencionado pelos encarcerados dos anos 1930 com freqüência: "Ninguém falava alto, e algumas se faziam entender por meio de sinais", escreveu Margarete Buber-Neumann sobre a Butyrka, onde "os corpos semi-despidos da maioria das mulheres tinham um tom peculiar, cinza-azulado, devido ao longo confinamento sem luz e sem ar".[523]

Em alguns cárceres, a lei do silêncio permaneceria absoluta até quando a década seguinte já estava bem adiantada; em outros, menos Um ex-preso escreve do "completo silêncio" na Lubyanka em 1949; em comparação com isso, "a cela 106 da Butyrka parecia uma feira, depois que se tivesse ido a uma lojinha".[524] Outro, numa prisão da República Tártara, lembra que, quando os presos começavam a cochichar, "a portinhola pela qual se passava a comida era aberta com estrondo e alguém sibilava um Psiu!".[525]

Muitos memorialistas também descreveriam como os guardas, ao transferir os presos de cela ou levá-los para interrogatório, agitavam as chaves, estalavam os dedos ou faziam algum outro ruído, para alertar aqueles mais adiante no corredor. Caso se desse um encontro de presos ali, um era rapidamente levado por outro corredor, ou colocado num cubículo especial. Certa vez, V. K. Yasnyi, antes tradutor de literatura espanhola, ficou duas horas num cubículo assim, de meio metro quadrado, na Lubyanka.[526] Tais espaços parecem ter sido muito utilizados: o porão da antiga sede da NKVD em Budapeste (hoje um museu) tem um desses cubículos. O objetivo era evitar que os presos encontrassem outros que pudessem estar implicados no mesmo "caso", assim como mantê-los longe de irmãos ou outros familiares que estivessem detidos.

O silêncio obrigatório tornava aflitiva até a caminhada para as salas de interrogatório. Alexander Dolgun se recorda de ter andado pelos corredores atapetados da Lubyanka:

> Enquanto nos movíamos, o único som era o estalar da língua do guarda [...] todas aquelas portas de metal eram cinza-naval, e se revelava opressivo e desanimador o efeito da penumbra, do silêncio e das portas cinzentas, que se repetiam pelo corredor até se fundirem às sombras.[527]

A fim de impedir que presos de uma cela soubessem os sobrenomes daqueles

---

[521] Buber-Neumann, p. 36.
[522] GARF, 9401/la/14.
[523] Buber-Neumann, p. 33.
[524] Trubetskoi, p. 261.
[525] Nadezhda Grankina, "Notes by Your Contemporary", inVilensky, Till MyTale Is Told, p. 119.
[526] Yasnyi, pp. 1-50.
[527] Dolgun, p. 15.

em outras, eles eram chamados, para interrogatório ou transferência, não pelo nome, mas por uma letra. O guarda gritava "G!", por exemplo, e todos os presos cujo sobrenome começava por essa letra se punham de pé e diziam o primeiro nome e o patronímico.[528]

Mantinha-se a ordem - tal qual se faz na maioria das prisões -pela rígida regulação do cotidiano. Zayara Vesyolaya, filha de um famoso escritor russo que se tornara "inimigo do povo", descreveu em suas memórias um dia típico na Lubyanka. Ele começava com a opravka, a ida ao sanitário. "Preparem-se para o sanitário!", berravam os guardas, e as mulheres se alinhavam em silêncio, aos pares. Quando chegavam ao sanitário, tinham cerca de dez minutos - não apenas para fazer suas necessidades, mas também para lavarem a si mesmas e às roupas que pudessem. À opravka seguia-se o desjejum: água quente, talvez com algo semelhante a chá ou café, mais a ração diária de pão e dois ou três torrões de açúcar. Após o desjejum, vinha um guarda, que recebia as solicitações das que queriam ver o médico; depois, a "atividade central do dia", uma caminhada de vinte minutos num "pequeno pátio fechado andando em círculos e em fila única junto ao muro". Só uma vez se perturbou essa ordem. Certa noite, embora nunca lhe tenham contado por quê, Zayara foi levada ao telhado da Lubyanka depois que as detentas já haviam sido mandadas dormir. Dado que a Lubyanka fica no centro de Moscou, Zayara conseguia ver, se não a cidade, pelo menos as luzes da cidade - as quais, nas circunstâncias, bem podiam ser de outro país.[529]

Normalmente, o resto do dia era uma repetição: no almoço, sopa de cadeia, feita de vísceras, cereal ou repolho podre; no jantar, o mesmo. A noite, havia outra ida ao sanitário. Nesse meio-tempo, as detentas sussurravam umas para as outras, ficavam sentadas nos catres e às vezes liam livros. Zayara recorda que lhe permitiam um livro por semana, mas as regras variavam de prisão para prisão, assim como a qualidade das bibliotecas, que, como já se disse, às vezes eram excelentes. Em alguns cárceres, os presos estavam autorizados a adquirir comestíveis do "comissário" quando os parentes lhes mandavam dinheiro.

Mas havia outras torturas além do tédio e da comida ruim. Todos os presos, e não apenas aqueles em processo de interrogatório, ficavam proibidos de dormir durante o dia. Os carcereiros mantinham vigilância constante, espiando pelo "buraco de Judas" (a viseira na porta da cela) para garantir que se cumprisse a norma. Lyubov Bershadskaya lembra que, "embora nos acordassem às seis, não nos permitiam sequer sentar na cama até as onze da noite. Tínhamos ou de ficar em pé, ou de sentar na baqueta, sem poder encostar na parede".[530]

A noite não era melhor. O sono era dificultado, quando não impossibilitado, pelas lâmpadas fortes das celas, que nunca se apagavam, e pela regra que proibia os presos de dormir com as mãos debaixo da coberta. Zayara Vesyolaya começava tentando obedecer: "Era uma coisa canhestra e desconfortável, e ficava difícil pegar no sono [...] mas, tão logo cochilava, eu instintivamente puxava o cobertor para o queixo. A chave rangia na fechadura, e o guarda vinha sacudir minha cama: 'As mãos!'" Margarete Buber-Neumann

---

[528] Ver, por exemplo, Gorbatov, p. 111; ou Zarod, p. 45. Yakov Éfrussi intitulou suas memórias da prisão Kto na "E"? (Who Starts with "E"? [Quem começa com "E"?]).
[529] Vesyolaya, pp. 30-33.
[530] Bershadskaya, pp. 37-39.

escreveu que, "até a pessoa se acostumar, a noite era pior que o dia. Tente dormir à noite debaixo de lâmpadas fortes - as detentas estavam proibidas de cobrir o rosto -, em pranchas nuas sem nem mesmo um travesseiro ou um saco de palha, talvez “até sem cobertor, espremida de ambos os lados contra as outras detentas".

Talvez a ferramenta mais eficaz para impedir que os presos ficassem muito à vontade fosse a presença de informantes - que podiam ser igualmente encontrados em todas as esferas da vida soviética. Eles também desempenhavam papel importante nos campos de concentração, mas ali era menos difícil evitá-los. Na cadeia, não se conseguia fugir tão facilmente deles, o que obrigava as pessoas a medirem bem as palavras. Margarete Buber-Neumann recordaria que, com um única exceção, "nunca ouvi nenhuma crítica ao regime soviético durante todo o tempo que fiquei na Butyrka".[531]

Entre os presos, o consenso era de que havia no mínimo um informante por cela. Quando duas pessoas dividiam cela, uma desconfiava da outra. Em celas maiores, o informante era freqüentemente identificado e evitado pelos outros detentos. Quando Olga Adamova-Sliozberg chegou à Butyrka, notou que, junto à janela, tinham deixado livre um espaço de dormir. Disseram-lhe que poderia ficar com ele, mas que "a vizinhança não era das melhores". Revelou-se que a mulher que dormia sem ninguém perto dela era uma informante, a qual ficava o tempo inteiro "escrevendo declarações que denunciavam todos na cela", e por isso ninguém falava com ela.

Nem todos os informantes eram tão fáceis de identificar, e a paranóia era tão grande que qualquer comportamento diferente já despertava hostilidade. A própria Olga Adamova-Sliozberg achava que uma de suas companheiras de cela era com certeza espiã, tendo visto "a esponja com cara de artigo importado com que se lavava e a lingerie rendada que usava". Depois, passou a considerar a mulher uma amiga.[532] O escritor Variam Shalamov também escreveu que ser transferido de cela "não é experiência muito agradável. Os novos companheiros de cela sempre ficam com um pé atrás e desconfiam que o preso transferido seja informante"[533]

Não há dúvida de que o sistema era rígido, inflexível e desumano. Mas ainda assim... Quando podiam, os presos reagiam, contra o tédio, contra as pequenas humilhações constantes, contra as tentativas de dividi-los e isolá-los. Mais de um ex-preso escreveu que a solidariedade entre eles era maior nas cadeias do que seria depois, nos campos de concentração. Tão logo os presos chegavam aos campos, as autoridades podiam com muito mais facilidade dividir para reinar. A fim de fazer que os presos se estranhassem, elas os tentavam prometendo posição mais cômoda na hierarquia do campo, comida melhor ou trabalho menos pesado.

Nas carceragens, em contraste, todos eram mais ou menos iguais. Embora houvesse incentivos para que colaborassem, estes eram menos numerosos. Para muitos presos, os dias ou meses passados numa cela, antes do traslado, até constituíam uma espécie de curso de introdução a técnicas elementares de sobrevivência - e, apesar de todo o empenho dos administradores, a primeira

---

[531] Buber-Neumann, pp. 36 e 37.
[532] Adamova-Sliozberg, pp. 17 e 8.
[533] Shalamov, Kolyma Tales, pp. 200-16.

experiência deles de união contra a autoridade.

Alguns detentos simplesmente aprendiam com outros as maneiras básicas de conservar a higiene e a dignidade. Na cadeia, Inna Shikheeva-Gaister aprendeu a usar pão mastigado para fazer botões que lhe segurassem as roupas, a confeccionar agulhas de costura com espinhas de peixe, a usar fios soltos para remendar os rasgos feitos em suas vestes durante a revista; adquiriu ainda muitas outras habilidades que se mostrariam igualmente úteis nos campos.[534] Dmitrii Bystrolev (ex-espião soviético no Ocidente) descobriu como fazer "linha" com meias velhas: desmanchavam-se estas, e aguçavam-se as pontas dos fios com sabão. No campo, tal linha - assim como as agulhas que Bystrolev aprendeu a fazer com fósforos - podia depois ser negociada por comida.[535] Ensinaram Susanna Pechora, a jovem anti-stalinista, "a dormir sem que percebessem, a costurar com palitos de fósforo e a andar sem cinto".[536]

Os presos também preservavam algum controle sobre suas vidas graças à instituição do starosta, o líder de cela. Por um lado, nas cadeias, nos vagões e nos alojamentos dos campos, o starosta era figura oficialmente reconhecida, com atribuições descritas em documentos oficiais. Por outro lado, suas muitas obrigações - que iam de manter a cela limpa a garantir a ordem nas filas para o sanitário - acarretavam que a autoridade dele fosse aceita por todos.[537] Por isso, os informantes e outros favorecidos pelos carcereiros não eram necessariamente os melhores candidatos a starosta. Alexander Weissberg escreveria que, nas celas maiores, onde podia haver duzentos ou mais presos, "a vida normal não era possível sem um responsável que organizasse a distribuição de comida, as disposições para os exercícios etc". Contudo, já que a polícia secreta se negava a reconhecer toda e qualquer organização de presos - "a lógica era simples: uma organização de contra-revolucionários era uma organização de contra-revolucionários" -, encontrou-se uma clássica solução soviética, segundo Weissberg: o starosta era eleito "ilegalmente" pelos presos; o diretor da prisão ficava sabendo disso pelos informantes e então nomeava oficialmente o escolhido dos detentos.[538]

Nas celas mais apinhadas, a principal função do starosta era receber os novos presos e assegurar que todos tivessem onde dormir. De maneira quase universal, mandava-se que os detentos recém-chegados fossem dormir ao lado do parasha, o balde sanitário; depois, à medida que ganhavam tempo de cela, eles iam avançando dali para as janelas. "Não se abre nenhuma exceção para os enfermos nem para os idosos", observou Elinor Lipper.[539] O starosta também resolvia brigas e, em geral, mantinha a ordem na cela, tarefa que estava longe de ser fácil. O detento polonês Kazimierz Zarod lembraria que, quando serviu como starosta, "os guardas me ameaçavam o tempo todo com punições se eu não exercesse algum tipo de controle sobre os indisciplinados, em especial após as nove da noite; havia urna lei do silêncio depois do 'toque de recolher'". Zarod acabou indo para uma cela punitiva por não ter conseguido manter a ordem.[540] Mas, por outros relatos, tem-se a impressão de que as

---

[534] Shikheeva-Gaister, pp. 99-104.
[535] Bystroletov, p. 115.
[536] Pechora, entrevista com a autora.
[537] GARF, 9489/2/31.
[538] Weissberg, p. 278.
[539] Lipper, pp. 7-10.
[540] Zarod, p. 39.

decisões do starosta costumavam ser respeitadas.

Sem dúvida, os presos aplicavam a máxima engenhosidade para superar a regra mais severa: a estrita proibição de comunicarem-se, tanto entre as celas quanto com o mundo lá fora. A despeito da séria ameaça de punição, eles deixavam recados para outros presos no sanitário ou arremessavam mensagens por cima dos muros. Lev Finkelstein tentou jogar um pedaço de carne, um tomate e um pedaço de pão para outra cela: "quando nos levavam ao sanitário, eu procurei abrir a janela e passar a comida por ali". Foi pego e posto numa cela punitiva.[541] Presos subornavam guardas para que estes levassem mensagens, embora às vezes o fizessem por iniciativa própria. De vez em quando, um carcereiro da prisão de Stravropol transmitia recados verbais à mulher de Lev Razgon.[542]

Num testemunho apresentado ao governo polonês no exílio, um ex-detento, encarcerado catorze meses em Vilna depois que os soviéticos ocuparam essa cidade (antes sob domínio da Polônia), descreveu como os componentes do sistema prisional anterior haviam aos poucos se dissolvido. Os presos foram perdendo seus "privilégios" um a um: o direito de receber e mandar cartas, o uso da biblioteca da prisão, a posse de papel e lápis, o recebimento de remessas. Introduziram-se novos regulamentos, do tipo comum à maioria das prisões soviéticas: as luzes tinham de ficar acesas nas celas a noite toda, e as janelas, tapadas por fora com folha-de-flandres. De modo imprevisto, essa última medida criou uma oportunidade para comunicação entre as celas:

> Eu abria a janela e, pondo a cabeça contra as grades, falava com meus vizinhos. Mesmo que a sentinela no pátio ouvisse a conversa, não conseguiria saber de onde vinha a voz, pois, graças à folha-de-flandres, era impossível flagrar uma janela aberta.[543]

Mas talvez a forma mais complexa de comunicação proibida fosse o "código Morse" dos presos, que se utilizavam das paredes ou dos encanamentos para "telegrafar". O código fora concebido nos tempos czaristas - Variam Shalamov atribui sua autoria a um dos dezembristas.[544] Elinor Olitskaya o aprendera com colegas social-revolucionários, muito antes de 1924, quando foi aprisionada.[545] A revolucionária russa Vera Figner já descrevera o código em suas memórias, que foi onde Evgeniya Ginzburg leu sobre ele. Enquanto estava em fase de interrogatório, Evgeniya se recordou o suficiente para usá-lo na comunicação com uma cela vizinha.[546] O código era relativamente simples; o alfabeto cirílico se dispunha em cinco fileiras horizontais de seis letras:

| А | Б | В | Г | Д | Е (Ё) |
|---|---|---|---|---|---|
| Ж | З | И | К | Л | М |
| Н | О | П | Р | С | Т |
| У | Ф | Х | Ц | Ч | Ш |
| Щ | Ъ | Ы | Э | Ю | Я |

Cada letra era então designada por um par de batidas, a primeira indicando a

541 Finkelstein, entrevista com a autora.
542 Razgon, p. 223.
543 Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 116, Pasta 2.
544 Shalamov, Kolyma Tales, p. 215.
545 Olitskaya, pp. 180-89.
546 E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, pp. 71-72.

fileira, e a segunda, a posição na fileira:

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1,1 | 1,2 | 1,3 | 1,4 | 1,5 | 1,6 |
| 2,1 | 2,2 | 2,3 | 2,4 | 2,5 | 2,6 |
| 3,1 | 3,2 | 3,3 | 3,4 | 3,5 | 3,6 |
| 4,1 | 4,2 | 4,3 | 4,4 | 4,5 | 4,6 |
| 5,1 | 5,2 | 5,3 | 5,4 | 5,5 | 5,6 |

Às vezes, mesmo quem não lera sobre o código nem o aprendera com outras pessoas acabava entendendo-o, pois havia métodos padronizados de ensiná-lo. Quem o conhecia às vezes telegrafava o alfabeto, repetidamente, junto com uma ou duas perguntas simples, na esperança de que a pessoa que estava invisível do outro lado pegasse o sentido. Foi assim que Alexander Dolgun aprendeu o código na Lefortovo, decorando-o com a ajuda de fósforos. Quando enfim conseguiu "falar" com um preso na cela seguinte e entendeu que ele indagava "Quem é você?", sentiu "uma súbita torrente de puro amor por um homem que, havia três meses, perguntava quem eu era".[547]

O código não esteve difundido em todos os períodos. Em 1949, Zayara Vesyolaya não conseguiu "achar ninguém que conhecesse o 'alfabeto da cadeia'" na Butyrka e inferiu que a tradição só podia ter-se extinguido. Posteriormente, concluiu estar equivocada, tanto porque outros lhe contaram tê-lo usado na época quanto porque, certa vez, um guarda irrompeu na cela quando ouviu som de batidas, querendo saber de onde vinha o ruído.[548] Existiam variações. O escritor e poeta russo Anatolii Zhigulin afirma ter inventado um código, também alfabético, que ele e um grupo de amigos (haviam sido todos detidos de uma vez só) utilizaram para comunicar-se durante o inquérito.[549]

Em determinados lugares e épocas, os métodos de auto-organização dos presos assumiam formas mais complexas. Uma delas é descrita no conto "Comitês dos Pobres", de Variam Shalamov, e mencionada por outros.[550] Suas origens se devem a uma norma injusta: em certa altura, no final dos anos 1930, as autoridades de repente resolveram que presos submetidos a interrogatório não poderiam receber nenhuma remessa de seus familiares, com base na idéia de que até "dois pãezinhos franceses, cinco maçãs e umas calças velhas já bastavam para levar qualquer comunicação à cadeia". Só se poderia mandar dinheiro, e apenas em quantias redondas, a fim de que as somas não pudessem ser usadas para passar "mensagens". Entretanto, nem todas as famílias de presos enviariam dinheiro. Algumas eram demasiado pobres; outras, demasiado distantes; e outras ainda podem até ter participado da delação dos parentes detidos. Isso tudo significava que, embora alguns presos tivessem acesso semanal ao comissário da prisão - para adquirir manteiga, queijo, salsicha, fumo, pão branco, cigarros -, outros tinham de sobreviver

---

[547] Dolgun, p. 95.
[548] Vesyolaya, p. 312.
[549] Zhigulin, p. 53.
[550] Shalamov, Kolyma Tales, pp. 100-16.

apenas com a fraca dieta da cadeia e, o mais importante, sentiam-se "deslocados no feriado geral" que era o "dia do comissário".

Para resolverem esse problema, os presos da Butyrka ressuscitaram um termo dos primeiros tempos da Revolução e organizaram "Comitês dos Pobres". Cada detento doava 10% de seu dinheiro ao comitê. Este, por sua vez, adquiria comestíveis para os presos que não tinham dinheiro nenhum. O sistema se manteve durante alguns anos, até que as autoridades decidiram eliminar os comitês, prometendo a alguns presos "recompensas" de vários tipos se eles se negassem a participar. As celas, porém, reagiram, condenando os refratários ao ostracismo dentro das próprias celas. E quem, pergunta Shalamov, "se arriscaria a colocar-se em oposição ao grupo inteiro, a pessoas com as quais se está 24 horas por dia, onde apenas o sono pode salvar-nos da mirada hostil de nossos companheiros de cárcere?".

Curiosamente, esse conto é um dos poucos na extensa obra de Shalamov que termina em tom positivo: "À diferença do mundo 'livre' lá fora, ou dos campos de concentração, a sociedade das celas está sempre unida. Nos comitês, ela encontrou uma maneira de afirmar o direito de todo homem a viver a própria vida".[551]

Shalamov, um escritor tão pessimista, encontrara um fio de esperança nessa única forma organizada de solidariedade entre os presos. O trauma do traslado para os campos, e o terror dos primeiros dias de perplexidade ali, logo destruía essa esperança.

## 9. TRANSLADO, CHEGADA, SELEÇÃO

*Lembro-me do porto de Vanino*
*E do clamor do navio sombrio*
*Enquanto seguíamos pela prancha*
*Para o porão frio e escuro.*

*Os zeks sofriam com o balanço das águas,*
*O mar profundo uivava à volta deles...*
*E à frente se estendia Magadan,*
*A capital da terra de Kolyma.*

*Não brados, mas gemidos lastimáveis,*
*Saíram de cada peito*
*Quando disseram adeus à terra firme.*
*O navio jogava, forcejava, rangia...*

Canção de presos soviéticos

Em 1827, a princesa Maria Volkonskaya, esposa do rebelde dezembrista Sergei Volkonsky, deixou a família, o filho e a vida segura em São Petersburgo para juntar-se ao marido no degredo siberiano. O biógrafo da princesa descreveu a viagem, que, na época, foi considerada um sofrimento quase insuportável:

---

[551] Ibid., pp. 213 e 216.

> Dia após dia, o trenó avançava, célere, rumo ao horizonte infinito. Como se presa numa cápsula do tempo, Maria estava numa euforia febril. Havia um quê de irreal na viagem, com a escassez de sono e de alimento. Parava apenas aqui e ali, para a troca de cavalos, e aí tomava um copo de chá quente com limão, feito no onipresente samovar de bronze. A arrebatadora velocidade do trenó, puxado por três cavalos resfolegantes, ia devorando a galope aquelas distâncias ermas. "Em sempre! Em frente!", gritavam os condutores, chispando enquanto grandes tufos de neves eram levantados pelos cascos dos cavalos e os sinos dos arreios tilintavam sem cessar, alertando outros para a aproximação do veículo.[552]

Mais de um século depois, a companheira de cela de Evgeniya Ginzburg leu uma descrição semelhante da viagem de uma aristocrata pelos Urais, e suspirou de inveja: "E eu que sempre pensei que as mulheres dos dezembristas haviam encarado os sofrimentos mais atrozes..."[553]

No século XX, nem cavalos nem trenós levavam presos com "arrebatadora velocidade" pela neve siberiana, e não havia chá quente com limão, feito em samovares de bronze, para tomar nas escalas. A princesa Volkonskaya pode ter chorado durante sua jornada, mas os prisioneiros que vieram depois dela não podiam nem ouvir a palavra étap - o jargão prisional para "traslado de presos" - sem sentir medo, até pavor. Toda viagem era um salto desolador no desconhecido, uma mudança para longe dos companheiros e dos arranjos que tinham nas celas, com os quais, não importando quão ruins, já estavam acostumados. Pior: o processo de transferir presos dos cárceres para os campos de trânsito e dali para os campos de concentração, ou de transferi-los de um campo para outro no sistema Gulag, era fisicamente acachapante e descaradamente cruel. Em certo sentido, era o aspecto mais inexplicável da vida no Gulag.

Para aqueles que sofriam essa provação pela primeira vez, o fato era prenhe de simbolismo. A detenção e o interrogatório haviam sido uma iniciação no sistema, mas a viagem de trem pela Rússia representava tanto uma ruptura geográfica com a vida pregressa quanto o começo de uma nova existência. As emoções sempre estavam à flor da pele nas composições que saíam de Moscou e Leningrado, no rumo norte e leste. Thomas Sgovio, o americano que não conseguiu recuperar seu passaporte, recordaria o que aconteceu quando partiu para Kolyma:

> Nosso trem deixou Moscou na noite de 24 de junho. Era o começo de uma jornada para o leste que duraria um mês. Nunca conseguirei esquecer aquele momento. Setenta homens [...] começaram a chorar.[554]

Na maioria das vezes, viagens longas desse tipo se realizavam em etapas. Se os zeks estavam sendo mantidos em grandes prisões urbanas, eles eram primeiro levados aos trens em caminhões cujo próprio desenho já apontava a obsessão de sigilo da NKVD. Do lado de fora, os "corvos pretos", como eram apelidados, pareciam ser caminhões comuns para carga pesada, fechados. Nos anos 1930, tinham com freqüência a palavra PÃO pintada dos lados;

---
[552] Sutherland, p. 136.
[553] E. Ginzburg, Journey irito the Wldiiwind, p. 203
[554] Sgovio, pp. 129-35.

depois, porém, usaram-se logros mais sofisticados. Um preso, detido em 1948, lembraria ter viajado num caminhão com os dizeres COSTELETAS DE MOSCOU e em outro com a indicação HORTALIÇAS E FRUTAS.[555]

Do lado de dentro, os caminhões às vezes se dividiam em "duas fileiras de minúsculas jaulas, asfixiantes e escuras como breu", na descrição de um preso.[556] Outros desses veículos, seguindo um desenho de 1951, simplesmente tinham dois longos bancos, nos quais os presos se espremiam.[557] Os camponeses, e os desterrados no início das deportações em massa dos Estados bálticos e da Polônia oriental, encaravam condições ainda mais rudes. Com freqüência, seguiam apinhados em caminhões comuns, "como sardinhas", conforme me disse certa vez um lituano idoso: o primeiro preso sentava e abria as pernas, o segundo sentava entre elas e abria as suas próprias, e assim por diante, até o caminhão lotar.[558] Tais arranjos eram especialmente desconfortáveis quando era preciso ir pegando muita gente, e nesses casos a ida à estação podia levar o dia inteiro. Em fevereiro de 1940, durante as deportações que ocorreram nos antigos territórios poloneses em pleno inverno, crianças morriam congeladas antes mesmo de chegar aos trens, e adultos sofriam graves queimaduras provocadas pelo frio, das quais seus braços e pernas nunca se recuperavam.[559]

Nas cidades de província, as normas de sigilo eram menos rigorosas, e os presos às vezes marchavam pelas localidades até a estação ferroviária, uma experiência que freqüentemente lhes proporcionava o derradeiro vislumbre da vida civil - e que proporcionava aos civis um dos poucos vislumbres dos presos. Janusz Bardach rememoraria a surpresa que sentiu ante a reação dos moradores de Petropavlovsk quando viram presos caminharem pelas ruas:

> Ao redor, a maioria eram mulheres envoltas em xales e longos e pesados casacos de feltro. Para meu espanto, começaram a gritar com os guardas: "Fascistas... Assassinos... Por que não vão lutar na frente de batalha?..." Aí, passaram a atirar bolas de neve neles. Dispararam-se vários tiros para o ar, e as mulheres recuaram uns bons passos, mas continuaram a xingar e a nos seguir. Lançavam à coluna pacotes de comida, pães grandes, batatas e pedaços de toucinho. Uma mulher tirou o xale e o casaco pesado e os deu a um homem que não tinha nenhum agasalho. Peguei um par de mitenes de lã.[560]

Tais reações tinham muita tradição na Rússia: Dostoievski escreveu sobre as donas-de-casa que, nas festas natalinas, enviavam "pães finos da melhor farinha" para os detentos das prisões czaristas.[561] Nos anos 1940, porém, essas atitudes eram relativamente raras. Em muitos lugares - entre os quais Magadan era notória -, o espetáculo de presos nas ruas era tão corriqueiro que não despertava reação alguma.

Fosse a pé, fosse de caminhão, os presos acabavam chegando à estação ferroviária. Às vezes, eram estações comuns; às vezes, eram especiais - "um

---

[555] Khachatryan, entrevista com a autora.
[556] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, p. .100.
[557] GARF, 8466/1/23.
[558] Anônimo, entrevista com a autora, Vilnius, setembro de 1991; Fidelgolts.
[559] Glowacki, pp. 320-405.
[560] Bardach, p. 156.
[561] Dostoevsky, p. 170.

pedaço de terra cercado com arame farpado", na lembrança de Lev Finkelstein. Ele também recordaria que os presos se submetiam a uma série de rituais especiais antes de poderem embarcar:

> Há uma longa coluna de prisioneiros. Você é contado, recontado e contado outra vez. O trem está lá [...] e então chega a ordem: "De joelhos!" O embarque é um momento delicado: alguém pode começar a correr. Por isso, asseguram-se de que todos fiquem de joelhos. E é melhor você não se levantar, porque nessa hora eles são rápidos no gatilho. Depois, fazem a contagem, põem as pessoas no vagão e as trancam. O trem nem se mexe - fica-se ali, em pé, horas a fio. Aí, de repente, "Estamos partindo!", e começamos a nos mover.[562]

Do lado de fora, os vagões pareciam absolutamente comuns - a não ser pelo fato de que eram mais bem protegidos que a maioria. Edward Buca, que fora aprisionado na Polônia, observou seu vagão com o olhar cuidadoso de um homem que tinha esperança de escapar. Lembraria que "cada vagão estava envolto em muito arame farpado; do lado de fora, havia plataformas de madeira para os guardas; tinham-se instalado lâmpadas elétricas no topo e na barriga de cada vagão; e as janelinhas exibiam grossas barras de ferro". Mais tarde, Buca foi olhar embaixo do vagão para ver se havia espigões de ferro. Sim, havia.[563] Finkelstein também se recorda de que, "toda manhã, ouvia-se aquele martelar - os guardas tinham martelos de madeira e sempre ficavam batendo nos vagões, para garantir que ninguém tentasse fugir abrindo um buraco".[564]

. Muito raramente, faziam-se arranjos fora do habitual para presos especiais. Anna Larina, mulher do líder soviético Nikolai Bukharin, não viajou com outros presos; foi colocada no compartimento dos guardas do trem.[565] Contudo a imensa maioria dos presos e degredados viajava junta, num de dois tipos de trem. O primeiro eram os Stolypinki, "vagões Stolypin" - batizados, ironicamente, com o nome . de um dos mais vigorosos e reformistas primeiros-ministros do czar, no inicio do século XX, o qual teria introduzido esses carros. Eram vagões comuns que haviam sido adaptados para o traslado de presos. Podiam ser enfileirados numa enorme composição própria; ou ser engatados, um ou dois de cada vez, a trens comuns. Um ex-passageiro os descreveu assim:

> Um Slolypinka se assemelha a um vagão russo de terceira classe, excetuado o fato de que tem um monte de grades de ferro. As janelas, é claro, têm barras. Os compartimentos individuais são separados por alambrados em vez de paredes, como gaiolas, e uma cerca comprida de ferro os aparta do corredor. Esse arranjo permite que os guardas fiquem sempre de olho em todos os presos.[566]

Os vagões Stolypin também eram apinhadíssimos:

> Em cada um dos dois beliches de cima, deitavam-se dois homens, com os pés virados um para a cabeça do outro. Nos dois beliches do meio,

---

562 Finkelstein, entrevista com a autora.
563 Buca, p. 26.
564 Finkelstein, entrevista com a autora.
565 Larina, p. 149.
566 Gliksman, pp. 230-31.

> havia sete, com as cabeças voltadas para a porta e um atravessado aos pés dos outros. Sob cada um dos beliches inferiores, tinha-se um homem, com mais catorze empoleirados nos beliches e nas trouxas de pertences amontoados no chão entre os beliches e a porta. A noite, todos aqueles ao rés-do-chão davam algum jeito de deitar-se um ao lado do outro:[567]

Havia outra desvantagem, esta mais importante: dentro dos vagões Stolypin, os guardas tinham condições de vigiar os presos o tempo todo e, portanto, controlar o que comiam, ouvir o que conversavam - e decidir quando e como podiam fazer suas necessidades. Praticamente todo memorialista que descreve os trens menciona os horrores relacionados a elas. Uma, às vezes duas e às vezes nenhuma vez por dia, os guardas levavam presos ao sanitário, ou então paravam o trem para que os passageiros pudessem descer:

> O pior acontece quando, após um longo regateio com os guardas, deixam que saíamos dos vagões e todo o mundo procura um lugarzinho onde possa aliviar-se debaixo do trem, sem se preocupar com a platéia que assiste de todos os lados.[568]

Por mais constrangedoras que fossem essas paradas, os presos com distúrbios estomacais ou outros problemas de saúde estavam em muito pior situação, como recordariam:

> Os que não conseguiam segurar-se sujavam, lamurientos, as próprias calças e freqüentemente os presos próximos a eles. Mesmo quando se compartilhavam os sofrimentos, era difícil para alguns não odiarem os infelizes que faziam aquilo.[569]

Por tal motivo, alguns presos realmente preferiam a outra forma de traslado prisional - os vagões de gado. Estes eram o que sugerem: vagões vazios, não necessariamente equipados para seres humanos, às vezes dotados de beliches e às vezes aquecidos com um fogareiro no meio. Embora mais rudimentares que os vagões Stolypin, os de gado não se dividiam em compartimentos, e havia mais espaço para movimentação. Também tinham "sanitários" (buracos no piso), mitigando a necessidade de precisar implorar aos guardas.[570]

Todavia, os vagões abertos também tinham seus tormentos específicos. Às vezes, por exemplo, os buracos no piso ficavam bloqueados. No trem de Buca, o buraco acabou tapado pelo gelo. "Então o que fazíamos? Mijávamos por um fenda entre o piso e a parede e cagávamos num pedaço de pano, fazendo depois uma trouxinha e esperando que o trem parasse em algum lugar e abrisse as portas, para que pudéssemos jogar aquilo fora."[571] Nos trens cheios de deportados, em que adultos e crianças de ambos os sexos eram jogados juntos, os buracos no piso criavam outros problemas. Uma degredada, desterrada como filha de kulak nos anos 1930, lembraria que as pessoas ficavam "terrivelmente envergonhadas" por terem de urinar na frente umas das

---

[567] Panin, p. 36.
[568] Ptasnik, pp. 846-54.
[569] Noble, p. 71.
[570] Tiif, p. 125.
[571] Buca, p. 29.

outras e era grata por poder fazê-lo escondida pelas saias da mãe.[572]

Contudo o verdadeiro suplício não era a lotação, o sanitário nem o constrangimento. Era a falta de alimento - e, especialmente, de água. Às vezes, dependendo da rota e do tipo de trem, servia-se comida quente aos presos. As vezes, não. Em geral, as "rações secas" para o traslado se constituíam unicamente de pão - o qual era distribuído ou em pedaços pequenos, de trezentos gramas por dia, ou em quantidades maiores, de dois quilos mais ou menos, que deviam durar uma viagem de 34 dias.

Junto com o pão, os presos costumavam receber peixe seco - cujo resultado era deixá-los sedentos ao extremo.[573] No entanto, era raro ganharem mais que uma caneca de água por dia, mesmo no verão. Essa pratica predominava tanto que sempre emergem histórias da sede pavorosa experimentada pelos presos. "Uma vez, ficamos três dias sem receber água, e, na véspera do ano-novo de 1939, em algum lugar perto do lago Baikal, tivemos de lamber o gelo preto que pendia dos vagões", escreveu um ex-zek.[574] Numa viagem de 28 dias, outra pessoa se lembra de terem-lhe dado água três vezes; de quando em quando, o trem parava "para retirarem os cadáveres".[575]

Mesmo quem recebia aquela caneca diária sofria tormentos. Evgeniya Ginzburg recordaria a decisão excruciante a que tinham de chegar: tomar a caneca inteira de manhã ou procurar poupar água.

"Quem bebericava de vez em quando e fazia a água durar o dia inteiro nunca tinha um instante de sossego. Pessoas ficavam de olho em nossas canecas o dia inteiro, como gaviões."[576] Isso, é claro, se os presos tinham canecas: até o fim da vida, uma prisioneira lembraria o momento trágico em que lhe roubaram o bule de chá que ela conseguira levar consigo. O bule não deixava derramar a água, possibilitando que bebericasse pelo dia todo. Sem ele, não tinha onde guardar a água e foi supliciada pela sede.[577]

Piores eram as lembranças de Nina Gagen-Torn, que esteve num trem de traslado que, no meio do verão, permaneceu três dias parado nas imediações de Novossibirsk. A cadeia onde os presos ficavam em trânsito na cidade estava lotada: "Era julho. Uma canícula. Os tetos dos vagões Stolypin começaram a brilhar, e nos púnhamos nos beliches tal qual bolinhos no forno". O vagão de Nina decidiu fazer greve de fome, embora os guardas os ameaçassem com novas sentenças, mais longas. "Não queremos pegar disenteria", as presas gritavam para eles. "Faz quatro dias que estamos sentadas na nossa própria merda." Com relutância, os guardas enfim as deixaram beber um pouco de água e lavar-se.[578]

Uma presa polonesa também se viu num trem que precisou ficar parado - mas na chuva. Como era natural, as prisioneiras tentavam coletar a água que vinha do teto. Mas, "quando estendíamos nossas canecas entre as barras das janelas, o guarda que estava no teto gritou que atiraria, porque aquilo era

---

[572] Znamenskaya, pp. 20-22.
[573] Karta, Coleção Kazimierz Zamorski, Pasta 1, Arquivos 1253 e 6294.
[574] Zabolotskii, p. xx.
[575] Bershadskaya, pp. 47-49.
[576] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, p. 229.
[577] Yakovenko, pp. 176-79.
[578] Gagen-Torn, pp. 69-72.

proibido".[579]

As viagens de inverno não eram necessariamente melhores. Outra polonesa desterrada lembraria que, na viagem de trem para o leste, só consumiram "gelo e pão congelado".[580] No verão ou no inverno, outros deportados viviam tormentos específicos. Quando um trem de degredados parou numa estação comum (coisa excepcional), os presos saíram correndo para comprar alimentos da gente do lugar. "Nossos judeus chisparam atrás dos ovos", recordaria um passageiro polonês. "Preferiam morrer de fome a comer algo que não fosse kosher."[581]

Os muito idosos e muito novos eram os que mais sofriam. Barbara Armonas, lituana casada com americano, foi deportada junto com um grande grupo de conterrâneos, adultos e crianças de ambos os sexos. Entre eles, estava uma mulher que dera à luz quatro horas antes, assim como uma paralítica de 83 anos que não conseguia limpar-se -"logo, tudo a seu redor fedia, e ela estava coberta de feridas abertas". Havia também três bebês:

> Os pais deles tinham grande problema com as fraldas, pois era impossível lavá-las regularmente. Às vezes, quando o trem parava depois da chuva, as mães saltavam para lavá-las nas valas. Irrompiam brigas por causa dessas valas, já que alguns queriam lavar louça, outros o rosto e outros as fraldas sujas, tudo ao mesmo tempo [...] os pais envidavam todos os esforços para manter os filhos limpos. As fraldas sujas eram deixadas para secar e então sacudidas. Rasgavam-se lençóis e camisas para improvisar fraldas, e às vezes os homens amarravam as fraldas no pulso, tentando fazê-las secar mais depressa.

As crianças pequenas não passavam melhor:

> Alguns dias eram escaldantes, o fedor nos vagões se tornava insuportável, e várias pessoas adoeciam. No nosso, um menino de dois anos estava com febre alta e chorava o tempo todo por causa da dor. O único socorro que os pais conseguiram foi um pouco de aspirina que alguém lhes deu. O menino ficou cada vez pior e acabou morrendo. Na parada seguinte, numa floresta desconhecida, os soldados tiraram seu cadáver do trem e, imagino, o enterraram. O pesar e a raiva impotente dos pais eram de partir o coração. Em circunstâncias normais, com cuidados médicos, ele não teria morrido. Agora, nem se sabia ao certo onde fora enterrado.[582]

Para os inimigos do povo - diferenciando-se dos deportados -, tomavam-se às vezes providências especiais, que não melhoravam necessariamente as coisas. Mariya Sandratskaya, detida dois meses após ter dado à luz, foi colocada num trem lotado de mães que amamentavam. Durante dezoito dias, 65 mulheres e 65 bebês viajaram em dois vagões de gado, cujo único aquecimento vinha de dois fogões muito pequenos e muito fumacentos. Não havia rações especiais, nem água quente para banhar as crianças ou lavar as fraldas, que então ficavam "verdes de sujeira". Duas das mulheres se

---

[579] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[580] Ibid., Caixa 110, Pasta 2.
[581] Ptasnik, p. 853.
[582] Armorias, pp. 40-44.

suicidaram, cortando a garganta com vidro. Outra enlouqueceu. As demais se encarregaram dos três bebês. Mariya "adotou" um deles. Até o fim da vida, teve a convicção de que só o leite materno salvara seu bebê, que contraiu pneumonia. Desnecessário dizer que não se dispunha de nenhum medicamento.

Ao chegarem à cadeia de Tomsk, onde ficariam até voltar a seguir viagem, a situação praticamente não mudou. A maioria das crianças ficou doente. Duas morreram. Mais duas mães tentaram suicidar-se, mas foram impedidas. Outras realizaram uma greve de fome. No quinto dia da greve, foram visitadas por uma comissão da NKVD; uma das mulheres atirou o filho contra eles. Só quando chegaram ao Temlag - o campo feminino, destinado sobretudo às "esposas" presas - Mariya Sandratskaya conseguiu organizar um jardim-de-infância; depois, convenceu parentes a virem e levarem o bebê.[583]

Por mais grotesca e desumana que a história de Mariya possa parecer, não era única. Uma ex-médica de campo também descreveu como fora colocada num "traslado de crianças", junto com quinze mães que amamentavam, mais 25 outras crianças e duas "babás". Todas haviam marchado em comboio para a estação; sido postas não num trem comum, mas num vagão Stolypin com grades nas janelas; e sido privadas de alimentação adequada.[584]

De tempos em tempos, todos os trens de traslado faziam paradas, mas estas não ofereciam necessariamente algum alívio. Os presos eram desembarcados, colocados em caminhões e levados para cadeias, onde ficariam em caráter provisório. O regime em tais lugares era semelhante ao das detenções onde se realizavam interrogatórios; só que os carcereiros tinham ainda menos interesse pelo bem-estar dos presos, os quais provavelmente não tornariam a ver. Em conseqüência, o regime prisional era absolutamente imprevisível.

Karol Harenczyk, polonês trasladado da Ucrânia ocidental para Kolyma no início da Segunda Guerra, lembraria os méritos relativos das muitas prisões transitórias em que ficou. Num questionário que preencheu por solicitação do Exército polonês, observou que a cadeia de Lvov não tinha umidade, contava com "bons chuveiros" e era "bastante limpa". Em contraste, a de Kiev era "superlotada, indescritivelmente suja" e infestada de piolhos. Em Kharkov, a cela de 96 metros quadrados onde o puseram estava apinhada com 387 pessoas e milhares de piolhos. Em Aremovsk, a prisão ficava "quase completamente às escuras", e não se permitiam caminhadas; "não se limpava o chão, de cimento, e os restos de peixe eram deixados ali. A sujeira, o cheiro e a falta de ar provocavam dor de cabeça e tontura", tanto que os presos andavam de quatro. Em Voroshilovgrad, a cadeia também era "bastante limpa", e os presos podiam fazer as necessidades fora da cela, duas vezes por dia. No campo de trânsito de Starobelsk, tinham permissão para caminhar só uma vez por semana, durante meia hora.[585]

Talvez as mais primitivas dessas prisões transitórias fossem as do litoral do Pacífico, onde os presos permaneciam antes do embarque em navios para Kolyma. De início, nos anos 1930, só existia uma: Vtoraya Rechka, perto de Vladivostok. No entanto, era tão superlotada que, em 1938, se construíram

---

583 Sandratskaya, memórias não publicadas.
584 Kaufman, pp. 228-33.
585 Karta, Coleção Kazimierz Zamorski, Pasta 1, Arquivo 1253.

mais dois campos de trânsito: Bukhta Nakhodka e Vanino. Mesmo então, não havia alojamento suficiente para os milhares de detentos que aguardavam os navios.[586] Um preso esteve em Bukhta Nakhodka no final de julho de 1947: "Mantinham 20 mil pessoas a céu aberto. Não se dizia nem uma palavra sequer sobre construir alguma coisa - eles sentavam, deitavam e viviam no chão".[587]

Quanto à água, a situação tampouco melhorava muito se comparada ao que vigorava nos trens, apesar do fato de que os presos ainda sobreviviam à base principalmente de peixe seco, no auge do verão:

> Por todo o campo, lia-se este aviso: "Não beba água sem ferver". E entre nós grassavam duas epidemias - tifo e disenteria. Mas os presos não davam atenção aos avisos e bebiam a água que pingava aqui e ali [...] qualquer pessoa consegue entender quanto estávamos desesperados por um gole de água para matar a sede.[588]

Para presos que viajavam fazia muitas semanas - e memorialistas relatam jornadas ferroviárias de até 47 dias para Bukhta Nakhodka -,[589] as condições nos campos de trânsito do Pacífico eram quase insuportáveis. Um deles registra que, quando o trem chegou a Bukhta Nakhodka, 70% de seus companheiros tinham cegueira noturna (efeito colateral do escorbuto) e diarréia.[590] Não havia muita assistência médica disponível. Em outubro de 1938, sem medicamentos e sem cuidados adequados, o poeta russo Osip Mandelstam morreu em Vtoraya Rechka, paranóico e delirante.[591]

Para quem não estava demasiado incapacitado, era possível ganhar um pouquinho de pão extra nos campos de trânsito do Pacífico. Os presos podiam carregar baldes de cimento, descarregar mercadorias de vagões e cavar latrinas.[592] Aliás, alguns se lembram de Bukhta Nakhodka como "o único campo onde os prisioneiros imploravam para trabalhar". Uma polonesa recordaria que "eles só alimentavam quem podia trabalhar, mas, como havia mais presos do que trabalho, alguns morriam de fome [...]. A prostituição florescia, como as íris nas campinas siberianas".[593]

Thomas Sgovio lembraria que outros sobreviviam de trocas:

> Existia um espaço grande e aberto que denominavam a feira. Ali, os presos se reuniam e praticavam o escambo [...]. O dinheiro de nada valia. A maior procura era por pão, fumo e pedaços de jornal, usados para fazer cigarro. Havia presos não-políticos que cumpriam pena como pessoal de manutenção e serviço. Trocavam pão e fumo pelas roupas dos recém-chegados; depois as revendiam para cidadãos do lado de fora, recebendo em rublos e acumulando assim uma soma para o dia em que, soltos, voltariam ao mundo soviético. Durante o dia, a feira era o lugar mais concorrido do campo. Naquele buraco comunista,

---

[586] Stephan, The Russian FarEast, pp. 225-32.
[587] Tvardovskii, pp. 249-51.
[588] Sgovio, pp. 135-44.
[589] Conquest, Kolyma, p. 20.
[590] Karta, Coleção Kazimierz Zamorski, Pasta 1, Arquivo 1253.
[591] Nerler, pp. 360-79.
[592] Karta, Coleção Kazimierz Zamorski, Pasta 1, File 15,876.
[593] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 113, Pasta 9.

presenciei o que, na realidade, era a forma mais crua de sistema de livre iniciativa.[594]

No entanto, para esses presos, os horrores da viagem não acabavam nos trens nem nos campos de trânsito. A viagem para Kolyma tinha de completar-se de barco - tal como no caso dos prisioneiros que subiam o rio Ienissei, de Krasnoyarsk a Norilsk, ou que, nos primeiros tempos, atravessavam o mar Branco em barcaças, de Arcangel a Ukhta. Era raro o preso que, em especial quando embarcando nos navios para Kolyma, não sentia que fazia uma jornada rumo ao abismo, navegando pelo Estige para longe do mundo conhecido. Muitos nunca haviam entrado num barco antes."[595]

As embarcações em si não tinham nada de extraordinário. Velhos cargueiros a vapor holandeses, suecos, ingleses e americanos - que de modo algum haviam sido projetados para o transporte de passageiros - faziam regularmente a rota para Kolyma. Tinham recebido nova designação, para adequar-se à nova tarefa, mas as mudanças eram sobretudo cosméticas. As letras DS (de "Dalstroi") foram pintadas nas chaminés; instalaram-se ninhos de metralhadores nas cobertas; e construíram-se rústicos beliches de madeira nos porões de carga, compartimentados por grades de ferro. O maior navio da Dalstroi, originaria-mente destinado a carregar enormes quantidades de cabo, foi de início batizado Nikolai Yezhov. Depois que Yezhov caiu em desgraça, o barco foi rebatizado Feliks Dzerzhinsky - o que exigiu dispendiosa alteração no registro internacional.[596]

Faziam-se poucas concessões à carga humana, que era obrigada a ficar fora das cobertas na primeira parte da viagem, quando os navios passavam perto do litoral japonês. Durante esses poucos dias, a escotilha que levava da coberta ao porão ficava muito bem trancada, para a eventualidade de que aparecesse algum pesqueiro japonês.[597] De fato, essas viagens eram consideradas tão secretas que, em 1939, quando o Indigirka - um navio da Dalstroi com 1.500 passageiros, na maioria presos que retornavam para o sul - se chocou contra um recife ao largo da ilha japonesa de Hokkaido, a tripulação preferiu deixar a maior parte dos passageiros morrer a pedir socorro. Não havia aparato salva-vidas, e os tripulantes, não querendo revelar o verdadeiro conteúdo de seu "cargueiro", não solicitaram o auxílio de outras embarcações, embora muitas estivessem disponíveis na área. Uns poucos pescadores japoneses vieram ajudar, por conta própria, mas não puderam fazer nada: mais de mil pessoas morreram no desastre.[598]

Mesmo quando não acontecia nenhuma catástrofe, os presos sofriam com o sigilo, que requeria o confinamento forçado. Os guardas jogavam a comida no porão e deixavam que os cativos a disputassem. Os presos recebiam água em baldes, baixados lá de cima. Tanto a comida quanto a água eram escassas - e o mesmo valia para o ar. A anarquista Elinor Olitskaya recordaria que as pessoas começavam a vomitar tão logo embarcavam.[599] Descendo ao porão, Evgeniya Ginzburg também passou mal na mesma hora: "Se continuei de pé,

---

594 Sgovio, p. 140.
595 Conquest, Kolyma,p. 24; E. Ginzburg, Journey into the Whiriwind, pp. 351-53.
596 Conquest,Kolyma, p. 25.
597 Ibid., pp. 25-27; Golovanov.
598 Nordlander, "Capital of the Gulag", pp. 290-91; Conquest, Kolyma, p. 25.
599 Olítskaya, pp. 229-33.

foi só porque não havia espaço para cair". Uma vez dentro do porão,

> era impossível mexer-se; nossas pernas adormeciam, a fome e o ar marinho nos deixavam tontas, e todas estávamos mareadas [...] apinhadas às centenas, mal conseguíamos respirar; sentávamos ou deitávamos no piso sujo ou uma sobre a outra, abrindo as pernas para acomodar quem estava na frente.[600]

Depois que se passava a costa japonesa, os presos eram às vezes autorizados a subir à coberta para usar os poucos sanitários do navio, que de jeito nenhum bastavam para milhares de passageiros. Memorialistas rememoram esperas de duração variada para usá-los: "duas horas", "sete ou oito horas", "o dia inteiro".[601] Sgovio assim descreveu esses sanitários:

> Uma armação semelhante a uma caixa, improvisada com tábuas, era fixada ao costado do navio [...] da coberta do navio, que jogava, era bem complicado subir à amurada e dali passar à tal caixa. Os presos que eram mais idosos e os que nunca haviam estado no mar tinham medo de entrar lá. Um cutucão do guarda, mais a necessidade de aliviar-se, acabava por fazê-los superar a relutância. Dia e noite, durante toda a viagem, havia uma longa fila na escada. Na caixa, só deixavam entrar dois homens de cada vez.[602]

Entretanto, os suplícios físicos da vida a bordo eram superados pelas torturas inventadas pelos próprios presos - ou melhor, pelos criminosos entre eles. Isso era especialmente verdadeiro no final dos anos 1930 e começo dos 40, quando a influência da bandidagem no sistema de campos estava no auge e os presos políticos e comuns ficavam misturados de maneira indiscriminada. Alguns presos políticos já haviam topado com criminosos nos trens. A finlandesa Aino Kuusinen relembraria que "o pior da viagem eram os menores delinqüentes, que ficavam com os leitos de cima e cometiam todo tipo de indecência - cuspir, lançar xingamentos obscenos e até urinar nos presos adultos".[603] Nos navios, a situação era pior. Elinor Lipper, que fez a viagem para Kolyma no final dos anos 1930, descreveu como as presas políticas

> deitavam-se espremidas no piso alcatroado do porão, pois as criminosas tinham se apossado da plataforma de pranchas. Se alguma de nós se atrevesse a erguer a cabeça, seria saudada com uma chuva de vísceras e cabeças de peixe. Quando alguma das criminosas mareadas vomitava, aquilo caía direto sobre nós.[604]

Os presos polacos e baltas, que tinham melhor vestuário e pertences mais valiosos do que os de seus equivalentes soviéticos, eram ainda mais visados. Em certa ocasião, um grupo de criminosos apagou as luzes do navio e atacou presos poloneses, matando alguns e assaltando o resto. "Os polacos que sobreviveram", escreveu um deles, "souberam pelo resto da vida o que era estar no inferno."[605]

---

[600] E. Ginzburg, Journey into the Whiriwind, p. 353.
[601] Karta, Coleção Kazimierz Zamorski, Pasta 1, Arquivos 6294, 15882, e 15876.
[602] Sgovio, p. 143.
[603] Kuusinen, p. 150.
[604] Lipper, pp. 92-95.
[605] Karta, Coleção Kazimierz Zamorski, Pasta 1, Arquivo 1722.

Os resultados da mistura de homens com mulheres podiam ser muito piores até que os da mistura de presos políticos com criminosos. Estritamente falando, isso era proibido: os dois sexos viajavam separados nos navios. Mas, na prática, podiam-se subornar os guardas para deixar homens entrarem no porão das mulheres, com conseqüências terríveis. O "bonde de Kolyma" - os bandos de estupradores a bordo - era tema de conversa em todo o sistema de campos. Elena Glink, uma sobrevivente, descreveu esses homens:

> Eles estupravam conforme mandava o "condutor" do bonde [...] depois, à ordem Konchai bazar ["Acabou a festa"], eles se desembaraçavam, relutantemente, e davam vez aos seguintes, que haviam ficado esperando em pé, prontinhos [...] as mortas eram arrastadas pelas pernas até a porta e empilhadas na soleira. As que permaneciam eram trazidas de volta à consciência (jogava-se água nelas), e a fila recomeçava. Em maio de 1951, a bordo do Minsk [famoso em toda a região Kolyma por seu "bonde grande"], os cadáveres das mulheres eram atirados ao mar. Os guardas nem sequer anotavam o nome das mortas.[606]

Pelo que Elena sabia, ninguém jamais era punido pelo crime de estupro nesses navios. O adolescente polonês Janusz Bardach, que se viu num navio para Kolyma em 1942, tinha a mesma opinião. Bardach esteve presente quando um grupo de criminosos planejou uma investida ao porão das mulheres; ele observou enquanto esses homens abriam um buraco na grade de ferro que separava os dois sexos:

> Tão logo passaram pelo buraco e viram as mulheres, os homens rasgaram as roupas delas. Vários atacavam uma mulher de cada vez. Eu podia ver os corpos alvos das vítimas se retorcerem, as pernas chutarem energicamente, as mãos arranharem o rosto dos homens. As mulheres mordiam, choravam e gemiam. Os estupradores reagiam, esbofeteando-as [...] quando acabaram as mulheres, alguns dos mais corpulentos se voltaram para os leitos, à cata de rapazes. Esses adolescentes foram acrescidos ao massacre; jaziam ali, imóveis, de barriga, sangrando e chorando no chão.

Nenhum dos outros presos tentou deter os estupradores: "centenas de homens ficaram assistindo à cena de seus leitos, mas nenhum procurou intervir". Segundo Bardach, o ataque só terminou quando os guardas na coberta superior varreram o porão com água. Em seguida, um punhado de mortas e feridas foi arrastado para fora. Ninguém recebeu punição.[607]

Conforme escreveu uma sobrevivente, "qualquer um que tenha visto o inferno de Dante diria que ele era fichinha se comparado ao que acontecia naquele navio".[608]

Há muito mais histórias sobre os traslados, algumas delas tão trágicas que mal se consegue repeti-las. De fato, essas viagens eram tão horríveis que, na memória coletiva dos sobreviventes, elas se tornaram um enigma tão difícil de compreender quanto os próprios campos. Aplicando psicologia humana mais

---

606 Elena Glink, "Kolyma Tram", inVilensky, Osventsim bezpechei, pp. 10-16.
607 Bardach, pp. 191-93.
608 Karta, Coleção Kazimierz Zamorski, Pasta 1, Arquivo 1253.

ou menos normal, é possível explicar a crueldade dos comandantes de campo, eles próprios sob pressão para cumprir normas e metas, como veremos. É até possível explicar as ações dos interrogadores, cujas vidas dependiam do sucesso em obter confissões e que às vezes eram selecionados por serem sádicos. No entanto, é muito mais difícil explicar por que um guarda comum de comboio se recusava a dar água a presos que estavam a ponto de morrer de sede; a arranjar aspirina para uma criança febril; ou a proteger Mulheres de serem curradas até a morte.

Decerto não há prova de que os guardas de comboio fossem explicitamente instruídos a torturar os presos em traslado. Pelo contrário: existiam normas minuciosas de proteção a esses traslados, e a ira oficial se desencadeava quando não eram cumpridas, o que acontecia com freqüência. Um decreto de dezembro de 1941, "sobre o aprimoramento da organização do traslado de presos", descrevia com indignação a "irresponsabilidade" e o comportamento às vezes "criminoso" de alguns dos guardas e funcionários de comboio do Gulag: "Como resultado, presos têm chegado famélicos aos lugares a eles designados e, por conseguinte, ficam certo tempo sem poder ser postos para trabalhar".[609] Em 25 de fevereiro de 1940, uma agastada ordem oficial reclamava não só de que se colocara em trens para os campos setentrionais um determinado número de presos enfermos e incapacitados, coisa que, em si, já era proibida, mas também de que muitos mais não tinham recebido alimento nem água, não tinham sido providos no caminho de trajes adequados para o inverno e não vinham acompanhados de suas fichas pessoais, que portanto deviam ter desaparecido. Em outras palavras, presos entravam em campos onde ninguém sabia dos crimes nem das sentenças deles. Em 1939, de 1.900 prisioneiros num traslado para o extremo norte, 590 apresentavam "limitada capacidade de trabalho" ao chegar, estando ou muito debilitados, ou muito doentes. A alguns faltavam poucos meses para cumprir suas penas; outros já as haviam cumprido por completo. A maioria estava "mal calçada" e não tinha agasalho. Em novembro de 1939, outros 272 presos, nenhum dos quais tinha capotes para o inverno, foram levados em caminhões abertos por uma distância de quinhentos quilômetros; como resultado, muitos adoeceram, e alguns vieram a morrer. Relataram-se todos esses fatos, com a devida indignação e ira, e puniram-se guardas negligentes.[610]

Numerosas instruções também regulavam as prisões onde os presos ficavam em caráter transitório. Em 26 de junho de 1940, por exemplo, uma ordem descreveu a organização desses estabelecimentos, exigindo peremptoriamente que seus diretores construíssem cozinhas, banhos e sistemas de desinfestação.[611] Não menos importante era a segurança das embarcações prisionais da Dalstroi. Em dezembro de 1947, quando explodiu dinamite em dois navios ancorados em Magadan, redundando em 97 mortes e 224 hospitalizações, Moscou acusou o porto de "negligência criminosa". Os responsabilizados foram a julgamento e receberam sentenças criminais.[612]

Em Moscou, os chefões do Gulag estavam bem cientes dos horrores dos navios prisionais. Em 1943, um relatório da promotoria de Norilsk queixava-se de que os presos que aportavam ali (eles subiam o Ienissei em barcaças)

[609] GARE, 9401/1/614.
[610] GARE, 9401/1a/61.
[611] GARF, 9401/1a/64.
[612] GARF, 9401/2/171 e 199.

estavam

> com freqüência, em más condições físicas [...] dos 14.125 presos que vieram para Norilsk em 1943, cerca de quinhentos foram hospitalizados em Dudinka [o porto de Norilsk] no primeiro ou segundo dia após a chegada; até mil ficaram temporariamente inaptos para o trabalho, pois haviam sido privados de alimento.[613]

Apesar de todo o escarcéu, o sistema de traslado mudou muito pouco no decorrer do tempo. Davam-se ordens, apresentavam-se queixas. No entanto, em 24 dezembro de 1944, um comboio adentrou a estação de Komsomolsk (no Extremo Oriente) no que até o promotor-assistente do sistema Gulag considerou condições abomináveis. Seu relatório oficial do destino da SK 950 - essa composição de 51 vagões - só pode indicar uma espécie de nadir, mesmo na história horripilante dos traslados do Gulag:

> Chegaram em vagões sem aquecimento que não tinham sido preparados para o transporte de presos. Em cada carro, havia entre dez e doze beliches, nos quais não podiam caber mais que dezoito pessoas; apesar disso, contavam-se até 48 pessoas por carro. Os vagões não estavam providos de latões de água em número suficiente, de modo que ocorriam interrupções no suprimento, às vezes por dias e noites inteiros. Deu-se pão congelado aos presos, e durante dez dias eles não receberam nem isso. Os presos chegaram trajados com uniforme de verão, sujos, cobertos de piolhos, com sinais evidentes de ulceração pelo frio [...] os presos enfermos tinham sido largados no piso dos vagões, sem socorro médico, e morreram ali mesmo. Mantiveram-se os cadáveres nos vagões por longos períodos [...].

Das 1.402 pessoas enviadas na composição SK 950, chegaram 1.291; 53 haviam morrido na viagem, e 66 haviam sido deixadas em hospitais pelo caminho. Na chegada, mais 335 foram hospitalizadas com queimaduras de frio de terceiro ou quarto grau, pneumonia e outras doenças. Ao que parecia, o comboio viajara sessenta dias, em 24 dos quais ficara parado em vias laterais, "por causa da má organização". Contudo, mesmo nesse caso extremo de negligência, o responsável pela composição, um certo camarada Khabarov, não recebeu mais que uma "repreensão com advertência".[614]

Muitos sobreviventes de traslados semelhantes procurariam explicar esses grotescos maus-tratos sofridos pelos prisioneiros nas mãos de guardas de comboio jovens e inexperientes, os quais estavam longe de ser os matadores treinados destacados para o sistema prisional. Nina Gagen-Torn especularia que "aquilo era prova não de maldade, mas simplesmente de total indiferença. Não nos viam como pessoas. Éramos apenas carga viva".[615] Antoni Ekart, polonês preso após a invasão soviética de 1939, também achava que

> a privação de água não era proposital, para torturar-nos; antes, devia-se ao fato de que a escolta tinha de despender esforço extra para trazer água e só o faria caso recebesse ordens. O comandante da escolta não estava nem um pouco interessado, e os guardas não se dispunham a

---

[613] GARF, 8131/37/2063.
[614] GARF, 8131/37/2041.
[615] Gagen-Torn, pp. 69-72.

> escoltar os presos várias vezes por dia até os poços ou torneiras das estações, correndo o risco de que houvesse fugas.[616]

Contudo alguns presos relatam mais que indiferença:

> De manhã, o chefe do comboio apareceu no corredor [...] em pé, de rosto para a janela e de costas para nós, gritou insultos e xingamentos: "Vocês me cansam!" [617]

O tédio - ou melhor, o tédio misturado com a raiva de ter de executar trabalho tão degradante - também era a explicação de Soljenitsin para esse comportamento tão difícil de explicar. Soljenitsin até procurou imaginar-se no lugar dos guardas de comboio. Lá estavam eles, já tão ocupados e assoberbados e mesmo assim tendo de "carregar água em baldes - era preciso buscá-la longe, ainda por cima, e aquilo era uma ofensa: por que um soldado soviético deveria carregar água feito um burro para os inimigos do povo?". Pior:

> Tomava muito tempo distribuir aquela água. Os zeks não tinham canecas. Os que tinham acabavam sendo privados dela - de modo que, no fim das contas, era preciso dar-lhes uma das duas canecas regulamentares e, enquanto bebiam, ficar lá de pé, esperando e esperando, pondo água e mais água, distribuindo e distribuindo...
>
> Mas os guardas poderiam ter agüentado tudo isso, pegar a água e distribuí-la, se aqueles cachorros, depois de terem sorvido ruidosamente a água, não pedissem para ir ao banheiro. Então, as coisas funcionam assim: se a gente não lhes dá água, eles não pedem para ir ao banheiro. É dar água uma vez, e eles vão ao banheiro uma vez; duas vezes, e eles, vão duas vezes. Por isso, o bom senso, pura e simplesmente, é não dar nada para beberem.[618]

Qualquer que fosse a motivação dos guardas - indiferença, tédio, raiva, orgulho ferido -, o efeito nos presos era devastador. Em geral, eles chegavam aos campos não apenas desorientados e aviltados pela experiência do cárcere e do interrogatório, mas também fisicamente exauridos - prestes a encarar o estágio seguinte de sua jornada para o Gulag: a entrada no campo.

Se não estava escuro, se não se encontravam doentes e se demonstravam interesse em olhar, a primeira coisa que os presos viam na chegada era o portão do campo. No mais das vezes, o portão exibia um slogan. Da entrada de um dos lagpunkts, "pendia um arco-íris de compensado com uma faixa por cima, na qual se lia que 'Na URSS, o trabalho é questão de honestidade, honra, bravura e heroísmo!'".[619] Numa colônia de trabalho nos subúrbios de Irkutsk, Barbara Armonas foi acolhida com esta faixa: "Com trabalho honesto, saldarei meu débito para com a pátria".[620] Chegando em 1933 a Solovetsky (que se tornara prisão de segurança máxima), outro preso viu um aviso que dizia: "Com mão de ferro, conduziremos a humanidade à felicidade!"[621] Yurii Chirkov, detido aos catorze anos, também deparou com um aviso em

---

[616] Ekart, p. 44.
[617] Yakovenko, pp. 176-79.
[618] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 495-96.
[619] Zhenov, p. 74.
[620] Armonas, p. 137.
[621] Gurskii, memórias não publicadas.

Solovetsky: "Por meio do trabalho, a liberdade!", slogan que é tão constrangedoramente parecido quanto possível com o Arbeit macht frei ("O trabalho liberta") que se via sobre os portões de Auschwitz.[622]

Assim como a chegada à cadeia, a chegada de um étap ao campo se fazia acompanhar de rituais: os detentos, exaustos pelo traslado, agora tinham de ser transformados em zeks funcionais. O preso polonês Karol Colonna-Czosnowski lembraria:

> Na chegada ao campo, ficamos um tempão sendo contados [...]. Naquela noite específica, parecia que isso não acabaria nunca. Inúmeras vezes, tivemos de nos alinhar em fileiras de cinco, e a cada uma delas se ordenava que desse três passos à frente, e vários funcionários da NKVD, com ar preocupado, contavam em voz alta - Odin, dva, tri - e registravam minuciosamente cada total em suas grandes pranchetas. Era de presumir que o número de vivos, acrescido ao número daqueles que tinham sido fuzilados no caminho, não correspondia ao esperado.[623]

Em seguida à contagem, tanto homens quanto mulheres eram levados aos banhos e tinham o corpo rapado - por inteiro. Esse procedimento, realizado segundo ordem oficial, por motivos de higiene[624] - presumia-se, em geral com razão, que os presos que chegavam das cadeias soviéticas estariam cobertos de piolhos -, também tinha grande importância ritual. As mulheres o descrevem com especial horror e aversão, o que não é de admirar. Em muitas ocasiões, precisavam despir-se e, nuas diante dos soldados, esperar a vez de serem rapadas. "Pela primeira vez", recordaria Elinor Olitskaya, que participou dessa cerimônia ao chegar a Kolyma, "ouvi prantos de protesto - mulher é mulher..."[625] Olga Adamova-Sliozberg sofrera a mesma coisa numa das prisões transitórias em que se ficava no trajeto para os campos:

> Nós nos despimos e entregamos nossas roupas para serem tratadas. Já estávamos subindo para o lavatório quando percebemos que a escada eslava tomada por guardas de alto a baixo. Envergonhadas, baixamos a cabeça e nos juntamos. Então ergui o olhar e acabei encarando o oficial encarregado. Ele me olhou carrancudo e berrou: "Vamos, vamos! Mexa-se!"
>
> De repente, fiquei aliviada, e a situação até me pareceu bem cômica.
>
> "Para o diabo com eles", pensei. "Não são mais homens do que o Vaska, o touro que me assustava quando eu era menina."[626]

Tão logo os presos estavam lavados e rapados, a segunda etapa do processo de transformar homens e mulheres em zeks anônimos era a distribuição de trajes. As normas mudavam conforme a época e o campo; os presos podiam ou não usar as próprias roupas. Na prática, a decisão parece ter ficado a cargo dos responsáveis locais. "Em alguns lagpunkts, a gente usava a roupa que tinha trazido; em outros, não", lembraria Galina Smirnova, prisioneira no

[622] Chirkov, p. 22.
[623] Colon na-Czosnowski, p. 53.
[624] GARF, 9414/1/2743.
[625] Olitskaya, pp. 234-44.
[626] Adamova-Sliozberg, p. 47.

Ozerlag no começo da década de 1950.[627] Isso nem sempre importava: quando se chegava aos campos, os trajes de muitos presos estavam em farrapos, se já não houvessem sido furtados.

Quem não tinha roupa usava os uniformes dos campos, que eram invariavelmente velhos, rotos, malfeitos e canhestros. Para algumas pessoas, em especial mulheres, às vezes parecia que os trajes que lhes davam eram parte de uma tentativa de humilhá-las. Anna Andreevna, mulher do escritor espírita Danil Andreev, foi de início mandada para um campo onde se podia usar as próprias roupas. Depois, em 1948, transferiram-na para um campo onde isso não era permitido. Ela achou a mudança bastante insultante: "Eles haviam nos privado de tudo, de nossos nomes, de todas as coisas que são parte da personalidade, e nos feito usar - eu nem consigo descrever aquilo - um vestido amorfo".[628]

Não se fazia nenhum esforço para garantir que a numeração das roupas batesse com a dos presos. Janusz Bardach escreveu:

> Cada um de nós recebeu ceroulas, túnica preta, calças e casaco acolchoados, boné de feltro com orelheiras, botas com solado de borracha e mitenes infestadas de piolhos. Esses itens eram distribuídos sem nenhum critério, e cabia a nós achar a numeração certa. Tudo era grande demais, e passei horas trocando trajes com as pessoas para conseguir o que me servisse melhor.[629]

Igualmente contundente no que se referia à moda nos campos, uma presa escreveu que lhes foram dados

> casacos curtos acolchoados, meias acolchoadas que iam até os joelhos e calçados de cortiça de bétula. Parecíamos bichos do outro mundo. Quase nada que era nosso nos fora deixado. Tudo fora vendido às condenadas, ou melhor, trocado por pão com elas. Echarpes e meias de seda despertavam tal admiração que nos víamos obrigadas a vendê-las. Teria sido muito perigoso recusar.[630]

Visto que as roupas rotas pareciam destinar-se a privá-los de dignidade, muitos presos depois se empenhavam para melhorá-las. Uma prisioneira recordaria que, de início, não se importava com os trajes "muito velhos e estragados" que lhe tinham dado. Mas, posteriormente, começou a efetuar remendos, colocar bolsos e aprimorar as roupas, "como outras mulheres faziam"; desse modo, sentia-se menos aviltada.[631] Em geral, as prisioneiras que sabiam costurar também conseguiam rações extras de pão, pois até as mínimas melhorias no uniforme-padrão eram concorridíssimas: a capacidade de destacar-se, de ter aparência ligeiramente melhor que as outras pessoas, estava, como veremos, relacionada a posições hierárquicas melhores, saúde melhor, privilégios maiores. Variam Shalamov entendia bem a importância dessas pequenas mudanças:

> Nos campos, há roupa de baixo "individual" e "comum"; é um exemplo

[627] Smirnova, entrevista com a autora.
[628] Andreevna, entrevista com a autora.
[629] Bardach, p. 227.
[630] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[631] Ulyanovskaya, pp. 356-65.

> das pérolas encontradas no discurso oficial. A "individual" é mais nova e um pouquinho melhor, sendo reservada tanto para os presos de confiança que atuam como capatazes quanto para outros privilegiados [...] a "comum" é para todo mundo. É entregue no lavatório logo após o banho, sendo trocada pela roupa de baixo suja, que antes é juntada e contada. Não há chance de escolher nada conforme o tamanho. Roupa de baixo limpa é pura loteria, e senti um dó estranho e terrível ao ver homens crescidos chorarem por causa da injustiça de terem recebido roupa limpa e gasta em troca de roupa suja e boa. Nada consegue fazer o ser humano deixar de pensar nas coisas desagradáveis que compõem a existência.[632]

Ainda assim, o choque de ser banhado, rapado e trajado como zek era apenas a primeira etapa de uma longa iniciação. Imediatamente depois, os presos se submetiam a um dos procedimentos mais cruciais de sua vida: a seleção - e a diferenciação em categorias de trabalho. Esse processo afetaria tudo, desde o status do preso no campo até o tipo de alojamento onde ficaria, passando pela espécie de serviço que faria. Tudo isso, por sua vez, determinaria se ele conseguiria sobreviver. E preciso registrar que não encontrei nenhum registro que descrevesse "seleções" do tipo que ocorria nos campos de extermínio alemães. Ou seja, não deparei com seleções regulares em que os presos debilitados fossem postos à parte e fuzilados. Atrocidades desse tipo certamente aconteciam - um memorialista de Solovetsky afirma ter sobrevivido a uma -,[633] mas a prática costumeira, pelo menos no final dos anos 1930 e começo dos 40, era diferente. Os presos enfraquecidos não eram assassinados ao chegarem a alguns dos campos mais distantes; em vez disso, ficavam de "quarentena", tanto para garantir que nenhuma doença que porventura tivessem se espalhasse, quanto para permitir que "cevassem", a fim de recuperar a saúde após longos meses de cadeia e de viagens terríveis. Ex-presos confirmam que os chefes dos campos parecem ter levado essa prática a sério.[634]

Alexander Weissberg, por exemplo, recebeu boa alimentação e pôde descansar antes de o mandarem para as minas.[635] Após um demorado traslado para o Ukhtizhemlag, proporcionaram três dias de descanso a Jerzy Gliksman - o socialista polonês que tanto apreciara a apresentação da peça Aristocratas, de Pogodin, em Moscou -, período durante o qual ele e os outros recém-chegados foram tratados como "hóspedes".[636] Pyotr Yakir, filho do general soviético Ion Yakir, ficou catorze dias em quarentena no Sevurallag.[637] Evgeniya Ginzburg lembraria seus primeiros dias em Magadan, principal cidade de Kolyma, como um "redemoinho de dor, surtos de esquecimento e um abismo negro de inconsciência. Ela, assim como outras, fora trazida direto do navio Dzhurma e colocada num hospital, onde se recuperou plenamente após dois meses. Algumas se mostravam céticas. "Uma ovelha para o matadouro", disse Liza Sheveleva, outra presa. "Posso perguntar para quem você está se recuperando? Tão logo saia daqui, irá direto para os trabalhos forçados e, em

---

632 Shalamov, Kolyma Tales, p. 341.
633 Shiryaev, pp. 31-37.
634 Por exemplo, GARF, 9489/2/25.
635 Weissberg, p. 92.
636 Gliksman, p. 240; Adamova-Sliozberg, p. 48.
637 Yakir, p. 117.

uma semana, voltará a ser o mesmo cadáver que era a bordo do Dzhurma."[638]

Uma vez recuperados, caso lhes permitissem isso, e trajados, caso lhes tivessem dado novas roupas, a seleção e diferenciação dos presos começavam para valer. Em princípio, era um processo extremamente regulamentado. Já em 1930, o Gulag emitiu ordens muito severas e complicadas sobre a classificação de presos. Teoricamente, as tarefas designadas para eles deviam refletir dois conjuntos de critérios: a "origem social" e condenação; e a saúde. Naqueles primeiros tempos, os presos se distribuíam em três categorias: "trabalhadores" que não haviam sido condenados por crimes anti-revolucionários, com penas não superiores a cinco anos; "trabalhadores" que também não haviam sido condenados por crimes anti-revolucionários, com penas superiores a cinco anos; e condenados por crimes anti-revolucionários.

A cada uma dessas categorias se atribuía então um regime prisional: privilegiado; brando; e pesado, ou "de primeira ordem". Em seguida, os presos deviam ser examinados por uma junta médica, que determinava se podiam realizar trabalho pesado ou apenas brando. Após ter levado em conta todos esses critérios, a administração do campo determinava um serviço para cada preso. Conforme cumprissem as normas e metas de suas atribuições, os presos se enquadravam num dos quatro tipos de ração: básica; de trabalho; "reforçada"; ou "disciplinar".[639] Todas essas categorias mudaram muitas vezes. As ordens que Beria deu em 1939, por exemplo, dividiam os presos entre "capazes de trabalho pesado", "capazes de trabalho leve" e "inválidos" - categorias às vezes denominadas respectivamente grupo A, grupo B e grupo C -, e seus efetivos eram monitorados regularmente pela administração central do sistema, em Moscou, que desaprovava de modo severo os campos com "inválidos" em demasia.[640]

O processo estava longe de ser ordeiro. Tinha tanto aspectos formais, impostos pelos comandantes de campo, quanto informais, na medida em que os presos se ajustassem e fizessem acertos entre si. "ara a maioria, o primeiro gosto da classificação nos campos era relativamente grosseiro. George Bien, jovem húngaro preso em Budapeste no fim da Segunda Guerra Mundial, comparou a uma feira de escravos o processo seletivo a que o submeteram em 1946:

> Mandavam todo mundo para um pátio, onde nos diziam para despir-nos. Quando chamavam nosso nome, nós nos apresentávamos a uma junta de saúde, para exame médico. Este consistia em puxar a pele das nádegas para determinar a quantidade de músculos. Avaliavam a força pela massa muscular, e, se passávamos, éramos aceitos e tínhamos nossa documentação colocada numa pilha à parte. Isso era feito por mulheres de jaleco branco, e elas tinham pouco o que escolher naquele grupo de mortos-vivos. Selecionavam os presos mais jovens independentemente da massa muscular.[641]

Jerzy Gliksman também usou a expressão "feira de escravos" para descrever o

---

[638] E. Ginzburg, Journey into the Whiriwind, p. 365.
[639] GARF, 5446/1/54.
[640] GARF, 9401/12/316.
[641] Bien, memórias não publicadas.

processo de diferenciação que ocorria em Kotlas, o campo de trânsito que supria de presos os campos setentrionais de Arcangel. Ali, os guardas acordaram os presos durante a noite e os mandaram reunir-se e apresentar-se pela manhã, com todos os seus pertences. Cada um dos presos, até os gravemente enfermos, viu-se obrigado a comparecer. Depois, todos foram levados a pé para a floresta, fora do campo. Uma hora mais tarde, chegaram a uma grande clareira, onde se alinharam em fileiras de dezesseis.

> O dia todo, reparei que superiores desconhecidos, tanto de uniforme quanto à paisana, zanzavam entre os presos, ordenando a alguns que tirassem os casacos, apalpando-lhes os braços e as pernas, olhando-lhes a palma das mãos, dizendo para outros se inclinarem. De quando em quando, mandavam um preso abrir a boca e lhe espiavam os dentes, como negociantes de cavalos numa feira da roça [...] alguns procuravam engenheiros, torneiros ou chaveiros com prática; outros talvez necessitassem de carpinteiros; e todos sempre precisavam de homens fisicamente fortes para trabalhar na derrubada de árvores, na agricultura, nas minas de carvão e nos poços de petróleo.

Gliksman percebeu que, para quem fazia essa inspeção, o mais importante era "não comprar gato por lebre, não levando aleijados, inválidos ou doentes - em suma, pessoas que só serviam para comer. Era por essa razão que, de tempos em tempos, se enviavam representantes especiais para selecionar entre os presos os tipos adequados".[642]

Desde o início, também ficou claro que as regras estavam lá para ser desobedecidas. Em 1947, Nina Gagen-Torn passou por uma seleção particularmente humilhante no campo de Temnikovsky, a qual, porém, teve um resultado positivo. Quando chegou ao campo, o comboio de Nina foi de imediato mandado para os chuveiros, e as roupas, colocadas numa câmara de desinfecção. Em seguida, foram conduzidas a um recinto, ainda molhadas e nuas; disseram-lhes que haveria "uma inspeção de saúde". "Médicos" iriam examiná-las, e eles de fato fizeram isso - junto com o gerente de produção e os guardas do campo.

> O major caminhou ao longo da fila, examinando rapidamente os corpos. Estava escolhendo mercadoria - para a produção! Para a oficina de costura! Para a fazenda coletiva! Para a zona prisional! Para o hospital! O gerente de produção escreveu os sobrenomes.
>
> Quando ouviu seu sobrenome, o major olhou para ela e perguntou:
>
> "Qual o seu parentesco com o professor Gagen-Torn?"
>
> "Sou filha dele."
>
> "Ponham-na no hospital. Ela tem sarna, está com marcas vermelhas na barriga."

Como não tinha nenhuma marca vermelha na barriga, Nina presumiu - corretamente, como viria a descobrir - que o homem conhecera e admirara seu

---

[642] Gliksman, pp. 218-21.

pai e a estava poupando, ao menos por enquanto, do trabalho pesado.[643]

Nos primeiros dias de vida nos campos, a conduta dos presos, durante e após o processo seletivo, podia ter profundas conseqüências para o destino deles. Em seus três dias de repouso depois que chegou ao Kargopollag, por exemplo, o romancista polonês Gustav Herling avaliou a situação e, por novecentos gramas de pão, vendeu suas botas de oficial, de cano alto, a um urka (preso comum) da turma de carregadores da ferrovia. Em retribuição, o criminoso usou seus contatos na administração do campo para ajudar a garantir para Herling um serviço de carregador no centro de distribuição de alimentos. Era trabalho duro, disseram a Herling, mas pelo menos ele poderia furtar rações extras - como acabou mesmo acontecendo. E, logo de cara, concederam-lhe um "privilégio". O comandante do campo o mandou

> apresentar-se no armazém do campo para pegar bushlat [jaqueta acolchoada], boné com orelheira, calças acolchoadas, luvas impermeáveis de tecido de vela e valenki [botas de feltro] da melhor qualidade, ou seja, novas ou pouco usadas - uma indumentária que, em geral, só davam às melhores turmas de presos "stakhanovistas".[644]

A esperteza também assumia outras formas. Chegando ao Ukhtizhemlag, Gliksman imediatamente percebeu que o título de "especialista" que lhe haviam conferido no campo de trânsito de Kotlas - foi classificado como economista formado - não tinha nenhum significado no campo de concentração. Entrementes, notou que, durante os primeiros dias ali, seus conhecidos russos, mais descolados, não se preocupavam com as formalidades oficiais:

> A maioria dos "especialistas" usava os três dias de folga para visitar os escritórios do campo, procurando antigos conhecidos aonde quer que fossam e realizando negociações suspeitas com alguns dos superiores do campo. Estavam todos agitados e preocupados. Cada um tinha seus próprios segredos e temia que alguém viesse a estragar suas chances e pegar o serviço mais confortável no qual estava de olho. Bem depressa, a maior parte dessas pessoas já sabia aonde ir, em qual porta bater e o que dizer.

Em conseqüência, mandaram um médico polonês de elevada qualificação cortar árvores na floresta, enquanto um cafetão ganhava o cargo de contador num escritório, "embora não tivesse absolutamente nenhuma noção de contabilidade e, no mais, fosse semi-analfabeto".[645]

Os presos que assim conseguiam evitar o trabalho braçal haviam de fato estabelecido os fundamentos de uma estratégia de sobrevivência - mas só os fundamentos. Agora, tinham de aprender as estranhas normas que regiam o cotidiano dos campos.

## 10. A VIDA NOS CAMPOS

---

[643] Gagen-Torn, p. 149.
[644] Herling, p. 27. O nome do autor aparece como foi publicado em inglês. A grafia de seu nome em polonês é Gustaw Herling-Grudzinski.
[645] Gliksman, pp. 246-48.

*O som de um sino distante*
*Entra na cela com a alvorada.*
*Ouço o sino me chamar:*
*"Onde estás? Onde estás?"*
*"Eis-me aqui!... "Então, saúdo com lágrimas,*
*Lágrimas amargas do cativeiro...*
*Não por Deus,*
*Mas por ti, Rússia.*

SimeonVilensky, 1948.[646]

Entre 1929 e 1953, segundo a mais precisa das estimativas disponíveis, houve 476 complexos de campos no universo do Gulag.[647] Mas esse número engana. Na prática, cada um daqueles complexos continha dezenas, ou mesmo centenas, de unidades menores. Essas unidades (lagpunkts) ainda não foram contabilizadas, e provavelmente nem podem sê-lo, pois eram algumas temporárias, algumas permanentes e algumas oficialmente parte de campos diferentes em épocas distintas. Tampouco se pode afirmar muito sobre os costumes e práticas dos lagpunkts que se aplique inquestionavelmente a todos eles. Mesmo durante o reinado de Beria - período que se estendeu de 1939 à morte de Stalin, em 1953 -, as condições de vida e de trabalho no Gulag continuaram a variar enormemente, tanto de ano para ano quanto de lugar para lugar, até num mesmo complexo.

"Cada campo é um mundo à parte, uma cidade distinta, outro país", escreveu a atriz soviética Tatyana Okunevskaya - e cada campo tinha caráter próprio.[648] A vida num dos grandes campos industriais do extremo norte era bem diferente daquela num campo agrícola da Rússia meridional. Durante a fase mais intensa da Segunda Guerra Mundial, quando um em cada quatro zeks morria por ano, a vida em qualquer campo era bem diferente daquela no início dos anos 1950, quando as taxas de mortalidade eram mais ou menos as que prevaleciam no resto do país. Campos dirigidos por comandantes relativamente liberais não eram a mesma coisa que campos dirigidos por sádicos. Os lagpunkts também variavam amplamente em tamanho - com populações que iam de algumas dúzias a vários milhares de presos - e longevidade. Alguns perduraram dos anos 1920 aos 80, quando ainda funcionavam como penitenciárias. Outros, como aqueles estabelecidos para construir rodovias e ferrovias na Sibéria, não duraram mais que um verão.

Contudo, às vésperas da guerra, certos elementos da vida e do trabalho eram comuns à grande maioria dos campos. O ambiente ainda variava de lagpunkt a lagpunkt, mas interromperam-se as enormes oscilações de prática nacional que haviam caracterizado a década de 1930. Assim, a mesma burocracia inerte que acabaria por deitar suas mãos mortas sobre praticamente todos os aspectos da vida soviética foi aos poucos se apossando também do Gulag.

Nesse sentido, são notáveis as diferenças entre as normas e regulamentos um tanto vagos instituídos para os campos em 1930 e as regras mais detalhadas impostas em 1939, depois que Beria assumiu. Tais diferenças parecem refletir uma mudança na relação entre os órgãos de controle central (a direção do

---

[646] Vilenskii, reeditado com a permissão do autor.
[647] Okhotin e Roginskii, pp. 137-5-25.
[648] Okunevskaya, p. 391.

Gulag em Moscou) e os comandantes dos campos. Durante a primeira década do Gulag, um período experimental, as ordens documentadas não procuravam ditar a aparência dos campos e quase nem tratavam do comportamento dos presos. Elas esboçavam um esquema geral e deixavam que os comandantes locais preenchessem as lacunas.

Em contraste, as ordens posteriores eram mesmo muito específicas e muito detalhadas, fixando praticamente quase todos os aspectos da vida nos campos, desde o método de construção dos alojamentos até o cotidiano dos presos, seguindo as novas metas do Gulag.[649] Parece que, a partir de 1939, Beria - presumivelmente com o apoio de Stalin - já não queria que os campos do Gulag fossem campos de extermínio (coisa que alguns, na prática, tinham sido em 1937 e 1938). Isso não queria dizer que agora os administradores dos campos estivessem mais preocupados em preservar vidas, para nem falarmos em respeitar a dignidade humana. De 1939 em diante, as principais preocupações de Moscou eram econômicas: os presos deviam encaixar-se nos planos de produção dos campos qual engrenagens numa máquina.

Com esse fim, as ordens que emanavam de Moscou determinavam controle rigoroso sobre os prisioneiros, a ser obtido mediante a manipulação das condições de vida deles. Em princípio, como vimos, o campo classificava todo zek de acordo com a pena, a profissão e a trudosposobnost (capacidade de trabalho). Em princípio, o campo designava para todo zek uma função e um conjunto de normas e metas. Em princípio, o campo provia todo zek com os requisitos básicos da existência - alimentação, indumentária, habitação, espaço - segundo ele cumprisse aquelas normas e metas. Em princípio, todos os aspectos da vida nos campos eram concebidos para aumentar as cifras de produção - até os departamentos "culturais e educacionais" existiam sobretudo porque os maiorais do Gulag acreditavam que isso poderia convencer os presos a darem mais duro. Em princípio, as equipes de inspeção estavam lá para garantir que todos esses aspectos da vida nos campos funcionassem em harmonia. Em princípio, todo zek tinha até direito de reclamar (ao comandante do campo, a Moscou, a Stalin) se os campos não operassem conforme as regras.

E no entanto... Na prática, as coisas eram muito diferentes. Pessoas não são máquinas, os campos não eram fábricas limpas nem funcionais, e o sistema nunca funcionou como se pretendia. Guardas eram corruptos, administradores furtavam, e presos desenvolviam maneiras de combater ou subverter as normas dos campos. Nestes, os presos também conseguiam estabelecer suas próprias hierarquias extra-oficiais, que às vezes se harmonizavam, e às vezes colidiam, com as hierarquias criadas pela administração. Apesar das visitas regulares de inspetores de Moscou, freqüentemente seguidas de reprimendas e cartas iradas da capital, poucos campos correspondiam ao modelo teórico. Apesar da aparente seriedade com que se tratavam as queixas dos presos - comissões inteiras existiam para analisá-las -, elas raramente resultavam em mudanças reais.[650]

Esse choque entre o que a direção do Gulag em Moscou achava que os campos deviam ser e o que eles eram de fato - o choque entre as regras escritas e os procedimentos efetivamente adotados - era o que dava à vida no

---

[649] GARF, 5446/1/54 e 9401/12/316.
[650] GARF, 9489/2/20.

Gulag seu sabor único e surreal. Em teoria, a direção moscovita determinava os aspectos mais ínfimos da vida dos presos. Na prática, todos esses aspectos eram também influenciados pelas relações dos presos com aqueles que os controlavam - e uns com os outros.

## A ZONA PRISIONAL: ATRÁS DO ARAME FARPADO

Por definição, a ferramenta mais importante à disposição dos administradores dos campos era o controle do espaço em que os presos viviam - a "zona", do termo "zona prisional". Por lei, a zona se inscrevia num quadrado ou retângulo. "A fim de assegurar melhor vigilância", não se permitiam formatos de terreno orgânicos nem irregulares.[651] Nesse quadrado ou retângulo, não havia muito o que atraísse o olhar. A maioria das construções num lagpunkt típico era extraordinariamente parecida. Fotos tiradas por administradores de Vorkuta, e conservadas em arquivo em Moscou, mostram um conjunto de construções rudimentares de madeira, diferenciadas apenas pelas legendas, que descreviam uma como "cela punitiva" e outra como "refeitório".[652] Em geral, perto do portão, havia um grande espaço aberto no centro do campo; ali, os presos se perfilavam duas vezes por dia para ser contados. Do lado de fora, costumava haver alguns alojamentos de guardas e casas de administradores, também de madeira, bem junto ao portão principal.

O que distinguia a zona prisional de qualquer outro local de trabalho era, claro, a cerca que a rodeava. No Manual do Gulag, Jacques Rossi escreve que a cerca

> era geralmente feita de estacas de madeira, enterradas até um terço do comprimento. Dependendo das condições locais, variavam de 2,5 a seis metros de altura. Entre os postos, colocados a intervalos de cerca de seis metros, estendiam-se horizontalmente sete a quinze fieiras de arame farpado. Diagonalmente, entre cada par de estacas, estendiam-se mais duas fieiras.[653]

Caso o campo ou colônia se localizasse no perímetro ou nas proximidades de um centro urbano, a cerca de arame farpado costumava ser substituída por um muro de tijolos ou uma cerca de madeira, para que ninguém que se aproximasse conseguisse ver o lado de dentro. Esses cercados eram bem construídos: em Medvezhegorsk, por exemplo, sede do Canal do Mar Branco, uma cerca alta de madeira, erguida no começo dos anos 1930 para guardar os presos, ainda estava de pé quando visitei o lugar em 1998.

Para atravessar a cerca, tanto presos quanto guardas tinham de passar pela vakhta (guarita). Durante o dia, os guardas da vakhta controlavam todos os que entravam e saíam, verificando os passes dos trabalhadores livres que adentravam o campo e dos guardas de comboio que escoltavam presos para fora. No campo Perm 36 - que foi restaurado para ficar com a aparência original -, a vakhta contém uma passagem bloqueada por dois portões. Os presos caminhavam pelo primeiro; paravam no pequeno espaço que ali havia, para ser vistoriados; e só então eram autorizados a atravessar o segundo portão. Basicamente, era o mesmo sistema que se encontra na entrada dos

---

[651] GARF, 9401/12/316.
[652] GARF, 9414/6/24.
[653] Rossi, The Gulag Handbook, p. 137.

bancos sicilianos.

Mas o arame farpado e os muros não eram os únicos a definir os limites da zona prisional. Na maioria dos campos, guardas armados vigiavam os presos de altas torres de madeira. Às vezes, cães também davam a volta aos campos, presos por correntes a um arame que se estendia por todo o perímetro da zona prisional. Esses cães, a cargo de tratadores especiais entre os guardas, eram adestrados para latir para presos que se aproximassem e farejar e perseguir qualquer um que tentasse escapar. Assim, os presos eram coibidos não apenas por arame farpado e tijolos, mas também por controles visuais, auditivos e olfativos. Também eram tolhidos pelo medo, que às vezes bastava para mantê-los em campos que não tinham nenhuma cerca. Margarete Buber-Neumann ficou num campo de segurança mínima que permitia que se movessem "à vontade até oitocentos metros além do perímetro; ultrapassada aquela marca, os guardas atiravam sem cerimônia".[654] Mas esse arranjo era incomum: na maioria dos campos, os guardas atiravam "sem cerimônia" muito antes de se chegar tão longe. Nos regulamentos que impôs em 1939, Beria ordenava a todos os comandantes de campo que deixassem junto às cercas uma "terra de ninguém", uma faixa não inferior a cinco metros de largura.[655] No verão, regularmente, os guardas passavam o ancinho nessa terra; e, no inverno, a deixavam coberta de neve; tudo para que sempre ficassem visíveis as pegadas de presos em fuga. O começo da terra de ninguém também era marcado, às vezes por arame farpado, às vezes por avisos em que se lia Zapretnaya zona ("Zona proibida"). A terra de ninguém também era ocasionalmente chamada "zona da morte", pois os guardas tinham permissão de atirar para matar em qualquer um que entrasse nela."[656]

E mesmo assim... As cercas, muros, cães e barreiras que rodeavam os lagpunkts não eram de todo impenetráveis. Se os campos de concentração alemães eram selados por completo - "hermeticamente fechados", na descrição de um perito -,[657] o sistema soviético se mostrava diferente nesse sentido.

Para começo de conversa, ele classificava os presos em konvoinyi (sob guarda) e beskonvoinyi (sem guarda), e a pequena minoria dos segundos estava autorizada a atravessar sem vigia os limites da zona prisional, fazer pequenos serviços externos para os guardas, trabalhar durante o dia num trecho de ferrovia não-guardado e até morar em alojamentos privados fora da zona prisional. Esse último privilégio fora estabelecido já no início da história dos campos, durante os tempos (mais caóticos) da primeira metade da década de 1930.[658] Embora depois viesse a ser categoricamente proibido várias vezes, ele persistiu. Um conjunto de regras escritas em 1939 lembrava os comandantes de campo de que "todos os presos, sem exceção, estão proibidos de morar fora da zona prisional, em aldeias, aposentos particulares ou casas pertencentes ao campo". Em teoria, os campos precisavam obter autorização especial até para deixar os presos morarem em acomodações guardadas, caso estas ficassem fora da zona prisional.[659] Na prática, tais

---

[654] Buber-Neumann, p. 75.
[655] GARF, 9401/12/316.
[656] Rossi, The Gulag Handbook, p. 130.
[657] Sofsky, p. 55.
[658] GARF, 9489, Arquivos Dmitlag (9489/2/31, por exemplo).
[659] GARF, 9401/12/316.

normas eram com freqüência desrespeitadas. Apesar da imposição de 1939, relatórios de inspetores escritos muito após aquela data listam ampla variedade de violações. Um inspetor se queixou de que, na cidade de Ordzhonikidze, os presos andavam pelas ruas, iam às feiras, entravam em residências particulares, bebiam e roubavam. Numa colônia penal de Leningrado, permitira-se que um preso usasse um cavalo, com o qual fugiu. Na colônia de trabalho 14, em Voronezh, um guarda armado deixou 38 presos esperando na rua enquanto ele entrava num estabelecimento comercial.[660]

A promotoria de Moscou mandou carta a outro campo, perto da cidade siberiana de Komsomolsk, acusando comandantes de terem permitido que não menos que 1.763 presos obtivessem o status de "sem guarda". Em conseqüência, escreviam irados os promotores, "é sempre possível deparar com presos em qualquer parte da cidade, em qualquer instituição e em moradias particulares".[661] Também acusavam outro campo de deixar 150 presos morarem em acomodações privadas, uma violação do regime prisional, o que provocara "incidentes de bebedeira, vandalismo e até assalto contra a população local".[662]

Nos campos, os presos tampouco eram privados de toda a liberdade de movimento. Pelo contrário, tratava-se de uma das idiossincrasias dos campos de concentração, uma das maneiras pelas quais eles se diferenciam do regime celular: quando não estavam trabalhando nem dormindo, os presos, em sua maioria, podiam entrar e sair dos alojamentos à vontade. Quando não estavam trabalhando, também podiam, dentro de certos limites, determinar como usariam seu tempo. Só os presos em regime de katorga (instituído em 1943) ou em "campos de regime especial" (criados em 1948) ficavam trancados nos alojamentos à noite, circunstância da qual se ressentiam amargamente e contra a qual viriam a rebelar-se.[663]

Chegando das claustrofóbicas cadeias soviéticas aos campos, os condenados muitas vezes se surpreendiam e se mostravam aliviados com a mudança. Um zek descreveu assim seu ingresso no Ukhtpechlag:

"Tão logo saíamos para o ar livre, nosso estado de ânimo ficou maravilhoso".[664] Olga Adamova-Sliozberg recordaria que, ao chegar a Magadan, falou "de manhãzinha à noite sobre as vantagens do campo de concentração se comparado à cadeia":

> A população do campo (cerca de mil mulheres) nos pareceu enorme: tanta gente, tantas possibilidades de conversa, tantas amizades em potencial! E havia a natureza. Dentro do complexo, que era cercado com arame farpado, podíamos andar à vontade, admirar o céu e os montes distantes, ir às árvores mirradas e tocá-las com as mãos. Respirávamos o ar marinho úmido, sentíamos a garoa de agosto no rosto, sentávamos na grama molhada e deixávamos a terra escorrer entre os dedos. Durante quatro anos, vivêramos sem fazer nada disso, que agora descobríamos ser essencial à nossa existência: sem aquilo, deixávamos

---

[660] GARF, 9401, da coleção da autora.
[661] GARF, 8131/37/361 17. GARF, 8131/37/542.
[662] GARF, 8131/37/542.
[663] GARF, 9401/la/136 e 9401/1/4240.
[664] Guberman, p. 33.

de sentir-nos pessoas normais.[665]

Lev Finkelstein concorda:

> Era-se trazido, saía-se do camburão e ficava-se surpreendido com várias coisas. Em primeiro lugar, os presos andavam sem guarda - estavam indo a algum lugar para cumprir suas obrigações, ou coisa assim. Em segundo lugar, pareciam completamente diferentes de nós. O contraste se assemelharia ainda maior quando eu já estava no campo e traziam novos presos. Estes tinham todos a cara esverdeada - por causa da falta de ar puro, por causa da comida lastimável, por causa de tudo aquilo. Nos campos, os presos tinham tez mais ou menos normal. Ali, nós nos víamos entre gente relativamente livre, relativamente bem-apessoada.[666]

Com o passar do tempo, a aparente "liberdade" da vida nos campos costumava esvanecer-se. O preso polonês Kazimierz Zarod escreveu que, nas celas das prisões, ainda era possível acreditar que ocorrera um erro, que a soltura não demoraria. Afinal, "ainda estávamos rodeados pela aparência de civilização - fora dos muros da prisão, havia uma grande cidade". No campo de concentração, porém, Zarod se viu circulando livremente em meio a

> uma estranha diversidade de homens [.,.] suspendia-se toda sensação de normalidade. A medida que passaram os dias, fui tomado por uma espécie de pânico que, devagar, se tornou desesperança. Tentei reprimir esse sentimento, empurrá-lo para as profundezas do consciente, mas aos poucos comecei a dar-me conta de que eu fora apanhado num ato cínico de injustiça do qual parecia não haver escapatória.[667]

Pior: essa liberdade de movimento podia fácil e rapidamente transformar-se em anarquia. De dia, os guardas e as autoridades dos campos eram bastante numerosos dentro do lagpunkt; à noite, entretanto, desapareciam por completo. Um ou dois permaneciam na vakhta, mas o resto se retirava para o outro lado da cerca. Só se achavam que suas vidas corriam perigo, os presos iam pedir ajuda aos guardas na vakhta, e nem isso era certeza. Um memorialista recorda que, após um arranca-rabo entre presos políticos e presos comuns - fenômeno corriqueiro no pós-guerra, como veremos -, os bandidos, que levaram a pior, "correram para a vakhta", pedindo socorro. No dia seguinte, foram levados para outro lagpunkt, pois a administração do campo preferiu evitar uma carnificina.[668] Também uma mulher, sentindo-se ameaçada de estupro e talvez morte nas mãos de um preso comum, "entregou-se" na vakhta e pediu para ser colocada na cela punitiva do campo, durante a noite, a fim de ficar protegida.[669]

Contudo a vakhta não era confiável como zona de segurança. Os guardas que ali ficavam não atendiam necessariamente aos rogos dos prisioneiros. Informados de alguma ofensa cometida por um grupo de presos contra outro, eles podiam muito bem rir e não ligar a mínima. Tanto em memórias quanto em

---

[665] Adamova-Sliozberg, p. 48.
[666] Finkelstein, entrevista com a autora.
[667] Zarod, p. 103.
[668] Kuts, p. 165.
[669] Lvov, memórias não publicadas.

documentos oficiais, há relatos de guardas armados que não deram importância a casos de homicídio, tortura e estupro entre presos. Descrevendo uma curra que ocorreu à noite num dos lagpunkts do Kargopollag, Gustav Herling conta que a vítima

> soltou um grito curto, do fundo da garganta, lacrimoso e abafado pela saia. Da torre de vigia, uma voz sonolenta gritou: "Vamos lá, rapazes, o que estão fazendo? Vocês não têm vergonha?" Os oito homens puxaram a garota para trás das latrinas e continuaram.[670]

Em teoria, as normas eram severas: os presos tinham de ficar na zona prisional. Na prática, desrespeitavam-se as regras. E a conduta que não parecesse excessiva aos guardas, não importando quão violenta ou nociva, não era punida.

**Rezhim: normas de Vida**

A zona prisional controlava a movimentação dos presos no espaço.[671] Mas era o rezhim - o "regime", como se costuma traduzir o termo -, o que controlava o tempo deles. Em termos simples, o regime era o conjunto de normas e procedimentos conforme os quais o campo funcionava. Se arame farpado limitava à "zona" a liberdade de movimento dos zeks, una série de ordens e sirenes regulava as horas que eles passavam ali.

O regime variava em severidade de lagpunkt a lagpunkt, segundo tanto prioridades cambiantes quanto o tipo de preso. Em épocas diversas, houve campos de regime brando, para inválidos; de regime comum ("ordinário"); de regime especial; e de regime disciplinar. Mas o sistema básico se manteve o mesmo. O regime prisional determinava como e quando o preso devia acordar; como devia ser conduzido ao trabalho; como e quando devia ser alimentado; como e por quanto tempo devia dormir.

Na maioria dos campos, o dia dos presos começava oficialmente com o razvod, o procedimento que organizava os presos em turmas e os fazia marchar para o trabalho. Um toque de sirene, ou outro sinal, os despertava. Outro toque de sirene avisava que o desjejum acabara e que o trabalho estava para começar. Os presos então se alinhavam em frente aos portões do campo para a contagem matinal. Valerii Frid, roteirista de filmes soviéticos e autor de uma memória de vivacidade pouco comum, descreveu a cena:

> As turmas de trabalho se organizavam em frente ao portão. O encarregado segurava uma tabuleta estreita e bem ordenada; nela, estavam escritos o número das turmas e o número de trabalhadores (havia escassez de papel, e os números eram apagados da tabuleta [...] e reescritos no dia seguinte). O guarda e o distribuidor de tarefas verificavam se todos estavam no lugar; em caso afirmativo, eram levados para o trabalho lá fora. Se estivesse faltando alguém, todos tinham de esperar enquanto procuravam o folgado.[672]

De acordo com instruções de Moscou, isso não podia tomar mais que quinze

---

[670] Herling, p. 29.
[671] Sofsky também escreveu sobre o tempo e o espaço dos prisioneiros em The Order of Terror. Emprestei dele a idéia.
[672] Frid, p. 136.

minutos.[673] É claro que, conforme escreve Kazimierz Zarod, freqüentemente demorava muito mais, mesmo com mau tempo:

> Às 3h30, devíamos estar no meio do pátio, em pé em fileiras de cinco, esperando para ser contados. Muitas vezes, os guardas erravam na contagem, e aí era preciso fazer outra. Nas manhãs em que nevava, isso era um processo demorado, gelado e aflitivo. Caso os guardas estivessem bem despertos e concentrados, a contagem levava em geral trinta minutos; mas, se errassem, ficávamos até uma hora em pé ali.[674]

Alguns campos adotavam contramedidas para "animar os presos" durante esse processo. Eis o que diz Frid: "Nosso razvod acontecia ao som de sanfona. Um preso, livre de todas as outras obrigações de trabalho, tocava melodias alegres".[675] Zarod também recorda a esquisitice que era ter uma bandinha matinal, constituída de músicos presos tanto profissionais quanto amadores:

> Toda manhã, a "banda" se punha próximo ao portão, tocando música marcial, e éramos exortados a marchar "com vigor e alegria" para nosso dia de trabalho. Tendo tocado até que o fim da coluna houvesse passado pelo portão, os músicos deixavam os instrumentos e, unindo-se ao final da coluna, juntavam-se aos trabalhadores que caminhavam para a floresta.[676]

Dali, os presos eram conduzidos, marchando, ao trabalho. Os guardas gritavam as ordens diárias ("Um passo para a esquerda, ou a esquerda, será considerado tentativa de fuga... A guarda disparará sem aviso... Marchem!"), e os presos marchavam, ainda em fileira de cinco. Se a distância era grande, iam acompanhados de guardas e cães. Para o retorno ao campo à noitinha, o procedimento era bem parecido. Após uma hora para o jantar, os presos de novo formavam fileiras. E, de novo, os guardas os contavam só uma vez (se os presos tivessem sorte) ou mais de uma (se não tivessem). As instruções de Moscou reservavam mais tempo para a contagem noturna (de trinta a quarenta minutos), sendo de presumir que agissem assim porque o mais provável seriam as tentativas de fuga fora do campo, no local de trabalho.[677] Depois, a sirene soava outra vez, e era hora de dormir.

Essas normas e escalas de horário não eram imutáveis. Pelo contrário: o regime prisional mudou com o tempo, em geral ficando mais severo. Jacques Rossi escreve que "o principal traço do sistema penitenciário soviético é sua sistemática intensificação, com a gradual elevação do puro e arbitrário sadismo à condição de lei", e há alguma verdade nisso.[678] Por toda a década de 1940, o regime prisional foi ficando mais rigoroso; as jornadas de trabalho, mais longas; os dias de descanso, menos freqüentes. Em 1931, os presos da Expedição Vaigach (parte da Expedição Ukhtinskaya) faziam jornadas de seis horas, em três turnos. No começo dos anos 1930, na região de Kolyma, os trabalhadores também seguiam jornadas normais, mais curtas no inverno e mais longas no verão.[679] Naquela mesma década, porém, a jornada dobraria em extensão. No

---

[673] GARF, 9401/12/316.
[674] Zarod, pp. 99-100.
[675] Frid, p. 136.
[676] Zarod, p. 102.
[677] GARF, 9401/12/316; Zarod, p. 102.
[678] Rossi, The GulagHandbook, p. 370.
[679] Nordlander, "Capital of the Gulag", p. 158; Mitin.

final dos anos 1930, as mulheres na oficina de costura de Elinor Olitskaya trabalhavam "doze horas num salão sem ventilação", e a jornada de Kolyma também se estendera a doze horas.[680] Depois, Elinor trabalharia numa turma de construção: jornadas de catorze a dezesseis horas, com intervalos de cinco minutos às dez da manhã e quatro da tarde e com uma hora de almoço ao meio-dia.[681]

O caso de Elinor tampouco era único. Em 1940, a jornada no Gulag foi aumentada oficialmente para onze horas, ainda que até esse limite fosse desrespeitado e excedido com freqüência.[682] Em março de 1942, a direção do Gulag, em Moscou, despachou carta furiosa a todos os comandantes de campo, lembrando-os da regra de que "se devem conceder aos presos não menos que oito horas de sono". A carta explicava que muitos comandantes não acatavam tal norma e só permitiam que os prisioneiros dormissem quatro ou cinco horas por noite. O Gulag se queixava de que, em conseqüência, "os presos estão perdendo a capacidade de trabalho; tornam-se "trabalhadores fracos e inválidos".[683]

O desrespeito à norma continuou, em especial durante os anos de guerra, quando se acelerou a demanda produtiva. Em setembro de 1942, a direção do Gulag estendeu oficialmente para doze horas a jornada dos presos que construíam instalações aeroportuárias, com uma hora de almoço. O padrão era o mesmo por toda a URSS. No Vyatlag, durante a guerra, registraram-se jornadas de dezesseis horas.[684] Em Vorkuta, no verão de 1943, houve jornadas de doze horas, embora elas fossem de novo reduzidas para dez horas em março de 1944 - provavelmente por causa das elevadas taxas de mortalidade e doença.[685] Sergei Bondarevskii, prisioneiro durante a guerra numa sharashka (um daqueles laboratórios especiais para cientistas presos), também recordaria jornadas de onze horas, com intervalos. Num dia típico, Bondarevskii trabalhava das oito às catorze; das dezesseis às dezenove; e das vinte às 22.[686]

Em todos os casos, as normas eram violadas com freqüência. Os zeks designados para as turmas de trabalho que garimpavam ouro em Kolyma tinham de peneirar 150 carrinhos de terra por dia. Quem não terminara essa quantidade ao fim da jornada simplesmente continuava trabalhando até cumprir a cota - por vezes já à meia-noite. Depois, ia para o alojamento, tomava sua sopa e acordava às cinco para recomeçar o trabalho.[687] A administração do campo de Norilsk aplicava principio semelhante no final da década de 40; um homem que nessa época estava preso lá, escavando alicerces para novas construções no perma-frost, relataria: "Após doze horas de trabalho, eles nos içavam do buraco, mas só se tivéssemos concluído o serviço. Do contrário, éramos simplesmente deixados ali".[688]

Tampouco se concediam muitos intervalos durante o dia, como depois

---

[680] Olitskaya, pp. 234-44; Nordlander, "Capital of the Gulag", p. 159.
[681] Olitskaya, pp. 234-44.
[682] GARF, da coleção da autora.
[683] GARF, 9401/1a/127.
[684] GARF, 9401/la/128; Berdinskikh, pp. 24-43.
[685] N. A. Morozov, GULAG v Komi krae, pp. 72-75.
[686] Bondarevskii, p. 44.
[687] Pavel Galitskii, "Étogo zabyt nelzya", in Uroki, pp. 83-85.
[688] MacQueen.

explicaria um preso dos tempos da guerra, designado para uma unidade têxtil:

> Às seis da manhã, tínhamos de estar na fabrica. Às dez, havia intervalo de cinco minutos para um cigarrinho, com o que precisávamos correr para um porão a uns duzentos metros de distância, o único lugar nas instalações da fábrica onde se permitia fumar. Infringir a norma acarretava mais dois anos de pena. À uma da tarde, tinha-se meia hora de almoço. De cuia de cerâmica na mão, era necessário disparar freneticamente para a cantina, entrar numa fila comprida, receber uns grãos de soja nojentos que faziam mal à maioria das pessoas - e estar impreterivelmente na fábrica quando os motores começavam a funcionar. Então, sem sairmos de nossos lugares, ficávamos ali até as sete da noite".[689]

O número de dias de folga também era determinado por lei. Os presos em regime comum tinham uma por semana; e aqueles em regimes mais severos, duas por mês. Mas, na prática, essa norma também variava. Já em 1933, a direção do Gulag em Moscou emitiu ordem que lembrava os comandantes de campo da importância que tinham os dias de descanso, muitos dos quais vinham sendo cancelados na corrida louca para cumprir as metas do Plano Qüinqüenal.[690] Uma década depois, quase nada mudara. Durante a guerra, Kazimierz Zarod tinha um dia de folga a cada dez.[691] Outro preso se recordaria de ter um por mês.[692] Gustav Herling lembraria que os dias livres eram ainda mais infreqüentes:

> Pelos regulamentos, os presos tinham direito a um dia inteiro de descanso a cada dez de trabalho. Na prática, entretanto, mesmo um dia de folga por mês ameaçava diminuir a produção do campo, e, por isso, tornou-se costume anunciar cerimoniosamente a concessão de um dia livre sempre que o campo superasse suas metas de produção para determinado trimestre... Naturalmente, não tínhamos nenhuma oportunidade de verificar as cifras nem o planejamento produtivo, de modo que esse acerto era uma ficção que acabava nos deixando totalmente à mercê das autoridades do campo.[693]

Mesmo nos raros dias de folga, acontecia às vezes que os presos fossem obrigados a fazer trabalho de manutenção dentro do campo, limpando os alojamentos, os sanitários, a neve no inverno.[694] Tudo isso torna especialmente patética uma ordem emitida por Lazar Kogan, o comandante do Dmitlag. Incomodado pelos muitos casos de cavalos que desabavam de exaustão na lida do campo, Kogan começava observando que "o crescente número de cavalos doentes ou exauridos tem várias causas, inclusive o excesso de carga, as condições difíceis das estradas e a ausência de descanso pleno e completo para que eles recuperem as forças".

Kogan então continuava, dando novas instruções:

> 1. A jornada de trabalho dos cavalos do campo não deve ser superior a

---

[689] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[690] GARF, 9414/1/2741.
[691] Zarod, p. 104.
[692] Mirek, Zapiski zaklyuchennogo, p. 116.
[693] Herling, p. 113.
[694] Lipper, p. 214; Zarod, pp. 104-5.

dez horas, sem contar o intervalo obrigatório de duas horas para descanso e alimentação.

2. Na média, os cavalos não devem percorrer mais que 32 quilômetros por dia.

3. Aos cavalos se deve conceder um dia regular de descanso a cada oito, e esse descanso deve ser completo.[695]

Sobre a necessidade de que os presos tivessem um dia de folga a cada oito, não se fazia, infelizmente, nenhuma menção.

**Babaki: a morada**

Na maioria dos campos, a maior parte dos presos ficava em barracões. Contudo, raros eram os campos cujos alojamentos já estivessem prontos quando os primeiros presos chegavam. Aqueles presos que tinham o azar de ser enviados para construir um campo moravam em tendas, ou nem isso. Uma canção de prisioneiros dizia:

Seguíamos rápido pela tundra Quando, de súbito, o trem parou. Em volta, só floresta e lama... E ali construiríamos o canal.[696]

Ivan Sulimov, prisioneiro em Vorkuta nos anos 1930, foi deixado, junto com um grupo de detentos, num "lote quadrado na tundra polar"; receberam ordem de armar tendas, fazer uma fogueira e começar a erguer barracões e "uma cerca de lajes e arame farpado".[697] O polonês Janusz Sieminski, prisioneiro em Kolyma após a guerra, também participou de uma equipe que, em pleno inverno, construiu um lagpunkt "a partir do zero". A noite, os presos dormiam ao relento. Muitos morreram, sobretudo os que perderam a batalha para ver quem dormiria perto do fogo.[698] Em dezembro de 1940, presos que chegavam ao campo de Prikaspiiskii, no Azerbaijão, também dormiam, nas palavras de um irritado inspetor da NKVD, "sob as estrelas, no chão úmido".[699] E essas situações tampouco eram necessariamente temporárias. Mesmo em 1955, presos ainda moravam em tendas em alguns campos.[700]

Se e quando os presos erguiam barracões, estes sempre eram construções de madeira extremamente simples. Moscou determinava o projeto deles, e, por conseguinte, as descrições são um tanto repetitivas: todo preso menciona os barracões compridos e retangulares de madeira, as paredes sem reboco, as lendas tapadas com barro, o espaço interno tomado por fileiras e mais fileiras de beliches de madeira igualmente precários. Às vezes, havia uma mesa rústica; às vezes, não. Às vezes, havia bancos compridos; às vezes, não.[701] Em Kolyma e outras regiões onde a madeira era escassa, os prisioneiros construíam alojamentos de pedra, também baratos e apressados. Quando não se dispunha de isolamento térmico, usavam-se outros métodos. Fotos dos

---

[695] GARF, 9489/2/11.
[696] Citado em Zhigulin, p. 121.
[697] Sulimov, pp. 45-55.
[698] Sieminski, p. 45.
[699] GARF, 8131/37/543.
[700] GARF, 9414/1/2887.
[701] GARF, 9414/1/496, ordem de junho de 1951 para estabelecimento de um campo, "de acordo com planos do Gulag".

alojamentos de Vorkuta tiradas no inverno de 1945 os fazem parecer quase invisíveis: os telhados haviam sido construídos em ângulo agudo, mas muito perto do chão, de maneira que a neve que se acumulasse ao redor ajudasse a isolá-los do frio.[702]

Com freqüência, os alojamentos nem sequer chegavam a ser construções, e sim zemlyanki (abrigos de trincheira). No começo dos anos 1940, A. P. Evstonichev ficou num na Carélia:

No alojamento. Detentos ouvem músico prisioneiro. Desenho de Benjamin Mkrtchyan. Ivdel, 1953

> Um zemlyanka era um espaço do qual se retiravam a neve e a camada superior de terra. As paredes e o teto eram feitos com toras redondas e não-desbastadas. A estrutura toda era coberta com outra camada de terra e neve. A entrada do abrigo recebia uma porta de lona [...] num canto, havia um barril de água. No meio do abrigo, um fogão de metal, com chaminé metálica saindo pelo teto, e um barril de querosene.[703]

Nos lagpunkts construídos nos canteiros de obras de rodovias e ferrovias, sempre havia zemlyanki. Conforme exposto no capítulo 4, seus vestígios ainda marcam os caminhos construídos por presos no extremo norte, assim como as margens do rio perto das áreas mais antigas da cidade de Vorkuta. Às vezes, os presos também ficavam em tendas. Uma memória dos primeiros tempos do Vorkutlag descreve a armação, num período de três dias, de "quinze tendas com beliches triplos" para cem presos cada uma, assim como de uma zona prisional com cerca de arame farpado e quatro torres de vigia.[704]

Mesmo os verdadeiros barracões raramente correspondiam aos já baixos padrões que Moscou estabelecera. Quase sempre, eram terrivelmente superlotados, até depois que já amainara o caos do fim dos anos 1930. Um relatório de inspeção de 23 campos, escrito em 1948, observava com raiva que, na maioria deles, "os presos não tinham mais que um a 1,5 metro quadrado por pessoa", e mesmo esse espaço estava em condições insalubres: "os prisioneiros não têm lugar determinado para dormir, nem lençóis e

[702] GARF, 9414/6/24.
[703] Evstonichev, p. 88.
[704] Sulimov, p. 53.

cobertores individuais".[705] Por vezes, havia ainda menos espaço. Margarete Buber-Neumann registra que, na chegada ao campo, não se dispunha de nenhum espaço para dormir nos barracões, e ela foi obrigada a passar as primeiras noites no chão do lavatório.[706]

Os presos em regime "ordinário" deviam ter leitos, chamados vagonki, nome oriundo dos beliches encontrados nos vagões de passageiros. Eram beliches duplos, com espaço para dois detentos em cada leito. Em muitos campos, os presos dormiam nos sploshnye nary, ainda menos sofisticados. Estes eram compridas prateleiras de madeira que serviam de leito, não estando nem sequer divididas em beliches separados. Os presos simplesmente deitavam um ao lado do outro, numa longa fileira. Dado que esses leitos comunais eram considerados anti-higiênicos, os inspetores dos campos também viviam denunciando-os. Em 1948, a direção do Gulag emitiu diretiva que exigia que todos os sploshnye nary fossem substituídos por vagonki.[707] Todavia, Anna Andreevna, prisioneira na Mordóvia no final dos anos 1940 e começo dos 50, dormia em sploshnye nary; ela também lembra que muitas presas ainda dormiam no chão, debaixo dessas prateleiras.[708]

As dotações de roupa de cama e banho também eram arbitrárias e variavam muito de campo para campo, apesar de mais regras severas (e um tanto modestas) instituídas por Moscou. Os regulamentos determinavam que todos os presos recebessem uma toalha nova a cada ano; uma fronha a cada quatro anos; lençóis a cada dois; e um cobertor a cada cinco.[709] Na prática, "para cada leito, vinha um pretenso colchão de palha", escreveria Elinor Lipper:

> Nele não havia nenhuma palha, e raramente tinha feno, pois não se dispunha de forragem suficiente para o gado; em vez dessas coisas, o colchão continha raspagem de madeira ou roupas extras, se a prisioneira ainda possuísse roupas extras. Havia ainda um cobertor de lã e uma fronha que a gente podia encher com o que tivesse, pois não existiam travesseiros.[710]

Outros não dispunham de absolutamente nada. Mesmo em 1950, Isaak Filshtinskii, especialista em árabe aprisionado em 1948, ainda dormia coberto apenas pelo casaco, usando trapos como travesseiro, no Kargopollag.[711]

Aquela diretiva de 1948 também instruía que se cobrisse com piso de madeira o chão nu dos alojamentos. Mas, quando já se estava nos anos 1950, Irena Arginskaya morava num barracão cujo piso não se podia limpar direito, pois era de argila.[712] Mesmo quando os pisos eram de madeira, freqüentemente não se conseguia limpá-los por falta de vassouras. Descrevendo sua vivência do Gulag a uma comissão no pós-guerra, uma polonesa explicou que, no campo onde estivera, um grupo de prisioneiras sempre permanecia "de serviço" à noite, limpando os barracões e sanitários enquanto outras dormiam: "A lama no piso do barracão tinha de ser tirada a faca. As russas ficavam alucinadas

---

[705] GARF, 8131/37/4547.
[706] Buber-Neumann, p. 75.
[707] GARF, 9401/1 a/274.
[708] Andreevna, entrevista com a autora.
[709] GARF,9401/la/141.
[710] Lipper, p. 131.
[711] Filshtinskii, entrevista com a autora.
[712] Arginskaya, entrevista com a autora; GARF, 9401/1a/274.

porque não conseguíamos fazê-lo e nos perguntavam como vivíamos em nossas casas. Nem sequer lhes ocorria que mesmo o chão mais sujo pode ser varrido e escovado".[713]

Com freqüência, o aquecimento e a iluminação eram igualmente primitivos, mas, também nisso, as circunstâncias variavam muito de campo para campo. Um preso lembraria que os barracões ficavam praticamente às escuras: "as lâmpadas elétricas tinham brilho branco-amarelado, quase imperceptível, e os lampiões de querosene soltavam fumaça e um cheiro repugnante".[714] Outros se queixavam do problema oposto: as luzes costumavam ficar acesas a noite toda.[715] Nos campos da região de Vorkuta, alguns presos não tinham nenhum problema de aquecimento, visto que podiam trazer pedras de carvão das minas; mas Susanna Pechora, num lagpunkt perto das minas carboníferas de Inta, recordaria que, dentro dos barracões, "fazia tanto frio no inverno que nossos cabelos congelavam e se grudavam à cama e a água de beber congelava nas canecas".[716] No alojamento de Susanna, tampouco havia água corrente, só a trazida em baldes pela dezhurnaya - mulher mais velha, já incapacitada para o trabalho mais pesado -, que, durante o dia, limpava o barracão e cuidava dele.[717]

Pior: "um mau cheiro terrível" permeava o alojamento, por causa das enormes quantidades de roupas sujas e mofadas que eram postas para secar na beira dos beliches e das mesas ou em qualquer lugar onde fosse possível pendurar algo. Nos alojamentos dos campos especiais, onde as portas eram trancadas à noite e as janelas tinham grades, o fedor tornava "quase impossível respirar".[718]

A qualidade do ar não melhorava com a ausência de sanitários. Nos campos onde os presos ficavam trancados nos alojamentos à noite, os zeks tinham de usar o parasha (balde sanitário), tal como nas cadeias. Um preso escreveu que, de manhã, era impossível carregar o parasha, "de modo que o arrastavam por aquele piso escorregadio; o conteúdo invariavelmente entornava".[719] Galina Smirnova, detida no começo dos anos 1950, lembraria que, "se a coisa era séria, a gente esperava até de manhã; do contrário, o fedor era horrível".[720]

Os sanitários eram casinhas, e estas ficavam a alguma distância dos alojamentos, o que era uma provação no frio do inverno. "As latrinas eram de madeira, ao ar livre", disse Galina a respeito de outro campo, "e tinha-se de usá-las mesmo quando fazia trinta ou quarenta graus abaixo de zero."[721] Thomas Sgovio escreveu sobre as conseqüências:

> Do lado de fora, em frente a cada alojamento, puseram um mastro, que, congelando, se fixou no solo. Mais uma ordem! Estávamos proibidos de urinar em qualquer outro lugar do campo que não fossem as casinhas ou aquele mastro, com o trapo branco amarrado no alto. Quem quer que

---

713 Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
714 Petrus, pp. 58-65.
715 Pechora, entrevista com a autora.
716 Pechora, entrevista com a autora; Bulgakov, entrevista com a autora.
717 Arginskaya, entrevista com a autora.
718 Pechora, entrevista com a autora; Petrus, pp. 58-65.
719 Rozina, pp. 67-75.
720 Smirnova, entrevista com a autora.
721 Ibid.

> fosse apanhado desrespeitando a ordem passaria dez noites na cela punitiva [...]. A ordem foi dada porque, à noite, havia presos que, não querendo andar a longa distância até as casinhas, urinavam em cima das trilhas de neve, já bem batidas. O chão estava coberto de pontos amarelos. No final da primavera, quando a neve derretesse, o fedor seria terrível [...] duas vezes por mês, cortávamos essas pirâmides de urina congelada e, de carrinho, levávamos os pedaços para fora da zona.[722]

Contudo, a sujeira e o apinhamento não eram apenas problemas estéticos, nem questão de desconforto relativamente menor. Os beliches superlotados e a falta de espaço também podiam ser mortíferos, em especial nos campos que trabalhavam em esquema de 24 horas por dia. Sobre um desses campos, onde os presos trabalhavam em três turnos, dia e noite, um memorialista escreveu que

> havia gente dormindo no alojamento a qualquer hora do dia. Brigar para conseguir dormir era brigar pela vida. Discutindo por conta do sono, as pessoas se xingavam, lutavam entre si, até se matavam umas às outras. No alojamento, o rádio estava no volume máximo o tempo todo e, por isso, era detestado.[723]

Justamente porque a questão de onde dormir era tão crucial, o sono sempre constituía importantíssima ferramenta de controle sobre os presos, e a administração dos campos o usava assim, de caso pensado. No arquivo central em Moscou, o Gulag conservava cuidadosamente fotos de diferentes tipos de alojamentos, para diferentes tipos de presos. Os barracões dos otlichniki - os "ótimos", ou "trabalhadores de choque" - tinham camas individuais com colchões e cobertores, assoalho de madeira e quadros nas paredes. Os presos, se não chegavam a sorrir para os fotógrafos, pelo menos liam jornais e pareciam bem nutridos. Já os barracões de rezhim - os alojamentos punitivos para trabalhadores ineficazes ou refratários - não tinham camas, mas pranchas sobre suportes rústicos de madeira. Mesmo nessas fotos propagandísticas, os presos na categoria rezhim não possuem colchões e dividem cobertores.[724]

Em alguns campos, a etiqueta referente ao sono se tornava bastante complexa. O espaço era tão escasso que ele, e a privacidade, era considerado grande privilégio, concedido apenas aos que estavam incluídos na aristocracia dos campos. Com freqüência, permitia-se que presos de posição mais elevada - chefes de turmas de trabalho e outros - dormissem em barracões menores, com menos pessoas. Solienitsin, tendo de início sido designado "gestor de trabalhos" ao chegar a um campo em Moscou, ganhou lugar num alojamento onde,

> em vez de beliches múltiplos, havia catres comuns e um criado-mudo para cada duas pessoas, e não para toda uma turma de trabalho. Durante o dia, a porta ficava trancada, e podíamos deixar nossas coisas lá. Por fim, havia uma chapa elétrica, semi-legal, e não era necessário apinhar-se em volta do grande fogão comunal no pátio.[725]

---

[722] Sgovio, p. 186.
[723] Vardi,pp. 93-150.
[724] GAHF, 9414/6/24 e 25.
[725] Soljenitsin, The GulagArchipelago, vol. II, p. 268.

Tudo isso era considerado um grande luxo. Era verdade que trabalhos mais desejáveis (marcenaria, ou reparo de ferramentas) também vinham com o cobiçadíssimo direito a dormir na oficina. Anna Rozina pernoitava no trabalho quando foi sapateira no campo de Temnikovsky e tinha também o "direito" de ir mais vezes aos banhos, coisas que constituíam grandes privilégios.[726]

Em quase todo campo, os médicos, mesmo os aprisionados, também podiam dormir à parte, prerrogativa que refletia o status especial desses profissionais. O cirurgião Isaac Vogelfanger sentia-se privilegiado porque o deixavam dormir num catre numa "salinha anexa à recepção" da enfermaria do campo. "A lua parecia sorrir para mim quando eu ia dormir." Junto dele, dormia o feldsher (assistente médico) do campo, o qual tinha o mesmo privilégio.[727]

Às vezes, providenciavam-se condições especiais para inválidos. A atriz Tatyana Okunevskaya conseguiu ser mandada para um campo de inválidos na Lituânia, onde "os alojamentos eram compridos, com muitas janelas, iluminados, limpos, sem beliches sobre nossas cabeças".[728] Os presos enviados para o trabalho nos sharashki de Beria - os "departamentos especiais" para engenheiros e técnicos de talento -ganhavam as melhores entre todas as acomodações. Em Bolshevo (sharashka nas imediações de Moscou), os alojamentos eram "grandes, iluminados, limpos e aquecidos com panelões de ferro", e não com fogões de metal. Os leitos tinham travesseiro e roupa de cama, as luzes se apagavam à noite, e havia chuveiro individual.[729] Os prisioneiros que moravam nessas acomodações especiais sabiam, é claro, que elas poderiam ser-lhes tiradas facilmente, o que aumentava o interesse deles em dar duro.

Extra-oficialmente, também havia outra hierarquia nos alojamentos. Na maioria destes, as decisões cruciais sobre quem dormiria e onde dormiria eram tomadas pelos grupos que eram mais fortes e mais unidos nos campos. Até o final da década de 1940 - quando ficariam mais poderosos os grandes grupos nacionais de presos, como ucranianos, baltas, tchetchenos e poloneses -, os mais organizados, como veremos, costumavam ser os criminosos condenados. Por conseguinte eles em geral dormiam nos beliches superiores, mais arejados e espaçosos, golpeando e chutando os que se opunham a isso. Quem dormia nos beliches inferiores tinha menos ascendência. E quem dormia no chão - os presos de status mais baixo no campo - sofria mais que todos, conforme lembraria um preso:

> Esse nível era denominado "setor colcoz"[730], e era para lá que os bandidos baniam os kolkhozniki - ou seja, diversos padres e intelectuais idosos e até alguns deles mesmos, que haviam desrespeitado o código de honra da bandidagem. Sobre esses não caíam apenas coisas dos beliches superiores e inferiores: os bandidos também despejavam restos, água, a sopa do dia anterior. E o setor colcoz tinha de agüentar tudo isso, porque, se reclamasse, seria alvo de ainda mais sujeira [...] pessoas adoeciam, sufocavam, perdiam a consciência, enlouqueciam,

[726] Rozina, pp. 67-75.
[727] Vogelfanger, p. 67.
[728] Okunevskaya, p. 391.
[729] Golovanov, pp. 110-15 e 122.
[730] Referência a um tipo de propriedade rural coletiva, típica da União Soviética. (N. E.)

morriam de tifo ou disenteria, suicidavam-se.[731]

Não obstante, os presos, mesmo os políticos, podiam melhorar suas condições de vida. Trabalhando como feldsher, o preso político polonês Karol Colonna-Czosnowski, colocado num alojamento extremamente apinhado, caiu nas boas graças de Grisha, o "chefão" criminoso do campo:

> Ele deu um majestoso pontapé num de seus cortesãos, que interpretou aquilo como ordem para arrumar espaço para mim e deixou seu lugar na mesma hora. Fiquei constrangido e aleguei que preferia não sentar tão perto do fogo, mas isso não estava em conformidade com os desejos de meu anfitrião, como descobri quando um dos asseclas de Grisha me deu um tremendo empurrão.

Quando Colonna-Czosnowski recuperou o equilíbrio, viu-se sentado aos pés de Grisha. "Aparentemente, era ali que ele queria que eu permanecesse."[732] Colonna-Czosnowski não discutiu. Ainda que por poicas horas, o lugar onde alguém sentava, ou pousava a cabeça, era coisa importantíssima.

**Bahya: os banhos**

A sujeira, a superlotação e a falta de higiene causavam uma praga de percevejos e piolhos. Nos anos 1930, um desenho "humorístico" do Perekovka (o jornal do canal Moscou-Volga) mostrava um zek ao qual entregavam trajes novos. A legenda: "Eles lhe dão roupas 'limpas', mas estão empiolhadas". Outro cartum dizia: "Enquanto a gente dorme no alojamento, os percevejos picam feito paguros".[733] O problema não diminuiu com o passar dos anos. Um preso polonês recorda que, durante a guerra, seu companheiro de campo ficou obcecado por esses bichos: "Como biólogo, interessava-se em saber quantos piolhos podiam subsistir em determinado espaço. Contando-os na camisa, achou sessenta e, uma hora depois, outros sessenta".[734]

Na década de 1940, os chefes do Gulag já tinham reconhecido havia muito tempo o perigo mortal do tifo transmitido por piolhos e, oficialmente, travavam uma batalha constante contra os parasitas. Os banhos eram supostamente obrigatórios de dez em dez dias. Toda a roupa devia ser fervida em unidades de desinfecção, primeiro quando se ingressava no campo e depois a intervalos regulares, para destruir todos os organismos nocivos.[735] Como já vimos, os barbeiros dos campos rapavam o corpo inteiro de homens e mulheres já na chegada; depois, também lhes rapavam regularmente as cabeças. O sabão, mesmo que em quantidades ínfimas, era com freqüência incluído na lista de produtos a distribuir aos presos; em 1944, por exemplo, seriam duzentos gramas mensais de sabão para cada prisioneiro. Mulheres, presos hospitalizados e filhos de presos recebiam mais cinqüenta gramas; adolescentes, mais cem; e presos que realizavam "serviços especialmente sujos", mais duzentos. Essas minúsculas lascas de sabão se destinavam tanto à higiene pessoal quanto à lavagem da indumentária e da roupa de cama e banho.[736] (Dentro ou fora dos campos, o sabão não ficou menos escasso.

---

[731] Petrus, pp. 58-65.
[732] Colon na-Czosnowski, p. 113.
[733] GARF, 9414/4/1 (Perekovka de 30 de junho, 1934).
[734] Karta, Arkhiwum Wschodnia, V/AC/183.
[735] GARF, 5446/1/54; Rossi, The Gulag Handbook, p. 14.
[736] GARF, 9401/1/713.

Mesmo em 1991, mineiros de carvão entraram em greve porque, entre outras coisas, não tinham sabão.)

Entretanto, nem todo mundo estava convencido da eficácia dos processos de espiolhação adotados nos campos. Na prática, escreveria um preso, "os banhos pareciam aumentar o vigor sexual dos piolhos".[737]

Varlam Shalamov iria além: "Não apenas a espiolhação era absolutamente inútil como também nenhum piolho morria na câmara de desinfecção. Era apenas uma formalidade, e o procedimento todo fora criado para atormentar ainda mais o condenado".[738]

Estritamente falando, Shalamov estava errado. Não se criara o procedimento para atormentar os condenados - como eu disse, a direção do Gulag, em Moscou, de fato estabelecera diretivas muito severas, instruindo os comandantes de campo a guerrearem contra os parasitas, e incontáveis relatórios de inspeção denunciam a negligência em fazê-lo. Uma descrição de 1933 sobre as condições no Dmitlag se queixa iradamente dos alojamentos femininos, que eram "sujos, sem lençóis e cobertores; as mulheres reclamam da enorme quantidade de percevejos, os quais a Divisão Sanitária não está combatendo".[739] Um inquérito de 1940 sobre as condições num grupo de campos setentrionais falava com raiva dos "piolhos e percevejos, que têm impacto negativo sobre as possibilidades de descanso dos presos" num lagpunkt; já o campo de trabalho correcional de Novossibirsk tinha "100% de incidência de piolhos entre os presos [...] em conseqüência das más condições sanitárias, é alto o índice de doenças dermatológicas e distúrbios estomacais [...] fica então claro que as condições anti-higiênicas no campo nos causam enormes prejuízos". Entrementes, houvera dois surtos de tifo em outro lagpunkt; e, em outros mais, os presos estavam "pretos de sujeira", continuava o relatório, com muita inquietação.[740]

Queixas referentes a piolhos, e ordens iradas para eliminá-los, figuram ano após ano nos relatórios de inspeção apresentados pela promotoria do Gulag.[741] Depois de outra epidemia de tifo no Temlag, em 1937, o diretor do lagpunkt e o vice-diretor do departamento médico do campo foram demitidos, indiciados por "negligência e inércia criminosas" e levados a julgamento.[742] Usavam-se não só punições, como também recompensas: em 1933, os ocupantes de um alojamento do Dmitlag ganharam dias de folga do trabalho como prêmio por terem eliminado os percevejos em todos os leitos.[743]

A recusa de banhar-se era igualmente levada muito a sério. Irena Arginskaya, que no começo dos anos 1950 estava num campo especial para presos políticos em Kengir, se recordaria de uma seita religiosa feminina que, por motivos conhecidos apenas das praticantes, se negava a tomar banho:

> Um dia, eu ficara no alojamento porque estava doente e, assim, fora liberada do trabalho. Contudo um guarda entrou e nos disse que todas

---

[737] Waydenfeld, p. 132.
[738] Shalamov, Koljma Tales, p. 132.
[739] GARF, 9489/2/20.
[740] GARF, 8131/37/357.
[741] GARF, 8131/37.
[742] GARF, 9401/1a/16.
[743] GARF, 9489/2/20/64.

> as presas adoentadas teriam de ajudar a lavar as "freiras". A cena foi esta: uma carroça foi puxada até a parte dos alojamentos onde elas ficavam, e precisamos carregá-las para fora e colocá-las na carroça. Elas chiaram, nos chutaram, nos golpearam etc. Mas, quando enfim as pusemos no carroção, ficaram quietas e não tentaram fugir. Aí, puxamos a carroça até os banhos, onde as levamos para dentro, as despimos - e então entendemos por que a administração do campo não podia permitir que elas deixassem de tomar banho: quando lhes tiramos as roupas, caíram mancheias de piolhos. Colocamos as mulheres debaixo da água e as lavamos. Enquanto isso, as roupas delas eram fervidas para matar os piolhos.[744]

Irena também lembra que, "em princípio, era possível ir ao banho quantas vezes se quisesse" lá em Kengir, onde não havia restrições ao uso da água. De modo semelhante, Leonid Sitko, ex-prisioneiro de guerra na Alemanha, avaliaria que os campos soviéticos tinham menos piolhos que os campos alemães. Sitko esteve preso tanto no Steplag quanto no Minlag, onde "podíamos tomar quantos banhos desejássemos [...] podíamos até lavar nossas roupas".[745] Certas fábricas e locais de trabalho tinham chuveiros próprios, como Isaak Filshtinskii descobriu no Kargopollag, onde os presos podiam usá-los durante o dia, muito embora outros detentos sofressem com a falta de água.[746]

Entretanto, Variam Shalamov não estava de todo errado em sua descrição cética do sistema de higiene. Pois, mesmo os administradores locais dos campos sendo instruídos a levar essas medidas sanitárias a sério, muitas vezes acontecia que eles simplesmente, cumpriam os rituais de espiolhação e banho, sem parecer dar grande importância aos resultados. Ou não se dispunha de carvão suficiente para manter quente o bastante o dispositivo de desinfecção; ou os encarregados não se preocupavam em executar direito o procedimento; ou não se distribuíam rações de sabão durante meses; ou essas rações eram surrupiadas. Nos dias de banho no lagpunkt de Dizelny, em Kolyma, "davam a cada preso uma lasquinha de sabão e um canecão de água morna, despejavam cinco ou seis desses canecos numa cuba, e isso bastava para todo mundo, para banhar e enxaguar cinco ou seis pessoas". No lagpunkt de Sopka,

> a água, assim como outras cargas, era trazida pela ferrovia de bitola estreita e pela estradinha. No inverno, obtinham-na da neve, embora ali não se acumulasse muita, já que o vento a dispersava [...]. Os trabalhadores voltavam da mina cobertos de poeira, e não havia pias onde se lavarem.[747]

Com freqüência, os guardas se cansavam do processo de banhar os presos e concediam-lhes só uns poucos minutos no banho, por pura formalidade.[748] Em 1941, no lagpunkt do Siblag, um inspetor indignado descobriu que "os presos não tomam banho há dois meses", por conta pura e simplesmente do

---

[744] Arginskaya, entrevista com a autora.
[745] Sitko, entrevista com a autora.
[746] Filshtinskii, entrevista com a autora.
[747] Zhigulin, pp. 174-78.
[748] Pechora, entrevista com a autora.

desinteresse dos guardas.[749] E, nos piores campos, a flagrante negligência para com a condição humana dos presos transformava os banhos em verdadeira tortura. Muitos descrevem o caráter hediondo do processo, mas ninguém tão bem quanto, de novo, Variam Shalamov, o qual dedicou um conto inteiro aos horrores do banho em Kolyma. Os presos, embora exaustos, tinham de esperar horas pela vez de lavarem-se:

> As sessões na sala de banhos ocorriam antes ou depois do trabalho. Após muitas horas de serviço no frio (e no verão não era mais fácil), quando todos os pensamentos e expectativas se concentravam no desejo de chegar ao beliche e à comida para poder cair no sono o quanto antes, a demora na sala de banhos era quase insuportável.

Primeiro, os zeks ficavam em filas, do lado de fora, no frio; depois, eram arrebanhados para vestiários superlotados, construídos para acomodar quinze pessoas mas abrigando até cem. Durante todo esse meio-tempo, eles sabiam que os alojamentos estavam sendo limpos e revistados. Seus parcos pertences - aí incluídos os utensílios de louça e os panos com que envolviam os pés - estavam sendo jogados na neve:

> É característico do homem, seja mendigo, seja ganhador do Nobel, logo adquirir coisinhas de uso pessoal. O mesmo vale para o condenado. Afinal, é um homem em atividade e precisa de agulha e material para remendos, talvez de uma cuia extra. Tudo isso é jogado fora e deve ser novamente acumulado depois de cada dia nos banhos, a menos que tenha sido escondido bem fundo em algum lugar na neve.

Uma vez dentro da casa de banhos, havia freqüentemente tão pouca água que era impossível ficar limpo. Dava-se aos presos "uma bacia de madeira com água não muito quente [...] não havia água além daquela, e ninguém conseguia comprar nenhuma mais". Tampouco as salas de banho eram aquecidas: "A sensação de frio aumentava com as mil correntes de ar que entravam por baixo das portas, pelas frestas. As salas não eram de todo aquecidas; havia frestas nas paredes". Dentro, tinha-se também "uma zoeira constante, acompanhada de fumaça, apinhamento e gritaria. Existia até uma expressão comum: 'berrar como nos banhos' ".[750]

Thomas Sgovio também descreve essa cena dantesca, escrevendo que às vezes era preciso espancar os presos de Kolyma para fazê-los ir aos banhos:

> Era preciso esperar do lado de fora, no gelo, até que saíssem os que estavam lá dentro... Depois era entrar no vestiário, onde fazia frio... Seguiam-se as desinfecções e fumigações compulsórias, em que nossos andrajos eram jogados numa pilha... Nunca se conseguia recuperar aquelas roupas que tinham sido nossas... Vinham os arranca-rabos e xingamentos - "Seu filho da puta, esse é meu casaco"... Então, a escolha da roupa de baixo, úmida, coletiva, repleta de ovos de piolho nas costuras... A remoção de todos os pêlos do corpo pelo barbeiro do campo... Aí, quando por fim era nossa vez de entrar, pegávamos uma cuba, recebíamos uma caneca de água quente, uma caneca de água

---

[749] GARF, 9414/3/9.
[750] Shalamov,Kolyma Tales, pp. 337-38, 338-39 e 340.

> fria e um pedacinho de sabão preto e fedorento...[751]

E, depois que tudo acabava, recomeçava o mesmo processo humilhante de distribuição das roupas, escreve Shalamov, sempre obcecado pela roupa de baixo:

> Tendo-se lavado, os homens se juntam no guichê muito antes de realmente começar-se a distribuir a roupa de baixo. Repetidas vezes, discutem em detalhe a que lhes foi dada na última vez, a roupa de baixo recebida cinco anos antes no Bamlag.[752]

Como era inevitável, o direito a banhar-se com relativo conforto também estava intimamente relacionado ao sistema de privilégios. No Temlag, por exemplo, os que realizavam determinados serviços tinham a prerrogativa de tomar banho com mais freqüência.[753] A própria função de atendente nas salas de banho, que acarretava tanto o acesso a água limpa quanto o direito de permitir ou negar a outros tal acesso, costumava ser um dos trabalhos mais cobiçados do campo. No final das contas, apesar das mais estritas, severas e drásticas ordens de Moscou, o conforto, a higiene e a saúde dos presos dependiam totalmente de caprichos e circunstâncias locais.

Assim, outro aspecto da vida normal era virado do avesso, deixando de ser um singelo prazer e transformando-se no que Shalamov denomina "um acontecimento negativo, uma canga na vida do condenado [...] um testemunho daquela inversão de valores que é o principal atributo que o campo de concentração instila nos detentos".[754]

**Stolovaya: o refeitório**

A vasta literatura sobre o Gulag contém muitas e variadas descrições dos campos e reflete a vivência de ampla gama de personalidades. Mas um aspecto da vida ali permanece constante de campo a campo, ano após ano, memória após memória: a descrição da balanda, a sopa que serviam aos presos uma ou duas vezes ao dia.

Todos os ex-prisioneiros concordam em que o sabor daquele meio litro de sopa de cadeia, não importando se servido uma ou duas vezes por dia, era repugnante; a consistência era aguada, e os ingredientes, suspeitos. Galina Levinson escreveu que era feita "com repolho e batata estragados e, de vez em quando, um pouco de banha de porco ou cabeças de arenque".[755] Barbara Armonas se recordaria de sopa de "peixe ou pulmão de boi com um pouco de batata".[756] Leonid Sitko descreveria a sopa dizendo que "nunca tinha absolutamente nenhuma carne".[757]

Outro preso se lembraria de sopa de carne de cachorro, a qual um de seus colegas de trabalho, um francês, não conseguia tomar; "o homem dos países ocidentais nem sempre se mostra capaz de superar uma barreira psicológica,

---

[751] Sgovio, p. 175.
[752] Shalamov, Kolyma Tales, p. 341.
[753] Rozina, pp. 67-75.
[754] Shalamov, Kolyma Tales, p. 336.
[755] Levinson, pp. 39-40.
[756] Armorias, p. 123.
[757] Sitko, entrevista com a autora.

mesmo quando está para morrer de fome", concluiria o memorialista.[758] Até Lazar Kogan, o comandante do Dmitlag, se queixou certa vez de que "alguns cozinheiros agem como se estivessem preparando não refeições soviéticas, mas lavagem; por causa dessa atitude, a comida que fazem é imprópria, freqüentemente sem paladar e sem graça".[759]

Contudo, a fome era poderoso motivador: a sopa podia ser intragável em circunstâncias normais, mas nos campos, onde a maioria das pessoas estava sempre faminta, os presos a tomavam com gosto. Essa fome tampouco era casual: mantinham-se os presos naquele estado porque regular a comida era, depois da regulação do tempo e do espaço, a mais importante ferramenta de controle de que a administração dos campos dispunha.

Por esse motivo, a distribuição de alimento aos presos foi tornando-se uma ciência bem complexa. As normas exatas para categorias específicas de presos e trabalhadores livres eram estabelecidas em Moscou e modificadas com freqüência. A direção do Gulag vivia calibrando os números, calculando e recalculando a quantidade mínima de comida necessária para que os prisioneiros continuassem trabalhando. Amiúde, enviavam-se aos comandantes de campo novas ordens que discriminavam o tamanho das rações. Tais ordens acabaram transformando-se em documentos longos e complexos, escritos em monótona linguagem burocrática.

Era típica, por exemplo, a ordem emitida em 30 de outubro de 1944. Ela estipulava para a maioria dos presos uma ração diária básica, ou "garantida"; seriam 550 gramas de pão, oito gramas de açúcar e uma série de produtos, teoricamente destinados à feitura da balanda (a sopa do meio-dia) e da kasha (o mingau do desjejum); incluía-se também o jantar: 75 gramas de trigo-sarraceno ou sopa de macarrão, quinze gramas de carne ou derivados, 55 gramas de peixe ou derivados, dez gramas de banha ou óleo, quinhentos gramas de batata ou hortaliças, quinze gramas de sal e dois gramas de "chá ersatz".

A essa lista, anexavam-se algumas observações. Os comandantes de campo ficavam instruídos a reduzir em cinqüenta gramas a ração de pão dos presos que cumprissem apenas 75% das metas de trabalho; e em cem gramas a daqueles que cumprissem só 50%. Por outro lado, quem superasse as metas receberia mais cinqüenta gramas de trigo-sarraceno, 25 gramas de carne e 25 gramas de peixe, entre outras coisas.[760] Em comparação, estipulara-se em 1942 - ano bem mais famélico em toda a URSS - que os guardas de campo deveriam receber setecentos gramas de pão, quase um quilo de hortaliças frescas e 75 gramas de carne, com suplementos especiais para aqueles que se encontravam muito acima do nível do mar.[761] Os presos que trabalhavam nos sharashki durante a guerra eram ainda mais bem alimentados, em teoria recebendo oitocentos gramas de pão e cinqüenta gramas de carne - quando os outros presos do sistema eram aquinhoados com quinze gramas desse último item. Ademais, recebiam fósforos e quinze cigarros por dia.[762] Grávidas, adolescentes, prisioneiros de guerra, trabalhadores livres e crianças residentes

---

[758] Sulimov, p. 43.
[759] GARF, 9489/2/15.
[760] GARF, 9401/1/713.
[761] GARF, 94ol/1 a/128.
[762] GARF,9401/1a/140.

nas creches dos campos ganhavam rações ligeiramente melhores.[763]

Alguns campos fizeram experiências que introduziram distinções ainda mais sutis. Em julho de 1933, o Dmitlag emitiu ordem em que se relacionavam diferentes rações para presos que cumpriam até 79% da meta de trabalho; de 80% a 89% da meta; de 90% a 99%; de 100% a 109%; de 110% a 124%; e a partir de 125%.[764]

Como se pode imaginar, a necessidade de distribuir essas quantidades exatas de comida às pessoas certas - quantidades que às vezes variavam diariamente - exigia vasta burocracia, e muitos campos achavam difícil seguir as determinações. Tinham de manter à mão arquivos inteiros cheios de instruções, enumerando quais presos em qual situação deviam receber o quê. Mesmo os menores lagpunkts mantinham copiosos registros, listando o desempenho diário de cada preso e a conseqüente quantidade de alimento devida a ele. Em 1943, por exemplo, no pequeno lagpunkt de Kedrovyi Shor (fazenda coletiva que era divisão do Intlag), havia pelo menos treze categorias diferentes de ração. O contador do campo, provavelmente um preso, precisava determinar qual delas se aplicava a cada um dos mil detentos. Em longas folhas de papel, ele primeiro traçava as linhas a lápis e depois escrevia os nomes e números a caneta, cobrindo páginas e páginas com cálculos.[765]

Em campos maiores, a burocracia era ainda pior. A. S. Narinskii, ex-contador-chefe do Gulag, contou como os administradores de um campo, dedicando-se a construir uma das linhas férreas do extremo norte, tiveram a idéia de distribuir cupons de comida aos presos, para garantir que recebessem a ração correta todos os dias. Mas, num sistema assolado por severa escassez de papel, até a feitura dos cupons impunha dificuldades. Incapazes de arranjar solução melhor, aqueles administradores resolveram usar passes de ônibus, que demoraram três dias para chegar. Esse problema "vivia ameaçando desorganizar todo o esquema alimentar".[766]

No inverno, transportar alimentos a lagpunkts longínquos também era problema, em especial para os campos que não tinham padaria própria. "Até pão que ainda estava quente", escreve Narinskii, "quando transportado em vagão de carga por quatrocentos quilômetros a mais de 50 graus abaixo de zero, fica tão congelado que não presta nem como alimento, nem como combustível."[767] Apesar das complexas instruções para armazenagem das raras hortaliças e batatas disponíveis no norte durante o inverno, grandes quantidades congelavam e ficavam incomíveis. No verão, ao contrário, a carne, o peixe e outros alimentos estragavam. Depósitos mal administrados eram destruídos pelo fogo ou ficavam infestados de ratos.[768]

Muitos campos estabeleciam seus próprios colcozes (fazendas coletivas) ou lagpunkts dedicados à produção de laticínios, mas tais lugares freqüentemente funcionavam mal. Um relatório sobre um desses colcozes listava, entre outros problemas, a falta de pessoal técnico; de peças de reposição para o trator; de

---

[763] GARF, 9401/la/189; 9401/1/713; 9401/la/141 e 119.
[764] GARF, 9489/2/20/109-113.
[765] Kedrovyi Shor, da coleção da autora.
[766] Narinskii, Vospominaniya, p. 138.
[767] Ibid., pp. 136-37.
[768] Kedrovyi Shor, da coleção da autora; GARF, 9489/2/5.

estábulo para o gado leiteiro; de providências para a colheita.[769]

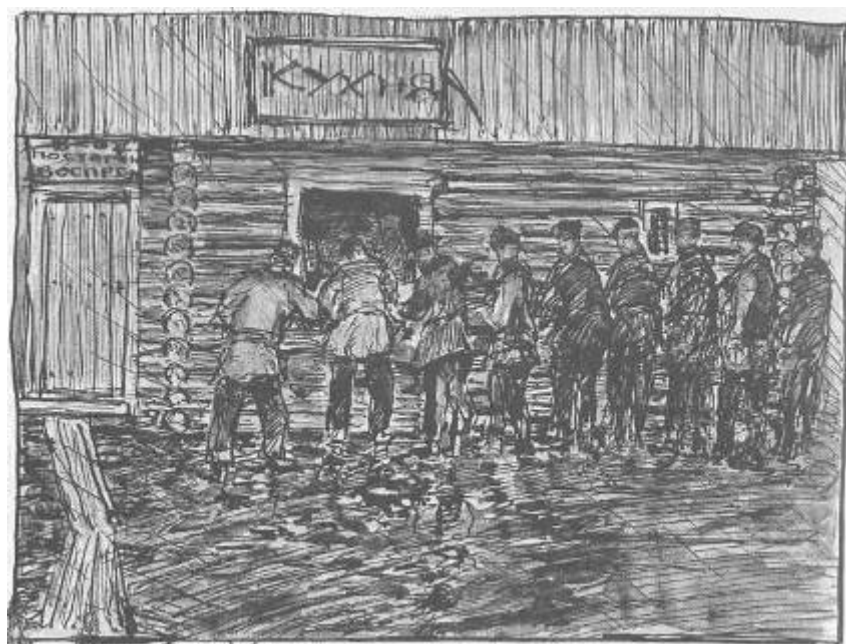
Em conseqüência, os presos quase sempre sofriam de carência vitamínica, mesmo quando não chegavam a definhar de fome. Era um problema que, em maior ou menor grau, as autoridades dos campos levavam a sério. Na ausência de comprimidos de vitaminas, muitos obrigavam os presos a tomar khvoya, uma beberagem horrorosa, feita com agulhas de pinheiro, cujo eficácia era duvidosa.[770] Em comparação, as normas para "oficiais das Forças Armadas" estimulavam expressamente o consumo de vitamina C e frutas secas para compensar a falta de vitaminas nas rações regulares. Além disso, os generais e almirantes tinham direito a queijo, caviar, peixe enlatado e ovos.[771]

Mesmo o próprio processo de distribuir sopa, com ou sem vitaminas, podia mostrar-se difícil no frio do extremo norte, sobretudo quando a serviam ao meio-dia, no local de trabalho. Em 1939, um médico de Kolyma chegou a apresentar queixa formal ao chefe do campo, observando que os presos estavam sendo obrigados a comer ao ar livre e que a refeição congelava enquanto era consumida.[772] A superlotação era outro problema: um preso recordaria que, no lagpunkt adjacente à mina de Maldyak (em Magadan), um único guichê de comida servia mais de setecentas pessoas.[773]

A distribuição de alimento também podia ser perturbada por acontecimentos alheios aos campos; durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, ela com freqüência era interrompida de todo. Os piores anos foram 1942 e 1943, quando grande parte da região ocidental da URSS estava ocupada pelas tropas alemãs e grande parte do resto do país estava ocupada combatendo-as. A fome grassava por toda a parte - e o Gulag não era prioridade. Vladimir Petrov, prisioneiro em Kolyma, lembra-se de um período de cinco dias em que não se recebeu nenhum alimento em seu campo: "Na mina, irrompeu a fome de verdade. Cinco mil homens hão tinham nem sequer um pedaço de pão".

Havia também constante escassez de talheres e vasilhas. Petrov escreve que "sopa ainda quente quando recebida ficava coberta de gelo durante o tempo que um homem tinha de esperar até que outro terminasse de tomá-la e lhe passasse a colher. Isso provavelmente explica por que a maioria deles preferia não usar colher".[774] Uma prisioneira acreditava que só permanecera viva porque "trocara pão por um cuia esmaltada de meio litro [...]. Se tínhamos nossa própria cuia, pegávamos as primeiras porções - lembrando que a gordura fica toda por cima. As outras precisavam esperar até liberarmos nossa cuia. Tomávamos a sopa e a passávamos para outra, que a passava para outra".[775]

---

[769] GARF, 9489/2/19.
[770] Gliksman, p. 301.
[771] GARF, 9401/1a/189.
[772] V Gorkhova, "Raport vracha", in Uroki, pp. 103-5.
[773] Alin, pp. 185-91.
[774] Petrov, pp. 216 e 178.
[775] Yakovenko, pp. 180-81.

Na cozinha do campo. Presos fazem fila para a sopa. Desenho de Ivan Sykahnov. Temirtau, 1935-7

Outros presos entalhavam em madeira os próprios talheres e vasilhas. O pequeno museu instalado na sede da Sociedade Memorial, em Moscou, exibe vários desses itens estranhamente tocantes.[776] Como sempre, a direção do Gulag tinha total ciência daquela escassez e, de quando em quando, procurava fazer alguma coisa a respeito: em certa ocasião, as autoridades parabenizaram um campo por ter feito uso inteligente, justamente com esse propósito, de latas que sobravam.[777] Entretanto, mesmo quando se dispunha de talheres e vasilhas, freqüentemente não havia maneira de lavá-los - e uma ordem do Dmitlag proibia "categoricamente" os cozinheiros de servir comida em recipientes sujos.[778]

Por todos esses motivos, os regulamentos de Moscou sobre as rações alimentares - já calculadas tendo em vista só o mínimo necessário à sobrevivência - não constituem indicação confiável do que os presos comiam. E não precisamos nos guiar só pelas memórias dos presos para saber que os detentos dos campos de concentração soviéticos passavam muita fome. A própria direção do Gulag realizava inspeções periódicas dos campos e mantinha registros do que os presos comiam de fato, em contraste com o que deveriam comer. Mais uma vez, é assustadora a discrepância surreal entre as bem ordenadas listas de ração elaboradas em Moscou e os relatórios dos inspetores.

Em 1942, por exemplo, um inquérito sobre o campo em Volgostroi observava que, num lagpunkt, havia oitenta casos de pelagra, doença causada pela desnutrição. "Pessoas estão perecendo de fome", dizia sem rodeios o relatório. No Siblag (um grande campo na Sibéria Ocidental), um promotor-assistente descobriu que, no primeiro trimestre de 1941, as normas alimentares haviam sido "sistematicamente desrespeitadas: carne, peixe, banha e óleo são distribuídos com extrema infreqüência [...] açúcar nunca é distribuído". Em 1942, na região de Sverdlovsk, a comida nos campos do Gulag não continha

[776] Samsonov, Zhiznprodolzhaetsya, pp. 70-71.
[777] GARF, 9414/1/25.
[778] GARF, 9489/2/10.

"nem banha, nem óleo, nem peixe, nem carne; e, muitas vezes, nenhuma hortaliça". Também em 1942, no Vyatlag, "a comida em julho era ruim, quase incomível mesmo, e pobre em vitaminas. Isso por causa da falta de lipídios, carne, peixe, batata [...] toda a alimentação se baseia em farinha e derivados de cereais".[779]

Parece que alguns presos eram privados de comida porque os campos não recebiam as entregas certas. Era um problema permanente: em Kedrovyi Shor, os contadores do lagpunkt mantinham uma lista de todos os comestíveis que podiam substituir aqueles que os presos não recebiam, embora devessem. Entre os sucedâneos, estavam o queijo, os biscoitos secos, os cogumelos silvestres e as amoras silvestres, que substituíam, respectivamente, o leite, o pão, a carne e o açúcar.[780] Não chega a surpreender que, em conseqüência, a dieta dos presos parecesse bem diferente do que constava da papelada em Moscou. Em 1940, uma inspeção no Birlag verificou que "o almoço dos zeks que trabalham consiste em água com 130 gramas de cereal e em cerca de cem gramas de pão preto. No desjejum e no jantar, eles requentam o mesmo tipo de sopa". Numa conversa com o cozinheiro do campo, o inspetor também foi informado de que as "normas oficiais nunca são cumpridas" e de que não ocorriam entregas de peixe, carne, hortaliças, banha nem óleo. O relatório concluía que o campo "não tem dinheiro para comprar comestíveis nem vestuário [...] e, sem dinheiro, nenhum órgão de abastecimento quer cooperar". Em conseqüência, registravam-se mais de quinhentos casos de escorbuto.[781]

Com a mesma freqüência, porém, a comida que chegava aos campos era surrupiada de imediato. Os furtos se davam em quase todos os níveis. Em geral, os gêneros alimentícios eram afanados quando estavam sendo preparados, e os ladrões eram as pessoas que trabalhavam na cozinha ou nas despensas. Por esse motivo, os presos procuravam funções que lhes propiciassem o acesso à comida - preparo de alimentos, lavagem de louça, trabalho de armazenagem -, de modo a poder furtá-la. Certa vez, Evgeniya Ginzburg "salvou-se" graças ao trabalho de lavar louça no refeitório masculino. Ali, não só podia "tomar um autêntico consome de carne e comer excelentes bolinhos de massa fritos em óleo de girassol", mas também descobria que outros presos lhe demonstravam grande respeito e admiração. Falando com Evgeniya, a voz de um homem tremeu "de extrema inveja e humilde veneração, ante alguém que ocupava posição tão excelsa - 'Lá onde fica a comida!'".[782]

Até tarefas como descascar batatas, ou participar da colheita nas fazendas dos campos de concentração, eram muito cobiçadas, e os presos pagavam suborno a fim de obtê-las, simplesmente para poder furtar alimento. Numa fase posterior de sua carreira no Gulag, Evgeniya Ginzburg também trabalhou cuidando das galinhas que seriam comidas pelos chefes do campo. Ela e sua colega de serviço tiravam o máximo proveito da situação:

> banhávamos a semolina do campo de concentração com o óleo de fígado de bacalhau que "pegávamos emprestado" das galinhas. Fazíamos kissel com farinha de aveia. Também dividíamos três ovos por

---

[779] GARF, 8131/37/809, 797, e 1251.
[780] Kedrovyi Shor, da coleção da autora.
[781] GARF, 8131/37/361.
[782] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, pp. 386-89.

> dia - púnhamos um na sopa, e ficávamos com um cada uma, para comê-lo cru, como iguaria. (Não pegávamos mais ovos porque não ousávamos diminuir o índice de produtividade das galinhas, pelo qual se avaliava nosso trabalho.)[783]

A gatunice também ocorria em escala muito maior, sobretudo nas cidades do extremo sul que tinham campos do Gulag, nas quais a escassez de gêneros alimentícios entre presos, trabalhadores livres e guardas fazia o furto valer a pena para todo mundo. Ano após ano, cada campo elaborava relatórios dos itens perdidos. Os relatórios do lagpunkt de Kedrovyi Shor mostram que, só no último trimestre de 1944, ocorreram perdas de mais de 200 mil rublos em artigos e dinheiro.[784]

Em nível nacional, as cifras eram bem maiores. Um relatório de promotoria referente a 1947, por isso, listava muitos casos de furto, entre eles um no Vyatlag, onde doze pessoas (aí incluído o chefe do depósito) tinham surrupiado 170 mil rublos em hortaliças e mais gêneros alimentícios. Outro relatório daquele mesmo ano calculava que, só no segundo trimestre de 1946, em 34 campos investigados, haviam-se furtado 70 mil quilos de pão, 132 mil quilos de batata e 17 mil quilos de carne. O inspetor que escrevia o relatório concluía que "o complicado sistema de alimentação dos presos propicia a facilidade para que se furtem pão e outros produtos". O inspetor também culpava o "sistema de vales-refeição para os trabalhadores livres", tanto quanto as equipes internas de fiscalização dos campos, cujos integrantes eram totalmente corruptos.[785]

Em alguns casos, o sistema de inspeção tinha de fato algum efeito: certos campos, com medo de encrencar-se, esforçavam-se para cumprir a letra, se não o espírito, da lei. Exemplo: um preso, no final do mês, recebia meio copo de açúcar, que ele engolia puro; era assim que a chefia do campo se assegurava de que o prisioneiro recebesse a quantidade estipulada pela burocracia de Moscou. Ele e seus companheiros comemoravam a ocasião como "dia do açúcar".[786]

No fim das contas, nem todo mundo passava fome. Isso porque, se a maior parte dos comestíveis sumia antes de chegar à sopa, havia um alimento básico que costumava estar disponível: o pão. Assim como a sopa, já se descreveu muitas vezes o pão do Gulag. De quando em quando, alguém recorda que não era assado direito; um preso diz que era tão duro que "parecia tijolo", e tão pequeno que se podia comê-lo "em dois bocados";[787] outro preso escreve que era "literalmente pão 'preto', pois o farelo [de cereal] o empretecia e lhe dava textura bem ordinária"; o mesmo prisioneiro dizia que assavam esse pão com muita água, de modo que ele "era úmido e pesado, e assim, na prática, acabávamos recebendo menos do que os setecentos gramas de rigor".[788]

Outros se recordam de que presos brigavam para ficar com as pontas dos pães inteiros, que eram mais secas, ou menos aguadas.[789] Em "Licor de cereja",

---

[783] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 65.
[784] Kedrovyi Shor, da coleção da autora.
[785] GARF, 8181/37/4544.
[786] Veselovskii, p. 131.
[787] Alin, pp. 185-91.
[788] Zarod, p. 100.
[789] Ibid., p. 140.

conto de Variam Shalamov que é uma descrição fictícia do fim de Osip Mandelstam, a morte iminente do poeta vai assinalada pela perda de interesse por tais coisas: "Ele já não ficava de olho na ponta do pão, nem chorava quando não a conseguia. Já não enfiava o pão na boca com dedos trêmulos".[790]

Nos campos onde se passava mais fome, nos anos de maior míngua, o pão adquiria status quase sagrado, e surgiu uma etiqueta especial para seu consumo. Embora os ladrões dos campos afanassem com impunidade quase tudo o mais, o furto de pão era considerado especialmente hediondo e imperdoável. Na longa viagem de trem para Kolyma, Vladimir Petrov descobriu que "furtar era permitido e se aplicava a tudo o que estivesse dentro da capacidade e da sorte do ladrão, mas havia uma exceção - o pão. Este era sacrossanto e inviolável, acima de quaisquer diferenças entre os ocupantes do vagão". Aliás, Petrov fora escolhido starosta do vagão e, nessa qualidade, viu-se encarregado de surrar um ladrãozinho que surrupiara pão.[791] Thomas Sgovio também escreveria que a lei implícita dos criminosos nos campos de Kolyma era: "Afane tudo - menos o sagrado quinhão de pão". Sgovio viu "mais de um preso ser espancado até a morte por ter desrespeitado aquela tradição sacrossanta".[792] De modo semelhante, Kazimierz Zarod lembraria que

> Se um preso furtava roupas, fumo ou quase tudo o mais e era descoberto, podia esperar uma coça dos outros prisioneiros; mas a lei implícita do campo - e homens de outros campos me disseram que ela era a mesma em toda a parte - rezava que o preso que fosse apanhado furtando o pão de outro merecia a pena de morte.[793]

Nas memórias de Dmitri Panin (amigo íntimo de Soljenitsin), descreve-se com exatidão como se executava tal sentença:

> O transgressor apanhado no ato de furtar pão era jogado para cima pelos outros presos, que o deixavam arrebentar-se no chão; isso se repetia várias vezes, lesando-lhe os rins. Aí, atiravam-no para fora do alojamento, como lixo.

Panin, assim como muitos outros sobreviventes dos campos que passaram pelos anos de fome da Segunda Guerra Mundial, também escreveu eloqüentemente sobre os rituais individualizados com que alguns presos comiam o pão. Quando os prisioneiros recebiam pão só pela manhã, eles tinham de tomar uma decisão aflitiva: comer tudo de uma vez ou deixar um pouco para a tarde. Guardando, corria-se o risco de perder ou ver furtado aquele precioso quarto de pão. Por outro lado, um pedaço de pão era algo para antegozar-se durante o dia. A advertência de Panin contra esse segundo procedimento deve constituir um testemunho incomparável da ciência de evitar a fome:

> Quando se recebe a ração, tem-se uma vontade irresistível de esticar o prazer de comê-la, dividindo o pão por igual em pedacinhos ínfimos, fazendo bolinhas com as migalhas. Com gravetos e barbante, improvisa-

---

[790] Shalamov, Kolyma Tales, p. 74.
[791] Petrov, p. 99.
[792] Sgovio, p. 161.
[793] Zarod, p. 100.

se uma balança e pesa-se cada pedaço. Dessa maneira, tenta-se prolongar por três horas ou mais o ato de comer. Só que isso equivale ao suicídio!

Jamais, em nenhuma circunstância, demore mais que meia hora para consumir sua ração. Cada bocado de pão deve ser mastigado por completo, para que o estômago o digira tão facilmente quanto possível e assim ele proporcione ao organismo o máximo de energia [...] você estará acabado se sempre dividir a ração e deixar uma parte de lado para a tardinha. Coma tudo de uma só sentada. Por outro lado, se engolir tudo rápido demais, conforme as pessoas famintas muitas vezes fazem em circunstâncias normais, você também acabará abreviando sua vida.[794]

Os zeks não eram os únicos habitantes da URSS que ficavam obcecados pelo pão e pelas muitas maneiras de consumi-lo. Mesmo hoje, um russo meu conhecido abomina pão de centeio, porque só tinha isso para comer quando menino, no Cazaquistão, durante a guerra. E Susanna Pechora, prisioneira no Minlag nos anos 1950, uma vez ouviu esta conversa entre duas presas - camponesas russas que sabiam o que era a vida sem, o pão de cadeia:

Uma delas segurava e afagava um pedaço de pão. "Ah, minha khlebushka" ["pãozinho", apelido que se podia dar a uma criança], comentou, agradecida, "eles nos dão você todos os dias." A outra arrematou: "Podíamos deixar o pão secar e mandá-lo para as crianças - afinal, estão passando fome. Mas acho que eles não vão deixar..."[795]

Susanna me contou que, depois disso, pensava duas vezes antes de reclamar da falta de comida nos campos de concentração.

## 11. O TRABALHO NOS CAMPOS

Quem está doente, imprestável,<br>
Fraco demais para as minas,<br>
E demovido, mandado<br>
Ao campo mais abaixo<br>
Para abater as árvores de Kolyma.<br>
Parece muito simples<br>
No papel. Mas não consigo esquecer<br>
A fieira de trenós na neve<br>
E as pessoas, arreadas.<br>
Forcejando, os peitos cavados, elas puxam os trenós.<br>
Ou param para descansar,<br>
Ou vacilam nas encostas íngremes...<br>
Aquele enorme peso rola abaixo<br>
E, a qualquer momento,<br>
As fará tropeçar.<br>
Quem já não viu cavalo que tropica?<br>
Mas nós... Nós vimos gente com arreios...

[794] Panin, pp. 74 e 162.
[795] Pechora, entrevista com a autora.

Elena Vladimirova, "Kolyma".[796]

**Rabochaya zoha: a zona de trabalho**

O trabalho era a função primordial da maioria dos campos soviéticos. Era a principal ocupação dos presos e a principal preocupação dos administradores. O cotidiano girava em torno do trabalho, e o bem-estar dos presos dependia de quão bem trabalhassem. No entanto, é difícil fazer generalizações sobre o que era o trabalho nos campos: a imagem do preso na tempestade de neve, minerando ouro ou carvão com uma picareta, é apenas estereótipo. Havia muitos de tais prisioneiros - milhões, como os números dos campos de Kolyma e Vorkuta deixam claro -, mas agora sabemos que também existiam campos no centro de Moscou onde presos projetavam aviões; campos na Rússia central onde presos construíam e operavam reatores nucleares; campos pesqueiros no litoral do Pacífico; campos no sul do Uzbequistão que eram fazendas coletivas. Os arquivos do Gulag em Moscou estão entupidos de fotos de presos com seus camelos.[797]

Cavando sepultura. Desenho de Benjamin Mkrtchyan. Ivdel, 1953

Sem nenhuma dúvida, a gama de atividades econômicas do Gulag era tão ampla quanto a de atividades econômicas da URSS. Um rápido olhar pelo Guia do sistema de campos de trabalhos correcionais da URSS - a mais abrangente lista dos campos elaborada até hoje - revela a existência de campos organizados em razão de minas de ouro, carvão, níquel; da abertura de rodovias e ferrovias; de fabricas de armamento, produtos químicos e produtos metalúrgicos; de usinas elétricas; da construção de aeroportos, prédios residenciais e sistemas de saneamento; da extração de turfa e madeira; do enlatamento de pescado.[798] Os próprios administradores do Gulag conservavam um álbum fotográfico dedicado tão-somente aos bens que os detentos produziam. Entre outras coisas, havia fotos de mísseis, minas explosivas e outros aparatos militares; autopeças, fechaduras e botões; toras boiando rios abaixo; artigos de madeira, inclusive cadeiras, armários, barris e cabines telefônicas; calçados, cestas e têxteis (com amostras anexas); tapetes, couros, gorros de pele e casacos de carneiro; copos, lâmpadas e frascos de vidro; sabão e velas; até brinquedos (tanques de guerra de madeira, minúsculos moinhos de vento, coelhos mecânicos que tocavam tambor).[799]

[796] Reeditado em Cohen, pp. 96-97.
[797] GARF, 9414/6 (álbum fotográfico).
[798] Okhotin e Roginskii, pp. 137-476.
[799] GARF, 9414/6/8.

O trabalho variava dentro dos campos e entre eles. E verdade que, nos campos madeireiros, muitos presos não faziam nada senão derrubar árvores. Presos que cumpriam pena de três anos ou menos trabalhavam em "colônias de trabalho correcional", campos de regime brando que em geral operavam em função de uma única fábrica ou atividade. Em contrapartida, campos maiores podiam englobar vários ramos: minas, olaria e usina elétrica, assim como canteiros de obras de residências e estradas. Em tais campos, presos descarregavam os trens que diariamente traziam mercadorias; dirigiam caminhões; colhiam hortaliças; trabalhavam em cozinhas, hospitais e creches. Extra-oficialmente, presos também serviam de domésticos, babás e alfaiates para os guardas e comandantes dos campos e suas esposas.

Presos que cumpriam penas longas freqüentemente ocupavam ampla variedade de funções, mudando de trabalho ao sabor da sorte Em quase duas décadas de carreira nos campos, Evgeniya Ginzburg cortou árvores, cavou valas, limpou a casa de hóspedes do campo, lavou louça, cuidou de galinhas, foi lavadeira para esposas de comandantes de campo e olhou filhos de presas. Por fim, tornou-se enfermeira.[800] Outro preso político, Leonid Sitko, durante os onze anos que passou nos campos, foi soldador, trabalhador de pedreira, operário de uma turma de construção civil, carregador num depósito ferroviário, mineiro de carvão e marceneiro numa fábrica de móveis, produzindo mesas e estantes.[801]

Mas, embora os empregos pudessem ser tão variados no sistema de campos quanto o eram no mundo extramuros, os prisioneiros que trabalhavam costumavam dividir-se em duas categorias: os presos designados para obshchya raboty (serviços gerais) e os presos de confiança, chamados pridurki (monitores). Veremos que esses últimos tinham status de casta à parte. Os serviços gerais, sina da imensa maioria dos prisioneiros, eram trabalho braçal, sem qualificação, extenuante. "O primeiro inverno ali, em 1949-50, foi especialmente difícil para mim", escreveu Isaak Filshtinskii. "Eu não tinha um ofício que pudesse ser de utilidade nos campos, e fui forçado a ir de um lugar para outro, fazendo diversos tipos de serviço geral, serrando, carregando, puxando, empurrando etc. - em outras palavras, indo aonde desse na veneta do distribuidor de tarefas me mandar."[802]

A exceção daqueles que haviam tido sorte logo na primeira distribuição de trabalhos - em geral os que eram engenheiros civis ou outros membros de profissões úteis nos campos ou que, então, já tinham se estabelecido como informantes -, os zeks eram designados para os serviços gerais tão logo findava a semana (ou coisa parecida) de quarentena. Também eram designados para uma turma de trabalho, grupo que variava de quatro a quatrocentos zeks, os quais trabalhavam e comiam juntos e, em geral, dormiam nos mesmos alojamentos. Cada turma, ou "brigada", era comandada por um "brigadeiro", um preso de confiança que tinha status elevado e era encarregado de distribuir tarefas, supervisionar o trabalho e, sobretudo, garantir que a turma cumprisse as metas de produção. A importância do brigadeiro, cujo status se situava entre o de preso e o de administrador, não escapava às autoridades dos campos, Em 1933, o chefe do Dmitlag enviou ordem a todos os seus subordinados, lembrando-os da necessidade de "identificar entre

[800] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind e Within the Whirlwind.
[801] Sitko, entrevista com a autora.
[802] Filshtinskii, p. 37.

nossos trabalhadores de choque aquelas pessoas capazes que são tão necessárias a nosso trabalho", pois "o brigadeiro é o elemento mais importante e relevante nos canteiros de obras".[803] Do ponto de vista dos outros presos, a relação corri o brigadeiro era mais que apenas importante: podia determinar qual seria a qualidade de vida deles e até se viveriam ou morreriam. Um preso escreveu:

> A vida da pessoa depende muito da brigada e do brigadeiro, dado que se passa todos os dias e noites na companhia deles. No trabalho, no refeitório e nos beliches - sempre os mesmos rostos. Os integrantes da brigada podem trabalhar ou todos juntos, ou em grupos, ou individualmente. Podem nos ajudar a sobreviver - ou ajudar a nos destruir. Trata-se ou de compaixão e auxílio, ou de hostilidade e indiferença. O papel do brigadeiro não é menos importante. Também importa quem ele é e o que pensa de suas próprias tarefas e obrigações: servir a chefia à nossa custa e em benefício dele mesmo, tratando os integrantes da brigada como subalternos, serviçais e lacaios -ou ser nosso companheiro nas agruras e fazer todo o possível para tornar a vida mais fácil para a brigada.[804]

Alguns brigadeiros realmente ameaçavam e intimidavam sua força de trabalho. No primeiro dia nas minas de Karaganda, Alexander Weissberg fraquejou de fome e cansaço.

> Com bramidos de touro alucinado, o brigadeiro então se voltou contra mim, golpeando-me com cada grama de sua compleição vigorosa, chutando, esmurrando e, por fim, dando-me tamanha pancada na cabeça que me estatelei, meio grogue, coberto de machucaduras, com sangue escorrendo pela cara.[805]

Em outros casos, o brigadeiro deixava que a própria turma de trabalho funcionasse como grupo paritário organizado, pressionando os Presos a dar mais duro mesmo quando não era essa vontade deles. Em certa altura do romance Um dia na vida de Ivan Denisovich, de Soljenitsin, o protagonista reflete que uma brigada dos campos

> não é como uma turma de trabalho lá fora, onde fulano e sicrano ganham cada um seu salário. Nos campos, as coisas se dispõem de tal modo que o zek é mantido na linha não pelas chefias, mas pelos outros membros da turma. Ou todos ganham um prêmio extra, ou todos morrem juntos.[806]

Verno Kress, outro preso de Kolyma, era alvo de gritos e pancadas de seus camaradas de brigada por não conseguir acompanhar o ritmo deles; acabaria sendo mandado para uma brigada "fraca", cujos membros nunca recebiam a ração integral.[807] Yuri Zorin também passou pela experiência de ser parte de uma brigada realmente esforçada, na maioria composta de lituanos que não admitiam mandriões em suas fileiras: "Não dá nem para imaginar a vontade e o

---

[803] GARF, 9489/2/9.
[804] Pryadilov, pp. 113-14.
[805] Weissberg, p. 96.
[806] Soljenitsin, One Day in the Life of Ivan Denisovich, p. 49.
[807] Kress, "Novyi pioner, ili, Kolymskaya selektsiya", in Vilensky, Osventsim Gez Fechei, pp. 62-70.

desvelo com que eles trabalhavam [...] se achavam que você não trabalhava direito, eles o chutavam para fora da brigada lituana".[808]

Caso se tivesse o azar de terminar numa brigada "ruim" e não se conseguisse subornar alguém ou se livrar daquilo, podia-se morrer de inanição. Uma vez, M. B. Mindlin (depois um dos fundadores da Sociedade Memorial) foi designado para uma brigada de Kolyma que se constituía sobretudo de georgianos e era liderada por um brigadeiro dessa nacionalidade. Mindlin logo percebeu que o grupo tinha tanto medo do brigadeiro quanto dos guardas do campo; e que ele, Mindlin, "o único judeu numa brigada de georgianos", não poderia contar com nenhum favor especial. Certo dia, ele trabalhou com especial afinco, na tentativa de ganhar a ração de nível mais alto (1.200 gramas de pão). O brigadeiro se negou a reconhecer aquele esforço e determinou que Mindlin recebesse só setecentos gramas. Apelando para o suborno, Mindlin trocou de brigada e encontrou ambiente completamente diverso: o novo brigadeiro se preocupava de fato com os subalternos e até lhes concedia alguns dias de trabalho mais leve no início, para que recuperassem as forças. "Todos os que entraram na brigada dele se consideravam afortunados e salvaram-se da morte." Posteriormente, o próprio Mindlin virou brigadeiro e tomou a iniciativa de distribuir suborno, para garantir que todos os integrantes de sua turma de trabalho conseguissem o melhor acerto possível com os cozinheiros, cortadores de pão e outras pessoas importantes no campo.[809]

A atitude dos brigadeiros importava porque, na maior parte das vezes, os serviços gerais não se destinavam a ser uma impostura ou não ter propósito. Se nos campos alemães o trabalho era "principalmente meio de tortura e maus-tratos" - nas palavras de um destacado estudioso -, os presos soviéticos, ao contrário, deviam cumprir este ou aquele aspecto do esquema de produção do campo.[810] E verdade que havia exceções à regra. Por vezes, guardas néscios ou sádicos impunham de fato tarefas despropositadas. Susanna Pechora se recordaria de ter sido designada para carregar baldes de argila de um lado para outro, "um serviço absolutamente sem sentido". Um dos capatazes encarregados de seu local de trabalho lhe disse especificamente: "Não preciso do seu trabalho, preciso é do seu sofrimento", frase que teria sido familiar aos presos de Solovetsky em 1926.[811] Na década de 1940, como veremos, também surgiria um sistema de campos disciplinares, cujo objetivo prioritário não era econômico, mas punitivo. Mesmo neles, porém, esperava-se que os presos produzissem alguma coisa.

Durante a maior parte do tempo, não se pretendia que os presos sofressem - ou talvez fosse mais exato dizer que ninguém se importava se eles sofriam ou não. Era muitíssimo mais importante que se encaixassem no esquema produtivo do campo e cumprissem uma meta de trabalho. Esta podia ser qualquer coisa: certo número de metros cúbicos de madeira por cortar, de valas por cavar, de carvão por carregar. E tais normas eram levadas muitíssimo a sério. Os campos estavam cobertos de cartazes que exortavam os presos a cumpri-las. Todo o aparato "cultural e educacional" do Gulag se votava à mesma mensagem. Os refeitórios ou pátios centrais de alguns campos ostentavam enormes quadros-negros relacionando todas as turmas de

---

808 Zorin, entrevista com a autora.
809 Mindlin, pp. 52-57.
810 Sofsky, p. 168.
811 Pechora, entrevista com a autora.

trabalho e os mais recentes resultados de produção de cada uma delas.[812]

As metas eram calculadas com muito cuidado e arrazoado cientifico pelo normirovshik, funcionário cujo trabalho acreditavam exigir grande perícia. Jacques Rossi menciona, por exemplo, que quem varria neve recebia diferentes metas, dependendo do tipo de neve: fresca; leve; ligeiramente compactada; compactada (exigindo pressão do pé na pá); muito compactada; ou congelada (exigindo uso de picareta), depois disso tudo, "uma série de coeficientes levava em conta o peso da neve, a distância a que a atiravam etc.".[813]

Mas, apesar de teoricamente científico, o processo de estabelecer metas de trabalho, e determinar quem as cumpriria, estava permeado de corrupção, irregularidade e incoerência. Para começo de conversa, os presos geralmente recebiam metas que correspondiam àquelas dos trabalhadores livres - deviam produzir o mesmo que lenhadores ou mineiros profissionais. Contudo, no mais das vezes, eles não eram lenhadores nem mineiros de ofício; com freqüência, tinham muito pouca noção do que deviam fazer; e, após longas estadas na cadeia e viagens aflitivas em vagões de gado sem aquecimento, tampouco estavam nas condições físicas da média dos trabalhadores livres.

Quanto mais inexperiente e exausto, mais o preso sofria. Evgeniya Ginzburg deixou uma descrição clássica sobre duas mulheres - ambas intelectuais não-afeitas ao trabalho braçal, ambas enfraquecidas por anos no cárcere - que tentavam cortar árvores:

> Durante três dias, Galya e eu tentamos o impossível. Coitadas das árvores, como devem ter sofrido ao ser mutiladas por nossas mãos inábeis! Nós mesmas já estávamos meio mortas e, completamente sem qualificação, não tínhamos como dar conta delas. O machado escorregava e nos atirava uma chuva de lascas na cara. Serrávamos freneticamente, aos trancos, no íntimo acusando a outra de inépcia - mas sabendo que não podíamos nos dar ao luxo de brigar. Repetidas vezes, a serra emperrava. Todavia, o momento mais apavorante foi aquele em que a árvore enfim ficou a ponto de cair - só que não sabíamos para qual lado. Em certa altura, Galya foi atingida na cabeça, mas o enfermeiro se recusou até a passar iodo no corte, dizendo: "Ah-ah, esse truque é velho! Você está tentando ser dispensada do trabalho já no primeiro dia?!

Ao fim do dia, o brigadeiro declarou que Evgeniya e Galya haviam cumprido 18% da meta e lhes "pagou" pelo mau desempenho: "No dia seguinte, tendo recebido o pedacinho de pão que correspondia a nosso rendimento, fomos reconduzidas a nosso local de trabalho, literalmente cambaleantes". Entrementes, o brigadeiro ficava repetindo que "não pretendia desperdiçar comida valiosa com traidoras que não conseguiam cumprir a norma".[814]

Nos campos do extremo norte - em especial os de Kolyma, assim como os de Vbrkuta e Norilsk, localizados acima do Círculo Polar -, clima e o terreno agravavam as dificuldades. Com freqüência, ao contrário do que reza a crença

---

[812] Ver, por exemplo, fotografias do Memorial Archive.
[813] Rossi, The GulagHandbook, p. 255.
[814] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, pp. 405 e 407.

popular, o verão dessas regiões árticas não era mais suportável que o inverno. Mesmo lá, as temperaturas podem subir acima de trinta graus Celsius. Quando vem o degelo, a tundra vira um lamaçal, dificultando a caminhada, e os mosquitos parecem deslocar-se em nuvens cinzentas, fazendo tanto ruído que é impossível ouvir outra coisa. Um preso se recordaria deles:

> Enfiavam-se pelas mangas e pelas calças. A cara estourava de tantas picadas. O almoço nos era trazido ao local de trabalho, e, enquanto tomávamos a sopa, os mosquitos enchiam a cuia [...]. Eles nos cobriam os olhos e nos tapavam o nariz e a garganta, e tinham gosto adocicado, como o de sangue. Quanto mais nos mexíamos e os espantávamos, mais nos atacavam. O melhor era não ligar para eles, pôr roupa mais leve e, em vez de chapéu com mosquiteiro, usar um festão de grama ou de cortiça de bétula.[815]

Os invernos, é claro, eram muitíssimo gelados. As temperaturas podiam cair a 35, quarenta, 45 graus abaixo de zero. Memorialistas, poetas e romancistas tiveram grande dificuldade para descrever como era trabalhar nesse gelo. Um relatou que fazia tanto frio que "mesmo o mais simples e abrupto movimento de mão no ar causava um silvo extraordinário".[816] Outro contou que, numa manhã de véspera de Natal, ele acordou e descobriu que não conseguia mexer a cabeça.

> Ao despertar, o que primeiro me ocorreu foi que ela, de algum modo, se prendera às tabuas do beliche durante a noite. Mas, quando tentei me erguer para sentar, vi que fora puxado o material que eu enrolara em volta da cabeça e das orelhas antes de ter ido dormir. Apoiado num cotovelo, fazendo força para levantar, dei um puxão no material e percebi que ele congelara e se grudara à madeira. Minha respiração e a respiração de todos os homens na cabana estavam suspensas no ar, como se fossem fumaça.[817]

Outro ainda escreveu que

> era perigoso parar de mexer-se. Durante a contagem dos presos, nós pulávamos, corríamos sem sair do lugar e dávamos tapas no corpo para nos mantermos aquecidos. Eu não parava de massagear os dedos dos pés, e os das mãos estavam sempre crispados [...] se tocássemos ferramentas de metal com a mão nua, a pele podia ser arrancada, e as idas ao banheiro eram perigosíssimas. Uma crise de diarréia podia deixar a pessoa para sempre na neve.

Em conseqüência, alguns presos simplesmente sujavam as calças: "Trabalhar junto deles era desagradável, e de volta à tenda, quando começávamos a nos aquecer, o fedor se tornava insuportável. Quem fazia nas calças era muitas vezes espancado e posto para fora".[818]

No que se referia ao clima, certos serviços gerais eram piores que outros. Nas minas carboníferas do Ártico, conforme um preso, o ar subterrâneo era mais

---

815 Ulyanovskaya, pp. 356-65.
816 Petrov, pp. 208 e 178.
817 Zarod, p. 114.
818 Bardach, pp. 233-34.

quente, mas a água gelada vivia pingando nos trabalhadores: "O mineiro se transforma numa espécie de gigantesco pingente de gelo, e seu organismo começa a congelar-se num período longo e estável. Depois de três ou quatro meses dessa labuta infernal, os presos passam a ter doenças generalizadas".[819]

Isaak Filshtinskii também acabou designado para um dos mais desagradáveis serviços de inverno no Kargopollag, separando toras que seriam processadas. Tinha-se de ficar em pé na água o dia inteiro, e, embora a água fosse morna (vinha bombeada da usina de força), o ar não o era:

> Naquele inverno, dado que na região de Arcangel o frio se mantinha estável em quarenta, 45 graus abaixo de zero, uma névoa espessa pairava o tempo todo sobre a água. Era simultaneamente muito gelado e muito molhado [...] o trabalho não era muito difícil, mas, após trinta ou quarenta minutos, o corpo inteiro ficava permeado e envolto pela umidade; o queixo, os lábios e as pestanas, cobertos de gelo; e o frio penetrava até os ossos, atravessando a lastimável indumentária do campo.[820]

No inverno, os piores serviços eram nas florestas. Isso porque, nessa estação, a taiga é não apenas gelada mas também periodicamente varrida por tempestades de inverno, chamadas burany oupurgai, que são violentas e imprevisíveis. Dmitrii Brystoletov, preso no Siblag, foi apanhado por uma delas:

> Naquele instante, o vento começou a uivar de modo furioso e apavorante, e tivemos de nos prostrar. A neve redemoinhava no ar; tudo sumiu - as luzes do campo, as estrelas, a aurora boreal -, e ficamos sozinhos numa névoa branca. Abrindo bem os braços, escorregando e tropeçando desajeitadamente, caindo e nos apoiando uns aos outros, tentamos achar o caminho de volta quanto antes. De repente, um trovão ribombou acima de nós. Eu mal conseguira segurar-me a um companheiro quando uma violenta enxurrada de gelo, neve e pedra começou a nos atingir no rosto. A neve rodopiante não nos permitia respirar nem enxergar.[821]

Janusz Bardach, quando trabalhava numa pedreira em Kolyma, também se viu numa dessas tempestades. Ele e os outros presos, junto com os guardas, voltaram para o campo seguindo os cães de guarda, ligados uns aos outros por uma corda:

> Eu não enxergava nada para além das costas de Yuri e me aferrava à corda como se ela fosse um bote salva-vidas [...] Depois que os referenciais de sempre sumiram, eu já não fazia idéia de quanto ainda precisávamos percorrer, e tinha certeza de que nunca conseguiríamos voltar. Pisei em alguma coisa mole - um preso que soltara a corda. "Parem!", berrei. Mas ninguém parou. Ninguém conseguia ouvir minha voz. Eu me inclinei e puxei o braço dele para a corda. "Aqui!" Tentei fazer que sua mão se agarrasse à corda. "Segure-se!" Não adiantou nada. O braço do homem despencou quando o soltei. A ordem severa

---

[819] Sulimov, p. 57.
[820] Filshtinskii, p. 38.
[821] Bystroletov, p. 162.

> de Yuri, que mandava seguir em frente, me fez continuar.

Quando a turma de trabalho de Bardach retornou ao campo, faltavam três presos. Em geral, "os corpos dos prisioneiros que se perdiam só eram encontrados na primavera, muitas vezes a menos de cem metros da zona prisional".[822]

A indumentária regulamentar destinada aos presos lhes proporcionava pouca proteção contra as intempéries. Em 1943, por exemplo, a direção central do Gulag ordenou que eles recebessem, entre outras coisas, camisa de verão, para durar duas estações; calças de verão, também para duas estações; casaco de inverno, acolchoado, de algodão, para dois anos; calças de inverno, acolchoadas, para dezoito meses; botas de feltro, para dois anos; e roupa de baixo, para nove meses.[823] Na prática, nunca havia quantidade suficiente desses itens, já em si parcos. Em 1948, uma inspeção de 23 campos relatou que o abastecimento de "indumentária, roupa de baixo e calçado é insatisfatório". Esse "insatisfatório" parece ter sido eufemismo. Num campo em Krasnoyarsk, menos de metade dos prisioneiros estava calçado. Em Norilsk, no extremo norte, só 75% tinham botas quentes, e só 86% estavam agasalhados. Em Vorkuta, também no extremo norte, apenas 25% a 30% dos presos possuíam roupa de baixo, e somente 48% contavam com botas quentes.[824]

Na falta de calçado, os presos improvisavam. Faziam botas de cortiça de bétula, trapos, pneus velhos. No melhor dos casos, essas soluções eram desajeitadas e duras, em especial na neve profunda. No pior, não eram herméticas, praticamente garantindo que o usuário sofreria queimaduras de frio.[825] Elinor Lipper descreveria suas botas caseiras, que no campo onde ela estava tinham o apelido Che-Te-Ze, abreviação russa de "Fábrica de Pneus de Chelyabinsk":

> Eram de aniagem levemente acolchoada, com cano alto e largo, que chegava ao joelho; o calçado em si era reforçado com encerado ou couro sintético no dedão e no calcanhar. A sola era feita de três seções transversais de borracha, tiradas de pneus carecas. A coisa toda era amarrada ao pé com barbante; também se usava barbante para amarrá-las abaixo do joelho, a fim de que a neve não entrasse [...] depois de um dia de uso, ficavam totalmente retorcidas, e as solas, fraquinhas, entortavam-se de todos os jeitos. Essas botas absorviam umidade com inacreditável rapidez, sobretudo quando os sacos de aniagem de que eram feitas tinham sido empregados para acondicionar sal.[826]

Outro preso descreve uma improvisação parecida: "Os lados eram abertos, de modo que os dedos ficavam expostos ali. Não se conseguia amarrar bem o pano que envolvia os pés, e assim os dedos também ficavam suscetíveis ao congelamento". Como resultado do uso desse calçado, o preso ganhou mesmo queimaduras de frio - o que, entretanto, ele acreditava ter-lhe salvado a vida, pois ficou dispensado de trabalhar.[827]

---

[822] Bardach, pp. 232-33.
[823] GARF, 9401/1a/141.
[824] GARF, 8131/37/4547.
[825] Ver, por exemplo, Zhenov, p. 69.
[826] Lipper, p. 135.
[827] George Victor Zgornicki, de uma gravação enviada à autora, abril de 1998.

Diferentes prisioneiros tinham diferentes teorias de como lidar com o frio. Para recuperarem-se do congelamento ao fim do dia, por exemplo, alguns corriam aos alojamentos e se apinhavam em volta do fogareiro, chegando tão perto que às vezes as roupas pegavam fogo: "O cheiro repugnante de trapos queimando nos chegava às narinas".[828] Outros consideravam esse procedimento uma insensatez. Prisioneiros mais experientes disseram a Isaak Filshtinskii que se juntar em volta do fogareiro ou da fogueira do campo era perigoso porque a súbita mudança de temperatura causava pneumonia: "O organismo humano é constituído de maneira tal que, não importando quão baixa a temperatura, o corpo se ajusta e se acostuma. Sempre segui essa sábia norma no campo, e nunca sequer me resignei".[829]

As autoridades dos campos estavam obrigadas a fazer algumas concessões por causa do frio. Pelas regras, os presos de certos campos setentrionais recebiam rações adicionais. Mas estas, segundo documentos de 1944, podiam corresponder a não mais que cinqüenta gramas de pão extra por dia, o que nem de longe bastava para contrabalançar o frio extremo.[830] Em teoria, quando fazia frio demais, ou quando uma tempestade se aproximava, os presos nem deveriam trabalhar. Vladimir Petrov afirmaria que, durante a administração de Eduard Berzin em Kolyma, os prisioneiros largavam o serviço quando as temperaturas desciam a quinze graus negativos. No inverno de 1938-9, após a destituição de Berzin, elas tinham de cair a cinqüenta graus negativos antes que se interrompesse o trabalho. Petrov escreve que nem mesmo tal determinação era sempre seguida, pois a única pessoa que tinha termômetro naquela jazida de ouro era o comandante do campo. Em conseqüência, "só três dias daquele inverno foram de folga ocasionada pelas baixas temperaturas; no inverno de 1937-8, haviam sido quinze".[831]

Kazimierz Zarod, outro memorialista, registraria que a temperatura de interrupção do trabalho em seu campo, durante a Segunda Guerra Mundial, era de 49 graus negativos; ele recordaria uma ocasião em que sua turma de lenhadores recebeu ordens de voltar ao campo durante o dia porque o termômetro indicava 53 graus negativos. "Com que rapidez juntamos o equipamento, formamos coluna e iniciamos o regresso ao campo!"[832] Bardach lembra que em Kolyma, durante os anos de guerra, a norma eram cinqüenta graus negativos, "embora nunca levassem em conta a sensibilidade térmica".[833]

Mas o clima não era o único obstáculo ao cumprimento das metas. Em muitos campos, elas eram absurdamente elevadas. Em parte, isso era conseqüência indireta da lógica do planejamento central soviético, a qual impunha que as empresas aumentassem a produção todo ano. Elinor Olitskaya recordaria que suas companheiras forcejavam para cumprir as metas numa oficina de costura, querendo manter-se naquele trabalho aquecido, em recinto fechado. Mas, como elas as cumpriam, a administração do campo vivia elevando as metas, até que se tornaram inatingíveis.[834]

---

[828] Petrov, p. 178.
[829] Filshtinskii, p. 39.
[830] GARF, 9401/1/713.
[831] Petrov, p. 208.
[832] Zarod, p. 114.
[833] Bardach, p, 233.
[834] Olitskaya, pp. 234-44.

As metas também ficavam mais exigentes porque tanto presos quanto normirovshiki mentiam, exagerando o trabalho que fora ou seria realizado. Com o tempo, o resultado era que, às vezes, elas se tornavam estratosféricas. Alexander Weissberg recordaria que, mesmo em funções supostamente mais fáceis, as metas desafiavam a credulidade: "Todos pareciam às voltas com urna tarefa praticamente impossível. Os dois encarregados da lavanderia tinham de lavar as roupas de oitocentos homens em dez dias".[835]

Não que superar as metas acarretasse necessariamente as vantagens esperadas. Antoni Ekart se lembraria de quando se rompeu o gelo do rio próximo de seu campo e houve ameaça de enchente: 'Várias brigadas, constituídas dos presos mais fortes, aí incluídos todos os 'trabalhadores de choque', labutaram como loucos durante dois dias, praticamente sem intervalo. Pelo que realizaram, receberam um arenque para cada dois homens e um pacote de makhorka [fumo cru] para cada quatro".[836]

Em tais condições - com jornadas longas, poucos dias de folga e pouco descanso durante o dia -, os acidentes eram freqüentes. No inicio dos anos 1950, mandaram um grupo de prisioneiras inexperientes apagar um incêndio no mato perto do Ozerlag. Só naquela ocasião, lembraria uma das condenadas, "várias pessoas queimaram até a morte".[837] Também com freqüência, a exaustão e o clima se revelavam uma combinação mortífera, conforme atesta Alexander Dolgun:

> Dedos enregelados e adormecidos não conseguiam segurar alças, alavancas, vigas e caixotes, e ocorriam muitos acidentes, amiúde fatais Um homem foi esmagado quando rolávamos toras de um vagão-plataforma, usando duas como rampa. Ficou soterrado quando vinte toras ou mais se soltaram de uma vez e ele não se afastou rápido o bastante. Os guardas empurraram o corpo de lado, na plataforma, e aquela massa coberta de sangue coagulado nos aguardava para ser levada para casa quando a noite caísse. [838]

Moscou compilava estatísticas de acidentes, e de vez em quando elas provocavam altercações entre inspetores e comandantes de campo. Uma dessas compilações, referente ao ano de 1945, discriminava 7.124 acidentes nas minas carboníferas de Vorkuta, dos quais 482 haviam resultado em lesões sérias e 137 em óbitos. Os inspetores punham a culpa na escassez de lanternas de mineiro, em falhas elétricas e na inexperiência e freqüente rotação dos operários. Furiosos, esses inspetores calcularam o número de homens/dia perdidos em decorrência de acidentes: 61.492.[839]

Organização absurdamente ruim e gestão desleixada também dificultavam o trabalho. Embora seja importante observar que mesmo os locais de trabalho comuns eram mal administrados na URSS, a situação era pior no Gulag, onde a vida e a saúde dos trabalhadores não eram consideradas importantes e a chegada regular de peças de reposição para o equipamento encontrava problemas por causa do clima e das enormes distâncias. O caos reinava no

---

[835] Weissberg, p. 63.
[836] Ekart, p. 83.
[837] Usakova, entrevista com a autora.
[838] Dolgun, p. 185.
[839] GAHF documento em posse da autora, sem referências.

Gulag desde os tempos do Canal do Mar Branco, e essa situação continuou pela década de 1950, mesmo depois que se mecanizaram muito mais locais de trabalho no país. Para quem fazia trabalho madeireiro, "não havia motosserras, nem tratores para levantar toras, nem carregadores mecânicos".[840] Quem trabalhava em indústrias têxteis recebia "ferramentas que eram ou muito poucas, ou muito inadequadas". Segundo um testemunho, isso significava que "todas as costuras precisavam ser passadas com um ferro enorme, que pesava dois quilos. Tinha-se de passar 426 calças durante o turno; as mãos adormeciam com o peso, e as pernas inchavam e doíam".[841]

A maquinaria também vivia quebrando, fator que não era necessariamente levado em conta quando se calculavam as metas. Na mesma unidade têxtil, "chamavam-se os mecânicos de manutenção o tempo todo Eram na maioria mulheres condenadas. Os consertos demoravam horas, pois elas não tinham qualificação. Ficava impossível realizar a quantidade obrigatória de trabalho, e, como resultado, não recebíamos nenhum pão".[842]

O tema da maquinaria quebrada e dos técnicos de manutenção inábeis surge repetidas vezes nos anais da administração do Gulag. Em 1934, administradores regionais de campos que compareceram à Conferência Partidária do Extremo Oriente, em Khabarovsk, queixaram-se de que as constantes interrupções na provisão de equipamento e a pouca qualificação dos técnicos implicavam que não conseguissem cumprir as metas de produção de ouro.[843] Uma carta de 1938 ao vice-ministro do Interior encarregado do Gulag afirma que "de 40% a 50% dos tratores estão quebrados". Mas até métodos de trabalho mais primitivos também falhavam com freqüência. Uma carta do ano anterior observava que dos 36.491 cavalos disponíveis no Gulag, 25% não estavam em condições de uso.[844]

As empresas do Gulag se ressentiam igualmente da falta de engenheiros e gestores. Poucos técnicos qualificados se apresentavam de livre e espontânea vontade para trabalhar em projetos do Gulag, e os que de fato se ofereciam não tinham necessariamente as habilidades requeridas. No decorrer dos anos, envidaram-se muitos esforços para atrair trabalhadores livres para os campos, e davam-se enormes incentivos. Já em meados da década de 1930, recrutadores da Dalstroi faziam campanha pelo país, oferecendo privilégios especiais a qualquer um que assinasse contrato de trabalho de dois anos. Entre os atrativos, incluíam-se salário 20% superior à média soviética por aqueles dois primeiros anos e 10% superior pelos anos seguintes, assim como férias remuneradas, acesso a comestíveis e suprimentos especiais e uma aposentadoria generosa.[845]

Os campos do extremo norte também eram descritos com muito alarde e entusiasmo na imprensa soviética. Um exemplo clássico desse tipo de propaganda apareceu em inglês, na Sonetland, revista escrita para estrangeiros. Num artigo de abril de 1939 dedicado a Magadan, entoavam-se loas ao mágico atrativo da cidade:

---

[840] Razgon, p. 155. Exemplos de serrotes primitivos estão expostos no museu de história de Medvezhegorsk.
[841] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[842] Ibid.
[843] Norlander, "Capital of the Gulag", p. 170.
[844] CARK 9414/4/3.
[845] Norlander, "Capital of the Gulag", p. 182.

> O mar de luzes que é Magadan à noite constitui espetáculo dos mais arrebatadores e cativantes. Trata-se de uma cidade que está viva e buliçosa em todos os minutos do dia e da noite. Ela fervilha de pessoas cujas vidas são reguladas por rigoroso cronograma de trabalho. Exatidão e prontidão implicam celeridade, e celeridade implica trabalho fácil e prazeroso.[846]

Não se faz nenhuma menção ao fato de que as pessoas cujas vidas estavam "reguladas por rigoroso cronograma de trabalho" eram prisioneiras.

Não que isso importasse: tais esforços não conseguiram mesmo atrair o número necessário de especialistas, restando ao Gulag depender de presos. Um deles relataria que, junto com uma brigada de construção, foi enviado seiscentos quilômetros ao norte de Magadan para erguer uma ponte. Quando chegaram, perceberam que ninguém na brigada construíra pontes antes. Um dos presos, um engenheiro, viu-se encarregado do projeto, ainda que pontes não fossem sua especialidade. A ponte foi construída. Também foi levada de roldão na primeira enchente.[847]

Esse, porém, foi um desastre menor se comparado a alguns outros. Houve projetos inteiros do Gulag, empregando milhares de pessoas e enormes recursos, que se revelaram espetacularmente anti-econômicos e mal concebidos. Talvez o mais famoso tenha sido a tentativa de construir urna ferrovia da região de Vorkuta à foz do Ob, no oceano Ártico. A decisão de iniciar as obras foi tomada pelo governo soviético em abril de 1947. Um mês depois, o desbravamento, o levantamento topográfico e a construção tiveram início simultâneo. Prisioneiros também começaram a construir um novo porto de mar no cabo Kamenny, onde o Ob se alarga rumo ao mar.

Como de hábito, houve complicações: não se dispunha de tratores em número suficiente, de modo que os presos usaram velhos tanques de guerra. Os planejadores compensaram a falta de máquinas sobrecarregando os prisioneiros. Jornadas de onze horas eram normais, e às vezes, durante os longos dias de verão, até trabalhadores livres ficavam nas obras das nove da manhã à meia-noite. No final do ano, as complicações se tornaram mais sérias. A equipe topográfica determinara que o cabo Kamenny era má localização para o porto: não havia calado-d'água suficiente para navios de porte, e o solo era instável demais para indústrias pesadas. Em janeiro de 1949, Stalin convocou uma reunião, altas horas da noite, em que a liderança soviética resolveu mudar não só o local da obra, mas também a ferrovia: agora, a linha ligaria o Ob não com a região de Vorkuta (a oeste), mas com o rio Ienissei (a leste). Construíram-se mais dois campos: o canteiro de obras 501 e o canteiro de obras 503. Ambos começaram a assentar os trilhos ao mesmo tempo. A idéia era encontrarem-se no meio do traje-to. A distância entre eles era de 1.300 quilômetros.

As obras continuavam. No auge do projeto, segundo uma fonte, eram 80 mil pessoas trabalhando; segundo outra, eram 120 mil. O projeto ficou conhecido como "Estrada da Morte". A construção se revelou quase impossível na tundra ártica. Quando o permafrost de inverno se transformava rapidamente em lama de verão, tinha-se de lutar o tempo todo para impedir que os trilhos se

[846] Dagor, p. 10.
[847] Maksimovieh, pp. 91-100.

retorcessem ou afundassem. Mesmo com esse esforço, os vagões freqüentemente descarrilavam. Por problemas de abastecimento, os presos começaram a usar madeira em lugar de aço na construção ferroviária - uma decisão que veio selar o fracasso do projeto. Em 1953, à época da morte de Stalin, haviam-se construído quinhentos quilômetros de um dos extremos, duzentos do outro. O porto existia apenas no papel. Semanas após o funeral de Stalin, o projeto inteiro, que custara 40 bilhões de rublos e dezenas de milhares de vidas, foi abandonado de vez.[848]

Em escala menor, tais histórias se repetiam todos os dias, por todo o Gulag. No entanto, apesar do clima, da inexperiência e da má gestão, a pressão sobre os administradores dos campos, e sobre os presos, nunca amainava. As chefias eram submetidas a infindáveis inspeções e programas de fiscalização e viviam sendo exortadas a melhorar o desempenho. Os resultados, por mais que fossem fictícios, tinham importância. Por mais ridículo que possa ter parecido aos prisioneiros - os quais sabiam perfeitamente quanto o trabalho era acochambrado -, a brincadeira era terrivelmente séria. Muitos dos presos não sobreviveriam a ela.

**KVCh: o Departamento de Cultura e Educação**

Caso não estivesse claramente indicado que elas pertenciam ao arquivo da NKVD, o observador casual poderia ser desculpado se achasse que as fotos do Bogoslovlag - que aparecem num álbum cuidadosamente conservado, datado de 1945 - não eram de um campo de concentração. As imagens mostram jardins bem plantados, flores, arbustos, um chafariz e um quiosque em que os presos podiam sentar e conversar. A entrada do campo é marcada por uma estrela vermelha e um slogan: "Votamos todas as nossas forças para o poderio futuro da pátria!"

As fotos de presos que adornam outro álbum, arquivado ali perto, são igualmente difíceis de conciliar com a imagem popular que se tem dos detentos do Gulag. Há um homem que, contente, segura uma abóbora; vacas puxam arado; um sorridente comandante de campo colhe uma maçã. Ao lado das imagens, vêem-se gráficos. Um mostra a produção planejada do campo; o outro, o cumprimento da meta.[849]

Todos esses álbuns - montados, colados e etiquetados com o mesmo zelo que as crianças demonstram quando elaboram um trabalho para apresentação em classe - foram produzidos por uma só instituição: o Departamento de Cultura e Educação do Gulag (Kolturno-vospitatelnaya Chast, ou KVCh, como era mais conhecido dos presos). Ele, ou algum equivalente, existia desde o início do Gulag. Em 1924, a primeira edição do Slon, o periódico da prisão de Solovetsky, continha um artigo sobre o futuro dos estabelecimentos prisionais no país: "A política de trabalho correcional da Rússia precisa reabilitar os presos acostumando-os a participar do trabalho produtivo organizado".[850]

Na maioria das vezes, porém, o verdadeiro objetivo da propaganda dos campos era aumentar as cifras de produção. Foi esse o caso até durante a construção do Canal do Mar Branco, quando, como já vimos, a propaganda de

---

[848] A. Dobrovolskii; Okhotin e Roginskii, pp. 220-21 e 341-43.
[849] GARF, 9414/6/23.
[850] SLON, vol. I, 1924 (from GARF collection).

"reabilitação" teve sua fase mais ostensiva e, talvez, mais sincera. Naquela época, o culto nacional do trabalhador de choque estava no auge. No campos, artistas pintavam retratos dos melhores operários do canal, e atores e músicos montavam espetáculos e concertos especiais para eles. Os trabalhadores de choque eram até convidados a enormes assembléias, nas quais se cantava e discursava. Uma delas, realizada em 21 de abril de 1933, foi seguida de uma "investida de trabalho": durante 48 horas, nenhum dos 30 mil trabalhadores de choque deixou o local de serviço.[851]

Esse tipo de atividade foi abandonado sem nenhuma cerimônia no final dos anos 1930, quando os presos se tornaram "inimigos do povo" e já não podiam simultaneamente ser "trabalhadores de choque". Mesmo assim, depois que Beria assumiu os campos (1939), a propaganda foi aos poucos retornando. Embora nunca mais tivesse havido outro Canal do Mar Branco - um projeto do Gulag cujo "êxito" fora alardeado para o mundo -, a linguagem da reabilitação voltou aos campos. Em teoria, na década de 1940, todo campo tinha um instrutor do KVCh, assim como uma pequena livraria e um "clube" do KVCh, onde se organizavam concertos e exibições teatrais e ocorriam palestras e debates políticos. Thornas Sgovio se recordaria de um desses clubes:

> O recinto principal, acomodando cerca de trinta pessoas, tinha paredes de madeira pintadas em cores vistosas. Havia algumas mesas, em princípio para leitura. Contudo não existiam livros, jornais nem outros periódicos. E como poderia ler sido diferente? Os jornais valiam seu peso em ouro - nós os usávamos para fazer cigarros.[852]

A partir dos anos 30, os presos com ficha criminal eram supostamente os principais "clientes" do KVCh. Assim como não estava claro se presos políticos seriam autorizados a ocupar cargos de especialistas, tampouco estava claro se valeria a pena tentar reabilitá-los. Em 1940, uma diretiva da NKVD sobre o trabalho cultural e educacional nos campos afirmou categoricamente que quem cometera crimes anti-revolucionários não era material adequado para reabilitação. Nas montagens teatrais dos campos, esses elementos podiam tocar instrumentos, mas não falar nem cantar.[853]

Como em tantas outras situações, tais ordens eram mais desconsideradas do que obedecidas. E, também como em tantas outras situações, a verdadeira função do KVCh na vida dos campos diferia daquilo que os poderosos do Gulag haviam tido em mente para o departamento. Se Moscou pretendia que o KVCh obrigasse os presos a darem mais duro, os presos então usavam o KVCh a seu próprio modo: para obter apoio moral - e para sobreviver.

Em vista disso, parece que os instrutores culturais e educacionais nos campos procuravam difundir entre os presos o valor do trabalho, de maneira bem semelhante àquela com que representantes do Partido Comunista procuravam fazê-lo fora do mundo prisional. Nos campos maiores, o KVCh produzia jornais locais. Às vezes eram jornais de verdade, com reportagens e longos artigos sobre os êxitos do campo, assim como com "autocríticas" - comentários sobre o que estava errado no estabelecimento -, as quais eram de rigor na imprensa soviética. Afora um breve período no começo da década de 1930, esses jornais

---

[851] Chukhin,Kanaloarmeetsi, pp. 127-31.
[852] Sgovio, p. 184.
[853] GARF, 9401/1/567.

se destinavam sobretudo aos administradores e aos trabalhadores livres.[854]

Para os presos, também havia jornais murais (afinal, ocorria escassez de papel). Um prisioneiro descreveu os jornais murais como "um atributo do modo de vida soviético - ninguém os lia, mas eles apareciam regularmente". Com freqüência, tinham "seções humorísticas":

> Obviamente, presumiam que trabalhadores que estavam morrendo de inanição leriam aquilo, dariam uma gostosa gargalhada e, por fim, chamariam à razão os folgados que não queriam saldar através do trabalho honesto a dívida com a pátria.[855]

Por mais risíveis que os jornais murais pudessem parecer a muitos, a direção do Gulag, em Moscou, os levava muito a sério. Esses jornais, ordenava uma diretiva, devem "ilustrar os melhores exemplos de trabalho, popularizar os trabalhadores de choque, condenar os refratários e mandriões". Não se permitiam imagens de Stalin - afinal, aqueles eram criminosos, não "camaradas", e continuavam "excomungados" da vida soviética, proibidos até de contemplar o rosto do líder Ademais, a freqüentemente absurda atmosfera de sigilo que se abatera sobre os campos em 1937 perdurou por toda a década de 40: jornais que eram impressos nos campos não podiam sair dali.[856]

Além de pôr jornais em paredes, o KVCh exibia filmes. Gustav Herling assistiu a um musical americano, "cheio de mulheres de corpete e homens de plastrom e paletó acinturado", e a um filme de propaganda que concluía com "o triunfo da virtude": "Os desajeitados universitários ficavam em primeiro lugar na competição laborai socialista e, com olhos chamejantes, faziam um discurso que enaltecia o Estado no qual o trabalho manual fora elevado à mais excelsa posição".[857]

Entrementes, alguns presos comuns se aproveitavam das salas escuras onde se projetavam os filmes para matar outros, por vingança ou não. "Ao fim de uma dessas exibições, lembro-me de ter visto o corpo de um morto passar numa maca", disse-me uma pessoa que estivera aprisionada no Gulag.[858]

O KVCh também promovia partidas de futebol ou xadrez, concertos e apresentações que eram solenemente denominadas "atividades criativas autodidáticas". Um documento de arquivo relaciona o seguinte repertório, de um conjunto de canto e dança da NKVD que fazia turnê pelos campos:

1. "A balada de Stalin"
2. "A meditação cossaca sobre Stalin"
3. "A canção de Beria"
4. "A canção da pátria"
5. "A luta pela pátria"
6. "Tudo pela pátria"
7. "A canção dos guerreiros da NKVD"
8. "A canção dos chekistas"
9. "A canção do longínquo posto de fronteira"

---

[854] GARF, 9401/1a/68.
[855] Feldgun, memórias não publicadas.
[856] GARF, 9401/1/567.
[857] Herling, pp. 157-58.
[858] Wigmans, p. 127; Korallov, entrevista com a autora.

10. "A marcha dos Guardas de Fronteiras"[859]

Ainda havia números mais ligeiros, como "Vamos fumar" e "Canção do Dnieper", que pelo menos celebrava um rio, e não uma instituição da polícia secreta. No repertório teatral, também se incluíam algumas peças de Tchekhov. Mas, pelo menos em teoria, o grosso dos esforços artísticos se destinava à educação, e não ao entretenimento, dos presos. Em 1940, uma ordem de Moscou declarava: "Toda apresentação deve educar os presos, ensinando-os a valorizar mais o trabalho".[860] Como veremos, os presos também aprendiam a usar essas apresentações para ajudá-los a sobreviver.

Mas as "atividades criativas autodidáticas" não eram a única preocupação do Departamento de Cultura e Educação - nem eram o único caminho para uma carga de trabalho mais branda. O KVCh era igualmente responsável por reunir sugestões de como melhorar ou "racionalizar" o trabalho dos presos, tarefa que o departamento levava muito a sério. No relatório semestral a Moscou, um campo em Nizhne-Amursk afirmava, sem ironia, ter obtido 302 racionalizações, das quais 157 haviam sido postas em prática, tendo-se economizado assim 812.332 rublos.[861]

Isaak Filshtinskii também observa, com muita ironia, que alguns presos se tornavam peritos em distorcer essa política em proveito próprio. Um deles, ex-motorista, garantia saber como construir um mecanismo que possibilitaria aos carros usarem oxigênio como combustível. Os chefes do campo, empolgados com a perspectiva de descobrir uma "racionalização" realmente importante, deram-lhe um laboratório onde pudesse desenvolver a idéia.

> Não sei dizer se acreditavam nele ou não. Estavam simplesmente cumprindo determinações do Gulag. Em todo campo, pessoas deviam trabalhar como racionalizadores e inventores [...] e - quem sabe? - talvez Vdovin acabasse descobrindo alguma coisa, e aí todos ganhariam o Prêmio Stalin!

Vdovin foi enfim desmascarado no dia em que voltou do laboratório com um gigantesco objeto feito de sucata, cujo propósito ele se mostrou incapaz de explicar.[862]

Assim como no mundo extramuros, os campos de concentração continuavam a realizar "competições socialistas", nas quais os presos deviam concorrer uns contra os outros para elevar a produção. Os campos também homenageavam seus trabalhadores de choque pela suposta capacidade de triplicar ou quadruplicar as metas de produção. No capítulo 4, já descrevi a primeiras dessas campanhas, que começou nos anos 1930, mas elas continuaram pelos 40 - com entusiasmo sensível-mente menor e exagero sensivelmente mais absurdo. Os presos que participavam podiam ganhar muitos tipos diferentes de prêmio. Alguns recebiam maiores rações ou melhores condições de vida. Outros, gratificações mais intangíveis. Em 1942, por exemplo, o prêmio pelo bom desempenho podia abranger uma knizhka otlichnika, a caderneta concedida àqueles que alcançavam o status de trabalhadores "ótimos". Ela

---

[859] GARF, 9401/1/2443.
[860] GARF, 9401/1/567.
[861] GARF, 9414/1/1442.
[862] Filshtinskii, pp. 163-69.

compreendia um pequeno calendário, com espaço para registrar em porcentagem o cumprimento das metas diárias; um espaço em branco para sugerir "racionalizações"; uma lista dos direitos do detentor da caderneta - a prerrogativa de ficar com o melhor lugar no alojamento, ter os melhores uniformes, receber remessas externas sem restrições etc.; e uma citação de Stalin: "A pessoa esforçada sente-se um cidadão livre de seu país, uma espécie de ativista social. E, se ela der duro, e der o que puder à sociedade, será um herói do trabalho".[863]

Nem todos levavam esse prêmio muito a sério. O preso polonês Antoni Ekart também descreveria uma de tais campanhas:

> Pendurava-se um Quadro de Honra (feito de compensado), no qual se indicavam os resultados das Competições dos Trabalhadores Socialistas à medida que eram anunciados. Às vezes, exibia-se um retrato tosco do "trabalhador de choque" que estava na frente, dando detalhes dos recordes quebrados. Expunham-se números quase inacreditáveis, mostrando uma produção 500% ou até 1.000% acima do normal. Isso se referia a cavar buracos com pás. Até os presos menos atilados sabiam ser impossível conseguir cavar cinco ou dez mais do que o padrão.[864]

Mas, no fim das contas, os instrutores do KVCh também tinham a responsabilidade de convencer os "folgados" de que era do interesse deles trabalhar, e não ficar em celas punitivas, nem tentar sobreviver com rações pequenas. Fica claro que não muitos instrutores levavam tais palestras a sério - havia tantas outras maneiras de persuadir os presos a trabalhar! Todavia, uns poucos as levavam, para júbilo dos maiorais do Gulag, em Moscou. Estes, aliás, consideravam importantíssima aquela função do KVCh e até promoviam conferências periódicas de instrutores, para debater temas como "Quais as motivações básicas daqueles que se recusam a trabalhar?" e "Quais os resultados práticos da eliminação do dia livre dos presos?".

Numa dessas reuniões, durante a Segunda Guerra Mundial, os organizadores trocaram impressões. Um deles reconheceu que alguns "folgados" não conseguiam trabalhar porque estavam fracos demais para conseguir manter-se com a quantidade de alimento que recebiam. Ainda assim, alegou que mesmo os famintos podiam ser motivados: ele dissera a um refratário que o comportamento deste era "como uma faca cravada nas costas de teu irmão, que está na frente de batalha". Tinha sido o suficiente para fazer o homem esquecer a fome e dar mais duro. Outro dos instrutores presentes afirmou ter mostrado a alguns refratários fotos de "Leningrado em batalha", depois do que todos eles foram de imediato para o trabalho. Outro ainda disse que, em seu campo, as melhores brigadas podiam decorar os respectivos alojamentos; e que os melhores trabalhadores eram estimulados a plantar flores em vasos individuais, deles próprios. Nas atas da reunião (conservadas em arquivo), alguém fez uma anotação ao lado desse último comentário: Korosho! ("Excelente!").[865]

Compartilhar experiências dessa maneira era considerado tão importante que, no auge da guerra, o Departamento de Cultura e Educação do Gulag em

---

[863] GARF, 9414/1/1441.
[864] Ekart, p. 82.
[865] GARF, 9414/1/1440.

Moscou se deu ao trabalho de imprimir um folheto sobre o assunto. O título - com conotações claramente religiosas - era Retorno à vida. O autor, certo camarada Loginov, descreve uma série de relacionamentos que teve com presos "mandriões". Utilizando astutas táticas psicológicas, converteu cada um deles para a crença no valor do trabalho duro.

As histórias que Loginov conta são bem previsíveis. Numa delas, por exemplo, explica a Ekaterina Sh. (esposa instruída de um condenado à morte por espionagem em 1937) que a vida dela, embora arruinada, podia voltar a ter sentido no contexto do Partido Comunista. Loginov também expõe ao preso Samuel Goldshtein as "teorias raciais" de Hitler e esclarece o que a "Nova Ordem" nazista na Europa acarretaria para ele, Goldshtein. O prisioneiro, de tão inspirado com esse surpreendente (na URSS) apelo a sua judaicidade, quer partir na mesma hora para a frente de batalha. Loginov lhe diz que, "hoje, tua arma é teu trabalho"; e o convence a dar mais duro no campo de concentração. "Tua pátria precisa de teu trabalho - e de ti", diz a outro preso ainda, que, com lágrimas nos olhos, volta ao serviço ao ouvir tais palavras.[866]

Fica evidente que o camarada Loginov se orgulha de sua função e se dedica a ela com muita energia. O entusiasmo dele era real. As recompensas que recebeu por seu trabalho, também: V. G. Nasedkin então chefe de todo o sistema Gulag, mostrou-se tão satisfeito com o empenho de Loginov que premiou o autor com uma gratificação de mil rublos e ordenou que o panfleto fosse enviado a todos os campos do sistema.

Está menos claro se Loginov e seus mandriões acreditavam de fato no que ele dizia. Não sabemos, por exemplo, se Loginov entendia em alguma medida que muitas das pessoas que ele estava tentando "trazer de volta à vida" eram inocentes de todo e qualquer crime. Tampouco sabemos se pessoas como Ekaterina Sh., caso tenha existido, realmente se reconverteram aos valores soviéticos; ou se de repente perceberam que, aparentando ter-se convertido, talvez recebessem melhor comida, melhor tratamento, trabalho mais fácil. As duas possibilidades nem chegam a ser mutuamente excludentes. Para pessoas aturdidas e desorientadas com a rápida transição de cidadãos úteis a prisioneiros desprezados, "ver a luz" e regressar à sociedade soviética pode não só tê-las ajudado a restabelecer-se psicologicamente, mas também ter-lhes proporcionado a melhoria de condições que lhes salvou a vida.

Aliás, a pergunta "Será que eles acreditavam no que estavam fazendo?" é parte pequena de uma questão muito maior, a qual vai ao fundo do caráter da URSS: será que algum dos líderes daquele país chegou a acreditar no que eles próprios estavam fazendo? A relação entre a propaganda e a realidade soviéticas sempre foi estranha: as fábricas mal conseguem funcionar, não há nada para comprar no comércio, velhinhas não têm condições de aquecer seus apartamentos - e, nas ruas lá fora, faixas proclamam o "triunfo do socialismo" e as "heróicas realizações da pátria soviética".

Nos campos do Gulag, tais paradoxos não eram diferentes. Stephen Kotkin, em sua obra sobre a história de Magnitogorsk, assina-la que, no jornal da colônia de trabalho correcional dessa cidade fabril stalinista, os perfis dos condenados regenerados eram escritos numa "linguagem que lembrava muito o que se podia ouvir a respeito de operários-padrão fora da colônia: eles davam duro,

[866] GARF, 9414/4/145.

estudavam, sacrificavam-se e procuravam aprimorar-se".[867]

Não obstante, havia nos campos um nível extra de singularidade. Se no mundo extramuros a enorme disparidade entre esse tipo de propaganda e a realidade soviética já parecia risível a muitos, no Gulag o absurdo dava a impressão de alcançar novas culminâncias. Nos campos, onde os presos viviam sendo chamados de "inimigos", estando categoricamente proibidos de tratarem-se por "camarada" e contemplarem o retrato de Stalin, eles mesmo assim deviam trabalhar pela glória da pátria socialista, tal qual os homens e mulheres livres - e ainda participar de "atividades criativas autodidáticas" como se o fizessem por puro e simples amor à arte. O despropósito ficava bastante claro para todos. Em certa altura de sua carreira no Gulag, Anna Andreevna se tornou "artista" do campo, significando que era empregada para pintar aqueles slogans. Esse serviço, leve pelos padrões dos campos, lhe salvou certamente a saúde e possivelmente a vida. Mas, entrevistada anos depois, Anna afirmou nem sequer se lembrar dos dizeres. Disse achar que "a chefia os concebia. Algo como 'Dedicamos todas as nossas forças ao trabalho' ou coisa assim [...]. Eu os pintava muito depressa e, estritamente falando, muito bem, mas esqueci por completo o que escrevia. Isso aconteceu por alguma espécie de mecanismo de autodefesa".[868]

Também chamou a atenção de Leonid Trus (prisioneiro no começo dos anos 1950) o despropósito dos slogans que estavam fixados por todas as construções do campo e que eram repetidos pelos alto-falantes:

> Havia um sistema de rádio do campo, que regularmente transmitia informações sobre nossos êxitos no trabalho e ralhava com quem não trabalhava direito. Essas transmissões eram muito canhestras, mas me faziam lembrar as que eu ouvira em liberdade. Acabei convencendo-me de que a única diferença era que, em liberdade, as pessoas eram mais talentosas e sabiam descrever tudo aquilo de modo mais bonitinho [...] em geral, o campo era igual à liberdade - os mesmos cartazes, os mesmos slogans -, só que [no Gulag] as frases soavam mais absurdas. "Pegaram o serviço e o concluíram", por exemplo. Ou "Na URSS, o trabalho é questão de honestidade, honra, bravura e heroísmo" - palavras de Stalin. Ou todos os outros slogans, como "Somos pela paz" ou "Desejamos a paz para o mundo inteiro".[869]

Os estrangeiros que não estavam acostumados a slogans e faixas achavam o trabalho dos "reeducadores" ainda mais esquisito. O polonês Antoni Ekart descreveria uma típica sessão de doutrinação política:

> O método utilizado era o seguinte: um homem do KVCh, um agitador profissional com a mentalidade de uma criança de seis anos, falava aos presos sobre a nobreza de envidarem todos os seus esforços no trabalho. Dizia-lhes que pessoas nobres eram patriotas; que todos os patriotas amavam a Rússia Soviética, o melhor país do mundo para os trabalhadores; que os cidadãos soviéticos se orgulhavam de pertencer a um país assim etc. etc., durante duas horas inteiras - e isso tudo para

---

[867] Kotkin, p. 232.
[868] Andreevna, entrevista com a autora.
[869] Trus, entrevista com a autora.

um público cuja própria aparência era testemunho do absurdo e da hipocrisia de tais afirmações. Mas o orador não se incomodava com a fria acolhida e continuava falando. Por fim, prometia a todos os "trabalhadores de choque" mais gratificação, maiores rações e melhores condições. Pode-se imaginar o efeito disso em quem estava submetido à disciplina da fome.[870]

Um polonês desterrado teve a mesma reação a uma palestra propagandística a que assistiu num campo de concentração siberiano.

> Durante horas e horas, o palestrante não parou de falar, tentando provar que Deus não existia, que Ele era apenas uma invenção burguesa. Devíamos nos considerar afortunados por estarmos na URSS, o país mais perfeito do mundo. Ali no campo, aprenderíamos a trabalhar e enfim ser pessoas dignas. De quando em quando, ele procurava nos instruir: assim, contava-nos que "a Terra é redonda" e que ele estava absolutamente convencido de que não sabíamos nada disso; de que também ignorávamos, por exemplo, que Creta era "peninsular", ou que Roosevelt era ministro de algum país estrangeiro. Comunicava verdades desse tipo com uma confiança inabalável em nossa total falta de conhecimento, pois como podíamos nós, criados num Estado burguês, esperar ter o benefício da educação mais elementar que fosse? [...] com muita satisfação, enfatizava que não poderíamos sequer sonhar em recuperar a liberdade, pois a Polônia jamais se reergueria.

Infelizmente para o coitado do palestrante, todo o seu trabalho não adiantou de nada, segundo o polonês: "Quanto mais ele arengava, mais nos rebelávamos intimamente, mantendo a esperança apesar de tudo. Os rostos se endureceram de obstinação".[871]

Gustav Herling, outro polonês, descreveria as atividades culturais de seu campo de concentração como

> vestígios dos regulamentos elaborados em Moscou nos tempos em que os campos realmente se destinavam a ser instituições correcionais e educacionais. Gogol teria detectado aquela obediência cega a uma ficção oficial, mesmo que contraditória com a prática geral no campo - era como educar "almas mortas".[872]

Tais opiniões não são casos isolados: encontram-se na imensa maioria dos registros, que ou nem mencionam o KVCh, ou o ridicularizam. Por esse motivo, é difícil, quando se escreve sobre a função da propaganda no Gulag, avaliar a importância dela para a direção do sistema. Por um lado, pode-se muito bem argumentar - e muitos o fazem - que a propaganda nos campos, assim como toda a propaganda soviética, era pura farsa; que ninguém lhe dava crédito; que era produzida pela administração dos campos só para iludir os prisioneiros de maneira bastante pueril e óbvia.

Por outro lado, se a propaganda, os cartazes e as sessões de doutrinação política eram completamente ridículos - e se ninguém acreditava neles de jeito

---

[870] Ekart, p. 82.
[871] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[872] Herling, p. 155.

nenhum -, então por que se desperdiçava tanto tempo e tanto dinheiro com aquilo? Tomando como amostra só os registros da administração do Gulag, há centenas e mais centenas de documentos que atestam o trabalho intensivo do Departamento de Cultura e Educação. Por exemplo, no primeiro trimestre de 1943, quando a guerra estava no auge, os campos e Moscou trocavam telegramas frenéticos, pois comandantes tentavam desesperadamente obter instrumentos musicais para os presos. Ao mesmo tempo, os campos promoviam um concurso cujo tema era "A grande guerra patriótica do povo soviético contra os ocupantes fascistas alemães" e do qual participavam cinqüenta pintores e oito escultores. Num tempo de escassez nacional de mão-de-obra, os órgãos centrais também recomendavam que todo campo empregasse um bibliotecário; um projetista para exibir filmes de propaganda; e um kulturorganizator, prisioneiro que servia de assistente ao instrutor cultural e ajudava a travar a "batalha" pela limpeza, a organizar as atividades artísticas, a elevar o nível cultural dos presos - e a ensiná-los a "entender corretamente as questões da política contemporânea".[873]

Os instrutores culturais dos campos ainda apresentavam relatórios semestrais ou trimestrais sobre seu trabalho, muitas vezes arrolando com grande minúcia suas realizações. Também em 1943, o instrutor cultural no Vosturallag (na época um campo para 13 mil presos) enviou um desses relatórios. Com 21 páginas, começava reconhecendo que, no primeiro semestre daquele ano, as metas industriais do campo "não foram cumpridas". No segundo semestre, porém, tomaram-se providências. O Departamento de Cultura e Educação ajudara a "mobilizar os presos para cumprirem e superarem as metas de produção estabelecidas pelo camarada Stalin", a "restabelecer a saúde dos presos e fazer os preparativos para o inverno" e a "eliminar deficiências no trabalho cultural e educacional".[874] Em seguida, o chefe do KVCh no campo listava os métodos que empregava. Assinalava grandiosamente que, naquele segundo semestre, fizeram-se 762 discursos políticos, aos quais assistiram mais de 70 mil presos (é de supor que muitos tenham ido mais de uma vez). Ao mesmo tempo, o KVCh promovera 444 palestras de informação política, com presença de 82.400 presos; imprimira 5.046 jornais murais, lidos por 350 mil pessoas; apresentara 232 concertos e peças; exibira 69 filmes; e organizara 38 grupos de teatro. Um desses últimos até compusera uma canção, citada com orgulho no relatório:

> A brigada é simpática,
> O dever nos chama,
> O canteiro de obra nos aguarda,
> A frente de batalha precisa de nosso trabalho.[875]

Pode-se tentar aventar explicações para esse enorme esforço. Na burocracia do Gulag, talvez o Departamento de Cultura e Educação fosse o derradeiro bode expiatório: se as metas não estavam sendo cumpridas, a culpa não era da má organização, nem da desnutrição, nem das práticas de trabalho estupidamente cruéis, nem da falta de botas de feltro - era, isto sim, da propaganda insuficiente.

Talvez o motivo fosse a rígida burocracia do sistema: tão logo a cúpula decidia

---

[873] GARF, 9414/1/1460.
[874] GARF, 9414/1/1461; Okhotin e Roginskii, p. 195.
[875] GARF, 9414/1/1461.

que precisava haver propaganda, todos tentavam obedecer à ordem sem questionar se era ou não absurda.

Talvez a liderança moscovita estivesse tão isolada dos campos que realmente acreditasse que 444 palestras e 762 discursos políticos fariam homens e mulheres famélicos trabalharem com mais afinco (ainda que isso pareça improvável, dadas as informações também disponíveis para essa mesma liderança nos relatórios dos inspetores dos campos).

Ou talvez não haja nenhuma boa explicação. Vladimir Bukovsky, o dissidente soviético que depois também foi prisioneiro, dava de ombros quando lhe perguntavam sobre isso. Segundo Bukovsky, aquele paradoxo era o que tornava o Gulag excepcional:

> Em nossos campos, esperava-se não apenas que fossemos trabalhadores escravos, mas que também cantássemos e sorríssemos enquanto trabalhávamos. Não queriam só nos oprimir - queriam que lhes agradecêssemos por isso.[876]

## 12. PUNIÇÃO E RECOMPENSA

*Quem ainda não esteve lá, estará.*
*Quem já esteve, nunca esquecerá.*

Provérbio soviético acerca das prisões.[877]

### Shizo: as celas punitivas

Muito poucos campos de concentração soviéticos chegaram ao presente intactos, ou mesmo em ruínas. Por isso, é curioso que bom número de shtrafnye izolyhateri (celas de isolamento, ou, no inevitável acrônimo, Shizo) continue de pé. Do lagpunkt 7 do Ukhtpechlag, só resta o pavilhão de celas punitivas, agora a oficina de um mecânico de autos armênio. Ele deixou as grades nas janelas tal qual estavam, na esperança, segundo ele, de que "Soljenitsin compre meu imóvel". Do lagpunkt agrícola de Aizherom, no Lokchimlag, não resta nada - exceto, mais uma vez, as celas punitivas, hoje transformadas na residência de várias famílias. Uma das idosas que moram ali elogia a solidez de uma das portas. Esta ainda tem no meio um grande "buraco de Judas", pelo qual os guardas outrora espiavam os presos e lhes atiravam rações de pão.

A longevidade desses pavilhões é testemunho da robustez de sua construção. Sendo freqüentemente as únicas obras de alvenaria num campo de madeira, eram a zona prisional dentro da zona prisional. Entre suas paredes, tinha-se o rezhim dentro do rezhim. "Uma edificação sombria de pedra" foi como um preso descreveu o pavilhão punitivo em seu campo. "Portões externos, portões internos, sentinelas armadas a toda volta."[878]

Na década de 1940, Moscou já emitira instruções minuciosas, descrevendo

---

[876] Vladimir Bukovsky, entrevista com a autora, março de 2002.
[877] Reeditado in Rossi, The Gulag Handbook, p. 460.
[878] Kaufman, p. 249.

tanto a construção das celas punitivas quanto as normas para os condenados a viver ali. Cada lagpunkt (ou grupo de lagpunkts, no caso dos menores) tinha um pavilhão punitivo, em geral logo do lado de fora da zona prisional, ou, se ficasse do lado de dentro, "cercado por uma cerca intransponível", a alguma distância das outras edificações do campo. De acordo com um preso, essa restrição talvez não fosse necessária, já que muitos prisioneiros procuravam evitar a cela punitiva "circundando-a à distância, nem sequer olhando na direção daquelas paredes de pedra cinzenta, interrompidas por abertura que pareciam exalar um vazio escuro e gelado".[879]

Todo complexo de campos devia também ter um pavilhão central de celas punitivas perto da sede (Magadan, Vorkuta, Norilsk). Na realidade, esse pavilhão central era muitas vezes uma cadeia enorme, que conforme as normas, "deve estar em local o mais distante possível das regiões habitadas e das vias de transporte, ser bem guardado e assegurar completo isolamento. A guarda deve compor-se apenas dos atiradores mais confiáveis, disciplinados e experientes, selecionados dentre os trabalhadores livres". Tais cadeias centrais continham tanto celas comuns quanto solitárias. Essas últimas tinham de ficar numa construção especial, à parte, e eram reservadas a "elementos particularmente nocivos". Os presos mantidos em isolamento não eram levados para trabalhar. Ademais, ficava-lhes vedado todo tipo de exercício, além de fumo, papel e fósforo. Isso vinha acrescer-se às restrições "ordinárias" que se aplicavam a quem estava nas celas comuns: nada de cartas, nada de remessas de fora, nada de visitas de familiares.[880]

A primeira vista, a existência das celas punitivas parece contradizer os princípios econômicos gerais em que se baseava o Gulag. Manter edificações especiais e guardas adicionais era caro. Manter detentos longe do trabalho era desperdício. Todavia, do ponto de vista da administração dos campos, as celas eram não uma forma extra de tortura, e sim parte integral do vasto esforço para fazer os presos darem mais duro. Junto com as rações reduzidas, o regime punitivo se destinava a (1) intimidar os otkazchiki, os que se recusavam a trabalhar; e (2) castigar os perpetradores de algum crime no campo, como homicídio ou tentativa de fuga.

Dado que esses dois tipos de delito tendiam a ser cometidos por diferentes tipos de preso, as celas punitivas, em alguns campos, tinham ambiente esquisito. De um lado, estavam repletas de bandidos profissionais, mais propensos a matar e escapar. De outro lado, porém, outra categoria começou a lotá-las: os presos religiosos, tanto homens quanto mulheres, as monashki, "freiras" que, por princípio, também se negavam a trabalhar para o Satã soviético. A finlandesa Aino Kuusinen, por exemplo, estava num lagpunkt de Potma cujo comandante construiu um barracão punitivo só para mulheres profundamente religiosas que "se recusavam a trabalhar na lavoura e passavam o tempo rezando em voz alta e entoando hinos". Elas não comiam com as outras prisioneiras; em vez disso, recebiam rações disciplinares naquele barracão. Duas vezes ao dia, guardas armados as acompanhavam à latrina. "De tempos em tempos, o comandante as visitava de rebenque na mão, e gritos agudos de dor ressoavam no barracão; elas costumavam ser despidas antes de açoitadas, mas nenhuma crueldade conseguia fazê-las desistir das preces e dos jejuns." Acabaram sendo levadas embora. Aino acreditava que

[879] Herling, p. 199.
[880] GARF, 9401/12/316.

houvessem sido fuziladas.[881]

Outros tipos de "refratários" inveterados também iam parar em celas punitivas. Aliás, a própria existência dessas celas impunha uma escolha aos presos: podiam ou trabalhar, ou ficar alguns dias ali, virando-se com rações menores, sofrendo frio e desconforto, mas não se estafando nas florestas e outros locais de trabalho. Lev Razgon narra a história do conde Tyszkiewicz, aristocrata polonês que, vendo-se num campo madeireiro siberiano, calculou que não sobreviveria com as rações fornecidas e simplesmente se negou a trabalhar. Estimou que assim pouparia as forças, mesmo recebendo apenas a ração disciplinar.

> Toda manhã, antes que as colunas de zeks se alinhassem no pátio e os presos fossem conduzidos marchando para fora do campo, dois carcereiros tiravam Tyszkiewicz da cela punitiva. Pêlos curtos e grisalhos lhe cobriam o rosto e a cabeça rapada, e ele trajava os restos de um antigo capote, mais polainas. O oficial encarregado da segurança do campo dava início à reprimenda didática de todos os dias: "Pois bem, seu conde de m..., seu m... estúpido, vai ou não vai trabalhar?"
>
> "Não, senhor, não posso trabalhar", respondia o conde com voz muito firme.
>
> "Ah, não pode, não é, seu m...?"
>
> O oficial então explicava publicamente ao conde o que pensava deste e de seus parentes próximos e distantes e o que faria com ele logo, logo. Esse espetáculo diário era fonte de satisfação geral para os outros detentos.[882]

Mas, embora Razgon conte a história com humor, tal estratégia era muito arriscada, pois o regime punitivo não era concebido para ser aprazível. Oficialmente, as rações disciplinares diárias para presos que não cumpriam as metas eram de 300 gramas de "pão preto de centeio", 5 gramas de farinha, 25 gramas de trigo-sarraceno ou macarrão, 27 gramas de carne e 170 gramas de batata. Se bem que essa já fosse uma quantidade ínfima de comida, os presos que ficavam nas celas punitivas recebiam ainda menos: 300 gramas daquele pão preto ao dia, mais

água quente e "alimento líquido quente" (ou seja, sopa) só uma vez a cada três dias.[883]

Contudo, para a maioria dos presos, o aspecto mais desagradável do regime punitivo estava não no sofrimento físico - a edificação isolada, a comida ruim -, mas nos outros suplícios que dessem na veneta do comando local. Os beliches compartilhados, por exemplo, podiam ser substituídos por um simples banco. Ou o pão podia ser feito com cereal não-processado. Ou então o "alimento líquido quente" podia ser mesmo bem aguado. Janusz Bardach foi posto numa cela punitiva cujo piso ficava coberto de água e cujas paredes eram encharcadas e cobertas de limo:

---

[881] Kuusinen, pp. 201-2.
[882] Razgon, pp. 139-40.
[883] GARF, 9401/1/713 e 9401/12/316.

> Minha roupa de baixo já estava molhada, e eu tremia. Sentia rigidez e cãibras no pescoço e nos ombros. A madeira do banco, bruta e ensopada, estava apodrecendo, principalmente nas beiradas [...] o banco era tão estreito que eu não conseguia deitar de costas, e, quando ficava de lado, as pernas pendiam da beirada; tinha de mantê-las dobradas o tempo todo. Difícil mesmo era resolver de que lado deitar: de um lado, a cara ficava espremida contra a parede; de outro, as costas ficavam molhadas.[884]

A umidade era comum, assim como o frio. Embora as normas determinassem que a temperatura nas celas punitivas não podia ser inferior a dezesseis graus, o aquecimento era com freqüência negligenciado. Gustav Herling lembraria que, em seu pavilhão punitivo, "as janelas das pequenas celas não tinham nem vidraças nem tábuas, de modo que a temperatura nunca era mais alta que lá fora". Herling descreveria outras maneiras pelas quais as celas eram concebidas para criar desconforto:

> Minha cela era tão baixa que eu conseguia tocar o teto com a mão [...] era impossível sentar no beliche de cima sem dobrar as costas contra o teto; só se podia entrar no de baixo com um movimento de mergulho, e para sair era preciso alçar-se da madeira, como um nadador num banco de areia. A distância entre a beirada do beliche e o balde sanitário na porta era de menos que uma passada normal.[885]

Os comandantes de campo também estavam autorizados a decidir se os presos usariam roupa na cela (muitos eram mantidos só de roupa de baixo) e se os mandariam para o trabalho. Quando os presos não trabalhavam, permaneciam no frio das celas o dia todo, sem exercício. Quando trabalhavam, passavam muita fome. Nadezhda Ulyanovskaya ficou um mês à base de rações disciplinares, mas ainda assim a fizeram trabalhar. "Vivia com vontade de comer", escreveria. "Comecei a falar só de comida."[886] Por causa das mudanças freqüentemente inesperadas no regime punitivo, os presos morriam de medo de ser mandados para as celas. "Ali, presos choravam feito crianças, prometendo ser bonzinhos só para sair", escreveria Herling.[887]

Nos complexos maiores, havia tipos diversos de tormento: não apenas celas punitivas, mas também barracões e até lagpunkts punitivos. Em 1933, o Dmitlag, campo que construiu o Canal Moscou-Volga, estabeleceu um "lagpunkt de regime estrito" para "refratários ao trabalho, fujões, larápios e outros". A fim de garantir a segurança, a chefia do campo prescreveu que o novo lagpunkt tivesse cerca dupla de arame farpado; que guardas adicionais conduzissem os presos ao trabalho; e que os presos fizessem trabalho braçal pesado em locais de onde fosse difícil escapar.[888]

Mais ou menos na mesma época, a Dalstroi criou um lagpunkt disciplinar, que, no final dos anos 1930, se tornaria um dos mais infames do Gulag: Serpantinnaya (ou Serpantinka), na encosta setentrional dos montes logo acima de Magadan. Cuidadosamente situado para receber muito pouco sol,

---

[884] Bardach, pp. 213-15.
[885] Herling, pp. 199 e 200.
[886] Ulyanovskaya, p. 358.
[887] Herling, p. 200.
[888] GARF, 9489/2/5.

mais frio e mais escuro que os outros campos do complexo (localizados no vales e já bem frios e escuros durante grande parte do ano), o campo punitivo da Dalstroi era mais fortificado que outros lagpunkts e também serviu de local de execução em 1937 e 1938. Seu nome era usado para amedrontar os presos, que igualavam a ida para Serpantinka à sentença de morte.[889] Um dos pouquíssimos sobreviventes descreveria o alojamento como "tão superlotado que os prisioneiros se revezavam para sentar no chão, enquanto todos os restantes permaneciam de pé. Pela manhã, a porta se abria, e chamavam de dez a doze presos pelo nome. Ninguém respondia. Aí, os primeiros que estavam à mão eram arrastados para fora e fuzilados".[890]

Na realidade, sabe-se muito pouco sobre Serpantinka, em boa parte porque sobrou tão pouca gente para dizer como era o campo. Sabe-se ainda menos sobre lagpunkts punitivos estabelecidos em outros lugares; por exemplo, o de Iskitim (do complexo do Siblag), construído numa pedreira de calcário. Ali, os presos trabalhavam sem maquinaria e sem equipamento, escavando com as mãos. Cedo ou tarde, a poeira matava muitos, em decorrência de doenças pulmonares e outros problemas respiratórios.[891] Anna Larina, a jovem esposa de Bukharin, ficou encarcerada lá durante breve período. A maior parte dos outros prisioneiros (e mortos) de Iskitim continua anônima.[892]

Não foram, porém, esquecidos de todo. O sofrimento dos cativos afetou tão profundamente a imaginação do povo de Iskitim que, muitas décadas depois, o surgimento de uma nova fonte de água numa colina ao lado do antigo campo seria saudada como um milagre. Dado que o barranco abaixo da fonte era, segundo a tradição local, lugar de execuções em massa de prisioneiros, os habitantes acreditavam que a água santa era a maneira pela qual Deus decidira manter viva a lembrança daqueles mortos. Num dia silencioso e gelado no final do inverno siberiano, quando o solo ainda estava coberto por um metro de neve, pude ver grupos de fiéis subirem o morro até a fonte, encherem garrafas e canecas de plástico com a água límpida e a bebericarem reverentemente - às vezes olhando, de modo solene, para o barranco lá embaixo.

## POCHTOVYI YASHCHIK: A CAIXA DO CORREIO

A Shizo era a máxima punição do sistema penal. Entretanto, o Gulag também fazia agrados aos detentos - contrabalançando castigos com recompensas. Junto com a comida, o sono e o trabalho, o campo controlava o contato dos presos com o mundo extramuros. Ano após ano, os administradores do Gulag em Moscou enviavam instruções, fixando quantas cartas e remessas de gêneros ou dinheiro os detentos podiam receber e quando e como os familiares podiam visitá-los.

Assim como as instruções referentes às celas punitivas, as normas que regiam esses contatos variaram com o tempo. Ou talvez seja mais exato dizer que, de modo geral, os contatos foram ficando mais limitados com o passar dos anos. As instruções que descreviam em termos genéricos o regime prisional de 1930,

---

[889] Nordlander, "Capital of the Gulag", pp. 230-31.
[890] Adamova-Sliozberg, p. 66.
[891] Svetlana Doinisena, diretora do museu de história de Iskitim, entrevista com a autora, 1º de março de 1999.
[892] L. Samakhova, "Lagernaya Pyl", in Vozvrashcheniepamyati, vol. 1, pp. 38-42.

por exemplo, estipulavam apenas que os presos podiam enviar e receber um número ilimitado de cartas e remessas. Também se permitiam as visitas de familiares, sem restrições específicas, embora o número de visitas (o qual não vinha determinado nas instruções) dependesse do bom comportamento do preso.[893]

Contudo, em 1939, as instruções já eram muito mais detalhadas. Afirmavam especificamente que apenas os presos que cumprissem as metas de produção poderiam encontrar-se com os parentes, e mesmo assim só de seis em seis meses. Quem excedesse as metas teria direito a uma visita por mês. As remessas de fora também se tornaram mais limitadas: os presos em geral podiam receber somente uma por mês, e os condenados por crimes anti-revolucionários, uma a cada três meses.[894]

Em 1939, já surgiram igualmente inúmeras regras para o envio e recebimento de cartas. Alguns presos políticos podiam receber cartas uma vez por mês; outros, apenas a cada três meses. Ademais, os censores dos campos proibiam categoricamente os presos de escrever sobre certos assuntos: não podiam indicar o número de detentos em seu respectivo campo, discutir detalhes do regime prisional, mencionar guardas pelo nome ou dizer que tipo de trabalho se realizava ali. Cartas que continham tais detalhes eram não apenas confiscadas por aqueles censores, mas também cuidadosamente registradas na ficha do preso - sendo de supor que se fazia isso para usá-las como prova de "espionagem".[895]

Todos esses regulamentos eram sempre modificados, emendados e adaptados às circunstâncias. Durante a guerra, por exemplo, suspenderam-se todas as restrições ao número de remessas de alimentos recebidas - as autoridades dos campos parecem ter tido a esperança de que os familiares simplesmente ajudassem a alimentar os presos, tarefa que, na época, era difícil ao extremo para a NKVD. Por outro lado, depois da guerra, prisioneiros em campos disciplinares especiais para criminosos violentos - bem como em campos especiais para presos políticos - viam diminuir outra vez o direito ao contato com o mundo extramuros. Estavam autorizados a escrever só quatro vezes por ano e receber cartas apenas de parentes próximos (pais, irmãos, cônjuges e filhos).[896]

Justamente porque os regulamentos eram tão variados e complexos, e porque eles mudavam com tanta freqüência, os contatos externos acabavam ficando (mais uma vez) ao bel-prazer dos comandantes de campo. Cartas e remessas certamente nunca chegavam às celas, alojamentos ou lagpunkts punitivos. Tampouco chegavam a presos do quais as autoridades, por alguma razão, não gostassem. Além disso, havia campos que simplesmente eram demasiado isolados e, por conseguinte, não recebiam nenhuma correspondência.[897] E existiam campos tão desorganizados que nem se preocupavam em distribuir a correspondência. Um desgostoso fiscal da NKVD escreveu que, num deles, "cartas e remessas de gêneros e de dinheiro não são entregues aos presos e

---

[893] GARF, 5446/1/54.
[894] GARF, 9401/12/316.
[895] Ibid.
[896] GARF, 9401/1/3463.
[897] Ver, por exemplo, Chirkov, pp. 54-55; Maksimovieh, pp. 82-90.

jazem aos milhares em depósitos e guaritas".[898] Em grande numero de campos, as cartas eram recebidas com atraso de meses. Isso quando eram: muitos presos só souberam anos depois que inúmeras cartas e remessas suas haviam sumido, e ninguém sabia informar se tinham sido roubadas ou perdidas. Na situação inversa, presos que haviam sido categoricamente proibidos de receber cartas acabavam recebendo-as mesmo assim, apesar do empenho dos administradores de campos.[899]

De outra parte, alguns censores não somente cumpriam sua obrigação e distribuíam as cartas, como até deixavam algumas passar invioladas. Dmitrii Bystroletov se recordaria de uma censora que se portava assim, uma konsomolka (membro da Juventude Comunista) que entregava aos presos cartas que não haviam sido nem abertas. "Ela estava arriscando não um mero pedaço de pão, mas a própria liberdade: podia ser condenada a dez anos."[900]

Havia, é claro, maneiras de burlar tanto a censura quanto as restrições ao número de cartas. Certa vez, Anna Razina recebeu do marido uma carta dentro de um bolo (naquele momento, o marido já fora executado). Ela também viu cartas levadas para fora do Gulag às escondidas, enfiadas em solas de sapatos ou costuradas em roupas de presos que estavam sendo libertados.[901] Num campo de regime brando, Barbara Armonas mandava cartas clandestinamente por intermédio de presos que trabalhavam sem guarda fora da zona prisional.[902]

O general Gorbatov também descreve como, de dentro de um trem de traslado, enviou à esposa uma carta não-censurada, usando um método mencionado por muitos outros. Primeiro, comprou de um dos presos um toco de lápis:

> Dei o fumo cru ao condenado, peguei o lápis com ele e, quando o trem voltou a mover-se, escrevi uma carta nos papéis de cigarro [de enrolar], numerando cada folha. Em seguida, fiz um envelope com o invólucro do fumo e o fechei com miolo de pão úmido. Para que o vento não levasse minha carta para os arbustos junto aos trilhos, eu a lastreei com um pedaço de pão, que amarrei usando fios puxados de minha toalha. Entre o envelope e o pão, enfiei uma nota de um rublo e quatro papéis de cigarro, cada um deles com esta mensagem: "Peço a quem encontrar este envelope que o sele e o ponha no correio". Fui à janela quando estávamos passando por uma grande estação e deixei a carta cair.[903]

Não muito depois, a mulher de Gorbatov a recebeu.

As instruções oficiais não mencionavam algumas dificuldades para a escrita de cartas. Mesmo que fosse permitido redigi-las, por exemplo -nem sempre era muito fácil achar papel e lápis ou caneta.

"No campo, o papel constituía artigo de grande valor, pois os presos recisavam muito dele, mas era impossível obtê-lo", escreveria Bystroletov. "Que significa o

---

[898] GARF, 8131/37/542.
[899] GARF, 9489/2/20.
[900] Bystroletov, pp. 377-78.
[901] Rozina, p. 65.
[902] Armonas, pp. 123-26.
[903] Gorbatov, p. 121.

grito de 'Hoje é dia de mandar cartas! Passem-nas!' quando não há nada em que escrever, ou quando apenas uns poucos afortunados sabem escrever e os restantes, desalentados, têm de permanecer nos beliches?"[904]

Um preso se recordaria de trocar pão por duas páginas arrancadas de A questão do leninismo (livro cujo autor era Stalin).[905] Nas entrelinhas, ele redigiu uma carta à família. Em lagpunkts menores, até os administradores precisavam idear soluções criativas. Em Kedrovyi Shor, por exemplo, um contador usava papel de parede velho para elaborar documentos oficiais.[906]

As normas para o recebimento de remessas de gêneros eram ainda mais complexas. As instruções enviadas a cada comandante de campo ordenavam expressamente que os presos abrissem todas as remessas na presença de um guarda, o qual então confiscaria qualquer item proibido.[907] De fato, muitas vezes, esse recebimento se fazia acompanhar de todo um ritual. Primeiro, o preso era avisado de sua boa sorte. Em seguida, guardas o escoltavam para o depósito, onde ficavam trancados os pertences pessoais dos detentos. Depois que o preso abria a remessa, os guardas cortavam ou revolviam cada item (cada cebola, cada lingüiça) para assegurar-se de que não continha mensagens secretas. Se tudo passasse pela inspeção, o preso seria autorizado a pegar alguma coisa da remessa. O resto permaneceria no depósito, à espera da próxima visita autorizada do preso. Quem estivesse nas celas punitivas - ou houvesse caído em desfavor de alguma outra forma - ficaria proibido, é claro, de receber comestíveis remetidos de casa.

Havia variações nesse sistema. Um preso logo percebeu que, se deixasse suas remessas no depósito, parte delas não demoraria a sumir, furtada pelos guardas. Por conseguinte, arrumou um jeito de pendurar no cinto uma garrafa que recebera, cheia de manteiga, escondendo-a nas calças. "Com o calor do corpo, a manteiga estava sempre líquida." No final do dia, passava-a no pão.[908] Dmitrii Brystoletov, num lagpunkt que não tinha nenhum depósito, precisou ser ainda mais criativo.

> Na época, eu trabalhava na tundra, no canteiro de obras de uma fábrica, e morava num alojamento de operários onde era impossível deixar o que quer que fosse, e de onde era impossível levar algo para a obra: as sentinelas à entrada do campo confiscavam e comiam tudo o que encontravam, e tudo o que ficasse no alojamento era surrupiado e comido pelo *dnevalni* [o preso designado para limpar e vigiar o lugar]. Tinha-se de comer tudo de uma vez. Tirei um prego dos beliches, fiz dois buracos numa lata de leite condensado e comecei a sugá-lo debaixo da coberta. Entretanto, eu estava tão exausto que caí no sono e aquele líquido inestimável ficou pingando inutilmente no imundo colchão de palha.[909]

Também havia complicadas questões morais envolvendo as remessas, já que nem todos as recebiam. Deviam compartilhá-las? Em caso afirmativo, seria

[904] Bystroletov, pp. 385-86.
[905] A. Morozov, pp. 101-3.
[906] Há um exemplo na coletânea de documentos de Kedrovyi Shor, em posse da autora.
[907] GARF, 9401/12/316.
[908] A. Morozov, pp. 171-75.
[909] Bystroletov, p. 169.

melhor fazê-lo apenas com os amigos? Ou com os potenciais protetores? Na cadeia, pudera-se organizar "Comitês dos Pobres"; nos campos, porém, isso era impossível. Alguns davam a todos, por bondade ou pelo desejo de granjear boa vontade. Outros só davam a pequenos círculos de amigos. E às vezes, conforme recordaria um preso, "acontecia de comermos os biscoitos doces na cama, à noite, porque era desagradável fazê-lo na frente dos outros".[910]

Durante os piores anos da guerra, nos campos setentrionais mais duros, as remessas podiam constituir a diferença entre a vida e a morte. Um memorialista, o diretor de cinema Georgii Zhenov, afirma ter sido literalmente salvo por duas remessas. A mãe as mandara de Leningrado em 1940, e ele as recebeu três anos depois, "no momento mais crucial, quando eu, faminto e tendo perdido toda a esperança, estava lentamente morrendo de escorbuto".

Na época, Zhenov trabalhava na casa de banhos de um lagpunkt, pois estava fraco demais para a lida na floresta. Ao ser informado de que recebera as duas remessas, ele de início nem acreditou. Depois, convencido de que era verdade, pediu ao responsável pelos banhos permissão para caminhar os dez quilômetros até a administração central do campo, onde ficava o depósito. Após duas horas e meia, voltou: "Com dificuldade, só conseguira caminhar um quilômetro". Aí, vendo um grupo de capatazes da NKVD num trenó, "urna idéia extravagante me passou pela cabeça: e se eu pedisse para ir com eles?". Concordaram, e o que aconteceu em seguida "pareceu um sonho": Zhenov entrou no trenó; percorreu os dez quilômetros; desceu com muita dificuldade, ajudado por aqueles capatazes; solicitou suas remessas, velhas de três anos; e as abriu.

> Tudo o que fora posto no pacote - açúcar, lingüiça, banha, confeito, cebola, alho, biscoito doce, biscoito salgado, cigarro, chocolate, junto com os papéis em que se embrulhara cada uma dessas coisas - se misturara, como numa máquina de lavar roupa, enfim se transformando numa única massa dura, com um odor adocicado de podridão, mofo, fumo e confeito.
>
> Fui até a mesa, cortei um pedaço a faca e, na frente de todos, quase sem mastigar, engoli apressadamente, sem distinguir sabor nem cheiro - temendo, em suma, que alguém me interrompesse ou tomasse aquilo de mim.[911]

## DOM SVIDAHII: A CASA DE VISITAS

No entanto, não eram cartas e remessas o que evocava entre os presos a maior das emoções, ou a maior das agonias. Muito mais dolorosos eram os encontros com os familiares, em geral o cônjuge ou a mãe. Só os presos que haviam cumprido as metas e seguido obedientemente as normas tinham permissão para receber visitas - documentos oficiais as descrevem, com clareza, como recompensa pelo "bom trabalho, zeloso e acelerado".[912] E a promessa de visita de um familiar era mesmo fortíssimo estímulo à boa conduta.

---

[910] Ulyanovskaya, p. 403.
[911] Zhcnov, pp. 104-6.
[912] GARF, 9489/2/5.

Desnecessário dizer que nem todos estavam em posição de receber visitas. Para começo de conversa, as famílias precisavam ter suficiente coragem moral para manter contato com um parente que era "inimigo do povo". Viajar para o Cazaquistão, Kolyma, Vorkuta ou Norilsk, mesmo como cidadão livre, também exigia coragem física. O visitante teria não apenas de suportar uma longa jornada ferroviária para uma cidade longínqua e primitiva, mas também de andar, ou pegar carona e fazer um percurso sacolejante na traseira de um caminhão, até o lagpunkt. Depois disso, talvez precisasse esperar dias ou mais, implorando a desdenhosos comandantes de campo a autorização para ver o preso - autorização que podia muito bem ser negada sem nenhuma justificação. Em seguida, o familiar encarava outra longa viagem, agora de retorno, pela mesma rota enfadonha.

Além do desconforto físico, o desgaste psicológico desses encontros podia ser terrível. Segundo escreveria Herling, as mulheres que chegavam para visita

> sentiam o sofrimento ilimitado de seus cônjuges, sem entendê-lo por completo ou ser capaz de ajudar de algum modo; os longos anos de separação haviam eliminado muito da afeição pelos maridos [...] o campo, distante e vedado às visitantes, ainda assim as ameaça de modo sombrio. Não são prisioneiras, mas têm parentesco com aqueles inimigos do povo.[913]

Esses sentimentos ambíguos não se limitavam às esposas. Um preso conta a história de uma mulher que trouxera a filha de dois anos para ver o pai. Ao chegarem, ela disse à menina: "Vá dar um beijo no papai". A criança correu para o guarda e o beijou no pescoço.[914] A filha do cientista espacial soviético Sergei Korolev ainda se recorda de ter sido levada para ver o pai quando ele estava num sharashka. Antes, vinham dizendo à menina que ele estava fora, combatendo na Força Aérea. Ao entrar na prisão, ela ficou surpresa com as pequenas dimensões do pátio e perguntou à mãe: "Onde é que o papai aterrissa com o avião?".[915]

Nas cadeias (e também em certos campos), tais encontros eram invariavelmente breves e costumavam ocorrer na presença de um guarda, uma regra que também causava enorme desgaste. "Eu queria falar, dizer um bocado, contar tudo o que acontecera naquele ano", lembraria um preso, referindo-se à única vez em que lhe permitiram receber a visita da mãe. Não só era difícil achar palavras, mas também, "se alguém começava a falar, a descrever alguma coisa, o guarda, sempre vigilante, interrompia e dizia: 'Isso é proibido!'".[916]

Ainda mais trágica é a história contada por Brystoletov, ao qual concederam em 1941 uma série de visitas da mulher - todas com a presença de um guarda. A esposa viera de Moscou para despedir-se: após a prisão do marido, contraíra tuberculose e estava às portas da morte. Dando-lhe o último adeus, ela esticou a mão e o tocou no pescoço, o que não era permitido (as visitas não podiam ter contato físico com os presos). O guarda afastou bruscamente o braço da mulher de Brystoletov, e ela caiu no chão, tossindo sangue. Brystoletov

---

[913] Herling, p. 93.
[914] Golovanov, p. 128.
[915] Koroleva, entrevista com a autora.
[916] Yasnyi, pp. 52-53.

escreve que "perdeu a cabeça" e passou a bater no guarda, o qual começou a sangrar. O preso só foi salvo de severíssima punição pela guerra, que irrompeu naquele mesmo dia; no caos subseqüente, esqueceu-se a agressão ao guarda. Brystoletov nunca mais reviu a mulher.[917]

Contudo os guardas nem sempre estavam presentes. Aliás, nos lagpunkts maiores, dos campos mais amplos, às vezes se permitiam visitas de vários dias, sem nenhum guarda. Na década de 1940, essas visitas em geral aconteciam numa dom svidanii (casa de visitas), especialmente construída para esse propósito no limite do campo. Herling descreve uma delas:

> A casa em si, quando vista da estrada que levava da aldeia à cidade, causava boa impressão. Era construída de toras de pinho bruto, com interstícios calafetados e bom telhado. [...] A porta que ficava fora da zona prisional só podia ser usada por visitantes livres; chegava-se a ela por alguns degraus de madeira sólida. Cortinas de algodão cobriam as janelas, e os peitoris eram cobertos de longas floreiras. Cada cômodo era mobiliado com duas camas bem arrumadas, uma mesa grande, dois bancos, uma bacia e uma jarra de água, um guarda-roupa e um fogareiro de ferro; a luz era até de abajur. O que mais poderia desejar dessa modelar habitação pequeno-burguesa um preso que passara anos compartilhando beliches num alojamento imundo? Nossos sonhos de vida em liberdade se inspiravam naquele cômodo.[918]

E no entanto... Com freqüência, quem aguardara ansiosamente aquele "sonho de liberdade" sentia-se muito pior quando o encontro acabava mal, como muitas vezes acontecia. Temendo ficarem aprisionados pelo resto da vida, alguns presos já iam ordenando aos familiares que não voltassem nunca mais. "Esqueça-se deste lugar", um deles disse ao irmão, que viajara muitos dias, em temperaturas baixíssimas, para encontrar-se com ele por vinte minutos. "Para mim, é mais importante que tudo fique bem com você."[919] Homens que reviam as esposas pela primeira vez em anos sentiam-se repentinamente tomados de nervosismo sexual, conforme lembra Herling:

> Anos de trabalho pesado lhes haviam solapado a virilidade, e agora, antes de um encontro íntimo com uma mulher quase estranha, sentiam, além da agitação nervosa, o medo e a desesperança sem solução. Várias vezes, após visitas, ouvi homens se gabarem de suas proezas, mas em geral essas coisas eram motivo de humilhação, sendo respeitadas em silêncio por todos os presos.[920]

As esposas em visita tinham os próprios problemas para discutir. No mais das vezes, haviam sofrido um bocado com o encarceramento dos maridos. Não conseguiam emprego, não podiam estudar e, com freqüência, tinham de esconder de vizinhos curiosos o fato de serem casadas. Algumas chegavam para informar que pretendiam divorciar-se. Em O primeiro círculo, Soljenitsin narra, com surpreendente compaixão, uma de tais conversas, baseada num diálogo real que tivera com a própria esposa, Natasha. No livro, Nadya (mulher do preso Gerasi-movich) está a ponto de perder tanto o emprego num albergue

---

[917] Bystrolelov, p. 391.
[918] Herling, p. 92.
[919] Gogua, memórias não publicadas.
[920] Herling, p. 95.

de estudantes quanto a possibilidade de concluir sua tese acadêmica, tudo porque o marido é detento. Ela sabe que o divórcio é a única maneira de “ter alguma chance de voltar a viver":

> Nadya baixou o olhar. "Eu queria dizer... Não fique chateado, está bem?... Uma vez, você disse que devíamos nos divorciar..." Ela falou bem baixinho...
>
> E, tinha havido época em que ele insistira nisso. Mas agora estava atônito. Só naquele momento reparou que a aliança de casada, que ela sempre usara, já não estava no dedo.
>
> "Ah, claro", ele concordou, aparentando total alegria.
>
> "Então você não vai se opor se... se eu... tiver de fazer isso?" Com grande esforço, ela o encarou, os olhos arregalados. Os pontinhos em suas pupilas se iluminavam, rogando por perdão e compreensão. "Seria... só para constar", acrescentou, arfando mais do que pronunciando a frase.[921]

Tais encontros podiam ser piores que nenhum. Izrail Mazus, encarcerado nos anos 1950, conta a história de um preso que cometeu o erro de informar aos companheiros que a mulher chegara. Enquanto se submetia à rotina exigida de todo detento que estava para receber visita - foi aos banhos, ao barbeiro e ao depósito, para reaver algumas roupas adequadas -, os outros presos piscavam para ele e o cutucavam sem cessar, com provocações sobre a cama rangente da casa de visitas.[922] Mas, no fim das contas, nem sequer lhe permitiram ficar a sós com a esposa no quarto. Que tipo de "gostinho da liberdade" era aquele?

Contatos com o mundo lá fora se mostravam sempre complicados - pela expectativa ou pelo desejo. E de novo Herling quem escreve:

> Qualquer que tivesse sido o motivo do desapontamento - a liberdade, usufruída por três dias, ou não correspondera à idealização, ou fora breve demais, ou, desaparecendo tal qual um sonho interrompido, só deixara um vazio renovado em que não havia mais nada a esperar -, os presos ficavam invariavelmente taciturnos e irritadiços depois das visitas. E isso para nem falarmos daqueles cujas visitas haviam se transformado na trágica formalidade da separação e do divórcio. Krestynski [...] tentou enforcar-se duas vezes após uma conversa com a mulher, a qual lhe pedira o divórcio e a autorização para colocar os filhos num internato municipal.

O polonês Herling, que, na condição de estrangeiro, "jamais esperara receber ninguém" na casa de visitas, ainda assim percebia com mais clareza que muitos escritores soviéticos a importância daquele lugar: "Cheguei à conclusão de que, se a esperança é com freqüência o único significado que resta na vida, dar-se conta disso pode às vezes ser um tormento insuportável".[923]

---

[921] Soljenitsin, The First Circle, p. 221;Thomas, pp. 175-77.
[922] Mazus, pp. 34-37.
[923] Herling, p. 95.

## 13. OS GUARDAS

*Aos chekistas*
*Uma tarefa de grandiosa responsabilidade*
*Foi-te conferida por Lênin.*
*O rosto do chekista é marcado por inquietações*
*Que ninguém mais consegue compreender.*

*No rosto do chekista se estampa a coragem.*
*Ele está pronto a lutar, mesmo hoje,*
*Pelo bem e felicidade de todos.*
*Ele luta pelos trabalhadores.*

*Muitos tombaram em batalha,*
*E surgiram tantos túmulos de irmãos nossos.*
*Mas ainda restam muitos*
*Combatentes honrados e vigorosos.*

*Tremei, inimigos, tremei!*
*Logo, logo, vosso fim chegará!*
*Tu, chekista, estás sempre de guarda,*
*E em batalha liderarás no tropel.*

Mikhail Panchenko, inspetor no sistema prisional soviético; o poema foi conservado no mesmo dossiê que descreve a expulsão de Panchenko do Partido e da NKVD.[924]

Por estranho que possa parecer, nem todas as normas dos campos eram escritas pelos comandantes. Havia também regras tácitas - sobre como obter status, ganhar privilégios, viver um pouco melhor que os outros -, bem como uma hierarquia extra-oficial. Quem seguia essas regras e aprendia a subir na hierarquia descobria ser muito mais fácil sobreviver assim.

No topo, estavam os comandantes, os supervisores, os carcereiros e os guardas. Usei de propósito a expressão "no topo", em vez de "acima ou "para além" da hierarquia, porque no Gulag os administradores e guardas não constituíam uma casta à parte, distanciada dos presos. Ao contrário dos guardas da SS nos campos nazistas, não eram considerados imutável e racialmente superiores aos prisioneiros, de cuja etnia eles com freqüência partilhavam. Após a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, havia centenas de milhares de presos ucranianos nos campos, assim como um número extraordinário de guardas da mesma nacionalidade.[925]

Tampouco guardas e presos habitavam esferas sociais inteiramente distintas. Alguns guardas e administradores faziam complexas negociatas de mercado negro com os presos. Alguns se embriagavam com eles. Muitos "co-habitavam" - o eufemismo do Gulag para relações sexuais.[926] De modo mais relevante, muitos eram ex-presos. No começo dos anos 1930, considerava-se

---

924 RGASPI, 119/7/96.
925 Viktor Shmirov, entrevista com a autora, 31 de março de 1998. Shmirov é diretor do Perm Gulag Museum.
926 Ver GARF, 9414/4/29 para uma lista de administradores do Canal do Mar Branco expulsos do Partido por terem tido relações sexuais com prisioneiros, entre outros delitos.

perfeitamente normal que detentos de boa conduta se "qualificassem" como guardas - e às vezes como elementos de posto ainda mais alto na hierarquia.[927] A carreira de Naftaly Frenkel talvez represente a transformação mais extraordinária, mas havia outros indivíduos com histórico parecido.

A trajetória de Yakov Kuperman, por exemplo, mostrou-se menos augusta que a de Frenkel, mas foi mais típica. Kuperman - que depois doaria suas memórias, não-publicadas, à Sociedade Memorial de Moscou - foi detido na década de 1930 e condenado a sete anos. Cumpriu pena em Kem (a prisão onde se ficava em trânsito antes de seguir definitivamente para Solovetsky) e depois foi trabalhar na divisão de planejamento das obras do Canal do Mar Branco. Em 1932, o caso de Kuperman foi revisto, e sua situação legal se modificou: ele passou de preso para degredado. Acabou obtendo soltura e assumiu um cargo na ferrovia Baikal-Amur (o Bamlag), experiência que recordaria "com satisfação" até o fim da vida.[928] Sua biografia não era incomum. Em 1938, mais de metade dos administradores e quase metade dos guardas armados do Belbaltlag (o campo que construiu o Canal do Mar Branco) eram antigos ou atuais presos.[929]

No entanto, podia-se tanto perder quanto ganhar status. Assim como era relativamente fácil para o prisioneiro tornar-se carcereiro, também era relativamente fácil para o carcereiro tornar-se prisioneiro. Administradores e comandantes de campo do Gulag estavam entre os milhares de homens da NKVD detidos nos expurgos de 1937 e 1938. Em anos posteriores, funcionários e guardas graduados do Gulag seriam freqüentemente presos por colegas suspeitosos. Nos lagpunkts isolados, a fofoca e a maledicência eram comuns: dossiês inteiros dos arquivos do Gulag se dedicam a denúncias e refutações, cartas furiosas sobre deficiências dos campos, queixas de falta de apoio da liderança central e de más condições de trabalho - e subseqüentes solicitações de que os culpados, ou desafetos, fossem encarcerados.[930]

Administradores e guardas armados eram volta e meia aprisionados por deserção, bebedeira, furto, perda das armas e até maus-tratos aos detentos.[931] Os registros do campo de trânsito do porto de Vanino, por exemplo, contêm descrições dos casos de V N. Sadovnikov, guarda armado que matou uma enfermeira do campo (ele pretendera mesmo era matar a esposa); de I. M. Soboleev, que afanou 300 rublos de um grupo de presos, embebedou-se e deixou sumir a carteirinha do Partido; de V. D. Suvorov, que organizou uma bebedeira e depois arrumou briga com um grupo de oficiais; e de outros que "beberam até desmaiar", ou que estavam embriagados demais para exercer suas funções.[932] Na papelada pessoal de Georgi Malenkov, um dos lugar-tenentes de Stalin, inclui-se o relatório do caso de dois administradores de campo que, durante uma bebedeira, assassinaram dois colegas, entre eles uma médica com dois filhos pequenos.[933] Em carta a Moscou, um administrador de campo se queixou de que a vida nos postos mais longínquos era tão enfadonha que a falta de entretenimento levava "muitos dos rapazes a

---

[927] NARK, 865/1/(10/52).
[928] Kuperman, memórias não publicadas.
[929] Ivanova,Labor Camp Socialism, p. 154.
[930] Ver, por exemplo, GARF, 9414/4110.
[931] GARF, 9401/1a/61 e 9401/1/743.
[932] Kuzmina, pp. 93-99.
[933] GARF, 9401/2/319.

desertar, desrespeitar a disciplina, embebedar-se e se meter com o carteado - atitudes que com freqüência acabam levando à prisão".[934]

Para alguns, era possível, e até comum, cumprir o ciclo completo: oficiais da NKVD tornavam-se prisioneiros e depois de novo carcereiros, iniciando sua segunda carreira na administração do Gulag. Muitos ex-presos escrevem da rapidez com que oficiais da NKVD caídos em desgraça se reerguiam nos campos e obtinham posições de real poder. Lev Razgon, em suas memórias, narra o encontro com certo Korabelnikov, funcionário de baixo escalão da NKVD que ele conheceu durante a viagem de Moscou para o campo de concentração. Korabelnikov lhe contou que fora detido porque tagarelara com o melhor amigo sobre uma das amantes dos chefes, pegando "cinco anos como Elemento Socialmente Perigoso - e sendo transportado para o campo junto com o resto". Mas Korabelnikov não era exatamente como o resto. Alguns meses depois, Razgon voltou a encontrá-lo. Dessa vez, Korabelnikov envergava um uniforme do campo, limpo e bem cortado. Usara de astúcia para arrumar uma "boa" ocupação, administrando o lagpunkt punitivo do Ustvymlag.[935]

A narrativa de Razgon reflete uma realidade que os arquivos registram. De fato, um número enorme de administradores e guardas do Gulag tinha ficha criminal. Aliás, parece que, na NKVD, o Gulag funcionava explicitamente como local de exílio, a derradeira chance do secreta degradado.[936] Depois de mandados para os limites mais longínquos do império do Gulag, esses homens raramente podiam voltar a qualquer outro departamento da NKVD, para nem falarmos de Moscou. Em sinal de sua situação diferenciada, os funcionários do Gulag usavam uniformes também diferentes e tinham um sistema ligeiramente diverso de insígnias e postos hierárquicos.[937] Nas conferências do Partido, os oficiais do Gulag se queixavam de seu status inferior. "O Gulag é visto como uma administração da qual se pode exigir tudo e não dar nada em troca", reclamava um oficial. "Esse modo de pensar excessivamente simplório - a idéia de que somos piores que todo o mundo - está errado e possibilita que se perpetuem injustiças em termos de soldo, habitação etc."[938] Posteriormente, em 1946, quando a NKVD foi dividida e de novo rebatizada, o Gulag passou para o controle do Ministério do Interior (MVD), e quase todas as outras funções mais interessantes, em especial a espionagem e contra-espionagem, foram para o Ministério da Segurança do Estado (MGB, depois KGB), mais prestigioso. O MVD, que administraria o sistema prisional até o funda URSS, continuaria sendo uma burocracia menos influente.[939]

Desde o início, aliás, os comandantes de campo tinham status relativamente baixo. Numa carta que se conseguiu fazer sair às escondidas de Solovetsky no começo dos anos 1920, um preso escreveu que a administração do campo se compunha inteiramente de chekistas caídos em desgraça, que tinham sido "condenados por especulação, extorsão, agressão ou algum outro delito

---

[934] GARF, 9414/3/40.
[935] Razgon, pp. 201-10.
[936] Petrov, "Cekisti e it seconding". (A autora leu o manuscrito em russo).
[937] Ibid. Houve exceções, das quais a carreira de Viktor Abakumov foi uma. Ele começou sua carreira no Gulag, mas trabalhou seu caminho ladeira acima até ingressar na contra-espionagem. Ver Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 141-42.
[938] Ivanova, ibid., p. 145.
[939] Sou grata a Terry Martin por apontar isto.

especificado no Código Penal Ordinário".[940] Nas década de 1930 e 40, o Gulag se transformou no destino final de autoridades da NKVD cujo currículo não correspondia aos pré-requisitos: aqueles cuja proveniência social não era proletária o bastante, ou cuja condição de judeus, poloneses ou baltas os tornava suspeitos em períodos nos quais esses grupos étnicos estavam sendo reprimidos com vigor. O Gulag também constituía o último refúgio daqueles que simplesmente eram néscios, incompetentes ou beberrões. Em 1937, Izrail Pliner, então chefe do Gulag, queixou-se:

> Deixam-nos as sobras das outras seções; mandam-nos gente com base no princípio de que "Vocês podem ficar com aquilo de que não precisamos". A nata dessa turma são os bêbados incorrigíveis; tão logo um homem dá para beber, é despejado no Gulag. [...] Do ponto de vista do aparato da NKVD, se alguém comete um delito, o maior castigo possível é mandá-lo trabalhar num dos campos.[941]

Em 1939, outra autoridade do Gulag descreveu os guardas dos campos como "gente não de segunda, mas de quarta classe, o próprio rebotalho".[942] Em 1945,Vasily Chernyshev, na época o chefe do Gulag, enviou memorando a todos os comandantes de campo e diretores regionais da NKVD para manifestar seu horror ante a baixa qualidade dos guardas armados dos campos, entre os quais se haviam constatado elevados índices de "suicídio, deserção, perda e furto de armamento, embriaguez e outros atos amorais", assim como freqüente "desrespeito às leis revolucionárias".[943] Já em 1952, quando se descobriu corrupção nos escalões mais altos da polícia secreta, a primeira reação de Stalin foi "exilar" um dos principais transgressores, que de imediato se tornou vice-comandante do campo de Bazhenovsky, nos Urais.[944]

Os próprios arquivos do Gulag também confirmam a crença, expressa por um ex-preso, de que tanto administradores quanto guardas eram, "no mais das vezes, pessoas muito limitadas".[945] Por exemplo, dos onze homens que, entre 1930 e 1960, detiveram o título de "comandante do Gulag" (o chefe de todo o sistema de campos), apenas cinco possuíam algum tipo de educação superior; três não tinham ido além do primário. E raramente os que ocupavam aquele cargo o mantinham por muito tempo: num período de trinta anos, só dois homens - Matvei Berman e Viktor Nasedkin - ficaram mais de cinco anos na posição. Izrail Pliner durou apenas um ano (1937-8); Gleb Filaretov, três meses (1938-9).[946]

No ponto mais baixo da hierarquia da NKVD, os registros pessoais dos funcionários do serviço prisional mostram, a partir da década de 1940, que até os carcereiros mais graduados - membros ou aspirantes à condição de membros do Partido - vinham quase inteiramente de famílias camponesas, possuindo instrução mínima. Poucos tinham cinco anos de escolaridade, e alguns haviam completado apenas três.[947] Em abril de 1945, perto de 75% dos administradores do Gulag não tinham nenhuma instrução além do primário,

---

[940] Melgunov, p. 241. Ver também Petrov, "Cekisti a it seconding".
[941] Ivanova, Labor Camp Socialism.
[942] Ibid., p. 150.
[943] GARF, 9401/1/743.
[944] Petrov, "Cekisti a it seconding".
[945] Smimova, entrevista com a autora.
[946] Kokurin e Petrov, Gulag, pp. 798-857.
[947] RGASPI, 119/3/1, 6,12, e 206; 119/4/66.

uma porcentagem quase duas vezes maior que no resto da NKVD.[948]

Os guardas armados dos campos - os voenizirovannaya okhrana, termo cujo acrônimo, Vokhr, dava nome à corporação deles, seguindo o hábito soviético - eram ainda menos instruídos. Esses eram os homens que patrulhavam o perímetro dos campos, que faziam os presos marchar para o trabalho, que guardavam os trens de traslado, freqüentemente tendo apenas uma vaga idéia dos motivos de suas funções. Conforme um relatório sobre o Kargopollag, "parece que os guardas não sabem os nomes de membros do Politburo, nem de líderes do Partido".[949] Outro relatório lista uma série de incidentes envolvendo guardas que haviam usado armamento de modo impróprio. Um desses indivíduos feriu três presos "em conseqüência de não saber como sua arma funcionava". Outro, "embriagado em serviço, feriu o cidadão Timofeev".[950]

Em reuniões, comandantes de divisão se queixavam de que

> Os guardas não sabem lubrificar, limpar nem manter suas armas. [...] Uma mulher que serve como guarda cumpriu turno tendo um trapo enfiado no cano da arma. [...] Alguns guardas pegam os fuzis de outros, deixando os seus em casa porque são demasiado preguiçosos para limpá-los sempre.[951]

Constantes cartas de Moscou instavam os comandantes locais a passarem mais tempo entre os guardas, em "trabalho cultural e educacional".[952]

No entanto, até as "sobras" e os "bêbados incorrigíveis" de outros departamentos da NKVD conseguiam atender aos pré-requisitos de trabalho no Gulag. A maioria das instituições soviéticas se ressentia da falta crônica de pessoal, e o Gulag sofria em especial. Nem mesmo a NKVD foi capaz de arranjar número suficiente de delinqüentes para, transformando-os em funcionários, suprir o aumento de 1.800% nos efetivos entre 1930 e 1939, ou fornecer o contingente de 150 mil pessoas que foi preciso contratar em 1939-41, ou atender à enorme expansão do pós-guerra. Em 1947, com 157 mil indivíduos servindo apenas nas unidades de vigilância armada dos campos, o Gulag ainda achava que precisava de mais 40 mil guardas.[953]

Até a dissolução final do sistema, esse dilema nunca deixou de atormentar a administração do Gulag. Excetuados os cargos de máximo escalão, o trabalho nos campos de concentração não era considerado prestigioso nem atraente, e as condições de vida estavam longe de ser confortáveis, sobretudo nos locais mais acanhados e isolados do extremo norte. A escassez generalizada de alimentos fazia que guardas e administradores recebessem víveres racionados, em quantidades atribuídas de acordo com o posto hierárquico.[954] Retornando de uma viagem de inspeção aos campos setentrionais da região de Vorkuta, certo inspetor do Gulag reclamou da má qualidade de vida dos guardas armados, os quais trabalhavam de catorze a dezesseis horas por dia nas "difíceis condições climáticas do norte", muitas vezes não tinham

---

[948] Petrov, "Cekisti e it seconding".
[949] GARF, 9414/4/3.
[950] GARF, 9401/1/4240.
[951] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 163.
[952] Ver, por exemplo, GARF, 9414/3/40 e 9401/1/743.
[953] Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 143 e 161.
[954] GARF, 9489/2/16.

indumentária nem calçado adequados e habitavam casernas imundas. Alguns, tal qual os presos, sofriam de escorbuto, pelagra e demais doenças causadas pela deficiência vitamínica.[955] Outro inspetor escreveu que, no Kargopollag, 26 membros da Vokhr tinham sido processados e condenados como criminosos, muitos deles por terem adormecido em serviço. No verão, cumpriam turnos de treze horas - e, quando estavam de folga, não dispunham de nenhum entretenimento. Quem tinha família ficava em situação particularmente difícil, pois muitas vezes não contava com acomodações próprias e era obrigado a morar na caserna.[956]

Quem queria dar baixa descobria que isso não era fácil, nem mesmo nos escalões mais altos. Os arquivos da NKVD contêm a carta lastimosa do promotor público de Norilsk, o qual implorava que o tirassem da "região ártica", pois estava estafado e tinha saúde ruim: "Se não for possível transferir-me para o cargo de promotor em outro campo de trabalho correcional, eu gostaria de ser colocado num cargo de retaguarda ou ser dispensado da promotoria". Em resposta, ofereceram-lhe uma transferência para Krasnoyarsk, o que ele recusou, já que as condições ali (Krasnoyarsk, embora se localize ao sul de Norilsk, ainda fica na Sibéria setentrional) eram quase as mesmas.[957]

Após a morte de Stalin, ex-autoridades dos campos freqüentemente defenderam seu ganha-pão anterior descrevendo as dificuldades daquele trabalho. Quando conheci Olga Vasileevna - antiga inspetora de campos na divisão de obras viárias do Gulag -, ela me regalou com histórias da vida dura dos funcionários do sistema. Durante nossa conversa (no apartamento moscovita com que um Partido agradecido a presenteou), Olga me contou que uma vez, quando visitava um campo distante, foi convidada a dormir na casa do comandante, na cama que era do filho dele. A noite, sentiu calor e coceiras. Achando que talvez estivesse doente, acendeu a luz. "O cobertor militar cinzento parecia vivo, estando infestado de piolhos. Não eram só os presos que tinham piolhos. As chefias também." Por via de regra, quando voltava para casa de uma viagem de inspeção, Olga tirava toda a roupa antes de entrar, para deixar os parasitas do lado de fora.

Na visão de Olga Vasileevna, o trabalho de comandante de campo era dificílimo. "Não era brincadeira. Ficava-se encarregado de centenas, milhares de presos. Havia reincidentes e assassinos, os condenados por crimes graves, pessoas das quais se podia esperar tudo. Com isso, era preciso estar em guarda o tempo todo." Os comandantes, embora pressionados a trabalhar tão eficientemente quanto possível, descobriam que também precisavam resolver todo tipo de problema:

> Chefe de um projeto de construção, era igualmente chefe do campo e passava pelo menos 60% do tempo não nas obras, tomando decisões de engenharia, mas no campo, lidando com dificuldades. Alguém adoecia, uma epidemia podia ter irrompido ou um acidente acontecia e aí alguém tinha de ser levado para o hospital, e alguém precisava de um carro, cavalo ou carroça.

Olga também disse que os "patrões" não necessariamente comiam bem em

---

[955] GARF, 9414/3/40.
[956] GARF, 8131/37/357.
[957] GARF, 8131/37/2063.

Moscou, sobretudo durante a guerra. No refeitório da sede do Gulag, serviam-se repolho, sopa e kasha. "Não me lembro de haver carne. Nunca vi nenhuma." Enquanto Stalin viveu, os funcionários do Gulag na capital soviética trabalhavam das nove da manhã às duas ou três da madrugada, todos os dias. Olga só via o filho aos domingos. Todavia, após a morte de Stalin, as coisas melhoraram. S. N. Kruglov, então chefe da NKVD, emitiu ordem que concedia uma hora de almoço aos funcionários comuns da direção geral. Em 1963, Olga e o marido também receberam um apartamento muito grande no centro de Moscou, o mesmo onde ela morava em 1998, quando a conheci.[958]

Enquanto Stalin era vivo, porém, o trabalho no Gulag era menos recompensado, cabendo à direção geral resolver de diferentes maneiras o problema da falta de atrativos do emprego. Em 1930, quando o sistema ainda era visto como parte da expansão econômica daquela época, a OGPU realizava campanhas de publicidade interna, solicitando entusiastas para atuar no que então eram os novos campos do extremo norte:

> A dedicação e a energia dos chekistas criaram e fortaleceram os campos de Solovetsky, desempenhando papel amplo e positivo no desenvolvimento industrial e cultural do setentrião europeu de nosso território. Os novos campos, assim como Solovetsky, devem exercer função reformadora na economia e na cultura das regiões mais longínquas. Para tal responsabilidade [...], necessitamos de chekistas especialmente rijos, voluntários à cata de trabalho duro.

A eles se ofereciam, dentre outras coisas, salário até 50% maior, férias anuais de dois meses e, após três anos, um abono correspondente a três meses de salário, mais três meses de férias. Além disso, os administradores do primeiro escalão receberiam rações mensais gratuitas e teriam acesso a "rádio e instalações esportivas e culturais".[959]

Posteriormente, quando desapareceu de vez o entusiasmo sincero (se é que este algum dia existira), os incentivos se tornaram mais sistemáticos. Os campos eram classificados de acordo com a distância e o rigor das condições locais. Quanto mais longínquos e mais duros eles eram, mais se pagava aos elementos da NKVD para trabalhar lá. Alguns campos se preocupavam em organizar esportes e outras atividades recreativas para seus funcionários. A NKVD também construiu spas especiais na região do mar Negro (em Sochi e Kislovodsk), de modo que os oficiais de maior patente pudessem passar suas longas férias com conforto, ao sol.[960]

A direção geral criou ainda escolas onde os oficiais do Gulag pudessem aprimorar suas qualificações, para assim subir na hierarquia. À guisa de exemplo, uma delas, estabelecida em Kharkov, dava cursos não só de "História do Partido" e "História da NKVD" (disciplinas obrigatórias), mas também de direito penal, normas e técnicas de administração dos campos, contabilidade e assuntos militares.[961] Quem se dispunha a trabalhar para a Dalstroi, na distante Kolyma, podia até ter a prole reclassificada como "filhos de trabalhadores", o que lhes garantia tratamento preferencial na admissão aos estabelecimentos

---

[958] Vasíleevna, entrevista com a autora.
[959] GARF,9401/1a/1.
[960] GARF, 9401/1a/10; 9489/2/5; e 9401/1a/5.
[961] GARF, 9401/1a/6.

de ensino superior; esse se revelou um estímulo popularíssimo.[962]

O dinheiro e os benefícios decerto bastavam para atrair alguns funcionários também nos escalões mais baixos. Muitos consideravam o Gulag simplesmente a menos ruim das escolhas possíveis. Na URSS de Stalin (uma terra de guerra e fome), o emprego de carcereiro ou guarda prisional podia significar imensurável ascensão social. Susanna Pechora, prisioneira no começo dos anos 1950, se recordaria de ter conhecido uma carcereira que trabalhava no campo de concentração porque era a única maneira de fugir à penúria extrema da fazenda coletiva onde nascera. "Com o salário, alimentava os sete irmãos e irmãs."[963] Outro memorialista conta a história de Maria Ivanova, moça que viera trabalhar voluntariamente num campo em 1948. Esperando dessa maneira escapar à vida numa fazenda coletiva e, mais ainda, arrumar marido, Maria tornou-se, isto sim, amante de uma série de autoridades de posto hierárquico sempre mais baixo. Acabou morando num quartinho com a mãe e os dois filhos ilegítimos.[964]

Mas nem sempre a perspectiva de salário elevado, férias longas e ascensão social bastava para trazer trabalhadores para o sistema, em especial nos escalões mais baixos. Em épocas de muita escassez de pessoal, as comissões soviéticas de mão-de-obra simplesmente despachavam trabalhadores para onde eram requisitados, sem necessariamente informá-los de onde iam. Zoya Eremenko, ex-enfermeira do Gulag, foi mandada direto do curso profissionalizante para um emprego que, disseram-lhe, seria num canteiro de obras. Quando chegou, descobriu que se tratava de um campo prisional, o Krasnoyarsk 26. "Ficamos surpresas e assustadas, mas, quando nos familiarizamos com o local, constatamos que ali as pessoas e o trabalho clínico eram os mesmos que nossos estudos nos haviam levado a esperar."[965]

Particularmente trágicos eram os casos das pessoas obrigadas a trabalhar nos campos do Gulag após a Segunda Guerra Mundial. Milhares de ex-soldados do Exército Vermelho que haviam combatido no avanço para a Alemanha -assim como civis que, na condição de deportados ou refugiados, tinham "morado no exterior" durante a guerra - foram detidos ao retornar para a URSS e confinados a "campos de triagem", onde seriam minuciosamente interrogados para ver se caíam em contradição. Às vezes, os que não eram presos acabavam sendo enviados de imediato para trabalhar no serviço de guarda prisional. No começo de 1946, havia 31 mil pessoas nessa última situação, e em alguns campos elas correspondiam a 80% dos guardas.[966] Tampouco podiam ir-se embora com facilidade. Muitas haviam sido privadas de sua documentação (passaporte, licença de moradia, certificado de reservista). Sem ela, não tinham como deixar os campos, nem como procurar emprego. Entre trezentos e quatrocentos desses indivíduos se suicidavam a cada ano. Um que tentou fazê-lo explicou o motivo: "Já estou no serviço há muito tempo, ainda não me deram a licença de moradia, quase todo dia chega um polícia com ordem de sairmos do apartamento, e todo santo dia isso causa brigas lá em casa".[967]

---

[962] Nordleer, "Capital of the Gulag", p. 183.
[963] Pechora, entrevista com a autora.
[964] Roeder, pp. 128-30.
[965] Kuchin, PolyanskiiLTL, pp. 10-16.
[966] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 159-60.
[967] Ibid., p. 160.

Outros simplesmente se degeneravam. Karlo Stajner, comunista iugoslavo que esteve preso em Norilsk durante e após a guerra, recordaria que tais guardas eram "extraordinariamente diferentes daqueles que não haviam lutado no conflito":

> Para começo de conversa, mostravam sinais claros de desmoralização. Podia-se ver isso na disposição a serem subornados pelas prisioneiras, tornarem-se clientes das mais bonitinhas ou permitirem que criminosos saíssem das turmas de trabalho para invadir alguma moradia e depois dividir com eles o produto do furto. Esses guardas não temiam a severa punição que sofreriam caso seus superiores descobrissem tais delitos.[968]

Uns poucos, muito poucos, protestavam. Os arquivos registram, por exemplo, o caso de certo Danilyuk, recruta refratário, que se negou terminantemente a ir para a guarda prisional armada, alegando o seguinte: "De jeito nenhum quero servir nos órgãos do Ministério do Interior". Não arredou pé dessa posição, apesar daquilo que os arquivos denominam "sessões de tratamento", que por certo eram longos períodos de intimidação e talvez incluíssem até espancamentos. Danilyuk acabou sendo dispensado. Pelo menos no caso dele, premiou-se a recusa sistemática e persistente em trabalhar para o Gulag.[969]

Entretanto, no final das contas, o sistema realmente gratificava seus membros mais afortunados e leais, alguns dos quais obtinham mais do que melhores rações ou mera ascensão social: quem fazia seus trabalhadores cativos renderem grandes quantidades de ouro ou madeira para o Estado seria mesmo recompensado ao fim e ao cabo. E, embora a média dos lagpunkts mineiros ou madeireiros nunca oferecesse boas condições de vida (nem mesmo para os que os dirigiam), as sedes de alguns dos campos maiores se tornaram de fato muito confortáveis com o passar do tempo.

Nos anos 1940, as cidades que ficavam no centro dos complexos maiores (Magadan,Vorkuta, Norilsk, Ukhta) já eram grandes e movimentadas, tendo lojas, cinemas, teatros e parques. Desde a fase pioneira do Gulag, as oportunidades para desfrutar a vida haviam se ampliado bastante. Nos campos maiores, o primeiro escalão recebia salários mais elevados, abonos e benefícios melhores e férias mais longas que no mundo do trabalho comum. Também tinham mais acesso a comestíveis e bens de consumo que estavam em falta nos demais lugares. "Em Norilsk, a vida era melhor que em qualquer outro lugar da União Soviética", lembraria Andrei Cheburkin, capataz e depois burocrata ali:

> Em primeiro lugar, todos os chefes dispunham de empregadas - prisioneiras. Em segundo lugar, a comida era impressionante. Havia peixes de todo tipo. Podia-se sair para apanhá-los nos lagos. E, se no resto da União Soviética havia cartões de racionamento, aqui vivíamos praticamente sem eles. Carne. Manteiga. Caso se quisesse champanhe, por que não pegar também siri? Havia tanto! Caviar? Eram barris cheios. Estou falando dos chefes, claro, não dos trabalhadores. Mas, também, os trabalhadores eram prisioneiros. [...]

---

[968] Stajner, pp. 241-42.
[969] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 160.

> O dinheiro era bom. [...] Quando se era brigadeiro [na hierarquia dos oficiais], podia-se receber 6 mil, 8 mil rublos. Na Rússia central, não se conseguia mais que 1.200. Vim para Norilsk para trabalhar como supervisor de trabalho num departamento especial da NKVD que prospectava urânio. Deram-me salário de supervisor: primeiro recebia 2.100 rublos; depois, a cada seis meses, tinha aumento de 10%; era cerca de cinco vezes mais do que ganhava na vida civil normal.[970]

O primeiro argumento de Cheburkin ("todos os chefes dispunham de empregadas") é fundamental, pois, na realidade, aplicava-se não só às chefias, mas a todo o mundo. Estritamente falando, era proibido usar presos como domésticos. Mas a prática estava disseminada, conforme as autoridades bem sabiam; e, apesar das freqüentes tentativas de eliminá-la, ela persistiu.[971] Em Vorkuta, Konstantin Rokossovsky (oficial do Exército Vermelho que se tornaria general, depois marechal e depois ministro da Defesa da Polônia stalinista) serviu de criado para um "carcereiro boçal chamado Buchko, e suas funções consistiam em trazer as refeições do sujeito, arrumar e aquecer o chalé dele, e assim por diante".[972] Em Magadan, Evgeniya Ginzburg trabalhou durante algum tempo como lavadeira para a mulher de um administrador do campo.[973]

Em Kolyma, Thomas Sgovio também foi criado pessoal de um guarda graduado, preparando-lhe a comida e tentando providenciar bebida alcoólica para ele. O homem passou a confiar em Sgovio. "Thomas, meu garoto", ele dizia, "lembre-se de uma única coisa: cuide da minha carteirinha do Partido. Quando eu ficar bêbado, certifique-se de que eu não a perca. Você é meu criado - e, se eu vier a perdê-la, terei de matá-lo como a um cão... e não quero fazer isso."[974]

Para os verdadeiros maiorais, a criadagem era só o começo. Ivan Nikishov, que se tornou chefe da Dalstroi em 1939, após os expurgos, e se manteve no cargo até 1948, ficou tristemente célebre por ter acumulado riqueza em meio à pobreza extrema. Pertencia a uma geração diferente daquela de seu predecessor, Berzin; a de Nikishov já estava muito distante dos tempos da Revolução e da Guerra Civil - que tinham sido anos de muita escassez e, contudo, de mais ardor. Talvez como resultado disso, Nikishov não tinha pruridos de usar sua posição para viver bem. Dotou-se de "um grande contingente de seguranças, mais automóveis de luxo, gabinetes amplos e uma magnífica dacha com vista para o Pacífico".[975] Segundo relatos de presos, essa última teria tapetes orientais, peles de urso e candelabros de cristal. Consta que, na luxuosa sala de jantar, ele e a segunda mulher (Gridasova, jovem e ambiciosa comandante de campo) consumiam carne de urso, vinho do Cáucaso, frutas trazidas do sul por via aérea, tomates e pepinos frescos cultivados em estufas particulares.[976]

Nikishov não era o único a usufruir uma vida de luxos. Lev Razgon, em sua inesquecível descrição do coronel Tarasyuk (comandante do Ustvymlag

---

[970] MacQueen.
[971] GARF, 8131/37/2063 e 9401/12/316.
[972] Kuusinen, p. 173.
[973] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, pp. 376-78 e p. 140.
[974] Sgovio, pp. 247-48.
[975] Nordleer, "Capital of the Gulag".
[976] Rotfort, pp. 78-80.

durante a guerra), registra excessos semelhantes:

> Ele vivia como um romano que houvesse sido designado governador de alguma província bárbara recém-conquistada. Hortaliças, frutas e flores bastante estranhas ao norte eram cultivadas para ele em estufas especiais. Para fazer sua mobília, procuraram-se os melhores marceneiros. Os mais famosos costureiros do passado recente vestiam sua esposa, extravagante e voluntariosa. Quando não se sentia bem, ele não era examinado por nenhum doutorzinho que, como profissional livre, se vendera ao Gulag [...]. Não, senhor: Tarasyuk era tratado por catedráticos que haviam dirigido as maiores clínicas de Moscou e agora cumpriam longas penas nas enfermarias de remotos campos na floresta.[977]

Com freqüência, exigia-se dos presos que ajudassem a satisfazer tais caprichos. Isaac Vogelfanger, médico prisioneiro de campo de concentração, via-se constantemente sem álcool medicinal porque seu farmacêutico o usava para fazer bebida. O comandante do campo então a servia a dignitários em visita: "Quanto mais álcool consomem, melhor conceito têm do trabalho no Sevurallag". Vogelfanger também viu um cozinheiro do campo preparar um "banquete" para visitantes, usando coisas que economizara para a ocasião: "caviar, enguia defumada, pãezinhos quentes feitos com massa francesa e cogumelo, salmão ártico com galantina de limão, ganso e leitão assados".[978]

Foi também nesse período, os anos 1940, que chefes como Nikishov principiaram a considerar-se mais que simples carcereiros. Alguns até começaram a competir entre si, numa versão grotesca das disputas de prestígio entre vizinhos. Almejavam ter os melhores grupos teatrais de presos, as melhores orquestras de presos, as melhores obras artísticas de presos. Lev Kopelev estava no Unzhlag em 1946, época em que o comandante selecionava, tão logo os presos chegavam nos trens, "os atores, músicos e artistas mais gabaritados, aos quais dava os melhores serviços, de faxineiros e zeladores no hospital". O campo ficou conhecido como "refúgio de artistas".[979] A Dalstroi também possuía uma trupe de detentos, o Sewostlag Club, que se apresentava em Magadan e alguns dos campos periféricos da região mineira, beneficiando-se dos muitos cantores e dançarinos famosos encarcerados em Kolyma.[980] Lev Razgon descreve ainda o comandante do Ukhtizhemlag, que "mantinha uma verdadeira companhia de ópera em Ukhta", dirigida por um célebre ator soviético. "Empregava" igualmente uma famosa bailarina do Bolshoi, assim como cantores e músicos conhecidos:

> Às vezes, o chefe do Ukhtizhemlag fazia uma visita a seus colegas da vizinhança. Embora o propósito oficial fosse "trocar experiências", essa descrição chã esconde os complexos preparativos e protocolo, que mais se assemelhavam à visita de um chefe de Estado estrangeiro. Os chefes vinham acompanhados de amplo entourage de diretores de seção; preparavam-se acomodações especiais de hotel para eles; os percursos eram minuciosamente planejados; e traziam-se presentes. [...] O chefe do Ukhtizhemlag também trazia consigo seus melhores artistas, de

[977] Razgon, p. 214.
[978] Vogelfanger, pp. 147 e 178.
[979] Kopelev, pp. 372-75.
[980] Nordleer, "Capital of the Gulag", p. 277.

modo que os anfitriões pudessem ver que lá a cultura florescia tanto quanto ali, se não mais.[981]

Até hoje, o velho teatro do Ukhtizhemlag - uma vasta construção branca e colunar, com símbolos cênicos no frontão - é um dos edifícios mais notáveis da cidade de Ukhta. Dele, pode-se ir a pé para a antiga residência do comandante do campo, uma espaçosa casa de madeira à beira de um parque.

Entretanto, não só aqueles com gostos artísticos procuravam satisfazer caprichos próprios. Quem preferia os esportes tinha igualmente a oportunidade de fundar times de futebol, que competiam uns com os outros de modo bastante renhido. Nikolai Starostin, o craque que fora encarcerado porque sua equipe tivera o azar de ganhar daquela pela qual torcia Beria, também foi mandado para Ukhta, onde o aguardavam já na estação. Foi levado para conhecer o técnico do time local, que o tratou com polidez e lhe disse que o chefe do campo solicitara especialmente a presença dele, Starostin: "o coração do general está no futebol. Foi ele quem trouxe você para cá". Starostin passaria grande parte de sua carreira no Gulag servindo de técnico de times para a NKVD, indo de campo em campo para atender às solicitações dos comandantes que o queriam como treinador.[982]

Muito de vez em quando, a notícia de tais excessos despertava alarme, ou no mínimo interesse, de Moscou. Em certa ocasião, Beria, talvez respondendo a queixas, ordenou um inquérito secreto sobre o suntuoso estilo de vida de Nikishov. O relatório resultante confirma, entre outras coisas, que em determinada vez Nikishov gastou 15 mil rublos (na época uma quantia imensa) num banquete para comemorar a visita da Companhia de Opereta de Khabarovsk.[983] O relatório também condena a "atmosfera de servilismo" em torno de Nikishov e da esposa, Gridasova: "A influência de Gridasova é tão grande que até os auxiliares imediatos de Nikishov atestam que só conseguirão exercer suas funções enquanto ela os vir com bons olhos".[984] Entretanto, não se tomou nenhuma medida. Gridasova e Nikishov continuaram a reinar em paz.

Nos últimos anos, virou moda assinalar que, ao contrário do alegado por eles após a guerra, poucos alemães eram forçados a atuar nos campos de concentração ou nos esquadrões de extermínio. Há pouco tempo, um estudioso afirmou que a maioria o fizera voluntariamente - conclusão que despertou certa controvérsia.[985] No caso da Rússia e dos outros Estados pós-soviéticos, a questão precisa ser examinada de maneira diversa. Com muita freqüência, os funcionários dos campos, bem como a maior parte dos outros cidadãos soviéticos, tinham pouca escolha. Uma comissão de mão-de-obra simplesmente lhes designava um local de trabalho, e eles eram obrigados a ir para lá. A falta de opção estava embutida no próprio sistema econômico soviético.

Todavia, não é exato dizer, como tentaram alguns, que os oficiais e guardas armados da NKVD "não estavam melhor que os presos que eles comandavam", ou que eram vítimas do mesmo sistema. Pois, embora talvez

---

981 Razgon, p. 228.
982 Starosthvpp. 83-88.
983 GARF, documento em poder da autora, sem referência.
984 Ibid.
985 Este é o argumento em Goldhagen.

houvessem preferido trabalhar em outro lugar, os funcionários do Gulag, tão logo ingressavam no sistema, realmente tinham opções, muito mais do que seus equivalentes nazistas, cujas atribuições eram definidas de modo mais rígido. No Gulag, podiam escolher entre a brutalidade e a bondade. Podiam escolher entre fazer os presos trabalharem até a morte e manter tantos deles vivos quanto fosse possível. Podiam escolher entre demonstrar compaixão pelos presos, de cuja sina talvez já houvessem partilhado, e aproveitar-se de uma maré temporária de sorte e oprimir seus antigos e futuros companheiros de sofrimento.

No histórico pregresso desses indivíduos, nada necessariamente indicava qual opção fariam, pois tanto os administradores quanto os guardas comuns provinham de etnias e ambientes os mais diversos, tal qual os presos. Aliás, quando lhes pedem que descrevam o caráter dos guardas, os sobreviventes do Gulag sempre respondem que ele variava bastante. Solicitei a mesma coisa a Galina Smirnova, a qual lembrou que "eles, assim como todo mundo, eram diferentes uns dos outros".[986] Anna Andreevna me contou que "havia sádicos doentios e pessoas absolutamente boas e normais". Anna também recordou o dia, logo após a morte de Stalin, em que o contador-chefe do campo correu de repente para o escritório de contabilidade em que presas trabalhavam, deu vivas, abraçou-as e, gritando, deu a entender que elas recuperariam a liberdade.[987]

Irena Arginskaya me disse que seus guardas não apenas eram "pessoas de tipos muitos diferentes", mas também mudavam com o passar do tempo. Os soldados conscritos, em especial, portavam-se "como animais" quando eram novos no serviço, pois haviam sido intoxicados pela propaganda; contudo, "depois de algum tempo, eles -não todos, mas grande parte - começavam a entender as coisas e freqüentemente mudavam".[988]

É bem verdade que as autoridades soviéticas exerciam alguma pressão tanto sobre os administradores quanto sobre os guardas, desencorajando-os de demonstrar bondade para com os presos. O arquivo da inspetoria-geral do Gulag registra o caso do chefe da divisão de suprimentos do Dmitlag, Levin, que em 1937 sofreu vigorosa investigação por causa de sua leniência. O crime de Levin foi ter permitido que um preso se encontrasse com o irmão, também preso - no sistema prisional, os parentes eram normalmente mantidos bem longe uns dos outros. Levin também foi acusado de ser demasiado amistoso com os zeks em geral, e com um grupo de supostos mencheviques em especial. Levin (ele próprio ex-prisioneiro no Canal do Mar Branco) contra-argumentou que não sabia que eram mencheviques. Dado que o ano era 1937, Levin foi condenado assim mesmo.[989]

No entanto, tais imposições não eram aplicadas com rigor. Aliás, vários comandantes até ficaram famosos pela brandura para com os presos. O historiador e publicista dissidente Roy Medvedev, em Que a história julgue (seu ataque ao stalinismo), descreve um comandante de campo, VA. Kundush, que levou muito a sério as exigências de aumento de produção durante a guerra. Kundush colocou os presos mais instruídos em funções administrativas e

[986] Smirnova, entrevista com a autora.
[987] Ereevna, entrevista com a autora.
[988] Arginskaya, entrevista com a autora.
[989] GARF, 8131/37/100.

passou a tratar bem os detentos, até providenciando a soltura antecipada para alguns deles. Na época, o empreendimento que ele dirigia recebeu o "Estandarte Vermelho da Boa Gestão". Mas, quando a guerra acabou, Kundush também foi aprisionado, talvez por causa da mesma atitude humana que tanto expandira a produção em seu campo.[990]

Lev Razgon fala da prisão transitória incomum pela qual ele e a mulher, Rika, passaram em Georgievsk:

> As celas eram não apenas varridas, mas também lavadas, o piso tanto quanto as tábuas dos leitos. A comida era tão substanciosa que saciava até a fome constante dos prisioneiros em trânsito. Podíamos realmente ficar limpos na casa de banhos. Havia até um recinto especial, completamente equipado, onde as mulheres podiam empetecar-se (e isso, mais do que qualquer outra coisa, espantou Rika).[991]

Existiam outros administradores assim. Em certa altura de sua vida no Gulag, Genrikh Gorchakov, judeu russo aprisionado em 1945, foi designado para um campo de inválidos no complexo do Siblag. Fazia pouco tempo, a direção do campo fora assumida por um novo comandante, um ex-oficial de linha de frente que não conseguira arrumar nenhum outro emprego após a guerra. Levando o cargo a sério, ele construiu novos alojamentos, cuidou para que os presos tivessem colchões e até lençóis e reorganizou o sistema de trabalho, transformando o campo por completo.[992]

Outro ex-zek, Aleksei Pryadilov, encarcerado aos dezesseis anos, foi enviado para um campo agrícola nos montes Altai. Ali, o comandante "administrava o campo como uma organização econômica e tratava os presos não como criminosos e inimigos que precisava 'reabilitar', mas como trabalhadores. Ele estava convencido de que não havia lógica em tentar fazer que gente faminta produzisse trabalho decente".[993] Por vezes, até os inspetores do Gulag descobriam bons comandantes. Em 1942, um fiscal visitou o Birlag e constatou que "os presos dessa fábrica faziam excelente trabalho porque as condições deles também eram excelentes". Os alojamentos eram limpos, e todos os presos tinham lençóis e cobertores próprios, além de boas roupas e calçados.[994]

Havia também formas mais diretas de bondade. A memorialista Galina Levinson se recordaria de um comandante de campo que dissuadiu uma prisioneira de abortar. "Quando você sair do campo, estará sozinha", ele lhe disse. "Pense no quanto será bom ter um filho." A mulher lhe seria grata até o fim da vida.[995] Anatolii Zhigulin também escreveria sobre o "bom" comandante de campo que "salvou centenas da morte", chamava aqueles a seu cargo de "camaradas prisioneiros", desafiando as ordens, e mandava o cozinheiro alimentá-los melhor. Segundo Zhigulin, era óbvio que "ele ainda não conhecia as normas". Mariya Sandratskaya, encarcerada por ser esposa de um "inimigo do povo", também conta de um comandante que dava especial atenção às

[990] R. Medvedev, p. 282.
[991] Razgon, p. 221.
[992] Gorchakov, L-1-105, pp. 156-57.
[993] Pryadilov, pp. 81-95.
[994] GARF, 8131/37/1253.
[995] Levinson, p. 40.

mulheres com filhos, assegurando-se de que a creche fosse bem administrada, as lactantes recebessem comida suficiente e as mães não trabalhassem demais.[996]

Na realidade, a bondade era possível. Em todos os níveis, sempre havia uns poucos que resistiam à propaganda que tachava todos os presos de inimigos; sempre havia uns poucos que compreendiam a verdadeira situação. E um número surpreendente de memorialistas registra algum episódio de benevolência de um guarda. "Não duvido", escreveu Evgenii Gnedin, "de que no enorme exército de administradores dos campos houvesse trabalhadores íntegros que ficassem angustiados com seu papel de feitores de pessoas completamente inocentes".[997] Mas, ao mesmo tempo, a maioria dos memorialistas também se admira de quanto tal compreensão era fora do comum. Isso porque, apesar de uns poucos exemplos do contrário, prisões limpas não eram a regra; a vida em muitos campos equivalia a uma sentença de morte; e, sobretudo, a maior parte dos guardas tratava os detentos com indiferença, na melhor das hipóteses, ou rematada crueldade, na pior.

Repito: em lugar algum se exigia crueldade. Ao contrário: quando proposital, esta era oficialmente desaprovada pela liderança central. Guardas e administradores que se mostravam desnecessariamente severos com os presos podiam ser punidos, e muitas vezes o eram. Os arquivos do Vyatlag contêm informes sobre guardas castigados por "espancarem sistematicamente zeks", furtar pertences dos detentos e estuprar prisioneiras.[998] Os arquivos do Dmitlag assinalam as condenações penais impostas a administradores que haviam sido acusados de, estando embriagados, terem surrado presos. Os arquivos centrais do Gulag também registram punições a comandantes de campo que espancavam presos, os torturavam durante investigações ou os trasladavam sem indumentária de inverno adequada.[999]

Contudo a crueldade persistia. Por vezes, era verdadeiramente sádica. Viktor Bulgakov, prisioneiro nos anos 1950, se recordaria de um guarda, um cazaque analfabeto, que parecia ter prazer em obrigar os presos a ficar parados, congelando aos poucos, na neve; e de outro que gostava de "exibir força e surrar detentos" sem nenhum motivo.[1000] Os arquivos do Gulag também trazem, entre muitos outros registros semelhantes, o relato sobre o camarada Reshetov, chefe de um dos lagpunkts da Volgostroi o qual punia zeks colocando-os em celas geladas e mandava presos enfermos trabalharem a temperaturas baixíssimas, o que causava a morte de muitos em serviço.[1001]

Com maior freqüência, a crueldade não se devia tanto ao sadismo quanto ao egoísmo. Guardas que atiravam em presos fujões recebiam gratificação financeira e podiam até ganhar férias em casa. Por isso, ficavam tentados a estimular tais "fugas". Zhigulin descreve o resultado:

> O guarda gritava para alguém na coluna: "Você aí, traga-me aquela tábua!"

---

[996] Zhigulin, p. 154; Seratskaya, memórias inéditas, p. 51.
[997] Gnedin, p. 117.
[998] Rerdinskikh, p. 22.
[999] GARF, 9489/2/20 e 9401/1a/61.
[1000] Bulgakov, entrevista com a autora.
[1001] GARF, 8131/37/809.

"Mas está do outro lado da cerca!"

"Não interessa - vá buscar!"

O preso ia e era abatido por uma rajada de metralhadora.[1002]

Esses episódios eram comuns - conforme os arquivos mostram. Em 1938, quatro guardas da Vokhr que trabalhavam no Vyatlag foram condenados pelo homicídio de dois presos que eles tinham "incitado" a fugir. Na seqüência, descobriu-se que o comandante da divisão e seu assistente também haviam se apossado de pertences dos presos.[1003] O escritor Boris Dyakov, em suas memórias "pró-soviéticas" do Gulag (publicadas na URSS em 1964), menciona igualmente a prática de provocar fugas.[1004]

Assim como nos trens de traslado, a crueldade nos campos parecia derivar da raiva ou do tédio de precisar realizar uma atividade servil. Quando trabalhava como enfermeira num hospital de Kolyma, a comunista holandesa Elinor Lippe passou uma noite à cabeceira de um paciente que estava com pleurisia e febre alta. Além disso, um carbúnculo que ele tinha nas costas estourara por causa do guarda que o trouxera ao hospital:

> Com voz entrecortada e dolorida, contou-me que o guarda quisera concluir aquela marcha inconveniente o quanto antes. Por isso, durante horas, usara de pauladas para forçar o preso, enfermo e febril, a seguir adiante. No final da marcha, ameaçara quebrar-lhe todos os ossos se dissesse no hospital que o guarda o espancara.

Apavorado até o fim, o homem se negou a repetir a história na presença de não-prisioneiros. "Nós o deixamos morrer em paz", escreveria Elinor, "e o guarda continuou a surrar presos sem ser incomodado."[1005]

Na maioria das vezes, porém, a crueldade dos guardas de campo soviéticos era irrefletida, néscia e preguiçosa, do tipo que se poderia demonstrar para com bois ou ovelhas. Se não se ordenava explicitamente aos guardas que maltratassem os prisioneiros, eles tampouco eram instruídos a considerá-los plenamente humanos, em especial no caso dos presos políticos. Pelo contrário: envidavam-se grandes esforços para cultivar o ódio pelos detentos, sempre descritos como "criminosos perigosos", "espiões e sabotadores que tentavam destruir o povo soviético". Tal propaganda tinha enorme efeito sobre pessoas que já estavam amarguradas pelo infortúnio, pelo emprego indesejado, pelas más condições de vida.[1006] Também moldava a visão dos empregados livres do Gulag - os moradores locais que trabalhavam nos campos e não eram funcionários da NKVD - tanto quanto dos guardas, como recordaria um preso:

> Em geral, éramos separados dos trabalhadores livres por um muro de desconfiança mútua. [...] Para eles, nossos vultos cinzentos, conduzidos em turmas e às vezes guardados por cães, provavelmente constituíam

---

[1002] Zhigulin, p. 157.
[1003] Berdinskikh, p. 22.
[1004] Dyakov, p. 65.
[1005] Lipper,pp. 241-43.
[1006] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 149.

algo muito desagradável, em que era melhor não pensar.[1007]

Isso já era verdade nos anos 1920, quando os guardas de Solovetsky faziam prisioneiros enregelados pular de pontes. As coisas ficaram piores, é claro, no final da década de 30, com a redução dos presos políticos a "inimigos do povo" e o endurecimento do regime prisional nos campos. Em 1937, ao saber que um grande contingente de trotskistas estava a caminho de Kolyma, o chefe do campo, Eduard Berzin, disse a um grupo de colegas que, "se esses cachorros [...] cometeram sabotagem por lá, vamos garantir que aqui eles trabalhem pela União Soviética; temos meios de fazê-los trabalhar".[1008]

Mesmo depois de terminado o Grande Terror, a propaganda nunca chegou a arrefecer. Durante toda a década de 1940 e parte da década de 50, os presos eram regularmente descritos como colaboracionistas e criminosos de guerra, traidores e espiões. Dentre os diferentes epitetos para aqueles nacionalistas ucranianos que começaram a derramar-se nos campos do Gulag após a Segunda Guerra Mundial, incluíam-se "cães servis e traiçoeiros dos sicários nazistas", "fascistas germano-ucranianos" e "agentes da espionagem estrangeira". Nikita Khrutchev, então líder soviético da Ucrânia, declarou numa plenária do Comitê Central que os nacionalistas ucranianos haviam se suicidado "ao tentar agradar a seu amo, Hitler, e pegar uma pequena parcela do butim por seus vis serviços".[1009] Durante a guerra, os guardas chamavam quase todos os presos políticos de "fascistas", "hitleristas" ou "vlasovistas" (seguidores do general soviético Vlasov, que desertara do Exército Vermelho e apoiara Hitler).

Isso era especialmente doloroso para os judeus, para os veteranos que haviam combatido com bravura os alemães e para os comunistas estrangeiros que haviam fugido do fascismo em seus próprios países.[1010] "Não somos fascistas; na maioria, somos ex-membros do Partido", disse indignado o iugoslavo Karlo Stajner a um grupo de detentos com ficha criminal, que, zombeteiros, tinham lançado o insulto "fascista" a uma turma de trabalho constituída de presos políticos.[1011] Margarete Buber-Neumann, comunista alemã que foi transferida diretamente do Gulag para o campo de concentração nazista de Ravensbruck, também escreveu que antes sé referiam repetidamente a ela como "a fascista alemã".[1012] E, quando o judeu Mikhail Shreider, oficial preso da NKVD, disse que não poderia ser acusado de colaborar com Hitler, seu interrogador retrucou que Shreider não era judeu, e sim "alemão disfarçado de judeu".[1013]

Esses insultos não eram só uma atitude juvenil e despropositada. Ao definirem os presos como "inimigos" ou "subumanos", os guardas se reasseguravam da legitimidade dos próprios atos. Aliás, a "retórica dos inimigos" era apenas uma parte da ideologia dos quadros do Gulag. A outra parte - vamos denominá-la "retórica da submissão total ao Estado" - insistia o tempo todo na importância do trabalho e das cifras de produção sempre crescentes, as quais eram necessárias para a continuidade da URSS. Para sermos bem diretos: podia-se

[1007] Ulyanovskaya, p. 316.
[1008] Kozlov, "Sewostlag NKVD SSSR", p. 89.
[1009] Weiner, "Nature, Nurture and Memory in a Socialist Utopia".
[1010] Zhigulin, p. 157.
[1011] Stajner, p. 69.
[1012] Buber-Neumann, p. 125.
[1013] Shreider, p. 193.

justificar tudo que proporcionasse resultados. Essa tese foi maravilhosamente sintetizada por Aleksei Loginov, diretor aposentado de produção e de campos prisionais de Norilsk, numa entrevista que deu a um documentarista britânico:

> Desde o início, sabíamos perfeitamente que o mundo exterior nunca deixaria nossa Revolução Soviética em paz. Não era só Stalin que percebia isso - todo comunista comum, toda pessoa comum, todos nós percebíamos que precisávamos não apenas construir, mas construir sabendo plenamente que logo estaríamos em guerra. Assim, na minha área, a busca por todas as fontes de matéria-prima - cobre, níquel, alumínio, ferro etc. - era incrivelmente intensa. Sempre tínhamos estado cientes dos enormes recursos de Norilsk - mas como explorá-los no Ártico? Por isso, o empreendimento inteiro foi posto nas mãos da NKVD, o Ministério do Interior. Quem mais conseguiria fazer aquilo? Você já sabe quantas pessoas tinham ido para a prisão. E lá precisávamos de dezenas de milhares...[1014]

Loginov falava em 1990, quase meio século depois que Norilsk deixara de ser um vasto complexo prisional. Mas as palavras dele ecoam as de Anna Zakharova, mulher de um comandante de campo, escrevendo em 1964 ao jornal governamental Izvestiya - a carta não foi publicada, mas depois seria veiculada pela imprensa clandestina. Anna, assim como Loginov, falava dos sacrifícios que o marido fizera para maior glória da pátria:

> A saúde dele já se dilapidou pelo trabalho com criminosos, porque aqui toda essa atividade desgasta os nervos. Gostaríamos de mudar, pois meu marido já cumpriu seu tempo de serviço, mas não querem deixá-lo ir. Comunista e oficial, ele submete-se às exigências do dever.[1015]

Opiniões semelhantes me foram apresentadas por uma administradora do Gulag que preferiu permanecer anônima. Com orgulho, falou-me do trabalho que seus presos tinham feito pela URSS durante a guerra: "Todos, absolutamente todos, pagavam suas expensas com o próprio trabalho e davam tudo o que podiam para a frente de combate".[1016]

Nesse quadro mais amplo da lealdade para com a URSS e seus objetivos econômicos, a crueldade cometida em nome das cifras de produção parecia admirabilíssima a seus perpetradores. A verdadeira natureza da crueldade, assim como a verdadeira natureza dos campos, podia ocultar-se atrás do economês. Após ter entrevistado em 1991 um ex-administrador do Karlag, o jornalista americano Adam Hochschild se queixou:

> Pela conversa do coronel, não se saberia que se tratava de uma prisão, porque ele falou quase exclusivamente do papel do Karlag na economia soviética. Ele parecia um orgulhoso chefe regional do partido. "Tínhamos nossa própria estação agrícola experimental. A pecuária também era avançada: criamos uma raça especial, a Estepe Vermelha, assim como o gado cazaque..."[1017]

---

[1014] MacQueen.
[1015] Anna Zakharova, "The Defense of a Prison Camp Official", em Cohen, p. 143.
[1016] Anônimo, entrevista com a autora.
[1017] Hochschild, p. 65.

Nos escalões mais altos, os administradores freqüentemente descreviam os presos como se fossem máquinas ou ferramentas, necessárias para concluir o trabalho e nada mais. De maneira explícita, os prisioneiros eram considerados mão-de-obra barata e cômoda - um insumo, tal qual os suprimentos de aço ou cimento. Mais uma vez, é Loginov, o comandante de Norilsk, quem expressa isso melhor:

> Se houvéssemos mandado civis [para Norilsk], primeiro teríamos precisado construir casas para eles. E como civis conseguiriam viver ali? Com os presos, é fácil - necessita-se apenas de um barracão e um fogão com chaminé, e eles se viram. Depois, talvez um lugar para comerem. Em resumo: nas circunstâncias daquela época, os presos eram as únicas pessoas que podíamos usar em escala tão grande. Se houvéssemos tido tempo, provavelmente não teríamos feito daquele jeito.[1018]

Ao mesmo tempo, o economês tornava possível aos comandantes de campo justificarem qualquer coisa, mesmo a morte: tudo era pelo bem comum. Por vezes, esse argumento era levado a verdadeiros extremos. Lev Razgon, por exemplo, relata uma conversa entre o coronel Tarasyuk, então comandante do Ustvymlag, e um médico do campo, Kogan, que cometera o erro de gabar-se ao coronel de quantos pacientes "salvara das garras da pelagra", doença causada pela inanição e conseqüente falta de proteínas. Segundo Razgon, seguiu-se este diálogo:

> Tarasyuk: O que estão dando a eles?
>
> Kogan: Todos estão recebendo a ração antipelagra determinada pelo Departamento de Saúde e Saneamento do Gulag.
>
> Então, Kogan especificou em calorias a quantidade de proteínas.
>
> Tarasyuk: Quantos deles vão poder trabalhar na floresta? E quando será isso?
>
> Kogan: Bem, está claro que nenhum deles vai poder trabalhar na floresta. Nunca mais. Mas agora vão sobreviver, e será possível usá-los para serviços leves no perímetro no campo.
>
> Tarasyuk: Pare de lhes dar rações antipelagra. Pode anotar: essas rações são para aqueles que trabalham na floresta. Os outros presos devem receber rações de inválidos.
>
> Kogan: Mas camarada coronel! E óbvio que eu não me expliquei direito. Essas pessoas só vão sobreviver se tiverem rações especiais. Um preso inválido recebe 400 gramas de pão. Com essa ração, vão morrer em dez dias. Não podemos fazer uma coisa dessas!
>
> Tarasyuk olhou para o médico, que estava transtornado. Havia até certa expressão de curiosidade no rosto do coronel.
>
> "Qual é o problema? A sua ética médica o impede de fazer isso?" "Mas

---

[1018] MacQueen.

é claro que impede..."

"Bem, eu não ligo a mínima para a sua ética", disse Tarasyuk, calmamente, sem dar nenhuma indicação de estar irado. "Você já anotou? Agora, tratemos dos outros assuntos..."

Passado um mês, todos os 246 enfermos já haviam morrido.[1019]

Os registros mostram que conversas desse tipo não eram excepcionais nem apócrifas. Relatando as condições dos presos na Volgostroi durante a guerra, um inspetor reclamou de que a administração do campo estava "interessada exclusivamente em produzir madeira [...] e não demonstrava o mínimo interesse em alimentar e vestir os presos, mandando-os trabalhar sem considerar a aptidão física, jamais se preocupando em saber se estavam sadios, trajados e nutridos".[1020] E, durante uma reunião de oficiais do Vyatlag em janeiro de 1943, o camarada Avrutsky, falando na linguagem absolutamente neutra da estatística, fez o seguinte comentário: "Dispomos de 100% de nossa força de trabalho, mas não podemos cumprir nosso programa, pois o grupo B continua a crescer. Mas, se a alimentação que destinamos ao grupo B fosse direcionada a outro contingente, já não teríamos grupo B e cumpriríamos a meta".[1021] Naturalmente, a expressão "grupo B" se referia a presos mais fracos, que de fato deixariam de existir caso não recebessem alimento. Os comandantes de campo podiam dar-se ao luxo de tomar tais decisões a grande distância das pessoas que seriam afetadas por elas; entretanto, no caso daqueles que se encontravam mais abaixo na hierarquia, a proximidade não necessariamente despertava mais compaixão. O preso polonês Kasimierz Zarod estava numa coluna de presos que marchava para o local de um novo campo. Praticamente não tendo recebido comida, começaram a enfraquecer-se. Por fim, um deles caiu e não conseguiu mais se levantar. Um dos guardas apontou a arma para ele. Outro ameaçou atirar:

"Pelo amor de Deus", ouvi o homem gemer, "se vocês me deixarem descansar um pouco, eu consigo alcançá-los."

"Você ou anda, ou morre", respondeu o primeiro guarda...

Eu o vi erguer e apontar o fuzil - não pude acreditar que ele fosse atirar. Nesse momento, os homens na coluna atrás de mim já haviam se reagrupado, e minha visão do que acontecia foi obstruída. De repente, porém, ressoou um disparo, seguido de outro, e percebi que o homem morrera.

Contudo Zarod relata que nem todos os que desabavam durante a marcha eram fuzilados. Caso aqueles exaustos demais para continuar andando fossem jovens, eram apanhados e postos numa carroça, onde

jaziam tal qual sacas até se recuperarem. [...] Pelo que consegui entender, o raciocínio era que os jovens podiam recobrar-se e trabalhar, mas que os velhos não valia a pena salvar. Com certeza, aqueles jogados como trouxas de roupas velhas nas carroças de suprimentos

---

[1019] Razgon, p. 214.
[1020] GARF, 8131/37/809.
[1021] Berdinskikh, p. 28.

> não o eram por nenhuma razão humanitária. Os guardas, embora jovens, já haviam feito aquele caminho antes e aparentemente estavam desprovidos de qualquer sentimento humano.[1022]

Ainda que não haja memórias para documentar isto, tal atitude certamente afetava até aqueles que ocupavam cargos no topo do sistema de campos. Nos capítulos anteriores, citei freqüentemente relatórios encontrados nos arquivos da inspetoria-geral do Gulag, que fazia parte da promotoria soviética. Esses relatórios, redigidos com grande precisão e regularidade, são extraordinários pela honestidade. Referem-se a epidemias de tifo, falta de alimentos, escassez de itens de vestuário. Denunciam campos onde a taxa de mortalidade é "demasiado alta". Irados, acusam certos comandantes de campo de criar más condições de vida para os prisioneiros. Calculam o número de homens/dia perdidos por conta de doenças, acidentes e óbitos. Lendo-os, não se tem nenhuma dúvida de que os maiorais do Gulag em Moscou sabiam - real e verdadeiramente - como era a vida nos campos de concentração. Estava tudo lá, numa linguagem não menos franca do que a utilizada por Alexander Soljenitsin e Variam Shalamov.[1023]

E no entanto, embora às vezes se fizessem mudanças e se impusessem penas judiciais a comandantes, o que impressiona nos relatórios é a própria repetitividade: eles fazem lembrar a cultura absurda das inspeções fajutas que Gogol descreveu de maneira tão maravilhosa. Era como se respeitassem as formalidades, produzissem os relatórios, expressassem a ira que era de rigor - e não ligassem para os reais efeitos nos seres humanos. Comandantes viviam sendo repreendidos por não melhorarem as condições de vida nos campos, estas continuavam a não melhorar, e a conversava acabava por aí.

Ao fim e ao cabo, ninguém obrigava os guardas a salvar os jovens e assassinar os velhos. Ninguém obrigava os comandantes de campo a matar os enfermos. Ninguém obrigava a direção geral do Gulag, em Moscou, a não atentar para o que os relatórios dos inspetores indicavam. Ainda assim, tais decisões eram tomadas abertamente, todos os dias, por guardas e administradores que pareciam convencidos do direito de tomá-las.

Tampouco a ideologia da submissão total ao Estado era exclusiva dos amos do Gulag. Os presos também eram estimulados a cooperar -e alguns o faziam.

## 14. Os Presos

*O homem é uma criatura que consegue acostumar-se a tudo,*
*e creio ser essa a melhor definição dele.*

Dostoievski, Recordações da casa dos mortos.[1024]

### Urki: a bandidagem

Para o preso político inexperiente, para a jovem camponesa presa por ter roubado um pão, para o deportado polonês despreparado, o primeiro contato

[1022] Zarod, p. 94.
[1023] GARF, 8131/37.
[1024] Dostoevsky, p. 29.

com os urki (a casta criminosa da URSS) era desnorteante e aterrador. Evgeniya Ginzburg topou pela primeira vez com criminosas quando embarcou no navio para Kolyma:

> Eram a nata da bandidagem: assassinas, sádicas, versadas em todos os tipos de perversão sexual [...] sem perderem tempo, já foram aterrorizando e oprimindo as "senhoras" e ficavam encantadas em descobrir que as "inimigas do povo" eram seres ainda mais desprezados e marginalizados do que elas próprias [...]. Apossavam-se de nossos pedacinhos de pão, roubavam nossos últimos trapos e pertences, empurravam-nos dos lugares que tínhamos conseguido arranjar.[1025]

Viajando pela mesma rota, Aleksander Gorbatov - o general Gorbatov, herói de guerra soviético, que dificilmente poderia ser considerado covarde - teve as botas roubadas quando estava no porão do vapor Dzhurma, atravessando o mar de Okhotsk:

> Um deles me golpeou com força no peito e depois na cabeça e disse, desdenhoso: "Olhem para ele - me vendeu as botas já faz dias, pegou o dinheiro e não quis mais saber de entregar!" Foram-se com o produto do roubo, rindo-se o mais que podiam e só parando para bater em mim outra vez, quando, por puro e simples desespero, fui atrás deles e pedi as botas de volta.[1026]

Dezenas de outros memorialistas descrevem cenas semelhantes. Os criminosos de carreira se lançavam sobre os outros presos com o que parecia ser uma fúria louca, atirando-os para fora dos beliches nos trens e alojamentos; roubando as roupas que lhes restavam; berrando, maldizendo e xingando. Para pessoas comuns, a aparência e o comportamento dos bandidos se afiguravam estranhíssimos. O preso polonês Antoni Ekart ficou horrorizado com a "absoluta falta de inibição da parte dos urki, que satisfaziam à vista de todos as suas necessidades naturais, aí incluído o onanismo. Isso os tornava extraordinariamente similares aos macacos, com os quais pareciam ter mais em comum que com os humanos"[1027] Mariya Ioffe, mulher de um bolchevique famoso, também escreveu que os bandidos faziam sexo às claras, andavam nus pelos alojamentos e não tinham nenhum sentimento uns pelos outros: "Neles, só o corpo vivia".[1028]

Apenas depois de semanas ou meses nos campos, os não-inicia-dos começavam a entender que o inundo da criminalidade não era uniforme, que ele tinha uma hierarquia própria e que, na realidade, havia muitos tipos diferentes de bandido. Lev Razgon explicou: "Eles se dividiam em castas e comunidades, cada uma com a própria disciplina férrea, tendo muitas regras e costumes. Casos estes fossem desrespeitados, o castigo era severo: na melhor das hipóteses, o indivíduo era expulso do grupo; na pior, assassinado".[1029]

O preso polonês Karol Colonna-Czosnowski, que se viu na situação de ser o

---

[1025] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, pp. 353-54.
[1026] Gorbatov, p.125.
[1027] Ekart, pp. 71-74.
[1028] Ioffe, pp. 8-9.
[1029] Razgon, p.184.

único preso político num campo madeireiro setentrional habitado por bandidos, também observou tais diferenças:

> Naquele tempo, os criminosos russos tinham muita consciência de classe. Para eles, aliás, a classe era tudo. Em sua hierarquia, os peixes grandes, como os assaltantes de trem ou de banco, eram membros da classe alta. Grisha Tchorny, chefe da máfia do campo, era um desses. No extremo oposto da escala social, ficava a arraia-miúda, como os punguistas. Eram usados como criados e mensageiros pessoais pelos maiorais e tratados com muito pouco respeito. Todos os outros criminosos juntos compunham o grosso da classe média, mas mesmo ali havia distinções.
>
> De muitas maneiras, essa estranha sociedade era uma réplica caricaturesca do mundo normal. Nela, podíamos localizar o equivalente de cada nuance de virtude ou defeito humano. Conseguíamos sem esforço identificar, por exemplo, o ambicioso em ascensão, o alpinista social, o embusteiro, assim como o íntegro e generoso.[1030]

Bem no topo daquela hierarquia, dando ordens a todos os outros, estavam os chefões. Os criminosos profissionais russos, conhecidos como urki, blatoi ou, caso estivessem na elite mais exclusivista da bandidagem, vory v zakone - expressão que se poderia traduzir por "mafiosos" -, viviam segundo regras e costumes que precediam o Gulag e que durariam mais que ele. Esses indivíduos não tinham absolutamente nada que ver com a vasta maioria dos presos do Gulag, aqueles com condenações por "crimes" contra o socialismo. Os chamados "criminosos ordinários" - pessoas condenadas por pequenos furtos eventuais, infrações das normas de trabalho ou outros crimes não-políticos - odiavam os mafiosos com a mesma veemência com que odiavam os presos políticos.

E não era de admirar: os mafiosos possuíam cultura muito diversa daquela do cidadão soviético médio. Esse universo criminoso tinha raízes profundas na bandidagem da Rússia czarista, nas corporações de larápios e mendigos que, naquele tempo, controlavam os crimes de pouca monta.[1031] No entanto, essa cultura se disseminou muitíssimo mais durante as primeiras décadas do regime soviético, graças às centenas de milhares de órfãos - vítimas diretas da Revolução, da Guerra Civil e da coletivização - que haviam sobrevivido primeiro como crianças de rua e depois como bandidos. No final da década de 1920, quando os campos começaram a expandir-se em escala maciça, os criminosos de carreira já haviam se tornado uma comunidade totalmente à parte, tendo até um rigoroso código de conduta que os proibia de manter toda e qualquer relação com o Estado soviético. O verdadeiro mafioso se recusava a trabalhar, possuir documentos e cooperar de que modo fosse com as autoridades, só o fazendo para explorá-las: os "aristocratas" da peça homônima de Nicolai Pogodin, de 1944, já eram identificáveis como "mafiosos" que, por princípio, se negavam a realizar qualquer trabalho.[1032]

Aliás, os programas de doutrinação e reabilitação do começo dos anos 1930 estavam, na maior parte, voltados mais para os mafiosos que para os presos

---

[1030] Colonna-Czosnowski, p.109.
[1031] Varese, pp. 162-64.
[1032] Abramkin e Chesnokova, pp. 7-22.

políticos. Presumia-se que os bandidos, sendo sotsialnoblizkii - "socialmente próximos", ao contrário dos presos políticos, que eram sotsialnoopasnyi, "socialmente perigosos" -, pudessem regenerar-se. Mas, no fim da década de 1930, as autoridades pareciam ter desistido da idéia de recuperar os criminosos de carreira. Em vez disso, resolveram usar os mafiosos para controlar e intimidar outros presos, em especial "contra-revolucionários", os quais os bandidos abominavam com muita naturalidade.[1033]

Não se tratava de um desdobramento inteiramente novo. Um século antes, criminosos que cumpriam sentença na Sibéria já odiavam os presos políticos. Em Recordações da casa dos mortos, as memórias bastante romanceadas de seus cinco anos na prisão, Dostoievski relata as observações de outro detento: "Não, eles não gostam de detentos afidalgados, sobretudo dos presos políticos; bem gostariam de matá-los, o que não é de admirar. Para começo de conversa, vocês são um tipo diferente de pessoa, não são como eles".[1034]

Na URSS, desde mais ou menos 1937 até o final da guerra, a administração dos campos começou a utilizar abertamente pequenos grupos de criminosos profissionais para controlar outros presos. Durante aquele período, os mafiosos de mais alto coturno não trabalhavam; em vez disso, asseguravam-se de que outros o fizessem.[1035] Lev Razgon assim descreveu:

> Não trabalhavam, mas recebiam ração completa; extorquiam um tributo em dinheiro de todos os "camponeses", ou seja, de quem realmente trabalhava; pegavam metade das remessas de alimento recebidas pelos detentos, mais metade do que estes compravam do empório do campo; e roubavam descaradamente os novos contingentes de presos, apossando-se de todas as melhores roupas dos recém-chegados. Em suma, eram extorsionários, gângsteres, membros de uma pequena máfia. Todos os "criminosos ordinários" do campo - e eles constituíam a maioria - os detestavam intensamente.[1036]

Alguns presos políticos descobriam maneiras de dar-se bem com os mafiosos, em especial após a guerra. Certos chefões gostavam de ter presos políticos como mascotes ou sombras. Num campo onde os presos ficavam de passagem até o destino final, Alexander Dolgun ganhou o respeito de um chefão ao espancar um criminoso de menor posição.[1037] Em parte porque também derrotara um criminoso numa briga de socos, Marlen Korallov (jovem preso político, depois um dos fundadores da Sociedade Memorial de Moscou) foi notado pelo manda-chuva dos criminosos do pampo, Nikola, o qual autorizou Korallov a pôr-se perto dele no alojamento. Essa decisão alterou o status de Korallov no campo, onde de imediato passou a ser considerado "protegido" de Nikola e obter muito mais vantagens na hora de arrumar lugar para dormir. "O campo entendeu: se eu era parte da tróica em torno de Nikola, então era parte da elite [...] todas as atitudes para comigo se modificaram na mesma hora."[1038]

---

[1033] Ibid.
[1034] Dostoevsky, p. 35.
[1035] Abramkin e Chesnokova, p. 10.
[1036] Razgon, p.185.
[1037] Dolgun, pp. 139-60.
[1038] Korallov, entrevista com a autora.

Na maior parte das vezes, porém, o domínio dos bandidos sobre os presos políticos era absoluto. O status superior dos criminosos ajudava a explicar por que eles, nas palavras de um criminologista, se sentiam "em casa" nos campos de concentração: passavam melhor que outros presos e desfrutavam um nível de poder real que não tinham fora dali.[1039] Korallov explica, por exemplo, que Nikola ficava na "única cama de ferro" do alojamento, a qual havia sido ajeitada num canto Ninguém mais dormia nela, e um bando de asseclas a rondava para garantir que as coisas continuassem assim. Eles também faziam um cortinado de cobertores nos leitos ao redor, a fim de impedir que outros espiassem o que faziam. O acesso ao espaço em torno do líder era controlado com zelo. Tais presos até consideravam suas longas condenações com uma espécie de orgulho viril. Korallov observa que

> havia alguns jovens que, para reforçar sua autoridade, procuravam escapar - uma tentativa inútil - e então recebiam mais 25 anos de pena, e talvez outros tantos por sabotagem. Aí, quando apareciam num novo campo e diziam às pessoas que tinham sido condenados a cem anos, isso, seguindo a moralidade dos campos, os transformava em figurões.[1040]

O status mais elevado aumentava o atrativo da bandidagem para os presos mais jovens, que às vezes eram introduzidos na fraternidade mediante complexos rituais de iniciação. De acordo com relatos compilados por secretas e administradores prisionais nos anos 1950, os novos membros do clã tinham de fazer juramento, prometendo ser "bandidos de valor" e aceitar as normas severas daquela vida. Outros mafiosos então recomendavam o noviço, talvez elogiando-o por "ter desafiado a disciplina do campo" e dando-lhe um apelido. A notícia dessa "coroação" se disseminava por todo o sistema de campos, através da rede de contatos dos criminosos, de modo que, se o novo mafioso fosse transferido para outro lagpunkt, seu status se conservaria.[1041]

Esse era o sistema que Nikolai Medvedev (o qual não tem nenhum parentesco com aqueles intelectuais de Moscou) encontrou em 1946. Aprisionado na adolescência por ter furtado cereal numa fazenda coletiva, Medvedev já. ficou debaixo da asa de um dos principais chefões mafiosos quando ainda estava em traslado; então, aos poucos, iniciaram-no na bandidagem. Ao chegarem a Magadan, Medvedev foi posto para trabalhar como os outros presos; viu-se encarregado de limpar o refeitório, o que não era uma tarefa muito árdua. Seu mentor, porém, gritou para que parasse. "E, assim, não trabalhei, da mesma maneira todos os outros bandidos." Outros presos é que se incumbiam do trabalho para ele.[1042]

Conforme Medvedev, a administração do campo não se preocupava com o fato de certos detentos não trabalharem. "Para ela, só interessava uma coisa: que a mina produzisse ouro - tanto ouro quanto possível - e que o campo permanecesse em ordem." E, escreve ele de modo abonador, os bandidos realmente garantiam a ordem. O que os campos perdiam em homens/hora (pelos criminosos que deixavam de trabalhar) ganhavam em disciplina. Medvedev explica que, "se alguém ofendia alguém, levava-se a queixa às

---

[1039] Abramkin e Chesnokova, p. 9.
[1040] Korallov, entrevista com a autora.
[1041] Varese, pp. 146-50.
[1042] N. Medvedev, pp. 14-16.

autoridades da bandidagem", não às do campo. Esse sistema, afirma Medvedev, mantinha baixo o nível de desavença e violência, o qual, do contrário, teria sido inconvenientemente elevado.[1043]

A avaliação positiva que Nikolai Medvedev faz do domínio da bandidagem nos campos é incomum, em parte porque descreve de dentro o mundo dos mafiosos (muitos dos urki eram analfabetos, e quase nenhum escreveu memórias), mas sobretudo porque lança sobre eles uma luz favorável. A maioria dos cronistas "clássicos" do Gulag, testemunhas do terror, dos assaltos e dos estupros que os bandidos infligiam aos outros habitantes dos campos, os odiava com ardor. "Os criminosos não são humanos", escreveu Variam Shalamov, sem meias palavras. "Os atos de perversidade que cometeram nos campos são inumeráveis."[1044] Soljenitsin escreveu que "era exatamente esse mundo universalmente humano, o nosso mundo, com sua moral, seus costumes e suas relações mútuas, o que se mostrava mais odioso e mais merecedor de desdém para os bandidos, pois se contrapunha da forma mais nítida possível a seu kubla (clã) anti-social e anticívico".[1045] De modo vivido, Anatolii Zhigulin descreveu como de fato funcionava a ordem que os bandidos impunham. Certo dia, enquanto estava sentado num refeitório praticamente vazio, Zhigulin ouviu dois presos brigarem por causa de uma colher. De súbito, Dezemiya, o principal lugar-tenente do maior chefão do campo, irrompeu pela porta e perguntou:

> "Que barulho é esse? Por que o bate-boca? Vocês não podem perturbar a paz no refeitório."
>
> "Olhe, ele pegou a minha colher e a trocou. Eu lhe dei uma inteira, e ele me devolveu uma quebrada..."
>
> "Vou castigar e reconciliar os dois", disse Dezemiya, rindo à socapa. Nisto, executou dois rápidos movimentos em direção aos brigões: rápido como um raio, furou um olho de cada um deles com seu picão.[1046]

A influência dos bandidos sobre a vida dos campos era decerto profunda. Sua gíria, tão distinta do russo comum que quase se torna um idioma à parte, tornou-se o mais importante meio de comunicação no Gulag. Embora esse calão fosse célebre pelo enorme e complexo vocabulário de imprecações, uma lista de palavras compiladas nos anos 1980 - muitas das quais ainda eram as mesmas usadas nos 1940 -também abrange centenas de termos para objetos comuns (aí incluídos utensílios, vestimentas e partes do corpo) que são bem diversos das palavras russas usuais. Para objetos de particular interesse (dinheiro, prostitutas, bandidos e furto), há dúzias de sinônimos. E, assim como termos genéricos para "crime" - entre eles po muzike khodit, "dançar conforme a música" -, existem muitos termos específicos para "furto" e afins: derzhatsadku (furtar em estação ferroviária), marku derzhat (furtar em trem), idti na shalynuyu (furto não-planejado) denmik (furto à luz do dia) e klyusvennik (ladrão de igreja), entre outros.[1047]

---

[1043] Ibid.
[1044] Shalamov, Kolyma Tales, p. 411.
[1045] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 445.
[1046] Zhigulin, p. 136.
[1047] Berdinskikh, pp. 291-315.

Aprender a falar blatnoe slovo - "língua de bandido", às vezes chamada blatnaya muzyka, "música de bandido" - era um ritual de iniciação a que muitos presos se submetiam, não necessariamente de boa vontade. Alguns nunca se acostumavam. Uma prisioneira política escreveria:

> Em tais campos, o mais difícil de agüentar são os constantes vitupérios [...] os palavrões que as prisioneiras usam são tão obscenos que se tornam insuportáveis, e elas só parecem conseguir falar umas com as outras no linguajar mais reles e vulgar. Quando começavam com aqueles xingamentos e impropérios, ficávamos com tanta raiva que costumávamos dizer entre nós: "Se uma delas estivesse morrendo aqui do meu lado, eu não lhe daria nem uma gota de água".[1048]

Outros tentavam analisar essa gíria. Já em 1925, um preso de Solovetsky especulava as origens daquele vocabulário num artigo que escreveu para a Solovetskie Ostrova (uma das revistas do campo). Observava que algumas das palavras simplesmente refletiam a moralidade dos bandidos: a linguagem a respeito das mulheres era em parte obscena, em parte melosamente sentimental. Algumas das palavras surgiam do contexto: os presos usavam stukat (bater) em vez de govorit (falar) porque batiam nas paredes para comunicar-se uns com os outros.[1049] Outro ex-preso comentou o fato de que várias palavras, como shmon (para "busca"), musor (para "policial") e fraier (para "não-criminoso", podendo traduzir-se também por "otário"), pareciam originar-se do hebraico ou do iídiche.[1050] Isso talvez seja evidência do papel que o porto de Odessa - uma cidade em grande parte judaica, outrora a capital do contrabando na Rússia - desempenhou no desenvolvimento da cultura da bandidagem. De tempos em tempos, a administração dos campos até procurava eliminar o calão. Em 1933, o comandante do Dmitlag ordenou a seus subordinados que "tomassem as devidas medidas" para fazer os presos, assim como os guardas e administradores, pararem de utilizar o linguajar criminoso, o qual agora era "de uso geral, mesmo em cartas e discursos oficiais".[1051] Não há nenhum indício de que a medida tenha surtido efeito.

Os mafiosos de mais alta posição pareciam e soavam diferentes dos outros presos. A indumentária e a moda estranha, talvez até mais que o calão, os estabeleciam como casta identificável e distinta, o que reforçava ainda mais o poder de intimidação que exerciam sobre os demais prisioneiros. Nos anos 1940, segundo Shalamov, todos os chefões mafiosos de Kolyma usavam cruzes de alumínio ao pescoço, sem nenhuma conotação religiosa ("Era uma espécie de símbolo"). Mas as modas mudavam:

> Na década de 1920, os mafiosos usavam bonés de operário; antes ainda, a voga eram os quepes de oficial. Nos anos 40, durante os invernos, usavam bonés de couro sem aba, dobravam o alto das botas de feltro e tinham ao pescoço um crucifixo. Este era em geral liso, mas, se houvesse algum artista à mão, eles o obrigavam a usar uma agulha para pintar na cruz os motivos mais diversos: um coração, cartas de baralho, uma crucificação, uma mulher nua.[1052]

---

[1048] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[1049] A. Akarevich, "Blatnye slova". Solovetskie Ostrova, Fevereiro de 1925, no. 2 (SKM).
[1050] Guberman, pp. 72-73.
[1051] GARF, 9489/2/15.
[1052] Shalamov, Kolyma Tales, p. 7.

Georgii Feldgun, também prisioneiro nos campos na década de 1940, lembraria que os bandidos tinham um andar diferenciado, "de passadas curtas, com as pernas ligeiramente abertas"; nos dentes, ostentavam coroas de ouro ou prata, uma espécie de moda:

> Normalmente, o *vor* de 1943 circulava num costume azul-marinho de três peças, com as calças enfiadas dentro das botas. A túnica ficava debaixo do colete, com a fralda para fora. Havia também o boné, cobrindo os olhos. E tatuagens, em geral sentimentais: "Nunca esquecerei minha querida mãezinha", "A vida desconhece a felicidade".[1053]

Essas tatuagens, mencionadas por muitos outros, também ajudavam a distinguir os mafiosos dos outros criminosos e a identificar o papel de cada chefão no mundo da bandidagem. De acordo com um historiador dos campos, existiam diferentes tatuagens para homossexuais, viciados, condenados por estupro e condenados por homicídio.[1054] Soljenitsin é mais explícito:

> Cediam sua pele brônzea para a tatuagem e, dessa maneira, gradualmente satisfaziam suas necessidades artísticas, eróticas e até morais: nos peitos, barrigas e costas uns dos outros, podiam admirar águias poderosas que se empoleiravam em desfiladeiros ou cruzavam os céus; ou uma grande marreta; ou o sol, dardejando raios em todas as direções; ou homens e mulheres em cópula; ou os órgãos de seu desfrute sexual; e, bem de repente, Lênin, Stalin ou talvez ambos apareciam ao lado de seus corações [...]. Por vezes, riam com a figura do foguista galhofeiro que lhes jogava carvão no orifício traseiro, ou com um macaco que se masturbava. E, na pele uns dos outros, liam slogans que, mesmo se já familiares, eles adoravam repetir - "Vou f... todas as minas na boca!" [,..]. Ou, na barriga da namorada de um chefão, podia haver um "Eu morro por uma boa f...!".[1055]

Sendo artista profissional, Thomas Sgovio logo foi tragado pelo ramo da tatuagem. Certa vez, pediram-lhe que desenhasse o rosto de Lênin no peito de alguém: entre os bandidos, havia a crença comum de que nenhum pelotão de fuzilamento dispararia num retrato de Lênin ou Stalin.[1056]

Os mafiosos também se distinguiam de outros presos na maneira de se divertir. Complexos rituais cercavam seu carteado, o qual acarretava enorme risco, tanto do próprio jogo, em que as apostas eram altas, quanto das autoridades, que puniam todos os apanhados em jogatina.[1057] Entretanto, o risco era provavelmente parte do atrativo para pessoas acostumadas ao perigo: Dmitrii Likhachev, o crítico literário encarcerado em Solovetsky, observou que muitos bandidos "comparam as emoções do carteado às da consecução de um crime".[1058]

Aliás, os criminosos anularam todas as tentativas da NKVD de pôr fim ao carteado. Buscas e apreensões não adiantavam de nada. Entre os bandidos,

---

[1053] Feldgun, memórias inéditas.
[1054] Berdinskikh, p.132.
[1055] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 441.
[1056] Sgovio, pp. 165-69.
[1057] GARF, 8131/37/1261.
[1058] Likhachev, "Kartezhnye igri ugolovnikov". Solovetskie Ostrova,1930, nº 1., pp. 32-35 (SKM).

"peritos" se especializavam em produzir baralhos, procedimento que, nos anos 1940, já se tornara extremamente sofisticado. Primeiro, o expert cortava quadrados de papel com lâmina de barbear. Para assegurar-se de que as cartas fossem rijas o bastante, ele sobrepunha cinco ou seis desses quadrados, usando a "cola" que se fazia esfregando pão molhado contra um lencinho. Depois, deixava as cartas amanhecerem debaixo dos beliches, para endurecê-las. Quando ficavam prontas, estampava as figuras e números, usando um carimbo que fora entalhado do fundo de uma caneca. Para as cartas pretas, utilizava cinzas escuras. Caso se dispusesse de estreptomicina - se o médico da cadeia ou do campo a tivesse e pudesse ser subornado ou ameaçado para entregar alguma -, podia também fazer as cartas vermelhas.[1059]

Os rituais do carteado eram outra parte do terror que os bandidos impunham aos presos políticos. Quando os criminosos jogavam uns com os outros, apostava-se dinheiro, pão e indumentária. Se perdiam essas coisas, apostavam as de outros presos. Gustav Herling testemunhou pela primeira vez um desses episódios quando estava num vagão Stolypin rumo à Sibéria. Viajava com outro polonês, o coronel Shklovski. No mesmo vagão, três urki, entre eles "um gorila com cara achatada de mongol", jogavam cartas.

> [...] de repente, o gorila largou as cartas com brusquidão, levantou-se do banco num salto e veio para cima de Shklovski.
>
> "Me dá o casaco!", berrou. "Eu o perdi no jogo!"
>
> Shklovski abriu os olhos e, sem se mexer do assento, deu de ombros.
>
> "Me dá!", rugiu o gorila, furioso. "Me dá! Senão, glaza vykolu, eu arranco os teus olhos!"
>
> O coronel se ergueu devagar e entregou o casaco.
>
> Só depois, no campo de trabalhos forçados, compreendi o significado daquela cena esdrúxula. Apostar nas cartas os pertences de outros presos é uma das diversões prediletas dos urki, e o principal atrativo disso está no fato de que o perdedor é obrigado a tirar à força da vítima o item previamente acordado.[1060]

Uma prisioneira estava num alojamento feminino que fora todo "perdido" num jogo de cartas. Após terem ficado sabendo da notícia, as mulheres passaram dias numa espera angustiada, "incrédulas". Até que, uma noite, ocorreu o ataque. "O alvoroço foi terrível: as mulheres berraram como loucas até que homens vieram em nosso socorro [...] ao fim e ao cabo, só roubaram algumas trouxas de roupas, e a starosta foi apunhalada."[1061]

O carteado, porém, podia ser não menos perigoso para os próprios criminosos de carreira. Em Kolyma, o general Gorbatov encontrou um bandido que tinha apenas dois dedos na mão esquerda. O homem explicou:

---

[1059] Finkelstein, entrevista com a autora.
[1060] Herling, p. 18.
[1061] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 113, Pasta 2.

> Estava jogando cartas e perdi. Não tinha dinheiro e, por isso, apostei um terno de boa qualidade - não meu, é claro, mas de um [preso] político. Eu pretendia pegar o terno de noite, quando o preso, recém-chegado, o tivesse tirado para dormir. Eu precisava entregá-lo antes das oito da manhã, mas acabaram levando o político para outro campo naquele mesmo dia. Nosso conselho de chefes se reuniu para determinar meu castigo. A parte queixosa queria que me cortassem todos os dedos da mão esquerda. Os chefes propuseram dois. Pechincharam um pouco e fecharam em três. Assim, pus a mão na mesa, e o homem para o qual eu tinha perdido pegou um picão e, com cinco golpes, arrancou meus três dedos.

Quase com orgulho, o homem concluiu: "Também temos as nossas leis, só que mais duras que as de vocês. Quando se falha com os companheiros, é preciso responder por isso".[1062] E os rituais judiciais dos mafiosos eram tão complexos quanto suas cerimônias de iniciação, demandando um "tribunal", um julgamento e uma sentença, a qual podia significar surra, humilhação ou até morte. Colonna-Czosnowski presenciou uma longa e renhida partida de cartas entre dois mafiosos de alto escalão, que só terminou quando um deles já perdera todos os seus pertences. Em vez de um braço ou perna, o ganhador exigiu como penalidade uma humilhação medonha: mandou o "artista" do alojamento tatuar na cara do perdedor um pênis enorme, apontado para a boca. Minutos depois de pronta a tatuagem, o perdedor pressionou um atiçador em brasa contra o próprio rosto, apagando-a e desfigurando-se pelo resto da vida.[1063] Anton Antonov-Ovseenko, filho de um destacado bolchevique, também afirmaria ter conhecido nos campos um "surdo-mudo" que perdera nas cartas e, por isso, fora proibido de usar a voz durante três anos. Mesmo quando era transferido de campo, não se atrevia a violar a condenação, pois todos os urki locais estavam cientes dela. "O desrespeito ao acertado seria punido com a morte. Ninguém escapa à lei dos bandidos."[1064]

As autoridades sabiam desses rituais e, de quando em quando, procuravam intervir, nem sempre com sucesso. Num episódio em 1951, um tribunal mafioso condenou à morte um bandido chamado Yurilkin. As autoridades do campo souberam da sentença e transferiram Yurilkin, primeiro para outro campo, depois para uma prisão transitória, em seguida para um terceiro campo, numa região completamente diferente do país. Ainda assim, dois mafiosos enfim localizaram o condenado e o mataram - passados quatro anos. Depois, foram julgados e executados por homicídio na Justiça soviética, mas nem mesmo tal castigo se mostrava necessariamente coibitivo. Em 1956, a promotoria-geral da URSS fez circular um memorando em que, com frustração, se queixava de que "essa formação criminosa existe em todos os campos de trabalho correcional, e com freqüência a decisão do grupo de matar este ou aquele preso que se encontra em outro campo é ali executada sem discussão".[1065]

Os tribunais mafiosos também eram capazes de impor punições a quem não pertencia à bandidagem, o que talvez explique por que inspiravam tanto terror. Lev Finkelstein, preso político no começo dos anos 1950, recordaria um desses assassínios motivados pela vingança:

---

[1062] Gorbatov, p. 140-41.
[1063] Colonna-Czosnowski, pp. 126-31.
[1064] Antonov-Ovseenko, The Time ofStalin, p. 316.
[1065] Varese, p. 159.

> Pessoalmente, vi um só homicídio, mas esse foi bem espetacular. Sabe esses espetos de papel metálicos? Quando bem afiados, são uma arma extremamente mortífera. [...]
>
> Tínhamos um naryadchik, o homem designado para distribuir tarefas aos presos - do que ele era culpado, disso não sei. Mas os mafiosos resolveram que devia ser morto. Aconteceu quando ele estava de pé na contagem dos presos, antes de irem para o trabalho. Cada turma estava em posição de sentido, separada das outras. O naryadchik se encontrava à frente. O nome dele era Kazakhov, um homem pesadão, com uma bela pança. Um dos bandidos saiu chispando da formação e enfiou o espeto na barriga dele. Provavelmente, era um assassino experiente. Foi pego de imediato - mas tinha 25 anos de pena. Eles o julgaram outra vez, é claro, e lhe deram outros 25. Assim, a sentença se prolongaria mais alguns anos - e quem se importava?[1066]

Contudo era um tanto raro que os bandidos voltassem sua "justiça" contra quem administrava os campos. No geral, se não eram exatamente leais cidadãos soviéticos, pelos menos ficavam satisfeitos -satisfeitíssimos - em cooperar na única tarefa que as autoridades da URSS lhes destinavam: dominar os presos políticos, aqueles elementos que, para de novo citarmos Evgeniya Ginzburg, eram ainda mais desprezados e marginalizados do que eles.

**KONTRIKI E BYTOVYE: OS PRESOS POLÍTICOS E OS PRESOS ORDINÁRIOS**

Com seu calão especial, sua indumentária característica e sua cultura rígida, os criminosos de carreira eram fáceis de identificar e de descrever. Sobre o resto dos presos, que constituíam a mão-de-obra do Gulag, torna-se muito mais difícil fazer generalizações, pois eram pessoas oriundas de todos os estratos da sociedade soviética. Aliás, durante tempo demasiado longo, nossa compreensão de quem era exatamente a maioria dos prisioneiros nos campos se viu enviesada pela dependência forçada que tínhamos em relação às memórias escritas, sobretudo às publicadas fora da URSS. Seus autores eram em geral intelectuais, com freqüência estrangeiros e quase universalmente presos políticos.

Mas, desde a glasnost de Gorbatchev, disponibilizou-se uma variedade maior de material memorialístico, junto com alguns dados arquivais. Segundo esses últimos - que devem ser tratados com um bocado de cautela -, parece que a imensa maioria dos presos não era de modo algum composta de intelectuais. Ou seja, não eram pessoas da intelligentsia técnica e acadêmica da Rússia, a qual, na prática, formava uma classe social à parte, mas operários e camponeses. Alguns números referentes aos anos 1930, quando o grosso dos presos do Gulag eram kulaks, são particularmente reveladores. Em 1934, só 0,7% da população dos campos de concentração tinha instrução superior; já 39,1% possuíam apenas escolaridade primária. Na mesma época, 42,6% eram descritos como "semi-alfabetizados", e 12% eram totalmente analfabetos. Mesmo em 1938, o ano em que o Grande Terror assolou a intelectualidade de Moscou e Leningrado, quem tinha instrução superior ainda correspondia a apenas 1,1% da população do Gulag, ao passo que mais de metade do total

---

[1066] Finkelstein, entrevista com a autora.

fizera somente o primário e um terço era semi-alfabetizado.[1067]

Estatísticas comparáveis sobre a proveniência social dos detentos não parecem estar disponíveis, mas vale a pena notar que, em 1948, menos de um quarto deles eram presos políticos - aqueles condenados por crimes "contra-revolucionários", conforme o artigo 58 do Código Penal. Isso seguia um padrão preexistente. Os presos políticos corresponderam a apenas 12%-18% da população prisional nos anos de terror de 1937 e 1938; ficaram em 30%-40% durante a guerra; subiram para quase 60% em 1946, em conseqüência da anistia concedida a presos criminais após a vitória; e então permaneceram numa porcentagem estável, entre um quarto e um terço de todos os presos, pelo restante do reinado de Stalin.[1068] Dada a elevada rotatividade de presos não-polí-ticos - estes freqüentemente estavam condenados a penas mais curtas e tinham mais chance de atender aos requisitos para a liberação antecipada -, é seguro dizer que a grande maioria dos que passaram pelo sistema Gulag nas décadas de 1930 e 40 se constituía de pessoas com sentenças criminais e, portanto, com maior probabilidade de serem operários e camponeses.

Esboço de retrato de dois zeks. Desenho de Sergei Reikhenberg. Magadan, data desconhecida

No entanto, embora esses números possam ajudar a corrigir impressões anteriores, eles também enganam. Analisando o novo material memorialístico acumulado na Rússia desde o colapso da URSS, fica igualmente claro que muitos dos presos políticos não se enquadravam na definição que hoje damos ao termo. Nos anos 1920, os campos realmente continham membros dos partidos antibolchevique, indivíduos que de fato se designavam "presos políticos". Nos anos 30, também havia alguns verdadeiros trotskistas - pessoas que tinham mesmo apoiado Trotski contra Stalin. Nos anos 40, após as prisões em massa na Ucrânia, nos Estados bálticos e na Polônia, uma onda de guerrilheiros e ativistas verdadeiramente anti-soviéticos fluiu para o Gulag. E, no começo da década de 50, prendeu-se um punhado de estudantes anti-stalinistas.

Todavia, entre as centenas de milhares de pessoas que eram denominadas presos políticos nos campos, a imensa maioria se compunha não de

[1067] Zemskov, "Zaklyuchennie v 1930-e gody", p. 68.
[1068] Dugin; Zemskov, ibid., p. 65.

dissidentes, nem de padres que diziam missa às escondidas, nem mesmo de maiorais do Partido. Era, isto sim, de pessoas comuns, levadas de roldão durante detenções em massa, não tendo necessariamente posições políticas fortes em nenhum sentido. Olga Adamova-Sliozberg, outrora funcionária de um dos ministérios industriais em Moscou, escreveria: "Antes de minha prisão, eu levava vida bastante comum, típica de uma profissional liberal soviética que não pertencesse ao Partido. Dava duro, mas não tinha nenhuma participação especial na política nem nas questões públicas. Meus verdadeiros interesses eram o lar e a família".[1069]

Se os presos políticos não eram necessariamente políticos, a esmagadora maioria dos presos criminais tampouco era necessariamente de criminosos. No Gulag, embora houvesse alguns criminosos de carreira e, durante o conflito mundial, alguns verdadeiros colaboracionistas e criminosos de guerra, a maior parte dos demais fora condenada por crimes "ordinários" ou não-políticos que, em outras sociedades, nunca seriam considerados delitos. Por duas vezes, o pai do general e político russo Alexsander Lebed se atrasara dez minutos para o trabalho numa fábrica, pelo que o sentenciaram a cinco anos no Gulag.[1070] No campo de Polyansky, situado perto do Krasnoyarsk 26 (local de um dos reatores nucleares da URSS) e habitado majoritariamente por criminosos, os arquivos registram um preso "criminal" que pegou seis anos pelo furto de um único pé de galocha numa feira; outro, dez anos pelo furto de dez pães; outro (caminhoneiro que criava sozinho os dois filhos), sete anos pelo furto de três garrafas do vinho que estava entregando; e outro, cinco anos por "especulação", significando que comprara cigarros num lugar e os vendera em outro.[1071] Antoni Ekart conta a história de uma mulher que foi presa porque pegou um lápis do escritório onde trabalhava; era para o filho, que não podia fazer o dever de casa porque não tinha com o que escrever.[1072]

No mundo às avessas do Gulag, a probabilidade de presos criminais serem de fato criminosos equivalia à de presos políticos serem mesmo opositores ativos do regime. Em outras palavras, os criminosos nem sempre eram gente que cometera crimes de verdade. E era ainda mais raro que um preso político houvesse cometido um delito de natureza política. Isso, porém, não impedia o sistema judiciário soviético de classificá-los zelosamente. Como grupo, os contra-revolucionários tinham status ainda mais baixo que os criminosos; como já dissemos, eram considerados "socialmente perigosos", menos compatíveis com a sociedade soviética que os criminosos, "socialmente próximos". Mas os presos políticos também se classificavam segundo o parágrafo do artigo 58 do Código Penal pelo qual houvessem sido condenados. Evgeniya Ginzburg observou que, dentre os presos políticos, era muitíssimo "melhor" ter sido condenado conforme o parágrafo 10, por "agitação anti-soviética" (ASA). Eram os "tagarelas": haviam contado alguma piada infeliz a respeito do Partido ou deixado escapar alguma crítica a Stalin ou ao chefe partidário local - ou então sido acusados disso por algum vizinho invejoso. Até as autoridades dos campos reconheciam tacitamente que os "tagarelas" não haviam cometido crime nenhum, e assim os condenados por ASA descobriam que, no caso deles, às vezes era mais fácil ser designado para trabalho mais leve.

---

[1069] Adamova-Sliozberg, "My Journey", em Vilensky, Till My Tale Is Told, p. 2
[1070] Elletson, p. 2.
[1071] Kuchin, Polyans ii ITL, pp. 37-38.
[1072] Ekart, p. 69.

Abaixo deles, estavam os condenados por "atividades contra-revolucionárias" (KDR). Mais abaixo ainda, havia os condenados por "atividades terroristas contra-revolucionárias" (KRTD). Em alguns campos, o T adicional podia significar que o preso estava proibido de realizar outro trabalho que não os "serviços gerais" mais pesados (cortar árvores, cavar nas minas, construir estradas), em especial se a KRTD acarretara pena de dez ou quinze anos ou mais.[1073]

E era possível descer ainda mais. Abaixo da KRTD, havia outra categoria: as KRTTD, que eram não qualquer atividade terrorista, mas sim as "atividades terroristas trotskistas contra-revolucionárias". "Sei de casos", escreve Lev Razgon, "em que esse T extra aparecia na documentação do preso nos campos por causa de alguma discussão, durante a contagem dos prisioneiros, com o distribuidor de tarefas ou com o chefe desse serviço, ambos os quais eram criminosos."[1074] Uma mudancinha como essa podia ser a diferença entre a vida e a morte, pois nenhum capataz designaria um preso KRTTD para outra coisa senão a labuta mais pesada.

Tais regras nem sempre eram nítidas. Na prática, os presos viviam sopesando o valor das diferentes sentenças judiciais, procurando calcular que influência elas teriam em suas vidas. Variam Shalamov relata que, após haver sido selecionado para fazer um curso de paramédico que lhe teria permitido tornar-se feldsher (assistente médico, um dos serviços mais prestigiosos e confortáveis no campo), ficou preocupado com o efeito que sua sentença teria em suas possibilidades de concluir o curso: "Será que aceitariam presos políticos condenados pelo artigo 58? Só os que o tivessem sido pelo parágrafo 10? E o homem que estava comigo na traseira do caminhão? Ele também era ASA, agitação anti-soviética".[1075]

As sentenças oficiais, por si sós, não determinavam o lugar dos presos políticos na hierarquia dos campos. Embora não tivessem um código de conduta rígido como o dos bandidos, nem um linguajar uniformizador, eles realmente acabavam segregando-se em grupos. Esses clãs políticos se mantinham unidos pela camaradagem, pela necessidade de defender-se ou pela visão de mundo que compartilhavam. Não ficavam à parte - tinham elementos de contato uns com os outros e com os clãs de presos não-políticos -, nem existiam em todos os campos. Mas, nas circunstâncias certas, podiam ser cruciais para a sobrevivência do prisioneiro.

Dos clãs políticos, os mais fundamentais, e, no final das contas, mais poderosos, se constituíam em torno da nacionalidade ou do lugar de origem. Esses se tornaram mais importantes durante e após a Segunda Guerra Mundial, quando o número de presos estrangeiros aumentou enormemente. Surgiam de modo bem natural: o novo prisioneiro chegava e de imediato procurava nos alojamentos seus patrícios estonianos, ucranianos ou (num número ínfimo de casos) americanos, por exemplo. Walter Warwick, um dos fino-americanos que acabaram no Gulag nos anos 1930, descreve, num manuscrito que elaborou para a família, como os falantes do finlandês em seu campo se aglutinavam especificamente para proteger-se dos roubos e abusos da bandidagem: "Chegamos à conclusão de que, se quiséssemos um pouco de

---

[1073] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, pp. 334-35; Razgon, p. 93.
[1074] Razgon, p. 93.
[1075] Shalamov, Kolyma Tales, pp. 258-59.

sossego, precisaríamos formar uma gangue. Assim, organizamos nossa própria turma, para nos ajudarmos uns aos outros. Éramos seis: dois fino-americanos [...], dois finlandeses da própria Finlândia [...] e dois finlandeses da região de Leningrado".[1076]

Nem todo clã baseado na nacionalidade exibia o mesmo caráter. Há opiniões discordantes, por exemplo, sobre se os prisioneiros judeus tinham mesmo uma rede própria ou se, ao contrário, fundiam-se na população geral russa - ou, no caso do grande número de judeus polacos, na grande população geral polonesa. Parece que a resposta variava conforme a época e que muito dependia das atitudes individuais. Muitos dos judeus aprisionados no final dos anos 1930, durante a repressão contra os primeiros escalões da nomenklatura e das Forças Armadas, parecem ter-se considerado primeiro comunistas e só depois judeus. Segundo um preso, nos campos "todo o mundo virava russo - fossem caucásios, fossem tártaros, fossem judeus".[1077]

Posteriormente, à medida que mais judeus chegavam com os poloneses durante a guerra, eles parecem ter formado redes étnicas reconhecíveis. Ada Federolf - que escreveu memórias junto com Ariadna Efron, filha de Maria Tsvetaeva - descreveu um campo no qual a oficina de costura (pelos padrões locais, um lugar luxuoso para trabalhar) ficava a cargo de um homem chamado Lieberman. Sempre que chegava um contingente de prisioneiros, ele percorria a multidão, gritando: "Quem é judeu? Quem é judeu?" Quando os localizava, providenciava para que viessem trabalhar consigo na oficina, poupando-os do trabalho braçal na floresta. Lieberman também ideou planos engenhosos para salvar rabinos, os quais, por dever de ofício, precisavam rezar o dia todo. Construiu um cubículo especial para certo rabino, ocultando o religioso a fim de que ninguém soubesse que ele não estava trabalhando. Lieberman também inventou para outro rabino o cargo de "controlador de qualidade". Isso possibilitava que o homem percorresse o dia inteiro as fileiras de costureiras, sorrindo para elas e orando de mansinho.[1078]

No começo dos anos 1950, quando o anti-semitismo oficial soviético começou a fortalecer-se - estimulado pela obsessão de Stalin com os médicos judeus que, achava ele, estavam tentando matá-lo -, voltou a ficar difícil ser judeu. Entretanto, mesmo dessa vez, o grau de anti-semitismo parecia variar de campo para campo. Ada Purizhinskaya, aprisionada no auge do "Complô dos Médicos" (o irmão fora julgado e executado por "ter conspirado para matar Stalin"), não se recordaria de "nenhum problema em especial por ser judia".[1079] Mas Leonid Trus, outro judeu encarcerado na mesma época, pensaria de modo diferente. Certa vez, disse ele, um zek mais velho o salvou de um anti-semita furibundo, que fora aprisionado por comércio de ícones. (O zek mais velho gritou para o vendilhão que este, homem que "comprava e vendia imagens de Cristo", devia envergonhar-se.)

Trus, porém, não tentava esconder o fato de que era judeu. Pelo contrário: nas botas, pintou uma estrela-de-davi, em boa parte para impedir que as roubassem. Em seu campo, "os judeus, assim como os russos, não se organizam num grupo". Isso o deixava sem companhia evidente. "Para mim [...]

---

[1076] Warwick, memórias inéditas.
[1077] Frid, p. 235.
[1078] Federolf, p. 123.
[1079] Purizhinskaya, entrevista com a autora.

o pior era a solidão, a sensação de ser judeu em meio a russos, o fato de que todos tinham amigos de sua terra, ao passo que eu estava completamente só."[1080]

Por causa de seu pequeno número, os europeus-ocidentais e os norte-americanos que acabavam nos campos também tinham dificuldade para formar redes fortes. Dificilmente estavam em situação de ajudar-se uns aos outros: muitos estavam de todo desorientados pela vida no Gulag, não falavam russo e achavam o rancho incomível e as condições de vida insuportáveis. Após ter visto todo um grupo de alemãs morrer na prisão transitória de Vladivostok, apesar de autorizadas a beber água fervida, a prisioneira russa Nina Gagen-Torn escreveu, só em parte com ironia, que, "se os alojamentos estiverem repletos de cidadãos soviéticos, acostumados à comida, eles suportarão o peixe salgado mesmo se estragado; mas, quando chega um grande transporte de presos da Terceira Internacional, eles todos pegam disenteria do tipo mais grave".[1081] Lev Razgon também se compadecia dos estrangeiros, lembrando que "não conseguiam nem entender nem se assimilar; não tentavam adaptar-se e sobreviver; apenas se juntavam instintivamente".[1082]

Mas os ocidentais - grupo que englobava poloneses, tchecos e outros leste-europeus - também tinham algumas vantagens. Eram motivo de especial fascínio e interesse, o que às vezes lhes rendia contatos, dádivas de alimento, um tratamento mais gentil. Antoni Ekart, polonês educado na Suíça, conseguiu vaga no hospital graças a um enfermeiro chamado Ackerman, oriundo da Bessarábia. "O fato de que eu provinha do Ocidente simplificava as coisas": todos estavam interessados no ocidental e queriam salvá-lo.[1083] A escocesa Flora Leipman, cujo padrasto (russo) convencera a família dela a mudar-se para a URSS, usava sua nacionalidade para entreter as companheiras de cativeiro:

> Eu levantava a saia, para que parecesse um kilt, e baixava as meias, para que dessem a impressão de ir só até os joelhos. Jogava o cobertor sobre os ombros, como um manto escocês, e pendurava o chapéu na cintura, como um sporran. Minha voz se elevava orgulhosamente, cantando "Annie-Laurie" e "Ye banks and braes o'boonie Doon", sempre concluindo com o "God save the King" - sem traduzir a letra.[1084]

Ekart também descreveria a sensação de ser "objeto de curiosidade" para os intelectuais russos:

> Em encontros especialmente organizados e cuidadosamente ocultos que tive com alguns dos mais confiáveis entre eles, falei de minha vida em Zurique, Varsóvia, Viena e outras cidades do Ocidente. Meu paletó esporte de Genebra e minhas camisas de seda eram examinados com todo o zelo, pois eram a única prova concreta do alto padrão de vida existente fora do mundo comunista. Alguns se mostravam visivelmente incrédulos quando eu dizia que podia comprar todos aqueles artigos com meu salário mensal de engenheiro júnior numa fábrica de cimento.

---

1080 Trus, entrevista com a autora.
1081 Gagen-Torn, p. 77.
1082 Razgon, p. 138.
1083 Ekart, p. 192.
1084 Leipman, p. 69.

> "Quantos ternos você tem?", perguntou um dos agrônomos. "Seis ou sete."
>
> "Você está mentindo!", protestou um homem de não mais que 25 anos. Depois, voltou-se para os outros e disse: "Por que é que temos de tolerar essas histórias absurdas? Para tudo há limite; não somos criancinhas".
>
> Eu encontrava dificuldade para esclarecer que, no Ocidente, uma pessoa comum que se preocupasse um pouco com a aparência procuraria ter vários ternos, pois as roupas duram mais quando podemos tirá-las de tempos em tempos. Para um membro da intelligentsia russa, o qual raramente possuía mais de um terno, era difícil entender isso.[1085]

John Noble, americano pego em Dresden, também se tornou um "VIP de Vorkuta" e regalava os companheiros de campo com histórias sobre a vida nos Estados Unidos, as quais eles consideravam inacreditáveis. "Johnny", disse-lhe um deles, "você vai querer nos fazer acreditar que os trabalhadores americanos têm carro próprio."[1086]

Mas, embora esses estrangeiros despertassem admiração, isso também os impedia de estabelecer os contatos estreitos que sustinham tantos prisioneiros nos campos. Flora Leipman escreveria que "até minhas novas 'amigas' do campo tinham medo de mim, já que era estrangeira mesmo para elas".[1087] Antoni Ekart, quando se viu como único preso não-russo num lagpunkt, sofreu porque os cidadãos soviéticos não gostavam dele e porque o sentimento era recíproco. "Estava envolto pelo cheiro de aversão, quando não de ódio [...] ressentiam-se do fato de que eu não era como eles. A cada momento, eu percebia a desconfiança, a estultice, a má vontade, a vulgaridade inata. Tive de ficar muitas noites sem dormir, para proteger a mim e a meus pertences."[1088]

Mais uma vez, os sentimentos de Ekart evocam uma época anterior. A descrição de Dostoievski do relacionamento entre criminosos polacos e russos no século XIX faz pensar que os ancestrais de Ekart tinham vivenciado a mesma coisa:

> Os poloneses (falo apenas dos presos políticos) tinham para com eles uma espécie de polidez refinada e insultante; eram extremamente fechados e não conseguiam de modo algum esconder dos condenados a repulsa que sentiam por eles; os condenados, por sua vez, percebiam isso muitíssimo bem e pagavam na mesma moeda.[1089]

Em posição ainda mais delicada, estavam os muçulmanos e outros presos da Ásia central e de algumas das repúblicas do Cáucaso. Sofriam com o mesmo desnorteamento que os ocidentais, mas em geral não conseguiam entreter nem interessar os russos. Conhecidos como natsmeny - acrônimo do termo russo para "minorias nacionais" -, eram parte da vida no Gulag desde o final dos anos 1920. Grande número deles fora aprisionado durante a pacificação (e

---

[1085] Ekart, pp. 67-68.
[1086] Noble, p. 121.
[1087] Leipman, p. 89.
[1088] Ekart, p. 191.
[1089] Dostoevsky, p. 51.

sovietização) da Ásia central e do Cáucaso setentrional e mandado para trabalhar no Canal do Mar Branco, onde um coetâneo escreveu que, "para eles, tudo é difícil de entender: as pessoas que os dirigem, o canal que estão construindo, a comida que estão consumindo".[1090] A partir de 1933, muitos trabalharam também no Canal Moscou-Volga, onde os chefes do campo parecem ter-se compadecido deles. Em certa altura, ordenaram a seus subordinados que estabelecessem alojamentos e turmas de trabalho distintos para esses presos, de modo que pudessem pelo menos cercar-se de patrícios.[1091] Posteriormente, Gustav Herling toparia com eles num campo madeireiro do norte. Lembrar-se-ia de vê-los toda noitinha na enfermaria do campo, esperando para ser atendidos pelo médico do campo:

> Mesmo na sala de espera, ficavam segurando a barriga, com dor, e, tão logo iam para a consulta, irrompiam em lamúrios aflitos, nos quais os gemidos se misturavam de maneira indistinta com o precário e curioso russo que falavam. Não havia remédio para a doença deles [...] estavam simplesmente perecendo de fome, de frio, da monótona brancura da neve, das saudades da terra natal. Seus olhos repuxados, desacostumados à paisagem setentrional, estavam sempre lacrimejantes, e suas pestanas ficavam coladas uma à outra por uma pequena crosta amarela. Nos raros dias em que ficavam livres do trabalho, os uzbeques, turcomanos e quirguizes se juntavam num canto do alojamento e punham suas roupas de festa - longos e coloridos mantos de seda e barretes bordados. Era impossível adivinhar do que falavam com tanta animação e entusiasmo, gesticulando, berrando uns com os outros e balançando tristemente as cabeças, mas eu tinha certeza de que não era a respeito do campo.[1092]

A vida não se mostrava muito melhor para os coreanos - em geral cidadãos soviéticos daquela origem -, nem para os japoneses -dos quais espantosos 600 mil chegaram ao Gulag e aos campos de prisioneiros de guerra no fim do conflito mundial. Os japoneses sofriam em especial com a comida, que lhes parecia não apenas escassa, mas também estranha e praticamente inconsumível. Em conseqüência, catavam e consumiam coisas que se assemelhavam igualmente incomestível aos outros presos: ervas silvestres, insetos, besouros, cobras e cogumelos que nem os russos comiam. De vez em quando, essas iniciativas acabavam mal: há registros de prisioneiros japoneses que morreram da ingestão de ervas ou capins venenosos.[1093] Uma indicação de quão isolados eles se sentiam aparece nas memórias de um preso russo que, numa biblioteca de campo, encontrou um folheto em japonês -tratava-se de um discurso do bolchevique Zhdanov. O russo o levou a um japonês seu conhecido, prisioneiro de guerra. "Pela primeira vez, eu o vi feliz de verdade. Mais tarde, disse-me que lia o folheto todos os dias, apenas para ter contato com o idioma natal."[1094]

Algumas das outras nacionalidades do Extremo Oriente se adaptavam com mais facilidade. Vários memorialistas mencionam a forte organização dos chineses. Destes, alguns eram "soviéticos", nascidos na URSS; outros,

---

[1090] Chukhin, Kanaloarmeetsi, pp. 164-67.
[1091] GARF, 9489/2/5.
[1092] Herling-Grudzinski, p. 25.
[1093] S. I. Kuznetsov.
[1094] Polonskii.

trabalhadores que haviam imigrado legalmente nos anos 1920; e outros ainda, desafortunados que, por acidente ou capricho, haviam atravessado a longa fronteira sino-soviética. Um preso se recordaria de que um chinês lhe contou que ele, assim como muitos outros, fora aprisionado porque atravessara o rio Amur a nado, atraído pela vista do lado soviético:

> O verde e o dourado das árvores [e] as estepes pareciam tão belas! E, em nossa região, nenhum dos que cruzavam o rio jamais voltava. Pensávamos que isso só podia significar que a vida era boa do lado de cá e, assim, resolvíamos atravessar. No instante em que chegávamos, éramos detidos e acusados segundo o artigo 58, parágrafo 6º Espionagem. Pena de dez anos.[1095]

Dmitri Panin - um dos companheiros de campo de Soljenitsin - lembraria que, no Gulag, os chineses "só se comunicavam entre si; à guisa de resposta a qualquer de nossas perguntas, faziam cara de incompreensão".[1096] Karlo Stajner recordaria que eles eram ótimos na hora de arrumar bons trabalhos uns para os outros: "Em toda a Europa, os chineses são famosos malabaristas, mas, nos campos, eram usados na lavanderia. Não me lembro de ter visto algum trabalhador não-chinês nas lavanderias dos campos pelos quais passei".[1097]

No Gulag, os grupos étnicos mais influentes eram, de longe, os baltas e os oeste-ucranianos que haviam sido varridos em massa para os campos de concentração durante e após a guerra (ver capítulo 20).

Menos numerosos, mas também influentes, eram os poloneses, sobretudo os guerrilheiros anticomunistas, que igualmente apareceram nos campos na segunda metade da década de 1940 - assim como os tchetchenos, os quais Soljenitsin descreveria como "a única nação que se recusava a desistir e a adquirir os hábitos mentais da submissão" e que, de diversas maneiras, sobressaía entre os outros caucásios.[1098] A força desses grupos étnicos específicos estava nos números e na clara oposição à URSS, cuja invasão de seus respectivos países eles consideravam ilegal. Os poloneses, baltas e ucranianos do pós-guerra também tinham experiência militar e guerrilheira, e, em alguns casos, suas organizações de luta clandestina se mantiveram nos campos. Logo depois da guerra, o estado-maior geral do Exército Rebelde Ucraniano - UPA, um dos vários grupos que combatiam pelo controle da Ucrânia naquela época -, divulgou um comunicado a todos os compatriotas que haviam sido degredados ou mandados para o Gulag: "Onde quer que estejais, nas minas, nas florestas ou nos campos de concentração, sempre permanecei o que fostes, continuai sendo ucranianos fiéis e prossegui nossa luta".

Nos campos, ex-guerrilheiros se ajudavam conscientemente e cuidavam dos recém-chegados. Adam Galinski, que lutara no Exército da Pátria, a guerrilha anticomunista da Polônia, durante e após a guerra, escreveria: "Zelávamos especialmente pela mocidade do Exército da Pátria e mantínhamos seu moral, que era o mais elevado na degradante atmosfera de declínio espiritual que

---

[1095] MacQueen.
[1096] Panin, p. 187.
[1097] Stajner, p. 203.
[1098] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. III, p. 401.

prevalecia entre os diversos grupos nacionais aprisionados em Vorkuta".[1099]

Em anos posteriores, quando adquiririam mais poder para influenciar o andamento das coisas nos campos, os poloneses, baltas e ucranianos - assim como os georgianos, armênios e tchetchenos -, também formavam suas próprias turmas de trabalho, dormiam à parte em alojamentos dispostos conforme a etnia e organizavam comemorações de seus feriados nacionais. Às vezes, esses grupos poderosos cooperavam uns com os outros. O autor polonês Aleksander Wat escreveria que, nas prisões soviéticas, os polacos e ucranianos - inimigos figadais durante a guerra, quando seus movimentos guerrilheiros se confrontaram em cada centímetro do território da Ucrânia ocidental - se relacionavam "com reticência, mas com incrível lealdade. 'Somos inimigos, mas não aqui'".[1100]

De outras vezes, esses grupos étnicos competiam tanto entre si quanto com os russos. Lyudmila Khachatryan, aprisionada por ter-se apaixonado por um soldado iugoslavo, recordaria que os ucranianos de seu campo se recusavam a trabalhar com os russos.[1101] Os movimentos nacionais de resistência, escreveria outro observador, "caracterizam-se, de um lado, pela hostilidade ao regime e, de outro, pela hostilidade aos russos". Edward Buca se lembraria de uma hostilidade mais generalizada - "era incomum um preso dar qualquer assistência a alguém de outra nacionalidade" -,[1102] embora Pavel Negretov, o qual estava em Vorkuta à mesma época que Buca, achasse que a maioria das nacionalidades só não se dava bem quando sucumbia às "provocações" da administração - "por meio de seus informantes, ela tentava [...] fazer que brigássemos".[1103]

No final dos anos 1940, quando os vários grupos étnicos assumiram o papel da bandidagem como policiais de facto nos campos, eles às vezes lutavam entre si pelo controle. Marlen Korallov recordaria que "começaram a disputar o poder, e este significava muito: controlar o refeitório, por exemplo, importava bastante, pois o cozinheiro trabalharia diretamente para quem fosse seu senhor". Naquele tempo, segundo Korallov, o equilíbrio entre os diversos grupos era delicadíssimo e podia ser abalado pela chegada de um novo contingente de presos. Quando, por exemplo, um grupo de tchetchenos veio para o lagpunkt de Korallov, eles entraram nos alojamentos, "jogaram suas coisas nos beliches mais próximos do chão [naquele campo, os leitos "aristocráticos" eram os mais baixos] e instalaram-se ali com todas as suas posses".[1104]

No final dos anos 1940, Leonid Sitko - que ficara num campo de prisioneiros de guerra alemão e depois fora novamente preso quando voltou para a Rússia - testemunhou uma batalha muito mais séria entre tchetchenos, russos e ucranianos. A discussão começou com uma disputa pessoal entre "brigadeiros" e foi aumentando - "virou guerra, uma guerra total". Os tchetchenos organizaram um ataque a um alojamento russo, e muitos foram feridos. (Mais tarde, todos os cabeças acabaram indo para uma cela punitiva.) Sitko explicaria que, embora as disputas fossem por influência nos campos, elas

---

[1099] Hoover, Coleção Adam Galinski.
[1100] Wat, p. 147.
[1101] Khachatryan, entrevista com a autora.
[1102] Buca, p. 122.
[1103] Negretov, entrevista com a autora.
[1104] Korallov, entrevista com a autora.

tinham origem em sentimentos nacionais mais profundos: "Os baltas e os ucranianos achavam que russos e soviéticos eram a mesma coisa. Embora não faltassem russos no campo, isso não os impedia de ver esses últimos como invasores e ladrões".

Certa vez, o próprio Sitko foi abordado no meio da noite por um grupo de oeste-ucranianos:

> "Seu nome é ucraniano", disseram-me. "Você é o quê? Algum traidor?"
>
> Expliquei que fora criado no norte do Cáucaso, numa família que falava russo, e que não sabia por que tinha nome ucraniano. Ficaram um pouco e depois partiram. Podiam ter-me matado - estavam com uma faca.[1105]

Uma prisioneira e recordaria de que as diferenças nacionais não eram "nada lá muito importantes", mas também brincaria comentando que isso só não se aplicava aos ucranianos, os quais simplesmente "odiavam todos os demais".[1106]

Na maioria dos campos, por estranho que possa parecer, não havia nenhum clã para os russos, o grupo étnico que, segundo as próprias estatísticas do sistema, constituiu a clara maioria dos prisioneiros durante toda a existência do Gulag.[1107] E bem verdade que os russos se associavam segundo a cidade ou região de que viessem. Moscovitas descobriam outros moscovitas; leningradenses, outros leningradenses; e assim por diante. Em certa altura, Vladimir Petrov foi ajudado por um médico que lhe perguntou:

> "Antes você fazia o quê?" "Estudava em Leningrado."
>
> "Ah, então somos conterrâneos - ótimo!", disse o médico, dando-me tapinhas nas costas.[1108]

Com freqüência, os oriundos de Moscou eram particularmente poderosos e organizados. Leonid Trus, aprisionado quando ainda era estudante, recordaria que, no campo, os moscovitas mais velhos formavam uma rede forte, da qual ele ficou de fora. Em certa ocasião, quando quis pegar emprestado um livro da biblioteca do campo, precisou primeiro convencer o bibliotecário, membro daquele clã, de que podiam confiar-lhe o exemplar.[1109]

No mais das vezes, porém, esses laços eram fracos, proporcionando ao preso não mais que a companhia de pessoas que se lembravam da rua em que morara ou da escola que freqüentara. Enquanto outros grupos étnicos formavam redes completas de auxílio mútuo - achando lugar para os recém-chegados nos alojamentos, ajudando-os a obter tarefas mais leves -, os russos não o faziam. Ariadna Éfron escreveria que, ao chegar a Turukhansk, para onde fora banida com outras prisioneiras quando terminou de cumprir sua pena no Gulag, outros degredados que já moravam ali vieram receber o trem:

---

[1105] Sitko, entrevista com a autora.
[1106] Purizhinskaya, entrevista com a autora.
[1107] GARF, 9414/1/206 (estatísticas nacionais de 1954).
[1108] Petrov, pp. 119-37.
[1109] Trus, entrevista com a autora.

> Um judeu separou as judias em nosso grupo, deu-lhes pão, explicou como deviam portar-se e o que deviam fazer. Então, um grupo de georgianas foi recepcionada por um patrício... E, depois de algum tempo, só restávamos nós, as russas, talvez dez ou quinze. Ninguém veio até nós, ofereceu-nos pão nem nos aconselhou.[1110]

Ainda assim, havia algumas distinções entre os detentos russos - distinções baseadas mais na ideologia que na etnia. Nina Gagen-Torn registraria que "a clara maioria das mulheres dos campos considerava aquela sina e aquele sofrimento um infortúnio acidental, sem procurar os motivos". Contudo, para as que "descobriam por si mesmas algum tipo de explicação para o que acontecia e passavam a acreditar nele, as coisas ficavam mais fáceis".[1111] Entre as que tinham uma explicação, estavam principalmente as comunistas; ou seja, as prisioneiras que continuavam a alegar inocência, professar lealdade à URSS e acreditar, contra todos os indícios, que todas as demais eram de fato inimigas e deviam ser evitadas. Anna Andreevna se recordaria de que as comunistas se procuravam umas às outras. "Elas se localizavam mutuamente e se mantinham juntas. Eram gente limpa, soviética, e achavam que todas as restantes eram criminosas."[1112] Chegando ao Minlag no começo dos anos 1950, Susanna Pechora conta que as viu "sentadas num canto e dizendo umas às outras: 'Somos boas soviéticas, viva Stalin, não somos culpadas, e nosso Estado nos livrará da companhia de todas essas inimigas'".[1113]

Tanto Susanna Pechora quanto Irena Arginskaya (prisioneira em Kengir na mesma época) lembram que a maioria das integrantes desse grupo pertencia ao mesmo segmento de membros de alto escalão do Partido presos em 1937 e 1938. Na maior parte, eram pessoas mais velhas; Irena lembra que eram freqüentemente agrupadas nos campos para inválidos, lugares que ainda continham muita gente aprisionada durante o Grande Terror. Anna Larina, mulher do líder soviético Nikolai Bukharin, foi desses indivíduos que, encarcerados naquela fase anterior, de início se mantiveram fiéis à Revolução. Quando ainda estava na detenção, escreveu um poema para comemorar o aniversário da Revolução de Outubro:

> Embora esteja atrás das grades,
> Sentindo a angústia dos condenados,
> Ainda assim celebro este dia
> Junto com minha feliz pátria.
> Hoje tenho uma nova crença:
> Retornarei à vida
> E de novo marcharei com minha seção do Konsomol,
> Ombro a ombro, pela praça Vermelha!

Posteriormente, Anna viria a considerar tais versos "os delírios de uma lunática". Na época, entretanto, ela os recitou para as esposas encarceradas dos velhos bolcheviques, e estas "reagiram com lágrimas e aplausos comovidos".[1114]

---

[1110] Federolf, p. 234.
[1111] Gagen-Torn, p. 205.
[1112] Ereevna, entrevista com a autora.
[1113] Pechora, entrevista com a autora.
[1114] Larina, p. 159.

Em Arquipélago Gulag, Soljenitsin dedica um capítulo aos comunistas, a quem denomina (de modo não muito generoso) "duplipensantes". O escritor se admirava com a capacidade desses indivíduos para explicar até a detenção, tortura e reclusão deles próprios como "obra muito astuciosa dos serviços estrangeiros de espionagem", "sabotagem em enorme escala", "complô da NKVD local" ou "traição". Alguns vinham com uma explicação ainda mais magistral: "Essa repressão é uma necessidade histórica no desenvolvimento de nossa sociedade".[1115] Depois, alguns daqueles legalistas também escreveriam memórias, de bom grado publicadas pelo regime soviético. Em 1964, por exemplo, Uma história de sobrevivência, romance curto de Boris Dyakov, foi veiculado pelo periódico Oktyabr com a seguinte introdução: "A força da narrativa de Dyakov reside no fato de que trata de autênticos soviéticos, autênticos comunistas. Em circunstâncias difíceis, eles nunca perderam a humanidade, mantiveram-se fiéis a seus ideais do Partido e dedicaram-se à pátria". Todorsky, um dos heróis de Dyakov, conta como ajudou um tenente da NKVD a redigir um discurso sobre a história do Partido. Em outra ocasião, diz ao oficial de segurança do campo que, apesar de seu injusto encarceramento, ele se considera um verdadeiro comunista: "Não sou culpado de nenhum crime contra a autoridade soviética. Portanto sou, e permanecerei, comunista". O oficial, major Yakovlev, o aconselha a não fazer alarde: "Por que ficar berrando isso? Você acha que todo mundo aqui no campo adora os comunistas?".[1116]

E de fato não adoravam: os abertamente comunistas eram muitas vezes suspeitos de trabalhar, às escondidas ou não, para as autoridades dos campos. Escrevendo sobre Dyakov, Soljenitsin observa que as memórias dele parecem deixar de fora algumas coisas. Em troca de quê, pergunta, o oficial de segurança Sokovikov concordava em postar secretamente as cartas de Dyakov, driblando o censor do campo? "Esse tipo de amizade... tinha origem em quê?"[1117] Na realidade, os arquivos hoje mostram que Dyakov fora agente da polícia secreta a vida toda (com o codinome "Pica-pau") e continuara a ser informante no Gulag.[1118]

O único grupo que superava os comunistas em matéria de fé absoluta eram os cristãos da Igreja Ortodoxa, assim como os seguidores das várias seitas protestantes que também sofriam perseguição política na URSS: batistas, testemunhas-de-jeová e variantes russas dessas doutrinas. Eram presença particularmente forte nos campos femininos, onde as conheciam pela expressão coloquial monashki (freiras). Anna Andreevna recordaria que, no final dos anos 1940, no campo feminino da Mordóvia, "a maioria das prisioneiras eram devotas" que se organizavam de modo que, "nos dias santos, as católicas trabalhassem para as ortodoxas, e vice-versa".[1119]

Como já observamos, algumas dessas seitas se negavam totalmente a cooperar com o Satã soviético, e seus membros não trabalhavam nem assinavam nenhum documento oficial. Nina Gagen-Torn descreve uma devota que foi libertada por motivo de saúde, mas que se recusou a deixar os campos. "Não reconheço vossa autoridade", disse ao guarda que se prontificou a dar-lhe os documentos necessários e mandá-la para casa. "Vosso poder é

---

[1115] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 330.
[1116] Dyakov, pp. 60-67.
[1117] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 351-52.
[1118] Shentalinsky, pp. 163-65.
[1119] Ereevna, entrevista com a autora.

ilegítimo, o anticristo aparece em vossos salvo-condutos [...] Se eu sair, vós me prendereis outra vez. Não há razão para partir.[1120] A finlandesa Aino Kuusinen estava num campo com um grupo de prisioneiras que se recusavam a usar números de identificação nas roupas; em vista disso, "os números lhes eram marcados na própria pele", e essas mulheres eram obrigadas a comparecer nuas em pêlo às chamadas da manhã e da noite.[1121]

Soljenitsin conta a história (repetida de variadas formas por outros) de um grupo de membros de uma seita que foram levados para Solovetsky em 1930. Rejeitavam tudo o que viesse do "anticristo", negando-se a usar o dinheiro ou os salvo-condutos soviéticos. Como punição, foram mandados para uma pequena ilha daquele arquipélago, onde lhes disseram que só receberiam alimento se concordassem em assinar a documentação necessária. Negaram-se a fazê-lo. Dali a dois meses, haviam todos morrido de inanição. Segundo uma testemunha ocular, o barco seguinte para a ilha "só encontrou cadáveres bicados pelos pássaros".[1122]

Mesmo os devotos que trabalhavam não necessariamente se misturavam com os outros presos; às vezes, até se recusavam a falar o que fosse com eles. Aglutinavam-se nos alojamentos, observando absoluto silêncio ou então entoando suas preces e cânticos nos horários de rigor:

> Fiquei atrás das grades
> Lembrando como Cristo
> Humilde e mansamente carregou Sua pesada Cruz,
> Com penitência, até o Gólgota.[1123]

Os mais extremados tendiam a despertar sentimentos conflitantes nos outros presos. De modo jocoso, Irena Arginskaya, prisioneira indiscutivelmente laica, lembraria que "todas as abominávamos", em especial aquelas que, por motivo religiosos, se negavam a tomar banho.[1124] Segundo Nina Gagen-Torn, outras prisioneiras se queixavam daquelas que se recusavam a trabalhar: "A gente trabalha, e elas não! E comem o pão do mesmo jeito!"[1125]

Num sentido, porém, os homens e mulheres que chegavam a um campo e na mesma hora se integravam num clã ou seita se mostravam afortunados. Para quem era membro, as gangues, as nacionalidades mais militantes, os comunistas fiéis e as seitas religiosas proporcionavam de imediato comunidades, redes de auxílio mútuo, companhia. Já a maior parte dos presos políticos, e a maior parte dos criminosos "ordinários" - a imensa maioria dos habitantes do Gulag -, não se ajustava tão facilmente a este ou aquele grupo. Então, constatava que assim era mais difícil aprender a sobreviver no campo, a lidar com a moralidade e a hierarquia dali. Sem forte rede de contatos, essas pessoas tinham de descobrir por si mesmas as regras para melhorar de situação.

---

[1120] Gagen-Torn, p. 208.
[1121] Kuusinen, p. 202.
[1122] Solzhenityn, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 65-66.
[1123] Ulyanovskaya, p. 300.
[1124] Arginskaya, entrevista com a autora.
[1125] Gagen-Torn, p. 208.

## 15. AS MULHERES E AS CRIANÇAS

*A prisioneira que era a enfermeira do alojamento me saudou com um grito: "Corra para ver o que está debaixo do seu travesseiro!"*

*Meu coração deu um pulo: talvez eu enfim houvesse conseguido minha ração de pão!*

*Corri para a cama e afastei bruscamente o travesseiro. Debaixo dele, havia três cartas de casa - três cartas inteiras! Fazia seis meses que eu não recebia nenhuma correspondência.*

*Minha primeira reação foi de profundo desapontamento. E depois... de horror.*

*No que eu me transformara se agora um pedaço de pão era mais importante que cartas de minha mãe, meu pai, meus filhos?... Esqueci totalmente o pão e chorei.*

Olga Adamova-Sliozberg, Minha jornada.[1126]

Cumpriam as mesmas metas de produção e tomavam a mesma sopa aguada. Habitavam o mesmo tipo de alojamento e viajavam nos mesmos vagões de gado. Suas roupas eram quase idênticas, e seu calçado, igualmente inadequado. Sob interrogatório, não recebiam tratamento diferente. E no entanto... A experiência de homens e mulheres nos campos não era exatamente a mesma.

Por certo, muitas sobreviventes estão convencidas de que havia muitas vantagens em ser mulher no Gulag. As mulheres eram melhores quando se tratava de tomar cuidados consigo mesmas, de manter as roupas remendadas e o cabelo limpo. Pareciam mais capazes de subsistir com pouca quantidade de alimento e não sucumbiam tão facilmente à pelagra e a outras doenças da inanição.[1127] Formavam amizades fortes e se ajudavam umas às outras de maneiras que os homens presos não conseguiam reproduzir. Margarete Buber-Neumann registra que uma das mulheres detidas com ela na prisão Butyrka viera usando um vestido leve de verão que logo ficou em farrapos. As outras detentas na cela resolveram confeccionar um novo:

> Fizeram uma vaquinha e compraram meia dúzia de toalhas de linho russo cru. Mas como cortar o vestido sem tesouras? Um pouco de engenhosidade resolveu o problema. O molde foi marcado com pontas de fósforo queimado; o tecido foi dobrado seguindo as linhas assim marcadas; e um fósforo aceso foi rapidamente passado pelas dobras. Quando se desdobrou o tecido, o fogo já o cortara o suficiente nas dobras. Conseguiu-se algodão para linha tirando cuidadosamente fios soltos de outras roupas [...].
>
> Esse vestido feito de toalha (ele se destinava a uma letã gorda) passou de mão em mão e ganhou maravilhosos bordados na gola, nas mangas e na barra. Quando enfim ficou pronto, foi umedecido e dobrado com esmero. Naquela noite, a feliz proprietária dormiu sobre ele [para

---

[1126] Vilenskii, Till My Taleis Told, p. 53-54.
[1127] Por exemplo, Vilensky, entrevista com a autora.

"passá-lo"]. Acredite se quiser, mas, quando ela o mostrou de manhã, estava realmente lindo; não teria envergonhado a vitrine de uma loja da moda.[1128]

Contudo, entre muitos ex-presos do sexo masculino, prevalece o ponto de vista oposto: moralmente, as mulheres decaíam mais depressa que os homens. Graças ao sexo, dispunham de oportunidades especiais para obter melhor classificação laborai, ganhando trabalho mais fácil e, com isso, status superior nos campos. Em conseqüência, desorientavam-se, perdendo o rumo no mundo áspero do Gulag. Gustav Herling escreve, por exemplo, sobre uma "cantora da Opera de Moscou, de cabelos negros", que foi presa por "espionagem". Dada a severidade da sentença, designaram-na para o trabalho na floresta tão logo chegou ao Kargopollag.

> Infelizmente para ela, foi desejada por Vanya, o urka [mafioso] baixinho que estava encarregado de sua turma de trabalho. Foi posta para descascar troncos com um machado enorme, que ela mal conseguia levantar. À noite, tendo ficado muito atrás dos vigorosos lenhadores, chegou à zona prisional quase sem forças para arrastar-se até a cozinha e pegar sua "primeira caldeirada" [a ração de sopa mais fraca] [...] era óbvio que estava febril, mas o enfermeiro era amigo de Vanya e não quis liberá-la do trabalho.

Ela acabou cedendo, primeiro para Vanya e finalmente para "algum chefe do campo" que a "trouxe do monturo e a colocou atrás de uma escrivaninha no escritório da contabilidade".[1129]

Havia sinas piores, como Herling também descreve. Ele fala, por exemplo, de uma moça polonesa à qual um "júri informal de urki" deu nota bem alta. De início,

> ela saía para trabalhar de cabeça erguida c, com olhar dardejante de Cúria, repelia todo homem que se aventurasse perto dela. A noitinha, voltava mais humilde do trabalho, mas ainda intocável e recatadamente altiva. Ia direto da guarita de entrada para a cozinha, a fim de buscar sua porção de sopa, e não tornava a sair do alojamento das mulheres durante a noite. Por conseguinte, parecia que não seria logo vítima das caçadas noturnas na zona prisional.

Contudo, esse esforço inicial foi inútil. Após semanas de zelosa vigilância de seu supervisor, que a proibia de furtar uma cenoura ou batata podre que fosse no armazém onde ela trabalhava, a moça desistiu. Uma noite, o homem entrou n,o alojamento de Herling e, "sem dizer palavra, atirou em meu beliche uma calcinha rasgada". Foi o começo da transformação:

> A partir daquele momento, a moça sofreu uma mudança completa. Já não se apressava para ir pegar a sopa na cozinha; após o retorno do trabalho, vagava pela zona prisional até tarde da noite, como uma gata no cio. Quem quisesse a possuía, no beliche, debaixo do beliche, nos cubículos à parte dos especialistas técnicos, no depósito de roupas. Sempre que topava comigo, ela olhava para o outro lado e franzia

---

[1128] Buber-Neumann, p. 38.
[1129] Herling, p. 136.

> convulsivamente os lábios. Certa vez, ao entrar no depósito de batatas no centro do campo, eu a surpreendi numa pilha de batatas com o corcunda Levkovich, o mestiço que era chefe de turma da 56a; a moça teve um acesso de choro, e quando voltou para a zona prisional à noite estava segurando as lágrimas, com as mãozinhas crispadas.[1130]

Essa é a versão de Herling para uma história contada com freqüência - uma história que, é preciso dizer, sempre parece um tanto diferente quando narrada do ponto de vista da mulher. Outra versão é contada, por exemplo, por Tamara Ruzhnevits, cujo "romance" no campo começou com uma carta -"uma carta-padrão de amor, uma carta tipicamente dos campos" -, de Sasha, jovem com o confortável trabalho de sapateiro, o que o transformava em parte da aristocracia do lugar. Era uma carta curta e direta: "Vamos morar juntos, e aí eu ajudo você". Alguns dias depois de enviá-la, Sasha puxou Tamara de lado, querendo saber a resposta. "Você vai ou não vai morar comigo?", perguntou. A reposta foi negativa. Ele a espancou com um bastão de metal. Depois, carregou-a para o hospital, onde o status especial de sapateiro lhe dava influência, e mandou a equipe médica cuidar bem de Tamara. Ela ficou ali vários dias, recuperando-se dos ferimentos. Ao receber alta, tendo tido bastante tempo para pensar no assunto, voltou para Sasha. Do contrário, ele a teria espancado de novo.

"Assim começou minha vida doméstica", escreveria Tamara. Os benefícios foram imediatos. "Ganhei saúde, passei a usar bons sapatos, já não precisava mais vestir sabe-se lá que trapos - tinha casaco novo, calças novas [...] até chapéu novo." Muitas décadas depois, descreveria Sasha como "meu primeiro verdadeiro amor". Infelizmente, ele logo foi mandado para outro campo, e Tamara nunca mais o viu. Pior: o homem responsável pela transferência de Sasha também desejava Tamara. Já que "não havia saída", ela começou a dormir com ele também. Embora não descreva nenhum sentimento amoroso pelo homem, Tamara recorda que esse arranjo tinha igualmente suas vantagens: ganhou passe para deslocar-se fora do campo sem guarda e teve um cavalo só para si.[1131]

O relato de Tamara Ruzhnevits, da mesma maneira que o de Gustav Herling, pode ser considerado uma história de degradação moral. Ou, então, de sobrevivência.

Do ponto de vista dos administradores, nada disso devia acontecer. Em princípio, homens e mulheres nem podiam estar juntos no mesmo campo, e há presos que dizem não ter posto os olhos numa mulher durante anos e anos. Tampouco os comandantes de campo tinham alguma vontade especial de contar com prisioneiras. Fisicamente mais fracas, eram suscetíveis a tornar-se um peso morto quando se tratava de cumprir as metas produtivas, e, por isso, alguns comandantes tentavam rejeitá-las. Em certa altura, em fevereiro de 1941, a direção do Gulag até mandou carta a toda a liderança da NKVD e todos os comandantes de campo, instruindo-os severamente a aceitar comboios de prisioneiras e arrolando todas as atividades em que as mulheres poderiam atuar com proveito. A carta menciona a indústria leve e a indústria têxtil; a carpintaria e a metalurgia; certos tipos de serviço madeireiro; a carga e

[1130] Ibid., pp. 134-35.
[1131] Levinson, pp. 72-75.

descarga de mercadorias.[1132]

Talvez por causa das objeções dos comandantes dos campos, o número de mulheres que eram de fato enviadas para lá sempre permaneceu relativamente baixo (tal qual, aliás, o número de mulheres executadas durante os expurgos de 1937-8). Segundo as estatísticas oficiais, em 1942, por exemplo, só uns 13% da população do Gulag eram mulheres. Em 1945, essa proporção se elevou a 30%, em parte devido ao enorme contingente de presos do sexo masculino que foram convocados e mandados para a frente de batalha; e em parte devido às leis que proibiam os operários fabris de largar seus empregos - e que causaram a prisão de muitas jovens.[1133] Em 1948, as mulheres eram 22%, tornando depois a cair, agora para 17%, em 1951 e 1952.[1134] E mesmo esses números não refletem a verdadeira situação, pois as mulheres tinham muito mais probabilidade de cumprir pena nas "colônias" de trabalho leve. Nos grandes campos industriais do extremo norte, elas eram ainda menos numerosas, e sua presença, ainda mais rara.

No entanto, o número menor implicava que as mulheres - assim como o alimento, o vestuário e outros pertences - estavam quase sempre em falta. Por isso, embora talvez apresentassem pouco valor econômico para quem compilava as estatísticas de produção dos campos, elas tinham outro tipo de valor para os presos, os guardas e os trabalhadores livres do Gulag. Nos campos em que os contatos entre presos de ambos os sexos eram mais ou menos livres - ou nos lugares em que, na prática, certos homens tinham acesso aos campos femininos -, as mulheres com freqüência ouviam cantadas, sofriam abordagens atrevidas ou, mais comumente, recebiam propostas de alimento e trabalho fácil em troca de favores sexuais. Isso talvez não fosse característica exclusiva do Gulag. Em 1999, por exemplo, um relatório da Anistia Internacional sobre presidiárias americanas revelou casos de guardas e presos que estupravam detentas; de presos que subornavam guardas para ter acesso a elas; de mulheres que sofriam revistas íntimas de guardas do sexo masculino.[1135] No entanto, as estranhas hierarquias sociais do Gulag levavam mulheres a ser estupradas e humilhadas num grau incomum até para o mundo das prisões.

Para começo de conversa, o destino da prisioneira dependia muito de seu status e posição nos vários clãs do campo. Dentre a bandidagem, as mulheres se submetiam a um sistema de normas e rituais complexos e eram tratadas com muito pouco respeito. Segundo Variam Shalamov, "o criminoso de terceira ou quarta geração aprende desde a infância a ver as mulheres com desprezo [...] a mulher, ser inferior, fora criada apenas para satisfazer o apetite animal do criminoso, para ser o alvo de piadas grosseiras e a vítima de surras públicas quando o bandido resolvesse 'agitar um pouco'". Na prática, as prostitutas "pertenciam" a chefões e podiam ser trocadas, mercadejadas e até herdadas por algum irmão ou amigo do criminoso, caso este fosse morto ou transferido para outro campo. Quando ocorria uma troca de donos, "em geral as partes interessadas não caíam no tapa, e a prostituta sujeitava-se a dormir com o novo amo. Na bandidagem, não havia nenhum ménage à trois em que dois homens compartilhassem a mesma mulher Tampouco era possível a uma

---

[1132] GARF, 9401/1a/107.

[1133] Ver, por exemplo, Alin, pp. 157-60 e Evstonichev, pp. 19-20.

[1134] Estatísticas compiladas de várias fontes, GARF. Agradeço a Alekser Kokurin por elas.

[1135] "Não Faz Parte de Minha Sentença: Violações dos Direitos Humanos de Mulheres em Custódia".

bandida viver com alguém que não fosse criminoso".[1136]

As mulheres não eram os únicos alvos. Entre os criminosos de carreira, o homossexualismo parece ter-se organizado segundo regras igualmente brutais. Na corte de alguns chefões, havia efebos, junto com as "esposas" que o criminoso possuía no campo, ou mesmo no lugar delas. Thomas Sgovio cita um chefe de turma de trabalho que tinha por "mulher" um rapaz que recebia comida extra em troca de seus favores.[1137] Todavia, é difícil descrever as normas que regiam a homossexualidade masculina nos campos, já que os memorialistas só mencionam o tema muito raramente - talvez porque, na cultura russa, o homossexualismo continue em parte a ser tabu e as pessoas prefiram não escrever sobre ele. Ademais, no Gulag, o homossexualismo parece ter-se restringido sobretudo aos bandidos - e poucos destes nos legaram memórias.

Entretanto, sabemos que, nos anos 1970 e 80, os criminosos soviéticos desenvolveram complicadíssimas regras de etiqueta homossexual. Os "passivos" eram condenados ao ostracismo pelo resto da sociedade prisional, comendo em mesas separadas e não dirigindo a palavra aos outros homens.[1138] Regras semelhantes, embora raras vezes descritas, parecem ter existido em alguns lugares já no final dos anos 30, quando PyotrYakir (então com quinze anos) testemunhou fenômeno análogo numa cela para menores delinqüentes. De início, ficou estarrecido ao ouvir os demais garotos falarem de suas experiências sexuais e achou que estivessem exagerando,

> mas estava enganado. Um dos rapazes guardara a ração de pão até a noite, quando perguntou a Mashka (que não comera nada o dia todo): "Você quer uma mordida?"
>
> "Quero", respondeu Mashka.
>
> "Então abaixe as calças."
>
>> A coisa aconteceu num canto, o qual era difícil de enxergar pela vigia da porta, mas à vista de todos na cela. Ninguém se surpreendeu, e fingi não estranhar nada daquilo. Houve muitos outros episódios desse tipo enquanto estive ali; os passivos eram sempre os mesmos garotos. Eram tratados como párias; não podiam beber da caneca coletiva e constituíam alvo de humilhações.[1139]

Nos campos, curiosamente, o lesbianismo era mais franco ou, pelo menos, mais amiúde citado. Entre as criminosas, também era muitíssimo ritualizado. As lésbicas eram designadas pelo pronome neutro (ono) e se dividiam entre as mais femininas ("éguas") e as mais masculinas ("maridos"). Segundo uma descrição, as primeiras eram às vezes "verdadeiras escravas", fazendo a limpeza para os "maridos" e cuidando deles, os quais adotavam apelidos masculinos e quase sempre fumavam.[1140] Falavam abertamente do lesbianismo e até o cantavam:

---

[1136] Shalamov, Kolyma Tales, pp. 415-31.
[1137] Sgovio, pp. 173-74.
[1138] Abramkin e Chesnokova, p. 18; Marchenko, To Live Like Everyone, p. 16.
[1139] Yakir, pp. 46-47.
[1140] Ulyanovskaya, pp. 388-91, e Lvov, memórias inéditas.

> Ah, obrigada, Stalin,
> Você fez de mim uma baronesa.
> Sou tanto vaca quanto touro,
> Fêmea e macho.[1141]

Também se identificavam pela indumentária e pelo comportamento. Uma polonesa escreveria:

> Todo o mundo sabe de casais assim, e elas não fazem nenhuma tentativa de ocultar seus hábitos. Em geral, quem faz o papel de homem usa roupas masculinas, corta o cabelo bem curto e fica com as mãos nos bolsos. Quando um desses casais é repentinamente tomado pela paixão, as duas se levantam correndo de seus assentos, largam as máquinas de costura, correm uma atrás da outra e, em meio a beijos desvairados, jogam-se no chão.[1142]

Valerii Frid menciona criminosas encarceradas que, vestidas de homem, faziam-se passar por hermafroditas. Uma "tinha cabelo curto, era bonitinha e usava calças de oficial"; outra parece ter mesmo tido uma deformação genital.[1143] Outra prisioneira ainda descreveria o "estupro" lésbio: viu um casal perseguir uma "mocinha quieta e recatada" atrás dos beliches, onde lhe romperam o hímen.[1144] Já nos círculos intelectuais, o lesbianismo parece ter sido visto com menos benevolência. Uma ex-prisioneira política o lembraria como "prática absolutamente revoltante".[1145] Mas, embora costumasse ser mais disfarçado no ambiente das "políticas", também existia entre estas, freqüentemente entre mulheres que tinham maridos e filhos em liberdade. Susanna Pechora me contou que, no Minlag, campo predominantemente habitado por presos políticos, as relações lésbicas "ajudavam algumas pessoas a sobreviver".[1146]

Voluntários ou forçados, homossexuais ou heterossexuais, os relacionamentos carnais nos campos compartilhavam, na maioria dos casos, o mesmo ambiente quase sempre brutal. Forçosamente, ocorriam com uma sem-cerimônia que muitos presos achavam escandalosa. Casais "arrastavam-se por baixo do arame farpado e faziam amor no chão, junto à latrina", disse um ex-prisioneiro.[1147] "O beliche coletivo segregado das mulheres vizinhas por uma cortina de trapos era cena clássica nos campos", escreve Soljenitsin.[1148] Uma vez, Isaak Filshtinskii acordou no meio da noite e deparou com uma mulher que dormia no leito ao lado do seu. Ela pulara o muro de fininho para ter relações com o cozinheiro do campo. "Afora eu, ninguém dormira naquela noite: tinham ficado ouvindo tudo com a maior atenção."[1149] A prisioneira Hava Volovich conta que "coisas que uma pessoa em liberdade pensaria cem vezes antes de fazer aconteciam ali com a mesma naturalidade que entre gatos de rua".[1150] Outro preso lembra que o amor, em especial entre os bandidos, era

---

[1141] Ulyanovskaya, ibid.
[1142] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[1143] Frid, pp. 186-87.
[1144] Lvov, memórias inéditas.
[1145] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[1146] Pechora, entrevista com a autora.
[1147] Ereevna, entrevista com a autora.
[1148] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 233.
[1149] Filshtinskii, entrevista com a autora.
[1150] Hava Volovich, "My Past", em Vilensky, TillMy Tale Is To/d, p. 260.

"animalesco".[1151]

De fato, o sexo era tão público que o tratavam com certa apatia: para alguns, o estupro e a prostituição se tornaram parte da rotina diária. Numa ocasião, Edward Buca estava trabalhando numa serraria junto com uma turma feminina quando chegou um grupo de bandidos condenados. Eles "agarraram as mulheres que queriam e as deitaram na neve, ou as possuíram contra uma pilha de toras. As mulheres pareciam acostumadas e não ofereceram resistência. Tinham sua própria chefe de turma, mas ela não objetava a essas interrupções, que, aliás, se afiguravam quase parte do trabalho".[1152] Lev Razgon também conta a história de uma moça loura, muito nova, com a qual por acaso deparou quando ela varria o pátio de uma unidade médica de campo de concentração. Na época, Razgon era trabalhador livre, em visita a um médico seu conhecido; e, embora não estivesse com fome, ofereceram-lhe um lauto almoço. Ele deu a comida à moça, que "comeu em silêncio, com asseio e educação, podendo-se ver que fora criada em família". De fato, fez Razgon lembrar-se da própria irmã.

> A mocinha acabou de comer e empilhou os pratos direitinho na bandeja de madeira. Depois, ergueu o vestido, tirou a calcinha e, segurando-a, voltou-se para mim sem sorrir.
>
> "No chão ou em outro lugar", perguntou.
>
> De início sem entender minha reação, e depois amedrontada com esta, a jovem se justificou, outra vez sem sorrir de modo algum: "As pessoas não me dão comida de outro jeito..."[1153]

Em alguns campos, também acontecia de certos alojamentos femininos se tornarem pouco menos que bordéis escancarados. Soljenitsin descreve um que era

> insuperavelmente sujo e dilapidado. Havia um cheiro opressivo, e os beliches não tinham roupa de cama. Existia uma proibição oficial de que homens entrassem ali, mas ela não era levada em conta, e ninguém a impunha. Lá, havia não só homens adultos, mas também adolescentes, meninos de doze a treze anos que afluíam para aprender [...]. Tudo ocorria muito sem cerimônia, como na natureza, à vista de todos e em vários lugares ao mesmo tempo. Para as mulheres de lá, as únicas defesas possíveis eram a velhice e a feiúra evidentes - nada mais.[1154]

Ainda assim... Em muitas memórias, indo diretamente contra os relatos de vulgaridade e sexo brutal, vêem-se histórias igualmente incríveis de amor nos campos, algumas das quais surgiram simplesmente da vontade das mulheres de protegerem-se. Conforme as normas idiossincráticas da vida no Gulag, mulheres que tinham um "marido dos campos" costumavam ser deixadas em paz pelos outros homens, num sistema que Gustav Herling denomina "o peculiar jus primae noctis[1155] do campo de concentração".[1156] Não eram

---

[1151] Lvov, memórias inéditas.
[1152] Buca, pp. 134-35.
[1153] Razgon, pp. 163-64.
[1154] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 233.
[1155] Em latim, referência ao pretenso direito que o suserano teria de passar a primeira noite com a esposa do vassalo. (N. T.)

necessariamente "casamentos" de iguais: por vezes, mulheres respeitáveis viviam com bandidos.[1157] Tampouco se davam necessariamente de livre e espontânea vontade, como bem mostra o exemplo de Tamara Ruzhnevits. Apesar disso, não seria rigorosamente correto defini-los como prostituição. Antes, escreve Valerii Frid, eram braki po raschetu, casamentos de interesse, "que às vezes eram também por amor". Mesmo se tais relacionamentos surgiam por motivos tão-somente práticos, os detentos os levavam a sério. "O zek se referia à amásia mais ou menos permanente como 'minha esposa' ", relata Frid. "E ela o chamava de 'meu marido'. Não se dizia isso de gozação: os relacionamentos no campo humanizavam nossas vidas."[1158]

E, por estranho que possa talvez parecer, presos que não estavam demasiado exaustos ou emaciados realmente procuravam o afeto amoroso. Nas memórias de Anatolii Zhigulin, inclui-se a descrição do romance que manteve com uma alemã, prisioneira política, a "boa e alegre Marta, de olhos cinzentos e cabelos louros". Posteriormente, Zhigulin soube que ela tivera um filho, o qual ganhou o nome Anatolii. (Isso foi no outono de 1951; dado que à morte de Stalin se seguiria uma anistia geral para os presos estrangeiros, Zhigulin presumia que "Marta e o menino, desde que não tivesse ocorrido algum infortúnio, houvessem voltado para casa".)[1159] Por vezes, as memórias de Isaac Vogelfanger, médico de campo de concentração, parecem uma ficção romântica em que o herói pisa em ovos entre os perigos do affaire com a esposa de um administrador e as alegrias do verdadeiro amor.[1160]

Fome de amor. Pela cerca, presos espiam o setor feminino do campo. Desenho de Yula-Imar Sooster. Karaganda, 1950

Pessoas privadas de tudo ansiavam tão desesperadamente por vínculos sentimentais que algumas mergulhavam fundo em platônicos amores epistolares. Isso se aplica em particular ao final da década de 1940, nos campos especiais para presos políticos, onde homens e mulheres eram

---

[1156] Herling, p.135.
[1157] Frid, p.187.
[1158] Ibid., pp. 187-88.
[1159] Zhigulin, pp. 128-33.
[1160] Vogelfanger.

mantidos rigorosamente separados. No Minlag (um de tais campos), prisioneiros e prisioneiras trocavam bilhetes por intermédio de colegas no hospital, que era compartilhado pelos dois sexos. Os presos também organizaram uma "caixa de correio" secreta no setor ferroviário onde as turmas femininas trabalhavam. De poucos em poucos dias, uma mulher empregada ali fingia ter esquecido um casaco ou outro objeto, ia até a caixa e pegava e deixava cartas. Mais tarde, um dos homens ia apanhá-las e depositar outras.[1161] Também existiam outros métodos: "Num horário específico, uma pessoa escolhida numa das zonas prisionais atirava cartas dos homens para as mulheres, ou das mulheres para os homens. Eram os 'Correios'".[1162]

Segundo Leonid Sitko, tais cartas eram escritas em minúsculos pedaços de papel, com letra ínfima. Todos as assinavam com nome falso: Sitko era "Hamlet", e a namorada, "Marsianka". Tinham sido "apresentados" por outras mulheres, as quais disseram a Sitko que ela estava deprimidíssima, pois seu bebê pequeno lhe fora tirado após a prisão. Sitko começou a escrever para ela, e uma vez até conseguiram encontrar-se, dentro de uma mina abandonada.[1163]

Na busca por alguma espécie de intimidade, outros elaboravam métodos ainda mais surreais. No campo especial de Kengir, havia pessoas - quase na totalidade presos políticos, completamente privados de contato com os amigos, a família e os cônjuges que haviam deixado em casa - que desenvolviam complexas relações com gente que nunca tinham visto.[1164] Um muro separava o campo feminino do masculino, mas alguns pares até casavam sem nunca se terem encontrado. A mulher ficava de um lado do muro e o homem, do outro; trocavam-se votos, e um padre encarcerado registrava a cerimônia num pedaço de papel.

Esse tipo de amor persistia, mesmo depois que a administração do campo ergueu ainda mais o muro, cobriu-o com arame farpado e proibiu os presos de aproximar-se dele. Ao descrever tais matrimônios realizados às escuras, até Soljenitsin abre temporariamente mão do ceticismo com que encara quase todos os outros relacionamentos nos campos: "Nesse matrimônio com uma pessoa desconhecida do outro lado do muro [...] ouço um coro de anjos. E como a contemplação pura e abnegada de corpos celestes. É também algo demasiado sublime para estes tempos de calculismo egoísta".[1165]

Se amor, sexo, estupro e prostituição eram parte da vida no Gulag, segue-se que gravidez e parto também o eram. Junto com minas e canteiros de obras, turmas madeireiras e celas punitivas, alojamentos de presos e vagões de gado, havia maternidades e campos para grávidas - assim como berçários.

Nem todas as crianças que apareciam nessas instituições eram nascidas nos campos. Algumas haviam sido "presas" com as mães. As normas que regiam essa prática sempre foram pouco claras. A ordem operacional de 1937 que determinava a detenção de esposas e filhos de "inimigos do povo" proibia categoricamente a captura de grávidas e lactantes.[1166] Por outro lado, uma

---

[1161] Sitko e Pechora, entrevistas com a autora.
[1162] Kaufman, p. 223.
[1163] Sitko, entrevista com a autora.
[1164] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 248-49.
[1165] Ibid., p. 249.
[1166] NKVD, ordem operacional de 15 de Agosto de 1937, reproduzida em Sbornik, pp. 86-93.

ordem de 1940 dizia que as mães podiam ficar com os bebês por um ano e meio, "até eles não precisarem mais de leite materno", quando então seriam colocados em orfanatos ou entregues a parentes.[1167]

Na prática, tanto grávidas quanto lactantes eram freqüentemente encarceradas. Ao fazer exames de rotina num comboio de presos recém-chegado, um médico de campo deparou com uma grávida que já sentia as contrações. Fora detida no sétimo mês.[1168] Outra, Natalya Zaporozhets, foi colocada num traslado de presos quando estava no oitavo mês: após sofrer trancos em trens e carrocerias de caminhão, daria à luz um nati-morto.[1169] A artista e memorialista Evfrosiniya Kersnovskaya ajudou no parto de bebê que nasceu num trem de traslado.[1170]

Já dissemos que crianças pequenas eram "presas" com os pais. Uma detenta, encarcerada nos anos 1920, escreveu uma ácida carta de protesto a Dzerzhinsky, agradecendo-lhe ter "prendido" seu filho de três anos: a prisão, dizia, era preferível ao orfanato, que ela chamava de "fábrica de anjinhos".[1171] Centenas de milhares de crianças foram, para todos os fins e efeitos, aprisionadas junto com os pais durante as duas grandes ondas de deportação, a primeira a dos kulaks, no começo da década de 1930, a outra a das etnias e nacionalidades "inimigas" durante e após a Segunda Guerra Mundial.

Para essas crianças, o choque da nova situação permaneceria com elas pelo resto da vida. Uma prisioneira polonesa recordaria que uma mulher em sua cela estava acompanhada do filho de três anos: "O menino, apesar de bem-comportado, era frágil e macambúzio. Nós o entretínhamos o melhor que podíamos, com histórias e contos de fada, mas ele nos interrompia de tempos em tempos, perguntando: 'Estamos na cadeia, né?'"[1172]

Muitos anos depois, um filho de kulaks degredados se lembraria de sua provação nos vagões de gado: "As pessoas ficavam tresloucadas [...]. Não faço idéia de quantos dias viajamos. No vagão, sete pessoas morreram de fome. Chegamos a Tomsk, e nos tiraram para fora, diversas famílias. Também descarregaram vários cadáveres - crianças, jovens, idosos".[1173]

Apesar das privações, havia mulheres que, de modo proposital e até cínico, engravidavam nos campos de concentração. Em geral, eram as criminosas profissionais ou as condenadas por delitos de pouca monta as que desejavam engravidar para ser dispensadas do trabalho pesado, receber alimentação ligeiramente melhor e talvez beneficiar-se das anistias periodicamente concedidas a mães com filhos pequenos. Tais anistias (houve uma em 1945 e outra em 1948, por exemplo) em geral não se aplicavam às condenadas por crimes contra-revolucionários.[1174] "A vida ficava mais fácil quando a pessoa engravidava", disse-me Lyudmila Khachatryan, para explicar por que as

---

[1167] GARF, 9401/1a/66.
[1168] Kaufman, pp. 188-89.
[1169] Natalya Zaporozhets, em Vilensky, Till MyTale Is Told, pp. 532-39.
[1170] Vilensky, Deti Gulags, p. 428.
[1171] Ibid., pp. 41-42.
[1172] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[1173] Vilensky, Deti Gulags, p. 117.
[1174] Por exemplo, a anistia de mulheres com crianças em 1945 excluiu especificamente prisioneiras políticas, como fez uma similar em 1948. GARF 8131/37/4554 9401/1a/191; e 9401/1/743.

mulheres dormiam de bom grado com seus carcereiros.[1175]

Outra se recordaria de ter ouvido o rumor de que todas as mulheres com filhos pequenos (as mamki, na gíria prisional) seriam soltas. Ela então ficou grávida de caso pensado.[1176] Nadezhda Joffe, prisioneira que engravidara do marido após haver recebido autorização para um encontro com ele, escreveria que suas companheiras no "alojamentos das amas-de-leite" de Magadan simplesmente "não tinham nenhum instinto maternal" e largavam seus bebês tão logo podiam.[1177]

De modo talvez nada surpreendente, nem todas as mulheres que descobriam ter engravidado nos campos queriam levar a gestação adiante. O comando geral do Gulag parece ter sido ambivalente no que se referia ao aborto, por vezes permitindo-o e por vezes acrescentando outra condenação à pena das mulheres que tentavam praticá-lo.[1178] Tampouco está muito claro quão freqüentes eram essas interrupções forçadas da gravidez, pois só muito raramente são mencionadas: em dúzias de entrevistas e memórias, ouvi ou li apenas dois relatos. Numa entrevista, Anna Andreevna me falou da mulher que "enfiou pregos em si mesma, sentou-se e trabalhou à máquina de costura; por fim, começou a sangrar bastante".[1179] Outra mulher descreveu de que modo um médico de seu campo procurou pôr fim à gravidez dela:

> Imaginem a cena. É noite. Está escuro... Andrei Andreevich tenta me fazer abortar, sem nenhum instrumento, usando só as mãos, cobertas de iodo. Mas está tão nervoso que não sai nada. Sinto tanta dor que nem consigo respirar, mas agüento sem dar um pio, para que ninguém nos ouça. Aí, a dor se torna insuportável, e eu grito: "Pare!" O procedimento inteiro fica interrompido durante dois dias. Enfim, sai tudo - o feto e um bocado de sangue. Por isso nunca fui mãe.[1180]

Mas havia as que queriam os filhos, e muitas vezes a tragédia era sua sina. Indo contra tudo o que se escreveu sobre o egoísmo e a venalidade das mulheres que engravidavam no Gulag, sobressai a história de Hava Volovich. Prisioneira política encarcerada em 1937, era extremamente solitária nos campos e resolveu ficar grávida e dar à luz.

Embora Hava não sentisse nenhum amor em especial pelo pai da criança, esta, uma menina chamada Eleonora, nasceu em 1942, num campo sem instalações especiais para mães.

> Ali, havia três mães, e nos deram um cômodo minúsculo no alojamento. Das paredes e do teto, os percevejos se derramavam como areia; passávamos a noite toda afastando-os dos bebês. De dia, precisávamos sair para o serviço e confiávamos as crianças a qualquer velha que encontrássemos que houvesse sido dispensada do trabalho; então, essas mulheres serviam-se calmamente do alimento que tínhamos deixado para os pequenos.

---

[1175] Khachatryan, entrevista com a autora.
[1176] Lahti, memórias inéditas. Agradeço a Reuben Rajala por este manuscrito.
[1177] Joffe, p.124.
[1178] Frid, p.184; GARF, 9414/1/2741.
[1179] Ereevna, entrevista com a autora.
[1180] Yakovenko, p.196.

No entanto, escreve Hava,

> Toda noite, um ano inteiro, fiquei junto ao berço, catando percevejos e fazendo orações. Rezava para que Deus prolongasse meu tormento por cem anos se isso garantisse que eu não me separaria de minha filha. Rezava para que me visse libertada com ela, mesmo que eu me tornasse apenas uma indigente ou aleijada. Rezava para que eu conseguisse criá-la até a idade adulta, mesmo que eu precisasse rastejar aos pés das pessoas e implorar-lhes esmolas. Mas Deus não atendeu a minhas preces. Meu bebê mal começara a andar, eu mal ouvira suas primeiras palavras, a maravilhosa e alentadora palavra "Mamãe", quando fomos todas trajadas com farrapos (apesar do inverno gelado), amontoadas num vagão de carga e transferidas para o "campo das mães". E ali o meu anjinho rechonchudo de cachos dourados se tornou um fantasma pálido com sombras azuladas debaixo dos olhos e feridas nos lábios inteiros.

Hava foi colocada para trabalhar primeiro numa turma madeireira e depois numa serraria. A noite, levava para o campo um pequeno feixe de lenha, que dava às babás no berçário. Em troca, deixavam-na às vezes ficar com a filha fora dos horários de visita.

> Eu via as babás acordarem as crianças pela manhã. Elas as obrigavam a sair das camas geladas com safanões e pontapés [...] empurrando-as aos murros e xingando-as de modo pesado, tiravam-lhe os camisolões e as lavavam na água gelada. Os bebês não ousavam nem chorar. Davam fungadelas, como velhos, e soltavam pios baixinhos.
>
> Aqueles pios medonhos vinham dos berços durante dias, sem parar. Crianças já com idade suficiente para sentar ou engatinhar ficavam deitadas de costas, pressionando os joelhinhos contra a barriga, fazendo aqueles sons esquisitos, semelhantes a arrulhos abafados.

Uma babá tinha a seu cargo dezessete crianças e, com isso, mal dispunha de tempo para manter todas trocadas e alimentadas, para nem falarmos de devidamente cuidadas.

> > A babá trazia da cozinha uma tigela de mingau fumegante e a repartia entre vários pratos. Apanhava o bebê mais próximo, forçava-lhe os bracinhos para trás, amarrava-os com uma toalha de banho e começava a enfiar colheradas de mingau quente goela abaixo da criança, não lhe dando tempo de engolir, exatamente como se estivesse alimentando um peru.

Eleonora começou a definhar.

> Em algumas de minhas visitas, achei machucaduras em seu corpinho. Nunca me esquecerei de como ela se agarrava a meu pescoço com as mãos magrinhas e gemia: "Mamãe, quero casa!" Ela não se esquecera do muquifo onde viera à luz e onde ficara com a mãe o tempo todo...
>
> A pequena Eleonora, que agora tinha quinze meses, logo percebeu que seus rogos de "casa" eram inúteis. Parou de esticar os braços para mim quando a visitava; dava-me as costas, em silêncio. No último dia de

> vida, quando a levantei (deixaram que eu a amamentasse), ela ficou olhando para longe, de olhos arregalados, e então começou a bater com suas mãozinhas crispadas em meu rosto e a arranhar e morder meu seio. Em seguida, apontou para o berço, querendo voltar a ele.
>
> À noite, quando voltei com o feixe de lenha, seu berço estava vazio. Eu a encontrei no necrotério, onde jazia nua entre os cadáveres dos presos adultos. Ela passara um ano e quatro meses neste mundo e morrera em 3 de março de 1944. [...] Essa é a história de como, ao ter dado uma única vez à luz, cometi o pior dos crimes.[1181]

Nos arquivos do Gulag, conservaram-se fotos do tipo de berçário descrito por Hava Volovich. Um dos álbuns fotográficos se inicia com a seguinte introdução:

> O sol brilha sobre a pátria stalinista desses pequenos. A nação está repleta de amor pelos líderes, e nossas maravilhosas crianças são felizes tal qual toda a juventude do país. Aqui, em leitos amplos e aconchegantes, dormem os novos cidadãos de nosso país. Tendo sido alimentados, repousam tranqüilos e, com certeza, têm bons sonhos.

As fotos desmentem as legendas. Numa delas, uma enfiada de lactantes, com os rostos cobertos por máscaras brancas - prova das práticas higiênicas no campo -, senta-se num banco com olhar sério sem nenhum sorriso, segurando seus bebês. Em outra, todas as crianças estão indo para a caminhada da noitinha. Enfileiradas, não parecem mais espontâneas que as mães.

Em muitas fotos, as crianças estão de cabelo rapado, presumivelmente para evitar piolhos, e o efeito disso era que ficavam parecendo pequenos presos, coisa que, na prática, eram consideradas mesmo.[1182] "O berçário também era parte do complexo do campo", escreveria Evgeniya Ginzburg. "Tinha sua própria guarita, seus próprios portões, seus próprios barracões, seu próprio arame farpado."[1183]

Em algum nível, a direção do Gulag em Moscou deve ter estado ciente de quão terrível era a vida nos campos para as crianças que viviam ali. No mínimo, sabemos que os inspetores transmitiam a informação: um relatório de 1949 sobre a condição das mulheres nos campos assinalava de maneira desaprovadora que, das 503 mil prisioneiras do sistema, 9.300 estavam grávidas e outras 23.790 se viam acompanhadas de filhos pequenos. "Levando em conta a influência negativa sobre a saúde e a educação das crianças", o relatório argumentava em favor da soltura antecipada das mães, assim como das mulheres que haviam deixado filhos em casa, num total (quando excetuadas as reincidentes e as prisioneiras políticas contra-revolucionárias) de umas 70 mil mulheres.[1184]

De tempos em tempos, realizavam-se tais anistias. Contudo, pouco melhorava a vida das crianças que ficavam. Pelo contrário: dado que não contribuíam com nada para a produtividade do campo, sua saúde e seu bem-estar estavam bem embaixo na lista de prioridade dos comandantes, e elas habitavam as

---

[1181] Hava Volovich, "My Past", em Vilensky, Dodnes Tiagoteet, pp. 260-64.
[1182] GARF, 9414/6/44 e 45.
[1183] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 3.
[1184] GARF, 9401/2/234.

construções mais precárias, geladas e velhas. Um inspetor verificou que, no berçário de um campo, a temperatura nunca se elevava acima dos onze graus; outro descobriu um berçário em que a tinta das paredes estava descascada e não havia absolutamente nenhuma iluminação, nem mesmo a querosene.[1185] Um relatório do Siblag de 1933 dizia que no campo seriam necessários mais setecentos pares de calçado infantil, mais setecentos casacos infantis compridos e mais novecentos conjuntos de talheres.[1186] E quem trabalhava ali não era necessariamente qualificado. Ao contrário: os serviços de berçário eram para aquelas "prisioneiras de confiança" e, assim, costumavam ser atribuídos a criminosas. Nadezhda Joffe escreve que, "por hora a fio, ficavam debaixo da escada com os 'maridos'; ou, então, simplesmente saíam, enquanto as crianças, sem alimento e sem cuidados, adoeciam e começavam a morrer".[1187]

Tampouco as mães, cuja gravidez já custara um bocado ao campo, costumavam ser autorizadas a compensar tal negligência - supondo-se que elas realmente desejassem isso. Faziam-nas voltar ao trabalho tão logo era possível, e só de má vontade lhes davam folga para amamentar. Em geral, eram simplesmente liberadas do trabalho de quatro em quatro horas e, ainda com as mesmas roupas sujas, tinham quinze minutos com os filhos, sendo depois mandadas de volta; o resultado era que as crianças continuavam com fome. Às vezes, não se permitia nem isso. Um inspetor do Gulag citou o caso de uma mulher que, por causa de suas obrigações no trabalho, chegara alguns minutos atrasada para amamentar o bebê; negaram-lhe acesso a ele.[1188] Numa entrevista, a ex-supervisora do berçário de um campo me disse (fazendo pouco caso) que as crianças que não conseguiam mamar o que deviam nessa (segundo ela) meia hora recebiam das babás o resto de alguma mamadeira.

A mesma mulher também confirmou descrições que prisioneiras fizeram de outro tipo de crueldade: tão logo acabavam de amamentar, as mulheres eram freqüentemente proibidas de manter qualquer outro contato com as crianças. A ex-supervisora contou que, em seu campo, proibira pessoalmente todas as mães de caminharem com os filhos, alegando que elas, sendo mulheres condenadas, poderiam machucá-los. Afirmou ter visto uma mãe dar ao filho açúcar com fumo, para assim envenená-lo. Outra, ainda segundo ela, tirara de propósito os sapatos do filho na neve. "Eu era responsável pelas taxas de mortalidade infantil no campo", disse-me, explicando por que tomara medidas para manter as mães à distância. "Aquelas crianças eram um ônus para elas, que assim desejavam matá-las."[1189] A mesma lógica talvez tenha levado outros comandantes a proibir mães de verem os filhos. No entanto, é igualmente possível que tais normas fossem outro produto da crueldade irrefletida dos administradores: providenciar para que as mães vissem os filhos representava um incômodo, e, por isso, proibia-se tal prática.

Eram previsíveis as conseqüências de separar dos pais crianças em tão tenra idade. Havia incontáveis epidemias entre elas. As taxas de mortalidade infantil eram extremamente altas - tanto que, conforme também registram os relatórios

---

[1185] GARF, 8313/37/4554 e 1261.
[1186] Vilensky, Deti Gulags, p.150.
[1187] Joffe, pp. 127-35.
[1188] GARF, 8313/37/4554.
[1189] Anônimo, entrevista com a autora.

de inspeção, elas muitas vezes eram deliberadamente ocultadas.[1190] Mas mesmo as crianças que sobreviviam à primeira idade tinham pouca chance de levar uma existência normal nos berçários. Algumas talvez tivessem a sorte de ser tratadas pelo tipo mais bondoso de prisioneira transformada em babá. Outras não. A própria Evgeniya Ginzburg trabalhou num berçário do Gulag e descobriu, ao chegar lá, que nem as crianças mais velhas sabiam falar:

> Só algumas das que tinham quatro anos conseguiam articular umas poucas palavras, esparsas e desarticuladas. Gemidos, mímica e socos eram os principais meios de comunicação. "Como se pode esperar que falem? Quem estava lá para ensiná-los?", explicou Anya, sem alterar-se. "No grupo dos mais novos, passam o tempo todo deitados nos berços. Ninguém os tira de lá, mesmo quando se esgoelam de tanto chorar. É proibido, a menos que seja para trocar as fraldas - quando há fraldas secas, é claro."

Quando Evgeniya tentou ensinar algo às crianças sob seus cuidados, ela constatou que apenas uma ou duas - aquelas que haviam mantido algum contato com as mães - se mostravam capazes de aprender alguma coisa. E mesmo a experiência dessas poucas crianças era limitadíssima:

> "Olhe", eu disse a Anastas, mostrando-lhe a casinha que eu desenhara. "O que é isso?"
>
> "Alojamento", respondeu o menininho, de modo bem claro.
>
> Com algumas caneladas, pus um gato ao lado da casa. Mas ninguém, nem mesmo Anastas, reconheceu o bicho. Nunca tinham visto aquele animal raro. Aí, desenhei uma cerca rústica, tradicional, em volta da casa.
>
> "E o que é isso?"
>
> "A zona prisional!", gritou Vera, encantada.[1191]

Normalmente, as crianças eram transferidas de tais berçários para orfanatos quando faziam dois anos. Algumas mães viam isso com bons olhos, pois era uma oportunidade para as crianças escaparem do Gulag. Outras protestavam, sabendo que elas próprias podiam ser proposital ou acidentalmente transferidas para outros campos, longe dos filhos, cujos nomes podiam então ter sido mudados ou esquecidos, impossibilitando que se estabelecesse relacionamento ou mesmo contato.[1192]

Isso às vezes acontecia. Valentina Yurganova, filha de kulaks da etnia alemã do Volga, foi colocada num orfanato onde algumas das crianças eram demasiado pequenas para recordar-se dos próprios nomes e as autoridades, demasiado desorganizadas para lembrar-se deles. Valentina me disse que uma das crianças fora simplesmente rebatizada "Kashtanova" ("Castanheira"), dado que havia tantas dessas árvores no parque atrás do orfanato.

---

[1190] GARF, 8313/37/4554.
[1191] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, pp. 3-11.
[1192] Embora o anônimo administrador de enfermaria com quem falei tenha negado que isto ocorreu, inúmeros memorialistas falam de mães sendo separadas de suas crianças. Susanna Pechora conta que nos campos especiais essa era uma prática constante.

Anos depois, outra dessas crianças escreveria uma pungente descrição da malsucedida busca que, durante a vida inteira, fez para descobrir o verdadeiro nome dos pais: não havia registro de nenhuma menina nascida na região da mulher com o nome que aparecia em seu salvo-conduto, e a criança, muito pequena, ainda não aprendera o nome deles. Mesmo assim, lembrar-se-ia de fragmentos de seu passado: "Mamãe na máquina de costura, eu pedindo agulha e linha... Eu num jardim... Aí, depois... O recinto é escuro, a cama à direita está vazia, alguma coisa acontece. De algum modo, fico sozinha. Estou apavorada".[1193]

Não admira que algumas mães "chorassem, berrassem ou até enlouquecessem e fossem trancadas em depósitos, para se acalmarem", quando os filhos eram levados embora. Depois que eles se afastavam, era pequena a probabilidade de reencontrarem as mães.[1194]

Extramuros, a vida das crianças nascidas nos campos não necessariamente melhorava. Elas se juntavam ao enorme contingente de outra categoria de vítima infantil - as crianças que haviam sido transferidas direto para os orfanatos após o encarceramento dos pais. Em regra, os orfanatos estatais não tinham funcionários suficientes e eram superlotadíssimos, sujos e com freqüência mortíferos. Uma ex-prisioneira recordaria as emoções e esperanças com que seu campo enviou para um orfanato urbano um grupo de filhos de presos - e o horror sentido quando se soube que todas aquelas crianças tinham morrido numa epidemia.[1195] Já em 1931, no auge da coletivização, diretores de orfanatos nos Urais escreviam cartas desesperadas às autoridades regionais, implorando ajuda para cuidar dos milhares de crianças que acabavam de ficar órfãs de kulaks:

> Num cômodo de doze metros quadrados, há trinta meninos. Para 38 crianças, há sete leitos, onde dormem os "reincidentes". Dois rapazes de dezoito anos destruíram a instalação elétrica, assaltaram o empório e bebem com o diretor [...] crianças dormem, jogam cartas (que confeccionam com retratos rasgados do "Líder"), fumam, quebram as grades das janelas e pulam os muros com a intenção de fugir.[1196]

Em outro orfanato para filhos de kulaks,

> as crianças dormem no chão, e não há calçados em quantidade suficiente [...] às vezes, falta água por dias a fio. Comem mal; afora água e batata, não têm almoço. Não há pratos nem cuias; elas comem direto de conchas. Para 140 pessoas, dispõe-se de uma única caneca, e não existem colheres suficientes; revezam-se para comer, ou comem com a mão. Não há iluminação, só um lampião para o orfanato inteiro, e o querosene está em falta.[1197]

Em 1933, um orfanato perto de Smolensk enviou o seguinte telegrama à comissão infantil em Moscou: "Abastecimento alimentos orfanato interrompido. Cem crianças passando fome. Organização recusa fornecer rações. Não há

---

[1193] Vilensky, Deti Gulags, pp. 241-42.
[1194] Armonas, pp. 156-6.
[1195] Vilensky, Deti Gulags, p. 320.
[1196] Bazarov, p. 362.
[1197] Ibid., pp. 370-76.

nenhum socorro. Tomar medidas urgentes".[1198] As coisas não mudaram muito com o passar do tempo. Em 1938, uma ordem da NKVD descrevia um orfanato onde duas meninas de oito anos haviam sido estupradas por alguns dos garotos mais velhos; e outro onde 212 crianças compartilhavam doze colheres e vinte pratos e, por falta de roupa de dormir, iam para a cama com a indumentário com que haviam passado o dia, aí incluídos os calçados.[1199] Em 1940, Savelyeva Leonidovna foi "seqüestrada" de seu orfanato (os pais tinham sido aprisionados) e adotada por uma família que pretendia usá-la como doméstica. Assim, viu-se separada da irmã, a qual nunca mais tornaria a ver.[1200]

Filhos de presos políticos, em especial, passavam maus bocados nessas instituições; com freqüência, recebiam tratamento pior que o conferido aos órfãos dali. Diziam-lhes - como o fizeram a Svetlana Kogteva, então com dez anos -, que "esquecessem os pais, já que estes eram inimigos do povo".[1201] Os homens da NKVD que eram responsáveis por tais lares tinham ordem de manter vigilância especial e atentar para os filhos de contra-revolucionários, a fim de garantir que não recebessem tratamento privilegiado de nenhuma espécie.[1202] Graças a essa norma, PyotrYakir, após a detenção dos pais, ficou exatos três dias num desses orfanatos. Durante esse período, adquiriu "fama de cabecilha dos filhos dos 'traidores'" e foi de imediato preso. Tinha catorze anos. Foi transferido para uma cadeia e acabou sendo mandado para o Gulag.[1203]

Mais freqüentemente, os filhos de presos políticos sofriam provocação e exclusão. Um preso recordaria que se recolhiam as impressões digitais desses menores quando chegavam ao orfanato. Todos os professores e todos os outros funcionários temiam demonstrar demasiada afeição por eles, pois não queriam ser acusados de ter simpatia por "inimigos do povo".[1204] Os filhos de presos políticos eram impiedosamente provocados por serem "inimigos", conforme conta Valentina Yurganova, que, em conseqüência, esqueceu de propósito o idioma alemão (sua língua natal).[1205]

Em ambientes desse tipo, até filhos de pais instruídos logo adquiriam hábitos da bandidagem. Vladimir Glebov, filho do destacado bolchevique Lev Kamenev, era uma dessas crianças. O pai foi preso quando Glebov tinha quatro anos, e o menino foi "degredado" para um orfanato especial na região oeste da Sibéria. Ali, cerca de 40% das crianças eram filhas de "inimigos do povo", cerca de 40% eram menores delinqüentes, e cerca de 20% eram crianças ciganas, detidas pelo crime de nomadismo. Glebov explicaria ao escritor Adam Hochschild que, menos para os filhos de presos políticos, havia vantagens no contato precoce com jovens criminosos:

> Meu chapa me ensinou coisas que, depois, me ajudaram bastante na hora de proteger-me. Aqui eu tenho uma cicatriz, e aqui outra [...] quando se é atacado a facadas, é preciso saber reagir. O principal é

[1198] Vilensky, Deti Gulags, p. 144.
[1199] GARF, 9401/1a/20.
[1200] Vilensky, Deti Gulags, p. 248.
[1201] Ibid., p. 247.
[1202] GARF, 9401/1a/20.
[1203] Yakir,p. 31.
[1204] Anônimo, Ekho iz Nebutiya, pp. 289-92.
[1205] Yurganova, entrevista com a autora.

> reagir antes, para não se deixar atingir. Era assim a nossa feliz meninice soviética![1206]

Algumas crianças ficavam permanentemente afetadas pela vivência em orfanatos. Uma mãe voltou do degredo e reuniu-se à filha. A menina, de oito anos de idade, mal sabia falar, comia com as mãos e se comportava como o bicho-do-mato que o orfanato a ensinara a ser.[1207] Outra mãe, solta após cumprida uma pena de oito anos, foi pegar os filhos no orfanato e ali descobriu que eles não desejavam ir com ela. Tinham-lhes ensinado que os pais eram inimigos do povo que não mereciam nenhum afeto. Os filhos haviam sido especificamente instruídos a negar-se a ir embora "caso sua mãe um dia venha buscar vocês", e nunca mais quiseram morar com os pais.[1208]

Não era de surpreender que crianças de tais orfanatos fugissem - em grande número. Quando se viam nas ruas, caíam bem depressa no submundo criminal. E quando se tornavam parte desse submundo, o ciclo vicioso se renovava: cedo ou tarde, provavelmente seriam encarceradas também.

A primeira vista, o relatório anual de 1944-5 da NKVD sobre um grupo de oito campos na Ucrânia não revela nada fora do comum. Arrolam-se quais dos campos cumpriram as metas do Plano Qüinqüenal e quais não o fizeram. Louvam-se os presos que são trabalhadores de choque.

Observa-se com severidade que, na maioria daqueles campos, a dieta é ruim e monótona. De modo mais abonador, nota-se que, no período em questão, só num dos campos ocorreu um surto epidêmico - e isso depois que cinco detentos haviam sido transferidos para lá do superlotado cárcere de Kharkov.

No entanto, alguns detalhes do relatório servem para ilustrar a verdadeira natureza desses oito campos ucranianos. Um inspetor se queixa, por exemplo, de que num deles faltam "livros didáticos, lápis, cadernos, canetas". Há também um reparo severo sobre a propensão de certos detentos a apostar o alimento, às vezes perdendo antecipadamente meses de ração de pão - ao que parece, os elementos mais jovens dos campos são demasiado inexperientes para jogar cartas com os mais velhos.[1209]

Os oito campos eram as colônias de menores. Isso porque nem todos os menores sob jurisdição do Gulag eram filhos de prisioneiros. Parte deles trilhara seu próprio caminho para os campos. Cometeram delitos e foram apanhados e mandados a campos especiais para menores delinqüentes. Tais estabelecimentos não só eram administrados pelos mesmos burocratas que geriam os campos para adultos, como também se pareciam com estes de muitas maneiras.

Na origem, os "campos infantis" foram organizados para os besprizornye, os órfãos, enjeitados e pequenos moradores de rua que haviam se perdido ou fugido dos pais durante os anos da Guerra Civil, da fome, da coletivização e das prisões em massa. No início da década de 1930, essas crianças de rua já eram espetáculo comum nas estações ferroviárias e nos parques públicos da

---

[1206] Hochschild, p. 87.
[1207] Pechora, entrevista com a autora.
[1208] Lahti, memórias inéditas.
[1209] GARF, 9414/1/27.

URSS. O escritor russo Victor Serge as descreveu nestes termos:

> Eu as vi em Leningrado e Moscou, morando nos esgotos, debaixo dos outdoors, nas criptas dos cemitérios, lugares dos quais eram as senhoras imperturbadas; realizando conferências noturnas em mictórios públicos; viajando em cima ou embaixo dos vagões. Emergiam, irritantes, pretas de suor, para pedir uns copeques aos viajantes e ficar à espreita da oportunidade de roubar alguma bagagem.[1210]

Esses menores eram tão numerosos e problemáticos que, em 1934, o Gulag estabeleceu nos campos para adultos os primeiros berçários destinados a filhos de presos, objetivando impedir que tais crianças ficassem vagando pelas ruas.[1211] Pouco depois, em 1935, o Gulag também resolveu instalar colônias especiais de menores. Estes eram capturados em grandes batidas nas ruas e depois mandados àquelas colônias, a fim de educar-se e preparar-se para ingressar na força de trabalho.

Em 1935, as autoridades soviéticas também aprovaram uma lei, tristemente célebre, que baixava para doze anos a maioridade penal. Depois disso, camponesas adolescentes detidas pelo furto de alguns grãos de trigo, ou filhos de "inimigos do povo" suspeitos de colaboração com os pais, iriam para a prisão juvenil junto com as menores prostitutas, os jovens punguistas, os meninos de rua e outros.[1212] Nos anos 1930, segundo um relatório interno, agentes da NKVD detiveram uma tártara de doze anos que não falava russo e fora separada da mãe numa estação ferroviária. Deportaram-na, sozinha, para o extremo norte.[1213]

Os menores delinqüentes da URSS eram tantos que, em 1937, a NKVD criou orfanatos de regime especial para quem desrespeitava sistematicamente as normas nos orfanatos comuns. Em 1939, os simplesmente órfãos já não eram mandados aos campos de menores: esses lugares agora estavam reservados aos meninos e meninas que de fato tinham sido condenados pelos tribunais ou pela osoboe soveshchanie (comissão especial).[1214]

Apesar da ameaça de punição mais dura, o número de menores delinqüentes continuava a aumentar. A guerra não produziu apenas órfãos: havia também os que fugiam de casa; ou crianças que eram largadas à própria sorte porque o pai estava na frente de batalha e a mãe fazia turno de doze horas na fábrica; ou uma categoria inteiramente nova de criminoso, os menores operários que escapuliam de seus empregos fabris - às vezes depois que as fábricas haviam sido evacuadas para leste, longe de suas famílias - e, assim, desrespeitavam uma lei dos tempos de guerra - "Do abandono não-autorizado do trabalho nos empreendimentos militares".[1215]

De acordo com as estatísticas da própria NKVD, os "centros de recepção" de menores recolheram em 1943-45 o extraordinário contingente de 842.144 crianças sem teto. A maioria foi mandada de volta aos pais, aos orfanatos ou às escolas profissionalizantes. Mas um número considerável (pelos registros,

---

[1210] Serge, p. 28.
[1211] Bazarov, p. 383.
[1212] GARF, 9414/1/42 e 9401/1a/7; Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 447-51.
[1213] Vilensky, Deti Gulags, p. 11.
[1214] GARF, 9414/1/42; Bazarov, pp. 385-93.
[1215] Razgon, p. 162.

52.830) foi designado para "colônias de trabalho educacional". Esse termo era nada mais que uma descrição palatável para campos de concentração infantis.[1216]

De muitas maneiras, o tratamento dos menores em tais campos pouco diferia daquele conferido a seus pais. Os menores eram detidos e trasladados segundo as mesmas normas - com duas exceções: deviam ficar apartados dos adultos e não podiam ser alvejados caso tentassem fugir.[1217] Eram mantidos no mesmo tipo de cárcere que os maiores de idade; suas celas eram separadas destes, mas se revelavam igualmente precárias. A descrição que um inspetor do Gulag faz de uma delas é deprimentemente familiar: "As paredes estão sujas; nem todos os presos têm beliches ou colchões. Não têm lençóis, fronhas nem cobertores. Na cela 5, por falta de vidraça, a janela está tapada com um travesseiro; e, na cela 14, uma janela não fecha de jeito nenhum".[1218] Outro relatório diz que os cárceres de menores são "inaceitavelmente insalubres", com falta de água quente e de itens tão elementares como canecas, cuias e banquinhos.[1219]

Alguns menores também eram interrogados como maiores. Após ter ficado detido no orfanato, Pyotr Yakir (que, vimos, tinha então catorze anos) foi primeiro colocado numa cadeia comum e depois submetido a um interrogatório completo, do mesmo tipo a que se submetiam os adultos. Seu interrogador o acusou de "ter organizado um bando de cavalaria anarquista, cujo objetivo era atuar atrás das linhas do Exéreito Vermelho", citando como prova o fato de Yakir adorar montar. Em seguida, Yakir foi condenado pelo crime de ser "elemento socialmente perigoso".[1220] Jerzy Kmiecik, polonês de dezesseis anos capturado ao tentar atravessai a fronteira soviética rumo à Hungria (isso foi em 1939, na seqüência da invasão soviética da Polônia), também foi interrogado como maior. Eles o mantiveram em pé, ou sentado num banquinho sem encosto, por horas a fio; ainda o alimentaram com sopa salgada e lhe negaram água. Os interrogadores queriam saber, entre outras coisas, "quanto o sr. Churchill pagou a você para fornecer-lhe informações". Kmiecik não sabia quem era Churchill e pediu que lhe explicassem a pergunta.[1221]

Os arquivos também conservam os registros de interrogatório de Vladimir Moroz, quinze anos, acusado de ter exercido "atividades contra-revolucionárias" no orfanato. A mãe e um irmão mais velho, de dezessete anos, já haviam sido aprisionados. O pai, fuzilado. Moroz mantivera um diário, encontrado pela NKVD, no qual execrava as "mentiras e calúnias" que diziam a seu redor: "Se alguém houvesse caído num sono profundo há doze anos e acordasse de repente agora, ficaria aturdido com as mudanças que ocorreram nesse período". Embora condenado a três anos no Gulag, Moroz morreria na cadeia em 1939.[1222]

Esses não eram casos isolados. Em 1939, quando a imprensa soviética relatou alguns casos de oficiais da NKVD detidos por terem extraído confissões falsas,

---

[1216] GARF, 9412/1/58.
[1217] GARF, 9401/1a/62 e 7.
[1218] GARF, 8131/37/4553.
[1219] GARF, 9401/1a/57.
[1220] Yakir, pp. 32-62.
[1221] Kmiecik, pp. 70-74.
[1222] Vilensky, Deti Gulags, pp. 283-93.

um jornal siberiano contou a história de 160 menores, a maioria com idade entre doze e catorze anos, mas alguns até de dez anos. Quatro oficiais da NKVD e os promotores dos processos foram condenados a penas de cinco a dez anos por terem interrogado aqueles menores. O historiador Robert Conquest escreve que as confissões foram obtidas "com relativa facilidade": "Um menino de dez anos cedeu após uma única noite de interrogatório e reconheceu ser membro de uma organização fascista desde os sete anos".[1223]

Os menores aprisionados tampouco eram poupados das implacáveis exigências do sistema de trabalho escravo. Embora as colônias de menores não fossem, como regra, instaladas no âmbito dos campos madeireiros ou mineiros setentrionais, onde as condições eram bem mais severas, havia nos anos 1940 um lagpunkt no campo de Norilsk, no extremo norte. Alguns dos mil presos desse lagpunkt foram trabalhar na olaria de Norilsk; os outros foram postos para limpar neve. Entre eles, estavam algumas crianças de doze, treze e catorze anos, mas a maioria tinha quinze ou dezesseis - os mais velhos que isso já haviam sido transferidos para o campo dos adultos. Muitos inspetores reclamaram das condições no campo de menores de Norilsk, e ele acabou sendo deslocado para uma região mais meridional da URSS - não antes que muitos de seus detentos houvessem sucumbido às mesmas doenças que seus homólogos adultos contraíam por conta do frio e da desnutrição.[1224]

Mais típico é o relatório ucraniano que explica que presos das colônias de trabalho de menores na Ucrânia receberam funções de marcenaria, metalurgia e costura.[1225] Kmiecik, o qual esteve numa dessas colônias, perto de Zhitomir, trabalhou numa fábrica de móveis.[1226] Ainda assim, tais colônias seguiam muitas das práticas dos campos para maiores. Havia metas de produtividade a atingir, metas e normas individuais a cumprir, um regime prisional a obedecer. Em 1940, uma ordem da NKVD estipulava que os menores de doze a dezesseis anos trabalhassem quatro horas por dia e passassem outras quatro horas em atividades escolares. A mesma ordem determinava que os menores de dezessete a dezoito anos trabalhassem oito horas por dia e dedicassem duas à escola.[1227] No campo de Norilsk, não se observava esse regime, pois não havia nenhuma escola ali.[1228]

No campo de menores em que Kmiecik ficou, as aulas eram apenas à noite. Entre outras coisas, ensinaram-lhe que "a Inglaterra é uma ilha na Europa ocidental [...]. E governada por lordes que usam becas vermelhas de gola branca. São donos dos trabalhadores, que dão duro para eles e aos quais pagam muito pouco".[1229] Não que os menores estivessem ali primordialmente para ser educados: em 1944, Beria informou com orgulho a Stalin que os campos de menores do Gulag haviam contribuído de modo notável para o esforço de guerra, produzindo granadas, minas explosivas e outros itens no valor total de 150 milhões de rublos."[1230]

No Gulag, os menores também se submetiam ao mesmo tipo de propaganda

---

[1223] Conquest, The Great Terror, p. 274.
[1224] GARF, 8131/37/2063.
[1225] GARF, 9414/1/27.
[1226] Kmiecik, pp. 93-94.
[1227] GARF, 9401/1a/81.
[1228] GARF, 8131/37/2063.
[1229] Kmiecik, pp. 114-17.
[1230] GARF, arquivos, da coleção da autora.

que os adultos. Jornais dos campos publicados em meados dos anos 1930 falam de stakhanovistas juvenis e cantam loas aos "de 35" - os meninos de rua colocados ali pela lei daquele ano -, enaltecendo os que tinham se regenerado pelo trabalho físico. Os mesmos jornais atacam os menores que não haviam entendido que "precisam abandonar seu passado, pois é hora de começar vida nova [...]. Carteado, bebedeira, vandalismo, malandragem, ladroeira etc. são vícios disseminados entre eles".[1231] Para combater esse "parasitismo" juvenil, os menores deviam participar do mesmo tipo de concerto cultural e educacional que os adultos, entoando as mesmas canções stalinislas.[1232]

Por fim, eram submetidos às mesmas pressões psicológicas que os adultos. Outra diretiva da NKVD, esta de 1941, requeria a organização de uma agenturno-operativnoe obsluzhwanie (rede de informantes) em suas colônias e centros de recepção de menores. Tinham se espalhado rumores de que, nesses campos, havia sentimento contra-revolucionário tanto entre os funcionários quanto entre os detentos, em especial os filhos de contra-revolucionários. Em certo campo, os menores até haviam encetado uma mini-revolta: tomaram e arrebentaram o refeitório e atacaram os guardas, ferindo seis destes.[1233]

Só num aspecto os detentos dos campos de menores eram afortunados: ao contrário de outros de sua idade, não tinham sido mandados para os campos de concentração comuns, onde ficariam rodeados de criminosos adultos. De fato, assim como as onipresentes prisioneiras grávidas, o número sempre crescente de menores nos campos para adultos constituía eterna dor de cabeça para os comandantes. Em outubro de 1935, Yagoda escreveu a todos os comandantes de campo para dizer que, "a despeito de minhas instruções, menores presos não estão sendo mandados às colônias de trabalho especiais; em vez disso, misturam-se com adultos na cadeia". Pela contagem mais recente, afirmava Yagoda, ainda havia 4.305 menores nas prisões comuns.[1234] Treze anos depois, em 1948, investigadores da promotoria-geral continuavam a queixar-se de que havia menores demais nos campos comuns, onde eram corrompidos pelos presos adultos. Até mesmo as autoridades de um campo perceberam quando um preso, o chefão da bandidagem ali, transformou um ladrãozinho de dezoito anos em matador de aluguel.[1235] Os maloletki (menores delinqüentes) despertavam pouca compaixão entre os outros presos. "A fome e o horror do que acontecera os privara de todas as defesas", escreve Lev Razgon, o qual observou que os menores se aproximavam naturalmente dos indivíduos que pareciam ser os mais fortes. Esses últimos eram os criminosos de carreira, que faziam dos garotos "serviçais, escravos mudos, bufões, reféns e tudo mais" e convertiam menores de ambos os sexos à prostituição.[1236] No entanto, essas vivências apavorantes não suscitavam muita piedade. Pelo contrário: na memorialística do Gulag, algumas das invectivas mais duras são dirigidas a tais adolescentes. Razgon diz que, não importando sua origem, todos os menores aprisionados logo "manifestavam uma crueldade assustadora e incorrigivelmente vingativa, sem freio e sem responsabilidade". Pior:

---

[1231] GARF, 941414/1; do jornal Perekovka, 1º de junho de 1934.
[1232] GARF, 9412/1 C/47.
[1233] GARF, 9401/1a/107.
[1234] GARF, 9401/1a/7/84.
[1235] GARF, 8131/37/4547.
[1236] Razgon, pp. 162-63.

> Não temiam nada nem ninguém. Os guardas e capatazes dos campos morriam de medo de entrar nos alojamentos separados onde ficavam os menores. Era ali que ocorriam os atos mais vis, mais impudentes e mais cruéis. Se um dos chefes da bandidagem jogava e perdia tudo após ter apostado até a vida, os garotos o matavam por uma ração diária de pão ou, simplesmente, "pela diversão". As garotas se gabavam de conseguir satisfazer uma turma inteira de lenhadores. Não restara nada de humano nesses menores, e era impossível achar que pudessem retornar ao mundo normal e tornar-se seres humanos comuns outra vez.[1237]

Soljenitsin tem a mesma impressão:

> Na consciência deles, não havia nenhuma linha demarcatória entre o que era e o que não era permissível, nenhum conceito de certo e errado. Para eles, tudo o que desejassem era bom, e tudo o que os atrapalhasse era mau. Adquiriam aquele comportamento descarado e insolente porque se tratava da conduta mais vantajosa no campo.[1238]

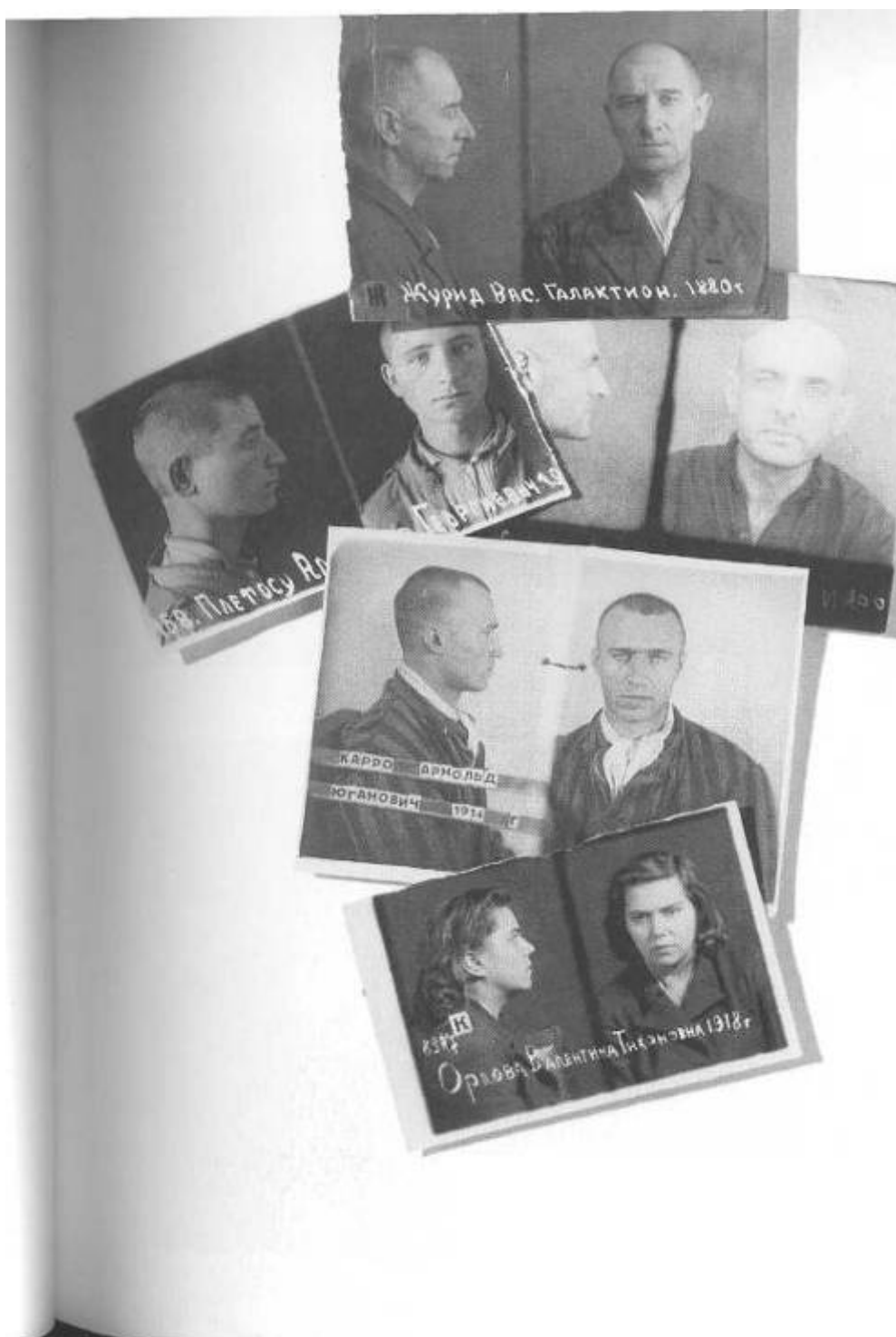
O preso holandês Johan Wigmans também escreve sobre jovens que "provavelmente não chegavam a incomodar-se por estar nesses campos. Oficialmente, deviam trabalhar; na prática, porém, era a última coisa que faziam. Ao mesmo tempo, beneficiavam-se de 'proventos' regulares e de amplas oportunidades de aprenderem com seus cupinchas".[1239]

Havia exceções. Aleksander Klein conta a história de dois meninos de treze anos, capturados como guerrilheiros anti-soviéticos, que foram condenados a vinte anos no Gulag. Os dois permaneceram dez anos nos campos, conseguindo manter-se juntos declarando greve de fome sempre que alguém os separava. Por causa da idade, as pessoas se apiedavam deles, dando-lhes serviço leve e comida extra. Os dois se matricularam em cursos técnicos no Gulag, vindo a ser profissionais competentes antes de serem libertados numa das anistias que se seguiram à morte de Stalin. Se não houvesse sido pelos campos, escreve Klein, "quem teria ajudado esses camponeses semi-analfabetos a tornar-se pessoas instruídas, bons especialistas?"[1240]

Mas, no final dos anos 1990, quando comecei a procurar memórias escritas por pessoas que tinham sido menores prisioneiros, encontrei muita dificuldade para achar alguma. Só temos as memórias de Yakir e Kmiecik e um punhado de outras, reunidas pela Sociedade Memorial e outras organizações.[1241] Contudo houvera milhares e milhares de tais menores, e muitos ainda deviam estar vivos. Até sugeri a uma amiga russa que puséssemos anúncio em jornal, na tentativa de localizar alguns desses sobreviventes para entrevistá-los. "Não faça isso", ela me recomendou. "Todos sabemos o que aquele tipo de gente virou." Décadas de propaganda, de cartazes ostentados nas paredes de orfanatos para agradecer a Stalin "a nossa feliz meninice", não tinham conseguido convencer o povo soviético de que as crianças do Gulag, as crianças das ruas e as crianças dos orfanatos houvessem se tornado outra

---

[1237] Ibid., p. 162.
[1238] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 457.
[1239] Wigmans, p. 90.
[1240] Klein, Ulybki nevoli, pp. 20-25.
[1241] Ver Vilensky, Deti Gulags, para excertos dessas memórias.

coisa senão membros de carteirinha da grande e onipresente classe criminosa da URSS.

1. Do alto para baixo, da esquerda para a direita:
Vasily Ziiurid;
Aleksadr Petlosy;
Grigori Maifer;
Arnold Karro;
Valentina Orlova

**ANOS 20**

2a. Presos chegam a Kem, o campo de trânsito para Solovetsky

2b. Catadoras de trufa. Solovetsky, 1928

3a. Máximo Goro (centro), de casaco, gravata e boné de pano, visita Solovetsky com o filho, a nora e comandantes do campo. Ao fundo, a Sekirka, Igreja que servia de cárcere punitivo. 1929.

3b. O mosteiro de Solovetski. Foto atual.

3c. Naftaly Frenkel

**ANOS 30**

4a. Presos quebram pedras com ferramentas improvisadas.

4b. "Tudo se fazia à mão [...]. Escavávamos a terra com as mãos e a retirávamos em carrinhos de mão; também escavávamos através dos morros com as mãos".

5ª. "Os melhores trabalhadores de choque”: esse cartaz ficava em lugar de honra.

5b. Stalin e Yasgoda visitam o Canal do Mar Branco para comemorar o término da obra

## OS CARCEREIROS

6a. "Erradicaremos os espiões e diversionistas, agentes dos fascistas trotskistas e bukharinistas!" Pôster da NKVD, 1937.

6b. Prisão de um inimigo do povo no local de trabalho. Pintura soviética, 1937

7ª. Quatro comandantes de campo. A Filha de um preso escreveu "Assassinos!" sobre a foto. Kolyma, 1950.

7b. Guardas armados, acompanhados de cães.

**OS DEGREDADOS**

8a. Ao lado do túmulo da avó.

8b. Na Ásia central.

8c. Do lado de fora de um Zemlyanka (abrigo cavado na terra).

9a. Paisagem de Kolyma.

9b. Entrada de Lagpunkt em Vorkuta. O aviso diz: “Na URSS, o trabalhador é questão de honra”.

**O TRABALHO**

10a. Serrando toras.

10b. Arrastando troncos.

11a. Escavando o Canal de Fergana.

11b. Extraindo carvão.

**A VIDA**

12a. "Se tínhamos nossa própria cuia, pegávamos as primeiras porções".

12b. "Cediam sua pele brônzea para a tatuagem e, dessa maneira, gradualmente satisafaziam suas necessidades artísticas, eróticas e até morais."

13a. "Pegávamos uma cuba, regeríamos uma caneca de Água quente, uma caneca de água fria e um pedacinho de sabão preto e fedorento".

13b. "Internados com sintomas de desnutrição em estágio avançado, a maioria morria no hospital"

## AS MULHERES E CRIANÇAS

14a e 14b. Crianças polonesas fotografadas logo após anistia. 1941.

15a. Maternidade de campo de concentração: prisioneira amamenta filho recém-nascido.

15b. Creche de campo de concentração: decorando árvore para festas.

16a. Alojamento lotado.

16b. ...E solitária.

## 11. O TRABALHO NOS CAMPOS

Quem está doente, imprestável,<br>
Fraco demais para as minas,<br>
E demovido, mandado<br>
Ao campo mais abaixo<br>
Para abater as árvores de Kolyma.<br>
Parece muito simples<br>
No papel. Mas não consigo esquecer<br>
A fieira de trenós na neve<br>
E as pessoas, arreadas.<br>
Forcejando, os peitos cavados, elas puxam os trenós.<br>
Ou param para descansar,<br>
Ou vacilam nas encostas íngremes...<br>
Aquele enorme peso rola abaixo<br>
E, a qualquer momento,<br>
As fará tropeçar.<br>
Quem já não viu cavalo que tropica?<br>
Mas nós... Nós vimos gente com arreios...

Elena Vladimirova, "Kolyma".[1242]

### Rabochaya zoha: a zona de trabalho

O trabalho era a função primordial da maioria dos campos soviéticos. Era a principal ocupação dos presos e a principal preocupação dos administradores. O cotidiano girava em torno do trabalho, e o bem-estar dos presos dependia de quão bem trabalhassem. No entanto, é difícil fazer generalizações sobre o que era o trabalho nos campos: a imagem do preso na tempestade de neve, minerando ouro ou carvão com uma picareta, é apenas estereótipo. Havia muitos de tais prisioneiros - milhões, como os números dos campos de Kolyma e Vorkuta deixam claro -, mas agora sabemos que também existiam campos no

[1242] Reeditado em Cohen, pp. 96-97.

centro de Moscou onde presos projetavam aviões; campos na Rússia central onde presos construíam e operavam reatores nucleares; campos pesqueiros no litoral do Pacífico; campos no sul do Uzbequistão que eram fazendas coletivas. Os arquivos do Gulag em Moscou estão entupidos de fotos de presos com seus camelos.[1243]

Cavando sepultura. Desenho de Benjamin Mkrtchyan. Ivdel, 1953

Sem nenhuma dúvida, a gama de atividades econômicas do Gulag era tão ampla quanto a de atividades econômicas da URSS. Um rápido olhar pelo Guia do sistema de campos de trabalhos correcionais da URSS - a mais abrangente lista dos campos elaborada até hoje - revela a existência de campos organizados em razão de minas de ouro, carvão, níquel; da abertura de rodovias e ferrovias; de fabricas de armamento, produtos químicos e produtos metalúrgicos; de usinas elétricas; da construção de aeroportos, prédios residenciais e sistemas de saneamento; da extração de turfa e madeira; do enlatamento de pescado.[1244] Os próprios administradores do Gulag conservavam um álbum fotográfico dedicado tão-somente aos bens que os detentos produziam. Entre outras coisas, havia fotos de mísseis, minas explosivas e outros aparatos militares; autopeças, fechaduras e botões; toras boiando rios abaixo; artigos de madeira, inclusive cadeiras, armários, barris e cabines telefônicas; calçados, cestas e têxteis (com amostras anexas); tapetes, couros, gorros de pele e casacos de carneiro; copos, lâmpadas e frascos de vidro; sabão e velas; até brinquedos (tanques de guerra de madeira, minúsculos moinhos de vento, coelhos mecânicos que tocavam tambor).[1245]

O trabalho variava dentro dos campos e entre eles. E verdade que, nos campos madeireiros, muitos presos não faziam nada senão derrubar árvores. Presos que cumpriam pena de três anos ou menos trabalhavam em "colônias de trabalho correcional", campos de regime brando que em geral operavam em função de uma única fábrica ou atividade. Em contrapartida, campos maiores podiam englobar vários ramos: minas, olaria e usina elétrica, assim como canteiros de obras de residências e estradas. Em tais campos, presos descarregavam os trens que diariamente traziam mercadorias; dirigiam caminhões; colhiam hortaliças; trabalhavam em cozinhas, hospitais e creches. Extra-oficialmente, presos também serviam de domésticos, babás e alfaiates para os guardas e comandantes dos campos e suas esposas.

---

[1243] GARF, 9414/6 (álbum fotográfico).
[1244] Okhotin e Roginskii, pp. 137-476.
[1245] GARF, 9414/6/8.

Presos que cumpriam penas longas freqüentemente ocupavam ampla variedade de funções, mudando de trabalho ao sabor da sorte Em quase duas décadas de carreira nos campos, Evgeniya Ginzburg cortou árvores, cavou valas, limpou a casa de hóspedes do campo, lavou louça, cuidou de galinhas, foi lavadeira para esposas de comandantes de campo e olhou filhos de presas. Por fim, tornou-se enfermeira.[1246] Outro preso político, Leonid Sitko, durante os onze anos que passou nos campos, foi soldador, trabalhador de pedreira, operário de uma turma de construção civil, carregador num depósito ferroviário, mineiro de carvão e marceneiro numa fábrica de móveis, produzindo mesas e estantes.[1247]

Mas, embora os empregos pudessem ser tão variados no sistema de campos quanto o eram no mundo extramuros, os prisioneiros que trabalhavam costumavam dividir-se em duas categorias: os presos designados para obshchya raboty (serviços gerais) e os presos de confiança, chamados pridurki (monitores). Veremos que esses últimos tinham status de casta à parte. Os serviços gerais, sina da imensa maioria dos prisioneiros, eram trabalho braçal, sem qualificação, extenuante. "O primeiro inverno ali, em 1949-50, foi especialmente difícil para mim", escreveu Isaak Filshtinskii. "Eu não tinha um ofício que pudesse ser de utilidade nos campos, e fui forçado a ir de um lugar para outro, fazendo diversos tipos de serviço geral, serrando, carregando, puxando, empurrando etc. - em outras palavras, indo aonde desse na veneta do distribuidor de tarefas me mandar."[1248]

A exceção daqueles que haviam tido sorte logo na primeira distribuição de trabalhos - em geral os que eram engenheiros civis ou outros membros de profissões úteis nos campos ou que, então, já tinham se estabelecido como informantes -, os zeks eram designados para os serviços gerais tão logo findava a semana (ou coisa parecida) de quarentena. Também eram designados para uma turma de trabalho, grupo que variava de quatro a quatrocentos zeks, os quais trabalhavam e comiam juntos e, em geral, dormiam nos mesmos alojamentos. Cada turma, ou "brigada", era comandada por um "brigadeiro", um preso de confiança que tinha status elevado e era encarregado de distribuir tarefas, supervisionar o trabalho e, sobretudo, garantir que a turma cumprisse as metas de produção. A importância do brigadeiro, cujo status se situava entre o de preso e o de administrador, não escapava às autoridades dos campos, Em 1933, o chefe do Dmitlag enviou ordem a todos os seus subordinados, lembrando-os da necessidade de "identificar entre nossos trabalhadores de choque aquelas pessoas capazes que são tão necessárias a nosso trabalho", pois "o brigadeiro é o elemento mais importante e relevante nos canteiros de obras".[1249] Do ponto de vista dos outros presos, a relação corri o brigadeiro era mais que apenas importante: podia determinar qual seria a qualidade de vida deles e até se viveriam ou morreriam. Um preso escreveu:

> A vida da pessoa depende muito da brigada e do brigadeiro, dado que se passa todos os dias e noites na companhia deles. No trabalho, no refeitório e nos beliches - sempre os mesmos rostos. Os integrantes da brigada podem trabalhar ou todos juntos, ou em grupos, ou

---

[1246] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind e Within the Whirlwind.
[1247] Sitko, entrevista com a autora.
[1248] Filshtinskii, p. 37.
[1249] GARF, 9489/2/9.

> individualmente. Podem nos ajudar a sobreviver - ou ajudar a nos destruir. Trata-se ou de compaixão e auxílio, ou de hostilidade e indiferença. O papel do brigadeiro não é menos importante. Também importa quem ele é e o que pensa de suas próprias tarefas e obrigações: servir a chefia à nossa custa e em benefício dele mesmo, tratando os integrantes da brigada como subalternos, serviçais e lacaios -ou ser nosso companheiro nas agruras e fazer todo o possível para tornar a vida mais fácil para a brigada.[1250]

Alguns brigadeiros realmente ameaçavam e intimidavam sua força de trabalho. No primeiro dia nas minas de Karaganda, Alexander Weissberg fraquejou de fome e cansaço.

> Com bramidos de touro alucinado, o brigadeiro então se voltou contra mim, golpeando-me com cada grama de sua compleição vigorosa, chutando, esmurrando e, por fim, dando-me tamanha pancada na cabeça que me estatelei, meio grogue, coberto de machucaduras, com sangue escorrendo pela cara.[1251]

Em outros casos, o brigadeiro deixava que a própria turma de trabalho funcionasse como grupo paritário organizado, pressionando os Presos a dar mais duro mesmo quando não era essa vontade deles. Em certa altura do romance Um dia na vida de Ivan Denisovich, de Soljenitsin, o protagonista reflete que uma brigada dos campos

> não é como uma turma de trabalho lá fora, onde fulano e sicrano ganham cada um seu salário. Nos campos, as coisas se dispõem de tal modo que o zek é mantido na linha não pelas chefias, mas pelos outros membros da turma. Ou todos ganham um prêmio extra, ou todos morrem juntos.[1252]

Verno Kress, outro preso de Kolyma, era alvo de gritos e pancadas de seus camaradas de brigada por não conseguir acompanhar o ritmo deles; acabaria sendo mandado para uma brigada "fraca", cujos membros nunca recebiam a ração integral.[1253] Yuri Zorin também passou pela experiência de ser parte de uma brigada realmente esforçada, na maioria composta de lituanos que não admitiam mandriões em suas fileiras: "Não dá nem para imaginar a vontade e o desvelo com que eles trabalhavam [...] se achavam que você não trabalhava direito, eles o chutavam para fora da brigada lituana".[1254]

Caso se tivesse o azar de terminar numa brigada "ruim" e não se conseguisse subornar alguém ou se livrar daquilo, podia-se morrer de inanição. Uma vez, M. B. Mindlin (depois um dos fundadores da Sociedade Memorial) foi designado para uma brigada de Kolyma que se constituía sobretudo de georgianos e era liderada por um brigadeiro dessa nacionalidade. Mindlin logo percebeu que o grupo tinha tanto medo do brigadeiro quanto dos guardas do campo; e que ele, Mindlin, "o único judeu numa brigada de georgianos", não poderia contar com nenhum favor especial. Certo dia, ele trabalhou com especial afinco, na

---

[1250] Pryadilov, pp. 113-14.
[1251] Weissberg, p. 96.
[1252] Soljenitsin, One Day in the Life of Ivan Denisovich, p. 49.
[1253] Kress, "Novyi pioner, ili, Kolymskaya selektsiya", in Vilensky, Osventsim Gez Fechei, pp. 62-70.
[1254] Zorin, entrevista com a autora.

tentativa de ganhar a ração de nível mais alto (1.200 gramas de pão). O brigadeiro se negou a reconhecer aquele esforço e determinou que Mindlin recebesse só setecentos gramas. Apelando para o suborno, Mindlin trocou de brigada e encontrou ambiente completamente diverso: o novo brigadeiro se preocupava de fato com os subalternos e até lhes concedia alguns dias de trabalho mais leve no início, para que recuperassem as forças. "Todos os que entraram na brigada dele se consideravam afortunados e salvaram-se da morte." Posteriormente, o próprio Mindlin virou brigadeiro e tomou a iniciativa de distribuir suborno, para garantir que todos os integrantes de sua turma de trabalho conseguissem o melhor acerto possível com os cozinheiros, cortadores de pão e outras pessoas importantes no campo.[1255]

A atitude dos brigadeiros importava porque, na maior parte das vezes, os serviços gerais não se destinavam a ser uma impostura ou não ter propósito. Se nos campos alemães o trabalho era "principalmente meio de tortura e maus-tratos" - nas palavras de um destacado estudioso -, os presos soviéticos, ao contrário, deviam cumprir este ou aquele aspecto do esquema de produção do campo.[1256] E verdade que havia exceções à regra. Por vezes, guardas néscios ou sádicos impunham de fato tarefas despropositadas. Susanna Pechora se recordaria de ter sido designada para carregar baldes de argila de um lado para outro, "um serviço absolutamente sem sentido". Um dos capatazes encarregados de seu local de trabalho lhe disse especificamente: "Não preciso do seu trabalho, preciso é do seu sofrimento", frase que teria sido familiar aos presos de Solovetsky em 1926.[1257] Na década de 1940, como veremos, também surgiria um sistema de campos disciplinares, cujo objetivo prioritário não era econômico, mas punitivo. Mesmo neles, porém, esperava-se que os presos produzissem alguma coisa.

Durante a maior parte do tempo, não se pretendia que os presos sofressem - ou talvez fosse mais exato dizer que ninguém se importava se eles sofriam ou não. Era muitíssimo mais importante que se encaixassem no esquema produtivo do campo e cumprissem uma meta de trabalho. Esta podia ser qualquer coisa: certo número de metros cúbicos de madeira por cortar, de valas por cavar, de carvão por carregar. E tais normas eram levadas muitíssimo a sério. Os campos estavam cobertos de cartazes que exortavam os presos a cumpri-las. Todo o aparato "cultural e educacional" do Gulag se votava à mesma mensagem. Os refeitórios ou pátios centrais de alguns campos ostentavam enormes quadros-negros relacionando todas as turmas de trabalho e os mais recentes resultados de produção de cada uma delas.[1258]

As metas eram calculadas com muito cuidado e arrazoado cientifico pelo normirovshik, funcionário cujo trabalho acreditavam exigir grande perícia. Jacques Rossi menciona, por exemplo, que quem varria neve recebia diferentes metas, dependendo do tipo de neve: fresca; leve; ligeiramente compactada; compactada (exigindo pressão do pé na pá); muito compactada; ou congelada (exigindo uso de picareta), depois disso tudo, "uma série de coeficientes levava em conta o peso da neve, a distância a que a atiravam etc.".[1259]

---

[1255] Mindlin, pp. 52-57.
[1256] Sofsky, p. 168.
[1257] Pechora, entrevista com a autora.
[1258] Ver, por exemplo, fotografias do Memorial Archive.
[1259] Rossi, The GulagHandbook, p. 255.

Mas, apesar de teoricamente científico, o processo de estabelecer metas de trabalho, e determinar quem as cumpriria, estava permeado de corrupção, irregularidade e incoerência. Para começo de conversa, os presos geralmente recebiam metas que correspondiam àquelas dos trabalhadores livres - deviam produzir o mesmo que lenhadores ou mineiros profissionais. Contudo, no mais das vezes, eles não eram lenhadores nem mineiros de ofício; com freqüência, tinham muito pouca noção do que deviam fazer; e, após longas estadas na cadeia e viagens aflitivas em vagões de gado sem aquecimento, tampouco estavam nas condições físicas da média dos trabalhadores livres.

Quanto mais inexperiente e exausto, mais o preso sofria. Evgeniya Ginzburg deixou uma descrição clássica sobre duas mulheres - ambas intelectuais não-afeitas ao trabalho braçal, ambas enfraquecidas por anos no cárcere - que tentavam cortar árvores:

> Durante três dias, Galya e eu tentamos o impossível. Coitadas das árvores, como devem ter sofrido ao ser mutiladas por nossas mãos inábeis! Nós mesmas já estávamos meio mortas e, completamente sem qualificação, não tínhamos como dar conta delas. O machado escorregava e nos atirava uma chuva de lascas na cara. Serrávamos freneticamente, aos trancos, no íntimo acusando a outra de inépcia - mas sabendo que não podíamos nos dar ao luxo de brigar. Repetidas vezes, a serra emperrava. Todavia, o momento mais apavorante foi aquele em que a árvore enfim ficou a ponto de cair - só que não sabíamos para qual lado. Em certa altura, Galya foi atingida na cabeça, mas o enfermeiro se recusou até a passar iodo no corte, dizendo: "Ah-ah, esse truque é velho! Você está tentando ser dispensada do trabalho já no primeiro dia?!

Ao fim do dia, o brigadeiro declarou que Evgeniya e Galya haviam cumprido 18% da meta e lhes "pagou" pelo mau desempenho: "No dia seguinte, tendo recebido o pedacinho de pão que correspondia a nosso rendimento, fomos reconduzidas a nosso local de trabalho, literalmente cambaleantes". Entrementes, o brigadeiro ficava repetindo que "não pretendia desperdiçar comida valiosa com traidoras que não conseguiam cumprir a norma".[1260]

Nos campos do extremo norte - em especial os de Kolyma, assim como os de Vbrkuta e Norilsk, localizados acima do Círculo Polar -, clima e o terreno agravavam as dificuldades. Com freqüência, ao contrário do que reza a crença popular, o verão dessas regiões árticas não era mais suportável que o inverno. Mesmo lá, as temperaturas podem subir acima de trinta graus Celsius. Quando vem o degelo, a tundra vira um lamaçal, dificultando a caminhada, e os mosquitos parecem deslocar-se em nuvens cinzentas, fazendo tanto ruído que é impossível ouvir outra coisa. Um preso se recordaria deles:

> Enfiavam-se pelas mangas e pelas calças. A cara estourava de tantas picadas. O almoço nos era trazido ao local de trabalho, e, enquanto tomávamos a sopa, os mosquitos enchiam a cuia [...]. Eles nos cobriam os olhos e nos tapavam o nariz e a garganta, e tinham gosto adocicado, como o de sangue. Quanto mais nos mexíamos e os espantávamos, mais nos atacavam. O melhor era não ligar para eles, pôr roupa mais leve e, em vez de chapéu com mosquiteiro, usar um festão de grama ou

---

[1260] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, pp. 405 e 407.

de cortiça de bétula.[1261]

Os invernos, é claro, eram muitíssimo gelados. As temperaturas podiam cair a 35, quarenta, 45 graus abaixo de zero. Memorialistas, poetas e romancistas tiveram grande dificuldade para descrever como era trabalhar nesse gelo. Um relatou que fazia tanto frio que "mesmo o mais simples e abrupto movimento de mão no ar causava um silvo extraordinário".[1262] Outro contou que, numa manhã de véspera de Natal, ele acordou e descobriu que não conseguia mexer a cabeça.

> Ao despertar, o que primeiro me ocorreu foi que ela, de algum modo, se prendera às tabuas do beliche durante a noite. Mas, quando tentei me erguer para sentar, vi que fora puxado o material que eu enrolara em volta da cabeça e das orelhas antes de ter ido dormir. Apoiado num cotovelo, fazendo força para levantar, dei um puxão no material e percebi que ele congelara e se grudara à madeira. Minha respiração e a respiração de todos os homens na cabana estavam suspensas no ar, como se fossem fumaça.[1263]

Outro ainda escreveu que

> era perigoso parar de mexer-se. Durante a contagem dos presos, nós pulávamos, corríamos sem sair do lugar e dávamos tapas no corpo para nos mantermos aquecidos. Eu não parava de massagear os dedos dos pés, e os das mãos estavam sempre crispados [...] se tocássemos ferramentas de metal com a mão nua, a pele podia ser arrancada, e as idas ao banheiro eram perigosíssimas. Uma crise de diarréia podia deixar a pessoa para sempre na neve.

Em conseqüência, alguns presos simplesmente sujavam as calças: "Trabalhar junto deles era desagradável, e de volta à tenda, quando começávamos a nos aquecer, o fedor se tornava insuportável. Quem fazia nas calças era muitas vezes espancado e posto para fora".[1264]

No que se referia ao clima, certos serviços gerais eram piores que outros. Nas minas carboníferas do Ártico, conforme um preso, o ar subterrâneo era mais quente, mas a água gelada vivia pingando nos trabalhadores: "O mineiro se transforma numa espécie de gigantesco pingente de gelo, e seu organismo começa a congelar-se num período longo e estável. Depois de três ou quatro meses dessa labuta infernal, os presos passam a ter doenças generalizadas".[1265]

Isaak Filshtinskii também acabou designado para um dos mais desagradáveis serviços de inverno no Kargopollag, separando toras que seriam processadas. Tinha-se de ficar em pé na água o dia inteiro, e, embora a água fosse morna (vinha bombeada da usina de força), o ar não o era:

> Naquele inverno, dado que na região de Arcangel o frio se mantinha estável em quarenta, 45 graus abaixo de zero, uma névoa espessa

---

[1261] Ulyanovskaya, pp. 356-65.
[1262] Petrov, pp. 208 e 178.
[1263] Zarod, p. 114.
[1264] Bardach, pp. 233-34.
[1265] Sulimov, p. 57.

> pairava o tempo todo sobre a água. Era simultaneamente muito gelado e muito molhado [...] o trabalho não era muito difícil, mas, após trinta ou quarenta minutos, o corpo inteiro ficava permeado e envolto pela umidade; o queixo, os lábios e as pestanas, cobertos de gelo; e o frio penetrava até os ossos, atravessando a lastimável indumentária do campo.[1266]

No inverno, os piores serviços eram nas florestas. Isso porque, nessa estação, a taiga é não apenas gelada mas também periodicamente varrida por tempestades de inverno, chamadas burany oupurgai, que são violentas e imprevisíveis. Dmitrii Brystoletov, preso no Siblag, foi apanhado por uma delas:

> Naquele instante, o vento começou a uivar de modo furioso e apavorante, e tivemos de nos prostrar. A neve redemoinhava no ar; tudo sumiu - as luzes do campo, as estrelas, a aurora boreal -, e ficamos sozinhos numa névoa branca. Abrindo bem os braços, escorregando e tropeçando desajeitadamente, caindo e nos apoiando uns aos outros, tentamos achar o caminho de volta quanto antes. De repente, um trovão ribombou acima de nós. Eu mal conseguira segurar-me a um companheiro quando uma violenta enxurrada de gelo, neve e pedra começou a nos atingir no rosto. A neve rodopiante não nos permitia respirar nem enxergar.[1267]

Janusz Bardach, quando trabalhava numa pedreira em Kolyma, também se viu numa dessas tempestades. Ele e os outros presos, junto com os guardas, voltaram para o campo seguindo os cães de guarda, ligados uns aos outros por uma corda:

> Eu não enxergava nada para além das costas de Yuri e me aferrava à corda como se ela fosse um bote salva-vidas [...] Depois que os referenciais de sempre sumiram, eu já não fazia idéia de quanto ainda precisávamos percorrer, e tinha certeza de que nunca conseguiríamos voltar. Pisei em alguma coisa mole - um preso que soltara a corda. "Parem!", berrei. Mas ninguém parou. Ninguém conseguia ouvir minha voz. Eu me inclinei e puxei o braço dele para a corda. "Aqui!" Tentei fazer que sua mão se agarrasse à corda. "Segure-se!" Não adiantou nada. O braço do homem despencou quando o soltei. A ordem severa de Yuri, que mandava seguir em frente, me fez continuar.

Quando a turma de trabalho de Bardach retornou ao campo, faltavam três presos. Em geral, "os corpos dos prisioneiros que se perdiam só eram encontrados na primavera, muitas vezes a menos de cem metros da zona prisional".[1268]

A indumentária regulamentar destinada aos presos lhes proporcionava pouca proteção contra as intempéries. Em 1943, por exemplo, a direção central do Gulag ordenou que eles recebessem, entre outras coisas, camisa de verão, para durar duas estações; calças de verão, também para duas estações; casaco de inverno, acolchoado, de algodão, para dois anos; calças de inverno, acolchoadas, para dezoito meses; botas de feltro, para dois anos; e roupa de

---

[1266] Filshtinskii, p. 38.
[1267] Bystroletov, p. 162.
[1268] Bardach, pp. 232-33.

baixo, para nove meses.[1269] Na prática, nunca havia quantidade suficiente desses itens, já em si parcos. Em 1948, uma inspeção de 23 campos relatou que o abastecimento de "indumentária, roupa de baixo e calçado é insatisfatório". Esse "insatisfatório" parece ter sido eufemismo. Num campo em Krasnoyarsk, menos de metade dos prisioneiros estava calçado. Em Norilsk, no extremo norte, só 75% tinham botas quentes, e só 86% estavam agasalhados. Em Vorkuta, também no extremo norte, apenas 25% a 30% dos presos possuíam roupa de baixo, e somente 48% contavam com botas quentes.[1270]

Na falta de calçado, os presos improvisavam. Faziam botas de cortiça de bétula, trapos, pneus velhos. No melhor dos casos, essas soluções eram desajeitadas e duras, em especial na neve profunda. No pior, não eram herméticas, praticamente garantindo que o usuário sofreria queimaduras de frio.[1271] Elinor Lipper descreveria suas botas caseiras, que no campo onde ela estava tinham o apelido Che-Te-Ze, abreviação russa de "Fábrica de Pneus de Chelyabinsk":

> Eram de aniagem levemente acolchoada, com cano alto e largo, que chegava ao joelho; o calçado em si era reforçado com encerado ou couro sintético no dedão e no calcanhar. A sola era feita de três seções transversais de borracha, tiradas de pneus carecas. A coisa toda era amarrada ao pé com barbante; também se usava barbante para amarrá-las abaixo do joelho, a fim de que a neve não entrasse [...] depois de um dia de uso, ficavam totalmente retorcidas, e as solas, fraquinhas, entortavam-se de todos os jeitos. Essas botas absorviam umidade com inacreditável rapidez, sobretudo quando os sacos de aniagem de que eram feitas tinham sido empregados para acondicionar sal.[1272]

Outro preso descreve uma improvisação parecida: "Os lados eram abertos, de modo que os dedos ficavam expostos ali. Não se conseguia amarrar bem o pano que envolvia os pés, e assim os dedos também ficavam suscetíveis ao congelamento". Como resultado do uso desse calçado, o preso ganhou mesmo queimaduras de frio - o que, entretanto, ele acreditava ter-lhe salvado a vida, pois ficou dispensado de trabalhar.[1273]

Diferentes prisioneiros tinham diferentes teorias de como lidar com o frio. Para recuperarem-se do congelamento ao fim do dia, por exemplo, alguns corriam aos alojamentos e se apinhavam em volta do fogareiro, chegando tão perto que às vezes as roupas pegavam fogo: "O cheiro repugnante de trapos queimando nos chegava às narinas".[1274] Outros consideravam esse procedimento uma insensatez. Prisioneiros mais experientes disseram a Isaak Filshtinskii que se juntar em volta do fogareiro ou da fogueira do campo era perigoso porque a súbita mudança de temperatura causava pneumonia: "O organismo humano é constituído de maneira tal que, não importando quão baixa a temperatura, o corpo se ajusta e se acostuma. Sempre segui essa sábia norma no campo, e nunca sequer me resignei".[1275]

---

[1269] GARF, 9401/1a/141.
[1270] GARF, 8131/37/4547.
[1271] Ver, por exemplo, Zhenov, p. 69.
[1272] Lipper, p. 135.
[1273] George Victor Zgornicki, de uma gravação enviada à autora, abril de 1998.
[1274] Petrov, p. 178.
[1275] Filshtinskii, p. 39.

As autoridades dos campos estavam obrigadas a fazer algumas concessões por causa do frio. Pelas regras, os presos de certos campos setentrionais recebiam rações adicionais. Mas estas, segundo documentos de 1944, podiam corresponder a não mais que cinqüenta gramas de pão extra por dia, o que nem de longe bastava para contrabalançar o frio extremo.[1276] Em teoria, quando fazia frio demais, ou quando uma tempestade se aproximava, os presos nem deveriam trabalhar. Vladimir Petrov afirmaria que, durante a administração de Eduard Berzin em Kolyma, os prisioneiros largavam o serviço quando as temperaturas desciam a quinze graus negativos. No inverno de 1938-9, após a destituição de Berzin, elas tinham de cair a cinqüenta graus negativos antes que se interrompesse o trabalho. Petrov escreve que nem mesmo tal determinação era sempre seguida, pois a única pessoa que tinha termômetro naquela jazida de ouro era o comandante do campo. Em conseqüência, "só três dias daquele inverno foram de folga ocasionada pelas baixas temperaturas; no inverno de 1937-8, haviam sido quinze".[1277]

Kazimierz Zarod, outro memorialista, registraria que a temperatura de interrupção do trabalho em seu campo, durante a Segunda Guerra Mundial, era de 49 graus negativos; ele recordaria uma ocasião em que sua turma de lenhadores recebeu ordens de voltar ao campo durante o dia porque o termômetro indicava 53 graus negativos. "Com que rapidez juntamos o equipamento, formamos coluna e iniciamos o regresso ao campo!"[1278] Bardach lembra que em Kolyma, durante os anos de guerra, a norma eram cinqüenta graus negativos, "embora nunca levassem em conta a sensibilidade térmica".[1279]

Mas o clima não era o único obstáculo ao cumprimento das metas. Em muitos campos, elas eram absurdamente elevadas. Em parte, isso era conseqüência indireta da lógica do planejamento central soviético, a qual impunha que as empresas aumentassem a produção todo ano. Elinor Olitskaya recordaria que suas companheiras forcejavam para cumprir as metas numa oficina de costura, querendo manter-se naquele trabalho aquecido, em recinto fechado. Mas, como elas as cumpriam, a administração do campo vivia elevando as metas, até que se tornaram inatingíveis.[1280]

As metas também ficavam mais exigentes porque tanto presos quanto normirovshiki mentiam, exagerando o trabalho que fora ou seria realizado. Com o tempo, o resultado era que, às vezes, elas se tornavam estratosféricas. Alexander Weissberg recordaria que, mesmo em funções supostamente mais fáceis, as metas desafiavam a credulidade: "Todos pareciam às voltas com urna tarefa praticamente impossível. Os dois encarregados da lavanderia tinham de lavar as roupas de oitocentos homens em dez dias".[1281]

Não que superar as metas acarretasse necessariamente as vantagens esperadas. Antoni Ekart se lembraria de quando se rompeu o gelo do rio próximo de seu campo e houve ameaça de enchente: 'Várias brigadas, constituídas dos presos mais fortes, aí incluídos todos os 'trabalhadores de

---

[1276] GARF, 9401/1/713.
[1277] Petrov, p. 208.
[1278] Zarod, p. 114.
[1279] Bardach, p, 233.
[1280] Olitskaya, pp. 234-44.
[1281] Weissberg, p. 63.

choque', labutaram como loucos durante dois dias, praticamente sem intervalo. Pelo que realizaram, receberam um arenque para cada dois homens e um pacote de makhorka [fumo cru] para cada quatro".[1282]

Em tais condições - com jornadas longas, poucos dias de folga e pouco descanso durante o dia -, os acidentes eram freqüentes. No inicio dos anos 1950, mandaram um grupo de prisioneiras inexperientes apagar um incêndio no mato perto do Ozerlag. Só naquela ocasião, lembraria uma das condenadas, "várias pessoas queimaram até a morte".[1283] Também com freqüência, a exaustão e o clima se revelavam uma combinação mortífera, conforme atesta Alexander Dolgun:

> Dedos enregelados e adormecidos não conseguiam segurar alças, alavancas, vigas e caixotes, e ocorriam muitos acidentes, amiúde fatais Um homem foi esmagado quando rolávamos toras de um vagão-plataforma, usando duas como rampa. Ficou soterrado quando vinte toras ou mais se soltaram de uma vez e ele não se afastou rápido o bastante. Os guardas empurraram o corpo de lado, na plataforma, e aquela massa coberta de sangue coagulado nos aguardava para ser levada para casa quando a noite caísse. [1284]

Moscou compilava estatísticas de acidentes, e de vez em quando elas provocavam altercações entre inspetores e comandantes de campo. Uma dessas compilações, referente ao ano de 1945, discriminava 7.124 acidentes nas minas carboníferas de Vorkuta, dos quais 482 haviam resultado em lesões sérias e 137 em óbitos. Os inspetores punham a culpa na escassez de lanternas de mineiro, em falhas elétricas e na inexperiência e freqüente rotação dos operários. Furiosos, esses inspetores calcularam o número de homens/dia perdidos em decorrência de acidentes: 61.492.[1285]

Organização absurdamente ruim e gestão desleixada também dificultavam o trabalho. Embora seja importante observar que mesmo os locais de trabalho comuns eram mal administrados na URSS, a situação era pior no Gulag, onde a vida e a saúde dos trabalhadores não eram consideradas importantes e a chegada regular de peças de reposição para o equipamento encontrava problemas por causa do clima e das enormes distâncias. O caos reinava no Gulag desde os tempos do Canal do Mar Branco, e essa situação continuou pela década de 1950, mesmo depois que se mecanizaram muito mais locais de trabalho no país. Para quem fazia trabalho madeireiro, "não havia motosserras, nem tratores para levantar toras, nem carregadores mecânicos".[1286] Quem trabalhava em indústrias têxteis recebia "ferramentas que eram ou muito poucas, ou muito inadequadas". Segundo um testemunho, isso significava que "todas as costuras precisavam ser passadas com um ferro enorme, que pesava dois quilos. Tinha-se de passar 426 calças durante o turno; as mãos adormeciam com o peso, e as pernas inchavam e doíam".[1287]

A maquinaria também vivia quebrando, fator que não era necessariamente

---

[1282] Ekart, p. 83.
[1283] Usakova, entrevista com a autora.
[1284] Dolgun, p. 185.
[1285] GAHF documento em posse da autora, sem referências.
[1286] Razgon, p. 155. Exemplos de serrotes primitivos estão expostos no museu de história de Medvezhegorsk.
[1287] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.

levado em conta quando se calculavam as metas. Na mesma unidade têxtil, "chamavam-se os mecânicos de manutenção o tempo todo Eram na maioria mulheres condenadas. Os consertos demoravam horas, pois elas não tinham qualificação. Ficava impossível realizar a quantidade obrigatória de trabalho, e, como resultado, não recebíamos nenhum pão".[1288]

O tema da maquinaria quebrada e dos técnicos de manutenção inábeis surge repetidas vezes nos anais da administração do Gulag. Em 1934, administradores regionais de campos que compareceram à Conferência Partidária do Extremo Oriente, em Khabarovsk, queixaram-se de que as constantes interrupções na provisão de equipamento e a pouca qualificação dos técnicos implicavam que não conseguissem cumprir as metas de produção de ouro.[1289] Uma carta de 1938 ao vice-ministro do Interior encarregado do Gulag afirma que "de 40% a 50% dos tratores estão quebrados". Mas até métodos de trabalho mais primitivos também falhavam com freqüência. Uma carta do ano anterior observava que dos 36.491 cavalos disponíveis no Gulag, 25% não estavam em condições de uso.[1290]

As empresas do Gulag se ressentiam igualmente da falta de engenheiros e gestores. Poucos técnicos qualificados se apresentavam de livre e espontânea vontade para trabalhar em projetos do Gulag, e os que de fato se ofereciam não tinham necessariamente as habilidades requeridas. No decorrer dos anos, envidaram-se muitos esforços para atrair trabalhadores livres para os campos, e davam-se enormes incentivos. Já em meados da década de 1930, recrutadores da Dalstroi faziam campanha pelo país, oferecendo privilégios especiais a qualquer um que assinasse contrato de trabalho de dois anos. Entre os atrativos, incluíam-se salário 20% superior à média soviética por aqueles dois primeiros anos e 10% superior pelos anos seguintes, assim como férias remuneradas, acesso a comestíveis e suprimentos especiais e uma aposentadoria generosa.[1291]

Os campos do extremo norte também eram descritos com muito alarde e entusiasmo na imprensa soviética. Um exemplo clássico desse tipo de propaganda apareceu em inglês, na Sonetland, revista escrita para estrangeiros. Num artigo de abril de 1939 dedicado a Magadan, entoavam-se loas ao mágico atrativo da cidade:

> O mar de luzes que é Magadan à noite constitui espetáculo dos mais arrebatadores e cativantes. Trata-se de uma cidade que está viva e buliçosa em todos os minutos do dia e da noite. Ela fervilha de pessoas cujas vidas são reguladas por rigoroso cronograma de trabalho. Exatidão e prontidão implicam celeridade, e celeridade implica trabalho fácil e prazeroso.[1292]

Não se faz nenhuma menção ao fato de que as pessoas cujas vidas estavam "reguladas por rigoroso cronograma de trabalho" eram prisioneiras.

Não que isso importasse: tais esforços não conseguiram mesmo atrair o

---

[1288] Ibid.
[1289] Norlander, "Capital of the Gulag", p. 170.
[1290] CARK 9414/4/3.
[1291] Norlander, "Capital of the Gulag", p. 182.
[1292] Dagor, p. 10.

número necessário de especialistas, restando ao Gulag depender de presos. Um deles relataria que, junto com uma brigada de construção, foi enviado seiscentos quilômetros ao norte de Magadan para erguer uma ponte. Quando chegaram, perceberam que ninguém na brigada construíra pontes antes. Um dos presos, um engenheiro, viu-se encarregado do projeto, ainda que pontes não fossem sua especialidade. A ponte foi construída. Também foi levada de roldão na primeira enchente.[1293]

Esse, porém, foi um desastre menor se comparado a alguns outros. Houve projetos inteiros do Gulag, empregando milhares de pessoas e enormes recursos, que se revelaram espetacularmente anti-econômicos e mal concebidos. Talvez o mais famoso tenha sido a tentativa de construir urna ferrovia da região de Vorkuta à foz do Ob, no oceano Ártico. A decisão de iniciar as obras foi tomada pelo governo soviético em abril de 1947. Um mês depois, o desbravamento, o levantamento topográfico e a construção tiveram início simultâneo. Prisioneiros também começaram a construir um novo porto de mar no cabo Kamenny, onde o Ob se alarga rumo ao mar.

Como de hábito, houve complicações: não se dispunha de tratores em número suficiente, de modo que os presos usaram velhos tanques de guerra. Os planejadores compensaram a falta de máquinas sobrecarregando os prisioneiros. Jornadas de onze horas eram normais, e às vezes, durante os longos dias de verão, até trabalhadores livres ficavam nas obras das nove da manhã à meia-noite. No final do ano, as complicações se tornaram mais sérias. A equipe topográfica determinara que o cabo Kamenny era má localização para o porto: não havia calado-d'água suficiente para navios de porte, e o solo era instável demais para indústrias pesadas. Em janeiro de 1949, Stalin convocou uma reunião, altas horas da noite, em que a liderança soviética resolveu mudar não só o local da obra, mas também a ferrovia: agora, a linha ligaria o Ob não com a região de Vorkuta (a oeste), mas com o rio Ienissei (a leste). Construíram-se mais dois campos: o canteiro de obras 501 e o canteiro de obras 503. Ambos começaram a assentar os trilhos ao mesmo tempo. A idéia era encontrarem-se no meio do traje-to. A distância entre eles era de 1.300 quilômetros.

As obras continuavam. No auge do projeto, segundo uma fonte, eram 80 mil pessoas trabalhando; segundo outra, eram 120 mil. O projeto ficou conhecido como "Estrada da Morte". A construção se revelou quase impossível na tundra ártica. Quando o permafrost de inverno se transformava rapidamente em lama de verão, tinha-se de lutar o tempo todo para impedir que os trilhos se retorcessem ou afundassem. Mesmo com esse esforço, os vagões freqüentemente descarrilavam. Por problemas de abastecimento, os presos começaram a usar madeira em lugar de aço na construção ferroviária - uma decisão que veio selar o fracasso do projeto. Em 1953, à época da morte de Stalin, haviam-se construído quinhentos quilômetros de um dos extremos, duzentos do outro. O porto existia apenas no papel. Semanas após o funeral de Stalin, o projeto inteiro, que custara 40 bilhões de rublos e dezenas de milhares de vidas, foi abandonado de vez.[1294]

Em escala menor, tais histórias se repetiam todos os dias, por todo o Gulag. No entanto, apesar do clima, da inexperiência e da má gestão, a pressão sobre os

---

[1293] Maksimovieh, pp. 91-100.
[1294] A. Dobrovolskii; Okhotin e Roginskii, pp. 220-21 e 341-43.

administradores dos campos, e sobre os presos, nunca amainava. As chefias eram submetidas a infindáveis inspeções e programas de fiscalização e viviam sendo exortadas a melhorar o desempenho. Os resultados, por mais que fossem fictícios, tinham importância. Por mais ridículo que possa ter parecido aos prisioneiros - os quais sabiam perfeitamente quanto o trabalho era acochambrado -, a brincadeira era terrivelmente séria. Muitos dos presos não sobreviveriam a ela.

**KVCh: o Departamento de Cultura e Educação**

Caso não estivesse claramente indicado que elas pertenciam ao arquivo da NKVD, o observador casual poderia ser desculpado se achasse que as fotos do Bogoslovlag - que aparecem num álbum cuidadosamente conservado, datado de 1945 - não eram de um campo de concentração. As imagens mostram jardins bem plantados, flores, arbustos, um chafariz e um quiosque em que os presos podiam sentar e conversar. A entrada do campo é marcada por uma estrela vermelha e um slogan: "Votamos todas as nossas forças para o poderio futuro da pátria!"

As fotos de presos que adornam outro álbum, arquivado ali perto, são igualmente difíceis de conciliar com a imagem popular que se tem dos detentos do Gulag. Há um homem que, contente, segura uma abóbora; vacas puxam arado; um sorridente comandante de campo colhe uma maçã. Ao lado das imagens, vêem-se gráficos. Um mostra a produção planejada do campo; o outro, o cumprimento da meta.[1295]

Todos esses álbuns - montados, colados e etiquetados com o mesmo zelo que as crianças demonstram quando elaboram um trabalho para apresentação em classe - foram produzidos por uma só instituição: o Departamento de Cultura e Educação do Gulag (Kolturno-vospitatelnaya Chast, ou KVCh, como era mais conhecido dos presos). Ele, ou algum equivalente, existia desde o início do Gulag. Em 1924, a primeira edição do Slon, o periódico da prisão de Solovetsky, continha um artigo sobre o futuro dos estabelecimentos prisionais no país: "A política de trabalho correcional da Rússia precisa reabilitar os presos acostumando-os a participar do trabalho produtivo organizado".[1296]

Na maioria das vezes, porém, o verdadeiro objetivo da propaganda dos campos era aumentar as cifras de produção. Foi esse o caso até durante a construção do Canal do Mar Branco, quando, como já vimos, a propaganda de "reabilitação" teve sua fase mais ostensiva e, talvez, mais sincera. Naquela época, o culto nacional do trabalhador de choque estava no auge. No campos, artistas pintavam retratos dos melhores operários do canal, e atores e músicos montavam espetáculos e concertos especiais para eles. Os trabalhadores de choque eram até convidados a enormes assembléias, nas quais se cantava e discursava. Uma delas, realizada em 21 de abril de 1933, foi seguida de uma "investida de trabalho": durante 48 horas, nenhum dos 30 mil trabalhadores de choque deixou o local de serviço.[1297]

Esse tipo de atividade foi abandonado sem nenhuma cerimônia no final dos anos 1930, quando os presos se tornaram "inimigos do povo" e já não podiam

---

[1295] GARF, 9414/6/23.
[1296] SLON, vol. I, 1924 (from GARF collection).
[1297] Chukhin,Kanaloarmeetsi, pp. 127-31.

simultaneamente ser "trabalhadores de choque". Mesmo assim, depois que Beria assumiu os campos (1939), a propaganda foi aos poucos retornando. Embora nunca mais tivesse havido outro Canal do Mar Branco - um projeto do Gulag cujo "êxito" fora alardeado para o mundo -, a linguagem da reabilitação voltou aos campos. Em teoria, na década de 1940, todo campo tinha um instrutor do KVCh, assim como uma pequena livraria e um "clube" do KVCh, onde se organizavam concertos e exibições teatrais e ocorriam palestras e debates políticos. Thornas Sgovio se recordaria de um desses clubes:

> O recinto principal, acomodando cerca de trinta pessoas, tinha paredes de madeira pintadas em cores vistosas. Havia algumas mesas, em princípio para leitura. Contudo não existiam livros, jornais nem outros periódicos. E como poderia ler sido diferente? Os jornais valiam seu peso em ouro - nós os usávamos para fazer cigarros.[1298]

A partir dos anos 30, os presos com ficha criminal eram supostamente os principais "clientes" do KVCh. Assim como não estava claro se presos políticos seriam autorizados a ocupar cargos de especialistas, tampouco estava claro se valeria a pena tentar reabilitá-los. Em 1940, uma diretiva da NKVD sobre o trabalho cultural e educacional nos campos afirmou categoricamente que quem cometera crimes anti-revolucionários não era material adequado para reabilitação. Nas montagens teatrais dos campos, esses elementos podiam tocar instrumentos, mas não falar nem cantar.[1299]

Como em tantas outras situações, tais ordens eram mais desconsideradas do que obedecidas. E, também como em tantas outras situações, a verdadeira função do KVCh na vida dos campos diferia daquilo que os poderosos do Gulag haviam tido em mente para o departamento. Se Moscou pretendia que o KVCh obrigasse os presos a darem mais duro, os presos então usavam o KVCh a seu próprio modo: para obter apoio moral - e para sobreviver.

Em vista disso, parece que os instrutores culturais e educacionais nos campos procuravam difundir entre os presos o valor do trabalho, de maneira bem semelhante àquela com que representantes do Partido Comunista procuravam fazê-lo fora do mundo prisional. Nos campos maiores, o KVCh produzia jornais locais. Às vezes eram jornais de verdade, com reportagens e longos artigos sobre os êxitos do campo, assim como com "autocríticas" - comentários sobre o que estava errado no estabelecimento -, as quais eram de rigor na imprensa soviética. Afora um breve período no começo da década de 1930, esses jornais se destinavam sobretudo aos administradores e aos trabalhadores livres.[1300]

Para os presos, também havia jornais murais (afinal, ocorria escassez de papel). Um prisioneiro descreveu os jornais murais como "um atributo do modo de vida soviético - ninguém os lia, mas eles apareciam regularmente". Com freqüência, tinham "seções humorísticas":

> Obviamente, presumiam que trabalhadores que estavam morrendo de inanição leriam aquilo, dariam uma gostosa gargalhada e, por fim, chamariam à razão os folgados que não queriam saldar através do

[1298] Sgovio, p. 184.
[1299] GARF, 9401/1/567.
[1300] GARF, 9401/1a/68.

trabalho honesto a dívida com a pátria.[1301]

Por mais risíveis que os jornais murais pudessem parecer a muitos, a direção do Gulag, em Moscou, os levava muito a sério. Esses jornais, ordenava uma diretiva, devem "ilustrar os melhores exemplos de trabalho, popularizar os trabalhadores de choque, condenar os refratários e mandriões". Não se permitiam imagens de Stalin - afinal, aqueles eram criminosos, não "camaradas", e continuavam "excomungados" da vida soviética, proibidos até de contemplar o rosto do líder Ademais, a freqüentemente absurda atmosfera de sigilo que se abatera sobre os campos em 1937 perdurou por toda a década de 40: jornais que eram impressos nos campos não podiam sair dali.[1302]

Além de pôr jornais em paredes, o KVCh exibia filmes. Gustav Herling assistiu a um musical americano, "cheio de mulheres de corpete e homens de plastrom e paletó acinturado", e a um filme de propaganda que concluía com "o triunfo da virtude": "Os desajeitados universitários ficavam em primeiro lugar na competição laborai socialista e, com olhos chamejantes, faziam um discurso que enaltecia o Estado no qual o trabalho manual fora elevado à mais excelsa posição".[1303]

Entrementes, alguns presos comuns se aproveitavam das salas escuras onde se projetavam os filmes para matar outros, por vingança ou não. "Ao fim de uma dessas exibições, lembro-me de ter visto o corpo de um morto passar numa maca", disse-me uma pessoa que estivera aprisionada no Gulag.[1304]

O KVCh também promovia partidas de futebol ou xadrez, concertos e apresentações que eram solenemente denominadas "atividades criativas autodidáticas". Um documento de arquivo relaciona o seguinte repertório, de um conjunto de canto e dança da NKVD que fazia turnê pelos campos:

1. "A balada de Stalin"
2. "A meditação cossaca sobre Stalin"
3. "A canção de Beria"
4. "A canção da pátria"
5. "A luta pela pátria"
6. "Tudo pela pátria"
7. "A canção dos guerreiros da NKVD"
8. "A canção dos chekistas"
9. "A canção do longínquo posto de fronteira"
10. "A marcha dos Guardas de Fronteiras"[1305]

Ainda havia números mais ligeiros, como "Vamos fumar" e "Canção do Dnieper", que pelo menos celebrava um rio, e não uma instituição da polícia secreta. No repertório teatral, também se incluíam algumas peças de Tchekhov. Mas, pelo menos em teoria, o grosso dos esforços artísticos se destinava à educação, e não ao entretenimento, dos presos. Em 1940, uma ordem de Moscou declarava: "Toda apresentação deve educar os presos, ensinando-os a valorizar mais o trabalho".[1306] Como veremos, os presos

---

[1301] Feldgun, memórias não publicadas.
[1302] GARF, 9401/1/567.
[1303] Herling, pp. 157-58.
[1304] Wigmans, p. 127; Korallov, entrevista com a autora.
[1305] GARF, 9401/1/2443.
[1306] GARF, 9401/1/567.

também aprendiam a usar essas apresentações para ajudá-los a sobreviver.

Mas as "atividades criativas autodidáticas" não eram a única preocupação do Departamento de Cultura e Educação - nem eram o único caminho para uma carga de trabalho mais branda. O KVCh era igualmente responsável por reunir sugestões de como melhorar ou "racionalizar" o trabalho dos presos, tarefa que o departamento levava muito a sério. No relatório semestral a Moscou, um campo em Nizhne-Amursk afirmava, sem ironia, ter obtido 302 racionalizações, das quais 157 haviam sido postas em prática, tendo-se economizado assim 812.332 rublos.[1307]

Isaak Filshtinskii também observa, com muita ironia, que alguns presos se tornavam peritos em distorcer essa política em proveito próprio. Um deles, ex-motorista, garantia saber como construir um mecanismo que possibilitaria aos carros usarem oxigênio como combustível. Os chefes do campo, empolgados com a perspectiva de descobrir uma "racionalização" realmente importante, deram-lhe um laboratório onde pudesse desenvolver a idéia.

> Não sei dizer se acreditavam nele ou não. Estavam simplesmente cumprindo determinações do Gulag. Em todo campo, pessoas deviam trabalhar como racionalizadores e inventores [...] e - quem sabe? - talvez Vdovin acabasse descobrindo alguma coisa, e aí todos ganhariam o Prêmio Stalin!

Vdovin foi enfim desmascarado no dia em que voltou do laboratório com um gigantesco objeto feito de sucata, cujo propósito ele se mostrou incapaz de explicar.[1308]

Assim como no mundo extramuros, os campos de concentração continuavam a realizar "competições socialistas", nas quais os presos deviam concorrer uns contra os outros para elevar a produção. Os campos também homenageavam seus trabalhadores de choque pela suposta capacidade de triplicar ou quadruplicar as metas de produção. No capítulo 4, já descrevi a primeiras dessas campanhas, que começou nos anos 1930, mas elas continuaram pelos 40 - com entusiasmo sensível-mente menor e exagero sensivelmente mais absurdo. Os presos que participavam podiam ganhar muitos tipos diferentes de prêmio. Alguns recebiam maiores rações ou melhores condições de vida. Outros, gratificações mais intangíveis. Em 1942, por exemplo, o prêmio pelo bom desempenho podia abranger uma knizhka otlichnika, a caderneta concedida àqueles que alcançavam o status de trabalhadores "ótimos". Ela compreendia um pequeno calendário, com espaço para registrar em porcentagem o cumprimento das metas diárias; um espaço em branco para sugerir "racionalizações"; uma lista dos direitos do detentor da caderneta - a prerrogativa de ficar com o melhor lugar no alojamento, ter os melhores uniformes, receber remessas externas sem restrições etc.; e uma citação de Stalin: "A pessoa esforçada sente-se um cidadão livre de seu país, uma espécie de ativista social. E, se ela der duro, e der o que puder à sociedade, será um herói do trabalho".[1309]

Nem todos levavam esse prêmio muito a sério. O preso polonês Antoni Ekart

---

[1307] GARF, 9414/1/1442.
[1308] Filshtinskii, pp. 163-69.
[1309] GARF, 9414/1/1441.

também descreveria uma de tais campanhas:

> Pendurava-se um Quadro de Honra (feito de compensado), no qual se indicavam os resultados das Competições dos Trabalhadores Socialistas à medida que eram anunciados. Às vezes, exibia-se um retrato tosco do "trabalhador de choque" que estava na frente, dando detalhes dos recordes quebrados. Expunham-se números quase inacreditáveis, mostrando uma produção 500% ou até 1.000% acima do normal. Isso se referia a cavar buracos com pás. Até os presos menos atilados sabiam ser impossível conseguir cavar cinco ou dez mais do que o padrão.[1310]

Mas, no fim das contas, os instrutores do KVCh também tinham a responsabilidade de convencer os "folgados" de que era do interesse deles trabalhar, e não ficar em celas punitivas, nem tentar sobreviver com rações pequenas. Fica claro que não muitos instrutores levavam tais palestras a sério - havia tantas outras maneiras de persuadir os presos a trabalhar! Todavia, uns poucos as levavam, para júbilo dos maiorais do Gulag, em Moscou. Estes, aliás, consideravam importantíssima aquela função do KVCh e até promoviam conferências periódicas de instrutores, para debater temas como "Quais as motivações básicas daqueles que se recusam a trabalhar?" e "Quais os resultados práticos da eliminação do dia livre dos presos?".

Numa dessas reuniões, durante a Segunda Guerra Mundial, os organizadores trocaram impressões. Um deles reconheceu que alguns "folgados" não conseguiam trabalhar porque estavam fracos demais para conseguir manter-se com a quantidade de alimento que recebiam. Ainda assim, alegou que mesmo os famintos podiam ser motivados: ele dissera a um refratário que o comportamento deste era "como uma faca cravada nas costas de teu irmão, que está na frente de batalha". Tinha sido o suficiente para fazer o homem esquecer a fome e dar mais duro. Outro dos instrutores presentes afirmou ter mostrado a alguns refratários fotos de "Leningrado em batalha", depois do que todos eles foram de imediato para o trabalho. Outro ainda disse que, em seu campo, as melhores brigadas podiam decorar os respectivos alojamentos; e que os melhores trabalhadores eram estimulados a plantar flores em vasos individuais, deles próprios. Nas atas da reunião (conservadas em arquivo), alguém fez uma anotação ao lado desse último comentário: Korosho! ("Excelente!").[1311]

Compartilhar experiências dessa maneira era considerado tão importante que, no auge da guerra, o Departamento de Cultura e Educação do Gulag em Moscou se deu ao trabalho de imprimir um folheto sobre o assunto. O título - com conotações claramente religiosas - era Retorno à vida. O autor, certo camarada Loginov, descreve uma série de relacionamentos que teve com presos "mandriões". Utilizando astutas táticas psicológicas, converteu cada um deles para a crença no valor do trabalho duro.

As histórias que Loginov conta são bem previsíveis. Numa delas, por exemplo, explica a Ekaterina Sh. (esposa instruída de um condenado à morte por espionagem em 1937) que a vida dela, embora arruinada, podia voltar a ter sentido no contexto do Partido Comunista. Loginov também expõe ao preso Samuel Goldshtein as "teorias raciais" de Hitler e esclarece o que a "Nova

---

[1310] Ekart, p. 82.
[1311] GARF, 9414/1/1440.

Ordem" nazista na Europa acarretaria para ele, Goldshtein. O prisioneiro, de tão inspirado com esse surpreendente (na URSS) apelo a sua judaicidade, quer partir na mesma hora para a frente de batalha. Loginov lhe diz que, "hoje, tua arma é teu trabalho"; e o convence a dar mais duro no campo de concentração. "Tua pátria precisa de teu trabalho - e de ti", diz a outro preso ainda, que, com lágrimas nos olhos, volta ao serviço ao ouvir tais palavras.[1312]

Fica evidente que o camarada Loginov se orgulha de sua função e se dedica a ela com muita energia. O entusiasmo dele era real. As recompensas que recebeu por seu trabalho, também: V. G. Nasedkin então chefe de todo o sistema Gulag, mostrou-se tão satisfeito com o empenho de Loginov que premiou o autor com uma gratificação de mil rublos e ordenou que o panfleto fosse enviado a todos os campos do sistema.

Está menos claro se Loginov e seus mandriões acreditavam de fato no que ele dizia. Não sabemos, por exemplo, se Loginov entendia em alguma medida que muitas das pessoas que ele estava tentando "trazer de volta à vida" eram inocentes de todo e qualquer crime. Tampouco sabemos se pessoas como Ekaterina Sh., caso tenha existido, realmente se reconverteram aos valores soviéticos; ou se de repente perceberam que, aparentando ter-se convertido, talvez recebessem melhor comida, melhor tratamento, trabalho mais fácil. As duas possibilidades nem chegam a ser mutuamente excludentes. Para pessoas aturdidas e desorientadas com a rápida transição de cidadãos úteis a prisioneiros desprezados, "ver a luz" e regressar à sociedade soviética pode não só tê-las ajudado a restabelecer-se psicologicamente, mas também ter-lhes proporcionado a melhoria de condições que lhes salvou a vida.

Aliás, a pergunta "Será que eles acreditavam no que estavam fazendo?" é parte pequena de uma questão muito maior, a qual vai ao fundo do caráter da URSS: será que algum dos líderes daquele país chegou a acreditar no que eles próprios estavam fazendo? A relação entre a propaganda e a realidade soviéticas sempre foi estranha: as fábricas mal conseguem funcionar, não há nada para comprar no comércio, velhinhas não têm condições de aquecer seus apartamentos - e, nas ruas lá fora, faixas proclamam o "triunfo do socialismo" e as "heróicas realizações da pátria soviética".

Nos campos do Gulag, tais paradoxos não eram diferentes. Stephen Kotkin, em sua obra sobre a história de Magnitogorsk, assina-la que, no jornal da colônia de trabalho correcional dessa cidade fabril stalinista, os perfis dos condenados regenerados eram escritos numa "linguagem que lembrava muito o que se podia ouvir a respeito de operários-padrão fora da colônia: eles davam duro, estudavam, sacrificavam-se e procuravam aprimorar-se".[1313]

Não obstante, havia nos campos um nível extra de singularidade. Se no mundo extramuros a enorme disparidade entre esse tipo de propaganda e a realidade soviética já parecia risível a muitos, no Gulag o absurdo dava a impressão de alcançar novas culminâncias. Nos campos, onde os presos viviam sendo chamados de "inimigos", estando categoricamente proibidos de tratarem-se por "camarada" e contemplarem o retrato de Stalin, eles mesmo assim deviam trabalhar pela glória da pátria socialista, tal qual os homens e mulheres livres - e ainda participar de "atividades criativas autodidáticas" como se o fizessem

---

[1312] GARF, 9414/4/145.
[1313] Kotkin, p. 232.

por puro e simples amor à arte. O despropósito ficava bastante claro para todos. Em certa altura de sua carreira no Gulag, Anna Andreevna se tornou "artista" do campo, significando que era empregada para pintar aqueles slogans. Esse serviço, leve pelos padrões dos campos, lhe salvou certamente a saúde e possivelmente a vida. Mas, entrevistada anos depois, Anna afirmou nem sequer se lembrar dos dizeres. Disse achar que "a chefia os concebia. Algo como 'Dedicamos todas as nossas forças ao trabalho' ou coisa assim [...]. Eu os pintava muito depressa e, estritamente falando, muito bem, mas esqueci por completo o que escrevia. Isso aconteceu por alguma espécie de mecanismo de autodefesa".[1314]

Também chamou a atenção de Leonid Trus (prisioneiro no começo dos anos 1950) o despropósito dos slogans que estavam fixados por todas as construções do campo e que eram repetidos pelos alto-falantes:

> Havia um sistema de rádio do campo, que regularmente transmitia informações sobre nossos êxitos no trabalho e ralhava com quem não trabalhava direito. Essas transmissões eram muito canhestras, mas me faziam lembrar as que eu ouvira em liberdade. Acabei convencendo-me de que a única diferença era que, em liberdade, as pessoas eram mais talentosas e sabiam descrever tudo aquilo de modo mais bonitinho [...] em geral, o campo era igual à liberdade - os mesmos cartazes, os mesmos slogans -, só que [no Gulag] as frases soavam mais absurdas. "Pegaram o serviço e o concluíram", por exemplo. Ou "Na URSS, o trabalho é questão de honestidade, honra, bravura e heroísmo" - palavras de Stalin. Ou todos os outros slogans, como "Somos pela paz" ou "Desejamos a paz para o mundo inteiro".[1315]

Os estrangeiros que não estavam acostumados a slogans e faixas achavam o trabalho dos "reeducadores" ainda mais esquisito. O polonês Antoni Ekart descreveria uma típica sessão de doutrinação política:

> O método utilizado era o seguinte: um homem do KVCh, um agitador profissional com a mentalidade de uma criança de seis anos, falava aos presos sobre a nobreza de envidarem todos os seus esforços no trabalho. Dizia-lhes que pessoas nobres eram patriotas; que todos os patriotas amavam a Rússia Soviética, o melhor país do mundo para os trabalhadores; que os cidadãos soviéticos se orgulhavam de pertencer a um país assim etc. etc., durante duas horas inteiras - e isso tudo para um público cuja própria aparência era testemunho do absurdo e da hipocrisia de tais afirmações. Mas o orador não se incomodava com a fria acolhida e continuava falando. Por fim, prometia a todos os "trabalhadores de choque" mais gratificação, maiores rações e melhores condições. Pode-se imaginar o efeito disso em quem estava submetido à disciplina da fome.[1316]

Um polonês desterrado teve a mesma reação a uma palestra propagandística a que assistiu num campo de concentração siberiano.

---

[1314] Andreevna, entrevista com a autora.
[1315] Trus, entrevista com a autora.
[1316] Ekart, p. 82.

> Durante horas e horas, o palestrante não parou de falar, tentando provar que Deus não existia, que Ele era apenas uma invenção burguesa. Devíamos nos considerar afortunados por estarmos na URSS, o país mais perfeito do mundo. Ali no campo, aprenderíamos a trabalhar e enfim ser pessoas dignas. De quando em quando, ele procurava nos instruir: assim, contava-nos que "a Terra é redonda" e que ele estava absolutamente convencido de que não sabíamos nada disso; de que também ignorávamos, por exemplo, que Creta era "peninsular", ou que Roosevelt era ministro de algum país estrangeiro. Comunicava verdades desse tipo com uma confiança inabalável em nossa total falta de conhecimento, pois como podíamos nós, criados num Estado burguês, esperar ter o benefício da educação mais elementar que fosse? [...] com muita satisfação, enfatizava que não poderíamos sequer sonhar em recuperar a liberdade, pois a Polônia jamais se reergueria.

Infelizmente para o coitado do palestrante, todo o seu trabalho não adiantou de nada, segundo o polonês: "Quanto mais ele arengava, mais nos rebelávamos intimamente, mantendo a esperança apesar de tudo. Os rostos se endureceram de obstinação".[1317]

Gustav Herling, outro polonês, descreveria as atividades culturais de seu campo de concentração como

> vestígios dos regulamentos elaborados em Moscou nos tempos em que os campos realmente se destinavam a ser instituições correcionais e educacionais. Gogol teria detectado aquela obediência cega a uma ficção oficial, mesmo que contraditória com a prática geral no campo - era como educar "almas mortas".[1318]

Tais opiniões não são casos isolados: encontram-se na imensa maioria dos registros, que ou nem mencionam o KVCh, ou o ridicularizam. Por esse motivo, é difícil, quando se escreve sobre a função da propaganda no Gulag, avaliar a importância dela para a direção do sistema. Por um lado, pode-se muito bem argumentar - e muitos o fazem - que a propaganda nos campos, assim como toda a propaganda soviética, era pura farsa; que ninguém lhe dava crédito; que era produzida pela administração dos campos só para iludir os prisioneiros de maneira bastante pueril e óbvia.

Por outro lado, se a propaganda, os cartazes e as sessões de doutrinação política eram completamente ridículos - e se ninguém acreditava neles de jeito nenhum -, então por que se desperdiçava tanto tempo e tanto dinheiro com aquilo? Tomando como amostra só os registros da administração do Gulag, há centenas e mais centenas de documentos que atestam o trabalho intensivo do Departamento de Cultura e Educação. Por exemplo, no primeiro trimestre de 1943, quando a guerra estava no auge, os campos e Moscou trocavam telegramas frenéticos, pois comandantes tentavam desesperadamente obter instrumentos musicais para os presos. Ao mesmo tempo, os campos promoviam um concurso cujo tema era "A grande guerra patriótica do povo soviético contra os ocupantes fascistas alemães" e do qual participavam cinqüenta pintores e oito escultores. Num tempo de escassez nacional de mão-de-obra, os órgãos centrais também recomendavam que todo campo

---

[1317] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[1318] Herling, p. 155.

empregasse um bibliotecário; um projetista para exibir filmes de propaganda; e um kulturorganizator, prisioneiro que servia de assistente ao instrutor cultural e ajudava a travar a "batalha" pela limpeza, a organizar as atividades artísticas, a elevar o nível cultural dos presos - e a ensiná-los a "entender corretamente as questões da política contemporânea".[1319]

Os instrutores culturais dos campos ainda apresentavam relatórios semestrais ou trimestrais sobre seu trabalho, muitas vezes arrolando com grande minúcia suas realizações. Também em 1943, o instrutor cultural no Vosturallag (na época um campo para 13 mil presos) enviou um desses relatórios. Com 21 páginas, começava reconhecendo que, no primeiro semestre daquele ano, as metas industriais do campo "não foram cumpridas". No segundo semestre, porém, tomaram-se providências. O Departamento de Cultura e Educação ajudara a "mobilizar os presos para cumprirem e superarem as metas de produção estabelecidas pelo camarada Stalin", a "restabelecer a saúde dos presos e fazer os preparativos para o inverno" e a "eliminar deficiências no trabalho cultural e educacional".[1320] Em seguida, o chefe do KVCh no campo listava os métodos que empregava. Assinalava grandiosamente que, naquele segundo semestre, fizeram-se 762 discursos políticos, aos quais assistiram mais de 70 mil presos (é de supor que muitos tenham ido mais de uma vez). Ao mesmo tempo, o KVCh promovera 444 palestras de informação política, com presença de 82.400 presos; imprimira 5.046 jornais murais, lidos por 350 mil pessoas; apresentara 232 concertos e peças; exibira 69 filmes; e organizara 38 grupos de teatro. Um desses últimos até compusera uma canção, citada com orgulho no relatório:

> A brigada é simpática,
> O dever nos chama,
> O canteiro de obra nos aguarda,
> A frente de batalha precisa de nosso trabalho.[1321]

Pode-se tentar aventar explicações para esse enorme esforço. Na burocracia do Gulag, talvez o Departamento de Cultura e Educação fosse o derradeiro bode expiatório: se as metas não estavam sendo cumpridas, a culpa não era da má organização, nem da desnutrição, nem das práticas de trabalho estupidamente cruéis, nem da falta de botas de feltro - era, isto sim, da propaganda insuficiente.

Talvez o motivo fosse a rígida burocracia do sistema: tão logo a cúpula decidia que precisava haver propaganda, todos tentavam obedecer à ordem sem questionar se era ou não absurda.

Talvez a liderança moscovita estivesse tão isolada dos campos que realmente acreditasse que 444 palestras e 762 discursos políticos fariam homens e mulheres famélicos trabalharem com mais afinco (ainda que isso pareça improvável, dadas as informações também disponíveis para essa mesma liderança nos relatórios dos inspetores dos campos).

Ou talvez não haja nenhuma boa explicação. Vladimir Bukovsky, o dissidente soviético que depois também foi prisioneiro, dava de ombros quando lhe

---

[1319] GARF, 9414/1/1460.
[1320] GARF, 9414/1/1461; Okhotin e Roginskii, p. 195.
[1321] GARF, 9414/1/1461.

perguntavam sobre isso. Segundo Bukovsky, aquele paradoxo era o que tornava o Gulag excepcional:

> Em nossos campos, esperava-se não apenas que fossemos trabalhadores escravos, mas que também cantássemos e sorríssemos enquanto trabalhávamos. Não queriam só nos oprimir - queriam que lhes agradecêssemos por isso.[1322]

## 12. PUNIÇÃO E RECOMPENSA

*Quem ainda não esteve lá, estará.*
*Quem já esteve, nunca esquecerá.*

Provérbio soviético acerca das prisões.[1323]

### Shizo: as celas punitivas

Muito poucos campos de concentração soviéticos chegaram ao presente intactos, ou mesmo em ruínas. Por isso, é curioso que bom número de shtrafnye izolyhateri (celas de isolamento, ou, no inevitável acrônimo, Shizo) continue de pé. Do lagpunkt 7 do Ukhtpechlag, só resta o pavilhão de celas punitivas, agora a oficina de um mecânico de autos armênio. Ele deixou as grades nas janelas tal qual estavam, na esperança, segundo ele, de que "Soljenitsin compre meu imóvel". Do lagpunkt agrícola de Aizherom, no Lokchimlag, não resta nada - exceto, mais uma vez, as celas punitivas, hoje transformadas na residência de várias famílias. Uma das idosas que moram ali elogia a solidez de uma das portas. Esta ainda tem no meio um grande "buraco de Judas", pelo qual os guardas outrora espiavam os presos e lhes atiravam rações de pão.

A longevidade desses pavilhões é testemunho da robustez de sua construção. Sendo freqüentemente as únicas obras de alvenaria num campo de madeira, eram a zona prisional dentro da zona prisional. Entre suas paredes, tinha-se o rezhim dentro do rezhim. "Uma edificação sombria de pedra" foi como um preso descreveu o pavilhão punitivo em seu campo. "Portões externos, portões internos, sentinelas armadas a toda volta."[1324]

Na década de 1940, Moscou já emitira instruções minuciosas, descrevendo tanto a construção das celas punitivas quanto as normas para os condenados a viver ali. Cada lagpunkt (ou grupo de lagpunkts, no caso dos menores) tinha um pavilhão punitivo, em geral logo do lado de fora da zona prisional, ou, se ficasse do lado de dentro, "cercado por uma cerca intransponível", a alguma distância das outras edificações do campo. De acordo com um preso, essa restrição talvez não fosse necessária, já que muitos prisioneiros procuravam evitar a cela punitiva "circundando-a à distância, nem sequer olhando na direção daquelas paredes de pedra cinzenta, interrompidas por abertura que pareciam exalar um vazio escuro e gelado".[1325]

---

[1322] Vladimir Bukovsky, entrevista com a autora, março de 2002.
[1323] Reeditado in Rossi, The Gulag Handbook, p. 460.
[1324] Kaufman, p. 249.
[1325] Herling, p. 199.

Todo complexo de campos devia também ter um pavilhão central de celas punitivas perto da sede (Magadan, Vorkuta, Norilsk). Na realidade, esse pavilhão central era muitas vezes uma cadeia enorme, que conforme as normas, "deve estar em local o mais distante possível das regiões habitadas e das vias de transporte, ser bem guardado e assegurar completo isolamento. A guarda deve compor-se apenas dos atiradores mais confiáveis, disciplinados e experientes, selecionados dentre os trabalhadores livres". Tais cadeias centrais continham tanto celas comuns quanto solitárias. Essas últimas tinham de ficar numa construção especial, à parte, e eram reservadas a "elementos particularmente nocivos". Os presos mantidos em isolamento não eram levados para trabalhar. Ademais, ficava-lhes vedado todo tipo de exercício, além de fumo, papel e fósforo. Isso vinha acrescer-se às restrições "ordinárias" que se aplicavam a quem estava nas celas comuns: nada de cartas, nada de remessas de fora, nada de visitas de familiares.[1326]

A primeira vista, a existência das celas punitivas parece contradizer os princípios econômicos gerais em que se baseava o Gulag. Manter edificações especiais e guardas adicionais era caro. Manter detentos longe do trabalho era desperdício. Todavia, do ponto de vista da administração dos campos, as celas eram não uma forma extra de tortura, e sim parte integral do vasto esforço para fazer os presos darem mais duro. Junto com as rações reduzidas, o regime punitivo se destinava a (1) intimidar os otkazchiki, os que se recusavam a trabalhar; e (2) castigar os perpetradores de algum crime no campo, como homicídio ou tentativa de fuga.

Dado que esses dois tipos de delito tendiam a ser cometidos por diferentes tipos de preso, as celas punitivas, em alguns campos, tinham ambiente esquisito. De um lado, estavam repletas de bandidos profissionais, mais propensos a matar e escapar. De outro lado, porém, outra categoria começou a lotá-las: os presos religiosos, tanto homens quanto mulheres, as monashki, "freiras" que, por princípio, também se negavam a trabalhar para o Satã soviético. A finlandesa Aino Kuusinen, por exemplo, estava num lagpunkt de Potma cujo comandante construiu um barracão punitivo só para mulheres profundamente religiosas que "se recusavam a trabalhar na lavoura e passavam o tempo rezando em voz alta e entoando hinos". Elas não comiam com as outras prisioneiras; em vez disso, recebiam rações disciplinares naquele barracão. Duas vezes ao dia, guardas armados as acompanhavam à latrina. "De tempos em tempos, o comandante as visitava de rebenque na mão, e gritos agudos de dor ressoavam no barracão; elas costumavam ser despidas antes de açoitadas, mas nenhuma crueldade conseguia fazê-las desistir das preces e dos jejuns." Acabaram sendo levadas embora. Aino acreditava que houvessem sido fuziladas.[1327]

Outros tipos de "refratários" inveterados também iam parar em celas punitivas. Aliás, a própria existência dessas celas impunha uma escolha aos presos: podiam ou trabalhar, ou ficar alguns dias ali, virando-se com rações menores, sofrendo frio e desconforto, mas não se estafando nas florestas e outros locais de trabalho. Lev Razgon narra a história do conde Tyszkiewicz, aristocrata polonês que, vendo-se num campo madeireiro siberiano, calculou que não sobreviveria com as rações fornecidas e simplesmente se negou a trabalhar. Estimou que assim pouparia as forças, mesmo recebendo apenas a ração

---

[1326] GARF, 9401/12/316.
[1327] Kuusinen, pp. 201-2.

disciplinar.

> Toda manhã, antes que as colunas de zeks se alinhassem no pátio e os presos fossem conduzidos marchando para fora do campo, dois carcereiros tiravam Tyszkiewicz da cela punitiva. Pêlos curtos e grisalhos lhe cobriam o rosto e a cabeça rapada, e ele trajava os restos de um antigo capote, mais polainas. O oficial encarregado da segurança do campo dava início à reprimenda didática de todos os dias: "Pois bem, seu conde de m..., seu m... estúpido, vai ou não vai trabalhar?"
>
> "Não, senhor, não posso trabalhar", respondia o conde com voz muito firme.
>
> "Ah, não pode, não é, seu m...?"
>
> O oficial então explicava publicamente ao conde o que pensava deste e de seus parentes próximos e distantes e o que faria com ele logo, logo. Esse espetáculo diário era fonte de satisfação geral para os outros detentos.[1328]

Mas, embora Razgon conte a história com humor, tal estratégia era muito arriscada, pois o regime punitivo não era concebido para ser aprazível. Oficialmente, as rações disciplinares diárias para presos que não cumpriam as metas eram de 300 gramas de "pão preto de centeio", 5 gramas de farinha, 25 gramas de trigo-sarraceno ou macarrão, 27 gramas de carne e 170 gramas de batata. Se bem que essa já fosse uma quantidade ínfima de comida, os presos que ficavam nas celas punitivas recebiam ainda menos: 300 gramas daquele pão preto ao dia, mais

água quente e "alimento líquido quente" (ou seja, sopa) só uma vez a cada três dias.[1329]

Contudo, para a maioria dos presos, o aspecto mais desagradável do regime punitivo estava não no sofrimento físico - a edificação isolada, a comida ruim -, mas nos outros suplícios que dessem na veneta do comando local. Os beliches compartilhados, por exemplo, podiam ser substituídos por um simples banco. Ou o pão podia ser feito com cereal não-processado. Ou então o "alimento líquido quente" podia ser mesmo bem aguado. Janusz Bardach foi posto numa cela punitiva cujo piso ficava coberto de água e cujas paredes eram encharcadas e cobertas de limo:

> Minha roupa de baixo já estava molhada, e eu tremia. Sentia rigidez e cãibras no pescoço e nos ombros. A madeira do banco, bruta e ensopada, estava apodrecendo, principalmente nas beiradas [...] o banco era tão estreito que eu não conseguia deitar de costas, e, quando ficava de lado, as pernas pendiam da beirada; tinha de mantê-las dobradas o tempo todo. Difícil mesmo era resolver de que lado deitar: de um lado, a cara ficava espremida contra a parede; de outro, as costas ficavam molhadas.[1330]

---

[1328] Razgon, pp. 139-40.
[1329] GARF, 9401/1/713 e 9401/12/316.
[1330] Bardach, pp. 213-15.

A umidade era comum, assim como o frio. Embora as normas determinassem que a temperatura nas celas punitivas não podia ser inferior a dezesseis graus, o aquecimento era com freqüência negligenciado. Gustav Herling lembraria que, em seu pavilhão punitivo, "as janelas das pequenas celas não tinham nem vidraças nem tábuas, de modo que a temperatura nunca era mais alta que lá fora". Herling descreveria outras maneiras pelas quais as celas eram concebidas para criar desconforto:

> Minha cela era tão baixa que eu conseguia tocar o teto com a mão [...] era impossível sentar no beliche de cima sem dobrar as costas contra o teto; só se podia entrar no de baixo com um movimento de mergulho, e para sair era preciso alçar-se da madeira, como um nadador num banco de areia. A distância entre a beirada do beliche e o balde sanitário na porta era de menos que uma passada normal.[1331]

Os comandantes de campo também estavam autorizados a decidir se os presos usariam roupa na cela (muitos eram mantidos só de roupa de baixo) e se os mandariam para o trabalho. Quando os presos não trabalhavam, permaneciam no frio das celas o dia todo, sem exercício. Quando trabalhavam, passavam muita fome. Nadezhda Ulyanovskaya ficou um mês à base de rações disciplinares, mas ainda assim a fizeram trabalhar. "Vivia com vontade de comer", escreveria. "Comecei a falar só de comida."[1332] Por causa das mudanças freqüentemente inesperadas no regime punitivo, os presos morriam de medo de ser mandados para as celas. "Ali, presos choravam feito crianças, prometendo ser bonzinhos só para sair", escreveria Herling.[1333]

Nos complexos maiores, havia tipos diversos de tormento: não apenas celas punitivas, mas também barracões e até lagpunkts punitivos. Em 1933, o Dmitlag, campo que construiu o Canal Moscou-Volga, estabeleceu um "lagpunkt de regime estrito" para "refratários ao trabalho, fujões, larápios e outros". A fim de garantir a segurança, a chefia do campo prescreveu que o novo lagpunkt tivesse cerca dupla de arame farpado; que guardas adicionais conduzissem os presos ao trabalho; e que os presos fizessem trabalho braçal pesado em locais de onde fosse difícil escapar.[1334]

Mais ou menos na mesma época, a Dalstroi criou um lagpunkt disciplinar, que, no final dos anos 1930, se tornaria um dos mais infames do Gulag: Serpantinnaya (ou Serpantinka), na encosta setentrional dos montes logo acima de Magadan. Cuidadosamente situado para receber muito pouco sol, mais frio e mais escuro que os outros campos do complexo (localizados no vales e já bem frios e escuros durante grande parte do ano), o campo punitivo da Dalstroi era mais fortificado que outros lagpunkts e também serviu de local de execução em 1937 e 1938. Seu nome era usado para amedrontar os presos, que igualavam a ida para Serpantinka à sentença de morte.[1335] Um dos pouquíssimos sobreviventes descreveria o alojamento como "tão superlotado que os prisioneiros se revezavam para sentar no chão, enquanto todos os restantes permaneciam de pé. Pela manhã, a porta se abria, e chamavam de dez a doze presos pelo nome. Ninguém respondia. Aí, os primeiros que

---

[1331] Herling, pp. 199 e 200.
[1332] Ulyanovskaya, p. 358.
[1333] Herling, p. 200.
[1334] GARF, 9489/2/5.
[1335] Nordlander, "Capital of the Gulag", pp. 230-31.

estavam à mão eram arrastados para fora e fuzilados".[1336]

Na realidade, sabe-se muito pouco sobre Serpantinka, em boa parte porque sobrou tão pouca gente para dizer como era o campo. Sabe-se ainda menos sobre lagpunkts punitivos estabelecidos em outros lugares; por exemplo, o de Iskitim (do complexo do Siblag), construído numa pedreira de calcário. Ali, os presos trabalhavam sem maquinaria e sem equipamento, escavando com as mãos. Cedo ou tarde, a poeira matava muitos, em decorrência de doenças pulmonares e outros problemas respiratórios.[1337] Anna Larina, a jovem esposa de Bukharin, ficou encarcerada lá durante breve período. A maior parte dos outros prisioneiros (e mortos) de Iskitim continua anônima.[1338]

Não foram, porém, esquecidos de todo. O sofrimento dos cativos afetou tão profundamente a imaginação do povo de Iskitim que, muitas décadas depois, o surgimento de uma nova fonte de água numa colina ao lado do antigo campo seria saudada como um milagre. Dado que o barranco abaixo da fonte era, segundo a tradição local, lugar de execuções em massa de prisioneiros, os habitantes acreditavam que a água santa era a maneira pela qual Deus decidira manter viva a lembrança daqueles mortos. Num dia silencioso e gelado no final do inverno siberiano, quando o solo ainda estava coberto por um metro de neve, pude ver grupos de fiéis subirem o morro até a fonte, encherem garrafas e canecas de plástico com a água límpida e a bebericarem reverentemente - às vezes olhando, de modo solene, para o barranco lá embaixo.

## POCHTOVYI YASHCHIK: A CAIXA DO CORREIO

A Shizo era a máxima punição do sistema penal. Entretanto, o Gulag também fazia agrados aos detentos - contrabalançando castigos com recompensas. Junto com a comida, o sono e o trabalho, o campo controlava o contato dos presos com o mundo extramuros. Ano após ano, os administradores do Gulag em Moscou enviavam instruções, fixando quantas cartas e remessas de gêneros ou dinheiro os detentos podiam receber e quando e como os familiares podiam visitá-los.

Assim como as instruções referentes às celas punitivas, as normas que regiam esses contatos variaram com o tempo. Ou talvez seja mais exato dizer que, de modo geral, os contatos foram ficando mais limitados com o passar dos anos. As instruções que descreviam em termos genéricos o regime prisional de 1930, por exemplo, estipulavam apenas que os presos podiam enviar e receber um número ilimitado de cartas e remessas. Também se permitiam as visitas de familiares, sem restrições específicas, embora o número de visitas (o qual não vinha determinado nas instruções) dependesse do bom comportamento do preso.[1339]

Contudo, em 1939, as instruções já eram muito mais detalhadas. Afirmavam especificamente que apenas os presos que cumprissem as metas de produção poderiam encontrar-se com os parentes, e mesmo assim só de seis em seis

---

[1336] Adamova-Sliozberg, p. 66.
[1337] Svetlana Doinisena, diretora do museu de história de Iskitim, entrevista com a autora, 1º de março de 1999.
[1338] L. Samakhova, "Lagernaya Pyl", in Vozvrashcheniepamyati, vol. 1, pp. 38-42.
[1339] GARF, 5446/1/54.

meses. Quem excedesse as metas teria direito a uma visita por mês. As remessas de fora também se tornaram mais limitadas: os presos em geral podiam receber somente uma por mês, e os condenados por crimes anti-revolucionários, uma a cada três meses.[1340]

Em 1939, já surgiram igualmente inúmeras regras para o envio e recebimento de cartas. Alguns presos políticos podiam receber cartas uma vez por mês; outros, apenas a cada três meses. Ademais, os censores dos campos proibiam categoricamente os presos de escrever sobre certos assuntos: não podiam indicar o número de detentos em seu respectivo campo, discutir detalhes do regime prisional, mencionar guardas pelo nome ou dizer que tipo de trabalho se realizava ali. Cartas que continham tais detalhes eram não apenas confiscadas por aqueles censores, mas também cuidadosamente registradas na ficha do preso - sendo de supor que se fazia isso para usá-las como prova de "espionagem".[1341]

Todos esses regulamentos eram sempre modificados, emendados e adaptados às circunstâncias. Durante a guerra, por exemplo, suspenderam-se todas as restrições ao número de remessas de alimentos recebidas - as autoridades dos campos parecem ter tido a esperança de que os familiares simplesmente ajudassem a alimentar os presos, tarefa que, na época, era difícil ao extremo para a NKVD. Por outro lado, depois da guerra, prisioneiros em campos disciplinares especiais para criminosos violentos - bem como em campos especiais para presos políticos - viam diminuir outra vez o direito ao contato com o mundo extramuros. Estavam autorizados a escrever só quatro vezes por ano e receber cartas apenas de parentes próximos (pais, irmãos, cônjuges e filhos).[1342]

Justamente porque os regulamentos eram tão variados e complexos, e porque eles mudavam com tanta freqüência, os contatos externos acabavam ficando (mais uma vez) ao bel-prazer dos comandantes de campo. Cartas e remessas certamente nunca chegavam às celas, alojamentos ou lagpunkts punitivos. Tampouco chegavam a presos do quais as autoridades, por alguma razão, não gostassem. Além disso, havia campos que simplesmente eram demasiado isolados e, por conseguinte, não recebiam nenhuma correspondência.[1343] E existiam campos tão desorganizados que nem se preocupavam em distribuir a correspondência. Um desgostoso fiscal da NKVD escreveu que, num deles, "cartas e remessas de gêneros e de dinheiro não são entregues aos presos e jazem aos milhares em depósitos e guaritas".[1344] Em grande numero de campos, as cartas eram recebidas com atraso de meses. Isso quando eram: muitos presos só souberam anos depois que inúmeras cartas e remessas suas haviam sumido, e ninguém sabia informar se tinham sido roubadas ou perdidas. Na situação inversa, presos que haviam sido categoricamente proibidos de receber cartas acabavam recebendo-as mesmo assim, apesar do empenho dos administradores de campos.[1345]

De outra parte, alguns censores não somente cumpriam sua obrigação e

---

[1340] GARF, 9401/12/316.
[1341] Ibid.
[1342] GARF, 9401/1/3463.
[1343] Ver, por exemplo, Chirkov, pp. 54-55; Maksimovieh, pp. 82-90.
[1344] GARF, 8131/37/542.
[1345] GARF, 9489/2/20.

distribuíam as cartas, como até deixavam algumas passar invioladas. Dmitrii Bystroletov se recordaria de uma censora que se portava assim, uma konsomolka (membro da Juventude Comunista) que entregava aos presos cartas que não haviam sido nem abertas. "Ela estava arriscando não um mero pedaço de pão, mas a própria liberdade: podia ser condenada a dez anos."[1346]

Havia, é claro, maneiras de burlar tanto a censura quanto as restrições ao número de cartas. Certa vez, Anna Razina recebeu do marido uma carta dentro de um bolo (naquele momento, o marido já fora executado). Ela também viu cartas levadas para fora do Gulag às escondidas, enfiadas em solas de sapatos ou costuradas em roupas de presos que estavam sendo libertados.[1347] Num campo de regime brando, Barbara Armonas mandava cartas clandestinamente por intermédio de presos que trabalhavam sem guarda fora da zona prisional.[1348]

O general Gorbatov também descreve como, de dentro de um trem de traslado, enviou à esposa uma carta não-censurada, usando um método mencionado por muitos outros. Primeiro, comprou de um dos presos um toco de lápis:

> Dei o fumo cru ao condenado, peguei o lápis com ele e, quando o trem voltou a mover-se, escrevi uma carta nos papéis de cigarro [de enrolar], numerando cada folha. Em seguida, fiz um envelope com o invólucro do fumo e o fechei com miolo de pão úmido. Para que o vento não levasse minha carta para os arbustos junto aos trilhos, eu a lastreei com um pedaço de pão, que amarrei usando fios puxados de minha toalha. Entre o envelope e o pão, enfiei uma nota de um rublo e quatro papéis de cigarro, cada um deles com esta mensagem: "Peço a quem encontrar este envelope que o sele e o ponha no correio". Fui à janela quando estávamos passando por uma grande estação e deixei a carta cair.[1349]

Não muito depois, a mulher de Gorbatov a recebeu.

As instruções oficiais não mencionavam algumas dificuldades para a escrita de cartas. Mesmo que fosse permitido redigi-las, por exemplo -nem sempre era muito fácil achar papel e lápis ou caneta.

"No campo, o papel constituía artigo de grande valor, pois os presos recisavam muito dele, mas era impossível obtê-lo", escreveria Bystroletov. "Que significa o grito de 'Hoje é dia de mandar cartas! Passem-nas!' quando não há nada em que escrever, ou quando apenas uns poucos afortunados sabem escrever e os restantes, desalentados, têm de permanecer nos beliches?"[1350]

Um preso se recordaria de trocar pão por duas páginas arrancadas de A questão do leninismo (livro cujo autor era Stalin).[1351] Nas entrelinhas, ele redigiu uma carta à família. Em lagpunkts menores, até os administradores precisavam idear soluções criativas. Em Kedrovyi Shor, por exemplo, um

---

[1346] Bystroletov, pp. 377-78.
[1347] Rozina, p. 65.
[1348] Armonas, pp. 123-26.
[1349] Gorbatov, p. 121.
[1350] Bystroletov, pp. 385-86.
[1351] A. Morozov, pp. 101-3.

contador usava papel de parede velho para elaborar documentos oficiais.[1352]

As normas para o recebimento de remessas de gêneros eram ainda mais complexas. As instruções enviadas a cada comandante de campo ordenavam expressamente que os presos abrissem todas as remessas na presença de um guarda, o qual então confiscaria qualquer item proibido.[1353] De fato, muitas vezes, esse recebimento se fazia acompanhar de todo um ritual. Primeiro, o preso era avisado de sua boa sorte. Em seguida, guardas o escoltavam para o depósito, onde ficavam trancados os pertences pessoais dos detentos. Depois que o preso abria a remessa, os guardas cortavam ou revolviam cada item (cada cebola, cada lingüiça) para assegurar-se de que não continha mensagens secretas. Se tudo passasse pela inspeção, o preso seria autorizado a pegar alguma coisa da remessa. O resto permaneceria no depósito, à espera da próxima visita autorizada do preso. Quem estivesse nas celas punitivas - ou houvesse caído em desfavor de alguma outra forma - ficaria proibido, é claro, de receber comestíveis remetidos de casa.

Havia variações nesse sistema. Um preso logo percebeu que, se deixasse suas remessas no depósito, parte delas não demoraria a sumir, furtada pelos guardas. Por conseguinte, arrumou um jeito de pendurar no cinto uma garrafa que recebera, cheia de manteiga, escondendo-a nas calças. "Com o calor do corpo, a manteiga estava sempre líquida." No final do dia, passava-a no pão.[1354] Dmitrii Brystoletov, num lagpunkt que não tinha nenhum depósito, precisou ser ainda mais criativo.

> Na época, eu trabalhava na tundra, no canteiro de obras de uma fábrica, e morava num alojamento de operários onde era impossível deixar o que quer que fosse, e de onde era impossível levar algo para a obra: as sentinelas à entrada do campo confiscavam e comiam tudo o que encontravam, e tudo o que ficasse no alojamento era surrupiado e comido pelo *dnevalni* [o preso designado para limpar e vigiar o lugar]. Tinha-se de comer tudo de uma vez. Tirei um prego dos beliches, fiz dois buracos numa lata de leite condensado e comecei a sugá-lo debaixo da coberta. Entretanto, eu estava tão exausto que caí no sono e aquele líquido inestimável ficou pingando inutilmente no imundo colchão de palha.[1355]

Também havia complicadas questões morais envolvendo as remessas, já que nem todos as recebiam. Deviam compartilhá-las? Em caso afirmativo, seria melhor fazê-lo apenas com os amigos? Ou com os potenciais protetores? Na cadeia, pudera-se organizar "Comitês dos Pobres"; nos campos, porém, isso era impossível. Alguns davam a todos, por bondade ou pelo desejo de granjear boa vontade. Outros só davam a pequenos círculos de amigos. E às vezes, conforme recordaria um preso, "acontecia de comermos os biscoitos doces na cama, à noite, porque era desagradável fazê-lo na frente dos outros".[1356]

Durante os piores anos da guerra, nos campos setentrionais mais duros, as remessas podiam constituir a diferença entre a vida e a morte. Um

---

[1352] Há um exemplo na coletânea de documentos de Kedrovyi Shor, em posse da autora.
[1353] GARF, 9401/12/316.
[1354] A. Morozov, pp. 171-75.
[1355] Bystroletov, p. 169.
[1356] Ulyanovskaya, p. 403.

memorialista, o diretor de cinema Georgii Zhenov, afirma ter sido literalmente salvo por duas remessas. A mãe as mandara de Leningrado em 1940, e ele as recebeu três anos depois, "no momento mais crucial, quando eu, faminto e tendo perdido toda a esperança, estava lentamente morrendo de escorbuto".

Na época, Zhenov trabalhava na casa de banhos de um lagpunkt, pois estava fraco demais para a lida na floresta. Ao ser informado de que recebera as duas remessas, ele de início nem acreditou. Depois, convencido de que era verdade, pediu ao responsável pelos banhos permissão para caminhar os dez quilômetros até a administração central do campo, onde ficava o depósito. Após duas horas e meia, voltou: "Com dificuldade, só conseguira caminhar um quilômetro". Aí, vendo um grupo de capatazes da NKVD num trenó, "urna idéia extravagante me passou pela cabeça: e se eu pedisse para ir com eles?". Concordaram, e o que aconteceu em seguida "pareceu um sonho": Zhenov entrou no trenó; percorreu os dez quilômetros; desceu com muita dificuldade, ajudado por aqueles capatazes; solicitou suas remessas, velhas de três anos; e as abriu.

> Tudo o que fora posto no pacote - açúcar, lingüiça, banha, confeito, cebola, alho, biscoito doce, biscoito salgado, cigarro, chocolate, junto com os papéis em que se embrulhara cada uma dessas coisas - se misturara, como numa máquina de lavar roupa, enfim se transformando numa única massa dura, com um odor adocicado de podridão, mofo, fumo e confeito.
>
> Fui até a mesa, cortei um pedaço a faca e, na frente de todos, quase sem mastigar, engoli apressadamente, sem distinguir sabor nem cheiro - temendo, em suma, que alguém me interrompesse ou tomasse aquilo de mim.[1357]

## DOM SVIDAHII: A CASA DE VISITAS

No entanto, não eram cartas e remessas o que evocava entre os presos a maior das emoções, ou a maior das agonias. Muito mais dolorosos eram os encontros com os familiares, em geral o cônjuge ou a mãe. Só os presos que haviam cumprido as metas e seguido obedientemente as normas tinham permissão para receber visitas - documentos oficiais as descrevem, com clareza, como recompensa pelo "bom trabalho, zeloso e acelerado".[1358] E a promessa de visita de um familiar era mesmo fortíssimo estímulo à boa conduta.

Desnecessário dizer que nem todos estavam em posição de receber visitas. Para começo de conversa, as famílias precisavam ter suficiente coragem moral para manter contato com um parente que era "inimigo do povo". Viajar para o Cazaquistão, Kolyma, Vorkuta ou Norilsk, mesmo como cidadão livre, também exigia coragem física. O visitante teria não apenas de suportar uma longa jornada ferroviária para uma cidade longínqua e primitiva, mas também de andar, ou pegar carona e fazer um percurso sacolejante na traseira de um caminhão, até o lagpunkt. Depois disso, talvez precisasse esperar dias ou mais, implorando a desdenhosos comandantes de campo a autorização para ver o preso - autorização que podia muito bem ser negada sem nenhuma

[1357] Zhcnov, pp. 104-6.
[1358] GARF, 9489/2/5.

justificação. Em seguida, o familiar encarava outra longa viagem, agora de retorno, pela mesma rota enfadonha.

Além do desconforto físico, o desgaste psicológico desses encontros podia ser terrível. Segundo escreveria Herling, as mulheres que chegavam para visita

> sentiam o sofrimento ilimitado de seus cônjuges, sem entendê-lo por completo ou ser capaz de ajudar de algum modo; os longos anos de separação haviam eliminado muito da afeição pelos maridos [...] o campo, distante e vedado às visitantes, ainda assim as ameaça de modo sombrio. Não são prisioneiras, mas têm parentesco com aqueles inimigos do povo.[1359]

Esses sentimentos ambíguos não se limitavam às esposas. Um preso conta a história de uma mulher que trouxera a filha de dois anos para ver o pai. Ao chegarem, ela disse à menina: "Vá dar um beijo no papai". A criança correu para o guarda e o beijou no pescoço.[1360] A filha do cientista espacial soviético Sergei Korolev ainda se recorda de ter sido levada para ver o pai quando ele estava num sharashka. Antes, vinham dizendo à menina que ele estava fora, combatendo na Força Aérea. Ao entrar na prisão, ela ficou surpresa com as pequenas dimensões do pátio e perguntou à mãe: "Onde é que o papai aterrissa com o avião?".[1361]

Nas cadeias (e também em certos campos), tais encontros eram invariavelmente breves e costumavam ocorrer na presença de um guarda, uma regra que também causava enorme desgaste. "Eu queria falar, dizer um bocado, contar tudo o que acontecera naquele ano", lembraria um preso, referindo-se à única vez em que lhe permitiram receber a visita da mãe. Não só era difícil achar palavras, mas também, "se alguém começava a falar, a descrever alguma coisa, o guarda, sempre vigilante, interrompia e dizia: 'Isso é proibido!'".[1362]

Ainda mais trágica é a história contada por Brystoletov, ao qual concederam em 1941 uma série de visitas da mulher - todas com a presença de um guarda. A esposa viera de Moscou para despedir-se: após a prisão do marido, contraíra tuberculose e estava às portas da morte. Dando-lhe o último adeus, ela esticou a mão e o tocou no pescoço, o que não era permitido (as visitas não podiam ter contato físico com os presos). O guarda afastou bruscamente o braço da mulher de Brystoletov, e ela caiu no chão, tossindo sangue. Brystoletov escreve que "perdeu a cabeça" e passou a bater no guarda, o qual começou a sangrar. O preso só foi salvo de severíssima punição pela guerra, que irrompeu naquele mesmo dia; no caos subseqüente, esqueceu-se a agressão ao guarda. Brystoletov nunca mais reviu a mulher.[1363]

Contudo os guardas nem sempre estavam presentes. Aliás, nos lagpunkts maiores, dos campos mais amplos, às vezes se permitiam visitas de vários dias, sem nenhum guarda. Na década de 1940, essas visitas em geral aconteciam numa dom svidanii (casa de visitas), especialmente construída

---

[1359] Herling, p. 93.
[1360] Golovanov, p. 128.
[1361] Koroleva, entrevista com a autora.
[1362] Yasnyi, pp. 52-53.
[1363] Bystrolelov, p. 391.

para esse propósito no limite do campo. Herling descreve uma delas:

> A casa em si, quando vista da estrada que levava da aldeia à cidade, causava boa impressão. Era construída de toras de pinho bruto, com interstícios calafetados e bom telhado. [...] A porta que ficava fora da zona prisional só podia ser usada por visitantes livres; chegava-se a ela por alguns degraus de madeira sólida. Cortinas de algodão cobriam as janelas, e os peitoris eram cobertos de longas floreiras. Cada cômodo era mobiliado com duas camas bem arrumadas, uma mesa grande, dois bancos, uma bacia e uma jarra de água, um guarda-roupa e um fogareiro de ferro; a luz era até de abajur. O que mais poderia desejar dessa modelar habitação pequeno-burguesa um preso que passara anos compartilhando beliches num alojamento imundo? Nossos sonhos de vida em liberdade se inspiravam naquele cômodo.[1364]

E no entanto... Com freqüência, quem aguardara ansiosamente aquele "sonho de liberdade" sentia-se muito pior quando o encontro acabava mal, como muitas vezes acontecia. Temendo ficarem aprisionados pelo resto da vida, alguns presos já iam ordenando aos familiares que não voltassem nunca mais. "Esqueça-se deste lugar", um deles disse ao irmão, que viajara muitos dias, em temperaturas baixíssimas, para encontrar-se com ele por vinte minutos. "Para mim, é mais importante que tudo fique bem com você."[1365] Homens que reviam as esposas pela primeira vez em anos sentiam-se repentinamente tomados de nervosismo sexual, conforme lembra Herling:

> Anos de trabalho pesado lhes haviam solapado a virilidade, e agora, antes de um encontro íntimo com uma mulher quase estranha, sentiam, além da agitação nervosa, o medo e a desesperança sem solução. Várias vezes, após visitas, ouvi homens se gabarem de suas proezas, mas em geral essas coisas eram motivo de humilhação, sendo respeitadas em silêncio por todos os presos.[1366]

As esposas em visita tinham os próprios problemas para discutir. No mais das vezes, haviam sofrido um bocado com o encarceramento dos maridos. Não conseguiam emprego, não podiam estudar e, com freqüência, tinham de esconder de vizinhos curiosos o fato de serem casadas. Algumas chegavam para informar que pretendiam divorciar-se. Em O primeiro círculo, Soljenitsin narra, com surpreendente compaixão, uma de tais conversas, baseada num diálogo real que tivera com a própria esposa, Natasha. No livro, Nadya (mulher do preso Gerasi-movich) está a ponto de perder tanto o emprego num albergue de estudantes quanto a possibilidade de concluir sua tese acadêmica, tudo porque o marido é detento. Ela sabe que o divórcio é a única maneira de "ter alguma chance de voltar a viver":

> Nadya baixou o olhar. "Eu queria dizer... Não fique chateado, está bem?... Uma vez, você disse que devíamos nos divorciar..." Ela falou bem baixinho...
>
> E, tinha havido época em que ele insistira nisso. Mas agora estava atônito. Só naquele momento reparou que a aliança de casada, que ela

[1364] Herling, p. 92.
[1365] Gogua, memórias não publicadas.
[1366] Herling, p. 95.

> sempre usara, já não estava no dedo.
>
> "Ah, claro", ele concordou, aparentando total alegria.
>
> "Então você não vai se opor se... se eu... tiver de fazer isso?" Com grande esforço, ela o encarou, os olhos arregalados. Os pontinhos em suas pupilas se iluminavam, rogando por perdão e compreensão. "Seria... só para constar", acrescentou, arfando mais do que pronunciando a frase.[1367]

Tais encontros podiam ser piores que nenhum. Izrail Mazus, encarcerado nos anos 1950, conta a história de um preso que cometeu o erro de informar aos companheiros que a mulher chegara. Enquanto se submetia à rotina exigida de todo detento que estava para receber visita - foi aos banhos, ao barbeiro e ao depósito, para reaver algumas roupas adequadas -, os outros presos piscavam para ele e o cutucavam sem cessar, com provocações sobre a cama rangente da casa de visitas.[1368] Mas, no fim das contas, nem sequer lhe permitiram ficar a sós com a esposa no quarto. Que tipo de "gostinho da liberdade" era aquele?

Contatos com o mundo lá fora se mostravam sempre complicados - pela expectativa ou pelo desejo. E de novo Herling quem escreve:

> Qualquer que tivesse sido o motivo do desapontamento - a liberdade, usufruída por três dias, ou não correspondera à idealização, ou fora breve demais, ou, desaparecendo tal qual um sonho interrompido, só deixara um vazio renovado em que não havia mais nada a esperar -, os presos ficavam invariavelmente taciturnos e irritadiços depois das visitas. E isso para nem falarmos daqueles cujas visitas haviam se transformado na trágica formalidade da separação e do divórcio. Krestynski [...] tentou enforcar-se duas vezes após uma conversa com a mulher, a qual lhe pedira o divórcio e a autorização para colocar os filhos num internato municipal.

O polonês Herling, que, na condição de estrangeiro, "jamais esperara receber ninguém" na casa de visitas, ainda assim percebia com mais clareza que muitos escritores soviéticos a importância daquele lugar: "Cheguei à conclusão de que, se a esperança é com freqüência o único significado que resta na vida, dar-se conta disso pode às vezes ser um tormento insuportável".[1369]

## 13. OS GUARDAS

*Aos chekistas*
*Uma tarefa de grandiosa responsabilidade*
*Foi-te conferida por Lênin.*
*O rosto do chekista é marcado por inquietações*
*Que ninguém mais consegue compreender.*

*No rosto do chekista se estampa a coragem.*

---

[1367] Soljenitsin, The First Circle, p. 221;Thomas, pp. 175-77.
[1368] Mazus, pp. 34-37.
[1369] Herling, p. 95.

*Ele está pronto a lutar, mesmo hoje,*
*Pelo bem e felicidade de todos.*
*Ele luta pelos trabalhadores.*

*Muitos tombaram em batalha,*
*E surgiram tantos túmulos de irmãos nossos.*
*Mas ainda restam muitos*
*Combatentes honrados e vigorosos.*

*Tremei, inimigos, tremei!*
*Logo, logo, vosso fim chegará!*
*Tu, chekista, estás sempre de guarda,*
*E em batalha liderarás no tropel.*

Mikhail Panchenko, inspetor no sistema prisional soviético;
o poema foi conservado no mesmo dossiê que descreve a
expulsão de Panchenko do Partido e da NKVD.[1370]

Por estranho que possa parecer, nem todas as normas dos campos eram escritas pelos comandantes. Havia também regras tácitas - sobre como obter status, ganhar privilégios, viver um pouco melhor que os outros -, bem como uma hierarquia extra-oficial. Quem seguia essas regras e aprendia a subir na hierarquia descobria ser muito mais fácil sobreviver assim.

No topo, estavam os comandantes, os supervisores, os carcereiros e os guardas. Usei de propósito a expressão "no topo", em vez de "acima ou "para além" da hierarquia, porque no Gulag os administradores e guardas não constituíam uma casta à parte, distanciada dos presos. Ao contrário dos guardas da SS nos campos nazistas, não eram considerados imutável e racialmente superiores aos prisioneiros, de cuja etnia eles com freqüência partilhavam. Após a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, havia centenas de milhares de presos ucranianos nos campos, assim como um número extraordinário de guardas da mesma nacionalidade.[1371]

Tampouco guardas e presos habitavam esferas sociais inteiramente distintas. Alguns guardas e administradores faziam complexas negociatas de mercado negro com os presos. Alguns se embriagavam com eles. Muitos "co-habitavam" - o eufemismo do Gulag para relações sexuais.[1372] De modo mais relevante, muitos eram ex-presos. No começo dos anos 1930, considerava-se perfeitamente normal que detentos de boa conduta se "qualificassem" como guardas - e às vezes como elementos de posto ainda mais alto na hierarquia.[1373] A carreira de Naftaly Frenkel talvez represente a transformação mais extraordinária, mas havia outros indivíduos com histórico parecido.

A trajetória de Yakov Kuperman, por exemplo, mostrou-se menos augusta que a de Frenkel, mas foi mais típica. Kuperman - que depois doaria suas memórias, não-publicadas, à Sociedade Memorial de Moscou - foi detido na década de 1930 e condenado a sete anos. Cumpriu pena em Kem (a prisão

[1370] RGASPI, 119/7/96.
[1371] Viktor Shmirov, entrevista com a autora, 31 de março de 1998. Shmirov é diretor do Perm Gulag Museum.
[1372] Ver GARF, 9414/4/29 para uma lista de administradores do Canal do Mar Branco expulsos do Partido por terem tido relações sexuais com prisioneiros, entre outros delitos.
[1373] NARK, 865/1/(10/52).

onde se ficava em trânsito antes de seguir definitivamente para Solovetsky) e depois foi trabalhar na divisão de planejamento das obras do Canal do Mar Branco. Em 1932, o caso de Kuperman foi revisto, e sua situação legal se modificou: ele passou de preso para degredado. Acabou obtendo soltura e assumiu um cargo na ferrovia Baikal-Amur (o Bamlag), experiência que recordaria "com satisfação" até o fim da vida.[1374] Sua biografia não era incomum. Em 1938, mais de metade dos administradores e quase metade dos guardas armados do Belbaltlag (o campo que construiu o Canal do Mar Branco) eram antigos ou atuais presos.[1375]

No entanto, podia-se tanto perder quanto ganhar status. Assim como era relativamente fácil para o prisioneiro tornar-se carcereiro, também era relativamente fácil para o carcereiro tornar-se prisioneiro. Administradores e comandantes de campo do Gulag estavam entre os milhares de homens da NKVD detidos nos expurgos de 1937 e 1938. Em anos posteriores, funcionários e guardas graduados do Gulag seriam freqüentemente presos por colegas suspeitosos. Nos lagpunkts isolados, a fofoca e a maledicência eram comuns: dossiês inteiros dos arquivos do Gulag se dedicam a denúncias e refutações, cartas furiosas sobre deficiências dos campos, queixas de falta de apoio da liderança central e de más condições de trabalho - e subseqüentes solicitações de que os culpados, ou desafetos, fossem encarcerados.[1376]

Administradores e guardas armados eram volta e meia aprisionados por deserção, bebedeira, furto, perda das armas e até maus-tratos aos detentos.[1377] Os registros do campo de trânsito do porto de Vanino, por exemplo, contêm descrições dos casos de V N. Sadovnikov, guarda armado que matou uma enfermeira do campo (ele pretendera mesmo era matar a esposa); de I. M. Soboleev, que afanou 300 rublos de um grupo de presos, embebedou-se e deixou sumir a carteirinha do Partido; de V. D. Suvorov, que organizou uma bebedeira e depois arrumou briga com um grupo de oficiais; e de outros que "beberam até desmaiar", ou que estavam embriagados demais para exercer suas funções.[1378] Na papelada pessoal de Georgi Malenkov, um dos lugar-tenentes de Stalin, inclui-se o relatório do caso de dois administradores de campo que, durante uma bebedeira, assassinaram dois colegas, entre eles uma médica com dois filhos pequenos.[1379] Em carta a Moscou, um administrador de campo se queixou de que a vida nos postos mais longínquos era tão enfadonha que a falta de entretenimento levava "muitos dos rapazes a desertar, desrespeitar a disciplina, embebedar-se e se meter com o carteado - atitudes que com freqüência acabam levando à prisão".[1380]

Para alguns, era possível, e até comum, cumprir o ciclo completo: oficiais da NKVD tornavam-se prisioneiros e depois de novo carcereiros, iniciando sua segunda carreira na administração do Gulag. Muitos ex-presos escrevem da rapidez com que oficiais da NKVD caídos em desgraça se reerguiam nos campos e obtinham posições de real poder. Lev Razgon, em suas memórias, narra o encontro com certo Korabelnikov, funcionário de baixo escalão da

---

[1374] Kuperman, memórias não publicadas.
[1375] Ivanova,Labor Camp Socialism, p. 154.
[1376] Ver, por exemplo, GARF, 9414/4110.
[1377] GARF, 9401/1a/61 e 9401/1/743.
[1378] Kuzmina, pp. 93-99.
[1379] GARF, 9401/2/319.
[1380] GARF, 9414/3/40.

NKVD que ele conheceu durante a viagem de Moscou para o campo de concentração. Korabelnikov lhe contou que fora detido porque tagarelara com o melhor amigo sobre uma das amantes dos chefes, pegando "cinco anos como Elemento Socialmente Perigoso - e sendo transportado para o campo junto com o resto". Mas Korabelnikov não era exatamente como o resto. Alguns meses depois, Razgon voltou a encontrá-lo. Dessa vez, Korabelnikov envergava um uniforme do campo, limpo e bem cortado. Usara de astúcia para arrumar uma "boa" ocupação, administrando o lagpunkt punitivo do Ustvymlag.[1381]

A narrativa de Razgon reflete uma realidade que os arquivos registram. De fato, um número enorme de administradores e guardas do Gulag tinha ficha criminal. Aliás, parece que, na NKVD, o Gulag funcionava explicitamente como local de exílio, a derradeira chance do secreta degradado.[1382] Depois de mandados para os limites mais longínquos do império do Gulag, esses homens raramente podiam voltar a qualquer outro departamento da NKVD, para nem falarmos de Moscou. Em sinal de sua situação diferenciada, os funcionários do Gulag usavam uniformes também diferentes e tinham um sistema ligeiramente diverso de insígnias e postos hierárquicos.[1383] Nas conferências do Partido, os oficiais do Gulag se queixavam de seu status inferior. "O Gulag é visto como uma administração da qual se pode exigir tudo e não dar nada em troca", reclamava um oficial. "Esse modo de pensar excessivamente simplório - a idéia de que somos piores que todo o mundo - está errado e possibilita que se perpetuem injustiças em termos de soldo, habitação etc."[1384] Posteriormente, em 1946, quando a NKVD foi dividida e de novo rebatizada, o Gulag passou para o controle do Ministério do Interior (MVD), e quase todas as outras funções mais interessantes, em especial a espionagem e contra-espionagem, foram para o Ministério da Segurança do Estado (MGB, depois KGB), mais prestigioso. O MVD, que administraria o sistema prisional até o funda URSS, continuaria sendo uma burocracia menos influente.[1385]

Desde o início, aliás, os comandantes de campo tinham status relativamente baixo. Numa carta que se conseguiu fazer sair às escondidas de Solovetsky no começo dos anos 1920, um preso escreveu que a administração do campo se compunha inteiramente de chekistas caídos em desgraça, que tinham sido "condenados por especulação, extorsão, agressão ou algum outro delito especificado no Código Penal Ordinário".[1386] Nas década de 1930 e 40, o Gulag se transformou no destino final de autoridades da NKVD cujo currículo não correspondia aos pré-requisitos: aqueles cuja proveniência social não era proletária o bastante, ou cuja condição de judeus, poloneses ou baltas os tornava suspeitos em períodos nos quais esses grupos étnicos estavam sendo reprimidos com vigor. O Gulag também constituía o último refúgio daqueles que simplesmente eram néscios, incompetentes ou beberrões. Em 1937, Izrail Pliner, então chefe do Gulag, queixou-se:

Deixam-nos as sobras das outras seções; mandam-nos gente com base

---

[1381] Razgon, pp. 201-10.
[1382] Petrov, "Cekisti e it seconding". (A autora leu o manuscrito em russo).
[1383] Ibid. Houve exceções, das quais a carreira de Viktor Abakumov foi uma. Ele começou sua carreira no Gulag, mas trabalhou seu caminho ladeira acima até ingressar na contra-espionagem. Ver Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 141-42.
[1384] Ivanova, ibid., p. 145.
[1385] Sou grata a Terry Martin por apontar isto.
[1386] Melgunov, p. 241. Ver também Petrov, "Cekisti a it seconding".

> no princípio de que "Vocês podem ficar com aquilo de que não precisamos". A nata dessa turma são os bêbados incorrigíveis; tão logo um homem dá para beber, é despejado no Gulag. [...] Do ponto de vista do aparato da NKVD, se alguém comete um delito, o maior castigo possível é mandá-lo trabalhar num dos campos.[1387]

Em 1939, outra autoridade do Gulag descreveu os guardas dos campos como "gente não de segunda, mas de quarta classe, o próprio rebotalho".[1388] Em 1945,Vasily Chernyshev, na época o chefe do Gulag, enviou memorando a todos os comandantes de campo e diretores regionais da NKVD para manifestar seu horror ante a baixa qualidade dos guardas armados dos campos, entre os quais se haviam constatado elevados índices de "suicídio, deserção, perda e furto de armamento, embriaguez e outros atos amorais", assim como freqüente "desrespeito às leis revolucionárias".[1389] Já em 1952, quando se descobriu corrupção nos escalões mais altos da polícia secreta, a primeira reação de Stalin foi "exilar" um dos principais transgressores, que de imediato se tornou vice-comandante do campo de Bazhenovsky, nos Urais.[1390]

Os próprios arquivos do Gulag também confirmam a crença, expressa por um ex-preso, de que tanto administradores quanto guardas eram, "no mais das vezes, pessoas muito limitadas".[1391] Por exemplo, dos onze homens que, entre 1930 e 1960, detiveram o título de "comandante do Gulag" (o chefe de todo o sistema de campos), apenas cinco possuíam algum tipo de educação superior; três não tinham ido além do primário. E raramente os que ocupavam aquele cargo o mantinham por muito tempo: num período de trinta anos, só dois homens - Matvei Berman e Viktor Nasedkin - ficaram mais de cinco anos na posição. Izrail Pliner durou apenas um ano (1937-8); Gleb Filaretov, três meses (1938-9).[1392]

No ponto mais baixo da hierarquia da NKVD, os registros pessoais dos funcionários do serviço prisional mostram, a partir da década de 1940, que até os carcereiros mais graduados - membros ou aspirantes à condição de membros do Partido - vinham quase inteiramente de famílias camponesas, possuindo instrução mínima. Poucos tinham cinco anos de escolaridade, e alguns haviam completado apenas três.[1393] Em abril de 1945, perto de 75% dos administradores do Gulag não tinham nenhuma instrução além do primário, uma porcentagem quase duas vezes maior que no resto da NKVD.[1394]

Os guardas armados dos campos - os voenizirovannaya okhrana, termo cujo acrônimo, Vokhr, dava nome à corporação deles, seguindo o hábito soviético - eram ainda menos instruídos. Esses eram os homens que patrulhavam o perímetro dos campos, que faziam os presos marchar para o trabalho, que guardavam os trens de traslado, freqüentemente tendo apenas uma vaga idéia dos motivos de suas funções. Conforme um relatório sobre o Kargopollag, "parece que os guardas não sabem os nomes de membros do Politburo, nem

---

[1387] Ivanova, Labor Camp Socialism.
[1388] Ibid., p. 150.
[1389] GARF, 9401/1/743.
[1390] Petrov, "Cekisti a it seconding".
[1391] Smimova, entrevista com a autora.
[1392] Kokurin e Petrov, Gulag, pp. 798-857.
[1393] RGASPI, 119/3/1, 6,12, e 206; 119/4/66.
[1394] Petrov, "Cekisti e it seconding".

de líderes do Partido".[1395] Outro relatório lista uma série de incidentes envolvendo guardas que haviam usado armamento de modo impróprio. Um desses indivíduos feriu três presos "em conseqüência de não saber como sua arma funcionava". Outro, "embriagado em serviço, feriu o cidadão Timofeev".[1396]

Em reuniões, comandantes de divisão se queixavam de que

> Os guardas não sabem lubrificar, limpar nem manter suas armas. [...] Uma mulher que serve como guarda cumpriu turno tendo um trapo enfiado no cano da arma. [...] Alguns guardas pegam os fuzis de outros, deixando os seus em casa porque são demasiado preguiçosos para limpá-los sempre.[1397]

Constantes cartas de Moscou instavam os comandantes locais a passarem mais tempo entre os guardas, em "trabalho cultural e educacional".[1398]

No entanto, até as "sobras" e os "bêbados incorrigíveis" de outros departamentos da NKVD conseguiam atender aos pré-requisitos de trabalho no Gulag. A maioria das instituições soviéticas se ressentia da falta crônica de pessoal, e o Gulag sofria em especial. Nem mesmo a NKVD foi capaz de arranjar número suficiente de delinqüentes para, transformando-os em funcionários, suprir o aumento de 1.800% nos efetivos entre 1930 e 1939, ou fornecer o contingente de 150 mil pessoas que foi preciso contratar em 1939-41, ou atender à enorme expansão do pós-guerra. Em 1947, com 157 mil indivíduos servindo apenas nas unidades de vigilância armada dos campos, o Gulag ainda achava que precisava de mais 40 mil guardas.[1399]

Até a dissolução final do sistema, esse dilema nunca deixou de atormentar a administração do Gulag. Excetuados os cargos de máximo escalão, o trabalho nos campos de concentração não era considerado prestigioso nem atraente, e as condições de vida estavam longe de ser confortáveis, sobretudo nos locais mais acanhados e isolados do extremo norte. A escassez generalizada de alimentos fazia que guardas e administradores recebessem víveres racionados, em quantidades atribuídas de acordo com o posto hierárquico.[1400] Retornando de uma viagem de inspeção aos campos setentrionais da região de Vorkuta, certo inspetor do Gulag reclamou da má qualidade de vida dos guardas armados, os quais trabalhavam de catorze a dezesseis horas por dia nas "difíceis condições climáticas do norte", muitas vezes não tinham indumentária nem calçado adequados e habitavam casernas imundas. Alguns, tal qual os presos, sofriam de escorbuto, pelagra e demais doenças causadas pela deficiência vitamínica.[1401] Outro inspetor escreveu que, no Kargopollag, 26 membros da Vokhr tinham sido processados e condenados como criminosos, muitos deles por terem adormecido em serviço. No verão, cumpriam turnos de treze horas - e, quando estavam de folga, não dispunham de nenhum entretenimento. Quem tinha família ficava em situação particularmente difícil, pois muitas vezes não contava com acomodações próprias e era obrigado a

---

[1395] GARF, 9414/4/3.
[1396] GARF, 9401/1/4240.
[1397] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 163.
[1398] Ver, por exemplo, GARF, 9414/3/40 e 9401/1/743.
[1399] Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 143 e 161.
[1400] GARF, 9489/2/16.
[1401] GARF, 9414/3/40.

morar na caserna.[1402]

Quem queria dar baixa descobria que isso não era fácil, nem mesmo nos escalões mais altos. Os arquivos da NKVD contêm a carta lastimosa do promotor público de Norilsk, o qual implorava que o tirassem da "região ártica", pois estava estafado e tinha saúde ruim: "Se não for possível transferir-me para o cargo de promotor em outro campo de trabalho correcional, eu gostaria de ser colocado num cargo de retaguarda ou ser dispensado da promotoria". Em resposta, ofereceram-lhe uma transferência para Krasnoyarsk, o que ele recusou, já que as condições ali (Krasnoyarsk, embora se localize ao sul de Norilsk, ainda fica na Sibéria setentrional) eram quase as mesmas.[1403]

Após a morte de Stalin, ex-autoridades dos campos freqüentemente defenderam seu ganha-pão anterior descrevendo as dificuldades daquele trabalho. Quando conheci Olga Vasileevna - antiga inspetora de campos na divisão de obras viárias do Gulag -, ela me regalou com histórias da vida dura dos funcionários do sistema. Durante nossa conversa (no apartamento moscovita com que um Partido agradecido a presenteou), Olga me contou que uma vez, quando visitava um campo distante, foi convidada a dormir na casa do comandante, na cama que era do filho dele. A noite, sentiu calor e coceiras. Achando que talvez estivesse doente, acendeu a luz. "O cobertor militar cinzento parecia vivo, estando infestado de piolhos. Não eram só os presos que tinham piolhos. As chefias também." Por via de regra, quando voltava para casa de uma viagem de inspeção, Olga tirava toda a roupa antes de entrar, para deixar os parasitas do lado de fora.

Na visão de Olga Vasileevna, o trabalho de comandante de campo era dificílimo. "Não era brincadeira. Ficava-se encarregado de centenas, milhares de presos. Havia reincidentes e assassinos, os condenados por crimes graves, pessoas das quais se podia esperar tudo. Com isso, era preciso estar em guarda o tempo todo." Os comandantes, embora pressionados a trabalhar tão eficientemente quanto possível, descobriam que também precisavam resolver todo tipo de problema:

> Chefe de um projeto de construção, era igualmente chefe do campo e passava pelo menos 60% do tempo não nas obras, tomando decisões de engenharia, mas no campo, lidando com dificuldades. Alguém adoecia, uma epidemia podia ter irrompido ou um acidente acontecia e aí alguém tinha de ser levado para o hospital, e alguém precisava de um carro, cavalo ou carroça.

Olga também disse que os "patrões" não necessariamente comiam bem em Moscou, sobretudo durante a guerra. No refeitório da sede do Gulag, serviam-se repolho, sopa e kasha. "Não me lembro de haver carne. Nunca vi nenhuma." Enquanto Stalin viveu, os funcionários do Gulag na capital soviética trabalhavam das nove da manhã às duas ou três da madrugada, todos os dias. Olga só via o filho aos domingos. Todavia, após a morte de Stalin, as coisas melhoraram. S. N. Kruglov, então chefe da NKVD, emitiu ordem que concedia uma hora de almoço aos funcionários comuns da direção geral. Em 1963, Olga e o marido também receberam um apartamento muito grande no centro de

[1402] GARF, 8131/37/357.
[1403] GARF, 8131/37/2063.

Moscou, o mesmo onde ela morava em 1998, quando a conheci.[1404]

Enquanto Stalin era vivo, porém, o trabalho no Gulag era menos recompensado, cabendo à direção geral resolver de diferentes maneiras o problema da falta de atrativos do emprego. Em 1930, quando o sistema ainda era visto como parte da expansão econômica daquela época, a OGPU realizava campanhas de publicidade interna, solicitando entusiastas para atuar no que então eram os novos campos do extremo norte:

> A dedicação e a energia dos chekistas criaram e fortaleceram os campos de Solovetsky, desempenhando papel amplo e positivo no desenvolvimento industrial e cultural do setentrião europeu de nosso território. Os novos campos, assim como Solovetsky, devem exercer função reformadora na economia e na cultura das regiões mais longínquas. Para tal responsabilidade [...], necessitamos de chekistas especialmente rijos, voluntários à cata de trabalho duro.

A eles se ofereciam, dentre outras coisas, salário até 50% maior, férias anuais de dois meses e, após três anos, um abono correspondente a três meses de salário, mais três meses de férias. Além disso, os administradores do primeiro escalão receberiam rações mensais gratuitas e teriam acesso a "rádio e instalações esportivas e culturais".[1405]

Posteriormente, quando desapareceu de vez o entusiasmo sincero (se é que este algum dia existira), os incentivos se tornaram mais sistemáticos. Os campos eram classificados de acordo com a distância e o rigor das condições locais. Quanto mais longínquos e mais duros eles eram, mais se pagava aos elementos da NKVD para trabalhar lá. Alguns campos se preocupavam em organizar esportes e outras atividades recreativas para seus funcionários. A NKVD também construiu spas especiais na região do mar Negro (em Sochi e Kislovodsk), de modo que os oficiais de maior patente pudessem passar suas longas férias com conforto, ao sol.[1406]

A direção geral criou ainda escolas onde os oficiais do Gulag pudessem aprimorar suas qualificações, para assim subir na hierarquia. À guisa de exemplo, uma delas, estabelecida em Kharkov, dava cursos não só de "História do Partido" e "História da NKVD" (disciplinas obrigatórias), mas também de direito penal, normas e técnicas de administração dos campos, contabilidade e assuntos militares.[1407] Quem se dispunha a trabalhar para a Dalstroi, na distante Kolyma, podia até ter a prole reclassificada como "filhos de trabalhadores", o que lhes garantia tratamento preferencial na admissão aos estabelecimentos de ensino superior; esse se revelou um estímulo popularíssimo.[1408]

O dinheiro e os benefícios decerto bastavam para atrair alguns funcionários também nos escalões mais baixos. Muitos consideravam o Gulag simplesmente a menos ruim das escolhas possíveis. Na URSS de Stalin (uma terra de guerra e fome), o emprego de carcereiro ou guarda prisional podia

---

[1404] Vasíleevna, entrevista com a autora.
[1405] GARF,9401/1a/1.
[1406] GARF, 9401/1a/10; 9489/2/5; e 9401/1a/5.
[1407] GARF, 9401/1a/6.
[1408] Nordleer, "Capital of the Gulag", p. 183.

significar imensurável ascensão social. Susanna Pechora, prisioneira no começo dos anos 1950, se recordaria de ter conhecido uma carcereira que trabalhava no campo de concentração porque era a única maneira de fugir à penúria extrema da fazenda coletiva onde nascera. "Com o salário, alimentava os sete irmãos e irmãs."[1409] Outro memorialista conta a história de Maria Ivanova, moça que viera trabalhar voluntariamente num campo em 1948. Esperando dessa maneira escapar à vida numa fazenda coletiva e, mais ainda, arrumar marido, Maria tornou-se, isto sim, amante de uma série de autoridades de posto hierárquico sempre mais baixo. Acabou morando num quartinho com a mãe e os dois filhos ilegítimos.[1410]

Mas nem sempre a perspectiva de salário elevado, férias longas e ascensão social bastava para trazer trabalhadores para o sistema, em especial nos escalões mais baixos. Em épocas de muita escassez de pessoal, as comissões soviéticas de mão-de-obra simplesmente despachavam trabalhadores para onde eram requisitados, sem necessariamente informá-los de onde iam. Zoya Eremenko, ex-enfermeira do Gulag, foi mandada direto do curso profissionalizante para um emprego que, disseram-lhe, seria num canteiro de obras. Quando chegou, descobriu que se tratava de um campo prisional, o Krasnoyarsk 26. "Ficamos surpresas e assustadas, mas, quando nos familiarizamos com o local, constatamos que ali as pessoas e o trabalho clínico eram os mesmos que nossos estudos nos haviam levado a esperar."[1411]

Particularmente trágicos eram os casos das pessoas obrigadas a trabalhar nos campos do Gulag após a Segunda Guerra Mundial. Milhares de ex-soldados do Exército Vermelho que haviam combatido no avanço para a Alemanha -assim como civis que, na condição de deportados ou refugiados, tinham "morado no exterior" durante a guerra - foram detidos ao retornar para a URSS e confinados a "campos de triagem", onde seriam minuciosamente interrogados para ver se caíam em contradição. Às vezes, os que não eram presos acabavam sendo enviados de imediato para trabalhar no serviço de guarda prisional. No começo de 1946, havia 31 mil pessoas nessa última situação, e em alguns campos elas correspondiam a 80% dos guardas.[1412] Tampouco podiam ir-se embora com facilidade. Muitas haviam sido privadas de sua documentação (passaporte, licença de moradia, certificado de reservista). Sem ela, não tinham como deixar os campos, nem como procurar emprego. Entre trezentos e quatrocentos desses indivíduos se suicidavam a cada ano. Um que tentou fazê-lo explicou o motivo: "Já estou no serviço há muito tempo, ainda não me deram a licença de moradia, quase todo dia chega um polícia com ordem de sairmos do apartamento, e todo santo dia isso causa brigas lá em casa".[1413]

Outros simplesmente se degeneravam. Karlo Stajner, comunista iugoslavo que esteve preso em Norilsk durante e após a guerra, recordaria que tais guardas eram "extraordinariamente diferentes daqueles que não haviam lutado no conflito":

Para começo de conversa, mostravam sinais claros de desmoralização.

[1409] Pechora, entrevista com a autora.
[1410] Roeder, pp. 128-30.
[1411] Kuchin, PolyanskiiLTL, pp. 10-16.
[1412] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 159-60.
[1413] Ibid., p. 160.

> Podia-se ver isso na disposição a serem subornados pelas prisioneiras, tornarem-se clientes das mais bonitinhas ou permitirem que criminosos saíssem das turmas de trabalho para invadir alguma moradia e depois dividir com eles o produto do furto. Esses guardas não temiam a severa punição que sofreriam caso seus superiores descobrissem tais delitos.[1414]

Uns poucos, muito poucos, protestavam. Os arquivos registram, por exemplo, o caso de certo Danilyuk, recruta refratário, que se negou terminantemente a ir para a guarda prisional armada, alegando o seguinte: "De jeito nenhum quero servir nos órgãos do Ministério do Interior". Não arredou pé dessa posição, apesar daquilo que os arquivos denominam "sessões de tratamento", que por certo eram longos períodos de intimidação e talvez incluíssem até espancamentos. Danilyuk acabou sendo dispensado. Pelo menos no caso dele, premiou-se a recusa sistemática e persistente em trabalhar para o Gulag.[1415]

Entretanto, no final das contas, o sistema realmente gratificava seus membros mais afortunados e leais, alguns dos quais obtinham mais do que melhores rações ou mera ascensão social: quem fazia seus trabalhadores cativos renderem grandes quantidades de ouro ou madeira para o Estado seria mesmo recompensado ao fim e ao cabo. E, embora a média dos lagpunkts mineiros ou madeireiros nunca oferecesse boas condições de vida (nem mesmo para os que os dirigiam), as sedes de alguns dos campos maiores se tornaram de fato muito confortáveis com o passar do tempo.

Nos anos 1940, as cidades que ficavam no centro dos complexos maiores (Magadan,Vorkuta, Norilsk, Ukhta) já eram grandes e movimentadas, tendo lojas, cinemas, teatros e parques. Desde a fase pioneira do Gulag, as oportunidades para desfrutar a vida haviam se ampliado bastante. Nos campos maiores, o primeiro escalão recebia salários mais elevados, abonos e benefícios melhores e férias mais longas que no mundo do trabalho comum. Também tinham mais acesso a comestíveis e bens de consumo que estavam em falta nos demais lugares. "Em Norilsk, a vida era melhor que em qualquer outro lugar da União Soviética", lembraria Andrei Cheburkin, capataz e depois burocrata ali:

> Em primeiro lugar, todos os chefes dispunham de empregadas - prisioneiras. Em segundo lugar, a comida era impressionante. Havia peixes de todo tipo. Podia-se sair para apanhá-los nos lagos. E, se no resto da União Soviética havia cartões de racionamento, aqui vivíamos praticamente sem eles. Carne. Manteiga. Caso se quisesse champanhe, por que não pegar também siri? Havia tanto! Caviar? Eram barris cheios. Estou falando dos chefes, claro, não dos trabalhadores. Mas, também, os trabalhadores eram prisioneiros. [...]
>
> O dinheiro era bom. [...] Quando se era brigadeiro [na hierarquia dos oficiais], podia-se receber 6 mil, 8 mil rublos. Na Rússia central, não se conseguia mais que 1.200. Vim para Norilsk para trabalhar como supervisor de trabalho num departamento especial da NKVD que prospectava urânio. Deram-me salário de supervisor: primeiro recebia

---

[1414] Stajner, pp. 241-42.
[1415] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 160.

> 2.100 rublos; depois, a cada seis meses, tinha aumento de 10%; era cerca de cinco vezes mais do que ganhava na vida civil normal.[1416]

O primeiro argumento de Cheburkin ("todos os chefes dispunham de empregadas") é fundamental, pois, na realidade, aplicava-se não só às chefias, mas a todo o mundo. Estritamente falando, era proibido usar presos como domésticos. Mas a prática estava disseminada, conforme as autoridades bem sabiam; e, apesar das freqüentes tentativas de eliminá-la, ela persistiu.[1417] Em Vorkuta, Konstantin Rokossovsky (oficial do Exército Vermelho que se tornaria general, depois marechal e depois ministro da Defesa da Polônia stalinista) serviu de criado para um "carcereiro boçal chamado Buchko, e suas funções consistiam em trazer as refeições do sujeito, arrumar e aquecer o chalé dele, e assim por diante".[1418] Em Magadan, Evgeniya Ginzburg trabalhou durante algum tempo como lavadeira para a mulher de um administrador do campo.[1419]

Em Kolyma, Thomas Sgovio também foi criado pessoal de um guarda graduado, preparando-lhe a comida e tentando providenciar bebida alcoólica para ele. O homem passou a confiar em Sgovio. "Thomas, meu garoto", ele dizia, "lembre-se de uma única coisa: cuide da minha carteirinha do Partido. Quando eu ficar bêbado, certifique-se de que eu não a perca. Você é meu criado - e, se eu vier a perdê-la, terei de matá-lo como a um cão... e não quero fazer isso."[1420]

Para os verdadeiros maiorais, a criadagem era só o começo. Ivan Nikishov, que se tornou chefe da Dalstroi em 1939, após os expurgos, e se manteve no cargo até 1948, ficou tristemente célebre por ter acumulado riqueza em meio à pobreza extrema. Pertencia a uma geração diferente daquela de seu predecessor, Berzin; a de Nikishov já estava muito distante dos tempos da Revolução e da Guerra Civil - que tinham sido anos de muita escassez e, contudo, de mais ardor. Talvez como resultado disso, Nikishov não tinha pruridos de usar sua posição para viver bem. Dotou-se de "um grande contingente de seguranças, mais automóveis de luxo, gabinetes amplos e uma magnífica dacha com vista para o Pacífico".[1421] Segundo relatos de presos, essa última teria tapetes orientais, peles de urso e candelabros de cristal. Consta que, na luxuosa sala de jantar, ele e a segunda mulher (Gridasova, jovem e ambiciosa comandante de campo) consumiam carne de urso, vinho do Cáucaso, frutas trazidas do sul por via aérea, tomates e pepinos frescos cultivados em estufas particulares.[1422]

Nikishov não era o único a usufruir uma vida de luxos. Lev Razgon, em sua inesquecível descrição do coronel Tarasyuk (comandante do Ustvymlag durante a guerra), registra excessos semelhantes:

> Ele vivia como um romano que houvesse sido designado governador de alguma província bárbara recém-conquistada. Hortaliças, frutas e flores bastante estranhas ao norte eram cultivadas para ele em estufas especiais. Para fazer sua mobília, procuraram-se os melhores

[1416] MacQueen.
[1417] GARF, 8131/37/2063 e 9401/12/316.
[1418] Kuusinen, p. 173.
[1419] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, pp. 376-78 e p. 140.
[1420] Sgovio, pp. 247-48.
[1421] Nordleer, "Capital of the Gulag".
[1422] Rotfort, pp. 78-80.

> marceneiros. Os mais famosos costureiros do passado recente vestiam sua esposa, extravagante e voluntariosa. Quando não se sentia bem, ele não era examinado por nenhum doutorzinho que, como profissional livre, se vendera ao Gulag [...]. Não, senhor: Tarasyuk era tratado por catedráticos que haviam dirigido as maiores clínicas de Moscou e agora cumpriam longas penas nas enfermarias de remotos campos na floresta.[1423]

Com freqüência, exigia-se dos presos que ajudassem a satisfazer tais caprichos. Isaac Vogelfanger, médico prisioneiro de campo de concentração, via-se constantemente sem álcool medicinal porque seu farmacêutico o usava para fazer bebida. O comandante do campo então a servia a dignitários em visita: "Quanto mais álcool consomem, melhor conceito têm do trabalho no Sevurallag". Vogelfanger também viu um cozinheiro do campo preparar um "banquete" para visitantes, usando coisas que economizara para a ocasião: "caviar, enguia defumada, pãezinhos quentes feitos com massa francesa e cogumelo, salmão ártico com galantina de limão, ganso e leitão assados".[1424]

Foi também nesse período, os anos 1940, que chefes como Nikishov principiaram a considerar-se mais que simples carcereiros. Alguns até começaram a competir entre si, numa versão grotesca das disputas de prestígio entre vizinhos. Almejavam ter os melhores grupos teatrais de presos, as melhores orquestras de presos, as melhores obras artísticas de presos. Lev Kopelev estava no Unzhlag em 1946, época em que o comandante selecionava, tão logo os presos chegavam nos trens, "os atores, músicos e artistas mais gabaritados, aos quais dava os melhores serviços, de faxineiros e zeladores no hospital". O campo ficou conhecido como "refúgio de artistas".[1425] A Dalstroi também possuía uma trupe de detentos, o Sewostlag Club, que se apresentava em Magadan e alguns dos campos periféricos da região mineira, beneficiando-se dos muitos cantores e dançarinos famosos encarcerados em Kolyma.[1426] Lev Razgon descreve ainda o comandante do Ukhtizhemlag, que "mantinha uma verdadeira companhia de ópera em Ukhta", dirigida por um célebre ator soviético. "Empregava" igualmente uma famosa bailarina do Bolshoi, assim como cantores e músicos conhecidos:

> Às vezes, o chefe do Ukhtizhemlag fazia uma visita a seus colegas da vizinhança. Embora o propósito oficial fosse "trocar experiências", essa descrição chã esconde os complexos preparativos e protocolo, que mais se assemelhavam à visita de um chefe de Estado estrangeiro. Os chefes vinham acompanhados de amplo entourage de diretores de seção; preparavam-se acomodações especiais de hotel para eles; os percursos eram minuciosamente planejados; e traziam-se presentes. [...] O chefe do Ukhtizhemlag também trazia consigo seus melhores artistas, de modo que os anfitriões pudessem ver que lá a cultura florescia tanto quanto ali, se não mais.[1427]

Até hoje, o velho teatro do Ukhtizhemlag - uma vasta construção branca e colunar, com símbolos cênicos no frontão - é um dos edifícios mais notáveis da

---

[1423] Razgon, p. 214.
[1424] Vogelfanger, pp. 147 e 178.
[1425] Kopelev, pp. 372-75.
[1426] Nordleer, "Capital of the Gulag", p. 277.
[1427] Razgon, p. 228.

cidade de Ukhta. Dele, pode-se ir a pé para a antiga residência do comandante do campo, uma espaçosa casa de madeira à beira de um parque.

Entretanto, não só aqueles com gostos artísticos procuravam satisfazer caprichos próprios. Quem preferia os esportes tinha igualmente a oportunidade de fundar times de futebol, que competiam uns com os outros de modo bastante renhido. Nikolai Starostin, o craque que fora encarcerado porque sua equipe tivera o azar de ganhar daquela pela qual torcia Beria, também foi mandado para Ukhta, onde o aguardavam já na estação. Foi levado para conhecer o técnico do time local, que o tratou com polidez e lhe disse que o chefe do campo solicitara especialmente a presença dele, Starostin: "o coração do general está no futebol. Foi ele quem trouxe você para cá". Starostin passaria grande parte de sua carreira no Gulag servindo de técnico de times para a NKVD, indo de campo em campo para atender às solicitações dos comandantes que o queriam como treinador.[1428]

Muito de vez em quando, a notícia de tais excessos despertava alarme, ou no mínimo interesse, de Moscou. Em certa ocasião, Beria, talvez respondendo a queixas, ordenou um inquérito secreto sobre o suntuoso estilo de vida de Nikishov. O relatório resultante confirma, entre outras coisas, que em determinada vez Nikishov gastou 15 mil rublos (na época uma quantia imensa) num banquete para comemorar a visita da Companhia de Opereta de Khabarovsk.[1429] O relatório também condena a "atmosfera de servilismo" em torno de Nikishov e da esposa, Gridasova: "A influência de Gridasova é tão grande que até os auxiliares imediatos de Nikishov atestam que só conseguirão exercer suas funções enquanto ela os vir com bons olhos".[1430] Entretanto, não se tomou nenhuma medida. Gridasova e Nikishov continuaram a reinar em paz.

Nos últimos anos, virou moda assinalar que, ao contrário do alegado por eles após a guerra, poucos alemães eram forçados a atuar nos campos de concentração ou nos esquadrões de extermínio. Há pouco tempo, um estudioso afirmou que a maioria o fizera voluntariamente - conclusão que despertou certa controvérsia.[1431] No caso da Rússia e dos outros Estados pós-soviéticos, a questão precisa ser examinada de maneira diversa. Com muita freqüência, os funcionários dos campos, bem como a maior parte dos outros cidadãos soviéticos, tinham pouca escolha. Uma comissão de mão-de-obra simplesmente lhes designava um local de trabalho, e eles eram obrigados a ir para lá. A falta de opção estava embutida no próprio sistema econômico soviético.

Todavia, não é exato dizer, como tentaram alguns, que os oficiais e guardas armados da NKVD "não estavam melhor que os presos que eles comandavam", ou que eram vítimas do mesmo sistema. Pois, embora talvez houvessem preferido trabalhar em outro lugar, os funcionários do Gulag, tão logo ingressavam no sistema, realmente tinham opções, muito mais do que seus equivalentes nazistas, cujas atribuições eram definidas de modo mais rígido. No Gulag, podiam escolher entre a brutalidade e a bondade. Podiam escolher entre fazer os presos trabalharem até a morte e manter tantos deles vivos quanto fosse possível. Podiam escolher entre demonstrar compaixão

---

[1428] Starosthvpp. 83-88.
[1429] GARF, documento em poder da autora, sem referência.
[1430] Ibid.
[1431] Este é o argumento em Goldhagen.

pelos presos, de cuja sina talvez já houvessem partilhado, e aproveitar-se de uma maré temporária de sorte e oprimir seus antigos e futuros companheiros de sofrimento.

No histórico pregresso desses indivíduos, nada necessariamente indicava qual opção fariam, pois tanto os administradores quanto os guardas comuns provinham de etnias e ambientes os mais diversos, tal qual os presos. Aliás, quando lhes pedem que descrevam o caráter dos guardas, os sobreviventes do Gulag sempre respondem que ele variava bastante. Solicitei a mesma coisa a Galina Smirnova, a qual lembrou que "eles, assim como todo mundo, eram diferentes uns dos outros".[1432] Anna Andreevna me contou que "havia sádicos doentios e pessoas absolutamente boas e normais". Anna também recordou o dia, logo após a morte de Stalin, em que o contador-chefe do campo correu de repente para o escritório de contabilidade em que presas trabalhavam, deu vivas, abraçou-as e, gritando, deu a entender que elas recuperariam a liberdade.[1433]

Irena Arginskaya me disse que seus guardas não apenas eram "pessoas de tipos muitos diferentes", mas também mudavam com o passar do tempo. Os soldados conscritos, em especial, portavam-se "como animais" quando eram novos no serviço, pois haviam sido intoxicados pela propaganda; contudo, "depois de algum tempo, eles -não todos, mas grande parte - começavam a entender as coisas e freqüentemente mudavam".[1434]

É bem verdade que as autoridades soviéticas exerciam alguma pressão tanto sobre os administradores quanto sobre os guardas, desencorajando-os de demonstrar bondade para com os presos. O arquivo da inspetoria-geral do Gulag registra o caso do chefe da divisão de suprimentos do Dmitlag, Levin, que em 1937 sofreu vigorosa investigação por causa de sua leniência. O crime de Levin foi ter permitido que um preso se encontrasse com o irmão, também preso - no sistema prisional, os parentes eram normalmente mantidos bem longe uns dos outros. Levin também foi acusado de ser demasiado amistoso com os zeks em geral, e com um grupo de supostos mencheviques em especial. Levin (ele próprio ex-prisioneiro no Canal do Mar Branco) contra-argumentou que não sabia que eram mencheviques. Dado que o ano era 1937, Levin foi condenado assim mesmo.[1435]

No entanto, tais imposições não eram aplicadas com rigor. Aliás, vários comandantes até ficaram famosos pela brandura para com os presos. O historiador e publicista dissidente Roy Medvedev, em Que a história julgue (seu ataque ao stalinismo), descreve um comandante de campo, VA. Kundush, que levou muito a sério as exigências de aumento de produção durante a guerra. Kundush colocou os presos mais instruídos em funções administrativas e passou a tratar bem os detentos, até providenciando a soltura antecipada para alguns deles. Na época, o empreendimento que ele dirigia recebeu o "Estandarte Vermelho da Boa Gestão". Mas, quando a guerra acabou, Kundush também foi aprisionado, talvez por causa da mesma atitude humana que tanto expandira a produção em seu campo.[1436]

---

[1432] Smirnova, entrevista com a autora.
[1433] Ereevna, entrevista com a autora.
[1434] Arginskaya, entrevista com a autora.
[1435] GARF, 8131/37/100.
[1436] R. Medvedev, p. 282.

Lev Razgon fala da prisão transitória incomum pela qual ele e a mulher, Rika, passaram em Georgievsk:

> As celas eram não apenas varridas, mas também lavadas, o piso tanto quanto as tábuas dos leitos. A comida era tão substanciosa que saciava até a fome constante dos prisioneiros em trânsito. Podíamos realmente ficar limpos na casa de banhos. Havia até um recinto especial, completamente equipado, onde as mulheres podiam empetecar-se (e isso, mais do que qualquer outra coisa, espantou Rika).[1437]

Existiam outros administradores assim. Em certa altura de sua vida no Gulag, Genrikh Gorchakov, judeu russo aprisionado em 1945, foi designado para um campo de inválidos no complexo do Siblag. Fazia pouco tempo, a direção do campo fora assumida por um novo comandante, um ex-oficial de linha de frente que não conseguira arrumar nenhum outro emprego após a guerra. Levando o cargo a sério, ele construiu novos alojamentos, cuidou para que os presos tivessem colchões e até lençóis e reorganizou o sistema de trabalho, transformando o campo por completo.[1438]

Outro ex-zek, Aleksei Pryadilov, encarcerado aos dezesseis anos, foi enviado para um campo agrícola nos montes Altai. Ali, o comandante "administrava o campo como uma organização econômica e tratava os presos não como criminosos e inimigos que precisava 'reabilitar', mas como trabalhadores. Ele estava convencido de que não havia lógica em tentar fazer que gente faminta produzisse trabalho decente".[1439] Por vezes, até os inspetores do Gulag descobriam bons comandantes. Em 1942, um fiscal visitou o Birlag e constatou que "os presos dessa fábrica faziam excelente trabalho porque as condições deles também eram excelentes". Os alojamentos eram limpos, e todos os presos tinham lençóis e cobertores próprios, além de boas roupas e calçados.[1440]

Havia também formas mais diretas de bondade. A memorialista Galina Levinson se recordaria de um comandante de campo que dissuadiu uma prisioneira de abortar. "Quando você sair do campo, estará sozinha", ele lhe disse. "Pense no quanto será bom ter um filho." A mulher lhe seria grata até o fim da vida.[1441] Anatolii Zhigulin também escreveria sobre o "bom" comandante de campo que "salvou centenas da morte", chamava aqueles a seu cargo de "camaradas prisioneiros", desafiando as ordens, e mandava o cozinheiro alimentá-los melhor. Segundo Zhigulin, era óbvio que "ele ainda não conhecia as normas". Mariya Sandratskaya, encarcerada por ser esposa de um "inimigo do povo", também conta de um comandante que dava especial atenção às mulheres com filhos, assegurando-se de que a creche fosse bem administrada, as lactantes recebessem comida suficiente e as mães não trabalhassem demais.[1442]

Na realidade, a bondade era possível. Em todos os níveis, sempre havia uns poucos que resistiam à propaganda que tachava todos os presos de inimigos;

---

[1437] Razgon, p. 221.
[1438] Gorchakov, L-1-105, pp. 156-57.
[1439] Pryadilov, pp. 81-95.
[1440] GARF, 8131/37/1253.
[1441] Levinson, p. 40.
[1442] Zhigulin, p. 154; Seratskaya, memórias inéditas, p. 51.

sempre havia uns poucos que compreendiam a verdadeira situação. E um número surpreendente de memorialistas registra algum episódio de benevolência de um guarda. "Não duvido", escreveu Evgenii Gnedin, "de que no enorme exército de administradores dos campos houvesse trabalhadores íntegros que ficassem angustiados com seu papel de feitores de pessoas completamente inocentes".[1443] Mas, ao mesmo tempo, a maioria dos memorialistas também se admira de quanto tal compreensão era fora do comum. Isso porque, apesar de uns poucos exemplos do contrário, prisões limpas não eram a regra; a vida em muitos campos equivalia a uma sentença de morte; e, sobretudo, a maior parte dos guardas tratava os detentos com indiferença, na melhor das hipóteses, ou rematada crueldade, na pior.

Repito: em lugar algum se exigia crueldade. Ao contrário: quando proposital, esta era oficialmente desaprovada pela liderança central. Guardas e administradores que se mostravam desnecessariamente severos com os presos podiam ser punidos, e muitas vezes o eram. Os arquivos do Vyatlag contêm informes sobre guardas castigados por "espancarem sistematicamente zeks", furtar pertences dos detentos e estuprar prisioneiras.[1444] Os arquivos do Dmitlag assinalam as condenações penais impostas a administradores que haviam sido acusados de, estando embriagados, terem surrado presos. Os arquivos centrais do Gulag também registram punições a comandantes de campo que espancavam presos, os torturavam durante investigações ou os trasladavam sem indumentária de inverno adequada.[1445]

Contudo a crueldade persistia. Por vezes, era verdadeiramente sádica. Viktor Bulgakov, prisioneiro nos anos 1950, se recordaria de um guarda, um cazaque analfabeto, que parecia ter prazer em obrigar os presos a ficar parados, congelando aos poucos, na neve; e de outro que gostava de "exibir força e surrar detentos" sem nenhum motivo.[1446] Os arquivos do Gulag também trazem, entre muitos outros registros semelhantes, o relato sobre o camarada Reshetov, chefe de um dos lagpunkts da Volgostroi o qual punia zeks colocando-os em celas geladas e mandava presos enfermos trabalharem a temperaturas baixíssimas, o que causava a morte de muitos em serviço.[1447]

Com maior freqüência, a crueldade não se devia tanto ao sadismo quanto ao egoísmo. Guardas que atiravam em presos fujões recebiam gratificação financeira e podiam até ganhar férias em casa. Por isso, ficavam tentados a estimular tais "fugas". Zhigulin descreve o resultado:

> O guarda gritava para alguém na coluna: "Você aí, traga-me aquela tábua!"
>
> "Mas está do outro lado da cerca!"
>
> "Não interessa - vá buscar!"
>
> O preso ia e era abatido por uma rajada de metralhadora.[1448]

---

[1443] Gnedin, p. 117.
[1444] Rerdinskikh, p. 22.
[1445] GARF, 9489/2/20 e 9401/1a/61.
[1446] Bulgakov, entrevista com a autora.
[1447] GARF, 8131/37/809.
[1448] Zhigulin, p. 157.

Esses episódios eram comuns - conforme os arquivos mostram. Em 1938, quatro guardas da Vokhr que trabalhavam no Vyatlag foram condenados pelo homicídio de dois presos que eles tinham "incitado" a fugir. Na seqüência, descobriu-se que o comandante da divisão e seu assistente também haviam se apossado de pertences dos presos.[1449] O escritor Boris Dyakov, em suas memórias "pró-soviéticas" do Gulag (publicadas na URSS em 1964), menciona igualmente a prática de provocar fugas.[1450]

Assim como nos trens de traslado, a crueldade nos campos parecia derivar da raiva ou do tédio de precisar realizar uma atividade servil. Quando trabalhava como enfermeira num hospital de Kolyma, a comunista holandesa Elinor Lippe passou uma noite à cabeceira de um paciente que estava com pleurisia e febre alta. Além disso, um carbúnculo que ele tinha nas costas estourara por causa do guarda que o trouxera ao hospital:

> Com voz entrecortada e dolorida, contou-me que o guarda quisera concluir aquela marcha inconveniente o quanto antes. Por isso, durante horas, usara de pauladas para forçar o preso, enfermo e febril, a seguir adiante. No final da marcha, ameaçara quebrar-lhe todos os ossos se dissesse no hospital que o guarda o espancara.

Apavorado até o fim, o homem se negou a repetir a história na presença de não-prisioneiros. "Nós o deixamos morrer em paz", escreveria Elinor, "e o guarda continuou a surrar presos sem ser incomodado."[1451]

Na maioria das vezes, porém, a crueldade dos guardas de campo soviéticos era irrefletida, néscia e preguiçosa, do tipo que se poderia demonstrar para com bois ou ovelhas. Se não se ordenava explicitamente aos guardas que maltratassem os prisioneiros, eles tampouco eram instruídos a considerá-los plenamente humanos, em especial no caso dos presos políticos. Pelo contrário: envidavam-se grandes esforços para cultivar o ódio pelos detentos, sempre descritos como "criminosos perigosos", "espiões e sabotadores que tentavam destruir o povo soviético". Tal propaganda tinha enorme efeito sobre pessoas que já estavam amarguradas pelo infortúnio, pelo emprego indesejado, pelas más condições de vida.[1452] Também moldava a visão dos empregados livres do Gulag - os moradores locais que trabalhavam nos campos e não eram funcionários da NKVD - tanto quanto dos guardas, como recordaria um preso:

> Em geral, éramos separados dos trabalhadores livres por um muro de desconfiança mútua. [...] Para eles, nossos vultos cinzentos, conduzidos em turmas e às vezes guardados por cães, provavelmente constituíam algo muito desagradável, em que era melhor não pensar.[1453]

Isso já era verdade nos anos 1920, quando os guardas de Solovetsky faziam prisioneiros enregelados pular de pontes. As coisas ficaram piores, é claro, no final da década de 30, com a redução dos presos políticos a "inimigos do povo" e o endurecimento do regime prisional nos campos. Em 1937, ao saber que um

---

[1449] Berdinskikh, p. 22.
[1450] Dyakov, p. 65.
[1451] Lipper,pp. 241-43.
[1452] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 149.
[1453] Ulyanovskaya, p. 316.

grande contingente de trotskistas estava a caminho de Kolyma, o chefe do campo, Eduard Berzin, disse a um grupo de colegas que, "se esses cachorros [...] cometeram sabotagem por lá, vamos garantir que aqui eles trabalhem pela União Soviética; temos meios de fazê-los trabalhar".[1454]

Mesmo depois de terminado o Grande Terror, a propaganda nunca chegou a arrefecer. Durante toda a década de 1940 e parte da década de 50, os presos eram regularmente descritos como colaboracionistas e criminosos de guerra, traidores e espiões. Dentre os diferentes epitetos para aqueles nacionalistas ucranianos que começaram a derramar-se nos campos do Gulag após a Segunda Guerra Mundial, incluíam-se "cães servis e traiçoeiros dos sicários nazistas", "fascistas germano-ucranianos" e "agentes da espionagem estrangeira". Nikita Khrutchev, então líder soviético da Ucrânia, declarou numa plenária do Comitê Central que os nacionalistas ucranianos haviam se suicidado "ao tentar agradar a seu amo, Hitler, e pegar uma pequena parcela do butim por seus vis serviços".[1455] Durante a guerra, os guardas chamavam quase todos os presos políticos de "fascistas", "hitleristas" ou "vlasovistas" (seguidores do general soviético Vlasov, que desertara do Exército Vermelho e apoiara Hitler).

Isso era especialmente doloroso para os judeus, para os veteranos que haviam combatido com bravura os alemães e para os comunistas estrangeiros que haviam fugido do fascismo em seus próprios países.[1456] "Não somos fascistas; na maioria, somos ex-membros do Partido", disse indignado o iugoslavo Karlo Stajner a um grupo de detentos com ficha criminal, que, zombeteiros, tinham lançado o insulto "fascista" a uma turma de trabalho constituída de presos políticos.[1457] Margarete Buber-Neumann, comunista alemã que foi transferida diretamente do Gulag para o campo de concentração nazista de Ravensbruck, também escreveu que antes sé referiam repetidamente a ela como "a fascista alemã".[1458] E, quando o judeu Mikhail Shreider, oficial preso da NKVD, disse que não poderia ser acusado de colaborar com Hitler, seu interrogador retrucou que Shreider não era judeu, e sim "alemão disfarçado de judeu".[1459]

Esses insultos não eram só uma atitude juvenil e despropositada. Ao definirem os presos como "inimigos" ou "subumanos", os guardas se reasseguravam da legitimidade dos próprios atos. Aliás, a "retórica dos inimigos" era apenas uma parte da ideologia dos quadros do Gulag. A outra parte - vamos denominá-la "retórica da submissão total ao Estado" - insistia o tempo todo na importância do trabalho e das cifras de produção sempre crescentes, as quais eram necessárias para a continuidade da URSS. Para sermos bem diretos: podia-se justificar tudo que proporcionasse resultados. Essa tese foi maravilhosamente sintetizada por Aleksei Loginov, diretor aposentado de produção e de campos prisionais de Norilsk, numa entrevista que deu a um documentarista britânico:

> Desde o início, sabíamos perfeitamente que o mundo exterior nunca deixaria nossa Revolução Soviética em paz. Não era só Stalin que percebia isso - todo comunista comum, toda pessoa

[1454] Kozlov, "Sewostlag NKVD SSSR", p. 89.
[1455] Weiner, "Nature, Nurture and Memory in a Socialist Utopia".
[1456] Zhigulin, p. 157.
[1457] Stajner, p. 69.
[1458] Buber-Neumann, p. 125.
[1459] Shreider, p. 193.

> comum, todos nós percebíamos que precisávamos não apenas construir, mas construir sabendo plenamente que logo estaríamos em guerra. Assim, na minha área, a busca por todas as fontes de matéria-prima - cobre, níquel, alumínio, ferro etc. - era incrivelmente intensa. Sempre tínhamos estado cientes dos enormes recursos de Norilsk - mas como explorá-los no Ártico? Por isso, o empreendimento inteiro foi posto nas mãos da NKVD, o Ministério do Interior. Quem mais conseguiria fazer aquilo? Você já sabe quantas pessoas tinham ido para a prisão. E lá precisávamos de dezenas de milhares...[1460]

Loginov falava em 1990, quase meio século depois que Norilsk deixara de ser um vasto complexo prisional. Mas as palavras dele ecoam as de Anna Zakharova, mulher de um comandante de campo, escrevendo em 1964 ao jornal governamental Izvestiya - a carta não foi publicada, mas depois seria veiculada pela imprensa clandestina. Anna, assim como Loginov, falava dos sacrifícios que o marido fizera para maior glória da pátria:

> A saúde dele já se dilapidou pelo trabalho com criminosos, porque aqui toda essa atividade desgasta os nervos. Gostaríamos de mudar, pois meu marido já cumpriu seu tempo de serviço, mas não querem deixá-lo ir. Comunista e oficial, ele submete-se às exigências do dever.[1461]

Opiniões semelhantes me foram apresentadas por uma administradora do Gulag que preferiu permanecer anônima. Com orgulho, falou-me do trabalho que seus presos tinham feito pela URSS durante a guerra: "Todos, absolutamente todos, pagavam suas expensas com o próprio trabalho e davam tudo o que podiam para a frente de combate".[1462]

Nesse quadro mais amplo da lealdade para com a URSS e seus objetivos econômicos, a crueldade cometida em nome das cifras de produção parecia admirabilíssima a seus perpetradores. A verdadeira natureza da crueldade, assim como a verdadeira natureza dos campos, podia ocultar-se atrás do economês. Após ter entrevistado em 1991 um ex-administrador do Karlag, o jornalista americano Adam Hochschild se queixou:

> Pela conversa do coronel, não se saberia que se tratava de uma prisão, porque ele falou quase exclusivamente do papel do Karlag na economia soviética. Ele parecia um orgulhoso chefe regional do partido. "Tínhamos nossa própria estação agrícola experimental. A pecuária também era avançada: criamos uma raça especial, a Estepe Vermelha, assim como o gado cazaque..."[1463]

Nos escalões mais altos, os administradores freqüentemente descreviam os presos como se fossem máquinas ou ferramentas, necessárias para concluir o trabalho e nada mais. De maneira explícita, os prisioneiros eram considerados mão-de-obra barata e cômoda - um insumo, tal qual os suprimentos de aço ou cimento. Mais uma vez, é Loginov, o comandante de Norilsk, quem expressa isso melhor:

---

[1460] MacQueen.
[1461] Anna Zakharova, "The Defense of a Prison Camp Official", em Cohen, p. 143.
[1462] Anônimo, entrevista com a autora.
[1463] Hochschild, p. 65.

> Se houvéssemos mandado civis [para Norilsk], primeiro teríamos precisado construir casas para eles. E como civis conseguiriam viver ali? Com os presos, é fácil - necessita-se apenas de um barracão e um fogão com chaminé, e eles se viram. Depois, talvez um lugar para comerem. Em resumo: nas circunstâncias daquela época, os presos eram as únicas pessoas que podíamos usar em escala tão grande. Se houvéssemos tido tempo, provavelmente não teríamos feito daquele jeito.[1464]

Ao mesmo tempo, o economês tornava possível aos comandantes de campo justificarem qualquer coisa, mesmo a morte: tudo era pelo bem comum. Por vezes, esse argumento era levado a verdadeiros extremos. Lev Razgon, por exemplo, relata uma conversa entre o coronel Tarasyuk, então comandante do Ustvymlag, e um médico do campo, Kogan, que cometera o erro de gabar-se ao coronel de quantos pacientes "salvara das garras da pelagra", doença causada pela inanição e conseqüente falta de proteínas. Segundo Razgon, seguiu-se este diálogo:

> Tarasyuk: O que estão dando a eles?
>
> Kogan: Todos estão recebendo a ração antipelagra determinada pelo Departamento de Saúde e Saneamento do Gulag.
>
> Então, Kogan especificou em calorias a quantidade de proteínas.
>
> Tarasyuk: Quantos deles vão poder trabalhar na floresta? E quando será isso?
>
> Kogan: Bem, está claro que nenhum deles vai poder trabalhar na floresta. Nunca mais. Mas agora vão sobreviver, e será possível usá-los para serviços leves no perímetro no campo.
>
> Tarasyuk: Pare de lhes dar rações antipelagra. Pode anotar: essas rações são para aqueles que trabalham na floresta. Os outros presos devem receber rações de inválidos.
>
> Kogan: Mas camarada coronel! E óbvio que eu não me expliquei direito. Essas pessoas só vão sobreviver se tiverem rações especiais. Um preso inválido recebe 400 gramas de pão. Com essa ração, vão morrer em dez dias. Não podemos fazer uma coisa dessas!
>
> Tarasyuk olhou para o médico, que estava transtornado. Havia até certa expressão de curiosidade no rosto do coronel.
>
> "Qual é o problema? A sua ética médica o impede de fazer isso?" "Mas é claro que impede..."
>
> "Bem, eu não ligo a mínima para a sua ética", disse Tarasyuk, calmamente, sem dar nenhuma indicação de estar irado. "Você já anotou? Agora, tratemos dos outros assuntos..."
>
> Passado um mês, todos os 246 enfermos já haviam morrido.[1465]

---

[1464] MacQueen.
[1465] Razgon, p. 214.

Os registros mostram que conversas desse tipo não eram excepcionais nem apócrifas. Relatando as condições dos presos na Volgostroi durante a guerra, um inspetor reclamou de que a administração do campo estava "interessada exclusivamente em produzir madeira [...] e não demonstrava o mínimo interesse em alimentar e vestir os presos, mandando-os trabalhar sem considerar a aptidão física, jamais se preocupando em saber se estavam sadios, trajados e nutridos".[1466] E, durante uma reunião de oficiais do Vyatlag em janeiro de 1943, o camarada Avrutsky, falando na linguagem absolutamente neutra da estatística, fez o seguinte comentário: "Dispomos de 100% de nossa força de trabalho, mas não podemos cumprir nosso programa, pois o grupo B continua a crescer. Mas, se a alimentação que destinamos ao grupo B fosse direcionada a outro contingente, já não teríamos grupo B e cumpriríamos a meta".[1467] Naturalmente, a expressão "grupo B" se referia a presos mais fracos, que de fato deixariam de existir caso não recebessem alimento. Os comandantes de campo podiam dar-se ao luxo de tomar tais decisões a grande distância das pessoas que seriam afetadas por elas; entretanto, no caso daqueles que se encontravam mais abaixo na hierarquia, a proximidade não necessariamente despertava mais compaixão. O preso polonês Kasimierz Zarod estava numa coluna de presos que marchava para o local de um novo campo. Praticamente não tendo recebido comida, começaram a enfraquecer-se. Por fim, um deles caiu e não conseguiu mais se levantar. Um dos guardas apontou a arma para ele. Outro ameaçou atirar:

> "Pelo amor de Deus", ouvi o homem gemer, "se vocês me deixarem descansar um pouco, eu consigo alcançá-los."
>
> "Você ou anda, ou morre", respondeu o primeiro guarda...
>
> Eu o vi erguer e apontar o fuzil - não pude acreditar que ele fosse atirar. Nesse momento, os homens na coluna atrás de mim já haviam se reagrupado, e minha visão do que acontecia foi obstruída. De repente, porém, ressoou um disparo, seguido de outro, e percebi que o homem morrera.

Contudo Zarod relata que nem todos os que desabavam durante a marcha eram fuzilados. Caso aqueles exaustos demais para continuar andando fossem jovens, eram apanhados e postos numa carroça, onde

> jaziam tal qual sacas até se recuperarem. [...] Pelo que consegui entender, o raciocínio era que os jovens podiam recobrar-se e trabalhar, mas que os velhos não valia a pena salvar. Com certeza, aqueles jogados como trouxas de roupas velhas nas carroças de suprimentos não o eram por nenhuma razão humanitária. Os guardas, embora jovens, já haviam feito aquele caminho antes e aparentemente estavam desprovidos de qualquer sentimento humano.[1468]

Ainda que não haja memórias para documentar isto, tal atitude certamente afetava até aqueles que ocupavam cargos no topo do sistema de campos. Nos capítulos anteriores, citei freqüentemente relatórios encontrados nos arquivos da inspetoria-geral do Gulag, que fazia parte da promotoria soviética. Esses

---

[1466] GARF, 8131/37/809.
[1467] Berdinskikh, p. 28.
[1468] Zarod, p. 94.

relatórios, redigidos com grande precisão e regularidade, são extraordinários pela honestidade. Referem-se a epidemias de tifo, falta de alimentos, escassez de itens de vestuário. Denunciam campos onde a taxa de mortalidade é "demasiado alta". Irados, acusam certos comandantes de campo de criar más condições de vida para os prisioneiros. Calculam o número de homens/dia perdidos por conta de doenças, acidentes e óbitos. Lendo-os, não se tem nenhuma dúvida de que os maiorais do Gulag em Moscou sabiam - real e verdadeiramente - como era a vida nos campos de concentração. Estava tudo lá, numa linguagem não menos franca do que a utilizada por Alexander Soljenitsin e Variam Shalamov.[1469]

E no entanto, embora às vezes se fizessem mudanças e se impusessem penas judiciais a comandantes, o que impressiona nos relatórios é a própria repetitividade: eles fazem lembrar a cultura absurda das inspeções fajutas que Gogol descreveu de maneira tão maravilhosa. Era como se respeitassem as formalidades, produzissem os relatórios, expressassem a ira que era de rigor - e não ligassem para os reais efeitos nos seres humanos. Comandantes viviam sendo repreendidos por não melhorarem as condições de vida nos campos, estas continuavam a não melhorar, e a conversava acabava por aí.

Ao fim e ao cabo, ninguém obrigava os guardas a salvar os jovens e assassinar os velhos. Ninguém obrigava os comandantes de campo a matar os enfermos. Ninguém obrigava a direção geral do Gulag, em Moscou, a não atentar para o que os relatórios dos inspetores indicavam. Ainda assim, tais decisões eram tomadas abertamente, todos os dias, por guardas e administradores que pareciam convencidos do direito de tomá-las.

Tampouco a ideologia da submissão total ao Estado era exclusiva dos amos do Gulag. Os presos também eram estimulados a cooperar -e alguns o faziam.

## 14. Os Presos

*O homem é uma criatura que consegue acostumar-se a tudo,*
*e creio ser essa a melhor definição dele.*

Dostoievski, Recordações da casa dos mortos.[1470]

### Urki: a bandidagem

Para o preso político inexperiente, para a jovem camponesa presa por ter roubado um pão, para o deportado polonês despreparado, o primeiro contato com os urki (a casta criminosa da URSS) era desnorteante e aterrador. Evgeniya Ginzburg topou pela primeira vez com criminosas quando embarcou no navio para Kolyma:

> Eram a nata da bandidagem: assassinas, sádicas, versadas em todos os tipos de perversão sexual [...] sem perderem tempo, já foram aterrorizando e oprimindo as "senhoras" e ficavam encantadas em descobrir que as "inimigas do povo" eram seres ainda mais desprezados

[1469] GARF, 8131/37.
[1470] Dostoevsky, p. 29.

> e marginalizados do que elas próprias [...]. Apossavam-se de nossos pedacinhos de pão, roubavam nossos últimos trapos e pertences, empurravam-nos dos lugares que tínhamos conseguido arranjar.[1471]

Viajando pela mesma rota, Aleksander Gorbatov - o general Gorbatov, herói de guerra soviético, que dificilmente poderia ser considerado covarde - teve as botas roubadas quando estava no porão do vapor Dzhurma, atravessando o mar de Okhotsk:

> Um deles me golpeou com força no peito e depois na cabeça e disse, desdenhoso: "Olhem para ele - me vendeu as botas já faz dias, pegou o dinheiro e não quis mais saber de entregar!" Foram-se com o produto do roubo, rindo-se o mais que podiam e só parando para bater em mim outra vez, quando, por puro e simples desespero, fui atrás deles e pedi as botas de volta.[1472]

Dezenas de outros memorialistas descrevem cenas semelhantes. Os criminosos de carreira se lançavam sobre os outros presos com o que parecia ser uma fúria louca, atirando-os para fora dos beliches nos trens e alojamentos; roubando as roupas que lhes restavam; berrando, maldizendo e xingando. Para pessoas comuns, a aparência e o comportamento dos bandidos se afiguravam estranhíssimos. O preso polonês Antoni Ekart ficou horrorizado com a "absoluta falta de inibição da parte dos urki, que satisfaziam à vista de todos as suas necessidades naturais, aí incluído o onanismo. Isso os tornava extraordinariamente similares aos macacos, com os quais pareciam ter mais em comum que com os humanos"[1473] Mariya Ioffe, mulher de um bolchevique famoso, também escreveu que os bandidos faziam sexo às claras, andavam nus pelos alojamentos e não tinham nenhum sentimento uns pelos outros: "Neles, só o corpo vivia".[1474]

Apenas depois de semanas ou meses nos campos, os não-inicia-dos começavam a entender que o inundo da criminalidade não era uniforme, que ele tinha uma hierarquia própria e que, na realidade, havia muitos tipos diferentes de bandido. Lev Razgon explicou: "Eles se dividiam em castas e comunidades, cada uma com a própria disciplina férrea, tendo muitas regras e costumes. Casos estes fossem desrespeitados, o castigo era severo: na melhor das hipóteses, o indivíduo era expulso do grupo; na pior, assassinado".[1475]

O preso polonês Karol Colonna-Czosnowski, que se viu na situação de ser o único preso político num campo madeireiro setentrional habitado por bandidos, também observou tais diferenças:

> Naquele tempo, os criminosos russos tinham muita consciência de classe. Para eles, aliás, a classe era tudo. Em sua hierarquia, os peixes grandes, como os assaltantes de trem ou de banco, eram membros da classe alta. Grisha Tchorny, chefe da máfia do campo, era um desses. No extremo oposto da escala social, ficava a arraia-miúda, como os

---

[1471] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, pp. 353-54.
[1472] Gorbatov, p.125.
[1473] Ekart, pp. 71-74.
[1474] Ioffe, pp. 8-9.
[1475] Razgon, p.184.

punguistas. Eram usados como criados e mensageiros pessoais pelos maiorais e tratados com muito pouco respeito. Todos os outros criminosos juntos compunham o grosso da classe média, mas mesmo ali havia distinções.

De muitas maneiras, essa estranha sociedade era uma réplica caricaturesca do mundo normal. Nela, podíamos localizar o equivalente de cada nuance de virtude ou defeito humano. Conseguíamos sem esforço identificar, por exemplo, o ambicioso em ascensão, o alpinista social, o embusteiro, assim como o íntegro e generoso.[1476]

Bem no topo daquela hierarquia, dando ordens a todos os outros, estavam os chefões. Os criminosos profissionais russos, conhecidos como urki, blatoi ou, caso estivessem na elite mais exclusivista da bandidagem, vory v zakone - expressão que se poderia traduzir por "mafiosos" -, viviam segundo regras e costumes que precediam o Gulag e que durariam mais que ele. Esses indivíduos não tinham absolutamente nada que ver com a vasta maioria dos presos do Gulag, aqueles com condenações por "crimes" contra o socialismo. Os chamados "criminosos ordinários" - pessoas condenadas por pequenos furtos eventuais, infrações das normas de trabalho ou outros crimes não-políticos - odiavam os mafiosos com a mesma veemência com que odiavam os presos políticos.

E não era de admirar: os mafiosos possuíam cultura muito diversa daquela do cidadão soviético médio. Esse universo criminoso tinha raízes profundas na bandidagem da Rússia czarista, nas corporações de larápios e mendigos que, naquele tempo, controlavam os crimes de pouca monta.[1477] No entanto, essa cultura se disseminou muitíssimo mais durante as primeiras décadas do regime soviético, graças às centenas de milhares de órfãos - vítimas diretas da Revolução, da Guerra Civil e da coletivização - que haviam sobrevivido primeiro como crianças de rua e depois como bandidos. No final da década de 1920, quando os campos começaram a expandir-se em escala maciça, os criminosos de carreira já haviam se tornado uma comunidade totalmente à parte, tendo até um rigoroso código de conduta que os proibia de manter toda e qualquer relação com o Estado soviético. O verdadeiro mafioso se recusava a trabalhar, possuir documentos e cooperar de que modo fosse com as autoridades, só o fazendo para explorá-las: os "aristocratas" da peça homônima de Nicolai Pogodin, de 1944, já eram identificáveis como "mafiosos" que, por princípio, se negavam a realizar qualquer trabalho.[1478]

Aliás, os programas de doutrinação e reabilitação do começo dos anos 1930 estavam, na maior parte, voltados mais para os mafiosos que para os presos políticos. Presumia-se que os bandidos, sendo sotsialnoblizkii - "socialmente próximos", ao contrário dos presos políticos, que eram sotsialnoopasnyi, "socialmente perigosos" -, pudessem regenerar-se. Mas, no fim da década de 1930, as autoridades pareciam ter desistido da idéia de recuperar os criminosos de carreira. Em vez disso, resolveram usar os mafiosos para controlar e intimidar outros presos, em especial "contra-revolucionários", os quais os bandidos abominavam com muita naturalidade.[1479]

---

[1476] Colonna-Czosnowski, p.109.
[1477] Varese, pp. 162-64.
[1478] Abramkin e Chesnokova, pp. 7-22.
[1479] Ibid.

Não se tratava de um desdobramento inteiramente novo. Um século antes, criminosos que cumpriam sentença na Sibéria já odiavam os presos políticos. Em Recordações da casa dos mortos, as memórias bastante romanceadas de seus cinco anos na prisão, Dostoievski relata as observações de outro detento: "Não, eles não gostam de detentos afidalgados, sobretudo dos presos políticos; bem gostariam de matá-los, o que não é de admirar. Para começo de conversa, vocês são um tipo diferente de pessoa, não são como eles".[1480]

Na URSS, desde mais ou menos 1937 até o final da guerra, a administração dos campos começou a utilizar abertamente pequenos grupos de criminosos profissionais para controlar outros presos. Durante aquele período, os mafiosos de mais alto coturno não trabalhavam; em vez disso, asseguravam-se de que outros o fizessem.[1481] Lev Razgon assim descreveu:

> Não trabalhavam, mas recebiam ração completa; extorquiam um tributo em dinheiro de todos os "camponeses", ou seja, de quem realmente trabalhava; pegavam metade das remessas de alimento recebidas pelos detentos, mais metade do que estes compravam do empório do campo; e roubavam descaradamente os novos contingentes de presos, apossando-se de todas as melhores roupas dos recém-chegados. Em suma, eram extorsionários, gângsteres, membros de uma pequena máfia. Todos os "criminosos ordinários" do campo - e eles constituíam a maioria - os detestavam intensamente.[1482]

Alguns presos políticos descobriam maneiras de dar-se bem com os mafiosos, em especial após a guerra. Certos chefões gostavam de ter presos políticos como mascotes ou sombras. Num campo onde os presos ficavam de passagem até o destino final, Alexander Dolgun ganhou o respeito de um chefão ao espancar um criminoso de menor posição.[1483] Em parte porque também derrotara um criminoso numa briga de socos, Marlen Korallov (jovem preso político, depois um dos fundadores da Sociedade Memorial de Moscou) foi notado pelo manda-chuva dos criminosos do pampo, Nikola, o qual autorizou Korallov a pôr-se perto dele no alojamento. Essa decisão alterou o status de Korallov no campo, onde de imediato passou a ser considerado "protegido" de Nikola e obter muito mais vantagens na hora de arrumar lugar para dormir. "O campo entendeu: se eu era parte da tróica em torno de Nikola, então era parte da elite [...] todas as atitudes para comigo se modificaram na mesma hora."[1484]

Na maior parte das vezes, porém, o domínio dos bandidos sobre os presos políticos era absoluto. O status superior dos criminosos ajudava a explicar por que eles, nas palavras de um criminologista, se sentiam "em casa" nos campos de concentração: passavam melhor que outros presos e desfrutavam um nível de poder real que não tinham fora dali.[1485] Korallov explica, por exemplo, que Nikola ficava na "única cama de ferro" do alojamento, a qual havia sido ajeitada num canto Ninguém mais dormia nela, e um bando de asseclas a rondava para garantir que as coisas continuassem assim. Eles também faziam um cortinado

---

[1480] Dostoevsky, p. 35.
[1481] Abramkin e Chesnokova, p. 10.
[1482] Razgon, p.185.
[1483] Dolgun, pp. 139-60.
[1484] Korallov, entrevista com a autora.
[1485] Abramkin e Chesnokova, p. 9.

de cobertores nos leitos ao redor, a fim de impedir que outros espiassem o que faziam. O acesso ao espaço em torno do líder era controlado com zelo. Tais presos até consideravam suas longas condenações com uma espécie de orgulho viril. Korallov observa que

> havia alguns jovens que, para reforçar sua autoridade, procuravam escapar - uma tentativa inútil - e então recebiam mais 25 anos de pena, e talvez outros tantos por sabotagem. Aí, quando apareciam num novo campo e diziam às pessoas que tinham sido condenados a cem anos, isso, seguindo a moralidade dos campos, os transformava em figurões.[1486]

O status mais elevado aumentava o atrativo da bandidagem para os presos mais jovens, que às vezes eram introduzidos na fraternidade mediante complexos rituais de iniciação. De acordo com relatos compilados por secretas e administradores prisionais nos anos 1950, os novos membros do clã tinham de fazer juramento, prometendo ser "bandidos de valor" e aceitar as normas severas daquela vida. Outros mafiosos então recomendavam o noviço, talvez elogiando-o por "ter desafiado a disciplina do campo" e dando-lhe um apelido. A notícia dessa "coroação" se disseminava por todo o sistema de campos, através da rede de contatos dos criminosos, de modo que, se o novo mafioso fosse transferido para outro lagpunkt, seu status se conservaria.[1487]

Esse era o sistema que Nikolai Medvedev (o qual não tem nenhum parentesco com aqueles intelectuais de Moscou) encontrou em 1946. Aprisionado na adolescência por ter furtado cereal numa fazenda coletiva, Medvedev já. ficou debaixo da asa de um dos principais chefões mafiosos quando ainda estava em traslado; então, aos poucos, iniciaram-no na bandidagem. Ao chegarem a Magadan, Medvedev foi posto para trabalhar como os outros presos; viu-se encarregado de limpar o refeitório, o que não era uma tarefa muito árdua. Seu mentor, porém, gritou para que parasse. "E, assim, não trabalhei, da mesma maneira todos os outros bandidos." Outros presos é que se incumbiam do trabalho para ele.[1488]

Conforme Medvedev, a administração do campo não se preocupava com o fato de certos detentos não trabalharem. "Para ela, só interessava uma coisa: que a mina produzisse ouro - tanto ouro quanto possível - e que o campo permanecesse em ordem." E, escreve ele de modo abonador, os bandidos realmente garantiam a ordem. O que os campos perdiam em homens/hora (pelos criminosos que deixavam de trabalhar) ganhavam em disciplina. Medvedev explica que, "se alguém ofendia alguém, levava-se a queixa às autoridades da bandidagem", não às do campo. Esse sistema, afirma Medvedev, mantinha baixo o nível de desavença e violência, o qual, do contrário, teria sido inconvenientemente elevado.[1489]

A avaliação positiva que Nikolai Medvedev faz do domínio da bandidagem nos campos é incomum, em parte porque descreve de dentro o mundo dos mafiosos (muitos dos urki eram analfabetos, e quase nenhum escreveu memórias), mas sobretudo porque lança sobre eles uma luz favorável. A

---

[1486] Korallov, entrevista com a autora.
[1487] Varese, pp. 146-50.
[1488] N. Medvedev, pp. 14-16.
[1489] Ibid.

maioria dos cronistas "clássicos" do Gulag, testemunhas do terror, dos assaltos e dos estupros que os bandidos infligiam aos outros habitantes dos campos, os odiava com ardor. "Os criminosos não são humanos", escreveu Variam Shalamov, sem meias palavras. "Os atos de perversidade que cometeram nos campos são inumeráveis."[1490] Soljenitsin escreveu que "era exatamente esse mundo universalmente humano, o nosso mundo, com sua moral, seus costumes e suas relações mútuas, o que se mostrava mais odioso e mais merecedor de desdém para os bandidos, pois se contrapunha da forma mais nítida possível a seu kubla (clã) anti-social e anticívico".[1491] De modo vivido, Anatolii Zhigulin descreveu como de fato funcionava a ordem que os bandidos impunham. Certo dia, enquanto estava sentado num refeitório praticamente vazio, Zhigulin ouviu dois presos brigarem por causa de uma colher. De súbito, Dezemiya, o principal lugar-tenente do maior chefão do campo, irrompeu pela porta e perguntou:

> "Que barulho é esse? Por que o bate-boca? Vocês não podem perturbar a paz no refeitório."
>
> "Olhe, ele pegou a minha colher e a trocou. Eu lhe dei uma inteira, e ele me devolveu uma quebrada..."
>
> "Vou castigar e reconciliar os dois", disse Dezemiya, rindo à socapa. Nisto, executou dois rápidos movimentos em direção aos brigões: rápido como um raio, furou um olho de cada um deles com seu picão.[1492]

A influência dos bandidos sobre a vida dos campos era decerto profunda. Sua gíria, tão distinta do russo comum que quase se torna um idioma à parte, tornou-se o mais importante meio de comunicação no Gulag. Embora esse calão fosse célebre pelo enorme e complexo vocabulário de imprecações, uma lista de palavras compiladas nos anos 1980 - muitas das quais ainda eram as mesmas usadas nos 1940 -também abrange centenas de termos para objetos comuns (aí incluídos utensílios, vestimentas e partes do corpo) que são bem diversos das palavras russas usuais. Para objetos de particular interesse (dinheiro, prostitutas, bandidos e furto), há dúzias de sinônimos. E, assim como termos genéricos para "crime" - entre eles po muzike khodit, "dançar conforme a música" -, existem muitos termos específicos para "furto" e afins: derzhatsadku (furtar em estação ferroviária), marku derzhat (furtar em trem), idti na shalynuyu (furto não-planejado) denmik (furto à luz do dia) e klyusvennik (ladrão de igreja), entre outros.[1493]

Aprender a falar blatnoe slovo - "língua de bandido", às vezes chamada blatnaya muzyka, "música de bandido" - era um ritual de iniciação a que muitos presos se submetiam, não necessariamente de boa vontade. Alguns nunca se acostumavam. Uma prisioneira política escreveria:

> Em tais campos, o mais difícil de agüentar são os constantes vitupérios [...] os palavrões que as prisioneiras usam são tão obscenos que se tornam insuportáveis, e elas só parecem conseguir falar umas com as outras no linguajar mais reles e vulgar. Quando começavam com

---

[1490] Shalamov, Kolyma Tales, p. 411.
[1491] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 445.
[1492] Zhigulin, p. 136.
[1493] Berdinskikh, pp. 291-315.

> aqueles xingamentos e impropérios, ficávamos com tanta raiva que costumávamos dizer entre nós: "Se uma delas estivesse morrendo aqui do meu lado, eu não lhe daria nem uma gota de água".[1494]

Outros tentavam analisar essa gíria. Já em 1925, um preso de Solovetsky especulava as origens daquele vocabulário num artigo que escreveu para a Solovetskie Ostrova (uma das revistas do campo). Observava que algumas das palavras simplesmente refletiam a moralidade dos bandidos: a linguagem a respeito das mulheres era em parte obscena, em parte melosamente sentimental. Algumas das palavras surgiam do contexto: os presos usavam stukat (bater) em vez de govorit (falar) porque batiam nas paredes para comunicar-se uns com os outros.[1495] Outro ex-preso comentou o fato de que várias palavras, como shmon (para "busca"), musor (para "policial") e fraier (para "não-criminoso", podendo traduzir-se também por "otário"), pareciam originar-se do hebraico ou do iídiche.[1496] Isso talvez seja evidência do papel que o porto de Odessa - uma cidade em grande parte judaica, outrora a capital do contrabando na Rússia - desempenhou no desenvolvimento da cultura da bandidagem. De tempos em tempos, a administração dos campos até procurava eliminar o calão. Em 1933, o comandante do Dmitlag ordenou a seus subordinados que "tomassem as devidas medidas" para fazer os presos, assim como os guardas e administradores, pararem de utilizar o linguajar criminoso, o qual agora era "de uso geral, mesmo em cartas e discursos oficiais".[1497] Não há nenhum indício de que a medida tenha surtido efeito.

Os mafiosos de mais alta posição pareciam e soavam diferentes dos outros presos. A indumentária e a moda estranha, talvez até mais que o calão, os estabeleciam como casta identificável e distinta, o que reforçava ainda mais o poder de intimidação que exerciam sobre os demais prisioneiros. Nos anos 1940, segundo Shalamov, todos os chefões mafiosos de Kolyma usavam cruzes de alumínio ao pescoço, sem nenhuma conotação religiosa ("Era uma espécie de símbolo"). Mas as modas mudavam:

> Na década de 1920, os mafiosos usavam bonés de operário; antes ainda, a voga eram os quepes de oficial. Nos anos 40, durante os invernos, usavam bonés de couro sem aba, dobravam o alto das botas de feltro e tinham ao pescoço um crucifixo. Este era em geral liso, mas, se houvesse algum artista à mão, eles o obrigavam a usar uma agulha para pintar na cruz os motivos mais diversos: um coração, cartas de baralho, uma crucificação, uma mulher nua.[1498]

Georgii Feldgun, também prisioneiro nos campos na década de 1940, lembraria que os bandidos tinham um andar diferenciado, "de passadas curtas, com as pernas ligeiramente abertas"; nos dentes, ostentavam coroas de ouro ou prata, uma espécie de moda:

> Normalmente, o *vor* de 1943 circulava num costume azul-marinho de três peças, com as calças enfiadas dentro das botas. A túnica ficava debaixo do colete, com a fralda para fora. Havia também o boné,

---

[1494] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[1495] A. Akarevich, "Blatnye slova". Solovetskie Ostrova, Fevereiro de 1925, no. 2 (SKM).
[1496] Guberman, pp. 72-73.
[1497] GARF, 9489/2/15.
[1498] Shalamov, Kolyma Tales, p. 7.

cobrindo os olhos. E tatuagens, em geral sentimentais: "Nunca esquecerei minha querida mãezinha", "A vida desconhece a felicidade".[1499]

Essas tatuagens, mencionadas por muitos outros, também ajudavam a distinguir os mafiosos dos outros criminosos e a identificar o papel de cada chefão no mundo da bandidagem. De acordo com um historiador dos campos, existiam diferentes tatuagens para homossexuais, viciados, condenados por estupro e condenados por homicídio.[1500] Soljenitsin é mais explícito:

> Cediam sua pele brônzea para a tatuagem e, dessa maneira, gradualmente satisfaziam suas necessidades artísticas, eróticas e até morais: nos peitos, barrigas e costas uns dos outros, podiam admirar águias poderosas que se empoleiravam em desfiladeiros ou cruzavam os céus; ou uma grande marreta; ou o sol, dardejando raios em todas as direções; ou homens e mulheres em cópula; ou os órgãos de seu desfrute sexual; e, bem de repente, Lênin, Stalin ou talvez ambos apareciam ao lado de seus corações [...]. Por vezes, riam com a figura do foguista galhofeiro que lhes jogava carvão no orifício traseiro, ou com um macaco que se masturbava. E, na pele uns dos outros, liam slogans que, mesmo se já familiares, eles adoravam repetir - "Vou f... todas as minas na boca!" [,..]. Ou, na barriga da namorada de um chefão, podia haver um "Eu morro por uma boa f...!".[1501]

Sendo artista profissional, Thomas Sgovio logo foi tragado pelo ramo da tatuagem. Certa vez, pediram-lhe que desenhasse o rosto de Lênin no peito de alguém: entre os bandidos, havia a crença comum de que nenhum pelotão de fuzilamento dispararia num retrato de Lênin ou Stalin.[1502]

Os mafiosos também se distinguiam de outros presos na maneira de se divertir. Complexos rituais cercavam seu carteado, o qual acarretava enorme risco, tanto do próprio jogo, em que as apostas eram altas, quanto das autoridades, que puniam todos os apanhados em jogatina.[1503] Entretanto, o risco era provavelmente parte do atrativo para pessoas acostumadas ao perigo: Dmitrii Likhachev, o crítico literário encarcerado em Solovetsky, observou que muitos bandidos "comparam as emoções do carteado às da consecução de um crime".[1504]

Aliás, os criminosos anularam todas as tentativas da NKVD de pôr fim ao carteado. Buscas e apreensões não adiantavam de nada. Entre os bandidos, "peritos" se especializavam em produzir baralhos, procedimento que, nos anos 1940, já se tornara extremamente sofisticado. Primeiro, o expert cortava quadrados de papel com lâmina de barbear. Para assegurar-se de que as cartas fossem rijas o bastante, ele sobrepunha cinco ou seis desses quadrados, usando a "cola" que se fazia esfregando pão molhado contra um lencinho. Depois, deixava as cartas amanhecerem debaixo dos beliches, para endurecê-las. Quando ficavam prontas, estampava as figuras e números,

---

[1499] Feldgun, memórias inéditas.
[1500] Berdinskikh, p.132.
[1501] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 441.
[1502] Sgovio, pp. 165-69.
[1503] GARF, 8131/37/1261.
[1504] Likhachev, "Kartezhnye igri ugolovnikov". Solovetskie Ostrova,1930, nº 1., pp. 32-35 (SKM).

usando um carimbo que fora entalhado do fundo de uma caneca. Para as cartas pretas, utilizava cinzas escuras. Caso se dispusesse de estreptomicina - se o médico da cadeia ou do campo a tivesse e pudesse ser subornado ou ameaçado para entregar alguma -, podia também fazer as cartas vermelhas.[1505]

Os rituais do carteado eram outra parte do terror que os bandidos impunham aos presos políticos. Quando os criminosos jogavam uns com os outros, apostava-se dinheiro, pão e indumentária. Se perdiam essas coisas, apostavam as de outros presos. Gustav Herling testemunhou pela primeira vez um desses episódios quando estava num vagão Stolypin rumo à Sibéria. Viajava com outro polonês, o coronel Shklovski. No mesmo vagão, três urki, entre eles "um gorila com cara achatada de mongol", jogavam cartas.

> [...] de repente, o gorila largou as cartas com brusquidão, levantou-se do banco num salto e veio para cima de Shklovski.
>
> "Me dá o casaco!", berrou. "Eu o perdi no jogo!"
>
> Shklovski abriu os olhos e, sem se mexer do assento, deu de ombros.
>
> "Me dá!", rugiu o gorila, furioso. "Me dá! Senão, glaza vykolu, eu arranco os teus olhos!"
>
> O coronel se ergueu devagar e entregou o casaco.
>
> Só depois, no campo de trabalhos forçados, compreendi o significado daquela cena esdrúxula. Apostar nas cartas os pertences de outros presos é uma das diversões prediletas dos urki, e o principal atrativo disso está no fato de que o perdedor é obrigado a tirar à força da vítima o item previamente acordado.[1506]

Uma prisioneira estava num alojamento feminino que fora todo "perdido" num jogo de cartas. Após terem ficado sabendo da notícia, as mulheres passaram dias numa espera angustiada, "incrédulas". Até que, uma noite, ocorreu o ataque. "O alvoroço foi terrível: as mulheres berraram como loucas até que homens vieram em nosso socorro [...] ao fim e ao cabo, só roubaram algumas trouxas de roupas, e a starosta foi apunhalada."[1507]

O carteado, porém, podia ser não menos perigoso para os próprios criminosos de carreira. Em Kolyma, o general Gorbatov encontrou um bandido que tinha apenas dois dedos na mão esquerda. O homem explicou:

> Estava jogando cartas e perdi. Não tinha dinheiro e, por isso, apostei um terno de boa qualidade - não meu, é claro, mas de um [preso] político. Eu pretendia pegar o terno de noite, quando o preso, recém-chegado, o tivesse tirado para dormir. Eu precisava entregá-lo antes das oito da manhã, mas acabaram levando o político para outro campo naquele mesmo dia. Nosso conselho de chefes se reuniu para determinar meu castigo. A parte queixosa queria que me cortassem todos os dedos da

[1505] Finkelstein, entrevista com a autora.
[1506] Herling, p. 18.
[1507] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 113, Pasta 2.

mão esquerda. Os chefes propuseram dois. Pechincharam um pouco e fecharam em três. Assim, pus a mão na mesa, e o homem para o qual eu tinha perdido pegou um picão e, com cinco golpes, arrancou meus três dedos.

Quase com orgulho, o homem concluiu: "Também temos as nossas leis, só que mais duras que as de vocês. Quando se falha com os companheiros, é preciso responder por isso".[1508] E os rituais judiciais dos mafiosos eram tão complexos quanto suas cerimônias de iniciação, demandando um "tribunal", um julgamento e uma sentença, a qual podia significar surra, humilhação ou até morte. Colonna-Czosnowski presenciou uma longa e renhida partida de cartas entre dois mafiosos de alto escalão, que só terminou quando um deles já perdera todos os seus pertences. Em vez de um braço ou perna, o ganhador exigiu como penalidade uma humilhação medonha: mandou o "artista" do alojamento tatuar na cara do perdedor um pênis enorme, apontado para a boca. Minutos depois de pronta a tatuagem, o perdedor pressionou um atiçador em brasa contra o próprio rosto, apagando-a e desfigurando-se pelo resto da vida.[1509] Anton Antonov-Ovseenko, filho de um destacado bolchevique, também afirmaria ter conhecido nos campos um "surdo-mudo" que perdera nas cartas e, por isso, fora proibido de usar a voz durante três anos. Mesmo quando era transferido de campo, não se atrevia a violar a condenação, pois todos os urki locais estavam cientes dela. "O desrespeito ao acertado seria punido com a morte. Ninguém escapa à lei dos bandidos."[1510]

As autoridades sabiam desses rituais e, de quando em quando, procuravam intervir, nem sempre com sucesso. Num episódio em 1951, um tribunal mafioso condenou à morte um bandido chamado Yurilkin. As autoridades do campo souberam da sentença e transferiram Yurilkin, primeiro para outro campo, depois para uma prisão transitória, em seguida para um terceiro campo, numa região completamente diferente do país. Ainda assim, dois mafiosos enfim localizaram o condenado e o mataram - passados quatro anos. Depois, foram julgados e executados por homicídio na Justiça soviética, mas nem mesmo tal castigo se mostrava necessariamente coibitivo. Em 1956, a promotoria-geral da URSS fez circular um memorando em que, com frustração, se queixava de que "essa formação criminosa existe em todos os campos de trabalho correcional, e com freqüência a decisão do grupo de matar este ou aquele preso que se encontra em outro campo é ali executada sem discussão".[1511]

Os tribunais mafiosos também eram capazes de impor punições a quem não pertencia à bandidagem, o que talvez explique por que inspiravam tanto terror. Lev Finkelstein, preso político no começo dos anos 1950, recordaria um desses assassínios motivados pela vingança:

> Pessoalmente, vi um só homicídio, mas esse foi bem espetacular. Sabe esses espetos de papel metálicos? Quando bem afiados, são uma arma extremamente mortífera. [...]
>
> Tínhamos um naryadchik, o homem designado para distribuir tarefas aos presos - do que ele era culpado, disso não sei. Mas os mafiosos

---

[1508] Gorbatov, p. 140-41.
[1509] Colonna-Czosnowski, pp. 126-31.
[1510] Antonov-Ovseenko, The Time ofStalin, p. 316.
[1511] Varese, p. 159.

> resolveram que devia ser morto. Aconteceu quando ele estava de pé na contagem dos presos, antes de irem para o trabalho. Cada turma estava em posição de sentido, separada das outras. O naryadchik se encontrava à frente. O nome dele era Kazakhov, um homem pesadão, com uma bela pança. Um dos bandidos saiu chispando da formação e enfiou o espeto na barriga dele. Provavelmente, era um assassino experiente. Foi pego de imediato - mas tinha 25 anos de pena. Eles o julgaram outra vez, é claro, e lhe deram outros 25. Assim, a sentença se prolongaria mais alguns anos - e quem se importava?[1512]

Contudo era um tanto raro que os bandidos voltassem sua "justiça" contra quem administrava os campos. No geral, se não eram exatamente leais cidadãos soviéticos, pelos menos ficavam satisfeitos -satisfeitíssimos - em cooperar na única tarefa que as autoridades da URSS lhes destinavam: dominar os presos políticos, aqueles elementos que, para de novo citarmos Evgeniya Ginzburg, eram ainda mais desprezados e marginalizados do que eles.

**KONTRIKI E BYTOVYE: OS PRESOS POLÍTICOS E OS PRESOS ORDINÁRIOS**

Com seu calão especial, sua indumentária característica e sua cultura rígida, os criminosos de carreira eram fáceis de identificar e de descrever. Sobre o resto dos presos, que constituíam a mão-de-obra do Gulag, torna-se muito mais difícil fazer generalizações, pois eram pessoas oriundas de todos os estratos da sociedade soviética. Aliás, durante tempo demasiado longo, nossa compreensão de quem era exatamente a maioria dos prisioneiros nos campos se viu enviesada pela dependência forçada que tínhamos em relação às memórias escritas, sobretudo às publicadas fora da URSS. Seus autores eram em geral intelectuais, com freqüência estrangeiros e quase universalmente presos políticos.

Mas, desde a glasnost de Gorbatchev, disponibilizou-se uma variedade maior de material memorialístico, junto com alguns dados arquivais. Segundo esses últimos - que devem ser tratados com um bocado de cautela -, parece que a imensa maioria dos presos não era de modo algum composta de intelectuais. Ou seja, não eram pessoas da intelligentsia técnica e acadêmica da Rússia, a qual, na prática, formava uma classe social à parte, mas operários e camponeses. Alguns números referentes aos anos 1930, quando o grosso dos presos do Gulag eram kulaks, são particularmente reveladores. Em 1934, só 0,7% da população dos campos de concentração tinha instrução superior; já 39,1% possuíam apenas escolaridade primária. Na mesma época, 42,6% eram descritos como "semi-alfabetizados", e 12% eram totalmente analfabetos. Mesmo em 1938, o ano em que o Grande Terror assolou a intelectualidade de Moscou e Leningrado, quem tinha instrução superior ainda correspondia a apenas 1,1% da população do Gulag, ao passo que mais de metade do total fizera somente o primário e um terço era semi-alfabetizado.[1513]

Estatísticas comparáveis sobre a proveniência social dos detentos não parecem estar disponíveis, mas vale a pena notar que, em 1948, menos de um quarto deles eram presos políticos - aqueles condenados por crimes "contra-revolucionários", conforme o artigo 58 do Código Penal. Isso seguia um padrão

---

[1512] Finkelstein, entrevista com a autora.
[1513] Zemskov, "Zaklyuchennie v 1930-e gody", p. 68.

preexistente. Os presos políticos corresponderam a apenas 12%-18% da população prisional nos anos de terror de 1937 e 1938; ficaram em 30%-40% durante a guerra; subiram para quase 60% em 1946, em conseqüência da anistia concedida a presos criminais após a vitória; e então permaneceram numa porcentagem estável, entre um quarto e um terço de todos os presos, pelo restante do reinado de Stalin.[1514] Dada a elevada rotatividade de presos não-polí-ticos - estes freqüentemente estavam condenados a penas mais curtas e tinham mais chance de atender aos requisitos para a liberação antecipada -, é seguro dizer que a grande maioria dos que passaram pelo sistema Gulag nas décadas de 1930 e 40 se constituía de pessoas com sentenças criminais e, portanto, com maior probabilidade de serem operários e camponeses.

Esboço de retrato de dois zeks. Desenho de Sergei Reikhenberg. Magadan, data desconhecida

No entanto, embora esses números possam ajudar a corrigir impressões anteriores, eles também enganam. Analisando o novo material memorialístico acumulado na Rússia desde o colapso da URSS, fica igualmente claro que muitos dos presos políticos não se enquadravam na definição que hoje damos ao termo. Nos anos 1920, os campos realmente continham membros dos partidos antibolchevique, indivíduos que de fato se designavam "presos políticos". Nos anos 30, também havia alguns verdadeiros trotskistas - pessoas que tinham mesmo apoiado Trotski contra Stalin. Nos anos 40, após as prisões em massa na Ucrânia, nos Estados bálticos e na Polônia, uma onda de guerrilheiros e ativistas verdadeiramente anti-soviéticos fluiu para o Gulag. E, no começo da década de 50, prendeu-se um punhado de estudantes anti-stalinistas.

Todavia, entre as centenas de milhares de pessoas que eram denominadas presos políticos nos campos, a imensa maioria se compunha não de dissidentes, nem de padres que diziam missa às escondidas, nem mesmo de maiorais do Partido. Era, isto sim, de pessoas comuns, levadas de roldão durante detenções em massa, não tendo necessariamente posições políticas fortes em nenhum sentido. Olga Adamova-Sliozberg, outrora funcionária de um dos ministérios industriais em Moscou, escreveria: "Antes de minha prisão, eu levava vida bastante comum, típica de uma profissional liberal soviética que não pertencesse ao Partido. Dava duro, mas não tinha nenhuma participação

[1514] Dugin; Zemskov, ibid., p. 65.

especial na política nem nas questões públicas. Meus verdadeiros interesses eram o lar e a família".[1515]

Se os presos políticos não eram necessariamente políticos, a esmagadora maioria dos presos criminais tampouco era necessariamente de criminosos. No Gulag, embora houvesse alguns criminosos de carreira e, durante o conflito mundial, alguns verdadeiros colaboracionistas e criminosos de guerra, a maior parte dos demais fora condenada por crimes "ordinários" ou não-políticos que, em outras sociedades, nunca seriam considerados delitos. Por duas vezes, o pai do general e político russo Alexsander Lebed se atrasara dez minutos para o trabalho numa fábrica, pelo que o sentenciaram a cinco anos no Gulag.[1516] No campo de Polyansky, situado perto do Krasnoyarsk 26 (local de um dos reatores nucleares da URSS) e habitado majoritariamente por criminosos, os arquivos registram um preso "criminal" que pegou seis anos pelo furto de um único pé de galocha numa feira; outro, dez anos pelo furto de dez pães; outro (caminhoneiro que criava sozinho os dois filhos), sete anos pelo furto de três garrafas do vinho que estava entregando; e outro, cinco anos por "especulação", significando que comprara cigarros num lugar e os vendera em outro.[1517] Antoni Ekart conta a história de uma mulher que foi presa porque pegou um lápis do escritório onde trabalhava; era para o filho, que não podia fazer o dever de casa porque não tinha com o que escrever.[1518]

No mundo às avessas do Gulag, a probabilidade de presos criminais serem de fato criminosos equivalia à de presos políticos serem mesmo opositores ativos do regime. Em outras palavras, os criminosos nem sempre eram gente que cometera crimes de verdade. E era ainda mais raro que um preso político houvesse cometido um delito de natureza política. Isso, porém, não impedia o sistema judiciário soviético de classificá-los zelosamente. Como grupo, os contra-revolucionários tinham status ainda mais baixo que os criminosos; como já dissemos, eram considerados "socialmente perigosos", menos compatíveis com a sociedade soviética que os criminosos, "socialmente próximos". Mas os presos políticos também se classificavam segundo o parágrafo do artigo 58 do Código Penal pelo qual houvessem sido condenados. Evgeniya Ginzburg observou que, dentre os presos políticos, era muitíssimo "melhor" ter sido condenado conforme o parágrafo 10, por "agitação anti-soviética" (ASA). Eram os "tagarelas": haviam contado alguma piada infeliz a respeito do Partido ou deixado escapar alguma crítica a Stalin ou ao chefe partidário local - ou então sido acusados disso por algum vizinho invejoso. Até as autoridades dos campos reconheciam tacitamente que os "tagarelas" não haviam cometido crime nenhum, e assim os condenados por ASA descobriam que, no caso deles, às vezes era mais fácil ser designado para trabalho mais leve.

Abaixo deles, estavam os condenados por "atividades contra-revolucionárias" (KDR). Mais abaixo ainda, havia os condenados por "atividades terroristas contra-revolucionárias" (KRTD). Em alguns campos, o T adicional podia significar que o preso estava proibido de realizar outro trabalho que não os "serviços gerais" mais pesados (cortar árvores, cavar nas minas, construir estradas), em especial se a KRTD acarretara pena de dez ou quinze anos ou

---

1515 Adamova-Sliozberg, "My Journey", em Vilensky, Till My Tale Is Told, p. 2

1516 Elletson, p. 2.

1517 Kuchin, Polyans ii ITL, pp. 37-38.

1518 Ekart, p. 69.

mais.[1519]

E era possível descer ainda mais. Abaixo da KRTD, havia outra categoria: as KRTTD, que eram não qualquer atividade terrorista, mas sim as "atividades terroristas trotskistas contra-revolucionárias". "Sei de casos", escreve Lev Razgon, "em que esse T extra aparecia na documentação do preso nos campos por causa de alguma discussão, durante a contagem dos prisioneiros, com o distribuidor de tarefas ou com o chefe desse serviço, ambos os quais eram criminosos."[1520] Uma mudancinha como essa podia ser a diferença entre a vida e a morte, pois nenhum capataz designaria um preso KRTTD para outra coisa senão a labuta mais pesada.

Tais regras nem sempre eram nítidas. Na prática, os presos viviam sopesando o valor das diferentes sentenças judiciais, procurando calcular que influência elas teriam em suas vidas. Variam Shalamov relata que, após haver sido selecionado para fazer um curso de paramédico que lhe teria permitido tornar-se feldsher (assistente médico, um dos serviços mais prestigiosos e confortáveis no campo), ficou preocupado com o efeito que sua sentença teria em suas possibilidades de concluir o curso: "Será que aceitariam presos políticos condenados pelo artigo 58? Só os que o tivessem sido pelo parágrafo 10? E o homem que estava comigo na traseira do caminhão? Ele também era ASA, agitação anti-soviética".[1521]

As sentenças oficiais, por si sós, não determinavam o lugar dos presos políticos na hierarquia dos campos. Embora não tivessem um código de conduta rígido como o dos bandidos, nem um linguajar uniformizador, eles realmente acabavam segregando-se em grupos. Esses clãs políticos se mantinham unidos pela camaradagem, pela necessidade de defender-se ou pela visão de mundo que compartilhavam. Não ficavam à parte - tinham elementos de contato uns com os outros e com os clãs de presos não-políticos -, nem existiam em todos os campos. Mas, nas circunstâncias certas, podiam ser cruciais para a sobrevivência do prisioneiro.

Dos clãs políticos, os mais fundamentais, e, no final das contas, mais poderosos, se constituíam em torno da nacionalidade ou do lugar de origem. Esses se tornaram mais importantes durante e após a Segunda Guerra Mundial, quando o número de presos estrangeiros aumentou enormemente. Surgiam de modo bem natural: o novo prisioneiro chegava e de imediato procurava nos alojamentos seus patrícios estonianos, ucranianos ou (num número ínfimo de casos) americanos, por exemplo. Walter Warwick, um dos fino-americanos que acabaram no Gulag nos anos 1930, descreve, num manuscrito que elaborou para a família, como os falantes do finlandês em seu campo se aglutinavam especificamente para proteger-se dos roubos e abusos da bandidagem: "Chegamos à conclusão de que, se quiséssemos um pouco de sossego, precisaríamos formar uma gangue. Assim, organizamos nossa própria turma, para nos ajudarmos uns aos outros. Éramos seis: dois fino-americanos [...], dois finlandeses da própria Finlândia [...] e dois finlandeses da região de Leningrado".[1522]

---

[1519] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, pp. 334-35; Razgon, p. 93.
[1520] Razgon, p. 93.
[1521] Shalamov, Kolyma Tales, pp. 258-59.
[1522] Warwick, memórias inéditas.

Nem todo clã baseado na nacionalidade exibia o mesmo caráter. Há opiniões discordantes, por exemplo, sobre se os prisioneiros judeus tinham mesmo uma rede própria ou se, ao contrário, fundiam-se na população geral russa - ou, no caso do grande número de judeus polacos, na grande população geral polonesa. Parece que a resposta variava conforme a época e que muito dependia das atitudes individuais. Muitos dos judeus aprisionados no final dos anos 1930, durante a repressão contra os primeiros escalões da nomenklatura e das Forças Armadas, parecem ter-se considerado primeiro comunistas e só depois judeus. Segundo um preso, nos campos "todo o mundo virava russo - fossem caucásios, fossem tártaros, fossem judeus".[1523]

Posteriormente, à medida que mais judeus chegavam com os poloneses durante a guerra, eles parecem ter formado redes étnicas reconhecíveis. Ada Federolf - que escreveu memórias junto com Ariadna Efron, filha de Maria Tsvetaeva - descreveu um campo no qual a oficina de costura (pelos padrões locais, um lugar luxuoso para trabalhar) ficava a cargo de um homem chamado Lieberman. Sempre que chegava um contingente de prisioneiros, ele percorria a multidão, gritando: "Quem é judeu? Quem é judeu?" Quando os localizava, providenciava para que viessem trabalhar consigo na oficina, poupando-os do trabalho braçal na floresta. Lieberman também ideou planos engenhosos para salvar rabinos, os quais, por dever de ofício, precisavam rezar o dia todo. Construiu um cubículo especial para certo rabino, ocultando o religioso a fim de que ninguém soubesse que ele não estava trabalhando. Lieberman também inventou para outro rabino o cargo de "controlador de qualidade". Isso possibilitava que o homem percorresse o dia inteiro as fileiras de costureiras, sorrindo para elas e orando de mansinho.[1524]

No começo dos anos 1950, quando o anti-semitismo oficial soviético começou a fortalecer-se - estimulado pela obsessão de Stalin com os médicos judeus que, achava ele, estavam tentando matá-lo -, voltou a ficar difícil ser judeu. Entretanto, mesmo dessa vez, o grau de anti-semitismo parecia variar de campo para campo. Ada Purizhinskaya, aprisionada no auge do "Complô dos Médicos" (o irmão fora julgado e executado por "ter conspirado para matar Stalin"), não se recordaria de "nenhum problema em especial por ser judia".[1525] Mas Leonid Trus, outro judeu encarcerado na mesma época, pensaria de modo diferente. Certa vez, disse ele, um zek mais velho o salvou de um anti-semita furibundo, que fora aprisionado por comércio de ícones. (O zek mais velho gritou para o vendilhão que este, homem que "comprava e vendia imagens de Cristo", devia envergonhar-se.)

Trus, porém, não tentava esconder o fato de que era judeu. Pelo contrário: nas botas, pintou uma estrela-de-davi, em boa parte para impedir que as roubassem. Em seu campo, "os judeus, assim como os russos, não se organizam num grupo". Isso o deixava sem companhia evidente. "Para mim [...] o pior era a solidão, a sensação de ser judeu em meio a russos, o fato de que todos tinham amigos de sua terra, ao passo que eu estava completamente só."[1526]

Por causa de seu pequeno número, os europeus-ocidentais e os norte-

---

[1523] Frid, p. 235.
[1524] Federolf, p. 123.
[1525] Purizhinskaya, entrevista com a autora.
[1526] Trus, entrevista com a autora.

americanos que acabavam nos campos também tinham dificuldade para formar redes fortes. Dificilmente estavam em situação de ajudar-se uns aos outros: muitos estavam de todo desorientados pela vida no Gulag, não falavam russo e achavam o rancho incomível e as condições de vida insuportáveis. Após ter visto todo um grupo de alemãs morrer na prisão transitória de Vladivostok, apesar de autorizadas a beber água fervida, a prisioneira russa Nina Gagen-Torn escreveu, só em parte com ironia, que, "se os alojamentos estiverem repletos de cidadãos soviéticos, acostumados à comida, eles suportarão o peixe salgado mesmo se estragado; mas, quando chega um grande transporte de presos da Terceira Internacional, eles todos pegam disenteria do tipo mais grave".[1527] Lev Razgon também se compadecia dos estrangeiros, lembrando que "não conseguiam nem entender nem se assimilar; não tentavam adaptar-se e sobreviver; apenas se juntavam instintivamente".[1528]

Mas os ocidentais - grupo que englobava poloneses, tchecos e outros leste-europeus - também tinham algumas vantagens. Eram motivo de especial fascínio e interesse, o que às vezes lhes rendia contatos, dádivas de alimento, um tratamento mais gentil. Antoni Ekart, polonês educado na Suíça, conseguiu vaga no hospital graças a um enfermeiro chamado Ackerman, oriundo da Bessarábia. "O fato de que eu provinha do Ocidente simplificava as coisas": todos estavam interessados no ocidental e queriam salvá-lo.[1529] A escocesa Flora Leipman, cujo padrasto (russo) convencera a família dela a mudar-se para a URSS, usava sua nacionalidade para entreter as companheiras de cativeiro:

> Eu levantava a saia, para que parecesse um kilt, e baixava as meias, para que dessem a impressão de ir só até os joelhos. Jogava o cobertor sobre os ombros, como um manto escocês, e pendurava o chapéu na cintura, como um sporran. Minha voz se elevava orgulhosamente, cantando "Annie-Laurie" e "Ye banks and braes o'boonie Doon", sempre concluindo com o "God save the King" - sem traduzir a letra.[1530]

Ekart também descreveria a sensação de ser "objeto de curiosidade" para os intelectuais russos:

> Em encontros especialmente organizados e cuidadosamente ocultos que tive com alguns dos mais confiáveis entre eles, falei de minha vida em Zurique, Varsóvia, Viena e outras cidades do Ocidente. Meu paletó esporte de Genebra e minhas camisas de seda eram examinados com todo o zelo, pois eram a única prova concreta do alto padrão de vida existente fora do mundo comunista. Alguns se mostravam visivelmente incrédulos quando eu dizia que podia comprar todos aqueles artigos com meu salário mensal de engenheiro júnior numa fábrica de cimento.
>
> "Quantos ternos você tem?", perguntou um dos agrônomos. "Seis ou sete."
>
> "Você está mentindo!", protestou um homem de não mais que 25 anos. Depois, voltou-se para os outros e disse: "Por que é que temos de

---

[1527] Gagen-Torn, p. 77.
[1528] Razgon, p. 138.
[1529] Ekart, p. 192.
[1530] Leipman, p. 69.

> tolerar essas histórias absurdas? Para tudo há limite; não somos criancinhas".
>
> Eu encontrava dificuldade para esclarecer que, no Ocidente, uma pessoa comum que se preocupasse um pouco com a aparência procuraria ter vários ternos, pois as roupas duram mais quando podemos tirá-las de tempos em tempos. Para um membro da intelligentsia russa, o qual raramente possuía mais de um terno, era difícil entender isso.[1531]

John Noble, americano pego em Dresden, também se tornou um "VIP de Vorkuta" e regalava os companheiros de campo com histórias sobre a vida nos Estados Unidos, as quais eles consideravam inacreditáveis. "Johnny", disse-lhe um deles, "você vai querer nos fazer acreditar que os trabalhadores americanos têm carro próprio."[1532]

Mas, embora esses estrangeiros despertassem admiração, isso também os impedia de estabelecer os contatos estreitos que sustinham tantos prisioneiros nos campos. Flora Leipman escreveria que "até minhas novas 'amigas' do campo tinham medo de mim, já que era estrangeira mesmo para elas".[1533] Antoni Ekart, quando se viu como único preso não-russo num lagpunkt, sofreu porque os cidadãos soviéticos não gostavam dele e porque o sentimento era recíproco. "Estava envolto pelo cheiro de aversão, quando não de ódio [...] ressentiam-se do fato de que eu não era como eles. A cada momento, eu percebia a desconfiança, a estultice, a má vontade, a vulgaridade inata. Tive de ficar muitas noites sem dormir, para proteger a mim e a meus pertences."[1534]

Mais uma vez, os sentimentos de Ekart evocam uma época anterior. A descrição de Dostoievski do relacionamento entre criminosos polacos e russos no século XIX faz pensar que os ancestrais de Ekart tinham vivenciado a mesma coisa:

> Os poloneses (falo apenas dos presos políticos) tinham para com eles uma espécie de polidez refinada e insultante; eram extremamente fechados e não conseguiam de modo algum esconder dos condenados a repulsa que sentiam por eles; os condenados, por sua vez, percebiam isso muitíssimo bem e pagavam na mesma moeda.[1535]

Em posição ainda mais delicada, estavam os muçulmanos e outros presos da Ásia central e de algumas das repúblicas do Cáucaso. Sofriam com o mesmo desnorteamento que os ocidentais, mas em geral não conseguiam entreter nem interessar os russos. Conhecidos como natsmeny - acrônimo do termo russo para "minorias nacionais" -, eram parte da vida no Gulag desde o final dos anos 1920. Grande número deles fora aprisionado durante a pacificação (e sovietização) da Ásia central e do Cáucaso setentrional e mandado para trabalhar no Canal do Mar Branco, onde um coetâneo escreveu que, "para eles, tudo é difícil de entender: as pessoas que os dirigem, o canal que estão construindo, a comida que estão consumindo".[1536] A partir de 1933, muitos

---

[1531] Ekart, pp. 67-68.
[1532] Noble, p. 121.
[1533] Leipman, p. 89.
[1534] Ekart, p. 191.
[1535] Dostoevsky, p. 51.
[1536] Chukhin, Kanaloarmeetsi, pp. 164-67.

trabalharam também no Canal Moscou-Volga, onde os chefes do campo parecem ter-se compadecido deles. Em certa altura, ordenaram a seus subordinados que estabelecessem alojamentos e turmas de trabalho distintos para esses presos, de modo que pudessem pelo menos cercar-se de patrícios.[1537] Posteriormente, Gustav Herling toparia com eles num campo madeireiro do norte. Lembrar-se-ia de vê-los toda noitinha na enfermaria do campo, esperando para ser atendidos pelo médico do campo:

> Mesmo na sala de espera, ficavam segurando a barriga, com dor, e, tão logo iam para a consulta, irrompiam em lamúrios aflitos, nos quais os gemidos se misturavam de maneira indistinta com o precário e curioso russo que falavam. Não havia remédio para a doença deles [...] estavam simplesmente perecendo de fome, de frio, da monótona brancura da neve, das saudades da terra natal. Seus olhos repuxados, desacostumados à paisagem setentrional, estavam sempre lacrimejantes, e suas pestanas ficavam coladas uma à outra por uma pequena crosta amarela. Nos raros dias em que ficavam livres do trabalho, os uzbeques, turcomanos e quirguizes se juntavam num canto do alojamento e punham suas roupas de festa - longos e coloridos mantos de seda e barretes bordados. Era impossível adivinhar do que falavam com tanta animação e entusiasmo, gesticulando, berrando uns com os outros e balançando tristemente as cabeças, mas eu tinha certeza de que não era a respeito do campo.[1538]

A vida não se mostrava muito melhor para os coreanos - em geral cidadãos soviéticos daquela origem -, nem para os japoneses -dos quais espantosos 600 mil chegaram ao Gulag e aos campos de prisioneiros de guerra no fim do conflito mundial. Os japoneses sofriam em especial com a comida, que lhes parecia não apenas escassa, mas também estranha e praticamente inconsumível. Em conseqüência, catavam e consumiam coisas que se assemelhavam igualmente incomestível aos outros presos: ervas silvestres, insetos, besouros, cobras e cogumelos que nem os russos comiam. De vez em quando, essas iniciativas acabavam mal: há registros de prisioneiros japoneses que morreram da ingestão de ervas ou capins venenosos.[1539] Uma indicação de quão isolados eles se sentiam aparece nas memórias de um preso russo que, numa biblioteca de campo, encontrou um folheto em japonês -tratava-se de um discurso do bolchevique Zhdanov. O russo o levou a um japonês seu conhecido, prisioneiro de guerra. "Pela primeira vez, eu o vi feliz de verdade. Mais tarde, disse-me que lia o folheto todos os dias, apenas para ter contato com o idioma natal."[1540]

Algumas das outras nacionalidades do Extremo Oriente se adaptavam com mais facilidade. Vários memorialistas mencionam a forte organização dos chineses. Destes, alguns eram "soviéticos", nascidos na URSS; outros, trabalhadores que haviam imigrado legalmente nos anos 1920; e outros ainda, desafortunados que, por acidente ou capricho, haviam atravessado a longa fronteira sino-soviética. Um preso se recordaria de que um chinês lhe contou que ele, assim como muitos outros, fora aprisionado porque atravessara o rio Amur a nado, atraído pela vista do lado soviético:

---

[1537] GARF, 9489/2/5.
[1538] Herling-Grudzinski, p. 25.
[1539] S. I. Kuznetsov.
[1540] Polonskii.

> O verde e o dourado das árvores [e] as estepes pareciam tão belas! E, em nossa região, nenhum dos que cruzavam o rio jamais voltava. Pensávamos que isso só podia significar que a vida era boa do lado de cá e, assim, resolvíamos atravessar. No instante em que chegávamos, éramos detidos e acusados segundo o artigo 58, parágrafo 6º Espionagem. Pena de dez anos.[1541]

Dmitri Panin - um dos companheiros de campo de Soljenitsin - lembraria que, no Gulag, os chineses "só se comunicavam entre si; à guisa de resposta a qualquer de nossas perguntas, faziam cara de incompreensão".[1542] Karlo Stajner recordaria que eles eram ótimos na hora de arrumar bons trabalhos uns para os outros: "Em toda a Europa, os chineses são famosos malabaristas, mas, nos campos, eram usados na lavanderia. Não me lembro de ter visto algum trabalhador não-chinês nas lavanderias dos campos pelos quais passei".[1543]

No Gulag, os grupos étnicos mais influentes eram, de longe, os baltas e os oeste-ucranianos que haviam sido varridos em massa para os campos de concentração durante e após a guerra (ver capítulo 20).

Menos numerosos, mas também influentes, eram os poloneses, sobretudo os guerrilheiros anticomunistas, que igualmente apareceram nos campos na segunda metade da década de 1940 - assim como os tchetchenos, os quais Soljenitsin descreveria como "a única nação que se recusava a desistir e a adquirir os hábitos mentais da submissão" e que, de diversas maneiras, sobressaía entre os outros caucásios.[1544] A força desses grupos étnicos específicos estava nos números e na clara oposição à URSS, cuja invasão de seus respectivos países eles consideravam ilegal. Os poloneses, baltas e ucranianos do pós-guerra também tinham experiência militar e guerrilheira, e, em alguns casos, suas organizações de luta clandestina se mantiveram nos campos. Logo depois da guerra, o estado-maior geral do Exército Rebelde Ucraniano - UPA, um dos vários grupos que combatiam pelo controle da Ucrânia naquela época -, divulgou um comunicado a todos os compatriotas que haviam sido degredados ou mandados para o Gulag: "Onde quer que estejais, nas minas, nas florestas ou nos campos de concentração, sempre permanecei o que fostes, continuai sendo ucranianos fiéis e prossegui nossa luta".

Nos campos, ex-guerrilheiros se ajudavam conscientemente e cuidavam dos recém-chegados. Adam Galinski, que lutara no Exército da Pátria, a guerrilha anticomunista da Polônia, durante e após a guerra, escreveria: "Zelávamos especialmente pela mocidade do Exército da Pátria e mantínhamos seu moral, que era o mais elevado na degradante atmosfera de declínio espiritual que prevalecia entre os diversos grupos nacionais aprisionados em Vorkuta".[1545]

Em anos posteriores, quando adquiririam mais poder para influenciar o andamento das coisas nos campos, os poloneses, baltas e ucranianos - assim como os georgianos, armênios e tchetchenos -, também formavam suas próprias turmas de trabalho, dormiam à parte em alojamentos dispostos

---

[1541] MacQueen.
[1542] Panin, p. 187.
[1543] Stajner, p. 203.
[1544] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. III, p. 401.
[1545] Hoover, Coleção Adam Galinski.

conforme a etnia e organizavam comemorações de seus feriados nacionais. Às vezes, esses grupos poderosos cooperavam uns com os outros. O autor polonês Aleksander Wat escreveria que, nas prisões soviéticas, os polacos e ucranianos - inimigos figadais durante a guerra, quando seus movimentos guerrilheiros se confrontaram em cada centímetro do território da Ucrânia ocidental - se relacionavam "com reticência, mas com incrível lealdade. 'Somos inimigos, mas não aqui'".[1546]

De outras vezes, esses grupos étnicos competiam tanto entre si quanto com os russos. Lyudmila Khachatryan, aprisionada por ter-se apaixonado por um soldado iugoslavo, recordaria que os ucranianos de seu campo se recusavam a trabalhar com os russos.[1547] Os movimentos nacionais de resistência, escreveria outro observador, "caracterizam-se, de um lado, pela hostilidade ao regime e, de outro, pela hostilidade aos russos". Edward Buca se lembraria de uma hostilidade mais generalizada - "era incomum um preso dar qualquer assistência a alguém de outra nacionalidade" -,[1548] embora Pavel Negretov, o qual estava em Vorkuta à mesma época que Buca, achasse que a maioria das nacionalidades só não se dava bem quando sucumbia às "provocações" da administração - "por meio de seus informantes, ela tentava [...] fazer que brigássemos".[1549]

No final dos anos 1940, quando os vários grupos étnicos assumiram o papel da bandidagem como policiais de facto nos campos, eles às vezes lutavam entre si pelo controle. Marlen Korallov recordaria que "começaram a disputar o poder, e este significava muito: controlar o refeitório, por exemplo, importava bastante, pois o cozinheiro trabalharia diretamente para quem fosse seu senhor". Naquele tempo, segundo Korallov, o equilíbrio entre os diversos grupos era delicadíssimo e podia ser abalado pela chegada de um novo contingente de presos. Quando, por exemplo, um grupo de tchetchenos veio para o lagpunkt de Korallov, eles entraram nos alojamentos, "jogaram suas coisas nos beliches mais próximos do chão [naquele campo, os leitos "aristocráticos" eram os mais baixos] e instalaram-se ali com todas as suas posses".[1550]

No final dos anos 1940, Leonid Sitko - que ficara num campo de prisioneiros de guerra alemão e depois fora novamente preso quando voltou para a Rússia - testemunhou uma batalha muito mais séria entre tchetchenos, russos e ucranianos. A discussão começou com uma disputa pessoal entre "brigadeiros" e foi aumentando - "virou guerra, uma guerra total". Os tchetchenos organizaram um ataque a um alojamento russo, e muitos foram feridos. (Mais tarde, todos os cabeças acabaram indo para uma cela punitiva.) Sitko explicaria que, embora as disputas fossem por influência nos campos, elas tinham origem em sentimentos nacionais mais profundos: "Os baltas e os ucranianos achavam que russos e soviéticos eram a mesma coisa. Embora não faltassem russos no campo, isso não os impedia de ver esses últimos como invasores e ladrões".

Certa vez, o próprio Sitko foi abordado no meio da noite por um grupo de oeste-ucranianos:

---

[1546] Wat, p. 147.
[1547] Khachatryan, entrevista com a autora.
[1548] Buca, p. 122.
[1549] Negretov, entrevista com a autora.
[1550] Korallov, entrevista com a autora.

"Seu nome é ucraniano", disseram-me. "Você é o quê? Algum traidor?"

Expliquei que fora criado no norte do Cáucaso, numa família que falava russo, e que não sabia por que tinha nome ucraniano. Ficaram um pouco e depois partiram. Podiam ter-me matado - estavam com uma faca.[1551]

Uma prisioneira e recordaria de que as diferenças nacionais não eram "nada lá muito importantes", mas também brincaria comentando que isso só não se aplicava aos ucranianos, os quais simplesmente "odiavam todos os demais".[1552]

Na maioria dos campos, por estranho que possa parecer, não havia nenhum clã para os russos, o grupo étnico que, segundo as próprias estatísticas do sistema, constituiu a clara maioria dos prisioneiros durante toda a existência do Gulag.[1553] E bem verdade que os russos se associavam segundo a cidade ou região de que viessem. Moscovitas descobriam outros moscovitas; leningradenses, outros leningradenses; e assim por diante. Em certa altura, Vladimir Petrov foi ajudado por um médico que lhe perguntou:

"Antes você fazia o quê?" "Estudava em Leningrado."

"Ah, então somos conterrâneos - ótimo!", disse o médico, dando-me tapinhas nas costas.[1554]

Com freqüência, os oriundos de Moscou eram particularmente poderosos e organizados. Leonid Trus, aprisionado quando ainda era estudante, recordaria que, no campo, os moscovitas mais velhos formavam uma rede forte, da qual ele ficou de fora. Em certa ocasião, quando quis pegar emprestado um livro da biblioteca do campo, precisou primeiro convencer o bibliotecário, membro daquele clã, de que podiam confiar-lhe o exemplar.[1555]

No mais das vezes, porém, esses laços eram fracos, proporcionando ao preso não mais que a companhia de pessoas que se lembravam da rua em que morara ou da escola que freqüentara. Enquanto outros grupos étnicos formavam redes completas de auxílio mútuo - achando lugar para os recém-chegados nos alojamentos, ajudando-os a obter tarefas mais leves -, os russos não o faziam. Ariadna Éfron escreveria que, ao chegar a Turukhansk, para onde fora banida com outras prisioneiras quando terminou de cumprir sua pena no Gulag, outros degredados que já moravam ali vieram receber o trem:

Um judeu separou as judias em nosso grupo, deu-lhes pão, explicou como deviam portar-se e o que deviam fazer. Então, um grupo de georgianas foi recepcionada por um patrício... E, depois de algum tempo, só restávamos nós, as russas, talvez dez ou quinze. Ninguém veio até nós, ofereceu-nos pão nem nos aconselhou.[1556]

Ainda assim, havia algumas distinções entre os detentos russos - distinções

[1551] Sitko, entrevista com a autora.
[1552] Purizhinskaya, entrevista com a autora.
[1553] GARF, 9414/1/206 (estatísticas nacionais de 1954).
[1554] Petrov, pp. 119-37.
[1555] Trus, entrevista com a autora.
[1556] Federolf, p. 234.

baseadas mais na ideologia que na etnia. Nina Gagen-Torn registraria que "a clara maioria das mulheres dos campos considerava aquela sina e aquele sofrimento um infortúnio acidental, sem procurar os motivos". Contudo, para as que "descobriam por si mesmas algum tipo de explicação para o que acontecia e passavam a acreditar nele, as coisas ficavam mais fáceis".[1557] Entre as que tinham uma explicação, estavam principalmente as comunistas; ou seja, as prisioneiras que continuavam a alegar inocência, professar lealdade à URSS e acreditar, contra todos os indícios, que todas as demais eram de fato inimigas e deviam ser evitadas. Anna Andreevna se recordaria de que as comunistas se procuravam umas às outras. "Elas se localizavam mutuamente e se mantinham juntas. Eram gente limpa, soviética, e achavam que todas as restantes eram criminosas."[1558] Chegando ao Minlag no começo dos anos 1950, Susanna Pechora conta que as viu "sentadas num canto e dizendo umas às outras: 'Somos boas soviéticas, viva Stalin, não somos culpadas, e nosso Estado nos livrará da companhia de todas essas inimigas'".[1559]

Tanto Susanna Pechora quanto Irena Arginskaya (prisioneira em Kengir na mesma época) lembram que a maioria das integrantes desse grupo pertencia ao mesmo segmento de membros de alto escalão do Partido presos em 1937 e 1938. Na maior parte, eram pessoas mais velhas; Irena lembra que eram freqüentemente agrupadas nos campos para inválidos, lugares que ainda continham muita gente aprisionada durante o Grande Terror. Anna Larina, mulher do líder soviético Nikolai Bukharin, foi desses indivíduos que, encarcerados naquela fase anterior, de início se mantiveram fiéis à Revolução. Quando ainda estava na detenção, escreveu um poema para comemorar o aniversário da Revolução de Outubro:

> Embora esteja atrás das grades,
> Sentindo a angústia dos condenados,
> Ainda assim celebro este dia
> Junto com minha feliz pátria.
> Hoje tenho uma nova crença:
> Retornarei à vida
> E de novo marcharei com minha seção do Konsomol,
> Ombro a ombro, pela praça Vermelha!

Posteriormente, Anna viria a considerar tais versos "os delírios de uma lunática". Na época, entretanto, ela os recitou para as esposas encarceradas dos velhos bolcheviques, e estas "reagiram com lágrimas e aplausos comovidos".[1560]

Em Arquipélago Gulag, Soljenitsin dedica um capítulo aos comunistas, a quem denomina (de modo não muito generoso) "duplipensantes". O escritor se admirava com a capacidade desses indivíduos para explicar até a detenção, tortura e reclusão deles próprios como "obra muito astuciosa dos serviços estrangeiros de espionagem", "sabotagem em enorme escala", "complô da NKVD local" ou "traição". Alguns vinham com uma explicação ainda mais magistral: "Essa repressão é uma necessidade histórica no desenvolvimento de

---

[1557] Gagen-Torn, p. 205.
[1558] Ereevna, entrevista com a autora.
[1559] Pechora, entrevista com a autora.
[1560] Larina, p. 159.

nossa sociedade".[1561] Depois, alguns daqueles legalistas também escreveriam memórias, de bom grado publicadas pelo regime soviético. Em 1964, por exemplo, Uma história de sobrevivência, romance curto de Boris Dyakov, foi veiculado pelo periódico Oktyabr com a seguinte introdução: "A força da narrativa de Dyakov reside no fato de que trata de autênticos soviéticos, autênticos comunistas. Em circunstâncias difíceis, eles nunca perderam a humanidade, mantiveram-se fiéis a seus ideais do Partido e dedicaram-se à pátria". Todorsky, um dos heróis de Dyakov, conta como ajudou um tenente da NKVD a redigir um discurso sobre a história do Partido. Em outra ocasião, diz ao oficial de segurança do campo que, apesar de seu injusto encarceramento, ele se considera um verdadeiro comunista: "Não sou culpado de nenhum crime contra a autoridade soviética. Portanto sou, e permanecerei, comunista". O oficial, major Yakovlev, o aconselha a não fazer alarde: "Por que ficar berrando isso? Você acha que todo mundo aqui no campo adora os comunistas?".[1562]

E de fato não adoravam: os abertamente comunistas eram muitas vezes suspeitos de trabalhar, às escondidas ou não, para as autoridades dos campos. Escrevendo sobre Dyakov, Soljenitsin observa que as memórias dele parecem deixar de fora algumas coisas. Em troca de quê, pergunta, o oficial de segurança Sokovikov concordava em postar secretamente as cartas de Dyakov, driblando o censor do campo? "Esse tipo de amizade... tinha origem em quê?"[1563] Na realidade, os arquivos hoje mostram que Dyakov fora agente da polícia secreta a vida toda (com o codinome "Pica-pau") e continuara a ser informante no Gulag.[1564]

O único grupo que superava os comunistas em matéria de fé absoluta eram os cristãos da Igreja Ortodoxa, assim como os seguidores das várias seitas protestantes que também sofriam perseguição política na URSS: batistas, testemunhas-de-jeová e variantes russas dessas doutrinas. Eram presença particularmente forte nos campos femininos, onde as conheciam pela expressão coloquial monashki (freiras). Anna Andreevna recordaria que, no final dos anos 1940, no campo feminino da Mordóvia, "a maioria das prisioneiras eram devotas" que se organizavam de modo que, "nos dias santos, as católicas trabalhassem para as ortodoxas, e vice-versa".[1565]

Como já observamos, algumas dessas seitas se negavam totalmente a cooperar com o Satã soviético, e seus membros não trabalhavam nem assinavam nenhum documento oficial. Nina Gagen-Torn descreve uma devota que foi libertada por motivo de saúde, mas que se recusou a deixar os campos. "Não reconheço vossa autoridade", disse ao guarda que se prontificou a dar-lhe os documentos necessários e mandá-la para casa. "Vosso poder é ilegítimo, o anticristo aparece em vossos salvo-condutos [...] Se eu sair, vós me prendereis outra vez. Não há razão para partir.[1566] A finlandesa Aino Kuusinen estava num campo com um grupo de prisioneiras que se recusavam a usar números de identificação nas roupas; em vista disso, "os números lhes eram marcados na própria pele", e essas mulheres eram obrigadas a comparecer

1561 Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 330.
1562 Dyakov, pp. 60-67.
1563 Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 351-52.
1564 Shentalinsky, pp. 163-65.
1565 Ereevna, entrevista com a autora.
1566 Gagen-Torn, p. 208.

nuas em pêlo às chamadas da manhã e da noite.[1567]

Soljenitsin conta a história (repetida de variadas formas por outros) de um grupo de membros de uma seita que foram levados para Solovetsky em 1930. Rejeitavam tudo o que viesse do "anticristo", negando-se a usar o dinheiro ou os salvo-condutos soviéticos. Como punição, foram mandados para uma pequena ilha daquele arquipélago, onde lhes disseram que só receberiam alimento se concordassem em assinar a documentação necessária. Negaram-se a fazê-lo. Dali a dois meses, haviam todos morrido de inanição. Segundo uma testemunha ocular, o barco seguinte para a ilha "só encontrou cadáveres bicados pelos pássaros".[1568]

Mesmo os devotos que trabalhavam não necessariamente se misturavam com os outros presos; às vezes, até se recusavam a falar o que fosse com eles. Aglutinavam-se nos alojamentos, observando absoluto silêncio ou então entoando suas preces e cânticos nos horários de rigor:

> Fiquei atrás das grades
> Lembrando como Cristo
> Humilde e mansamente carregou Sua pesada Cruz,
> Com penitência, até o Gólgota.[1569]

Os mais extremados tendiam a despertar sentimentos conflitantes nos outros presos. De modo jocoso, Irena Arginskaya, prisioneira indiscutivelmente laica, lembraria que "todas as abominávamos", em especial aquelas que, por motivo religiosos, se negavam a tomar banho.[1570] Segundo Nina Gagen-Torn, outras prisioneiras se queixavam daquelas que se recusavam a trabalhar: "A gente trabalha, e elas não! E comem o pão do mesmo jeito!"[1571]

Num sentido, porém, os homens e mulheres que chegavam a um campo e na mesma hora se integravam num clã ou seita se mostravam afortunados. Para quem era membro, as gangues, as nacionalidades mais militantes, os comunistas fiéis e as seitas religiosas proporcionavam de imediato comunidades, redes de auxílio mútuo, companhia. Já a maior parte dos presos políticos, e a maior parte dos criminosos "ordinários" - a imensa maioria dos habitantes do Gulag -, não se ajustava tão facilmente a este ou aquele grupo. Então, constatava que assim era mais difícil aprender a sobreviver no campo, a lidar com a moralidade e a hierarquia dali. Sem forte rede de contatos, essas pessoas tinham de descobrir por si mesmas as regras para melhorar de situação.

## 15. AS MULHERES E AS CRIANÇAS

*A prisioneira que era a enfermeira do alojamento me saudou com um grito: "Corra para ver o que está debaixo do seu travesseiro!"*

*Meu coração deu um pulo: talvez eu enfim houvesse conseguido minha ração*

---

[1567] Kuusinen, p. 202.
[1568] Solzhenityn, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 65-66.
[1569] Ulyanovskaya, p. 300.
[1570] Arginskaya, entrevista com a autora.
[1571] Gagen-Torn, p. 208.

*de pão!*

*Corri para a cama e afastei bruscamente o travesseiro. Debaixo dele, havia três cartas de casa - três cartas inteiras! Fazia seis meses que eu não recebia nenhuma correspondência.*

*Minha primeira reação foi de profundo desapontamento. E depois... de horror.*

*No que eu me transformara se agora um pedaço de pão era mais importante que cartas de minha mãe, meu pai, meus filhos?... Esqueci totalmente o pão e chorei.*

Olga Adamova-Sliozberg, Minha jornada.[1572]

Cumpriam as mesmas metas de produção e tomavam a mesma sopa aguada. Habitavam o mesmo tipo de alojamento e viajavam nos mesmos vagões de gado. Suas roupas eram quase idênticas, e seu calçado, igualmente inadequado. Sob interrogatório, não recebiam tratamento diferente. E no entanto... A experiência de homens e mulheres nos campos não era exatamente a mesma.

Por certo, muitas sobreviventes estão convencidas de que havia muitas vantagens em ser mulher no Gulag. As mulheres eram melhores quando se tratava de tomar cuidados consigo mesmas, de manter as roupas remendadas e o cabelo limpo. Pareciam mais capazes de subsistir com pouca quantidade de alimento e não sucumbiam tão facilmente à pelagra e a outras doenças da inanição.[1573] Formavam amizades fortes e se ajudavam umas às outras de maneiras que os homens presos não conseguiam reproduzir. Margarete Buber-Neumann registra que uma das mulheres detidas com ela na prisão Butyrka viera usando um vestido leve de verão que logo ficou em farrapos. As outras detentas na cela resolveram confeccionar um novo:

> Fizeram uma vaquinha e compraram meia dúzia de toalhas de linho russo cru. Mas como cortar o vestido sem tesouras? Um pouco de engenhosidade resolveu o problema. O molde foi marcado com pontas de fósforo queimado; o tecido foi dobrado seguindo as linhas assim marcadas; e um fósforo aceso foi rapidamente passado pelas dobras. Quando se desdobrou o tecido, o fogo já o cortara o suficiente nas dobras. Conseguiu-se algodão para linha tirando cuidadosamente fios soltos de outras roupas [...].
>
> Esse vestido feito de toalha (ele se destinava a uma letã gorda) passou de mão em mão e ganhou maravilhosos bordados na gola, nas mangas e na barra. Quando enfim ficou pronto, foi umedecido e dobrado com esmero. Naquela noite, a feliz proprietária dormiu sobre ele [para "passá-lo"]. Acredite se quiser, mas, quando ela o mostrou de manhã, estava realmente lindo; não teria envergonhado a vitrine de uma loja da moda.[1574]

Contudo, entre muitos ex-presos do sexo masculino, prevalece o ponto de vista

---

[1572] Vilenskii, Till My Taleis Told, p. 53-54.
[1573] Por exemplo, Vilensky, entrevista com a autora.
[1574] Buber-Neumann, p. 38.

oposto: moralmente, as mulheres decaíam mais depressa que os homens. Graças ao sexo, dispunham de oportunidades especiais para obter melhor classificação laborai, ganhando trabalho mais fácil e, com isso, status superior nos campos. Em conseqüência, desorientavam-se, perdendo o rumo no mundo áspero do Gulag. Gustav Herling escreve, por exemplo, sobre uma "cantora da Opera de Moscou, de cabelos negros", que foi presa por "espionagem". Dada a severidade da sentença, designaram-na para o trabalho na floresta tão logo chegou ao Kargopollag.

> Infelizmente para ela, foi desejada por Vanya, o urka [mafioso] baixinho que estava encarregado de sua turma de trabalho. Foi posta para descascar troncos com um machado enorme, que ela mal conseguia levantar. À noite, tendo ficado muito atrás dos vigorosos lenhadores, chegou à zona prisional quase sem forças para arrastar-se até a cozinha e pegar sua "primeira caldeirada" [a ração de sopa mais fraca] [...] era óbvio que estava febril, mas o enfermeiro era amigo de Vanya e não quis liberá-la do trabalho.

Ela acabou cedendo, primeiro para Vanya e finalmente para "algum chefe do campo" que a "trouxe do monturo e a colocou atrás de uma escrivaninha no escritório da contabilidade".[1575]

Havia sinas piores, como Herling também descreve. Ele fala, por exemplo, de uma moça polonesa à qual um "júri informal de urki" deu nota bem alta. De início,

> ela saía para trabalhar de cabeça erguida c, com olhar dardejante de Cúria, repelia todo homem que se aventurasse perto dela. A noitinha, voltava mais humilde do trabalho, mas ainda intocável e recatadamente altiva. Ia direto da guarita de entrada para a cozinha, a fim de buscar sua porção de sopa, e não tornava a sair do alojamento das mulheres durante a noite. Por conseguinte, parecia que não seria logo vítima das caçadas noturnas na zona prisional.

Contudo, esse esforço inicial foi inútil. Após semanas de zelosa vigilância de seu supervisor, que a proibia de furtar uma cenoura ou batata podre que fosse no armazém onde ela trabalhava, a moça desistiu. Uma noite, o homem entrou n,o alojamento de Herling e, "sem dizer palavra, atirou em meu beliche uma calcinha rasgada". Foi o começo da transformação:

> A partir daquele momento, a moça sofreu uma mudança completa. Já não se apressava para ir pegar a sopa na cozinha; após o retorno do trabalho, vagava pela zona prisional até tarde da noite, como uma gata no cio. Quem quisesse a possuía, no beliche, debaixo do beliche, nos cubículos à parte dos especialistas técnicos, no depósito de roupas. Sempre que topava comigo, ela olhava para o outro lado e franzia convulsivamente os lábios. Certa vez, ao entrar no depósito de batatas no centro do campo, eu a surpreendi numa pilha de batatas com o corcunda Levkovich, o mestiço que era chefe de turma da 56a; a moça teve um acesso de choro, e quando voltou para a zona prisional à noite estava segurando as lágrimas, com as mãozinhas crispadas.[1576]

---

[1575] Herling, p. 136.
[1576] Ibid., pp. 134-35.

Essa é a versão de Herling para uma história contada com freqüência - uma história que, é preciso dizer, sempre parece um tanto diferente quando narrada do ponto de vista da mulher. Outra versão é contada, por exemplo, por Tamara Ruzhnevits, cujo "romance" no campo começou com uma carta -"uma carta-padrão de amor, uma carta tipicamente dos campos" -, de Sasha, jovem com o confortável trabalho de sapateiro, o que o transformava em parte da aristocracia do lugar. Era uma carta curta e direta: "Vamos morar juntos, e aí eu ajudo você". Alguns dias depois de enviá-la, Sasha puxou Tamara de lado, querendo saber a resposta. "Você vai ou não vai morar comigo?", perguntou. A reposta foi negativa. Ele a espancou com um bastão de metal. Depois, carregou-a para o hospital, onde o status especial de sapateiro lhe dava influência, e mandou a equipe médica cuidar bem de Tamara. Ela ficou ali vários dias, recuperando-se dos ferimentos. Ao receber alta, tendo tido bastante tempo para pensar no assunto, voltou para Sasha. Do contrário, ele a teria espancado de novo.

"Assim começou minha vida doméstica", escreveria Tamara. Os benefícios foram imediatos. "Ganhei saúde, passei a usar bons sapatos, já não precisava mais vestir sabe-se lá que trapos - tinha casaco novo, calças novas [...] até chapéu novo." Muitas décadas depois, descreveria Sasha como "meu primeiro verdadeiro amor". Infelizmente, ele logo foi mandado para outro campo, e Tamara nunca mais o viu. Pior: o homem responsável pela transferência de Sasha também desejava Tamara. Já que "não havia saída", ela começou a dormir com ele também. Embora não descreva nenhum sentimento amoroso pelo homem, Tamara recorda que esse arranjo tinha igualmente suas vantagens: ganhou passe para deslocar-se fora do campo sem guarda e teve um cavalo só para si.[1577]

O relato de Tamara Ruzhnevits, da mesma maneira que o de Gustav Herling, pode ser considerado uma história de degradação moral. Ou, então, de sobrevivência.

Do ponto de vista dos administradores, nada disso devia acontecer. Em princípio, homens e mulheres nem podiam estar juntos no mesmo campo, e há presos que dizem não ter posto os olhos numa mulher durante anos e anos. Tampouco os comandantes de campo tinham alguma vontade especial de contar com prisioneiras. Fisicamente mais fracas, eram suscetíveis a tornar-se um peso morto quando se tratava de cumprir as metas produtivas, e, por isso, alguns comandantes tentavam rejeitá-las. Em certa altura, em fevereiro de 1941, a direção do Gulag até mandou carta a toda a liderança da NKVD e todos os comandantes de campo, instruindo-os severamente a aceitar comboios de prisioneiras e arrolando todas as atividades em que as mulheres poderiam atuar com proveito. A carta menciona a indústria leve e a indústria têxtil; a carpintaria e a metalurgia; certos tipos de serviço madeireiro; a carga e descarga de mercadorias.[1578]

Talvez por causa das objeções dos comandantes dos campos, o número de mulheres que eram de fato enviadas para lá sempre permaneceu relativamente baixo (tal qual, aliás, o número de mulheres executadas durante os expurgos de 1937-8). Segundo as estatísticas oficiais, em 1942, por exemplo, só uns 13% da população do Gulag eram mulheres. Em 1945, essa proporção se

[1577] Levinson, pp. 72-75.
[1578] GARF, 9401/1a/107.

elevou a 30%, em parte devido ao enorme contingente de presos do sexo masculino que foram convocados e mandados para a frente de batalha; e em parte devido às leis que proibiam os operários fabris de largar seus empregos - e que causaram a prisão de muitas jovens.[1579] Em 1948, as mulheres eram 22%, tornando depois a cair, agora para 17%, em 1951 e 1952.[1580] E mesmo esses números não refletem a verdadeira situação, pois as mulheres tinham muito mais probabilidade de cumprir pena nas "colônias" de trabalho leve. Nos grandes campos industriais do extremo norte, elas eram ainda menos numerosas, e sua presença, ainda mais rara.

No entanto, o número menor implicava que as mulheres - assim como o alimento, o vestuário e outros pertences - estavam quase sempre em falta. Por isso, embora talvez apresentassem pouco valor econômico para quem compilava as estatísticas de produção dos campos, elas tinham outro tipo de valor para os presos, os guardas e os trabalhadores livres do Gulag. Nos campos em que os contatos entre presos de ambos os sexos eram mais ou menos livres - ou nos lugares em que, na prática, certos homens tinham acesso aos campos femininos -, as mulheres com freqüência ouviam cantadas, sofriam abordagens atrevidas ou, mais comumente, recebiam propostas de alimento e trabalho fácil em troca de favores sexuais. Isso talvez não fosse característica exclusiva do Gulag. Em 1999, por exemplo, um relatório da Anistia Internacional sobre presidiárias americanas revelou casos de guardas e presos que estupravam detentas; de presos que subornavam guardas para ter acesso a elas; de mulheres que sofriam revistas íntimas de guardas do sexo masculino.[1581] No entanto, as estranhas hierarquias sociais do Gulag levavam mulheres a ser estupradas e humilhadas num grau incomum até para o mundo das prisões.

Para começo de conversa, o destino da prisioneira dependia muito de seu status e posição nos vários clãs do campo. Dentre a bandidagem, as mulheres se submetiam a um sistema de normas e rituais complexos e eram tratadas com muito pouco respeito. Segundo Variam Shalamov, "o criminoso de terceira ou quarta geração aprende desde a infância a ver as mulheres com desprezo [...] a mulher, ser inferior, fora criada apenas para satisfazer o apetite animal do criminoso, para ser o alvo de piadas grosseiras e a vítima de surras públicas quando o bandido resolvesse 'agitar um pouco'". Na prática, as prostitutas "pertenciam" a chefões e podiam ser trocadas, mercadejadas e até herdadas por algum irmão ou amigo do criminoso, caso este fosse morto ou transferido para outro campo. Quando ocorria uma troca de donos, "em geral as partes interessadas não caíam no tapa, e a prostituta sujeitava-se a dormir com o novo amo. Na bandidagem, não havia nenhum ménage à trois em que dois homens compartilhassem a mesma mulher Tampouco era possível a uma bandida viver com alguém que não fosse criminoso".[1582]

As mulheres não eram os únicos alvos. Entre os criminosos de carreira, o homossexualismo parece ter-se organizado segundo regras igualmente brutais. Na corte de alguns chefões, havia efebos, junto com as "esposas" que o criminoso possuía no campo, ou mesmo no lugar delas. Thomas Sgovio cita um chefe de turma de trabalho que tinha por "mulher" um rapaz que recebia

---

[1579] Ver, por exemplo, Alin, pp. 157-60 e Evstonichev, pp. 19-20.
[1580] Estatísticas compiladas de várias fontes, GARF. Agradeço a Alekser Kokurin por elas.
[1581] "Não Faz Parte de Minha Sentença: Violações dos Direitos Humanos de Mulheres em Custódia".
[1582] Shalamov, Kolyma Tales, pp. 415-31.

comida extra em troca de seus favores.[1583] Todavia, é difícil descrever as normas que regiam a homossexualidade masculina nos campos, já que os memorialistas só mencionam o tema muito raramente - talvez porque, na cultura russa, o homossexualismo continue em parte a ser tabu e as pessoas prefiram não escrever sobre ele. Ademais, no Gulag, o homossexualismo parece ter-se restringido sobretudo aos bandidos - e poucos destes nos legaram memórias.

Entretanto, sabemos que, nos anos 1970 e 80, os criminosos soviéticos desenvolveram complicadíssimas regras de etiqueta homossexual. Os "passivos" eram condenados ao ostracismo pelo resto da sociedade prisional, comendo em mesas separadas e não dirigindo a palavra aos outros homens.[1584] Regras semelhantes, embora raras vezes descritas, parecem ter existido em alguns lugares já no final dos anos 30, quando PyotrYakir (então com quinze anos) testemunhou fenômeno análogo numa cela para menores delinqüentes. De início, ficou estarrecido ao ouvir os demais garotos falarem de suas experiências sexuais e achou que estivessem exagerando,

> mas estava enganado. Um dos rapazes guardara a ração de pão até a noite, quando perguntou a Mashka (que não comera nada o dia todo): "Você quer uma mordida?"
>
> "Quero", respondeu Mashka.
>
> "Então abaixe as calças."
>
>> A coisa aconteceu num canto, o qual era difícil de enxergar pela vigia da porta, mas à vista de todos na cela. Ninguém se surpreendeu, e fingi não estranhar nada daquilo. Houve muitos outros episódios desse tipo enquanto estive ali; os passivos eram sempre os mesmos garotos. Eram tratados como párias; não podiam beber da caneca coletiva e constituíam alvo de humilhações.[1585]

Nos campos, curiosamente, o lesbianismo era mais franco ou, pelo menos, mais amiúde citado. Entre as criminosas, também era muitíssimo ritualizado. As lésbicas eram designadas pelo pronome neutro (ono) e se dividiam entre as mais femininas ("éguas") e as mais masculinas ("maridos"). Segundo uma descrição, as primeiras eram às vezes "verdadeiras escravas", fazendo a limpeza para os "maridos" e cuidando deles, os quais adotavam apelidos masculinos e quase sempre fumavam.[1586] Falavam abertamente do lesbianismo e até o cantavam:

> Ah, obrigada, Stalin,
> Você fez de mim uma baronesa.
> Sou tanto vaca quanto touro,
> Fêmea e macho.[1587]

Também se identificavam pela indumentária e pelo comportamento. Uma

---

[1583] Sgovio, pp. 173-74.
[1584] Abramkin e Chesnokova, p. 18; Marchenko, To Live Like Everyone, p. 16.
[1585] Yakir, pp. 46-47.
[1586] Ulyanovskaya, pp. 388-91, e Lvov, memórias inéditas.
[1587] Ulyanovskaya, ibid.

polonesa escreveria:

> Todo o mundo sabe de casais assim, e elas não fazem nenhuma tentativa de ocultar seus hábitos. Em geral, quem faz o papel de homem usa roupas masculinas, corta o cabelo bem curto e fica com as mãos nos bolsos. Quando um desses casais é repentinamente tomado pela paixão, as duas se levantam correndo de seus assentos, largam as máquinas de costura, correm uma atrás da outra e, em meio a beijos desvairados, jogam-se no chão.[1588]

Valerii Frid menciona criminosas encarceradas que, vestidas de homem, faziam-se passar por hermafroditas. Uma "tinha cabelo curto, era bonitinha e usava calças de oficial"; outra parece ter mesmo tido uma deformação genital.[1589] Outra prisioneira ainda descreveria o "estupro" lésbio: viu um casal perseguir uma "mocinha quieta e recatada" atrás dos beliches, onde lhe romperam o hímen.[1590] Já nos círculos intelectuais, o lesbianismo parece ter sido visto com menos benevolência. Uma ex-prisioneira política o lembraria como "prática absolutamente revoltante".[1591] Mas, embora costumasse ser mais disfarçado no ambiente das "políticas", também existia entre estas, freqüentemente entre mulheres que tinham maridos e filhos em liberdade. Susanna Pechora me contou que, no Minlag, campo predominantemente habitado por presos políticos, as relações lésbicas "ajudavam algumas pessoas a sobreviver".[1592]

Voluntários ou forçados, homossexuais ou heterossexuais, os relacionamentos carnais nos campos compartilhavam, na maioria dos casos, o mesmo ambiente quase sempre brutal. Forçosamente, ocorriam com uma sem-cerimônia que muitos presos achavam escandalosa. Casais "arrastavam-se por baixo do arame farpado e faziam amor no chão, junto à latrina", disse um ex-prisioneiro.[1593] "O beliche coletivo segregado das mulheres vizinhas por uma cortina de trapos era cena clássica nos campos", escreve Soljenitsin.[1594] Uma vez, Isaak Filshtinskii acordou no meio da noite e deparou com uma mulher que dormia no leito ao lado do seu. Ela pulara o muro de fininho para ter relações com o cozinheiro do campo. "Afora eu, ninguém dormira naquela noite: tinham ficado ouvindo tudo com a maior atenção."[1595] A prisioneira Hava Volovich conta que "coisas que uma pessoa em liberdade pensaria cem vezes antes de fazer aconteciam ali com a mesma naturalidade que entre gatos de rua".[1596] Outro preso lembra que o amor, em especial entre os bandidos, era "animalesco".[1597]

De fato, o sexo era tão público que o tratavam com certa apatia: para alguns, o estupro e a prostituição se tornaram parte da rotina diária. Numa ocasião, Edward Buca estava trabalhando numa serraria junto com uma turma feminina quando chegou um grupo de bandidos condenados. Eles "agarraram as

---

[1588] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[1589] Frid, pp. 186-87.
[1590] Lvov, memórias inéditas.
[1591] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[1592] Pechora, entrevista com a autora.
[1593] Ereevna, entrevista com a autora.
[1594] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 233.
[1595] Filshtinskii, entrevista com a autora.
[1596] Hava Volovich, "My Past", em Vilensky, TillMy Tale Is To/d, p. 260.
[1597] Lvov, memórias inéditas.

mulheres que queriam e as deitaram na neve, ou as possuíram contra uma pilha de toras. As mulheres pareciam acostumadas e não ofereceram resistência. Tinham sua própria chefe de turma, mas ela não objetava a essas interrupções, que, aliás, se afiguravam quase parte do trabalho".[1598] Lev Razgon também conta a história de uma moça loura, muito nova, com a qual por acaso deparou quando ela varria o pátio de uma unidade médica de campo de concentração. Na época, Razgon era trabalhador livre, em visita a um médico seu conhecido; e, embora não estivesse com fome, ofereceram-lhe um lauto almoço. Ele deu a comida à moça, que "comeu em silêncio, com asseio e educação, podendo-se ver que fora criada em família". De fato, fez Razgon lembrar-se da própria irmã.

> A mocinha acabou de comer e empilhou os pratos direitinho na bandeja de madeira. Depois, ergueu o vestido, tirou a calcinha e, segurando-a, voltou-se para mim sem sorrir.
>
> "No chão ou em outro lugar", perguntou.
>
> De início sem entender minha reação, e depois amedrontada com esta, a jovem se justificou, outra vez sem sorrir de modo algum: "As pessoas não me dão comida de outro jeito..."[1599]

Em alguns campos, também acontecia de certos alojamentos femininos se tornarem pouco menos que bordéis escancarados. Soljenitsin descreve um que era

> insuperavelmente sujo e dilapidado. Havia um cheiro opressivo, e os beliches não tinham roupa de cama. Existia uma proibição oficial de que homens entrassem ali, mas ela não era levada em conta, e ninguém a impunha. Lá, havia não só homens adultos, mas também adolescentes, meninos de doze a treze anos que afluíam para aprender [...]. Tudo ocorria muito sem cerimônia, como na natureza, à vista de todos e em vários lugares ao mesmo tempo. Para as mulheres de lá, as únicas defesas possíveis eram a velhice e a feiúra evidentes - nada mais.[1600]

Ainda assim... Em muitas memórias, indo diretamente contra os relatos de vulgaridade e sexo brutal, vêem-se histórias igualmente incríveis de amor nos campos, algumas das quais surgiram simplesmente da vontade das mulheres de protegerem-se. Conforme as normas idiossincráticas da vida no Gulag, mulheres que tinham um "marido dos campos" costumavam ser deixadas em paz pelos outros homens, num sistema que Gustav Herling denomina "o peculiar jus primae noctis[1601] do campo de concentração".[1602] Não eram necessariamente "casamentos" de iguais: por vezes, mulheres respeitáveis viviam com bandidos.[1603] Tampouco se davam necessariamente de livre e espontânea vontade, como bem mostra o exemplo de Tamara Ruzhnevits. Apesar disso, não seria rigorosamente correto defini-los como prostituição. Antes, escreve Valerii Frid, eram braki po raschetu, casamentos de interesse,

---

[1598] Buca, pp. 134-35.
[1599] Razgon, pp. 163-64.
[1600] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 233.
[1601] Em latim, referência ao pretenso direito que o suserano teria de passar a primeira noite com a esposa do vassalo. (N. T.)
[1602] Herling, p.135.
[1603] Frid, p.187.

"que às vezes eram também por amor". Mesmo se tais relacionamentos surgiam por motivos tão-somente práticos, os detentos os levavam a sério. "O zek se referia à amásia mais ou menos permanente como 'minha esposa' ", relata Frid. "E ela o chamava de 'meu marido'. Não se dizia isso de gozação: os relacionamentos no campo humanizavam nossas vidas."[1604]

E, por estranho que possa talvez parecer, presos que não estavam demasiado exaustos ou emaciados realmente procuravam o afeto amoroso. Nas memórias de Anatolii Zhigulin, inclui-se a descrição do romance que manteve com uma alemã, prisioneira política, a "boa e alegre Marta, de olhos cinzentos e cabelos louros". Posteriormente, Zhigulin soube que ela tivera um filho, o qual ganhou o nome Anatolii. (Isso foi no outono de 1951; dado que à morte de Stalin se seguiria uma anistia geral para os presos estrangeiros, Zhigulin presumia que "Marta e o menino, desde que não tivesse ocorrido algum infortúnio, houvessem voltado para casa".)[1605] Por vezes, as memórias de Isaac Vogelfanger, médico de campo de concentração, parecem uma ficção romântica em que o herói pisa em ovos entre os perigos do affaire com a esposa de um administrador e as alegrias do verdadeiro amor.[1606]

Fome de amor. Pela cerca, presos espiam o setor feminino do campo. Desenho de Yula-Imar Sooster. Karaganda, 1950

Pessoas privadas de tudo ansiavam tão desesperadamente por vínculos sentimentais que algumas mergulhavam fundo em platônicos amores epistolares. Isso se aplica em particular ao final da década de 1940, nos campos especiais para presos políticos, onde homens e mulheres eram mantidos rigorosamente separados. No Minlag (um de tais campos), prisioneiros e prisioneiras trocavam bilhetes por intermédio de colegas no hospital, que era compartilhado pelos dois sexos. Os presos também organizaram uma "caixa de correio" secreta no setor ferroviário onde as turmas femininas trabalhavam. De poucos em poucos dias, uma mulher empregada ali fingia ter esquecido um casaco ou outro objeto, ia até a caixa e pegava e deixava cartas. Mais tarde, um dos homens ia apanhá-las e depositar

[1604] Ibid., pp. 187-88.
[1605] Zhigulin, pp. 128-33.
[1606] Vogelfanger.

outras.[1607] Também existiam outros métodos: "Num horário específico, uma pessoa escolhida numa das zonas prisionais atirava cartas dos homens para as mulheres, ou das mulheres para os homens. Eram os 'Correios'".[1608]

Segundo Leonid Sitko, tais cartas eram escritas em minúsculos pedaços de papel, com letra ínfima. Todos as assinavam com nome falso: Sitko era "Hamlet", e a namorada, "Marsianka". Tinham sido "apresentados" por outras mulheres, as quais disseram a Sitko que ela estava deprimidíssima, pois seu bebê pequeno lhe fora tirado após a prisão. Sitko começou a escrever para ela, e uma vez até conseguiram encontrar-se, dentro de uma mina abandonada.[1609]

Na busca por alguma espécie de intimidade, outros elaboravam métodos ainda mais surreais. No campo especial de Kengir, havia pessoas - quase na totalidade presos políticos, completamente privados de contato com os amigos, a família e os cônjuges que haviam deixado em casa - que desenvolviam complexas relações com gente que nunca tinham visto.[1610] Um muro separava o campo feminino do masculino, mas alguns pares até casavam sem nunca se terem encontrado. A mulher ficava de um lado do muro e o homem, do outro; trocavam-se votos, e um padre encarcerado registrava a cerimônia num pedaço de papel.

Esse tipo de amor persistia, mesmo depois que a administração do campo ergueu ainda mais o muro, cobriu-o com arame farpado e proibiu os presos de aproximar-se dele. Ao descrever tais matrimônios realizados às escuras, até Soljenitsin abre temporariamente mão do ceticismo com que encara quase todos os outros relacionamentos nos campos: "Nesse matrimônio com uma pessoa desconhecida do outro lado do muro [...] ouço um coro de anjos. E como a contemplação pura e abnegada de corpos celestes. É também algo demasiado sublime para estes tempos de calculismo egoísta".[1611]

Se amor, sexo, estupro e prostituição eram parte da vida no Gulag, segue-se que gravidez e parto também o eram. Junto com minas e canteiros de obras, turmas madeireiras e celas punitivas, alojamentos de presos e vagões de gado, havia maternidades e campos para grávidas - assim como berçários.

Nem todas as crianças que apareciam nessas instituições eram nascidas nos campos. Algumas haviam sido "presas" com as mães. As normas que regiam essa prática sempre foram pouco claras. A ordem operacional de 1937 que determinava a detenção de esposas e filhos de "inimigos do povo" proibia categoricamente a captura de grávidas e lactantes.[1612] Por outro lado, uma ordem de 1940 dizia que as mães podiam ficar com os bebês por um ano e meio, "até eles não precisarem mais de leite materno", quando então seriam colocados em orfanatos ou entregues a parentes.[1613]

Na prática, tanto grávidas quanto lactantes eram freqüentemente encarceradas. Ao fazer exames de rotina num comboio de presos recém-chegado, um médico de campo deparou com uma grávida que já sentia as

---

[1607] Sitko e Pechora, entrevistas com a autora.
[1608] Kaufman, p. 223.
[1609] Sitko, entrevista com a autora.
[1610] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 248-49.
[1611] Ibid., p. 249.
[1612] NKVD, ordem operacional de 15 de Agosto de 1937, reproduzida em Sbornik, pp. 86-93.
[1613] GARF, 9401/1a/66.

contrações. Fora detida no sétimo mês.[1614] Outra, Natalya Zaporozhets, foi colocada num traslado de presos quando estava no oitavo mês: após sofrer trancos em trens e carrocerias de caminhão, daria à luz um nati-morto.[1615] A artista e memorialista Evfrosiniya Kersnovskaya ajudou no parto de bebê que nasceu num trem de traslado.[1616]

Já dissemos que crianças pequenas eram "presas" com os pais. Uma detenta, encarcerada nos anos 1920, escreveu uma ácida carta de protesto a Dzerzhinsky, agradecendo-lhe ter "prendido" seu filho de três anos: a prisão, dizia, era preferível ao orfanato, que ela chamava de "fábrica de anjinhos".[1617] Centenas de milhares de crianças foram, para todos os fins e efeitos, aprisionadas junto com os pais durante as duas grandes ondas de deportação, a primeira a dos kulaks, no começo da década de 1930, a outra a das etnias e nacionalidades "inimigas" durante e após a Segunda Guerra Mundial.

Para essas crianças, o choque da nova situação permaneceria com elas pelo resto da vida. Uma prisioneira polonesa recordaria que uma mulher em sua cela estava acompanhada do filho de três anos: "O menino, apesar de bem-comportado, era frágil e macambúzio. Nós o entretínhamos o melhor que podíamos, com histórias e contos de fada, mas ele nos interrompia de tempos em tempos, perguntando: 'Estamos na cadeia, né?'"[1618]

Muitos anos depois, um filho de kulaks degredados se lembraria de sua provação nos vagões de gado: "As pessoas ficavam tresloucadas [...]. Não faço idéia de quantos dias viajamos. No vagão, sete pessoas morreram de fome. Chegamos a Tomsk, e nos tiraram para fora, diversas famílias. Também descarregaram vários cadáveres - crianças, jovens, idosos".[1619]

Apesar das privações, havia mulheres que, de modo proposital e até cínico, engravidavam nos campos de concentração. Em geral, eram as criminosas profissionais ou as condenadas por delitos de pouca monta as que desejavam engravidar para ser dispensadas do trabalho pesado, receber alimentação ligeiramente melhor e talvez beneficiar-se das anistias periodicamente concedidas a mães com filhos pequenos. Tais anistias (houve uma em 1945 e outra em 1948, por exemplo) em geral não se aplicavam às condenadas por crimes contra-revolucionários.[1620] "A vida ficava mais fácil quando a pessoa engravidava", disse-me Lyudmila Khachatryan, para explicar por que as mulheres dormiam de bom grado com seus carcereiros.[1621]

Outra se recordaria de ter ouvido o rumor de que todas as mulheres com filhos pequenos (as mamki, na gíria prisional) seriam soltas. Ela então ficou grávida de caso pensado.[1622] Nadezhda Joffe, prisioneira que engravidara do marido após haver recebido autorização para um encontro com ele, escreveria que suas companheiras no "alojamentos das amas-de-leite" de Magadan

[1614] Kaufman, pp. 188-89.
[1615] Natalya Zaporozhets, em Vilensky, Till MyTale Is Told, pp. 532-39.
[1616] Vilensky, Deti Gulags, p. 428.
[1617] Ibid., pp. 41-42.
[1618] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.
[1619] Vilensky, Deti Gulags, p. 117.
[1620] Por exemplo, a anistia de mulheres com crianças em 1945 excluiu especificamente prisioneiras políticas, como fez uma similar em 1948. GARF 8131/37/4554 9401/1a/191; e 9401/1/743.
[1621] Khachatryan, entrevista com a autora.
[1622] Lahti, memórias inéditas. Agradeço a Reuben Rajala por este manuscrito.

simplesmente "não tinham nenhum instinto maternal" e largavam seus bebês tão logo podiam.[1623]

De modo talvez nada surpreendente, nem todas as mulheres que descobriam ter engravidado nos campos queriam levar a gestação adiante. O comando geral do Gulag parece ter sido ambivalente no que se referia ao aborto, por vezes permitindo-o e por vezes acrescentando outra condenação à pena das mulheres que tentavam praticá-lo.[1624] Tampouco está muito claro quão freqüentes eram essas interrupções forçadas da gravidez, pois só muito raramente são mencionadas: em dúzias de entrevistas e memórias, ouvi ou li apenas dois relatos. Numa entrevista, Anna Andreevna me falou da mulher que "enfiou pregos em si mesma, sentou-se e trabalhou à máquina de costura; por fim, começou a sangrar bastante".[1625] Outra mulher descreveu de que modo um médico de seu campo procurou pôr fim à gravidez dela:

> Imaginem a cena. É noite. Está escuro... Andrei Andreevich tenta me fazer abortar, sem nenhum instrumento, usando só as mãos, cobertas de iodo. Mas está tão nervoso que não sai nada. Sinto tanta dor que nem consigo respirar, mas agüento sem dar um pio, para que ninguém nos ouça. Aí, a dor se torna insuportável, e eu grito: "Pare!" O procedimento inteiro fica interrompido durante dois dias. Enfim, sai tudo - o feto e um bocado de sangue. Por isso nunca fui mãe.[1626]

Mas havia as que queriam os filhos, e muitas vezes a tragédia era sua sina. Indo contra tudo o que se escreveu sobre o egoísmo e a venalidade das mulheres que engravidavam no Gulag, sobressai a história de Hava Volovich. Prisioneira política encarcerada em 1937, era extremamente solitária nos campos e resolveu ficar grávida e dar à luz.

Embora Hava não sentisse nenhum amor em especial pelo pai da criança, esta, uma menina chamada Eleonora, nasceu em 1942, num campo sem instalações especiais para mães.

> Ali, havia três mães, e nos deram um cômodo minúsculo no alojamento. Das paredes e do teto, os percevejos se derramavam como areia; passávamos a noite toda afastando-os dos bebês. De dia, precisávamos sair para o serviço e confiávamos as crianças a qualquer velha que encontrássemos que houvesse sido dispensada do trabalho; então, essas mulheres serviam-se calmamente do alimento que tínhamos deixado para os pequenos.

No entanto, escreve Hava,

> Toda noite, um ano inteiro, fiquei junto ao berço, catando percevejos e fazendo orações. Rezava para que Deus prolongasse meu tormento por cem anos se isso garantisse que eu não me separaria de minha filha. Rezava para que me visse libertada com ela, mesmo que eu me tornasse apenas uma indigente ou aleijada. Rezava para que eu conseguisse criá-la até a idade adulta, mesmo que eu precisasse

---

[1623] Joffe, p.124.
[1624] Frid, p.184; GARF, 9414/1/2741.
[1625] Ereevna, entrevista com a autora.
[1626] Yakovenko, p.196.

> rastejar aos pés das pessoas e implorar-lhes esmolas. Mas Deus não atendeu a minhas preces. Meu bebê mal começara a andar, eu mal ouvira suas primeiras palavras, a maravilhosa e alentadora palavra "Mamãe", quando fomos todas trajadas com farrapos (apesar do inverno gelado), amontoadas num vagão de carga e transferidas para o "campo das mães". E ali o meu anjinho rechonchudo de cachos dourados se tornou um fantasma pálido com sombras azuladas debaixo dos olhos e feridas nos lábios inteiros.

Hava foi colocada para trabalhar primeiro numa turma madeireira e depois numa serraria. A noite, levava para o campo um pequeno feixe de lenha, que dava às babás no berçário. Em troca, deixavam-na às vezes ficar com a filha fora dos horários de visita.

> Eu via as babás acordarem as crianças pela manhã. Elas as obrigavam a sair das camas geladas com safanões e pontapés [...] empurrando-as aos murros e xingando-as de modo pesado, tiravam-lhe os camisolões e as lavavam na água gelada. Os bebês não ousavam nem chorar. Davam fungadelas, como velhos, e soltavam pios baixinhos.
>
> Aqueles pios medonhos vinham dos berços durante dias, sem parar. Crianças já com idade suficiente para sentar ou engatinhar ficavam deitadas de costas, pressionando os joelhinhos contra a barriga, fazendo aqueles sons esquisitos, semelhantes a arrulhos abafados.

Uma babá tinha a seu cargo dezessete crianças e, com isso, mal dispunha de tempo para manter todas trocadas e alimentadas, para nem falarmos de devidamente cuidadas.

> A babá trazia da cozinha uma tigela de mingau fumegante e a repartia entre vários pratos. Apanhava o bebê mais próximo, forçava-lhe os bracinhos para trás, amarrava-os com uma toalha de banho e começava a enfiar colheradas de mingau quente goela abaixo da criança, não lhe dando tempo de engolir, exatamente como se estivesse alimentando um peru.

Eleonora começou a definhar.

> Em algumas de minhas visitas, achei machucaduras em seu corpinho. Nunca me esquecerei de como ela se agarrava a meu pescoço com as mãos magrinhas e gemia: "Mamãe, quero casa!" Ela não se esquecera do muquifo onde viera à luz e onde ficara com a mãe o tempo todo...
>
> A pequena Eleonora, que agora tinha quinze meses, logo percebeu que seus rogos de "casa" eram inúteis. Parou de esticar os braços para mim quando a visitava; dava-me as costas, em silêncio. No último dia de vida, quando a levantei (deixaram que eu a amamentasse), ela ficou olhando para longe, de olhos arregalados, e então começou a bater com suas mãozinhas crispadas em meu rosto e a arranhar e morder meu seio. Em seguida, apontou para o berço, querendo voltar a ele.
>
> À noite, quando voltei com o feixe de lenha, seu berço estava vazio. Eu a encontrei no necrotério, onde jazia nua entre os cadáveres dos presos adultos. Ela passara um ano e quatro meses neste mundo e morrera em

3 de março de 1944. [...] Essa é a história de como, ao ter dado uma única vez à luz, cometi o pior dos crimes.[1627]

Nos arquivos do Gulag, conservaram-se fotos do tipo de berçário descrito por Hava Volovich. Um dos álbuns fotográficos se inicia com a seguinte introdução:

> O sol brilha sobre a pátria stalinista desses pequenos. A nação está repleta de amor pelos líderes, e nossas maravilhosas crianças são felizes tal qual toda a juventude do país. Aqui, em leitos amplos e aconchegantes, dormem os novos cidadãos de nosso país. Tendo sido alimentados, repousam tranqüilos e, com certeza, têm bons sonhos.

As fotos desmentem as legendas. Numa delas, uma enfiada de lactantes, com os rostos cobertos por máscaras brancas - prova das práticas higiênicas no campo -, senta-se num banco com olhar sério sem nenhum sorriso, segurando seus bebês. Em outra, todas as crianças estão indo para a caminhada da noitinha. Enfileiradas, não parecem mais espontâneas que as mães.

Em muitas fotos, as crianças estão de cabelo rapado, presumivelmente para evitar piolhos, e o efeito disso era que ficavam parecendo pequenos presos, coisa que, na prática, eram consideradas mesmo.[1628] "O berçário também era parte do complexo do campo", escreveria Evgeniya Ginzburg. "Tinha sua própria guarita, seus próprios portões, seus próprios barracões, seu próprio arame farpado."[1629]

Em algum nível, a direção do Gulag em Moscou deve ter estado ciente de quão terrível era a vida nos campos para as crianças que viviam ali. No mínimo, sabemos que os inspetores transmitiam a informação: um relatório de 1949 sobre a condição das mulheres nos campos assinalava de maneira desaprovadora que, das 503 mil prisioneiras do sistema, 9.300 estavam grávidas e outras 23.790 se viam acompanhadas de filhos pequenos. "Levando em conta a influência negativa sobre a saúde e a educação das crianças", o relatório argumentava em favor da soltura antecipada das mães, assim como das mulheres que haviam deixado filhos em casa, num total (quando excetuadas as reincidentes e as prisioneiras políticas contra-revolucionárias) de umas 70 mil mulheres.[1630]

De tempos em tempos, realizavam-se tais anistias. Contudo, pouco melhorava a vida das crianças que ficavam. Pelo contrário: dado que não contribuíam com nada para a produtividade do campo, sua saúde e seu bem-estar estavam bem embaixo na lista de prioridade dos comandantes, e elas habitavam as construções mais precárias, geladas e velhas. Um inspetor verificou que, no berçário de um campo, a temperatura nunca se elevava acima dos onze graus; outro descobriu um berçário em que a tinta das paredes estava descascada e não havia absolutamente nenhuma iluminação, nem mesmo a querosene.[1631] Um relatório do Siblag de 1933 dizia que no campo seriam necessários mais setecentos pares de calçado infantil, mais setecentos casacos infantis compridos e mais novecentos conjuntos de talheres.[1632] E quem trabalhava ali

---

[1627] Hava Volovich, "My Past", em Vilensky, Dodnes Tiagoteet, pp. 260-64.
[1628] GARF, 9414/6/44 e 45.
[1629] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 3.
[1630] GARF, 9401/2/234.
[1631] GARF, 8313/37/4554 e 1261.
[1632] Vilensky, Deti Gulags, p.150.

não era necessariamente qualificado. Ao contrário: os serviços de berçário eram para aquelas "prisioneiras de confiança" e, assim, costumavam ser atribuídos a criminosas. Nadezhda Joffe escreve que, "por hora a fio, ficavam debaixo da escada com os 'maridos'; ou, então, simplesmente saíam, enquanto as crianças, sem alimento e sem cuidados, adoeciam e começavam a morrer".[1633]

Tampouco as mães, cuja gravidez já custara um bocado ao campo, costumavam ser autorizadas a compensar tal negligência - supondo-se que elas realmente desejassem isso. Faziam-nas voltar ao trabalho tão logo era possível, e só de má vontade lhes davam folga para amamentar. Em geral, eram simplesmente liberadas do trabalho de quatro em quatro horas e, ainda com as mesmas roupas sujas, tinham quinze minutos com os filhos, sendo depois mandadas de volta; o resultado era que as crianças continuavam com fome. Às vezes, não se permitia nem isso. Um inspetor do Gulag citou o caso de uma mulher que, por causa de suas obrigações no trabalho, chegara alguns minutos atrasada para amamentar o bebê; negaram-lhe acesso a ele.[1634] Numa entrevista, a ex-supervisora do berçário de um campo me disse (fazendo pouco caso) que as crianças que não conseguiam mamar o que deviam nessa (segundo ela) meia hora recebiam das babás o resto de alguma mamadeira.

A mesma mulher também confirmou descrições que prisioneiras fizeram de outro tipo de crueldade: tão logo acabavam de amamentar, as mulheres eram freqüentemente proibidas de manter qualquer outro contato com as crianças. A ex-supervisora contou que, em seu campo, proibira pessoalmente todas as mães de caminharem com os filhos, alegando que elas, sendo mulheres condenadas, poderiam machucá-los. Afirmou ter visto uma mãe dar ao filho açúcar com fumo, para assim envenená-lo. Outra, ainda segundo ela, tirara de propósito os sapatos do filho na neve. "Eu era responsável pelas taxas de mortalidade infantil no campo", disse-me, explicando por que tomara medidas para manter as mães à distância. "Aquelas crianças eram um ônus para elas, que assim desejavam matá-las."[1635] A mesma lógica talvez tenha levado outros comandantes a proibir mães de verem os filhos. No entanto, é igualmente possível que tais normas fossem outro produto da crueldade irrefletida dos administradores: providenciar para que as mães vissem os filhos representava um incômodo, e, por isso, proibia-se tal prática.

Eram previsíveis as conseqüências de separar dos pais crianças em tão tenra idade. Havia incontáveis epidemias entre elas. As taxas de mortalidade infantil eram extremamente altas - tanto que, conforme também registram os relatórios de inspeção, elas muitas vezes eram deliberadamente ocultadas.[1636] Mas mesmo as crianças que sobreviviam à primeira idade tinham pouca chance de levar uma existência normal nos berçários. Algumas talvez tivessem a sorte de ser tratadas pelo tipo mais bondoso de prisioneira transformada em babá. Outras não. A própria Evgeniya Ginzburg trabalhou num berçário do Gulag e descobriu, ao chegar lá, que nem as crianças mais velhas sabiam falar:

> Só algumas das que tinham quatro anos conseguiam articular umas poucas palavras, esparsas e desarticuladas. Gemidos, mímica e socos

[1633] Joffe, pp. 127-35.
[1634] GARF, 8313/37/4554.
[1635] Anônimo, entrevista com a autora.
[1636] GARF, 8313/37/4554.

> eram os principais meios de comunicação. "Como se pode esperar que falem? Quem estava lá para ensiná-los?", explicou Anya, sem alterar-se. "No grupo dos mais novos, passam o tempo todo deitados nos berços. Ninguém os tira de lá, mesmo quando se esgoelam de tanto chorar. É proibido, a menos que seja para trocar as fraldas - quando há fraldas secas, é claro."

Quando Evgeniya tentou ensinar algo às crianças sob seus cuidados, ela constatou que apenas uma ou duas - aquelas que haviam mantido algum contato com as mães - se mostravam capazes de aprender alguma coisa. E mesmo a experiência dessas poucas crianças era limitadíssima:

> "Olhe", eu disse a Anastas, mostrando-lhe a casinha que eu desenhara. "O que é isso?"
>
> "Alojamento", respondeu o menininho, de modo bem claro.
>
> Com algumas caneladas, pus um gato ao lado da casa. Mas ninguém, nem mesmo Anastas, reconheceu o bicho. Nunca tinham visto aquele animal raro. Aí, desenhei uma cerca rústica, tradicional, em volta da casa.
>
> "E o que é isso?"
>
> "A zona prisional!", gritou Vera, encantada.[1637]

Normalmente, as crianças eram transferidas de tais berçários para orfanatos quando faziam dois anos. Algumas mães viam isso com bons olhos, pois era uma oportunidade para as crianças escaparem do Gulag. Outras protestavam, sabendo que elas próprias podiam ser proposital ou acidentalmente transferidas para outros campos, longe dos filhos, cujos nomes podiam então ter sido mudados ou esquecidos, impossibilitando que se estabelecesse relacionamento ou mesmo contato.[1638]

Isso às vezes acontecia. Valentina Yurganova, filha de kulaks da etnia alemã do Volga, foi colocada num orfanato onde algumas das crianças eram demasiado pequenas para recordar-se dos próprios nomes e as autoridades, demasiado desorganizadas para lembrar-se deles. Valentina me disse que uma das crianças fora simplesmente rebatizada "Kashtanova" ("Castanheira"), dado que havia tantas dessas árvores no parque atrás do orfanato.

Anos depois, outra dessas crianças escreveria uma pungente descrição da malsucedida busca que, durante a vida inteira, fez para descobrir o verdadeiro nome dos pais: não havia registro de nenhuma menina nascida na região da mulher com o nome que aparecia em seu salvo-conduto, e a criança, muito pequena, ainda não aprendera o nome deles. Mesmo assim, lembrar-se-ia de fragmentos de seu passado: "Mamãe na máquina de costura, eu pedindo agulha e linha... Eu num jardim... Aí, depois... O recinto é escuro, a cama à direita está vazia, alguma coisa acontece. De algum modo, fico sozinha. Estou

---

[1637] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, pp. 3-11.

[1638] Embora o anônimo administrador de enfermaria com quem falei tenha negado que isto ocorreu, inúmeros memorialistas falam de mães sendo separadas de suas crianças. Susanna Pechora conta que nos campos especiais essa era uma prática constante.

apavorada".[1639]

Não admira que algumas mães "chorassem, berrassem ou até enlouquecessem e fossem trancadas em depósitos, para se acalmarem", quando os filhos eram levados embora. Depois que eles se afastavam, era pequena a probabilidade de reencontrarem as mães.[1640]

Extramuros, a vida das crianças nascidas nos campos não necessariamente melhorava. Elas se juntavam ao enorme contingente de outra categoria de vítima infantil - as crianças que haviam sido transferidas direto para os orfanatos após o encarceramento dos pais. Em regra, os orfanatos estatais não tinham funcionários suficientes e eram superlotadíssimos, sujos e com freqüência mortíferos. Uma ex-prisioneira recordaria as emoções e esperanças com que seu campo enviou para um orfanato urbano um grupo de filhos de presos - e o horror sentido quando se soube que todas aquelas crianças tinham morrido numa epidemia.[1641] Já em 1931, no auge da coletivização, diretores de orfanatos nos Urais escreviam cartas desesperadas às autoridades regionais, implorando ajuda para cuidar dos milhares de crianças que acabavam de ficar órfãs de kulaks:

> Num cômodo de doze metros quadrados, há trinta meninos. Para 38 crianças, há sete leitos, onde dormem os "reincidentes". Dois rapazes de dezoito anos destruíram a instalação elétrica, assaltaram o empório e bebem com o diretor [...] crianças dormem, jogam cartas (que confeccionam com retratos rasgados do "Líder"), fumam, quebram as grades das janelas e pulam os muros com a intenção de fugir.[1642]

Em outro orfanato para filhos de kulaks,

> as crianças dormem no chão, e não há calçados em quantidade suficiente [...] às vezes, falta água por dias a fio. Comem mal; afora água e batata, não têm almoço. Não há pratos nem cuias; elas comem direto de conchas. Para 140 pessoas, dispõe-se de uma única caneca, e não existem colheres suficientes; revezam-se para comer, ou comem com a mão. Não há iluminação, só um lampião para o orfanato inteiro, e o querosene está em falta.[1643]

Em 1933, um orfanato perto de Smolensk enviou o seguinte telegrama à comissão infantil em Moscou: "Abastecimento alimentos orfanato interrompido. Cem crianças passando fome. Organização recusa fornecer rações. Não há nenhum socorro. Tomar medidas urgentes".[1644] As coisas não mudaram muito com o passar do tempo. Em 1938, uma ordem da NKVD descrevia um orfanato onde duas meninas de oito anos haviam sido estupradas por alguns dos garotos mais velhos; e outro onde 212 crianças compartilhavam doze colheres e vinte pratos e, por falta de roupa de dormir, iam para a cama com a indumentário com que haviam passado o dia, aí incluídos os calçados.[1645] Em 1940, Savelyeva Leonidovna foi "seqüestrada" de seu orfanato (os pais tinham

---

[1639] Vilensky, Deti Gulags, pp. 241-42.
[1640] Armonas, pp. 156-6.
[1641] Vilensky, Deti Gulags, p. 320.
[1642] Bazarov, p. 362.
[1643] Ibid., pp. 370-76.
[1644] Vilensky, Deti Gulags, p. 144.
[1645] GARF, 9401/1a/20.

sido aprisionados) e adotada por uma família que pretendia usá-la como doméstica. Assim, viu-se separada da irmã, a qual nunca mais tornaria a ver.[1646]

Filhos de presos políticos, em especial, passavam maus bocados nessas instituições; com freqüência, recebiam tratamento pior que o conferido aos órfãos dali. Diziam-lhes - como o fizeram a Svetlana Kogteva, então com dez anos -, que "esquecessem os pais, já que estes eram inimigos do povo".[1647] Os homens da NKVD que eram responsáveis por tais lares tinham ordem de manter vigilância especial e atentar para os filhos de contra-revolucionários, a fim de garantir que não recebessem tratamento privilegiado de nenhuma espécie.[1648] Graças a essa norma, PyotrYakir, após a detenção dos pais, ficou exatos três dias num desses orfanatos. Durante esse período, adquiriu "fama de cabecilha dos filhos dos 'traidores'" e foi de imediato preso. Tinha catorze anos. Foi transferido para uma cadeia e acabou sendo mandado para o Gulag.[1649]

Mais freqüentemente, os filhos de presos políticos sofriam provocação e exclusão. Um preso recordaria que se recolhiam as impressões digitais desses menores quando chegavam ao orfanato. Todos os professores e todos os outros funcionários temiam demonstrar demasiada afeição por eles, pois não queriam ser acusados de ter simpatia por "inimigos do povo".[1650] Os filhos de presos políticos eram impiedosamente provocados por serem "inimigos", conforme conta Valentina Yurganova, que, em conseqüência, esqueceu de propósito o idioma alemão (sua língua natal).[1651]

Em ambientes desse tipo, até filhos de pais instruídos logo adquiriam hábitos da bandidagem. Vladimir Glebov, filho do destacado bolchevique Lev Kamenev, era uma dessas crianças. O pai foi preso quando Glebov tinha quatro anos, e o menino foi "degredado" para um orfanato especial na região oeste da Sibéria. Ali, cerca de 40% das crianças eram filhas de "inimigos do povo", cerca de 40% eram menores delinqüentes, e cerca de 20% eram crianças ciganas, detidas pelo crime de nomadismo. Glebov explicaria ao escritor Adam Hochschild que, menos para os filhos de presos políticos, havia vantagens no contato precoce com jovens criminosos:

> Meu chapa me ensinou coisas que, depois, me ajudaram bastante na hora de proteger-me. Aqui eu tenho uma cicatriz, e aqui outra [...] quando se é atacado a facadas, é preciso saber reagir. O principal é reagir antes, para não se deixar atingir. Era assim a nossa feliz meninice soviética![1652]

Algumas crianças ficavam permanentemente afetadas pela vivência em orfanatos. Uma mãe voltou do degredo e reuniu-se à filha. A menina, de oito anos de idade, mal sabia falar, comia com as mãos e se comportava como o bicho-do-mato que o orfanato a ensinara a ser.[1653] Outra mãe, solta após

---

[1646] Vilensky, Deti Gulags, p. 248.
[1647] Ibid., p. 247.
[1648] GARF, 9401/1a/20.
[1649] Yakir,p. 31.
[1650] Anônimo, Ekho iz Nebutiya, pp. 289-92.
[1651] Yurganova, entrevista com a autora.
[1652] Hochschild, p. 87.
[1653] Pechora, entrevista com a autora.

cumprida uma pena de oito anos, foi pegar os filhos no orfanato e ali descobriu que eles não desejavam ir com ela. Tinham-lhes ensinado que os pais eram inimigos do povo que não mereciam nenhum afeto. Os filhos haviam sido especificamente instruídos a negar-se a ir embora "caso sua mãe um dia venha buscar vocês", e nunca mais quiseram morar com os pais.[1654]

Não era de surpreender que crianças de tais orfanatos fugissem - em grande número. Quando se viam nas ruas, caíam bem depressa no submundo criminal. E quando se tornavam parte desse submundo, o ciclo vicioso se renovava: cedo ou tarde, provavelmente seriam encarceradas também.

A primeira vista, o relatório anual de 1944-5 da NKVD sobre um grupo de oito campos na Ucrânia não revela nada fora do comum. Arrolam-se quais dos campos cumpriram as metas do Plano Qüinqüenal e quais não o fizeram. Louvam-se os presos que são trabalhadores de choque.

Observa-se com severidade que, na maioria daqueles campos, a dieta é ruim e monótona. De modo mais abonador, nota-se que, no período em questão, só num dos campos ocorreu um surto epidêmico - e isso depois que cinco detentos haviam sido transferidos para lá do superlotado cárcere de Kharkov.

No entanto, alguns detalhes do relatório servem para ilustrar a verdadeira natureza desses oito campos ucranianos. Um inspetor se queixa, por exemplo, de que num deles faltam "livros didáticos, lápis, cadernos, canetas". Há também um reparo severo sobre a propensão de certos detentos a apostar o alimento, às vezes perdendo antecipadamente meses de ração de pão - ao que parece, os elementos mais jovens dos campos são demasiado inexperientes para jogar cartas com os mais velhos.[1655]

Os oito campos eram as colônias de menores. Isso porque nem todos os menores sob jurisdição do Gulag eram filhos de prisioneiros. Parte deles trilhara seu próprio caminho para os campos. Cometeram delitos e foram apanhados e mandados a campos especiais para menores delinqüentes. Tais estabelecimentos não só eram administrados pelos mesmos burocratas que geriam os campos para adultos, como também se pareciam com estes de muitas maneiras.

Na origem, os "campos infantis" foram organizados para os besprizornye, os órfãos, enjeitados e pequenos moradores de rua que haviam se perdido ou fugido dos pais durante os anos da Guerra Civil, da fome, da coletivização e das prisões em massa. No início da década de 1930, essas crianças de rua já eram espetáculo comum nas estações ferroviárias e nos parques públicos da URSS. O escritor russo Victor Serge as descreveu nestes termos:

> Eu as vi em Leningrado e Moscou, morando nos esgotos, debaixo dos outdoors, nas criptas dos cemitérios, lugares dos quais eram as senhoras imperturbadas; realizando conferências noturnas em mictórios públicos; viajando em cima ou embaixo dos vagões. Emergiam, irritantes, pretas de suor, para pedir uns copeques aos viajantes e ficar à espreita da oportunidade de roubar alguma bagagem.[1656]

---

[1654] Lahti, memórias inéditas.
[1655] GARF, 9414/1/27.
[1656] Serge, p. 28.

Esses menores eram tão numerosos e problemáticos que, em 1934, o Gulag estabeleceu nos campos para adultos os primeiros berçários destinados a filhos de presos, objetivando impedir que tais crianças ficassem vagando pelas ruas.[1657] Pouco depois, em 1935, o Gulag também resolveu instalar colônias especiais de menores. Estes eram capturados em grandes batidas nas ruas e depois mandados àquelas colônias, a fim de educar-se e preparar-se para ingressar na força de trabalho.

Em 1935, as autoridades soviéticas também aprovaram uma lei, tristemente célebre, que baixava para doze anos a maioridade penal. Depois disso, camponesas adolescentes detidas pelo furto de alguns grãos de trigo, ou filhos de "inimigos do povo" suspeitos de colaboração com os pais, iriam para a prisão juvenil junto com as menores prostitutas, os jovens punguistas, os meninos de rua e outros.[1658] Nos anos 1930, segundo um relatório interno, agentes da NKVD detiveram uma tártara de doze anos que não falava russo e fora separada da mãe numa estação ferroviária. Deportaram-na, sozinha, para o extremo norte.[1659]

Os menores delinqüentes da URSS eram tantos que, em 1937, a NKVD criou orfanatos de regime especial para quem desrespeitava sistematicamente as normas nos orfanatos comuns. Em 1939, os simplesmente órfãos já não eram mandados aos campos de menores: esses lugares agora estavam reservados aos meninos e meninas que de fato tinham sido condenados pelos tribunais ou pela osoboe soveshchanie (comissão especial).[1660]

Apesar da ameaça de punição mais dura, o número de menores delinqüentes continuava a aumentar. A guerra não produziu apenas órfãos: havia também os que fugiam de casa; ou crianças que eram largadas à própria sorte porque o pai estava na frente de batalha e a mãe fazia turno de doze horas na fábrica; ou uma categoria inteiramente nova de criminoso, os menores operários que escapuliam de seus empregos fabris - às vezes depois que as fábricas haviam sido evacuadas para leste, longe de suas famílias - e, assim, desrespeitavam uma lei dos tempos de guerra - "Do abandono não-autorizado do trabalho nos empreendimentos militares".[1661]

De acordo com as estatísticas da própria NKVD, os "centros de recepção" de menores recolheram em 1943-45 o extraordinário contingente de 842.144 crianças sem teto. A maioria foi mandada de volta aos pais, aos orfanatos ou às escolas profissionalizantes. Mas um número considerável (pelos registros, 52.830) foi designado para "colônias de trabalho educacional". Esse termo era nada mais que uma descrição palatável para campos de concentração infantis.[1662]

De muitas maneiras, o tratamento dos menores em tais campos pouco diferia daquele conferido a seus pais. Os menores eram detidos e trasladados segundo as mesmas normas - com duas exceções: deviam ficar apartados dos adultos e não podiam ser alvejados caso tentassem fugir.[1663] Eram mantidos no

---

[1657] Bazarov, p. 383.
[1658] GARF, 9414/1/42 e 9401/1a/7; Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 447-51.
[1659] Vilensky, Deti Gulags, p. 11.
[1660] GARF, 9414/1/42; Bazarov, pp. 385-93.
[1661] Razgon, p. 162.
[1662] GARF, 9412/1/58.
[1663] GARF, 9401/1a/62 e 7.

mesmo tipo de cárcere que os maiores de idade; suas celas eram separadas destes, mas se revelavam igualmente precárias. A descrição que um inspetor do Gulag faz de uma delas é deprimentemente familiar: "As paredes estão sujas; nem todos os presos têm beliches ou colchões. Não têm lençóis, fronhas nem cobertores. Na cela 5, por falta de vidraça, a janela está tapada com um travesseiro; e, na cela 14, uma janela não fecha de jeito nenhum".[1664] Outro relatório diz que os cárceres de menores são "inaceitavelmente insalubres", com falta de água quente e de itens tão elementares como canecas, cuias e banquinhos.[1665]

Alguns menores também eram interrogados como maiores. Após ter ficado detido no orfanato, Pyotr Yakir (que, vimos, tinha então catorze anos) foi primeiro colocado numa cadeia comum e depois submetido a um interrogatório completo, do mesmo tipo a que se submetiam os adultos. Seu interrogador o acusou de "ter organizado um bando de cavalaria anarquista, cujo objetivo era atuar atrás das linhas do Exéreito Vermelho", citando como prova o fato de Yakir adorar montar. Em seguida, Yakir foi condenado pelo crime de ser "elemento socialmente perigoso".[1666] Jerzy Kmiecik, polonês de dezesseis anos capturado ao tentar atravessai a fronteira soviética rumo à Hungria (isso foi em 1939, na seqüência da invasão soviética da Polônia), também foi interrogado como maior. Eles o mantiveram em pé, ou sentado num banquinho sem encosto, por horas a fio; ainda o alimentaram com sopa salgada e lhe negaram água. Os interrogadores queriam saber, entre outras coisas, "quanto o sr. Churchill pagou a você para fornecer-lhe informações". Kmiecik não sabia quem era Churchill e pediu que lhe explicassem a pergunta.[1667]

Os arquivos também conservam os registros de interrogatório de Vladimir Moroz, quinze anos, acusado de ter exercido "atividades contra-revolucionárias" no orfanato. A mãe e um irmão mais velho, de dezessete anos, já haviam sido aprisionados. O pai, fuzilado. Moroz mantivera um diário, encontrado pela NKVD, no qual execrava as "mentiras e calúnias" que diziam a seu redor: "Se alguém houvesse caído num sono profundo há doze anos e acordasse de repente agora, ficaria aturdido com as mudanças que ocorreram nesse período". Embora condenado a três anos no Gulag, Moroz morreria na cadeia em 1939.[1668]

Esses não eram casos isolados. Em 1939, quando a imprensa soviética relatou alguns casos de oficiais da NKVD detidos por terem extraído confissões falsas, um jornal siberiano contou a história de 160 menores, a maioria com idade entre doze e catorze anos, mas alguns até de dez anos. Quatro oficiais da NKVD e os promotores dos processos foram condenados a penas de cinco a dez anos por terem interrogado aqueles menores. O historiador Robert Conquest escreve que as confissões foram obtidas "com relativa facilidade": "Um menino de dez anos cedeu após uma única noite de interrogatório e reconheceu ser membro de uma organização fascista desde os sete anos".[1669]

Os menores aprisionados tampouco eram poupados das implacáveis

---

[1664] GARF, 8131/37/4553.
[1665] GARF, 9401/1a/57.
[1666] Yakir, pp. 32-62.
[1667] Kmiecik, pp. 70-74.
[1668] Vilensky, Deti Gulags, pp. 283-93.
[1669] Conquest, The Great Terror, p. 274.

exigências do sistema de trabalho escravo. Embora as colônias de menores não fossem, como regra, instaladas no âmbito dos campos madeireiros ou mineiros setentrionais, onde as condições eram bem mais severas, havia nos anos 1940 um lagpunkt no campo de Norilsk, no extremo norte. Alguns dos mil presos desse lagpunkt foram trabalhar na olaria de Norilsk; os outros foram postos para limpar neve. Entre eles, estavam algumas crianças de doze, treze e catorze anos, mas a maioria tinha quinze ou dezesseis - os mais velhos que isso já haviam sido transferidos para o campo dos adultos. Muitos inspetores reclamaram das condições no campo de menores de Norilsk, e ele acabou sendo deslocado para uma região mais meridional da URSS - não antes que muitos de seus detentos houvessem sucumbido às mesmas doenças que seus homólogos adultos contraíam por conta do frio e da desnutrição.[1670]

Mais típico é o relatório ucraniano que explica que presos das colônias de trabalho de menores na Ucrânia receberam funções de marcenaria, metalurgia e costura.[1671] Kmiecik, o qual esteve numa dessas colônias, perto de Zhitomir, trabalhou numa fábrica de móveis.[1672] Ainda assim, tais colônias seguiam muitas das práticas dos campos para maiores. Havia metas de produtividade a atingir, metas e normas individuais a cumprir, um regime prisional a obedecer. Em 1940, uma ordem da NKVD estipulava que os menores de doze a dezesseis anos trabalhassem quatro horas por dia e passassem outras quatro horas em atividades escolares. A mesma ordem determinava que os menores de dezessete a dezoito anos trabalhassem oito horas por dia e dedicassem duas à escola.[1673] No campo de Norilsk, não se observava esse regime, pois não havia nenhuma escola ali.[1674]

No campo de menores em que Kmiecik ficou, as aulas eram apenas à noite. Entre outras coisas, ensinaram-lhe que "a Inglaterra é uma ilha na Europa ocidental [...]. E governada por lordes que usam becas vermelhas de gola branca. São donos dos trabalhadores, que dão duro para eles e aos quais pagam muito pouco".[1675] Não que os menores estivessem ali primordialmente para ser educados: em 1944, Beria informou com orgulho a Stalin que os campos de menores do Gulag haviam contribuído de modo notável para o esforço de guerra, produzindo granadas, minas explosivas e outros itens no valor total de 150 milhões de rublos."[1676]

No Gulag, os menores também se submetiam ao mesmo tipo de propaganda que os adultos. Jornais dos campos publicados em meados dos anos 1930 falam de stakhanovistas juvenis e cantam loas aos "de 35" - os meninos de rua colocados ali pela lei daquele ano -, enaltecendo os que tinham se regenerado pelo trabalho físico. Os mesmos jornais atacam os menores que não haviam entendido que "precisam abandonar seu passado, pois é hora de começar vida nova [...]. Carteado, bebedeira, vandalismo, malandragem, ladroeira etc. são vícios disseminados entre eles".[1677] Para combater esse "parasitismo" juvenil, os menores deviam participar do mesmo tipo de concerto cultural e educacional

---

[1670] GARF, 8131/37/2063.
[1671] GARF, 9414/1/27.
[1672] Kmiecik, pp. 93-94.
[1673] GARF, 9401/1a/81.
[1674] GARF, 8131/37/2063.
[1675] Kmiecik, pp. 114-17.
[1676] GARF, arquivos, da coleção da autora.
[1677] GARF, 941414/1; do jornal Perekovka, 1º de junho de 1934.

que os adultos, entoando as mesmas canções stalinislas.[1678]

Por fim, eram submetidos às mesmas pressões psicológicas que os adultos. Outra diretiva da NKVD, esta de 1941, requeria a organização de uma agenturno-operativnoe obsluzhwanie (rede de informantes) em suas colônias e centros de recepção de menores. Tinham se espalhado rumores de que, nesses campos, havia sentimento contra-revolucionário tanto entre os funcionários quanto entre os detentos, em especial os filhos de contra-revolucionários. Em certo campo, os menores até haviam encetado uma mini-revolta: tomaram e arrebentaram o refeitório e atacaram os guardas, ferindo seis destes.[1679]

Só num aspecto os detentos dos campos de menores eram afortunados: ao contrário de outros de sua idade, não tinham sido mandados para os campos de concentração comuns, onde ficariam rodeados de criminosos adultos. De fato, assim como as onipresentes prisioneiras grávidas, o número sempre crescente de menores nos campos para adultos constituía eterna dor de cabeça para os comandantes. Em outubro de 1935, Yagoda escreveu a todos os comandantes de campo para dizer que, "a despeito de minhas instruções, menores presos não estão sendo mandados às colônias de trabalho especiais; em vez disso, misturam-se com adultos na cadeia". Pela contagem mais recente, afirmava Yagoda, ainda havia 4.305 menores nas prisões comuns.[1680] Treze anos depois, em 1948, investigadores da promotoria-geral continuavam a queixar-se de que havia menores demais nos campos comuns, onde eram corrompidos pelos presos adultos. Até mesmo as autoridades de um campo perceberam quando um preso, o chefão da bandidagem ali, transformou um ladrãozinho de dezoito anos em matador de aluguel.[1681] Os maloletki (menores delinqüentes) despertavam pouca compaixão entre os outros presos. "A fome e o horror do que acontecera os privara de todas as defesas", escreve Lev Razgon, o qual observou que os menores se aproximavam naturalmente dos indivíduos que pareciam ser os mais fortes. Esses últimos eram os criminosos de carreira, que faziam dos garotos "serviçais, escravos mudos, bufões, reféns e tudo mais" e convertiam menores de ambos os sexos à prostituição.[1682] No entanto, essas vivências apavorantes não suscitavam muita piedade. Pelo contrário: na memorialística do Gulag, algumas das invectivas mais duras são dirigidas a tais adolescentes. Razgon diz que, não importando sua origem, todos os menores aprisionados logo "manifestavam uma crueldade assustadora e incorrigivelmente vingativa, sem freio e sem responsabilidade". Pior:

> Não temiam nada nem ninguém. Os guardas e capatazes dos campos morriam de medo de entrar nos alojamentos separados onde ficavam os menores. Era ali que ocorriam os atos mais vis, mais impudentes e mais cruéis. Se um dos chefes da bandidagem jogava e perdia tudo após ter apostado até a vida, os garotos o matavam por uma ração diária de pão ou, simplesmente, "pela diversão". As garotas se gabavam de conseguir satisfazer uma turma inteira de lenhadores. Não restara nada de humano nesses menores, e era impossível achar que pudessem

[1678] GARF, 9412/1 C/47.
[1679] GARF, 9401/1a/107.
[1680] GARF, 9401/1a/7/84.
[1681] GARF, 8131/37/4547.
[1682] Razgon, pp. 162-63.

> retornar ao mundo normal e tornar-se seres humanos comuns outra vez.[1683]

Soljenitsin tem a mesma impressão:

> Na consciência deles, não havia nenhuma linha demarcatória entre o que era e o que não era permissível, nenhum conceito de certo e errado. Para eles, tudo o que desejassem era bom, e tudo o que os atrapalhasse era mau. Adquiriam aquele comportamento descarado e insolente porque se tratava da conduta mais vantajosa no campo.[1684]

O preso holandês Johan Wigmans também escreve sobre jovens que "provavelmente não chegavam a incomodar-se por estar nesses campos. Oficialmente, deviam trabalhar; na prática, porém, era a última coisa que faziam. Ao mesmo tempo, beneficiavam-se de 'proventos' regulares e de amplas oportunidades de aprenderem com seus cupinchas".[1685]

Havia exceções. Aleksander Klein conta a história de dois meninos de treze anos, capturados como guerrilheiros anti-soviéticos, que foram condenados a vinte anos no Gulag. Os dois permaneceram dez anos nos campos, conseguindo manter-se juntos declarando greve de fome sempre que alguém os separava. Por causa da idade, as pessoas se apiedavam deles, dando-lhes serviço leve e comida extra. Os dois se matricularam em cursos técnicos no Gulag, vindo a ser profissionais competentes antes de serem libertados numa das anistias que se seguiram à morte de Stalin. Se não houvesse sido pelos campos, escreve Klein, "quem teria ajudado esses camponeses semi-analfabetos a tornar-se pessoas instruídas, bons especialistas?"[1686]

Mas, no final dos anos 1990, quando comecei a procurar memórias escritas por pessoas que tinham sido menores prisioneiros, encontrei muita dificuldade para achar alguma. Só temos as memórias de Yakir e Kmiecik e um punhado de outras, reunidas pela Sociedade Memorial e outras organizações.[1687] Contudo houvera milhares e milhares de tais menores, e muitos ainda deviam estar vivos. Até sugeri a uma amiga russa que puséssemos anúncio em jornal, na tentativa de localizar alguns desses sobreviventes para entrevistá-los. "Não faça isso", ela me recomendou. "Todos sabemos o que aquele tipo de gente virou." Décadas de propaganda, de cartazes ostentados nas paredes de orfanatos para agradecer a Stalin "a nossa feliz meninice", não tinham conseguido convencer o povo soviético de que as crianças do Gulag, as crianças das ruas e as crianças dos orfanatos houvessem se tornado outra coisa senão membros de carteirinha da grande e onipresente classe criminosa da URSS.

## 16. OS MORIBUNDOS

*O que significa... exaustão?*
*O que significa... estafa?*
*Cada movimento apavora,*
*Cada movimento de nossos braços e pernas doridos.*

---

[1683] Ibid., p. 162.
[1684] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 457.
[1685] Wigmans, p. 90.
[1686] Klein, Ulybki nevoli, pp. 20-25.
[1687] Ver Vilensky, Deti Gulags, para excertos dessas memórias.

*Fome terrível - delirando por pão,*
*"Pão, pão", bate o coração.*
*Bem longe no céu melancólico,*
*O sol indiferente se move.*
*Nossa respiração é um assovio fino*
*A 45 graus negativos.*
*O que significa morrer?*
*As montanhas olham e continuam silenciosas.*

Nina Gagen-Torn, Memória.[1688]

Durante toda a existência do Gulag, os presos sempre reservaram um lugar bem embaixo na hierarquia dos campos aos moribundos - ou melhor, aos mortos-vivos. Para descrevê-los, criou-se todo um subdialeto na gíria daqueles lugares. Às vezes, os moribundos eram chamados fitili (pavios), numa referência ao pavio de uma vela prestes a apagar-se. Também eram conhecidos como gavnoedy (come-merda) ou pormoechniki (papa-lavagem). Com mais freqüência, eram denominados dokhodyagi (no singular, dokhodyaga), substantivo derivado do verbo russo dokhodit (chegar, alcançar). No Manual do Gulag, Jacques Rossi afirma que o termo era sarcástico: os moribundos iam enfim "chegar ao socialismo".[1689] Outros, de modo mais prosaico, dizem que a palavra significava que eles estavam chegando não ao socialismo, mas ao fim da vida.

Os dokhodyagi simplesmente estavam perecendo de fome e sofriam as enfermidades da inanição e da carência vitamínica: escorbuto, pelagra, vários tipos de diarréia. Nos primeiros estágios, essas doenças se manifestavam na forma de dentes moles e feridas cutâneas, sintomas que às vezes afligiam até os guardas dos campos.[1690] Nos estágios posteriores, os presos perdiam a capacidade de enxergar no escuro. Gustav Herling se lembraria "daqueles com cegueira noturna, caminhando devagar pela zona prisional de madrugada e à noitinha, tateando à frente".[1691]

Os famélicos também tinham problemas estomacais, tonturas e inchaços grotescos nas pernas. Ao acordar certa manhã, Thornas Sgovio (que chegou à beira da inanição antes de recuperar-se) descobriu que uma de suas pernas estava "arroxeada e duas vezes maior que a outra. Coçava e estava coberta de erupções, de onde escorriam sangue e pus. Depois que usei o dedo para comprimir aquela carne roxa, a marca ficou ali por muito tempo". Quando Sgovio viu que não conseguia calçar as botas por causa do inchaço, mandaram-no fazer um corte nelas.[1692]

Nos estágios finais da inanição, os dokhodyagi assumiam aparência grotesca e inumana, transformando-se na encarnação da retórica desumanizadora usada pelo Estado: nos últimos dias de vida, os inimigos do povo deixavam, em outras palavras, de ser gente. Ficavam dementes, com freqüência delirando e falando sozinhos por horas a fio. A pele se tornava solta e seca. Os olhos adquiriam um brilho estranho. Comiam tudo em que conseguiam deitar as

[1688] Gagen-Torn, p. 244.
[1689] Rossi, The Gulag Hebook, pp. 107-S e 476.
[1690] GARF, 9414/3/40.
[1691] Herling, p. 51.
[1692] Sgovio, p. 177.

mãos - aves, cães, lixo. Moviam-se devagar e não eram mais capazes de controlar os intestinos nem a bexiga, emitindo assim um odor horrível. Tarnara Petkevich descreve a primeira vez em que viu essas pessoas:

> Ali, atrás do arame farpado, estava uma fileira de criaturas, que lembravam remotamente seres humanos [...] havia dezenas delas, esqueletos de vários tamanhos coberto de pele pardacenta, semelhante a pergaminho, todas despidas até a cintura, com as cabeças rapadas e os seios murchos e balouçantes. Sua única indumentária eram umas roupas de baixo lastimáveis, sujas, e as tíbias se projetavam da carne vazia. Eram mulheres! A fome, o calor e a lida as haviam transformado em espécimes ressequidos que, inexplicavelmente, ainda se aferravam aos últimos vestígios de vida.[1693]

Variam Shalamov também deixou uma inesquecível descrição poética dos dokhodyagi, invocando a similaridade que havia entre eles, a perda de características identificadoras que os humanizassem, o anonimato que era parte do horror que inspiravam:

> Ergo um brinde a uma estrada na floresta,
> Àqueles que caíram pelo caminho,
> Àqueles que já não conseguem mais se arrastar,
> Mas são forçados a fazê-lo.
>
> A seus lábios rígidos e azulados,
> A seus rostos idênticos,
> A seus casacos rasgados e cobertos de gelo,
> A suas mãos sem luvas,
>
> À água que bebericam de uma velha latinha,
> Ao escorbuto que se fixa em seus dentes,
> Aos dentes de cães gordos e cinzentos,
> Que os acordam pela manhã.
>
> Ao sol carrancudo
> Que os mira sem interesse,
> Às lápides brancas,
> Obras de astutas tempestades de neve.
>
> A ração de pão cru e grudento
> Engolido às pressas,
> Ao céu pálido e tão alto,
> Ao rio Ayab-Yuryakh![1694]

Mas o termo dokhodyagi, tal qual era usado nos campos de concentração soviéticos, não se limitava a descrever um estado físico. Essas pessoas, conforme explicou Sgovio, não estavam apenas doentes: eram presos que haviam chegado a um grau de inanição tão intenso que já não cuidavam mais de si mesmos. Tal deterioração costumava avançar por etapas, à medida que os presos deixavam de lavar-se, de controlar os intestinos, de ter as reações

---

[1693] Tamara Petkevich, "Just One Fate", em Vilensky, Till My Tale Is Told, pp. 223-24.
[1694] Shalamov, de publicação samizdat, traduzida com a ajuda de Galya Vinogradova. Embora a autora tenha boas razões para acreditar que este seja um trabalho de Varlam Shalamov, alguns trabalhos podem ter circulado incorretamente na União Soviética sob seu nome.

humanas normais diante de insultos - até ficarem, literalmente, loucos de fome. Sgovio se mostrou estarrecidíssimo na primeira vez em que deparou com alguém nesse estado, um comunista americano chamado Eisenstein, que fora conhecido seu em Moscou:

> De início, não reconheci meu amigo. Eisenstein não respondeu quando o cumprimentei. Seu rosto exibia a expressão vazia dos dokhodyagi. Olhou-me como se eu não estive ali. Eisenstein parecia não perceber a presença de ninguém. Não havia expressão nenhuma em seus olhos. Juntando os pratos vazios nas mesas do refeitório, ele examinava todos em busca de partículas de restos de comida. Passava os dedos por dentro de cada prato e depois os lambia.

Sgovio escreve que Eisenstein se tornara como os outros "pavios", na medida em que perdera toda noção de dignidade pessoal:

> Descuidavam de si mesmos. Não se lavavam - nem mesmo quando tinham a oportunidade. Os pavios tampouco se preocupavam em procurar e matar os piolhos que lhes sugavam o sangue. Os dokhodyagi não limpavam com as mangas o que lhes pingava da ponta do nariz [...] o pavio era imune a pancadas. Quando atacado por outros zeks, cobria a cabeça para desviar dos golpes. Caía ao chão, e, se fosse deixado em paz e sua condição o permitisse, se levantava e saía choramingando como se nada tivesse acontecido. Depois do trabalho, o dokhodyaga podia ser visto a rondar a cozinha, implorando sobras. Por diversão, o cozinheiro lhes atirava na cara uma conchada de sopa. Em tais ocasiões, o pobre coitado passava apressadamente os dedos pelas suíças molhadas e os lambia [...]. Os pavios ficavam em pé perto das mesas, esperando que alguém deixasse um pouco de sopa ou papa. Quanto isso acontecia, os mais próximos dentre eles se lançavam sobre os restos. Na disputa subseqüente, muitas vezes derramavam a sopa. E aí, de quatro, lutavam e raspavam o chão até que o derradeiro tiquinho do precioso alimento fosse parar em suas bocas.[1695]

Uns poucos presos que se tornaram dokhodyagi e depois se recuperaram tentaram explicar, não com inteiro sucesso, qual era a sensação de ser um dos mortos-vivos. Janusz Bardach recordaria que, após oito meses em Kolyma, "eu ficava zonzo ao acordar, e minha cabeça, confusa. Precisava de mais tempo e mais esforço para compor-me e ir ao refeitório pela manhã".[1696] Yakov Éfrussi virou dokhodyaga depois que seus óculos foram roubados pela primeira vez - "para os míopes, ficará perfeitamente claro o que é a vida sem óculos: tudo a nossa volta parece embaçado" - e, em seguida, perdeu os dedos da mão esquerda por causa das queimaduras de frio. Éfrussi descreveria seus sentimentos nestes termos:

> A constante privação de alimento destrói a psique. É impossível parar de pensar em comida - a gente o faz o tempo todo. A incapacidade física se junta a fraqueza moral, pois a fome constante elimina o amor-próprio, o respeito por si mesmo. Todos os pensamentos se dirigem para uma só coisa: como conseguir mais comida? E por isso que os dokhodyagi estão sempre rondando o lixão, as proximidades do refeitório, a entrada

[1695] Sgovio, pp. 162 e 160-61.
[1696] Rardach, p. 236.

da cozinha. Ficam esperando para ver se alguém joga da cozinha alguma coisa comestível. Uns restos de repolho, por exemplo.[1697]

A atração da cozinha e a obsessão pela comida cegavam alguns para quase todas as considerações, como Gustav Herling também tenta descrever:

Depois que a vacilante dignidade humana não mais consegue conservar um equilíbrio incerto porém independente, deixa de haver limite para os efeitos físicos da fome. Muitas vezes, comprimi meu rosto empalidecido contra o vidro fosco da janela da cozinha, para, com olhar abobado, implorar outra conchada de sopa aguada a Fyedka, o ladrão de Leningrado que estava encarregado dali. E me lembro de que, uma vez, meu melhor amigo, o engenheiro Sadovski, arrancou-me da mão uma lata cheia de sopa e, fugindo com ela, nem esperou para se esconder na latrina antes de engolir aquela gororoba fervente com lábios febricitantes. Se Deus existe, que Ele castigue sem dó os que degradam pela fome.[1698]

O sionista polonês Yehoshua Gilboa, aprisionado em 1940, descreve eloqüentemente os logros com os quais os presos tentavam convencer-se de que estavam comendo mais do que de fato faziam:

Procurávamos enganar o estômago esfarelando o pão até virar quase farinha e misturando isso com sal e grandes quantidades de água. Essa iguaria era chamada "caldo de pão". A água salgada adquiria algo da cor e do sabor do pão. Bebíamos, e a papa de pão ficava. Aí, púnhamos mais água, até extrair a última gota de gostinho de pão. Ingeríamos a papa como sobremesa, depois de termos nos forrado com a "água de pão" (por assim dizer). Aquilo não tinha nenhum sabor, mas criávamos a ilusão de esticar várias centenas de gramas do alimento.

Gilboa escreve que também encharcava em água o peixe salgado. O líquido resultante "podia ser usado para fazer o caldo de pão, e aí tínhamos de fato uma iguaria digna de reis".[1699]

Quando o preso passava todo o seu tempo rondando a cozinha e catando restos de comida, ele em geral já estava perto da morte e podia mesmo falecer a qualquer momento - dormindo, indo para o trabalho, caminhando pela zona prisional, jantando. Certa vez, Janusz Bardach viu um preso cair durante a chamada do fim do dia:

Formou-se um grupo em volta dele. "Peguei o chapéu", disse um homem. Outros apanharam o casaco, a calça, as botas e os panos com que a vítima envolvia os pés. Aí, começou uma briga por causa da roupa de baixo.

Tão logo o prisioneiro caído foi despido por completo, ele mexeu a cabeça, levantou a mão e afirmou, de modo débil, mas claro: "Está tão frio..." Sua cabeça voltou a tombar sobre a neve, e ele ficou com um olhar vítreo. Aqueles urubus se foram com o que haviam arrebatado,

---

[1697] Efrussi, "Dokhodyagi", em Vilensky, Osventsim Gez Pechei, p. 59.
[1698] Herling,p. 136.
[1699] Gilboa, pp. 53-54.

> inabaláveis. O preso provavelmente morreu de exposição ao frio poucos minutos após ter sido despido.[1700]

Todavia, a inanição não era a única maneira de morrer. Muitos presos tombavam trabalhando, nas perigosas condições das minas e fábricas. Alguns, enfraquecidos pela fome, também sucumbiam facilmente a doenças e epidemias. Já mencionei as epidemias de tifo, mas presos fracos e famélicos eram suscetíveis a muitas outras enfermidades. No Siblag, por exemplo, durante o primeiro trimestre de 1941, hospitalizaram-se 8.029 pessoas; com tuberculose, foram 746 (resultando em 109 óbitos); com pneumonia, 72 (22 óbitos); com disenteria, 36 (nove óbitos); com queimaduras de frio, 177 (cinco óbitos); com distúrbios estomacais, 302 (sete óbitos); com problemas circulatórios, 912 (123 óbitos); e por acidentes de trabalho, 210 (sete óbitos).[1701]

Embora o assunto seja (curiosamente) tabu, presos também se suicidavam. Ê difícil dizer quantos tomaram esse caminho. Não existem estatísticas oficiais. Estranhamente, também não há muito consenso entre os sobreviventes sobre quantos suicídios ocorriam. Nadezhda Mandelstam escreveria que nos campos as pessoas não se matavam, e sim lutavam com afinco para continuar vivas.[1702] Tal crença foi ecoada por outros. Evgenii Gnedin relataria que, embora houvesse pensado em suicidar-se na cadeia e, depois, no degredo, ele, durante seus oito anos nos campos, nunca pensou em matar-se. "Cada dia era uma luta pela vida; numa batalha assim, como teria sido possível pensar em largar a vida? Havia uma meta - sair daquele sofrimento - e uma esperança - reencontrar os entes queridos."[1703]

Durante pesquisas, a historiadora Catherine Merridale, que é de opinião diferente, conheceu dois psicólogos de Moscou que haviam estudado ou trabalhado no sistema Gulag. Tal como Nadezhda Mandelstam e Evgenii Gnedin, eles insistiram em que o suicídio e a doença mental eram raros: "Ficaram surpresos, e um pouco ofendidos", quando Catherine apresentou provas do contrário. A historiadora atribui essa curiosa insistência ao "mito do estoicismo" na Rússia, mas talvez haja outras causas.[1704] O teórico literário Tzvetan Todorov sugere que as testemunhas escrevem sobre a estranha ausência de suicídios porque querem enfatizar o caráter extraordinário da experiência pela qual passaram: esta era tão medonha que ninguém sequer fazia a opção "normal" pelo suicídio. "O sobrevivente objetiva acima de tudo comunicar a alteridade dos campos."[1705]

Na realidade, os casos de suicídio de que se tem notícia são numerosos, e muitos memorialistas os mencionam. Um descreve o suicídio de um garoto cujos favores sexuais foram "ganhados" por um bandido no carteado.[1706] Outro fala do suicídio de um cidadão soviético de origem alemã, que deixou um bilhete para Stalin: "Minha morte é um ato consciente de protesto contra a violência e o arbítrio lançados sobre nós, os germano-soviéticos, pelos órgãos

---

[1700] Rardach, p. 235.
[1701] GARF, 8131/37/797.
[1702] N. Mandelstam, p. 263.
[1703] Gnedin, pp. 80-86.
[1704] Merridale, p. 261.
[1705] Todorov, Facing the Extreme, p. 37.
[1706] Rotfort, pp. 40-41.

da NKVD".[1707] Um sobrevivente de Kolyma escreve que, na década de 1930, tornou-se relativamente comum que presos caminhassem, rápidos e decididos, rumo a "zona da morte" (a terra de ninguém junto à cerca do campo) e então ficassem parados ali, esperando para ser baleados.[1708]

*Zek moribundo. Desenho de Sergei Reikhenberg. Magadan, data desconhecida.*

A própria Evgeniya Ginzburg cortou a corda que sua amiga Polina Melnikova usara para enforcar-se; Evgeniya escreveria sobre Polina, com admiração: "Ao agir daquela maneira, ela afirmara seus direitos de pessoa - e fizera um serviço bem-feito".[1709] Todorov também escreve que muitos sobreviventes tanto do Gulag quanto dos campos nazistas viam o suicídio como uma oportunidade de exercer o livre-arbítrio: "Ao matar-se, a pessoa altera o curso dos acontecimentos (ainda que pela última vez na vida) em vez de simplesmente reagir a eles. Suicídios desse tipo são atos de desafio, não de desespero".[1710]

Para os administradores dos campos, era indiferente a maneira pela qual os presos morriam. Para a maioria, o mais importante era manter as taxas de mortalidade em segredo, ainda que apenas parcial: os comandantes de lagpunkts onde essas taxas fossem consideradas "excessivamente altas" correriam o risco de ser punidos. Embora as regras não fossem impostas com regularidade, e embora alguns de fato defendessem a idéia de que mais presos deviam morrer, os comandantes de alguns campos particularmente mortíferos perdiam mesmo o emprego de vez em quando.[1711] Era por isso que, conforme alguns ex-prisioneiros relatam, médicos ocultavam cadáveres dos inspetores do Gulag; e era por isso que, em alguns campos, constituía prática comum conceder a soltura antecipada a detentos moribundos - assim, não apareciam

[1707] Eizenberger, pp. 38-39.
[1708] Mindlin, p. 60.
[1709] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 91.
[1710] Todorov, Facing the Extreme, p. 63.
[1711] GARF, 8131/37/809.

nas estatísticas de mortalidade.[1712]

Mesmo quando as mortes eram registradas, os registros nem sempre se mostravam honestos. De uma ou outra maneira, os comandantes de campo se asseguravam de que os médicos que redigiam os atestados de óbito não indicassem "inanição" como causa direta da morte. O cirurgião Isaac Vogelfanger, por exemplo, recebeu ordem categórica de sempre assinalar "insuficiência do músculo cardíaco", não importando qual fosse a verdadeira causa da morte do preso.[1713] O tiro podia sair pela culatra: em certo campo, os médicos arrolaram tantos casos de "colapso cardíaco" que os inspetores desconfiaram. A promotoria obrigou os médicos a desencavarem os corpos, e se estabeleceu que, na realidade, os presos haviam morrido de pelagra.[1714] Nem todo esse caos era intencional: em outro campo, os registros estavam em tamanha confusão que um inspetor se queixou de que "os mortos são contabilizados como vivos, os fugitivos como ainda encarcerados, e vice-versa".[1715]

Com freqüência, os presos também eram mantidos proposital-mente na ignorância dos fatos relacionados às mortes. Embora estas não pudessem ser ocultadas de todo - um preso falou de cadáveres que ficavam "numa pilha junto à cerca até o degelo" -,[1716] podiam ser encobertas de outras maneiras. Em muitos campos, os corpos eram removidos à noite e levados para locais secretos. Só por acaso Edward Buca (obrigado a fazer serão para cumprir sua meta de trabalho) viu o que acontecia aos cadáveres em Vorkuta:

> Após terem sido empilhados como toras num galpão aberto, até que se houvessem acumulado em número suficiente para uma cova coletiva no cemitério do campo, eles eram carregados nus, em trenós, com as cabeças para fora e os pés para dentro. Cada corpo tinha uma birka (plaquinha de madeira) amarrada ao dedão do pé direito, trazendo o nome e o número do morto. Antes de cada trenó sair pelo portão do campo, o nadziratel (um homem da NKVD) pegava uma picareta e arrebentava cada crânio. Isso era para garantir que nenhum preso vivo escapasse daquele jeito. Fora do campo, os corpos eram despejados numa transeya, uma das diversas valas largas que tinham sido cavadas com aquela finalidade durante o verão. Mas, quando o número de óbitos avultou, o procedimento para certificar-se de que estavam mesmo mortos foi modificado. Em vez de arrebentarem cabeças a picareta, os guardas usavam o szompol, um arame grosso de ponta afiada, que enfiavam em todos os corpos. Aparentemente, isso era mais fácil que desfechar golpes de picareta.[1717]

Os enterros coletivos em valas comuns talvez fossem mantidos em segredo porque, estritamente falando, também eram proibidos - o que não quer dizer que fossem incomuns. Por toda a Rússia, terrenos de antigos campos mostram o que claramente eram covas coletivas, e, de tempos em tempos, elas até se abrem: no extremo norte, o permafrost não apenas conserva os corpos (às

---

[1712] Buca, p. 150; Berdinskikh, p. 28.
[1713] Vogelfanger, p. 80.
[1714] GARF, 8131/37/809.
[1715] GARF, 8131/37/542.
[1716] Merridale, p. 265.
[1717] Buca, p. 152.

vezes lugubremente intactos), mas também se move com as congelações e degelos anuais. Variam Shalamov escreve: "O setentrião resistia com toda a força a essa obra do homem, não aceitando em suas entranhas os defuntos [...] a terra se rompia, deixando à mostra seus depósitos subterrâneos, que continham não só ouro, chumbo, tungstênio e urânio, mas também corpos humanos incorruptos".[1718]

No entanto, eles não deviam estar ali, e, em 1946, a direção do Gulag ordenou a todos os comandantes de campo que enterrassem os cadáveres separadamente, usando mortalhas e cavando sepulturas com no mínimo 1,5 metro de profundidade. A localização dos corpos seria demarcada não com o nome, mas com um número. Só os encarregados dos registros do campo deveriam saber quem estava enterrado onde.[1719]

Tudo isso parece muito civilizado - não fosse o fato de que outra ordem autorizou a extração dos dentes de ouro dos presos mortos. Esse procedimento deveria dar-se sob a égide de uma comissão do campo, formada de representantes do serviço médico, da administração e do departamento financeiro. O ouro precisaria então ser levado para o banco estatal mais próximo. Todavia, é difícil crer que tais comissões se reunissem com muita freqüência. Simplesmente, o furto dos dentes de ouro, um procedimento mais descomplicado, era muito mais fácil de executar e ocultar num mundo onde havia cadáveres em demasia.[1720]

Em demasia mesmo - e isso, no fim das contas, era o aspecto aterrador das mortes no cativeiro, conforme escreveria Herling:

> A morte no campo trazia outro horror: seu anonimato. Não tínhamos nenhuma idéia de onde os mortos eram enterrados, nem de se algum tipo de atestado de óbito era redigido após a morte de um preso [...]. A certeza de que ninguém jamais saberia da morte deles, de que ninguém jamais saberia onde eles tinham sido enterrados, era um dos maiores tormentos psicológicos pelos quais os prisioneiros passavam [...].
>
> As paredes do alojamento estavam cobertas de nomes de presos rabiscados no reboco, e pedia-se aos amigos que completassem os dados após as mortes, acrescentando uma cruz e uma data; todo preso escrevia aos familiares em intervalos estritamente controlados, de modo que uma súbita interrupção da correspondência forneceria aos parentes a data aproximada da morte.[1721]

Apesar dos esforços dos presos, muitas mortes - muitas mesmo - não foram assinaladas, nem lembradas, nem registradas. Formulários não eram preenchidos; parentes não eram notificados; demarcações de madeira se decompunham. Caminhando-se pelos antigos terrenos dos campos no extremo norte, vêem-se os sinais das covas coletivas: o solo irregular e matizado, os pinheiros jovens, o capim alto que cobre valas funerárias de meio século. Às vezes, um monumento foi erigido por algum grupo local. Com mais freqüência, não há identificação nenhuma. Os nomes, as vidas, as narrativas individuais,

---

[1718] Shalamov, p. 281.
[1719] GARF, 9414/1/2809.
[1720] GARF, 9414/1/2771.
[1721] Herling, p. 149.

os vínculos familiares, a história - tudo se perdeu.

## 17. Estratégias de sobrevivência

*Estou pobre, sozinho e nu,*
*Não tenho fogo,*
*A melancolia polar lilás*
*Cerca-me por todos os lados...*

*Recito meus poemas*
*Eu os grito*
*As árvores, desfolhadas e surdas,*
*Estão assustadas.*

*Apenas o eco das montanhas distantes*
*Ressoa em meus ouvidos.*
*E com um profundo suspiro*
*Respiro de novo com facilidade.*

Variam Shalamov, Neskolko moikh zhiznei.[1722]

No final, havia prisioneiros que sobreviviam. Sobreviviam mesmo aos piores campos, às condições mais duras, mesmo aos anos de guerra, aos anos de escassez de víveres, aos anos de execuções em massa. Não apenas isso, alguns sobreviviam psicologicamente intactos o suficiente para voltarem para casa, recuperarem-se e viverem vidas relativamente normais. Janusz Bardach tornou-se cirurgião plástico na cidade de Iowa. Isaak Filshtinskii voltou a lecionar literatura árabe. Lev Razgon voltou a escrever literatura infantil. Anatolii Zhigulin retomou a produção de poesia. Evgeniya Ginzburg mudou-se para Moscou, e durante anos foi a alma de um círculo de sobreviventes, que se reuniam regularmente para comer, beber e discutir em volta da mesa da sua cozinha.

Ada Purizhinskaya, presa ainda adolescente, casou e teve quatro filhos, alguns dos quais tornaram-se músicos. Encontrei dois deles num jantar familiar, generoso, bem-humorado, durante o qual Purizhinskaya serviu diversos pratos de deliciosa comida fria, e pareceu desapontada quando não consegui comer mais. A casa de Irena Arginskaya também é pródiga em risadas, a maior parte das quais vem dela mesma. Quarenta anos depois, ela conseguia achar engraçadas as roupas que usara quando prisioneira: "Suponho que você poderia chamar isso de uma espécie de jaqueta", disse ela, tentando descrever um casaco desajeitado. Sua filha, adulta e bem falante, riu com ela.

[1722] Shalamov, Neskolko moikh zhiznei, p. 391.

*Quinto ano no campo (sobreviventes). Rostos de presos, alterados com o passar do tempo. Desenho de Aleksei Merekov, ele também prisioneiro. Local e data desconhecidos*

Alguns até acabaram tendo vidas extraordinárias. Alexander Soljenitsin tornou-se um dos escritores russos mais conhecidos no inundo, e mais bem-sucedidos em vendagem. O general Gorbatov ajudou a liderar o assalto soviético a Berlim. Depois de cumprir pena em Kolyma e de uma sharashka em tempos de guerra, Sergei Korolev acabou tornando-se o pai do programa espacial da União Soviética. Gustav Herling deixou os campos, lutou com o exército polonês e, apesar de escrever desde seu exílio napolitano, tornou-se um dos mais reverenciados homens de letras da Polônia pós-comunista. A notícia de sua morte em julho de 2000 encheu as primeiras páginas dos jornais de Varsóvia, e toda uma geração de intelectuais poloneses pagou tributo à sua obra - especialmente Um mundo à parte, suas memórias do Gulag. Em sua capacidade de se recuperar, esses homens e mulheres não eram únicos. Isaac Vogelfanger, que acabou se tornando professor de cirurgia na Universidade de Ottawa, escreveu que "as feridas se curam, e podemos nos tornar íntegros de novo, um pouco mais fortes e mais humanos do que antes..."[1723]

Nem todas as histórias de sobreviventes do Gulag terminaram tão bem assim, é claro, o que talvez não sejamos necessariamente capazes de depreender da leitura dos relatos. É claro, pessoas que não sobreviveram não escreveram nada. Também não escreveram nada aqueles que ficaram com problemas mentais ou físicos em conseqüência da vivência nos campos. Aqueles que sobreviveram à custa de coisas das quais mais tarde se envergonharam tampouco costumam escrever -ou, quando o fazem, não contam necessariamente toda a história. Existem pouquíssimos relatos de informantes - ou de pessoas que confessem terem sido informantes - e muito poucos sobreviventes que sejam capazes de admitir terem machucado ou assassinado colegas prisioneiros a fim de permanecer vivos.

Por essas razões, alguns sobreviventes questionam se os relatos escritos têm alguma validade. Yuri Zorin, um sobrevivente mais velho e não muito acessível que entrevistei em sua cidade natal, Arkhangelsk, descartou uma pergunta que

[1723] Vogelfanger, p. 206.

lhe fiz sobre filosofias de sobrevivência. Não havia nenhuma, disse ele. Embora as lembranças dos prisioneiros transmitam a impressão de que "discutiam tudo, pensavam sobre tudo", não era bem assim, contou-me ele: "Tudo se resumia em viver até o dia seguinte, em permanecer vivo, não ficar doente, trabalhar menos, comer mais. E é por isso que discussões filosóficas, como regra, não aconteciam... Éramos salvos pela juventude, saúde, força física, pois ali vivíamos segundo as leis de Darwin, da sobrevivência do mais apto".[1724]

Quem sobreviveu - e por que sobreviveu - é uma questão que deve portanto ser abordada com muita cautela. Não há documentos de arquivo confiáveis, e não existem "provas" concretas. Temos que nos basear no que dizem aqueles que se dispõem a descrever suas experiências, seja por escrito ou numa entrevista. Cada um deles deve ter tido motivos para ocultar de seus leitores aspectos de suas biografias.

Feita esta ressalva, é possível identificar padrões dentro das várias centenas de relatos que têm sido publicados ou disponibilizados em arquivos. Porque existiam estratégias de sobrevivência, e elas eram bem conhecidas na época, embora variassem muito, conforme as circunstâncias particulares do prisioneiro. Sobreviver a uma colônia de trabalho na Rússia ocidental em meados da década de 1930 ou mesmo no final da década de 1940, quando a maior parte do trabalho era fabril e a comida era regular, mesmo não sendo farta, provavelmente não exigiu quaisquer ajustes mentais especiais. Sobreviver a um dos campos distantes do norte - Kolyma, Vorkuta, Norilsk - durante os anos de fome da guerra, por outro lado, freqüentemente exigia imensas reservas de talento e força de vontade, ou então uma enorme capacidade para o mal, qualidades que os prisioneiros, se tivessem permanecido em liberdade, poderiam nunca ter descoberto dentro deles.

Sem dúvida, muitos desses prisioneiros sobreviveram porque encontraram maneiras de se sobrepor a outros prisioneiros, de se distinguir da apinhada massa de zeks famélicos. Dúzias de ditos e provérbios dos campos refletem os eleitos debilitadores para a moral dessa competição desesperada. "Você pode morrer hoje eu vou morrer amanhã", era um deles. "O homem é o lobo do homem" a frase que Janusz Bardach usou como título de um de seus relatos - era outro.

Muitos ex-zeks falam da luta pela sobrevivência como algo cruel, e muitos, como Zorin, referem-se a ela como darwiniana. "O campo era um grande leste para nossa força moral, nossa moralidade cotidiana, e 99% de nós fracassamos nesse leste", escreveu Shalamov.[1725] "Depois de apenas três semanas a maioria dos prisioneiros se tornava homens alquebrados, sem interesse por nada a não ser comer. Comportavam-se como animais, antipatizavam e suspeitavam de todos os demais, vendo no amigo de ontem um competidor na luta pela sobrevivência", escreveu Edward Buca.[1726]

Elior Olitskaya, com sua experiência no movimento social-democrata pré-revolucionário, ficou particularmente horrorizada com o que ela percebia corno a amoralidade dos campos: enquanto internos em prisões costumavam cooperar entre si, os fortes ajudando os fracos, nos campos soviéticos cada

---

[1724] Zorin, entrevista com a autora.
[1725] Citado em Todorov, Facing the Extreme, p. 32.
[1726] Buca, p. 79.

prisioneiro "vivia por si", pisando nos outros a fim de obter um status um pouco mais alto na hierarquia do campo.[1727] Galina Usakova descreveu como sentiu que sua personalidade mudara nos campos: "Eu era uma garota bem-comportada, bem-cria-da, de uma família da intelligentsia. Mas com essas características não se sobrevive, é preciso endurecer, aprender a mentir, a ser hipócrita de várias maneiras".[1728]

Gustav Herling foi além, descrevendo como o novo prisioneiro lentamente aprende a viver "sem piedade":

> No início ele divide seu pão com prisioneiros dementes de fome, guia os que têm cegueira noturna no caminho de volta do trabalho, grita por ajuda quando seu vizinho na floresta acaba de cortar fora dois dedos, e sub-repticiamente carrega canecas de sopa e cabeças de peixe para a sala mortuária. Depois de várias semanas, ele compreende que suas motivações não são nem puras nem realmente desinteressadas, que ele está seguindo as injunções egoístas de seu cérebro e salvando primeiro a ele mesmo. O campo, onde os prisioneiros vivem no nível mais baixo de humanidade e seguem um código brutal de comportamento em relação aos outros, o ajuda a chegar a essa conclusão. Como ele poderia ter suposto, antes da prisão, que um homem pode ser degradado ao ponto de não despertar mais compaixão mas apenas aversão e repugnância em seus colegas prisioneiros? Como pode ajudar os que têm cegueira noturna, quando todo dia ele os vê levarem pancadas de rifle porque estão atrasando a volta da brigada ao trabalho, e depois serem empurrados com impaciência para fora do caminho por prisioneiros que têm pressa de chegar à cozinha para a sopa; como visitar a sala mortuária e encarar a escuridão constante e o fedor de excremento; como dividir seu pão com um louco faminto que já no dia seguinte vai cumprimentá-lo no alojamento com um olhar arregalado persistente, de quem pede... Ele lembra e acredita nas palavras do juiz que o julgou, que lhe disse que a vassoura de ferro da justiça soviética varre apenas lixo para seus campos.[1729]

Tais sentimentos não são exclusivos dos sobreviventes de campos soviéticos. "Se alguém oferece uma posição privilegiada a alguns poucos indivíduos em condições de escravidão", escreveu Primo Levi, um sobrevivente de Auschwitz, "exigindo em troca a traição a uma natural solidariedade com seus camaradas, certamente haverá quem aceite".[1730] Escrevendo também a respeito dos campos alemães, Bruno Bettelheim observou que os prisioneiros mais velhos com freqüência acabam "aceitando os valores e o comportamento dos SS como se fossem também os seus", particularmente adotando seu ódio pelos habitantes mais fracos e de cotação mais baixa dos campos, em especial os judeus.[1731]

Nos campos soviéticos, assim como nos campos nazistas, os criminosos comuns também adotaram prontamente a desumanizante retórica da NKVD, insultando presos políticos e "inimigos", e expressando entre eles repulsa pelos

---

[1727] Olitskaya, pp. 233-34.
[1728] Usakova, entrevista com a autora.
[1729] Herling, p. 68.
[1730] Levi, p. 97.
[1731] Bettelheim, pp. 169-71.

dokhodyagi. De sua inusual posição de único preso político num lagpunkt para uma maioria de criminosos, Karol Colonna-Czosnowski conseguiu inteirar-se da visão que as pessoas do mundo do crime têm dos políticos: "O problema é que existem muitos deles. Eles são fracos, são sujos, e só querem comer. Não produzem nada. Por que as autoridades se preocupam com eles, só Deus sabe..." Um criminoso, escreve Colonna-Czosnowski, disse ter encontrado um cientista e professor universitário ocidental, num campo de trânsito: "Eu o peguei comendo, sim, comendo mesmo, a cauda meio apodrecida de um peixe treska. Eu fiz ele passar um mau pedaço, você pode imaginar. Perguntei se ele sabia o que estava fazendo. Ele disse apenas que estava com fome... Então eu lhe dei um sopapo na nuca que o fez vomitar. Fico mal só de lembrar. Eu também contei o caso para os guardas, mas o velho asqueroso morreu na manhã seguinte. Bem-feito!"[1732]

Outros prisioneiros observavam, aprendiam e imitavam, como escreveu Variam Shalamov:

> O jovem camponês que se tornou prisioneiro vê que nesse inferno apenas os criminosos vivem comparativamente bem, que eles são importantes, que a todo-poderosa administração do campo tem medo deles. Os criminosos sempre têm roupas e comida, e se apóiam mutuamente... ele começa a ter a impressão de que os criminosos possuem a verdade sobre a vida do campo, que somente imitando-os ele irá seguir o caminho que poderá salvar sua vida... o intelectual condenado é esmagado pelo campo. Tudo o que ele sempre valorizou se pulveriza à medida que civilização e cultura vão se despencando dele em questão de semanas. O método de persuasão são os punhos ou o pedaço de pau. A maneira de induzir alguém a fazer alguma coisa é por meio de uma coronhada, um murro nos dentes... [1733]

E mesmo assim, seria incorreto dizer que não havia nenhuma moralidade nos campos, que nenhuma bondade ou generosidade era possível. Curiosamente, mesmo os mais pessimistas dentre os que apresentaram relatos com freqüência se contradizem a respeito desse ponto. O próprio Shalamov, cuja descrição da barbaridade da vida no campo ultrapassa todas as demais, a certa altura escreveu que: "Eu me recusei a procurar a tarefa de capataz, que proporcionava uma chance de permanecer vivo, pois a pior coisa num campo era impor a própria vontade ou a de alguém sobre outra pessoa que era um condenado assim como você". Em outras palavras, Shalamov era uma exceção à própria regra.[1734]

A maioria dos relatos também deixa claro que o Gulag não era um mundo de contornos definidos, onde a linha entre senhores e escravos estava claramente traçada, e a única maneira de sobreviver era sendo cruel. Não apenas internos, trabalhadores livres e guardas pertenciam de fato a uma complexa rede social, mas essa rede estava constantemente mudando, como vimos. Os prisioneiros podiam subir ou descer na hierarquia, e muitos o faziam. Podiam alterar seu destino não apenas pela colaboração ou pelo desafio às autoridades mas também por meio de uma astuta manipulação, através de contatos e relacionamentos. A simples boa sorte ou o azar também determinavam o curso

---

[1732] Colonna-Czosnowski, p. 118.
[1733] Shalamov, Koljma Tales, pp. 405-14.
[1734] Esta observação é de Todorov. Todorov, Facing the Extreme, p. 35.

de uma típica carreira no campo, que, se fosse longa, poderia muito bem ter períodos "felizes", em que o prisioneiro se estabelecia num bom emprego, comia bem e trabalhava pouco, assim como períodos em que o mesmo prisioneiro caía no inferno do hospital, da sala mortuária e na sociedade dos dokhodyagi que se amontoavam em volta da pilha do lixo, procurando restos de comida.

Na verdade, os métodos de sobrevivência eram próprios do sistema Na maior parte do tempo, a administração do campo não estava tentando matar prisioneiros, estava apenas tentando alcançar altas metas impossíveis, definidas pelos planejadores centrais em Moscou. Como resultado, os guardas do campo estavam mais do que dispostos a recompensar os prisioneiros que julgassem ser úteis para alcançar essa meta. Os prisioneiros, naturalmente, tiravam partido dessa disposição. Os dois grupos tinham metas diferentes - os guardas queriam extrair mais ouro ou cortar mais madeira, e os prisioneiros queriam sobreviver - mas às vezes eles compartilhavam meios de alcançar objetivos tão diferentes. Um punhado de estratégias de sobrevivência mostrava-se particularmente adequado tanto para prisioneiros como para guardas, e uma lista delas é dada a seguir.

**Tufta: fingir trabalhar**

Fazer uma descrição precisa da tufta - uma palavra que pode ser traduzida, de modo bastante impreciso, como "enganar o patrão" - não é tarefa fácil. Primeiro, porque tais práticas estavam tão arraigadas no sistema soviético que não é justo descrevê-las como se fossem algo exclusivo do Gulag.[1735] Tampouco eram exclusivas da URSS. O provérbio da era comunista "Eles fingem que nos pagam, e nós fingimos que trabalhamos", podia ser ouvido na maioria das línguas do antigo Pacto de Varsóvia.

Mais apropriadamente, a tufta permeava todos os aspectos do trabalho - atribuições de trabalho, organização do trabalho, contabilidade do trabalho - e afetava todos os membros da comunidade do campo, dos chefes do campo em Moscou, aos guardas de mais baixo escalão do campo, aos prisioneiros mais oprimidos. Isso vale desde os primórdios do Gulag até o seu final. Uma das rimas mais repetidas pelos prisioneiros datava dos dias do Canal do Mar Branco:

> Bez tufty i ammonala
> Ne postroili by kanala.
> Sem tufta e dinamite
> Nunca teriam construído o canal.[1736]

Nos anos em que esse tópico passou a ser tema de discussão, houve também controvérsia sobre a questão de quanto os prisioneiros trabalhavam duro ou não, e de quanto empenho eles punham ou não em evitar o trabalho. Desde que a publicação em 1962 do livro de Soljenitsin Um dia na vida de Ivan Denisovich abriu um debate mais ou menos público sobre a questão dos campos, a grande comunidade de sobreviventes, polemistas e historiadores dos campos encontrou notáveis dificuldades para chegar a um acordo unânime

---

[1735] Muita coisa foi escrita a respeito de tufts na USSR. Ver Fitzpatrick, EverydayStalinism; Berliner; Ledeneva; e Ereev-Khomiakov.
[1736] Frid, pp. 134-36.

sobre a moralidade do trabalho nos campos. Porque muito da impactante novela de Soljenitsin era de fato dedicado às tentativas de seu herói de evitar o trabalho. Durante o decorrer de um dia de Ivan Denisovich, ele consulta um médico, na esperança de obter uma licença por doença; fantasia que vai ficar doente por algumas semanas; dá uma olhada no termômetro do campo, esperando que comprove estar frio demais para ir até o local de trabalho; fala com admiração de líderes de brigada capazes de "fazer parecer que o trabalho tinha sido feito, fosse esse o caso ou não"; sente-se aliviado quando seu líder de brigada obtém uma "boa nota pelo trabalho", apesar de que "metade do dia tinha passado e eles não haviam feito nada"; rouba lascas de madeira do local de trabalho para acender fogo no alojamento; e rouba um pouco de mingau na hora do jantar. "Trabalho", pensa Ivan a certa altura, "é aquilo de que os cavalos morrem". Ele tenta evitá-lo.

Nos anos que se seguiram à publicação do livro, esse retrato de um típico zek era contestado por outros sobreviventes, tanto por razões ideológicas quanto pessoais. Por um lado, aqueles que acreditavam no sistema soviético - e portanto acreditavam também que o "trabalho nos campos era valioso e necessário - achavam a "preguiça" de Denisovich ofensiva. Muitas das descrições "alternativas", mais pró-soviéticas, da vida nos campos, publicadas na imprensa soviética oficial na esteira de Ivan Denisovich, chegavam a se concentrar explicitamente na dedicação ao trabalho mostrada por aqueles que, apesar da injustiça de sua prisão, ainda acreditavam. O escritor soviético (e informante a vida toda) Boris Dyakov descreveu um engenheiro empregado num projeto de construção de um Gulag perto de Perm. O engenheiro ficara tão absorvido no trabalho, contou ao narrador de Dyakov, que esqueceu que era prisioneiro: "Por um tempo apreciei tanto meu trabalho que esqueci o que me havia tornado". Tão consciencioso era o engenheiro na história de Dyakov que chegou a enviar secretamente uma carta a um jornal local, queixando-se da precária organização do transporte no campo e dos sistemas de suprimento. Embora advertido pelo comandante do campo por essa indiscrição - nunca se ouvira falar que o nome de um prisioneiro aparecesse no jornal - o engenheiro, como conta Dyakov, ficou satisfeito em ver que "depois do artigo, as coisas melhoraram um pouco".[1737]

A visão daqueles que comandavam os campos era ainda mais radical. Anonimamente, uma antiga administradora contou-me bastante irritada que todas as histórias sobre internos em campos que viviam em más condições eram falsas. Aqueles que trabalhavam bem viviam extremamente bem, ela disse, bem melhor do que as pessoas em geral: podiam até comprar leite condensado - grifo meu - coisa que as pessoas comuns não podiam. "Só aqueles que se recusavam a trabalhar é que viviam mal", ela me contou.[1738] Tais pontos de vista em geral não eram expressados em público, mas houve algumas exceções. Anna Zakharova, esposa de um oficial da NKVD, cuja carta ao Isvestiya circulou na imprensa underground russa na década de 1960, criticava dura-mente Soljenitsin. Zakharova escreveu que estava "enraivecida até o fundo da minha alma" por Ivan Denisovich:

> Podemos ver por que o herói dessa história, tendo tal atitude para com o povo soviético, não espera nada além de ir para a ala dos doentes para, de algum modo, escapar de redimir sua culpa, o mal que fez à sua terra

[1737] Dyakov, p. 54.
[1738] Anônimo, entrevista com a autora.

natal, por meio de trabalho duro... E por que exatamente deve uma pessoa tentar evitar o trabalho braçal e mostrar escárnio por ele? Afinal, para nós o trabalho é a base do sistema soviético, e é só no trabalho que o homem se torna conhecedor de seus verdadeiros poderes. [1739]

Outras objeções, menos ideológicas, também vieram de zeks comuns.V K. Yasnui, prisioneiro durante cinco anos no início da década de 1940, escreve em seus relatos que "Tentamos trabalhar honestamente, e não por medo de perder as rações, ou acabar na solitária... trabalho duro, e assim era o trabalho em nossa brigada, nos ajudava a esquecer, ajudava a afastar pensamentos ansiosos".[1740] Nadezhda Ulyanovskaya, que foi presa junto com a mãe, escreveu que sua mãe trabalhava duro "a fim de provar que judeus e a intelligentsia trabalhavam tão bem quanto os outros". ("Eu trabalhava porque era obrigada a isso", escreve ela a respeito de si mesma, no entanto. "Receio que nesse ponto eu não esteja à altura das honras do povo judeu.")[1741]

Prisioneiros que trabalharam com entusiasmo em favor do regime soviético durante toda a vida também não mudaram rapidamente Aleksandr Borin, um preso político e engenheiro de aviação, foi destinado a uma metalúrgica de um Gulag. Em seus relatos, ele descreve com orgulho as inovações técnicas que promoveu ali, a maior parte concebida em seu tempo livre.[1742] Alla Shister, outra prisioneira política detida no final da década de 1930, contou-me numa entrevista que "Eu sempre trabalhei como se fosse livre. Esse é meu traço de personalidade, não consigo trabalhar mal. Se é preciso cavar um buraco, eu vou continuar cavando até que ele esteja pronto". Depois de dois anos em trabalhos gerais, Shister tornou-se líder de brigada, porque, diz ela, "Eles viram que eu trabalhava não como um prisioneiro trabalha, mas com todas as minhas forças". Com essa capacidade, ela então fez todas as tentativas de inspirar seus subalternos, embora, admita, sem irritá-los com o amor pelo Estado soviético. Eis como ela descreveu seu primeiro encontro com os homens que deviam trabalhar para ela:

> Fui até o canteiro onde eles estavam cavando. Os guardas se ofereceram para me acompanhar, mas eu disse que não era preciso, e fui sozinha. Era meia-noite. Fui até a equipe, e disse a eles "Preciso cumprir a cota, estão precisando de tijolos no front".
>
> Eles disseram: "Alia Borisovna, não nos importamos com a cota para os tijolos, dê-nos nossa ração de pão".
>
> Eu disse: "Vocês terão a ração, se cumprirem a cota".
>
> Eles disseram: "A gente vai atirar você num buraco, enterrá-la e ninguém vai mais encontrá-la".
>
> Fiquei lá em pé, quieta, e disse: "Vocês não vão me enterrar. Prometo a vocês que se hoje, lá pelo meio-dia, vocês cumprirem a cota, eu vou trazer-lhes um pouco de tabaco". Tabaco ali valia mais do que ouro ou diamantes.

[1739] Cohen, pp. 140-47.
[1740] Yasnyi, p. 51.
[1741] Ulyanovskaya, pp. 360-61.
[1742] Bonn, pp. 234-36.

Como ela mesma conta, Shister havia simplesmente guardado as próprias rações de tabaco, já que não fumava, e de bom grado passou-as aos seus comandados.[1743]

Também havia, é claro, aqueles que percebiam as vantagens materiais que ganhariam se trabalhassem. Alguns prisioneiros simplesmente tentavam fazer o que se esperava deles: cumprir a cota, conseguir o status de trabalhador de choque, receber melhores rações.

Vladimir Petrov chegou a um lagpunkt de Kolyma e imediatamente percebeu que os que ocupavam a "tenda de stakhanovista", que haviam trabalhado mais duro do que os outros prisioneiros, possuíam todos os atributos que faltavam aos dokhodyagi:

> Eles eram incomparavelmente mais limpos. Mesmo nas condições bastante severas de sua vida no campo, tinham conseguido lavar o rosto todos os dias, e quando não conseguiam água usavam neve. Também se vestiam melhor... [e] pareciam mais inteiros. Não se amontoavam em cima dos fogões, mas sentavam em seus bancos fazendo alguma coisa ou conversando sobre seus afazeres. Mesmo vista de fora, sua tenda parecia diferente.

Petrov pediu para se juntar à brigada deles, cujos membros recebiam um quilo de pão por dia. Uma vez admitido, não conseguiu agüentar o ritmo de trabalho. Foi excluído da brigada, que não podia tolerar nenhuma fraqueza.[1744] Mas sua experiência não era atípica, como escreveu Herling:

> O fascínio pela cota não era privilégio exclusivo dos homens livres que a haviam imposto, era também o instinto dominante entre os escravos que trabalhavam para ela. Nas brigadas em que o trabalho era feito por equipes de homens trabalhando juntos, os capatazes mais conscienciosos e ardorosos eram os próprios prisioneiros, pois ali a cota era definida coletivamente, dividindo-se o produto total pelo número de trabalhadores. Qualquer sentimento de amizade mútua era completamente abolido em favor de uma corrida pelas porcentagens. Um prisioneiro não qualificado que se visse em uma equipe coordenada de prisioneiros experientes não podia esperar que lhe demonstrassem alguma consideração; depois de uma pequena tentativa, era forçado a desistir e se transferir para uma equipe na qual ele por sua vez freqüentemente tinha de supervisionar colegas mais fracos. Havia em tudo isso algo de inumano, quebrando sem misericórdia o único laço natural entre os prisioneiros - a solidariedade diante de seus perseguidores.[1745]

Mas trabalhar duro às vezes surtia o efeito contrário. Lev Razgon descreveu lavradores que se matavam tentando superar a cota, ganhando para si uma "grande ração" de um quilo e meio de pão: "Podia ser rústico e mal preparado, mas era pão de verdade. Para lavradores que haviam vivido em semi-inanição durante anos parecia uma quantidade enorme, mesmo sem nenhum alimento cozido". Mas nem essa "enorme quantidade" de comida era suficiente para

---

[1743] Shister, entrevista com a autora.
[1744] Petrov, p. 179.
[1745] Herling, p. 37.

compensar a energia gasta no trabalho florestal. O trabalhador florestal estava então condenado, Razgon escreve: "ele literalmente iria morrer de fome, mesmo comendo um quilo e meio de pão por dia".[1746] Variam Shalamov também descreveu o "mito da grande ração", e Soljenitsin escreveu que "a grande ração é aquela que mata. Numa temporada carregando madeira, o mais forte dos lenhadores acabaria nas últimas, sem esperança".[1747]

Mesmo assim, a grande maioria dos relatos (reforçados, em certo grau, por provas de arquivo) falava efetivamente em evitar o trabalho. Ainda que o motivo principal não fosse em geral a mera preguiça, ou mesmo a vontade de "mostrar escárnio" pelo sistema soviético: a principal razão era a sobrevivência. Como haviam recebido agasalhos precários e comida insuficiente, e ordens para trabalhar em condições climáticas extremas com maquinaria quebrada, muitos perceberam que evitar o trabalho poderia salvar sua vida.

O relato não publicado de Zinaida Usova, uma das esposas presas em 1938, ilustra magnificamente de que modo os prisioneiros chegavam a essa conclusão. Usova foi primeiro destinada a Temlag, um campo que continha principalmente mulheres como ela, esposas de destacados membros do partido e de figurões do Exército que haviam sido mortos. Com um chefe de campo relativamente condescendente e uma escala de trabalho razoável, todo mundo em Temlag trabalhava com entusiasmo. Não só a maioria era ainda de "cidadãos soviéticos leais", convencidos de que sua detenção havia sido parte de um gigantesco equívoco, mas eles também acreditavam que trabalhando duro seriam libertados mais cedo. A própria Usova "dormia e acordava pensando em trabalho, elaborando meus projetos. Um deles chegou a ser colocado em produção".

Mais tarde, porém, Usova e um grupo de outras esposas foram para outro campo, que continha também criminosos. Ali ela foi parar numa fábrica de móveis. Seu novo campo tinha cotas mais altas, mais rigorosas - as cotas "irracionais" citadas por tantos outros prisioneiros. Esse sistema, escreveu Usova, "tornava as pessoas escravas, com psicologia de escravos". Somente aqueles que atingiam a cota integralmente recebiam a ração de pão completa de 700 gramas. Os que não conseguiam, ou que simplesmente estavam incapacitados de trabalhar, ganhavam 300, o que mal dava para sobreviver.

Como compensação, os prisioneiros em seu novo campo tentavam o melhor que podiam "enganar os chefes, driblar o trabalho, fazer o mínimo possível". Com seu relativo entusiasmo pelo trabalho, os prisioneiros recém-chegados de Temlag sentiam-se como párias. "Do ponto de vista dos antigos habitantes, éramos tolos, ou uma espécie de fura-greves. Todos nos odiavam de imediato".[1748] Logo, é claro, as mulheres de Temlag adotaram as técnicas para evitar trabalho já dominadas por todos os demais. Assim, o próprio sistema realmente criava tufta, e não o contrário.

Às vezes, os prisioneiros concebiam métodos, próprios de tufta. Uma mulher polonesa trabalhava numa fábrica de processamento de peixe em Kolyma onde as únicas pessoas que alcançavam as cotas impossíveis eram aquelas que fraudavam. Os stakhanovistas eram simplesmente os "fraudadores mais

---

[1746] Razgon, p. 155.
[1747] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 218.
[1748] Usova, memórias inéditas.

hábeis": em vez de embalar todos os peixes, colocavam alguns pedaços num pote e jogavam fora o resto, fazendo isso "de modo tão hábil que o capataz nunca percebia".[1749] Enquanto ajudava a construir um banheiro coletivo no campo, Valerii Frid foi apresentado a outro truque: como camuflar rachaduras na construção com musgo em vez de preenchê-las com concreto. Ele só lamentava uma coisa nesse recurso para poupar trabalho: "E se um dia eu tivesse que tomar banho nesse banheiro? Depois de um tempo, o musgo seca, e então o vento frio sopra pelas rachaduras".[1750]

Evgeniya Ginzburg também descreveu como ela e sua então parceira lenhadora, Galya, finalmente arrumaram um jeito de atingir sua cota impossível de derrubada. Percebendo que uma de suas colegas sempre conseguia alcançar a cota, "apesar de trabalhar sozinha com um serrote de uma só empunhadura", elas lhe perguntaram como ela fazia:

> Quando a gente a pressionou mais, ela olhou furtivamente de lado e então contou:
>
> "Essa floresta está cheia de pilhas de madeira cortada por turmas de trabalho anteriores. Nunca ninguém contou quantas são".
>
> "Ê, mas qualquer um pode ver que elas não foram cortadas recentemente..."
>
> "A única maneira pela qual se consegue ver isso é pela cor mais escura da seção cortada. Se você corta uma pequena seção de cada ponta, parece que acabou de ser cortada. Então a gente as empilha em outro lugar, e já tem a 'cota' ".
>
> Esse truque, que a gente batizou de "refrescar os sanduíches", salvou nossas vidas durante aquele período... Posso acrescentar que não sentimos o menor remorso...[1751]

Thomas Sgovio também passou um tempo numa brigada de corte de madeira em Kolyma que, simplesmente, nunca fez absolutamente nada:

> Durante a primeira parte de janeiro, meu parceiro Levin e eu não derrubamos uma única árvore. Nem qualquer dos outros na brigada de derrubada. Havia muitas pilhas de toras na floresta. Nós escolhíamos uma ou duas, limpávamos a neve de cima e sentávamos à beira do fogo. Nem era preciso limpar a neve, porque não houve uma única vez durante o primeiro mês em que um brigadeiro, capataz ou supervisor viesse checar a produção de nosso trabalho.[1752]

Outros usavam contatos ou relações para achar um jeito de lidar com incumbências de trabalho impossíveis. Um prisioneiro de Kargopollag pagou outro - o pagamento assumiu a forma de um naco de toucinho - para que lhe ensinasse a cortar árvores de maneira mais eficaz, para poder assim alcançar a cota, e até descansar às tardes.[1753] Outro prisioneiro com a incumbência de

---

[1749] Karta, Coleção Kazimierz Zamorski, Teczka I, Arquivo 6107 (Haling Storozuk).
[1750] Frid, pp. 134-36.
[1751] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, p. 416.
[1752] Sgovio, pp. 167-75.
[1753] S. Fomchenko, "Pervye desyat", em Uroki, p. 225.

garimpar ouro em Kolyma, pagou um suborno para receber uma tarefa mais fácil, ficando numa pilha de escória em vez de em pé na água.[1754]

Com maior freqüência, a tufta era organizada no nível das brigadas de trabalho, pois os brigadeiros eram capazes de adulterar o número de prisioneiros que haviam trabalhado. Um ex-zek descreveu como seu brigadeiro lhe permitiu declarar que havia completado 60% da cota, quando na verdade ele não era capaz de fazer praticamente nada.[1755] Já outro prisioneiro relatou como seu brigadeiro negociou com as autoridades do campo para que as cotas de sua brigada fossem menores, já que todos os seus trabalhadores estavam morrendo.[1756] Havia ainda outros brigadeiros que recebiam subornos, como Yuri Zorin, ele próprio um brigadeiro, admitiu: "Ali, nos campos, existem leis internas que podem não ser compreendidas por aqueles que vivem fora da zona", foi como ele diplomaticamente abordou o assunto.[1757] Leonid Trus lembrou que seus brigadeiros de Norilsk simplesmente "decidiam qual de seus trabalhadores merecia melhor comida e paga que os outros", sem dar a mínima atenção para o que haviam conseguido efetivamente. Suborno e lealdades de clã determinavam a "produção" de um prisioneiro.

Do ponto de vista do zek, os melhores brigadeiros eram aqueles capazes de organizar tufta em grande escala. Trabalhando num canteiro nos Urais, ao norte, no final da década de 1940, Lev Finkelstein foi parar numa brigada cujo líder idealizara um sistema altamente complexo de fraude. De manhã, a equipe descia para o cânion. Os guardas ficavam em cima, na beirada, onde passavam o dia sentados em volta de fogueiras para se aquecer. Ivan, o brigadeiro líder, organizava então a tufta:

> A gente sabia exatamente que partes do fundo do cânion eram visíveis lá de cima, e esse era nosso truque... nas partes visíveis do fundo, a gente ficava cortando com força o muro de pedra. A gente estava trabalhando e havia muito barulho - os guardas podiam tanto ver como ouvir. Então, Ivan andava ao longo da fila... e dizia, "Um para a esquerda" - e cada um de nós dava um passo à esquerda. Os guardas nunca perceberam.
>
> Então a gente dava um passo à esquerda, outro, mais um, até que o último passasse para a zona invisível - a gente sabia onde ela ficava, havia um risco de giz no chão. Assim que entrávamos na zona invisível, relaxávamos, sentávamos no chão, pegávamos um machado e batíamos no chão perto da gente, de maneira relaxada, só para produzir o barulho. Então alguém mais se juntava, e outro, e assim por diante. Então Ivan dizia - "Você: para a direita!" - e o homem ia e se juntava ao ciclo de novo. Nenhum de nós nunca trabalhou nem meio expediente.

Em outro ponto em sua carreira no campo, Finkelstein também trabalhou cavando um canal. Ali, a tufta era diferente, mas não menos sofisticada: "O mais importante era mostrar que a turma havia preenchido sua cota". Pedia-se aos trabalhadores que trabalhassem, mas deixando intacto "um pequeno poste, uma pilha, mostrando que altura a gente tinha cavado naquele turno, que

---

[1754] P. Galitskii, "Étogo Zobyt Nelzya", em Uroki, pp. 83-88.
[1755] Samsonov, Zhiznprodolzhaetsya, pp. 70-71.
[1756] Maksimovich, pp. 91-100.
[1757] Zorie, entrevista com a autora.

profundidade a gente tinha cavado". Embora as cotas fossem muito pesadas, "havia artistas, verdadeiros artistas, que conseguiam encompridar esse poste, a altura dele. É inacreditável, ele havia sido cortado da terra, portanto seria imediatamente visível se alguém falseasse sua altura, e no entanto esta era falseada da maneira mais artística. Então, é claro, a turma toda conseguia o jantar stakhanovista".[1758]

Tais talentos especiais nem sempre eram necessários. Em certa ocasião, Leonid Trus foi incumbido de descarregar vagões de bens: “Nós simplesmente anotávamos que havíamos carregado os bens mais longe do que fora na verdade, digamos trezentos metros, em vez de dez metros". Por isso, eles recebiam melhores rações de comida. "A tufta era constante", disse ele a respeito de Norilsk; "sem ela, não teria havido absolutamente nada."

A tufta podia também ser organizada em escalões mais altos da hierarquia administrativa, por meio de cuidadosa negociação entre brigadeiros e definidores de cotas, os funcionários do campo cuja função era determinar quanto uma brigada devia ou não ser capaz de conseguir num dia. Definidores de normas, assim como os brigadeiros, eram muito inclinados a favoritismo e suborno - assim como a caprichos. Em Kolyma, no fim da década de 1930, Olga Adamova-Sliozberg viu-se designada brigadeira, chefe de uma brigada de mulheres cavadoras de trincheiras composta em sua maioria por prisioneiras políticas, todas enfraquecidas por longas sentenças na prisão. Quando, após três dias de trabalho, elas haviam completado apenas 3% da cota, ela foi até o definidor de cotas e implorou uma incumbência mais fácil. Depois de ouvir que a fraca brigada era composta de antigos membros do partido, seu rosto ficou sombrio.

> "Ah, quer dizer que vocês são antigos membros do partido? Bom, se fossem prostitutas, eu ficaria satisfeita de deixá-las lavando janelas e fazê-las completar três vezes a cota. Quando membros do partido em 1929 decidiram me punir por ser uma kulak e me expulsaram, eu e meus seis filhos, de nossa casa, eu lhes disse: 'O que foi que as crianças fizeram afinal?' E me responderam 'E a lei soviética'. Então, aqui estão vocês agora, podem se aferrar à sua lei soviética e cavar nove metros cúbicos de barro por dia".[1759]

Quem definia as cotas também estava ciente da necessidade de preservar a força de trabalho em certas épocas - quando, por exemplo, o campo tinha sido criticado por seu alto índice de mortalidade, ou quando o campo era um daqueles do extremo norte que só podiam conseguir trabalhadores de reposição uma vez a cada estação. Nessas circunstâncias, eles podiam de fato baixar a cota, ou fazer vista grossa quando ela não era preenchida. Essa prática era conhecida no campo como "esticar a cota" e era amplamente disseminada.[1760] Um prisioneiro trabalhou numa mina que exigia que os prisioneiros cavassem 5,5 toneladas de carvão por dia, uma tarefa impossível. Sensato, o engenheiro-chefe da mina - um trabalhador livre - tentou descobrir quantos prisioneiros podiam cumprir a cota diária, e simplesmente disse a seus definidores de cotas que se baseassem nisso para suas decisões, fazendo um rodízio de trabalhadores entre todos os prisioneiros, de modo que todos

---

[1758] Finkelstein, entrevista com a autora.
[1759] Adamova-Sliozberg, pp. 50-51.
[1760] Rossi, The Gulag Hebook, pp. 247 e 255.

recebessem mais ou menos a mesma quantidade de comida.[1761]

O suborno também funcionava hierarquia acima, às vezes através de uma longa cadeia de pessoas. Aleksandr Klein estava num campo no final da década de 1940, numa época em que foram introduzidos pequenos salários para estimular zeks a trabalhar mais:

> Depois de receber o dinheiro que havia ganhado (não era muito) o trabalhador deu uma propina ao brigadeiro. Isso era obrigatório: o brigadeiro então linha de dar propina ao capataz e ao definidor de cotas, que determinavam que cota havia sido preenchida pela brigada... além dessas, o capataz e os brigadeiros tinham que dar propinas ao naryadshchick, o atribuidor de tarefas. Os cozinheiros também pagavam propinas ao cozinheiro-chefe, e os trabalhadores nas casas de banhos, ao diretor da casa de banhos.

Em média, escreveu Klein, ele perdia metade de seu "salário". As conseqüências para aqueles que não pagassem podiam ser terríveis. Os internos que não tinham como pagar eram automaticamente rebaixados por terem conseguido uma porcentagem mais baixa da cola, e portanto recebiam menos comida. Brigadeiros que não queriam pagar sofriam coisas piores. Um deles, escreveu Klein, foi morto na sua (-ama. Sua cabeça foi esmagada com uma pedra - e os que estavam dormindo em volta dele nem acordaram.[1762]

A tufta também afetou a manutenção de estatísticas em todos os níveis da vida do campo. Os comandantes do campo e os contadores do campo com freqüência alteravam números para se beneficiarem, conforme as dúzias de comunicações de furto mantidas nos arquivos da inspetoria. Qualquer um que tivesse uma conexão, mesmo que remota, com algum campo roubava comida, dinheiro, o que houvesse para roubar: em 1942, a irmã do antigo chefe da divisão de ferrovias dos campos em Dzhezkazgan, Casaquistão, foi acusada de ter "ilegalmente removido alguns produtos alimentícios", e estar envolvida em especulação. Num lagpunkt em 1941, o comandante do campo e o contador chefe "usaram seu status profissional" para criar uma falsa conta, permitindo-lhes drenar os fundos do campo. O comandante roubou 25 mil rublos, o contador, 18 mil, uma fortuna em termos soviéticos. Mas as quantias não eram sempre altas assim: um grosso processo contra Siblag, contendo relatórios da promotoria de 1942 a 1944, inclui, entre outras coisas, uma longa série de cartas contando uma forte discussão sobre um empregado do campo que supostamente teria roubado duas travessas de ferro, uma chaleira esmaltada, um cobertor, um colchão, dois lençóis, dois travesseiros e duas fronhas.[1763]

Do roubo, não havia um salto moral tão grande assim para contar lorotas a respeito das estatísticas de produção. Se a tufta começava no nível da brigada, e era desenvolvida no nível do lagpunkt, no período em que os contadores nos campos maiores estavam calculando estatísticas totais de produção os números já estavam muito distantes da realidade e davam, como veremos, idéias muito enganadoras sobre a real produtividade dos campos, que era provavelmente muitíssimo baixa.

---

[1761] Maksimovich, pp. 91-100.
[1762] Klein, Ulybki nevoli, pp. 60-61 e 73.
[1763] GARF, 8131/37/1261, 797, e 1265.

Na verdade, é quase impossível saber como encarar os dados de produção do Gulag, tal o grau de mentira e fraude. Por essa razão, fico sempre desorientada diante dos relatórios anuais cuidadosamente detalhados do Gulag, como o produzido em março de 1940. Com mais de 124 páginas, esse impressionante documento traz os dados de produção de dúzias de campos, listando cuidadosamente cada um por especialidade: os campos de madeira, os campos fabris, as minas, as fazendas coletivas. O relatório é acompanhado de muitos gráficos e cálculos, e várias espécies diferentes de dados. Como conclusão, o autor do relatório declarou confiante que o valor total da produção do Gulag em 1940 foi de 2.659.500 milhões de rublos - um valor que deve, nessas circunstâncias, ser considerado completamente sem significado.[1764]

**Pridurki: cooperação e colaboração**

A tufta não era o único método que os prisioneiros usavam para transpor a distância entre as cotas impossíveis que deviam cumprir e as impossíveis rações de comida que recebiam. Também não era a única ferramenta usada pelas autoridades para cumprir suas próprias metas de produção impossíveis. Havia outras maneiras de convencer os prisioneiros a cooperar, como Isaak Filshtinskii brilhante e memoravelmente descreve no primeiro capítulo de suas memórias, Marchamos sob escolta. Filshtinskii começa sua história num de seus primeiros dias em Kargopollag, o campo de corte de madeira e construção que fica a norte de Arkhangelsk. Recém-chegado, encontrou outro novato, uma jovem mulher. Ela fazia parte de um contingente feminino que havia sido temporariamente agregado à sua brigada. Percebendo sua "aparência tímida e assustada" e suas roupas de campo esfarrapadas, ele se deslocou para perto dela na fila de prisioneiros. Sim, disse ela, respondendo à sua pergunta, "cheguei ontem numa transferência da prisão". Começaram a conversar. Ela tinha o que Filshtinskii descreveu como "para aquela época, uma história pessoal bastante banal". Era artista, tinha 26 anos de idade. Era casada e tinha um filho de três anos. Tinha sido presa porque "dissera isso e aquilo para uma artista amiga, e a amiga a delatara". Como o pai dela também havia sido preso em 1937, ela foi logo presa por promover propaganda anti-soviética.

Enquanto falavam, a mulher, ainda espiando em volta com olhar assustado, segurou no braço de Filshtinskii. Tais contatos eram proibidos, mas felizmente os guardas não perceberam. Quando chegaram ao local de trabalho, os homens e as mulheres foram divididos, mas na volta para casa a jovem artista encontrou Filshtinskii de novo. Durante a semana e meia seguinte, eles caminharam para lá e para cá pela floresta juntos, ela contando-lhe de suas saudades de casa, do marido que a abandonara, do filho que talvez ela não visse mais. Então a brigada de mulheres foi separada da brigada dos homens em definitivo, e Filshtinskii perdeu contato com sua amiga.

Passaram-se três anos. Era um dia quente - coisa rara no extremo norte - quando Filshtinskii viu de novo a mesma mulher. Desta vez ela estava vestindo "uma jaqueta nova, bem ajustada a seu tamanho e a sua figura". Em vez do boné esfarrapado de prisioneiro, usava uma boina. Em vez das botas gastas de prisioneiro, usava sapatos. Seu rosto estava mais redondo, sua aparência era mais vulgar. Quando abriu a boca, falou na pior gíria possível, e seu linguajar

---

[1764] GARF, 9414/1/28.

"demonstrava longos e duradouros laços com o mundo do crime daquele campo". Ao ver Filshtinskii, uma expressão de horror tomou conta de seu rosto. Ela virou-se e foi embora, "quase correndo".

Quando Filshtinskii a encontrou pela terceira e última vez, a mulher estava vestida no que lhe pareceu ser "a última moda da cidade". Estava sentada atrás de uma escrivaninha de chefe, e já não era mais uma prisioneira. Estava agora casada com o major L, um administrador de campo famoso por sua crueldade. Ela se dirigiu a Filshtinskii rudemente, e não estava mais constrangida de falar com ele. A metamorfose tinha sido completa: ela passara de prisioneira a colaborado-ra, e depois de colaboradora a chefe de campo. Havia primeiro adotado a gíria do mundo do crime, depois sua vestimenta e seus hábitos. Seguindo esse caminho, tinha finalmente conseguido o status privilegiado das autoridades do campo. Filshtinskii sentiu que "não tinha mais nada a lhe dizer" - embora, ao deixar a sala, ele tenha se voltado de novo para ela. Seus olhos se encontraram por um instante, e ele achou ter percebido nos olhos dela um lampejo de "ilimitada melancolia" e um comecinho de choro.[1765]

O destino desta conhecida de Filshtinskii pode ser reconhecido por aqueles leitores familiarizados com os sistemas de outros campos. Ao descrever os campos nazistas, o sociólogo alemão Wolfgang Sofsky escreveu que "o poder absoluto c uma estrutura, não uma posse". Com isso, queria dizer que o poder nos campos alemães não era uma simples questão de uma pessoa controlar a vida de outras. Ao contrário, "transformando um pequeno número de vítimas em cúmplices, o regime apagou a distinção entre pessoal e internos".[1766] Embora a brutalidade que predominava no Gulag fosse diferente, em sua organização e em seus eleitos, os campos nazistas e soviéticos eram semelhantes nesse ponto: o regime soviético também fez o mesmo uso dos prisioneiros, tentando alguns a colaborarem com o sistema repressivo, elevando-os em relação aos outros e garantindo-lhes privilégios que lhes permitiram, por sua vez, ajudar as autoridades a exercerem seu poder. Não é por acaso que Filshtinskii concentrou-se, em sua história, no guarda-roupa cada vez melhor de sua conhecida: nos campos, onde tudo estava em crônica escassez, pequenas melhoras no vestir ou na comida ou nas condições de vida eram suficientes para persuadir os prisioneiros a cooperar, a lutar para melhorar. Esses prisioneiros que eram bem-sucedidos eram chamados depridurki, ou "de confiança". E depois que obtinham esse status, sua vida no campo melhorava numa miríade de pequenas maneiras.

Soljenitsin, que retoma várias vezes a questão dos presos de confiança, descreve sua obsessão por pequenos privilégios e favores em O Arquipélago Gulag:

> Por causa do habitual e mentalmente estreito apego da espécie humana à casta, logo se tornou inconveniente para os presos de confiança dormirem no mesmo alojamento como internos comuns, nos mesmos beliches, ou mesmo, na verdade, em qualquer beliche que fosse, ou qualquer lugar exceto uma cama, ou comer na mesma mesa, despir-se no mesmo banheiro, ou vestir a mesma roupa de baixo que os internos haviam suado e deixado puída...

---

[1765] Filshtinskii, pp. 15-22.
[1766] Sofsky, p. 130.

Embora reconhecendo que "todas as classificações neste mundo careciam de limites precisos", Soljenitsin fez o melhor possível para descrever a hierarquia dos presos de confiança. No nível mais inferior, explica ele, estavam os "trabalhadores de confiança": os presos engenheiros, projetistas, mecânicos e geólogos. Ranqueados logo acima deles vinham os prisioneiros capatazes, planejadores, definidores de cotas, superintendentes de construção, técnicos. Ambos esses grupos tinham de fazer fila e ser contados de manhã, e marchavam para o trabalho em comboio. Por outro lado, não faziam trabalho braçal e portanto não estavam "profundamente exaustos" no final do dia; isso os tornava mais privilegiados do que os prisioneiros em trabalhos gerais. Os "presos mistos" eram ainda mais privilegiados. Eram prisioneiros que nunca deixavam a zona durante o dia. Segundo Soljenitsin:

> Um trabalhador nas oficinas do campo tinha uma vida muito melhor e mais fácil do que o interno em trabalhos gerais: ele não tinha de sair para lazer fila, e isso significava que ele podia levantar e tomar o café mais tarde; não unha de marchar em comboio para o local de trabalho e na volta; havia menos rigor, menos frio, menos energia gasta; além disso, seu expediente terminava mais cedo; e seu trabalho ou era num local aquecido ou num local em que o aquecimento estava à mão... "Alfaiate" num campo soa como e quer dizer algo como "Professor assistente" aqui fora na liberdade.[1767]

Na hierarquia dos presos mistos, os de nível mais baixo na verdade faziam trabalho braçal: atendentes da casa de banhos, trabalhadores na lavanderia, lavadores de pratos, foguistas e ordenanças, assim como aqueles que trabalhavam nas oficinas do campo, consertando roupas, sapatos e maquinaria. Num nível acima desses trabalhadores em áreas fechadas estavam os "genuínos" trabalhadores mistos, que não faziam um trabalho braçal qualquer: os cozinheiros, cortadores de pão, funcionários, médicos, enfermeiras, médicos assistentes, barbeiros, ordenanças veteranos, atribuidores de tarefas, contadores. Em alguns campos, havia até prisioneiros empregados como provadores de comida oficiais.[1768] Os deste último grupo, escreve Soljenitsin, eram "não apenas bem alimentados, vestiam boas roupas, estavam livres de levantar peso e de problemas nas costas, como tinham grande poder sobre o que era mais necessário a um ser humano, e conseqüentemente tinham poder sobre as pessoas".[1769] Esses eram os presos de confiança que tinham o poder de decidir que tipo de trabalho os presos comuns iriam fazer, quanta comida tinham de receber, e se deviam ter tratamento médico ou não - em resumo, se iriam viver ou morrer.

Diferentemente dos presos privilegiados nos campos nazistas, os prisioneiros de confiança dos campos soviéticos não precisavam pertencer a uma categoria racial particular. Em tese, qualquer um podia ascender ao status de preso de confiança - do mesmo modo que qualquer um podia se tornar um guarda de prisão - e havia muita flutuação entre os dois grupos. Embora em princípio prisioneiros comuns pudessem se tornar prisioneiros de confiança, e em princípio os prisioneiros de confiança pudessem ser rebaixados ao nível de prisioneiros comuns, havia regras complexas governando esse processo.

---

[1767] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 253, 254, e 252.
[1768] Bien, memórias inéditas.
[1769] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 252-53.

Essas regras diferiam muito de campo para campo e de época para época, embora parecesse de fato haver algumas poucas convenções que se mantinham mais ou menos constantes ao longo do tempo. Mais importante, era mais fácil tornar-se um prisioneiro de confiança se o prisioneiro fosse classificado como um prisioneiro criminoso "socialmente próximo", e não como um preso político "socialmente perigoso". Como a intrincada hierarquia moral do sistema soviético de campos decretou que os "socialmente próximos" - não só os criminosos profissionais, mas os ladrões comuns, vigaristas, assassinos e estupradores - eram mais aptos para serem reabilitados e se tornarem bons cidadãos soviéticos, eles automaticamente estavam mais próximos de receber o status de prisioneiro de confiança. E num certo sentido, os ladrões, que não tinham receio de usar brutalidade, eram os prisioneiros de confiança ideais. "Por toda parte e a toda hora", escreveu um preso político acidamente, "esses presos desfrutavam de uma confiança quase ilimitada da administração do campo e da prisão, e eram designados para aquelas ocupações leves, como trabalhar em escritórios, lojas da prisão, cantinas, salas de banho, barbearias e assim por diante".[1770] Como disse, este era particularmente o caso durante o final da década de 1930 e ao longo do período da guerra, os anos em que gangues criminosas reinaram soberanas nos campos soviéticos. Mesmo mais tarde - Filshtinskii escrevia sobre o final dos anos 1940 - a "cultura" dos prisioneiros de confiança era difícil de diferenciar da cultura dos criminosos profissionais.

Mas os criminosos prisioneiros de confiança também apresentavam um problema para as autoridades do campo. Eles não eram "inimigos" - mas tampouco eram instruídos. Em muitos casos não eram sequer alfabetizados, e não queriam ser: mesmo quando os campos montavam classes de alfabetização, eles costumavam não se dar ao trabalho de freqüentá-las.[1771] Isso deixou os chefes do campo sem outra alternativa, escreveu Lev Razgon, a não ser empregar os presos políticos: "O plano exerceu por si só uma pressão implacável que não admitia desculpas. Sob a sua influência mesmo os mais zelosos chefes de campo que expressavam o maior ódio dos prisioneiros contra-revolucionários eram obrigados a colocar prisioneiros políticos para trabalhar".[1772]

De fato, a partir de 1939, quando Beria substituiu Yezhov - e simultaneamente iniciou uma tentativa de tornar o Gulag lucrativo - as regras nunca eram claras de um jeito ou de outro. As instruções de Beria em agosto de 1939, embora explicitamente proibissem os comandantes de campo de usar presos políticos em qualquer posto administrativo, na verdade, abriam exceções. Médicos qualificados deviam ser usados em sua capacitação profissional e, sob circunstâncias especiais, também os prisioneiros sentenciados por alguns dos crimes "menores" do Artigo 58 - Seções 7, 10, 12 e 14, que incluíam a "agitação anti-soviética" (contar piadas anti-regime, por exemplo) e a "propaganda anti-soviética". Os sentenciados por "terrorismo" ou "traição à pátria", por outro lado, não deviam em tese ser empregados em nenhuma função exceto a de trabalhadores braçais.[1773] Quando a guerra eclodiu, até essa instrução foi revertida. Stalin e Molotov enviaram um circular especial autorizando a Dalstroi, "em vista da situação excepcional" a "fechar acordos

---

[1770] Petrov, pp. 48-96.
[1771] GARF, 9489/2/19.
[1772] Razgon, p. 154.
[1773] GARF, 9401/12/316.

individuais por um determinado período de tempo com engenheiros, técnicos e trabalhadores administrativos que haviam sido mandados para trabalhar em Kolyma".[1774]

Mesmo assim, os administradores de campo que tivessem presos políticos demais em tarefas de alto nível corriam o risco de ser repreendidos, e um grau de ambivalência sempre perdurou. De acordo tanto com Soljenitsin como com Razgon, acontecia às vezes portanto de prisioneiros políticos receberem "bons" empregos em áreas fechadas, como os de contador ou guarda-livros - mas apenas temporariamente. Uma vez a cada ano, quando as equipes de inspeção de Moscou estavam sendo aguardadas, eles eram demitidos de novo. Razgon desenvolveu uma teoria sobre esse procedimento:

> Um bom chefe de campo esperava a comissão chegar, deixava que fizesse o trabalho dela, e removia quem tivesse de ser removido. Não era um processo que demandasse muito tempo e qualquer um que não tivesse sido removido iria permanecer por longo tempo - por um ano, até o mês de dezembro seguinte, ou no mínimo por meio ano. Um chefe de campo menos capaz, ou mais colo, removia tais pessoas antecipadamente de modo a poder relatar que estava tudo em ordem. Os piores chefes de campo, aqueles que tinham menos experiência, conscienciosamente cumpriam as ordens de seus superiores e não permitiam que pessoas condenadas pelo Artigo 58 trabalhassem com outro instrumento a não ser a picareta e o carrinho de mão, o serrote e o machado. Esses chefes de campo eram os menos bem-sucedidos. Eram rapidamente demitidos.[1775]

Na prática, as regras simplesmente eram insensatas. Como prisioneiro político em Kargopollag, Filshtinskii estava estritamente proibido de freqüentar um curso de tecnologia florestal para prisioneiros. No entanto, tinha permissão para ler os livros do curso, e depois de passar no exame, estudando por conta própria, podia também trabalhar como especialista em florestamento.[1776] Enquanto isso, Y K. Yasnyi, também prisioneiro político no final da década de 1940, trabalhava como engenheiro em Vorkuta sem que isso causasse qualquer controvérsia.[1777] Nos anos pós-guerra, à medida que os grupos nacionais mais fortes começaram a causar impacto no campo, a soberania dos criminosos passou a ser com freqüência suplantada por aquela dos prisioneiros mais bem organizados, geralmente ucranianos e baltos. Os que estavam nos melhores postos - o capataz e os supervisores - podiam cuidar e de fato cuidavam de si mesmos, e distribuíam outros cargos bons para prisioneiros políticos que fossem seus conterrâneos.

Mas em nenhum momento os prisioneiros tiveram poder total de distribuir cargos de confiança. A administração do campo dava a última palavra a respeito de quem iria se tornar prisioneiro de confiança, e a maioria dos comandantes do campo inclinava-se a dar os trabalhos de confiança mais amenos àqueles que se dispunham a colaborar mais abertamente - em outras palavras, a delatar. Aliás, é difícil saber quantos informantes o sistema empregava. Embora o Estado russo tenha disponibilizado o resto dos arquivos

---

[1774] GARF, 8131/37/356.
[1775] Razgon, pp. 222-31; Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, p. 255.
[1776] Filshtinskii, pp. 120-21.
[1777] Yasnyi, pp. 50-51.

da administração do Gulag, foram mantidos inacessíveis os documentos sobre a "Terceira Divisão", a divisão do campo responsável pelos informantes. O historiador russo Viktor Berdinskikh, em seu livro sobre Vyatlag, cita alguns números sem nomear a fonte: "Na década de 1920, a liderança da OGPU se propôs a tarefa de ter não menos do que 25% de informantes entre os prisioneiros do campo. Nas décadas de 1930 e 40, esse número planejado foi baixado para 10%". Mas Berdinskikh também concorda que uma aferição real dos números é "complicada" sem um melhor acesso aos arquivos.[1778]

Outro aspecto é que não há muitos memorialistas que admitam abertamente terem sido informantes, embora alguns admitam terem sido recrutados. Claramente, prisioneiros que atuaram como informantes na prisão (ou mesmo antes de sua detenção) chegavam ao campo com uma notificação de sua disposição para cooperar já em seus prontuários. Outros, ao que parece, eram abordados logo após sua chegada ao campo, quando ainda estavam extremamente desorientados e com medo. Em seu segundo dia no campo, Lèonid Trus foi levado até o comandante - conhecido na gíria do campo como o kum, o recrutador de informantes -, que lhe pediu para cooperar. Sem entender de fato o que lhe estava sendo pedido, ele recusou. Isso, ele acha, foi a razão pela qual foi inicialmente incumbido de um trabalho braçal difícil, uma tarefa de baixo status segundo os padrões do campo. Berdinskikh também cita a partir de suas próprias entrevistas e correspondência com antigos prisioneiros:

> No primeiro dia na zona, os recém-chegados eram chamados diante do kum. Eu também fui chamado para me apresentar ao kum. Lisonjeiro, ardiloso, adulador, ele aproveitou o fato de o acidente de carro pelo qual fui sentenciado (dez anos no campo, mais três anos sem direitos legais plenos) não ser vergonhoso (não era roubo, assassinato ou algo semelhante) e propôs que eu fosse informante - que virasse um delator. Eu educadamente recusei e não assinei a proposta do kum.

Embora o kum o xingasse, esse prisioneiro não foi mandado para as celas de castigo. Ao voltar para seu alojamento, viu que ninguém queria chegar perto dele: sabendo que tinham lhe proposto que fosse delator, vendo que não tinha apanhado nem sido punido, os outros prisioneiros passaram a supor que ele havia aceitado.[1779]

Talvez a mais famosa exceção à quase universal recusa em admitir ter sido informante seja, de novo, Alexander Soljenitsin, que descreve exaustivamente seu flerte com as autoridades do campo. Ele data seu primeiro momento de fraqueza nos primeiros dias no campo, quando ainda lutava para se acostumar à sua abrupta perda de status. Quando convidado a falar com o comandante, foi introduzido numa "pequena e bem mobiliada sala" onde um rádio tocava música clássica. Depois de educadamente perguntar-lhe se estava confortável e bem ajustado à vida do campo, o comandante perguntou-lhe: "Você ainda é uma pessoa soviética?" Depois de hesitar, Soljenitsin concordou que era.

Mas embora confessar ser "soviético" fosse equivalente a confessar que desejava colaborar, Soljenitsin inicialmente declinou o convite para informar. Foi então que o comandante mudou de tática. Ele desligou a música e começou a falar com Soljenitsin sobre os criminosos do campo, perguntando

---

[1778] Berdinskikh, p. 113.
[1779] Ibid.,pp. 113-14.

como ele se sentiria se sua mulher em Moscou fosse atacada por algum que tivesse conseguido fugir. Finalmente, Soljenitsin concordou que se ouvisse algum deles planejando uma fuga, ele iria contar. Ele assinou uma petição, prometendo relatar quaisquer notícias de fuga às autoridades, e escolheu um pseudônimo conspiracional: Vetrov. "Essas seis letras", escreve ele, "estão gravadas em vergonhosos sulcos na minha memória."[1780]

Por sua própria iniciativa, Soljenitsin nunca chegou a delatar. Quando preso de novo em 1956, ele diz que se recusou a assinar qualquer coisa. Mesmo assim, sua promessa inicial foi suficiente para mantê-lo, enquanto esteve no campo, em um dos postos de confiança, para que morasse nos quarteirões especiais para prisioneiros de confiança, para que pudesse se vestir e se alimentar ligeiramente melhor do que os outros presos. Essa experiência "me encheu de vergonha", escreveu ele - e sem dúvida provocou seu desdém por todos os prisioneiros de confiança.

Na época de sua publicação, a descrição que Soljenitsin fez dos prisioneiros de confiança do campo era controvertida - e ainda é. Como sua descrição dos hábitos de trabalho dos internos, ele também acendeu um debate no mundo dos sobreviventes dos campos e dos historiadores, que prossegue até hoje. Todos os memorialistas clássicos e mais amplamente lidos foram prisioneiros de confiança num momento ou noutro: Evgeniya Ginzburg, Lev Razgon, Variam Shalamov, Soljenitsin. Pode muito bem ser, como alguns afirmam, que a maior parte de todos os presos que sobreviveram a longas sentenças tenham sido prisioneiros de confiança em algum ponto de sua trajetória no campo. Uma vez encontrei um sobrevivente que me contou sobre uma reunião de velhos amigos de um campo, da qual ele participou. O grupo dedicava-se a reminiscências, e riam de velhas histórias do campo, quando um deles olhou em volta da sala e compreendeu o que era que os mantinha juntos, o que tornava possível para eles rir do passado em vez de chorar: "Todos nós havíamos sido pridurki".

Não há dúvida de que muitas pessoas sobreviveram porque foram capazes de conseguir postos de confiança em locais fechados, escapando assim do horror do trabalho geral. Mas será que isso sempre levou a uma colaboração ativa com o regime do campo? Soljenitsin sentia que sim. Mesmo aqueles prisioneiros de confiança que não eram informantes podiam, ele alegou, ainda ser descritos como colaboradores. "Que posição de prisioneiro de confiança", pergunta ele, "não envolvia de fato dar crédito aos chefes e participar do sistema geral de compulsão?"

Às vezes a colaboração era indireta, explicou Soljenitsin, mas mesmo assim prejudicial. Os "trabalhadores de confiança" - definidores de cotas, guarda-livros, engenheiros - não torturavam de fato pessoas, mas todos eles participaram de um sistema que forçou prisioneiros a trabalharem até morrer. O mesmo era verdade no que se refere aos "presos de confiança mistos": datilografes vazavam ordens do comando do campo. Cada cortador de pão que era capaz de roubar uma fatia para si pode ser acusado de privar um trabalhador zek na floresta de sua porção integral, escreveu Soljenitsin: "Quem foi que subtraiu peso do pão de Ivan Denisovich? Quem roubou seu açúcar umedecendo-o com água? Quem impediu que banha, carne, os bons cereais

[1780] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. II, pp. 360-66.

fossem parar na panela comum?"[1781]

Outros se sentiam do mesmo jeito. Uma ex-zek escreveu que tinha deliberadamente ficado com a incumbência do trabalho geral por nove anos a fim de evitar cair nos relacionamentos corruptos que eram necessários para permanecer num posto de confiança.[1782] Dimitri Panin (que, como escrevi, conheceu Soljenitsin nos campos e aparece em seu romance O primeiro círculo) também confessou que ficou muito embaraçado com as duas semanas em que pegou uma tarefa leve na cozinha do campo: "Pior ainda era a percepção de que eu estava roubando comida de outros prisioneiros. Eu tentava me confortar pensando que quando um homem é reduzido à condição em que eu estava então, ele não se preocupa com ninharias; mas isso não aliviava meu sentimento de ter feito uma coisa errada, e quando eles me expulsaram da cozinha, eu na verdade fiquei feliz."[1783]

Frontalmente oposto a Soljenitsin - como muitos outros o roram e são - estava Lev Razgon, um escritor que se tornou, nos anos 1990, uma autoridade quase igualmente grande sobre o Gulag dentro da Rússia. Quando estava nos campos, Razgon foi um definidor de cotas, um dos mais altos postos de confiança. Razgon argumentou que, para ele e para muitos outros, tornar-se um prisioneiro de confiança era simplesmente uma questão de escolher viver. Particularmente nos anos da guerra, "era impossível sobreviver se você estivesse derrubando árvores". Só lavradores sobreviviam: "aqueles que sabiam como afiar e usar ferramentas, e aqueles a quem era dado trabalho agrícola conhecido para fazer, que podiam compor sua dieta com batatas roubadas, raízes ou qualquer outra espécie de legumes".[1784]

Razgon não acredita que fosse imoral escolher a vida, nem que aqueles que fizeram isso "não eram melhores que as pessoas que os prenderam". Ele também contestou o retrato venal que Soljenitsin fez dos prisioneiros de confiança. Assim que ficavam em postos mais confortáveis, muitos prisioneiros de confiança ajudavam rotineiramente outros prisioneiros:

> Não é que eles fossem indiferentes aos Ivan Denisoviches que iam lá fora derrubar madeira ou que se sentissem alheios a eles. Simplesmente não podiam ajudar aqueles que não sabiam fazer nada além do trabalho braçal. E mesmo entre esses últimos eles procuraram e acharam pessoas com os mais inesperados talentos: aqueles que sabiam como fazer arcos e flechas e barricas eram mandados para o posto avançado onde eram produzidos esquis; aqueles que sabiam fazer cestos começaram a fabricar poltronas, cadeiras e sofás de vime para os chefes.[1785]

Assim como havia bons guardas e maus guardas, Razgon argumenta, também havia ali bons e maus prisioneiros de confiança, pessoas que ajudavam outras pessoas, pessoas que as machucavam. E no final das contas, eles não estavam mais seguros do que as pessoas que vinham abaixo deles na hierarquia. Se não estavam sendo obrigados a trabalhar até morrer, sabiam

---

[1781] Ibid., pp. 260-61.
[1782] Mukhina-Petrinskaya.
[1783] Panin, p. 176.
[1784] Razgon, p. 153.
[1785] Ibid., p. 156.

que isso logo poderia acontecer. A qualquer momento, o chefe de algum campo distante poderia ordenar uma transferência para levá-los embora até outro campo, outro posto, outro destino mortal.

**Sanchast: hospitais e Médicos**

Dos vários absurdos encontrados na vida do campo, talvez o mais estranho fosse também um dos mais mundanos: o médico do campo. Cada lagpunkt tinha um. Se não houvesse suficientes médicos treinados, então no mínimo o lagpunkt deveria ter uma enfermeira ou feldsher, um médico assistente que poderia ter recebido ou não treinamento médico. Como anjos da guarda, o pessoal médico tinha o poder de recolher os internos do frio, depositá-los em hospitais de campo limpos, onde poderiam ser alimentados e cuidados para retornarem a vida. Todos os demais - os guardas, o comandante do campo, os brigadeiros _ constantemente diziam aos zeks para trabalhar mais duro. Só o médico não era obrigado a fazer isso. "Só o médico", escreveu Varlam Shalamov, "tinha a autoridade de poupar o preso de sair lá fora no meio da branca neblina do inverno até chegar à parede de pedra melada da mina para ficar lá muitas horas do dia."[1786]

Alguns internos eram literalmente salvos graças a algumas poucas palavras de um médico. Ardendo de febre, reduzido ao esqueleto, torturado por fome, Lev Kopelev recebeu de uma médica o diagnóstico de que estava com pelagra, uma infecção intestinal, e um resinado muito forte. "Estou mandando você para o hospital", declarou ela. Não foi uma viagem fácil do lagpunkt até o hospital central do campo, o sanchast. Kopelev abriu mão de todos os seus pertences - partindo do pressuposto de que todos os pertences do campo devem permanecer no campo -, marchou por "poças fundas e geladas" e se amontoou num carro de bois com outros prisioneiros doentes e moribundos. A viagem foi infernal. Mas quando ele acordou em seu novo ambiente, encontrou sua vida transformada:

> Numa agradável sonolência, encontrava-me num quarto de hospital claro e limpo, num beliche coberto com um lençol incrivelmente limpo... O doutor era um homem pequeno, de rosto arredondado, cujo bigode cinza e cujos óculos de lentes grossas lhe davam um ar de bondade e preocupação. "Em Moscou", ele perguntou, "você conheceu uma crítica literária chamada Motylova?"
>
> "Tamara Lazarevna Motylova? É claro!" "É minha sobrinha."
>
> Tio Borya, o nome pelo qual vim a conhecê-lo, olhou para o termômetro. "Oh, oh! Dê-lhe banho", ele disse a seu assistente. "Mande ferver suas roupas. Ponha-o na cama".

Ao acordar de novo, Kopelev descobriu que haviam trazido para ele seis pedaços de pão: "Três pedaços de pão preto e – miraculosa visão! Três pedaços de pão branco! Comi-os com avidez, os olhos cheios de lágrimas". Melhor ainda, recebeu rações antipelagra: nabos e cenouras, além de levedura e mostarda para passar no pão. Ele foi pela primeira vez autorizado a receber pacotes e dinheiro de casa, e com isso conseguiu comprar batatas cozidas, leite e makhorka, a forma mais barata de tabaco. Tendo sido, ao que parecia,

---

[1786] Shalamov, Kolyma Tales, p. 405.

condenado a uma morte em vida, ele compreendeu que estava agora destinado a ser salvo.[1787]

Essa era uma experiência comum. "Paraíso" é como Evgeniya Ginzburg chamou o hospital onde ela trabalhou em Kolyma.[1788] "Nos sentíamos como reis", escreveu Thomas Sgovio a respeito dos "alojamentos de recuperação" no lagpunkt de Srednikan, onde ele recebeu "um pãozinho fresco e doce de manhã".[1789] Outros rememoram com espanto os lençóis limpos, a bondade das enfermeiras, os extremos a que chegavam os médicos para salvar seus pacientes. Um prisioneiro conta a história de um médico que, arriscando a própria posição, deixou o campo ilegalmente para providenciar os medicamentos necessários.[1790] Tatyana Okunevskaya escreveu que seu médico "trazia os mortos de volta à vida".[1791] Vadim Aleksandrovich, ele próprio um médico de campo, lembrou que: "O doutor e seu assistente nos campos são, se não deuses, então semideuses. Sobre eles paira a possibilidade de alguns poucos dias livres do trabalho mortífero, e mesmo a possibilidade de ser mandado para um sanatório".[1792]

Janos Rozsas, um húngaro de dezoito anos que foi parar no mesmo campo de Alexander Soljenitsin depois da guerra, escreveu um livro intitulado Irmã Dusya, em homenagem à enfermeira do campo que ele acredita ter salvado sua vida. A irmã Dusya do título não apenas conversou com ele, convencendo-o de que era impossível que ele morresse estando sob os cuidados dela, mas ainda negociou a própria ração de pão a fim de obter leite para Rozsas, que só conseguia digerir pouquíssima comida. Ele foi-lhe grato pelo resto de sua vida: "Eu evoco em minha mente dois rostos amados, o distante rosto de minha mãe natural e o rosto da irmã Dusya. Eles são espantosamente semelhantes... Disse a mim mesmo que se viesse algum dia a esquecer o rosto de minha mãe, eu só precisaria pensar no rosto da irmã Dusya, e por intermédio dela eu sempre veria minha mãe".[1793]

A gratidão de Rozsas pela irmã Dusya acabou transferida para um amor pela língua e pela cultura russas. Quando encontrei Rozsas em Budapeste meio século após sua libertação, ele ainda falava um russo elegante, fluente, ainda mantinha contato com amigos russos, e orgulhosamente me contou onde poderia encontrar as referências à sua história em O Arquipélago Gulag e nas memórias da esposa de Soljenitsin.[1794]

Mesmo assim havia, como muitos também notaram, outro paradoxo atuante nos campos. Quando um prisioneiro com escorbuto leve estava na brigada de trabalho, ninguém dava atenção aos seus dentes bambos ou aos furúnculos em suas pernas. Suas queixas iriam despertar escárnio derrisório nos guardas, ou coisa pior. Se ele virasse um clokhodyaga morrendo num beliche do campo, seria motivo de riso. Mas quando sua temperatura finalmente alcançasse o nível exigido ou sua doença atingisse o ponto crítico - quando ele se "qualificasse" como doente, em outras palavras -, o mesmo homem moribundo

---

[1787] Kopelev, pp. 142-44.
[1788] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 108.
[1789] Sgovio, p. 206.
[1790] Eisenberger, pp. 67-68.
[1791] Okunevskaya, p. 280.
[1792] Alekserovich, p. 11.
[1793] Rozsas, p. 282. Sou grata a Janos Rozsas por enviar-me este material.
[1794] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. I., p. 279; Reshetovskaya, pp. 121-22.

receberia imediatamente "rações para escorbuto" ou "rações para pelagra", além de todos os cuidados médicos que o Gulag pudesse oferecer.

Esse paradoxo estava embutido no sistema. Desde o início da existência dos campos, prisioneiros doentes eram tratados de modo diferente. Organizavam-se brigadas de inválidos, para prisioneiros que não podiam mais fazer trabalho braçal duro, isso já em janeiro de 1931.[1795] Mais tarde, haveria alojamentos para inválidos, e até lagpunkts só para inválidos, dedicados a tratar de prisioneiros enfraquecidos para trazê-los de volta à vida. Em 1933, Dmitlag organizou "lagpunkts de recuperação" projetados para abrigar 3.600 prisioneiros.[1796] Documentos oficiais do Gulag descrevem cuidadosamente as rações adicionais para prisioneiros hospitalizados: alguns poucos produtos de carne, chá de verdade (diferente do sucedâneo oferecido aos presos comuns), cebolas para prevenir escorbuto e, inexplicavelmente, pimenta e folhas de louro. Mesmo que, na prática, a comida adicional só chegasse a "um pouco de batatas ou ervilhas secas (só meio cozidas para preservar as vitaminas) ou chucrute", já se tratava, comparada com as rações normais, de um luxo.[1797]

Gustav Herling achou tão estranho esse contraste entre as condições assassinas da vida do campo e os esforços que os médicos do campo investiam para reviver os prisioneiros cuja saúde tivesse sido muito destruída, que ele concluiu que devia existir na União Soviética um "culto ao hospital":

> Havia algo incompreensível no fato de que no momento em que um prisioneiro deixava o hospital ele se tornava de novo um prisioneiro, mas enquanto ele havia permanecido imóvel numa cama limpa todos os direitos de um ser humano, embora sempre com a exceção da liberdade, lhe haviam sido concedidos. Para um homem não habituado aos violentos contrastes da vida soviética, os hospitais de campos pareciam igrejas que oferecem um santuário para proteger de uma todo-poderosa Inquisição.[1798]

George Bien, um prisioneiro húngaro que foi mandado para um bem aparelhado hospital em Magadan, também teve dificuldade de entender: "Eu perguntei a mim mesmo por que eles estavam tentando me salvar quando dava a impressão de que eles só queriam minha morte por tortura - mas a lógica havia deixado de existir havia muito tempo".[1799]

Com certeza os chefes do Gulag em Moscou encaravam os problemas causados pelo grande número de prisioneiros inválidos "incapazes de trabalhar" como muito sérios. Embora a existência deles não fosse de forma alguma nova, o problema ficou agudo depois da decisão de Stalin e Beria em 1939 de eliminar a política de "soltura condicional precoce" para inválidos: de repente, os doentes não podiam mais ser facilmente descartados das listas de trabalho. Isso, sem falar de outras conseqüências, teria forçado os comandantes dos campos a voltar sua atenção para os hospitais dos campos. Um inspetor fez um cálculo preciso do tempo e do dinheiro perdidos com doenças: "De outubro de 1940 até a primeira metade de março de 1941, houve

---

[1795] GARF, 9414/1/2736.
[1796] GARF, 9489/2/25.
[1797] Gliksman, p. 300.
[1798] Herling, pp. 101-2.
[1799] Bien, memórias inéditas.

3.472 casos de ulcerações por frio, graças aos quais foram perdidos 42.334 dias de trabalho. Dois mil e quatrocentos prisioneiros ficaram fracos demais para poder trabalhar". Outro inspetor relatou que no mesmo ano, dos 2.398 prisioneiros nos campos de trabalho da Criméia, 860 tinham apenas uma limitada capacidade de trabalho, e 273 estavam totalmente incapacitados de trabalhar. Alguns estavam em camas de hospital, outros, por falta de camas, estavam sendo mantidos em celas de prisão, provocando um atraso em todo o sistema.[1800]

Mesmo assim, como tudo mais no Gulag, não havia nenhuma medida específica a respeito da necessidade de curar os doentes. Em alguns campos, parece que os lagpunkts especiais para inválidos eram criados em grande parte para evitar que os inválidos derrubassem as estatísticas de produção do campo. Esse era o caso em Siblag, que contava 9 mil inválidos e 15 mil "semi-inválidos" entre seus 63 mil prisioneiros em 1940 e 1941 - mais de um terço. Quando esses prisioneiros enfraquecidos eram removidos de locais de trabalho importantes e substituídos por brigadas de novos trabalhadores "frescos", as cifras de produção do campo magicamente subiam.[1801]

A pressão para cumprir o plano colocou muitos comandantes de campo num dilema. Por um lado, eles genuinamente queriam curar os doentes - para que pudessem ser mandados de volta ao trabalho. Por outro lado, eles não queriam incentivar os "preguiçosos". Na pratica, isso freqüentemente significava que as administrações dos campos colocavam limites - às vezes muito precisos - ao número de prisioneiros que podiam ficar doentes em determinado período, ou que podiam ser enviados a lagpunkts de recuperação.[1802] Em outras palavras, não importava qual fosse o número real de prisioneiros doentes, os médicos só estavam autorizados a garantir dias de descanso para uma pequena porcentagem. Aleksandrovich, um médico de campo, lembrou que em seu campo "cerca de 10% do lagpunkt", trinta ou quarenta pessoas, apresentavam-se toda noite na hora do atendimento médico.[1803] Ficava claro, porém, que não mais do que 3% a 5% poderiam ser liberados do trabalho: "mais do que isso, e teria início uma investigação".

Se mais ficassem doentes, teriam de esperar. Típica era a história de um prisioneiro de Ustvymlag, que declarou várias vezes estar doente e não poder trabalhar. De acordo com o relatório oficial arquivado mais tarde: "Os trabalhadores médicos não deram atenção ao seu protesto, e ele foi mandado para o trabalho. Como não estava em condições de trabalhar, recusou-se a fazê-lo, e por isso foi trancado na cela de punição. Foi mantido ali por quatro dias, e levado de lá em condições muito precárias até o hospital, onde morreu". Em outro campo, um tuberculoso foi mandado para o trabalho ao ar livre e, segundo o relatório do inspetor, "estava em condições tão ruins que não conseguiu voltar do campo sem ajuda".[1804]

O baixo número desses "autorizados" a ficarem doentes significava que os médicos viviam sob uma pressão terrível e conflituosa. Eles podiam ser repreendidos, ou mesmo sentenciados, se morressem prisioneiros doentes

---

[1800] GARF, 8131/37/356, 809, e 356.
[1801] Papkov, p. 57.
[1802] GARF, 9489/2/25.
[1803] Alekserovich, pp. 11 e 22.
[1804] GARF, 8131/37/4547.

demais, depois de terem acesso recusado ao hospital do campo.[1805] Podiam também ser ameaçados pelos membros mais violentos e agressivos da elite criminosa do campo, que queriam ser liberados do trabalho. Se o médico de campo quisesse dar dias de descanso a esses prisioneiros genuinamente doentes, ele tinha de resistir às investidas desses criminosos. Shalamov, de novo, descreveu o destino de um tal dr. Surovoy, mandado para trabalhar no lagpunkt predominantemente de criminosos situado na mina de Spokoiny, em Kolyma:

> Era um médico jovem e - mais importante - era um médico prisioneiro. O amigo de Suroyov tentou persuadi-lo a não ir. Ele podia ter recusado e ser mandado para uma turma de trabalho geral em vez de assumir esse trabalho claramente perigoso. Suroyov chegara ao hospital vindo de uma turma de trabalho geral; ele tinha medo de voltar para ela e concordou em ir para a mina e trabalhar em sua profissão. As autoridades do campo deram-lhe instruções mas nenhum conselho sobre como se portar. Ele foi categoricamente proibido de mandar ladrões saudáveis da mina para o hospital. Em um mês foi morto enquanto atendia pacientes; em seu corpo havia cinqüenta e duas facadas.[1806]

Quando chegou para trabalhar como feldsher num lagpunkt de criminosos, Karol Colonna-Czosnowski também foi advertido de que sou antecessor tinha sido "morto a picaretadas" por seus pacientes. Em sua primeira noite no campo, ele se defrontou com um homem que carregava um machado, pedindo para ser dispensado do trabalho no dia seguinte. Karol conseguiu, diz ele, surpreendê-lo e jogá-lo para fora da cabana Ao feldsher. No dia seguinte ele fez um acordo com Grisha, o chefe dos criminosos do campo: além dos genuinamente doentes, Grisha lhe daria os nomes de mais duas pessoas por dia que deveriam ser dispensadas do trabalho.[1807]

Alexander Dolgun também descreve uma experiência similar. Num de seus primeiros dias como feldsher, apresentou-se a ele um prisioneiro criminoso queixando-se de dor de estômago - e pedindo ópio. "Ele me fez chegar mais perto dele. 'Aqui!', ele cochichou ameaçadoramente, puxando sua camisa. Sua mão direita estava dentro da camisa, segurando um perigoso canivete entalhado como uma cimitarra em miniatura. 'Eu quero ópio. Eu sempre sou muito bem tratado aqui. Você é novo. Você também deve saber que se eu não conseguir meu ópio, você vai levar uma facada'." Dolgun arrumou um jeito de se livrar dele dando-lhe uma falsa solução de ópio. Outros não tinham a mesma presença de espírito, e podiam ficar sob o poder do criminoso indefinidamente.[1808]

Mesmo quando um prisioneiro finalmente conseguia dar entrada no hospital, ele com freqüência percebia que a qualidade do atendimento médico variava bastante. Os campos maiores tinham hospitais adequados, com equipe médica e remédios. O hospital central da Dalstroi, na cidade de Magadan, era conhecido por contar com o mais moderno equipamento da época, e também por dispor de uma equipe dos melhores prisioneiros médicos, freqüentemente

---

[1805] GARF, 9489/2/25.
[1806] Shalamov, Kolyma Tales, pp. 408-10.
[1807] Colonna-Czosnowski, pp. 102-7.
[1808] Dolgun, p. 240.

especialistas de Moscou. Embora a maioria de seus pacientes fossem oficiais da NKVD ou empregados do campo, alguns dos prisioneiros mais afortunados eram tratados também por especialistas, ali e em outras partes: durante sua sentença no campo, Lev Finkelstein recebeu permissão até para consultar um dentista.[1809] Alguns dos lagpunkts de inválidos também eram bem equipados, e parece que foram de fato projetados para cuidar bem da saúde dos prisioneiros. Tatyana Okunevskaya foi mandada para um deles, e ficou maravilhada com os espaços abertos, os alojamentos generosos, as árvores: "Fazia tantos anos que não via árvores! K era primavera!"[1810]

Nos hospitais dos lagpunkts, menores, a situação era bem mais grave. Geralmente, os médicos de lagpunkts viam que era impossível manter os padrões mínimos de esterilização e limpeza."[1811] Hospitais muitas vezes eram nada mais do que alojamentos comuns nos quais os doentes eram simplesmente despejados em camas comuns - às vezes dois em cada cama - com apenas um suprimento mínimo de remédios. Num relatório sobre um pequeno campo, um inspetor reclamou que ele não tinha um prédio designado como hospital, não tinha lençóis nem roupa íntima para pacientes, nem remédios ou pessoal médico qualificado. As taxas de mortalidade, em conseqüência, eram extremamente elevadas.[1812]

Testemunhas oculares concordam. Num pequeno hospital, num lagpunkt de Sevurallag, "o tratamento e a documentação eram precários", segundo Isaac Vogelfanger, que por um tempo foi o médico chefe do campo. O pior é que

> as rações de comida eram flagrantemente inadequadas e havia pouquíssimos remédios disponíveis. Casos cirúrgicos como fraturas e ferimentos grandes nos tecidos moles eram tratados muito mal e negligenciados. Raramente, descobri mais tarde, os pacientes eram dispensados de voltar ao trabalho. Como eram admitidos com sinais avançados de desnutrição, a maioria morria no hospital.[1813]

Jerzy Gliksman, um prisioneiro polonês, lembrou que num lagpunkt os prisioneiros ficavam literalmente "amontoados" no chão: "Todas as passagens estavam apinhadas de corpos deitados. Por toda parte havia sujeira e desolação. Muitos dos pacientes deliravam e gritavam incoerentemente, enquanto outros jaziam imóveis e pálidos".[1814]

Piores ainda eram os alojamentos, ou melhor, salas mortuárias, para doentes terminais. Num desses, destinado a prisioneiros com disenteria, "os pacientes ficavam deitados na cama durante semanas. Se tivessem sorte, recuperavam-se. Mais freqüentemente, morriam. Não havia tratamento, nem remédios... os pacientes costumavam esconder um morto durante três ou quatro dias a fim de pegar as rações de comida do defunto".[1815]

As condições eram agravadas pela burocracia do Gulag. Em 1940, um inspetor de campo reclamou que o campo simplesmente não tinha camas de hospital

---

[1809] Finkelstein, entrevista com a autora.
[1810] Okunevskaya, p. 336.
[1811] Alekserovich, p. 12.
[1812] GARF, 8131/37/4547 e 542.
[1813] Vogelfanger,pp. 71-72.
[1814] Gliksman, pp. 211-12.
[1815] Buca, p. 150.

suficientes para os prisioneiros doentes. Como um prisioneiro que não estivesse realmente acamado no hospital não tinha permissão de receber uma ração hospitalar, isso significava que os prisioneiros doentes que ficavam fora do hospital recebiam simplesmente a ração reduzida dos "preguiçosos".[1816]

Embora possamos dizer que muitos médicos de campo salvaram a vida de muitas pessoas, não se pode dizer que todos os médicos eram necessariamente inclinados a serem prestativos. Alguns, de seu ponto de vista privilegiado, acabaram simpatizando mais com os chefes do que com os "inimigos" que eles eram obrigados a tratar. Elinor Lipper descreveu uma médica, chefe de um hospital para quinhentos pacientes: "Ela se comportava como uma pomeshchitsa, uma grande senhora proprietária de terras dos tempos dos czares, e considerava toda a equipe do hospital como seus servos pessoais. Com sua mão carnuda, ela uma vez pegou uma faxineira negligente e puxou-a pelo cabelo até ela gritar".[1817] Em outro campo, a esposa do comandante do campo, médica na seção do hospital, chegou a ser repreendida pela inspetoria do campo porque "admitia os seriamente doentes no hospital tarde demais, não dispensava os doentes do trabalho, era rude, e jogava os prisioneiros doentes para fora da enfermaria".[1818]

Em alguns casos, os médicos sabidamente tratavam mal os pacientes prisioneiros. Enquanto ele trabalhava num campo de mineração no início dos anos 1950, uma das pernas de Leonid Trus foi esmagada. O médico do campo enfaixou a ferida, mas era preciso fazer mais que isso. Trus já havia perdido muito sangue, e começava a se sentir muito frio. Como o campo não tinha um equipamento para transfusão de sangue, as autoridades do campo o enviaram, na parte de trás de um caminhão, até um hospital local. Meio inconsciente, ele ouviu o médico pedir à enfermeira para iniciar uma transfusão de sangue. O amigo que o acompanhava forneceu seus dados pessoais: nome, idade, sexo, local de trabalho - após o que o médico interrompeu a transfusão de sangue. Esse tipo de auxilio não era dado a um prisioneiro. Trus lembra que lhe deram um pouco de glicose para beber - graças ao amigo, que pagou um suborno por ela - e um pouco de morfina. No dia seguinte, sua perna foi amputada:

> O cirurgião estava tão convencido de que eu não iria viver que nem mesmo fez a operação ele mesmo, passando-a para a sua esposa, uma terapeuta que estava tentando requalificar-se como cirurgia. Depois me contaram que ela havia feito tudo direito, que ela sabia o que estava fazendo, exceto por alguns detalhes que deixara de fora. Não que ela tivesse esquecido deles, mas é que achava que eu não iria sobreviver, e que portanto era irrelevante que esses detalhes médicos fossem cumpridos. E veja, eu continuei vivo![1819]

Não que os médicos do campo, tanto os bondosos como os indiferentes, fossem também necessariamente qualificados. Aqueles que ostentavam o título iam desde os maiores especialistas de Moscou cumprindo suas sentenças na prisão, até charlatães que não sabiam absolutamente nada de medicina, mas que se dispunham a fingir que sabiam a fim de obter um posto de status mais elevado. Já em 1932, a OGPU se queixava da escassez de pessoal médico

[1816] GARF, 8131/37/356.
[1817] Lipper, p. 251.
[1818] GARF, 8131/37/809.
[1819] Trus, entrevista com a autora.

qualificado.[1820] Isso significava que prisioneiros com diploma de médico eram a exceção a todas as regras que governavam os postos de confiança: não importava que ato terrorista contra-revolucionário fossem acusados de ter cometido, eles eram sempre autorizados a praticar a medicina.[1821]

A escassez de médicos também significava que prisioneiros eram treinados como enfermeiros e feldshers - um treinamento que costumava ser rudimentar. Evgeniya Ginzburg qualificou-se como enfermeira depois de passar "vários dias" num hospital de campo, aprendendo a arte de "aplicar ventosas" e como dar uma injeção.[1822] Alexander Dolgun, depois de aprender num campo os fundamentos da função de feldsher, foi testado em seu conhecimento depois de ser transferido para outro campo. Quando um oficial, desconfiado de sua qualificação, mandou que fizesse uma autópsia, ele fez "a melhor encenação possível, agindo como se fizesse esse tipo de coisa o tempo inteiro".[1823] A fim de conseguir seu trabalho como feldsher, Janusz Bardach também mentiu: disse que era um estudante de medicina do terceiro ano quando, na verdade, ainda não entrara na universidade.[1824]

Os resultados eram previsíveis. Depois de chegar ao seu primeiro cargo de prisioneiro médico em Sevurallag, Isaac Vogelfanger, um cirurgião bem qualificado, ficou surpreso ao ver o feldsher local tratando de furúnculos de escorbuto - uma doença causada por subnutrição, não uma infecção - com iodo. Mais tarde, viu vários pacientes morrerem porque um médico não qualificado insistiu em injetar nos pacientes uma solução feita de açúcar comum.[1825]

Nenhuma dessas coisas causaria surpresa aos chefes do Gulag, um dos quais se queixava, numa carta ao seu chefe em Moscou, de uma escassez de médicos: "Em vários lagpunkts, o auxílio médico é prestado por enfermeiros autodidatas, prisioneiros sem nenhuma qualificação médica". Outro escreveu sobre o sistema médico de um campo que desafiava "todos os princípios do serviço de saúde soviético".[1826] Os chefes sabiam que eram falhos, os prisioneiros sabiam que eram falhos - e mesmo assim os serviços médicos do campo continuaram funcionando do mesmo jeito.

Mesmo com todas as suas falhas - mesmo quando os médicos eram venais, as alas precariamente equipadas, a medicação escassa -a vida no hospital ou na enfermaria parecia tão atraente aos prisioneiros, que para conseguir dar entrada nela eles se dispunham não só a machucar ou ameaçar os médicos, mas também a ferir a si mesmos. Como soldados tentando escapar do campo de batalha, os zeks também recorriam ao samorub (auto-mutilação) e à mastyrka (doença encenada) em tentativas desesperadas de salvar suas vidas. Alguns acreditavam que acabariam recebendo uma anistia por invalidez. Na verdade, havia tantos que acreditavam nisso que o Gulag pelo menos numa ocasião expediu uma declaração negando que os inválidos seriam libertados (embora eles o fossem, ocasionalmente).[1827] A maioria, no entanto, ficava

---

[1820] GARF, 9414/1/2739.
[1821] Por exemplo, GARF, 9489/2/18.
[1822] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 8.
[1823] Dolgun, p. 239.
[1824] Bardach, p. 259.
[1825] Vogelfanger, pp. 68 e 162.
[1826] GARF, 9414/1/2771.
[1827] GARF, 9489/2/5/474.

simplesmente feliz em poder evitar o trabalho.

A punição por auto-mutilação era particularmente severa: uma sentença adicional no campo. Isso refletia, talvez, o fato de que um trabalhador incapacitado era um fardo para o Estado e um atraso para o plano de produção. "A auto-mutilação era punida de maneira mórbida, com a sabotagem", escreveu Anatolii Zhigulin.[1828] Um prisioneiro conta a história de um ladrão que cortou fora quatro dedos da mão esquerda. Em vez de ser enviado para um campo de inválidos, no entanto, fizeram o inválido sentar na neve e ficar vendo os outros trabalharem. Proibido de sair de lá, com medo de ser baleado por tentativa de fuga, "logo ele próprio pediu uma pá e, usando-a de muleta, com sua mão sobrevivente, enfiou-a na terra congelada, chorando e praguejando".[1829]

Mesmo assim, muitos prisioneiros achavam que os benefícios potenciais faziam com que valesse a pena correr o risco. Alguns dos métodos eram rudes. Os criminosos eram particularmente conhecidos por simplesmente cortarem seus três dedos intermediários com um machado, de modo que não pudessem mais cortar árvores ou segurar um carrinho de mão nas minas. Outros cortavam fora um pé, ou uma mão, ou esfregavam ácido nos olhos. Outros ainda, ao partirem para o trabalho, embrulhavam um pano molhado em volta do pé: à noite, voltavam com ulceração por frio de terceiro grau. O mesmo método podia ser aplicado aos dedos. Nos anos 1960, Anatoly Marchenko viu um homem pregar seus testículos num banco de prisão.[1830] Não foi o primeiro: Valerii Frid descreve um homem que pregou seu saco escrotal num toco de árvore.[1831]

Mas havia também métodos mais sutis. Um criminoso mais ousado podia roubar uma seringa e injetar sabão derretido em seu pênis: a ejaculação resultante ficava parecida com uma doença venérea. Outro preso encontrou uma maneira de simular silicose, uma doença pulmonar. Primeiro, ele limava uma pequena quantidade de pó de prata de um anel de prata que ele havia conseguido manter entre seus pertences pessoais. Ele então misturava a poeira de prata com tabaco, e fumava. Embora não sentisse nada, ele ia até o hospital tossindo do jeito que vira as vítimas de silicose tossir. No raio-X que era feito em seguida, uma sombra terrível aparecia em seus pulmões - suficiente para desqualificá-lo para trabalho pesado e para que fosse enviado a um campo por causa da doença incurável.[1832]

Prisioneiros também tentavam criar infecções, ou doenças crônicas. Vadim Aleksandrovich tratou de um paciente que havia infectado a si mesmo com uma agulha de costura suja.[1833] Gustav Herling viu um prisioneiro enfiar o braço no fogo, quando achava que ninguém estava olhando; ele fazia isso uma vez por dia, todo dia, de modo a manter uma ferida misteriosamente persistente.[1834] Zhigulin ficou doente propositalmente bebendo água gelada e depois respirando ar frio. Isso provocou-lhe uma febre suficientemente alta para que

---

[1828] Zhigulin, p,153.
[1829] Kudryavtsev, p. 288.
[1830] Lipper, pp. 257-58; Herling, p. 102; Alekserovich, pp. 24-25; A. Marchenko, My Testimony pp. 140-42.
[1831] Frid, p.137.
[1832] Dolgun, p. 273; Lipper, pp. 257-58.
[1833] Alekserovich, p. 24.
[1834] Herling, pp. 80-82.

pudesse ser dispensado do trabalho: "Oh, que dez dias mais felizes no hospital!"[1835] Prisioneiros também simulavam insanidade. Bardach, durante sua carreira como feldsher, trabalhou um tempo na ala psiquiátrica do hospital central de Magadan. Ali, o principal método de desmascarar falsos esquizofrênicos era colocá-los numa ala com esquizofrênicos de verdade: "Em questão de horas, muitos prisioneiros, mesmo os mais determinados, batiam na porta pedindo para sair". Se isso falhasse, dava-se ao prisioneiro uma injeção de cânfora, que induzia um ataque. Os que sobreviviam raramente queriam que o procedimento fosse repetido.[1836]

Havia até um procedimento padrão para prisioneiros que tentaram simular paralisias, segundo Elinor Lipper. O paciente era colocado numa mesa de operação e recebia um anestésico leve. Quando ele acordava, os médicos o colocavam em pé. Inevitavelmente, quando eles chamavam seu nome, ele dava uns poucos passos antes de lembrar de desabar no chão.[1837] Dimitrii Bystroletov também testemunhou uma mulher curada de "surdez" pela própria mãe. A administração, suspeitando da queixa da mulher de ouvir mal, convidou a mãe a visitar sua filha prisioneira, mas não deixou que ela entrasse no alojamento. Em vez disso, fizeram-na ficar do lado de fora do portão, onde ela ficou em pé, chamando o nome da filha. Naturalmente, a filha atendeu.[1838]

Mas havia também médicos que ajudavam os pacientes a encontrar métodos de auto-mutilação. Alexander Dolgun, apesar de estar muito fraco e sofrendo de uma diarréia incontrolável, não tinha uma febre suficientemente alta para merecer ser dispensado do trabalho. Mesmo assim, quando ele contou ao médico do campo, um letão culto, que era americano, o homem se iluminou. "Queria tanto encontrar alguém com quem pudesse falar inglês", disse ele - e mostrou a Dolgun como infectar o próprio corte. Isso produziu uma enorme bolha púrpura em seu braço, suficiente para impressionar os guardas da MVD que inspecionavam o hospital sobre a gravidade de sua doença.[1839]

Mais uma vez, a moralidade comum estava invertida. No mundo fora da prisão, nenhum médico que deliberadamente fizesse seus pacientes adoecerem seria considerado um homem bom. Mas no campo, um doutor assim era reverenciado com um santo.

## "Virtudes comuns"

Nem todas as estratégias para sobreviver nos campos derivavam necessariamente do próprio sistema. E nem todas envolviam colaboração, crueldade ou auto-mutilação. Se alguns prisioneiros - talvez a vasta maioria dos prisioneiros - conseguiam continuar vivos manipulando as regras do campo a seu favor, havia também alguns que se baseavam no que Tzvetan Todorov, em seu livro sobre a moral dos campos de concentração, chamou de "virtudes comuns": cuidados e amizade, dignidade e a vida da mente.[1840]

---

[1835] Zhiguiin, p. 151.
[1836] Bardach, pp. 332-33.
[1837] Lipper, p. 258.
[1838] Bystroletov, p. 407.
[1839] Dolgun, pp. 176-79.
[1840] Todorov, Facing the Extreme, pp. 47-120.

O cuidado assumia várias formas. Havia prisioneiros, como vimos, que criavam suas próprias redes de sobrevivência. Membros dos grupos étnicos que dominavam alguns dos campos no final dos anos 1940 - ucranianos, baltos, poloneses - criaram sistemas inteiros de auxílio mútuo. Outros construíam redes independentes de conhecidos ao longo de anos no campo. Outros ainda simplesmente faziam apenas um ou dois amigos extremamente íntimos. Talvez a mais conhecida dessas amizades do Gulag fosse aquela entre Ariadna Efron, a filha da poeta Marina Tsvetaeva, e sua amiga Ada Federolf. Elas fizeram esforços enormes a fim de permanecerem juntas, tanto nos campos como no exílio, e mais tarde publicaram suas memórias juntas em um volume. Num certo ponto de sua metade da história, Federolf contou como elas haviam se reencontrado depois de uma longa separação quando Éfron foi colocada numa outra transferência:

> Já era verão. Os primeiros dias depois que chegamos foram horríveis. Eles nos levavam para fora para nos exercitarmos uma vez dia - o calor era insuportável. Então de repente uma nova transferência de Ryazan e - Alya. Eu arfava de alegria, puxei-a para os beliches de cima, mais perto do ar fresco... É essa á alegria de prisioneiro, a alegria de simplesmente encontrar alguém.[1841]

Outros concordam. "E muito importante ter um amigo, um rosto confiável, que não vai abandoná-lo se você estiver em dificuldade", escreveu Zoya Marchenko.[1842] "Era impossível sobreviver sozinho. As pessoas organizavam-se em grupos de dois ou três", escreveu outro prisioneiro.[1843] Dmitri Panin também atribui sua capacidade de suportar os ataques dos criminosos ao pacto de autodefesa que fez com um grupo de outros prisioneiros.[1844] Havia limites, é claro. Janusz Bardach escreveu sobre seu melhor amigo no campo que "nenhum de nós nunca pediu comida ao outro, nem a gente oferecia. Ambos sabíamos que esse santuário não podia ser violado se pretendíamos continuar amigos".[1845]

Se o respeito pelos outros ajudava alguns a manter sua humanidade, o respeito por si mesmos ajudava outros. Muitos, particularmente mulheres, falavam da necessidade de se conservar limpo, ou o mais limpo possível, como uma maneira de preservar a própria dignidade.

Olga Adamova-Sliozberg conta como uma companheira de cela "lavava e secava seu colarinho branco e o costurava de volta na sua blusa", toda manhã.[1846] Prisioneiros japoneses em Magadan montaram um "banho" japonês - um grande barril, ao qual eram acoplados bancos - ao longo da baía.[1847] Durante dezesseis meses na prisão Kresty de Leningrado, Boris Chetverikov lavava suas roupas muitas vezes, assim como as paredes e o chão de sua cela - antes de entoar todas as árias de ópera que ele conhecia de memória.[1848] Outros praticavam exercícios ou rotinas higiênicas.Vejamos Bardach de novo:

---

[1841] Federolf, p. 224.
[1842] Z. Marchenko, memórias inéditas. Sou grata a Zoya Marchenko por oferecer-me seu trabalho.
[1843] Kekushev, pp. 84-85.
[1844] Panin, p. 79.
[1845] Bardach, pp. 207-8.
[1846] Adamova-Sliozberg, pp. 8-9.
[1847] S. I. Kuznetsov, p. 613.
[1848] Chetverikov, p. 35.

> Apesar da minha fadiga e do frio, mantive a rotina de exercícios que seguira em casa e no Exército Vermelho, lavando o rosto e as mãos na bomba manual. Eu queria conservar o máximo de orgulho, distinguindo-me dos muitos prisioneiros que eu vira desistir dia após dia. Primeiro eles deixavam de cuidar de sua higiene ou aparência, depois paravam de cuidar de seus colegas prisioneiros, e finalmente de suas próprias vidas. Se eu não tinha controle sobre mais nada, tinha controle pelo menos sobre esse ritual que eu acreditava que iria me poupar da degradação e da morte certa.[1849]

Outros ainda praticavam disciplinas intelectuais. Inúmeros prisioneiros escreviam ou decoravam poesias, repetindo seus versos e aqueles de outros para si mesmos, várias vezes, repetindo-os depois para amigos. Em Moscou, na década de 1960, Ginzburg uma vez encontrou um escritor que não podia acreditar que em tais condições os prisioneiros tivessem sido capazes de repetir poemas para si mesmos e sentirem alívio mental ao fazerem isso. "Sim, sim", ele disse a ela: "ele sabia que eu não era a primeira pessoa a dar testemunho disso, mas, bem, ele ainda achava que havíamos tido a idéia depois do evento". Ginzburg escreve que o homem não entendeu sua geração, os homens e mulheres que ainda pertenciam a uma "época de ilusões magníficas... estávamos nos atirando no comunismo das alturas poéticas".[1850]

Nina Gagen-Torn, etnógrafa, escreveu poesia, freqüentemente cantando seus versos para si mesma:

> Nos campos eu compreendi, num nível prático, por que as culturas pré-letradas sempre transmitiram textos na forma de canções - caso contrário, não conseguimos lembrar, não é possível ter certeza das palavras exatas. Os livros apareciam entre nós acidentalmente, eles eram dados e depois tirados. Escrever era proibido, assim como montar grupos de estudos: as autoridades temiam que isso levasse a contra-revolução. Então cada um preparava para si, do melhor jeito que desse, alimento para o cérebro.[1851]

Shalamov escreveu que a poesia, entre "pretensão e maldade, decadência", poupou-o de se tornar completamente insensível. Eis uma poesia que ele escreveu, intitulada "A um poeta":

> Comi como um animal, reclamando da comida
> Uma simples folha de papel para escrever
> Parecia um milagre
> Caindo do céu na floresta escura.
>
> Bebi como um animal, tomando água sofregamente
> Empapando minhas longas suíças
> Medindo minha vida não por meses ou anos
> Mas por horas.
>
> E toda noite
> Surpreso por estar ainda vivo

---

[1849] Bardach, pp. 122-39.
[1850] E. Ginzburg, Within the Whirlwind.
[1851] Gagen-Torn, p. 161.

> Repetia versos
> Como se ouvisse sua voz.
>
> E os cochichava como orações,
> Exaltava-os como a água da vida
> Como uma imagem salva da batalha
> Como uma estrela-guia.
>
> Eles eram o único vínculo com outra vida
> Ali, onde o mundo nos sufocava
> Com imundície cotidiana
> E a morte perseguia de perto nossos calcanhares.[1852]

Soljenitsin "escreveu" poesia nos campos, compondo-a de cabeça e depois recitando-a para si mesmo com a ajuda de uma coleção de palitos de fósforo quebrados, como seu biógrafo Michael Scammell conta:

> Ele dispunha duas fileiras de dez pedaços de palito de fósforo com a sua cigarreira, uma fileira representando as dezenas e a outra as unidades. Então recitava seus versos silenciosamente para si mesmo, movendo uma "unidade" a cada linha e uma "dezena" a cada dez linhas. Cada qüinquagésima e centésima linha eram memorizadas com cuidado especial, e uma vez por mês ele recitava o poema de cabo a rabo. Se uma linha estava fora do lugar ou era esquecida, ele refazia a coisa toda até acertar.[1853]

Talvez por razões similares, rezar também ajudava alguns. O conjunto de memórias de um fiel batista, enviado para os campos pós-stalinistas nos anos 1970, consiste quase inteiramente em relatos sobre quando e onde ele rezava, e sobre onde e como escondia suas Bíblias.[1854] Muitos memoristas escreveram sobre a importância das festas religiosas. A Páscoa podia acontecer secretamente, numa padaria do campo - como aconteceu um ano numa prisão de trânsito em Solovestsky -, ou podia acontecer abertamente, em trens de transferência: "o vagão balançava, os cantos eram desencontrados e esganiçados, os guardas batiam nas paredes do vagão a cada parada. Mas eles continuaram cantando".[1855] O Natal podia ter lugar num alojamento. Yuri Zorin, um prisioneiro russo, relembra com assombro como os lituanos em seu campo haviam organizado bem a celebração do Natal, uma festa que eles vinham preparando havia um ano: "Você pode imaginar, no alojamento, uma mesa posta com tudo, vodca, presunto, tudo?". Eles tinham, pelo que ele achava, trazido a vodca em pequenas quantidades "que cabiam num dedal", em seus sapatos.[1856]

Lev Kopelev, ateu, participou de urna cerimônia secreta de Páscoa:

> As mesas tinham sido colocadas junto às paredes. Havia uma fragrância de incenso no ar. Uma pequena mesa forrada com um cobertor era o

---

[1852] Shalamov, de publicação samizdat, traduzida com a ajuda de Galya Vinogradova. Embora a autora tenha boas razões para acreditar que este seja um trabalho de Varlam Shalamov, alguns trabalhos podem ter circulado incorretamente na União Soviética sob seu nome.
[1853] Scammell, Soljenitsin, p. 284.
[1854] Pashnin, pp. 103-17.
[1855] Cherkhanov, memórias inéditas; Ulyanovskaya, p. 300.
[1856] Zorin, entrevista com a autora.

> altar. Várias velas caseiras projetavam sua luz numa imagem. O padre, usando vestimenta feita com lençóis, segurava uma cruz de ferro. As velas piscavam no escuro. Mal podíamos ver o rosto dos outros na sala, mas eu tinha certeza de que não éramos os únicos não crentes ali. O padre entoou a missa com a voz trêmula de um ancião. Várias mulheres de lenço branco acompanharam-no suavemente, com vozes ardorosas e puras. Um coro respondia harmoniosamente, bem suave, bem suave, a fim de não ser ouvido do lado de fora.[1857]

Kazimierz Zarod estava entre seus conterrâneos poloneses que celebraram a noite de Natal de 1940 num campo de trabalho, guiados por um padre que se paramentou discretamente pelo campo aquela noite, rezando missa em cada alojamento:

> Sem auxílio da Bíblia ou de um livro de orações, ele começou a proferir o texto da missa, o latim familiar, dito num cochicho quase inaudível e respondido tão baixinho que parecia um suspiro - "Kyrie eleison, Christe eleison - Senhor tenha piedade de nós. Cristo tenha piedade de nós. Gloria in excelsis Deo..."
>
> As palavras nos banharam e a atmosfera no barracão, normalmente tão brutal e rústica, mudou imperceptivelmente, os rostos se voltaram para o padre, ficando suaves e relaxados conforme os homens se esforçavam para ouvir o cochicho quase inaudível.
>
> "Tudo limpo", disse a voz do homem que vigiava sentado à janela.[1858]

Num plano mais geral, o envolvimento com algum projeto intelectual ou artístico mais amplo mantinha muitas pessoas cultas vivas, espiritualmente e fisicamente - pois quem tinha dons ou talentos costumava encontrar uma aplicação prática para eles. Num mundo de escassez constante, por exemplo, onde os pertences mais elementares ganhavam enorme significação, as pessoas que podiam fornecer algo de que os outros precisavam eram sempre requisitadas. Foi o caso de Prince Kirill Golitsyn, que aprendeu a fazer agulhas com ossos de peixe quando ainda estava na prisão de Butyrka.[1859] E também de Alexander Dolgun, que antes de arrumar o cargo de feldsher, procurou um jeito de "ganhar uns rublos a mais ou umas gramas adicionais de pão":

> Eu vi que havia um suprimento muito bom de alumínio nos cabos que os soldadores usavam. Pensei que se aprendesse a derretê-lo, seria capaz de moldar algumas colheres. Conversei um pouco com alguns prisioneiros que pareciam saber o que estavam fazendo ao lidar com metais, e colhi algumas idéias sem contar qual era a minha. Também encontrei alguns bons esconderijos, onde poderia passar parte do dia sem ser enxotado para o trabalho, e outros esconderijos onde poderia guardar ferramentas ou pedaços de cabo de alumínio.
>
> Construí duas caixas rasas para a minha fundição, roubei eu mesmo restos de cabo de alumínio, fiz um cadinho rústico usando aço fino roubado das peças do fogão, surrupiei um pouco de carvão bom e de

---

[1857] Kopelev, p.154.
[1858] Zarod, p. 118.
[1859] K. Golitsyn, pp. 267-68.

óleo diesel para acender minha forja, e estava pronto para iniciar meu negócio.

Logo, escreve Dolgun, ele conseguia "fazer aparecer duas colheres quase todo dia". Ele as trocou com outros prisioneiros por uma garrafa para água, e por óleo de cozinhar que guardava dentro dela. Desse modo, arrumou alguma coisa para molhar seu pão.[1860]

Nem todos os objetos que os prisioneiros produziam uns para os outros eram utilitários. Anna Andreevna, uma artista, recebia constantes pedidos de seus serviços - e não só de prisioneiros. Era requisitada pelas autoridades do campo para decorar uma lápide durante um funeral, para consertar louça de barro ou brinquedos quebrados, e também para fazer brinquedos: "Fazíamos tudo para os chefes, não importa o que precisassem ou pedissem".[1861] Um prisioneiro entalhou pequenos souvenirs para outros prisioneiros feitos de presa de mamute: braceletes, pequenas figuras com temas "do norte", anéis, medalhões, botões. Ocasionalmente, sentia-se culpado por aceitar dinheiro de outros prisioneiros: "Mas, e daí? Todo mundo é livre para pensar por si... e não e vergonhoso aceitar dinheiro por um trabalho".[1862]

O museu da Sociedade Memorial de Moscou - montado por ex-prisioneiros e dedicado a contar a história das repressões de Stalin - está atualmente cheio dessas coisas: pedaços de renda bordada, bugigangas entalhadas à mão, cartas de baralho pintadas, e até pequenas obras de arte - pinturas, desenhos, esculturas - que prisioneiros preservaram, levaram para casa com eles e mais tarde doaram.

Os bens que os prisioneiros aprendiam a cultivar nem sempre eram tangíveis. Por estranho que possa soar, no Gulag era possível cantar - ou dançar ou representar - para salvar a própria vida. Isso era particularmente verdadeiro no caso de prisioneiros talentosos nos campos maiores, com chefes mais aparatosos, aqueles que tinham vontade de mostrar suas orquestras e grupos de teatro do campo. Se o comandante de Ukhtizhemlag aspirava a manter uma companhia de ópera de verdade - como um deles chegou a fazer - isso significava que a vida de dúzias de cantores e dançarinos seria salva. No mínimo, eles poderiam recuperar algum senso de humanidade. "Quando os atores estavam no palco, eles se esqueciam de sua constante sensação de fome, de sua ausência de direitos, do comboio que os aguardava com cães de guarda do lado de fora do portão", escreveu Aleksandr Klein.[1863] Quando tocava na orquestra da Dalstroi, o prisioneiro e violinista Georgii Feldgun sentiu-se "como se eu respirasse o ar pleno da liberdade".[1864]

Às vezes as recompensas eram ainda maiores. Um documento de Dmitlag descreve a roupa especial distribuída aos membros da orquestra do campo - incluindo as muito cobiçadas botas de oficial - e ordena a um comandante de lagpunkt que lhes forneça alojamentos especiais também.[1865] Thomas Sgovio visitou um desses alojamentos para músicos em Magadan: "Ao entrar, à direita

[1860] Dolgun, pp. 206-7.
[1861] Ereevna, entrevista com a autora.
[1862] Tvardovskii, pp. 272-75.
[1863] Klein, Ulyb/inevoli, pp. 70-71.
[1864] Feldgun, memórias inéditas.
[1865] GARF, 9489/2/20.

havia um compartimento separado com um pequeno fogão. Mantas para os pés e botas de feltro ficavam dependuradas em arames estendidos de uma parede a outra. Camas individuais estavam limpas e com cobertores. Colchões e fronhas eram forrados de palha. Os instrumentos pendiam das paredes -uma tuba, uma trompa, um trombone, um trompete etc. Cerca da metade dos músicos eram criminosos. Todos eles tinham empregos leves - cozinheiro, barbeiro, administrador de banheiro, contador etc.[1866]

No entanto, nos campos menores, aqueles que se apresentavam também desfrutavam de melhores condições, o que acontecia ate em prisões. Georgii Feldgun recebeu comida adicional enquanto estava num campo de transferência, depois de tocar seu violino para um grupo de criminosos. Ele achou a experiência muito estranha: "Aqui estamos nós no fim do mundo, no porto de Vanino... e tocando musica eterna, escrita há mais de duzentos anos. Estamos tocando Vivaldi para quinze gorilas".[1867]

Outra prisioneira foi parar numa cela com uma trupe de cantoras e atrizes que, graças aos seus talentos, não estavam sendo transferidas para os campos. Vendo que eram mais bem tratadas, ela convenceu-as a deixarem que ela também se apresentasse junto com elas, e então cantou fora do tom e fez uma cena engraçada, rindo de si mesma. Pelo resto de sua passagem pelo campo, seu talento cômico até então não descoberto fez com que recebesse comida adicional e ajuda de suas colegas prisioneiras.[1868] Outros também usavam o humor para sobreviver. Dmitri Panin escreveu sobre um palhaço profissional de Odessa que atuava para salvar sua vida, sabendo que se fizesse as autoridades do campo rirem iria poupar-se de ser transferido para um campo de punição. "A única incongruência nessa alegre dança vinha dos grandes olhos negros do palhaço, que pareciam estar implorando misericórdia. Eu nunca havia visto uma performance tão emotiva".[1869]

De todas as maneiras de sobreviver por meio da colaboração com as autoridades, "salvar a pele" por meio da atuação no teatro do campo ou participar de outras atividades culturais era o método que parecia aos prisioneiros o menos problemático do ponto de vista moral. Talvez porque outros prisioneiros também tirassem proveito disso. Mesmo para aqueles que não recebiam tratamento especial, o teatro dava um tremendo apoio moral, algo que também era necessário para a sobrevivência. "Para os prisioneiros, o teatro era a fonte de alegria, era amado, adorado", escreveu um prisioneiro.[1870] Gustav Herling lembra que nos concertos "os prisioneiros tiravam seus bonés na entrada, limpavam a neve de suas botas no corredor externo, e ocupavam seus lugares nos bancos com expectativa cerimoniosa e com uma reverência quase religiosa".[1871]

Talvez fosse por isso que aqueles cujo talento artístico lhes permitia viver melhor inspirassem admiração, e não inveja ou ódio. Tatyana Okunevskaya - a estrela de cinema enviada para os campos por se recusar a dormir com Abakumov, o chefe da contra-inteligência soviética - era reconhecida em toda

---

[1866] Sgovio, pp. 168-69.
[1867] Feldgun, memórias inéditas.
[1868] E. Sudakova, "Otryvok iz vospominanii", em Uroki, pp. 132-37.
[1869] Panin, p. 79.
[1870] Chirkov, pp. 96-97.
[1871] Herling, p. 156.

parte, e todos a ajudavam. Durante um concerto no campo, ela sentiu o que pareciam ser pedras sendo atiradas em suas pernas; olhou para baixo e viu que eram latas de abacaxi mexicano, uma guloseima inaudita, que um grupo de ladrões tinha comprado só para ela.[1872]

Nikolai Starostin, o jogador de futebol, também era tratado com o máximo respeito pelos urki, que, escreveu ele, passavam a mensagem um para o outro: não toquem em Starostin. Às noites, quando ele começava a contar histórias do futebol, os "jogos de cartas cessavam" e os prisioneiros se juntavam em torno dele. Quando ele chegava a um novo campo, geralmente lhe era oferecida uma cama limpa no hospital do campo. "Era a primeira coisa que me era oferecida, sempre que chegava, desde que entre os médicos ou chefes houvesse algum fã".[1873]

Apenas algumas pessoas se incomodavam com a questão moral mais complexa de se era "certo" cantar e dançar enquanto estivessem na prisão. Nadezhda Joffe era uma delas: "Quando rememoro meus cinco anos, não sinto vergonha de me lembrar deles e não tenho nada que me faça enrubescer. Existe apenas a questão do teatro amador... Essencialmente não havia nada de errado com ele, e mesmo assim... nossos ancestrais distantes, em condições aproximadamente análogas, penduraram seus alaúdes e disseram que não iriam cantar em cativeiro".[1874]

Alguns prisioneiros, particularmente os de origem não soviética, também tinham suas dúvidas sobre as produções. Um prisioneiro polonês, detido durante a guerra, escreveu que o teatro do campo "destinava-se a destruir ainda mais seu respeito por si mesmo... Às vezes havia performances 'artísticas', ou alguma espécie de orquestra estranha, mas isso não era feito para a satisfação da alma. Em vez disso, era destinado a nos mostrar a 'cultura' deles [soviética], a nos enervar mais ainda". [1875]

Além disso, aqueles que se sentiam desconfortáveis não eram obrigados a participar das performances oficiais. Um impressionante número de prisioneiros políticos que escreveram relatos - e isso talvez explique por que eles escreveram relatos - atribuem sua sobrevivência a sua capacidade de "contar histórias": entreter prisioneiros criminosos contando enredos de romances ou filmes. No mundo dos campos e das prisões, onde os livros eram escassos e os filmes, raros, um bom contador de histórias era altamente valorizado. Lev Finkelstein diz que ele será "para sempre grato a um ladrão que, em meu primeiro dia na prisão, identificou esse potencial em mim, e disse: 'Você provavelmente leu um monte de livros. Conte eles para as pessoas, e você vai viver muito bem'. E de fato eu vivia melhor que o resto. Eu tinha alguma notoriedade, alguma fama... Passava por pessoas que diziam 'Você é o Levchik-Romanist [Levchik-o contador de histórias], ouvi falar de você em Taishet' ". Por causa desse talento, Finkelstein era convidado, duas vezes por dia, para o barracão do líder da brigada, onde recebia uma caneca de água quente. No canteiro em que ele trabalhava na época, "isso significava a vida". Finkelstein achava, conforme diz, que os clássicos russos e estrangeiros eram os que funcionavam melhor: ele fazia bem menos sucesso ao contar os

---

[1872] Okunevskaya, p. 352.
[1873] Starostin, pp. 88-92.
[1874] Joffe, p. 139.
[1875] Glowacki,pp. 317-18.

enredos de romances soviéticos mais recentes.[1876]

Outros compartilhavam essa opinião. Em seu quente e abafado trem para Vladivostok, Evgeniya Ginzburg aprendeu que "havia vantagens materiais em recitar poesia... Por exemplo, após cada ato de 0 infortúnio de ser talentoso, de Griboyedov, eu ganhava um gole de água da caneca de alguém como uma recompensa por 'serviços à comunidade'[1877].

Aleksander Wat contou O vermelho e o negro, de Stendhal, para um grupo de bandidos quando estava na prisão.[1878] Alexander Dolgun contou o enredo de Os miseráveis.[1879] Janusz Bardach contou a história de Os três mosqueteiros: "Senti que meu status crescia a cada dobra do enredo".[1880] Em resposta aos ladrões que rejeitavam os presos políticos como "gentalha", Colonna-Czosnowski também se defendeu contando-lhes "minha própria versão de um filme, devidamente embelezada para obter o máximo efeito dramático, que eu assistira na Polônia alguns anos antes. Tratava-se de uma história de 'policiais e ladrões', que acontecia em Chicago, envolvendo Al Capone. Para melhorá-la, eu introduzi Bugsy Malone, talvez até Bonnie e Clyde. Decidi incluir tudo que fosse capaz de lembrar, e mais uns refinamentos adicionais que eu inventava no calor da hora". A história impressionou seus ouvintes, e eles pediram ao polonês para repeti-la muitas vezes: "Como crianças, eles ouviam atentamente. Não se importavam de ouvir as mesmas histórias várias vezes. Como crianças, também gostavam que a cada vez eu usasse sempre as mesmas palavras. Eles também percebiam as mais leves mudanças e as mínimas omissões... três semanas após minha chegada eu era um homem diferente".[1881]

Mesmo assim, quem tivesse dote artístico não precisava ganhar o dinheiro ou o pão de um prisioneiro para salvar sua vida. Nina Gagen-Torn fala de uma historiadora de música, apreciadora de Wagner, que conseguiu escrever uma ópera enquanto estava nos campos. Voluntariamente, ela quis trabalhar na limpeza de esgotos e privadas a céu aberto, já que essa tarefa, que de outro modo seria desagradável, lhe dava liberdade suficiente para se concentrar em sua música.[1882] Aleksei Smirnov, um dos destacados defensores da liberdade de imprensa da Rússia daquele tempo, conta a história de dois acadêmicos de literatura que, enquanto estavam nos campos, criaram um poeta francês fictício do século XVIII, e escreveram um pastiche de poesia francesa daquele século.[1883] Gustav Herling também tirou enorme proveito das "lições" sobre história da literatura que ele recebeu de um antigo professor: seu professor, especulou ele, devia ter se beneficiado ainda mais.[1884]

Irena Arginskaya também foi auxiliada por sua sensibilidade estética. Anos após sua soltura, ainda era capaz de falar da "incrível beleza" do extremo norte, de como às vezes o pôr-do-sol e a visão dos espaços abertos e das grandes florestas a deixavam sem fôlego. Uma vez aconteceu até de sua mãe fazer a longa e terrível viagem para visitá-la no campo, só para descobrir ao

---

[1876] Finkelstein, entrevista com a autora.
[1877] E. Ginzburg, Journey into the Whirlwind, p. 292.
[1878] Wat, p. 142.
[1879] Dolgun, pp. 141-47.
[1880] Bardach, p. 190.
[1881] Colonna-Czosnowski, pp. 120-21.
[1882] Gagen-Torn, "Rukopis", em PamjatKolymy, pp. 23-25.
[1883] Smirnov, conversa com a autora, Fevereiro de 2001.
[1884] Herling, pp. 139-40.

chegar que sua filha havia sido levada para o hospital: a visita tinha sido em vão. Mesmo assim, ela falou "até o fim da sua vida", assim como a filha, da beleza da taiga.[1885]

De qualquer modo, a beleza não podia ajudar a todos, e sua percepção era subjetiva. Rodeada pela mesma taiga, pelo mesmo espaço aberto, as mesmas vastas paisagens, Nadezhda Ulyanovskaya achava que o cenário a fazia sentir apenas aversão: "Quase contra a minha vontade, eu relembro as grandiosas alvoradas e os ocasos, os pinheirais, as dores brilhantes que por alguma razão não tinham perfume".[1886]

Tão impressionada fiquei com esse comentário que quando eu mesma visitei o extremo norte em pleno verão apreciei com olhos diferentes os largos rios e as intermináveis florestas da Sibéria, a paisagem lunar desolada que é a tundra do Ártico. A entrada de uma mina de carvão, que fica no local de um antigo lagpunkt de Vorkuta, cheguei a colher um punhado de flores silvestres do Ártico para ver se tinham perfume. Tinham. Talvez Ulyanovskaya simplesmente não quisesse senti-lo.

## 18. Rebelião e fuga

> *Naquele momento, se eu tivesse escutado o som dos cães de trenó anunciando o início da patrulha, acho que teria tido um colapso. Percorremos correndo os poucos metros que nos separavam da última cerca [...] provavelmente, fazíamos pouco barulho, mas eu tinha a impressão de que o rebuliço era ensurdecedor [...] Escalamos a cerca desordenadamente, saltamos e caímos sobre o último lote de arame farpado, ao pé da cerca, erguemo-nos, verificamos rapidamente se todos estavam bem e, de comum acordo, começamos a correr.*
>
> Slavomir Rawicz, A longa caminhada.[1887]

Entre os vários mitos sobre o Gulag, o da impossibilidade de fuga é um dos maiores. Escapar dos campos de Stalin, disse Soljenitsin, era "uma empreitada para gigantes entre os homens - mas gigantes condenados".[1888] Segundo Anatolii Zhigulin, "Era impossível fugir de Kolyma".[1889] Com a melancolia característica, Varlam Shalamov escreveu que "os condenados que tentam fugir são quase sempre os recém-chegados, os que estão no primeiro ano, homens em cujo coração a liberdade e a vaidade não tinham sido aniquiladas ainda".[1890] Nikolai Abakumov, o antigo comandante da guarnição de Norilsk, descartava a idéia de uma fuga bem-sucedida: "Alguns homens abandonaram os campos, mas nenhum conseguiu chegar ao 'continente'"- era esse o termo que usava para se referir à Rússia central.[1891]

Gustav Herling conta a história de um companheiro de prisão que tentou fugir e

---

[1885] Arginskaya, entrevista com a autora.
[1886] Ulyanovskaya, pp. 356-65.
[1887] Rawicz, p. 96.
[1888] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. III, p. 97.
[1889] Zhigulin, p. 192.
[1890] Shalamov, Kolymy Tales, pp. 343-79.
[1891] MacQueen.

fracassou: depois de meses de planejamento cuidadoso, depois de conseguir passar pelas cercas e vagar pela floresta durante sete dias, faminto, ele se descobriu a apenas doze quilômetros do campo e entregou-se voluntariamente. "A liberdade não é para nós", o homem concluía toda vez que contava aos outros prisioneiros a história da fuga malograda. "Estamos acorrentados a este lugar pelo resto da vida, muito embora não haja correntes. Podemos fugir, podemos vagar por aí, mas no final voltaremos."[1892]

Naturalmente, os campos eram construídos para evitar fugas: em última análise, era para isso que serviam os muros, o arame farpado, as torres de vigia e a terra de ninguém cuidadosamente esquadrinhada Em vários campos, entretanto, o arame farpado nem sequer era necessário para manter os presos do lado de dentro. O clima era desfavorável às fugas - durante dez meses por ano, a temperatura ficava abaixo do ponto de congelamento -, assim como a geografia, algo que só se pode compreender de fato quando se vê de perto o local em que ficavam alguns dos campos mais distantes.

Por exemplo, pode-se descrever Vorkuta, a cidade que se erguia ao lado das minas de carvão de Vorkutlag, não apenas como isolada, mas inacessível. Não há estradas até Vorkuta, que fica além do Círculo Polar Ártico - a cidade e suas minas podem ser alcançadas apenas de trem ou de avião. No inverno, qualquer um que se aventurasse pela tundra descampada, sem árvores, se transformaria num alvo móvel. No verão, essa paisagem se torna um pântano igualmente impenetrável.

Nos campos mais meridionais, as distâncias também eram um problema. Mesmo que um detento pulasse o arame farpado ou se esgueirasse pela floresta durante o trabalho (graças ao desmazelo dos guardas, isso não era tão difícil), ele se encontrava a quilômetros de uma estrada ou de uma ferrovia; às vezes, a quilômetros de algo que lembrasse uma cidade ou uma aldeia. Não havia comida nem abrigo, e, por vezes, a água era escassa.

Mais do que tudo, havia sentinelas em todos os cantos: toda a região de Kolyma - centenas e centenas de quilômetros quadrados de taiga - era na verdade uma imensa prisão, assim como toda a República Komi, grandes faixas do deserto casaque e o norte da Sibéria. Nesses lugares, havia poucas aldeias comuns e poucos habitantes comuns. Qualquer pessoa que andasse sozinha, sem documentos de identificação, seria imediatamente considerada fugitiva, levaria um tiro ou seria espancada e devolvida ao campo. Certo prisioneiro decidiu não se juntar a um grupo de fugitivos por essa razão: "Sem papéis nem dinheiro, para onde eu iria num território atulhado de campos de concentração e portanto cheio de postos de controle?"[1893]

Também não era provável que um preso em fuga recebesse ajuda dos habitantes locais que porventura encontrasse. Na Sibéria czarista, havia uma tradição de solidariedade com os fugitivos e os servos. À noite, tigelas de pão e leite eram colocadas nas portas das casas para eles. Uma canção de prisioneiros pré-revolucionária descreve esse costume:

> As camponesas me davam leite

---

[1892] Herling, pp. 125-29.
[1893] Petrov, pp. 104-7.

> Os rapazes forneciam tabaco.[1894]

Na União Soviética de Stalin, o estado de espírito era diferente. A maioria das pessoas estava inclinada a entregar um "inimigo"que escapara e muito mais inclinada a entregar um criminoso "reincidente". Isso não acontecia apenas porque elas acreditassem, ainda que não totalmente, no que a propaganda dizia sobre os presos, mas porque aqueles que deixavam de entregar um fugitivo se arriscavam a receber longas sentenças de prisão.[1895] Dado o clima diário de paranóia, seus temores prescindiam de uma razão específica:

> Quanto à população do lugar, ninguém nos protegia nem escondia, como escondiam e protegiam os que fugiam dos campos de concentração nazistas. E isso acontecia porque durante muitos anos todos viveram atemorizados e desconfiados, esperando um novo infortúnio a cada minuto, com medo uns dos outros [...] Num lugar em que todos, do mais simples ao mais importante, temiam os espiões, era impossível esperar uma fuga bem-sucedida.[1896]

Quando os moradores não entregavam os fugitivos por ideologia nem por medo, eles o faziam pela cobiça. Justa ou injustamente, muitos memorialistas acreditam que as tribos locais - de esquimós, ao norte, e de casaques, ao sul - viviam à procura de fugitivos. Alguns se tornaram caçadores de recompensa profissionais e entregavam os presos em troca de um quilo de chá ou de um pacote de trigo.[1897] Em Kolyma, o morador que apresentou a mão direita de um fugitivo - a cabeça, segundo alguns relatos - recebeu uma recompensa de 250 rublos, e parece que as gratificações eram semelhantes em todo o país.[1898] Num caso documentado, um habitante local reconheceu um prisioneiro disfarçado de homem livre e denunciou sua presença à polícia. Recebeu 250 rublos. Seu filho, que havia se dirigido à delegacia, recebeu outros 150. Em outro caso, um homem que denunciou o esconderijo de um fugitivo ao comandante de um campo recebeu a imensa quantia de 300 rublos.[1899]

Os presos recapturados eram punidos com severidade. Alguns eram mortos imediatamente. O corpo dos mortos também era usado como propaganda:

> À medida que nos aproximávamos do portão, pensei por um instante que estava tendo um pesadelo: vi um cadáver nu, suspenso no mourão. As mãos e os pés estavam amarrados com arame; a cabeça pendia para um lado; os olhos, rígidos, estavam meio abertos. Acima da cabeça havia uma placai com a inscrição: "Este é o destino de todos os que tentam fugir de Norilsk".[1900]

Zhigulin se lembra dos cadáveres dos homens que haviam tentado fugir jogados no meio do seu lagpunkt em Kolyma, às vezes por um mês inteiro.[1901] Na verdade, essa prática era antiga, remontava a Solovetsky. Nos anos 1940,

---

[1894] Rossi, The Gulag Handbook, p. 204; Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. III, p. 161.
[1895] Soljenitsin, ibid., pp. 197-99.
[1896] A. Morozov, p. 187.
[1897] Soljenitsin, The Gulag Archipelago ,vol. III, pp. 197-99.
[1898] Kusurgashev, pp. 34-36; Rossi, The Gulag Handbook, pp. 204-5.
[1899] GARF, 9401/1a/552 e 64.
[1900] Stajner, p. 78.
[1901] Zhigulin, pp. 191-212.

era quase universal.[1902]

Ainda assim, os detentos tentavam fugir. De fato, a julgar pelas estatísticas oficiais e pela correspondência irritada sobre o assunto nos arquivos do Gulag, as fugas e as tentativas de fuga eram mais comuns do que a maior parte dos memorialistas admite. Existem, por exemplo, registros de punições impostas depois de fugas que deram certo. Em 1945, após a escapada de vários grupos do "Canteiro de Obras 500 da NKVD" - uma ferrovia que atravessava a Sibéria oriental -, oficiais das guardas armadas receberam penas de prisão de cinco ou dez dias, e seu salário foi reduzido em 50% para cada dia passado atrás das grades. Em outros casos ilustrativos, os guardas eram levados a julgamento depois de fugas importantes, e, de vez em quando, os chefes dos campos perdiam o emprego.[1903]

Também há registros de guardas que frustraram algumas fugas. Um guarda que soou o alarme depois que detentos em fuga sufocaram um vigia recebeu uma recompensa de 300 rublos. O chefe dele ganhou 200 rublos, assim como outro chefe da prisão, e os soldados envolvidos ficaram com 100 rublos cada um.[1904]

Nenhum campo era totalmente seguro. Por causa da localização remota, pensava-se que Solovetsky fosse inexpugnável. No entanto, em maio de 1925, dois Guardas Brancos, S. A. Malsagov e Yuri Bessonov, escaparam de um dos campos da rede Slon do continente. Depois de atacar os vigias, eles caminharam durante 35 dias até a fronteira com a Finlândia. Mais tarde, ambos publicaram livros sobre sua passagem por Solovetsky, os primeiros a aparecerem no Ocidente.[1905] Em 1928, Solovetsky foi palco de outra fuga famosa. Meia dúzia de detentos atacou os guardas e transpôs os portões do campo. A maioria escapou, provavelmente cruzando a fronteira com a Finlândia também.[1906] Em 1934, houve duas fugas particularmente espetaculares - também em Solovetsky. A primeira envolveu quatro "espiões"; a segunda, "um espião e dois bandidos".[1907]

No final dos anos 1920, à medida que os campos da Slon se expandiam pelo território careliano, as oportunidades de fuga se multiplicaram, e Vladimir Tchernavin aproveitou-se delas. Tchernavin era especialista em pesca e tentara corajosamente injetar um pouco de realismo no Plano Qüinqüenal da Cooperativa de Pesca de Murmansk. Foi condenado por "destruição" devido às críticas que fez ao projeto. Ele recebeu uma pena de cinco anos e foi enviado a Solovetsky. Posteriormente, o Slon o transferiu para o norte da Carélia, onde deveria projetar novos empreendimentos de pesca.

Tchernavin aguardou o momento propício. Ao longo de muitos meses, ganhou a confiança dos superiores, que chegaram a permitir que recebesse a visita da mulher e do filho de quinze anos, Andrei. Um dia, durante uma visita, no verão de 1933, a família saiu para um "piquenique" pela baía local. Quando chegaram à margem oeste, Tchernavin e a mulher contaram a Andrei que eles

[1902] Rossi, The Gulag Handbook, p. 406.
[1903] GARF, 9401/1a/185.
[1904] GARF, 9401/1a/7.
[1905] Malsagov.
[1906] V. V. Ioffe, "Bolshoi Pobeg 1928-ogo goda", em Solovetskie Ostrova, vol. II, pp. 215-16 (GARF).
[1907] GARF, 9414/1/8.

iriam sair da URSS - a pé. "Sem bússola nem mapa, atravessamos montanhas, florestas e pântanos, até a Finlândia e a liberdade", Tchernavin escreveu.[1908] Décadas mais tarde, Andrei recordou que o pai acreditava que poderia mudar a opinião que o mundo tinha da Rússia soviética se escrevesse um livro sobre sua experiência. Ele escreveu. Não funcionou.[1909]

Entretanto, é possível que a experiência de Tchernavin não tenha sido única: de fato, o período de expansão inicial do Gulag pode muito bem ter sido a era de ouro das fugas. O número de prisioneiros crescia rapidamente, a quantidade de guardas era insuficiente, os campos eram relativamente próximos à Finlândia. Em 1930, 1.174 fugitivos foram capturados na fronteira. Em 1932, 7.202 haviam sido encontrados, e é bem possível que o número de fugas bem-sucedidas tenha aumentado proporcionalmente.[1910] Segundo as estatísticas do próprio Gulag - que podem não ser precisas, é claro -, 45.755 pessoas escaparam dos campos em 1933 e apenas um pouco mais da metade -28.370 - foi recapturada.[1911] A população estava aterrorizada pela grande quantidade de condenados à solta, e os comandantes do campo, os guardas da fronteira e a OGPU local viviam solicitando reforços.[1912]

A resposta da OGPU foi instituir controles mais rígidos. Mais ou menos na mesma época, a ajuda dos moradores foi ativamente recrutada: a OGPU baixou uma norma para a criação de um cinturão de 25 a 30 quilômetros em torno de cada campo no qual a população "combateria ativamente as fugas". Os encarregados dos trens e dos barcos na vizinhança dos campos também foram recrutados. Outra norma proibiu que os guardas levassem os detentos para tomar sol.[1913] Os oficiais imploravam por mais recursos, particularmente por mais guardas para evitar fugas.[1914] Novas leis determinavam penas de prisão extra para quem fugisse. Os guardas sabiam que se atirassem em um prisioneiro durante uma fuga, podiam até ser recompensados.[1915]

Ainda assim, os números não caíram muito rapidamente. Nos anos 1930, as fugas em massa eram muito comuns em Kolyma. Acampados na floresta, os criminosos se organizavam em bandos, roubavam armas e chegavam a atacar moradores, grupos de geólogos e aldeias nativas. Em 1936, depois de 22 incidentes desse tipo, montou-se uma divisão especial para 1.500 "elementos especialmente perigosos" - prisioneiros que poderiam fugir.[1916] Posteriormente, em janeiro de 1938, no auge do Grande Terror, um dos delegados-chefe da NKVD distribuiu uma circular a todos os campos da União Soviética observando que "apesar de uma série de normas que visam a combater decisivamente a fuga de detentos dos campos [...] a questão ainda precisa ser melhorada".31

Nos primeiros dias da Segunda Guerra Mundial, o número de fugas voltou a subir de maneira acentuada, graças às oportunidades criadas pela evacuação

---

[1908] V. Tchemavin, p. 357; T. Tchernavin.
[1909] Gulag, documentário da BBC, produzido por Angus MacQueen, 1998.
[1910] Chukhin, Kanaloarmeetsi, pp. 188-92.
[1911] GARF, 9401/1a/5.
[1912] Makurov, p. 6.
[1913] GARF, 9401/1a/5 e 6.
[1914] Makurov, pp. 38-39.
[1915] Rossi, The Gulag Handbook, pp. 310-11.
[1916] Kozlov, "Sewostlag NKVD SSSR", p. 81. 31.GARF,9401/1a/20.

dos campos na região oeste do país e ao caos generalizado.[1917] Em julho de 1941, quinze prisioneiros escaparam de Pechorlag, um dos campos mais ermos, localizado na República Komi. Em agosto do mesmo ano, quatro ex-marinheiros liderados por um ex-tenente da Frota do Norte conseguiram escapar de um posto avançado em Vorkuta.[1918]

Os números começaram a cair com o decorrer da guerra, mas as fugas não cessaram completamente. Em 1947, em seu apogeu no pós-guerra, 10.440 prisioneiros tentaram escapar, dos quais apenas 2.894 foram recapturados.[1919] Talvez essa porcentagem seja pequena em relação aos milhões que enchiam os campos na época, mas ainda assim e uma prova de que fugir não era tão impossível quanto se pensa. Pode ser até que a freqüência das fugas ajude a explicar o endurecimento das regras nos campos e o aumento dos níveis de segurança que caracterizaram a vida no Gulag nos últimos cinco anos de sua existência.

Em geral, os memorialistas concordam que a maioria esmagadora dos fugitivos potenciais era formada por crimimosos de carreira. Isso se reflete na gíria utilizada. Por exemplo, eles se referiam à aproximação da primavera como a chegada do "promotor verde" ("Vasia foi solto pelo promotor verde"), pois era na primavera que se planejavam fugas do verão: "Só é possível viajar pela taiga no verão, quando se pode comer grama, cogumelos, frutas silvestres, raízes ou panquecas de musgo, caçar arganazes, tâmias, esquilos, gaios, coelhos [...]"[1920] No extremo norte, a melhor época para fugir era o inverno, que os criminosos chamavam de "promotor branco": só então era possível atravessar os pântanos e a lama da tundra.[1921]

Na verdade, os criminosos de carreira escapavam com mais facilidade porque, depois de "passar por baixo do arame", tinham muito mais chances de sobreviver. Se conseguissem chegar a uma cidade grande, podiam se misturar aos criminosos locais, falsificar documentos e encontrar esconderijo. Como não tinham muitas aspirações de voltar ao mundo "livre", eles também fugiam só para se divertir, para ficar "fora" por um tempo. Se fossem capturados e conseguissem sobreviver, o que era uma pena de dez anos para alguém que já tinha duas condenações de 25 anos ou mais? Um ex-zek se lembra de uma prisioneira comum que fugiu apenas para se encontrar com um homem. Ela voltou "saciada", mas foi imediatamente condenada à solitária.[1922]

Os prisioneiros políticos fugiam com muito menos freqüência. Além de não ter experiência e de não poder contar com uma rede de ajuda, eram perseguidos com muito mais fervor. Tchernavin - que pensou muito no assunto antes de fugir - explicou a diferença:

> Os guardas não se importavam muito com a fuga dos criminosos, nem dispendiam muito esforço perseguindo-os: eles seriam capturados quando chegassem à ferrovia ou a uma cidade. No entanto, organizavam-se pelotões imediatamente para ir atrás dos presos

[1917] GARF, 9401/1a/128; Kuchin, Polyansii ITL, p. 148.
[1918] Poleshchikov, p. 39.
[1919] GARF, 9414/1/2632; Kuchm,Polyanskii ITL, p. 148.
[1920] Shalamov, Kolyma Tales, p. 345; Rossi, The Gulag Handbook, p. 342.
[1921] Rossi, ibid., p. 310.
[1922] Lvov, memórias inéditas.

> políticos: às vezes, todas as aldeias vizinhas eram mobilizadas e até os guardas da fronteira eram chamados a ajudar. Os prisioneiros políticos sempre tentavam fugir para fora do país - não havia refúgio em sua terra natal.[1923]

A maioria dos fugitivos era do sexo masculino, mas não todos. Margarete Buber-Neumann esteve num campo do qual uma cigana fugiu com o cozinheiro. Ao ouvir a história, uma cigana mais velha assentiu com a cabeça: "Ela acha que existe um tabor [acampamento cigano] pelas redondezas. Se conseguir chegar até ele, estará segura".[1924] Em geral, as fugas eram planejadas com antecedência, mas elas também podiam acontecer de uma hora para outra: Soljenitsin conta a história de um prisioneiro que pulou uma cerca de arame farpado durante uma tempestade de poeira no Casaquistão.[1925] As tentativas de fuga costumavam ser realizadas nas áreas de trabalho menos guardadas do campo, mas isso não era regra. Por exemplo, no mês de setembro de 1945, selecionado aleatoriamente, 51% das tentativas de fuga registradas aconteceram em áreas de trabalho; 27%, nos alojamentos; 11%, durante o traslado.[1926] Junto com um grupo de ucranianos jovens, Edward Buca planejou a fuga de um trem de prisioneiros com destino à Sibéria:

> Com minha serra para metal, tentaríamos cortar quatro ou cinco pranchas, trabalhando apenas à noite e escondendo os vestígios no piso do vagão com uma mistura de pão e estrume de cavalo. Quando o buraco estivesse pronto, esperaríamos até que o trem parasse na floresta, retiraríamos as pranchas e saltaríamos do vagão, tantos quanto possível, espalhando-nos em todas as direções para confundir os guardas. Alguns seriam atingidos por tiros, mas a maioria escaparia.[1927]

Eles tiveram de desistir do plano quando alguém suspeitou da tentativa de fuga. No entanto, havia quem tentasse fugir dos trens: em junho de 1940, dois criminosos conseguiram de fato sair por um buraco no vagão.[1928] No mesmo ano, Janusz Bardach também escapou através de algumas tábuas podres no trem. Entretanto, ele não as colocou de volta no lugar e foi perseguido pelos cães, capturado e espancado, mas sobreviveu.[1929]

Algumas fugas se originavam, conforme afirma Soljenitsin, "não de um impulso desesperado, mas de cálculos técnicos e do amor pelo trabalho bem feito.[1930] Muros falsos eram construídos nos vagões de carga fechados; os prisioneiros se escondiam em caixas e assim conseguiam sair dos campos.[1931] Uma vez, 26 criminosos abriram caminho por baixo de um muro. Todos conseguiram escapar, mas, de acordo com o oficial que liderou as buscas, também foram recapturados em um ano.[1932]

---

[1923] V. Tchemavin, p. 319.
[1924] Buber-Neumann, p. 112.
[1925] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. III, p. 140.
[1926] GARF, 9401/1/2244.
[1927] Buca, p. 33.
[1928] GARF, 9401/1a/64.
[1929] Bardach, pp. 106-21.
[1930] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. III, p. 204.
[1931] Soljenitsin, ibid.; Yuri Morakov (anteriormente funcionário do MVD), conversa com a autora, Novembro de 1999.
[1932] Morakov, ibid.

Outros, como Tchernavin, aproveitavam a posição especial de que desfrutavam no campo para organizar sua fuga. Os arquivos registram a história de um prisioneiro que deliberadamente causou um acidente num trem de mercadorias e escapou no meio da confusão.[1933] Em outro caso documentado, os detentos que receberam a incumbência de enterrar os mortos no cemitério do campo atiraram no guarda que os escoltava e o colocaram no túmulo coletivo, de modo que seu corpo não fosse descoberto de imediato.[1934] A fuga também era fácil para os prisioneiros "subvigiados", que tinham passes que lhes permitiam movimentar-se entre os campos.

Os disfarces também eram utilizados. Varlam Shalamov conta a história de um detento que escapou e conseguiu viver dois anos em liberdade, vagando pela Sibéria, fingindo ser um geólogo. Num dado momento, as autoridades locais, orgulhosas de contar com um especialista, pediram-lhe respeitosamente que proferisse uma palestra. "Krivoshei sorriu, citou Shakespeare em inglês, rabiscou alguma coisa no quadro-negro e desfiou uma dúzia de nomes estrangeiros." No final, foi apanhado porque enviou dinheiro à esposa.[1935] É muito possível que sua história seja apócrifa, mas os arquivos registram casos semelhantes. Em um desses episódios, um prisioneiro de Kolyma roubou alguns documentos, escondeu-se num avião e viajou até Yakutsk. E lá ele foi encontrado, confortavelmente instalado em um hotel, com 200 gramas de ouro no bolso.[1936]

Nem todas as fugas se davam por meio de astúcia. Muitas fugas de criminosos (a maioria, provavelmente) envolviam violência. Os fugitivos atacavam os guardas armados, sufocavam-nos e atiravam neles, e faziam o mesmo com os trabalhadores livres e os moradores.[1937] Também não poupavam os companheiros de prisão. Um dos métodos-padrão de fuga dos criminosos comuns era o canibalismo. Uma dupla de criminosos combinava fugir com um terceiro homem (a "carne"), cujo destino era tornar-se o sustento dos outros dois durante a jornada. Buca também descreve o julgamento de um ladrão e assassino profissional, que, junto com um colega, fugiram com o cozinheiro do campo, seu "suprimento ambulante":

> Eles não foram os primeiros a ter essa idéia. Quando se tem uma comunidade imensa de pessoas que não pensam em nada a não ser fugir, é inevitável que se discutam todos os meios possíveis de atingir esse objetivo. O "suprimento ambulante" é, na verdade, um prisioneiro gordo. Se for preciso, pode-se matá-lo e comê-lo. E, até lá, é ele quem carrega a "comida".

Os dois homens fizeram conforme o planejado - mataram e comeram o cozinheiro - mas não negociaram a extensão da viagem. Começaram a ficar com fome outra vez:

> No fundo do coração, os dois sabiam que o primeiro que dormisse seria morto pelo outro. Assim, ambos fingiam que não estavam cansados e passavam a noite contando histórias, observando o outro de perto. A

---

[1933] GARF, 9414/4/10.
[1934] GARF, 9401/12/319.
[1935] Shalamov, Kolyma Tales, pp. 80-85.
[1936] GARF,9401/1a/552.
[1937] GARF, 9401/1a/64 e 9401/12/319, entre outros.

velha amizade os impedia de atacar abertamente ou de confessar as suspeitas mútuas.

Afinal, um deles dormiu. O outro cortou-lhe a garganta. Foi apanhado, Buca nos conta, dois dias depois, e ainda tinha pedaços de carne crua no saco.[1938]

Embora não se possa saber com que freqüência esse tipo de fuga ocorria, há histórias semelhantes, contadas por um número considerável de presos entre os anos 1930 e 1940, em quantidade suficiente para afirmar que elas realmente aconteciam, pelo menos de vez em quando.[1939] Quando esteve em Kolyma, Thomas Sgovio ouviu as sentenças de morte pronunciadas em duas fugas desse tipo - eles haviam feito um rapaz de prisioneiro, mataram-no e salgaram sua carne.[1940] Vatslav Dvorzhetskii ouviu uma história parecida na Carélia, em meados dos anos 1930.

Na tradição oral do Gulag também se podem encontrar histórias de fugas e fugitivos verdadeiramente extraordinários, muitas, mais uma vez, possivelmente apócrifas.[1941] Soljenitsin relata a saga de Georgi Tenno, um político estoniano que vivia fugindo dos campos e em uma ocasião percorreu 460 quilômetros a cavalo, de barco e de bicicleta, quase chegando à cidade siberiana de Omsk. Enquanto algumas histórias de Tenno são provavelmente verdadeiras (mais tarde ele se tornou amigo de um outro memorialista sobrevivente do Gulag, Alexander Dolgun, que também o apresentou a Soljenitsin), outras, mais espetaculares, são de difícil confirmação.[1942] Existe uma antologia inglesa que conta a história de um pastor estoniano que conseguiu fugir de um campo, falsificar documentos e atravessar a fronteira do Afeganistão com seus acompanhantes. A mesma antologia cita um prisioneiro espanhol que escapou fingindo-se de morto quando um terremoto destruiu seu campo. Mais tarde, ele diz, atravessou a fronteira do Irã.[1943]

Por fim, há o caso curioso de Slavomir Rawicz, cujas memórias, A longa caminhada, contêm a mais espetacular e comovente descrição de uma fuga em toda a literatura sobre o Gulag. Segundo esse relato, Rawicz foi capturado após a invasão soviética da Polônia e deportado para um campo no norte da Sibéria. Ele afirma ter escapado, com a conivência da esposa de um comandante do campo, na companhia de outros seis detentos, um deles americano. Junto com uma garota polonesa, uma expatriada que ele pegou no meio do caminho, eles conseguiram sair da União Soviética.

Durante aquela que teria sido uma jornada extraordinária (se jamais tivesse ocorrido), eles circundaram o lago Baikal, cruzaram a fronteira da Mongólia, seguiram pelo deserto de Gobi, pelo Himalaia e pelo Tibete, até a Índia. Ao longo do caminho, quatro prisioneiros morreram; o restante sofreu privações extremas. Infelizmente, varias tentativas de confirmar essa história - muito parecida com um conto de Rudyard Kipling, "O homem que era" - deram em

---

[1938] Buca, pp. 123-27.
[1939] Vilensky, entrevista com a autora.
[1940] Sgovio, p. 177.
[1941] Dvorzhetskii, p. 48.
[1942] Dolgun, p. 338.
[1943] C. A. Smith.

nada.[1944] A longa caminhada é uma história narrada com extrema maestria, mesmo (pie não seja verdadeira. Seu realismo convincente pode muito bem servir como lição a todos os que tentam descrever de forma factual as fugas do Gulag.

Pois, na verdade, a fantasia em torno da fuga exercia um papel importante na vida de muitos prisioneiros. Mesmo para os milhares de detentos que jamais tentariam escapar, o pensamento da fuga - o sonho da fuga - era um apoio psicológico importante. Um sobrevivente de Kolyma me disse que "uma das formas mais óbvias de oposição ao regime era fugir". Em especial, os prisioneiros jovens e do sexo masculino planejavam, discutiam e brigavam sobre a melhor maneira de escapar. Para alguns, essa discussão era um meio de combater a sensação de impotência, como Gustav Herling escreve:

> Era comum nos reunirmos em um dos alojamentos, um grupo íntimo de poloneses, para discutir os detalhes do plano; juntávamos fragmentos de metal que encontrávamos no trabalho, caixas velhas e pedaços de vidro, com os quais acreditávamos poder montar uma bússola improvisada; recolhíamos informações sobre os arredores do campo, sobre as distâncias, as condições atmosféricas e as peculiaridades geográficas do norte [...]
>
> Na terra de pesadelo para a qual fomos levados em centenas de trens de carga, cada minuto de fantasia nos dava uma nova vida. Afinal, se a participação em uma organização terrorista não existente podia ser punida com dez anos de prisão em um campo de trabalho forçado, por que um prego afiado não poderia ser a agulha de uma bússola, um pedaço de madeira não poderia se transformar em um esqui, uma folha de papel coberta de linhas e pontos não poderia servir de mapa?

Herling suspeita que, no fundo, todos os envolvidos nessas discussões aceditavam que os preparativos eram fúteis. No entanto, o exercício servia a seu propósito:

> Lembro-me de um oficial subalterno da cavalaria polonesa que, durante os piores períodos de fome no campo, tinha força de vontade para cortar uma fina fatia do pão de sua ração diária, secá-la no fogo e guardá-la num saco que mantinha em algum esconderijo do alojamento. Anos depois, encontramo-nos de novo no deserto iraquiano.
>
> Enquanto recordávamos os anos de prisão em torno de uma garrafa numa tenda, caçoei de seu "plano" de fuga. Mas ele me respondeu grave: "Você não devia rir disso. Sobrevivi ao campo graças à esperança de fugir, e só escapei da morte graças ao meu estoque de pão. Um homem é incapaz de sobreviver se não tiver uma razão para viver".[1945]

Se na memória da maioria dos sobreviventes era impossível fugir dos campos, uma rebelião era impensável. A caricatura do zek oprimido, derrotado e desumanizado, desesperado para colaborar com as autoridades, incapaz até

---

[1944] Um dos mais proeminentes estudiosos russos do Gulag, Veniamin Ioffe, diretor Memorial de São Petersburgo, procurou encontrar os arquivos de Rawicz e fracassou. Posteriormente, após manter correspondência com o último autor, ficou dúvida pois considerou pouco convincente.
[1945] Herling, pp. 124-25.

mesmo de pensar mal do regime soviético, quanto mais de tramar contra ele, aparece em muitas memórias, inclusive nas de duas das maiores personalidades literárias da comunidade russa: Soljenitsin e Chalamov. E pode ser que, ao longo de grande parte da história do Gulag, essa imagem não estivesse longe da verdade. O sistema interno de espionagem e informantes realmente fazia os prisioneiros suspeitarem uns dos outros. A opressiva inevitabilidade do trabalho e a predominância dos membros do crime organizado tornavam difícil para os outros prisioneiros pensar em uma oposição organizada. A experiência humilhante de ser interrogado, preso e deportado roubara-lhes boa parte da vontade de viver, quanto mais o desejo de se opor às autoridades. Herling, que organizou uma greve de fome com outros detentos poloneses, descreve a reação dos amigos russos:

> Eles ficavam excitados e fascinados diante do simples fato de termos ousado erguer a mão contra a inalterável lei da escravidão, que jamais havia sido perturbada por um gesto de revolta. Por outro lado, havia o medo instintivo - que tinham conservado da vida anterior - de se envolver em algo perigoso, talvez um caso que pudesse levar a um tribunal de guerra. Como saber se os interrogatórios não revelariam as conversas dos "rebeldes" no alojamento imediatamente após a transgressão?[1946]

Mais uma vez, no entanto, os arquivos contam uma história diferente e revelam a existência de muitos protestos menores e interrupções do trabalho nos campos. Os chefes dos criminosos de carreira, em especial, pareciam conduzir greves de trabalho breves e apolíticas sempre que queriam alguma coisa das autoridades, que consideravam esses incidentes como nada mais que uma perturbação. Nos anos 1930 e 1940, particularmente, a posição privilegiada dos criminosos comuns os teria tornado menos temerosos de punições e teria lhes dado mais oportunidades de organizar essas pequenas rebeliões.[1947]

Às vezes ocorriam protestos espontâneos dos criminosos nas lonas viagens de trem para o leste, quando não havia água e o único alimento disponível era arenque salgado. Para obrigar os guardas a lhes dar água, os criminosos combinavam "armar uma gritaria", que os guardas detestavam, como lembra um prisioneiro: "Um dia a legião romana chorou ao som dos gritos agudos dos germanos, tão aterrorizantes! Os sádicos do Gulag sentiram o mesmo terror [...]"[1948] Essa tradição durou até os anos 1980, quando, como lembra a poetisa e dissidente Irina Ratushinskaya, descontentes com o tratamento recebido, os detentos que eram transportados levaram o protesto um passo à frente:

> "Ei, companheiros! Comecem a chacoalhar!", grita uma voz de homem.
>
> Todos os prisioneiros começam a balançar o vagão. Todos juntos, em uníssono, jogam-se contra uma das paredes de sua prisão, depois contra a parede oposta. O vagão está tão cheio que a estratégia logo dá resultado. Ele sai dos trilhos e faz todo o trem descarrilar.[1949]

A superlotação e a má qualidade da comida também podiam levar a um tipo de

---

[1946] Ibid., pp. 194-95.
[1947] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 45.
[1948] Petrus, p. 61.
[1949] Ratushinskaya, pp. 21-22.

protesto mais bem descrito como surtos semi-organizados de histeria. Uma testemunha narra uma dessas cenas, liderada por um grupo de prisioneiras comuns:

> Como se tivessem recebido uma ordem, cerca de duzentas mulheres despiram-se de repente e começaram a correr pelo pátio, totalmente nuas. Em poses rudes, amontoaram-se ao redor dos guardas e gritaram, guincharam, riram e blasfemaram, jogaram-se ao chão em convulsões aterradoras, puxaram o próprio cabelo, arranharam o próprio rosto até ele sangrar, caíram de novo no chão, de novo se levantaram e correram para o portão.
>
> "A-a-a-a-a-a-a-a-a-i!", a multidão gritou.[1950]

A parte esses momentos de loucura espontânea, utilizava-se uma modalidade de protesto mais antiga, a greve de fome, cujos objetivos e métodos foram herdados diretamente dos primeiros políticos (que, por sua vez, tinham-nos herdado da Rússia pré-revolucionária), os social-democratas, os anarquistas e os mencheviques que foram presos nos anos 1920. Esse grupo de prisioneiros manteve a tradição das greves de fome - herdada da Rússia pré-revolucionária - depois que foram mandados às prisões de isolamento, longe de Solovetsky, em 1925. Até o momento da execução, em 1937, Alexsander Fedodeev, um dos líderes dos social-revolucionários, continuou fazendo greves de fome na prisão de Suzdal, nas quais reivindicava o direito de se corresponder com a família.[1951]

Entretanto, mesmo depois de terem sido novamente transferidos das prisões para os campos, alguns ainda tentavam manter a tradição. Em meados dos anos 1930, as greves de fome dos socialistas ganharam a adesão de alguns trotskistas genuínos. Em outubro de 1936, centenas de trotskistas, anarquistas e outros prisioneiros políticos de um lagpunkt de Vorkuta deram início a uma greve de fome que duraria, segundo os registros, 132 dias. Sem dúvida, seu objetivo era político: os grevistas exigiam ser separados dos criminosos, queriam que o seu dia de trabalho fosse limitado a oito horas, que fossem alimentados a despeito do trabalho - e que suas penas fossem anuladas. Em outro lagpunkt de Vorkuta, uma greve ainda maior - desta vez com a adesão dos criminosos - duraria 115 dias. Em março de 1937, a administração do Gulag decidiu atender às reivindicações dos grevistas. No final de 1938, no entanto, a maioria havia sido morta nas execuções em massa que ocorreram no mesmo ano.[1952]

Mais ou menos na mesma época, outro grupo de trotskistas entrou em greve no campo de transição de Vladivostok, enquanto esperava a transferência para Kolyma. Ali eles fizeram reuniões e elegeram um líder, que reivindicou o direito de examinar o barco em que seriam transportados. O pedido foi recusado. Ainda assim, enquanto entravam na embarcação, os presos entoavam canções revolucionárias e chegaram até mesmo (a se acreditar nos relatórios dos informantes da NKVD) a exibir pôsteres com slogans como "Hurra, Trotski, gênio revolucionário!" e "Abaixo Stalin!" Quando o vapor chegou a Kolyma, os

---

[1950] Petrus, p. 63.
[1951] Osipova, pp. 87-109; Serge, p. 71.
[1952] V M. Poleshchikov, monografia inédita, na coleção da autora; Ioffe, pp. 122-130; Rossi, The Gulag Handbook, p.120.

prisioneiros começaram a fazer novas reivindicações: as tarefas deveriam ser designadas segundo a especialidade de cada um, todos deveriam ser pagos para trabalhar, os casais não deveriam ser separados, todos os prisioneiros tinham o direito de enviar e receber cartas livremente. No tempo devido, convocaram uma série de greves de fome, sendo que uma delas durou cem dias. Um observador contemporâneo escreveu que "em Kolyma, os líderes dos prisioneiros trotskistas viviam no reino da fantasia e ignoravam as verdadeiras relações de poder". No devido tempo, também eles foram condenados e executados.[1953] Mas seu sofrimento causou impacto. Anos mais tarde, um ex-promotor de Kolyma recordava os acontecimentos com clareza:

> Tudo que aconteceu depois produziu um efeito tão forte sobre mim e meus camaradas que, durante vários dias, fiquei vagando como se estivesse sob uma neblina e à minha frente marchasse uma fila de trotskistas fanáticos condenados, os quais, temerariamente, partiam desta vida grilando seus slogans [...][1954]

Talvez em resposta a essas rebeliões, a NKVD começou a levar mais a sério as greves de fome e de trabalho dos prisioneiros políticos. A partir dos anos 1930, os grevistas passaram a receber penas de prisão adicionais, até mesmo penas de morte. Eles levavam a sério as greves de fome, mas levavam ainda mais a sério a recusa dos prisioneiros em trabalhar: isso ia contra o próprio espírito dos campos. O prisioneiro que não trabalhava não criava apenas um problema disciplinar; ele se transformava num sério obstáculo aos objetivos econômicos do campo. Os grevistas passaram a ser severamente punidos, em especial após 1938, conforme descreve um detento:

> Alguns prisioneiros se recusavam a sair para trabalhar [...] algo sobre a comida estar estragada. Naturalmente, a administração agia com rigor. Catorze líderes, doze homens e duas mulheres, foram mortos. As execuções aconteceram no campo, e os prisioneiros assistiram ao espetáculo enfileirados. Então, grupos de homens de cada alojamento ajudaram a cavar os túmulos, do lado de fora, ao lado da cerca de arame farpado. Enquanto essa lembrança ainda era fresca, as chances de haver outro tumulto eram pequenas [...][1955]

Mas nem a perspectiva de punição e a consciência de que haveria algumas mortes eliminavam a urgência de cada prisioneiro de se rebelar. Mais tarde, depois da morte de Stalin, eles o fizeram em massa. Mas mesmo enquanto Stalin vivia, mesmo durante os anos duros da guerra, o espírito da revolta sobreviveu - como bem ilustra a notável história do levante de Ust-Usa, em janeiro de 1942.

Nos anais do Gulag, a rebelião de Ust-Usa foi, ao que se sabe, única. Se houve outras fugas em massa enquanto Stalin era vivo, ainda não sabemos. Sobre Ust-Usa sabemos bastante: versões truncadas do acontecimento há muito fazem parte da história oral do Gulag, mas nos últimos anos ela também foi cuidadosamente documentada.[1956]

---

[1953] Osipova, pp. 109-34; M. Baitalskii, "Trotskisty na Kolyme", in Minuvshee, vol. 2, 1990, pp. 346-57.
[1954] Vilensky, Soprotivlenia v Gulage, p.158.
[1955] Kravchenko, p. 341.
[1956] O relato seguinte decorre amplamente de Mikhail Rogachev, "Bunt nad Usa", Karta, nº 17,1995 pp. 97-105, e de conversações com Rogachev em julho de 2001. Há também alguns detalhes retirados de Poleshchikov, pp. 37-65; Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 54-55 Osipova, pp. 167-82.

O mais estranho é o fato de essa rebelião não ter sido liderada por um prisioneiro, mas por um trabalhador livre. Na época, Mark Retyunin era o administrador chefe do lagpunkt Lesoreid, um pequeno campo madeireiro dentro do complexo de Vorkuta. O lagpunkt tinha cerca de duzentos prisioneiros, e mais da metade eram prisioneiros políticos. Em 1942, Retyuniri conhecia bem o sistema do campo: como vários chefes dos campos menores, ele já havia sido prisioneiro, tendo servido dez anos por um suposto roubo a banco. No entanto, tinha a confiança dos administradores. Um deles descreveu-o como um homem "preparado para sacrificar a própria vida pelos interesses produtivos do campo". Outros lembravam-se dele como um homem que bebia e jogava - uni testemunho, talvez, de suas origens criminosas. Outros ainda o descreviam como um amante de poesia e dono de um "temperamento forte", fanfarrão e briguento - um testemunho, talvez, da lenda em que ele se transformou.

A motivação precisa de Retyunin ainda é obscura. Ao que parece, ele ficou profundamente chocado quando a NKVD, logo depois do início da guerra, em 1941, publicou um édito proibindo todos os prisioneiros políticos de sair dos campos, mesmo aqueles cujas penas haviam expirado. Afanasy Yashkin, o único dos conspiradores originais que sobreviveu à rebelião, disse aos interrogadores da NKVD que Retyunin acreditava que todos os habitantes do lagpunkt, prisioneiros ou não, seriam executados quando os alemães começassem a avançar pela União Soviética. "O que temos a perder, mesmo que eles nos matem?", ele os incitava. "Qual é a diferença? Caímos mortos amanhã ou morremos hoje como rebeldes [...] as autoridades do campo vão atirar em todos os condenados por contra-revolução, mesmo nós, trabalhadores livres que eles pretendem manter aqui até o fim da guerra." Esse sentimento não era totalmente paranóico: como havia sido detento em Vorkuta, em 1938, ele sabia que a NKVD era bem capaz de cometer execuções em massa. Além disso, a despeito do status de chefe de um lagpunkt, recentemente fora proibido de voltar para casa num feriado.

Não se conhecem outros detalhes dos preparativos. Não é de surpreender que Retyunin não tenha deixado documentos escritos. Apesar disso, os próprios acontecimentos tornam claro que a rebelião foi planejada com cuidado. Os rebeldes deram o primeiro passo na tarde do dia 24 de janeiro de 1942. Era um sábado, o dia em que os guardas» do campo planejavam utilizar as banheiras. Eles as encheram zelosamente. O ajudante de banho do campo, um detento chinês chamado Lu Fa - que estava entre os conspiradores - rapidamente trancou as portas atrás deles. Imediatamente os outros rebeldes desarmaram o restante dos guardas, que vigiavam o vakhta. Dois guardas reagiram.

Um foi morto e o outro, ferido. Todas as armas foram parar nas mãos rios rebeldes, doze metralhadoras e quatro revólveres no total.

Rapidamente um grupo de rebeldes abriu os depósitos do campo e começou a distribuir roupas de boa qualidade e botas aos prisioneiros Esses itens haviam sido especialmente estocados por Retyunin, que exortou os prisioneiros a se juntarem ao levante. Nem todos aderiram. Alguns sentiram medo, outros perceberam a inutilidade de tudo aquilo; houve até quem tentasse dissuadir os rebeldes. Outros concordaram. Por volta das cinco horas daquela tarde, mais ou menos ama hora depois do início da revolta, uma coluna de cem homens marchava na direção de Ust-Usa, a cidade vizinha.

A princípio, os moradores do lugar, desconcertados pela boa aparência dos prisioneiros, não entenderam o que estava acontecendo. Então os rebeldes, a essa altura divididos em dois grupos, atacaram o correio e a cadeia. Foram bem-sucedidos nas duas investidas. Eles abriram as celas da cadeia, e mais doze presos se juntaram às suas fileiras. No correio, cortaram a comunicação com o mundo exterior. Ust-Usa estava sob o controle dos detentos.

Nesse ponto, a população começou a resistir. Uns poucos pegaram armas no edifício da milícia da cidade. Alguns se apressaram para defender o pequeno campo de aviação, em cuja pista, por acaso, havia dois aviões. Outros pediram socorro: um policial subiu no cavalo e dirigiu-se ao lagpunkt de Polya-Kurya, nas redondezas. Lá o pânico irrompeu. O chefe do campo, convencido de que os alemães tinham chegado, imediatamente ordenou que os prisioneiros tirassem o sapato, para que não pudessem fugir. Quinze guardas armados puseram-se a marchar em direção a Ust-Usa, pensando que iam defender a terra natal.

Nessa altura, a batalha já era aberta no centro de Ust-Usa. Os rebeldes haviam desarmado alguns dos policiais da cidade e procurado mais armas. Não contavam, no entanto, com os defensores intrépidos do edifício da milícia. A luta que se seguiu durou a noite toda. Pela manhã, as perdas dos rebeldes eram graves. Havia nove mortos e um ferido. Quarenta tinham sido capturados. Os sobreviventes optaram por uma tática diferente: partir de Ust-Usa e rumar para outra cidade, Kozhva. Não sabiam, porém, que as autoridades de Ust-Usa já haviam pedido ajuda com um radiotransmissor escondido na floresta. Todas as estradas que saíam de Ust-Usa aos poucos eram tomadas por milicianos.

Ainda assim, no início eles tiveram sorte. Quase de imediato, os rebeldes chegaram a uma aldeia onde não encontraram resistência de fato. Tentaram convencer os agricultores locais a se juntar a eles, mas foram mal-sucedidos. No correio, ouviram uma linha aberta e perceberam que a milícia estava a caminho. Abandonaram a estrada principal e enveredaram pela tundra, escondendo-se, a princípio, numa fazenda do renas. Na manhã do dia 28 de janeiro, foram descobertos: outra batalha irrompeu, com baixas pesadas dos dois lados. Ao cair da noite, porém, os rebeldes remanescentes haviam fugido - cerca de trinta ainda estavam vivos - e se escondido num abrigo de caçadores numa montanha próxima. Alguns decidiram permanecer e lutar, embora já não tivessem mais nenhuma chance, pois estavam sem munição. Outros partiram pela floresta, onde, sob o rigor do inverno, em terreno aberto, também não teriam chance.

O último ato se devi a 31 de janeiro e durou um dia e uma noite. A medida que a milícia fechava o cerco, alguns rebeldes, inclusive Retyunin, se mataram. A NKVD caçou os outros na floresta, pegando vim por um. Os corpos foram empilhados: a milícia, num frenesi de ódio, mutilou-os e depois fotografou-os. As fotos, conservadas nos arquivos regionais, mostram corpos contorcidos, atormentados, cobertos de neve e sangue. Não há registro do local de sepultamento. Dizem que os milicianos os queimaram ali mesmo.

Como conseqüência, os rebeldes capturados no início foram enviados a Syktyvkar, a capital regional, e sem demora colocados sob investigação. Depois de mais de seis meses de interrogatório e tortura, nove receberam novas penas de prisão e 49 foram executados a 9 de agosto de 1942.

O número de mortos entre os defensores da ordem soviética foi alto. Mas não foi apenas a perda de algumas dúzias de guardas e civis que preocupou a NKVD. Segundo um testemunho registrado, Yashkin também "confessou" que o objetivo final de Retyunin era derrubar as autoridades regionais, impor um regime fascista e, naturalmente, aliar-se à Alemanha nazista. Conhecendo os métodos soviéticos de interrogatório, podemos descartar essas razões com bastante segurança.

Ainda assim, a rebelião foi muito mais que uma revolta comum: claramente, ela tinha motivações políticas e abertamente anti-soviéticas. Os rebelados também não tinham o perfil típico do fugitivo comum: em sua maioria, eles eram prisioneiros políticos. A NKVD sabia que os rumores sobre a rebelião se espalhariam com rapidez pelos campos próximos, que contavam com um número incomumente alto de presos políticos durante a guerra. Alguns, então e mais tarde, suspeitavam que os alemães tivessem conhecimento dos campos de Vorkuta e planejassem usá-los como quinta-coluna, caso sua marcha chegasse tão longe. Rumores de que espiões alemães desceram de pára-quedas na região persistem até os dias de hoje.

Como temia que a ação se repetisse, Moscou tomou providências. A 20 de agosto de 1942, todos os chefes de todos os campos do sistema receberam um memorando: "Sobre o Aumento das Atividades Contra-Revolucionárias nos Campos de Trabalho Correcionais da NKVD". O memorando exigia que eles eliminassem as "forças contra-revolucionárias e anti-soviéticas" dos campos em duas semanas. As investigações que se seguiram em todo o país "revelaram" uma quantidade enorme de pretensas conspirações, desde o "Comitê para a Libertação do Povo", em Vorkuta, até a "Sociedade Russa para a Vingança contra os Bolcheviques", em Omsk. Um relatório publicado em 1944 declarava que 603 grupos de insurreição que operavam nos campos haviam sido descobertos entre 1941 e 1944, com um total de 4.640 participantes.[1957]

Sem dúvida, a grande maioria desses grupos era fictícia, criada com o objetivo de provar que a rede de informantes dentro dos campos estava fazendo alguma coisa. No entanto, as autoridades tinham razão em ter medo: a rebelião de Ust-Usa fora uma amostra do que estava por vir. Embora tenha sido derrotada, não foi esquecida: como também não se esqueceu o sofrimento dos socialistas e dos trotskistas. Uma década depois, partindo do ponto em que os rebeldes e os grevistas de fome haviam parado, uma nova geração de prisioneiros reinventaria as greves políticas, modificando suas táticas à luz de uma nova era. A história deles, entretanto, pertence aos capítulos subseqüentes. Eles não fazem parte da história dos campos no apogeu do reinado do Gulag, mas de uma saga posterior: a história do fim do Gulag.

## ASCENSÃO E QUEDA DO COMPLEXO INDUSTRIAL DE CAMPOS

[1957] Ivanova, ibid., p. 45.

**1940-86**

## 19. Início da guerra

*Era soldado, hoje sou prisioneiro*
*Minha alma congela, minha língua cala.*
*Que poeta, que artista*
*Pintará meu terrível cativeiro?*

*E os corvos malignos não sabiam*
*Que espécie de pena dar*
*Quando nos torturaram e caçaram*
*Da prisão ao degredo ao campo*

*Mas o indizível ocorrei*
*Acima da presa*
*Uma estrela livre brilha*
*A alma congela - mas não se quebra*
*A língua cala - mas vai falar!*

Leonid Sitko, 1949.[1958]

A memória coletiva do Ocidente costuma reconhecer o dia 1o de setembro de 1939, data da invasão do oeste da Polônia pela Alemanha, como o início da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, na consciência histórica da Rússia, nem esse dia, nem o 15 de setembro de 1939 -data da invasão soviética do leste da Polônia - contam como o início da batalha. Apesar de dramática, essa invasão conjunta, definida com antecedência durante as negociações que culminaram com o pacto Hitler-Stalin, não afetou diretamente a vida da maioria dos soviéticos. Nenhum cidadão soviético se esquece, porém, de 22 de junho de 1941, o dia em que Hitler deslanchou a Operação Barba Ruiva, um ataque-surpresa contra os aliados russos. Karlo Stajner, então prisioneiro em Norilsk, ouviu a notícia no rádio do campo:

> Subitamente, a música foi interrompida e ouvimos Molotov falar do "ataque desleal" contra a União Soviética. Depois de algumas palavras, o programa saiu do ar. Havia cerca de cem pessoas no alojamento, mas o silêncio era completo: olhávamos fixamente uns para os outros. O vizinho de Vasily disse: "E o nosso fim".[1959]

Acostumados à idéia de que todo evento político de grandes proporções era ruim para eles, os prisioneiros políticos receberam a notícia da invasão com particular horror. E eles tinham razão: em alguns casos, os "inimigos do povo", agora encarados como uma potencial quinta-coluna, eram alvo imediato do aumento da repressão. Alguns (até hoje o número é desconhecido) foram executados. Stajner se lembra de que, no segundo dia da guerra, a comida foi racionada: "o açúcar foi banido, e mesmo a ração de sabão caiu pela metade". No terceiro dia da guerra, todos os detentos estrangeiros foram reunidos. Stajner, um cidadão austríaco (embora ele se considerasse um comunista iugoslavo), foi detido novamente, retirado do campo e colocado numa cadeia. Os promotores do campo reabriram seu caso.

---

[1958] Sitko, poema sem título, do Tyazhest sveta, p. 11.
[1959] Stajner, p.101.

O mesmo padrão se repetiu em todos os campos. Em Ustvymlag, no primeiro dia de guerra o comandante do campo proibiu as cartas, as encomendas, os jornais, e retirou as caixas acústicas do rádio.[1960] Os chefes de Kolyma tiraram dos prisioneiros políticos o direito de ler cartas e jornais e também cortaram o acesso aos rádios. Em todos os cantos, as revistas aumentaram, a contagem da manhã ficou mais longa. Os comandantes dos lagpunkts organizaram um alojamento de segurança máxima para os prisioneiros de origem alemã. "Todos os Burgs, Bergs e Steins, um passo para a esquerda. Todos os Hindenbergs e Ditgensteins e assim por diante", os guardas gritavam, indicando que Evgeniya Ginsburg deveria se juntar a eles. Ela conseguiu correr para o escritório de Registro e Triagem e persuadiu o inspetor a examinar sua nacionalidade: "Essa deve ter sido a primeira vez na história em que ser judeu era uma vantagem".[1961]

A administração de Karlag removeu todos os prisioneiros de origem finlandesa e germânica da marcenaria do campo e os mandou cortar madeira. Um prisioneiro fino-americano se lembra de que "depois de cinco dias, a marcenaria interrompeu a produção porque os finlandeses e os alemães eram os únicos que sabiam fazer o trabalho [...] Sem a autorização de Moscou, eles nos levaram de volta à marcenaria".[1962]

A mudança mais dramática foi o decreto - baixado também a 22 de junho de 1941 - que proibia todos os prisioneiros condenados por "traição à pátria, espionagem, terrorismo, trotskismo, tendências direitistas e banditismo" (em outras palavras, presos políticos) de deixar os campos. Os detentos chamavam esse decreto de "extratermo", embora se tratasse de fato de uma ordem administrativa, não uma nova sentença. Segundo os registros oficiais, 17 mil prisioneiros foram afetados de imediato. Outros seriam incluídos mais tarde.[1963] Em geral, não havia notificação antecipada: no dia em que iam ser soltos, aqueles que se enquadravam nos termos do decreto simplesmente recebiam um documento instruindo-os a permanecer nos limites do arame farpado "até a guerra terminar".[1964] Para muitos, isso significava que ficariam na prisão para sempre. "Só então percebi a real extensão da tragédia que se abatera sobre minha vida", recordou-se um prisioneiro.[1965]

A tragédia foi ainda pior para as mulheres com filhos. Uma prisioneira polonesa conta a história de uma mulher que havia sido obrigada a deixar o bebê num berçário fora do campo. Durante todos os dias em que esteve presa, ela não pensava em nada além de recuperar o filho. Então, quando chegou a hora de ser solta, ela soube que continuaria presa por causa da guerra: "Ela jogou o trabalho para o lado, inclinou-se sobre a mesa e começou a urrar como um animal selvagem".[1966]

Olga Adamova-Sliozberg também conta a história de uma mulher, Nadya Fyodorovich, que devia ser libertada a 25 de junho de 1941. O filho, que na época vivia com parentes distantes que queriam livrar-se dele, esperava pela

[1960] Razgon, p. 210.
[1961] E. Ginzberg, Within the Whirlwind, pp. 26-42.
[1962] Warwick, memórias inéditas.
[1963] GARF, 9414/1/68; Imetsilupomnit, p.166.
[1964] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 28.
[1965] Gogua, memórias inéditas.
[1966] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 114, Pasta 2.

mãe. Ela lhe escrevera, pedindo que tivesse paciência. Quando soube que não seria libertada, escreveu-lhe de novo. Ele não respondeu:

> Afinal, no inverno de 1942, ela recebeu uma carta de um estranho. Ele havia encontrado Borya em alguma estação remota da Sibéria, perto de Irkutsk, e descoberto que o garoto estava com pneumonia. O estranho cuidara de Borya até ele melhorar e agora reprovava Nadya por ter se esquecido do filho assim que fora solta; era uma péssima mãe; provavelmente, tinha se casado e estava indo muito bem enquanto o filho de catorze anos, viajando de carona num trem de Ryazan a Irkutsk, morria de fome.

Nadya tentou entrar em contato com o estranho, mas não conseguiu: os censores não enviavam mais as cartas dos prisioneiros, especialmente as que se referiam à extensão indefinida das penas. Mais tarde, Nadya soube que o filho havia se juntado a uma gangue. Em 1947, condenado a cinco anos de prisão, ele também acabou em Kolyma.[1967]

Para todos os que permaneceram atrás do arame farpado, a vida tornou-se mais dura à medida que a guerra avançava. Novas leis determinavam uma jornada de trabalho maior. Agora, recusar-se a trabalhar não era apenas ilegal, mas um ato de traição. Em janeiro de 1941,Vasily Chernyshev, comandante da administração central do Gulag, enviou uma carta aos chefes de todos os campos e colônias descrevendo o destino de 26 prisioneiros. O sistema de justiça do campo julgara-os, considerou-os culpados por se recusarem a trabalhar e dera a cinco deles uma pena adicional de dez anos no campo. Os outros 21 foram condenados à morte. Lacônico, Chernyshew disse aos subalternos para "informar os prisioneiros de todos os campos e das colônias de trabalho corretivo" sobre essas sentenças.[1968]

A mensagem se espalhou rapidamente. Todos os prisioneiros, escreveu Gustav Herling, sabiam muito bem que "espalhar o derrotismo e recusar-se a trabalhar estavam entre os mais graves delitos que se podia cometer nos campos depois de 22 de junho de 1941; nos novos regulamentos de segurança, eles estavam incluídos na categoria 'sabotagem contra o esforço de guerra'".[1969]

O resultado de todas essas políticas, aliadas à grande escassez de comida, foi dramático. Embora as execuções em massa não fossem tão comuns quanto haviam sido em 1937 e 1938, a taxa de mortalidade entre os detentos em 1942 e 1943 foram as mais altas de toda a história do Gulag. Segundo as estatísticas oficiais, certamente subestimadas, 352.560 prisioneiros morreram em 1942, ou seja, um quarto deles. Um quinto morreu em 1943, ou seja, 267.826.[1970] Oficialmente, 22% dos detentos estavam doentes em 1943 e 18% em 1944, mas o número devia ser muito maior, pois o tifo, a disenteria e outras epidemias varriam os campos.[1971]

Em janeiro de 1943, a situação chegara a tal ponto que o governo soviético

---

[1967] Adamova-Sliozberg, p. 63.
[1968] GARF, 9401/1a/107.
[1969] Herling-Grudzinski, p.197.
[1970] Kokurin e Morukov, "Gulag: struktura i kadry", Svobodnaya Mysl, nº 7; Kokurin e Petrov, Gulag, p. 441.
[1971] Bacon, p. 149.

criou um "fundo" especial de alimentos para o Gulag: os prisioneiros podiam ser "inimigos", mas eram necessários para manter a produção em tempo de guerra. A situação da comida realmente melhorou à medida que a maré da guerra se tornava favorável à União Soviética, mas, mesmo com as rações extras ao final da guerra os presos recebiam apenas dois terços das calorias que consumiam no final da década de 1930.[1972] No total, bem mais de 2 milhões de pessoas morreram nos campos e nas colônias do Gulag nos anos de guerra, sem contar aqueles que morreram no degredo ou sob outras formas de encarceramento. Mais de 10 mil foram executados, por traição ou sabotagem, a mando dos promotores dos campos.[1973]

Para colocar esses dados e essas mudanças em contexto, é preciso dizer que a população livre da União Soviética também sofreu durante a guerra e que os regimes de trabalho mais rígidos afetaram os operários dentro e fora dos campos. Já em 1940, na esteira da invasão da Polônia e dos países bálticos, o Soviete Supremo estabeleceu uma jornada de trabalho de oito horas diárias, inclusive nos finais de semana, em todas as fábricas e instituições. E o governo foi ainda mais drástico, pois proibiu os trabalhadores de deixar o local de trabalho. Quem desobedecesse era passível de ser punido com uma pena nos campos. A produção de bens de "baixa qualidade" ("sabotagem") também se tornou crime, e as penas para os outros delitos ficaram mais duras. Operários acusados de surrupiar peças sobressalentes, ferramentas, papel ou material de escrita do local de trabalho eram condenados a passar um ano em um campo - ou mais.[1974]

Fora dos campos, as pessoas passavam fome tanto quanto os prisioneiros. Durante o bloqueio alemão a Leningrado, a ração de pão caiu para 120 gramas por dia, o que era insuficiente para alguém se manter vivo, e não havia óleo para o aquecimento, o que transformou o inverno no extremo norte em um tormento. A população caçava pássaros e ratos, roubava comida das crianças moribundas, comia cadáveres e cometia assassinatos para ficar com os cartões de racionamento. "Em casa as pessoas lutavam pela vida como exploradores polares à beira da morte", recorda um sobrevivente.[1975]

Leningrado não era a única cidade a passar fome. Relatórios da NKVD escritos em abril de 1945 atestam a escassez de víveres e a fome coletiva na Ásia central - Uzbequistão, Mongólia e República Tártara. As famílias que haviam perdido seu arrimo para as frentes de batalha eram as que mais sofriam. A fome também atingiu a Ucrânia: em 1947, casos de canibalismo ainda era registrados.[1976] Ao todo, a União Soviética alega ter perdido 20 milhões de cidadãos durante a guerra. Entre 1941 e 1945, o Gulag não foi a única fonte de sepulturas coletivas do país.

Além do aumento do controle e das regras mais rígidas, a declaração de guerra trouxe também o caos. A invasão alemã prosseguia com uma rapidez chocante. Nas primeiras quatro semanas da Operação Barba Ruiva, quase todas as 319 unidades soviéticas destacadas para a batalha foram

---

[1972] Ibid., p. 148.
[1973] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 94.
[1974] GARF, 7523/4/37, 39, e 38.
[1975] L. Ginzburg, p.14; Overy, pp. 104-8.
[1976] GARF, 9401/2/95 94, e 168.

destruídas.[1977] No outono, as forças nazistas haviam ocupado Kiev e cercado Leningrado, e pareciam estar na iminência de capturar Moscou.

Os postos avançados do Gulag a oeste foram dominados nos primeiros dias da guerra. Em 1939, a direção havia fechado os acampamentos remanescentes nas ilhas Solovetsky e transferido todos os detentos para prisões do continente: achava que o campo ficava próximo demais da fronteira com a Finlândia.[1978] (Durante a evacuação e a subseqüente ocupação da Finlândia, o arquivo do campo desapareceu. Provavelmente, ele foi destruído, seguindo os procedimentos-padrão, mas há rumores, nunca confirmados, de que os papéis foram roubados pelo exército finlandês e ainda estão guardados num cofre ultra-secreto do governo em Helsinki.)[1979] A direção também instruiu Belbaltlag, o campo que cuidava do canal do mar Branco, a evacuar os detentos em julho de 1941, mas para deixar os cavalos e o gado para o Exército Vermelho. Não se sabe se os soldados soviéticos puseram as mãos neles antes da chegada dos alemães.[1980]

Nas demais localidades, a NKVD simplesmente entrou em pânico, e muito mais ainda nos territórios recém-ocupados do leste da Polônia e dos países bálticos, onde as prisões estavam lotadas de prisioneiros políticos. A NKVD não tinha tempo para evacuá-los, mas também não podia deixar "terroristas anti-soviéticos" nas mãos dos alemães. Em 22 de junho, dia da invasão alemã, a NKVD começou a executar os prisioneiros de Lwów, a cidade polaco-ucraniana próxima à frente germano-soviética. No entanto, durante a operação, um levante ucraniano engolfou a cidade, obrigando a NKVD a abandonar as prisões de uma hora para outra. Encorajados pela súbita ausência de guardas e pelo som de fogo de artilharia, um grupo de detentos da prisão de Brygidka, no centro de Lwów, fugiu. Outros se recusaram a partir, temerosos de que os guardas estivessem a postos do lado de fora dos portões, esperando uma desculpa para matá-los.

Os que decidiram ficar pagaram pelo erro. A 25 de junho, a NKVD, com o reforço dos guardas de fronteira, voltou a Brygidka, libertou os criminosos... e metralhou os prisioneiros políticos nas celas subterrâneas. Os carros e os caminhões que transitavam acima abafaram o ruído das metralhadoras. Os presos das outras cadeias da cidade tiveram destino semelhante. A NKVD matou um total de 4 mil prisioneiros em Lwów, largando-os em sepulturas coletivas que mal teve tempo de cobrir com uma camada fina de areia.[1981]

Atrocidades semelhantes aconteceram em todas as regiões de fronteira. Na esteira da retirada soviética, a NKVD deixou para trás cerca de 21 mil prisioneiros e libertou outros 7 mil. Num surto final de violência, porém, tropas da NKVD em retirada e soldados do Exército Vermelho assassinaram quase 10 mil presos em dezenas de cidades e aldeias polonesas e bálticas - Vilna, Drohobycz, Pinsk.[1982] Eles foram mortos nas celas, nos pátios das prisões, nas

---

[1977] Overy, p. 77.
[1978] Brodsky, p. 285.
[1979] Isto me foi contado nas ilhas por pelo menos três pessoas, inclusive o diretor do Museu Solovetsky.
[1980] Makurov, p.195.
[1981] Gurjanow, Kokurin, e Popifiski, pp. 8-10. Drogi Smierci, publicado pelo Instituto Karta, consiste de uma coleção de documentos dos arquivos soviéticos, junto principalmente com memórias inéditas do Karta's Archiwum Wschodnie ("Eastern Archive"), referentes ao destino dos prisioneiros na Polônia oriental durante os primeiros dias da guerra.
[1982] Bacon, p. 91; Gurjanow, Kokurin, e Popinski, pp. 10-26.

florestas próximas. Enquanto se retiravam, as tropas da NKVD também incendiavam edifícios e atiravam em civis, muitas vezes matando os donos das casas em que estiveram alojadas.[1983]

Longe da fronteira, onde havia mais tempo para os preparativos, o Gulag tentou organizar adequadamente a evacuação dos prisioneiros. Três anos depois, em,seu longo e pomposo resumo sobre o esforço de guerra do Gulag, seu chefe na época, Viktor Nasedkin, descreveu essas evacuações como "ordeiras". Os planos haviam sido "elaborados em conjunto com a relocação da indústria", ele declarou, embora "devido às bem conhecidas dificuldades de traslado, alguns prisioneiros tenham sido evacuados a pé".[1984]

Na verdade, não houve planejamento, e as evacuações foram conduzidas em meio ao pânico, com freqüência enquanto as bombas alemãs caíam por perto. As "bem conhecidas dificuldades de traslado" significavam que as pessoas morriam sufocadas nos vagões superlotados dos trens ou que estes eram destruídos pelas bombas antes de chegar a seu destino. Um detento polonês, Janusz Puchinski, preso e deportado a 19 de junho, escapou de um trem em chamas cheio de prisioneiros, junto com a mãe e os irmãos:

> A certa altura, houve uma explosão forte e o trem parou. As pessoas começaram a escapar dos vagões [...] vi que o trem estava numa ravina profunda. Pensei que jamais sairia de lá. Os aviões passavam acima da minha cabeça, minhas pernas pareciam feitas de algodão. Não sei como, pulei para fora e comecei a correr na direção das árvores, a cerca de 200 ou 250 metros dos trilhos. Quando cheguei, virei-me e vi que atrás de mim, no espaço aberto, havia uma multidão de pessoas. Nesse momento, um novo grupo de aviões chegou e começou a atirar [...] [1985]

As bombas também atingiram um trem que transportava os detentos da prisão de Kolomyja, matando alguns, mas permitindo a fuga de trezentos. Os guardas do comboio recapturaram 150, mas depois os soltaram. Conforme explicaram, não tinham como alimentar os prisioneiros nem onde deixá-los. Todas as prisões da área haviam sido evacuadas.[1986]

Entretanto, a experiência de estar num trem de prisioneiros durante um ataque aéreo era um tanto incomum - no mínimo porque estes raramente eram incluídos nos trens de evacuação. A família e a bagagem dos guardas e administradores não deixavam lugar para mais ninguém nos trens que partiam dos campos.[1987] Nos outros locais, o equipamento industrial tinha prioridade sobre as pessoas, tanto por questões práticas quanto por motivos publicitários. Esmagada a oeste a liderança soviética prometeu reedificar-se a leste dos Urais.[1988] Como resultado, a "proporção significativa" de prisioneiros - na verdade, a esmagadora maioria - que, segundo Nasedkin, eram "evacuados a pé", suportou longas marchas forçadas, cuja descrição guarda uma semelhança assustadora com as marchas empreendidas pelos prisioneiros dos campos de concentração nazistas quatro anos depois: "Não temos transporte",

---

[1983] Gurjanow, Kokurin, e Popinski, pp. 10-26.
[1984] GARF, 9414/1/68.
[1985] Gurjanow, Kokurin, e Popinski, p. 40.
[1986] Ibid., pp. 90-91.
[1987] Sabbo,pp. 1128-32.
[1988] Bacon, pp. 88-89.

um guarda disse a um grupo de prisioneiros enquanto as bombas caíam ao redor. "Quem puder andar, que ande. Gostem ou não, todos vão andar. Quem não puder andar será morto. Não deixaremos ninguém para os alemães [...] escolham seu destino".[1989]

E então eles andaram - embora a jornada de vários tenha sido abreviada. O rápido avanço dos alemães deixava a NKVD nervosa, e quando estavam nervosos, eles atiravam. A 2 de julho, 954 prisioneiros da prisão de Czortków, na Ucrânia ocidental, começaram a marchar para o leste. Ao longo do caminho, o oficial que escreveu o relatório subseqüente identificou 123 deles como ucranianos nacionalistas e os executou por "tentativa de rebelião e fuga". Depois de caminhar por mais de duas semanas, com o exército alemão a menos de 20 ou 30 quilômetros, ele matou todos os que ainda estavam vivos.[1990]

Muitas vezes, a situação dos que não eram assassinados era pouca coisa melhor. Nasedkin escreveu que "o aparato do Gulag nas regiões de conflito foi mobilizado para garantir que os prisioneiros evacuados tivessem assistência médico-sanitária e comida".[1991] Esta é a descrição que M. Shteinberg, uma prisioneira política encarcerada pela segunda vez em 1941, fez da sua evacuação da prisão de Kirovograd:

> Tudo estava envolvido pela luz cegante do sol. Ao meio dia, ficou insuportável. Estávamos na Ucrânia, no mês de agosto. Fazia 35 graus todos os dias. Uma imensa quantidade de pessoas caminhava, e sobre essa multidão pairava uma nuvem de poeira. Não havia como respirar, era impossível respirar [...]
>
> Todos tinham uma trouxa nas mãos. Eu também. Tinha levado ate um casaco, pois era difícil sobreviver à prisão sem um casaco. Ele serve de travesseiro, de cobertor, de disfarce - tudo. Na maioria das prisões, não há camas, nem colchões, nem lençóis. Mas depois de termos percorrido 30 quilômetros naquela calor, deixei tranqüilamente minha trouxa na beira da estrada. Sabia que não conseguiria carregá-la. A grande maioria das mulheres fez o mesmo. Quem não largou a trouxa depois dos primeiros 30 quilômetros largou depois dos 200. Ninguém chegou ao final com ela. Depois de mais 15 quilômetros, tirei os sapatos e abandonei-os também [...]
>
> Quando passamos por Adzhambka, arrastei minha companheira de cela, Sokolovskaya, por 30 quilômetros. Ela era uma mulher velha, tinha mais de setenta anos, cabelos totalmente grisalhos [...] para ela, era muito difícil caminhar. Ela se agarrou a mim e ficou falando sobre o neto de quinze anos, com quem vivia. O terror final na vida de Sokolovskaya era o de que ele fosse preso também. Era difícil arrastá-la, e comecei a vacilar. Ela me disse "descanse um pouco, vou sozinha". Em pouco tempo, ficou mais de um quilômetro para trás. Éramos as últimas do comboio. Quando senti que ela havia ficado para trás, me virei para alcançá-la - e então vi quando eles a mataram. Esfaquearam-na com uma baioneta. Pelas costas. Ela nem viu. Obviamente, eles sabiam

---

[1989] M. Shteinberg, "Etap vo vremya voiny", in PamyatKolymy, 1978, p.167.
[1990] Gurjanow, Kokurin, e Popinski, p. 90.
[1991] GARF, 9414/1/68.

como esfaquear. Ela nem se mexeu. Mais tarde, percebi que sua morte fora fácil, mais fácil que a dos outros. Ela não viu a baioneta. Não teve tempo de sentir medo [...]. [1992]

Ao todo, a NKVD evacuou 750 mil prisioneiros de 27 campos e 210 colônias de trabalho forçado.[1993] Outros 140 mil foram evacuados de 272 prisões e enviados a novas cadeias no leste.[1994] Uma porcentagem significativa, embora ainda não se saiba o número real, jamais chegou a seu destino.

## 20. "Estranhos"

*Salgueiros são salgueiros em todo lugar*
*Salgueiro de Alma-Ata, que belo és vestido de branco gelado e brilhante.*
*Mas se eu te esquecer, meu salgueiro seco de Varsóvia, Rua Rozbat.*
*Minha pena secará também*
*Montanhas são montanhas em todo lugar*
*Diante de meus olhos, o Tian Shan mergulha no céu púrpura [...]*
*Mas se eu vos esquecer, picos do Tatra que deixei para trás,*
*Riacho Bialy, onde eu e meu filho vivemos sonhos vividos de viagens pelo mar [...]*
*Uma rocha do Tian Shan me tornarei.*
*Se eu te esquecer*
*Se eu esquecer minha terra natal[...]*

Aleksander Wat, "Salgueiros de Alma-Ata", janeiro de 1942.[1995]

Desde o início, os campos do Gulag sempre tiveram uma quantidade notável de prisioneiros estrangeiros. Em sua maior parte, eram comunistas do Ocidente e membros do Comintern, embora também houvesse um punhado de mulheres britânicas e francesas, esposas de cidadãos soviéticos, além dos peculiares homens de negócio expatriados. Eles eram tratados como raridades, curiosidades, mas ainda assim sua origem comunista e sua experiência anterior na União Soviética os ajudava a se entrosarem com os outros detentos. Conforme escreveu Lev Razgon:

> Eles eram "nossos" porque eles tinham ou nascido ou crescido no pais, ou ainda porque haviam vindo para cá de livre e espontânea vontade. Mesmo quando falavam russo muito mal, eram nossos. E, no caldeirão de raças dos campos, eles logo deixaram de se destacar ou de parecer diferentes. Os que sobreviveram ao primeiro e ao segundo anos no campo só podiam ser diferenciados de "nós" pelo russo mal falado.[1996]

Já os estrangeiros que surgiram depois de 1939 eram bem diferentes. Sem aviso prévio, depois da invasão soviética do leste da Polônia, uma região multiétnica, da Bessarábia e dos países bálticos, a NKVD arrancou esses recém-chegados - poloneses, bálticos, ucranianos bielo-russos e moldávios - de seu mundo agrícola ou burguês e jogou, em grande número, no Gulag e nas

---

[1992] M. Shteinberg, "Étap vo vremya voiny", in Pamyat Kolymy,,1978, pp. 167-71.
[1993] GARF, 9414/1/68.
[1994] Bacon, p. 91.
[1995] Em Taylor-Terlecka, pp. 56-57. Traduzido com a ajuda de Piotr Paszkowski.
[1996] Razgon, p.138.

aldeias de degredo. Comparando-os com "nossos" estrangeiros, Razgon chamou-os de "estranhos". Tendo sido "arrancados de seu próprio país por uma força histórica alienígena e hostil que não compreendiam", eles eram instantaneamente identificáveis por seus bens: "Em Ustvymlag, sempre éramos alertados de sua chegada pelo surgimento de peças de roupa exóticas entre os detentos criminosos: o chapéu alto e felpudo e as faixas coloridas da Moldávia, e, de Bukovina, os coletes bordados elegantes e justos, com ombreiras".[1997]

As prisões tiveram início nos territórios ocupados logo depois da invasão soviética do leste da Polônia, em setembro de 1939, e continuaram depois das invasões da Romênia e dos países bálticos. Os objetivos da NKVD eram a segurança (ela queria evitar as rebeliões e a formação de quinta-colunas) e a sovietização, por isso o alvo eram as pessoas que, em sua opinião, podiam se opor ao regime soviético. Isso incluía não apenas os integrantes do antigo governo polonês, mas também comerciantes e mercadores, poetas e escritores, camponeses e fazendeiros ricos - todos cuja prisão provavelmente contribuísse para o colapso psicológico dos habitantes do leste da Polônia.[1998] Eles também tinham como alvo os refugiados do oeste do país, ocupado pela Alemanha, entre os quais havia milhares de judeus fugindo de Hitler.

Posteriormente, o critério para as prisões tornou-se mais preciso, ou, pelo menos, tão preciso quanto sempre foram os critérios para as prisões na União Soviética. Um documento de maio de 1941 relativo à expulsão dos elementos "socialmente estranhos" dos países bálticos, da Romênia ocupada e da Polônia ocupada exigia, entre outras coisas, a prisão dos "membros ativos das organizações contra-revolucionárias" - ou seja, os partidos políticos; antigos integrantes da polícia ou dos presídios; capitalistas e burgueses importantes, ex-oficiais das forças armadas; familiares de todos os mencionados acima; qualquer repatriado da Alemanha; refugiados da "antiga Polônia"; assim como ladrões e prostitutas.[1999]

Outro lote de instruções, anunciado em novembro de 1940 pelo comissário da recém-sovietizada Lituânia, afirmava que os deportados deveriam incluir, além das categorias acima,

> os que viajam ao exterior com freqüência, os que se correspondem com o exterior ou se comunicam com representantes de outros países; esperantistas, filatelistas; os que trabalham com a Cruz Vermelha-refugiados, contrabandistas; os que foram expulsos do Partido Comunista; padres e membros ativos de congregações religiosas; nobres, proprietários de terras, comerciantes ricos, banqueiros, industriais e donos de hotéis e restaurantes.[2000]

Quem violasse as leis soviéticas, inclusive as que proibiam a "especulação" - qualquer forma de comércio -, poderia ser preso. Assim como poderiam ser presos os que tentassem atravessar a fronteira e fugir para a Hungria ou a Romênia.

Devido à escala das prisões, os líderes da ocupação soviética tiveram de

---

[1997] Ibid.
[1998] Glowacki, p. 273.
[1999] Sabbo, p. 754.
[2000] Sword, p.13.

suspender rapidamente até mesmo o disfarce de legalidade. Poucas pessoas capturadas pela NKVD nos novos territórios a oeste foram levadas a julgamento, encarceradas ou condenadas. Em vez disso, mais uma vez a guerra promoveu um renascimento da "deportação administrativa", o mesmo procedimento que, instigado pelos czares, tinha sido usado contra os kulaks. "Deportação administrativa" é um nome bonito para um procedimento simples. As tropas da NKVD ou os guardas dos comboios chegavam a uma residência e mandavam os moradores sair. Às vezes eles tinham um dia para se preparar, às vezes alguns minutos. Então chegavam os caminhões que os levavam à estação de trem e adeus. Não havia prisão, nem julgamento, nenhum procedimento formal.

Os números em questão eram muito grandes. O historiador Aleksandr Gurjanow estima que 108 mil pessoas tenham sido presas no leste da Polônia e enviadas aos campos do Gulag, enquanto 320 mil teriam sido deportadas para aldeias de degredo - algumas fundadas pelos kulaks - no extremo norte do Casaquistão.[2001] E preciso acrescentar também os 96 mil prisioneiros e os 160 mil deportados dos países bálticos, assim como os 36 mil moldávios.[2002] O efeito combinado das deportações e da guerra sobre a demografia dos países bálticos é chocante: entre 1939 e 1945, a população da Estônia diminuiu 25%.[2003]

A história dessas deportações, como a história das deportações dos kulaks, é diferente da história do Gulag, e, corno eu disse, a saga completa dessa movimentação indiscriminada de famílias não cabe no contexto deste livro, embora ela não seja um fato totalmente isolado. É difícil entender por que a NKVD decidia deportar determinada pessoa para uma aldeia de degredo e prender outra num campo, já que os antecendentes de prisioneiros e deportados eram os mesmos. Às vezes, quando um homem era mandado para um campo, a mulher e os filhos eram deportados. Ou, se um filho era preso, então os pais eram deportados. Alguns presos cumpriam a pena no campo e depois passavam a morar nas aldeias de degredo, às vezes com os familiares anteriormente deportados.

À parte a função punitiva, as deportações se encaixavam perfeitamente no grande plano de Stalin de povoar a região norte da Rússia. Como o Gulag, as aldeias de degredo estavam deliberadamente situadas em áreas remotas, e pareciam ser permanentes. Certamente, os oficiais da NKVD disseram a muitos degredados que eles jamais voltariam, chegando até a congratular os "novos cidadãos", enquanto eles embarcavam nos trens, pela emigração definitiva para a União Soviética.[2004] Nas aldeias de degredo, os comandantes costumavam lembrar os recém-chegados de que a Polônia, então dividida entre a União Soviética e a Alemanha, jamais voltaria a existir. Um professor russo disse a uma estudante polonesa que o renascimento da Polônia era tão provável quanto "o nascimento de pêlos em suas mãos".[2005] Enquanto isso, nas cidades e nas aldeias que eles haviam deixado para trás, os oficiais soviéticos confiscavam e redistribuíam seus bens. Transformaram suas casas em edifícios públicos - escolas, hospitais, maternidades - e deram seu conteúdo

---

[2001] Gurjanow, pp. 4-9.
[2002] Martin, "Stalinist Forced Relocation Policies", pp. 305-39.
[2003] Lieven, The Baltic Revolution, p. 82.
[2004] Glowacki, p. 331.
[2005] Hoover, Coleção do Ministério de Informação da Polônia, Caixa 123; Glowacki, p. 331.

(aquilo que não fora roubado pelos vizinhos ou pela NKVD) a creches e abrigos para crianças.[2006]

Os deportados sofriam tanto quanto os conterrâneos que tinham sido enviados aos campos de trabalho, se é que não sofriam mais. Pelo menos os prisioneiros tinham uma ração diária de pão e um lugar para dormir. Com freqüência, os degredados não tinham nem uma coisa nem outra. As autoridades despejavam-nos na floresta virgem ou em aldeias minúsculas, no norte da Rússia, no Casaquistão, na Ásia central, e os deixavam lutar pela vida, muitas vezes sem ter como. Na primeira onda de deportações, os guardas dos comboios proibiram as pessoas de levar com elas o que quer que fosse, nem utensílios de cozinha, nem roupas, nem ferramentas. Somente em novembro de 1940 o corpo administrativo dos guardas de comboio soviéticos reverteu essa decisão: até as autoridades soviéticas perceberam que a falta de pertences dos deportados aumentava a taxa de mortalidade e ordenaram que os guardas avisassem aos deportados que levassem roupas quentes para três anos.[2007]

Ainda assim, muitos deportados não estavam preparados física e psicologicamente para a vida de forasteiro ou nas fazendas coletivas.

A própria paisagem parecia alienígena e aterrorizante. Uma mulher descreveu-a em um diário assim que a avistou do trem: "Somos levados por este espaço sem fim; uma terra enorme e plana, com alguns povoados aqui e ali. Invariavelmente, vemos cabanas de terra esquálidas com teto de sapê e janelas pequenas, sujas e dilapidadas, sem cercas nem árvores..."[2008]

Quando chegavam, a situação costumava piorar. Muitos degredados eram advogados, médicos, lojistas e comerciantes, acostumados a viver em cidades relativamente sofisticadas. Mas, segundo um relatório arquivado com data de dezembro de 1941, os degredados dos "novos" territórios ocidentais viviam em alojamentos superlotados: "As instalações são sujas, por isso a incidência de doenças e mortes é alta, especialmente entre as crianças [...] a maioria dos degredados não tem roupas quentes e não está habituada ao frio".[2009]

Nos meses e anos que se seguiram, o sofrimento apenas aumentou, como um lote de documentos incomuns registra. Depois da guerra, o governo polonês no exílio patrocinou e preservou uma compilação de "memórias" das crianças sobre as deportações. Elas ilustram, melhor do que qualquer adulto, tanto o choque cultural quanto as privações físicas experimentados pelos deportados. Um garoto polonês de treze anos na época da "prisão" escreveu o seguinte relato:

> Não tinha nada para comer. As pessoas comiam urtiga, inchavam e iam embora para o outro mundo. Obrigavam a gente a ir para a escola russa porque não nos davam pão se não fôssemos. Lá ensinavam a não rezar para Deus porque Deus não existe, e quando a gente começava a rezar, depois da aula, o comandante do povoado me trancava na tyurma

[2006] GARF, 5446/57/65.
[2007] RGVA, 40/1/71/323.
[2008] Ptasnik.
[2009] Sabbo, pp. 800-9.

> [prisão].[2010]

As histórias de outras crianças refletem o trauma dos pais. "Mamãe queria tirar a própria vida e a nossa para não viver naquele tormento, mas quando eu disse que queria ver papai e voltar para a Polônia, o ânimo dela melhorou", escreveu um menino que tinha oito anos quando foi preso.[2011] Mas nem todas as mulheres conseguiram se animar. Uma criança que tinha catorze anos na época da deportação descreveu a tentativa de suicídio da mãe:

> Mamãe foi ao alojamento, pegou uma corda e um pedaço de pão e foi para a floresta. Eu segurei mamãe, mas ela estava triste e me bateu com a corda e foi embora. Algumas horas depois encontraram mamãe numa árvore, com uma corda em volta do pescoço. Tinha umas moças embaixo da árvore, mamãe pensou que eram minhas irmãs e quis dizer alguma coisa mas as moças gritaram com o comandante que tinha levado um machado no cinto e cortou a árvore [...] Ainda brava, mamãe agarrou o machado e acertou o comandante nas costas, e ele caiu no chão [...]
>
> No dia seguinte levaram mamãe para uma cadeia a 350 quilômetros daqui. Entendi que eu tinha de trabalhar e continuei a carregar a madeira. Eu tinha um cavalo que estava fraco como eu. Carreguei madeira durante um mês e então fiquei doente e não pude trabalhar. O comandante notificou o vendedor de que não devia nos dar pão, mas o vendedor compreendia as crianças e nos dava pão escondido [...] logo que mamãe veio da cadeia os pés dela congelaram e o rosto se enrugou [...].[2012]

Tampouco todas as mães sobreviveram - conforme escreveu outra criança:

> Chegamos ao povoado e, no segundo dia, eles nos mandaram para o trabalho, que a gente tinha de trabalhar de madrugada até a noite. Quando o dia do pagamento de quinze dias chegou 10 rublos foi o pagamento máximo de modo que em dois dias não havia o suficiente para o pão. As pessoas morriam de fome. Elas comiam cavalos mortos. Foi assim que minha mãe trabalhou e pegou um resfriado porque ela não tinha roupa quente ela pegou pneumonia e ficou doente cinco meses ela ficou doente dia 3 de dezembro. No dia 3 de abril ela foi para o hospital. No hospital eles não cuidaram dela se ela não tivesse ido para o hospital talvez ainda estivesse viva ela voltou para o alojamento do povoado e morreu não tinha nada pra comer então ela morreu de fome no dia 30 de abril de 1941. Minha mãe estava morrendo e eu e minha irmã estávamos em casa. Papai não estava ele estava no trabalho e minha mãe morreu quando papai voltou pra casa do trabalho então mamãe morreu e então minha mãe morreu de fome. Então veio a anistia e fomos embora daquele inferno.[2013]

Comentando essa compilação de histórias, incomuns pela natureza e pela quantidade, Bruno Bettelheim tentou descrever o desespero especial que elas

---

[2010] Gross e Grudzinska-Gross, p. 77.
[2011] Ibid., p. 68.
[2012] Ibid., p.146.
[2013] Ibid., pp. 80-81.

transmitem:

> Como foram escritas logo depois de as crianças terem sido libertadas e estarem em segurança, teria sido razoável que elas falassem de sua esperança na libertação, se tivessem alguma. A ausência de afirmações nesse sentido sugere que elas não tinham. Roubaram dessas crianças o direito de expressar sentimentos profundos e normais. Para sobreviver por mais um dia, tiveram de reprimi-los. Um criança privada de ter qualquer esperança no futuro é uma criança que habita o inferno [...].[2014]

Igualmente cruel foi o destino de outro grupo de degredados, que se juntariam aos poloneses e aos bálticos ao longo da guerra. Tratava-se das minorias soviéticas. No início da guerra, Stalin as tratava como possível quinta-coluna; no fim, apontava-as como "colaboradoras" dos alemães. Os "quinta-colunistas" eram os alemães do Volga, cujos ancestrais haviam sido convidados a viver na Rússia no tempo de Catarina, a Grande (outra governante russa profundamente preocupada em povoar as grandes áreas vazias do país), e a minoria de fala finlandesa que tinha morado na República Careliana. Embora nem todos os alemães do Volga falassem alemão e nem todos os finlandeses da Carélià falassem finlandês, eles realmente viviam em comunidades distintas e tinham costumes diferentes dos vizinhos russos. No contexto da guerra contra a Finlândia e a Alemanha, isso era suficiente para torná-los objeto de suspeita. Num raciocínio tortuoso até mesmo para os padrões soviéticos, todos os alemães do Volga foram condenados, em setembro de 1941, como "inimigos ocultos":

> Segundo informação fidedigna recebida pelas autoridades militares, há entre a população germânica que vive na área do Volga dezenas de milhares de diversionistas e espiões que, a um sinal da Alemanha, vão realizar sabotagens na área [No entanto] nenhum dos alemães do Volga relatou às autoridades soviéticas a existência desse grande número de diversionistas e espiões; conseqüentemente, a população germânica da área do Volga esconde inimigos do povo soviético e das autoridades soviéticas.[2015]

As autoridades soviéticas tinham "informações fidedignas" de que havia milhares de espiões, mas nenhum espião havia sido denunciado. Logo, todos eram culpados de esconder o inimigo.

Entre os "colaboradores" estavam várias pequenos povos caucasianos - os caracenos, os baleares, os calmuques, os tchetchenos e os inguches -, além dos tártaros da Criméia e de outros grupos minoritários: turcos mesquetes, curdos e khemshils, além de grupos ainda menores de gregos, búlgaros e armênios.[2016] Entre eles, apenas a deportação dos tártaros e dos tchetchenos tornou-se pública durante a vida de Stalin. Seu degredo, embora tenha acontecido de fato em 1944, foi anunciado no jornal Izvestiya como se tivesse acontecido em junho de 1946:

> Durante a Grande Guerra Patriótica, quando os povos da União Soviética defendiam heroicamente a honra e a independência da pátria

---

[2014] Ibid., p. XVI.
[2015] Conquest, The Soviet Deportation of Nationalities, pp. 49-50.
[2016] Martin, "Stalinist Forced Relocation Policies".

> na luta contra os invasores germano-fascistas, muitos tchetchenos e tártaros da Criméia, instigados por agentes alemães, juntaram-se voluntariamente a unidades organizadas pelos alemães [...] Por causa disso, os tchetchenos e os tártaros da Criméia foram assentados em outras regiões da URSS.[2017]

Na verdade, não há provas de colaboração maciça dos tchetchenos ou dos tártaros, embora os alemães os recrutassem ativamente e não recrutassem russos. As forças alemãs pararam a oeste de Grosni, capital da Tchetchênia, e não mais que poucos tchetchenos cruzaram o front.[2018] Um relatório da NKVD menciona apenas 335 "bandidos" na república.[2019] Do mesmo modo, embora os alemães tenham de fato ocupado a Criméia, cooptado e alistado tártaros - como alistaram franceses e holandeses -, não há provas de que eles tenham colaborado mais ou menos que os povos de outras regiões ocupadas da União Soviética (ou da Europa) ou de que tenham participado do assassinato de judeus da Criméia. Um historiador ressaltou que, de fato, mais tártaros lutaram ao lado do Exército Vermelho contra os nazistas do que o contrário.[2020]

Provavelmente, o objetivo de Stalin, ao menos no episódio das deportações dos caucasianos e dos tártaros, não era vingar-se pelo colaboracionismo. Ele parece ter usado a guerra como um meio de encobrir e levar adiante operações de limpeza étnicas havia muito planejadas. Os czares sonhavam com uma Criméia livre dos tártaros desde quando Catarina, a Grande incorporara a península ao império russo. Os tchetchenos também incomodavam os czares russos e causavam ainda mais problemas para a União Soviética. A Tchetchênia foi palco de uma série de levantes anti-russos e anti-soviéticos, alguns depois da revolução, outros após a coletivização de 1929. Outra rebelião aconteceu em 1940. Todos os indícios apontam para o fato de Stalin simplesmente querer se livrar desse povo incômodo, profundamente anti-soviético.[2021]

Como acontecera na Polônia, as deportações dos alemães do Volga, dos caucasianos e dos tártaros da Criméia envolveram grandes números. No final da guerra, havia 1,2 milhão de alemães soviéticos deportados, 90 mil calmuques, 70 mil caracenos, 390 mil tchetchenos 90 mil inguches, 40 mil baleares e 180 mil tártaros, além de 9 mil finlandeses e outros.[2022]

Tendo em vista esses números, a velocidade das deportações foi notável, pois superou até a rapidez com que poloneses e bálticos foram expulsos. Talvez isso tenha acontecido porque a NKVD já tivesse bastante experiência: nessa altura, não havia indecisão quanto a quem poderia levar o quê, quem deveria ser preso ou que providências deveriam ser tomadas. Em maio de 1944, 31 mil funcionários da NKVD, entre oficiais, soldados e ajudantes, deportaram 200 mil tártaros em três dias, usando cem jipes, 250 caminhões e 67 trens. Uma ordem especial, preparada de antemão, limitava a quantidade de bagagem que cada família poderia levar. Porém, como eles dispunham de apenas quinze ou vinte minutos para fazer as malas, muitos não levavam sequer metade do permitido.

---

[2017] Conquest, The Soviet Deportation of Nationalities, pp. 3-5.
[2018] Lieven, The Baltic Revolution, pp. 318-19.
[2019] Naimark, Fires ofllatred, p. 95.
[2020] Pohl, "The Deportation and Fate of the Crimean Tartars"; Naimark, ibid., pp. 99-107.
[2021] Naimark, ibid., pp. 98-101.
[2022] Martin, "Stalinist Forced Relocation Policies".

A grande maioria dos tártaros foi colocada em trens e despachada para o Uzbequistão - homens, mulheres, crianças e velhos. Entre 6 mil e 8 mil morreram antes de chegar.[2023]

Na Tchetchênia, a operação foi ainda mais cruel. Muitos observadores se lembram de que a NKVD utilizou Studebakers americanos recém-comprados pelo programa Lend-Lease e transportados pela fronteira com o Irã. E descrevem como os tchetchenos foram arrancados dos Studebakers e colocados em trens lacrados: não eram privados apenas de água, como os prisioneiros "comuns", mas também de alimento. Cerca de 78 mil tchetchenos podem ter morrido apenas nos trens de traslado.[2024]

Na chegada aos locais designados para o degredo - Casaquistão, Ásia central e norte da Rússia -, os deportados que não haviam sido presos separadamente e enviados ao Gulag foram colocados em aldeias especiais, como as que os poloneses e os bálticos povoaram, e avisados de que qualquer tentativa de fuga resultaria numa pena de vinte anos nos campos. Sua experiência também foi parecida. Desorientados, arrancados de suas aldeias e tribos, muitos não conseguiram se adaptar. Geralmente desprezados pela população local, freqüentemente desempregados, logo se enfraqueceram e adoeceram. Talvez o choque diante do novo clima tenha sido maior: "Quando chegamos ao Casaquistão", recorda um tchetcheno deportado, "o solo estava congelado, e pensamos que todos íamos morrer".[2025] Em 1949, centenas de milhares de caucasianos e entre metade e um terço dos tártaros estavam mortos.[2026]

No entanto, do ponto de vista de Moscou, havia uma diferença importante entre as ondas de deportação e prisão da época de guerra e as que tinham acontecido antes: o alvo escolhido era novo. Pela primeira vez, Stalin decidira eliminar não apenas os integrantes de nacionalidades suspeitas específicas ou "inimigos" políticos, mas nações inteiras - homens, mulheres, crianças, velhos -, varrendo-as do mapa.

Talvez "genocídio" não seja a palavra certa para definir essas deportações, já que não houve execuções em massa. Anos depois, Stalin buscaria colaboradores e aliados entre esses grupos "inimigos", portanto seu ódio não era puramente racial. Entretanto, o termo "genocídio cultural" não é inadequado. Depois da partida, o nome de todas as pessoas deportadas foi retirado dos documentos oficiais - até mesmo da Grande Enciclopédia Soviética. As autoridades eliminaram sua terra natal do mapa, abolindo a República Autônoma dos Tchetchenos e Inguches, a República Autônoma dos Alemães do Volga, a República Autônoma dos Cabardinos e Baleares e a Província Autônoma dos Caracenos. A República Autônoma da Criméia também foi liquidada e simplesmente se tornou outra província soviética. As autoridades regionais destruíram cemitérios, renomearam cidades e aldeias e baniram os antigos habitantes dos livros de história.[2027]

Em seus novos lares, todos os muçulmanos deportados - tchetchenos, inguches, baleares, caracenos e tártaros - foram forçados a enviar os filhos

---

[2023] Pohl, "The Deportation and Fate of the Crimean Tartars", pp. 11-17.
[2024] Lieven, Chechnya, p. 319; Naimark, Fires of Hatred, p. 97.
[2025] Lieven, ibid., p. 320.
[2026] Pohl, "The Deportation and Fate of the Crimean Tartars", pp. 17-19; Lieven, ibid., pp. 319-21.
[2027] Lieven, ibid., pp. 318-30; Naimark, Fires of Hatred, pp. 83-107.

para escolas russas. Todos foram desencorajados de falar a própria língua, de praticar sua fé, de lembrar-se do passado. Sem sombra de dúvida, esperava-se que os tchetchenos, os tártaros, os alemães do Volga e as pequenas nações do Cáucaso - e, por um período mais longo, os bálticos e os poloneses - desaparecessem, que fossem absorvidos pelo mundo soviético de língua russa. No final, essas nações "reapareceram" depois da morte de Stalin, ainda que vagarosamente. Embora os tchetchenos tenham obtido permissão para voltar para casa em 1957, os tártaros não puderam fazer o mesmo até a era

Gorbatchev. Eles receberam a "cidadania" criméia - o direito legal de residência - apenas em 1994.

Devido ao clima da época, à crueldade da guerra e à presença, alguns quilômetros a oeste, de outro genocídio planejado, alguns se perguntaram por que Stalin simplesmente não matou as etnias que ele tanto desprezava. Meu palpite é que a destruição da cultura, e não dos povos, servia melhor a seus propósitos. A operação livrou a União Soviética do que ele considerava estruturas sociais "inimigas" - as instituições burguesas, religiosas e nacionais, as pessoas educadas que poderiam se opor a ele. Ao mesmo tempo, ela preservava mais "unidades de trabalho" para o futuro.

Mas a história dos estrangeiros nos campos não termina com os tchetchenos e os poloneses. Os forasteiros podiam acabar nos campos soviéticos de outras maneiras - e a maioria absoluta dava entrada como prisioneiro de guerra.

Tecnicamente, o Exército Vermelho estabeleceu o primeiro campo soviético para prisioneiros de guerra em 1939, após a ocupação do leste da Polônia. O primeiro decreto regulamentando esses campos foi baixado em 19 de setembro desse ano, quatro dias depois de os tanques soviéticos cruzarem a fronteira.[2028] No fim de setembro, o Exército Vermelho mantinha presos 230 mil soldados e oficiais poloneses.[2029] Muitos foram soltos, especialmente os soldados mais jovens, de patente mais baixa, embora alguns, tidos como guerrilheiros potenciais, tenham ido parar no Gulag ou em um dos cerca de cem campos para prisioneiros de guerra nas regiões mais recônditas do país. Após a invasão alemã, esses campos foram evacuados e seus detentos, enviados aos campos do leste.[2030]

No entanto, nem todos os prisioneiros de guerra poloneses foram deslocados para os campos orientais. Em abril de 1940, a NKVD assassinou em segredo com um tiro na cabeça mais de 20 mil oficiais poloneses, obedecendo a uma ordem direta de Stalin.[2031] Stalin matou os oficiais pela mesma razão pela qual ordenara a prisão de padres e professores poloneses (sua intenção era eliminar a elite do país), mas encobriu a matança. Apesar de se esforçar muito, o governo polonês no exílio não conseguiu descobrir o destino dos oficiais - até que os alemães os encontraram. Na primavera de 1943, o regime de ocupação alemã encontrou 4 mil corpos na floresta de Katyn.[2032] Embora as autoridades soviéticas negassem a responsabilidade pelo massacre de Katyn, como ele

[2028] Zagorulko (uma grande coleção de documentos procedentes de vários arquivos, publicada sob os auspícios do Serviço de Arquivo Federal, GARF, TsKhIDK, e Universidade de Volgograd, com financiamento da Fundação Soros).
[2029] Overy, p. 52.
[2030] Sword, p. 5.
[2031] Pikoya,Katyn, p. 36.
[2032] Ver Czapski, o qual descreve os esforços do governo polonês para encontrar os funcionários.

passou a ser conhecido, e embora os aliados tenham apoiado essa versão (eles chegaram a citar o massacre como um crime dos alemães no Tribunal de Nuremberg), os poloneses sabiam, através de fontes próprias, que a NKVD era a responsável. O caso viria a minar a "aliança" polaco-soviética não apenas durante a guerra, mas nos cinqüenta anos seguintes. O presidente russo Boris Yeltsin admitiu a responsabilidade soviética no massacre apenas em 1991.[2033]

Embora prisioneiros de guerra poloneses continuassem a apresentar-se em batalhões de trabalho forçado e nos campos do Gulag ao longo de toda a guerra, os primeiros campos de trabalho construídos em escala verdadeiramente maciça não foram erguidos para os poloneses. À medida que a sorte dos soviéticos mudava, o Exército Vermelho começou a capturar um grande número de prisioneiros do Eixo, aparentemente de forma inexplicável. E as autoridades estavam muito despreparadas. Na esteira da rendição alemã após a Batalha de Stalingrado - sempre lembrada como o ponto de virada da guerra -, o Exército Vermelho prendeu 91 mil soldados inimigos, para os quais não havia instalações nem comida. Os alimentos enviados três ou quatro dias depois não eram suficientes: "Um pão era dividido entre dez homens, além de uma sopa feita com água, sementes de painço e peixe salgado".[2034]

Nas primeiras semanas de cativeiro, as condições não eram muito melhores, e não apenas para os sobreviventes de Stalingrado. Enquanto o Exército Vermelho avançava para o oeste, os soldados capturados eram conduzidos às campinas abertas, onde eram deixados com um mínimo de comida e nenhum remédio, isso quando não eram mortos de imediato. Sem abrigo, os prisioneiros dormiam abraçados, amontoados na neve, e, quando acordavam, descobriam que estavam agarrados a cadáveres.[2035] Nos primeiros meses de 1943, o índice de mortalidade entre os prisioneiros de guerra estava em torno de 60%, e cerca de 570 mil foram oficialmente dados como mortos em cativeiro. Morreram de fome, de doenças, de ferimentos não tratados.[2036] E possível que a quantidade real tenha sido ainda maior, pois muitos podem ter morrido antes que alguém os tivesse contado. Entre os soldados soviéticos capturados pelos alemães, os índices de mortalidade eram semelhantes: a guerra nazi-soviética foi mesmo uma batalha de morte. No entanto, a partir de março de 1944, a NKVD encarregou-se de "melhorar" a situação e criou um novo departamento de campos de trabalho forçado, especialmente projetado para os prisioneiros de guerra. Embora estivessem sob a jurisdição da polícia secreta, tecnicamente esses campos não pertenciam ao Gulag, mas à Agência de Prisioneiros de Guerra (UPV) da NKVD, e, depois de 1945, à Agência de Prisioneiros de Guerra e Internos (GUPVI).[2037]

A nova burocracia não trouxe melhora no tratamento. As autoridades japonesas, por exemplo, calculam que o inverno de 1945-46 - após o final da guerra - tenha sido o pior para os prisioneiros japoneses. Um décimo deles morreu no cativeiro soviético. Embora não estivessem em condição de passar informações militares úteis, as restrições severas à correspondência continuaram: os prisioneiros de guerra só tiveram permissão para escrever para casa em 1946, em formulários especiais classificados como "carta de

---

[2033] Sword, pp. 2-5.
[2034] Beevor, pp. 409-10.
[2035] Ibid., p. 411.
[2036] Zagorulko, pp. 31 e 333.
[2037] Ibid., pp. 25-33.

prisioneiro de guerra".

Foram criados escritórios especiais nos quais censores que falavam línguas estrangeiras liam as cartas deles.[2038]

A superlotação também não deixou de existir. No último ano da guerra, e mesmo depois, a quantidade de pessoas enviadas ao novos campos continuou a crescer, chegando a níveis alarmantes. Segundo as estatísticas oficiais, a União Soviética manteve 2.388 milhões de prisioneiros de guerra alemães entre 1941 e 1945. Também caíram em mãos soviéticas 1.097 milhão de soldados europeus que lutavam pelo Eixo - em sua maioria italianos, húngaros, romenos e austríacos, além de alguns franceses, holandeses e belgas - e cerca de 600 mil japoneses, um número surpreendente se levarmos em conta que a guerra entre a União Soviética e o Japão foi relativamente breve. Na época do armistício, o total de soldados capturados ultrapassava 4 milhões.[2039]

Mas esses dados não incluem todos os estrangeiros jogados nos campos soviéticos durante a marcha do Exército Vermelho pela Europa. No rastro do exército, a NKVD também procurava por outros tipos de prisioneiros: qualquer pessoa acusada de crimes de guerra, qualquer pessoa suspeita de espionagem (mesmo que para um governo aliado), qualquer pessoa considerada anti-soviética por alguma razão, qualquer pessoa de quem a polícia secreta não gostasse. Seu interesse era particularmente amplo nos países da Europa central em que pretendiam ficar depois da guerra. Em Budapeste, por exemplo, logo capturaram 75 mil civis húngaros e os enviaram primeiramente a campos provisórios na Hungria e depois ao Gulag - junto com centenas de milhares de prisioneiros de guerra húngaros que ainda estavam lá.[2040]

Quase todo mundo podia ser preso. Entre os húngaros apanhados em Budapeste, por exemplo, estava George Bien, de dezesseis anos. Ele foi preso com o pai porque eles possuíam um rádio.[2041] Na outra ponta do espectro social, os oficiais da NKVD também prenderam Raul Wallenberg, um diplomata sueco que, sozinho, salvara milhares de judeus húngaros da deportação aos campos de concentração nazistas. No curso das negociações, Wallenberg teve de lidar com as autoridades fascistas e os líderes ocidentais. Além disso, ele vinha de uma família sueca proeminente e rica. Para a NKVD, essas eram razões suficientes para considerá-lo suspeito. Ele foi preso em Budapeste em janeiro de 1945, junto com o motorista. Os dois desapareceram nas prisões soviéticas (Wallenberg foi registrado como "prisioneiro de guerra") e nunca mais se ouviu falar deles. Nos anos 1990, o governo sueco procurou pistas do paradeiro de Wallenberg, mas nada descobriu. Hoje se acredita que ele tenha morrido sob interrogatório ou que tenha sido executado logo após a prisão.[2042]

Na Polônia, a NKVD voltou os olhos para os líderes remanescentes do Exército da Pátria. Até 1944, esse exército de guerrilheiros lutou ao lado das tropas

---

[2038] S. I. Kuznetsov, pp. 618-19.

[2039] Os dados são de Overy, p. 297, e procedem de um documento soviético de 1956. Outro documento soviético de 1949, republicado em Zagorulko, pp. 331-33, contém números similares (2.079.000 alemães, 1.220.000 não-alemães, 590 mil japoneses, e 570 mil mortos).

[2040] Gustav Menczer, chefe da Sociedade Húngara de Sobreviventes do Gulag, conversação com a autora, fevereiro de 2002.

[2041] Bien, memórias inéditas.

[2042] Knight, "The Truth aboutWallenberg".

soviéticas contra os alemães. No entanto, assim que o Exército Vermelho cruzou a antiga fronteira polonesa, as tropas da NKVD capturaram e desarmaram suas unidades e prenderam seus líderes. Alguns se esconderam nas florestas polonesas e continuaram a lutar até meados da década de 1940. Outros foram executados. O restante foi deportado. Assim, dezenas de milhares de cidadãos poloneses, civis e militares, foram parar no Gulag e nas aldeias de degredo depois da guerra.[2043]

Nenhuma nação ocupada foi poupada. Corno eu disse, os países bálticos e a Ucrânia sofreram ampla repressão no pós-guerra, assim como a Tchecoslováquia, a Bulgária, a.Romênia e, mais do que todos, a Alemanha e a Áustria. A NKVD arrastou para interrogatórios em Moscou todos os que foram encontrados no bunker de Hitler quando o Exército Vermelho avançou sobre Berlim. Eles também capturaram vários parentes distantes de Hitler na Áustria. Entre eles havia uma prima, Maria Koopensteiner, para quem Hitler tinha enviado um pouco de dinheiro, o marido, os irmãos e um sobrinho. Nenhum deles, nem mesmo Maria, tinha posto os olhos em Hitler depois de 1906. Todos morreram na União Soviética.[2044]

Em Dresden, a NKVD também prendeu um cidadão americano, John Noble, que fora detido na Alemanha nazista e mantido em prisão domiciliar durante a guerra junto, com o pai, um alemão naturalizado americano. Noble voltou aos Estados Unidos nove anos depois. Ele passou grande parte desse tempo em Vorkuta, onde os companheiros o apelidaram de "Amerikanets".[2045]

A grande maioria dos que foram atropelados pelos acontecimentos acabou nos campos de trabalho para prisioneiros de guerra ou nos campos do Gulag. A diferença entre os dois tipos de campo nunca ficou clara. Embora tecnicamente pertencessem a estruturas burocráticas diferentes, em pouco tempo a administração dos campos de prisioneiros de guerra ficou parecida com a dos campos de trabalho forçado - a tal ponto que é difícil separá-los quando se tenta investigar sua historia. As vezes, os campos do Gulag criavam lagpunkts especiais apenas para os prisioneiros de guerra, e os dois tipos de detentos trabalhavam lado a lado.[2046] Sem nenhum motivo claro, às vezes a NKVD enviava prisioneiros de guerra diretamente ao Gulag.[2047]

No final da guerra, as rações de comida dos prisioneiros de guerra e dos presos comuns era quase a mesma, assim como o alojamento em que ficavam e o trabalho que faziam. Gomo os zeks, os prisioneiros de guerra trabalhavam na construção civil, nas minas, nas fábricas e na abertura de estradas e ferrovias.[2048] Como os zeks, alguns prisioneiros de guerra mais educados encontravam seu caminho nas sharashki, onde projetavam aeronaves militares para o Exército Vermelho.[2049] Até hoje os moradores de certos distritos de Moscou falam com orgulho dos blocos de apartamento que eles habitavam, supostamente muito bem construídos pelos meticulosos prisioneiros de guerra alemães.

---

[2043] Erzej Paczkowski, "Pole, the Enemy Nation", em Courtois, pp. 372-75.
[2044] "Kuzina Gitlera", Nóvaya Izvestiya, 3 de abril, 1998, p. 7.
[2045] Noble.
[2046] Zagorulko, p. 131.
[2047] Ibid., p. 333. Houve cerca de 20 mil POWs (prisioneiros de guerra) no Gulag.
[2048] Ibid., pp. 1042 e 604-9.
[2049] Ibid., pp. 667-68.

Também como os zeks, os prisioneiros de guerra acabaram recebendo uma "educação política" ao estilo soviético. Em 1943, a NKVD começou a organizar escolas e cursos "antifascistas" nos campos de prisioneiros de guerra. A intenção era persuadir os participantes a "conduzir a luta pela reconstrução 'democrática' de seus países e eliminar os resquícios do fascismo" quando retornassem à Alemanha, à Romênia ou à Hungria - e, é claro, a pavimentar o caminho para a dominação soviética.[2050] De fato, vários ex-prisioneiros de guerra alemães terminaram trabalhando para a polícia da Alemanha Oriental.[2051]

No entanto, nem aqueles que demonstravam lealdade voltavam para casa rapidamente. Embora a URSS tenha repatriado um grupo de 225 mil prisioneiros em junho de 1945, em sua maioria soldados rasos feridos, e embora outros tenham voltado para casa desde então num fluxo regular, a repatriação completa de todos os prisioneiros de guerra em mãos soviéticas levou mais de uma década: em 1953, quando Stalin morreu, 20 mil permaneciam no país.[2052] Ainda convencido da eficácia da escravidão estatal, Stalin encarava o trabalho dos prisioneiros como uma forma de reparação e considerava seu longo cativeiro totalmente justificável. Nos anos 1940 e 1950 (e depois, na verdade, como o caso Wallenberg ilustra), as autoridades soviéticas continuaram a ocultar a questão dos estrangeiros presos com confusões, propaganda e contrapropaganda, libertando-os quando lhes convinha e negando sua existência quando assim lhes parecia melhor. Em outubro de 1945, por exemplo, Beria escreveu a Stalin pedindo-lhe autorização para libertar prisioneiros de guerra húngaros pouco antes das eleições na Hungria: os americanos e os britânicos haviam soltado seus prisioneiros de guerra, e caía mal se a União Soviética não fizesse o mesmo.[2053]

A névoa persistiu durante décadas. Nos primeiros anos depois da guerra, enviados de todo o mundo pressionaram Moscou com listas de cidadãos que haviam desaparecido em meio à ocupação da Europa pelo Exército Vermelho ou que, por qualquer razão, tinham ido para os campos do Gulag ou os de prisioneiros de guerra. Não era fácil conseguir respostas, pois muitas vezes nem a NKVD sabia do paradeiro dos presos. No final, as autoridades soviéticas criaram comissões especiais para descobrir por que ainda havia estrangeiros presos na URSS, estudar cada caso e liberá-los.[2054]

Os casos mais complexos podiam levar anos para ser solucionados. Jacques Rossi, um comunista francês nascido em Lyon e enviado a um campo depois de ter passado alguns anos dando aulas em Moscou, ainda tentava voltar para casa em 1958. Depois que lhe recusaram um visto de saída para a França, ele tentou ir para a Polônia, onde, conforme disse às autoridades, viviam um irmão e uma irmã seus. Esse pedido também foi recusado.[2055] Por outro lado, de vez em quando as autoridades suspendiam todas as objeções e permitiam que os estrangeiros fossem embora. Em 1947, no auge da fome do pós-guerra, a NKVD libertou inesperadamente centenas de milhares de prisioneiros de guerra. Não havia uma razão política: os líderes soviéticos apenas concluíram

---

[2050] Ibid., p. 38.
[2051] Naimark, Tke Russians in Germany, p. 43.
[2052] Zagorulko, pp. 40 e 54-58.
[2053] Vostochnaya Europa, p. 270.
[2054] Ibid., pp. 370 e 419-22.
[2055] GARF, 9401/2/497.

que não dispunham de comida suficiente para manter todos vivos.[2056]

A repatriação não tinha mão única. Se um grande número de europeus ocidentais estava na Rússia ao final da guerra, um número igualmente grande de russos estava na Europa Ocidental. Na primavera de 1945, mais de 5,5 milhões de cidadãos soviéticos viviam fora do país. Alguns eram soldados capturados e encarcerados nos campos nazistas para prisioneiros de guerra. Outros haviam sido levados para os campos de trabalho escravo da Alemanha e da Áustria. Alguns colaboraram com a força de ocupação e se retiraram do país com o exército alemão. Cerca de 150 mil eram "vlasovitas", soldados que tinham combatido - ou, mais freqüentemente, que tinham sido obrigados a combater - o Exército Vermelho sob o comando do general Andrei Vlasov, um oficial russo capturado que se voltara contra Stalin e lutara ao lado de Hitler, ou em outras brigadas pró-Hitler e anti-Stalin da Wehrmacht. Por mais estranho que possa parecer, alguns nem eram cidadãos soviéticos.

Espalhados pela Europa, notadamente na Iugoslávia, havia também imigrantes anticomunistas: os russos brancos, os que haviam perdido a disputa com os bolcheviques e se estabelecido no Ocidente. Stalin também os queria de volta: ninguém deveria escapar da punição bolchevique.

No final, ele os conseguiu. Entre as várias decisões controversas da Conferência de Yalta, em fevereiro de 1945, Roosevelt, Churchill e Stalin acordaram que todos os cidadãos soviéticos, fosse qual fosse sua história específica, tinham de voltar à União Soviética. Embora os protocolos assinados em Ialta não obrigassem os aliados a devolver os cidadãos soviéticos contra a vontade deles, foi isso o que aconteceu.

Alguns desejavam voltar para casa. Leonid Sitko, soldado do Exército Vermelho que passou um tempo num campo nazista e que mais tarde passaria outra temporada num campo soviético, lembra-se de ter decidido voltar para casa. Posteriormente, ele descreveu seus sentimentos em versos:

> Eram quatro estradas - quatro países.
> Em três haveria paz e conforto.
> No quarto, eu sabia, destruiriam as rimas
> E a mim, provavelmente, matariam.
>
> E o que fiz? Aos três países disse: pro inferno!
> E escolhi minha terra natal.[2057]

Outros, com medo do que os aguardava, foram convencidos a voltar pelos oficiais da NKVD que viajavam pelos campos de prisioneiros e deslocados de guerra espalhados por toda a Europa. Os oficiais procuravam os russos nesses campos e lhes ofereciam uma visão cor-de-rosa do futuro. Tudo seria perdoado, diziam: "Nós os consideramos cidadãos soviéticos, apesar de vocês terem sido obrigados a se juntar ao exército alemão [...]".[2058]

Alguns, em especial aqueles que já haviam experimentado o lado errado da justiça soviética, naturalmente não quiseram retornar. "Há espaço para todos

---

[2056] Zagorulko, pp. 40 e 54-58. A maior parte dos POWs foi libertada no início dos anos 1950, embora 20 mil continuassem na URSS por ocasião da morte de Stalin.
[2057] Sitko, Tyazhestsveta, p. 10.
[2058] Bethell, p.17.

na terra natal", o adido militar soviético na Grã-Bretanha afirmou a um grupo de soldados soviéticos que viviam nos campos de prisioneiros de guerra de Yorkshire. "Sabemos que tipo de espaço teremos", um prisioneiro respondeu.65 Porém, os oficiais alia" dos tinham ordens para mandá-los de volta - e assim fizeram. em Fort Dix, Nova Jersey, 145 prisioneiros soviéticos, que trajavam uniformes alemães quando foram presos, entrincheiraram-se dentro do alojamento para não serem mandados para casa. Quando os soldados americanos jogaram gás lacrimogêneo no edifício, os que ainda não tinham se suicidado correram para fora com facas de cozinha e porretes ferindo alguns americanos. Mais tarde explicaram que queriam incitar os americanos a atirar neles.[2059]

O pior foram os incidentes que envolveram mulheres e crianças. Em maio de 1945, seguindo ordens diretas de Churchill, as tropas britânicas começaram a repatriar mais de 20 mil cossacos que viviam na Áustria, antigos guerrilheiros antibolcheviques. Alguns haviam se juntado a Hitler como forma de combater Stalin, muitos tinham deixado a URSS depois da Revolução, e a maioria não tinha mais passaporte soviético. Depois de passar muitos dias prometendo-lhes um bom tratamento, os britânicos os enganaram. Convidaram os oficiais cossacos para uma "conferência", entregaram-nos às tropas soviéticas e reuniram seus familiares no dia seguinte. Num incidente particularmente feio em um campo perto de Lienz, Áustria, soldados britânicos usaram baionetas e a coronha dos fuzis para colocar milhares de mulheres e crianças em trens com destino à URSS. Em vez de voltar, as mulheres jogavam os bebês das pontes e saltavam atrás. Um homem matou a mulher e os filhos, depositou seus corpos cuidadosamente na grama e se suicidou. É claro que os cossacos sabiam o que os esperava no retorno à União Soviética: pelotões de fuzilamento - ou o Gulag.[2060]

Mesmo os que retornaram de livre e espontânea vontade podiam se tornar suspeitos. Quer tenham saído da União Soviética voluntariamente ou pela força, quer tenham colaborado ou sido capturados, quer tenham voltado de bom grado ou obrigados em vagões de gado, todos foram solicitados, na fronteira, a preencher um formulário que perguntava se tinham colaborado. Os que confessaram (alguns o fizeram) e os que pareciam suspeitos - inclusive muitos prisioneiros de guerra soviéticos, a despeito dos tormentos que sofreram nos campos alemães - foram retidos em campos de triagem para futuro interrogatório. Esses campos, criados no início da guerra, pareciam os campos do Gulag. Cercados com arame farpado, os internos eram trabalhadores forçados em todos os aspectos, exceto pelo nome.

De fato, a NKVD deliberadamente montou vários campos de triagem perto de centros industriais, de modo que os "suspeitos" pudessem contribuir com o país com trabalho gratuito, enquanto seu caso era investigado.[2061] Entre 27 de dezembro de 1941 e 1º de outubro de 1944, a NKVD investigou 421.199 detentos nos campos de triagem. Em maio de 1945, mais de 160 mil ainda viviam neles, executando trabalhos forçados. Mais da metade extraía carvão.[2062] Em janeiro de 1946, a NKVD extinguiu os campos e repatriou mais

---

[2059] Ibid.
[2060] Ibid., pp. 103-65.
[2061] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 43.
[2062] Pohl, The Stalinist Penal System, p. 51.

228 mil pessoas à URSS para investigação.[2063] Supõe-se que muitos terminaram no Gulag.

No entanto, mesmo entre os prisioneiros de guerra havia casos especiais. Como a NKVD distribuía condenações aos prisioneiros de guerra e aos trabalhadores escravos, pessoas que, na verdade, não tinham cometido nenhum crime, as autoridades inventaram um novo tipo de sentença para os verdadeiros criminosos de guerra: pessoas que haviam cometido crimes de verdade. Já em abril de 1943, o Soviete Supremo declarou que, enquanto libertava o território soviético, o Exército Vermelho descobrira "atos de bestialidade e violência sem precedentes praticados por monstros fascistas alemães, italianos, romenos, húngaros e finlandeses, por agentes de Hitler e por espiões e traidores soviéticos"[2064] Como resposta, a NKVD declarou que os criminosos de guerra condenados receberiam penas de quinze, vinte ou 25 anos, que deveriam ser cumpridas em lagpunkts especiais. Os lagpunkts foram convenientemente erguidos em Norilsk, Vorkuta e Kolyma, os três campos setentrionais mais rígidos.[2065]

Com uma linguagem curiosamente floreada e uma percepção histórica irônica que pode muito bem ser indício do envolvimento direto de Stalin, a NKVD batizou esses lagpunkts com um termo da história penal da Rússia czarista: katorga. Essa escolha não teria sido acidental. Sua ressurreição, que ecoava a ressurreição da terminologia czarista em outras esferas da vida soviética (escolas militares para os filhos dos oficiais, por exemplo), devia ter como intenção caracterizar um novo tipo de punição para uma nova espécie de prisioneiro, perigoso e irreformável. Ao contrário dos criminosos comuns, que recebiam a punição comum nos campos de trabalho do Gulag, onde seriam corrigidos, nem em teoria se esperava que os presos da katorga se corrigissem ou redimissem. O renascimento da palavra parece ter causado certa consternação. Os bolcheviques haviam lutado contra a katorga, mas agora a instituíam novamente, como os porcos de A revolução dos bichos, de George Orwell, que proibiram os animais de beber álcool mas começaram a tomar uísque. A katorga também foi reinventada no momento em que o mundo começava a descobrir a verdade sobre os campos de concentração nazistas. A palavra sugeria que os campos soviéticos eram um pouco mais parecidos com os campos "capitalistas" do que as autoridades admitiam.

Talvez por isso o general Nasedkin, o chefe do Gulag durante a guerra, tenha preparado a pedido de Beria um histórico da katorga czarista. Entre outras "notas explanatórias", o histórico tentava explicar cuidadosamente a diferença entre as katorgas bolcheviques e czaristas e as outras formas de punição do Ocidente:

> no Estado socialista soviético, a punição por meio da katorga - degredo com trabalho forçado - baseia-se num princípio diferente daquele que havia no passado. Na Rússia czarista e nos países burgueses, essa pena severa era infligida aos elementos mais progressistas da sociedade [...] no Estado soviético, a katorga permite a redução das penas de morte e é aplicada a inimigos especialmente perigosos [...].[2066]

---

[2063] Pohl, ibid., pp. 50-52.
[2064] GARF, 7523/4/164.
[2065] GARF, 9401/1a/135.
[2066] GARF, 9414/1/76.

Ao ler as instruções do novo regime, é de se perguntar se alguns dos que foram enviados à katorga não preferiam a pena de morte. Os condenados à katorga eram separados dos outros prisioneiros por cercas altas. Eles recebiam uniformes diferentes, listrados, com números costurados nas costas. A noite, eram trancados no alojamento, cujas janelas eram cerradas com trancas. Trabalhavam mais que os prisioneiros comuns, tinham menos dias de descanso e eram proibidos de executar qualquer trabalho leve, pelo menos durante os dois primeiros anos. Eram cuidadosamente guardados: cada grupo de dez prisioneiros tinha dois guardas e cada campo devia dispor de pelo menos cinco cães. Os prisioneiros da katorga não podiam sequer ser transferidos de um campo para outro sem a autorização expressa da administração do Gulag em Moscou.[2067]

Os presos da katorga também parecem ter se tornado o esteio de uma indústria soviética nova em folha. Em 1944, ao listar suas realizações econômicas, a NKVD afirmava ter produzido 100% do urânio do país. "Não é difícil deduzir", escreve a historiadora Galina Ivanova, "quem extraía e processava o minério radiativo".[2068] Os prisioneiros e os soldados também construiriam o primeiro reator nuclear em Chelyabinsk, após a guerra. "Nessa época, todo o canteiro de obras era um campo de várias classes", um operário recorda. Ali, chalés "finlandeses" especiais seriam erguidos para os especialistas alemães que também eram obrigados a trabalhar no projeto.[2069]

Sem dúvida, entre os prisioneiros da katorga havia muitos colaboradores dos nazistas e criminosos de guerra, inclusive os responsáveis pelo assassinato de centenas de milhares de judeus soviéticos. Com essas pessoas na cabeça, Simeon Vilensky, um sobrevivente de Kolyma, alertou-me para não considerar inocentes todos os que estavam no Gulag: "Essas pessoas teriam ido para a cadeia, deveriam ter ido para a cadeia, sob qualquer regime". Como regra geral, os detentos evitavam os condenados por crimes de guerra, chegando até a agredi-los.[2070]

Ainda assim, dos 60 mil prisioneiros condenados à katorga em 1947, boa parte tinha sido sentenciada por razões mais ambíguas.[2071] Havia, por exemplo, milhares de guerrilheiros anti-soviéticos da Polônia, dos países bálticos e da Ucrânia, muitos dos quais lutaram contra os nazistas antes de se voltar contra o Exército Vermelho. Fizeram isso por acreditar que lutavam pela libertação do próprio país. De acordo com um documento enviado a Beria em 1945 sobre os menores de idade presos na katorga, Andrei Levchuk, acusado de fazer parte da Organização dos Ucranianos Nacionalistas (OUN), um dos dois principais grupo de oposição aos soviéticos na Ucrânia, era um desses guerrilheiros. Enquanto estava a serviço deles, Levchuk supostamente teria "participado do assassinato de cidadãos inocentes , do desarmamento dos soldados do Exército Vermelho e da apropriação de seus bens". Na época em que foi preso, em 1945, Levchuk tinha quinze anos de idade.

Yaroslava Krutigolova era outra "criminosa de guerra". Também integrante da

---

[2067] GARF, 9401/1a/135; 9401/1/76; e 9401/1a/136.
[2068] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 43.
[2069] Kruglov, pp. 66, 256, e 265.
[2070] Vilensky, entrevista com a autora.
[2071] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 43.

OUN - serviu como enfermeira -, foi presa com dezesseis anos.[2072] A NKVD também prendeu uma mulher de origem germânica que trabalhara como tradutora para guerrilheiros soviéticos. Ao ouvir que ela tinha sido presa por "ajudar o inimigo", o líder da brigada guerrilheira deixou a frente de batalha e foi depor a seu favor. Graças a ele, Krutigolova recebeu uma pena de dez anos na katorga, e não de 25.[2073]

Finalmente, entre os prisioneiros da katorga estava Aleksandr Klein, um oficial do Exército Vermelho que, capturado pelos alemães, conseguiu fugir e voltar para a divisão soviética. Assim que voltou, foi interrogado, como relatou posteriormente:

> De repente o major se levantou e perguntou: "Pode provar que é judeu?"
>
> Eu sorri, constrangido, e disse que podia... tirando as calças.
>
> O major olhou para Sorokin e depois voltou-se em minha direção.
>
> "Está dizendo que os alemães não sabiam que você era judeu?"
>
> "Acredite. Se eles soubessem, eu não estaria aqui."
>
> "Arre, judeu de uma figa!", o janota exclamou, e me deu um soco no estômago que me fez engasgar e cair.
>
> "Que mentira é essa? Diga, filho-da-puta, por que foi mandado de volta? Com quem está metido? Quando se vendeu? Por quanto? Por quanto se vendeu, criatura? Qual é o seu codinome?"

O interrogatório resultou na condenação de Klein à morte. Depois sua pena foi comutada para vinte anos na katorga.[2074]

"Havia todo tipo de gente nos campos, especialmente depois da guerra", escreveu Hava Volovich. "Mas todos éramos atormentados do mesmo jeito: os bons, os maus, os culpados e os inocentes".[2075]

Se durante a guerra milhões de estrangeiros entraram no Gulag contra a vontade, pelo menos um se apresentou voluntariamente. A guerra pode ter conduzido os líderes soviéticos a novos paroxismos de xenofobia; graças a ela, no entanto, um velho político americano visitou o Gulag pela primeira e única vez. Henry Wallace, vice-presidente dos Estados Unidos, viajou a Kolyma em maio de 1944 - e jamais soube que visitava uma prisão.

A visita de Wallace aconteceu no auge da amizade entre americanos e soviéticos na guerra, no momento mais caloroso da aliança, quando a imprensa dos Estados Unidos se habituara a chamar Stalin de "Tio Joe". Por essa razão, talvez, Wallace estava inclinado a olhar a União Soviética com bondade mesmo antes de chegar. Em Kolyma, viu todas as suas idéias confirmadas. Logo que chegou, percebeu muitos paralelos entre a Rússia e os Estados Unidos: ambos eram duas "novas" grandes nações que não

---

[2072] GARF, 9414/1/76.
[2073] Descrito em Joffe, pp. 199-200.
[2074] Klein, Ulybkinevoli, pp. 396-403.
[2075] HavaVolovich, "My Past", em Vilensky, Till My Tale Is Told, p. 259.

carregavam a bagagem aristocrática da Europa. Ele acreditava, conforme disse aos anfitriões, que a "Ásia soviética" era, na verdade, o "oeste selvagem da Rússia". Acreditava "não haver países mais parecidos do que a União Soviética e os Estados Unidos : "As grandes extensões de seu território, as florestas virgens, os rios e lagos amplos, todos os tipos de clima - do tropical ao polar - a riqueza infindável, lembram-me a minha pátria".[2076]

Ele se agradou da paisagem e daquilo que considerou a força industrial do país. Nikishov, o chefe da Dalstroi, corrupto notório com alto padrão de vida, acompanhou Wallace por Magadan, a principal cidade de Kolyma. Por sua vez, Wallace imaginou que Nikishov, um antigo oficial da NKVD, fosse o equivalente de um capitalista americano: "Ele gerencia tudo por aqui. Comandando os recursos da Dalstroi, ele se tornou milionário". Wallace apreciou a companhia do amigo "Ivanº e observou-o "brincar" na taiga, "aproveitando imensamente o ar maravilhoso". Ele também ouviu com atenção o relato de Ivan sobre a origem da Dalstroi: "Tivemos de cavar muito para pôr este lugar em funcionamento. Doze anos atrás chegaram os primeiros colonos, que ergueram oito casas pré-fabricadas. Hoje Magadan tem 40 mil habitantes, e todos moram bem".

Nikishov deixou de mencionar, é claro, que os "primeiros colonos" eram prisioneiros e que os 40 mil habitantes eram na maioria degredados, proibidos de ir embora. Wallace também ignorava a situação dos operários - quase todos prisioneiros - e continuou aprovando os trabalhadores das minas de ouro. Recordava que eles eram "jovens grandes e vigorosos", trabalhadores livres que davam muito mais duro do que os prisioneiros políticos que ele supunha habitarem o extremo norte na época dos czares: "A população da Sibéria é valente e vigorosa, mas não por ser levada na ponta do chicote".[2077]

Naturalmente, os chefes da Dalstroi queriam que Wallace pensasse exatamente isso. Conforme o relatório que o próprio Nikishov escreveu a Beria mais tarde, Wallace pediu para ver um campo de prisioneiros, mas não foi atendido. Nikishov também assegurou aos chefes que os únicos operários que Wallace encontrou eram trabalhadores livres, e não prisioneiros. É possível que muitos deles fossem membros da Komsomol, a juventude comunista, e tenham recebido uniforme e botas de mineiro minutos antes da chegada de Wallace. Eles saberiam responder perguntas. "Conversei com alguns", Wallace observou mais tarde. "Estavam entusiasmados com a vitória na guerra".[2078]

Depois, Wallace conheceu prisioneiros de verdade, embora não soubesse: eram os cantores e músicos que se apresentaram para ele no teatro de Magadan, vários deles artistas de ópera presos em Moscou e Leningrado. Informado de que eram integrantes de um "coral não-profissional do Exército Vermelho" estacionado na cidade, ele se encantou com o alto nível artístico dos amadores. Na verdade, todos foram avisados de que "uma palavra ou sinal que desse a entender que éramos prisioneiros seriam considerados um ato de traição".[2079]

Wallace também viu o artesanato produzido pelos prisioneiros, embora mais

---

[2076] Wallace, p.137.
[2077] Ibid., p. 117.
[2078] GARF, 9401/2/65; Sgovio, p. 251; Wallace, pp. 33-41.
[2079] Wallace, pp. 33-41; e Sgovio, p. 251.

uma vez não tivesse conhecimento disso. Nikishov levou-o a uma feira de bordados e disse-lhe que os trabalhos expostos eram realizados por um grupo de "mulheres que se juntavam regularmente durante o inverno rigoroso para estudar costura". É claro que as prisioneiras haviam feito tudo de antemão para a visita de Wallace.

Quando Wallace parou diante de um dos trabalhos, visivelmente admirado, Nikishov tirou-o da parede e entregou-o a ele. Para sua (agradável) surpresa, a esposa de Nikishov, a temida Gridasova, modestamente explicou que era ela a artista. Posteriormente, a prisioneira Vera Ustieva soube que seu quadro fora um dos dois dados ao vice-presidente como recordação da viagem: "Nosso chefe recebeu uma carta da mulher do vice-presidente agradecendo pelo presente e dizendo que os quadros haviam sido pendurados na parede", ela escreveu mais tarde.[2080] Wallace também descreveu os presentes em suas memórias: "Hoje em dia, esses dois quadros transmitem àqueles que visitam minha casa em Washington toda a beleza da paisagem rural da Rússia".[2081]

A visita de Wallace coincidiu mais ou menos com a chegada das "doações americanas" a Kolyma. O programa Lend-Lease, cujo objetivo era o envio de armas e equipamento militar para ajudar os aliados a se defender contra a Alemanha, levou tratores, caminhões, escavadeiras e ferramentas a Kolyma, o que não era bem a intenção do governo americano. Também levou um sopro de ar do mundo exterior. As peças chegaram embrulhadas em jornais velhos, e, por eles, Thomas Sgovio soube da guerra no Pacífico. Até então, como a maioria dos prisioneiros, ele pensava que o exército soviético lutava sozinho e que os americanos apenas enviavam suprimentos.[2082] O próprio Wallace notara que os mineiros de Kolyma (ou membros da Komsomol fingindo-se de mineiros) usavam botas americanas, também elas fruto do Lend-Lease. Quando perguntou sobre a questão - as doações do Lend-Lease não se destinavam às minas de ouro -, os anfitriões responderam que haviam comprado as botas.[2083]

A grande maioria das roupas enviadas pelos Estados Unidos acabou no corpo dos administradores do campo e no de suas mulheres, embora algumas peças tenham mesmo sido utilizadas nas produções de teatro dos campos e algumas latas de carne de porco tenham chegado aos prisioneiros. Eles a comeram com prazer: muitos jamais haviam visto carne enlatada antes. Melhor ainda, usaram as latas vazias como canecas, lamparinas, potes, panelas, chaminés de fogão e até botões - sem fazer idéia da surpresa que tanta engenhosidade teria causado no país de onde as latas vieram.[2084]

Antes de Wallace ir embora, Nikishov ofereceu um elaborado banquete em sua homenagem. Pratos extravagantes foram servidos - os ingredientes foram extraídos da ração dos prisioneiros; brindaram a Roosevelt, a Churchill e a Stalin. Wallace fez um discurso que continha as seguintes palavras memoráveis:

> Cada um à sua maneira, russos e americanos buscam um estilo de vida

---

[2080] Vera Ustieva, "Podarok dlya vitse-prezidenta", em Vilensky, Osventsim pp. 98-106.
[2081] Wallace, pp. 127-28.
[2082] Sgovio, p. 245.
[2083] Wallace, pp. 33-41.
[2084] Sgovio, p. 252.

que permita ao homem comum em todo o mundo tirar o melhor da tecnologia moderna. Não há nada de inconciliável em nossos objetivos e nossos propósitos. Aqueles que afirmam o contrário querem a guerra, consciente ou inconscientemente - e, na minha opinião, isso é um crime.[2085]

## 21. A ANISTIA... E DEPOIS

*Hoje disse adeus ao campo com um sorriso alegre,*
*Às cercas que por um ano afastaram a liberdade [...]*
*Nada restará de mim neste lugar,*
*Nada impedirá meus passos apressados?*

*Oh não! Atrás das cercas deixo um Gólgota de dor,*
*Que ainda tenta me empurrar a extremos de tormento.*
*Deixo túmulos de angústia e restos de compaixão*
*E, em segredo, choro as contas do nosso rosário [...]*

*Tudo agora parece ter sido levado, como a folha arrancada de uma árvore*
*Por fim nos livramos da escravidão.*
*E meu coração se esvaziou do ódio*
*Pois hoje um arco-íris rompeu as nuvens!*

Janusz Wedów, "Adeus ao campo".[2086]

Muitas das metáforas que foram utilizadas para descrever o sistema de repressão soviético - moedor de carne, rolo compressor - fazem-no soar implacável, inexorável, inflexível. Ao mesmo tempo, porém, o sistema não era estático: ele mudava, dava voltas e produzia novas surpresas. E verdade que os anos de 1941 a 1943 significaram morte, doença e tragédia para os prisioneiros soviéticos, mas a guerra também proporcionou a liberdade de milhões de pessoas.

A anistia para os homens saudáveis, em idade de lutar, começou apenas alguns dias depois do início da guerra. Já em 12 de julho de 1941, o Soviete Supremo ordenou ao Gulag que liberasse determina-das categorias de prisioneiros diretamente para o Exército Vermelho: "os condenados por faltar ao trabalho e por crimes administrativos e financeiros comuns e insignificantes". Posteriormente, a ordem se repetiu várias vezes. Ao todo, a NKVD liberou 975 mil prisioneiros nos três primeiros anos de guerra, junto com várias centenas de milhares de ex-kulaks, degredados especiais. Mais pessoas continuaram a ser anistiadas até, e durante, o assalto final a Berlim.[2087] A 21 de fevereiro de 1945, três meses antes do fim da guerra, houve nova ordem para libertar prisioneiros: o Gulag foi avisado de que eles deveriam estar prontos para entrar no exército no dia 15 de março.[2088]

---

2085 Wallace, p. 205.
2086 Em Taylor-Terlecka, p.144. Traduzido com a ajuda de Piotr Paszkowski.
2087 GARF, 9414/1/68; Zemskov, "Sudba Kulatskoi ssylki", pp. 129-42; Martin, "Stalinist Forced Relocation Policies".
2088 GARF, 9401/1/743.

O volume de anistiados teve um impacto enorme sobre a demografia dos campos durante a guerra, e, conseqüentemente, sobre a vida dos que ficaram para trás. Novos prisioneiros afluíam aos campos, a anistia em massa libertava outros tantos, e milhões morriam, o que torna as estatísticas dos anos de guerra extremamente enganosas. Os dados de 1943 demonstram um aparente declínio da população carcerária, de 1,5 para 1,2 milhão. Nesse ano, no entanto, outro dado indica que 2.421 milhões de prisioneiros passaram pelo Gulag, alguns recentemente presos, alguns recém-libertados, alguns transferidos entre os campos e muitos mortos.[2089] Ainda assim, a despeito da chegada de centenas de milhares de prisioneiros todos os meses, a quantidade total de detentos no Gulag efetivamente diminuiu entre junho de 1941 e julho de 1944. Vários campos nas regiões de floresta, criados às pressas para receber o excesso de novos detentos em 1938, foram eliminados com a mesma rapidez.[2090] Os presos remanescentes trabalhavam cada vez mais, e ainda assim a falta de mão-de-obra era endêmica. Em Kolyma, durante a guerra, até os trabalhadores livres tinham de garimpar ouro nas horas de descanso.[2091]

Nem todos os prisioneiros tiveram permissão para partir: as ordens de anistia excluíam explicitamente os "criminosos reincidentes" - ou seja, os criminosos de carreira - e os prisioneiros políticos. Poucas exceções foram feitas. Talvez graças ao reconhecimento do prejuízo causado ao Exército Vermelho pela prisão de oficiais no final dos anos 1930, alguns dos condenados por questões políticas foram silenciosamente soltos depois da invasão soviética da Polônia. Entre eles estava o general Aleksandr Gorbatov, que foi chamado a Moscou de um distante lagpunkt de Kolyma no inverno de 1940. Depois de ver Gorbatov, o interrogador designado para reabrir o caso olhou de novo para a fotografia tirada antes da prisão e imediatamente pôs-se a fazer perguntas. Tentava se certificar de que o esqueleto que tinha à sua frente era mesmo um dos mais talentosos jovens oficiais do exército: "Minha calça estava remendada, minhas pernas estavam cobertas de trapos e eu usava as botas de mineiro. Também vestia uma jaqueta acolchoada e muito suja. Usava um boné com tapa-orelhas imundo e esfarrapado [...]"[2092] Gorbatov foi afinal libertado em março de 1941, imediatamente antes da ofensiva alemã. Na primavera de 1945, liderou um dos assaltos a Berlim.

Quanto aos soldados comuns, a anistia não lhes garantia a sobrevivência. Muitos especulam, embora os arquivos não confirmem, que os prisioneiros liberados do Gulag para o Exército Vermelho foram designados para "batalhões penais" e enviados diretamente aos locais mais perigosos do front. O Exército Vermelho era notório pela disposição de sacrificar homens, e não é difícil imaginar que os comandantes estivessem ainda mais dispostos a sacrificar antigos prisioneiros. Um destes, o dissidente Avraham Shifrin, disse ter sido colocado em um batalhão penal porque era filho de um "inimigo do povo". Segundo seu relato, ele e os camaradas foram mandados diretamente para o front, apesar da falta de armas: quinhentos homens receberam cem fuzis. "Suas armas estão nas mãos dos nazistas", os oficiais lhes disseram.

---

[2089] Bacon, p. 112.
[2090] O número de prisoneiros em campos florestais caiu de 338.500 em 1941 para 122.960 em 1944. Okhotin e Raginskii, p.112.
[2091] Sgovio, p. 242.
[2092] Gorbatov, pp. 150-51.

"Peguem-nas." Shifrin sobreviveu, embora tenha sido ferido duas vezes.[2093]

No entanto, os prisioneiros soviéticos que se juntavam ao Exército Vermelho costumavam sobressair. Surpreendentemente, poucos parecem ter se recusado a lutar por Stalin. Pelo que conta, o general Gorbatov jamais teve um momento de hesitação quanto a reintegrar-se ao exército soviético ou quanto a lutar pelo Partido Comunista, que o tinha prendido sem motivo. Quando soube da invasão alemã, pensou apenas na sorte que tivera por ser solto: poderia usar a força reconquistada em benefício da pátria. Ele também fala com orgulho das "armas soviéticas" que os soldados utilizaram "graças à industrialização do nosso país", sem fazer nenhum comentário sobre os meios pelos quais essa industrialização fora alcançada. É verdade que em varias ocasiões ele revela desprezo pelos "oficiais políticos" do Exército Vermelho - a polícia secreta militar -, que interferiam demais no trabalho dos soldados, e que uma ou duas vezes foi maltratado por oficiais da NKVD, que sombriamente murmuravam que ele "não tinha aprendido muito em Kolyma". É difícil duvidar, no entanto, da sinceridade de seu patriotismo.[2094]

A julgar pelos arquivos da NKVD, o mesmo parece valer para muitos outros prisioneiros libertados. Em maio de 1945, o chefe do Gulag, Viktor Nasedkin, produziu um relatório elaborado, quase efusivo, sobre o patriotismo e o espírito de luta dos ex-prisioneiros que tinham entrado no Exército Vermelho, citando muitas cartas enviadas aos antigos campos. "Primeiramente, informo que estou num hospital em Kharkov, ferido", um deles escreveu. "Defendi a pátria amada sem pensar na minha vida. Eu também fui condenado por trabalhar mal, mas nosso amado Partido me deu uma chance de pagar minha dívida com a sociedade conquistando a vitória no front. Pelos meus cálculos, matei 53 fascistas com balas de aço."

Outro escreveu para agradecer:

> Antes de mais nada, escrevo para agradecer sinceramente por ter me reeducado. No passado, era um criminoso considerado perigoso para a sociedade, e por isso mais de uma vez fui colocado numa prisão, onde aprendi a trabalhar. Agora, o Exército Vermelho confiou ainda mais em mim, ensinou-me a ser um bom comandante e confiou a mim camaradas combatentes. Com eles, entro corajosamente na batalha, eles me respeitam porque cuido deles e porque desempenhamos nossas tarefas militares com correção.

De vez em quando, os oficiais também escreviam para os comandantes dos campos. "Durante o assalto a Chernigov, o camarada Kolesnichenko comandou uma companhia", um capitão escreveu. "O ex-prisioneiro se transformou num comandante refinado, firme e combativo."

Com exceção de cinco ex-zeks que se tornaram Heróis da União Soviética e receberam a mais alta distinção militar do Exército Vermelho, parece não haver registros isolados dos ex-prisioneiros que ganharam medalhas. Mas os registros dos mais de mil zeks que escreveram para os campos são instrutivos: 85 se tornaram oficiais, 34 se inscreveram no Partido Comunista e 261

---

[2093] Comissão sobre o Judiciário (Testemunho de Avraham Shifrin).
[2094] Gorbatov, pp. 169, 174-75, e 194.

ganharam medalhas.[2095] Provavelmente, essa amostragem não é representativa de todos os prisioneiros, mas não há razão para acreditar que seja muito incomum. A guerra gerou um surto de patriotismo na União Soviética, e os ex-prisioneiros tiveram permissão para participar dele.[2096]

Talvez o mais surpreendente seja o fato de alguns prisioneiros que ainda cumpriam pena nos campos terem sido tomados pelo mesmo sentimento patriótico. As regras ainda mais rígidas e os cortes no suprimento de comida não transformaram todos os zeks do Gulag em oponentes duros do regime soviético. Ao contrário, posteriormente muitos escreveram que a pior coisa de ter estado num campo de concentração em junho de 1941 era não ter podido ir ao front e lutar. A guerra corria solta, os camaradas lutavam... e eles ficaram para trás, ardendo de patriotismo. Instantaneamente, passaram a tratar todos os prisioneiros alemães como fascistas, a insultar os guardas por não estarem no front e a trocar mexericos e boatos sobre a guerra. Como recorda Evgeniya Ginzburg, "Estávamos prontos para perdoar e esquecer agora que toda a nação sofria, prontos para apagar a injustiça de que fomos vítimas [...]"[2097]

Em algumas ocasiões, os prisioneiros dos campos próximos ao front tiveram a oportunidade de colocar o patriotismo em prática. Num relatório com o qual pretendia contribuir para a história da Grande Guerra Patriótica, Pokrovkii, ex-funcionário de Soroklag, um campo na República Careliana, perto da fronteira finlandesa, descreveu um incidente ocorrido durante a apressada evacuação do campo:

> A coluna de tanques se aproximava, a situação se tornava crítica, então um dos prisioneiros [...] pulou para a cabine de um caminhão e começou a dirigir o mais rápido que pôde na direção do tanque. O choque destruiu o caminhão e o prisioneiro-herói, mas o tanque também parou e se incendiou. A estrada ficou bloqueada, os outros tanques viraram na direção oposta. Graças a isso foi possível evacuar o restante da colônia.

Pokrovskii também descreveu como um grupo de mais de seiscentos prisioneiros libertados, retidos no campo por falta de trens, atirou-se voluntariamente ao trabalho de erguer as defesas da cidade de Belomorsk:

> Todos concordaram e imediatamente se dividiram em brigadas de trabalho, apontando brigadeiros e capatazes. Esse grupo de prisioneiros libertados trabalhou nas defesas por mais de uma semana com zelo excepcional, da manhã bem cedo até tarde da noite, treze ou catorze horas por dia. A única coisa que pediram em troca foi que alguém conversasse sobre política com eles e os informasse sobre a situação no front. Eu desempenhei essa tarefa escrupulòsamente.[2098]

Nos campos, esse patriotismo era estimulado pela propaganda, que ficou mais veloz durante a guerra. Como em toda a União Soviética, havia pôsteres, filmes de guerra e palestras. Os prisioneiros ouviam que "agora teríamos de trabalhar ainda mais, uma vez que cada grama de ouro garimpado seria um golpe contra

---

[2095] GARF, 7523/64/687 e 8-15.
[2096] Ver, por exemplo, Overy, pp. 79-80.
[2097] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 30.
[2098] GARF, 9414/1/1146.

o fascismo".[2099] Naturalmente, é impossível saber se esse tipo de propaganda funcionou, assim como é impossível determinar se qualquer propaganda funciona. Provavelmente, porém, a administração do Gulag levou a mensagem mais a sério quando a capacidade de produção do Gulag se tornou vital para o esforço de guerra soviético. Em seu panfleto sobre reeducação, "Retorno à vida", Loginov, oficial do KVCh escreveu que o slogan "Todos para o front, todos pela vitória" encontrou "um eco caloroso" no coração dos que trabalhavam na linha de frente dos campos do Gulag: "Temporariamente isolados da sociedade, os prisioneiros duplicaram e triplicaram a velocidade do trabalho. Trabalhando generosamente em fábricas, canteiros de obras, florestas e campos, jogaram toda a força produtiva no apressamento da derrota do inimigo no front".[2100]

Sem dúvida, o Gulag contribuiu para o esforço de guerra. Nos primeiros dezoito meses, 35 de suas "colônias" foram convertidas para a produção de munição. Muitos dos campos madeireiros passaram a fabricar caixas de munição. Pelo menos vinte campos confeccionaram os uniformes do Exército Vermelho, enquanto outros fabricaram telefones de campanha, mais de 1,7 milhão de máscaras de gás e 24 mil suportes para morteiros. Mais de 1 milhão de detentos trabalharam na construção de ferrovias, estradas e campos de pouso. Sempre que surgia a necessidade de trabalhadores para a construção (quando um oleoduto cedia ou uma nova ferrovia tinha de ser construída), o Gulag era chamado. Como no passado, Dalstroi produziu todo o ouro da União Soviética.[2101]

Porém, como em tempo de paz, esses dados e a eficiência que eles parecem sugerir são enganosos. "Desde os primeiros dias da guerra o Gulag organizou suas indústrias para atender às necessidades dos que lutavam no front", Nasedkin escreveu. Essas necessidades poderiam ter sido mais bem atendidas por trabalhadores livres? Nos outros locais, ele registra que a produção de certos tipos de munição quadruplicou.[2102] Quanta munição a mais poderia ter sido fabricada se os prisioneiros patrióticos tivessem trabalhado em fábricas comuns? Milhares de soldados que poderiam estar no front foram mantidos atrás das linhas, guardando a mão-de-obra encarcerada. Milhares de homens da NKVD foram destacados para prender e depois soltar poloneses. Eles também poderiam ter sido mais bem utilizados. Assim, o Gulag contribuiu para o esforço de guerra... e provavelmente ajudou a solapá-lo também.

Além do general Gorbatov e de uns poucos militares, havia outra exceção, muito maior, à regra geral contra a anistia política. A despeito do que a NKVD havia dito, no final o degredo dos poloneses nos confins da União Soviética não seria permanente. A 30 de julho de 1941, um mês depois do lançamento da Operação Barba Ruiva, o genera Sikorski, líder do governo polonês no exílio, em Londres, e o embaixa dor Maisky, enviado soviético à Grã-Bretanha, assinaram uma trégua. O pacto Sikorski-Maisky, como o tratato ficou conhecido, restabeleceu o Estado polonês - com fronteiras a ser determinadas - e garantiu a anistia a "todos os cidadãos poloneses que no momento estão privados da liberdade em território da URSS".

---

[2099] Mindlin, p. 61.
[2100] GARF, 9414/4/145.
[2101] Bacon, pp. 135-37,140-41, e 144.
[2102] GARF, 9414/1/68.

Os prisioneiros do Gulag e os degredados foram oficialmente libertados e receberam permissão para se juntar a uma nova divisão do exército polonês, a ser formada em solo soviético. Em Moscou, o general Wladyslaw Anders, oficial polonês que estivera preso na Lubyanka durante vinte meses, soube que havia sido nomeado comandante do novo exército em uma reunião inesperada com o próprio Beria. Depois do encontro, o general Anders deixou a prisão num carro da NKVD com motorista, trajando calça e camisa, mas descalço.[2103]

Do lado polonês, muitos objetavam ao fato de a União Soviética usar a palavra "anistia" para descrever a libertação de pessoas inocentes, mas não era hora de tergiversar: as relações entre os novos "aliados" eram instáveis. As autoridades soviéticas se recusaram a assumir qualquer responsabilidade moral pelos "soldados" do novo exército - todos em péssimo estado de saúde - e não deram ao general Anders comida nem suprimentos. "Vocês são poloneses... que a Polônia os alimente", os oficiais do exército escutaram.[2104] Os comandantes de alguns campos chegaram a se negar a libertar os prisioneiros poloneses. Gustav Herling, ainda preso em 1941, percebeu que "não sobreviveria ate a primavera" se não fosse solto, e teve de fazer uma greve de fome até ser libertado.[2105]

As autoridades soviéticas complicaram a situação ainda mais ao afirmar, alguns meses depois, que a anistia não se aplicava a todos os cidadãos poloneses, mas apenas aos de etnia polonesa: os poloneses de etnia ucraniana e bielo-russa e os judeus poloneses deveriam permanecer na URSS. O resultado foi uma tensão terrível. Muitos integrantes dessas minorias tentaram se passar por poloneses, mas foram desmascarados por estes, que temiam ser novamente presos se a identidade dos "falsos" camaradas fosse revelada. Posteriormente, os passageiros de um trem que levava poloneses para o Irã tentaram expulsar um grupo de judeus: eles temiam que o trem não conseguisse sair da URSS com passageiros "não-poloneses".[2106]

Outros prisioneiros poloneses foram soltos dos campos ou das aldeias de degredo, mas não receberam dinheiro algum nem instruções sobre para onde ir. Um ex-prisioneiro se recorda de que "com a desculpa de que não sabiam nada sobre o exército polonês, as autoridades soviéticas em Omsk não quiseram rios ajudar e propuseram que procurássemos emprego perto de Omsk".[2107] Um oficial da NKVD deu a Herling uma lista dos locais onde ele poderia obter um visto de residência, mas negou ter qualquer conhecimento sobre o exército polonês.[2108] Guiando-se por boatos, os prisioneiros poloneses libertados viajaram a pé e de trem pela União Soviética em busca do exército polonês.

Os familiares de Stefan Waydenfeld, que cumpriam o degredo no norte da Rússia, não foram informados da existência do exército polonês nem receberam um meio de transporte: disseram-lhes simplesmente que podiam partir. Para ir embora da remota aldeia de degredo, construíram uma jangada e desceram o rio em direção à "civilização" - uma cidade que tinha estação de

---

[2103] Sword, pp. 30-36.
[2104] Ibid., p. 48.
[2105] Herling, p. 190.
[2106] Karta, Antlers Army Collection, V/AC/127.
[2107] Karta, Coleção Kazimierz Zamorski, Pasta 1, Arquivo 15885 e Pasta 1, Arquivo 15882.
[2108] Herling, p. 228.

trem. Meses depois foram resgatados de sua peregrinação quando, num café da cidade de Chimkent, no sul do Casaquistão, Stefan reconheceu uma colega de classe da Polônia. Finalmente, ela lhe disse onde encontrar o exército polonês.[2109]

No entanto, os ex-zeks e as esposas e os filhos deportados seguiram vagarosamente para Kuibyshev, o acampamento-base do exército polonês, e para os outros postos avançados espalhados pelo país. Na chegada, muitos foram tomados pela experiência de redescobrir a Polônia, como escreveu Kazimierz Zarod: "Em todas as direções à nossa volta, a língua polonesa, rostos poloneses familiares! Eu mesmo encontrei velhos conhecidos, homens e mulheres se cumprimentavam com beijos e abraços, em momentos de júbilo e exultação".[2110] No dia da chegada do general Anders, outro ex-zek, Janusz Wedów, compôs um poema intitulado "Boas-vindas ao líder":

> Ai, meu coração! Volta a bater tão forte, tão feliz
> Pensei que estivesse endurecido, morto dentro de mim [.. .][2111]

Em poucos meses, porém, o otimismo havia diminuído. O exercito não tinha comida, remédios, equipamento - nada. Em sua maioria, os soldados eram homens doentes, cansados, meio famintos, que precisavam de ajuda profissional e cuidados médicos. Um oficial lembra o horror que sentiu ao perceber que "uma imensa maré de seres humanos que tinham deixado os lugares onde viviam degredados ou deportados [...] afluía agora aos distritos famélicos do Uzbequistão, aglomerando-se em torno de um exército mal nutrido e dizimado por doenças".[2112]

Além disso, as relações com as autoridades soviéticas continuavam precárias. Empregados da embaixada polonesa espalhados pelo país ainda sofriam prisões inexplicáveis. Temeroso de que a situação piorasse, o general Anders mudou os planos em março de 1942. Em vez de levar seu exército para o oeste, na direção do front, ele obteve permissão para evacuar totalmente as tropas da União Soviética. Foi uma operação ampla: 74 mil militares e 41 mil civis poloneses, inclusive muitas crianças, embarcaram em trens com destino ao Irã.

Na pressa de partir, o general Anders deixou milhares de poloneses para trás, juntamente com antigos cidadãos judeus, ucranianos e bielo-russos. Mais tarde, alguns se juntaram à Kosciuszko, uma divisão polonesa do Exército Vermelho. Outros tiveram de esperar o fim da guerra para serem repatriados. Outros ainda jamais foram embora. Até hoje seus descendentes vivem em comunidades polonesas no Casaquistão e no norte da Rússia.

Os que partiram continuaram lutando. No Irã, depois de se recuperar, o exército de Anders conseguiu se juntar às forças aliadas na Europa. Viajando pela Palestina - e em alguns casos pela África do Sul -, posteriormente lutaram pela libertação da Itália na Batalha de Montecassino. No decorrer da guerra, os civis poloneses foram distribuídos por várias partes do império britânico. Crianças polonesas acabaram em orfanatos na Índia, na Palestina e até

---

[2109] Waydenfeld, pp. 195-334.
[2110] Zarod, p. 234.
[2111] Janusz Wedów, "Powitanie Wodza", em Taylor-Terlecka, p.145.
[2112] Czapski, p. 243.

mesmo no leste da África. Muitos jamais retornariam à Polônia do pós-guerra, ocupada pela União Soviética. Os clubes, as sociedades históricas e os restaurantes poloneses do West End londrino são um testemunho de seu degredo pós-guerra.[2113]

Depois de sair da URSS, esses poloneses prestaram um serviço inestimável aos ex-companheiros de prisão, menos afortunados. No Irã e na Palestina, o exército e o governo poloneses realizaram vários levantamentos sobre os soldados e suas famílias, a fim de determinar com exatidão o que acontecera aos poloneses deportados para a União Soviética. Como os comandados de Anders foram o único grande grupo autorizado a sair do país, o material produzido por esses questionários e essa investigação um tanto apressada foram a única prova substancial da existência do Gulag durante meio século, e uma prova surpreendentemente acurada: embora não compreendessem de fato a história do Gulag, os prisioneiros poloneses conseguiram transmitir a assombrosa dimensão do sistema de campos - tudo que tinham de fazer era listar a ampla variedade de lugares para onde haviam sido enviados - e as terríveis condições de vida durante a guerra.

Findo o conflito, as descrições feitas pelos poloneses foram a base dos relatórios sobre os campos soviéticos de trabalho forçado produzidos pela Biblioteca do Congresso americano e pela American Federation of Labor. Os francos relatos sobre o sistema soviético de trabalho escravo foi um choque para muitos americanos, cujo conhecimento sobre os campos se obscurecera desde os boicotes soviéticos à madeira nos anos 1920. Esses relatórios circularam amplamente, e em 1949, numa tentativa de persuadir as Nações Unidas a investigar a prática de trabalho forçado entre seus membros, a AFL apresentou um grosso dossiê de sua existência na União Soviética:

> Menos de quatro anos atrás, os trabalhadores do mundo tiveram sua primeira vitória, a vitória contra o totalitarismo nazista, depois de uma guerra travada com grandes sacrifícios - contra a política nazista de escravizar a população de todos os países que eles invadiram [...].
>
> Entretanto, apesar da vitória aliada, o mundo está profundamente preocupado com comunicados que parecem indicar que o mal que lutamos para erradicar, por cuja derrota tantos morreram, ainda viceja em várias partes do mundo [...].[2114]

**Começara a Guerra Fria.**

A vida dentro dos campos freqüentemente espelhava e ecoava a vida na União Soviética como um todo - e isso foi ainda mais verdadeiro nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. À medida que a Alemanha desmoronava, Staliri passou a pensar na colonização pós-guerra. Seus planos de arrastar a Europa central para a esfera de influência soviética se solidificaram. Não foi coincidência o fato de a NKVD também entrar numa fase que pode ser descrita como expansiva, "internacionalista". "Esta não é como as guerras do passado", Stalin observou numa conversa com Tito, relembrada pelo comunista iugoslavo Milovan Djilas. "Quem ocupa um território impõe a ele seu sistema social.

[2113] Sword, pp. 60-87.
[2114] Slave Labor in Rússia, p. 31.

Todos impõem o próprio sistema social até onde o exército alcança."[2115] Os campos de concentração eram uma parte fundamental do "sistema social" soviético, e, à medida que o conflito se aproximava do fim, a policia secreta soviética começou a exportar métodos e pessoal para os territórios ocupados, ensinando aos novos clientes estrangeiros o regime e os procedimentos que havia aperfeiçoado em casa.

Dos campos criados no que viria a ser chamado de "bloco soviético", na Europa Oriental, talvez os mais brutais tenham sido os da Alemanha Oriental. Enquanto o Exército Vermelho marchava pela Alemanha, em 1945, a Administração Militar Soviética imediatamente começou a construí-los. Ao final, foram erguidos sete campos de concentração "especiais" - spetslagerya. Dois deles, Sachsenhausen e Ruchenwald, situavam-se no mesmo local de antigos campos de concentração nazistas. Todos ficavam sob o controle direto da NKVD, que os organizava e gerenciava como fazia nos campos do Gulag, com normas de trabalho, rações mínimas e alojamentos superlotados. Nos anos de guerra, assolados pela fome, esses campos alemães parecem ter sido ainda mais letais que os congêneres soviéticos. Em cinco anos de existência, quase 240 mil prisioneiros, em sua maioria políticos, passou por eles. Desses, 95 mil - mais de um terço - são dados como mortos. Se a vida dos prisioneiros soviéticos nunca foi especialmente importante para as autoridades, a vida dos alemães "fascistas" importava ainda menos.

Em sua maior parte, os detentos dos campos da Alemanha Oriental não eram nazistas de alto coturno nem criminosos de guerra comprovados. Essa espécie de prisioneiro costumava ser transferida para Moscou, interrogada e jogada diretamente nos campos soviéticos para prisioneiros de guerra ou no Gulag. Os spetslagerya tinham a mesma função das deportações de poloneses e bálticos: quebrar a espinha da burguesia alemã. Por isso não abrigavam líderes nazistas nem criminosos de guerra, mas juizes, advogados, empresários, executivos, médicos e jornalistas. Entre eles havia até mesmo alguns dos pouquíssimos oponentes de Hitler, a quem a União Soviética - paradoxalmente - também temia. Afinal, quem ousara enfrentar os nazistas poderia ousar enfrentar o Exército Vermelho.[2116]

A NKVD prendia o mesmo tipo de gente nos campos da Hungria e da Tchecoslováquia, criados pela polícia secreta local a conselho dos soviéticos quando o Partido Comunista se consolidou em Praga, em 1948, e em Budapeste, em 1949. As prisões eram realizadas com o que foi descrito como "caricatura" da lógica soviética: um meteorologista foi preso depois de anunciar "uma massa de ar gelado vinda do nordeste, da União Soviética" no dia em que a divisão soviética chegou à Hungria; um executivo tcheco acabou num campo depois que um vizinho o acusou de referir-se ao "imbecil do Stalinº.[2117]

No entanto, os campos não eram uma caricatura. Em suas memórias de Reczk, o mais notório campo da Hungria, o poeta húngaro Gyorgy Faludy esboça o retrato de um sistema que parece cópia fiel do Gulag, inclusive pela prática da tufta e pelos prisioneiros famintos em busca de frutas silvestres e cogumelos nas florestas.[2118] O sistema tcheco tinha uma característica

---

[2115] Djilas,p. 114,
[2116] Kotek e Rigoulot, p. 527.
[2117] Ibid., pp. 549 e 542.
[2118] Ibid., pp. 539-43 e 548-56.

especial: um conjunto de dezoito lagpunkts agrupados em torno das minas de urânio de Yachimov. Retrospectivamente, fica claro que os prisioneiros políticos com penas longas, equivalentes aos detentos da katorga soviética eram enviados a esses campos para morrer. Embora trabalhassem extraindo urânio para o projeto da bomba atômica soviética, não recebiam roupas especiais nem proteção de espécie alguma. Sabe-se que o índice de mortalidade era alto, embora os números exatos ainda sejam desconhecidos.[2119]

Na Polônia, a situação era mais complicada. No final da guerra, uma proporção significativa de poloneses vivia em alguma espécie de campo, fosse um campo para desalojados (judeus, ucranianos, antigos trabalhadores escravos dos nazistas), um campo de detenção (alemães e Volksdeutsche, poloneses que alegavam ter ascendência germânica) ou um campo de prisioneiros. O Exército Vermelho montou campos de prisioneiros de guerra na Polônia e os encheu não apenas com alemães, mas também com integrantes do Exército da Pátria a caminho da deportação soviética. Em 1954, 84.200 prisioneiros políticos ainda estavam encarcerados na Polônia.[2120]

Também existiam campos na Romênia, na Bulgária e - apesar da reputação de anti-soviético - na Iugoslávia de Tito. Como os campos da Europa central, no início os campos dos Bálcãs eram parecidos com os do Gulag, mas com o tempo começaram a ficar diferentes. A maioria fora criada pela polícia local com orientação dos soviéticos. A policia secreta romena, a Securitate, parece ter trabalhado sob as ordens diretas das congêneres soviéticas. Por essa razão, talvez, os campos romenos sejam os que mais lembravam o Gulag, ao ponto de levarem a cabo projetos ambiciosos e absurdos como os que o próprio Stalin privilegiava na União Soviética. O mais famoso, o Canal Mar Negro-Danúbio, aparentemente não teve função econômica. Até hoje ele esta totalmente vazio e abandonado, como o Canal do Mar Branco, com quem tanto se assemelha. Um slogan de propaganda declarava que o "Canal Mar Negro-Danúbio é o túmulo da burguesia romena!" Como cerca de 200 mil pessoas devem ter morrido em sua construção, esse pode ter sido de fato seu real objetivo.[2121]

Os campos da Bulgária e da Iugoslávia tinham um espírito diferente. A polícia búlgara parecia menos preocupada em desempenhar um plano e mais interessada em punir os presos. Uma atriz búlgara que sobreviveu a um desses locais contou como foi espancada até quase morrer depois de sucumbir ao calor:

> Cobriram-me com trapos e me deixaram sozinha. No dia seguinte, todos foram para o trabalho, enquanto eu fiquei trancada o dia todo, sem comida nem remédio. Estava fraca demais para levantar, por causa dos machucados e de tudo que eu tinha passado no dia anterior. Fui brutalmente espancada. Fiquei em coma por catorze horas e sobrevivi graças a um milagre.[2122]

Ela também viu pai e filho serem espancados até a morte um na rente do outro,

---

[2119] Ibid., pp. 543-44.
[2120] Ibid., pp. 544-48; também Erzej Paczkowski, "Pole, the Enemy Nation", em Courtois, pp. 363-93.
[2121] Kotek e Rigoulot, pp. 565-72.
[2122] Todorov, Voices from the Gulag, p. 124.

apenas para satisfazer ao sadismo dos que batiam. Outros sobreviventes dos campos búlgaros descrevem como eram atormentados pelo calor, pelo frio, pela fome e por abusos físicos.[2123] A localização desses campos, mais ao sul, também trazia outros tipos de sofrimento: entre os mais infames campos iugoslavos estava um construído na ilha de Saint-Gregoire, no mar Adriático, onde a água era escassa e o principal tormento era a sede.[2124]

Ao contrário do Gulag, a maioria desses campos não durou, e muitos fecharam antes ainda da morte de Stalin. De fato, os spetslagerya da Alemanha Oriental foram desativados em 1950, principalmente porque contribuíam para a grande impopularidade do Partido Comunista da Alemanha Oriental. A fim de melhorar a imagem do novo regime e de impedir que os alemães fugissem para o Ocidente, o que ainda era possível na época -, a polícia secreta da Alemanha Oriental cuidou da saúde dos prisioneiros antes de libertá-los e deu-lhes roupas novas. Nem todos foram soltos: aqueles tidos como os mais sérios oponentes da nova ordem foram, como os poloneses presos nesse período, deportados para a União Soviética. Membros dos batalhões de sepultamento dos spetslagerya também parecem ter sido deportados. Do contrário, eles poderiam ter exposto a existência de sepulturas coletivas nos campos, que só foram localizadas e exumadas nos anos 1990.[2125]

Os campos tchecos também não duraram: eles alcançaram o apogeu em 1949 e começaram a encolher até desaparecer completamente. O líder húngaro Imre Nagy extinguiu os campos do país logo após a morte de Stalin, em julho de 1953. Os comunistas búlgaros, por outro lado, mantiveram vários campos de trabalho forçado até os anos 1970, muito tempo depois de o sistema de campos soviéticos ter sido desmontado. Lovech, um dos campos mais cruéis no país, funcionou de 1959 a 1962.[2126]

Inesperadamente, a exportação da política do Gulag obteve o impacto mais duradouro fora da Europa. No início dos anos 1950, no auge da colaboração sino-soviética, "especialistas" soviéticos ajudaram a criar vários campos chineses e organizaram brigadas de trabalho forçado nas minas de carvão de Fushun. Os campos chineses - laogai -ainda existem, embora pouco lembrem os campos stalinistas que emulavam. Ainda são campos de trabalho - e uma condenação a um deles costuma ser seguida por um período de degredo, como no sistema de Stalin -, mas os comandantes parecem menos obcecados com normas e planejamentos centrais. Em vez disso, concentram-se numa forma rígida de "reeducação". A expiação dos prisioneiros e sua degradação ritual diante do Partido parecem importar tanto às autoridades - se não mais - quanto os bens que eles conseguem produzir.[2127]

No final, os detalhes da vida diária nos campos dos países satélites e dos aliados da União Soviética - para que serviam, quanto tempo duravam, o nível de rigidez ou desorganização, de crueldade ou liberalismo - dependiam da cultura específica de cada país. Como se descobriu, era relativamente fácil alterar o modelo soviético para ir ao encontro das próprias necessidades. Ou talvez eu deva dizer que é relativamente fácil. O trecho a seguir, extraído de

---

[2123] Ibid., pp. 123-28.
[2124] Kotek e Rigoulot, p. 559.
[2125] Naimark, TheRussians in Germany, pp. 376-97.
[2126] Todorov, Voices from the Gulag, pp. 39-40.
[2127] Saunders, pp. 1-11; Kotek e Rigoulot, pp. 619-48.

uma antologia publicada em 1998, descreve uma experiência ainda mais recente num campo de concentração no último país comunista em território eurasiano:

> No primeiro dia - eu tinha nove anos -, recebi uma cota. A primeira tarefa que tive de cumprir foi caminhar até as montanhas, apanhar lenha e levar um grande carregamento para a escola. Me mandaram repetir a tarefa dez vezes. A viagem de ida e volta levava três horas. Só podia ir para casa se terminasse tudo. Trabalhei a noite toda, ate depois da meia-noite, e, quando acabei, caí no chão. Naturalmente, as crianças que estavam lá havia mais tempo eram mais rápidas [...]
>
> Também tínhamos de garimpar ouro na areia do rio, com uma rede que sacudíamos e lavávamos. Isso era bem mais fácil; quando dávamos a sorte de completar a cota mais cedo, brincávamos um pouco, em vez de dizer ao professor que já tínhamos terminado [...].[2128]

O escritor Chul Hwan Kong desertou da Coréia em 1992. Antes, passou dez anos, junto com toda a família, num campo de punição. Um grupo de direitos humanos de Seul estima que cerca de 200 mil norte-coreanos ainda vivem em campos semelhantes, por "crimes" como ler jornais estrangeiros, escutar rádios estrangeiras, conversar com estrangeiros ou, de algum modo, "desacatar a autoridade" dos líderes da Coréia do Norte. Cerca de 400 mil prisioneiros teriam morrido nesses campos.[2129]

Mas os campos norte-coreanos não estão confinados à Coréia do Norte. Em 2001, o Moscow Times anunciou que o governo norte-coreano pagava a dívida com a Rússia enviando mão-de-obra para os campos de mineração e derrubada de madeira, fortemente guardados, em regiões isoladas da Sibéria. Esses campos - "um Estado dentro do Estado" - dispunham de redes internas de distribuição de comida, prisões e guardas próprios. Estima-se que houvesse ali 6 mil trabalhadores. Não se sabe se eles eram pagos ou não - mas com certeza não eram livres para partir.[2130]

A concepção de campo de concentração não era apenas universal o bastante para ser exportada, mas também resistente ao ponto de durar até o presente.

## 22. O APOGEU DO COMPLEXO INDUSTRIAL DE CAMPOS

*Aos dezessete, amávamos estudar.*
*Aos vinte, aprendemos a morrer.*
*Saber que nos deixaram viver significa que nada aconteceu - ainda.*

*Aos vinte e cinco, aprendemos a trocar*
*A vida por peixe seco, lenha e batatas [...]*

*O que sobrou para os quarenta?*
*Pulamos tantas páginas*

---

[2128] Ogawa e Yoon, p.15.
[2129] Ibid., p. 3.
[2130] Alia Startseva e Valerya Korchagina, "Pyongyang Pays Rússia with Free Labor". Moscow Times, 6 de agosto, 2001, p.1.

*Quem sabe aprendemos que a vida é curta –*
*Mas isso sabíamos aos vinte [...]*

Mikhail Frolovsky, "Minha geração".[2131]

*Enquanto isso, 1949, irmão gêmeo de 1937, avançava em nosso território, em toda a Europa Oriental, e, antes de tudo, nos locais de prisão e degredo [...}*

Evgeniya Ginzburg, No olho do furacão.[2132]

Com o fim da guerra vieram as paradas da vitória - reuniões sentimentais - e a convicção generalizada de que a vida seria, e deveria ser, mais fácil. Milhões de homens e mulheres suportaram privações terríveis para vencer a guerra. Agora desejavam uma vida mais fácil. No campo, os boatos da extinção das fazendas coletivas se espalharam rapidamente. Na cidades, a população reclamava abertamente dos preços cobrados pela comida racionada. A guerra também expusera milhões de cidadãos soviéticos, soldados e trabalhadores escravos, à vida relativamente luxuosa do Ocidente, e agora o regime soviético não podia mais alegar, como já fizera, que os trabalhadores ocidentais eram muito mais pobres que os soviéticos.[2133]

Várias autoridades também sentiam que era hora de reorientar a produção soviética para os bens de consumo de que as pessoas precisavam desesperadamente, em vez de fabricar armamentos. Num telefonema particular entre dois generais soviéticos, gravado e registrado para a posteridade pela polícia secreta, um deles disse que "Todo mundo diz abertamente que todos estão descontentes. Nos trens, em todo lugar, na verdade, é o que todos dizem".[2134] Com certeza, o general especulava, Stalin também sabia disso e logo tomaria uma providência. Na primavera de 1945, os prisioneiros também estavam esperançosos. Em janeiro daquele ano, as autoridades tinham declarado outra anistia geral para as mulheres grávidas ou que tivessem filhos pequenos, e elas foram libertadas em grande número - 734.785 em julho, mais precisamente.[2135] As restrições da guerra tinham sido afrouxadas, e os prisioneiros voltaram a receber comida e roupas da família. A anistia para as mulheres - que naturalmente excluía as prisioneiras políticas - não representava uma mudança de idéia; era apenas uma resposta ao aumento vertiginoso da quantidade de órfãos e aos problemas que ele acarretava, como os meninos de rua, o vandalismo e o surgimento de gangues de crianças por toda a URSS: com relutância, as autoridades reconheceram que a solução passava pelas mães. A suspensão das restrições à entrada de pacotes nos campos também não tinha nada a ver com bondade, era apenas uma tentativa de amenizar o impacto da fome pós-guerra: se eles não podiam alimentar os prisioneiros, por que não deixar que as famílias ajudassem? Uma dura diretriz central declarou que "na questão da comida e das roupas dos prisioneiros, os pacotes e as ordens de pagamento devem ser tratados como um importante suplemento".[2136] Ainda assim, muitos ficavam esperançosos com esses decretos, interpretando-os como arautos de uma nova era, uma era

[2131] De Sred drugikh imen, p. 64.
[2132] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 279.
[2133] Ver Elena Zubkova, Rússia After the War.
[2134] Service, A History of Tventieth-Century Russia, p. 299.
[2135] GARF, 9401/1/743 e 9401/2/104.
[2136] Kokurin e Petrov, Gulag, p. 540.

menos rígida.

Não seria assim. Um ano depois da vitória começou a Guerra Fria. As bombas atômicas que os americanos lançaram sobre Hiroshima e Nagasaki persuadiram os líderes soviéticos de que a economia do país deveria se dedicar irrestritamente à produção militar e industrial e não à manufatura de refrigeradores e sapatos infantis. Apesar da devastação causada por cinco anos e meio de batalhas, os planejadores soviéticos tentaram com todo o afinco economizar e construir rapidamente - e utilizar o máximo possível o trabalho forçado.[2137]

A emergência de uma nova ameaça à União Soviética servia aos propósitos de Stalin: essa era a desculpa de que precisava para voltar a apertar o controle sobre a população depois de ela ter sido exposta à influência corruptora do mundo externo. Portanto, ele ordenou aos subordinados que "dessem um golpe duro" no falatório sobre democracia, antes mesmo que tal falatório se espalhasse.[2138] Ele também fortaleceu e reorganizou a NKVD, que foi dividida em dois órgãos, em março de 1956. O Ministério de Assuntos Internos - ou MVD - continuava a controlar o Gulag e as aldeias de degredo, tornando-se, na prática, o ministério do trabalho forçado. O outro órgão, mais glamoroso - o MGB, mais tarde chamado de KGB -, controlaria a contra-inteligência e a inteligência estrangeira, os guardas da fronteira e, em última análise, a vigilância dos oponentes do regime.[2139]

Finalmente, em vez de diminuir a repressão depois da guerra, os líderes soviéticos embarcaram numa nova série de prisões, mais uma vez atacando o exército e algumas minorias étnicas, como os judeus soviéticos. Uma a uma, a polícia secreta "descobriu" conspirações anti-stalinistas em quase todas as cidades do país.[2140] Em 1947, novas leis proibiram o casamento - e, na prática, qualquer relacionamento afetivo - entre cidadãos soviéticos e estrangeiros. Os acadêmicos que compartilhassem informações científicas com colegas no estrangeiro também estavam sujeitos a processos criminais. Em 1948, as autoridades recolheram 23 mil agricultores. Todos foram acusados de não trabalhar o número obrigatório de dias no ano anterior e foram degredados em áreas remotas, sem investigação nem julgamento.[2141]

Existem provas de algumas prisões menos comuns no final dos anos 1940. Segundo o interrogatório de um prisioneiro de guerra alemão recentemente aberto ao público, dois pilotos americanos podem ter acabado no Gulag depois da guerra. Em 1954, o ex-prisioneiro alemão disse aos investigadores americanos que tinha encontrado dois integrantes da força aérea americana no campo de prisioneiros na região de Komi, perto de Ukhta, em 1949. Eles pilotavam o avião que caíra perto de Kharkov, na Ucrânia. Foram acusados de espionagem e colocados no que parece ser, pela descrição do alemão, uma unidade da katorga. Um deles teria morrido no campo, assassinado por um criminoso comum. O outro foi levado depois, supostamente para Moscou.[2142]

---

2137 Ivanova,Labor Camp Socialism, pp. 95-96.
2138 Service, A History of Twentieth-Century Russia,p. 299; Ivanova,"Poslevoennye repressii".
2139 Erew e Gordievsky, p. 341.
2140 Ivanova, "Poslevoennye repressii", p. 256.
2141 Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 48-53.
2142 Operation WRINGER, HQ USAF Record Group 341, Caixa 1044, Air intelligence Report 59B-B-5865-B. Registros desta operação de decodificação são conservados no Arquivo Nacional, Washington, D.C.

Rumores vagos, ainda mais torturantes, circulavam na região de Komi. Segundo a lenda local, outro grupo de ingleses, ou pelo menos de falantes de inglês, foi preso num lagpunkt - Sedvozh, também perto de Ukhta - nos anos 1940. Segundo o relato de um morador, os ingleses eram espiões lançados de pára-quedas na Alemanha no fina da guerra. O Exército Vermelho capturou-os, interrogou-os e deportou-os para o Gulag secretamente, afinal a URSS e a Grã-Bretanha tinham sido aliadas na guerra. Os indícios de sua presença são exíguos: um lagpunkt que chamavam de "Angliiskaya Koloniya", "Colônia Inglesa", e uma única referência nos arquivos militares de Moscou a "dez escoceses", seja lá o que isso quer dizer, num campo de prisioneiros de guerra da região.[2143]

Graças a esses acréscimos, o Gulag não diminuiu depois da guerra. Ao contrário, ele se expandiu e atingiu o apogeu no início dos anos 1950. Segundo as estatísticas oficiais, a 1º de janeiro de 1950, o Gulag mantinha 2.561.351 prisioneiros em campos e colônias - 1 milhão a mais do que havia cinco anos antes, em 1945.[2144] A quantidade de degredados especiais também aumentou, devido às grandes operações de deportação nos países bálticos, na Moldávia e na Ucrânia, deliberada-mente pensadas para completar a "sovietização" dessas populações. E, mais ou menos na mesma época, a NKVD resolveu de uma vez por todas a espinhosa questão do futuro dos degredados, decretando que todos haviam sido deportados "perpetuamente" - junto com os filhos. Na década de 1950, o número de degredados era equivalente ao de prisioneiros nos campos.[2145]

A segunda metade de 1948 e a primeira metade de 1949 trouxeram outra tragédia inesperada para os antigos detentos do Gulag: uma série de prisões, ou recapturas, melhor dizendo, de ex-prisioneiros, em sua maioria da leva que havia sido encarcerada em 1937 e 1938, recebido penas de dez anos e recentemente libertada. As recapturas eram sistemáticas, meticulosas, e, curiosamente, não havia derramamento de sangue. As novas investigações eram raras, e a maior parte dos presos passava apenas por um interrogatório superficial.[2146] A comunidade de degredados de Magadan e do vale de Kolyma soube que algo estava errado quando ouviu falar da prisão de antigos "políticos" cujos nomes começavam com as primeiras três letras do alfabeto russo: a polícia secreta, eles perceberam, estava recapturando as pessoas em ordem alfabética.[2147] Seria engraçado, se não fosse trágico. Evgeniya Ginzburg escreveu que, enquanto "em 1937 o mal tinha assumido uma aparência monumentalmente trágica [...] em 1949, a Serpente da Geórgia, bocejando de saciedade, redigia despreocupadamente a lista dos que seriam exterminados [...]".[2148]

A esmagadora maioria dos recapturados expressa sentimentos de indiferença.

---

Sou grata ao major Tim Falkowski por chamar minha atenção para esta história. A U.S. Air Force considera esta história plausível, mas ainda não a confirmou como certa.

[2143] Nikolai Morozov contou-me este episódio. O Memorial Komi entrevistou os habitantes de Sedvozh, buscando evidência oral, mas encontrou apenas um homem que ouviu toda a história. Segundo ele, Lyuba Vinogradova encontrou referência aos escoceses na RGVA, mas faltava o próprio documento. A RGVA não se mostrou disposta a fornecer maiores informações.

[2144] Bacon, p. 24.

[2145] Nicolas Werth, "Apogee and Crisis in the Gulag System", em Courtois, pp. 235-39.

[2146] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 55-56.

[2147] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 283.

[2148] Ibid., pp. 290-91.

A primeira prisão fora um choque, mas também um aprendizado: muitos foram obrigados a encarar a verdade sobre seu sistema político pela primeira vez. A segunda prisão não trazia nenhum conhecimento novo. "Em 49 eu já sabia que o sofrimento purifica até certo ponto. Quando ele se arrasta por décadas e se torna rotineiro, deixa de purificar; ele simplesmente amortece todas as sensações", escreveu Ginzburg: "após minha segunda prisão, eu com certeza me transformaria num pedaço de madeira".[2149]

Quando a polícia foi atrás dela pela segunda vez, Olga Adamova-Sliozberg encaminhou-se ao armário para fazer as malas, então parou. "Por que me dar ao trabalho de levar alguma coisa? As crianças podem fazer melhor uso dos meus pertences", pensou. "É claro que desta vez não vou sobreviver; como iria suportar?"[2150] A esposa de Lev Razgon foi recapturada, e ele exigiu que a razão fosse explicada. Quando soube que ela havia sido condenada pelos mesmos crimes de antes, pediu mais explicações:

> "Ela já cumpriu a pena. A lei permite que uma pessoa seja punida duas vezes pelo mesmo delito?"
>
> O procurador me olhou, espantado.
>
> "É claro que não. Mas o que a lei tem a ver com isto?"[2151]

A maior parte dos recapturados não foi enviada de volta aos campos, mas ao degredo, em geral em regiões especialmente remotas e despovoadas do país: Kolyma, Krasnoyarsk, Novosibirsk, Casaquistão.[2152] Ali eles viviam num tédio implacável. Como eram considerados "inimigos" pela população local, tinham dificuldade para encontrar moradia e trabalho. Ninguém queria ser associado a espiões ou sabotadores.

Para as vítimas, os planos de Stalin pareciam bastante claros: aqueles que recebessem uma condenação por espionagem, sabotagem ou qualquer forma de oposição política jamais teriam permissão para voltar para casa. Se fossem libertados, receberiam "passaportes de lobo", que os proibia de viver perto das grandes cidades, e estariam constantemente sujeitos a uma nova prisão.[2153] O Gulag e o sistema de degredo que o complementava não eram mais castigos temporários. Haviam se tornado o estilo de vida dos que a eles foram condenados. Ainda assim, a guerra realmente teve um impacto duradouro sobre o sistema de campos, muito embora seja difícil quantificá-lo. As regras e os regulamentos não foram liberalizados logo após a vitória, mas os prisioneiros haviam mudado, especialmente os presos políticos.

Para começar, eles eram em maior número, graças às sublevações demográficas dos anos de guerra e às anistias, das quais sempre foram excluídos. Em 1o de julho de 1946, mais de 35% dos prisioneiros de todo o sistema haviam sido condenados por crimes "contra-revolucionários". Em determinados campos a porcentagem era ainda mais alia, acima da metade.[2154]

---

[2149] Ibid.; p. 291.
[2150] Adamova-Sliozberg, p. 71.
[2151] Razgon, p. 220.
[2152] Ivanova, Labor Camp Socialism, pp. 55-56.
[2153] Ibid., p. 56.
[2154] Kokurin e Morukov, "Gulag: struktura i kadiy", (parte 14), Svobodnaya Mysl, nº 11, novembro de 2000.

Embora a quantidade geral viesse a cair novamente, a posição dos presos políticos também tinha mudado. Os que foram presos nos anos 1930, especialmente em 1937 e 1938, eram intelectuais, membros do Partido e trabalhadores comuns. A maior parte ficou chocada com a prisão, não tinha preparo psicológico para a vida na cadeia nem preparo físico para o trabalho forçado. Nos anos que se seguiram à guerra, entretanto, os presos políticos passaram a incluir ex-soldados do Exército Vermelho, oficiais do Exército da Pátria, guerrilheiros ucranianos e bálticos e prisioneiros de guerra alemães e japoneses. Esses homens e essas mulheres tinham lutado em trincheiras, conspirado, comandado tropas. Alguns eram sobreviventes dos campos alemães; outros haviam liderado grupos de guerrilheiros. Muitos eram abertamente anti-soviéticos ou anticomunistas e não se surpreenderam nem um pouco ao se ver atrás das cercas de arame farpado, como um deles recorda: "Depois de olhar a morte nos olhos, de passar pelos fogos e pelo inferno da guerra, de sobreviver à fome e à tragédia, essa era uma geração completamente diferente dos detentos do período anterior ao conflito".[2155]

Tão logo começou a aparecer nos campos, essa nova espécie de prisioneiro começou a causar problemas para as autoridades. Em 1947, os criminosos de carreira já não os dominavam com tanta facilidade. Entre as várias tribos criminosas que comandavam a vida nos campos, um novo clã surgiu: os krasnye shapochki, ou "chapéus vermelhos". Em geral, o grupo era formado por ex-soldados ou ex-guerrilheiros que se juntaram para lutar contra a dominação dos mafiosos - e, por extensão, contra a administração que os tolerava. Apesar de todos os esforços empreendidos para desmantelá-los, esses grupos continuaram em atividade por muito tempo na década seguinte. No inverno de 1954-55, Viktor Bulgakov, então prisioneiro em Inta, um campo de mineração no extremo norte, na região de Vorkuta, testemunhou uma tentativa da administração de "dissolver" um grupo de presos políticos com a admissão de sessenta mafiosos no campo. Os mafiosos se armaram e se prepararam para atacar os presos políticos:

> De repente, eles conseguiram armas brancas [facas], como era de se esperar nesse tipo de situação [...] soubemos que tinham roubado o dinheiro e os pertences de um velho. Pedimos que devolvessem as coisas, mas eles não estavam acostumados a devolver nada. Então, por volta das duas horas da manhã, quando estava clareando, cercamos o alojamento deles por todos os lados e atacamos. Começamos a bater neles, e batemos até não conseguirem mais se levantar. Um pulou pela janela [...] correu para o vakhta e caiu na soleira. Porém, quando o guarda chegou não havia mais ninguém [...] Eles retiraram os mafiosos da área.[2156]

Um incidente semelhante aconteceu em Norilsk, como recorda um prisioneiro:

> Um grupo de mafiosos chegou a um lagpunkt só de presos políticos e começou a tentar impor o próprio sistema. Os prisioneiros, todos ex-oficiais do Exército Vermelho, fizeram picadinho deles, mesmo sem armas. Gritando como loucos, os mafiosos que sobraram correram para os guardas e para os oficiais, implorando por socorro.[2157]

---

2155 Kuts, p.195.
2156 Bulgakov, entrevista com a autora.
2157 Kuts, p. 165.

Até as mulheres haviam mudado. Cansada de ser intimidada, uma prisioneira política disse a um grupo de ladras que se não devolvessem o dinheiro que tinham roubado, "vamos jogar vocês e seus trapos lá fora, e vocês vão dormir ao relento". As ladras devolveram o dinheiro.[2158]

Naturalmente, nem sempre os mafiosos perdiam. Num incidente em Vyatlag, uma batalha entre os dois grupos terminou com a morte de nove presos políticos. Os mafiosos exigiram 25 rublos de cada prisioneiro e simplesmente assassinaram quem se recusou a pagar.[2159]

As autoridades prestavam atenção. Se os prisioneiros políticos se juntavam para combater os mafiosos, podiam também se juntar para combater a administração do campo. Em 1948, prevendo uma rebelião, os chefes do Gulag em Moscou ordenaram que os presos políticos "mais perigosos" fossem colocados em um novo grupo de "campos especiais" (psobye lagerya). Especialmente projetados para "espiões, diversionistas, terroristas, trotskistas, direitistas, mencheviques, social-revolucionários, anarquistas, nacionalistas, russos brancos e integrantes de outras organizações anti-soviéticas", os campos especiais eram, na verdade, uma extensão do regime da katorga, e apresentavam varias características iguais: os uniformes listrados; os números na testa, nas costas e no peito; as janelas gradeadas; e os alojamentos trancados a noite. A comunicação dos prisioneiros com o mundo externo era mínima, em alguns casos, apenas uma ou duas cartas por ano. A correspondência com pessoas que não fossem da família era estritamente proibida. A jornada de trabalho era de dez horas diárias, e os prisioneiros só podiam executar tarefas braçais. O atendimento médico era mínimo: nenhum "campo para inválidos" foi criado nos complexos dos campos especiais.[2160]

Como os lagpunkts da katorga, aos quais logo se sobrepuseram, os campos especiais foram criados apenas nas regiões mais inóspitas do país, em Inta,Vorkuta, Norilsk e Kolyma - todos campos de mineração perto ou acima do Círculo Ártico -, assim como no deserto do Casaquistão e nas florestas geladas da Mordóvia. Com efeito, eram campos dentro dos campos, já que muitos se localizavam em complexos de trabalho forçado que já existiam. Uma única coisa os distinguia. Numa atitude surpreendentemente poética, as autoridades do Gulag batizaram-nos com nomes oriundos do mundo natural: Mineral, Montanha, Carvalho, Estepe, Litoral, Rio, Lago, Areia e Prado, entre outros. Presumivelmente, o objetivo era esconder a natureza dos campos, pois não havia nenhum carvalho no campo Carvalho e certamente não havia nenhum litoral no campo que ostentava esse nome. E claro que logo os nomes foram abreviados, como era o costume soviético, para Minlag, Gorlag, Dubravlag, Steplag e assim por diante. No início de 1953, os dez campos especiais contavam com 210 mil detentos.[2161]

No entanto, o isolamento dos presos políticos "mais perigosos" não os tornou mais dóceis. Ao contrário, os campos especiais livraram esses prisioneiros dos conflitos com os criminosos comuns e da influência apaziguadora dos outros detentos. Sozinhos, sua oposição ao sistema só fez crescer: estavam em 1948 e não em 1937. No final, embarcariam numa batalha longa, determinada e sem

---

[2158] Pechora, entrevista com a autora.
[2159] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 61.
[2160] Kokurin e Petrov, Gulag, pp. 555-57; Kokurin, "Vosstanie v Steplage".
[2161] Kokurin, "Vosstanie v Steplage"; Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 55.

precedentes contra as autoridades.

À medida que os mecanismos repressivos recrudesceram, os prisioneiros políticos deixaram de ser os únicos a merecer atenção. Agora que os lucros eram mais importantes do que nunca, os chefes do Gulag começaram a reexaminar sua postura em relação aos criminosos de carreira. A corrupção, a preguiça e o comportamento ameaçador deles em relação aos guardas prejudicava a produtividade dos campos. Agora que eles não controlavam os presos políticos, não ofereciam nenhum benefício. Os criminosos comuns jamais atrairiam a mesma inimizade que os presos políticos, nem receberiam o mesmo tratamento odioso dos guardas do campo, mas, ainda assim, depois da guerra, os líderes do Gulag decidiram pôr um fim ao seu reinado - e a eliminar de vez os mafiosos que se recusavam a trabalhar.

Na prática, a guerra contra os mafiosos foi ao mesmo tempo aberta e velada. Para começar, os criminosos de carreira mais perigosos e devotados foram simplesmente separados dos outros detentos e condenados a penas mais longas - dez, quinze, 25 anos.[2162] No inverno de 1948, o Gulag também requisitou a criação de uma série de lagpunkts de regime rígido para os criminosos reincidentes. De acordo com as instruções de Moscou, apenas os guardas mais disciplinados e "com melhor saúde física" poderiam trabalhar nesses lagpunkts, que deveriam receber cercas particularmente altas e reforçadas. Instruções à parte ofereciam as especificações. O Gulag determinou a criação imediata de 27 desses campos, com espaço para mais de 115 mil presos.[2163]

Infelizmente, muito pouco se sabe sobre a vida nesses lagpunkts de castigo, ou se todos chegaram a ser criados: caso tenham sobrevivido, esses criminosos seriam ainda menos propensos a escrever as memórias do que os colegas dos campos comuns. Na prática, porém, a maioria dos campos dispunha de alguma forma de isolamento para os criminosos mais perigosos, e, devido a um grande azar, Evgeniya Ginzburg descobriu-se em um deles por um breve período: Izvestkovaya, um lagpunkt de castigo em Kolyma. Ela era a única prisioneira política em meio a um grupo de criminosas comuns.

Durante sua estada em Izvestkovaya, Ginzburg passava os dias numa pedreira de calcário. Como não conseguia cumprir a norma, não recebia comida alguma. Nas primeiras noites, ela se sentava "totalmente ereta" no canto do alojamento, pois não havia espaço nos beliches, e observava as mulheres, em sua maioria nuas, beber uma imitação de álcool no cômodo superaquecido. Mais tarde, uma das mulheres, uma sifilítica nos estágios finais da doença, abriu espaço para Ginzburg e permitiu que ela se deitasse, mas isso não foi muito reconfortante. "O odor insuportável de putrefação" que vinha do nariz esfacelado da mulher quase a sufocou. "Em Izvestkovaya, como no mais real dos infernos, não se tratava apenas de não haver dia nem noite, não havia sequer um temperatura intermediária para tornar a existência suportável. Era o frio glacial da pedreira de calcário ou o caldeirão infernal da cabana".

Nesse campo, Ginzburg quase foi estuprada. Certa noite, os guardas do campo, que estavam "muito, muito distantes dos chefes", irromperam no alojamento e começaram a atacar as mulheres. Outra vez, um deles jogou-lhe

---

[2162] Abramkin e Chesnokova, p. 10.
[2163] GARF, 9401/1a/270.

um inesperado pedaço de pão. A administração do campo estava à espera de uma equipe de inspeção e temia que ela morresse. "Com o isolamento total, a gula, o álcool e as escaramuças constantes com as garotas, nossos soldados estavam completamente desorientados e mal sabiam o que poderia comprometê-los. Com certeza eles não precisavam de um atestado de óbito."[2164]

Mas ela escapou. Com a ajuda de amigos, usando a influência da faxineira do chefe de Sewostlag, nada menos, Ginzburg conseguiu a transferência para outro campo. As outras não teriam tanta sorte.

No entanto, os regimes mais rígidos e as penas mais longas não eram a única arma da administração contra os líderes criminosos. Em toda a Europa central, o grande trunfo da União Soviética como força de ocupação era sua capacidade de corromper as elites locais, transformando-as em colaboradores que, de boa vontade, oprimiam a própria população. A mesma técnica foi utilizada para controlar a elite dos criminosos nos campos. A abordagem foi direta: ofereceram privilégios e tratamento especial aos criminosos de carreira - os mafiosos - que abandonassem seu código de conduta e colaborassem com as autoridades. Os que aceitaram a oferta receberam total liberdade para abusar dos antigos camaradas, inclusive para torturá-los e matá-los, enquanto os guardas do campo olhavam para outro lado. Esses criminosos colaboracionistas totalmente corrompidos ficaram conhecidos como suki, ou "cachorros", e as brigas violentas que irromperam entre eles e os outros criminosos de carreira vieram a ser chamadas de "guerra entre cachorros e mafiosos".

Como a luta dos presos políticos pela sobrevivência, a guerra dos mafiosos foi um dos elementos que caracterizaram a vida nos campos no pós-guerra. Embora os conflitos entre grupos criminosos acontecessem antes, nenhum tinha sido tão selvagem, nem tão clara e abertamente provocado: em 1948, batalhas isoladas irromperam simultaneamente em todo o sistema, deixando pouca dúvida sobre o papel desempenhado pelas autoridades.[2165] Muitos, muitos memorialistas registraram momentos dessas batalhas, embora mais uma vez a maioria não tenha participado delas. Ao contrário, assistiram a tudo como observadores horrorizados e às vezes como vítimas. "Os cachorros e os mafiosos lutavam até a morte", escreveu Anatolii Zhigulin:

> Os mafiosos que se achavam num lagpunkt de cachorros freqüentemente enfrentavam um dilema se não conseguissem se esconder num alojamento de castigo: morrer ou tornar-se um cachorro. Do mesmo modo, se um grande grupo de mafiosos chegasse a um lagpunkt, todos os cachorros se escondiam nos alojamentos de castigo, pois o poder havia trocado de mãos [...] quando o regime mudava, os resultados costumavam ser sangrentos.[2166]

Um mafioso disse a um prisioneiro que todos os cachorros eram "homens mortos, condenados por nós, e na primeira oportunidade um blatnoi [mafioso] os mataria".[2167] Outro presenciou as conseqüências de uma das brigas:

---

[2164] E. Ginzburg, Within che Whirlwind, p.103.
[2165] Abramkin e Chesnokova, pp. 10-11.
[2166] Zhigulin, pp. 135-37.
[2167] Buca, pp. 59-61.

> Depois de uma hora e meia, os mafiosos do nosso grupo foram carregados e jogados no chão. Estavam irreconhecíveis. Suas belas roupas haviam sido rasgadas e removidas. Em troca, receberam jaquetas do campo esfarrapadas e, no lugar das botas, uma proteção para os pés. Apanharam como animais, muitos perderam os dentes. Um deles não conseguia erguer o braço: tinha sido quebrado com um cano de ferro.[2168]

Leonid Sitko testemunhou o início de uma briga particularmente selvagem:

> Um guarda veio pelo corredor e gritou 'Guerra! Guerra!'. Na seqüência, todos os mafiosos, menos numerosos que os cachorros, correram para se esconder nas solitárias. Os cachorros foram atrás e assassinaram vários. Então os guardas ajudaram os restantes a se esconder, pois não queriam que todos morressem, e no dia seguinte tiraram-nos do campo às escondidas.[2169]

Às vezes, os prisioneiros não-mafiosos também se envolviam nas brigas, especialmente quando os comandantes do campo garantiam amplos poderes aos cachorros. Embora "não valha a pena tratar com romantismo os mafiosos e suas leis, que é o que eles fazem", Zhigulin continuou:

> Os cachorros eram verdadeiramente terríveis para os prisioneiros comuns dos campos e das cadeias. Eles serviam fielmente aos diretores das prisões, desempenhavam o papel de capatazes, comandantes e líderes de brigadas. Tratavam os trabalhadores comuns com bestialidade, espoliavam-nos de seus pertences, arrancavam suas roupas. Os cachorros não eram apenas informantes: eles cometiam assassinatos em conluio com os diretores do campo. A vida dos prisioneiros nos campos controlados pelos cachorros era mesmo difícil.

Ainda assim, estávamos no pós-guerra, e os prisioneiros políticos não eram mais indefesos diante dessas agressões. No campo de Zhigulin, um grupo de ex-soldados do Exército Vermelho conseguiu primeiro espancar o séquito do odiado líder dos cachorros do lagpunkt e depois matar o próprio líder, amarrando-o a uma das máquinas de serrar madeira. Quando o resto dos cachorros se trancou nos alojamentos, os presos políticos enviaram uma mensagem: cortem a cabeça do substituto do homem, mostrem-na pela janela, e não matamos vocês. Assim eles fizeram. "Obviamente, a própria vida era mais importante do que a cabeça do líder."[2170]

A guerra aberta tornou-se tão detestável que até as autoridades acabaram por se cansar dela. Em 1954, o MVD propôs que os comandantes dos campos designassem "campos separados para a incineração de tipos específicos de reincidentes" sob ameaça. O "isolamento de grupos hostis" era a única maneira de evitar o derramamento de sangue generalizado. A guerra começara porque as autoridades queriam controlar os mafiosos - e foi encerrada porque as autoridades perderam o controle sobre ela.[2171]

---

[2168] Georgii Feldgun, memórias inéditas.
[2169] Sitko, entrevista com a autora.
[2170] Zhigulin, pp. 135-37.
[2171] GARF, 9401/1/4240.

No início dos anos 1950, os senhores do Gulag viram-se diante de uma situação paradoxal. Eles queriam dar uma dura nos criminosos reincidentes, aumentar a produção e assegurar o funcionamento tranqüilo dos negócios do campo. Queriam isolar os contra-revolucionários e impedi-los de infectar os outros prisioneiros com seus pontos de vista perigosos. Ao aumentar a repressão, no entanto, dificultaram ainda mais a própria tarefa. A rebeldia dos presos políticos e a guerra entre os criminosos acelerou o início de uma crise ainda mais profunda: finalmente ficou claro para as autoridades que os campos eram dispendiosos, corruptos e, acima, de tudo, não davam lucro.

Ou melhor, ficou claro para todos, exceto para Stalin. Mais uma vez, sua mania de repressão e sua dedicação à economia do trabalho escravo eram tão imbricadas que era difícil aos observadores da época dizer se ele aumentava as ordens de prisão para construir mais campos ou se construía mais campos a fim de acomodar aquela quantidade de presos.[2172] Ao longo de toda a década de 1940, Stalin insistiu em dar ainda mais poder econômico ao MVD. Tanto que, em 1952, no ano anterior à sua morte, o MVD controlava 9% dos investimentos da Rússia, mais do que todos os outros ministérios. O Plano Qüinqüenal de 1951 a 1955 solicitava que esses recursos mais do que dobrassem.[2173] Mais uma vez, Stalin deslanchou uma série de projetos de construção espetaculares e chamativos no Gulag, que lembravam os que

havia patrocinado nos anos 1930. Por causa da insistência direta de Stalin, o MVD construiu uma nova fábrica de asbesto, um projeto que demandava um alto grau de especialização tecnológica, precisamente o tipo de coisa que o Gulag não conseguia fornecer direito. Stalin também defendia pessoalmente a construção de uma nova ferrovia através da tundra ártica, de Salekhard a Igarka - um projeto que ficou conhecido como "A Estrada da Morte".[2174] O final da década de 1940 também foi a era dos canais Volga-Don, Volga-Báltico e Grande Turcomano e das estações hidrelétricas de Estalingrado e Kuibyshev, a maior do mundo. Em 1950, o MVD também iniciou a construção de um túnel e de uma linha de trem para a ilha Sacalina, um projeto que empregaria dezenas de milhares de prisioneiros.[2175]

Dessa vez, não havia nenhum Gorki para tecer louvores às novas obras soviéticas. Ao contrário, esses projetos foram considerados um grandioso desperdício. Embora não tenham enfrentado objeções abertas enquanto Stalin vivia, vários deles, inclusive a Estrada da Morte e o túnel para Sacalina, foram abortados dias depois da morte dele. A inutilidade cabal dessas obras fora compreendida, como provam os arquivos do próprio Gulag. Uma inspeção realizada em 1951 mostrou que os 83 quilômetros de uma ferrovia no extremo norte, construída a preços altos e ao custo de muitas vidas, não eram usados havia três anos. Outros 370 quilômetros de uma estrada igualmente cara não eram usados havia dezoito meses.[2176]

Em 1953, outra inspeção, dessa vez conduzida a pedido do Comitê Central, mostrou que o custo de manutenção dos campos excedia em muito os lucros auferidos do trabalho dos prisioneiros. Em 1952, na verdade, o Estado

---

[2172] Ver, por exemplo, Ilya Golts, "Vorkuta", emMinuvshee, vol. 7, 1992, pp. 317-55.
[2173] Craven e Khlevnyuk.
[2174] Ivanova, "Poslevoennye repressii".
[2175] Kokurin e Morukov.
[2176] Craveni e Khlevnyuk, p. 186.

subsidiara o Gulag com 2,3 milhões de rublos, mais de 16% de toda a verba orçamentária.[2177] Um historiador russo observou que todos os memorandos do MVD sobre a expansão dós campos endereçados a Stalin começavam com "de acordo coro sua vontade", como que para enfatizar a sutil objeção do remetente.[2178]

Os chefes do Gulag em Moscou tinham consciência da disseminação da insatisfação e da inquietude dentro dos campos. Em 1951, a recusa dos criminosos e dos presos políticos em trabalhar atingiu o ponto de uma crise: nesse ano, o MVD calculou ter perdido mais de 1 milhão de dias de trabalho com greves e protestos. Em 1952, o número dobrou. Segundo as estatísticas do próprio Gulag, em 1952, 32% dos prisioneiros não atingiu as normas de trabalho.[2179] A lista das maiores greves e protestos entre 1950 e 1952, mantida pelas próprias autoridades, é surpreendentemente extensa. Entre outros, houve um levante armado em Kolyma no inverno de 1949-50; uma fuga armada de Kraslag em março de 1951; greves de fome em massa em Ukhtizhemlag e Ekibastuzlag, em Karaganda, em 1951; e uma greve em Ozerlag em 1952.[2180]

A situação se tornou tão grave que, em janeiro de 1952, o comandante de Norilsk mandou uma carta ao general Ivan Dolgikh, então comandante-chefe do Gulag, listando os passos que tomara para evitar rebeliões. Ele sugeria o abandono das grandes zonas de produção onde os prisioneiros não pudessem ser supervisionados o suficiente, dobrar a quantidade de guardas (o que ele mesmo achava difícil) e isolar as várias facções de prisioneiros. Isso também seria difícil, ele escreveu: "dado o grande número de prisioneiros que pertencem a uma ou outra facção rival, teríamos sorte se conseguíssemos isolar apenas os líderes". Ele também propôs que se isolassem os trabalhadores livres dos prisioneiros nos locais de produção - e acrescentou, por fim, que seria bastante útil libertar 15 mil presos de uma só vez, pois seriam mais úteis como trabalhadores livres. Não é preciso dizer que essas sugestões colocavam em dúvida toda a lógica do trabalho forçado.[2181]

Nos níveis superiores da hierarquia soviética, outros estavam de acordo. "Agora precisamos de tecnologia de ponta", Kruglov, então chefe do MVD, concedeu: obviamente, a tecnologia de terceira classe encontrada no Gulag não era mais considerada suficiente. Uma reunião do Comitê Central realizada a 25 de agosto de 1949 chegou a discutir uma carta recebida de um prisioneiro educado, identificado como Zhdanov. "A deficiência mais importante do sistema de campos é o fato de ele se apoiar no trabalho forçado", Zhadanov escreveu. "A produtividade real dos prisioneiros é muitíssimo baixa. Sob condições diferentes, metade das pessoas faria o dobro do trabalho que os prisioneiros realizam hoje." [2182]

Em resposta a essa carta, Kruglov prometeu aumentar a produtividade dos prisioneiros, principalmente pela reinstituição de salários aos de alto desempenho e da política de redução de pena para quem mostrasse bons

---

[2177] Ivanova, Labor Camp Socialism, p.125.
[2178] Ivanova, "Poslevoennye repressii", p. 272.
[2179] Cravem e Khlevnyuk, p.183.
[2180] Craven.
[2181] Nicolas Werth, "Apogee and Crisis in the Gulag System", em Courtois, pp. 239-40.
[2182] Craveni e Khlevnyuk, p.183.

resultados. Ao que parece, ninguém ressaltou que essas práticas de "motivação" haviam sido eliminadas no final dos anos 1930 (a ultima pelo próprio Stalin) precisamente com o argumento de que diminuíam a lucratividade dos campos. Mas não importava muito, pois as mudanças faziam pouca diferença. Uma parte ínfima do dinheiro dos prisioneiros chegava aos bolsos deles: uma investigação conduzida após a morte de Stalin mostrou que o Gulag e outras instituições tinham confiscado ilegalmente 126 milhões de rublos das contas pessoais dos prisioneiros.[2183] Mesmo a pequena soma de dinheiro que de fato era entregue aos detentos era provavelmente mais destruidora do que útil. Em muitos campos, os líderes criminosos criaram sistemas de proteção e coleta de dinheiro obrigando os prisioneiros dos níveis inferiores da hierarquia a pagar pelo privilégio de não apanhar nem morrer. Também tornou-se possível "comprar" cargos de confiança, cujo trabalho era mais fácil.[2184] Nos campos políticos, os prisioneiros utilizavam o salário para subornar os guardas. O dinheiro também levou a vodca para os campos, e mais tarde, as drogas.[2185]

A promessa de penas menores para quem trabalhasse mais pode ter ajudado a aumentar um pouco o entusiasmo dos trabalhadores. Certamente, o MVD apoiou essa política com entusiasmo, e em 1952 até propôs a libertação de uma grande quantidade de presos dos três maiores empreendimentos do norte - as minas de carvão de Vorkuta e Inta e a refinaria de óleo de Ukhtinsky - e sua utilização como trabalhadores livres. Parece que até os gerentes do MVD preferiam, simplesmente, lidar com homens livres do que com prisioneiros.[2186]

A preocupação com a situação econômica dos campos era tão grande que, no outono de 1950, Beria mandou Kruglov inspecionar o Gulag e descobrir a verdade. O relatório subseqüente de Kruglov afirmava que os prisioneiros "empregados" pelo MVD não eram menos produtivos que os trabalhadores comuns. No entanto, ele reconhecia que o custo de manutenção dos prisioneiros - comida, roupas, alojamentos e, acima de tudo, guardas, agora necessários em grande número - excedia em muito o custo dos trabalhadores livres.[2187]

Em outras palavras, os campos não eram lucrativos, e agora muitas pessoas sabiam disso. Ainda assim, ninguém, nem mesmo Beria, ousou tomar uma atitude enquanto Stalin ainda era vivo, o que talvez não fosse de surpreender. Qualquer integrante da roda de Stalin teria considerado os anos de 1950 a 1952 um período particularmente perigoso para dizer ao ditador que os projetos dele eram um fracasso econômico. Embora doente e moribundo, Stalin não amolecera com a idade. Ao contrário, estava cada vez mais paranóico e inclinado a enxergar conspiradores em todos os cantos. Em junho de 1951, ordenou a prisão de Abakumov, o cabeça da contra-inteligência soviética, de modo inesperado. No outono desse ano, sem nenhuma consulta anterior, ditou pessoalmente ao Comitê Central a resolução que descrevia uma "conspiração nacionalista mingrélia". Os mingrélios eram um grupo étnico da Geórgia cujo membro mais proeminente era ninguém menos que o próprio Beria. Ao longo de todo o ano de 1952, uma onda de prisões, incêndios e execuções envolveu

---

[2183] Ivanova, Labor Camp Socialism, p.125.
[2184] Ver, por exemplo, Klein, Ulybki nevoli, p. 61.
[2185] Berdinskikh, p. 56.
[2186] Craveni e Khlevnyuk, p. 185.
[2187] Ibid., p. 186.

a elite comunista da Geórgia, atingindo vários protegidos e colegas próximos de Beria. É quase certo que Stalin queria que Beria fosse o alvo final do expurgo.[2188] No entanto, Beria não teria sido a última vítima da loucura final de Stalin. Em 1952, ele estava interessado em perseguir mais um grupo étnico. Em novembro desse ano, o Partido Comunista Tcheco, então no controle da Tchecoslováquia, levou catorze líderes a julgamento -onze judeus -, denunciando-os como "aventureiros sionistas". Um mês depois, Stalin afirmou numa reunião do Partido que "todo judeu é nacionalista e agente da inteligência americana". Então, a 13 de janeiro de 1953, o Pravda, o jornal do Partido Comunista, revelou a existência do Complô dos Médicos: "grupos de médicos terroristas", diziam, "-tinham decidido abreviar a vida de figuras públicas em atividade na União Soviética sabotando o tratamento médico". Entre os "médicos terroristas", seis eram judeus. Todos foram denunciados por supostas ligações com o Comitê Judeu Antifascista, cuja liderança durante a guerra - proeminentes escritores e intelectuais judeus - tinha sido condenada alguns meses antes pelo crime de promover o "cospomolitanismo".[2189]

O Complô dos Médicos foi uma ironia terrível e trágica. Apenas dez anos antes, centenas de milhares de judeus soviéticos que viviam na região ocidental do país tinham sido assassinados por Hitler. Centenas de milhares mais saíram deliberadamente da Polônia para a União Soviética, fugindo dos nazistas. No entanto, Stalin passou seus últimos anos planejando outra série de julgamentos fictícios, outra onda de execuções em massa e de deportações. É possível que ele tenha até planejado deportar para a Ásia central e para a Sibéria todos os judeus residentes nas principais cidades soviéticas.[2190]

O medo e a paranóia tomaram conta do país mais uma vez. Intelectuais judeus aterrorizados assinaram uma petição condenando os médicos. Mais uma centena de médicos judeus foi presa. Outros judeus perderam o emprego, enquanto uma onda de amargo anti-semitismo varria o país. Em seu degredo em Karaganda, Olga Adamova-Sliozberg soube pelas moradoras do local de pacotes enviados ao correio por pessoas com nomes judeus. Segundo se alega, eles continham bolas de algodão cheias de piolhos contaminados com tifo.[2191] Em Kargopollag, no campo ao norte de Arkhangelsk, Isaak Filshtinskii também ouviu boatos de que prisioneiros judeus seriam enviados a campos especiais no extremo norte.[2192]

Então, quando parecia que o Complô dos Médicos mandaria dezenas de milhares de novos prisioneiros para os campos ou para o degredo, quando o laço se apertava em torno de Beria e seus cupinchas, quando o Gulag entrou no que parecia uma crise econômica insolúvel, Stalin morreu.

## 23. A morte de Stalin

> *Nas últimas doze horas, a falta de oxigênio se acentuou. O rosto e os lábios ficavam roxos à medida que ele era sufocado aos poucos. A*

---

[2188] Knight, Beria, pp. 160-69.
[2189] Naumov e Rubinstein, pp. 61-62.
[2190] Ibid., p. 62.
[2191] Adamova-Sliozberg, p. 79.
[2192] Filshtinskii, p. 114.

*agonia da morte foi terrível. Ele morreu literalmente sufocado diante de nossos olhos. Naquele que pareceu ser o momento final, ele abriu os olhos e lançou um olhar a todos os que estavam no quarto. Um olhar terrível, insano ou talvez irado, e cheio de medo da morte [...]*

A filha de Stalin, Svetlana, descreve os momentos finais do pai.[2193]

Se na década de 1930 muitos prisioneiros soviéticos acreditavam que o Gulag era um grande engano, um imenso erro que de alguma forma tinha sido escondido do olhar bondoso do camarada Stalin, nos anos 1950 poucos alimentavam essa ilusão. A opinião, conforme recorda o médico de um campo, era generalizada: "A grande maioria sabia e entendia do que o homem era feito. Eles sabiam que ele era um tirano, que trazia um grande país sob o tacão da bota e que o destino de todos os prisioneiros de alguma forma estava ligado ao destino de Stalinº.[2194]

Nos últimos anos, os prisioneiros políticos esperavam e rezavam pela morte de Stalin, discutindo-a constante e sutilmente, de modo a não atrair a atenção dos informantes. Eles diziam "Ah, os georgianos vivem muito tempo", uma frase que transmitia o desejo de sua morte sem de fato cometer traição. A cautela permaneceu mesmo quando Stalin caiu doente. Maya Ulyanovskaya soube daquela que seria sua moléstia terminal por uma mulher que sabia ser informante. Ela respondeu com cuidado: "E daí? Todo mundo fica doente. Os médicos dele são bons, vão curá-lo".[2195]

Quando a morte de Stalin foi finalmente anunciada, em 5 de março de 1953, alguns continuaram cautelosos. Na Mordóvia, os presos políticos tiveram o cuidado de esconder sua excitação, pois temiam que ela lhes trouxesse uma segunda condenação.[2196] Em Kolyma, as mulheres "prantearam diligentemente o falecido".[2197] Em um lagpunkt de Vorkuta, Pavel Negretov escutou o anúncio, lido em voz alta, no refeitório do campo. Nem o comandante que leu a notícia da morte nem os prisioneiros disseram palavra. "A novidade foi recebida com um silêncio tumular. Ninguém disse nada."[2198]

Num lagpunkt de Norislk, os prisioneiros se reuniram no pátio e escutaram solenemente a notícia do falecimento do "grande líder do povo soviético e dos seres humanos livres de todos os lugares". Uma longa pausa se seguiu. Então um preso ergueu a mão: "Cidadão comandante, minha mulher me mandou um pouco de dinheiro, está em minha conta. Não preciso dele, por isso gostaria de gastá-lo numa coroa de flores para nosso amado líder. Posso?"[2199]

Outros prisioneiros, no entanto, festejaram abertamente. Em Steplag, houve gritos e urros de comemoração. Em Vyatlag, os prisioneiros jogaram os bonés para o alto e gritaram "Urra!".[2200] Nas ruas de Magadan, um prisioneiro cumprimentou outro: "Desejo-lhe muita alegria neste dia de ressurreição!"[2201]

---

[2193] Citado em Conquest, Stalin, p. 312.
[2194] Alekserovich, p. 57.
[2195] Ulyanovskaya, p. 280.
[2196] Ereevna, entrevista com a autora.
[2197] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 357.
[2198] Negretov, entrevista com a autora.
[2199] Stajner, p. 358.
[2200] Berdinskikh, p. 204.
[2201] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 360.

Ele não era o único tomado por um sentimento religioso: "Tinha geado e estava tudo muito, muito quieto. Logo o céu ficaria azul. Yuri Nikolaevich ergueu os braços e declarou com fervor "Pela Rússia sagrada, que os galos cantem! Logo o dia vai raiar na Rússia sagrada!".[2202]

Fossem quais fossem seus sentimentos, quer ousassem expressá-los ou não, a maior parte dos prisioneiros e dos degredados logo se convenceu de que as coisas iriam mudar. No degredo em Karaganda, assim que soube da novidade, Olga Adamova-Sliozberg começou a tremer e cobriu o rosto com as mãos para que as colegas de trabalho suspeitas não vissem sua alegria. "É agora ou nunca. Tudo vai mudar. Agora ou nunca."[2203]

Em outro lagpunkt de Vorkuta, Bernhard Roeder escutou a noticia no rádio do campo enquanto vestia o equipamento de mineiro:

> Olhares furtivos foram trocados, nos quais um ódio triunfante flamejava, palavras foram furtivamente murmuradas, uma movimentação excitada [...] logo o corredor ficou vazio. Todos correram para contar a boa nova [...] Nesse dia, ninguém trabalhou em Vorkuta. As pessoas permaneceram em grupos, conversando animadamente [...] ouvimos os guardas nas torres de vigia ligando uns para os outros em grande agitação e, logo depois, os primeiros bêbados vociferando.[2204]

Entre os administradores dos campos, a confusão era profunda. Olga Vasileevna, que na época trabalhava no escritório do Gulag em Moscou, lembra-se de chorar: "Eu chorei e todos choraram, mulheres e homens também, todos choraram abertamente".[2205] Como milhões de compatriotas, os empregados do Gulag choravam não apenas pelo líder morto, mas também por temer por si mesmos e pela carreira. Mais tarde, o próprio Khrutchev escreveu que "Eu não chorava apenas por Stalin. Estava muito preocupado com o futuro do país. Já sentia que Beria começaria a mandar em todos à sua volta e que esse poderia ser o princípio do fim".[2206]

Por "fim", é claro, Khrutchev queria dizer o fim dele mesmo: com certeza a morte de Stalin traria uma nova onda de derramamento de sangue. Temendo o mesmo, vários manda-chuvas do Gulag sofreram ataques cardíacos, surtos de pressão alta e casos graves de gripe e febre. A angústia e o estado de completa confusão mental os tinham deixado doentes de verdade. Estavam morrendo de medo.[2207]

Se os guardas das prisões estavam confusos, os novos ocupantes do Kremlin não tinham uma visão muito mais clara do futuro. Como Khrutchev temera, Beria, que mal conseguira conter o júbilo diante do cadáver de Stalin, assumiu de fato o poder e começou a fazer mudanças com uma velocidade espantosa. A 6 de março, antes que Stalin tivesse sido sequer enterrado, Beria anunciou uma reorganização da polícia secreta. Ele instruiu o chefe dela a transferir a responsabilidade pelo Gulag ao Ministério da Justiça, mantendo apenas os campos especiais para prisioneiros políticos sob a jurisdição do MVD.

---

[2202] Alekserovich, p. 57.
[2203] Adamova-Sliozberg, p. 80.
[2204] Roeder, p. 195.
[2205] Vasileevna, entrevista com a autora.
[2206] Khrushchev, vol. I, pp. 322-23.
[2207] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 357.

Transferiu vários negócios do Gulag para outros ministérios, como a administração florestal, a mineração e as fábricas.[2208] A 12 de março, Beria também abortou mais de vinte projetos do Gulag, alegando que eles "não iam ao encontro das necessidades econômicas nacionais". As obras do Grande Canal Turcomano pararam, assim como as do Canal Volga-Ural, do Canal Volga-Báltico, da represa no curso inferior do rio Don, do porto de Donetsk e do túnel da ilha Sacalina. A Estrada da Morte, a ferrovia entre Salekhard e Igarka, também foi abandonada sem nunca ter sido concluída.[2209]

Duas semanas mais tarde, Beria escreveu ao presidium do Comitê Central um memorando no qual descreveu o estado dos campos de trabalho com surpreendente clareza. Ele informou que havia 2.526.402 detentos, dos quais apenas 221.435 eram realmente "criminosos perigosos", e argumentou em favor da libertação de muitos dos restantes:

> Entre os prisioneiros, 438.788 são mulheres, das quais 6.286 estão grávidas e 35.505 estão acompanhadas de filhos menores de dois anos. Muitas mulheres têm filhos com menos de dez anos que estão sendo criados por parentes ou em abrigos para crianças.
>
> Entre os prisioneiros, 238 mil são idosos - homens e mulheres acima de cinqüenta anos - e 31.181 são adolescentes com menos de dezoito anos, em sua maioria condenados por roubos insignificantes e por vandalismo;
>
> Cerca de 198 mil prisioneiros sofrem de doenças graves e incuráveis e estão totalmente incapacitados para o trabalho.
>
> E bem conhecido o fato de que os prisioneiros dos campos [...] deixam a família em situação muito difícil, freqüentemente desintegrando-se, com sérias conseqüências negativas para o resto da vida.[2210]

Com esses argumentos humanitários, Beria solicitou uma anistia para todos os prisioneiros com penas de cinco anos ou menos, para todas as mulheres grávidas ou que tivessem filhos pequenos, e para todos os menores de dezoito anos - 1 milhão de pessoas no total. A anistia foi anunciada a 27 de março. A libertação começou de imediato.[2211]

Uma semana depois, a 4 de abril, Beria também cancelou a investigação sobre a Conspiração dos Médicos. Essa foi a primeira mudança visível para o público em geral. Mais uma vez, o anúncio apareceu no Pravda: "As pessoas acusadas de conduzir incorretamente a investigação foram presas e devem responder a processo".[2212]

As implicações eram claras: a justiça stalinista era deficiente. Em segredo, Beria também promoveu outras mudanças. Proibiu que os funcionários da polícia secreta usassem a força física contra os detentos - efetivamente acabando com a tortura.[2213] Ele tentou liberalizar as políticas empregadas na

[2208] Knight, Beria, p. 185.
[2209] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 124.
[2210] Naumov e Sigachev, pp. 19-21 (APRF, 3152/100).
[2211] Knight, Beria, p. 185.
[2212] Ibid.
[2213] Naumov e Sigachev, pp. 28-29 (GARE, 9401/1/1299).

Ucrânia, nos países bálticos e até mesmo na Alemanha Oriental, revertendo a sovietização e a russificação, que, no caso da Ucrânia, haviam sido implantadas pelo próprio Nikita Khrutchev.[2214] Quanto ao Gulag, a 16 de junho ele colocou todas as cartas na mesa, declarando abertamente a intenção de "liquidar o sistema de trabalho forçado, pois ele era economicamente ineficiente e não tinha nenhuma perspectiva de futuro".[2215]

Até hoje as razões de Beria para realizar mudanças tão rápidas são um mistério. Alguns tentaram pintá-lo como um liberal secreto que padecia sob o sistema stalinista e ansiava por reformas. Os colegas de partido suspeitavam que ele estava tentando concentrar mais poderes na polícia secreta, à custa do próprio Partido Comunista: livrar o MVD do fardo incômodo e caro dos campos era simplesmente uma maneira de fortalecer o órgão. Beria também podia estar tentando se tornar popular entre o povo e os antigos integrantes da polícia secreta que agora retornariam dos campos distantes. No final da década de 1940, ele havia criado a prática de contratar os ex-prisioneiros, garantindo assim sua lealdade. Entretanto, talvez a explicação mais provável para o comportamento de Beria seja o seu conhecimento: mais do que qualquer outra pessoa na URSS, Beria realmente sabia que os campos eram dispendiosos e que a maioria dos presos era inocente. Afinal, ele se dedicara a supervisionar os primeiros e a prender os últimos durante boa parte da década anterior.[2216]

Fossem quais fossem os seus motivos, Beria andou depressa demais. Suas reformas perturbaram os colegas. Khrutchev, a quem Beria subestimou profundamente, foi o mais abalado, talvez por ter ajudado a organizar as investigações sobre a Conspiração dos Médicos, talvez por causa da forte ligação com a Ucrânia. Khrutchev também deve ter calculado que, cedo ou tarde, entraria na nova lista de inimigos de Beria. Aos poucos, por meio de uma intensa campanha de difamação, colocou os outros líderes do Partido contra Beria. No final de junho, tinha conquistado a todos. Numa reunião do Partido, cercou o prédio com tropas leais. Seguiu-se a surpresa. Chocado, gaguejando, o homem que havia sido a segunda pessoa mais poderosa na URSS foi preso.

Beria permaneceu na prisão pelos poucos meses que lhe restaram. Como Yagoda e Yezhov, ele se ocupava escrevendo cartas, pedindo clemência. Seu julgamento foi realizado em dezembro. Não se sabe se ele foi executado então ou mais cedo - o fato é que no final de 1953 estava morto.[2217]

Os líderes da União Soviética abandonaram algumas políticas de Beria com a mesma rapidez com que elas tinham sido implantadas. Mas nem Khrutchev nem nenhum outro ressuscitou os grandes projetos de construção do Gulag. Nem revogaram a anistia de Beria. As libertações continuaram - uma prova de que a dúvida a respeito da ineficiência do Gulag não era apenas de Beria, por mais que ele tenha caído em desgraça. A nova liderança soviética sabia perfeitamente bem que os campos eram um estorvo para a economia, assim como sabia que milhões dos prisioneiros ali detidos eram inocentes. O relógio começou a soar: a era do Gulag chegava ao fim.

---

[2214] Knight, Beria, pp. 188-44.
[2215] Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 124.
[2216] Para análises dos motives de Beria, vide Khlevnyuk, "L. P. Beriya"; Pikhoya, Sovetskii Soyuz, p, xxx; Knight, Beria, pp. 176-200.
[2217] Knight, ibid., pp. 194-224.

Talvez seguindo o exemplo que vinha de Moscou, os administradores do Gulag e os guardas também se adaptaram à nova situação. Assim que se recuperaram do medo e das doenças, vários guardas mudaram de atitude quase da noite para o dia, relaxando as regras antes mesmo de receberem ordens para tal. Um dos comandantes do lagpunkt de Alexander Dolgun em Kolyma começou a apertar a mão dos prisioneiros e a chamá-los de "camarada" assim que soube da doença de Stalin, antes mesmo que ele fosse oficialmente declarado morto.[2218] "O regime nos campos afrouxou, tornou-se mais humano", recorda um prisioneiro.[2219] Outro explicou a situação de forma diferente: "Os guardas deixaram de apresentar o tipo de patriotismo que mostravam quando Stalin estava vivo".[2220] Os prisioneiros que se recusavam a realizar uma tarefa particularmente extenuante, desagradável ou injusta não eram mais punidos. Os prisioneiros que se recusavam a trabalhar aos domingos não eram mais punidos.[2221] Protestos espontâneos irromperam, e os manifestantes também não foram castigados, como lembra Barbara Armonas:

> De alguma forma essa anistia alterou a disciplina básica do campo [...] A administração nos mandava para o banho sem deixar que pegássemos nossas coisas antes. Não gostávamos disso, pois queríamos trocar a roupa molhada por peças secas. A longa fila de prisioneiras começou a gritar insultos, chamando os administradores de "chekistas" e "fascistas". Então nos recusamos a continuar andando. Nada funcionou, nem as tentativas de persuasão, nem as ameaças. Depois de uma hora de batalha silenciosa, os administradores desistiram e nos deixaram buscar roupas secas.[2222]

A mudança também alterou as prisões. Nos meses que se seguiram à morte de Stalin, Susanna Pechora vivia numa solitária e passava por um segundo interrogatório: como "contra-revolucionária" judia, fora tirada do campo e levada a Moscou por conta da Conspiração dos Médicos. Então, de repente, o interrogatório cessou. O interrogador a chamou para uma reunião. "Você entende, não a tratei mal, nunca lhe bati, nunca a machuquei", ele disse, e colocou-a numa nova cela, onde ela ouviu uma mulher falando sobre a morte de Stalin pela primeira vez. "O que aconteceu?", perguntou. As companheiras de cela fizeram silêncio: como todos sabiam que Stalin tinha morrido, supuseram que ela fosse uma informante que tentava sondar a opinião das outras. Pechora levou o dia inteiro para convencê-las de que sua ignorância era genuína. Depois disso, ela recorda, a situação começou a mudar dramaticamente.

> Os guardas estavam com medo de nós, fazíamos o que queríamos, gritávamos na hora dos exercícios, fazíamos discursos, saíamos pelas janelas. Não nos levantávamos quando eles vinham até as celas e nos diziam para não deitar nas camas. Meio ano antes teríamos sido mortas por fazer coisas assim.[2223]

Nem tudo mudou. Leonid Trus também estava sob interrogatório em março de

---

[2218] Dolgun, p. 261.
[2219] Alexerovich, p. 57.
[2220] Zorin, entrevista com a autora.
[2221] Filshtinskii, entrevista com a autora.
[2222] Armonas, pp. 153-60.
[2223] Pechora, entrevista com a autora.

1953. A morte de Stalin pode tê-lo livrado da execução, mas ainda assim ele recebeu uma pena de 25 anos. Um de seus companheiros de cela foi condenado a dez anos por fazer um comentário pouco delicado sobre a morte de Stalin.[2224] E nem todos foram libertados. Afinal, a anistia fora limitada aos muito jovens, aos muito velhos, às mulheres com filhos e aos prisioneiros com penas de cinco anos ou menos. A imensa maioria dos que cumpriam penas pequenas eram criminosos comuns ou presos políticos cujos casos eram pouco consistentes. Restavam ainda 1 milhão de prisioneiros no Gulag, inclusive centenas de milhares com penas extensas.

2225

Outros tipos de violência também irromperam. Alguns prisioneiros que cumpriam penas grandes pediram aos médicos dos campos o cobiçado certificado de "inválido", que garantiria a libertação imediata. Os médicos que se recusaram a atender o pedido foram ameaçados ou espancados. Em Percholag, houve seis incidentes como esse: os médicos eram "sistematicamente aterrorizados", espancados e até esfaqueados. Em Yuzhkuzbasslag, quatro prisioneiros fizeram ameaças de morte ao médico. Em outros campos, a quantidade de prisioneiros libertados como inválidos excedia o número anterior de inválidos registrados no campo.[2226]

Mas um grupo específico de prisioneiros, em um grupo específico de campos, experimentou emoções bastante diferentes. Os prisioneiros dos "campos especiais" eram de fato um caso especial: em sua maioria, cumpriam penas de dez, quinze ou 25 anos e não tinham nenhuma esperança de se beneficiar da anistia de Beria. Nos primeiros meses após a morte de Stalin, o regime sob o qual viviam sofreu mudanças mínimas. Agora os detentos podiam receber pacotes, por exemplo, mas apenas um por ano. Com má vontade, a administração permitiu que se formassem times de futebol. Mas eles continuaram vestindo uniformes numerados, os alojamentos continuaram trancados à noite e suas janelas continuaram gradeadas: O contato com o mundo externo continuou reduzido ao mínimo.[2227]

Estavam aí os ingredientes para uma rebelião. Em 1953, fazia já cinco anos que os moradores dos campos especiais viviam isolados dos presos "comuns" e dos criminosos. Sozinhos, desenvolveram meios de organização interna e resistência sem paralelo na história anterior do Gulag. Durante anos elos estiveram à beira de um levante organizado, conspirando e planejando, e a única coisa que os detinha era a esperança de que a morto de Stalin significasse sua libertação. Quando isso não aconteceu, a esperança foi substituída pelo ódio.

## 24. A REVOLUÇÃO DOS ZEKS

*Não consigo dormir.*
*Ouço as nevascas*

---

[2224] Trus, entrevista com a autora.
[2225] 33. Usakova, entrevista com a autora. 34. Zorin, entrevista com a autora. 35. Khachatryan, entrevista com a autora.
[2226] GARF, documento, ordem de 3 de setembro de 1955, da coleção da autora.
[2227] Bulgakov, entrevista com a autora; Ilya Golts, "Vorkuta". mMinuvshee, vol. 7,1992, p. 334.

*De um tempo passado, desconhecido.*
*E as barracas coloridas do Tamerlão*
*Estão lá fora, na estepe [...] fogueiras flamejantes,*
*fogueiras flamejantes*

*Vou virar princesa mongol*
*Galopar de volta ao passado*
*E atar à história do meu cavalo*
*Amigos e inimigos [...]*

*E então, numa das batalhas*
*Numa impensável orgia de sangue*
*No momento da derrota total*
*Me atiro contra minha espada [...]*

Anna Barkova, "Nos alojamentos do campo de prisioneiros".[2228]

Logo depois da morte de Stalin, os campos especiais, como o resto do país, foram inundados por boatos. Beria assumiria; Beria estava morto. O marechal Zhukov e o almirante Kuznetsov tinham marchado para Moscou e atacavam o Kremlin com tanques; Khrutchev e Molotov tinham sido assassinados. Todos os prisioneiros seriam libertados; os campos haviam sido cercados por tropas armadas do MVD, prontas para reprimir qualquer sinal de rebelião. Os prisioneiros repetiam essas histórias em voz baixa e aos gritos, confiando e especulando.[2229]

Ao mesmo tempo, nos campos especiais, as organizações nacionais ficavam cada vez mais fortes e as ligações entre elas, cada vez mais estáveis. A experiência de Viktor Bulgakov é típica desse momento. Ele foi preso na primavera de 1953 (na noite da morte de Stalin, na verdade) e acusado de participar de um círculo político de estudantes anti-stalinistas. Logo depois, chegou a Minlag, o campo especial no complexo mineiro de Inta, ao norte do Círculo Polar Ártico.

A descrição que Bulgakov faz da atmosfera em Minlag contrasta demais com as lembranças dos prisioneiros de um período anterior. Ainda adolescente na época da prisão, ele entrou numa comunidade anti-stalinista e anti-soviética bem organizada. Greves e protestos ocorriam "com regularidade". Os prisioneiros haviam se dividido em vários agrupamentos nacionais com características próprias. Os bálticos tinham uma "organização firme, mas com uma hierarquia mal-administrada". Os ucranianos, em sua maioria ex-guerrilheiros, eram "extremamente bem-organizados, pois seus líderes tinham comandado a guerrilha antes da prisão, todos se conheciam e se estruturaram quase automaticamente".

O campo também tinha prisioneiros que acreditavam no comunismo, embora eles tenham se dividido em dois grupos: os que simplesmente seguiam a linha do partido e os que se consideravam comunistas por fé ou convicção - e acreditavam na reforma da União Soviética. Por fim, tornara-se possível ser um marxista anti-soviético, algo impensável alguns anos antes. Bulgakov pertencia

---

[2228] Anna Barkova, "In the Prison Camp Barracks" [Nos Alojamentos dos Campos de Prisioneiros], citado em Vilensky, Dodnes lyagoteet, p.341.
[2229] Vide, por exemplo, E. Ginzburg, Within the Whirlwind, pp. 359-63; Dolgun, pp. 261-62; Hoover, Coleção Adam Galinski.

à União Operária Popular - Narodno-Trudovoi Soyuz, ou NTS -, um movimento anti-stalinista que ganharia bastante notoriedade uma ou duas décadas depois, quando as autoridades, paranóicas, começaram a ver sinais de sua influência em todos os cantos.

As preocupações de Bulgakov no campo também teriam atordoado a geração anterior de prisioneiros. Em Minlag, os detentos conseguiram publicar um jornal secreto, que era escrito à mão e distribuído pelos campos. Eles intimidaram os pridurki, que, conseqüentemente, "ficaram com medo dos presos". Além disso, não perdiam de vista os informantes - como os outros detentos nos campos especiais. Dmitri Panin também descreveu a guerra cada vez mais intensa contra os informantes:

> As represálias eram sistemáticas. Ao longo de oito meses, 45 informantes foram mortos. As operações contra eles eram comandadas de um centro clandestino [...] Nós vimos muitos delatores, incapazes de suportar a ameaça de morte que pairava sobre eles, tentarem escapai ao seu destino trancando-se na cadeia do campo - o único local onde podiam se esconder de retaliações. Todos eram mantidos na mesma cela, que foi batizada de "buraco dos covardes".[2230]

Um historiador dos campos escreveu que o assassinato de informantes se tornara "uma ocorrência tão comum que ninguém se surpreendia nem se mostrava interessado", e observou que os informantes "morriam rapidamente"[2231] Mais uma vez, a vida dentro dos campos refletia e amplificava a existência fora deles. As organizações guerrilheiras anti-soviéticas na Ucrânia ocidental também tentaram com afinco destruir os informantes, e seus líderes levaram essa obsessão para os campos.[2232] Talvez cientes disso, as autoridades do campo de Panin isolaram os prisioneiros ucranianos, já que eles eram tidos como os responsáveis pelas mortes dos informantes. Isso serviu apenas para aumentar sua solidariedade e seu ódio.[2233]

Em 1953, os camaradas de Bulgakov em Minlag também tentavam sistematicamente acompanhar seus próprios números e as condições em que viviam, transmitindo as informações para o Ocidente por meio da cooperação de guardas e de outras técnicas que seriam aperfeiçoadas nos campos para dissidentes dos anos 1970 e 1980, como veremos adiante. Bulgakov ficou encarregado de esconder esses documentos, bem como cópias de canções e poesias compostas pelos presos. Leonid Sitko realizou a mesma tarefa em Steplag e escondeu os documentos no porão de um edifício que os prisioneiros estavam construindo. Entre eles havia "breves descrições da vida de cada um, cartas dos detentos mortos, um documento curto assinado pela médica Galina Mishkina atestando as condições desumanas nos campos (inclusive com estatísticas de mortes, fome etc), uma explicação sobre a organização e o crescimento dos campos do Casaquistão e um relato detalhado da história de Steplag - além de poemas".[2234]

Sitko e Bulgakov simplesmente acreditavam que um dia os campos seriam

---

[2230] Panin, p. 306.
[2231] Ilya Golts, "Vorkuta", em Minuvshee, vol. 7, 1992, p. 334.
[2232] Para uma descrição das atitudes da resistência ucraniana em relação a informantes ver Burds.
[2233] Panin,-pp. 308-10.
[2234] Sitko, Gdemoiveter?, pp. 181-90.

fechados, que os alojamentos seriam incendiados e que as informações poderiam ser recuperadas. Vinte anos antes ninguém ousara pensar algo assim, quanto mais tomar alguma atitude.

Graças à administração do Gulag, táticas e estratégias de conspiração se espalharam pelos campos especiais com rapidez. No passado, os prisioneiros suspeitos de tramar conspirações eram isolados. As principais autoridades mudavam os detentos de um campo para outro, aniquilando as redes rebeldes antes que elas se formassem. No ambiente mais homogêneo dos campos especiais, porém, essa tática foi um tiro pela culatra. A movimentação constante dos prisioneiros foi um meio excelente de disseminar a rebelião.[2235]

Ao norte do Círculo Ártico, os verões são muito curtos e muito quentes. No final de maio, o gelo dos rios começa a se quebrar. Os dias ficam cada vez maiores, até a noite desaparecer de vez. Em algum momento de junho - dependendo do ano, em julho - o sol começa a brilhar ferozmente, às vezes por um mês, às vezes por dois. De um dia para outro, as flores do Ártico desabrocham, e durante algumas semanas a tundra fica imersa em cores. Para os seres humanos, que viveram trancados durante nove meses, o verão traz uma vontade avassaladora de sair, de ser livre. Nos poucos dias quentes do verão que passei em Vorkuta, os habitantes da cidade pareciam passar todos os dias e todas as noites ao ar livre, passeando pelas ruas, sentando nos parques, conversando nos degraus das casas. Não era por acaso que os prisioneiros tentavam fugir na primavera. Assim como não foi obra do acaso os três levantes mais famosos, perigosos e importantes terem acontecido nos campos do norte durante a primavera.

Em Gorlag, o campo especial do complexo de Norilsk, a atmosfera estava especialmente carregada de ódio na primavera de 1953. No outono anterior, uma grande quantidade de presos, cerca de 1.200, havia chegado de Karaganda, muitos dos quais estariam envolvidos nas tentativas de fuga armadas e nos protestos que aconteceram alguns meses antes. Todos tinham sido presos por "atividade revolucionária na Ucrânia ocidental e nos países bálticos". Segundo os arquivos do MVD, eles começaram a organizar um "comitê revolucionário" quando ainda estavam em trânsito para Norilsk.

De acordo com os relatos dos detentos, eles também mataram quatro informantes do campo - com picaretas - pouco depois da chegada.[2236] Na primavera de 1953, enraivecidos ao extremo contra a anistia que os deixara de lado, esse grupo criou o que o MVD descreveu como uma "organização anti-soviética" no campo, o que provavelmente significa que eles haviam fortalecido as organizações nacionais já existentes.

A inquietação cresceu ao longo de maio. No dia 25, os guardas dos comboios mataram um prisioneiro a caminho do trabalho. Na manhã seguinte, duas divisões do campo protestaram com uma greve. Alguns dias depois, guardas abriram fogo contra detentos que jogavam mensagens sobre o muro que separava os campos dos homens e das mulheres. Alguns foram feridos. Então, no dia 4 de junho, um grupo prisioneiros pôs abaixo a barreira de madeira que separava o alojamento de castigo do resto da zona e libertou 24 detentos. Eles também capturaram um integrante da administração do campo, levaram-no

[2235] Craven, p. 323,
[2236] Kosyk, p. 56.

para a zona e fizeram-no refém. Os guardas abriram fogo, matando cinco prisioneiros e ferindo catorze. Mais quatro divisões do campo aderiram ao protesto. Em 5 de junho, 16.379 detentos estavam em greve. Os soldados cercaram o campo, e todas as saídas foram bloqueadas.[2237]

Mais ou menos na mesma época, protestos semelhantes aconteceram em Rechlag, o campo especial do complexo mineiro de Vorkuta. Ali os prisioneiros tentaram organizar uma greve geral ainda em 1951; posteriormente, as autoridades diriam ter descoberto nada menos que cinco "organizações revolucionárias" entre 1951 e 1952.[2238] Quando Stalin morreu, os detentos de Rechlag também estavam particularmente bem-equipados para acompanhar o que acontecia no mundo. Não apenas se organizaram em grupos nacionais, como em Minlag e em outros campos, como também destacaram alguns prisioneiros para acompanhar as transmissões do Ocidente em rádios emprestados e escrever as notícias em forma de boletins comentados, que eles distribuíam com cuidado entre os prisioneiros. Portanto, eles sabiam da morte de Stalin e da prisão de Beria, mas também da greve geral em Berlim Oriental, que ocorreu a 17 de junho de 1953 e foi esmagada pelos tanques soviéticos.[2239]

Essa notícia parece ter galvanizado os prisioneiros: se os berlinenses podiam entrar em greve, eles podiam também. John Nobel, um americano preso em Dresden logo depois da guerra, recorda que "a coragem deles nos inspirou, e só se falou sobre isso nos dias seguintes [...] No outro mês éramos escravos arrogantes. O sol de verão derretera a neve e o calor renovara nossa energia e nossa disposição. Discutimos a possibilidade de entrar em greve pela liberdade, mas ninguém sabia como fazer".[2240]

Em 30 de junho, os detentos da mina de Kapitalnaya distribuíram panfletos convocando os prisioneiros a "interromper a entrega de carvão . No mesmo dia, alguém escreveu um slogan nas paredes da mina nº 40: "Não haverá entrega de carvão até a anistia". Os caminhões ficaram vazios: os prisioneiros tinham parado de extrair o carvão.[2241] Em 17 de julho, as autoridades da mina de Kapitalnaya tiveram uma razão ainda maior para se alarmar: nesse dia, um grupo de presos espancou o capataz porque ele teria mandado "parar a sabotagem". Quando deu a hora do segundo turno, o próximo capataz se recusou a descer até a mina.

Enquanto os detentos de Rechlag ainda absorviam as novidades, um grande contingente de prisioneiros chegou - outra vez de Karaganda. Todos tinham recebido a promessa de melhores condições de vida e reexame de seus casos. Quando chegaram ao trabalho na mina nº 7 de Vorkuta, encontraram não uma melhoria, mas as piores condições de todo o sistema de campos. No dia seguinte - 19 de julho -350 entraram em greve.[2242]

Outras greves se seguiram - graças, em parte, à própria geografia de Vorkuta. Vorkutalag estava no centro de uma vasta bacia de carvão - uma das maiores

---

[2237] GARF, 9413/1/159.
[2238] N. A. Morozov, Osobye lagerya MVD SSSR, pp. 23-24.
[2239] N. A. Morozov, ibid., pp. 24-25; Noble, p.143.
[2240] Noble, p.143
[2241] GARF, 9413/1/160.
[2242] GARF, 9413/1/160; N. A. Morozov, Osobye lagerya MVD SSSR, p. 27.

do mundo. Para explorar o combustível, uma série de minas foi aberta num amplo círculo em torno da bacia. Entre as minas havia outros empreendimentos - estações de energia, fábricas de cimento e tijolos - cada uma ligada a um campo, assim como à cidade de Vorkuta e ao pequeno povoado de Yur-Shor. Um ferrovia ligava todos esses locais. Os trens, como tudo mais em Vorkuta, eram operados por prisioneiros - e foi assim que a rebelião se espalhou: junto com o carvão e outros suprimentos que eles transportavam de um lagpunkt para outro, os ferroviários prisioneiros contavam as novidades da greve no campo nº 7. Enquanto os trens viajavam pelo grande círculo, milhares de prisioneiros ouviam os relatos murmurados, outros milhares viam os slogans pintados nas laterais dos trens: "Para o diabo com seu carvão! Queremos liberdade".[2243] Um campo após o outro se juntou à greve, até que, em 29 de julho de 1953, seis das dezessete divisões de Rechlag - 15.604 pessoas - estavam em greve.[2244]

Na maior parte dos lagpunkts em greve em Vorkuta e Norilsk, comitês de grevistas se encarregaram de uma situação visivelmente perigosa. Aterrorizados, os administradores deixaram os campos, e a possibilidade de anarquia era grande. Em alguns casos, esses comitês se viram organizando a comida dos detentos. Em outros, tentavam persuadir os internos a não agredir os informantes, então completamente indefesos. Tanto no que diz respeito a Rechlag como a Gorlag, memórias e arquivos concordam que os responsáveis (na medida em que havia alguém responsável) eram quase sempre ucranianos, poloneses e bálticos. Mais tarde, o MVD apontou um ucraniano chamado Herman Stepanyuk como o líder em Norilsk, e o polonês Kendzerski - "ex-capitão" do exército polonês - como um dos líderes - em Vorkuta. Em seu relato da rebelião, Edward Buca, outro polonês, reivindicava a liderança da greve na mina nº 29 de Vorkuta. Embora ele estivesse mesmo nesse campo na época, há razões para duvidar de sua história, no mínimo porque muitos dos verdadeiros líderes grevistas foram mortos.[2245]

Anos depois, os nacionalistas ucranianos afirmariam que todas as grandes greves do Gulag foram planejadas e executadas por suas organizações secretas, que se ocultavam atrás de comitês grevistas multinacionais: "O prisioneiro médio, e nos referimos especificamente aos prisioneiros ocidentais e russos, eram incapazes de participar das decisões ou de compreender o mecanismo do movimento". Como prova, citavam os dois "étaps de Karaganda", os contingentes de ucranianos transferidos para ambos os campos pouco antes das greves.[2246]

As mesmas provas levaram outros indivíduos a concluir que as greves foram provocadas por pessoas dentro do MVD. Talvez integrantes dos sistemas de segurança temessem que Khrutchev fechasse os campos de uma só vez e demitisse todas as autoridades. Assim, fomentavam as rebeliões para reprimi-las e mostrar como ainda eram necessários. Simeon Vilensky, editor e ex-zek que organizou duas conferências sobre a oposição nos campos, explica melhor: "Quem dirigia os campos? Milhares de pessoas que não tinham uma profissão civil, pessoas acostumadas à completa ausência de leis,

---

[2243] Noble, p. 144.
[2244] GARF, 9413/1/160.
[2245] Buca. Buca estava mesmo presente: aspectos de sua narrativa correspondem aos relatos oficiais. O que poho em dúvida é seu papel como liderança.
[2246] Kosyk, pp. 61 e 56-65.

acostumadas a ser donas dos prisioneiros, a fazer com eles o que bem entendiam. Em comparação aos outros cidadãos, esse tipo de gente ganhava muito bem".

Vilensky continua convencido de que testemunhou uma provocação em seu campo em Kolyma, em 1953. De repente, ele diz, uma nova leva de prisioneiros chegou. Um deles começou a organizar abertamente os mais jovens em um grupo rebelde. Eles falavam de greves, escreviam panfletos, aliciavam novos prisioneiros. Chegaram até a usar a oficina do campo para fabricar facas. Agiam tão abertamente e de forma tão provocativa que Vilensky considerou-os suspeitos: a administração do campo não tolerava aquele tipo de atividade por acaso. Ele liderou a oposição aos recém-chegados até ser transferido para outro campo.[2247]

Na essência, essas teses são compatíveis. É possível que indivíduos do MVD colocassem rebeldes ucranianos dentro dos campos a fim de causar problemas. Também é possível que os líderes grevistas ucranianos acreditassem estar agindo por vontade própria. No entanto, os relatos oficiais e os das testemunhas oculares parecem indicar que, muito provavelmente, as greves só ganharam ímpeto por causa da cooperação entre os vários grupos nacionais. Nos locais em que os grupos competiam entre si de modo mais aberto - como em Minlag - era mais difícil organizar greves.[2248]

Fora dos campos, as greves não recebiam nenhum apoio. Os grevistas de Gorlag, cujos campos ficavam bem próximos da cidade de Norilsk, tentaram chamar atenção para a sua causa com uma faixa: "Camaradas, habitantes de Norilsk! Ajudem nossa luta".[2249] Como a maioria da população de Norilsk era de ex-prisioneiros, é quase certo que estava apavorada demais para responder. Apesar da linguagem burocrática, os relatórios do MVD escritos algumas semanas depois desses acontecimentos transmitem muito bem o terror que as greves geraram entre os prisioneiros e os trabalhadores livres. Um dos contadores de Gorlag jurou ao MVD que "se os grevistas saírem da zona lutaremos contra eles como se fossem inimigos".

Outro trabalhador livre contou ao MVD sobre seu encontro casual com os grevistas: "Fiquei um pouco além do término do turno a fim de acabar de perfurar o veio de carvão. Um grupo de prisioneiros se aproximou. Agarrando minha furadeira elétrica, ordenaram que eu parasse de trabalhar e me ameaçaram com uma punição. Fiquei com medo e parei de trabalhar [...]". Felizmente para ele, os prisioneiros iluminaram seu rosto com uma lanterna, viram que era um trabalhador livre e deixaram-no em paz.[2250] Sozinho, na escuridão da mina, cercado por grevistas hostis, irados, ele deve ter mesmo sentido muito medo.

Os chefes locais dos campos também estavam intimidados. Ao sentir isso, os grevistas de Gorlag e Rechlag exigiram um encontro com representantes do governo soviético e do Partido Comunista de Moscou. Eles argumentavam que os comandantes locais não podiam tomar nenhuma decisão sem a permissão de Moscou, o que era a pura verdade.

---

[2247] Vilensky,. entrevista com a autora.
[2248] Bulgakov, entrevista com a autora.
[2249] Kuts, p.198.
[2250] GARF, 9413/1/160.

E Moscou apareceu. Ou seja, em várias ocasiões, representantes das "comissões de Moscou" se reuniram com comitês de prisioneiros em Gorlag e Rechlag para escutar e discutir suas exigências. Eu poderia descrever essas reuniões como sem precedentes, mas essas palavras não transmitem a magnitude da novidade. Nunca antes as exigências dos prisioneiros tinham sido recebidas com algo que não fosse a força bruta. Nesse período pós-stalinista, entretanto, Khrutchev parecia disposto a pelo menos tentar conquistar os prisioneiros com concessões genuínas.

Ele, ou melhor, seus representantes não foram bem-sucedidos. No quarto dia de uma greve em Vorkuta, a comissão de Moscou liderada pelo general 1.1. Maslennikov apresentou aos presos uma nova lista de privilégios: jornada de trabalho de nove horas, remoção dos números dos uniformes, permissão para encontrar familiares, permissão para receber cartas e dinheiro. Segundo o relatório oficial, vários líderes grevistas receberam a proposta com "hostilidade" e permaneceram em greve. Uma oferta semelhante em Gorlag obteve a mesma reação Ao que parece, os prisioneiros queriam anistia e não apenas a melhoria das condições de vida.

No entanto, embora eles já não estivessem em 1938, ainda não estavam em 1989. Stalin morrera, mas seu legado continuava vivo. O primeiro passo podia ser a negociação, mas o segundo era a força bruta. Em Norilsk, a princípio as autoridades prometeram "examinar as exigências dos presos". Em vez disso, conforme o relatório do MVD explica, "a comissão do MVD da URSS decidiu liquidar os grevistas". Essa decisão, quase certamente tomada pelo próprio Khrutchev, teve efeitos imediatos e dramáticos. Os campos foram cercados por soldados. Lagpunkt a lagpunkt, eles esvaziaram os campos, prenderam os líderes grevistas e transferiram os outros presos.

Em alguns casos, a "liquidação" foi realizada com relativa tranqüilidade. Ao chegar à primeira divisão do campo, as tropas pegaram os prisioneiros de surpresa. Pelo alto-falante, o promotor-chefe de Norilsk, Babilov, ordenou aos prisioneiros que deixassem a zona, assegurando-lhes que aqueles que saíssem de forma pacífica não seriam punidos pela participação na "sabotagem". De acordo com o relato oficial, a maior parte dos presos saiu. Vendo-se isolados, os líderes saíram também. Lá fora, na taiga, os soldados e os comandantes do campo dividiram os prisioneiros em grupos. Os suspeitos de instigar a greve foram colocados em caminhões que estavam à espera, e os "inocentes" puderam voltar para o campo.

Algumas das "liquidações" posteriores não correram com a mesma tranqüilidade. No dia seguinte, quando as autoridades seguiram o mesmo procedimento em outro lagpunkt, primeiro os líderes grevistas ameaçaram os que queriam sair - e então se trancaram em um alojamento, do qual teriam de ser removidos à força. No campo das mulheres, as prisioneiras formaram um círculo, hastearam uma bandeira preta - símbolo das camaradas injustamente assassinadas - no centro e começaram a gritar slogans. Depois de cinco horas, os guardas começaram a molhá-las com mangueiras poderosas. Só então o círculo se abriu o suficiente para os guardas tirarem as mulheres de lá.

No lagpunkt nº 5, um total de 1.400 prisioneiros, em sua maioria ucranianos e bálticos, recusou-se a sair da zona. Em vez disso, eles penduraram bandeiras negras nos alojamentos e se comportaram, nas palavras de um burocrata do

MVD, com "extrema agressividade". Então, quando os guardas do campo, auxiliados por quarenta soldados, tentaram isolar os alojamentos com cordas e proteger os suprimentos de comida, uma multidão de quinhentos prisioneiros atacou. Gritando palavrões e vivas, jogaram pedras, acertaram os soldados com porretes e picaretas, tentaram arrancar-lhes as armas das mãos. O relatório oficial descreve o que aconteceu a seguir: "No momento mais crítico do ataque aos guardas, os soldados abriram fogo contra os prisioneiros. Ao final do tiroteio, os presos foram obrigados a se deitar no chão. Depois desse episódio, eles passaram a obedecer a todas as ordens dos guardas e dos administradores do campo".[2251]

Segundo o mesmo relatório, 23 prisioneiros morreram nesse dia De acordo com testemunhas oculares, várias centenas morreram ao longo de vários dias em Norilsk, numa série de incidentes semelhantes.

A greve em Vorkuta foi debelada de forma similar. Lagpunkt a lagpunkt, soldados e tropas policiais forçaram os prisioneiros a sair, dividiram-nos em grupos de cem e passaram-nos por um processo de "filtragem", isolando os supostos líderes. Para que os presos saíssem de forma pacífica, a comissão de Moscou também prometeu em voz alta que todos os casos seriam revistos e que os cabeças não seriam mortos. O estratagema funcionou: graças à postura "paternal" do general Maslennikov, "acreditamos nele", um dos participantes explicou mais tarde.[2252]

Em um campo, porém - o lagpunkt ao lado da mina nº 29 -, os prisioneiros não acreditaram no general, e quando Maslennikov lhes disse para voltar ao trabalho, eles não obedeceram. Os soldados chegaram num carro de bombeiros, com a intenção de usar as mangueiras de água para dispersar a multidão:

> Mas antes que as mangueiras pudessem ser desenroladas e utilizadas contra nós, Ripetsky acenou aos presos que dessem um passo a frente, e eles avançaram em bloco, colocando o veículo para fora dos portões como se ele fosse de brinquedo [...] Os guardas atiraram contra a massa de prisioneiros. Como estávamos de braços dados, a princípio ninguém caiu, embora houvesse vários mortos e feridos. Apenas Ihnatowicz estava só, um pouco à frente do cordão. Por um momento, ele pareceu parar, atônito, então se virou para nos seus lábios se moveram, mas não se ouviu uma palavra. Ele esticou um braço e caiu.
>
> Enquanto ele caía, veio uma segunda salva de tiros, seguida de urna terceira e uma quarta. Então, pesadas metralhadoras abriram fogo.

Mais uma vez, são muito variadas as estimativas dos mortos na mina nº 29. Os documentos oficiais mencionam 42 mortos e 135 feridos. As testemunhas oculares falam de "centenas" de baixas.[2253]

As greves terminaram. Mas nenhum campo foi verdadeiramente pacificado. No restante do ano de 1953 e ao longo de 1954, irromperam protestos esporádicos em Vorkuta e Norilsk, nos outros campos especiais e nos campos comuns

---

[2251] Ibid.
[2252] Hoover, Coleção Adam Galinski.
[2253] Buca, pp. 271 e 272.

também. "Um espírito triunfante, que se mantinha à tona graças ao aumento de salário que tivemos, foi a herança da greve", Noble escreveu. Quando ele foi transferido para a mina n° 29, cenário do massacre, os sobreviventes mostravam com orgulho as cicatrizes deixadas por aquele dia.[2254]

Praticamente nenhum campo ficou imune ao aumento da audácia dos presos. Em novembro de 1953, por exemplo, 530 prisioneiros recusaram-se a trabalhar em Vyatlag. Eles exigiam salários melhores e o fim das "anormalidades" na distribuição de roupas e nas condições de vida. Os administradores do campo concordaram em atender às exigências, mas no dia seguinte os prisioneiros entraram em greve de novo. Dessa vez, exigiam ser incluídos na anistia de Beria. A greve terminou quando seus organizadores foram capturados e encarcerados.[2255] Em março de 1954, um grupo de "bandidos" assumiu o controle do lagpunkt de Kargopollag e ameaçou fazer uma rebelião a menos que recebessem uma alimentação melhor... e vodca.[2256] Em julho de 1954, novecentos prisioneiros de Minlag organizaram uma greve de fome de uma semana em protesto contra a morte de um prisioneiro, que fora queimado vivo quando um bloco de solitárias se incendiou. Os prisioneiros distribuíram panfletos pelo campo e pela aldeia vizinha explicando as razões da greve, que só teve fim com a chegada de uma comissão de Moscou e a promessa de um tratamento melhor. Em todo o Minlag, as greves se tornaram parte do cotidiano; às vezes, eram organizadas por brigadas, às vezes por minas inteiras.[2257]

Como era de conhecimento das autoridades, mais tumultos estavam planejados. Em junho de 1954, o MVD enviou o relatório de um informante diretamente a Kruglov, o ministro do Interior. O relatório descrevia uma conversa travada entre um grupo de prisioneiros ucranianos que o informante encontrara no campo de transição de Sverdlovsk. Os prisioneiros eram de Gorlag e tinham participado de uma greve por lá. Eles estavam sendo transportados para outro local, mas já se preparavam para a próxima:

> Todos na cela tiveram de explicar a Pavlishin e Stepanyuk o que fizeram durante a greve, inclusive eu [...] Na minha frente, Morushko relatou a Stepanyuk um incidente na barcaça que levava de Norilsk a Krasnoyarsk. Nessa barcaça, ele conduziu uma triagem de prisioneiros e destruiu os que não eram úteis. "Você cumpriu a missão que recebeu e agora nossos feitos entrarão para a história da Ucrânia" Stepanyuk disse a Pavlishin. Então, ele abraçou Morushko e disse
>
> "Pan Morushko, você prestou um grande serviço a nossa organização [...] por isso receberá uma medalha, e, depois do colapso da União Soviética, ocupará um cargo importante."[2258]

Embora seja perfeitamente possível que o informante que escreveu esse relatório tenha escutado uma conversa parecida com essa, ele também fez elucubrações: mais adiante, ele pôs-se a acusar os ucranianos de organizar um complô bastante improvável para matar Khrutchev. Ainda assim, o fato de

---

[2254] Noble, p.162.
[2255] Berdinskikh, pp. 239-40.
[2256] "Materialy soveshchaniya rukovodyashchikh rabotnikov ITL i kolonii MVD SSSR, 27 Sent-1 Okt 1954", na coleção do Memorial.
[2257] Morozov e Rogachev.
[2258] GARF, 9401/1/4240.

essas informações dúbias terem sido enviadas diretamente a Kruglov indica como as autoridades levavam a sério a ameaça de novas rebeliões. As comissões enviadas para investigar a situação em Rechlag e Gorlag concluíram ser necessário aumentar o número de guardas, apertar o regime e, acima de tudo, aumentar a quantidade de informantes.[2259]

E eles tinham razão em se preocupar. O levante mais perigoso ainda estava por vir.

Como os dois predecessores, o levante que Soljenitsin batizou de "Os quarenta dias de Kengir" não foi repentino ou inesperado.[2260] Ele emergiu devagar, na primavera de 1954, a partir de uma série de incidentes no campo especial de Steplag, que se localizava ao lado da aldeia de Kengir, no Casaquistão.

Como os colegas de Rechlag e de Gorlag, os comandantes de Steplag foram incapazes de lidar com os prisioneiros depois da morte de Stalin. Um dos historiadores da greve, que estudou os arquivos do campo a partir de 1953, conclui que a administração tinha "perdido totalmente o controle". Nos momentos que antecederam a greve, os comandantes de Steplag enviavam relatórios periódicos a Moscou dando conta das organizações secretas do campo, dos tumultos e da "crise" que afetava a rede de informantes, na época quase totalmente incapacitada. Moscou respondeu ordenando que os prisioneiros ucranianos e bálticos fossem isolados. Nessa altura, quase metade dos 20 mil detentos do campo eram ucranianos e um quarto eram poloneses e bálticos; talvez não houvesse meio de isolá-los. Assim, os presos continuaram a violar as regras com protestos e greves intermitentes.[2261]

Incapazes de intimidar os prisioneiros com ameaças de punição, os guardas recorriam à violência de fato. Algumas pessoas acreditam - Soljenitsin, por exemplo - que esses incidentes eram também provocações destinadas a detonar a revolta que se seguiu. Quer isso seja verdade ou não - até hoje não existem registros esclarecedores -, durante o inverno de 1953 e a primavera de 1954 os guardas do campo realmente atiraram contra prisioneiros que não cooperavam, matando vários deles. Então, talvez numa tentativa desesperada de reassumir o controle, os administradores colocaram um grupo de criminosos nos campos, instruindo-os abertamente a provocar brigas com os presos políticos no lagpunkt na 3 - o mais revoltoso de Steplag. O tiro saiu pela culatra. "E aqui", escreve Soljenitsin, "vemos como é imprevisível o curso das emoções humanas e dos movimentos sociais! Ao injetar em Kengir nº 3 uma dose cavalar de ptomaína já testada, os chefes não conseguiram a pacificação do campo, mas o maior motim do Arquipélago Gulag".[2262] Em vez de brigar, os

---

[2259] GARF, 9413/1/160 e 159.

[2260] Este relato da revolta de Kengir foi construído pela comparação e síntese de várias fontes. Uma coleção de documentos arquivados relativos a este levante foi compilada e anotada por Alekser Kokurin ("Vosstanie v Steplage"). A historiadora italiana Marta Craven escreveu o relato mais confiável do levante até agora, usando estes e outros documentos, bem como entrevistas com os participantes (Craven, "Krizis Gulags". p. 324). Um relato mais irregular do levante também foi constituído usando fontes da oposição ucraniana, em Volodymyr Kosyk, Concentration Camps in the USSR. Também utilizei vários relatos escritos do levante, notadamente os de Lyubov Bershadskaya's Rastoptannje zhizni, pp. 86-97, e N. L. Kekushev's Zveriada, pp. 130-43, bem como dos documentos e memórias publicados no periódico Volga (2-3), 1994, pp. 307-70. Entrevistei Irena Arginskaya, que também esteve em Steplag durante o levante. O relato de Soljenitsin, também realizado a partir de entrevistas com os participantes, aparece em The GulagArchipelago, vol. III, pp. 285-331 . Se não especificamente anotado, todas as descrições de eventos basearam-se nessas fontes. Adotei a cronologia usada por Craven.

[2261] Esta é uma observação de Marta Craven.

[2262] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. III, p. 209.

dois grupos decidiram cooperar.

Como em outros campos, os prisioneiros de Steplag estavam organizados por nacionalidade. Os ucranianos, porém, pareciam ter elevado sua organização a um esquema de conspiração. Em vez de escolher os líderes abertamente, eles formaram um "centro" conspira-tório, um grupo secreto cujos integrantes jamais foram conhecidos publicamente e que, é provável, contava com todas as nacionalidades do campo. No momento em que os mafiosos chegaram, o Centro já tinha começado a produzir armas - facas improvisadas, porretes e picaretas - nas oficinas do campo e já estava em contato com os prisioneiros de dois lagpunkts vizinhos, o nº 1 - uma zona para mulheres - e o nº 2. E possível que os presos políticos tenham impressionado os mafiosos com seu trabalho manual, ou talvez eles os tenham aterrorizado. Seja como for, sabe-se que, numa reunião à meia-noite, representantes dos dois grupos - políticos e criminosos - cumprimentaram-se e decidiram se unir.

Em 16 de maio, essa cooperação gerou o primeiro fruto. A tarde, um grande grupo de prisioneiros do lagpunkt nº 3 começou a derrubar o muro de pedra que os separava dos dois campos vizinhos a partir do pátio de serviços, onde ficavam as oficinas e os armazéns. Antigamente, o objetivo principal teria sido o estupro. Agora, com guerrilheiros nacionalistas ucranianos dos dois lados do muro, os homens acreditavam estar indo ao socorro de suas mulheres - familiares, amigas e até esposas.

A demolição do muro continuou pela noite. Os guardas responderam com tiros. Eles mataram treze presos, feriram quarenta e espancaram outros tantos, inclusive mulheres. No dia seguinte, furiosos com as mortes, os prisioneiros do lagpunkt nº 3 iniciaram um enorme protesto e escreveram slogans anti-soviéticos nas paredes do refeitório Nessa noite, eles invadiram a solitária - literalmente desmontando-a com as mãos - e libertaram 252 presos. Assumiram o controle dos armazéns, da cozinha, da padaria e das oficinas, que imediatamente puseram a serviço da fabricação de facas e porretes. Na manhã do dia 19 de maio, a maior parte dos presos estava em greve.

Nem Moscou nem o comando local do campo pareciam saber o que fazer em seguida. O comandante do campo prontamente informou Kruglov, o chefe do MVD, sobre os acontecimentos. Com a mesma prontidão, Kruglov ordenou a Gubin, chefe do MVD casaque, que investigasse. Gubin voltou ao ponto de partida e ordenou ao Gulag que enviasse uma comissão de Moscou. A comissão chegou. Seguiram-se as negociações - e a comissão, tentando ganhar tempo, prometeu aos prisioneiros que investigaria as execuções ilegais, que manteria aberta a passagem entre os campos e que aceleraria a revisão de seus casos.

Os presos acreditaram. Em 23 de maio, voltaram ao trabalho. Porém, quando os trabalhadores do turno diurno voltaram, perceberam que pelo menos uma das promessas havia sido quebrada: os muros que separavam os lagpunkts haviam sido reconstruídos. Em 25 de maio, o chefe de Kengir, V M. Bochkov, voltou a telegrafar frenetica-mente, pedindo permissão para impor um "regime rígido" aos prisioneiros: nada de cartas, nada de reuniões, nada de ordens de pagamento, nada de revisão de casos. Além disso, ele retirou cerca de 420 criminosos do campo e os enviou a outro lagpunkt, onde entraram em greve.

Resultado: em 48 horas, os prisioneiros escorraçaram todas as autoridades

para fora da zona, depois de ameaçá-las com as novas armas. Embora as autoridades dispusessem de revólveres, estavam em menor número. Mais de 5 mil prisioneiros viviam nas três divisões do campo e a maioria deles aderira ao levante. Os que não aderiram estavam intimidados demais para protestar. Os que mantinham uma postura neutra foram tomados pelo espírito do levante dos quarenta dias. Na primeira manhã da greve, um prisioneiro recordou assombrado, "não fomos acordados pelos guardas, não fomos recebidos com gritos".

A princípio, os comandantes do campo esperavam que a greve perdesse força de maneira espontânea. Imaginavam que, cedo ou tarde, os mafiosos e os presos políticos se desentenderiam. Os prisioneiros se entregariam à anarquia e à libertinagem, as mulheres seriam estupradas, a comida seria roubada. No entanto, embora o comportamento dos prisioneiros durante a greve não deva ser idealizado, a verdade é que ocorreu quase o oposto: o campo começou a funcionar com urna harmonia surpreendente.

Rapidamente os prisioneiros escolheram um comitê de greve, encarregado das negociações e da organização do cotidiano do campo. Os relatos da origem desse comitê são radicalmente diferentes entre si. Segundo o registro oficial dos acontecimentos, as autoridades mantinham negociações gerais com grupos de prisioneiros quando, subitamente, um grupo de pessoas que alegavam fazer parte do comitê de greve apareceu em cena e proibiu todos os outros de falar. No entanto, várias testemunhas afirmam que foram as próprias autoridades que sugeriram a formação de um comitê de greve, que foi escolhido pelo voto, de forma democrática.

A verdadeira ligação entre o comitê de greve e a liderança "real" do levante também permanece nebulosa, como provavelmente era na época. Mesmo que não tenha planejado as coisas passo a passo, está claro que o Centro ucraniano foi a força que impulsionou a greve e desempenhou um papel decisivo na eleição "democrática" do comitê. Os ucranianos parecem ter insistido em um grupo multinacional: não queriam que a greve parecesse muito anti-soviética ou anti-russa e desejavam um líder russo.

Esse russo foi o coronel Kapiton Kuznetsov, que sobressai como um figura notadamente ambígua, mesmo na história obscura de Kengir. Ex-oficial do Exército Vermelho, Kuznetsov fora capturado pelos nazistas e enviado a um campo de prisioneiros de guerra. Em 1948, foi preso e acusado de colaborar com a administração do campo nazista e de se juntar à luta contra os guerrilheiros soviéticos. Como já havia desempenhado o papel de vira-casaca, estaria bem preparado para assumir um papel duplo mais uma vez.

Aparentemente, os ucranianos escolheram Kuznetsov na esperança de que ele desse uma feição "soviética" ao levante e tirasse das autoridades uma desculpa para esmagar os prisioneiros. O que ele certamente fez - chegando a extremos, talvez. Incitados por Kuznetsov, os prisioneiros em greve penduraram faixas pelo campo: "Vida longa à constituição soviética!", "Vida longa ao regime soviético!", "Abaixo os partidários de Beria, assassinos!". Ele fazia discursos aos prisioneiros, argumentando que deveriam parar de escrever panfletos, que a agitação "contra-revolucionária" serviria apenas para prejudicar sua causa Cortejou assiduamente os prisioneiros "soviéticos", os detentos que mantinham a fé no Partido, e persuadiu-os a ajudar a manter a

ordem.

E embora os ucranianos tenham ajudado a elegê-lo, Kuznetsov com certeza não fez jus à fé nele depositada. Na longa e cuidadosamente detalhada confissão que escreveu quando a greve chegou ao inevitável final sangrento, ele afirmou que sempre considerara o Centro ilegítimo e que havia lutado contra seus éditos secretos durante toda a greve. Mas os ucranianos jamais confiaram muito em Kuznetsov. Ao longo da greve, dois guardas ucranianos armados o seguiam por toda parte. A desculpa era que ele precisava de proteção. Na realidade, o objetivo era provavelmente evitar que ele traísse a causa e se esquivasse do campo à noite.

Os ucranianos podiam ter motivos para temer a fuga de Kuznetsov, pois um outro membro do comitê de greve, Aleksei Makeev, acabou deixando o campo algumas semanas depois. Posteriormente, pelo rádio do campo, Makeev exortou os prisioneiros a retornar ao trabalho. É possível que ele logo tenha entendido que a greve estava fadada ao fracasso - ou talvez tenha sido um instrumento da administração desde o início.

Mas nem todos os integrantes do comitê tinham comportamento dúbio. O próprio Kuznetsov admitiu mais tarde que pelo menos três membros - "Gleb" Sluchenkov, Gersh Keller e Yuri Knopmus - eram de fato representantes do Centro. Posteriormente, os comandantes do campo também descreveram um deles, Gersh Keller, como representante da conspiração ucraniana, e sua biografia parece de fato corroborar esse retrato. Listado nos registros do campo como judeu, Keller era na verdade um ucraniano - seu sobrenome verdadeiro era Pendrak -que conseguira esconder a própria etnia do MVD. Keller se encarregou do departamento "militar" da greve, organizando os presos para responder caso os guardas atacassem o campo. Foi ele quem deu inicio à produção em massa de armas - facas, cajados, porretes, picaretas - e quem montou um "laboratório" para fabricar granadas, coquetéis molotov e outras armas "quentes". Keller também supervisionou a construção de barricadas e providenciou um barril de vidro moído para cada alojamento - o vidro deveria ser jogado nos olhos dos soldados, se e quando eles chegassem.

Se Keller representava os ucranianos, Gleb Sluchenkov estava ligado aos criminosos do campo. O próprio Kuznetsov o descreveu como "representante do mundo do crime", e as fontes ucranianas nacionalistas também o descreviam como líder dos mafiosos. Durante o levante, Sluchenkov dirigiu a operação de "contra-inteligência" do comitê. Ele tinha a própria "polícia", que patrulhava o campo, mantinha a ordem e prendia possíveis vira-casacas e informantes. Organizou o campo em divisões e designou um "comandante" para cada uma. Mais tarde, Kuznetsov reclamou do fato de os nomes desses comandantes serem mantidos em sigilo; apenas Sluchenkov e Keller os conheciam.

Kuznetsov era menos mordaz que Knopmus, um russo de etnia germânica nascido em São Petersburgo que dirigia o departamento de "propaganda" do levante. Ainda assim, retrospectivamente, as atividades de Knopmus durante a rebelião foram as mais revolucionárias e as mais anti-soviéticas de todas. A "propaganda" de Knopmus incluía a produção de panfletos - distribuídos à população local, fora dos campos -, a impressão de um "jornal mural" para os prisioneiros em greve e, o mais extraordinário, a criação de uma rádio.

Como as autoridades tinham cortado a energia nos primeiros dias da greve, essa rádio não foi apenas uma fanfarronice, mas uma grande conquista técnica. Primeiro, os zeks montaram uma estação "hidrelétrica" - usando uma torneira. Um motor foi convertido em gerador, e eles conseguiram produzir energia suficiente para o sistema de telefonia do campo e para a rádio. Esta, por sua vez, foi montada com peças dos projetores portáteis do campo.

Em poucos dias, a rádio tinha locutores e programas de notícias destinados aos prisioneiros e à população local, fora do campo, inclusive os guardas e os soldados. As estenógrafas do campo registraram o texto de um dos pronunciamentos da rádio depois de um mês de greve, quando os suprimentos de comida estavam chegando ao fim. Dirigido aos soldados, que agora montavam guarda do lado de fora, a estenógrafa o encaminhou para os arquivos do MVD:

> Camaradas soldados! Não temos medo de vocês e pedimos que não entrem em nossa zona. Não atirem em nós, não se curvem diante da vontade dos partidários de Beria. Não temos medo deles, assim como não temos medo da morte. Preferimos morrer de fome neste campo a nos render a esse bando. Não sujem as mãos com o mesmo sangue que mancha as mãos dos seus oficiais [...][2263]

Enquanto isso, Kuznetsov organizava a distribuição da comida, que era preparada pelas mulheres do campo. Todos os prisioneiros recebiam a mesma ração - não havia porções extras para os pridurki -, que foi diminuindo ao longo das semanas, à medida que os estoques baixavam. Grupos de voluntários também limpavam os alojamentos, lavavam as roupas e montavam guarda. Um detento recorda que "a ordem e a limpeza" reinavam no refeitório, que no passado era imundo e caótico. Os banheiros do campo funcionavam como de costume, assim como o hospital, embora os comandantes do campo se recusassem a fornecer os remédios e os suprimentos necessários.

Os prisioneiros também organizavam o próprio "entretenimento". Segundo um memorialista, um aristocrata polonês chamado conde Bobrinski abriu um "bar" no campo, onde servia "café": "Ele jogava alguma coisa na água, fervia, e, no meio de um dia quente, os prisioneiros bebiam esse negócio com prazer, rindo". O conde se sentava num canto do bar, tocava violão e cantava velhas canções românticas.[2264] Outros prisioneiros organizavam séries de palestras, além de espetáculos. Um grupo de atores ensaiou e apresentou uma peça. Uma seita religiosa, que vira todos os seus membros reunidos depois da derrubada do muro que separava homens e mulheres, apregoava que seu profeta havia previsto que todos seriam levados para o céu, vivos. Durante vários dias eles permaneceram sentados em colchões na praça principal, no centro da zona, esperando serem levados para o céu. Mas nada aconteceu.

Surgiram também muitos recém-casados, unidos pelos vários padres que tinham sido presos junto com as levas de bálticos ou ucrania-nos. Entre os casais havia aqueles que tinham se casado enquanto estavam separados pelo muro e que agora se encontravam pela primeira vez. Mas embora homens e mulheres se misturassem livremente, todas as pessoas que descreveram a greve concordam que as mulheres nao foram molestadas nem estupradas,

---

[2263] Volga (2-3), 1994, p. 309.
[2264] Bershadskaya, p. 87.

como era freqüente acontecer nos campos comuns.

Naturalmente, canções foram escritas. Alguém compôs um hino ucraniano que, de vez em quando, era cantado em uníssono pelos 13.500 prisioneiros em greve. O refrão era o seguinte:

> Não seremos, não seremos escravos
> Não iremos mais carregar o fardo [...]

Outro verso dizia:

> Irmãos de sangue em Vorkuta e Norilsk, Kolyma e Kengir [...]

"Foi uma época maravilhosa", recorda Irena Arginskaya, 45 anos depois. "Nem antes nem depois eu me senti tão livre como naquele momento." Lyuba Bershadskaya se lembra de que "fizemos tudo inconscientemente: ninguém sabia o que nos esperava nem pensava nisso".

As negociações com as autoridades continuavam. Em 27 de maio, a comissão do MVD designada para cuidar da greve realizou a primeira reunião com os prisioneiros. Entre os que Soljenitsin chama de "personagens de dragona dourada" estavam Sergei Yegorov, o delegado-chefe do MVD; Ivan Dolgikh, chefe do Gulag; e Vavilov, o procurador público responsável pela supervisão do Gulag. Eles foram recebidos por um grupo de 2 mil prisioneiros liderados por Kuznetsov, que lhes entregou uma lista de exigências.

No momento em que a greve estava no auge, eles exigiram que os guardas que atiraram nos presos fossem criminalmente responsabilizados - algo que pediam desde o início. Fizeram também exigências claramente políticas, como a redução das penas de 25 anos; a revisão dos casos de todos os prisioneiros políticos; a extinção das celas e dos alojamentos de castigo;mais liberdade de comunicação cornos familiares; a eliminação do degredo forçado aos prisioneiros libertados; melhores condições de vida para as prisioneiras; e a reunião permanente de homens e mulheres nos campos.

Os prisioneiros também exigiram encontrar-se com um membro do Comitê Central do Partido Comunista. Eles continuaram a fazer essa exigência até o fim, alegando que não podiam confiar que as autoridades de Steplag ou que o MVD fossem cumprir as promessas: "De onde vocês tiraram esse ódio pelo MVD?", o delegado Yegorov lhes perguntou.

Naturalmente, se a greve tivesse acontecido alguns anos antes não teria havido negociação alguma. Mas, em 1954, a revisão dos casos dos prisioneiros políticos já tinha começado, ainda que lentamente. Ao longo da greve, aconteceu de alguns prisioneiros serem convocados a deixar o campo para participar de audiências no tribunal que investigava os casos de novo. Sabendo que muitos prisioneiros já tinham morrido e, ao que parece, desejoso de uma solução rápida e pacífica para o conflito, Dolgikh logo começou a atender às demandas menores, ordenando que retirassem as grades das janelas dos alojamentos, estabelecendo uma jornada de trabalho de oito horas e transferindo de Kengir alguns guardas e oficiais especialmente odiados. Obedecendo a ordens diretas de Moscou, a princípio Dolgikh não usou a força. No entanto, tentou quebrar a resistência dos prisioneiros exortando-os muitas vezes a sair do campo e proibindo novas remessas de comida e remédios.

Com o passar do tempo, porém, Moscou perdeu a paciência Num telegrama enviado a 15 de junho, Kruglov desancou Yegorov por causa de seus relatórios repletos de estatísticas inúteis - por exemplo, quantos pombos haviam deixado o campo carregando panfletos - e informou-o de que um escalão de homens e cinco tanques T-34 estavam a caminho.

Os últimos dez dias da greve foram de fato muito tensos. A comissão do MVD enviava avisos duros pelo sistema de alto-falantes do campo. Como resposta, os prisioneiros transmitiam mensagens pela rádio, contando ao mundo que morriam de fome. Em um discurso, Kuznetsov falou do destino de sua família, que havia sido destruída por sua prisão. "Muitos de nós também haviam perdido familiares, e, ao escutá-lo, fortalecemos nossa decisão de ir até o fim", recordou um detento.

Às três da manhã do dia 26 de junho, o MVD atacou. Na noite anterior, Kruglov telegrafara a Yegorov e o aconselhara a utilizar "todos os recursos possíveis": 1.700 soldados, 98 cães e cinco tanques T-34 cercaram o campo. A princípio, os soldados dispararam sinais luminosos sobre os alojamentos e dispararam as armas descarregadas. Avisos insistentes começaram a soar pelos alto-falantes: "Os soldados estão entrando no campo. Os prisioneiros que desejarem cooperar devem sair com calma. Quem resistir será morto [...]".

Enquanto os prisioneiros corriam pelo campo, desorientados, os tanques passaram pelos portões. Tropas armadas, trajadas com equipamento de combate completo, vieram atrás. Segundo alguns relatos, todos os soldados estavam bêbados. Muito embora essa possa ser uma lenda que cresceu na esteira do assalto, é verdade que o Exército Vermelho e a polícia secreta costumavam dar vodca aos soldados designados para executar um trabalho sujo: quase sempre há garrafas vazias nas sepulturas coletivas.

Bêbados ou não, os motoristas dos tanques não tiveram nenhum escrúpulo de passar por cima dos que avançavam em sua direção. "Eu parei no meio", recorda Lyubov Bershadskaya, "e à minha volta os tanques esmagavam as pessoas vivas". Eles passaram direto sobre um grupo de mulheres que, não acreditando que ousariam matá-las, deram-se os braços e permaneceram em seu caminho. Eles esmagaram um casal que se abraçou e se jogou deliberadamente à sua frente. Destruíram alojamentos onde as pessoas dormiam. Resistiram às granadas caseiras, às pedras, às picaretas e aos outros objetos de metal que os prisioneiros jogavam. Com rapidez surpreendente - em uma hora e meia, de acordo com o relatório escrito depois -, os soldados pacificaram o campo, retiraram os prisioneiros que tinham concordado em sair calmamente e algemaram o restante.

Segundo os documentos oficiais, 37 prisioneiros morreram naquele dia. Nove morreram mais tarde. Um total de 106 presos e quarenta soldados ficaram feridos. Mais uma vez, esses números são muito menores do que os registrados pelos próprios prisioneiros. Bershadskaya, que ajudou o médico do campo, Julian Fuster, a cuidar dos feridos, fala em quinhentos mortos:

> Fuster me disse para vestir uma touca branca e uma máscara cirúrgica (que guardo até hoje) e pediu que eu ficasse ao lado da mesa de operação e anotasse o nome dos que ainda conseguiam falar. Infelizmente, quase ninguém conseguia. A maioria dos feridos morreu na mesa, olhando-nos com desespero e pedindo "escreva para minha mãe

> [...] para meu marido [...] para meus filhos" e assim por diante.
>
> Quando não suportava mais o ar quente e abafado, tirei a máscara e me olhei no espelho. Tinha a cabeça completamente branca. A princípio, achei que, por alguma razão, houvesse talco dentro da touca. Não percebi que, em meio àquela carnificina inacreditável, observando tudo que acontecia, todo o meu cabelo tinha ficado branco em quinze minutos.
>
> Fuster ficou em pé durante treze horas e salvou quantos pôde. Finalmente, aquele cirurgião talentoso e animado sucumbiu. Ele perdeu a consciência, desmaiou, e as operações acabaram [...].[2265]

Depois da batalha, todos os sobreviventes que não estavam hospitalizados tiveram de marchar para fora do campo, até a taiga. Armados com metralhadoras, os soldados ordenaram que se deitassem com o rosto no chão e os braços abertos - como se estivessem crucificados - durante várias horas. A partir das fotografias tiradas nas reuniões públicas e dos poucos relatórios feitos pelos informantes, as autoridades prenderam 436 pessoas, inslusive todos os integrantes do comitê de greve. Seis viriam a ser executados, entre eles, Keller, Sluchenkov e Knopmus. Kuznetsov, que entregou às autoridades uma confissão escrita longa e elaborada apenas 48 horas após a prisão, foi condenado à morte - e depois poupado. Ele foi transferido para Karlag e libertado em 1960. Outros mil prisioneiros - quinhentos homens e quinhentas mulheres - foram acusados de apoiar a rebelião e despachados para Ozerlag e Kolyma. Ao que parece, a maior parte deles também foi libertada no final da década.

Durante o levante, as autoridades não deram mostra de ter conhecimento de qualquer força organizadora dentro do campo que não fosse o comitê oficial de grevistas. Mais tarde, começaram a juntar todas as peças, provavelmente graças ao detalhado relatório de Kuznetsov. Cinco representantes do Centro foram identificados - o lituano Kondratas; os ucranianos Keller, Sunichuk e Vakhaev; e o mafioso conhecido no submundo como "Bigode". Chegaram até a desenhar um organograma, com as linhas de comando partindo do Centro, passando pelo comitê de grevistas, pelos departamentos de propaganda, defesa e contra-inteligência. Descobriram as brigadas que haviam sido organizadas para defender os alojamentos, a estação de rádio e o gerador.

No entanto, jamais chegaram a identificar todos os integrantes do Centro, os verdadeiros arquitetos da rebelião. De acordo com um relato, muitos dos "verdadeiros ativistas" permaneceram no campo à espera da anistia, cumprindo suas penas em tranqüilidade. Seus nomes são desconhecidos - e provavelmente continuarão assim.

## 25. Degelo e libertação

*Chega de rodeios*
*Chega de estupidez.*
*Somos os filhos da devoção.*

---

[2265] Ibid., pp. 95-97.

*Somos seu sangue*

*Fomos criados na névoa*
*Deveras ambígua,*
*Megalomaníaca*
*E pobre de espírito [...]*

Andrei Voznesensky, "Filhos do culto", 1967.[2266]

Embora tenham perdido a batalha, os grevistas de Kengir venceram a guerra. Como conseqüência da rebelião em Steplag, as autoridades da União Soviética de fato perderam o apetite pelos campos de trabalho forçado - e com uma velocidade estonteante.

No verão de 1954, a falta de lucratividade dos campos era amplamente reconhecida. Outro levantamento das finanças do Gulag, realizado em junho de 1954, demonstrou mais uma vez que os campos recebiam pesados subsídios e que o custo dos guardas, em particular, os tornava não lucrativos.[2267] Em uma reunião entre os comandantes dos campos e o mais alto escalão do Gulag, realizada logo após os acontecimentos em Kengir, vários administradores reclamaram abertamente da má organização do suprimento de comida, da burocracia fora de controle (nessa altura havia dezessete normas alimentares diferentes) e da péssima organização dos campos. Alguns ainda estavam abertos, mas poucos tinham prisioneiros. As greves e os tumultos continuaram. Em 1955, os prisioneiros de Vorkuta entraram em greve geral outra vez.[2268] Os incentivos à mudança eram avassaladores - e a mudança veio. Em 10 de julho de 1954, o Comitê Central emitiu uma resolução que restaurou a jornada de trabalho de oito horas, simplificou o regi-me dos campos e tornou mais fácil aos presos reduzir a pena por meio de trabalho pesado. Os campos especiais foram dissolvidos. Seus prisioneiros tiveram permissão para mandar cartas e receber pacotes, em geral sem restrições. Em alguns campos, os detentos puderam se casar e até viver com as esposas. Os cães e os guardas dos comboios tornaram-se coisas do passado. Os presos passaram a dispor de novas mercadorias para comprar: roupas, que antes inexistiam, e laranjas.[2269] Os detentos de Ozerlag puderam até plantar flores.[2270]

Nessa época, os altos escalões da elite soviética também tinham iniciado um debate mais amplo sobre a justiça stalinista. No início de 1954, Khrutchev havia solicitado - e recebido - um relatório de quantos presos tinham sido acusados de crimes contra-revolucionários desde 1921 e de quantos ainda estavam presos. Por definição, esses números eram incompletos, pois não incluíam os milhões enviados ao degredo, aqueles acusados de crimes tecnicamente não-políticos, os que foram julgados em tribunais comuns e os que sequer foram julgados. Ainda assim, dado que esses números revelam a quantidade de pessoas mortas ou presas sem nenhum motivo, sua magnitude é chocante. Pelas contas do próprio MVD, 3.777.380 pessoas foram consideradas "culpadas" de fomentar a contra-revolução pelos colégios da OGPU, pelas

---

[2266] Erei Voznesensky, "Children of the Cult", reproduzido em Cohen, p.184.
[2267] Craveni e Khlevnyuk, p.187.
[2268] Negretov, entrevista com a autora.
[2269] "Materialy soveshchaniya rukovodyashcbikh rabotnikov ITL i kolonii MVD SSSR, 27 Sent-1 Okt.1954", na coleção da Sociedade Memorial. Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 66; Okhotin e Roginskii, pp. 58-59; Kovalchuk-Koval, p. 299; Filshtinskii, entrevista com a autora.
[2270] Smirnova, entrevista com a autora.

tróicas da NKVD, pelas comissões especiais e por todos os colégios e tribunais militares que produziram condenações em massa nas três décadas anteriores. Dessas pessoas, 2.369.220 foram enviadas aos campos, 765.180 foram degredadas e 642.980, executadas.[2271]

Alguns dias depois, o Comitê Central encarregou-se de reexaminar todos esses casos - bem como o caso dos "repetentes", prisioneiros que receberam um segunda condenação ao degredo em 1948. Khrutchev criou um comitê nacional, encabeçado pelo procurador-chefe da União Soviética, para supervisionar a tarefa. Ele também montou comitês locais em todas as repúblicas e regiões do país para rever as penas dos condenados. Alguns presos políticos foram libertados nesse momento, embora as sentenças originais não tivessem sido ainda anuladas: a reabilitação de fato - a admissão do Estado de que havia cometido um erro - viria mais tarde.[2272]

As libertações tiveram início, embora durante um ano e meio tenham acontecido a um passo dolorosamente lento. Às vezes, aqueles que já tinham cumprido dois terços da pena eram soltos sem mais explicações nem reabilitação. Outros foram mantidos nos campos sem nenhum motivo. Apesar de tudo que sabiam sobre a não-lucratividade dos campos, os oficiais do Gulag eram incapazes de fechá-los. Ao que parece, precisavam de um tranco dos superiores.

Então, em fevereiro de 1956, o tranco chegou na forma de um "discurso secreto" proferido por Khrutchev numa sessão fechada do XX Congresso do Partido Comunista. Pela primeira vez, Khrutchev atacou abertamente Stalin e o "culto à personalidade" que o cercava:

É imperdoável - e alheio ao espírito do marxismo-leninismo - elevar uma pessoa ao ponto de transformá-la em um super-homem com poderes sobrenaturais, um deus. Supostamente, esse homem sabe tudo, enxerga tudo, pensa por todos, faz o que quer, é infalível. Durante muitos anos nós cultivamos essa crença a respeito de um homem, Stalin.[2273]

Em sua maior parte, o discurso era tendencioso. Ao listar os crimes de Stalin, Khrutchev concentrou-se quase exclusivamente nas vítimas de 1937 e 1938, lembrando os 98 integrantes do Comitê Central que foram mortos e um punhado de velhos bolcheviques. "A onda de prisões em massa começou a perder a força em 1939", ele declarou-o que era uma inverdade patente, pois a quantidade de prisioneiros aumentou na década de 1940. Ele chegou a mencionar as deportações dos tchetchenos e dos balcânicos, talvez porque não tivesse participado delas. Mas não mencionou a coletivização, ou a fome na Ucrânia, ou a repressão maciça na Ucrânia ocidental e nos países bálticos, talvez porque houvesse o dedo dele nessas operações. Khrutchev falou de 7.679 reabilitações, e embora tenha sido aplaudido pelos presentes, essa era uma porcentagem muito pequena dos milhões que foram falsamente acusados, como era de seu conhecimento.[2274]

Apesar das falhas, o discurso transmitido com rapidez, também em segredo,

---

[2271] GARF, 9401/2/450.
[2272] GARF, 9401/2/450.
[2273] Khrushchev, p. 559.
[2274] Ibid., pp. 559-618.

para as células do Partido em todo o país - sacudiu a União Soviética. Nunca antes um governante confessara um crime, muito menos em quantidade tão grande. Nem mesmo Khrutchev tinha certeza das reações ao discurso. "Estávamos saindo de um estado de choque", ele escreveu mais tarde. "Ainda havia pessoas nos campos e nas prisões, e não sabíamos explicar o que tinha acontecido ou o que fazer com elas assim que estivessem livres."[2275]

O discurso galvanizou o MVD, a KGB e os administradores dos campos. Em poucas semanas, a atmosfera nos campos ficou ainda mais leve, e o processo de libertação e reabilitação finalmente se acelerou. Enquanto pouco mais de 7 mil pessoas foram reabilitadas nos três anos que antecederam o discurso, 617 mil foram reabilitadas nos dez meses seguintes. Criaram-se novos mecanismos para acelerar ainda mais o processo. Ironicamente, vários prisioneiros condenados pelas tróicas eram agora libertados por tróicas. Comissões compostas por três pessoas - um procurador, um membro do Comitê Central e um membro reabilitado do Partido - visitavam os campos e os locais de degredo em todo o país. Eles tinham poder para investigar um caso rapidamente, entrevistar os prisioneiros e libertá-los na hora.[2276]

Nos meses que se seguiram ao discurso secreto, o MVD também se preparou para efetuar alterações muito mais profundas na estrutura dos campos. Em abril, o novo ministro do interior, N. P. Dudorov, enviou ao Comitê Central uma proposta de reorganização. "A situação nos campos e nas colônias", ele escreveu, "é terrível." Dudorov argumentou que eles deveriam ser fechados e que os criminosos mais perigosos deveriam ser isolados em prisões nas regiões remotas do país, e citou especificamente o canteiro de obras da inacabada Ferrovia Salekhard-Igarka como uma possibilidade. Os criminosos menos perigosos, por sua vez, deveriam permanecer na região de origem e cumprir a pena em "colônias", trabalhando nas indústrias leves e nas fazendas coletivas. Nenhum deveria ser obrigado a trabalhar como lenhador, mineiro ou mestre-de-obras, nem executar qualquer tarefa não especializada e pesada.[2277]

A linguagem de Dudorov era mais importante que as sugestões específicas. Ele não propunha apenas a criação de um sistema de campos menor; ele sugeria a criação de um sistema qualitativamente diferente, o retorno a um sistema prisional "normal", ou que pelo menos fosse reconhecido como tal nos países europeus. As novas colônias penais iriam parar de fingir que eram economicamente auto-suficientes. Os prisioneiros passariam a trabalhar para aprender um ofício útil, não para enriquecer o Estado. O objetivo do trabalho dos prisioneiros seria a reabilitação, não o lucro.[2278]

Surpreendem as objeções iradas contra essas sugestões. Embora os representantes dos ministérios econômicos tenham sinalizado seu apoio, I. A. Serov, o chefe da KGB, atacou violentamente as propostas do ministro do Interior, classificando-as de "incorretas" e "inaceitáveis", além de caras. Ele se opunha à construção de novas colônias penais porque essa política "criaria a impressão da existência de um enorme quantidade de locais de encarceramento na União Soviética". Ele se opunha à extinção dos campos e não entendia por que os zeks não podiam trabalhar como lenhadores ou

---

[2275] Ibid., p. 351
[2276] K. Smith,pp. 131-74.
[2277] GARF, 9401/2/479.
[2278] GARF, 9401/2/479; Craven, p. 337; Ivanova, Labor Camp Socialism, p. 67.

mineiros. Afinal de contas, o trabalho pesado ajudaria a "reeducá-los no espírito do trabalho honesto da sociedade soviética".[2279]

O resultado do conflito entre os dois braços do serviço de segurança foi uma reforma mista. Por um lado, o Gulag, o Glavnoe Upravleine Lagerei - Centro de Administração dos Campos - foi dissolvido. Em 1957, Dalstroi e Norilsk, dois dos maiores e mais poderosos complexos, foram desmantelados. O mesmo aconteceu com outros campos. Cada ministro - das Minas, da Indústria, dos Recursos Florestais, dos Transportes - assumiu o controle de grandes nacos do antigo complexo industrial.[2280] O trabalho escravo jamais voltaria a ser uma parte importante da economia da União Soviética.

No entanto, o sistema judicial permaneceu intocado. Os juizes continuaram tão políticos, tendenciosos e injustos como sempre foram. O sistema prisional também permaneceu intocado. Os mesmos carcereiros continuaram a impor o mesmo regime nas mesmas celas sem pintura. Com o tempo, quando o sistema começou a se expandir outra vez, até mesmo os programas de reabilitação e reeducação, foco de tanta preocupação e interesse, voltaram a ser inconsistentes e ilusórios como antes.

O embate surpreendentemente mordaz entre o chefe do MVD, Dudorov, e o chefe da KGB, Serov, também era o prenuncio dos conflitos maiores que estavam por vir. Obedecendo ao que consideraram uma ordem de Khrutchev, os liberais queriam fazer mudanças rápidas em todas as esferas da vida soviética. Ao mesmo tempo, os defensores do antigo sistema queriam parar, reverter ou até mesmo alterar as mudanças, em especial quando elas afetavam a vida dos poderosos. O resultado do confronto era previsível: não apenas celas inalteradas, mas também reformas incompletas, novos privilégios rapidamente revogados e discussões públicas que eram imediatamente silenciadas. A era que veio a ser chamada de "Degelo" foi na verdade uma época de mudança, mas um tipo particular de mudança: as reformas davam um passo à frente e depois dois, às vezes três, para trás.

A libertação, fosse em 1926 ou em 1956, sempre produzia nos prisioneiros sentimentos mistos. Gennady Andreev-Khomiakov, que foi libertado nos anos 1930, mostrou-se surpreso com a própria reação:

> Imaginei que eu ia ter vontade de dançar, que ficaria bêbado com a liberdade quando eu finalmente a conquistasse. Porém, quando me soltaram, não senti nada disso. Passei pelos portões e pelo último guarda sem nenhum sentimento de felicidade ou de que as coisas iriam melhorar [...] Ali, na plataforma ensolarada, duas garotas trajando vestidos leves riam com alegria. Olhei-as, atônito. Como elas podiam rir? Como todas aquelas pessoas podiam andar por aí, conversando e rindo, como se nada de estranho estivesse acontecendo no mundo, como se não houvesse um pesadelo em seu caminho [...][2281]

Depois da morte de Stalin e do discurso de Khrutchev, as libertações aconteciam com mais rapidez, e as reações ficaram ainda mais confusas. Prisioneiros que esperavam passar mais uma década atrás do arame farpado

---

[2279] Ivanova, ibid., pp. 67-68; Craven e Khlevnyuk, p.189.
[2280] Ivanova, ibid.; Craven e Khlevnyuk, pp. 188-89.
[2281] Ereev-Khomiakov, pp. 3-4.

eram soltos com um dia de aviso. Certo grupo de degredados foi convocado ao escritório da mina em que trabalhavam no horário de expediente e convidado a ir embora. Como um deles recorda, o Spetskomandant Isaev "abriu um cofre, pegou nossos documentos e entregou-os a nós [...]".[2282] Os prisioneiros que preencheram uma petição após a outra exigindo o reexame de seus casos,de repente descobriram que as cartas não eram mais necessárias - eles podiam simplesmente partir.

Os detentos que não pensavam em nada exceto na liberdade pareciam estranhamente relutantes em experimentá-la: "Embora eu mesmo mal pudesse acreditar, chorei enquanto caminhava para a liberdade [...] sentia-me como se estivessem arrancando de mim o bem mais querido e precioso, meus camaradas de infortúnio. Os portões se fecharam - estava tudo acabado".[2283]

Muitos simplesmente não estavam preparados. Yuri Zorin, que viajava num trem lotado de prisioneiros ao sul de Kotlas, em 1954, andou apenas duas estações. "O que vou fazer em Moscou?", perguntou-se, e então voltou para o velho campo, onde o ex-comandante o ajudou a arrumar um emprego como trabalhador livre. Ele permaneceu ali por mais dezesseis anos.[2284] Evgeniya Ginzburg conheceu uma mulher que realmente não queria deixar o alojamento: "A verdade e que eu... eu não consigo encarar a vida lá fora. Quero ficar no campo , ela disse a amigos.[2285] Uma outra escreveu em seu diário que "Realmente não quero a liberdade. O que a liberdade trará para mim? Tenho a impressão de que lá fora [...] há mentiras, hipocrisia, imprudência. La fora tudo é fantasticamente irreal; aqui tudo é real".[2286] Muitos não acreditavam em Khrutchev, achavam que a situação iria piorar e aceitaram empregos como trabalhadores livres em Vorkuta e Norilsk. Preferiram não viver as emoções nem passar pelo estresse do retorno para, no final, serem recapturados.

Porém, mesmo os que queriam voltar para casa descobriam que era quase impossível. Não tinham dinheiro, e a comida era muito pouca. Os campos libertavam os prisioneiros com o equivalente a 500 gramas de pão para cada dia que, em tese, passariam na estrada - uma ração de fome.[2287] Além do mais, era comum que ficassem na estrada muito mais tempo que o esperado, pois era quase impossível conseguir passagens para os poucos aviões e trens com destino ao sul. Ao chegar à estação de Krasnoyarsk, Ariadna Éfron encontrou "uma multidão tão grande que era impossível partir, simplesmente impossível. Havia ali pessoas de todos os campos, de Norilsk inteira". Afinal ela conseguiu uma passagem inesperada de um "anjo", uma mulher que, por acaso, tinha duas. Não fosse por isso, poderia ter esperado durante meses.[2288]

Diante de um trem também lotado, Galina Usakova e muitos outros resolveram o problema viajando no compartimento de bagagem.[2289] Mas outros simplesmente não tiveram sucesso: não era incomum os prisioneiros morrerem na difícil jornada de retorno ou semanas ou meses depois da chegada. Enfraquecidos pelos anos de trabalho forçado, cansados da viagem

[2282] Kusurgashev, p. 70.
[2283] Vera Korneeva, citada em Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. III, p. 454.
[2284] Zorin, entrevista com a autora.
[2285] E. Ginzburg, Within the Whirlwind, p. 211.
[2286] Korol, p.189.
[2287] GARF, 9489/2/20.
[2288] Éfron, Miroedikha, pp. 127-28.
[2289] Usakova, entrevista com a autora.

extenuante, cercados de emoções esmagadoras, sofriam ataques cardíacos e derrames. "Como morreu gente dessa liberdade!", surpreendeu-se um prisioneiro.[2290]

Alguns acabaram na cadeia. O próprio MVD fez um relatório em que revelava que os prisioneiros que saíam dos campos de Vorkuta, Pechora e Inta não podiam comprar roupas, sapatos ou roupa de cama, pois "as cidades acima do Círculo Ártico não têm lojas". Desesperados, alguns cometeram pequenos delitos para serem presos de novo. Na prisão eles tinham uma ração de pão, pelo menos.[2291] Não que os encarregados dos campos se importassem com isso: enfrentando uma crise de falta de mão-de-obra, a administração de Vorkuta desobedeceu as ordens superiores e tentou de fato impedir que certas categorias de detentos deixassem as minas.[2292]

Quando conseguiam retornar a Moscou, Leningrado ou qualquer que fosse a cidade de origem, a vida dos ex-prisioneiros também não ficava mais fácil. A simples libertação não era suficiente para restabelecer uma vida "normal". Sem documentos atestando a reabilitação - documentos que anulavam a sentença original - os ex-prisioneiros políticos ainda eram suspeitos.

É verdade que alguns anos antes eles haviam recebido os temidos "passaportes de lobos", que proibiam os ex-presos políticos de morar nas maiores cidades da União Soviética ou perto delas. Outros haviam sido mandados diretamente para o degredo. Agora os "passaportes de lobos" estavam extintos, mas continuava difícil conseguir trabalho, um lugar onde viver, e, em Moscou, permissão para permanecer na capital. Ao voltar, os prisioneiros descobriram que sua casa havia sido requisitada muito tempo atrás, que seus bens tinham sido gastos.

Vários parentes, "inimigos" por associação, estavam mortos ou empobrecidos: muito tempo depois de os prisioneiros terem sido soltos, sua família continuou estigmatizada, sujeita a várias formas oficiais de discriminação e proibida de realizar determinados trabalhos. As autoridades locais ainda suspeitavam dos antigos detentos. Thomas Sgovio passou um ano "enviando petições e importunando" até receber permissão para residir oficialmente no apartamento da mãe.[2293] Os prisioneiros mais velhos não conseguiam uma pensão apropriada.[2294]

As dificuldades pessoais e o sentimento de que eram vítimas de uma injustiça convenceram muitos a buscar a reabilitação completa - mas esse processo também não era simples. Para muitos essa opção nem sequer existia. O MVD se recusava categoricamente a rever qualquer caso anterior a 1935, por exemplo.[2295] Os que tinham recebido uma sentença extra no campo por insubordinação, dissidência ou roubo também jamais recebiam a cobiçada certidão de reabilitação.[2296] Os casos dos bolcheviques de alto coturno - Bukharin, Kamenev, Zinoviev -permaneceram um tabu, e os que foram condenados junto com eles só foram reabilitados nos anos 1980.

---

[2290] S. S. Torbin, Vospominaniya, Memorial Archive, 2/2/91; Korol, p.190.
[2291] GARF, 9414/3/40.
[2292] Ilya Golts, "Vorkuta", em Mínuvshee, vol. 7, 1992, pp. 352-55.
[2293] Sgovio, p. 283.
[2294] A. Morozov, pp. 381-82.
[2295] Hoover, Conjunto 89,18/38.
[2296] Bulgakov, entrevista com a autora.

Para quem podia, o processo de reabilitação era longo. Os pedidos tinham de ser feitos pelo prisioneiro ou pela família, que freqüentemente tinham de escrever duas, três ou inúmeras cartas para serem atendidos. E, quando conseguiam, o processo às vezes andava para trás: Anton Antonov-Ovseenko recebeu a certidão de reabilitação póstuma de seu pai, que acabou por ser revogada em 1963.[2297] Vários ex-prisioneiros continuavam temerosos de apelar. Aqueles que eram convocados a comparecer diante da comissão de reabilitação, em geral formada por oficiais do MVD ou do Ministério da Justiça, costumavam surgir com várias camadas de roupa, segurando pacotes de comida, ao lado de parentes em lágrimas, certos de que seriam presos outra vez.[2298]

Nos níveis superiores, muitos temiam que o processo de reabilitação andasse depressa demais e fosse muito longe. "Estávamos apavorados, realmente apavorados", Khrutchev escreveu mais tarde. "Tínhamos medo de que o Degelo causasse uma inundação que não conseguíssemos controlar e que nos afogasse."[2299] Um antigo investigador da KGB, Anatoly Spragovsky, recordou-se de que entre 1955 e 1960 ele viajara pela região de Tromsk entrevistando testemunhas e visitando as cenas de supostos crimes. Entre outras coisas, soube que ex-prisioneiros tinham sido acusados de planejar a explosão de fábricas ou pontes que nunca existiram. Ainda assim, quando Spragovsky escreveu a Khrutchev e propôs dinamizar o processo de reabilitação e torná-lo mais rápido, foi rechaçado: ao que parecia, os oficiais de Moscou não desejavam que os erros dos anos de Stalin parecessem grandes ou absurdos demais, por isso não queriam que a investigação dos casos antigos corresse muito depressa. Anastas Mikoyan, membro stalinista do Politburo que sobreviveu na era Khrutehev, explicou por que era impossível reabilitar as pessoas muito depressa. Se todos fossem declarados inocentes de uma vez, "ficaria claro que o país não era administrado por um governo legal, mas por um bando de gângsteres".[2300]

O Partido Comunista também temia admitir muito erros. Das mais de 70 mil petições de ex-integrantes exigindo a recondução ao Partido, menos da metade foi atendida.[2301] Em conseqüência, a reabilitação completa, com a restituição de casa, trabalho e pensão, era muito rara.

Muito mais comuns do que a reabilitação foram a experiência e os sentimentos mistos de Olga Adamova-Sliozberg, que entrou com o pedido de reabilitação para si e para o marido em 1954. Ela esperou dois anos. Então, depois do discurso secreto de Khrutehev, em 1956, ela recebeu a certidão. E esta declarava que seu caso havia sido revisto e encerrado por falta de provas. "Fui presa em 27 de abril de 1936. Portanto, paguei por esse engano com vinte anos e 41 dias da minha vida." Gomo compensação, dizia a certidão, Adamova-Sliozberg tinha direito a dois meses de salário, por ela e pelo marido morto, e a um extra de 11 rublos e 50 copeques como restituição do dinheiro que estava com o marido quando ele morreu. Só isso.

Enquanto estava parada numa sala de espera da Suprema Corte de Moscou,

---

[2297] Antonov-Ovseenko, The Time of Stalin, p. 336.
[2298] K. Smith, p.133.
[2299] Cohen, p. 36.
[2300] K. Smith, p.135; Hochschild, pp. 222-23.
[2301] K. Smith, p.138.

absorvendo a notícia, ela ouviu alguém gritar. Era uma senhora ucraniana que tinha recebido uma notícia semelhante:

> A velha ucraniana começou a gritar: "Não preciso do seu dinheiro em troca do sangue do meu filho; fique com ele!" Ela rasgou as certidões e jogou-as no chão.
>
> O soldado que tinha entregado as certidões se aproximou: "Acalme-se, cidadã", ele começou.
>
> Mas a velha começou a gritar de novo e sufocou num acesso de raiva.
>
> Todos emudeceram, acabrunhados. Aqui e ali escutei lágrimas e soluços abafados.
>
> Voltei a meu apartamento, do qual nenhum policial poderia me expulsar agora. Não havia ninguém em casa, e finalmente pude chorar à vontade.
>
> Chorar por meu marido, que sucumbiu nos porões da Lubyanka aos 37 anos de idade, no auge da força e do talento; por meus filhos, que cresceram órfãos, estigmatizados como filhos de inimigos do povo; por meus familiares, que morreram de desgosto; por Nikolai, que foi torturado nos campos; o por todos os amigos que não viveram para ser reabilitados e que jazem sob o solo congelado de Kolyma.[2302]

Embora o fato costume ser ignorado nas histórias que se contam da União Soviética, o retorno de milhões de pessoas dos campos e do degredo deve ter atordoado os milhões de cidadãos soviéticos que encontraram ao chegar. O discurso secreto de Khrutchev fora um choque, mas era um evento distante, dirigido ao Partido. Ao contrário, o reaparecimento de pessoas havia muito consideradas mortas levou a mensagem do discurso de forma muito mais direta a um número bem maior de pessoas. A era de Stalin tinha sido de tortura e violência. De repente, os veteranos dos campos eram a prova viva do que tinha acontecido.

Eles também traziam notícias, boas e más, dos desaparecidos. Na década de 1950, tornou-se costume os prisioneiros soltos visitarem a casa dos camaradas vivos ou mortos, para transmitir mensagens ou repetir as últimas palavras. M. S. Rotfort voltou para Kharkov via Chita e Irkutsk a fim de visitar a família dos amigos.[2303] Gustav Herling fez uma visita estranha à família do colega de campo general Kruglov, cuja esposa implorou que não contasse à filha sobre a nova condenação do pai, passou o tempo todo olhando o relógio e pediu que ele fosse embora logo.[2304]

Os prisioneiros que retornavam eram também uma fonte de terror - para os chefes, os colegas e as pessoas que os tinham mandado para a prisão. Anna Andreevna recordou que todos os trens que partiam de Karaganda e Potma para Moscou estavam cheios de ex-prisioneiros no verão de 1956. "Tudo estava repleto de alegria e seu oposto, pois as pessoas encontravam aqueles que as tinham condenado, que tinham condenado outros. Era alegre e trágico,

---

[2302] Adamova-Sliozberg, pp. 84-86.
[2303] Rotfort, p. 92.
[2304] Herling, p. 236.

e em pouco tempo Moscou inteira estaria repleta daquilo".[2305] No romance Pavilhão dos cancerosos, Soljenitsin imagina a reação de um chefe do Partido, acometido pelo câncer, quando a esposa lhe conta que um antigo amigo - um homem que havia denunciado pessolmente para ficar com o aparta-mento dele - seria reabilitado:

> Uma fraqueza tomou conta de todo o seu corpo - dos quadris, dos ombros; os braços também ficaram fracos, e o tumor pareceu deslocar a cabeça para o lado.
>
> "Por que me conta isso?", gemeu num tom de voz infeliz, débil.
>
> "Minha desgraça não é suficiente?" E por duas vezes a cabeça e o peito foram sacudidos por soluços [...]
>
> "Que direito eles têm de soltar essas pessoas agora? Eles não têm pena? Como ousam causar tantos traumas!"[2306]

O sentimento de culpa podia ser insuportável. Após o discurso secreto de Khrutchev, Aleksandr Fadeev, stalinista comprometido e burocrata literário muito temido, caiu na bebedeira. Bêbado, confessou a um amigo que enquanto era chefe do Sindicato dos Escritores havia sancionado a prisão de muitos autores que sabia serem inocentes. Fadeev se suicidou no dia seguinte. Alegam que teria deixado um bilhete de uma linha endereçado ao Comitê Central: "Essa bala era para a política de Stalin, a estética de Zhdanov e a genética de Lysenko".[2307] Outros enlouqueceram. Olga Mishakova, funcionária da Komsomol, tinha denunciado o líder da organização, Kosarev. Depois de 1956, Kosarev foi reabilitado, e o Comitê Central da Komonsol expulsou Mishakova. Ainda assim, durante um ano ela continuou a ir ao edifício da organização, a sentar-se o dia todo no escritório vazio, a fazer horário de almoço. Quando a Komonsol confiscou-lhe o crachá, ela ia para lá e ficava parada na entrada durante todo o expediente. Quando o marido foi transferido para Ryazan, ela pegava o trem para Moscou todos os dias às quatro da manhã, ficava na frente do antigo escritório e só voltava no final da tarde. No fim, foi internada numa instituição psiquiátrica.[2308]

Mesmo quando o resultado não era insanidade ou suicídio, os encontros constrangedores que atormentaram a vida social de Moscou depois de 1956 podiam ser excruciantes. "Dois russos se olham nos olhos", escreveu Anna Akhmatova, "o que esteve na prisão e o que o colocou lá."[2309] Vários membros do governo, inclusive Khrutchev, conheciam pessoalmente muitos dos egressos. Segundo Antonov-Ovseenko, um desses "velhos amigos" apareceu na porta de Khrutchev em 1956 e persuadiu-o a acelerar o processo de reabilitação.[2310] O pior eram os encontros entre os ex-prisioneiros e os homens que haviam sido seus carcereiros e interrogadores. Uma memória publicada sob pseudônimo no jornal clandestino de Roy Medvedev, em 1964, descrevia o encontro de um homem com seu interrogador, que lhe implorou dinheiro para uma bebida: "Dei-lhe tudo que sobrara da viagem, e era bastante. Dei-lhe para

[2305] Ereevna, entrevista com a autora.
[2306] Soljenitsin, Cancer Ward, p. 202.
[2307] Cohen, p. 115.
[2308] Antonov-Ovseenko, The Time of Stalin, pp. 332-36.
[2309] Cohen, p. 26.
[2310] Antonov-Ovseenko, The Time of Stalin, pp. 332-36.

podermos ir embora depressa. Tive medo de não me segurar. Senti um desejo avassalador de soltar meu ódio, contido por tanto tempo, em cima dele e dos de sua laia".[2311]

Também podia ser muito constrangedor encontrar os antigos amigos, agora prósperos cidadãos soviéticos. Lev Razgon encontrou um amigo íntimo em 1968, mais de uma década depois de retornar "Ele me cumprimentou [...] como se tivéssemos nos despedido na noite anterior. Expressou seus pêsames pela morte de Oksana, é claro, e perguntou por Yelena. Mas tudo isso aconteceu muito rápido, como num encontro de negócios [...] e foi tudo".[2312] Yurii Dombrovskii expressou em versos o que sentiu por um amigo que ofereceu suas condolências tarde demais. O poema se chama "A um famoso poeta":

> Nem nossos filhos tiveram pena de nós
> Nem nossas esposas nos quiseram
> Só um sentinela atirou em nós, hábil
> Fazendo de nossos números seu alvo [...]
>
> Você perambulava por restaurantes
> E contava piadas de copo na mão
> Entendia tudo e recebia a todos
> Sem notar que havíamos morrido
>
> Então me explique: por que agora,
> que eu volto de um túmulo ao norte
> enquanto revêem a ordem de guerra
> você se aproxima como se eu fosse herói?
>
> Mulheres lambiam suas mãos –
> Para lhe dar coragem? Pelas torturas que sofreu?[2313]

Lev Kopelev escreveu esse poema depois de voltar, não suportava mais a companhia de pessoas bem-sucedidas, preferia a companhia dos fracassados.[2314]

Outra fonte de tormento para os ex-prisioneiros era como falar sobre os campos - e quanto falar - com os amigos e os farmliares. Muitos tentaram proteger os filhos da verdade. A filha do projetista de foguetes Sergei Korolev só soube que o pai estivera na prisão no final da adolescência, quando, ao preencher um formulário, teve de informar se alguém na família já tinha sido preso.[2315] Ao deixar os campos, vários prisioneiros foram solicitados a assinar documentos que os proibiam de contar o que quer que fosse. Alguns emudeceram de medo, mas houve quem não se acovardasse. Susanna Pechora se recusou a assinar papéis ao sair do campo, e, em suas próprias palavras, "tenho falado sobre ele desde então".[2316]

Outros descobriram que os amigos e os parentes não queriam saber com muitos detalhes onde eles tinham estado e o que lhes tinha acontecido.

---

[2311] Cohen, p.135.
[2312] Razgon, p. 50.
[2313] Yurii Dombrovskii, p. 77. Traduzido com a ajuda de Galya Vinogradova.
[2314] Soljenitsin, The Gulag Archipelago, vol. III, p. 455.
[2315] Korolev, entrevista com a autora.
[2316] Pechora, entrevista com a autora.

Sentiam medo - não apenas da onipresente polícia secreta mas também do que poderiam descobrir sobre as pessoas que amavam O romancista Vasily Aksyonov - filho de Evgeniya Ginzburg -escreveu uma cena trágica mas horrivelmente plausível na trilogia As gerações do inverno, ao descrever o que acontecia quando um homem e a mulher se encontram depois de passarem anos em campos de concentração. Imediatamente ele observa que ela parecia saudável demais: "Primeiro me diga como conseguiu não ficar feia [...] você nem emagreceu!", ele diz, conhecendo muito bem todas as maneiras pelas quais as mulheres conseguiam sobreviver no Gulag. Nessa noite, eles se deitam na cama distantes um do outro, incapazes de falar: "A melancolia e a dor os reduzira a cinzas".[2317]

O escritor e poeta popular Bulat Okudzhava também escreveu uma história em que descreve o encontro de um homem com a mãe, que tinha passado dez anos nos campos. Ele esperava o retorno da mãe com alegria, acreditando que iria pegá-la na estação de trem, levá-la para jantar em casa depois de um reencontro cheio de lágrimas mas feliz, contar-lhe sobre sua vida e talvez até levá-la ao cinema. Em vez disso, encontrou uma mulher de olhos secos e expressão vaga: "Ela me olhou mas não me viu, seu rosto estava endurecido, congelado". Ele esperava que ela estivesse fisicamente debilitada, mas não estava preparado para os danos emocionais - uma experiência que deve ter sido compartilhada por milhões de pessoas.[2318]

As histórias reais costumavam ser igualmente tristes. Nadezhda Kapralova escreveu sobre o encontro com a mãe depois de treze anos. Quando se separaram, ela tinha apenas oito anos: "Éramos mãe e filha, tínhamos a mais íntima das relações, mas ainda assim éramos estranhas, conversamos sobre coisas irrelevantes e passamos a maior parte do tempo chorando ou em silêncio".[2319] O prisioneiro Evgeny Gagen reuniu-se a esposa depois de catorze anos, mas descobriu que não tinham nada em comum. Ele sentia ter "crescido" ao longo daqueles anos, ao passo que ela permanecera a mesma.[2320] Olga Adamova-Sliozberg sentiu-se pisando em ovos quando se reuniu ao filho, em 1948: "Eu tinha medo de contar-lhe o que havia descoberto 'no outro lado'. Sem duvida eu poderia tê-lo convencido de que havia muita coisa errada em nosso país, de que Stalin, seu ídolo, estava longe de se perfeito, mas meu filho tinha apenas dezessete anos. Tive medo se ser totalmente franca com ele".[2321]

No entanto, nem todos se sentiram estranhos na sociedade soviética. Surpreendentemente, talvez, muitos egressos estavam loucos para voltar ao Partido Comunista, não apenas pelo status e pelos privilégios, mas também para se sentirem mais uma vez integrantes do projeto comunista. "O compromisso com um sistema de crenças pode ter raízes profundas, irracionais." É assim que a historiadora Nanci Adler tenta explicar os sentimentos de um prisioneiro ao ser reconduzido ao Partido:

> O fator mais importante a assegurar minha sobrevivência naquelas condições duras foi minha fé inabalável no Partido Leninista, em seus princípios humanistas. Foi o Partido que me deu a força física para

---

[2317] Aksyonov, p. 382.
[2318] Citado em Adler, p. 141.
[2319] Vilensky, Deti Gulags, p. 460.
[2320] Adler, p.145.
[2321] Olga Adamova-Sliozberg, "My Journey", em Vilensky, Till My Tale Is Told, p. 70.

> agüentar os julgamentos [...] Voltar às fileiras do meu Partido Comunista nativo foi a maior felicidade da minha vida.[2322]

A historiadora Catherine Merridale vai um pouco mais longe e argumenta que o Partido e a ideologia coletiva da União Soviética realmente ajudaram as pessoas a se recuperar dos traumas que sofreram: "Os russos parecem mesmo ter convivido com suas histórias de perdas indescritíveis trabalhando, cantando e balançando a bandeira vermelha. Hoje alguns riem disso, mas quase todos sentem saudade de um coletivismo e de um objetivo comum que se perderam. Até certo ponto, o totalitarismo funcionou".[2323]

Embora em determinado nível eles soubessem que aquela batalha era falsa, embora soubessem que a nação não era tão gloriosa quanto apregoavam seus líderes, embora soubessem que cidades inteiras haviam sido construídas sobre os restos de pessoas condenadas injustamente ao trabalho forçado, mesmo assim algumas vítimas dos campos se sentiam melhor quando faziam parte do esforço coletivo.

De todo modo, a imensa tensão entre o que estiveram "lá" e os que permaneceram em casa não poderia ficar confinada aos quartos e trancada atrás das portas para sempre. Os responsáveis pelos acontecimentos ainda estavam vivos. Finalmente, no XXII Congresso do Partido, em outubro de 1961, Khrutchev, então brigando por espaço, começou a dar nome aos bois. Ele anunciou que Molotov, Kaganovich, Voroshilov e Malenkov eram "culpados de repressão ilegal a oficiais do Partido, do Soviete, das forças armadas e da Komonsol e responsáveis diretos por sua destruição física". Ameaçador, fez insinuações a "documentos em nosso poder" que poderiam provar essa culpa.[2324]

No fim, porém, Khrutchev não divulgou nenhum documento ao longo da batalha contra os stalinistas que se opunham às suas reformas. Talvez ele não tivesse força suficiente para isso, ou talvez esses documentos acabassem por revelar sua própria participação na repressão de Stalin. Em vez disso, Khrutchev usou uma nova tática: ampliou o debate público sobre o stalinismo para além do Partido e disseminou-o pelo mundo literário. Embora provavelmente Khrutchev não se interessasse muito pelos poetas e pelos romancistas soviéticos, já no início dos anos 1960 ele previu que eles poderiam colaborar com sua busca de poder. Aos poucos, nomes banidos começaram a reaparecer em publicações oficiais, sem que se explicasse por que tinham sumido e agora reaparecido. Personagens até então inaceitáveis na ficção soviética - burocratas gananciosos, detentos egressos dos campos - começaram a surgir nos romances publicados.[2325]

Khrutchev percebeu que essas publicações poderiam fazer sua propaganda: os escritores poderiam desacreditar seus inimigos imputando-lhes os crimes do passado. De qualquer maneira, parece ter sido essa a razão para permitir o lançamento de Um dia na vida de Ivan Denisovich, de Aleksandr Soljenitsin, o mais famoso romance sobre o Gulag.

---

[2322] Adler, p. xx.
[2323] Merridale, p. 418.
[2324] Cohen, p. 38.
[2325] Rothberg, pp. 12-40.

Graças à sua importância na literatura e ao papel que desempenhou ao divulgar no Ocidente a existência do Gulag, Aleksandr Soljenitsin certamente merece menção especial na história dos campos soviéticos. Mas sua breve carreira de autor soviético "oficial", famoso e amplamente publicado, também merece ser contada, pois ela marca um importante momento de transição. Quando Ivan Denisovich foi impresso pela primeira vez, em 1962, o Degelo estava no auge, havia poucos prisioneiros políticos, e o Gulag parecia coisa do passado. No verão de 1965, quando um jornal do partido descreveu Ivan Denisovich como "uma obra indubitavelmente controversa do ponto de vista ideológico e artístico", Khrutchev tinha sido expulso, o retrocesso havia começado e a quantidade de presos políticos aumentava a uma velocidade sinistra. Em 1974, quando O Arquipélago Gulag - a história do sistema de campos narrada em três volumes - surgiu na Inglaterra, Soljenitsin tinha sido expulso do país e seus livros só eram publicados no exterior. A instituição dos campos de prisioneiros havia sido firmemente restabelecida e o movimento dissidente estava em plena atividade.[2326]

A carreira de Soljenitsin na prisão começou da maneira típica entre os zeks de sua geração. Depois de entrar na escola de oficiais, em 1941, ele lutou no front ocidental no outono e no inverno de 1943, escreveu algumas críticas a Stalin numa carta enviada a um amigo em 1945 - e foi preso logo depois. Até então um comunista mais ou menos crente, o jovem oficial ficou atordoado com a brutalidade e a crueza com que foi tratado. Mais tarde, ele ficaria ainda mais chocado diante do tratamento agressivo dispensado aos soldados do Exército Vermelho que tinham sido capturados pelos nazistas. Em sua opinião, esses homens deveriam ter sido recebidos como heróis.

Sua estada subseqüente nos campos foi um pouco menos típica. Graças aos seus conhecimentos de matemática e física, cumpriu parte da pena na sharashka, uma experiência que veio a registrar em O primeiro círculo. Exceto por esse fato, é justo dizer que ele passou por uma série de lagpunkts pouco notáveis, inclusive um em Moscou e outro num complexo de campos especiais em Karaganda. Ele também foi um prisioneiro pouco notável. Flertou com as autoridades, serviu de informante antes de cair em si e acabou trabalhando como pedreiro. Foi essa a profissão que escolheu para Ivan Denisovich, o zek "comum" que protagonizou seu primeiro romance. Depois da libertação, passou a dar aulas em uma escola de Ryazan e começou a escrever sobre suas experiências. Isso também não era comum: as centenas de memórias do Gulag que foram publicadas desde a década de 1980 são um testemunho da eloqüência e do talento dos ex-prisioneiros soviéticos, entre os quais muitos escreveram em segredo durante anos. No final, o que tornou Soljenitsin verdadeiramente único foi o fato de sua obra ter sido publicada na União Soviética enquanto Khrutchev estava no poder.

Muitas lendas cercam a publicação de Um dia na vida de Ivan Denisovich, ao ponto de Michael Scammell, o biógrafo de Soljenitsin, afirmar que "foram tantos os floreios acrescentados pelo caminho que é difícil separar os fatos das invenções". A obra caminhou para a fama lentamente. O manuscrito de Ivan Denisovich passou pelas mãos de Lev Kopelev - uma figura do círculo literário de Moscou e colega de campo de Soljenitsin - e pela editora de texto da Novyi

[2326] O mais completo relato da vida de Soljenitsin é o da biografia escrita por Michael Scammell, Soljenitsin. Exceto quando houver anotação em contrário, todas as informações biográficas a seu respeito dali procedem.

Mir. Excitada com a descoberta, a editora repassou-o a Aleksandr Tvardovsky, editor-chefe da Novyi Mir.

Diz a lenda que Tvardovsky começou a ler Ivan Denisovich deitado na cama. Depois de algumas páginas, porém, estava tão impressionado que achou melhor se levantar, vestir-se e continuar lendo sentado. Passou a noite lendo, e, assim que o dia raiou, correu para o escritório e ordenou às datilógrafas que produzissem mais cópias, de modo que pudesse distribuir o livro aos amigos, o tempo todo saudando o nascimento de um novo gênio da literatura. Não se sabe se foi exatamente assim que as coisas aconteceram, mas essa foi a história contada por Tvardovsky. Posteriormente, Soljenitsin escreveu-lhe para dizer como se sentira feliz ao saber que ele achava que Ivan Denisovich "valia uma noite de sono".[2327]

O romance era bastante direto: registrava um dia na vida de um prisioneiro comum. Os leitores atuais - mesmo os russos - podem achar difícil entender por que o livro gerou tanto furor nos meios literários de Moscou. Mas ele teve o impacto de uma revelação para quem o leu em 1962. Em vez de mencionar os "egressos" e a "repressão" de maneira vaga, como outras obras da época, Ivan Denisovich descrevia sem rodeios a vida nos campos, um assunto que até então não havia sido discutido em público.

Ao mesmo tempo, o estilo de Soljenitsin - em particular a utilização da gíria dos campos - e a descrição do tédio e do desgosto da vida na prisão contrastavam vivamente com a ficção vazia e falsa que se publicava. O credo oficial da literatura soviética, o "realismo socialista", não era realismo de fato, mas uma versão literária da doutrina política de Stalin. A literatura das prisões não havia mudado desde os dias de Gorki. Se houvesse um ladrão num romance soviético, ele veria a luz e se converteria à verdadeira fé soviética. O herói podia sofrer, mas no final o Partido lhe mostrava o caminho. A heroína podia verter lágrimas, mas assim que aprendia o valor do Trabalho, descobria o seu papel na sociedade.

Ivan Denisovich, ao contrário, era genuinamente realista: não era otimista nem dava lições de moral. O sofrimento dos heróis era inútil. Seu trabalho era extenuante, e eles tentavam evitá-lo. O Partido não triunfava no final, e o comunismo não emergia vencedor. Essa honestidade, tão rara num escritor soviético, foi precisamente o que Tvardovsky admirou: ele disse a Kopelev que a história "não tinha um pingo de falsidade". E essa foi precisamente a qualidade que perturbou muitos leitores, em especial os do establishment soviético. Até mesmo um dos editores da Novyi Mir considerou a franqueza do livro perturbadora.Nos comentários sobre a obra, ele escreveu que "ele mostra a vida por um único ângulo, distorcendo involuntariamente as proporções".

Para as pessoas acostumadas a conclusões simplistas, o final do romance parecia terrivelmente aberto e amoral.

Tvardovsky desejava publicá-lo, mas sabia que se mandasse uma cópia datilografada aos censores eles a baniriam de imediato. Em vez disso, ofereceu Ivan Denisovich a Khrutchev, para que ele o usasse contra os inimigos. Segundo Michael Scammel, Tvardovsky escreveu um prefácio que apresentava o livro exatamente sob essa luz e começou a distribuí-lo a

[2327] Scammell, Soljenitsin, p. 415.

pessoas que poderiam entregá-lo ao próprio Khrutchev.[2328]

Depois de muitas idas e vindas, muita discussão e algumas alterações no manuscrito - Soljenitsin foi persuadido a acrescentar pelo menos um "herói positivo" e a incluir uma sutil condenação ao nacionalismo ucraniano -, o romance por fim chegou a Khrutchev. Ele o aprovou. Chegou até a elogiar o livro por ter sido escrito "no espírito do XXII Congresso do Partido", o que presumivelmente significa que, em sua opinião, ele iria incomodar os inimigos. Finalmente, o romance apareceu impresso na edição da Novyi Mir de novembro de 1962. "O pássaro está livre! O pássaro está livre", Tvardovsky teria gritado com um exemplar nas mãos.

A princípio, o elogio da crítica foi fastidioso, principalmente porque o enredo ia ao encontro da linha oficial do momento. O crítico de literatura do Pravda desejou que daquele momento em diante "a luta contra o culto à personalidade continue a facilitar o aparecimento de obras de arte notáveis pelo valor artístico inesgotável". O crítico do Izvestiya disse que Soljenitsin "havia se mostrado um verdadeiro colaborador do Partido numa causa sagrada e vital - a luta contra o culto à personalidade e suas conseqüências".[2329]

No entanto, não foi bem essa a reação dos leitores comuns que afogaram Soljenitsin em cartas nos meses seguintes à publicação da Novyi Mir. O paralelo com a nova linha do Partido não impressionou os ex-prisioneiros que lhe escreveram de todo o país. O que aconteceu e que eles ficaram muito satisfeitos de ler algo que refletia a própria experiência e os próprios sentimentos. Pessoas temerosas de deixar escapar uma palavra aos amigos mais próximos de repente se sentiram libertas. Uma mulher descreveu sua reação: "Meu rosto se encheu de lágrimas. Não as enxuguei porque naquelas poucas páginas da revista estava o retrato de todos os dias dos quinze anos que passei nos campos".

Outra carta endereçada ao "Caro amigo, camarada e irmão" Solienitsin dizia: "Lendo sua história eu me lembrei de Sivaya Maska e Vorkuta [...] as geadas e as nevascas, os insultos e as humilhações [...] Eu chorei enquanto lia - os personagens eram todos familiares, como se fossem da minha brigada [...] Obrigado mais uma vez! Continue assim - escreva, escreva".[2330]

As reações mais fortes vieram daqueles que ainda estavam presos. Leonid Sitko, que então cumpria a segunda pena, soube da publicação no distante Dubravlag. Quando um exemplar da Novyi Mir chegou à biblioteca do campo, os administradores o retiveram por dois meses. Finalmente, os zeks conseguiram um exemplar e formaram um grupo de leitura. Sitko recordou que os prisioneiros ouviam "sem respirar":

> Depois que a última palavra foi lida, houve um silêncio mortal. Então, após dois ou três minutos, a sala explodiu. Todos tinham vivido aquela história dolorosa [...] em meio à fumaça de tabaco, eles falaram sem parar [...]
>
> E com freqüência cada vez maior, perguntavam: "Por que publicaram

[2328] Ibid., pp. 423-24.
[2329] Ibid., pp. 448-49.
[2330] Ibid., p. 485.

isso?"[2331]

De fato, por quê? Parece que as próprias lideranças do Partido começaram a se perguntar. Talvez o retrato honesto que Soljenitsin pintou da vida nos campos tenha sido demais para eles: ele representava uma mudança significativa demais, sua publicação foi rápida demais para homens que ainda temiam que a própria cabeça fosse a próxima a rolar. Ou talvez já estivessem cansados de Khrutchev, talvez pensassem que ele já tinha ido longe demais e usaram o romance de Soljenitsin como desculpa. De fato, Khrutchev foi deposto pouco tempo depois, em outubro de 1964. Seu substituto, Leonid Brejnev, era o líder dos neo-stalinistas - reacionários, oponentes da mudança e do Degelo.

Seja como for, está claro que depois da publicação do romance os conservadores se reorganizaram com velocidade impressionante. Ivan Denisovich surgiu em novembro. Em dezembro - alguns dias depois de Khrutchev encontrar Soljenitsin e cumprimentá-lo - Leonid Ilyichev, presidente da Comissão Ideológica do Comitê Central, discursou para um grupo de quatrocentos escritores reunidos em seu sindicato. A sociedade soviética, disse-lhes, não devia ser "abalada e enfraquecida sob o pretexto de se lutar contra o culto ao indivíduo [...]".[2332]

A rapidez da mudança refletia a postura ambivalente da União Soviética em relação à própria história - ambivalência que não foi resolvida até hoje. Para a elite soviética, aceitar que o retrato de Ivan Denisovich era autêncito significava admitir que pessoas inocentes haviam sofrido inutilmente em vão. Se os campos fossem realmente estúpidos, e dispendiosos, e trágicos, então a União Soviética também era estúpida, e dispendiosa, e trágica. Para os cidadãos soviéticos fossem eles membros da elite ou simples camponeses, era e ainda é difícil aceitar que sua vida foi guiada por um amontoado de mentiras.

Após um período de oscilação - alguns argumentos a favor, alguns argumentos contra - Soljenitsin começou a ser atacado com severidade. Em capítulos anteriores, descrevi a reação irada de guardas e prisioneiros aos esforços de Denisovich para evitar o trabalho pesado. Mas também houve críticas mais elaboradas. Lydia Fornenko, crítica da Literaturnaya Rossiya, acusou Soljenitsin de não "revelar toda a dialética da época". Em outras palavras, Soljenitsin tinha condenado o "culto à personalidade", mas deixara de apontar o caminho para um futuro otimista e não incluíra personagens comunistas "bons", que triunfariam no final. Vários outros fizeram coro a essa crítica, e alguns até tentaram corrigir os erros de Soljenitsin de forma literária. A história de um sobrevivente, de Boris Dyakov, o romance "leal" sobre os campos lançado em 1964, continha descrições explícitas de prisioneiros soviéticos leais e trabalhadores.[2333]

Como o romance de Soljenitsin estava sendo considerado para o Prêmio Lenin, o mais importante prêmio literário na União Soviética, os insultos pioraram. No final - por meio de táticas que viriam a ser repetidas anos depois - o establishment recorreu a insultos pessoais. Em uma reunião do Comitê do Prêmio Lênin, o chefe da Komsomol, Sergei Pavlov, levantou-se e acusou

[2331] Sitko, Gde moi veter?, p. 318.
[2332] Rothberg, p. 62.
[2333] Dyakov, pp. 60-67.

Soljenitsin de ter se rendido aos alemães durante a guerra e de ter sido condenado como criminoso. Tvardovsky fez Soljenitsin buscar a certidão de reabilitação, mas era tarde demais. O Prêmio Lenin foi para O sino da ovelha, livro cuja melhor descrição é "completamente esquecido", e a carreira literária oficial de Soljenitsin chegou ao fim.

Ele continuou escrevendo, mas nenhum de seus romances sub-seqüentes foi publicado na União Soviética - pelo menos não legal-mente - até 1989. Em 1974, foi expulso do país e acabou por fixar residência em Vermont. Até a era Gorbatchev, apenas um minúsculo grupo de cidadãos soviéticos - aqueles que tinham acesso a cópias clandestinas datilografadas ou exemplares contrabandeados - lera O arquipélago Gulag, seu relato do sistema de campos.

Mas Soljenitsin não foi a única vítima do recuo conservador. No momento em que a controvérsia em torno de Ivan Denisovich ficava mais inflamada, outro drama literário de desenrolava: a 18 de fevereiro de 1964, o jovem poeta Joseph Brodsky foi julgado por "parasitismo". A era dos dissidentes estava para começar.

## 26. A ERA DOS DISSIDENTES

*Não festejem cedo demais*
*E deixem que um oráculo proclame*
*Que as feridas não serão reabertas*
*Que as hordas do mal não vão se reerguer.*
*E que me arrisco a parecer demente;*
*Deixem-no orar. Tenho certeza de que Stalin não morreu.*

*Como se os mortos importassem*
*E os anônimos sumidos no Norte.*
*Não causou verdadeiro estrago*
*O mal que insulou em nosso coração?*
*Como a pobreza vem da riqueza*
*Como continuamos a mentir*
*E não desaprendemos a temer*
*Stalin não morreu*

Boris Chichibabin, "Stalin não morreu", 1967.[2334]

A morte de Stalin realmente sinalizou o final da era de trabalho escravo em massa na União Soviética. Embora as políticas de repressão no país viessem a assumir formas um tanto duras nos quarenta anos subseqüentes, ninguém voltou a propor que se revivessem os campos de concentração em larga escala. Ninguém voltou a tentar transforma-los no centro da economia ou usá-los para encarcerar milhões de pessoas. A polícia secreta nunca mais controlou uma fatia tão grande do setor produtivo da nação, e os comandantes dos campos nunca mais chefiaram um empreendimento industrial tão grande. Mesmo o edifício da Lubyanka, o quartel-general da KGB no pós-guerra, deixou de ser uma prisão: Gary Powers, o piloto-espião americano cujo avião, um U-2, foi derrubado em solo soviético em 1960, foi a última pessoa presa em

[2334] Reproduzido em Cohen, p.183.

suas celas.[2335]

Ainda assim, os campos não desapareceram de uma vez.Tampouco as prisões soviéticas passaram a fazer parte de um sistema penal "comum", organizado apenas para criminosos. Os campos evoluíram.

Para começar, a natureza dos prisioneiros políticos evoluiu. No tempo de Stalin, o sistema repressivo lembrava uma grande roleta: qualquer um podia ser preso, por qualquer razão, a qualquer momento - camponeses, operários e burocratas do Partido. Depois de Khrutchev, a polícia secreta continuou fazendo prisões ocasionais "a troco de nada", segundo definição de Anna Akhmatova. Na maior parte do tempo, porém, a KGB de Brejnev prendia as pessoas por alguma razão - se não por um ato criminoso genuíno, então pela oposição literária, religiosa ou política ao sistema soviético. Em geral chamados de "dissidentes" e às vezes de "presos de consciência", os presos políticos dessa geração sabiam por que estavam presos, identificavam-se como prisioneiros políticos e eram tratados como tal. Eles eram isolados dos criminosos comuns, tinham uniforme diferente e estavam sujeitos a um regime diferenciado. Também seriam estigmatizados como dissidentes pelo resto da vida, estariam sujeitos a discriminação no trabalho e perderiam a confiança de parentes e vizinhos.

Também havia muito menos presos políticos agora do que na época de Stalin. Em meados dos anos 1970, a Anistia Internacional estimava que de cerca de 1 milhão de prisioneiros soviéticos, não mais de 10 mil eram presos políticos, em sua maioria encarcerados em dois complexos de campos "políticos", um na Mordóvia, ao sul de Moscou, e outro em Perm, no lado ocidental dos Urais.[2336] Em um ano se faziam não mais de alguns milhares de prisões políticas. Essa quantidade seria considerada alta em qualquer outro país, mas certamente era baixa em comparação ao padrão da União Soviética de Stalin.

Segundo os relatos de ex-detentos, essa nova espécie de prisioneiro começou a aparecer nos campos no início de 1957, na esteira da revolução húngara de outubro de 1956, quando foram presos soldados e cidadãos soviéticos que simpatizavam com a revolta.[2337] Mais ou menos nessa época, a primeira leva de "refuseniks", judeus que foram proibidos de imigrar para Israel, também surgiu nas prisões soviéticas. Em 1958, Bym Gindler, um judeu polonês que fora deixado do lado soviético da fronteira depois da guerra, teve negado o pedido para ser repatriado para a Polônia, com o argumento de que ele aproveitaria a oportunidade Para imigrar para Israel.[2338]

O final dos anos 1950 também assistiu à prisão dos primeiros batistas soviéticos, que logo se tornariam o maior grupo dissidente por trás do arame farpado, além de membros de outras seitas religiosas. Em 1960, o dissidente Avraham Shifrin encontrou até um grupo de Fiéis Antigos, seguidores dos velhos ritos da igreja Ortodoxa, numa solitária em um campo político em Potma. Sua comunidade imigrara para as florestas virgens ao norte dos montes Urais em 1919 e ali vivera em segredo durante cinqüenta anos, até ser descoberta por um helicóptero da KGB. Quando Shifrin os encontrou, já eram

---

[2335] Sobolev, p. 68.
[2336] Prisoners of Conscience in the USSR, pp. 48-53.
[2337] Comissão sobre o Judiciário (Testemunho de Avraham Shifter).
[2338] GARF, 9410/2/497

residentes permanentes das solitárias, pois se recusavam categoricamente a trabalhar para o anticristo soviético.[2339]

O próprio Shifrin era representante de uma nova categoria de prisioneiro: a dos filhos dos "inimigos do povo", que no final dos anos 1950 se descobriram incapazes de abrir espaço na vida soviética. Nos anos que se seguiram, uma quantidade impressionante de integrantes da geração dissidente, em especial os ativistas dos direitos humanos, acabariam por se revelar filhos ou parentes das vítimas de Stalin. Os gêmeos Medvedev, Zhores e Roy, estão entre os exemplos mais famosos. O historiador Roy tornou-se um dos mais conhecidos publicistas clandestinos da União Soviética; Zhores foi um cientista dissidente, que por isso foi trancado num hospital psiquiátrico. Eles eram filhos de um "inimigo do povo": seu pai havia sido preso quando eles ainda eram crianças.[2340]

Havia outros. Em 1967, 43 filhos de comunistas, todos vítimas da repressão de Stalin, enviaram uma carta aberta ao Comitê Central, alertando para a ameaça do neo-stalinismo. A carta, a primeira de uma série de missivas de protesto encaminhadas às autoridades, continha o nome de vários editores clandestinos e líderes dissidentes, muitos dos quais logo estariam na prisão também: Pyotr Yakir, filho do general Yakir; Anton Antonov-Ovseenko, filho do bolchevique revolucionário; e Larisa Bogoraz, cujo pai tinha sido preso por atividade trotskista em 1936. Ao que parecia, a experiência familiar com os campos podia ser suficiente para tornar radicais os membros mais jovens.[2341]

Se os prisioneiros tinham mudado, o mesmo aconteceu com alguns aspectos do sistema legal. Em 1960 - o ano que costuma ser lembrado como o apogeu do Degelo - um novo código criminal foi promulgado. Sem dúvida, o novo código era mais liberal. Ele abolia os interrogatórios noturnos e limitava os poderes da KGB (que conduzia as investigações policiais) e do MVD (que administrava o sistema prisional). Ele garantia mais independência aos promotores e, acima de tudo, abolia o odiado Artigo 58.[2342]

Algumas mudanças foram imediatamente consideradas uma simples camuflagem, alterações lingüísticas e não mudança de fato. "Você está enganado", o romancista Yuli Daniel escreveu alguns anos depois, numa carta que conseguiu contrabandear para um amigo. "Você está enganado se pensou que eu estava na prisão. Eu era 'mantido em isolamento investigativo', portanto não fui jogado na cadeia, mas 'instalado num local de castigo'. E isso não foi feito por carcereiros, mas por 'controladores', e esta carta não está sendo enviada de um campo de concentração, mas de uma 'instituição'."[2343]

Daniel tinha razão em outra coisa: se o governo quisesse prender alguém como suspeito de pensar diferente, ainda podiam fazê-lo. No lugar do Artigo 58, o código criou o Artigo 70, que regulava a "Agitação e Propaganda Anti-Soviética", e o Artigo 72, sobre "Atividade Organizacional de Crimes Especialmente Perigosos contra o Estado e Também a Participação em

---

[2339] Comissão sobre o Judiciário (Testemunho de Avraham Shifter).
[2340] R. Medvedev, p. ix.
[2341] Sobranie dokumentov samizdata, AS 143. (Esta é uma coleção de documentos samizdat reunidos por RFE-RL a partir de 1965. Os documentos não foram "publicados" mas, pelo contrário, fotocopiados, encadernados, numerados e colocados em umas poucas bibliotecas.)
[2342] Prisoners of Conscience in the USSR, pp. 18-23.
[2343] Sobranie dokumentov samizdata, AS 127.

Organizações Anti-Soviéticas". Além disso, as autoridades acrescentaram o Artigo 142, sobre "Violação da Lei e Separação entre Igreja e Estado". Em outras palavras, se a KGB quisesse prender alguém por sua religião, ainda havia formas.[2344]

Mas nem tudo continuou como antes. Na era pós-stalinista, as autoridades - os promotores, os guardas dos campos, os carcereiros - estavam muito mais sensíveis às aparências e tentavam de fato transmitir uma imagem de legalidade. Por exemplo, quando a linguagem utilizada na redação do Artigo 70 se mostrou frouxa demais para condenar todos aqueles que as autoridades achavam necessário colocar atrás das grades, acrescentaram ao código o Artigo 190-1, que proibia a "disseminação oral de maquinações deliberadas para desacreditar o sistema político e social da União Soviética". O sistema judicial devia parecer um sistema judicial, mesmo que todos soubessem que se tratava de uma impostura.[2345]

Numa clara reação ao antigo sistema de tróicas e comissões especiais, a nova lei estipulava que as prisões tinham de ser julgadas num tribunal de justiça. E isso acabou se tornando um inconveniente muito maior do que o previsto.

Embora Joseph Brodsky não tenha sido condenado pelas novas leis antidissidentes, seu julgamento anunciou os novos tempos que estavam a caminho. O simples fato de que tenha sido realizado já era uma novidade: no passado, as pessoas que irritaram o Estado só tiveram um julgamento público em casos pré-combinados, para exibição, se é que foram mesmo julgadas. E o mais importante é que a própria postura de Brodsky no julgamento já era uma prova de que ele pertencia a uma geração diferente da de Soljenitsin e da geração de presos políticos do passado recente.

Certa vez Brodsky escreveu que sua geração havia sido "poupada" da experiência de doutrinação por que passaram as pessoas apenas alguns anos mais velhas. "Nós surgimos do entulho do pós-guerra, quando o Estado estava preocupado demais em remendar a própria pele e não podia cuidar de nós muito bem. Entramos na escola, e a despeito da bobajada nobre que nos ensinaram por lá, o sofrimento e a pobreza eram visíveis à nossa volta. Não se esconde uma ruína com uma página do Pravda."[2346]

Se fossem russos, os integrantes da geração de Brodsky teriam chegado à crítica do statu quo soviético por meio do gosto artístico ou literário, que não podiam ser expressos na União Soviética de Brejnev. Se fossem bálticos, caucasianos ou ucranianos, o mais provável é que tivessem chegado a ela graças ao nacionalismo herdado dos pais. Brodsky era o clássico dissidente de Leningrado. Ele rejeitou a propaganda soviética ainda muito pequeno e abandonou a escola aos quinze anos. Teve uma série de empregos temporários e começou a escrever poesia. Quando tinha vinte e poucos anos já era bem conhecido no meio literário da cidade. A velha Akhmatova fez dele seu protegido. Seus poemas circulavam entre os amigos e eram lidos em voz alta em encontros literários secretos, outra característica dos novos tempos.

Confio era de se esperar, toda essa atividade não oficial atraiu a atenção da

---

[2344] Prisoners of Conscience in the USSR, pp. 18-23.
[2345] Reddaway, Uncensored Russia, p. 11.
[2346] Joseph Rrodsky, pp. 26-27.

polícia secreta. Primeiro, Brodsky foi hostilizado; depois, preso. A acusação era de "parasitismo": como Brodsky não era um poeta licenciado pelo Sindicato dos Escritores, foi considerado vadio. No julgamento, realizado em fevereiro de 1964, o Estado apresentou testemunhas, na maioria desconhecidas de Brodsky, que afirmaram que ele era "moralmente depravado, que fugira do serviço militar e que escrevia versos anti-soviéticos". Em sua defesa havia cartas e discursos de poetas e escritores famosos, inclusive de Akhmatova, aos quais as testemunhas da promotoria responderam iradas:

Eles não passam de amigos extravagantes tocando todos os sinos e exigindo "Salvem esse jovem!". Mas ele deveria ser tratado com trabalho forçado, e ninguém o ajudaria, nenhum amigo extravagante. Não o conheço pessoalmente, só pelos jornais. E estou familiarizado com certidões. Tenho dúvidas sobre as certidões que o liberaram do serviço militar. Não sou médico, mas tenho dúvidas.[2347]

Visivelmente, aquele não era o julgamento de Brodsky apenas, mas dos remanescentes da classe intelectual independente, de sua suposta oposição às autoridades soviéticas e de seu desprezo pelo "trabalho duro". E, num certo sentido, os organizadores do julgamento acertaram um alvo: Brodsky realmente se opunha às autoridades soviéticas; realmente desprezava o trabalho inútil, estéril; e ele realmente representava uma classe alienada, um grupo de pessoas profundamente frustradas com a repressão que se seguiu ao Degelo. Como sabia disso muito bem, Brodsky não ficou surpreso com a prisão nem desconcertado com o julgamento. Em vez disso, discutiu com o juiz:

> Juiz: Qual é a sua profissão? Brodsky: Sou poeta.
>
> Juiz: Quem o reconhece como poeta? Quem lhe deu autoridade para se intitular poeta?
>
> Brodsky: Ninguém. Quem me deu autorização para lazer parle da raça humana?
>
> Juiz: Estudou para isso? Brodsky: Para quê?
>
> Juiz: Para ser poeta. Por que não continua os estudos numa escola onde podem prepará-lo, onde pode aprender?
>
> Brodsky: Não acho que se possa aprender poesia.
>
> Juiz: Como assim?
>
> Brodsky: Acho que ela é [...] um dom de Deus.

Depois, quando lhe perguntaram se tinha alguma petição a apresentar ao tribunal, Brodsky respondeu "Gostaria de saber por que estou preso". O juiz respondeu "Isso é uma pergunta, não uma petição". E Brodsky retrucou "Nesse caso, não tenho petições".[2348]

2349

[2347] Rothberg, pp. 127-33.
[2348] Hoover, Coleção Josef Brodsky, Transcrito do Julgamento de Brodsky.
[2349] Ibid.

Tecnicamente, Brodsky perdeu a briga: o juiz condenou-o a cinco anos de trabalho pesado numa colônia penal perto de Arkhangelsk, sob o argumento de que ele havia "sistematicamente deixado de cumprir suas obrigações como cidadão soviético, que não tinha produzido nada de valor material, que não era capaz de se sustentar, como comprovavam as mudanças constantes de emprego". Citando afirmações feitas pela Comissão de Trabalho com Jovens Poetas, o juiz também declarou que Brodsky - que viria a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura - "não era poeta".

Ainda assim, de certo modo Brodsky "venceu", algo que a geração anterior de prisioneiros russos não teria conseguido. Ele não apenas desafiou a lógica do sistema legal soviético em público, mas também registrou esse desafio para a posteridade. Sub-repticiamente, um jornalista fez anotações durante o julgamento, e estas acabaram sendo contrabandeadas para o Ocidente. Graças a isso, Brodsky tornou-se logo famoso, na Rússia e no exterior. Além de se tornar um modelo a ser seguido por outros, sua postura no tribunal também influenciou escritores russos e estrangeiros a entrar com petições de soltura. Dois anos depois, ele foi solto e, ao final, acabou expulso da União Soviética.

Nada parecido aconteceu quando Stalin estava vivo. "Como sempre, as pessoas são jogadas atrás das grades e transportadas para o leste", escreveu pouco depois Valentyn Moroz, um historiador ucraniano dissidente. "Desta vez, porém, eles não afundaram no desconhecido."[2350] Seria essa, afinal, a grande diferença entre os prisioneiros de Stalin e os de Brejnev e Andropov: o mundo sabia de sua existência, importava-se com eles e, acima de tudo, podia influir em seu destino. No entanto, o regime soviético não estava se tornando mais liberal, e as conseqüências do julgamento de Brodsky não demoraram a aparecer.

Assim como 1937 foi um ano especial de perseguição à intelligentsia da era stalinista, 1966 foi um ano especial para a geração do Degelo. Em 1966, já era claro que os neo-stalinistas haviam triunfado. A reputação de Stalin como líder falho mas ainda assim admirável tinha sido oficialmente restaurada. Joseph Brodsky estava em um campo de trabalho. Soljenitsin era um escritor banido. Khrutchev fora deposto e substituído por Leonid Brejnev, que se manifestou abertamente no sentido de reconstruir a reputação de Stalin.[2351] Em um ano, Yuri Andropov, que tinha acabado de ser nomeado presidente da KGB, faria um discurso pelo qüinquagésimo aniversário da fundação da Cheka. Ele exaltaria a polícia secreta, entre outras coisas, por sua "luta implacável contra os inimigos do Estado".[2352]

Em fevereiro de 1966, Andrei Sinyavsky e Yuli Daniel também foram a julgamento. Ambos eram escritores conhecidos, com trabalhos publicados no exterior, e ambos foram declarados culpados, nos termos do Artigo 70, por agitação e propaganda anti-soviética. Sinyavsky foi condenado a sete anos de trabalho forçado; Daniel foi condenado a cinco.[2353] Essa foi a primeira vez em que alguém foi condenado não por vadiagem, mas pelo conteúdo de seu trabalho literário. Um mês depois, sob sigilo significativamente maior, mais de

---

[2350] Browne, p. 3.
[2351] Cohen, p. 42; Reddaway, Uncensored Russia, p.19.
[2352] Hopkins, pp. 1-14.
[2353] Prisoners of Conscience in the USSR, p. 21.

duas dezenas de intelectuais ucranianos foram a julgamento em Kiev. Um deles foi acusado, entre outras coisas, de possuir uma cópia de poema do século XIX do poeta Taras Shevchenko, que dá nome a ruas em Moscou e Kiev. Como o poema havia sido impresso sem o nome do autor, os "especialistas" soviéticos classificaram-no de poema anti-soviético de autor desconhecido.[2354]

Seguindo um padrão que logo se tornaria comum, esses julgamentos geravam outros, pois, sentindo-se insultados, outros intelectuais começaram a usar o jargão legal e a constituição soviética para criticar o sistema jurídico e a polícia do país. O caso de Sinyavsky e Daniel, por exemplo, causou profunda impressão em outro jovem moscovita, Aleksandr Ginzburg, que já atuava nos círculos culturais "não oficiais". Ele compilou uma transcrição do julgamento Sinyavsky-Daniel, o "Livro Branco" e distribuiu-a em Moscou. Logo depois, Gizburg foi preso com três supostos colaboradores.[2355]

Mais ou menos na mesma época, os julgamentos de Kiev impressionaram um jovem advogado ucraniano, Vyacheslav Chornovil. Ele compilou um dossiê do sistema judicial da Ucrânia, apontou suas principais contradições e demonstrou a ilegalidade e o absurdo das prisões realizadas no país.[2356] Em pouco tempo ele foi preso.[2357] Dessa maneira, um movimento intelectual e cultural iniciado por escritores e poetas transformou-se num movimento pelos direitos humanos.

Para colocar o movimento soviético pelos direitos humanos em contexto, é importante observar que os dissidentes da União Soviética jamais começaram como uma organização de massas, como os colegas poloneses, e não podem receber todo o crédito pela derrocada do regime soviético: a corrida armamentista, a guerra contra o Afeganistão e o desastre econômico produzido pelo planejamento central tiveram papel equivalente. Eles tampouco conseguiram organizar mais que um punhado de manifestações públicas. Uma das mais famosas - realizada em 25 de agosto de 1968 em protesto contra a invasão soviética da Tchecoslováquia - contou com apenas sete pessoas. Ao meio-dia, os sete se reuniram em frente à Catedral de São Basílio, na Praça Vermelha, desfraldaram bandeiras tchecas e estenderam faixas com slogans como "Vida longa à Tchecoslováquia independente", "Não se meta, Tchecoslováquia, pela sua liberdade e pela nossa". Em alguns minutos um apito soou e agentes da KGB à paisana investiram contra os manifestantes, a quem pareciam estar esperando, aos gritos de "São todos judeus!" e "Batam nos anti-soviéticos!". Rasgaram as faixas, espancaram os manifestantes e levaram todos para a cadeia, exceto um - ela estava com o filho de três anos.[2358]

Por menores que fossem, porém, esses esforços causavam um grande problema para os líderes soviéticos, em especial devido ao compromisso renovado de disseminar a revolução e da conseqüente - e obsessiva - preocupação com a imagem internacional da União Soviética. No tempo de Stalin, a repressão em massa podia ser ocultada até durante a visita de um

---

[2354] Browne, p. 9.
[2355] Litvinov, The Trial of  the Four, pp. 5-11.
[2356] Browne, p.13.
[2357] Trinta anos depois, Chornovil, então uma figura proeminente no movimento pela independência ucraniana, tornou-se o primeiro embaixador no Canadá da Ucrânia independente. Antes que ele partisse, eu o entrevistei em Lvov, em 1990.
[2358] Reddaway, Uncensored Russia, pp. 95-111.

vice-presidente americano. Nas décadas de 1960 e 1970, a notícia de uma única prisão dava a volta ao mundo da noite para o dia.

Em parte isso aconteceu graças à melhoria da comunicação de massa, à Voz da América, à Rádio Liberdade e à televisão. Em parte, graças ao fato de os cidadãos soviéticos terem descoberto novos meios de transmitir as notícias. Pois 1966 também trouxe outro marco: o nascimento do termo "samizdat. Acrônimo que lembrava deliberadamente "Gosizdat, ou "Editora Estatal", "samizdat significa "auto-editora" e se refere figurativamente à imprensa clandestina. O conceito não era novo. Na Rússia, a samizdat era tão antiga quanto a escrita. Nos anos 1820, Pushkin distribuiu confidencialmente manuscritos de seus poemas mais politizados. Mesmo nos anos de Stalin, histórias e poemas circulavam entre amigos.

Mas depois de 1966, a samizdat virou passatempo nacional. O Degelo havia dado a muitos soviéticos o gosto por uma literatura mais livre, e no início a samizdat foi um fenômeno literário.[2359] Rapidamente, porém, ela passou a ter um caráter mais político. Um relatório da KGB que circulou entre os integrantes do Comitê Central em janeiro de 1971 analisava as mudanças ocorridas nos cinco anos anteriores, observando que havia descoberto

> mais de quatrocentos estudos e artigos sobre economia, política e filosofia que criticavam por vários ângulos a experiência histórica da construção socialista da União Soviética, reviam as políticas interna e externa do Partido Comunista e propunham vários programas oposicionistas.[2360]

O relatório concluía que a KGB teria de trabalhar na "neutralização e na denúncia das tendências anti-soviéticas apresentadas na samizdat". Mas era tarde demais para colocar o gênio de volta na garrafa, e a samizdat continuou a se expandir sob várias formas: poemas datilografados passados de amigo em amigo e redatilografados sempre que possível; boletins manuscritos; transcrições das transmissões da Voz da América; e, muito depois, livros e periódicos produzidos profissionalmente em composições tipográficas clandestinas, com freqüência localizadas na Polônia comunista. Poesias e canções-poemas compostas pelos bardos russos - Aleksandr Galich, Bulat Okudzhava, Vladimir Vysotsky - também se espalharam com rapidez por meio de uma nova tecnologia, o gravador de fita cassete.

Ao longos das décadas de 1960, 1970 e 1980, um dos temas importantes da samizdat foi a história do stalinismo - inclusive a história do Gulag. As redes da samizdat continuaram a imprimir e distribuir cópias dos trabalhos de Soljenitsin, que a essa altura já tinham sido banido do país. As histórias e poemas de Varlam Shalamov também começaram a circular clandestinamente, assim como as memórias de Evgeniya Ginzburg. Os dois autores começaram a atrair grandes grupos de admiradores. Ginzburg tornou-se o centro de um círculo de sobreviventes do Gulag e de figurinhas literárias de Moscou.

---

[2359] Ibid., p.19.

[2360] Info-Runs, #0044 (ver Arquivos em Bibliografia). Foi aqui que Vladimir Bukovsky colocou os documentos que obteve enquanto realizava pesquisa para o julgamento do Partido Comunista, descrito posteriormente neste livro. Os documentos mais tarde se tornaram assunto de seu livro de 1996, Moskovskii protsess, publicado em francês e em russo. Alguns estão também arquivados em Hoover, Conjunto 89.

O outro tema importante da samizdat era a perseguição aos dissidentes. De fato, foi graças à samizdat - em particular à sua distribuição no exterior - que os defensores dos direitos humanos ganharam, nos anos 1970, um fórum internacional muito mais amplo. Em especial, os dissidentes aprenderam a utilizar a samizdat não apenas para ressaltar as incoerências entre o sistema legal da URSS e os métodos da KGB, mas também a apontar, com freqüência e estridência, a lacuna entre os tratados de direitos humanos assinados pelo país e sua prática. Os textos preferidos eram a Declaração dos Direitos Humanos da ONU e o Tratado de Helsinki. A primeira foi assinada pela URSS em 1948 e continha, entre outras coisas, uma cláusula conhecida como Artigo 19:

> Todos têm o direito à liberdade de opinião e de expressão; esse direito inclui a liberdade de sustentar opiniões sem interferências e de receber e transmitir informações e idéias através de qualquer meio, independentemente de fronteiras.[2361]

O último foi o resultado final de um processo de negociações que envolveu toda a Europa e resolveu várias questões políticas deixadas em aberto desde o final da Segunda Guerra Mundial. Embora poucos tenham notado na época de sua assinatura, em 1976, o Tratado de Helsinki continha alguns acordos sobre direitos humanos (parte da chamada "Cesta Três" de negociações). Entre outras coisas, o tratado reconhecia a "liberdade de pensamento, consciência e crença":

> Os Estados participantes reconhecem o significado universal dos direitos humanos e das liberdades fundamentais [...] respeitarão constantemente esses direitos e essas liberdades em suas relações mútuas e se empenharão, juntos e isoladamente - inclusive em cooperação com as Nações Unidas -, em promover seu respeito universal e efetivo.

Tanto dentro como fora da URSS, a maior parte das informações sobre os esforços dos dissidentes para promover os termos desses tratados veio do jornal interno da samizdat soviética: Crônica dos acontecimentos atuais. Esse boletim, dedicado ao registro neutro de notícias não publicadas por outros meios - violações dos direitos humanos, prisões, julgamentos, manifestações, novas publicações samizdat -, foi fundado por um pequeno grupo de conhecidos em Moscou, inclusive Sinyavsky, Daniel, Ginzburg e dois dissidentes que se tornariam famosos mais tarde, Pavel Litvinov e Vladimir Bukovsky. A evolução do Crônica vale por si só um livro do tamanho deste. Na década de 1970, a polícia secreta conduziu uma verdadeira guerra contra o Crônica, organizando buscas coordenadas na casa de todos os suspeitos de manter relações com o jornal: numa cena memorável, um editor jogou um maço de papéis num caldeirão de sopa enquanto a KGB revistava o apartamento. Mas o Crônica sobreviveu à prisão de seus editores e conseguiu chegar ao Ocidente. Ao final, a Anistia Internacional publicaria traduções regulares.[2362]

O Crônica também desempenhou um papel especial na história dos campos. Rapidamente, ele se tornou a principal fonte de informações sobre a vida nos campos soviéticos pós-stalinistas. Ele tinha uma sessão regular, "Por dentro

---

[2361] Reddaway, Uncensored Russia, p. 24.
[2362] Ibid., pp. 1-47; também Chronicle of Current Events.

das prisões e dos campos" (e, mais tarde, "Por dentro das solitárias"), que trazia notícias e entrevistas coro prisioneiros. Esses relatos surpreendentemente precisos dos acontecimentos nos campos - a doença de vários dissidentes, as mudanças de regime, os protestos organizados - enlouqueceram as autoridades: eles não conseguiam entender como as informações vazavam. Anos depois, um dos editores explicou:

> Algumas [informações] eram trazidas quando um companheiro era solto. Alguém faria um contato em algum lugar após a libertação. Ou então eles subornavam os guardas, que permitiam que eles passassem informações orais e por escrito quando recebiam a visita da família. Os parentes paravam em Moscou e passavam as notícias adiante. Era possível subornar os guardas da Mordóvia, por exemplo. Esses [os campos políticos da Mordóvia] eram campos novos, organizados em 1972, e os guardas eram todos novos. De vez em quando eles passavam bilhetes, quando se solidarizavam com a situação. Houve uma greve de fome em massa ali em 1974, e quando viram aquilo, os guardas foram compreensivos.
>
> Também se podia corromper os guardas. Eles não ganhavam muito. Não tinham muito. Vinham de lugares provincianos. Bastava, por exemplo, pegar alguma coisa em Moscou - um isqueiro - e subornar um guarda. Ou então ele dava um endereço. O suborno - mercadorias ou dinheiro - era dado em troca de ele passar informações [...][2363]

Havia também métodos de escamoteamento. Um ex-prisioneiro descreve um deles:

> Eu escrevo meu último poema em tirinhas de 4 centímetros de largura de papel de cigarro [...] Essas tirinhas são então enroladas na forma de um tubo pequeno (mais fino que o seu dedo), seladas e protegidas contra a umidade através de um método inventado por nós, e, quando uma oportunidade se apresenta, são passadas adiante.[2364]

Fossem quais fossem os métodos - escamoteamento, suborno, bajulação -, as informações que o Crônica conseguiu extrair dos campos são significativas até hoje. No momento em que eu escrevia este livro, a maior parte dos arquivos pós-stalinistas do MVD e da KGB permanecia fechada aos pesquisadores. Porém, graças ao Crônica, às outras publicações da samizdat, às publicações sobre direitos humanos e às muitas, muitas memórias que descrevem os campos nas décadas de 1960, 1970 e 1980, é possível formar uma imagem consistente de como era a vida nos campos soviéticos após a morte de Stalin.

> "Hoje em dia, os campos para prisioneiros políticos são tão horríveis quanto no tempo de Stalin. Algumas coisas estão melhores, outras estão piores [...]"

Assim começam as memórias de Anatoly Marchenko dos seus anos de prisão, um documento que, tão logo começou a circular em Moscou, no final dos anos 1960, chocou a intelligentsia da cidade, que acreditava que os campos de trabalho tinham sido fechados para sempre. Operário e filho de pais iletrados,

---

[2363] Hopkins, p. 122.
[2364] Ratushinskaya, p. 67.

Marchenko foi preso pela primeira vez por vandalismo. A segunda prisão foi por traição: ele tentou fugir da União Soviética pela fronteira com o Irã. Foi condenado a cumprir a pena política em Dubravlag, Mordóvia, um dos dois famigerados campos políticos de regime severo.

Vários elementos da prisão de Marchenko teriam soado familiares às pessoas acostumadas a ouvir as histórias dos campos de Stalin Como os que o precederam, Marchenko dirigiu-se à Mordóvia num vagão Stolypin. Como os que o precederam, recebeu um pãozinho, 50 gramas de açúcar e um aranque salgado, que deviam durar a viagem toda. Corno os que o precederam, descobriu que o acesso à água dependia do soldado que estivesse tomando conta do trem: "Se for um dos bons, trará duas ou três chaleiras, mas se for um daqueles que pouco se importa, você morre de sede".[2365]

Chegando ao campo, Marchenko encontrou a mesma fome generalizada, se não inanição, que teria havido no passado. A norma diária de comida continha 2.400 calorias: 750 gramas de pão, 30 gramas de legumes em geral podres, 90 gramas de bacalhau geralmente estragado, 60 gramas de carne. Já os cães que guardavam os prisioneiros recebiam quase meio quilo de carne. Como rio passado, nem toda a ração de Marchenko terminava em seu prato, e havia poucos extras. "Nos seis anos que passei no campo e na cadeia, comi pão com manteiga duas vezes, quando tinha visitas. Também comi dois pepinos - um em 1964 e outro em 1966. Não comi tomate nem maçã uma única vez."[2366]

Até certo ponto, o trabalho ainda importava, embora fosse um tipo diferente de trabalho. Marchenko exercia as funções de carregador e carpinteiro. Leonid Sitko, também em Dubravlag nessa época, fabricava móveis.[2367] As prisioneiras dos campos da Mordóvia trabalhavam em fábricas, em geral nas máquinas de costura.[2368] Já os prisioneiros de outro complexo de campos, perto da cidade de Perm, no sopé dos Urais, também trabalhavam com madeira. Os que ficavam confinados em solitárias, como era comum na década de 1980, costuravam luvas e uniformes.[2369]

Com o tempo, Marchenko também descobriu que as condições se deterioravam lentamente. Em meados dos anos 1960, havia pelo menos três categorias de presos: os privilegiados, os comuns e os que viviam sob regime estrito. Em pouco tempo o último grupo - que incluía todos os dissidentes políticos mais "sérios" - voltou a usar uniformes de algodão preto em vez das próprias roupas. Embora pudessem receber um número ilimitado de cartas, além de material impresso (se fossem de origem soviética), podiam enviar apenas duas cartas por mês. Se estivessem sob regime rígido, não podiam receber nem comida nem cigarros. Marchenko cumpriu pena como prisioneiro comum e político, e sua descrição do mundo do crime soa familiar. Para dizer o mínimo, a cultura criminosa tinha se tornado mais abjeta e degradada desde a morte de Stalin. Na esteira da guerra dos mafiosos dos anos 1940, os criminosos de carreira se dividiram em mais facções. Zhenya Fedorov, ex-prisioneiro encarcerado por roubo em 1967, descreve vários grupos - não apenas "cachorros" e "mafiosos", mas também svoyaki, que eram aprendizes

---

[2365] Marchenko, My Testimony, p.17.
[2366] Ibid., pp. 220-27.
[2367] Sitko, entrevista com a autora.
[2368] Ratushinskaya, pp. 60-62.
[2369] Víktor Shmirov, conversa com a autora, 31 de março de 1998.

dos mafiosos, e os "chapéus vermelhos", mafiosos que seguiam a própria lei, provavelmente descendentes intelectuais dos "chapéus vermelhos" que surgiram nos campos depois da guerra. Alguns prisioneiros também se agruparam em "famílias", para se proteger e também com outras finalidades: "Quando alguém tinha de ser assassinado, 'as famílias' decidiam quem iria fazer o serviço", explicou Fedorov.[2370]

A violenta cultura de estupro e dominação homossexuais - visível anteriormente nas descrições das prisões juvenis - também desempenhavam agora um papel bem mais importante na vida criminosa. Regras não escritas passaram a dividir os criminosos em dois grupos: os que faziam o papel "feminino" e os que desempenhavam o papel "masculino". "Os primeiros eram desprezados por todos, enquanto os últimos andavam por aí como heróis, gabando-se de sua virilidade e de suas 'conquistas', não apenas entre si, mas também com os guardas", escreveu Marchenko.[2371] Segundo Fedorov, as autoridades cooperavam, mantendo os prisioneiros "sujos" em celas separadas. Qualquer um podia acabar lá: "se você perdesse nas cartas, podia ser abrigado a 'fazer' como mulher".[2372] Nos campos de mulheres, o lesbianismo era igualmente disseminado, e às vezes igualmente violento.

Tempos depois, uma prisioneira política escreveu sobre uma detenta que se recusara a receber a visita do marido e do filho pequeno de tanto que temia a represália da amante lésbica.[2373]

Os anos 1960 marcaram o início da epidemia de tuberculose nas prisões russas, um flagelo que sobrevive ainda hoje. Fedorov descreveu a situação da seguinte forma: "Se houvesse oitenta pessoas num alojamento, quinze tinham tuberculose. Ninguém tentava curá-los, só havia comprimido para dor de cabeça. Os médicos eram assim como homens da SS, nunca conversavam com a gente, nunca nos olhavam, não éramos ninguém".[2374]

Para piorar as coisas, muitos mafiosos estavam então viciados em chifr, um chá extremamente forte que produzia um efeito entorpecente. Outros faziam o impossível para conseguir álcool. Os que trabalhavam do lado de fora do campo desenvolveram um método para passá-lo pelos guardas:

> Um preservativo é hermeticamente preso a um tubo de plástico fino. O zek o engole, deixando uma ponta do tubo na boca. Para não engolir o tubo por acidente, ele o prende entre dois dentes: não deve existir um único zek com todos os 32 dentes. Então, com a ajuda de uma seringa, 3 litros de álcool são bombeados para dentro do preservativo - e o zek retorna ao campo. Se o preservativo ficar mal colado ao tubo ou se acontecer de ele estourar no estômago do zek, a morte é certa e dolorosa. Apesar disso, eles correm o risco: 3 litros de álcool dão 7 litros de vodca. Quando o "herói" volta à zona [...] ele é pendurado de cabeça para baixo numa viga do teto do alojamento, e a ponta do tubo plástico é segurada sobre uma travessa até cair a última gola. Então o preservativo vazio é puxado para fora [...]

---

[2370] Fedorov, entrevista com a autora.
[2371] Marchenko, My Testimony, p. 349.
[2372] Fedorov, entrevista com a autora.
[2373] Ratushinskaya, pp. 174-75.
[2374] Fedorov, entrevista com a autora.

A prática da automutilação também era disseminada, só que agora ela assumia formas extremas. Uma vez, na cela de uma prisão, Marchenko viu dois mafiosos engolirem as colheres. Depois, quebraram uma vidraça e começaram a engolir os cacos de vidro, antes que os carcereiros conseguissem tirá-los dali.[2375] Edward Kuznetsov, condenado por ter participado da infame tentativa de seqüestrar um avião no aeroporto de Leningrado, descreveu dezenas de métodos de automutilação:

> Eu vi condenados engolindo enormes quantidades de pregos e arame farpado; vi-os engolindo termômetros de mercúrio, sopeiras de peltre (depois de fragmentá-las em pedaços "comestíveis"), peças de xadrez, dominós, agulhas, vidro moído, colheres, facas e muitos outros objetos semelhantes. Vi condenados costurando a boca e os olhos com linha ou arame, pregando botões no próprio corpo; ou pregando os testículos na cama [...] Vi condenados cortando a pele dos braços e das pernas e puxando-a como se fosse uma meia; vi condenados cortando pedaços da própria carne (da barriga ou da perna), assando-os e comendo-os; vi condenados abrindo uma veia e deixando-a pingar sobre uma sopeira, para depois molhar pedaços de pão no sangue e tomar tudo como se fosse uma sopa; vi condenados cobrindo-se de papel e ateando-se fogo; vi condenados cortando os dedos, o nariz, as orelhas, o pênis [...]

Kuznetsov disse que os condenados não faziam essas coisas para protestar, que não tinham nenhum motivo específico, ou que apenas queriam "ir para o hospital, onde as enfermeiras mexiam os quadris, onde obtinham a ração hospitalar, onde não eram obrigados a trabalhar, onde conseguiam drogas, comida, cartões postais". Entre eles também havia masoquistas "em permanente estado de depressão entre um corte e outro".[2376]

Indiscutivelmente, as relações entre os criminosos e os prisioneiros políticos também tinham mudado muito desde o tempo de Stalin. Às vezes os criminosos atormentavam ou espancavam os presos políticos: o dissidente ucraniano Valentyn Moroz ficou preso numa cela com criminosos que o mantinham acordado durante a noite e um dia o atacaram, cortando sua barriga com uma colher afiada.[2377] Mas também havia os criminosos que respeitavam os presos políticos, no mínimo por resistirem às autoridades, como Vladimir Bukovsky escreveu: "Eles costumavam nos pedir para contar por que estávamos presos e o que queríamos [...] a única coisa em que não conseguiam acreditar é que tivéssemos feito tudo a troco de nada e não de dinheiro".[2378]

Havia até criminosos que desejavam se juntar a eles. Acreditando que as prisões políticas eram mais "fáceis", alguns criminosos de carreira tentaram conseguir sentenças por crimes políticos. Escreviam denúncias de Khrutchev ou do Partido, recheadas de obscenidades, ou fabricavam "bandeiras americanas" com trapos e hasteavam-nas pelas janelas. No final dos anos 1970, era muito comum ver prisioneiros com tatuagens na testa: "Comunistas bebem o sangue das pessoas", "Escravo do Partido Comunista",

---

[2375] Marchenko, My Testimony, p. 68.
[2376] E. Kuznetsov, p.169.
[2377] Chronicle of Current Events, nº. 32, July 17,1974.
[2378] Bukovsky, To Builda Castle, p. 45.

"Bolcheviques, quero pão".[2379]

A mudança no relacionamento entre a nova geração de presos políticos e as autoridades era ainda mais profunda. Na era pós-Stalin, os presos políticos sabiam por que estavam na prisão, esperavam estar na prisão e já tinham decidido como iam se comportar: com oposição organizada. Já em fevereiro de 1968, um grupo de detentos de Potma - inclusive Yuli Daniel - entraram em greve de fome. Exigiam o relaxamento do regime de prisão; o fim do trabalho compulsório; a remoção das restrições à correspondência; e, num eco do início dos anos 1920, o reconhecimento do status especial de prisioneiros políticos.[2380]

A direção fez concessões - e depois, aos poucos, retirou-as. No entanto, a exigência dos presos políticos de serem separados dos criminosos seria atendida, ao menos porque a administração queria manter essa nova geração, suas demandas constantes e seu pendor para as greves de fome tão longe quanto possível dos criminosos comuns.

As greves eram freqüentes e disseminadas, tanto que, a partir de 1969, o Crônica contém um registro de protestos quase constantes. Nesse ano, por exemplo, os prisioneiros entraram em greve para exigir o restabelecimento de concessões feitas um ano antes; para protestar contra a proibição de visitas dos parentes; para protestar por que um dos seus foi colocado numa solitária; para protestar depois que outro foi proibido de receber um pacote da família; para protestar contra a transferência de um grupo do campo para a cadeia; e até mesmo para marcar o Dia Internacional dos Direitos Humanos, em 10 de dezembro.[2381] Mas 1969 não foi um ano incomum. Na década seguinte, greves de fome e de trabalho e outros tipos de protesto tornaram-se parte da paisagem na Mordóvia e em Perm.

As greves de fome, que assumiam a forma de protestos curtos, de um dia, e as contendas agoniantes com a direção chegaram a desenvolver um padrão enfadonho, como escreveu Marchenko:

> No começo, ninguém presta a menor atenção. Então, depois de vários dias - às vezes dez ou doze -, transferem os grevistas para uma cela reservada para eles e começam a alimentá-los artificialmente, por meio de tubos. Se o sujeito resiste, torcem o braço dele e colocam algemas. Esse procedimento costuma ser executado com mais brutalidade nos campos do que na cadeia - depois de alimentado à força uma ou duas vezes, você fica sem dentes [...][2382]

Em meados dos anos 1970, alguns dos "piores" prisioneiros políticos foram transferidos da Mordóvia e de Perm para prisões de segurança máxima - especialmente Vladimir, uma prisão de origem czarista na Rússia central -, onde se ocupavam quase exclusivamente da batalha contra as autoridades. O jogo era perigoso, e regras minto complexas foram criadas. O objetivo dos prisioneiros era afrouxar o regime e ganhar pontos, o que poderia ser relatado ao Ocidente via samizdat O objetivo da direção era domar os presos, fazê-los

---

[2379] Marchenko, MyTestimony, pp. 90-91; E. Kuznetsov, pp. 165-66.
[2380] Chronicle of Current Events, nu 6, fevereiro 1969, citado em Reddaway, Uncensored Russia, p. 207.
[2381] Chronicle of Current Events, ibid., citado em Reddaway, ibid., pp. 20-216.
[2382] Marchenko, My Testimony, p. 69.

dar informações, colaborar e, acima de tudo, retratar-se publicamente fato que sairia na imprensa soviética e repercutiria no exterior. Embora seus métodos tivessem alguma semelhança com a tortura praticada nos interrogatórios stalinistas, em geral eles envolviam mais pressão psicológica do que dor física. Natan Sharansky, um dos mais ativos prisioneiros do final dos anos 1970 e início dos anos 1980 (hoje político em Israel), descreveu o procedimento:

> Eles o convidam para uma conversa. Acha que nada depende de você? Ao contrário: eles explicam que tudo depende de você. Gosta de chá, café ou carne? Gostaria de ir comigo a um restaurante? Por que não? Vamos dar-lhe suas roupas e iremos. Se percebermos que você está no caminho da reabilitação, que está preparado para nos ajudar... como assim, não quer delatar seus amigos? Mas o que significa delatar? Você não percebe que tipo de nacionalista é esse russo (ou judeu, ou ucraniano, depende da situação) que cumpre pena com você? Não percebe como ele odeia os ucranianos (ou russos, ou judeus)?[2383]

No passado, a administração podia dar ou tirar privilégios e aplicar punições, em geral uma temporada numa solitária. Ela podia regular as condições de vida do prisioneiro fazendo alterações mínimas mas críticas no dia-a-dia, transferindo-o do regime comum para o regime severo e vice-versa - sempre, é claro, seguindo os regulamentos. Como Marchenko escreveu, "As diferenças entre os regimes poderiam parecer infinitesimais para quem não os experimentara na carne, mas para os prisioneiros elas eram enormes. No regime normal há rádio; no regime severo, não; no regime normal os presos têm uma hora de exercícios por dia; no regime severo, meia hora, e aos domingos, nada".[2384]

No final da década de 1970, o número de normas de comida havia diminuído para dezoito, de 1A a 9B, cada uma com uma quantidade específica de calorias (de 2.200 a 900) e alimentos. Os prisioneiros recebiam uma ou outra norma de acordo com mudanças mínimas no comportamento. A B9, a menor delas, era dada aos prisioneiros das solitárias e consistia num pedaço pequeno de pão, urna colher de kasha e uma sopa que deveria ter, mas nem sempre tinha, 200 gramas de batata e 200 gramas de repolho.[2385]

Os presos também podiam ser jogados em solitárias - a "geladeira -, a punição ideal do ponto de vista das autoridades. Era totalmente legal e, tecnicamente, não podia ser descrita como tortura. Seu efeito sobre os detentos era lento e cumulativo, mas como ninguém tinha pressa de terminar uma estrada através da tundra, isso não preocupava a direção. Essas celas não se comparavam a nada do que foi inventado pela NKVD de Stalin. Um documento de 1976, publicado pelo grupo de Helsinki em Moscou, descreve em detalhes as solitárias da prisão de Vladimir, das quais havia cerca de cinqüenta. As paredes das celas eram cheias de saliências e pontas de cimento. O chão era sujo e molhado. Numa cela, a janela quebrada fora substituída por jornais; em outras, foram bloqueadas com tijolos. O único lugar que havia para se sentar era um cilindro de cimento de cerca de 25 centímetros de diâmetro, com anéis de ferro. À noite traziam um catre de madeira, mas sem lençóis nem travesseiro. O prisioneiro tinha se de acomodar sobre tábuas nuas e ferro. As

---

[2383] Sharansky, p. 236.
[2384] Marchenko, My Testimony, p. 115; Tokes, p. 84.
[2385] Sharansky, p. 235; Ratushinskaya, pp. 165-78.

celas eram tão frias que os presos tinham dificuldade para dormir, até para se deitar. Em algumas, o "sistema de ventilação" trazia o ar do esgoto.[2386]

Para pessoas acostumadas a uma vida ativa, o pior de tudo era o tédio, como explicou Yuli Daniel:

> Semana após semana
> Se dissolvem na fumaça de cigarro
> Neste local curioso
> Tudo é sonho ou delírio [...]
>
> Aqui a luz não se apaga durante a noite
> Aqui a luz não chega durante o dia
> Aqui o silêncio, que a tudo preside,
> Tomou conta de mim.
>
> Podemos sufocar de ócio
> Ou bater a cabeça na parede,
> Semana após semana
> Se dissolvem na fumaça azul [...][2387]

As temporadas nas solitárias podiam durar indefinidamente. Em termos técnicos, os prisioneiros só podiam ser confinados por períodos de quinze dias, mas a direção contornava a questão tirando-os da cela por um dia e jogando-os lá novamente. Certa vez, Marchenko ficou numa solitária durante 48 dias. A cada vez que o período de quinze dias vencia, os guardas o deixavam sair por alguns minutos - o suficiente para lerem um diretriz confinando-o outra vez.53 No campo Perm [2388], um prisioneiro ficou no isolamento quase dois meses, e de lá foi levado ao hospital, enquanto outro foi mantido por 45 dias por se recusar a executar qualquer trabalho que não fosse a sua especialidade, metalurgia.[2389]

Vários presos jogados nas solitárias haviam cometido crimes ainda menos substanciais: quando as autoridades queriam dobrar alguém de verdade, distribuíam castigos duros pelas menores infrações. De 1973 a 1974, nos campos de Perm, dois prisioneiros foram privados do direito de receber visitas da família por "ficarem na cama durante o dia". Outro foi punido porque o pacote que recebera continha uma geléia que foi a preparada com álcool. Outros prisioneiros foram punidos ou repreendidos por andar devagar demais, ou por não usarem meias.[2390]

Às vezes, a pressão prolongada dava resultados. Aleksei Dobrovolsky, co-réu no julgamento de Aleksandr Ginzburg, "sucumbiu" bem cedo e, por escrito, solicitou permissão para testemunhar na rádio e contar toda a história de sua atividade dissidente "criminosa", a fim de impedir que os jovens seguissem o mesmo caminho perigoso.[2391] Pyotr Yakir também sucumbiu enquanto era investigado e "confessou" que inventara o que tinha escrito.[2392]

---

[2386] Sobranie dokumentov samizdata, AS 2598.
[2387] Daniel, p. 35.
[2388] Marchenko, My Testimony, pp. 65-69.
[2389] Sobranie dokumentov samizdata, AS 2598.
[2390] Chronicle of Current Events, nº 32, julho 1974.
[2391] Litvinov, The Trial of the Four, p. 17.
[2392] Reddaway e Bloch, p. 305; Yakir.

Outros morreram. Yuri Galanskov, outro co-réu no julgamento de Ginzburg, morreu em 1972. Havia desenvolvido úlceras enquanto esteve preso. Não tratadas, elas acabaram por matá-lo."[2393] Marchenko também morreu, em 1986, provavelmente em decorrência das drogas que recebeu enquanto estava em greve de fome.[2394] Vários outros prisioneiros faleceram - um se suicidou - durante greve de fome que durou um mês, no campo Perm 35, em 1974.[2395] Em 1985, Vasil Stus, poeta ucraniano e ativista dos direitos humanos, também morreu em Perm.[2396]

No entanto, os prisioneiros também opunham resistência. Em 1977, os presos políticos de Perm 35 descreveram como desafiavam a administração:

Fazíamos greve de fome com freqüência. Nas solitárias, nos vagões de traslado. Nos dias comuns, insignificantes, nos dias em que nossos camaradas morriam. Nos dias de atividade incomum na zona, nos dias 8 de março e 10 de dezembro, nos dias 1º de agosto e 8 de maio, em 5 de setembro. Fazíamos greve de fome com muita freqüência. Os diplomatas e os funcionários públicos assinavam novos acordos de direitos humanos, de liberdade de informação, de extinção da tortura... e nós fazíamos greve de fome, pois na URSS essas coisas não eram observadas.[2397]

Graças a esse empenho, o Ocidente sabia cada vez mais sobre o movimento dissidente - e os protestos se tornavam mais estridentes. Como conseqüência, alguns prisioneiros passaram a receber novo tipo de tratamento. Vladimir Bukovsky foi convidado a abandonar a Grã-Bretanha, onde morava havia quinze anos, desde que tinha sido expulso, e voltar para a Rússia (em troca de um comunista chileno preso). Bukovsky foi designado "especialista em tribunais" no "julgamento" do Partido Comunista, que ocorreu depois de o Partido contestar a tentativa do presidente Yeltsin de bani-lo. Ele chegou ao edifício do Tribunal Constitucional, em Moscou, carregando um laptop e um scanner manual. Confiante de que ninguém na Rússia tinha visto aquelas máquinas antes, ele se sentou e, com toda a calma, pôs-se a copiar todos os documentos que eram apresentados como prova. Somente quando estava quase no fim as pessoas à sua volta se deram conta do que ele fazia. Alguém gritou "Ele vai publicar, lá!". A sala ficou em silêncio. Nesse momento - "como num filme", Bukovsky contou depois - ele simplesmente fechou o laptop, encaminhou-se para a saída, dirigiu-se ao aeroporto e saiu da Rússia."[2398]

Graças a Bukovsky, sabemos, entre outras coisas, o que aconteceu na reunião do Politburo de 1967 realizada logo antes de sua prisão. Bukovsky ficou particularmente impressionado com o fato de muitos dos presentes sentirem que fazer acusações contra ele "causaria unia certa reação dentro e fora do país". Eles concluíram que seria um engano simplesmente deter Bukovsky, então propuseram interná-lo num hospital psiquiátrico.[2399] A era dos psikhushka - hospitais psiquiátricos especiais - começara.

---

[2393] Chronicle of Current Events, nº 28, dezembro 1972.
[2394] Comissão Européia de Segurança e Cooperação (Testemunho de Alexandr Shatravka e dr. Anatoly Koryagin).
[2395] Chronicle of Current Events, nº 33, dezembro 1974.
[2396] Viktor Shmirov, entrevista com a autora, 31 de março, 1998.
[2397] Sobranie dokumentov samizdata, AS 3115.
[2398] Bukovsky forneceu um relato de sua experiência em uma entrevista coletiva em Varsóvia em 1998. O texto está no site Info-Russ (ver Arquivos na Bibliografia).
[2399] Bukovsky, Moskovskiiprotsess, pp. 144-61.

A utilização dos hospitais psiquiátricos para prender dissidentes tinha um precedente. Em 1836, ao retornar da Europa Ocidental para São Petersburgo, o filósofo russo Potr Chadaev escreveu um ensaio em que criticava o regime do czar Nicolau I: "Contrariamente a todas as leis da comunidade humana", ele declarou no auge do regime imperial russo, "a Rússia se move na direção da própria escravidão e da escravidão dos povos vizinhos." A resposta de Nicolau foi prender Chadaev em casa. O czar tinha certeza, ele declarou, que assim que os russos percebessem que seu compatriota "sofria de desordem mental", eles o perdoariam.[2400]

Depois do Degelo, as autoridades voltaram a usar os hospitais psiquiátricos para prender os dissidentes - um política que trazia muitas vantagens para a KGB. Acima de tudo, ela ajudava a desacreditar os dissidentes, tanto no Ocidente quanto na URSS, desviava a atenção deles. Se essas pessoas não eram adversárias do governo, mas simplesmente loucas, quem poderia se opor à sua hospitalização?

Com grande entusiasmo, a comunidade psiquiátrica soviética participou da farsa. Para explicar o fenômeno da dissidência, eles se saíram com a definição de "esquizofrenia apática" ou "esquizofrenia rasteira". Segundo os cientistas, essa forma de esquizofrenia não deixava marcas no intelecto ou no físico, mas podia abranger quase todas as formas de comportamento tido como não social ou anormal. "Com muita freqüência, as pessoas com estrutura paranóide formam idéias sobre uma 'luta pela verdade e pela justiça'", escreveram dois professores soviéticos, ambos do Instituto Serbsky:

> Um traço característico das idéias superestimadas é a convicção do paciente de sua própria retidão, uma obsessão em afirmar seus "direitos" pisoteados, e o significado desses sentimentos para a personalidade do paciente. Eles tendem a utilizar os procedimentos jurídicos como plataforma para discursos e apelos.[2401]

Por essa definição, todos os dissidentes podiam ser classificados como loucos. O escritor e cientista Zhores Medvedev recebeu o diagnóstico de "esquizofrenia apática" acompanhada de "delírios paranóides de reformar a sociedade". Entre os sintomas estava a "personalidade dividida", já que era escritor e cientista. O diagnóstico de Natalya Gorbanevskaya, a primeira editora do Crônica, indicava esquizofrenia apática sem "sintomas definidos", mas que resultará em "alterações anormais de humor, vontades e pensamentos". O general Pyotr Grigorenko, dissidente do Exército Vermelho, foi dado como portador de uma condição psicológica "caracterizada pela presença de idéias reformistas, em especial sobre a reorganização do aparato estatal; além disso, superestimava a própria personalidade em proporções messiânicas".[2402] Em um relatório enviado ao Comitê Central, o comandante local da KGB também se queixava de ter em mãos um grupo de cidadãos com uma forma bem específica de doença mental: eles "tentam fundar novos 'partidos', organizações e conselhos, preparando e distribuindo planos para novas leis e programas".[2403] Dependendo das circunstâncias de sua detenção - ou da não-detenção - os prisioneiros classificados como mentalmente doentes eram enviados a várias

---

[2400] Reddaway e Bloch, pp. 48-49; Seton-Watson, pp. 257-58.
[2401] Bukovksy, To Build a Castle, p. 357.
[2402] Reddaway e Bloch, pp. 176, 140, e 107.
[2403] Info-Russ, #0202.

instituições. Alguns foram avaliados por médicos das prisões, outros por clínicos gerais. O Instituto Serbsky, cujo setor especial de diagnóstico, encabeçado nos anos 1960 e 1970 pelo doutor Danil Lunts, era o responsável pela avaliação dos infratores políticos. Via-se que o dr. Lunts, que examinou pessoalmente Sinyavsky, Bukovsky, Gorbanevskaya, Grigorenko e Viktor Nekipelov, entre muitos outros, tinha uma alta patente.[2404] De acordo com Nekipelov, ele vestia um uniforme azul com duas estrelas, "a insígnia de general das tropas do MVD".[2405] Alguns psiquiatras soviéticos refugiados alegariam que Lunts e outros médicos do instituto acreditavam sinceramente que os pacientes sofriam de doenças mentais. No entanto, a maioria dos presos políticos que o conheceu o descreveu como um oportunista que executava as ordens do MVD, em nada melhor que os médicos criminosos que realizaram experiências desumanas com os presos nos campos de concentração nazistas".[2406]

Se recebessem o diagnóstico de doença mental, os pacientes eram condenados a passar uma temporada num hospital, às vezes alguns meses, às vezes muitos anos. Os que tinham mais sorte eram enviados a um dos vários hospitais psiquiátricos comuns do país. Eles eram sujos e superlotados, e seus funcionários costumavam ser bêbados e sádicos. Ainda assim, os bêbados e os sádicos eram civis, e os hospitais comuns eram, em geral, menos controladores que as prisões e os campos. Os pacientes podiam escrever cartas com mais liberdade e recebiam visitas de pessoas de for a da família.

Por outro lado, os que eram tidos como "especialmente perigosos" eram despachados para "hospitais psiquiátricos especiais", que existiam em pouco número. Eles eram administrados diretamente pelo MVD. Seus médicos, como Lunts, faziam parte da hierarquia do MVD. Esses hospitais pareciam prisões, eram cercados por torres de vigia, arame farpado, guardas e cães. Uma fotografia do hospital psiquiátrico especial de Oryol tirada nos anos 1970 mostra os pacientes fazendo exercícios em um pátio interno em nada diferente do pátio de exercícios de uma prisão.[2407]

Tanto nos hospitais comuns quanto nos especiais o objetivo dos médicos era mais uma vez a retratação.[2408] Os pacientes que concordavam em renunciar às suas convicções, que admitiam que a doença mental levara-os a criticar o sistema soviético eram declarados saudáveis e libertados. Os que não se retratavam continuavam a ser considerados doentes e passavam por um "tratamento". Como os psiquiatras soviéticos não acreditavam na psicanálise, o tratamento consistia basicamente em drogas, eletrochoques e formas variadas de reclusão. Remédios cujo uso havia sido banido no Ocidente nos anos 1930 eram administrados rotineiramente, fazendo a temperatura dos pacientes subir a mais de 40 graus centígrados, causando-lhes dor e desconforto. Os médicos da prisão também prescreviam tranqüilizantes que provocavam vários efeitos colaterais, como rigidez física, lentidão, tiques e movimentos involuntários, para não falar da apatia e do alheamento.[2409]

[2404] Reddaway e Bloch, p. 226.
[2405] Nekipelov, p. 132.
[2406] Reddaway e Bloch, pp. 220-21; Nekipelov, p. 132.
[2407] Prisoners of Conscience in the USSR, p. 190; fotografia da p. 194.
[2408] Reddaway e Bloch, p. 214.
[2409] Prisoners of Conscience in the USSR, pp. 197-98.

Entre os outros tratamentos estavam as surras; a injeção de insulina, que causa um choque hipoglicêmico em quem não é diabético; e urna punição chamada "rolamento", que Bukovsky descreveu numa entrevista, em 1976: "Os pacientes eram colocados sobre grandes pedaços de lona molhada e enrolados dos pés à cabeça com tanta força que era difícil respirar; à medida que a lona secava, ela ficava cada vez mais apertada, e o paciente se sentia ainda pior".[2410] Outro tratamento, que Nekipelov presenciou no Instituto Serbsky, era a "punção lombar", a introdução de uma agulha na espinha do paciente. Aqueles que passavam por uma punção lombar eram deitados de lado, imóveis, com as costas besuntadas de iodo, durante vários dias.[2411]

Muitas pessoas foram atingidas. Sabe-se que em 1977, o ano em que Peter Reddaway e Sidney Block publicaram um amplo levantamento sobre o abuso psiquiátrico na União Soviética, pelo menos 365 pessoas sadias passaram por tratamento para a loucura, e com certeza houve centenas de outros casos.[2412]

Ainda assim, no final o encarceramento dos dissidentes nos hospitais não teve o resultado esperado pelo regime soviético. Acima de tudo, ele não desviou a atenção do Ocidente. Para começar, os horrores do abuso psiquiátrico provavelmente inflamaram ainda mais a imaginação do Ocidente do que as histórias dos campos e das prisões. Qualquer pessoa que tenha assistido a Um estranho no ninho podia imaginar muito bem um hospital psiquiátrico soviético. Mais do que isso porém, a questão do abuso psiquiátrico exercia apelo direto sobre um grupo articulado que se interessava profissionalmente pelo assunto: os psiquiatras ocidentais. A partir de 1971, ano em que Bukovsky contrabandeou mais de 150 páginas de documentos sobre o abuso, a questão tornou-se eterno tema de discussão de entidades como a Associação Psiquiátrica Mundial, a Real Faculdade de Psiquiatria, na Grã-Bretanha, e outras associações psiquiátricas nacionais e internacionais. Os grupos mais corajosos fizeram declarações públicas. E os que não o fizeram foram criticados pela covardia, o que gerou ainda mais publicidade ruim para a URSS.[2413]

O assunto acabou por galvanizar os cientistas soviéticos. Quando Zhores Medvedev foi condenado a um hospital psiquiátrico, muitos escreveram cartas de protesto à Academia de Ciência Soviética. Andrei Sakharov, físico nuclear que no final dos anos 1960 emergiu como líder moral do movimento dissidente, fez uma declaração pública de apoio a Medvedev num simpósio internacional no Instituto de Genética.

Soljenitsin, a essa altura já no Ocidente, escreveu uma carta aberta às autoridades soviéticas protestando contra a prisão de Medvedev. "Afinal", ele escreveu, "é hora de pensar com clareza: a prisão de livres-pensadores saudáveis é um assassinato espiritual."[2414]

Provavelmente, a atenção internacional teve um papel na decisão das autoridades de liberar vários prisioneiros, entre eles, Medvedev, que foi então expulso do país. Porém, alguns integrantes dos altos escalões da elite soviética

---

[2410] "Three Voices of Dissent", Survey, nº 77 (outono de 1970).
[2411] Nekipelov, p. 115.
[2412] Reddaway e Bloch, p. 348.
[2413] Ibid., pp. 79-96.
[2414] Ibid., pp. 178-80.

acharam que essa foi a resposta errada. Em 1976, Yuri Andropov então chefe da KGB, escreveu um memorando secreto em que descreveu com bastante precisão (se o tom falso e o anti-semitismo forem ignorados) as origens internacionais da "campanha anti-soviética":

> Dados recentes são um testemunho do fato de que a campanha tem as feições de uma ação anti-soviética cuidadosamente planejada [...] no presente momento, os que deram início à campanha tentam atrair associações psiquiátricas internacionais e nacionais, assim como especialistas de boa reputação, para a criação de um "comitê" pensado para monitorar a atividade dos psiquiatras em vários países, especialmente na URSS [...] Sob a influência de elementos sionistas, a Real Faculdade de Psiquiatria tem desempenhado um papel ativo na construção do sentimento anti-soviético.[2415]

Andropov descreveu com cuidado o empenho da Associação Psiquiátrica Mundial em denunciar a URSS e revelou um conhecimento bastante amplo de quais seminários internacionais haviam condenado a psiquiatria soviética. Respondendo ao memorando, o Ministério da Saúde soviético propôs o lançamento de uma maciça campanha publicitária antes do próximo congresso da associação. O ministério também propôs a preparação de documentos científicos para negar as acusações e a identificação de psiquiatras ocidentais "progressistas"que os corroborassem. Por sua vez, esses "progressistas" seriam convidados a visitar a União Soviética, onde fariam visitas a hospitais especialmente escolhidos. O ministério chegou até a sugerir o nome de alguns médicos.[2416]

Em outras palavras, em vez de deixar de usar a psiquiatria com finalidades políticas, Andropov se propunha a levar a história adiante. Não estava em sua natureza admitir erros na política soviética.

## 27. A DÉCADA DE 1980: DERRUBANDO ESTÁTUAS

*A base rachada da estátua está sendo destruída,*
*O aço da furadeira emite lamentos,*
*A mistura especial de cimento, mais dura,*
*Foi calculada para resistir a milênios [...]*

*Tudo que é feito pela mão do homem*
*Pode ser arruinado por ele.*
*Mas o mais importante é isto:*
*A pedra, na sua essência,*
*Jamais é boa ou má.*

Aleksandr Tvardovsky, "A base rachada da estátua"[2417]

Quando Yuri Andropov assumiu o cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista Soviético, em 1982, seu "castigo" para os elementos anti-sociais da

---

[2415] Info-Russ, #0204.
[2416] Ibid.
[2417] Reeditado em Reavey, pp. 8-9.

União Soviética já estava bem avançado. Ao contrário dos antecessores, Andropov sempre acreditou que os dissidentes, apesar de serem poucos, deveriam ser tratados como uma ameaça séria ao poder soviético. Gomo embaixador em Budapeste, em 1956, ele tinha visto como um movimento intelectual podia se transformar rapidamente numa revolta popular. Também acreditava que grande parte dos problemas da União Soviética - políticos, econômicos, sociais - poderia ser resolvida com uma punição maior: campos e prisões mais rigorosos, vigilância mais intensa e mais hostilidade.[2418]

Esses foram os métodos defendidos por Andropov como chefe da KGB de 1979 em diante, e esses foram os métodos que ele continuou seguindo durante o curto reinado como líder da União Soviética. Graças a Andropov, a primeira metade da década de 1980 é lembrada como o período mais repressivo da história soviética pós-stalinista. Era como se a pressão no interior do sistema tivesse de chegar ao ponto de saturação para ele sucumbir.

A partir do final de 1970, a KGB de Andropov fez um número imenso de prisões: sob sua direção, ativistas insubordinados recebiam freqüentemente novas sentenças quando já estavam terminando de cumprir sentenças antigas, como aconteceu na época de Stalin. A associação a um dos grupos de monitoramento de Helsinki - organizações de dissidentes que tentavam verificar se a União Soviética obedecia ao Tratado de Helsinki - tornou-se uma maneira fácil de acabar na prisão. Vinte e três membros do grupo de Moscou foram presos entre 1977 e 1979 e sete foram expulsos do país. Yuri Orlov, líder do grupo de Helsinki em Moscou, ficou na prisão durante metade da década de 1980.[2419]

Mas a prisão não era a única arma de Andropov. Como seu objetivo era, em primeiro lugar, impedir que as pessoas se juntassem aos movimentos dissidentes, a repressão foi muito mais abrangente. Até os suspeitos de simpatizar com os movimentos religiosos, de direitos humanos ou nacionalistas podiam perder tudo. Os suspeitos e seus cônjuges não eram apenas privados do emprego, mas também do status e das qualificações profissionais. Seus filhos perdiam o direito de freqüentar as universidades. As linhas telefônicas eram cortadas, o visto de permanência, cancelado; as viagens, restritas.[2420]

No final dos anos 1970, a multifacetada "medida disciplinar" de Andropov tinha conseguido dividir o movimento dissidente e seus defensores estrangeiros em grupos pequenos e sólidos, que muitas vezes suspeitavam uns dos outros. Havia ativistas de direitos humanos cujo destino era rigorosamente monitorado pela Anistia Internacional. Havia dissidentes batistas, cuja causa era apoiada pela Igreja Batista internacional. Havia dissidentes nacionalistas - da Ucrânia, da Letônia, da Lituânia e da Geórgia -, que eram apoiados pelos compatriotas no degredo. Os mesquetes e os tártaros da Criméia, deportados na época de Stalin, queriam o direito de voltar ao país.

No Ocidente, talvez o grupo mais proeminente de dissidentes fosse o de refuseniks, judeus soviéticos cujo direito de emigrar para Israel fora recusado. Sob os holofotes devido à emenda Jackson-Vanik, que, apresentada ao Congresso em 1975, condicionava o comércio entre os Estados Unidos e a

---

[2418] Beichman e Bernstam, pp. 145-89.
[2419] Prisoners of Conscience in the USSR, pp. 20 e 119; Alekseeva.
[2420] Beichman e Bernstam, p. 182.

União Soviética à questão da emigração, os refuseniks continuaram sendo uma preocupação para Washington até o final da União Soviética. No outono de 1986, no encontro que teve com Gorbatchev em Reikjavik, o presidente Reagan apresentou pessoal-mente ao líder soviético uma lista de 1.200 judeus soviéticos que desejavam emigrar.[2421]

Agora mantidos totalmente separados dos criminosos, todos esses grupos estavam bem representados nos campos e nas prisões soviéticas, onde se organizavam, como os presos políticos do passado de acordo com as causas que tinham em comum.[2422] Pode-se até dizer que, nessa altura, os campos serviam como um centro de relacionamento, quase uma escola de dissidentes, onde os prisioneiros políticos podiam encontrar pessoas com idéias semelhantes às suas. Às vezes, comemoravam os feriados nacionais uns dos outros - lituanos e letões, georgianos e armênios - e discutiam com entusiasmo qual país seria o primeiro a se libertar da União Soviética.[2423] Os contatos também passavam por várias gerações: bálticos e ucranianos tiveram a oportunidade de conhecer a geração anterior de nacionalistas, guerrilheiros anti-soviéticos que receberam penas de 25 anos e nunca foram libertados. Sobre os últimos, Bukovsky escreveu que como "a vida deles tinha parado quando tinham cerca de vinte anos", os campos de alguma maneira os preservaram. "Nos domingos ensolarados, eles ficavam ao sol com os acordeões e tocavam canções havia muito esquecidas em sua terra natal. Na verdade, viver nos campos era como ter entrado em um lugar além da morte."[2424]

Muitas vezes, a geração mais velha tinha problemas para compreender os compatriotas mais jovens. Homens e mulheres que lutaram com armas na floresta não entendiam os dissidentes que lutavam com pedaços de papel.[2425] Mas os mais velhos ainda inspiravam os jovens com seu exemplo. Esses encontros ajudavam a formar as pessoas que, no final da década, organizariam os movimentos nacionalistas que, por fim, ajudariam a destruir a União Soviética. Relembrando essa experiência, David Berdzenishvili, um ativista da Geórgia, contou-me que se sentia feliz por ter passado dois anos num campo de trabalho, nos idos de 1980, em vez de ter passado dois anos no exército soviético, na mesma época.

Se as redes de relações pessoais tinham se solidificado, o mesmo aconteceu com as ligações com o mundo exterior. Uma edição do Crônica de 1979 ilustra bem esse fato ao contar, entre outras coisas, o dia-a-dia nas celas de Perm 36:

> 13 de setembro: Zhukauskas encontrou um bicho branco na sopa.
>
> 26 de setembro: Ele achou um inseto preto de 1,5 centímetro na tigela. Essa descoberta foi imediatamente relatada ao capitão Nelipovich.
>
> 27 de setembro: Como castigo, a temperatura da cela 6 ficou em 12 graus centígrados. Foram distribuídos cobertores e calças acolchoadas. As salas dos guardas de plantão receberam aquecedores. De noite, a

---

[2421] Reagan, pp. 675-79.
[2422] Berdzenishvili, entrevista com a autora.
[2423] Ibid.
[2424] Bukovsky, To Build a Castle, p. 408.
[2425] Ibid.

> temperatura nas celas era de 11 graus.
>
> 1º de outubro: 11,5 graus.
>
> 2 de outubro: Colocaram um aquecedor de 500 watts na cela 6 (Zhukauskas, Gluzman, Marmus). De manhã e à tarde, a temperatura era de 12 graus. Pediram a Zhukauskas para assinar um documento que declarava que a sua produção era dez vezes menor. Ele se recusou [...]
>
> 10 de outubro: Balkhanov se recusou a servir como voluntário num encontro da Comissão de Educação no campo. Sob ordens de Nikomarov, ele foi levado à força.

E assim por diante.

A direção parecia incapaz de impedir que esse tipo de informação vazasse - ou de impedir que aparecesse nas estações de rádio ocidentais transmitidas na URSS. A prisão de Berdzenishvili, em 1983, foi anunciada pela BBC duas horas depois de ter ocorrido.[2426] Ratushinskaya e suas companheiras no campo feminino na Mordóvia enviaram a Reagan uma mensagem de congratulação pela vitória nas eleições. E ele a recebeu em dois dias. A KGB, escreveu ela com alegria, estava "do lado deles".[2427]

Essa habilidade parecia um tanto irrelevante para os estrangeiros que observavam pelo espelho o estranho mundo da União Soviética. Para todos os efeitos práticos, Andropov tinha ganhado o jogo. Uma década de hostilidades, confinamento e exílio reduziu e enfraqueceu o movimento dissidente.[2428] A maioria dos dissidentes conhecidos foi silenciada: em meados dos anos 1980, Soljenitsin se exilou no exterior, e Sakharov foi para o exílio interno na cidade de Gorki. Os policiais da KGB se plantaram diante da porta de Roy Medvedev, vigiando todos os seus movimentos. Na URSS, ninguém parecia notar essa luta. Em 1983, Peter Reddaway, na época o principal acadêmico ocidental especializado na dissidência soviética, escreveu que os grupos dissidentes “tinham feito pouquíssimo progresso entre a massa de pessoas comuns no coração da Rússia".[2429]

Os asseclas e os carcereiros, os médicos trapaceiros e a polícia secreta pareciam seguros em suas profissões. Mas o terreno em que pisavam era movediço. Como se soube depois, a intolerância de Andropov pelos dissidentes estava com os dias contados. Quando ele morre, em 1984, a polícia morreu com ele.

Quando Mikhail Gorbatchev foi nomeado Secretário-Geral do Partido Comunista Soviético, em março de 1985, o caráter do novo líder soviético pareceu misterioso para os estrangeiros e para seus compatriotas.

Ele parecia tão escorregadio e bajulador quanto os outros burocratas soviéticos, mas ainda assim havia sinais de algo diferente. No verão que se seguiu à sua nomeação, encontrei-me com um grupo de refuseniks de Leningrado que riu muito da ingenuidade ocidental: como podíamos acreditar

---

[2426] Berdzenishvili, entrevista com a autora.
[2427] Ratushinskaya, p. 236.
[2428] Walker, p. 142.
[2429] Reddaway, "Dissent in the Soviet Union".

que a suposta preferência de Gorbatchev por uísque - em vez de vodca - e a admiração de sua mulher por roupas ocidentais significassem que ele era mais liberal do que os antecessores?

Eles estavam errados: Gorbatchev era diferente. Na época, pouca gente sabia que ele vinha de uma família de "inimigos". Um de seus avós, camponês, tinha sido preso e enviado a um campo de trabalho forçado em 1933. O outro avô fora preso em 1938 e torturado na prisão por um investigador que lhe quebrou os dois braços. O impacto desses acontecimentos sobre o jovem Mikhail fora enorme, como ele mesmo escreveu: "Nossos vizinhos começaram a se afastar da nossa casa como se ela tivesse sido atacada pela peste. Apenas à noite alguns parentes próximos se arriscavam a passar por lá. Até os garotos da vizinhança me evitavam [...] tudo isso foi um choque muito grande para mim e permaneceu gravado na minha memória".[2430]

Entretanto, as suspeitas dos refuseniks não eram totalmente infundadas, pois os primeiros meses da era Gorbatchev foram decepcionantes. Ele se lançou numa campanha contra o álcool que deixou as pessoas enfurecidas, pois destruiu as vinhas da Geórgia e da Moldávia e pode até mesmo ter provocado o desastre econômico que ocorreu anos mais tarde: algumas pessoas acreditam que o colapso nas vendas de vodca destruiu o delicado equilíbrio financeiro para sempre. Apenas em abril de 1986, depois da explosão da usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, Gorbatchev mostrou-se preparado para realizar mudanças verdadeiras. Convencido de que a União Soviética precisava ralar abertamente de seus problemas, ele apareceu com outra proposta de reforma: a glasnost, ou "abertura".

No início, a glasnost, assim como a campanha contra o álcool, era apenas uma política econômica. Aparentemente, Gorbatchev esperava que a discussão aberta das crises econômica, ecológica e social da União Soviética conduzisse a resoluções rápidas, à reestruturação – a perestroika - sobre a qual tinha começado a falar nos discursos. Num período surpreendentemente curto, no entanto, a glasnost considerava a história soviética.

Na verdade, ao descrever o que aconteceu com o debate público na União Soviética no final da década de 1980, as pessoas podem se sentir tentadas a usar metáforas de inundação: foi como se uma barragem se rompesse, ou como se um dique explodisse, ou como se o encanamento de água estourasse. Em janeiro de 1987, Gorbatchev disse a um grupo intrigado de jornalistas que as "lacunas" da história da União Soviética seriam preenchidas. Em novembro, tanta coisa tinha mudado que Gorbatchev se tornou o segundo líder do Partido na história soviética a se referir abertamente às "lacunas" num discurso:

> [...] a falta de democratização apropriada da sociedade soviética foi o que propiciou o culto à personalidade e as violações da lei, a arbitrariedade e a repressão da década de 1930 - para ser claro, os crimes de abuso de poder. Milhares e milhares de membros do Partido e de pessoas comuns foram submetidos à repressão em massa. Esta é, companheiros, a verdade dolorosa.[2431]

Gorbatchev foi menos eloqüente que Khrutchev, mas provavelmente teve um

---

[2430] Gorbachev, p. 24.
[2431] Remnick, p. 50.

impacto muito maior sobre o público soviético. Afinal, o discurso de Khrutchev fora feito num encontro reservado. Gorbatchev falara em cadeia nacional de televisão.

Gorbatchev também reforçou seu discurso com um entusiasmo que Khrutchev jamais teve. Na sua trilha, novas "revelações" começaram a aparecer na imprensa da União Soviética todas as semanas. Finalmente a população soviética teve a oportunidade de ler Ossip Mandelstam e Joseph Brodsky, o Réquiem de Anna Akhmatova, Doutor Jivago, de Boris Pasternak, e até mesmo Lolita, de Vladimir Nabokov. Depois de muita luta, a Novyi Mir, agora sob nova direção editorial, começou a publicar capítulos do Arquipélago Gulag, de Soljenitsin.[2432] Um dia na vida de Ivan Denisovich logo venderia milhões de exemplares, e autores cujas obras tinham circulado apenas na samizdat, se e que tinham, venderam centenas de milhares de exemplares de suas memórias do Gulag. Alguns se tornaram nomes familiares, como Evgenrya Ginzburg, Uev Razgon, Anatolii Zhigulin, Varlam Chalamov, Dmitrii Likhachev e Anna Larina.

Entre 1964 e 1987, apenas 24 pessoas foram reabilitadas. Agora, graças em parte às revelações espontâneas da imprensa, o processo recomeçava. Desta vez, aqueles que tinham sido esquecidos no passado foram incluídos: Bukharin, condenado juntamente com dezenove líderes bolcheviques nos processos de expurgo de 1938, foi o primeiro. "Os fatos foram falsificados", anunciou solenemente um porta-voz do governo.[2433] A verdade então seria contada.

A nova literatura veio acompanhada de novas revelações dos arquivos soviéticos. E estas vieram por meio dos historiadores soviéticos que (segundo alegavam) tinham compreendido os fatos, como também por meio da Memorial Sociedade. A Memorial Sociedade foi fundada por um grupo de historiadores jovens, que em alguns casos passaram anos coletando os relatos orais dos sobreviventes dos campos. Entre eles estava Arseny Roginsky, fundador do jornal Pamyat (Memória), que primeiro começou a circular na samizdat e, depois, no exterior, já no início da década de 1970. O grupo de Roginsky já tinha começado a compilar dados das pessoas que passaram pela repressão. Mais tarde, a Memorial Sociedade iria também conduzir a luta para identificar os corpos queimados em sepulturas coletivas nos arredores de Moscou e de Ueningrado, e a construir monumentos e memoriais à era de Stalin. Depois de uma breve e fracassada tentativa de se transformar em movimento político, a Memorial Sociedade acabou, mas emergiu na década de 1990 como o mais importante centro de estudo da história soviética e de defesa dos direitos humanos da Federação Russa. Roginsky continuou sendo seu líder e um de seus principais historiadores. As publicações da Memorial Sociedade logo se tornaram conhecidas entre os eruditos soviéticos espalhados pelo mundo pela precisão, pela fidelidade aos fatos e pelos arquivos meticulosos e criteriosos.[2434]

Embora a mudança na qualidade do debate público tenha acontecido com uma rapidez surpreendente, a situação ainda não era tão clara como parecia aos que estavam de fora. Ainda que estivesse introduzindo as mudanças que logo conduziriam ao colapso da União Soviética, apesar de a "gorbimania" ter

---

[2432] Ibid., pp. 264-68.
[2433] K. Smith, pp. 131-74; Remnick, p. 68.
[2434] Remnick, pp. 101-19; K. Smith, pp. 131-74.

tomado conta da Alemanha e dos Estados Unidos, Gorbatchev - assim como Khrutchev - acreditava profundamente no regime soviético. Ele nunca teve a intenção de desafiar os princípios básicos do marxismo soviético ou as conquistas de Lenin. Sua intenção sempre foi reformar e modernizar a União Soviética e não destruí-la. Talvez por causa da experiência familiar, ele acreditava que era importante contar a verdade sobre o passado. E, de início, não pareceu enxergar a ligação entre o passado e o presente.

Por essa razão, a publicação de uma grande quantidade de artigos sobre os campos e as prisões stalinistas e sobre as execuções em massa do passado não foi de imediato acompanhada pela libertação em massa dos dissidentes que continuavam presos. No final de 1986 - embora Gorbatchev estivesse se preparando para falar sobre as "lacunas", embora a Memorial Sociedade tivesse começado a excitar a opinião pública para a construção de um monumento à repressão, embora o resto do inundo começasse a falar com arrebatamento a respeito das novas lideranças da URSS -, a Anistia Internacional sabia o nome de seiscentos presos políticos que ainda estavam nos campos soviéticos e suspeitava da existência de muitos outros.[2435]

Um deles era Anatoly Marchenko, que morreu durante uma greve de fome na prisão de Khristopol em dezembro daquele ano.[2436] Ao chegar à prisão, sua mulher, Larisa Bogoraz, encontrou três soldados guardando o corpo do marido, que havia sido submetido a uma autópsia. Não lhe permitiram falar com ninguém na prisão - nem com médicos, nem com outros prisioneiros, nem com os administradores -, a não ser com um agente da polícia, Churbanov, que a tratou rudemente. Ele se recusou a dizer-lhe como Marchenko tinha morrido e não lhe entregou o atestado de óbito, um relatório médico nem mesmo as cartas e os diários do marido. Com um grupo de amigos e uma "escolta" de três homens da prisão, ela enterrou Marchenko no cemitério da cidade:

> Estava deserto e soprava um vento forte; não havia mais ninguém além de nós e da escolta de Tolya. Eles tinham à mão tudo o que era necessário, mas entenderam que não iríamos permitir que se aproximassem da sepultura e ficaram de lado "até o final da operação", como um deles disse. Os amigos de Tolya disseram algumas palavras de despedida. Então, começamos a encher a sepultura de terra, primeiro com as mãos e depois com as pás [...]
>
> Colocamos no túmulo uma cruz de madeira - espero que tenha sido feita pelos outros prisioneiros. Na cruz, eu escrevi com caneta esferográfica "Anatoly Marchenko 23/1/1938-8/12/1986 [...]"[2437]

Embora a administração cercasse a morte de Marchenko de mistério, Bogoraz disse depois que eles não podiam esconder que "Anatoly Marchenko morreu lutando. Sua luta tinha durado 25 anos, e ele nunca hasteou a bandeira branca da rendição".[2438]

Mas a morte trágica de Marchenko não foi totalmente em vão. Talvez

---

[2435] USSR: Híiman Rights in a Time of Change.
[2436] "Lata Dissidentow", Karta, n.º 16, 1995.
[2437] "On the Death of Prisoner of Conscience Anatoly Marchenko", Press Release da Anistia Internacional, maio de 1987 (ML).
[2438] Ibid.

estimulado pela onda de má publicidade deflagrada por essa morte - as declarações de Bogoraz foram divulgadas no mundo todo -, Gorbatchev finalmente decidiu, no final de 1986, conceder o perdão a todos os prisioneiros políticos do país.

Houve muitas coisas estranhas na anistia que fechou as prisões políticas da União Soviética para sempre. Nada foi mais estranho, porém, do mie a pouca atenção que ela atraiu. Afinal, esse era o fim do Gulag, o fim do sistema de campos que mobilizou milhões de pessoas. Era o triunfo dos movimentos de direitos humanos, que foram o foco de tanta atenção diplomática durante as duas décadas anteriores. Era um momento real de transformação histórica. Mesmo assim, ninguém lhe deu atenção.

Às vezes os jornalistas sediados em Moscou escreviam um ou outro artigo; com uma ou duas exceções, poucas pessoas que escreveram livros sobre a era Gorbatchev e Yeltsin mencionaram os últimos dias dos campos de concentração. Até mesmo os melhores entre os muitos escritores e jornalistas talentosos que viviam em Moscou no final dos anos 1980 estavam mais preocupados com outros acontecimentos da época: as tentativas inábeis de reforma econômica, as primeiras eleições livres, a transformação da política exterior, o fim do império soviético no Leste europeu, o fim da própria União Soviética.[2439] Distraídos por essas mesmas questões, ninguém na Rússia deu atenção ao caso. Dissidentes cujos nomes foram famosos na clandestinidade voltaram - e descobriram que não eram mais famosos. Estavam velhos e fora de sintonia com os tempos. Nas palavras de um jornalista ocidental que estava na Rússia na época, eles tinham "construído sua carreira em segredo, datilografando petições em velhas máquinas de escrever, desafiando as autoridades enquanto tomavam um chá absurdamente doce, vestidos com roupões. Não estavam mais preparados para as batalhas no parlamento ou na TV e pareciam muito confusos ao ver como o país havia mudado enquanto estiveram fora".[2440]

A maior parte dos ex-dissidentes que permaneceram sob o olhar do público não se preocupava mais com o destino dos campos de concentração remanescentes. Andrei Sakharov, libertado do exílio interno em dezembro de 1986, eleito para o Congresso dos Deputados do Povo em 1989, logo começou a incitar a opinião pública pela reforma das leis de propriedade.[2441] Dois anos depois de sua libertação, o armênio Levon Ter-Petrossian foi eleito presidente de seu país. Uma multidão de ucranianos e bálticos saiu dos campos de Perm e da Mordóvia direto para a babel política de seus respectivos países, exigindo ruidosamente a independência.[2442]

A KGB percebeu que as prisões políticas estavam sendo fechadas, é claro, mas tampouco parecia capaz de entender o que isso significava. Lendo-se os documentos oficiais disponíveis da segunda metade da década de 1980, é chocante perceber como a linguagem da polícia secreta quase não mudou. Em fevereiro de 1986, Viktor Chebrikov, então chefe da KGB, disse

---

[2439] O fechamento dos campos não aparece, por exemplo, em The Waking Giant, de Walker; Autopsy on an Empire, de Matlock; The Gorbachev Factor, de Brown; nem em Why Gorbachev Happened, de Kaiser. Lenins Tomb, de Remnick é uma exceção importante, que inclui um capítulo sobre os últimos prisioneiros do Perm-35.

[2440] Paul Hofheinz, correspondente em Moscou, entrevista com a autora, 13, fevereiro, 2002.

[2441] Matlock, p. 275.

[2442] Remnick, p. 270.

orgulhosamente a um Congresso do Partido que a KGB tinha realizado uma importante operação de contra-espionagem. Ele afirmou que isso fora necessário porque "o Ocidente espalha mentiras sobre a violação dos direitos humanos para disseminar aspirações anti-soviéticas entre os renegados".[2443]

Mais tarde, nesse mesmo ano, Chebrikov enviou ao Comitê Central um relatório em que descrevia a luta ininterrupta de seu órgão contra as "atividades das agências de espionagem imperialistas e contra os inimigos soviéticos ligados a elas". Ele também se vangloriou de que a KGB tinha efetivamente "paralisado" as atividades de vários grupos, entre eles os comitês de monitoramento Helsinki, e que no período de 1982 a 1986 tinha forçado "mais de cem pessoas a abandonar as atividades ilegais e a retornar ao caminho da justiça". Algumas dessas pessoas - ele deu o nome de nove - tinham até feito "declarações públicas, na televisão e nos jornais, desmascarando os espiões ocidentais e aqueles que pensam como eles".

No entanto, algumas frases adiante, Chebrikov reconheceu que as coisas haviam mudado. Mas é preciso ler com muita atenção para entender como a mudança foi de fato surpreendente: "As condições atuais de democratização de todos os aspectos da sociedade e o fortalecimento da unidade do Partido e da sociedade possibilitaram que a questão da anistia fosse reconsiderada".[2444]

Na verdade, ele quis dizer que os dissidentes estavam tão enfraquecidos que não podiam mais fazer nenhum mal - e que, de qualquer maneira, eles seriam observados, como disse numa reunião anterior do Politburo, "para se ter certeza de que não continuariam com as atividades hostis".[2445] Numa declaração separada, ele acrescentou, quase como uma reflexão tardia, que, pelos cálculos da KGB, 96 pessoas eram desnecessariamente mantidas em hospitais psiquiátricos especiais. Sugeriu que aquelas que "não representassem perigo para a sociedade" fossem também libertadas.[2446] O Comitê Central concordou e, em fevereiro de 1987, perdoou duzentos prisioneiros condenados pelo Artigo 70 ou pelo Artigo 190-1. Alguns meses depois, para comemorar o Milênio do Cristianismo Russo, mais prisioneiros foram libertados dos campos. Mais de 2 mil pessoas (com certeza, um número bem maior que 96) seriam libertadas de hospitais psiquiátricos nos dois anos seguintes.[2447]

Mesmo então - fosse por estar desacostumado, fosse porque via o próprio poder diminuir com a população de prisioneiros -, a KGB parecia relutante em libertar os presos políticos. Como foram formalmente perdoados, e não anistiados, os prisioneiros políticos libertados em 1986 e 1987 foram os primeiros convidados a assinar um documento comprometendo-se a se desligar das atividades anti-soviéticas. Muitos tiveram permissão para criar as próprias desculpas, evasivas: "Devido ao agravamento de uma doença, não me engajarei mais em atividades anti-soviéticas" ou "Nunca fui anti-soviético; eu era anticomunista, e não existem leis que proíbam o anticomunismo". O dissidente Lev Timofeev escreveu: "Pedi para ser libertado. Não pretendo prejudicar o Estado soviético, não que eu tenha tido algum dia essa

---

[2443] Walker, p. 147.
[2444] Info-Russ, #0128.
[2445] Ibid., #1404.
[2446] Ibid., #0130.
[2447] USSR: Human Rights in a Time of Change.

intenção".[2448]

A outras pessoas, contudo, solicitaram uma vez mais que renunciassem às suas crenças ou ordenaram que emigrassem.[2449] Um prisioneiro ucraniano foi libertado mas enviado diretamente ao degredo, onde tinha de obedecer ao toque de recolher e apresentar-se a um posto policial uma vez por semana.[2450] Um dissidente da Geórgia permaneceu mais seis meses num campo apenas porque havia se recusado a assinar qualquer coisa que a KGB inventasse.[2451] Outro recusou-se a pedir formalmente que fosse perdoado "pelo motivo de não ter cometido nenhum crime".[2452]

A situação de Bohdan Klymchak, um técnico da Ucrânia preso por tentar sair da URSS, era sintomática dessa época. Em 1978, com medo de ser preso sob a acusação de nacionalismo ucraniano, ele cruzou a fronteira soviética com o Irã e pediu asilo político. Os iranianos o mandaram de volta. Em abril de 1990, ele ainda continuava numa prisão política em Perm. Um grupo de congressistas americanos conseguiu visitá-lo e descobriu que as condições na prisão de Perm não tinham mudado. Os prisioneiros ainda reclamavam do frio extremo e ainda eram colocados nas solitárias por crimes como a recusa a abotoar os botões superiores do uniforme.[2453]

Todavia, rangendo e chiando, gemendo e se queixando, o regime repressivo capengava - como de resto, todo o sistema. Na verdade, quando todos os campos políticos de Perm foram finalmente fechados para sempre, em fevereiro de 1992, a União Soviética não mais existia. Todas as antigas repúblicas se tornaram países independentes. Algumas - Armênia, Ucrânia, Lituânia - eram dirigidas por ex-prisioneiros. Outras eram dirigidas por ex-comunistas cujas crenças tinham desmoronado na década de 1980, quando viram pela primeira vez as provas do terror do passado.[2454] A KGB e o MVD, ainda que não tenham sido desmantelados, foram substituídos por outros órgãos. Os agentes da polícia secreta começaram a procurar emprego no setor privado. Os carcereiros se arrependeram e transferiram-se discretamente para os governos locais. O novo parlamento russo aprovou, em novembro de 1991, uma Declaração de Direitos e Liberdades do Indivíduo, garantindo, entre outras coisas, liberdade para viajar, liberdade de religião e liberdade de divergir do governo.[2455] Infelizmente, a nova Rússia não eslava destinada a se tornar um paradigma de tolerância étnica, religiosa e política, mas essa já é uma outra história.

As mudanças aconteceram com uma velocidade estonteante e ninguém pareceu mais desnorteado por ela do que o homem que deu início à desintegração da União Soviética. Foi essa, afinal, a maior cegueira de Gorbatchev: Khrutchev sabia, Brejnev sabia, mas Gorbatchev, neto dos

---

[2448] The Recent Release of Prisoners in the USSR, Press Release da Anistia Internacional, abril de 1987 (ML).
[2449] Ibid.
[2450] Serviço Semanal da Anistia Internacional, 8 de abril, 1987 (ML).
[2451] Berdzenishvili, entrevista com a autora.
[2452] Boletim da Anistia Internacional, junho, 1988, vol. XVIII, n" 6 (ML).
[2453] "Four Long-Term Prisoners Still Awaiting a Review", Press Release da Anistia Internacional, abril, 1990; também Boletim da Anistia Internacional, outubro, 1990, vol. XX, n" 10 (ML); Klymchak foi solto no final do ano.
[2454] Matlock, p. 287.
[2455] "Russian Federation: Overview of Recent Legal Changes", Press Release da Anistia Internacional, setembro,1993 (ML).

"inimigos" e criador da glasnost, não percebeu que uma discussão ampla e honesta sobre o passado soviético acabaria por corroer a legitimidade do governo. "Agora percebemos nosso objetivo de forma mais clara", ele disse na véspera do ano-novo, em 1989. "É um socialismo democrático e humano, uma sociedade com liberdade e justiça social."[2456] Gorbatchev não foi capaz de entender, mesmo então, que o "socialismo" soviético estava prestes a desaparecer.

Ele também não enxergou, anos depois, a ligação entre as revelações da imprensa durante a glasnost e o colapso do comunismo soviético. Gorbatchev simplesmente não percebeu que, uma vez que a verdade sobre o passado stalinista fosse contada, seria impossível sustentar o mito da grandeza soviética. Ambos trouxeram muita crueldade, muito derramamento de sangue e muitas mentiras.

Mas se Gorbatchev não entendeu o próprio país, muitas outras pessoas entenderam. Vinte anos antes, o editor de Soljenitsin, Aleksandr Tvardovsky, sentia a força do passado oculto, sabia o que a memória poderia causar ao sistema soviético. Ele expressou seus sentimentos num poema:

> Estão errados se pensam que a memória
> Não tem grande valor
> Ou que as ervas daninhas do tempo apagam
> Acontecimentos ou dores do passado.
>
> O planeta gira sem parar,
> Contando os dias e os anos [...]
> Não. O dever ordena que agora
> Tudo que não se disse seja dito totalmente [...].[2457]

## Epílogo
## Memória

E os assassinos? Os assassinos vivem [...]

Lev Razgon, Nepridumannoe, 1989.[2458]

No começo do outono de 1989, viajei de barco, pelo mar Branco, da cidade de Arcangel às ilhas Solovetsky. Era o último cruzeiro do verão; em meados de setembro, quando as noites do Ártico começam a ficar mais longas, os navios param de fazer essa travessia. O mar se torna muito bravio e as águas ficam geladas demais para que se exponham os turistas a uma viagem noturna.

Talvez o fato de se saber que era o final da estação tenha dado urna certa excitação à viagem. Ou talvez os passageiros estivessem excitados apenas por estarem em alto-mar. Fosse qual fosse a razão, o restaurante do navio era um burburinho só: os brindes se repetiam, as piadas também, e muitos, muitos aplausos ao capitão. Os dois casais de meia-idade com quem eu partilhava a mesa pareciam dispostos a se divertir.

---

[2456] Matlock, p. 295
[2457] Citado em Cohen, p. 186.
[2458] Razgon, TrueStories, p. 27.

No início do jantar, minha presença lhes deu mais alegria. Afinal, não era todo dia que encontravam uma americana num barco em pleno mar Branco, e isso os divertia. Queriam saber por que eu falava russo, o que pensava sobre a Rússia, quais eram as diferenças em relação aos Estados Unidos. Quando lhes contei o que fazia na Rússia, a alegria deles diminuiu. Uma coisa era ter uma americana num cruzeiro para visitar as ilhas Solovetsky e conhecer a beleza do antigo mosteiro. Outra coisa muito diferente era essa americana visitar as ilhas Solovetsky para conhecer o que havia sobrado do campo de concentração.

Um dos homens reagiu com hostilidade e perguntou: "Por que os estrangeiros se preocupam apenas com as coisas feias da nossa história? Por que escrever sobre o Gulag? Por que não escreve sobre as nossas realizações? Fomos o primeiro país a enviar um homem ao espaço!". Com esse "nós", ele queria dizer "nós, soviéticos". A União Soviética já não existia havia sete anos, mas ele ainda se identificava como um cidadão soviético, e não como um cidadão russo.

A esposa dele também me atacou. "O Gulag não é mais importante. Temos outros problemas agora, como o desemprego, o crime. Por que não escreve sobre nossos problemas reais, em vez de escrever sobre coisas que aconteceram há tanto tempo?"

Enquanto essa conversa desagradável se desenrolava, o outro casal permaneceu em silêncio, e o homem não deu sua opinião sobre o passado soviético. Mas, a certa altura, sua esposa se manifestou: "Eu entendo por que você quer conhecer os campos. É interessante saber o que aconteceu. Eu gostaria de saber mais".

Nas viagens seguintes que fiz pela Rússia, deparei com essas atitudes muitas outras vezes. "Não é da sua conta" e "Esse assunto não é importante" eram reações comuns. O silêncio - ou a ausência de opinião - talvez tenha sido a reação mais freqüente. Mas algumas pessoas também entendiam por que era importante conhecer o passado e desejavam me ajudar a obter mais informações.

Na verdade, com um pouco de esforço, pode-se aprender muitas coisas sobre o passado na Rússia contemporânea. Nem todos os arquivos russos estão fechados, nem todos os historiadores russos têm outras preocupações: este livro é uma prova da abundância de informações disponíveis. A história do Gulag também se tornou parte das discussões públicas em algumas ex-repúblicas e ex-estados satélites soviéticos. Em algumas nações - geralmente, naquelas que se vêem como vítimas em vez de agentes do terror -, os memoriais e as discussões são muito proeminentes. Os lituanos converteram as antigas sedes da KGB em Vilna em um museu das vítimas do genocídio. Os letões transformaram um velho museu soviético, antigamente dedicado aos "exímios atiradores vermelhos da Letônia", num museu sobre a ocupação do país.

Em fevereiro de 2002, participei da abertura de um novo museu húngaro, localizado num prédio que foi sede do movimento fascis a entre 1940 e 1945 e também quartel-general da polícia secreta comunista húngara entre 1945 e 1956. Na primeira sala de exibição, um painel de televisores transmitia propaganda fascista. Na outra parede, outro painel de televisores transmitia propaganda comunista. O efeito era imediato e emocionante, como se

pretendia, e o restante do museu seguia essa tendência. Por meio de fotografias, vídeos, áudios e pouquíssimas palavras, os organizadores do museu pretendem atingir quem é jovem demais para se lembrar dos dois regimes.

Na Belarus, ao contrário, a falta de um monumento se tornou o maior problema político: no verão de 2002, o ditador Aleksandr Lukashenka continuava anunciando publicamente sua intenção de construir uma rodovia sobre o local em que ocorreu uma execução em massa, nos arredores de Minsk, a capital, em 1937. Sua retórica inflamou a oposição e gerou uma discussão maior sobre o passado.

Um punhado de monumentos informais, semi-oficiais e privados, erguidos por diversas pessoas e organizações estão espalhados pela Rússia. As sedes da Memorial Sociedade em Moscou contêm um arquivo de memórias orais e escritas, assim como um pequeno museu que abriga, entre outras coisas, uma importante coleção de arte dos prisioneiros. O Museu Andrei Sakharov, também em Moscou, faz exposições e mostras sobre a era stalinista. Nos arredores de muitas cidades - Moscou, São Petersburgo, Tomsk, Kiev, Petrozavodsk -, as sedes locais da Memorial Sociedade e de outras instituições ergueram monumentos para marcar os locais de sepultamento em massa, os locais das execuções em massa de 1937 e 1938.

Existem também esforços maiores. O círculo de minas de carvão em torno de Vorkuta, todas elas antigos lagpunkts, é pontilhado de cruzes, estátuas e outros monumentos erguidos para as vítimas lituanas, polonesas e alemãs dos campos de Vorkuta. O museu histórico da cidade de Magadan possui diversas salas consagradas à história do Gulag, inclusive um posto de observação de um campo; no mirante da cidade, um escultor russo bem conhecido construiu um monumento para os mortos de Kolyma, com símbolos das crenças que eles praticavam. Uma sala dentro dos muros do mosteiro de Solovetsky, que agora é um museu, mostra cartas, fotografias dos prisioneiros e recortes dos arquivos; do lado de fora plantaram-se árvores em homenagem aos mortos.

No centro de Syktyvkar, a capital da República Komi, a administração e a sede local da Memorial Sociedade construíram uma pequena cape-la, em cujo interior foram listados o nome de alguns prisioneiros, deliberadamente escolhidos para ilustrar as muitas nacionalidades presentes no Gulag: lituanos, coreanos, judeus, chineses, espanhóis.

Monumentos individuais estranhos e assombrosos às vezes são encontrados em lugares inusitados. Uma cruz de ferro foi fincada numa colina árida nos arredores da cidade de Ukhta, o antigo quartel-general de Ukhtpechlag, em lembrança à execução em massa dos prisioneiros. Para vê-la, tive de seguir de carro por uma estrada cheia de lama e quase intransitável, passar por um lugar em obras e subir por um difícil trilho de estrada de ferro. Mesmo assim, estava muito distante para poder ler a sua inscrição. Mas os ativistas locais, que colocaram a cruz ali, sorriem orgulhosos.

Algumas horas ao norte de Petrozavodsk, outro monumento especial foi construído nos arredores do vilarejo de Sandormokh Nesse caso, talvez "monumento" não seja a palavra apropriada. Embora exista uma placa comemorativa, como também várias cruzes de pedra erguidas pelos poloneses, alemães e outros, Sandormokh - onde os prisioneiros das ilhas

Solovetsky foram mortos em 1937, entre eles o padre Pavel Florensky - é notável pelas cruzes artesanais estranhamente comoventes e pelos monumentos pessoais. Como não existem registros indicando quem está enterrado onde, cada família escolheu ao acaso, uma pilha de ossos para homenagear. Os parentes das vítimas afixaram fotografias dos mortos em estacas de madeira, e alguns gravaram epitáfios nas laterais. Fitas, flores de plástico e outros objetos se espalham pela mata que cresceu nesse campo de morte. No dia ensolarado de agosto em que visitei o local - era o aniversário da matança e uma delegação tinha vindo de São Petersburgo -, uma senhora idosa falou sobre seus pais, ambos enterrados ali, ambos mortos quando ela tinha sete anos. Uma vida toda tinha se passado até que ela pudesse visitar seu túmulo.

Um projeto maior foi concebido nos arredores da cidade de Perm. No local do Perra 36, primeiro um lagpunkt da era stalinista, depois um dos campos políticos mais sombrios das décadas de 1970 e 1980, um grupo de historiadores construiu um museu em tamanho natural, o único localizado dentro dos alojamentos de um campo de trabalho forçado. Com recursos próprios, os historiadores reconstruíram o campo, os alojamentos, as paredes, as cercas de arame farpado etc. Para bancar o projeto, eles chegaram até a criar um pequeno comércio de madeira, usando as máquinas enferrujadas e abandonadas do campo. Mesmo sem receber muito apoio do governo local, atraíram fundos da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Ambiciosos, eles agora esperam restaurar o conjunto de 25 prédios e usar quatro deles para abrigar um grande Museu da Repressão.

E ainda assim, na Rússia, um país acostumado a memoriais de guerra grandiosos e funerais estatais grandes e solenes, esses esforços localizados e privados parecem insuficientes e imperfeitos. E provável que a grande maioria dos russos nem tenha consciência disso. E é natural: dez anos depois do colapso da União Soviética, a Rússia, país que herdou as políticas externa e diplomática da União Soviética, suas embaixadas, suas dívidas e sua cadeira nas Nações Unidas, continua a agir como se não tivesse herdado a história da União Soviética. A Rússia não tem um museu nacional dedicado à história da repressão. Nem tem um local nacional de luto, um monumento que oficialmente reconheça o sofrimento das vítimas e de suas famílias. Ao longo da década de 1980, houve concorrências para projetar esse monumento, mas elas deram em nada. A Memorial Sociedade conseguiu apenas trazer urna pedra das ilhas Solovetsky - onde o Gulag começou - e colocá-la no centro da praça Dzerzhinsky, em frente a Lubyanka.[2459]

Mais espantosa que a falta de monumentos, porém, é a falta de consciência pública. Às vezes, é como se toda a emoção e a paixão provocadas pelas abrangentes discussões de Gorbatchev simplesmente tivessem desaparecido junto com a própria União Soviética. Os debates dolorosos sobre justiça para as vítimas desapareceram também de forma abrupta. Embora muito se tenha falado sobre o assunto no final da década de 1980, o governo russo nunca investigou os torturadores ou os assassinos, nem mesmo aqueles que podiam ser identificados. No início da década de 1990, um dos homens que executaram o massacre dos oficiais da Polônia em Katyn ainda estava vivo. Antes de sua morte, a KGB entrevistou-o e pediu-lhe que explicasse - do ponto

[2459] K. Smith, pp. 153-59.

de vista técnico - como os homicídios foram cometidos. Gomo um gesto de boa vontade, uma gravação da conversa foi entregue ao adido cultural polonês em Moscou. Ninguém sugeriu nem uma única vez que o homem fosse levado a julgamento em Moscou, em Varsóvia ou em qualquer outro lugar.

E verdade, naturalmente, que os julgamentos podem não ser a melhor maneira de acertar as contas com o passado. Nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, a Alemanha Ocidental levou 8.500 nazistas a julgamento, mas conseguiu menos de 7 mil condenações. Os tribunais são sabidamente corruptos e facilmente dominados por disputas pessoais e ciúmes. O Julgamento de Nuremberg foi um exemplo de "justiça do vencedor" prejudicada por uma legalidade duvidosa e por excentricidades, como presença de juizes soviéticos, que sabiam muito bem que o seu próprio lado era também responsável por homicídios em massa.

Mas existem outros métodos de se fazer justiça pública aos crimes do passado. Existem comissões da verdade, por exemplo, como a que foi realizada na África do Sul, que permitem que as vítimas contem sua história num lugar público, oficial, e tornem os crimes do passado parte de um debate público. Existem investigações oficiais, como o inquérito realizado em 2002 pelo Parlamento britânico sobre o massacre do Domingo Sangrento na Irlanda do Norte, que acontecera trinta anos antes. Existem inquéritos governamentais, comissões governamentais, pedidos de desculpa públicos... Mesmo assim, o governo russo nunca considerou nenhuma dessas alternativas. Além do "julgamento" breve e inconclusivo do Partido Comunista, não houve nenhuma sessão pública para que a verdade fosse contada, nenhuma audiência parlamentar, nenhuma investigação oficial sobre os assassinatos sobre os massacres ou sobre os campos de trabalho da União Soviética.

Resultado: meio século depois do fim da guerra, os alemães ainda discutem a compensação das vítimas, os memoriais, as novas interpretações da história do nazismo, e até mesmo se a nova geração de alemães deveria assumir a responsabilidade pelos crimes nazistas. Meio século depois da morte de Stalin, nada semelhante aconteceu na Rússia, porque o passado não é mais uma parte viva do discurso público.

O processo de reabilitação continuou calmamente durante os anos 1990. No final de 2001, cerca de 4,5 milhões de prisioneiros políticos tinham sido reabilitados na Rússia, e a comissão de reabilitação nacional reconheceu que ainda havia mais de meio milhão de casos para ser examinados. Naturalmente, aqueles que jamais foram condenados - centenas de milhares, talvez milhões - serão dispensados do processo.[2460] A comissão, composta por sobreviventes dos campos e também por burocratas, é séria e bem-intencionada, mas ninguém acredita de fato que os políticos que a criaram tenham sido motivados pelo impulso de buscar "a verdade e a reconciliação", nas palavras da historiadora britânica Catherine Merridale. Sem dúvida, o objetivo era encerrar a discussão sobre o passado, apaziguar as vítimas, oferecendo-lhes alguns rublos e passagem gratuita nos ônibus, e evitar uma investigação mais profunda das causas do stalinismo o de seu legado.

Existem algumas justificativas boas, ou pelo menos perdoáveis, para o silêncio

---

[2460] AleksandrYakovlev, membro da Comissão Presidencial para a Reabilitação das Vítimas de Repressão Política da Rússia, entrevista com a autora, 25 de fevereiro, 2002.

público. A maioria dos russos passou todo o tempo lidando com a transformação completa da economia e da sociedade. A era stalinista pertence ao passado distante, e muita coisa aconteceu desde então. A Rússia pós-comunista não é a Alemanha do pós-guerra, em que as lembranças das piores atrocidades ainda estavam frescas na mente das pessoas. No início do século XXI, os acontecimentos da metade do século XX soam como história antiga para grande parte da população.

Mais objetivamente, muitos russos também acham que já discutiram o passado e que o resultado disso foi pífio. Quando perguntamos a uma pessoa idosa porque o Gulag é tão pouco mencionado atualmente, ela sempre evita falar sobre o caso: "Em 1990, esse era nosso único assunto, agora não precisamos mais falar sobre isso". Para complicar ainda mais as coisas, muita gente confunde o Gulag e a repressão stalinista com os "reformadores democráticos" que promoveram os primeiros debates sobre o passado soviético. Gomo essa geração de líderes políticos é vista agora como fracassada - seu governo é lembrado pela corrupção e pelo caos -, toda conversa sobre o Gulag é contaminada por associação.

A questão de lembrar ou comemorar a repressão política também é confusa - como observei na introdução deste livro - pela presença de tantas vítimas de tantas outras tragédias soviéticas. Segundo Catherine Merridale: "Para complicar mais as coisas, um número muito grande de pessoas sofreu muitas vezes; elas podem facilmente se descrever como veteranos de guerra, vítimas da repressão, filhos da repressão e até mesmo como sobreviventes da fome".[2461] Existem muitos monumentos em homenagem aos mortos na guerra, alguns russos parecem pensar: isso não é suficiente?

Mas existem outras razões, menos perdoáveis, para o silêncio profundo. Muitos russos viveram o colapso da União Soviética como um golpe duro em seu orgulho pessoal. Talvez o antigo sistema fosse ruim, pensam agora, mas pelo menos era forte. E como hoje não somos mais poderosos, não queremos ouvir que ele era ruim. É muito doloroso, é como falar mal dos mortos.

Outras pessoas têm medo do que podem descobrir se pesquisarem o passado atentamente. Em 1998, a jornalista russo-americana Masha Gessen descreveu como era descobrir que uma de suas avós, uma simpática senhora judia, fora censora, que alterava os relatórios dos correspondentes estrangeiros baseados em Moscou. Ela também descobriu que a outra avó, também uma bondosa senhora judia, havia certa vez se candidatado a um emprego na polícia secreta. As duas fizeram essas escolhas por desespero. Agora, escreveu Masha, ela sabe porque sua geração se absteve de condenar a geração de seus avós tão duramente: "Nós não os comprometemos, nós não os colocamos à prova, nós não os julgamos [...] com perguntas desse gênero, todos correm o risco de trair alguém que ama".[2462]

Aleksandr Yakolev, dirigente da comissão russa de reabilitação, abordou esse problema de uma forma mais direta. Ele me disse: "A sociedade é indiferente aos crimes do passado porque muitos participaram deles".[2463] O sistema soviético comprometeu milhões e milhões de cidadãos em muitas formas de

---

[2461] Merridale, pp. 407-8.
[2462] Gessen.
[2463] Aleksandr Yakovlev, entrevista com a autora, 25 de fevereiro, 2002.

colaboração. Embora muitas participações tenham sido voluntárias, pessoas decentes também foram forçadas a fazer coisas horríveis. Elas, seus filhos e seus netos nem sempre querem se lembrar disso agora.

No entanto, a explicação mais importante para a falta de discussão não diz respeito ao medo da geração mais jovem ou ao complexo de inferioridade e ao sentimento de culpa de seus pais. A questão mais importante é o poder e o prestígio daqueles que hoje governam não apenas a Rússia, mas também a maioria dos ex-Estados soviéticos e dos Estados-satélites. Em dezembro de 2001, no décimo aniversário da dissolução da União Soviética, treze das quinze ex-repúblicas soviéticas eram administradas por velhos comunistas, como também era o caso de muitos antigos estados-satélites, inclusive a Polônia, país que forneceu centenas de milhares de prisioneiros para os campos de trabalho forçado e para o degredo na União Soviética. Mesmo nos países não administrados por descendentes ideológicos diretos do Partido Comunista, ex-comunistas, seus discípulos e simpatizantes continuavam a freqüentar as elites intelectuais e empresariais e a mídia. O presidente da Rússia, Vladimir Putin, era um antigo agente da KGB que orgulhosamente se identificava como "chekista". Antes, quando era primeiro-ministro, Putin fez questão de visitar a sede da KGB na Lubyanka no aniversário da criação da Cheka e dedicou uma placa à memória de Yuri Andropov.[2464]

A predominância de ex-comunistas e as discussões insuficientes sobre o passado no mundo pós-comunista não é uma coincidência. Os ex-comunistas têm interesse em esconder o passado, pois ele os mácula, os prejudica, fere suas afirmações de estarem realizando "reformas", mesmo quando nada têm a ver com os crimes do passado. Na Hungria, o antigo Partido Comunista, cujo nome mudou para Partido Socialista, lutou muito contra a abertura do museu para as vítimas do terror. Em 2001, na Polônia, quando o ex-Partido Comunista, agora chamado Partido Social-Democrata, foi eleito, imediatamente cortou a verba do Instituto Polonês da Memória Nacional, criado pelos antecessores de centro-direita. Muitas, muitas desculpas foram dadas para o fato de a Rússia não ter construído um monumento nacional para seus milhões de vítimas, mas Aleksandr Yakovlev me deu a explicação mais concisa. Ele disse: "O monumento será construído quando nós, da geração mais velha, tivermos morrido".

Ou seja, o fato de não reconhecer, não lamentar, não discutir o passado comunista pesa como uma pedra sobre muitas nações da Europa pós-comunista. Boatos sobre o conteúdo dos velhos "arquivos secretos" continuam atrapalhando os políticos atuais e já desestabilizaram pelo menos um primeiro-ministro polonês e um húngaro. Acordos feitos no passado entre os partidos comunistas ainda possuem ramificações no presente. Em muitos lugares, o aparato da polícia secreta - a estrutura, o equipamento, os escritórios - não mudou. A descoberta casual de novos cemitérios clandestinos gerou muita controvérsia e raiva.[2465]

É sobre a Rússia que esse passado pesa de forma mais opressiva. O país herdou os arreios do poder soviético - e também seu poderio militar, seus objetivos imperialistas. Como resultado, as conseqüências políticas da

---

[2464] Descrevi este incidente em "Secret Agent Man", The Weekly Standard, 10 de abril, 2000.

[2465] Cerca de 130 esqueletos foram descobertos numa cela de um monastério da Ucrânia ocidental em julho de 2002, por exemplo. Moscow Times, 18 de julho, 2002.

ausência de memória na Rússia têm sido muito mais prejudiciais do que em outros países ex-comunistas. Em nome da pátria soviética, Stalin deportou a nação tchechena para os desertos do Casaquistão, onde metade deles morreu e o restante estava fadado a desaparecer, juntamente com sua língua e sua cultura. Cinqüenta anos depois, repetindo o gesto, a Federação Russa destruiu Grosni, a capital da Tchechênia, e assassinou dezenas de milhares de civis no decorrer de duas guerras. Se o povo e a elite russa se lembrassem - se lembrassem visceralmente, emocionadamente - do que Stalin fez aos tchechenos, não teriam invadido a Tchechênia na década de 1990, não apenas uma, mas duas vezes. É como se a Alemanha do pós-guerra invadisse o oeste da Polônia. Na Rússia, poucos viam as coisas dessa forma - uma prova de como conhecem mal a própria história.

Também houve conseqüências na formação da sociedade civil e no desenvolvimento dos preceitos legais. Falando de maneira mais objetiva, se os patifes do antigo regime continuarem impunes, o bem jamais triunfará sobre o mal. A polícia não precisa prender todos os criminosos o tempo todo para que a maioria das pessoas se submeta à ordem pública, mas precisa prender um bom número deles. Nada encoraja mais os fora-da-lei do que ver os vilões escaparem impunemente, preservarem as suas vantagens e rirem das pessoas. A polícia secreta manteve os apartamentos, as dachas e os salários. Suas vítimas permaneceram pobres e marginais. Para a maioria do povo russo, a impressão que ficou é a de que quanto mais uma pessoa colaborava no passado, melhor ela se saía. Por analogia, quanto mais a pessoa trapaceia e mente no presente, melhor ela se dá.

No fundo, parte da ideologia do Gulag também sobrevive nas atitudes e na visão da nova elite russa. Certa vez, eu estava na casa de alguns amigos em Moscou e presenciei uma conversa que costuma ocorrer a altas horas da noite, na mesa da cozinha. Num determinado ponto, já bastante tarde, dois dos participantes - empresários de sucesso - começaram a discutir como o povo russo era estúpido e ingênuo! E como os dois eram mais inteligentes que o povo! O conceito stalinista de classificar a humanidade em categorias, entre a elite todo-poderosa e os "inimigos" imprestáveis, sobrevive no desrespeito arrogante da nova elite russa pelos outros cidadãos. A menos que essa elite reconheça o valor e a importância de todos os russos e respeite seus direitos civis e humanos, o país está fadado a se tornar o que hoje é a região norte do Zaire, uma terra povoada por camponeses empobrecidos e políticos milionários que mantêm seus ativos nos cofres da Suíça e seus jatinhos particulares na pista de pouso, com o motor ligado.

A falta de interesse pelo passado privou os russos de heróis e de vítimas. Os nomes daqueles que se opunham secretamente a Stalin -estudantes como Susanna Pechora, Viktor Bulgakov e Anatolli Zhigulin; os líderes das rebeliões no Gulag; os dissidentes, de Sakharov a Bukovsky e a Orlov - deveria ser tão conhecido na Rússia como são conhecidos na Alemanha os nomes dos que participaram de uma conspiração para matar Hitler. A literatura inacreditavelmente rica dos sobreviventes russos - histórias de pessoas cuja humanidade triunfou sobre as tenebrosas condições dos campos de concentração soviéticos - deveria ser mais lida, mais conhecida, citada com mais freqüência. Se os estudantes conhecessem mais esses heróis e sua história, teriam algo de que se orgulhar no passado da Rússia além dos triunfos militares e imperiais.

A falta de memória também traz conseqüências mais práticas e mundanas. Pode-se dizer, por exemplo, que o fato de a Rússia não ter investigado apropriadamente o passado também explica sua insensibilidade diante de certo tipo de censura e da presença contínua e maciça da polícia secreta, agora chamada de Federalnaya Sluzhba Bezopasnosti, ou FSB. Em geral, os russos não se preocupam com o fato de a FSB abrir a correspondência, grampear os telefones ou entrar nas casas sem uma ordem judicial. Também não estão muito interessados, por exemplo, no longo processo a que a FSB submeteu Aleksandr Nikitin, um ecologista que escreveu sobre os prejuízos que a Frota do Norte estava causando ao mar Báltico.[2466]

A insensibilidade em relação ao passado também ajuda a explicar a ausência de reforma judicial e carcerária. Em 1998, fiz uma visita à prisão da cidade de Arcangel. Outrora uma das capitais do Gulag, Arcangel está no caminho de Solovetsky, Kotlas, Kargopollag e de outros complexos de campos do norte. A prisão da cidade, que foi construída antes de Stalin, parecia não ter mudado em nada desde então. Cheguei lá na companhia de Galina Dudina, uma verdadeira raridade pós-soviética, defensora dos direitos dos prisioneiros. Quando entramos no edifício de pedra, acompanhadas por um carcereiro calado, parecia que tínhamos voltado ao passado.

Os corredores eram estreitos e escuros, com paredes úmidas e pegajosas. Quando o guarda abriu a porta de uma cela masculina, vi de relance os corpos nus, cobertos de tatuagens, esticados nos beliches. Ao perceber que os homens não estavam vestidos, o guarda fechou a porta, dando-lhes tempo de se arrumarem. Quando o guarda voltou a abri-la, entrei no cômodo onde estavam cerca de vinte homens em fila, nem um pouco satisfeitos por terem sido interrompidos. Deram respostas monossilábicas e guturais às perguntas feitas por Galina e, na maioria das vezes, fitavam o piso de cimento da cela. Estavam jogando baralho; o guarda nos tirou rapidamente dali.

Entramos numa cela feminina. No canto, havia um banheiro. Exceto por isso, o cenário parecia ter saído direto das páginas de um texto biográfico da década de 1930. A roupa íntima estava pendurada numa corda no alto da cela; o ar era abafado e denso, quente e pesado com o cheiro de transpiração, comida estragada, umidade e dejetos humanos. As mulheres, também seminuas, sentadas nos beliches em volta da cela, despejaram insultos sobre o guarda, queixaram-se e fizeram exigências aos gritos. Tive a sensação de ter entrado na cela em que Olga Adarnova-Sliozberg esteve em 1938. Vou repetir a descrição que ela fez:

As paredes abobadadas pingavam. De ambos os lados, deixando apenas uma passagem estreita, havia pranchas baixas que serviam de camas e estavam apinhadas de corpos. Por cima, em varais, secavam andrajos diversos. O ar se espessava com a fumaça nojenta de fumo forte e barato e se enchia com o alarido de bate-bocas, gritos e soluços.[2467]

Ao lado, a cela juvenil tinha poucas prisioneiras, com expressão ainda mais triste. Galina passou um lenço para uma garota de quinze anos que soluçava, acusada de ter roubado, em rublos, o equivalente a 10 dólares. "Continue estudando álgebra; logo você estará fora daqui", Galina disse à garota. Pelo

---

[2466] Applebaum, "Secret Agent Man", The Weekly Standard, 10 de abril, 2000.

[2467] Olga Adamova-Sliozberg, "My Journey", in Vilensky, Till My Tale Is To/d, p. 16.

menos era isso que ela esperava. Galina encontrou muita gente que estava presa havia meses sem julgamento, e aquela garota estava na prisão havia apenas uma semana.

Depois, conversamos com o chefe da prisão, que deu de ombros quando lhe perguntamos sobre a menina, sobre o prisioneiro que estava no corredor da morte havia anos mesmo afirmando ser inocente sobre o ar fétido da prisão e sobre a falta de saneamento. Tudo dependia de dinheiro, ele respondeu. Não havia dinheiro suficiente. Mal dava para pagar os guardas. A conta de luz estava atrasada, o que explicava os corredores escuros. Não havia dinheiro para consertos, nem para promotores, ou juizes, ou julgamentos. Os prisioneiros tinham de esperar a sua vez, ele disse, até que o dinheiro começasse a chegar.

Ele não me convenceu. Dinheiro é um problema, mas não é tudo. Se as prisões da Rússia pareciam o cenário das memórias de Adamova-Sliozberg, se os tribunais e as investigações criminais eram um blefe, isso se devia em parte ao fato de o legado soviético não pesar sobre os ombros daqueles que administravam o sistema judiciário e criminal da Rússia. O passado não assombrava a polícia secreta, nem os juizes, nem os políticos, nem a elite empresarial da Rússia.

Mas poucas pessoas na Rússia contemporânea viam o passado como uma responsabilidade, uma obrigação. O passado era um pesadelo a ser esquecido ou um boato a ser ignorado. Como uma caixa de Pandora fechada, ele permanece à espera das próximas gerações.

O fato de os ocidentais não compreenderem a magnitude do que aconteceu na União Soviética e na Europa central não tem, naturalmente, as mesmas implicações na nossa vida. O fato de tolerarmos a "negação do Gulag" em nossas universidades não destruirá o tecido moral de nossa sociedade. Afinal, a Guerra Fria acabou e não sobrou nenhuma força intelectual ou política importante nos partidos comunistas do Ocidente.

De qualquer forma, se não nos esforçarmos para nos lembrar, também seremos atingidos pelas conseqüências. Por um lado, nossa compreensão do que está acontecendo agora na antiga União Soviética acabará deturpada pela má interpretação da história. Por outro, se soubéssemos de fato o que Stalin fez contra tchechenos e se acreditássemos que foi um crime bárbaro, não apenas Vladimir Putin seria incapaz de repetir a mesma atrocidade agora, nós também seríamos incapazes de ficar observando com tranqüilidade. Tampouco o colapso da União Soviética inspirou as forças ocidentais a se mobilizarem como no final da Segunda Guerra Mundial. Quando a Alemanha nazista finalmente sucumbiu, o resto do Ocidente criou a Otan e a Comunidade Européia - em parte para impedir a Alemanha de desgarrar-se outra vez da "normalidade" civilizada. Só depois do 11 de setembro de 2001 as nações do Ocidente começaram a repensar seriamente suas políticas de segurança pós-Guerra Fria, e, mesmo assim, existiam motivações mais fortes do que a necessidade de trazer a Rússia de volta à civilização ocidental.

Mas, no final, as conseqüências na política externa não são as mais importantes. Pois, se esquecermos o Gulag, mais cedo ou mais tarde descobriremos que é difícil entender também a nossa própria história. Afinal, por que travamos a Guerra Fria? Será que foi porque os enlouquecidos

políticos de direita, mancomunados com o complexo industrial-militar e com a CIA, inventaram toda essa história e forçaram duas gerações de americanos e de europeus ocidentais a concordar com ela? Ou alguma coisa mais importante aconteceu? A confusão já é muito grande. Em 2002, um artigo da revista conservadora britânica Spectator opinou que a Guerra Fria foi "um dos mais desnecessários conflitos de todos os tempos".[2468] O escritor americano Gore Vidal também descreveu as batalhas da Guerra Fria como "quarenta anos de uma guerra estúpida que gerou um débito de 5 trilhões de dólares".[2469] Já estamos esquecendo o que nos mobilizou, o que nos inspirou, o que manteve a civilização ocidental unida por tanto tempo: estamos esquecendo contra o que lutávamos. Se não nos esforçarmos para lembrar a história da outra metade do continente europeu, o Ocidente acabará por não entender o próprio passado, por não saber como o nosso mundo se transformou no que é.

E não apenas o nosso passado; pois, se continuarmos esquecendo metade da história da Europa, nosso conhecimento sobre a humanidade será distorcido. Todas as tragédias foram únicas: o Gulag, o Holocausto, o massacre americano, o massacre de Nanquim, a Revolução Cultural, a revolução do Camboja, as guerras da Bósnia, entre outras. Todos esses acontecimentos tiveram uma origem histórica, filosófica e cultural diferente, todos surgiram de circunstâncias locais particulares que nunca se repetirão. Apenas a nossa habilidade de degradar, e destruir, e desumanizar nossos semelhantes se repetiu - e ainda se repetirá - por muitas vezes: a transformação do nosso próximo em "inimigo", a redução dos nossos oponentes a vermes ou pragas venenosas, a reinvenção das nossas vítimas em seres perversos, dignos apenas de prisão, expulsão ou morte.

Quanto mais formos capazes de entender como as diferentes sociedades transformaram seu próximo e seu semelhante em objetos quanto mais conhecermos as circunstâncias específicas que orientaram cada episódio de tortura e execução em massa, mais entenderemos o lado sombrio de nossa natureza humana. Este livro não foi escrito para que "a história não se repita", como diz um velho clichê. Este livro foi escrito porque é quase certo que a história se repetirá. As filosofias totalitaristas tiveram, e continuarão a ter, um grande apelo sobre milhões de pessoas. A destruição do "inimigo impessoal", como Hannah Arendt disse certa vez, continua sendo um objetivo fundamental de muitas ditaduras. Precisamos saber por quê - e todas as histórias, todas as memórias, todos os documentos da história do Gulag são uma parte do quebra-cabeça, uma parte da explicação. Sem eles, vamos acordar um dia e perceber que não sabemos quem somos.

## Apêndice
## Quantos?

Embora a União Soviética dispusesse de milhares de campos de concentração e embora milhões de pessoas tenham passado por eles, durante décadas, ninguém, a não ser meia dúzia de burocratas, soube qual era o número de vítimas. Estimar esse número era um exercício de pura adivinhação enquanto a URSS ainda existia; hoje em dia, o cálculo pode ser feito por suposição.

Durante o período de pura adivinhação, o debate ocidental em torno da

---

[2468] Andrew Alexander, "The Soviet ThreatWas Bogus", The Spectator, 20 de abril, 2002. 12.Vidal.
[2469] Vidal.

estatística da repressão - da mesma forma que o debate ocidental sobre a história soviética em geral - foi deturpado, dos anos de 1950 em diante, pelos políticos da Guerra Fria. Sem arquivos, os historiadores contavam alternadamente com as memórias dos prisioneiros, as declarações dos dissidentes, os números do censo oficial, as estatísticas econômicas e até mesmo com detalhes menos importantes que de alguma forma chegavam ao exterior, como o número de jornais distribuídos aos prisioneiros em 1931.[2470] Os que não gostavam da União Soviética tendiam a escolher as estimativas mais altas. Os que não gostavam da atuação dos americanos ou dos ocidentais na Guerra Fria escolhiam as estimativas mais baixas. Os números variavam muito. No livro The great terror [O grande terror], de 1968, na época um relato original e inovador dos expurgos soviéticos, o historiador Robert Conquest estimou que o Ministério do Interior da antiga URSS - a NKDV - prendeu 7 milhões de pessoas em 1937 e 1938.[2471] Em Origins of the purges [Origens do expurgo], uma narrativa "revisionista" de 1985, o historiador J. Arch Getty falava apenas em "milhares" de prisões nesses mesmos dois anos.[2472]

No entanto, a abertura dos arquivos soviéticos não satisfez a nenhuma das tendências. A princípio, os primeiros números liberados sobre os prisioneiros do Gulag situavam-se exatamente entre as estimativas mais altas e as mais baixas. De acordo com documentos da NKDV amplamente divulgados, foram estes os números de prisioneiros dos campos de trabalho forçado e das colônias do Gulag de 1930 a 1953, contados em 1º de janeiro de cada ano:

1930.........179.000
1931.........212.000
1932.........268.700
1933.........334.300
1934.........510.307
1935.........965.742
1936 .......1.296.494
1937 .......1.196.369
1938 .......1.881.570
1939 .......1.672.438
1940 .......1.659.992
1941 .......1.929.729
1942 .......1.777.043
1943 .......1.484.182
1944 .......1.179.819
1945 .......1.460.677
1946 .......1.703.095
1947 .......1.721.543
1948 .......2.199.535
1949 .......2.356.685
1950 .......2.561.351
1951 .......2.525.146
1952 .......2.504.514
1953.......2.468.5244[2473]

Esses números realmente refletem algumas circunstâncias que, por meio de fontes diversas, sabemos serem verdadeiras. A quantidade de detentos começa a aumentar no final dos anos de 1930, à medida que a repressão aumentava. Cai um pouco durante a guerra, em razão do grande número de anistiados. Sobe em 1948, quando Stalin volta a endurecer. Além disso, a maioria dos estudiosos que trabalhou nos arquivos concorda agora que esses números se baseiam em compilações genuínas de dados fornecidos pelos campos à NKVD. Eles são compatíveis com dados oriundos de outros órgãos governamentais; condizem, por exemplo, com as informações utilizadas pelo Comissariado do Povo de Finanças.[2474] Mesmo assim, não refletem

---

[2470] Bacon, pp. 8-9.
[2471] Conquest, The Great Terror, p. 485.
[2472] Getty, p. 8.
[2473] Zemskov, "Arkhipelag Gulag", pp. 6-7; Getty, Ritterspoon, e Zemskov, Apêndice A e B, pp. 1048-49.
[2474] Getty, Ritterspoon, e Zemskov, p. 1047.

necessariamente toda a verdade.

Para começar, a contagem anual é enganosa, pois mascara a alta rotatividade no sistema de campos. Em 1943, por exemplo, registrou-se que 2.421 milhões de prisioneiros passaram pelo Gulag, embora os totais no começo e no final daquele ano mostrem um declínio de 1,5 para 1,2 milhão. Esse número inclui as transferências dentro do sistema, mas mesmo assim indica um nível enorme de movimentação de prisioneiros que não se reflete no número total.[2475] Seguindo essa mesma linha, quase 1 milhão de prisioneiros deixou os campos durante a guerra para se juntar ao Exército Vermelho, um fato que quase não se reflete nos dados gerais, uma vez que durante a guerra também chegaram muitos prisioneiros. Outro exemplo: em 1947, 1.490.959 presos chegaram aos campos e 1.012.967 os deixaram, uma rotatividade enorme que também não é registrada na tabela.[2476]

Os prisioneiros deixavam os campos porque morriam, porque fugiam, porque tinham sentenças curtas, porque tinham sido liberados para o Exército Vermelho ou porque passavam a ocupar cargos administrativos. E, como já disse, freqüentemente os velhos, os doentes e as mulheres grávidas eram anistiados - mas a isso se seguiam, invariavelmente, novas ondas de prisão. Essa grande e constante movimentação de prisioneiros significava que os números eram na verdade maiores do que pareciam ser no início: por volta de 1940, 8 milhões de prisioneiros já tinham passado pelos campos.[2477] A única contagem completa que eu vi, feita a partir dos dados disponíveis de entrada e de saída e da combinação de várias fontes, estima que 18 milhões de cidadãos soviéticos passaram pelos campos e pelas colônias entre 1929 e 1953. Esses números também condizem com outros fornecidos pelos oficiais da segurança russa durante a década de 1990. De acordo com uma fonte, o próprio Khrutchev dizia que 17 milhões de pessoas haviam passado pelos campos de trabalho forçado entre 1937 e 1953.[2478]

Contudo, esses números também são enganosos. Como os leitores já sabem, nem todas as pessoas condenadas ao trabalho forçado na União Soviética cumpriam a sentença num campo de concentração dirigido pelo Gulag. Por isso, os dados acima excluem as muitas centenas de milhares de pessoas que foram condenadas ao "trabalho forçado sem prisão" por infrações no local de trabalho. Além disso, existiam pelo menos três outras categorias de presos destinados ao trabalho forçado: os prisioneiros de guerra, os habitantes dos campos de triagem no pós-guerra e, acima de todos, os "degredados especiais": os kulaks deportados durante a coletivização, os poloneses, os bálticos e outros deportados depois de 1939, e os caucasianos, os tártaros, os alemães do Volga e outras pessoas deportadas durante a guerra.

Os primeiros dois grupos são relativamente fáceis de computar: a partir de várias fontes confiáveis, sabemos que o número de prisioneiros de guerra

---

[2475] Bacon, p. I 12.

[2476] Pohl, The Stalinist Penal System, p. 17.

[2477] Pohl, ibid., p. 15; Zemskov, "Gulag", p. 17.

[2478] A melhor síntese até hoje do debate sobre as revelações estatísticas do pós-1991 pode ser encontrada em Bacon, pp. 6-41 e 101-22: os 18 milhões de sua estimativa se baseiam em taxas de rotatividade e em estatísticas disponíveis. Para registro, Dugin afirma que 11,8 milhões de pessoas foram presas entre 1930 e 1953, mas acho difícil conciliar este número com os 8 milhões que se sabe terem sido presos por volta de 1940, em especial diante do grande número de pessoas presas e soltas durante a Segunda Guerra Mundial (Dugin, "Stalinizm, Legendy i Fakty").

excedia 4 milhões.[2479] Também sabemos que entre 27 de dezembro de 1941 e 1º de outubro de 1944 a NKVD investigou 421.199 detidos nos campos de filtragem, e que em 10 de maio de 1945 mais de 160 mil detidos ainda viviam neles, realizando trabalhos forçados. Em janeiro de 1946, a NKVD aboliu os campos e repatriou mais de 280 mil pessoas para a URSS para uma investigação mais detalhada.[2480] Um total de cerca de 700 mil, portanto, parece uma boa suposição.

Os degredados especiais são, de certa forma, difíceis de computar, porque havia muitos grupos enviados a muitos lugares em muitas épocas por muitas razões. Na década de 1920, vários antigos adversários dos bolcheviques - mencheviques, social-revolucionários e outros - foram degredados por decreto administrativo, o que significava que, tecnicamente, não faziam parte do Gulag, mas com certeza tinham de ser punidos. No início da década de 1930, 2,1 milhões de kulaks foram degredados, se bem que um número desconhecido, certamente centenas de milhares, foi enviado não para o Casaquistão ou para a Sibéria, mas para outras regiões de sua província natal ou para terras áridas nos confins das fazendas coletivas: uma vez que muitos devem ter fugido, é difícil saber se foram incluídos na contagem ou não. Muito mais clara é a situação dos grupos nacionais degredados durante a guerra e depois dela para as "aldeias de degredo". Igualmente clara, mas também mais fácil de ser esquecida, é a situação de grupos estranhos corno o de 17 mil "ex-pessoas" expulsas de Leningrado depois do assassinato de Kirov. Havia também os alemães soviéticos que não foram fisicamente deportados, mas cujas aldeias na Sibéria e na Ásia central foram transformadas em "colônias especiais" - o Gulag foi até eles -, além dos bebês nascidos no degredo, que lambem contam como degredados.

Em conseqüência, aqueles que tentaram confrontar os muitos dados publicados sobre cada um desses diferentes grupos chegaram a números diferentes. No Ne po svoei vole, publicado pela Memorial Sociedade em 2001, o historiador Pavel Polyan reuniu os números dos degredados especiais e chegou a 6.015 milhões.[2481] Por outro lado, num levantamento em publicações arquivadas, Otto Pohl chegou a mais de 7 milhões de degredados especiais entre 1930 e 1948.[2482] Eis a sua contagem de pessoas em "colônias especiais" depois da guerra:

Outubro de 1945........................2.230.500
Outubro de 1946........................2.463.940
Outubro de 1948........................2.104.571
1º de janeiro de 1949..................2.300.223
1º de janeiro de 1953..................2.753.356[2483]

Todavia, partindo do princípio de que a contagem menor satisfaria os mais exigentes, decidi ficar com os números de Polyan: 6 milhões de exilados. Somando todos os resultados, o total de pessoas que realizaram trabalhos forçados na URSS chega a 28,7 milhões.

---

[2479] Overy, p. 297; Zagorulko, pp. 331-33.
[2480] Pohl, The Stalinist Penal System, pp. 50-52; Zemskov, "Gulag", pp. 4-6.
[2481] Polyan, p. 239.
[2482] Pohl, The Stalinist Penal System, p. 5.
[2483] Pohl, ibid., p. 133.

Sei que esse número não deixará todo mundo satisfeito. Alguns dirão que nem todas as pessoas presas ou deportadas contam como "vítimas", uma vez que muitos eram criminosos ou tinham cometido crimes de guerra. E embora seja verdade que milhões desses prisioneiros cumprissem sentenças por crimes comuns, não acredito que a maioria fosse "criminosa" no sentido normal da palavra. Uma mulher que pegou um pouco do que havia sobrado de uma colheita não é uma criminosa, nem um homem que chegou três vezes atrasado ao trabalho, como foi o caso do general russo Alexander Lebed, condenado ao campo exatamente por essa razão. Da mesma forma, um prisioneiro de guerra deliberadamente mantido num campo de trabalho forçado muitos anos depois da guerra também não é um prisioneiro legítimo. No final das contas, o número de criminosos de carreira verdadeiros em qualquer campo era minúsculo - por isso prefiro não mexer nesses números.

Outras pessoas ficarão insatisfeitas com esses números por razões diversas. Enquanto escrevia este livro, muitas vezes me fizeram a mesma pergunta: dos 28,7 milhões de prisioneiros, quantos morreram?

Essa resposta também é complicada. Até hoje não apareceu nenhuma estatística satisfatória para o Gulag ou para o sistema de degredo.[2484] Nos próximos anos poderão surgir números mais confiáveis: pelo menos, um ex-oficial do MVD assumiu pessoalmente a tarefa de realizar um levantamento metódico nos arquivos, campo por campo e ano por ano, para tentar compilar números autênticos. Talvez por motivos diferentes, a Memorial Sociedade, que já produziu o primeiro guia confiável sobre os números dos campos, também se incumbiu da tarefa de calcular as vítimas da repressão.

Até que essas compilações apareçam, no entanto, temos de contar com o que temos: o índice de mortalidade no Gulag ano a ano, baseado nos arquivos do Departamento de Registro de Prisioneiros. Esses números parecem excluir as mortes nas prisões e as mortes que ocorreram durante o traslado. Eles foram compilados a partir dos registros totais da NKVD, e não a partir dos registros de cada campo, e não incluem os degredados especiais. Relutantemente, eu os registro aqui:

1930.......... 7.980 (4,2%)
1931.......... 7.283(2,9%)
1932.......13.197(4,81%)
1933.......67.297(15,3%)
1934....... 25.187 (4,28%)

1935.......31.636(2,75%)
1936.......24.993(2,11%)
1937......31.056(2,42%)
1938......108.654(5,35%)
1939..........44.750(3,1%)

1940........41.275(2,72%)
1941........115.484(6,1%)
1942......352.560 (24,9%)
1943......267.826 (22,4%)
1944........114.481 (9,2%)
1945........81.917(5,95%)
1946..........30.715(2,2%)

1947........66.830 (3,59%)
1948........50.659(2,28%)
1949........29.350(1,21%)
1950........24.511(0,95%)
1951........22.466 (0,92%)
1952........20.466(0,92%)
1953........9.628 (0,67%)[2485]

---

[2484] Embora alguns tenham sido publicados. Ver Getty, Ritterspoon, e Zemskov, pp. 1048-49.
[2485] GARF, 9414/1/OURZ. Estas estimativas foram compiladas por Aleksandr Kokurin.

Como a estatística oficial dos prisioneiros, esses números mostram alguns padrões que podem ser reconhecidos em outros dados. O crescimento abrupto de 1933, por exemplo, com certeza reflete o impacto da fome que também matou de 6 a 7 milhões de cidadãos soviéticos "livres". O aumento pequeno em 1938 reflete a execução em massa que ocorreu em alguns campos naquele ano. O aumento no índice de mortalidade durante a guerra - quase um quarto dos prisioneiros em 1942 - também corresponde às recordações e às memórias de pessoas que viveram nos campos nesse ano e reflete a grande escassez de alimento que assolou a URSS.

Se - e quando - esses números forem aprimorados, ainda será difícil responder à pergunta "Quantos morreram?". Na verdade, o número de mortes compilado pela direção do Gulag jamais poderá ser considerado totalmente confiável. A cultura de inspeção e censura dos campos significava, entre outras coisas, que seus comandantes tinham o direito de mentir sobre a quantidade de prisioneiros mortos: tanto os arquivos como as memórias indicam que, em muitos campos, era comum a prática de libertar os prisioneiros que estavam prestes a morrer, diminuindo, desse modo, o índice de mortalidade.[2486] Embora os degredados se mudassem com menos freqüência e não fossem libertados já perto da morte, a natureza do sistema de degredo - os prisioneiros viviam em aldeias remotas, distantes das autoridades regionais - também não permite que se confie em seu índice de mortes.

No entanto, a pergunta deve ser feita com um pouco mais de cuidado. "Quantos morreram?" é, na verdade, uma pergunta imprecisa no caso da União Soviética, e quem a fizer deve ter em mente o que real-mente deseja saber. Por exemplo, quer saber simplesmente quantas pessoas morreram nos campos do Gulag e nas aldeias de degredo no período stalinista, de 1929 a 1953? Nesse caso, existe um número baseado nos arquivos, embora até mesmo os historiadores que o compilaram ressaltem que ele é incompleto e não cobre todas as categorias de prisioneiros em todos os anos. Mais uma vez, vou citá-lo com relutância: 2.749.163.[2487]

Mesmo que fosse completo, esse número ainda não refletiria todas as vítimas do sistema judiciário stalinista. Como disse na introdução, na maioria das vezes a polícia secreta soviética não utilizou os campos para matar as pessoas. Quando queria matar, ela realizava execuções em massa nas florestas; certamente, essas também são vítimas da justiça soviética, e são muitas. Usando os arquivos, um pesquisador menciona o total de 786.098 execuções políticas entre 1934 e 1935.[2488] A maioria dos historiadores considera esse número mais ou menos razoável, mas a pressa e o caos que acompanharam as execuções em massa também podem significar que jamais saberemos. Mesmo assim, esse número - que, do meu ponto de vista, é preciso demais para ser confiável - ainda não inclui os que morreram nos trens a caminho dos campos; os que morreram durante os interrogatórios; as pessoas cuja execução não foi considerada tecnicamente "política", mas que foram de qualquer forma executadas sob pretextos artificiais; os mais de 20 mil oficiais poloneses que morreram no massacre de Katyn; e, acima de tudo, as pessoas que morreram poucos dias depois de terem sido libertadas. Se o número que queremos é esse, então ele é muito maior, embora as estimativas possam

---

[2486] Berdinskikh, p. 28.
[2487] Pohl, The Stalinist Penal System, p. 131.
[2488] Getty, Ritterspoon, e Zemskov, p. 1024.

variar bastante.

Mas nem sempre esses números proporcionam uma resposta para o que as pessoas querem realmente saber. Muitas vezes, quando me perguntam "Quantos morreram?", o que querem saber é quantas pessoas morreram desnecessariamente em conseqüência da Revolução Bolchevique. Ou seja, quantos morreram vítimas do Terror Vermelho e da Guerra Civil, da fome gerada pela política brutal de coletivização, das deportações em massa, das execuções em massa, dos campos da década de 1920, dos campos de 1960 a 1980 - e também dos campos e das execuções em massa do reinado de Stalin. Nesse caso, os números não são apenas muito maiores, mas são de fato uma questão de pura conjectura. Os autores do Livro negro do comunismo falam em 20 milhões de mortes. Outros citam cerca de 10 ou 12 milhões.[2489]

Um simples número redondo de vítimas mortas seria extremamente satisfatório, em especial por que nos permitiria comparar Stalin com Hitler ou Mao. Entretanto, mesmo que chegássemos a esse número, acredito que ele também não poderia contar toda a história de sofrimento. Nenhum dado oficial, por exemplo, pode retratar a mortalidade das viúvas, dos filhos e dos pais idosos que ficaram para trás, uma vez que a morte deles não foi computada. Durante a guerra, os idosos morriam de fome sem os cartões de racionamento; se o filho condenado não estivesse extraindo carvão em Vorkuta, eles poderiam ter continuado vivos. As crianças sucumbiam às epidemias de tifo e sarampo nos orfanatos gelados e mal equipados; se as mães não estivessem costurando uniformes em Kengir, elas também poderiam ter sobrevivido.

E nenhum número é capaz de retratar o impacto cumulativo da repressão stalinista na vida e na saúde de todas as famílias. Um homem foi julgado e morto como "inimigo do povo"; a mulher foi levada para um campo de concentração como "membro de uma família inimiga"-os filhos cresceram em orfanatos e se uniram a gangues de criminosos a mãe morreu de desgosto e mágoa; os primos, as tias e os tios romperam relações com a família para que não fossem tidos como "corrompidos". Famílias separadas, amizades desfeitas; o medo pesava muito sobre as pessoas, mesmo quando elas não morriam.

No final, estatística alguma poderá jamais descrever completamente o que aconteceu. Nem os documentos arquivados, nos quais este livro tanto se baseou. Todos os que escreveram sobre o Gulag sabem que isso é verdade - razão pela qual escolhi um desses autores para dar a palavra final sobre "estatística", "arquivos" e "processo".

Em 1990, o escritor Lev Razgon obteve autorização para ver o próprio processo, uma série de documentos que descreviam sua prisão e a prisão de sua primeira mulher, Oksana, como também a de diversos membros da família. Depois de lê-lo, escreveu um pequeno ensaio. Ele faz uma reflexão sobre o conteúdo desse processo; sobre a falta de provas; sobre a natureza absurda das acusações; sobre a tragédia que se abateu sobre a mãe de sua mulher; sobre os motivos estúpidos do seu sogro, o chekista Gleb Boky; sobre a estranha falta de arrependimento das pessoas que os destruíram. Mas o que mais me impressionou em sua experiência de pesquisar os arquivos foi a ambivalência que demonstrou ao terminar a leitura:

---

[2489] Courtois, p. 4.

Já fazia muito tempo que eu tinha parado de virar as páginas do processo e elas estavam do meu lado havia mais de uma ou duas horas, esfriando com os pensamentos. Meu guarda [o arquivista da KGB] começa a pigarrear sugestivamente e a olhar para o relógio. é hora de ir. Entrego o processo, e ele é negligentemente jogado de novo num saco plástico. Desço as escadas, passo pelos corredores vazios, pelas sentinelas que nem mesmo pedem para ver meus documentos, e chego à praça Lubyanka.

São apenas cinco horas da tarde, mas já está escurecendo, e uma chuva fina e silenciosa cai ininterruptamente. Fico na calçada sem saber o que fazer. Como é horrível não acreditar em Deus e não poder ir a uma igrejinha e ficar lá, acolhido pelo calor das velas, olhando para Cristo na cruz; como é horrível não poder falar e fazer as coisas que tornam a vida do crente mais suportável [...]

Tirei o chapéu e gotas de chuva ou lágrimas rolaram pelo meu rosto. Tenho 82 anos e aqui estou, vivendo tudo outra vez [...] Ouço a voz de Oksana e a de sua mãe [...] Lembro-me delas, de cada uma. E se eu continuei vivo, essa é minha obrigação [...][2490]

## Notas

Mais detalhes sobre as memórias publicadas e não publicadas, artigos literários, referências, arquivos e entrevistas, citados nestas Notas de forma abreviada, podem ser encontrados na Bibliografia. Todas as indicações de memórias se referem à versão em inglês, exceto quando o título é oferecido em russo.

## Bibliografia

### Memórias e Textos Literários

Adamova-Sliozberg, Olga, Put. Moscou, 1993.

AITOGANOV, I. P.,Krugiada. Kazan, publicação particular, 1998.

AKHMATOVA, Anna, ThePoems of Akhmatova. Ed. e trad. Stanley Kuriitz e Max Hayward, Boston, 1967.

AKSYONOV, Vasily, Generations ofWinter. Nova York, 1995.

ALEKSANDROVICH, Vadim, Zapiski lagemogo vracha. Moscou, 1996.

ALIN, D. E., MaLo sLoe, agorya rechenka. Tomsk, 1997.

AMALRIK, Andrei, Involuntaryjourney to Siberia. Trad. Manya Harari e Max

[2490] Razgon, pp. 290-91.

Hayward, Nova York, 1970.

AMSTER, Gerald, e ASBELL, Bernard, Transit Point Moscow. Nova York, 1984.

ANDREEVA, Alia, Plavanye k Nebesnomu Kremlyii. Moscou, 1998.

ANDREEV-KHOMLAKOV, Gennady, Bitter Waters: Life andWork in Stalins Russia. Boukler, CO, 1997.

ANÔNIMO, Ekho iz Nebytiya. Novgorod, 1992.

ANÔNIMO, Vo vlasti Gubcheka: Vospominania neizvestnogoprotoiereya. Moscou, 1996. Antonov-Ovseenko, Anton, Vragi naroda. Moscou, 1996.

Antsiferov, Nikolai, "Tri glavy iz vospominanii". Pamyat, vol. 4, pp. 75-76.

Armonas, Barbara, Leave Your Tears in Moscow. Filadélfia e Nova York, 1961.

ASTAFYEVA, Olga, V. gods slepye: stikhi. Moscou, 1995.

BARDACH, Janusz (com Kathleen Gleeson), Man Is Wolf to Man: Surviving Stalin 's Gulag. Londres, 1998.

Belousov, Viktor, Zapiski dokhodyagi. Ashkhabad, Turquemenistão, 1992.

BELYASHOV, V M., Zhiznpereselentsev na Urale. Severouralsk, 1991.

Berger, Joseph, Nothing But the Truth. Nova York, 1971.

Bershadskaya, Lyubov, Rastoptannye zhizni. Paris, 1975.

BONDAREVSKII, Sergei, Tak bylo. Moscou, 1995.

Borin, Aleksandr, Prestupleniya bez nakazaniya: vospominaniya uznika GULAGa. Moscou, 2000.

Brodsky, Joseph, Less Than One. Nova York, 1986.

Buber-Neumann, Margarete, UnderTwo Dictators. Trad. Edward Fitzgerald, Londres, 1949.

Buca, Edward, Vorkuta. Trad. Michael Lisiniski e Kennedy Wells, Londres, 1976,

Bukovsky, Vladimir, To Build a Castle-My Life as a Dissenter. Nova York, 1978.

Burkhuis, L., Chuzhoi spektakk kniga vospominanii. Biga, 1990.

BUXHOEVEDEN, Baronness Sophie, Left Behind: Fourteen Months in Sibéria During the Revolution, December 1917-February 1919. Londres, Nova York, Toronto, 1929.

Bystroletov, Dmitrii,Puteshestvie na krainochi. Moscou, 1996.

CEDERHOLM, Boris, In the Clutches ofthe Cheka. Trad. F. H. Lyon, Londres, 1929.

CHETVERIKOV, Boris, Vsego byvalo na veku. Leningrado, 1991.

CHIRKOV, Yurii, A bylo vse tak. Moscou, 1991.

CoLONNA-CZOSNOWSKI, Karol,Beyond the Taiga: Memoirs of a Survivor. Hove, Sussex, 1998.

CZAPSKI, Jozef, The Inhuman Land. Trad. Gerard Hopkins, Londres, 1987.-

CZERKAWSKI, Tadeusz, Bylem Zolnierzem Generais Andersa, Varsóvia, 1991.

Daniel, Yuli, Prison Poems. Trad. David Burg and Arthur Boyars, Londres, 1971.

Darel, Sylva, A Sparrow in the Snow. Trad. Barbara Norman, Nova York, 1973.

DJILAS, Milovan, Conversations with Stalin. Trad. Michael Petrovich, Nova York, 1962.

Dmitriev, Helen, Surviving the Storms: Memory of Stalin 's Tyranny, Trad. Cathleen A. McClintic e George G. Mendez, Fresno, CA, 1992.

DOLGUN, Alexander, Alexander Dolgim's Story: An American in the Gulag. Nova York, 1975.

DOMANSKA, Leslawa, Papinski, Marian, e família Malachowski, Tryptyk Kazachstanski. Varsóvia, 1992.

DOMBROVSKII, Yurii, Menya ubit khoteli, eti suki. Moscou, 1997.

Dorogi za kolyuchuyu provoloku. Vol. 3, Odessa, 1996.

DOSTOEVSKY, Fyodor, The House ofthe Dead. Trad. David McDuff, Londres, 1985.

Durasova, S. G., "Éto bylo strashnim sobytiem", Istoricheskii Arkhiv, nº 6, 1999, pp. 69-84.

DVORZHETSKII, Vatslav, Puti bolshikh etapov. Moscou, 1994.

Dyakov, Boris, "Povest o perezhitom", Oktyabr, nº 7, julho 1964, pp. 49-142.

ÉFRON, Ariadna., Miroedikha, Moscou, 1996.
------------, Pisma iz ssylki, Paris, 1985.

ÉFRUSSI, Yakov, Kto na "É?". Moscou, 1996.

ÉIZENBERGER, Andrei, Esti ne vyskazhus-zadokhnus. Moscou, 1994.

Ekart, Antoni, Vanished Without Trace: Seven Years in Soviet Russia, Londres, 1954.

EVSTONICHEV, A. P, Nakazanie bezprestupleniya. Syktyvkar, 1990.

FEDEROLF, Ada, RyadomsAlei. Moscou, 1996.

FEHLING,.Helmut, One Great Prison: The Story Behind Russia's Unreleased POWs. Boston, 1951.

FIDELGOLTS, Yurii, Kolyma. Moscou, 1997.

FILSHTINSKIl, Isaak,My shagaempodkonvoem: rasskazi iz lagernoizhizni. Moscou, 1997.

FINKELBERG, M. F, Ostavlyayu vam. Yaroslavl, 1997.

FISHER, Lipa,Parikmakher v GULAGe. Trad. Zelby Beiralas. Tel-Aviv, 1977.

Fittkau, Gerhard, My Thirty-third Year. Nova York, 1958.

FLORENSKII, Sv. Pavel, Sochineniya. Vol. IV, Moscou, 1998.

Frid, Valerii, 58-1-2: Zapiski lagernogopridurka. Moscou, 1996.

Gagen-Torn, Nina, Memória. Moscou, 1994.

Garaseva, A. M., Ya zhila v samoi beschelovechnoi strane. Moscou, 1997.

GESSEN, Masha, "My Grandmother, the Censor", Granta 64, Londres, janeiro, 1998.

GILBOA, Yehoshua, Confess! Confess!. Trad. Dov Ben Aba, Boston e Toronto, 1968.

GINZBURG, Evgeniya, Journey into the Whirlwind [Krutoi marshrut]. Trad. Paul Stevenson e Max

Hayward, Nova York, 1967.

GINZBURG, Evgeniya, Within the Whirlwind [Krutoi marshrut, Part II].Trad. Ian Boland, Nova York e Londres, 1981.

GINZBURG, Lidiya, BlockadeDiary. Trad. Alan Meyers, Londres, 1995.

Gizatülin, R. Kh.,Nas bylo mnogo na chelne. Moscou, 1993.

Gliksman, Jerzy, Tellthe West. Nova York, 1948.

Gnedln, Evgenii, Vykhodiz labirinta. Moscou, 1994.

GOLITSYN, Kirill, ZapiskiKnyazya Kirilla Nikolaevicha Golitsyna. Moscou, 1997.

GOLITSYN, Sergei, Zapiski utselevshego. Moscou, 1990.

GORBACHEV, Mikhail, Memoirs. Nova York, 1996.

GORBATOV, Aleksandr, Years OffMyLife. Trad. Gordon Clough e Anthony Cash, Londres, 1964.

GORCHAKOV, Genrikh,L-I-105:Vospominaniya. Jerusalém, 1995.
--------, Sudboi nalozhenniye tseli. Jerusalém, 1997.

Gordeeva, Valeriya, Rasstrel cherez poveshenie. Moscou, 1995.

GORKY, Maxim, Sobranie sochinenii. Moscou, 1962.

Grachev, Yu. S. V, Irodovoi bezdne: vospominaniya o perezhitom. Moscou, 1993.

GROSS, Jan Tomasz, e GrudzinSKA-Gross, Irena, eds., War Through Childrens Eyes. Stanford, CA, 1981.

GUBERMAN, Igor, Shtrikhi iportrety. Moscou, 1994.

HERLING, Gustav, A World Apart. Trad. Andrzej Ciolkosz, Londres, 1951. Ievleva, Valentina, Neprichesannaya zhizn. Moscou, 1994.

---------, Imet situ pomnit. Moscou, 1991.

---------, Intaliya. Moscou, 1995.

Ioffe, Mariya, Odna noch. Nova York, 1978.

ISHUTINA, TLlen-A, Narym: dnevnik ssylnoi. Nova York, 1965.

IZGOEV, Aleksandr, "Pyat let v sovetskoi Rossii". Arkhiv Russkoi Revolyutsii, vol. X, Berlim, 1923.

Joffe, Nadezhda, Back in Time: My Life, My Fate, My Epoch [Vremya nazad]. Trad. Frederick S.Choate, Oak Park, MI, 1995.

KALACHEV, Konstantin, Vkruge tretem. Moscou, 1999.

Kaminskii, R. L, Minumbeeprokhoditpredo mnoyu. Moscou, 1955.

Kaufman, A. I.,Lagernyivrach. Tel Aviv, 1973.

KEKUSHEV, N. L., Zveriada. Moscou, 1991.

Kersnovskaya, Evfrosiniya, Naskalnaya zhivopis. Moscou, 1991.

Khrushchev, Nikita, Khrushchev Remembers. Trad. Strobe Talbott, Londres, 1970.

Kitchin, George, Prisoner ofthe OGPU. Londres, Nova York, Toronto, 1935. Klein, Aleksandr, Ditya smerti. Syktyvkar, 1993.

---------, Odin sredi odinokikh. Syktyvkar, 1995.

---------, Ulybki nevoli. Syktyvkar, 1997.

Klementev, V F, VBolshevitskoiMoskve. Moscou, 1998.

KLINGER, A., "Solovetskaya katorga: zapiski bezhavshego". Arkhiv Russkoi Revolyutsii, vol. XIX, Berlim, 1929.

KMIECIK, Jerzy, A Boy in the Gulag. Londres, 1983.

KOPELEV, Lev, To Be Preserved Forever [Khranit Vechno, Ann Arbor, MI, 1975]. Trad. Anthony

Austin, Filadélfia e Nova York, 1977.

KORALLOV, Marlen, "Kartserok-ne khuzhe drugikh". Moskovskii Komsomokts, 11 de setembro, 1993.

KOROL, M. M., Odisseya razvedchika. Moscou, 1999.

KOVALCHUK-KOVAL, I. K., Svidanie spamyatyu. Moscou, 1996.

Kozhina, Elena, Through the Burning Steppe: A Memoir ofWartime Bussia, 1942-43. Nova York, 2000.

KRAPIVSKII, Semen, Trizhdy rozhdennyi. Tel-Aviv, 1976.

RRASNOPEVTSEV, Yurii, Bekviem razluchennym ipavshim Stalinskoi repressii. Yaroslavl, 1992.

KRAVCHENKO, Viktor, I Chose Freedom. Londres, 1947.

KRESS, Vemon, Zekameron XX veka. Moscou, 1992.

KRZYSZTON, Jerzy, Wielbflyd na Stepie. Varsóvia, 1982.

KUDRYAVTSEV, F F, Primechardya k ankete. Moscou, 1990.

KUSURGASHEV, G. D., PrizrakiKolyrnskogo zolota. Voronezh, 1995.

KUTS, V., Poedinok ssudboi. Moscou, 1999.

KuusiNEN, Aino, The Rings ofDestiny. Trad. Paul Stevenson, Nova York, 1974.

KUZNETSOV, Edward, Prison Diaries. Trad. Howard Spier, Nova York, 1973.

LAHINA, Anna, This I Cannot Forget: The Memoirs ofNikolai Bukharin 's Widow. Trad. Gary Kern, Nova York e Londres, 1993.

Leipman, Flora, The Long Journey Home. Londres, 1987.

Levi, Primo, If This Is a Man. Londres, 1987.

Levinson, Galina, ed., Vsyapasha zhizn. Moscou, 1996.

Levttin-KhasnoV, A. E.,Buk tvoikh zhar. Tel-Aviv, 1979

Likhachev, Dmitrii, Kniga bespokoisty. Moscou, 1991.
------------, Vospominania. St. Petersburg, 1995.

LIPPER, Elinor, Eleven Years in Soviet Prison Camps. Trad. Richard and Clara Winston, Londres, 1951.

Litovtski iLedovitogo okeana. Yakutsk, 1995.

LOCKHART, R. Hruce, Memoirs of a British Agent. Londres e Nova York, 1932.

Maevskaya, Irina, Volnoeposelenie. Moscou, 1993.

Maksimovich, M., Nevolnye Sravneniya. Londres, 1982.

MALSAGOV, S. A., Island Hell. A Soviet Prison in the FarNorth. Trad. F H. Lyon, Londres, 1926.

Mamaeva, E. A., Zhizn prozhit. Moscou, 1998.

MANDELSTAM, Nadezhda, Hope Against Hope.Trad. May Hayward, Nova York, 1999.

Mandelstam, Osip, Stekla vechnosti (coletânea de poemas). Moscou, 1999.

MARCHENKO,Anatoly, MY Testimony.Trad. Michael Scammel, Londres, 1969.
----------, To Live Like Everyone Trad. Paul Goldberg, Londres, 1989.

Matlock, Jack, Autopsy on an Empire. Nova York, 1995.

MAZUS, Izrail, Gde ty byl?. Moscou, 1992.

Medvedev, Nikolai, Uznik GULAGa. São Petersburgo, 1991.

Menshagi, V G., Vospominaniya. Paris, 1988.

MILYUTINA,T. P,Lyudi moyei zhizni. Tartu, 1997.

MINDLIN, M. B.,Anfas iproftl. Moscou, 1999.

MIREK, Alfred, Tyuremnyi rekviem. Moscou, 1997.
----------, Zapiski zaklyuehennogo. Moscou, 1989.

MOROZOV, Aleksandr, Devyat stupenei v nebylie. Saratov, 1991.

MUKHINA-Petrinskaya,V., Na ladoni sudby. Saratov, 1990.

My iz Gulaga (antologia). Odessa, 1990.

MYSLIWSKI, Wieslaw, ed., Wschodnie Losy Polak6w, vols. 1-6. Lomza, 1991.

NARINSKII, A. S., Vospominaniya glavnogo bukhgaltera GULAGa. São Petersburgo, 1997.
---------, Vremya tyazhkikhpotryasenii. São Petersburgo, 1993.

Nazvatpoimenno (antologia). Gorky, 1990.

NEKIPELOV, Viktor, Lnstitute ofFools. Trad. Marco Carynnyk e Marta Horban, Londres, 1989.

NIKOLSKAYA, Anna, Peredai dalshe. Alma-Ata, 1989.

Noble, John, / Was a S/ave in Bussia. Nova York, 1960.

Numerov, Nikolai, Zolotaya zvezda GULAGa: rnezhdu zhiznyu ismertyu. Moscou, 1995.

OKUNEVSKAYA, Tatyana, Tatyanin den. Moscou, 1998.

Olitskaya, Elinor, Moi vospominaniya. Vols. I e II, Frankfurt am Main, 1971.

Orlov, Aleksandr, Tainye istorii stalinskikh prestuplenii. Nova York, 1983.

Pamyat Kolymy. Magadanskoe, 1990.

Pani.V Dmitri. The Notebooks ofSologdin. Nova York, 1973.

Pvsnvv Evgenii. "Veiichannye kolyuchie provoloki". Vybor, Moscou, janeiro-março 1988, nº. 3

PETROV. Vladimir, It Happens in Russia. Londres, 1951.

PETRUS. K., Uzniki kommunizma. Moscou, 1996.

Petyla: vospominaniya, ocherki, dokumenly. Volgograd, 1994.

PogodiN, Nikolai, "Aristokraty". Pyesy sovetskikh pisatelei, Moscou, 1954, pp. 109-83.

Pol, I. L.. Oglyanus so skorbyu, 1991.

POLAK, L. S.,Bylo tak, Ocherki. Moscou, 1996.

Polonskii. V. V., "Doroga v pyat let v Kazakhstan i obratno", Lstochnik, 1/1996, pp. 66-77.

Pomerants, Grigorii, Zapiskigadkogo utenka. Moscou, 1998.

PORSHNEVA, G. I., Ya vsezhezhiv. Moscou, 1990.

Pryadilov, Aleksei, Zapiski kontrrevolyutsionera. Moscou, 1999.

Ptasnik, Zofia, "A Polish Woman's Daily Struggle to Survive". The Sarmatian Review, vol. XXI, nº 1, janeiro 2002, pp. 846-54.

Ratushinskaya, Irina, Grey Is the Colour of Hope. Trad. Alyona Kojevnikov, Londres, 1988.

Rawicz, Slavomir, The Long Walk. Nova York, 1984.

Razgon, Lev, True Stories [Nepridumannoe, Moska, 1989].

Trad. John Crowfott, Dana Point, CA,

1997. Reshetovskaya, Natalya, Sanya: My Life with A/exander Solzhenitsyn. Trad. Elena Ivanhoff, Indianapolis, 1975.

ROBINSON, Robert, Black onBed: My 44 Years Lnside the Soviet Union. Washington, D.C., 1988.

Roeder, Bernhard, Katorga: An Aspect ofModern Slavery. Trad. Lionel Kochan, Londres, 1958.

ROMANOV, Grand Duke Gavril Konstantinovich, V mramornom dvortse. Dusseldorf, 1993.

ROSENBERG, Suzanne, A Soviet Odyssey. Toronto, 1988.

Rossi, Jacques, Quelle Etait Belle Cette Utopie. Paris, 1997.

Rotfort, M. S., Kolyma-krugiada. Uralskii Rabochii, 1991.

ROZINA, Anna, Upamyati v gostyakh. São Petersburgo, 1992.

RozSAS, Janos, "Iz Knigi 'Sestra Dusya' ", Volya, 2-3,1994.

Ruta, U.,Bozhe kak eshche khotelos zhit Londres, 1989.

SADUNAITE, Nijole, A Radiance in the Gulag. Trad. Revd Casimir Pugevicius e Marian Skabeikis,

Manassas,VA, 1987. Samsonov,V A. Parus Podnimayu. Petrozavodsk, 1993.
----------, Zhizn prodolzhaetsya. Petrozavodsk, 1990.

SEREBRYAKOVA, Galina, Huragan. Trad. Josef Labodowski, Paris, 196

SGOVIO, Thomas, Dear America. Kenmore, Nova York, 1979.

Shalamov, Varlam, Kolynxa Tales. Londres, 1994.
----------, Neskolko moikh zhiznei. Moscou, 1996.

Sharansky, Natan, FearNo Evil. Trad. Stefani Hoffman, Londres, 1988.

Shelest, Georgii, "Kolymskie zapisi". Znamya, nº 9, setembro 1964, pp. 162-80.

Shikheeva-Gaister, Inns, Semeinaya khronika vremen kulta lichnosti. Moscou, 1998.

Shipovskaya, E. A.,Lspovedrytsarya sveta. Moscou, 1998.

SHRYAEV, Boris, Neugasimaya lampada. Moscou, 1991.

SHREIDER, Mikhail, NKVD iznutri. Moscou, 1995.

SIEMINSKI, Janusz, Moja Kolyma,Varsóvia, 1995.

SITKO, Leonid, Gafe moi veter?. Vol. VIII. Moscou, 199.6.
----------, Tyazhest sveta. Moscou, 1996.

Smith, CA., Escape from Paradise. Londres, 1954.

Snegov, Sergei, Yazyk, kotoryi nenavidit. Moscou, 1991.

Solzhenitsyn, Alexander, Cancer Ward. Trad. Nicholas Bethell e David Burg, Nova York, 1995.
---------, The GulagAi-chipelag. 3 vols., Nova York, 1973.
---------, The First Circle. Londres, 1996.
----------, One Day in the Life oflvan Denisovich. Trad. H. T. Willetts, Londres, 1996.

Sreddrugikh irnen (antologia poética). Moscou, 1991.

Stajner, Karlo, Seven ThousandDays in Siberia. Edinburgo, 1988.

Starostin, Níko\ai,Futbo/skvozgody. Moscou, 1992.

Stypülkowski, Zbigniew, Invitation to Moscow. Londres, 1951.

SüLIMOV, Ivan,ÉMoprozhitykh let. Odessa, 1997.

TAYLOR-TERLECKA, Nina, ed., Gulag Polskich Poetow: od Komi do Kolyrny (antologia poética). Londres, 2001.

Tchernavin, Tatiana, Escape from the Soviets. Nova York, 1934.

TCHERNAVIN,Vladimir, I Speak for the Silent. Boston e Nova York, 1935.

Tiif, O., "Iz vospominanii i zametok, 1939-1969". Minuvshee, vol. 7,1992, p. 125.

TOLSTOY, Leo, Anna Karenina. Trad. Rosemary Edmund, Londres, 1978.

TRUBETSKOI, Andrei, Puti neispovedimy. Moscou, 1997.

Trubetskoi, Sergei, Minuvshee. Moscou, 1991.

TVARDOVSKII, I. I.,Rodina ichuzhbina. Smolensk, 1996.

ULYANOVSKAYA, Nadezhda e Maya, Istoriya odnoisemyi. Nova York, 1982.

Uroki Gneva i lyubvi: sbornik vospominanii o godakh repressii. São Petersburgo, 1993.

Vardi, Aleksandr, Podkonvoiny mir. Berlim, 1971.

VESELOVSKII, B.V.,Skrytaya biografiya. Moscou, 1996.

Vesyolaya, Zayara, 7-35Vospominaniya. Moscou, 1990.

VILENSKY, Simeon, et al., Den Gulaga: 1918-1956. Moscou, 2002.

Vilensky, Simeon, ed., Osventsim bezpechei. Moscou, 1996.

-----------------, Till My Tale Is Told [Dodnes tyagoteet, Moscou, 1989], Bloomington e Indianapolis, IN, 1999.

VINS, Georgii, F.vangelie v uzakh. Kiev, 1994.

Vitzhum, Hilda, Torn OutBy theRoots. Trad. Paul Schach, Lincoln, NB, e Londres, 1993. VOGELER, Robert, I Was Stalin 's Prisoner. Nova York, 1951.

VOGELFANGER, Isaac, Red Tempest: The Life ofa Surgeon in the Gulag. Montreal, 1996.

VOITOLOVSKAYA, Adda, Po sledam sudby moegopoko/eniya. Syktyvkar, 1991.

VOLKOV, Oleg, Vek nadezhd i krushenii. Moscou, 1990. Vremya i sudby (antologia). Moscou, 1991.

Wat, Aleksander, My Century: The Odyssey ofa Polish Intellectual Ed. e trad.

Richard Lourie, Berkeley, CA, 1988.

Waydenfeld, Stefan, TheIceRoad. Edinburgo e Londres, 1999.

Weissberg, Alexander, Conspiracy ofSilence. Londres, 1952.

WIGMANS, Johan, Ten Years in Russia and Siberia. Trad. Arnout de Waal, Londres, 1964.

Wu, Harry, Bitter Winds. Nova York, 1994.

Yakir, Pyotr, A Childhood in Prison. Nova York, 1973.

Yakovenko, M. M.,Agnessa. Moscou, 1997.

Yasnyi,V K., Godrozhdeniya-devyatsotsemnadtsatyi. Moscou, 1997.

Yevtushenko, Yevgeny, Strofi Veka: Antologiya Russkoi Poezii. Minsk e Moscou, 1995.

Zabolotskii, N. A., "Istoriya moego zaklyucheniya", Minuvshee, vol. 2,1986.

Zajdlerowa, Zoe, The Dark Side oftheMoon. Ed. John Coutouvidis e Thomas Lane, Londres, 1989.

Zarod, Kazimierz, Inside Stalin 's Gulag. Lewes, Sussex, 1990.

Zernova, Ruf Éto bylo prinas. Jerusalém, 1988.

Zhenov, Georgii, Sanochki. Moscou, 1997.

Zhigülin, Anatolii, Chernye kamni. Moscou, 1996.

Znamenskaya, A. N., Vospomingniya.  São Petersburgo, 1997.

**MEMÓRIAS NÃO PUBLICADAS**

Baitalskii, Mikhail, Memorial Archive, 2/1/8.

BIEN, George, Hoover Institution.

CHERKHANOV, P. D., Memorial Archive, 2/1/127.

Fexdgun, Georgii, Coleção do Novosibirsk Memorial.

GOGUA, I. K., Memorial Archive, 1/3/18.

GunSKii, K. P., Memorial Archive, 2/1/14-17.

KOGAN, Mark, Memorial Archive, 2/2/46-7.

KUPERMAN, Yakov, M., Memorial Archive, 2/1/77.

Lahti, Suoma Laine, Coleção de Reuben Rajala.

Lvov, E. M., Memorial Archive, 2/1/84.

MARCHENKO, Zoya, coleção da autora.

Mamtukhin, Lev Nikoaevich, Coleção de Simeon Vilensky (Vozvrashchenie).

Neapolitanskaya,V. S., Memorial Archive, 3/3/39.

Sandratskaya, Mariya, Memorial Archive, 2/105/1.

SHREIDER, M. P., Memorial Archive, 2/2/100-2.

TOBBIN, S. S., Memorial Archive, 2/2/91.

Usova, Zinaida, Memorial Archive, 2/1/118.

Wakwick, Walter, Coleção de Reuben Rajala.

Zcornicki, George Victor, gravação enviada à autora, abril 1998.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMK1N,V E, e Chesnokova,V F., Ugobvnaya Rossiya, tyurmi i lagerya. Vol. I. Moscou, 1993.

ADAMS, Rruce, ThePoliticsofPunishment:PrisonerReform inRussia, 1863-1917. DeKalb, IL, 1996.

Adler, Nanei, The Gulag Survivor. New Brunswick, Nova Jersey, 2002.

Agnew, Jeremy, e McDermott, Kevin, The Comintern. Nova York, 1997.

Alekseeva, Lyudmila, Istoriya inakomysliya v SSSR. Moscou (em www.memo.rii/history/diss/books).

Amis, Martin, Koba the Dread: Laughter and the Twenty Million. Londres, 2002.

ANDERS, Wladyslaw, Bez ostatniego rozdzialu: wspomnienia z lat 1939-1946. Newtown, Montgomeryshire, 1949.

Andrew, Christopher, e Gordievsky, Oleg,KGB: The Inside Story. Nova York, 1990.

Anisimov, Evgenii, The Reforms of Peter the Great: Progress Through Coercion in Russia. Armonk, Nova York e Londres, 1993.

ANTONOV-OVSEENKO, Anton, Lavrentii Berya. Krasnodar, 1993.
----------, The Time of Stalin. Nova York, 1980.

Applebaum, Anne, "A History of Horror". The Nova York Review of Books, 18 de outubro, 2001.
----------, "Inside the Gulag". The Nova York Review of Books, 15 de junho, 2000.

Arendt, Hannah, The Origins of Totalitarianism. Nova York, 1951.

Artizov, A., et al., Reabilitatsiya, éto bylo: dokumenty. Moscou, 2000.

AVERBAKH, I. L., Otprestupleniya k trudu. Moscou, 1936. Bacon, Edwin, The Gulag at War. Londres, 1994.

BARANOV, Vadim, Gorkii bez grima. Moscou, 1996.

Baron, Nick, "Conflict and Complicity: The Expansion of the Karelian Gulag, 1923-1933”. Cahiers du Monde Russe, 42/2-4, abril-dezembro, 2001, pp. 615-48. BATESON, Edward, e PIM, Sir Alan, Report on Russian Timber Camps. Londres, 1931.

Bazarov, Aleksandr, Durelom, ili, Gospoda kolkhozniki. Kurgan, 1988.

Bazunov, V. V. e DETKOV, M. G., TyurmyNKVD-MVD SSSR v karatelnoisisteme sovetskogo gosudarstva. Moscou, 2000.

Beck, E, e GODIN, W., Russian Purge and the Extraction of Confession. Trad. Eric Mosbacher e David Porter, Londres, 1951.

BEEVOR, Antony, Stalingrad. Londres, 1998.

BEICHMAN, Arnold, e Bernstam, Mikhail, Andropov: New Challenge to the West. Nova York, 1983.

BEHDINSKIKH,Viktor, Vyatlag. Kirov, 1998.

Berliner, Joseph, Factory andManager in the Soviet Union. Cambridge, 1957.

BESANCON, Alain, The Rise of the Gulag: Intellectual Origins of Leninism. Nova York, 1981.
----------, Le Tsarevitch Immole. Paris, 1991.

Bethell, Nicholas, The Last Secret. Nova York, 1974.

Bettelheim, Bruno, The InformedHeart. Londres, 1991.

BINNER, Rolf, JUNGE, Marc, e Martin, Terry, "The Great Terror in the Provinces of the USSR: A Cooperative Bibliography", Cahiers du Monde Russe, 42/2-4 abril-dezembro, 2001.

Blandy, Charles, "The Meskhetians: Turks or Georgians? A People Without a Homeland". Camberley, 1998.

Bobrick, Benson, East of the Sun: The Conquest and Settlement of Siberia, Londres, 1992.

"Borba za GPU". SotsialisticheskiiVestnik, nº 14-15, agosto 1933. Brackman, Roman, The Secret File of Joseph Stalin, Londres e Portland, OR, 2001.

BRODSKY, Juri, Solovki: Le Isole dei Martírio. Roma, 1998.

Brodsky, Juri, e Owsiany, Helena, Skazani Jako Szpiedzy Watykanu. Varsóvia,

1998.

Brown, Ai-chie, The Gorbachev Factor. Oxford, 1996.

Browne, Michael, ed., Ferment in the Ukraine. Woodhaven, Nova York, 1971. BukoSKY, Vladimir, Moskovskii protsess. Paris, 1996.

Bullock, Alan,Hitler and Stalin: Parallel Lives. Londres, 1993. Bunyan, James, The Origin of Forced Labour in the Soviet State. Baltimore, 1967.

Burds, Jeffrey, "AGENTURA: Soviet Informants' Networks and the Ukrainian Rebel Underground in Galicia, 1944-1948". East European Politics and Societies, 11/1, inverno 1997, pp. 89-130.

Butyrskii, Fedor, e Karyshev, Valerii, Moskva Tyuremnaya. Moscou, 1998. Cahiers du samizdat, vols. I-XV, 1972,

Brussels (LOC). Celmina, Helene, Wornen in Soviet Prisons. Nova York, 1985.

Chekhov, Anton, A Journey to Sakhalin. Trad. Brian Reeve, Cambridge, 1993.

CHORNOVIL, Vyacheslav, The Chornovil Papers. Nova York, 1968. Chronicle of Current Events, nº 28-64 (1972-1982), Amnesty International Publications, LOC.

CHUKHIN, Ivan, "Dva dokumenta komissii A. M. Shanina na Solovkakh". Zvenya, vol. I, Moscou, 1991, pp. 359-81.

--------------, Kanaloarmeetsi, Petrozavodsk, 1990.

Ciesielski, Stanislaw, Polacy w Kazachstanie w Latach 1940-1946, Wroclaw, 1996.

COHEN, Stephen, ed., An End to Silence: Uncensored Opinion in the Soviet Union. Nova York e Londres, 1982.

Commission on Security and Cooperation in Europe, One Hundredth Congress, First Session, 15 de maio, 1987 (Testemunho de Aleksandr Shatravka e dr. Anatoly Koryagin).

Comniittee on the Judiciary, audiência do Subcomitê de investigação da Administração do Ato de Segurança Interna e outras leis de segurança interna do Comitê do Judiciário, Senado dos EUA, 93a Congresso, Primeira Sessão, 1º de fevereiro, 1973 (Testemunho de Avraham Shifrin).

Committee on Un-American Activities, U.S. House of Representatives, 86" Congresso, Segunda Sessão, 4 de abril, 1960 (Testemunho de Adam Galinski).

CONQUEST, Robert, The Greal Terror: A Reassessment. Londres, 1992.

---------, Harvest of Sorrow. Londres, 1988.

---------, Kolyma: The Arctic Death Camps. Nova York, 1978.

---------, The Soviet Deportation of Nationalities. Londres, 1960.

----------, Stalin: Breaker of Nations. Londres, 1993.

Cotirtois, Stephane, et ai., eds., The Rlack Book of Communism. Trad. Jonathan Murphy, Cambridge, 1999.

Craveri, Marta, "Krizis Gulags: Kengirskoe vosstanie 1954 gods v dokumentakh MVD". Cahiers du Monde Russe, XXXVI (3), julho-setembro, 1995, pp. 319-44.

CRAVERI, Marta, e Khlevnyuk, Oleg, "Krizis ekonomiki MVD (Konets 1940-x-1950-e gody)". Cahiers du Monde Russe, xxxvi (1-2), janeiro-junho, 1955, pp. 179-90.

DAGOR, K., "Magadanº. Sovietland, nº 4, abril, 1939.

Dallin, Alexander, e FIRSOV F I., eds., Dmitrov and Stalin: 1934-1943, Letters from the Soviet Archives. New Haven e Londres, 2000.

Dallin, David, e NICOLAEVSKY, Boris, Forced Labour in Soviet Russia. Londres, 1948.

Dawidowicz, Lucy, The War against the Jews, 1933-1945. Londres, 1990.

Dekrely sovetskoi vlasti. Moscou, 1957.

DEUTSCHER, Isaac, Stalin: A PoliticalBiography. Londres, 1949.

DOBROVOLSKII, Aleksandr, "Mertvaya doroga". Otechestvo, vol. V, 1994, pp. 193-210.

DOBROVOLSKII, I. V, ed., Gulag: ego stroiteli, obitateli, igeroi. Moscou, 1998. Doloi, Yurii, Krasny terror na sefere. Arkhangelsk, 1993.

DoROFEEV, Oleg, "Kuzina Gitlera". Novaya Izvestiya, 3 de abril, 1998, p. 7.

DRYAKHLITSIN, Dmitrii, "Period icheskaya pechat Arkhipelaga". Sever, vol. 9, 1990.

DUGIN, Aleksandr, "Gulag Glazami Istorika". Soyuz, 9 de fevereiro 1990, p. 16.
---------, "Stalinizm, Legendy and Fakty". Slovo, nº 7, 1990, p. 40.

DUGUET, Raymond, Un Bagne en Russie Rouge. Paris, 192.

Ebon, Martin, The Andropov File. Nova York, 1983.

Ékonomika Gulags i ego rol v razvitii strany, 1930-e gody: sbornik dokumentov. Rossiiskaya Akademya Nauk. Moscou, 1998

Elantseva, O. P, "Kto i kak stroll BAM v 30-e gody". Otechestvennye Arkhivy, nº 5,1992, pp. 71-81.

ELLETSON, Howard, The General Against the Kremlin: Alexander Lebed, Power and Illusion. Londres, 1998.

FAINSOD, Merle, Hoiv Russia Is Ruled. Cambridge, 1962.

FIGES, Orlando, A People's Tragedy: The Russian Revolution, 1891-1924. Londres, 1996.

Filene, Peter, ed., AmericanViews of Soviet Russia. Homewood, IL, 1968.

FIRESIDE, Harvey, Soviet Psychoprisons. Nova York e Londres, 1979.

FITZPATRICK, Sheila, Everyday Stalinism. Nova York, 1999.
----------, Stalin 's Peasants: Resistance and Survival in the Russian Village After Collectivization. Nova York, 1994.

FOUCAULT, Michel, Discipline and Punish: The Birth of the Prison. Trad. Alan Sheridan, Nova York, 1978.

Gelb, Michael, "Karelian Fever: The Finnish Immigrant Community During Stalin's Purges". Europe Asia Studies 45, nº 6, 1993, pp. 1091-116.

Geller, Mikhail, Kontsentratsionhy mir i sovetskaya literature. Londres, 1974.

Genrikh Yagoda: Narkom Vnutrennikh Del SSR, generalnyi komissar gosudarstvennoi bezopasnosá: sbornik dokumentov. Kazan, 1997.

Getty, J. Arch, Origins of the Great Purges. Cambridge, 1985.

Getty, J. Arch, e Manning, Roberta, eds., Stalinist Terror: New Perspectives. Cambridge, 1993.

Getty, J. Arch, e Naumov, Oleg, eds., The Road to Terror: Stalin and the Self-Destruction of the Bolsheviks, 1932-1939.

New Haven e Londres, 1999/ GETTY, J. Arch, RiTTEHSPOON, GaborT, e ZEMSKOV,Viktor, "Victims of the Soviet Penal System in the Pre-war Years". American Historical Review, outubro, 1993.

GlLBERT, Martin, The Holocaust: Thejewish Tragedy. Londres, 1978.

GlZEJEWSKA, Malgorzata, Polacy na Kolymie: 1940-1943. Varsóvia, 1997.

GLOWACKI, Albin, Sowieci Wobec Polakow: Na Ziemach Wschodnich II Rzeczpospolitej, 1939-1941. Lódz, 1998.

Goldhagen, Daniel, Hitlers Willing Executioners. Nova York, 1996.

GoLOVANOV, Yaroslav, "Katastrofa" Zrtamja, janeiro 1990, pp. 107-50; e fevereiro 1990, pp. 104-49.

Gorky, Maxim, ed., Belomor [Kanal imeni Stalina]. Nova York, 1935. Gross, Jan Tomasz, Revolution from Abroad: The Soviet Conquest of Poland's Western Ukraine and Western Beloruissa. Princeton, 1988.

Gurjanow, Aleksandr, ed., Repressiiprotivpolyakov ipolskikh grazhdan. Moscou, 1997. Gurjanow, Aleksandr, Kokurin, Aleksandr, e Po PINSKI, Krzyztof, eds., Drogi Smierci. Varsóvia, 1995.

Harris, James R., "Growth of the Gulag: Forced Labour in the Urais Region, 1929-1931", The Russian Review, nº 56, abril 1997, pp. 265-80. HILL, Christopher, ed. (for Amnesty International), Rights and Wrongs: Some Essays on Human Rights. Londres, 1969.

Hochschild, Adam, The Unquiet Ghost: Russians Remember Stalin. Nova York, 1994. Hopkins, Mark, Russia's UndergroundPress. Nova York, 1983.

Hosking, Geoffrey, ed., The Road to Post-Communism: Independem Political Movements in the Soviet Union, 1985-1991. Londres, 1992.

Hosking, Geoffrey, Rússia: People and Empire, 1552-1917. Londres, 1997.

Inside Soviet Slave Labor Camps, 1939-1942: An Analysis of Written Statements by 9,200 Former Prisoners. Washington, D.C., 1952.

Ioffe, Veniamin, "FSB: delo i slovo", Novye etpidy ob optimizme. São Petersburgo, Memorial, 1995, pp. 120-161.

Istorija otechestva v dokumentakh, Volume 2: 1921-1939. Moscou, 1994. Ivanova, Galina M., Labor Camp Socialism. Trad. Carol Flath, Armonk, Nova York e Londres, 2000.

----------, "Poslevoermye repressii i GULAG". Stalin ikholodnaya voina. Moscou, 1998, pp. 245- 73.

Ivnitskii, N. A., Kollektivizatsiya i raskulachivanie, nachalo 30-kh gg. Moscou, 1996.

IwANOW, Mikolaj, PierwszyNat6d Ukarany. Varsovia e Wroclaw, 1991.

Jakobson, Michael, Origins of the Gulag: The Soviel Prison Camp System, 1917-1934. Lexington,

KY. JANSEN, Marc, e Petrov, Nikita, "Stalin's Loyal Executioner: People's Commissar Nikolai Yezov". Stanford, CA, 2000. JOHNSON, Paul, The Intellectuals. Londres, 1988.

Kaczynska, Elzbieta, Syberia: Najwigksze Wkziente Swtata (1815-1914). Varsovia, 1991.

Kaiser, Robert, Why Gorbachev Happened. Nova York, 1991. Kalbarczyk, Slawomir, WykazLagrdw Sowieckich. Varsovia, 1997.

KANEVA, A. N., "Uklitpechlag, 1929-1938". Zvenya, vol. I, Moscou, 1991, pp. 331-54. KAPUICINSKI, Ryszard, Imperium. Londres, 1994.

Karlov, S. V, e Tuguzhekova, V. N., Repressii v Khakasii, Abakan, 1998.

Karta (historical journal), vols. 1-31, Varsovia, 1991-2001. Kennan, George, Siberia and the Exile System. Londres, 1891.

Kerbeh, L. L., Stalin's Aviaríon Gulag. Washington, D.C., e Londres, 1996.

Khetso, Geir,Maksim Gorkii: sudbapisatelya. Moscou, 1997.

Khlevnyuk, Oleg, "L. P. Berya: predely istoricheskoi 'reabilitatsii'" in G. A. Bordyugov, ed., Istoricheskie issledovaniya v Rossii. Tendentsii poslednikh let. Moscou, 1996, pp. 139-54.

---------, 1937. Stalin, NKVD I Sovetskoye Obshestvo. Moscou, 1992.

----------, "Prinuditelnyi Trud v Ekonomike SSSR: 1929-1941 gody". Svobodnaya Mysl, nº 13, 1992, pp. 73-84.

Klehr, Harvey, HAYNES, John Earl, e Anderson, Kyrill, eds., The Soviel World

of American Comnmnism. New Haven e Londres, 1998.

Klehr, Harvey, Haynes, John Earl, e FIRSOV, Fridrickh, The Secret World of American

Communism. New Haven e Londres, 1995. KLIMOVICH, Rygor, Knets Gorlaga. Minsk, 1999. Knight, Amy, Seria: Stalin's FirstLieutenant. Princeton, 1993.

------------, "TheTruth about Wallenberg". The Nova York Review of Books, vol. XLVIII, nº 14, 20 de setembro, 2001, pp. 47-50.

------------, Who Killed Kirov?. Nova York, 1999.

Koestler, Arthur, Darkness at Noon. Trad. Daphne Hardy, Nova York, 1941.

KOKURIN, Aleksandr, "Gulag: struktura i kadry", série de artigos em Svobodnaya Mysl, de 1997 a 2002. De 1997 (artigo 1), o co-autor de Kokurin era Nikita Petrov; de 2000 (artigo 10) o co-autor era Yuri Morukov.

KOKURIN, Aleksandr, "Osoboe tekhnicheskoe byuro NKVD SSSR". Istoricheskie Arkhiv, ti> 1, 1999 pp. 85-99.

---------, "Vosstanie v Steplage". Otechestvennye Arkhivy, nº 4,1994, pp. 33-82.

Kokurin, Aleksandr, e MORUKOV, Yuri, "Tuimel pod Tatarskim prolivom: neosushchestvlennyi proekt". Istoricheskie Arkhiv, nº 6, junho 2001, pp. 41-78. Kokurin, Aleksandr, e Petrov, Nikita, Gulag, 1917-1960. dokumenty. Moscou, 2000.

---------, Lubyanka: spravochnik. Moscou, 1997.

Korni travy: sbornik statei molodykh istorikov. Moscou, 1996.

Kosyk, Volodymyr, Concentration Camps in the USSR. Londres, 1962.

Kotek, Joel, e RIGOULOT, Pierrè, Le Siecle des camps. Paris, 2001.

Kotkin, Stephen, MagneticMountain. Berkeley, CA, 1995.

Kozlov, A. G., OgniLagernoi rampy. Magadan, 1992.

----------, "Sewostlag NKVD SSSR: 1937-1941". Istoricheskie issledovaniya na severe dalnevo vostoka, Magadan, 2000.

KRASIKOV, K, "Solovki". Izvestiya, nº 236 (2271), 15 de outubro, 1924.

KRASILNIKOV, S. A., "Rozhdenie Gulags: diskusií v verkhnikh eshelonakh vlasti". Istoricheskie Arkhiv, nº 4, julho/agosto 1997, pp. 142-56.

Krasilnikov, S. A., et al., ed., Spetspereselentsy v zapadnoi Sibiri, 1930 g.- vesna 1931 g., Novosibirsk, 1992.

---------, Spetspereselentsy v zapadnoi Sibiri, vesna 1931 g.- nachalo 1933 g., Novosibirsk, 1993.

---------, Spetspereselentsy v Zapadnoi Sibiri,1933-1938. Novosibirsk, 1996.

KRUGLOV, A. K.,Kaksozdavalas atomnayapromyshlennost v SSSR. Moscou, 1995.

Kuchin, S. P, Istoriya goroda Krasonyarsk-26: "Granitnyi iz 505", Krasnoyarsk-26, Munitsipalnaya Organizatsiya Kultury g. Krasnoyarsk-26: Muzeirio-Vystavochnyi Tsentr, 1994.

---------, Polyanskii ITL, Zheleznogorsk (Krasnoyarsk-26), Muzeirio-Vystavochnyi Tsentr g.

Zheleznogorska, 1999. KuLIkov, K. I., DeloSOFIN. Izhevsk, 1997.

Kuzmina, Marina, Yapomnyu tot vaninskiiport. Komsomolsk-na-Amure, 2001.

Kuznetsov, S. L, "The Situation of Japanese Prisoners of War in Soviet Camps (1945-1956)". Journal of Slavic Military Studies, vol. 8, nº 3, pp. 613-18. Lebedeva, Natalya, Katyn: Prestuplenieprotiv chelovechestva. Moscou, 1994.

Ledeneva, Alena, Russia's Economy of Favors: Blat, Networking and Informal Exchange. Cambridge, 1998.

LEGGETT, George, The Cheka:LeninsPolítica/Police. Oxford, 1981.

Letters from Russian Prisons, International Committee for Political Prisoners, NovaYork, 1925.

Levye ésery i VChK: sbornik dokumentov. Kazan, 1996.

LIEVEN, Anatol, The Baltic Revolution. New Haven e Londres, 1993.

----------, Chechnya: Tombstone of Russian Power. New Haven e Londres, 1998.

LIH, Lars, Naumov, Oleg, e Khlevnyuk, Oleg, eds, Stalin 's Letters to Molotov. New Haven e Londres, 1995.

LIN, George, "Fighting in Vain: NKVD RSFSR in the 1920s". Ph.D. dissertation, Stanford University, 1997.

LIPSHITS, Evgeniya,Dokumentalny urode XX vek. TelAviv, 1997.

LrrviNOV, Pavel, The Demonstration in Pushkin Square. Trad. Manya Harare, Londres, 1969.

----------, The Trial of the Four: The Case of Galanskov, Ginzburg, Dobrovohky andLashkova. Trad.

Janis Sapiets, Hilary Sternberg e Daniel Weissbort, ed. Peter Reddaway, Nova York, 1972.

MacQueen, Angus, "Survivors". Granta, 64, inverno 1998, pp. 38-53.

MAKSHEEVA,V. N., ed,Narymskaya khronika,1930-1945. Moscou, 1997.

MAKUROV,V G., Gulag vKarelii: sbornik dokumentov imaterialov,1930-1941, Petrozavodsk, 1992.

MALIA, Martin, "Judging Nazism and Communism". The National Interest, nº 64, outono 2002, pp. 63-78.

Martin, Terry, The Affirmative Action Empire: Nations and Nationalism inthe USSR. Ithaca, Nova York, 2001.

----------, "Stalinist Forced Relocation Policies: Patterns, Causes and Consequences".

Demography and National Security,MyronWeiner e Sharon Russell eds., Nova York, 2001.

----------, "Un interpretazione contestuale alia luce belle nuove richerche" ("The Great Terror: A Contextual Interpretation in Light of New Research"). Storica, 18/2000, pp. 22-37.

MEDVEDEV, Roy, Let History judge. Trad. Colleen Taylor, Nova York, 1972.

Melgunov, Sergei, The Red Terror in Rússia. Londres e Toronto, 1926.

MELNIK, A., e SOSHINA, A., "Zayavleniya politzaklyuchennykh Petrominska i Solovkov". Zvenya, Vol. I, Moscou, 1991, pp. 245-51.

Melnik, A., SoshiNA, A., Reznikova, I., e Reznikov, A., "Materialy k istoriko-geograficheskomu atlasu Solovkov". Zvenya, Vol. 1, Moscou, 1991, pp. 303-30.

Memorialne kladbishche Sandormokh: 1937, 27 Oktyabrya-4 Noyabrya (Solovetskii etap). São Petersburgo, 1997.

Merridale, Catherine, Night of Stone: Death and Memory in Russia, Londres, 2000.

Minuvshee, série de antologias históricas, inicialmente publicadas em Paris, depois em Moscou, que abrang os últimos anos de 1980 até os anos 1990.

MISIUNAS, Romuald, e TAAGEPERA, Rein, The Raltic States: Years of Dependence: 1940-1990. Rerkeley e Los Angeles, 1993.

Mitin, V A., "Vaigachskaya ekspeditsiya (1930-1936 gg.)". Gulag na severe i ego posledstvíya, Arkhangelskaya Oblastnaya Organizatsiya Soveet, 1992.

MORA, Sylwester (S. Starzewski), e ZWIERNIAK, Piotr (Kazimierz Zamorski), Sprawiedhwosc Sowiecka. Roma, 1945.

MOROZOV, N. A!, GULAG v Komikrae, 1929-1956. Syktyvkar, 1997.

---------, Osobye lagerya MVD SSSR v KomiASSR (1948-1954 g). Syktyvkar, 1998.

MOROZOV, N. A., e ROGACHÉV, M. B., "Gulag v Komi ASSR" Otechestvennye Arkhlvy nº 2,1995, pp. 182-87.

MOSKOFF, William, The Bread of Affliction: The Food Supply in the USSR During World War II. Cambridge, 1990.

MOYNAHAN, Brian, The Russian Century. Nova York, 1994.

NAIMARK, Norman, Fires ofHatred: Ethnic Cleansing in Twentieth-Century

Europe. Cambridge e Londres, 2001.

----------, The Russians in Germany. Cambridge, 1995.

NAUMOV,V, e Rubinstein, Joshua, eds., Stalin's SecretPogrom. New Haven e Londres, 2001.

NAUMQV,V, e SICACHEV, Y, eds.,LavrentiiReriya, 1953: dokumenty. Moscou, 1999.

NERLER, P, "S Gurboi i gurom: khronika poslednego goda zhizni O. É. Mandelshtama". Minuvshee, vol. 8,1992.

NEVSKii, G. V, et al., eds.,Pokayanie: martirolog, vols. 1-3. Syktyvkar, 1998. Nogtev, A., "Solovki". Ekran, nº 2 (39), 1926, pp. 4-5.

---------, "USLON: ego istorii, tseli i zadachi". Solovetskie Ostrova, nº 2-3, fevereiro/março 1930.

NORDLANDER, David, "Capital of the Gulag: Magadan in the Early Stalin Era, 1929-1941. Ph.D. dissertation, UNC Chapei Hill, 1997.

---------, "Magadan and the Evolution of the Dalstroi Bosses in the 1930s". Cahiers du Monde

Russe, 42/2-4, abril-dezembro 2001, pp. 649-65.

---------, "Origins of a Gulag Capital: Magadan and Stalinist Control in the Early 1930s". Slavic

Review 57, nº 4, inverno 1998, pp. 791-812. "Not Part of My Sentence: Violatíons of the Human Rights of Women in Custody". Amnesty International Report, Amnesty. International USA, XX, 1999.

Obozy Koncemracyjne OGPU w ZSRR. Varsóvia, 1998.

OGAWA, Haruhisa, e YüON, Benjamin H., Voicesfrom the North Korean Gulag. Seul, 1998.

Okhotin, N. G., e ROGiNSKii, A. B., eds.,Sistema ispravitelno-trudovykh lagerei vSSSR, 1923-1960: spravochnik. Moscou, 1998.

Ohovych, Orest, ed., An Interview with Political Prisoners in a Soviet Perm Camp. Trad. Taras Drozd, Baltimore, 1975.

Organy Gosudarstvennoi Bezopasnosti SSSR vVelikoi OtechestvennoïVoine: sbornik dokumentov, tomI: Nakanune. Moscou, 1995.

Osipova, Irina,Khotelos by vsekhpoimenno nazvatz. Moscou, 1993.

Overy, Bichard,Russia's War. Londres, 1997.

PACZKOWSKI,Andrzej, ed., Powrot Zolnierzy AKz Sowieckich Lagrow. Varsóvia, 1995.

Pamyat, série de antologias históricas, publicadas a partir dos últimos anos 1970 nos Estados Unidos e em Paris.

Papkov, S. A., "Lagernaya sistema i prinuditelnyi trud v Sibirii i na Dalnem Vostoke v 1929-1941 g.". Vozvrashchenie Pamyati, vol. III, pp. 40-57.

Parrish, Michael, The Lesser Terror: Soviet State Security, 1939-1953. Westport, CT, e Londres, 1996.

Payne, Matthew, Stalin 's Railroad: Turksib and the Building of Socialism, Pittsburgh, 2001.

Petrov, Nikita, "Cekisti e it secondino: due diversi destini". Nazismo, Fascismo e Comunismo, Milão, 1998, pp. 145-64.

---------, "Polska Operacja NKWD". Karta 11,1993, pp. 24-43.

Petrov, Nikita, e Skorkin, K. V, eds, Kto rukovodilNKVD: 1934-1941. Moscou, 1999.

PIESAKOWSKI, Tomasz, The FateofPoles in the USSR, 1939-1989, Londres, 1990.

PIKHOYA, R. G., Sovetskii Soyuz: istoriya vlasti, 1945-1991, Novosibirsk, 2000

PIKHOYA, R. G., et ai., eds., Katyn: dokumenty. Mdscou, 1999.

PIPES, Richard, The Russian Revolution. Nova York, 1990.

POHL, J. Otto, "The Deportation and Fate of the Crimean Tartars", trabalho apresentado na Fifth Animal World Convention for the Association for the Study of Nationalities, publicado em www.iccrimea.org/jopohl.html

---------, The Stalinist Penal System. Jefferson, NC, e Londres, 1997.

POLESHCHiKOV. V M.,Zasemyupechatyami. Syktyvkar, 1995.

POLYAN, Pavel, Nepo svoei vole: istoriya igeografiyaprinuditelnykh migratsii v SSSR. Moscou, 2001.

PoPov. V. R, "Neizvestnaya initsiativa Khrushcheva (o podgotovke ukaza 1948 g. o vyselenii krestyanº. Otechestvennye Arkhivy, nº 2, 1993, pp. 31-8.

PoPOVA. T. U., Sudba: rodnykkL. Martava v Rossiiposle 1917 goda. Moscou, 1996 "Posetiteli kabineta I. V Staling". Istoricheskii Arkhiv, n- 4.1998, p. 180. Prisoners of Conscience in the USSR: Their Treatment and Conilitions, Amnesty International report, 1975.

Raizman, D., Maldyak v zhizni koroleva. Magadan, 1999.

RAPOPORT,Yakov, The Doctors' Plot: Stalins Last Crime. Londres, 1991.

RliAGAN, Ronald, An American Life. Nova York, 1990.

Reavey, George, ed. e trad., The New Russian Poets, 1953-1968. Londres e

Boston, 1981.

REDDAWAY, Peter, "Dissent in the Soviet Unionº. Problems of Commtjnism, 32/6, novembro-dezembro 1983, pp. 1-15.

----------, The Forced Labour Camps in the USSR Today: An Unrecognized Example of Modem Inhumanity, International Committee for the Defence of Human Rights in the USSR, 1973.

-----------, Uncensored Russia: Protest and Dissent in the Soviet Union. Nova York, 1972. Rkddaway, Peter, and BLOCll, Sidney,Psychiatric Terror: How SovietPsychiatryls Usedto Suppress Dissent. Nova York, 1977.

Remnick, David, LeninsTomb. Nova York, 1994.

Revel, Jean-François, The Totalitarian Temptation. Trad. D. Hapgood, Londres, 1977.

Rezmkova, Irina, Pravoslavie na Solovkakh. São Petersburgo, 1994.

RIGOULOT, Pierre, Des Français au Goulag, 1917-1984. Paris, 1984.

RIGOULOT, Pierre, Les Paupières Lourdes. Paris, 1991.

ROGOVIN,Vadini, 1937. Moscou, 1996.

Rossi, Jacques, The Gulag Handbook. Trad. William Burhans, Nova York, 1989. Rothberg, Abraham, The Heirs of Stalin: Dissidence and the Soviet Regime, 1953-1970. Ithaca, Nova York e Londres, 1972.

ROUSSET, David, Police-State Methods in the Soviet Union, International Commission Against Forced-Labour Camps. Boston, 1953.

RoZANOV, Mikhail, SolovetskiiKontslager v monastire. Moscou, 1979.

RUBINSTEIN, Joshua, SovietDissidents. Boston, 1980.

Ruud, Charles, e Stepanov, Sergei, Fontanka 16: The TsarsSecretPolice. Montreal, 1999.

Sabbo, Hilda, ed., Voimatu Vaikida/NevozmozhnoMo/chat. Tallinn, 1996.

Saunders, Kate, Eighteen Layers of Hell. Nova York, 1966.

Sbornik zakonodatelnykh i normativnykh aktov o repressiyakh i reabilitatsii zhertv poíiticheskikh repressii, Verkhovnyr Sovet Rossiiskoi Federatsii. Moscou, 1993.

ScAMMELL, Michael, Solzhenitsyn: A Biography, Nova York e Londres, 1984.

SCAMMELL, Michael, ed., The Solzhenitsyn Files. Chicago, 1995.

SERENY, Gita, Into That Darkness. Londres, 1974.

SERGE, Victor, Russia TtventyYears After. Trad. Max Shactman, Nova Jersey,

1996.

Sergeev, I. N, Tsaritsyno, Sukhanovp: lyudi, sobytiya, fakty: Moscou, 1998.

SERVICE, Robert, A History ofTwentieth-CenturyRussia. Londres, 1997.

----------, Lenin: A Biography. Londres, 2000.

Seton-WatSON, Hugh, The Russian Empire, 1801-1917. Oxford, 1990.

SHENTALINSKY, Vitaly, The KGBs Literary Archive. Trad. John Crowfoot, Londres, 1993.

SHERBAKOVA, I. L., eá.,Nakazannyi narod: repressiiprotiv rossiiskikh nemtsev. Moscou, 1999.

SHMIBOV, Viktor, "Lager kak rnodel Realnosti", discurso pronunciado na conferência "Sudba Rossii v kontekste mirovoi istorii dvadtsatogo veka". Moscou, 17 de outubro, 1999.

SILVESTER, Christopher, ed., The Penguin Book of Interviews. Londres, 1993.

Slave Labor in Russia, American Federation of Labor, trechos do relatório do International Labor Relations Committee na 66th convention of the American Federation of Labor. San Francisco, CA, 6-16 de outubro, 1947.

Slovar tyurernno-lagerno-blatnogo zhargonü. Moscou, 1992.

Smith, Kathleen, Remember StaIin's,Vietims, Ithaca, Nova York, 1996.

SOBOLEV, S. A., et al., Lubyanka, 2. Moscou, 1999.

Sobranie dokumentov samizdata, Radio Liberty Committee, Munique, Alemanha (LOC).

SoFSKY, Wolfgang, The Order of Terror: The Concentration Camp. Trad. William Templer, Princeton, 1997.

SoiNA, E. G., K istoriipobega Solovetskikh uznikov v Finlyandiyu: novye materialy, manuscrito não publicado.

Solomon, Peter, Soviet Criminal Justice Under Stalin. Cambridge, 1996.

StalinsSlave Camps, Brussels, International Confederation of Free Trade Unions, 1951.

STEPHAN, John, The Russian Far East: A History. Stanford, 1994.

---------, Sakhalin: A History. Oxford, 1971.

Strods, Dr. Heinrich, "The USSR MGB's Top Secret Operation 'Pirboi'". Riga, The Occupation Museüm of Latvia. Originalmente publicado em Genocidas it rezistencija, nº 2, 1997, pp. 66-76.

Sutherland, Christine, The Princess of Siberia. Londres, 1985.

Sword, Keith, Deportation and Exile: Poles in the Soviet Union, 1939-48. Nova York, 1994. Teatr Gulaga. Moscou, 1995.

THOMAS, D. M..,Alexander Solzhenitsyn: A Century in His Life. Londres, 1998.

Thurston, Robert, Life and Terror in Stalin sRussia, 1934-1941. New Haven e Londres, 1996. Todorov, Tzvetan, Facing the Extreme. Trad. Arthur Denner e Abigail Pollak, Nova York, 1996.

-----------, Voices from the Gulag. Trad. Robert Zaretsky, University Park, PA, 1999.

Tokes, Rudolf, Dissent in the USSR. Baltimore, 1975.

Tolczyk, Dariusz, See No Evil. Literary Cover - Ups and Diseoveries ofthe Soviet Camp Experience. New Haven e Londres, 1999.

Tolstoi, Nikolai, Stalins SecretWor. Nova York, 1981.

-----------, Victims of Yalta. Nova York, 1977.

Tsigankov, Anatolii, ed., Ikh nazvaliKR. Petrozavodsk, 1992.

Tucker, Robert, Stalin as a Revolutionary: 1879-1929. Nova York, 1973.

-----------, Stalin in Power: The Revolution from Above. Nova York, 1900.

TuGUZHEKOVA, V. N., e Karlov, S.Y, eds.,Repressii v Xhakasii, Abakan, 1998.

UIMANOV.V. N., ed., Repressii: kak eto bylo. Tomsk, 199.

USSR: Human Rights in a Time of Change, Amnesty International Publications, outubro 1989.

"USSR Labor Camps", audiências do Subcomitê de investigação da Administração do Ato de Segurança Interna e outras leis de segurança interna do Comitê do Judiciário, Senado dos EUA, 93" Congresso, Primeira Sessão, 1º de fevereiro, 1973.

Varese, Frederico, The Russian Mafia. Oxford, 2001.

VIDAL, Gore, The Last Empire. Londres, 2002.

VILENSKY, Simeon, ed., Soprotivlenia v Gulage. Moscou, 1992.

Viola, Lynne, "The Role of the OGPU in Dekulakization, Mass Deportations, and Special Resettlement in 1930". Carl Beck Papers in Russian and East European Studies, nº 1406, 2000. Vlast i obshchestvo v SSSR:politika repressii (20-40-e gg.). Moscou, 1999. VOLKOGONOV, Dmitri, Lenin: Life and Legacy. Trad. Harold Shukman, Londres, 1994.

--------------, Stalin: Triumph andTragedy. Trad. Harold Shukman, Londres, 1991.

-------------, Trotsky: The EternalRevolutionary. Trad. Harold Shukman,

Londres, 1996.

Vostochnaya Evropa v dokumentakh rossiiskikh archivov, 1944-1953: tom 1, 1944-48 (coletânea de documentos publicados pelo Instituto de Estudos Eslavos e Balcânicos). Moscou e Novosibirsk, 1997.

Vozvrashchenie k pravde (coletânea de documentos dos Arquivos Tver). Tver, Arkhivnyi Otdel Administratsii Tverskoi Oblasti, Tverskoi Tsentr Dokumentatsii Noveishii Istorii, 1995.

Vozvrashchenie pamyati, vols. I-III (antologia histórica), Novosibirsk Memorial, Novosibirsk, 1991,1994,1997.

WALKER, Martin, The Waking Giant: The Soviet Union Under Gorbachev. Londres, 1986.

WALLACE, Henry, Soviet Asia Mission. Nova York, 1946.

Wehb, Sidney and Beatrice, Soviet Communism: A New Civilisation?. Londres, 1936.

WEINER, Amir, Making Sense of War. Princeton, NJ, e Oxford, 2001.

-----------, "Nature, Nurture and Memory in a Socialist Utopia: Delineating the. Soviet Socio-Ethnic Body in the Age of Socialism". The American Historical Review, vol. 104, nº 4, outubro 1999, pp. 1121-36.

Werth, Nicolas, Les Proces de Moscow. Bruxelas, 1987.

------------------, Rapports Secrets Sovietiques,1921-1991. Paris, 1994.

YURASOVA, D., "Reabilitatsionnoe opredelenie po delu rabotnikov Gulaga", Zvenya, vol. I. Moscou, pp. 389-99.

ZAGORULKO, M. M., ed., Voennoplennye v SSSR: 1939-1956. Moscou, 2000,

ZARON, Piotr, Ludnosc Polska w Zwiazku Radzieckim w Czasie II Wojny Swiatowej. Varsovia, 1990.

Zemskov, V N., "Arkhipelag Gulag: glazami pisatelya i statistika". Argumenty iFakty, n' 45,1989.

---------------, "Gulag (istoriko-sotsiologicheskii aspekt)", Sotsiologicheskie Issledovaniya, nº 6, 1991, pp. 4-6.

ZEMSKOV, V N., "Spetsposelentsy (po dokumentam NKVD-MVD-SSSR)". Sotsiologicheskie Issledovaniya, nº 11,1990, pp. 3-17.

---------------, "Sudba Kulatskoi ssylki (1934-1954 gg)". Otechestvennaya Istoriya, 1/1994, pp. 118-47.

--------------, "Zaklyuchennie v 1930-e gody: sots ialno-demograficheskie problemy".

Otechestvennaya Istoriya, nº 4, julho/agosto 1997.

ZUBKOVA, Elena, Russia After the War. Hopes, Illusions and Disappointments, 1945-1957. Trad. Hugh Ragsdale, Armonk, Nova York, 1998.

Zvenya (antologia histórica), vol. 1. Moscou, 1991.

**ARQUIVOS**

AKB - Arkhangelsk Local Lore Library [Biblioteca de Arkhangelsk], Arkhangelsk

APRF - Archive of the President of the Russian Federation [Arquivo da Presidência da Federação Russa], Moscou

GAOPDFRK - State Archive of Social-Political Movements and the Formation of the Republic of Karelia (former Communist Party archives), [Arquivo Estadual dos Movimentos Sociopolíticos e de Formação da República da Carélia - Arquivos do Partido Comunista], Petrozavodsk

GARF - State Archive of the Russian Federation [Arquivo da Federação Russa], Moscou

Hoover - Hoover Institution on War, Revolution, and Peace [Instituto Hoover de Guerra, Revolução e Paz], Stanford, CA

IKM - Iskitim Local Lore Museum Collections [Coleção do Museu de Iskitim], Iskitim

Info-Russ - coleção de documentos de Vladimir Bukovsky [http://psi.ece.jhu.edu/~kaplan/IRUSS/BUK/GBARC/buk.html]

Karta - The Karta Society [Sociedade Karta], Varsóvia

Kedrovyi Shor - Archives of the Kedrovyi Shor lagpunkt [Arquivos do lagpunkt de Kedrovyi Shor], Intlag, coleção da autora

Komi Memorial - Archive of the Memorial Society [Arquivos da Sociedade Memorial], Sykryvkar

LOC - Library of Congress [Biblioteca do Congresso], Washington, D.C.

Memorial - Archive of the Memorial Society [Arquivos da Sociedade Memorial], Moscou

ML - Marylebone Library [Biblioteca de Marylebone], Amnesty International Documents Collection [Coleção de Documentos da Anistia Internacional], Londres

NARK. - National Archives of the Republic of Karelia [Arquivos da República da Carélia], Petrozavodsk

RGASPI - Russian State Archive of Social and Political History [Arquivos Estatais Russos de História Social e Política], Moscou

RGVA - Russian State Military Archive [Arquivo Estatal Militar Russo], Moscou

St. Petersburg Memorial - Archives of the Memorial Society [Arquivos da Sociedade Memorial], São Petersburgo

SKM - Solovetsky Local Lore Museum Collections [Coleção do Museu de Solovetsky], Solovetsky Islands

TsKhIDK - Center for Preservation of Historie Document Collections [Geritro de Preservação de Coleções de Documentos Históricos], Moscou

VKM - Vorkuta Local Lore Museum Collections [Coleção do Museu de Vorkuta], Vorkuta

**ENTREVISTAS**

Anônimo, ex-director do campo de órfãos (Moscou, 24 de julho, 2001)
Arma Andreevna (Moscou, 28 de maio, 1999)
Anton Antonov-Ovseenko (Moscou, 14 de novembro, 1998)
Irena Arginskaya (Moscou, 24 de maio, 1998)
Olga Astafyeva (Moscou, 14 de novembro, 1998)
David Berdzenishvili (Moscou, 2 de março, 1999)
Viktor Bulgakov (Moscou, 25 de maio, 1998)
Zhenya Fedorov (Elektrostal, 29 de maio, 1999)
Isaak Filshtinskii (Peredelkino, 30 de maio, 1998)
Lev Finkelstein (Londres, 28 de junho, 1997)
Lyudmila Khachatryan (Moscou, 23 de maio, 1998)
Marlen Korallov (Moscou, 13 de novembro, 1998)
Natasha Koroleva (Moscou, 25 de julho, 2001)
Paulina Myasnikova (Moscou, 29 de maio, 1998)
Pavel Negretov (Vorkuta, 15 de julho, 2001)
Susanna Pechora (Moscou, 24 de maio, 1998).
Ada Purizhinskaya (Moscou, 31 de maio, 1998)
Alia Shister (Moscou, 14 de novembro, 1998)
Leonid Sitko (Moscou, 31 de maio, 1998)
Galina Smirnova (Moscou, 30 de maio, 1998)
Leonid Trus (Novosibirsk, 28 de fevereiro, 1999)
Galina Usakova (Moscou, 23 de maio, 1998)
Olga Vasileevna (Moscou, 17 de novembro, 1998)
Simeon Vilensky (Moscou, 6 de março, 1999)
Danuta Waydenfeld (Londres, 22 de janeiro, 1998)
Stefan Waydenfeld (Londres, 22 de janeiro, 1998)
Maria Wyganowska (Londres, 22 de janeiro, 1998)
Valentina Yurganova (Iskitim, 1º de março, 1999)
Yuri Zorin (Arkhangelsk, 13 de setembro, 1998) Glossário

**Glossário**

**A POLÍCIA POLÍTICA**

**Cheka** Chrezvychainaya komissiya (Comissão Extraordinária): a polícia secreta durante a guerra civil.

**GPU** Gosudarstvennoepoliticheskoe (Agência Política do Estado): a polícia secreta que sucedeu à Tcheka no início dos anos 1920.

**MGB/KGB** Ministerstvo/Komitet gosudarstvennoi bezopasnosti (Ministério/Comitê de Segurança do Estado): a polícia secreta responsável pela segurança interna e externa no pós-guerra.

**MVD** Ministerstvo vnutrennikh dei (Ministério de Assuntos Internos): a polícia secreta responsável pelas prisões e pelos campos de trabalho forçado no pós-guerra.

**NKVD** Narodnyi komissariat vnutrennikh dei (Comissariado do Povo de Assuntos Internos): a polícia secreta nos anos 1930 e durante a Segunda Guerra Mundial, sucessora da OGPU.

**OGPU** Obedinennoe gosudarstvennoipoliticheskoe upravlenie (Agência Política Unificada do Estado): polícia secreta no final dos anos 1920 e início da década de 1930, sucessora da GPU.

**Okhrana** Polícia secreta da época czarista.

**Palavras estrangeiras e instituições soviéticas**

**balanda** a sopa da prisão.

**banya** sauna russa.

**Barba Ruiva, Operação** a invasão da União Soviética por Hitler, desfechada a 22 de junho de 1941.

**beskonvoinyi** o prisioneiro que podia circular entre as várias divisões do campo sem guarda armada.

**besprizornyer** os meninos de rua soviéticos. Em sua maioria, eram órfãos, resultado da guerra civil e da coletivização.

**blatnoi slovo** o jargão dos ladrões, (veja urka)

**bolcheviques** a facção radical do Partido Social Democrata dos Trabalhadores Russos, que, sob a liderança de Lenin, tornou-se o Partido Comunista da Russia, em 1918.

**bushlat** jaqueta de manga comprida com enchimento de algodão utilizada pelos prisioneiros e pelos operários.

**Carélia** a República Careliana, no extremo noroeste da União Soviética, na fronteira com a Finlândia.

**chifir** chá extremamente forte; tem efeito narcotizante.

**coletivização** política que vigorou entre 1929 e 1932 e que obrigava os camponeses a abandonar a agricultura privada e a formar cooperativas com as terras e outros bens. A coletivização criou as condições que levaram à grande fome do período 1932-1934 e fragilizou para sempre a agricultura soviética.

**Comintern** a (Terceira) Internacional Comunista, organização dos partidos comunistas do mundo formada em 1919 sob a liderança do Partido Comunista Soviético. A União Soviética encerrou-o em 1943.

**Comissário do Povo** chefe de um ministério.

**Comitê Central** o principal órgão formulador de políticas do Partido Comunista da União Soviética. Ele se reunia duas ou três vezes por ano, entre os congressos do partido. Quando não estava em sessão, as decisões eram tomadas pelo Politburo, que, tecnicamente, era um órgão eleito pelo Comitê Central.

**Conselho dos Comissários do** Povo (ou Sovnarkom) em tese, o órgão que tomava as decisões, equivalente a um gabinete ministerial. Na prática, estava subordinado ao Politburo.

**dacha** casa de verão.

**Degelo** breve período de reformas que se seguiu à morte de Stalin. Lançado por Nikita Khrutchev em discurso ao XX Congresso do Partido, em 1956, ele foi eficientemente arquivado por seu sucessor, Leonid Brejnev, em 1964.

**dezhurnaya ou dnevalnyi** em linguagem comum, o zelador. Nos campos, homem ou mulher que passam o dia limpando os alojamentos e guardando-os contra roubos.

**dokhodyaga** alguém à beira da morte; comumente traduzido como "falecido".

**Dom Svidanii** literalmente, "Casa de Reuniões", local onde os prisioneiros podiam encontrar a família.

**escorbuto** doença causada pela desnutrição, pela falta de vitamina C. Entre outras coisas, provoca cegueira noturna e perda dos dentes.

**étap** transporte de prisioneiros.

**feldsher** assistente médico, às vezes formado, às vezes não.

**glasnost** literalmente, "abertura". Política de debate aberto e liberdade de expressão lançada por Mikhail Gorbatchev nos anos 1980.

**Gulag** - Glavnoe Upravlenie Lagerei (Administração Central dos Campos) divisão da polícia secreta que gerenciava os campos de concentração soviéticos.

**Izvestiya** o jornal do governo soviético.

katorga palavra czarista para designar "trabalho forçado". Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo soviético também adotou a palavra para descrever o regime rígido dos campos para prisioneiros de guerra.

**Kolyma** o vale do rio Kolyma, no extremo nordeste da Russia, na costa do Pacífico. Sede de uma das maiores redes de campos da URSS.

**Kolkhoz** fazenda coletiva, colcoz. Os camponeses foram obrigados a trabalhar nelas após a implantação da coletivização, entre 1919 e 1931.

**Kolkhoznik** habitante do kolkhoz.

**Komi** a República Komi, no nordeste da Russia européia, a oeste dos montes Urais. Os komi são os habitantes nativos da região e falam uma língua fino-úgrica.

**Komsoraol** a juventude do Partido Comunista, organização destinada a jovens de catorze a 28 anos. As crianças faziam parte dos Pioneiros.

**kontslager** campo de concentração.

**Kronstadt**, rebelião de levante contra os bolcheviques liderado pelos marinheiros da base naval de Kronstadt, em 1921.

**kulak** tradicionalmente, um camponês próspero. Na União Soviética, camponês acusado de se opor às autoridades ou à política de coletivização. Entre 1930 e 1933, mais de dois milhões de kulaks foram presos e deportados.

**kum** o administrador do campo responsável pela rede de informantes.

**KVch** - Kulturno-Vospitatelnaya Chast o departamento cultural-educacional de cada campo, responsável pela política de educação dos prisioneiros e pelas produções musicais e teatrais.

**lagpunkt** a menor divisão do campo.

**laogai** campo de concentração chinês.

**Leningrado/São Petersburgo** a mesma cidade. Fundada em 1712 por Pedro, o Grande, São Petersburgo tornou-se Petrogrado (nome mais russo) por um breve período, em 1914, quando a Russia entrou em guerra com a Alemanha. Após a morte de Lênin, em 1924, foi rebatizada de Leningrado.

**makhorka** tabaco grosseiro fumado pelos operários e pelos prisioneiros soviéticos.

**maloletki** prisioneiros jovens.

**mamka** prisioneira, mulher que deu à luz na prisão.

**Memorial** organização fundada nos anos 1980 para contar, descrever e assistir as vítimas de Stalin. Hoje em dia, é um dos mais proeminentes grupos de defesa dos direitos humanos da Rússia (Centro de Direitos Humanos Memorial), além de ter sido o primeiro instituto de pesquisa histórica.

**mencheviques** a ala não leninista do Partido Social Democrata dos Trabalhadores Russos. Depois da Revolução Bolchevique, os mencheviques tentaram fazer oposição legal ao regime, mas seus líderes foram exilados em 1922. Mais tarde, muitos foram mortos ou entregues ao Gulag.

**monashki** mulheres religiosas, de várias fés. Literalmente, "freiras".

**naryadshchik** o funcionário do campo que delegava as tarefas aos prisioneiros.

**NEP** - Novaya ékonomicheskaya politika (Nova Política Econômica) a política econômica lançada pelos soviéticos em 1921. Por um curto período, trouxe de volta o capitalismo miúdo (lojas e comerciantes privados). Segundo Lênin, essa era uma "reitrada estratégica", que foi totalmente abolida por Stalin.

**norma**: a quantidade de trabalho que um prisioneiro tinha de fazer em um único turno.

**normirovshik:** o funcionário do campo que determinava as normas de trabalho.

**NovyiMir:** revista literária soviética, a primeira a publicar o escritor Soljenitsin.

**NTS** - Narodno-trudovoi Soyuz o "partido dos trabalhadores do povo", um grupo político clandestino que se opunha a Stalin e tinha ramificações na URSS e no exterior.

**obshchaya** rabota "serviços gerais". Nos campos, usualmente trabalho braçal não qualificado, como cortar árvores e cavar valas.

**osoboe soveshchanie** "comissão especial". A partir dos anos 1930, os comitês costumavam condenar prisioneiros durante os períodos de prisão em massa.

**osobye lagerya** "campos especiais". Esses campos foram criados em 1948 para prisioneiros políticos especialmente perigosos.

**otkazchik** alguém que se recusa a trabalhar.

**otlichnik** um operário que se destaca.

**OUN** - Organizatsiya Ukrainskikh Natsionalistov Organização dos Ucranianos Nacionalistas, que lutou contra o Exército Vermelho na Segunda Guerra Mundial.

**parasha** balde de dejetos.

**pelagra** doença causada pela fome.

**perestróika** programa (fracassado) de reestruturação da economia soviética lançado por Mikhail Gorbatchev nos anos 1980.

**permafrost** solo permanentemente congelado.

**Politburo** o birô político do Comitê Central do Partido Comunista. Na prática, o Politburo era o mais importante órgão decisório da URSS. O governo - o Conselho dos Comissários do Povo - acatava suas ordens.

**Pravda** o jornal do Partido Comunista Soviético.

**pridurok** (no plural, priduriki) prisioneiro que não faz "serviços gerais", e tem um trabalho mais fácil ou mais especializado.

**psikhushka** hospital psiquiátrico para dissidentes políticos.

**refusenik** judeus soviéticos que pediram para imigrar para Israel mas não foram atendidos.

**rezhim** regime de prisão.

**samizdat** publicações ilegais, clandestinas. Um trocadilho irônico com "Gosizdat", a editora estatal.

**sharashka** prisão especial em que cientistas e técnicos detidos realizavam tarefas secretas. Ela foi inventada por Beria em 1938.

**Shizo** - de shtrafnoi izolyator nos campos, cela em que os prisioneiros eram castigados.

**Slon** - Severnye Lagerya a Osobogo Naznacheniya (Campos do Norte de Objetivo Especial ) Os primeiros campos criados pela polícia política nos anos 1920.

**Social-Revolucionário** um partido revolucionário russo fundado em 1902, que mais tarde se dividiu em dois grupos, de esquerda e de direita. Por um breve período, os social-revolucionários de esquerda participaram de um governo de coalizão com os bolcheviques, com quem mais tarde se desentenderam. Vários de seus líderes foram executados ou entregues ao Gulag.

**Sovnarkom** (ou Conselho dos Comissários do Povo) em tese, o órgão que tomava as decisões, equivalente a um gabinete ministerial. Na prática, estava subordinado ao Politburo.

**spetslagerya** campos de concentração criados pela Administração Militar Soviética na Alemanha ocupada, depois de 1945.

**sploshnye nary** prancha de madeira comprida - uma prateleira - em que vários prisioneiros dormiam ao mesmo tempo.

**Stakhanovite** operário ou camponês que excedia a norma de trabalho designada. Recebeu esse nome em homenagem a Aleksei Stakhanov, o mineiro que, em um único turno, em agosto de 1935, cortou 102 toneladas de carvão em vez da norma de sete.

**starosta** literalmente, "mais velho". Nas celas das prisões, nos alojamentos dos campos e nos vagões dos trens o starosta tinha a incumbência de manter a ordem.

**Stolypinka** ou vagão Stolypin vagão utilizado para o transporte de prisioneiros; na verdade, um vagão de passageiros modificado. Injustamente nomeado em homenagem a Pyotr Stolypin, primeiro-ministro da Rússia czarista de 1906 até seu assassinato, em 1911.

**suki** literalmente, "putas". Gíria dos campos para os prisioneiros comuns que colaboravam com as autoridades.

**taiga** a vegetação do norte da Rússia, caracterizada por florestas de pinheiros, rios largos e campos abertos.

**tovarishch** "camarada". Na URSS, palavra que mostrava respeito.

**tróica** a partir de 1937, um grupo de três oficiais soviéticos que condenavam prisioneiros no lugar dos tribunais, durante os períodos de prisão em massa.

**trudosposobnost** capacidade de trabalho.

**tufta** nos campos, método de trapacear com as normas de trabalho a fim de receber uma ração maior de comida.

**tundra** a vegetação ártica, onde a terra é permanentemente congelada. Apenas a superfície se descongela por um breve período no verão, quando surgem um pântano, uns poucos arbustos e algumas gramíneas, mas nenhuma árvore.

**udarnik** operário ou camponês que excedia a norma de trabalho designada. Após 1935, o termo "Stakhanovite " se tornou mais comum.

**urka** criminoso profissional; também conhecido como blatnoi oi cor.

**vagonki** nos alojamentos dos campos, beliche duplo, para quatro pessoas.

**vakenki** botas de feltro.

**vakhta** o quartel-general da guarda armada do campo, localizado na entrada do complexo.

**Vtasovites** seguidores do general Vlasov, que lutou ao lado dos nazistas contra o Exército Vermelho na Segunda Guerra Mundial.

**VOKhR** de voenizirovannaya okhrana, guarda armada. Os guardas que andavam armados nos campos.

**Wehrmacht** as forças militares de Hitler.

**zek de zlk**, abreviação de zaklyuchennyi, ou prisioneiro.

**zemlyanka** casa ou alojamento construídos em um buraco no solo; abrigo subterrâneo.

**zona** campo de concentração. Literalmente, a área protegida pela cerca de arame farpado.

## Créditos dos textos e das ilustrações

### Textos

Todas as traduções são da própria autora, a não ser quando indicadas diferentemente. Todos os esforços foram feitos para se localizar os detentores dos direitos. São bem-vindas todas as correções.

**Ilustrações**

Coleção de Yuri Brodksy: fotografias 2a, 2b, 3a, 3b.

Memorial Society: fotografias 4a, 4b, 12a. Desenhos de Benjamin Mkrtchyan, Ivan Sukhanov, Sergei Reikhenberg, Yula-Imar Sooster e Aleksei Merekov.

The David King Collection: fotografias 6a, 6b, lia, falso frontispício.

GARF: fotografias 7b, 9b, llb, 12b, 13a, 13b, 16a, 16b.

KARTA Society: fotografias 8a, 8b, 8c, 9a, 10a, 10b.

The Hoover Institution: fotografias 14a, 14b. Desenhos de Thomas Sgovio.

## Índice Remissivo

### A

Os números em itálico se referem a páginas com ilustrações.

**B**

**D**

**E**



**F**

**G**

**H**

**I**

**J**



**K**

**M**

**N**

**O**

**Q**



**R**

**s**

**u**

**V**

**w**

**Y**



**z**

Á primeira e terceira partes do livro contam, de forma cronológica, a ascensão e queda desse sistema repressivo e sua relação com as situações econômicas, políticas e sociais no país e no mundo. Entre elas, a narrativa pungente da vida dos condenados aos campos de concentração, da captura e interrogatório, por vezes violento, passando pela transferência e chegada aos locais de punição, pelo dia-a-dia cruel e sua rotina desumana, às estratégias de sobrevivência, tentativas de fuga, rebeliões e morte.

Anne Applebaum é colunista e integrante do Conselho Editorial do Washington Post. Foi correspondente em Varsóvia da Economist e trabalhou como editora de Internacional da íspectator (Londres). Tem artigos publicados no Hew York Review of Books, Foreign Áffairs e The Wall Street Journal Com Gulag, obra já traduzida para mais de doze idiomas, ganhou o Prêmio Pulitzer 2004 e o Britain’s Duff-Cooper Prize.

O colapso da União Soviética trouxe à tona detalhes sobre um dos maiores crimes contra a humanidade cometidos no século xx. Coberto com um véu de segredo, o Gulag compreendia uma série de campos de concentração que atravessava o país. suas localizações foram apagadas dos mapas oficiais, mas, ao lado do exílio forçado, eram um dos principais instrumentos do terrorismo de estado do totalitarismo comunista. Neles, milhões de criminosos e, principalmente, prisioneiros políticos trabalharam como escravos, em condições sub-humanas, para ajudar a desenvolver e sustentar a cambaleante economia soviética, da revolução de 1917 até os anos 80. Com acesso privilegiado a documentos do antigo regime e relatos de sobreviventes, Anne Applebaum conta a história desse massacre, do ponto de vista dos seus planejadores e de suas vítimas, escrevendo definitivamente o nome gulag na galeria da infâmia mundial, ao lado de outros como treblinka, sobibor e Auschwitz.

**Sumário**